

A sequência do *best-seller* e fenômeno internacional

FOURTH WING

QUEIMA. TUDO. ✦

**CHAMA DE
FERRO**

REBECCA YARROS

 Planeta

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Chama de Ferro](#)

[Quarta Divisão](#)

[Mapa Mundo](#)

[Mapa Navarre](#)

[Mapa Poromiel](#)

[Aviso](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Capítulo XXXI](#)

[Capítulo XXXII](#)

[Capítulo XXXIII](#)

[Capítulo XXXIV](#)

[Capítulo XXXV](#)

[Capítulo XXXVI](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[Capítulo XXXVII](#)

[Capítulo XXXVIII](#)

[Capítulo XXXIX](#)

[Capítulo XL](#)

[Capítulo XLI](#)

[Capítulo XLII](#)

[Capítulo XLIII](#)

[Capítulo XLIV](#)

[Capítulo XLV](#)

[Capítulo XLVI](#)

[Capítulo XLVII](#)

[Capítulo XLVIII](#)

[Capítulo XLIX](#)

[Capítulo L](#)

[Capítulo LI](#)

[Capítulo LII](#)

[Capítulo LIII](#)

[Capítulo LIV](#)

[Capítulo LV](#)

[Capítulo LVI](#)

[Capítulo LVII](#)

[Capítulo LVIII](#)

[Capítulo LIX](#)

[Capítulo LX](#)

[Capítulo LXI](#)

[Capítulo LXII](#)

[Capítulo LXIII](#)

[Capítulo LXIV](#)

Capítulo LXV

Capítulo LXVI

AGRADECIMENTOS



Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Rebecca Yarros
Direitos de tradução por acordo com
Sandra Bruna Agência Literária e
Alliance Rights Agency, LLC. SL. Todos os direitos reservados
© 2023, Planeta de Livros Portugal

Mapas: Elizabeth Turner Stokes e Melanie Korte

Título original: *Iron Flame*

Revisão: Marta Jacinto e Carlos Jesus

Design: Toni Kerr

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Abril de 2024

Depósito legal n.º 529 700/24

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-777-865-0

www.planetadelivros.pt

Às minhas colegas zebras.
Nem toda a força é física.

Chama de Ferro é uma aventura fantástica absolutamente eletrizante no mundo feroz e competitivo de uma escola de guerra para cavaleiros de dragões, que conta com a descrição de elementos relativos a guerras, tortura psicológica e física, prisão, violência intensa, feridas sangrentas, situações perigosas, sangue, desmembramentos, incêndios, assassinios, mortes, linguagem explícita, perda de familiares, dor e atividades sexuais. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos deverão ter isto em conta e preparar-se para se juntarem à revolução...

QUARTA DIVISÃO

As estruturas das outras divisões é semelhante



CHEFE DE DIVISÃO



OFICIAL EXECUTIVO

SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

PELOTÃO GARRA



CHEFE DE
PELOTÃO



OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

ESQUADRA 1



ESQUADRA 2



ESQUADRA 3



ESQUADRAS = 15-20 PESSOAS

PELOTÃO LABAREDA



CHEFE DE
PELOTÃO



OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

ESQUADRA 1



ESQUADRA 2



ESQUADRA 3



PELOTÃO CAUDA



CHEFE DE
PELOTÃO



OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

ESQUADRA 1



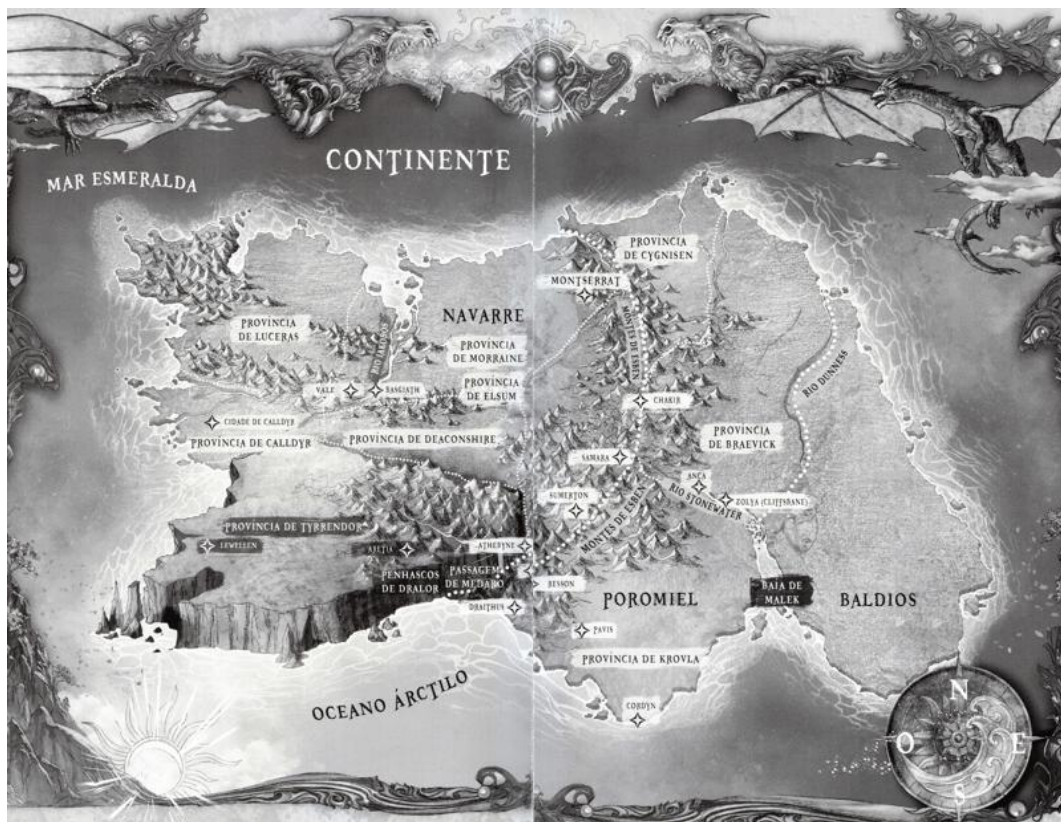
ESQUADRA 2

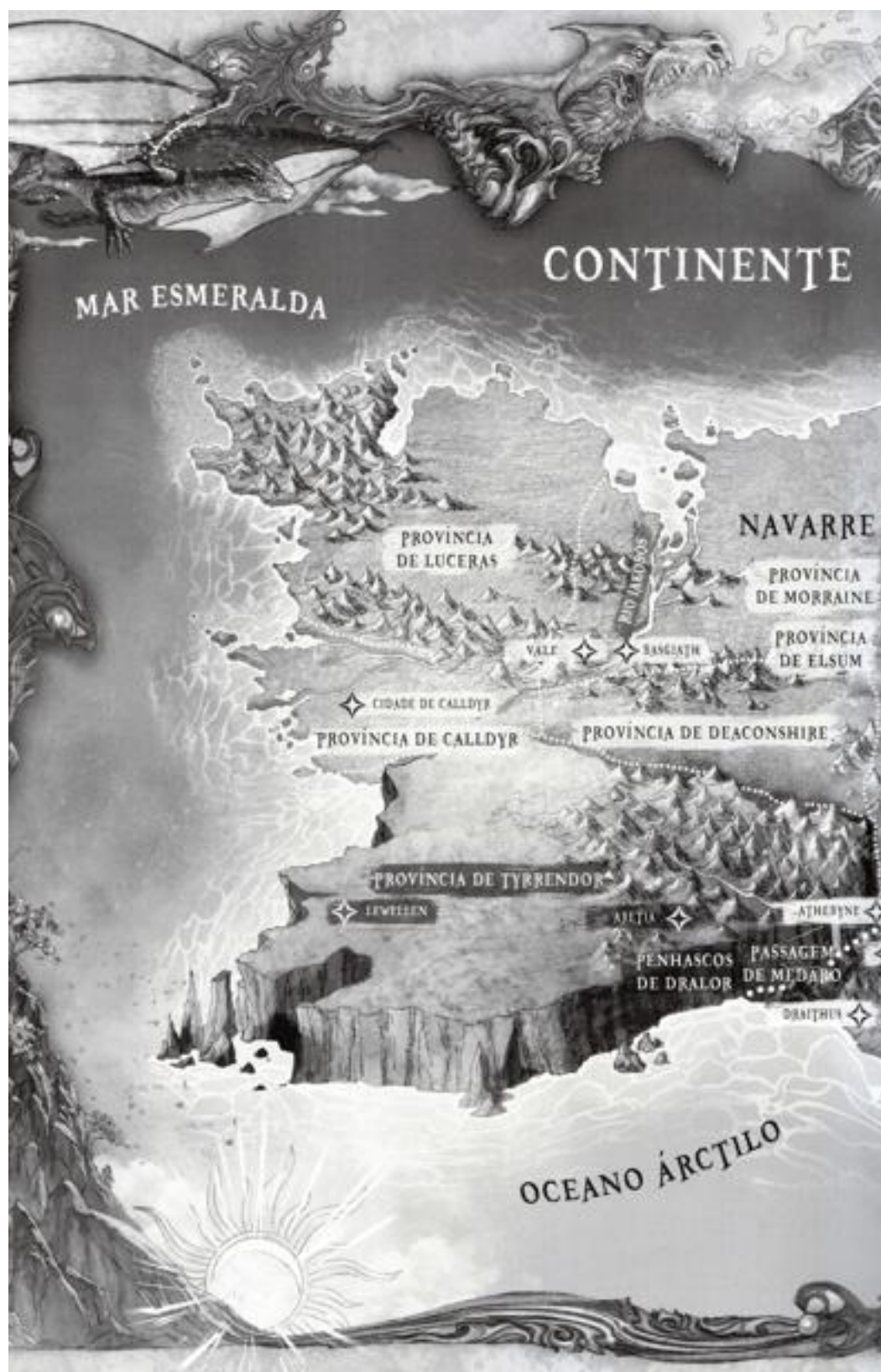


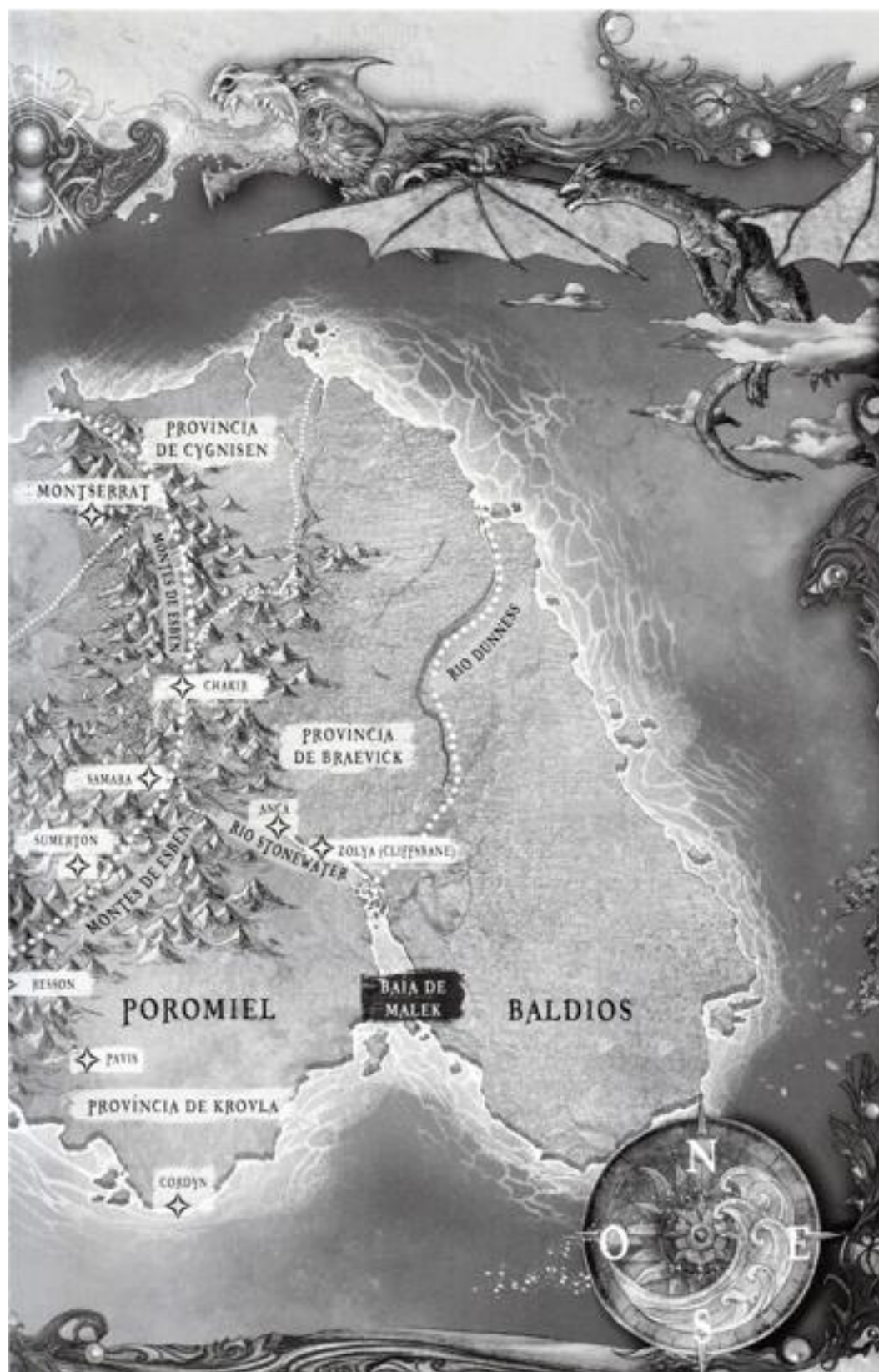
ESQUADRA 3



CONTORNO DUPLO = CHEFE DE ESQUADRA
SIMPLES = OFICIAL EXECUTIVO, SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO









O texto que se segue foi fielmente transcrito do navarrês para a língua moderna por Jesinia Neilwart, conservadora do Quadrante dos Copistas da Escola de Guerra de Basgiath. Todos os acontecimentos são verdadeiros e os nomes foram preservados para honrar a coragem dos que não resistiram. Que as suas almas sejam confiadas a Malek.

Primeira Parte

Ao 628.º ano da nossa Unificação, fica, pelo presente, registado que Aretia foi queimada por dragões em conformidade com o Tratado que põe termo ao movimento separatista. Os que fugiram sobreviveram e os que ficaram estão enterrados sob as ruínas da cidade.

— Aviso PÚBLICO 628.85,

TRANSCRITO POR CERELLA NIELWART



CAPÍTULO I

À revolução tem um sabor estranhamente... doce.

Olho para o meu irmão mais velho, do outro lado de uma mesa de madeira desgastada, na enorme e movimentada cozinha da fortaleza de Aretia, e mastigo a bolacha de mel que ele pousou no meu prato. Caramba, é tão boa. Mesmo boa.

Talvez seja apenas porque não como há três dias, desde que um ser que não é assim tão mitológico me apunhalou nailharga com uma lâmina envenenada que me deveria ter matado. *Ter-me-ia* matado se não fosse o Brennan, que não deixa de sorrir enquanto eu mastigo.

Esta poderá muito bem acabar por ser a experiência mais surreal da minha vida. O Brennan está vivo. Os venéficos, manipuladores de magia negra que eu pensava que só existiam em lendas populares, são reais. O Brennan está vivo. Aretia ainda existe, embora tenha sido completamente destruída pelo fogo dos dragões, depois da rebelião tyrrense há seis anos. O Brennan está *vivo*. Tenho uma cicatriz nova de oito centímetros no abdómen, mas não morri. O. Brennan. Está. Vivo.

— As bolachas são boas, não são? — pergunta ele, tirando uma da travessa à nossa frente. — Fazem-me lembrar as que aquele cozinheiro costumava fazer quando estávamos destacados em Calldyr, lembraste?

Eu olho fixamente para ele e continuo a mastigar.

Ele é tão... ele. No entanto, está diferente do que eu me lembro. Os caracóis arruivados estão mais aparados junto ao crânio e não a balançar em cima da testa, e já não lhe vejo aquela suavidade permanente nos traços do rosto, que agora tem umas rugas finas nas pontas dos olhos. Mas aquele sorriso? Aqueles olhos? É mesmo ele.

E impor-me a condição de eu comer antes de me levar para os dragões? Brennan mais Brennan não poderia ser.

Não que o Tairn costume esperar autorização, o que significa...

— *Eu também acho que é melhor comeres alguma coisa.* — A voz baixa e arrogante do Tairn enche-me a cabeça.

— *Sim, sim* — respondo no mesmo tom, ao mesmo tempo que volto a contactar a Andarna mentalmente e que uma das trabalhadoras da cozinha passa apressada, lançando um sorriso rápido ao Brennan.

Não obtenho resposta da Andarna, mas sinto o vínculo cintilante que nos liga, embora já não seja dourado como as escamas dela. Não consigo ter uma ideia mental completa, mas ainda tenho o cérebro um pouco turvo. Está a dormir outra vez, o que não é estranho quando usa toda a energia que tem para parar o tempo e, depois do que aconteceu em Resson, provavelmente vai precisar de dormir aproximadamente mais uma semana.

— Ainda não disseste praticamente uma única palavra, sabes? — O Brennan inclina a cabeça exatamente como costumava fazer quando estava a tentar resolver um problema. — É um bocado assustador.

— Assustador é estares aí a olhar para mim enquanto eu *como* — riposto depois de engolir, ainda com a voz um pouco rouca.

— E? — Ele encolhe descaradamente os ombros e o rosto faz uma covinha quando se ri. É a única coisa de menino que lhe resta. — Ainda há poucos dias, tinha quase a certeza de que nunca mais te veria a fazer, bem, *nada*. — Dá uma enorme mordida. Parece que continua com o mesmo

apetite, o que é estranhamente reconfortante. — Já agora, não precisas de agradecer a reparação. Considera-a um presente para o teu vigésimo primeiro aniversário.

— Obrigada. — É isso mesmo. Passei o meu aniversário a dormir. E tenho a certeza de que o facto de eu ter ficado deitada na cama, às portas da morte, foi drama mais do que suficiente para toda a gente que está neste castelo, ou casa, ou o que quer que isto seja.

O Bodhi — o primo do Xaden — entra na cozinha com o passo largo, o uniforme vestido, o braço ao peito e a nuvem de caracóis pretos aparada de fresco.

— Tenente-coronel Aisereigh — diz o Bodhi, estendendo uma missiva dobrada ao Brennan. — Acabou de chegar de Basgiath. O cavaleiro vai ficar aqui até logo à noite, se desejar responder. — Lança-me um sorriso, e eu volto a ficar pasmada ao ver que ele parece mesmo uma versão mais suave do Xaden. Depois, acena com a cabeça para o meu irmão, vira-se e sai.

Basgiath? Outro cavaleiro aqui? Quantos serão ao todo? Qual é a força desta revolução, afinal?

A minha cabeça começa a disparar perguntas mais rapidamente do que a minha língua se consegue mexer.

— Espera. Tu és um tenente-coronel? Quem é o Aisereigh? — pergunto. Sim, porque *essa* é mesmo a pergunta mais importante a fazer neste momento.

— Tive de mudar de apelido por razões óbvias. — Olha de relance para mim e desdobra a missiva depois de quebrar o lacre de cera azul. — E ficarias espantada com a rapidez com que somos promovidos quando toda a gente que está acima de nós morre a um ritmo alucinante — diz ele; depois lê a carta e pragueja, antes de a enfiar no bolso. — Tenho de ir reunir-me com a Assembleia, mas acaba as tuas bolachas e eu encontro-me contigo no corredor daqui a meia hora, para te levar aos teus dragões. — Todos os vestígios da covinha e do irmão mais velho sorridente desapareceram, substituídos por um homem que mal reconheço e um oficial que não conheço de todo. O Brennan podia muito bem ser um estranho.

Sem esperar que eu responda, ele arrasta a cadeira para trás e sai, decidido, da cozinha.

Eu bebo o meu leite a olhar para o espaço vazio que o meu irmão deixou à minha frente, a cadeira ainda afastada da mesa, como se ele pudesse voltar a qualquer momento. Engulo o resto da bolacha que ainda estava preso no céu da garganta e levanto o queixo, determinada a nunca mais me sentar e esperar que o meu irmão regresse.

Levanto-me da mesa e vou atrás dele, cozinha fora e longo corredor adiante. O Brennan devia estar com pressa, porque já não o consigo ver.

O tapete intrincado abafa os meus passos ao longo do corredor de tetos altos abobadados até que chego a... *uau*. As vastas escadas duplas com degraus polidos e corrimãos cheios de detalhes erguem-se por mais três — não, quatro — andares acima de mim.

Até agora, estava demasiado focada no meu irmão para prestar atenção, mas agora fico completamente de boca aberta a olhar para a arquitetura deste espaço enorme. Cada patamar é ligeiramente descentrado do que está imediatamente abaixo, como se a escada estivesse a subir a montanha em que esta fortaleza foi construída. A luz da manhã jorra por dezenas de pequenas janelas que constituem a única decoração da parede de cinco andares que encima a enorme porta dupla da entrada da fortaleza. Parecem formar um padrão, mas estou demasiado próxima para o ver por completo.

Não tenho perspetiva, o que parece uma metáfora de toda a minha vida neste momento.

Os dois guardas vigiam todos os meus passos, mas não fazem um único gesto para me parar quando passo por eles; o que querará dizer que, pelo menos, não sou uma prisioneira.

Continuo a caminhar a passo largo pelo principal corredor da casa, até que acabo por ouvir o som de vozes de uma sala do outro lado, que tem uma das duas enormes portas decoradas bem aberta. Quando me aproximo, reconheço imediatamente a voz do Brennan e sinto o peito a apertar-se ao ouvir aquele timbre tão familiar.

— Isso não vai funcionar. — A voz profunda do Brennan ecoa nas paredes. — Próxima sugestão.

Passo pelo enorme vestíbulo, ignorando o que parecem ser mais duas alas para a esquerda e para a direita. Este lugar é espantoso. Meio palácio, meio casa, mas fortaleza de uma ponta à outra. As paredes de pedra grossas foram o que o salvaram da destruição que deveria ter acontecido há seis anos. Pelo que li, a Casa dos Riorson nunca foi penetrada por nenhum exército, mesmo durante os cercos que sei que existiram.

A pedra não arde. Foi o que o Xaden me disse. A cidade — agora reduzida a vila — tem vindo a reconstruir-se silenciosa e secretamente há anos, debaixo do nariz do general Melgren. As relíquias, aquelas marcas mágicas que os filhos dos oficiais da rebelião executados ostentam no corpo, permitem que eles se protejam do sinete de Melgren quando estão em grupos de três ou mais pessoas. O general não consegue ver o resultado de nenhuma batalha em que eles estejam presentes, pelo que nunca foi capaz de os «ver» a organizar a luta a partir daqui.

Há alguns aspetos da Casa dos Riorson — da posição defensável por estar entalhada na vertente da montanha aos chãos empedrados, passando pelas portas duplas reforçadas com aço na entrada principal — que me fazem lembrar Basgiath, a escola de guerra a que chamei casa desde que a minha mãe foi destacada para lá, como general comandante. Mas as semelhanças acabam aí. Nestas paredes, há arte, não apenas bustos de heróis de guerra exibidos em pedestais, e tenho quase a certeza de que o que está ali pendurado, na parede oposta à da entrada, onde estão o Bodhi e a Imogen, é um tapete autêntico de Poromiel.

A Imogen leva o dedo aos lábios e depois faz sinal para que eu me dirija para o lugar vazio entre ela e o Bodhi. Eu obedeco e reparo que o cabelo meio rapado da Imogen foi recentemente pintado num tom de rosa mais vivo, enquanto eu estava a descansar. É óbvio que se sente à vontade aqui. O Bodhi também. Os únicos sinais de que estiveram em batalha são a ligadura em que o Bodhi apoia o braço partido e o corte no lábio da Imogen.

— Alguém tem de dizer o óbvio — diz um homem mais velho, com uma pala no olho e um nariz de falcão, do extremo mais distante da mesa que ocupa todo o comprimento da sala de dois andares. Tufos de cabelo grisalho enquadram-lhe as rugas fundas da pele ligeiramente bronzeada e gasta, e a

papada pende como a de um gnu. O homem recosta-se na cadeira e pouisa a mão grossa na barriga arredondada.

A mesa poderia acomodar facilmente trinta pessoas, mas só estão cinco de um dos lados, todas vestidas com a indumentária preta dos cavaleiros, sentadas pouco depois da porta, num ângulo em que só nos veriam se se virassem completamente, o que não fazem. O Brennan anda de um lado para o outro em frente à mesa, mas também não nos consegue ver facilmente de onde está.

O meu coração sobe-me à boca e apercebo-me de que vou demorar algum tempo a habituar-me a ver o Brennan vivo. De certa forma, não mudou nada em relação ao que eu me lembro dele, mas está muito diferente. No entanto, ali está ele: vivinho da silva, a olhar com cara de poucos amigos para um mapa do Continente, na parede comprida, cujo tamanho só tem comparação com o da sala de aula de Sumário da Batalha, em Basgiath.

E, em pé em frente ao mapa, com um braço apoiado numa cadeira enorme e os olhos postos na mesa e nos seus ocupantes, está o Xaden.

Está com bom aspeto, mesmo com as bolsas negras que lhe mancham a pele castanho-clara debaixo dos olhos por falta de noites de sono. As maçãs do rosto altas, os olhos escuros que normalmente se fazem mais suaves quando encontram os meus, a cicatriz que lhe fende a sobrancelha e acaba debaixo do olho, a relíquia serpenteante e brilhante que acaba junto ao maxilar e as linhas esculpidas da boca que conheço tão bem como a minha são traços que, no conjunto, o tornam perfeito para mim como raio, e ainda só estou a falar da cara dele. O corpo? Não sei bem como, mas é ainda melhor, e a forma como o usa quando me tem nos braços...

Não. Abano a cabeça e ponho um travão nos meus pensamentos. O Xaden pode ser lindo, e poderoso, e assustadoramente letal — o que não me devia excitar tanto como excita —, mas não posso confiar que me diga a verdade sobre... bem, sobre tudo. O que me *magoa* muito, tendo em conta quão pateticamente apaixonada estou por ele.

— E qual é a observação óbvia que tem a fazer, major Ferris? — pergunta o Xaden, num tom completa e absolutamente aborrecido.

— É uma reunião da Assembleia — diz-me o Bodhi num sussurro. — Basta um quórum de cinco para decidir um voto, uma vez que raramente estão os sete aqui ao mesmo tempo e quatro votos são suficientes para aprovar uma moção.

Registo e arquivo a informação.

— E nós podemos ouvir?

— As reuniões são abertas a quem quiser assistir — responde a Imogen igualmente em voz baixa.

— E estamos a assistir... no corredor? — pergunto.

— Estamos — responde a Imogen sem mais explicações.

— A única opção que temos é o regresso — continua o Nariz de Falcão. — Se não for essa a nossa decisão, colocamos tudo o que estamos aqui a construir em risco. As patrulhas de busca hão de passar por aqui e nós não temos cavaleiros suficientes...

— É um bocado difícil recrutar cavaleiros ao mesmo tempo que tentamos manter-nos indetetáveis — replica uma mulher pequena com o cabelo preto brilhante como o de um corvo, a pele em tons de umbra a dobrar-se nos cantos dos olhos quando ela os fixa, furiosa, no homem mais velho ao fundo da mesa.

— É melhor não nos desviarmos do assunto, Trissa — diz o Brennan, a esfregar a cana do nariz. O nariz do nosso pai. A semelhança entre eles é perturbadora.

— Não adianta aumentarmos o número de efetivos sem uma forja a funcionar para os munirmos de armas. — O Nariz de Falcão levanta a voz acima das dos demais. — Ainda nos falta um luminar, se ainda não repararam.

— E em que ponto estamos nas negociações com o visconde Tecarus pelo dele? — pergunta um homem grande, numa voz calma e ronronante, com a mão de ébano a cofiar a densa barba grisalha.

Visconde Tecarus? Tecarus não é uma família nobre presente em nenhum dos registos de Navarre. Nem sequer temos viscondes na nossa aristocracia.

— Ainda estamos a trabalhar numa solução diplomática — responde o Brennan.

— Não há solução. O Tecarus ainda não se esqueceu do insulto que o Xaden lhe fez no verão. — Uma mulher mais velha com a constituição de um machado de guerra e o cabelo loiro a cair-lhe pouco abaixo do queixo quadrado e alvadio fixa os olhos no Xaden.

— Eu já disse que o visconde nem sequer se vai dar ao trabalho de no-lo dar — responde o Xaden. — O homem passa a vida a *coleccionar* coisas. Não as *negoceia*.

— Bem, connosco é que não vai *negociar* de certeza — riposta ela, semicerrando os olhos. — Sobretudo se nem sequer equacionas a última oferta que ele fez.

— Ele que se foda com a *oferta* dele. — A voz do Xaden é calma, mas os olhos têm um brilho duro que desafia qualquer pessoa na mesa a discordar dele. Como se estivesse a mostrar àquelas pessoas que elas não valem o tempo que ele está a perder, contorna o braço de uma cadeira enorme e senta-se, esticando as pernas compridas e pousando os braços nos apoios de veludo da cadeira, como se nada o preocupasse no mundo.

O silêncio que se abate sobre a sala é revelador. O Xaden impõe tanto respeito na Assembleia da revolução como acontecia em Basgiath. Não conheço nenhum dos outros cavaleiros, tirando o Brennan, mas aposto que o Xaden é o mais poderoso da sala, dado o silêncio que todos fazem.

— *Por enquanto* — lembra-me o Tairn com a arrogância que só cem anos de combate como um dos mais formidáveis dragões do Continente podem dar. — Manda os humanos *trazerem-te para o vale quando as discussões políticas terminarem*.

— É bom que haja uma solução. Se não conseguirmos fornecer armamento suficiente aos voadores de grifos para que possam lutar a sério no ano que vem, a maré vai mudar de tal maneira que nunca vamos conseguir sustentar o avanço dos venéficos — observa o Barba Grisalha. — Tudo isto terá sido em vão.

Sinto um aperto no estômago. Um ano? Estamos assim *tão* perto de perder uma guerra sobre a qual não tinha conhecimento absolutamente

nenhum há poucos dias?

— Como disse, estou a trabalhar numa solução diplomática para o luminar — diz o Brennan num tom mais contundente —, e estamos a fugir tanto do tema que nem tenho a certeza de que seja a mesma reunião.

— Eu voto em irmos buscar o luminar de Basgiath — sugere a Machado de Guerra. — Se estamos tão perto de perder esta guerra, não temos outra opção.

O Xaden lança um olhar ao Brennan que eu não sou capaz de decifrar. Respiro fundo quando me apercebo de que provavelmente ele conhece melhor o meu irmão do que eu.

E não me contou nada sobre ele. De todos os segredos que guardou, este é o que tenho mais dificuldade de engolir.

— *E o que é que terias feito com esse conhecimento, se ele te tivesse dito alguma coisa?* — pergunta o Tairn.

— Não tentes trazer a lógica para uma questão emocional — Cruzo os braços sobre o peito. É o meu coração que não me deixa perdoar o Xaden por completo.

— Já tivemos essa discussão — diz o Brennan num tom definitivo. — Se formos buscar a forja de Basgiath, Navarre não poderá reabastecer as reservas nos postos avançados. Morrerão inúmeros civis se essas guarnições caírem. Algum de vocês quer ser responsável por isso?

Faz-se silêncio.

— Então estamos de acordo — diz o Nariz de Falcão. — Enquanto não formos capazes de abastecer os voadores, os cadetes *terão* de regressar.

Oh.

— Estão a falar de nós — sussurro. É por isso que estamos fora da linha de visão direta da sala.

O Bodhi assente com a cabeça.

— Estás estranhamente calada, Suri — aponta o Brennan, olhando para uma morena de ombros largos com pele de azeitona, uma única faixa de

prata no cabelo e um nariz que se agita como o de uma raposa, sentada ao lado dele.

— Eu diria que podemos enviá-los a todos menos dois. — O desprendimento com que ela fala e tamborila com os dedos na mesa, com um anel de esmeralda gigante a refletir a luz, lança-me um arrepio pela espinha abaixo. — Seis cadetes podem mentir tão bem como oito.

Oito.

O Xaden, o Garrick, o Bodhi, a Imogen, três marcados que não tive a oportunidade de conhecer antes de sermos atirados para o meio da batalha e... eu.

Sinto um mal-estar a subir como uma maré. Os Jogos de Guerra. Devíamos estar a terminar a última competição do ano entre as divisões do Quadrante dos Cavaleiros em Basgiath, mas, em vez disso, entrámos numa batalha mortal com um inimigo que eu pensava que não passava de uma personagem das lendas populares; e agora estamos... bem, estamos aqui, numa cidade que não devia existir.

Mas não todos nós.

Sinto um aperto na garganta e pestanejo para conter o ardor nos olhos. A Soleil e o Liam não sobreviveram.

O *Liam*. O cabelo loiro e os olhos azuis encham-me a memória, e a dor irrompe-me por entre as costelas. O riso retumbante. O sorriso rápido. A lealdade e a bondade. Foi-se tudo. *Ele* foi-se.

Tudo porque prometeu ao Xaden que me protegeria.

— Nenhum dos oito é dispensável, Suri. — O Barba Grisalha recosta-se nas pernas traseiras da cadeira e examina o mapa atrás do Xaden.

— O que propões, Felix? — replica a Suri. — Que dirijamos uma escola de guerra com todo o nosso tempo livre? A maioria não terminou a instrução. Ainda não nos é útil.

— Como se algum de vocês tivesse uma palavra a dizer sobre o nosso regresso — interrompe o Xaden, conquistando a atenção de toda a gente. — Vamos ouvir o conselho da Assembleia, mas será só isso... *um conselho*.

— Não nos podemos dar ao luxo de arriscar a tua vida — defende a Suri.

— A minha vida é igual à de qualquer um deles. — O Xaden faz um gesto na nossa direção.

O olhar do Brennan encontra-se com o meu, depois arregala-se.

Todas as cabeças na sala se viram para nós e eu luto contra o instinto de recuar ao ver quase todos os olhares a semicerrarem-se em mim.

Quem é que eles veem? A filha da Lilith? Ou a irmã do Brennan?

Levanto o queixo porque sou ambas... e sinto-me como se não fosse nenhuma das duas.

— Não a de todos — diz a Suri, olhando diretamente para mim. *Au.* — Como é que puderam ficar aí parados e deixar que ela ouvisse a conversa da Assembleia?

— Se não queriam que ela vos ouvisse, deviam ter fechado a porta — responde o Bodhi, entrando na sala.

— Ela não é de confiança! — A ira pode estar a ruborizar-lhe as faces, mas o que vejo nos olhos da Suri é medo.

— O Xaden já assumiu a responsabilidade por ela. — A Imogen dá um passo para o lado e aproxima-se ligeiramente de mim. — Por mais brutal que essa preferência possa ser.

O meu olhar vira-se de súbito ao encontro do do Xaden. De que raio é que ela está a falar?

— Continuo a não compreender essa tão peculiar decisão — acrescenta o Nariz de Falcão.

— A decisão foi fácil. Ela vale por doze como eu — diz o Xaden, e eu fico sem fôlego com a intensidade do olhar dele. Se eu não estivesse já avisada, pensaria que ele está a ser sincero. — E não estou a falar do sinete dela. Seja como for, ter-lhe-ia dito tudo o que discutimos aqui, pelo que a porta estar aberta é irrelevante.

Acende-se uma centelha de esperança no meu peito. Talvez ele tenha realmente deixado de guardar segredos de mim.

— Ela é filha da general Sorrengail — salienta a Machado de Guerra, com clara frustração na voz.

— E eu sou filho da general — observa o Brennan.

— Mas tu já provaste bem a tua lealdade ao longo dos últimos seis anos! — grita a Machado de Guerra. — Ela não!

A ira sobe-me ao pescoço e enrubesce-me as faces. Estão a falar de mim como se eu nem sequer estivesse aqui.

— Ela lutou ao nosso lado em Resson. — O Bodhi também eleva a voz, o corpo tenso.

— Ela tem de ser confinada. — O rosto da Suri fica completamente corado quando ela se afasta da mesa, se levanta e finca os olhos na metade prateada do meu cabelo que forma a minha coroa entrançada. — Pode arruinar-nos a todos com o que sabe.

— Concordo. — O Nariz de Falcão junta-se a ela a olhar para mim com evidente aversão. — Ela é demasiado perigosa para ficar em liberdade.

Sinto os músculos do estômago a retesarem-se, mas mascaro a minha expressão como vi o Xaden fazer inúmeras vezes e deixo as mãos junto às ilhargas, perto dos punhais que me encham as bainhas. Posso ter um corpo frágil e articulações pouco confiáveis, mas a minha pontaria com a faca tem uma precisão letal. Não vou deixar que me engaiolem aqui nem que se fodam todos.

Observo cada um dos membros da Assembleia, a tentar perceber qual é a maior ameaça.

O Brennan levanta-se, imponente.

— Sabendo que ela se vinculou ao Tairn, cujos vínculos se tornam mais profundos a cada cavaleiro que passa, e cujo vínculo anterior já era tão forte, que a morte do Naolin quase o matou? Sabendo que tememos que ele morra se ela morrer? Que, por isso, a vida do Riorson está amarrada à dela? — Acena com a cabeça na direção do Xaden.

A desilusão amarga-me a língua. É só isso o que eu sou para ele? A fraqueza do Xaden?

— Eu sou o único responsável pela Violet. — A voz do Xaden baixa-se em malícia pura. — E se eu não for suficiente, há não um, mas *dois* dragões que já se responsabilizaram pela integridade dela.

Chegou a hora de dizer basta.

— *Ela* está aqui a ouvir tudo o que estão a dizer — atiro, e sinto uma satisfação pouco lisonjeira a percorrer-me o corpo ao ver o número de bocas abertas à minha frente. — Por isso, deixem de falar *sobre* mim e tentem falar *comigo*.

Um canto da boca do Xaden curva-se e o orgulho que lhe perpassa pelo rosto é inconfundível.

— O que é que querem de mim? — pergunto-lhes, avançando pela sala. — Querem que atravesse o Parapeito e prove a minha coragem? Feito. Querem que traia o meu reino defendendo os cidadãos de Poromiel? Feito. Querem que guarde os segredos dele? — Aponto para o Xaden com a mão esquerda. — Feito. Guardei *todos* os segredos.

— Exceto o que importava. — A Suri levanta uma sobrancelha. — Todos sabemos como acabaste em Athebyne.

O sentimento de culpa tolhe-me a garganta.

— Isso não foi... — começa o Xaden, a levantar-se da cadeira.

— A responsabilidade não foi dela. — O homem mais próximo de nós, com a barba grisalha, Felix, levanta-se, bloqueando-me a vista da Suri quando se vira para ela. — Nenhum cadete do primeiro ano seria capaz de bloquear um leitor de mentes, sobretudo um que considere um amigo. — O homem volta-se para olhar para mim. — Mas tens de saber que, agora, tens inimigos em Basgiath. Se regressares, é bom que saibas que o Aetos não estará entre os teus amigos. Vai fazer tudo o que puder para te matar depois do que viste.

— Eu sei. — As palavras saem-me com dificuldade da boca.

O Felix assente com a cabeça.

— Estamos conversados — diz o Xaden, a olhar fixamente para a Suri e depois para o Nariz de Falcão, que deixam cair os ombros em sinal de derrota.

— Espero novas informações sobre Zolya de manhã — diz o Brennan.
— Considerem esta reunião da Assembleia encerrada.

Os membros do conselho afastam as cadeiras e passam por nós os três depois de nos desviarmos do caminho. A Imogen e o Bodhi ficam ao meu lado.

Por fim, o Xaden começa a caminhar, mas detém-se à minha frente.

— Nós vamos andando para o vale. Vem ter connosco quando puderes.

— Vou convosco agora. — Este é o último lugar do Continente onde quero que me deixem sozinha.

— Fica aqui e fala com o teu irmão — diz ele em voz baixa. — Quem sabe quando terás outra oportunidade.

Olho para lá do Bodhi e vejo o Brennan no meio da sala, à minha espera. O Brennan que nunca deixava de me ajudar a ligar os joelhos quando eu era pequena. O Brennan que escreveu o livro que me ajudou a ultrapassar o primeiro ano. O Brennan... de quem tenho saudades há seis anos.

— Vai lá — insta o Xaden. — Nós não saímos daqui sem ti e não vamos deixar que a Assembleia dite o que vamos fazer. Nós os oito vamos decidir o que fazer juntos. — O Xaden lança-me um longo olhar, que me aperta o coração traiçoeiro, e vai-se embora. O Bodhi e a Imogen seguem-no.

O que me deixa com o meu irmão, munida de seis anos de perguntas.

É o vale acima da Casa dos Riorson, aquecido por energia termal natural, que é o seu maior ativo. Porque é ali que ficam os terrenos originais de desova da linhagem Dubhmadinn, da qual descendem dois dos maiores dragões do nosso tempo: o Codagh e o Tairn.

— GUIA DE CAMPO PARA A DRACONIDADE DO CORONEL KAORI



CAPÍTULO II

Fecho a porta alta atrás de mim antes de me virar para o Brennan. *Esta* reunião não vai ser aberta ao público, isso é certo.

— Comeste o suficiente? — Está apoiado na ponta da mesa, como costumava fazer quando éramos pequenos. É um movimento tão... dele, e, quanto à pergunta, ignoro-a por completo.

— Então, é aqui que tens estado nos últimos seis anos? — A minha voz ameaça quebrar. Estou tão contente por ele estar vivo. Nada mais devia importar. Mas não me posso esquecer dos anos que ele me fez sofrer a pensar que tinha morrido.

— É. — O meu irmão deixa cair os ombros. — Desculpa ter-te feito crer que estava morto. Não tinha outra escolha.

Faz-se um silêncio desconfortável. O que hei de responder a isto? *Não faz mal, mas faz um bocadinho?* Há tantas coisas que lhe quero dizer, tantas que preciso de lhe perguntar, mas, de repente, os anos que estivemos longe um do outro parecem... definidores. Nenhum de nós é a mesma pessoa.

— Estás diferente. — Ele sorri, mas de tristeza. — Não de forma negativa. Só... diferente.

— Tinha catorze anos da última vez que me viste. — Faço um esgar. — Acho que ainda tenho a mesma altura. Dantes, tinha a esperança de dar um esticção de última hora, mas, infelizmente, aqui estou.

— Aqui estás. — Ele assente devagar com a cabeça. — Sempre te imaginei vestida com as cores de uma copista, mas o preto fica-te bem. Deuses... — O Brennan suspira. — O alívio que senti quando soube que sobreviveste à Debulha é indescritível.

— Sabias? — Os meus olhos escancaram-se. Ele tem fontes em Basgiath.

— Sabia. E depois o Riorson aparece contigo ao colo e estavas ferida e a morrer. — O meu irmão desvia o olhar e aclara a garganta, depois respira fundo antes de continuar. — Caramba, estou tão contente por estares curada e por teres sobrevivido ao primeiro ano. — O alívio nos olhos dele amaina-me um pouco a raiva.

— A Mira ajudou. — Não lhe estou a dar o devido crédito.

— A couraça? — aventa ele corretamente. A delicadeza e leveza da couraça de escamas de dragão que uso debaixo das minhas peles de voo têm as suas vantagens.

Eu assinto com a cabeça.

— Foi ela que a mandou fazer. E também me deu o teu livro. O que escreveste para ela.

— Espero que tenha sido útil.

Penso na rapariga ingénua e protegida que atravessou o parapeito e em tudo aquilo a que ela sobreviveu na provação do primeiro ano até se transformar na mulher que sou agora.

— Foi.

O sorriso do Brennan fraqueja e os olhos movem-se para a janela.

— Como está a Mira?

— Falando por experiência própria, tenho a certeza de que estaria muito melhor se soubesse que estás vivo. — Não adianta escolher as palavras se temos pouco tempo.

Ele estremece.

— Acho que mereço isso.

E eu acho que isso responde à pergunta. A Mira não sabe. Mas devia saber.

— Como é que estás vivo, afinal, Brennan? — Transfiro o peso do corpo para uma perna e cruzo os braços. — Onde está o Marbh? O que estás a fazer aqui? Porque não foste para casa?

— Uma de cada vez. — Ele levanta as mãos como se estivesse a ser atacado e eu vislumbro-lhe uma cicatriz em forma de runa na palma da mão antes de ele agarrar a ponta da mesa. — O Naolin... era... — O Brennan cerra o maxilar.

— O cavaleiro do Tairn antes de mim — sugiro, devagar, a perguntar-me se teria sido mais do que isso para o Brennan. — Foi o sifão que morreu quando estava a tentar salvar-te, de acordo com o professor Kaori. — Sinto um murro no estômago. — *Lamento que o teu cavaleiro tenha morrido a salvar o meu irmão.*

— *Não voltaremos a falar do que veio antes.* — A voz do Tairn é ríspida.

Um canto da boca do Brennan eleva-se num meio-sorriso.

— Tenho saudades do Kaori. É um bom homem. — Suspira e levanta a cabeça para me olhar nos olhos. — O Naolin não falhou, mas perdeu *tudo*. Acordei numa encosta de uma montanha não muito longe daqui. O Marbh tinha ficado ferido, mas também estava vivo, e os outros dragões... — Os olhos âmbar voltam a encontrar-se com os meus. — Há outros dragões aqui e foram eles que nos salvaram, escondendo-nos na rede de grutas do vale, e, mais tarde, também os civis que sobreviveram à cidade incendiada.

Franzo o sobrolho ao tentar perceber o que ele está a dizer.

— Onde é que está o Marbh agora?

— Está no vale com os outros há alguns dias, a vigiar a tua Andarna, com o Tairn, a Sgaeyl e, desde que tu acordaste, o Riorson.

— É lá que o Xaden tem estado? A vigiar a Andarna? — Assim fico um pouco menos chateada por ele me estar a evitar tão descaradamente. — E porque é que tu estás aqui, Brennan?

Ele encolhe os ombros como se a resposta fosse óbvia.

— Estou aqui pela mesma razão por que lutaste em Resson. Porque não me posso limitar a ficar parado, a contar com a segurança das barreiras das guarnições de Navarre e a ver pessoas inocentes a morrer nas mãos de manipuladores de magia negra, só porque a nossa chefia é demasiado egoísta para ajudar. E também foi por isso que não voltei para casa. Não podia voar para Navarre sabendo o que fizemos, o que *estamos a fazer*, e não conseguiria de forma nenhuma olhar a mãe nos olhos e ouvi-la justificar a nossa cobardia. Recusei-me a viver nessa mentira.

— Deixaste-me a mim e à Mira a vivê-la. — As palavras saem um pouco mais zangadas do que eu pretendia ou talvez eu esteja mais zangada do que pensava.

— Uma decisão que questionei todos os dias. — O arrependimento nos olhos dele é suficiente para me fazer respirar profundamente e concentrar-me. — Pensei que tinham o pai...

— Até deixarmos de ter. — Sinto a garganta a apertar-se e viro-me para olhar para o mapa, antes de me aproximar para perceber melhor os pormenores. Ao contrário do de Basgiath, que é atualizado diariamente com os ataques dos grifos na fronteira, este reflete as verdades que Navarre está a esconder. A região dos Baldios (a península árida, coberta por desertos, a sudoeste, que toda a draconidade abandonou depois de o general Daramour ter arruinado a terra durante a Grande Guerra) está completamente pintada de carmesim. A mancha vai até Braevick, para lá do rio Dunness.

Aqueles que serão certamente os novos locais de batalha estão assinalados com um número alarmante de bandeiras vermelhas e cor de laranja. As vermelhas enchem não só a fronteira oriental oceânica da província de Krovla, ao longo da baía de Malek, mas também estão altamente concentradas nas planícies a norte, espalhando-se como uma doença, e chegando a infetar partes de Cygnisen. Mas as cor de laranja estão

altamente concentradas ao longo do rio Stonewater, que conduz diretamente à fronteira de Navarre.

— Quer dizer que as lendas são todas verdadeiras. Os venéficos vêm dos Baldios e sugam a magia toda da terra, andando de cidade em cidade.

— Viste-o com os teus próprios olhos. — O Brennan vem para o meu lado.

— E as serpes?

— Já sabemos que existem há alguns meses, mas nenhum dos cadetes sabia. Até agora, limitámos a informação que dávamos ao Riorson e aos outros para garantir que se mantinham em segurança, o que, olhando para trás, pode ter sido um erro. Sabemos que têm pelo menos duas raças, uma que produz fogo azul e uma mais rápida, que sopra fogo verde.

— Quantas? — pergunto-lhe. — Onde é que as fazem?

— Onde é que fazem a desova. É isso que queres dizer?

— Onde é que as fazem — repito. — Não te lembras das lendas que o pai costumava ler-nos? Diziam que as serpes eram criadas pelos venéficos. São eles que canalizam energia *para as* serpes. Acho que foi por isso que as que não tinham cavaleiros morreram quando matei os manipuladores de magia negra. Tinham perdido a fonte de energia.

— Lembras-te disso tudo das leituras do pai? — Ele olha para mim, admirado.

— Ainda tenho o livro. — Ainda bem que o Xaden teceu guarnições em redor do meu quarto para o proteger enquanto estamos aqui. Assim nunca ninguém o irá descobrir. — Estás a dizer que vocês não só não sabiam que são criadas, como não fazem ideia de onde vêm?

— Sim... é isso mesmo.

— Que reconfortante — murmuro, sentindo a eletricidade a formigar-me a pele. Sacudo as mãos, e ando de um lado para o outro à frente do enorme mapa. As bandeiras cor de laranja estão terrivelmente perto de Zolya, a segunda cidade mais populosa de Braevick, *além de ser* a cidade onde fica Cliftsbane, a academia de cavaleiros da província. — O que tinha a barba grisalha disse que temos um ano para dar a volta à situação?

— Chama-se Felix. É o mais racional da Assembleia, mas eu, pessoalmente, acho que ele está enganado. — O Brennan agita a mão no ar, sobre o contorno da fronteira de Braevick. com os Baldios, ao longo do rio Dunness. — As bandeiras vermelhas são todas dos últimos anos e as cor de laranja são dos últimos meses. Ao ritmo a que se têm vindo a expandir, não só no número de serpes, mas de extensão de território, acho que estão a apontar diretamente ao rio Stonewater e nós temos seis meses ou menos até que estejam suficientemente fortes para atacar Navarre. Não que a Assembleia me ouça.

Seis meses. Engulo a azia que ameaça subir-me à garganta. O Brennan sempre foi um brilhante estratega, de acordo com a mãe. A minha aposta está na avaliação dele.

— O padrão geral está a mover-se para noroeste, em direção a Navarre. Resson é a exceção, juntamente com esta bandeira, que não sei o que quer dizer... — Aponto para um lugar que parece ficar a uma hora de voo a leste de Resson.

A paisagem árida em redor do que já foi um posto comercial florescente vem-me à memória. As duas bandeiras são mais do que casos isolados; são borões cor de laranja gémeos numa área que, de resto, está intocada.

— Achamos que a caixa de ferro que o Garrick Tavis encontrou em Resson é algum tipo de engodo, mas tivemos de a destruir antes de conseguirmos fazer uma pesquisa completa. Foi encontrada uma caixa semelhante em Jahna, mas já estava destruída. — O Brennan olha na minha direção. — No entanto, o fabrico é navarrês.

Absorvo a informação com um suspiro longo, a imaginar o que poderia levar Navarre a construir engodos além do que usou para nos matar em Resson.

— Achas mesmo que eles vão atacar Navarre antes de tomarem o resto de Poromiel? Porque não conquistar os alvos mais fáceis primeiro?

— Acho. A sobrevivência deles depende disso assim como a nossa depende de os conseguirmos parar. A energia nos campos da desova de Basgiath é capaz de os manter alimentados durante décadas. No entanto, o

Melgren acha que as guarnições são tão infalíveis que não alerta a população. Ou tem medo de que avisar as pessoas faça com que elas percebam que não somos exatamente os bonzinhos desta história. Deixámos de o ser. A rebelião do Fen ensinou à chefia que é muito mais fácil controlar civis felizes do que descontentes ou, pior ainda, assustados.

— Ainda assim, conseguem esconder a verdade — sussurro. Algures no nosso passado, uma geração de navarreses eliminou os livros de História, apagando a existência de venéficos da educação e do conhecimento geral, só por não estarmos dispostos a pôr em risco a nossa segurança ao fornecermos a única coisa que pode matar os manipuladores de magia negra: a mesma liga que alimenta a energia das nossas guarnições mais distantes.

— Sim, bem, o pai sempre tentou avisar-nos. — A voz do Brennan faz-se mais suave. — Num mundo de cavaleiros de dragões, de voadores de grifos, de manipuladores de magia negra...

— São os copistas que detêm todo o poder. — São eles que afixam os avisos públicos. Mantêm os registos. Escrevem a nossa história. — Achas que o pai sabia? — A ideia de ele ter estruturado toda a minha existência em redor de factos e conhecimento sem me ter contado a informação mais importante é insondável.

— Eu prefiro acreditar que não. — O Brennan lança-me um sorriso triste.

— A notícia vai espalhar-se se essas forças se aproximarem da fronteira. Não podem manter a verdade escondida. Alguém os vai ver. Alguém *tem* de os ver.

— Sim. E a nossa revolução terá de estar pronta quando isso acontecer. No momento em que o segredo for desvendado, deixa de haver razão para manter os marcados sob a supervisão da chefia e perderemos o acesso à forja de Basgiath.

Cá está a palavra de novo: *revolução*.

— Achas que podem vencer.

— Porque é que dizes isso? — Volta-se para mim.

— Chamas-lhe uma revolução, não uma rebelião. — Levanto a sobrancelha. — O tyrrense não foi a única coisa que o pai nos ensinou. Tu achas que podem vencer... ao contrário do que aconteceu com o Fen Riorson.

— Temos de vencer ou morremos. Todos nós. Em Navarre, pensam que estão em segurança atrás das guarnições, mas o que irá acontecer se as guarnições falharem? Se não forem tão poderosas como a chefia pensa que são? Já estão esticadas ao máximo. Isto para não falar das pessoas que vivem fora das guarnições. De uma maneira ou de outra, somos inferiores em número. Vi. Nunca os tínhamos visto organizados sob uma chefia como aconteceu em Resson, e o Garrick disse-nos que um conseguiu fugir.

— O Mestre. — Estremeço, e envolvo os braços no tronco. — Foi o que a que me apunhalou lhe chamou. Acho que era professor dela.

— Estão a *ensinar-se* uns aos outros? Como se tivessem montado algum tipo de escola para venéficos? Está bonito isto, foda-se. — O meu irmão abana a cabeça.

— E vocês não estão protegidos pelas guarnições — observo. — Não aqui. — O escudo mágico de proteção proporcionado pelos campos de desova no Vale não chega às fronteiras montanhosas oficiais de Navarre, e toda a linha costeira sudoeste de Tyrrendor, incluindo Aretia, está exposta. Um facto que nunca importou muito quando pensávamos que os grifos eram a única ameaça, uma vez que são incapazes de voar suficientemente alto para ultrapassar os cumes dos penhascos.

— Aqui não — concorda ele. — Mas é engraçado que Aretia tem uma pedra de proteção que alimenta as guarnições inativa. Pelo menos, acho que é disso que se trata. Nunca me pude aproximar o suficiente da de Basgiath para as comparar ao pormenor.

Eu levanto as sobrancelhas. Uma segunda pedra de alimentação de guarnições?

— Pensava que só tinha sido criada uma durante a Unificação.

— Sim, e eu pensava que os venéficos eram um mito e que os dragões eram os únicos a alimentar as guarnições. — O Brennan encolhe os ombros. — Mas, seja como for, a arte de criar novas guarnições é uma magia

perdida, pelo que a pedra não passa de uma estátua armada em importante. Mas é bem bonita.

— Vocês têm uma pedra de proteção — murmuro, no corrúpio de ideias que me vêm à cabeça. Não precisariam de tantas armas se tivessem guarnições. Se fossem capazes de gerar a sua própria proteção, talvez pudessem tecer extensões *até* Poromiel, tal como nós expandimos as nossas guarnições até ao limite máximo. Talvez pudéssemos manter pelo menos alguns dos nossos vizinhos em segurança...

— Sim, uma *inútil*. O que nós precisamos é do raio de um luminar que intensifique o fogo do dragão de forma a que fique suficientemente quente para fundir a liga nas únicas armas capazes de derrotar venéficos. É a nossa única hipótese.

— E se a pedra de proteção não for inútil? — O meu coração acelera. Nunca nos disseram que havia mais do que uma pedra de proteção, cujos limites foram esticados até ao máximo possível. Mas se há outra... — Não é por ninguém saber como criar novas guarnições hoje que o conhecimento não existe *algures*. Como, por exemplo, nos Arquivos. É o tipo de informação que não teríamos apagado. Tê-la-íamos protegido a todo o custo, pelo sim, pelo não.

— Violet, seja o que for que estás a pensar, deixa-te disso. — Ele passa com o polegar pelo queixo, um tique nervoso que tem desde sempre. Incríveis as coisas dele de que eu me estou a lembrar. — Considera os Arquivos território inimigo. As armas são a única coisa capaz de ganhar esta guerra.

— Mas vocês não têm uma forja a funcionar, nem cavaleiros suficientes para se defenderem se Navarre se aperceber do que estão a tramar. — Sinto o pânico a subir-me pela espinha como uma aranha. — Ou achas que vão ganhar esta guerra com uma mão-cheia de *punhais*?

— Pela maneira como falas, parece que estamos condenados. Mas não estamos. — Um músculo lateja-lhe no maxilar.

— A primeira rebelião separatista foi esmagada em menos de um ano e, até há poucos dias, pensava que também te tinha levado a ti. — Ele não

percebe. Não pode. Não enterrou nenhum familiar. — Eu já vi as tuas coisas a arder uma vez.

— Vi... — Ele hesita por um segundo, depois põe os braços à minha volta e puxa-me para um abraço, embalando-me ligeiramente como se eu fosse uma criança outra vez. — Nós aprendemos com os erros do Fen. Não vamos atacar Navarre como ele, nem declarar independência. Estamos a lutar debaixo dos narizes deles e temos um plano. Houve *alguma coisa* que matou os venéficos há seiscentos anos, durante a Grande Guerra, e nós estamos ativamente à procura dessa arma. Forjar os punhais vai manter-nos na luta tempo suficiente para a encontrar, desde que consigamos obter o luminar. Podemos não estar preparados neste momento, mas vamos estar assim que Navarre descubra tudo. — O tom dele não é assim muito convincente.

Eu recuo um passo.

— Com que exército? A vossa revolução tem quantas pessoas? Quantas é que vão morrer desta vez?

— É melhor que não saibas os pormenores... — O Brennan fica tenso e depois volta a estender-me os braços. — Já falei de mais, o que é perigoso para ti. Pelo menos, até conseguires escudar-te do sinete do Aetos.

Sinto o peito a contrair-se e afasto-me do abraço dele.

— Pareces o Xaden a falar. — Não consigo evitar a amargura que me permeia o tom. Afinal, quando nos apaixonamos por alguém, só sentimos aquele êxtase de felicidade de que os poetas falam se a outra pessoa sentir o mesmo por nós. E se ela guardar segredos que põem tudo o que prezamos em risco? O amor nem sequer tem a decência de morrer. Transforma-se em infelicidade abjeta e mais nada. Esta dor que eu sinto no peito é mesmo isso: pura infelicidade.

Porque o amor, na sua essência, é esperança. Esperança de um amanhã. Esperança do que pode ser. Esperança de que alguém a quem confiamos tudo o que somos o embale e proteja. E a esperança? É uma merda mais difícil de matar do que um dragão.

Sinto uma pequena vibração a formigar sob a pele e o calor enrubesce-me as faces quando o poder do Tairn cresce dentro de mim em resposta ao

meu assomo de emoção. Pelo menos sei que ainda tenho acesso ao sinete. O veneno do venéfico não mo tirou para sempre. Continuo a ser eu.

— Ah. — O Brennan lança-me um olhar que não consigo interpretar. — Agora percebo porque é que ele se pôs a andar daqui para fora como se tivesse o cu a arder. Problemas no paraíso?

Lanço um olhar cansado para o Brennan.

— É melhor que tu não saibas nada sobre *isso*.

Ele dá uma risadinha.

— Bem, estou a perguntar à minha irmã, não à cadete Sorrengail.

— E estás de volta à minha vida há uns cinco minutos completos desde que simulaste a tua morte há seis anos, por isso desculpa lá se não me vou abrir contigo sobre a minha vida amorosa. E tu? Estás casado? Tens filhos? Alguém a quem tenhas mentido durante praticamente toda a relação?

Ele estremece.

— Ninguém. Nenhum filho. Percebido. — Enfia as mãos nos bolsos das peles e suspira. — Bem, eu não quero armar-me em estúpido. Mas é melhor não saberes os pormenores até dominares a arte de manter os teus escudos ativos em Permanência contra leitores de memória...

Encolho-me ao pensar que o Dain me pode tocar e ver isto tudo, ver o *Brennan*.

— Tens razão. Não me digas mais nada.

O Brennan semicerra os olhos.

— Concordaste com demasiada facilidade.

Abano a cabeça, viro-me para a porta e digo por cima do ombro:

— Tenho de me ir embora antes de matar mais alguém. — Quanto mais vir, maior risco serei para ele e para tudo isto. E quanto mais tempo ficarmos aqui... Deuses. Os outros.

— *Temos de voltar* — digo ao Tairn.

— *Eu sei*.

O Brennan alcança-me, o maxilar a latejar.

— Não sei se voltares para Basgiath é o melhor para ti. — Abre a porta na mesma.

— Não, mas é o melhor para *ti*.

Estou nervosa como o diabo quando o Brennan e o Marbh, o seu Cauda de Punhal Cor de Laranja, bem como eu e o Tairn, chegamos ao pé da Sgaeyl, a enorme Cauda de Punhal Azul-Marinho do Xaden, que está em pé, imponente, à sombra de árvores ainda mais altas, como se estivesse a guardar alguma coisa. A *Andarna*. A Sgaeyl rosna para o Brennan, mostrando as presas e dando um passo ameaçador na direção dele, a pata com as garras afiadas completamente esticadas.

— Ei! É o meu irmão — aviso-a, colocando-me entre eles.

— Ela sabe — murmura o Brennan entre dentes. — Só que não gosta de mim. Nunca gostou.

— Não leves isso a peito — digo mesmo à frente dela. — Ela não gosta de ninguém a não ser do Xaden, e a mim só me tolera, embora eu esteja a crescer na consideração dela.

— *Como um tumor* — responde ela através da ligação mental que nos une aos quatro. Depois, inclina a cabeça e eu sinto-o.

O vínculo sombrio e cintilante que tenho num cantinho da minha cabeça ganha força e chama levemente por mim.

— Na verdade, o Xaden está a vir para cá — digo ao Brennan.

— Foda-se, isso é mesmo muito estranho. — O meu irmão cruza os braços à frente do peito e olha para trás de nós. — Vocês os dois conseguem sentir-se sempre um ao outro?

— Mais ou menos. Tem que ver com o vínculo entre a Sgaeyl e o Tairn. Podia dizer que nos habituamos, mas estaria a mentir. — Dirijo-me para a mata e a Sgaeyl faz-me um enorme favor e não me obriga a pedir-lhe que se

afaste, uma vez que dá dois passos para a direita, de maneira que eu fico entre ela e o Tairn, diretamente à frente de...

Foda-se. O. Que. É. Isto?

Não pode ser... não. Impossível.

— Tem calma. Ela vai reagir à tua agitação e acordar maldisposta — avisa o Tairn.

Eu fixo os olhos no dragão-fêmea adormecido — que tem quase o dobro do tamanho que tinha há alguns dias — e tento fazer com que a minha mente acompanhe os meus olhos, bem como o que o meu coração já sabe graças ao vínculo que existe entre nós.

— É a... — Abano a cabeça e sinto a pulsação a acelerar.

— Não estava à espera disto — diz o Brennan em voz baixa. — O Riorson deixou escapar alguns pormenores quando nos fez o relato de manhã. Nunca tinha visto um crescimento tão acelerado num dragão.

— As escamas dela estão pretas. — Sim, dizê-lo não ajuda a torná-lo mais real.

— *Os dragões só têm penas douradas quando são crias.* — A voz do Tairn é incaracteristicamente paciente.

— Crescimento acelerado — sussurro, repetindo as palavras do Brennan, depois deixo escapar um arquejo. — Devido à energia usada. Forçámo-la a crescer. Em Resson. Ela parou o tempo por um período demasiado longo. Nós... eu... forcei-a a crescer. — Parece que não consigo deixar de dizer sempre a mesma coisa.

— *Iria acontecer mais cedo ou mais tarde. Prateada, mesmo que a um ritmo mais lento.*

— Já está completamente crescida? — Não consigo tirar os olhos dela.

— Não. É o que vocês chamariam uma adolescente. Temos de a levar de volta para o Vale para que ela possa iniciar o Sono sem Sonhos e terminar o processo de crescimento. É bom que saibas antes de ela acordar que esta idade é reconhecidamente... perigosa.

— Para ela? A Andarna está em perigo? — O meu olhar vira-se para o Tairn por um instante assustador.

— Não, só para *todas as pessoas à volta dela. Há uma razão para os adolescentes também não se vincularem. Não têm paciência para os humanos. Nem para os mais velhos. Nem para a lógica* — resmunga o Tairn.

— Quer dizer que são como os humanos. — Uma adolescente. Fantástico.

— *Só que com dentes e, um dia, fogo.*

A Andarna tem as escamas tão pretas que o brilho que irradiam parece quase púrpura — iridescente, na verdade — sob a luz do Sol resplandecente que permeia as folhas mais acima. A cor das escamas de um dragão é hereditária...

— Espera um segundo. É tua filha? — pergunto ao Tairn. — Juro aos deuses que, se ela é mais um segredo que não me contaste, eu...

— *Eu disse-te, no ano passado, que ela não é nossa cria* — responde o Tairn, a erguer a cabeça como se estivesse ofendido. — *Os dragões pretos são raros, mas não inéditos.*

— E eu vinculei-me a dois por acaso? — riposto a olhar diretamente para ele com uma expressão furiosa.

— *Tecnicamente, ela era dourada quando tu te vinculaste a ela. Nem ela sabia de que cor iriam ficar as escamas quando crescesse. Só os mais velhos nos nossos covis são capazes de percecionar o pigmento das crias. Na verdade, no ano passado, eclodiram mais dois dragões pretos, de acordo com o Codagh.*

— Não estás a ajudar. — Deixo que a respiração estável da Andarna me diga que ela está realmente bem. Gigante, mas... bem. Ainda lhe consigo distinguir as feições: o focinho ligeiramente mais arredondado, a curva em espiral gravada nos cornos enrolados, até a forma como fecha as asas enquanto dorme... tudo nela está igual, só que muito maior. — Se ela tiver uma cauda de chicote de armas...

— *As caudas são uma questão de escolha e de necessidade.* — O Tairn bufa de indignação. — *Não vos ensinam nada?*

— Vocês não são exatamente uma espécie conhecida por ser aberta. — Tenho a certeza de que o professor Kaori ficaria com água na boca se pudesse saber coisas como essas.

O vínculo sombrio que me envolve a mente aumenta.

— Ela já acordou? — O timbre grave da voz do Xaden acelera-me a pulsação como sempre.

Viro-me e vejo-o ao lado do Brennan, da Imogen, do Garrick, do Bodhi e dos outros que o rodeiam no meio da erva alta. O meu olhar vira-se para os cadetes que eu não conheço. Dois homens e uma mulher. É mais do que estranho ter ido para a guerra com eles e mesmo assim só os ter visto a passar nos corredores. Não seria sequer capaz de tentar adivinhar os nomes deles sem me sentir uma idiota. Mas, enfim, Basgiath não foi feita para fomentar amizades fora das nossas esquadras.

Nem relações amorosas, na verdade.

Passarei todos os dias da minha vida a recuperar a tua confiança. A memória das palavras do Xaden enche o espaço que nos separa quando olhamos um para o outro.

— Temos de regressar. — Cruzo os braços à frente do peito, a preparar-me para uma discussão. — Independentemente do que aquela Assembleia diga, se não regressarmos, vão matar todos os cadetes com uma relíquia da rebelião.

O Xaden assente com a cabeça, como se já tivesse chegado à mesma conclusão.

— Eles vão perceber imediatamente a mentira que vocês lhes vão contar, seja ela qual for, e vão executar-te, Violet — replica o Brennan. — De acordo com os nossos serviços de informação, a general Sorrengail já sabe que estás desaparecida.

Ela não estava no estrado quando foram dadas as ordens para os Jogos de Guerra. Foi o ajudante, o coronel Aetos, que ficou encarregado dos jogos este ano.

Ela não sabia.

— A mãe não vai deixar que me matem.

— Diz lá isso outra vez — diz o Brennan em voz baixa. Depois, inclina a cabeça na minha direção e é tão parecido com o nosso pai que eu pestanejo duas vezes. — E, desta vez, tenta convencer-te de que acreditas no que estás a dizer. As lealdades da general são tão evidentes que pode muito bem fazer uma tatuagem na testa a dizer *Sim, há venéficos, agora volta para a aula*.

— Isso não quer dizer que me vá matar. Eu consigo convencê-la da nossa história. Ela vai querer acreditar se for eu a contar-lha.

— Não achas que te vai matar? Atirou-te para o Quadrante dos Cavaleiros! Pronto, neste caso ele tem razão.

— Sim, atirou. E olha o que aconteceu. Tornei-me uma cavaleira. Ela pode ser muitas coisas, mas *não* vai deixar que o coronel Aetos ou até o Markham me matem sem provas. Tu não a viste quando não voltaste para casa, Brennan. Ela ficou... devastada.

As mãos dele fecham-se em punhos.

— Eu sei bem as coisas atrozés que ela fez em meu nome.

— Ela não estava lá — diz um dos cavaleiros que eu não conheço, que levanta as mãos quando os outros olham para ele. É mais baixo do que os outros, tem um emblema da Terceira Esquadra, Pelotão Labareda, no ombro, o cabelo castanho-claro e um rosto rosado e redondo que me faz lembrar dos querubins habitualmente esculpidos nas estátuas de Amari.

— A sério, Ciaran? — A morena do segundo ano leva uma mão à testa, escudando a pele clara do sol e revelando um emblema da Primeira Esquadra, Pelotão Labareda, no ombro, e levanta uma sobrancelha com um *piercing* na direção dele. — Estás a defender a general Sorrengail?

— Não, Eya, não estou. Mas ela não estava lá quando foram dadas as ordens... — Ele não acaba a frase e franze as sobrancelhas em advertência. — E quem esteve encarregado dos Jogos de Guerra este ano foi o Aetos — acrescenta.

Ciaran e Eya. Olho para o rapaz magro, que empurra os óculos para cima do nariz afilado com a mão castanho-escura, e está ao lado do Garrick,

cuja estampa física imponente cria um curioso contraste.

— Desculpa, mas como é que te chamas? — Não me parece bem não os conhecer a todos.

— Masen — responde ele com um sorriso rápido. — E, se isso te ajudar — olha para o Brennan —, também não me parece que a tua mãe tenha estado envolvida nos Jogos de Guerra deste ano. O Aetos não se cansava de dizer que tinha sido o pai dele a planear tudo.

Cabrão do *Dain*.

— Obrigada. — Viro-me para o Brennan. — Apostaria a vida em como ela não sabia o que nos esperava.

— E também estás disposta a apostar as nossas? — pergunta a Eya, claramente pouco convencida, a olhar para a Imogen em busca de apoio, que não recebe.

— Eu voto para que voltemos — diz o Garrick. — Temos de arriscar. Vão matar os outros se não regressarmos, e não podemos deixar que o fluxo de armas de Basgiath seja interrompido. Quem concorda?

Uma a uma, todas as mãos se levantam, menos a do Xaden e a do Brennan.

O maxilar do Xaden lateja, e eu vejo duas rugas finas a aparecer-lhe entre as sobrancelhas. Conheço aquela expressão. Está a pensar, a maquinar alguma coisa.

— Assim que o Aetos lhe puser a mão em cima, perdemos Aretia e vocês perdem as vossas vidas — diz-lhe o Brennan.

— Eu vou ensiná-la a bloqueá-lo — responde o Xaden. — Ela já tem os escudos mais fortes do ano dela por ter aprendido a bloquear o Tairn. Só tem de aprender a mantê-los erguidos constantemente.

Não discuto. Ele tem uma ligação direta com a minha cabeça através do vínculo, o que faz dele a escolha mais lógica para treinar os escudos.

— E enquanto ela não conseguir bloquear um leitor de memórias? Como é que o vais manter longe dela se nem sequer vais estar por *perto*? — pergunta o Brennan.

— Atacando a maior fraqueza que ele tem: o orgulho. — A boca do Xaden curva-se num sorriso implacável. — Se toda a gente concorda que devemos regressar, partimos assim que a Andarna acordar.

— Estamos de acordo — responde o Garrick por todos nós, e eu tento engolir o nó que se está a formar na minha garganta.

É a decisão correta. Mas também nos poderá matar.

Sinto uma agitação atrás de mim que me chama a atenção e, quando me viro, vejo a Andarna a levantar-se, os olhos dourados a pestanejar devagar quando ela se apoia desajeitadamente sobre as patas com garras novas. O alívio e a alegria que me curvam os lábios são curtos, porque ela tem dificuldade em manter-se de pé.

Oh... deuses. Faz-me lembrar um potro acabado de nascer. As asas e as pernas da Andarna não parecem proporcionais ao corpo e *tudo* oscila quando ela tenta a todo o custo manter-se de pé. Não vai conseguir aguentar o voo de forma nenhuma. Não tenho sequer a certeza de que ela seja capaz de atravessar o campo.

— Ei — digo, lançando-lhe um sorriso.

— *Já não consigo parar o tempo.* — Ela olha para mim com cuidado, os olhos dourados a avaliar-me de uma forma que me faz lembrar a Apresentação.

— Eu sei. — Assinto com a cabeça e examino as faixas acobreadas nos olhos dela. Já existiam antes?

— *Não estás desiludida?*

— Estás viva. Ajudaste-nos a sobreviver *a todos*. Como *é* que eu poderia estar desiludida? — Sinto um aperto no peito ao olhar para os olhos arregalados da Andarna e escolho as minhas palavras com cuidado. — Nós já sabíamos que esse dom só duraria enquanto fosses pequena, e tu, minha querida, já não és pequena. — Ouço um rugido a roncar-lhe no peito e as minhas sobrelanceiras erguem-se de chofre. — Estás... a sentir-te bem? — O que raio é que eu disse para merecer *isto*?

— *Adolescentes* — resmunga o Tairn.

— *Estou bem* — atira ela, semicerrando os olhos na direção do Tairn.
— *Vamos embora agora.* A Andarna abre as asas, mas só uma delas se estende completamente e ela cambaleia devido ao desequilíbrio de pesos, avançando com o passo incerto.

As sombras do Xaden aparecem de repente vindas das árvores e envolvem o peito da Andarna, evitando que caia com o focinho no chão.

Bem. Merda.

— Eu... uh... acho que vamos ter de fazer algumas alterações a esse arreio — observa o Bodhi ao ver a Andarna com dificuldade em manter o equilíbrio. — E isso vai demorar algumas horas.

— *Consegues levá-la de volta para o Vale?* — pergunto ao Tairn. — *Ela está... enorme.*

— *Já matei cavaleiros menos capazes por esse tipo de insulto.*

— *Tão dramático.*

— *Eu consigo voar sozinha* — intervém a Andarna. recuperando o equilíbrio com a ajuda das sombras do Xaden.

— *É só por precaução* — prometo-lhe. mas ela olha para mim com um ceticismo merecido.

— Tratem do arreio rapidamente — ordena o Xaden. — Tenho um plano, mas temos de voltar daqui a menos de quarenta e oito horas para que isto dê certo e será preciso pelo menos um dia só para o voo.

— O que vai acontecer daqui a quarenta e oito horas? — pergunto.

— A graduação.

Não existe nenhum momento tão gratificante, tão entusiasmante, tão anticlimático como a Graduação do Quadrante dos Cavaleiros.

Foi o único momento em que eu invejei o Quadrante de Infantaria. Ora, esses cadetes, sim, sabem realizar uma cerimónia.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO III

O campo de batalha ainda está escuro e parece deserto quando nos aproximamos a menos de uma hora de o Sol nascer e abraçar a paisagem das montanhas e todo o grupo faz o que pode para se manter oculto.

— *Isso não quer dizer que ninguém não nos vá ver a aterrar* — lembra-me o Tairn, com as asas a bater com firmeza embora tenha voado as últimas dezoito horas quase sem parar desde Aretia. A janela de oportunidade que temos para levar a Andarna para o Vale sem que ela seja detetada é curta e, se falharmos, colocaremos todas as crias em perigo.

— *Continuo sem conseguir perceber porque é que o Empíreo haveria de concordar em deixar os dragões vincularem-se a cavaleiros humanos, sabendo que eles têm de proteger os seus próprios jovens não só dos voadores de grifos, mas ate dos próprios humanos em que, em princípio, deviam confiar.*

— *É um equilíbrio difícil* — responde o Tairn, guinando para a esquerda para seguir a geografia. — *Os Primeiros Seis cavaleiros estavam desesperados por salvar o povo quando se aproximaram dos covis, há*

quase seiscentos anos. Esses dragões formaram o primeiro Empíreo e vincularam-se aos humanos com o único objetivo de protegerem os terrenos de desova dos venéficos, que eram a maior ameaça. Não temos polegar oponível para tecer guarnições ou runas. Nenhuma das duas espécies foi inteiramente sincera, uma vez que ambas usaram a outra para os seus próprios fins e nada mais.

— Nunca me passou pela cabeça esconder-te o que quer que fosse.

O Tairn faz aquela coisa esquisita que faz com que o pescoço pareça não ter ossos, enrolando a cabeça para me olhar de frente com os olhos ligeiramente fechados por um instante antes de voltar a atenção de novo para o terreno. — *Não posso fazer nada para remediar os últimos nove meses a não ser responder às tuas perguntas pertinentes agora.*

— *Eu sei* — digo em voz baixa, na esperança de que as palavras dele me aliviem o sabor amargo da traição que pareço não conseguir tirar da boca. Vou ter de esquecer, bem sei. O Tairn estava amarrado ao vínculo de casal com a Sgaeyl, pelo que, pelo menos, tinha uma razão para não me contar nada, e não posso exatamente culpar a Andarna por ser uma criança que seguiu a liderança dele. Já o Xaden é uma questão totalmente diferente.

— Estamos a aproximar-nos. Prepara-te.

— *Acho que devíamos ter trabalhado as aterragens em corrida no Mão do ano* — brinco, a agarrar-me bem ao arção da minha sela quando o Tairn guina e o meu peso cai todo para a direita com ele. O meu corpo vai punir-me ao fim de tantas horas na sela, mas não trocaria a sensação do vento estival a bater-me no rosto por nada.

— *Se aterrasses em corrida partirias os membros todos com o impacto* — replica ele.

— *Não sabes se isso é verdade* — riposta a Andarna com o que parece ser o seu novo padrão de conversa: dizer ao Tairn que ele está errado.

Ouçó um ronco a ressoar no peito do Tairn que faz vibrar a sela em que estou sentada e os arreios que lhe seguram a Andarna ao peito.

— *Eu teria cuidado* — digo-lhe, a conter um sorriso. — *Ele pode cansar-se e largar-te.*

— *Ele é demasiado orgulhoso para isso.*

— *Diz o dragão que passou vinte minutos a recusar-se a colocar os arreios* — riposta o Tairn.

— *Pronto, chega de discussões.* — Sinto os músculos tensos e a correia que me segura as coxas crava-se na minha pele quando o Tairn mergulha e faz um voo rasante sobre o cume do monte Basgiath até conseguirmos ver de novo o campo de voo.

— *Ainda deserto* — observa o Tairn.

— *Não sei se sabes, mas as aterragens em corrida são uma manobra que aprendemos no segundo ano.* — Não é necessariamente uma manobra que me interesse dominar, mas os requisitos não mudam.

— *E uma manobra em que não vais participar* — rosna o Tairn.

— *Talvez eu a leve se tu não o fizeres* — intervém a Andarna, tendo a última palavra terminado num bocejo do tamanho de um dragão.

— *Talvez fosse melhor que trabalhasses nas tuas próprias aterragens antes de levares a nossa vinculada num voo ao encontro de Malek, não?*

Vai ser um ano comprido.

O meu estômago afunda-se quando ele se deixa cair no desfiladeiro conhecido como campo de voo.

— *Vou pousar a Andarna no Vale e depois regresso e dou uma volta por perto.*

— *Precisas de descansar.*

— *Não haverá descanso se eles decidirem executar-vos aos oito no estrado.* — A preocupação na voz dele deixa-me um nó na garganta. — *Chama-me se tiveres a mais leve desconfiança de que as coisas não vão correr como estavas à espera.*

— *Vai correr bem* — asseguro-lhe. — *Faz-me um favor e diz à Sgaeyl que eu preciso de falar com o Xaden quando estivermos no caminho para lá.*

— *Segura-te bem.*

O chão aproxima-se de nós a toda a velocidade, e eu estendo a mão para a correia que me prende as coxas, começando a desapertar a fivela quando o Tairn abre as asas para abrandar a descida de repente. O ímpeto atira-me para a frente no momento em que ele toca no chão e eu faço força para voltar a sentar o cu na sela antes de tirar o cinto.

— *Leva-a daqui para fora* — digo-lhe quando subo com dificuldade até ao seu ombro, ignorando todos os músculos que têm o descaramento de doer.

— *Não corras riscos desnecessários* — diz o Tairn quando estou a deslizar pela sua perna dianteira com a inclinação acentuada que a posição da Andarna o obriga a manter.

Os meus pés batem no chão e eu cambaleio para a frente até recuperar o equilíbrio.

— Também te adoro — sussurro, virando-me o tempo suficiente para lhe dar uma palmadinha na perna e na da Andarna antes de correr para sair da frente deles o mais rapidamente possível.

O Tairn vira a cabeça de chofre para a direita, onde a Sgaeyl aterra com uma eficiência brutal e o seu cavaleiro desmonta com a mesma categoria.

— *O chefe de divisão está a chegar.*

Só vai ser meu chefe de divisão por mais algumas horas se sobrevivermos a isto.

O Xaden caminha imediatamente na minha direção, dando mais espaço ao Tairn para que ele se lance para os ares.

A Sgaeyl descola a seguir, seguida pelo resto do grupo. Parece que estamos por nossa conta a partir de agora.

Levanto os meus óculos de voo para cima da cabeça e desaperto o casaco.

O mês de julho em Basgiath é abafado como o diabo, mesmo a esta hora da manhã.

— Foste mesmo dizer ao Tairn para dizer à Sgaeyl que querias falar comigo? — pergunta o Xaden quando os primeiros raios de sol iluminam os cumes das montanhas com uma luz púrpura.

— Exatamente. — Passo as mãos pelas minhas bainhas para ver se os punhais não saíram do sítio durante o voo e saímos do campo de voo um pouco à frente dos outros, seguindo em direção aos degraus que contornam o Guante e nos levam de volta ao quadrante.

— Não te esqueceste de que podes... — Toca com a mão na parte lateral da cabeça e anda para trás à minha frente. Eu cerro os punhos para resistir à tentação de lhe afastar alguns fios de cabelo que o vento lhe soprou para a frente da testa. Há alguns dias, ter-lhe-ia tocado sem hesitações. Diabos, teria passado os dedos pelo cabelo dele para o puxar para um beijo.

Mas o que lá vai, lá vai.

— Essa forma de falar é um pouco... — Deuses, porque é que isto é tão difícil? Parece que tudo aquilo por que me sacrifiquei ao longo do último ano no que diz respeito ao Xaden foi apagado e que estamos de volta à estaca zero de um trajeto de obstáculos que não tenho a certeza se qualquer um de nós decidiu percorrer. Encolho os ombros. — íntima.

— E nós não somos íntimos? — Ele levanta as sobrancelhas. — Porque eu consigo pensar em mais de uma ocasião em que estiveste enrolada...

Eu salto para a frente e cubro-lhe a boca com a mão.

— Chega. — Ignorar a química explosiva entre nós é suficientemente difícil sem que ele me lembre a sensação de estarmos juntos. Fisicamente, a nossa relação, ou lá o que é, é perfeita. Melhor do que perfeita. É escaldante como o diabo e mais do que viciante. Todo o meu corpo aquece quando ele me beija a pele sensível da palma da mão. Tiro a mão. — Estamos a caminho do que será seguramente um julgamento, se não uma execução, e tu pões-te com brincadeiras.

— Acredita em mim, não estou a brincar. — Ele vira-se quando chegamos aos degraus e desce primeiro, olhando para mim por cima do ombro. — Estou surpreendido por não me estares a ignorar, mas não estou a brincar de maneira nenhuma.

— Estou zangada contigo por me teres escondido informação. Ignorar-te não resolve nada.

— Bem visto. Sobre o que é que querias faiar?

— Tenho uma dúvida em que tenho estado a pensar desde Aretia.

— E só agora é que me dizes isso? — Ele chega ao fundo dos degraus e lança-me um olhar de incredulidade. — A comunicação não é o teu forte, pois não? Não te preocupes. Vamos trabalhar nisso quando estivermos a treinar os escudos.

— Isso é... irónico, vindo de ti. — Seguimos pelo caminho para o quadrante enquanto o Sol se levanta devagar à nossa direita, a luz a refletir-se nas duas espadas que o Xaden tem amarradas às costas. — O movimento tem algum copista que possa contar como amigo?

— Não. — A cidadela ergue-se à nossa frente, as suas torres a assomar acima da cumeada debaixo da qual passa o túnel. — Eu sei que crescestes a confiar em muitos deles...

— Não digas mais nada. — Abano a cabeça. — Pelo menos, enquanto eu não conseguir proteger-me do Dain.

— Para dizer a verdade, já pensei em rasgar o plano e limitar-me a atirá-lo do parapeito. — Ele não está a brincar, e eu não o censuro. Nunca confiou no Dain e, depois do que aconteceu durante os Jogos de Guerra, tenho cerca de noventa e nove por cento de certeza de que eu também não posso confiar nele. É esse um por cento que está sempre a gritar-me que ele era meu amigo que dá cabo de mim.

O um por cento que me faz questionar se o Dain sabia o que nos esperava em Athebyne.

— Seria útil, mas não sei bem se é uma boa forma de obtermos a *confiança* que queremos conquistar.

— E tu confias em *mim*?

— Queres a resposta descomplicada?

— Dado o tempo limitado que temos para estar sozinhos, é preferível.
— O Xaden detém-se junto às portas altas que dão para o túnel.

— Confio-te a minha vida. Afinal, também é a tua. — O resto depende de quão sincero ele for comigo, mas talvez este não seja o momento para discutirmos o estado da nossa relação.

Juro que vejo um traço de desilusão nos seus olhos antes de ele assentir *com* a cabeça e olhar para trás, para os seis que vêm atrás de nós e que se aproximam rapidamente.

— Vou certificar-me de que o Aetos não te põe as mãos em cima, mas poderás ter de ajudar.

— Dá-me uma oportunidade de tratar disso primeiro. Depois, podes fazer o que achares que pode funcionar. — Os sinos de Basgiath interrompem-me para anunciar a hora. Temos quinze minutos até que a formação seja chamada para a graduação.

Os ombros do Xaden endireitam-se quando os outros nos alcançam e a expressão muda para uma máscara indecifrável.

— Toda a gente sabe o que vai acontecer?

Este não é o homem que me suplicou perdão por guardar segredos, e está muito longe de ser o que jurou voltar a conquistar a minha confiança em Aretia. Não, este Xaden é o chefe de divisão que chacinou todas as pessoas que atacaram o meu quarto com uma perna às costas e sem perder um minuto de sono depois.

— Estamos prontos — diz o Garrick, a rodar o pescoço como se precisasse de aquecer antes de um combate.

— Prontos. — O Masen assente e ajeita os óculos no nariz.

Um a um, todos concordam.

— Vamos a isto. — Levanto o queixo.

O Xaden olha longa e fixamente para mim, depois assente com a cabeça. Sinto o estômago a andar às voltas quando entramos no túnel e as luzes mágicas tremeluzem ao passarmos. A outra porta já está aberta quando chegamos ao fim do túnel e eu não discuto ao ver o Xaden a colar-se ao meu lado. O mais certo é que sejamos presos assim que chegarmos ao quadrante, ou, pior, mortos, dependendo do que toda a gente souber.

O poder cresce dentro de mim, vibrando sob a minha pele, ainda sem arder, mas pronto se eu precisar dele. No entanto, não aparece ninguém quando atravessamos o pátio cheio de rochas. Temos poucos minutos até que este espaço se encha de cavaleiros e quadros militares.

Os primeiros cavaleiros que encontramos estão a sair do dormitório para o pátio com andares afetados e petulantes e emblemas da Segunda Divisão nos uniformes.

— Olhem quem chegou finalmente! Aposto que pensavam que tinham os jogos no papo, não foi, Quarta Divisão? — diz um cavaleiro com o cabelo pintado de verde-floresta e um sorriso malicioso no rosto. — Mas não! A Segunda Divisão arrebanhou os prémios *todos* quando vocês não apareceram!

O Xaden não se dá sequer ao trabalho de olhar para eles ao passarmos.

O Garrick, que está do outro lado, estica o dedo do meio.

— Parece que ninguém sabe o que aconteceu realmente — sussurra a Imogen.

— Então, há uma hipótese de isto funcionar — responde a Eya, e a luz do Sol reflete-se no *piercing* que lhe enfeita a sobancelha.

— Foda-se, claro que ninguém sabe — murmura o Xaden entre dentes. Levanta a cabeça para olhar para o cimo do edifício académico e eu sigo-lhe o olhar e sinto um aperto no coração ao ver o fogo a arder no poço no cimo do torreão mais distante. Está, sem dúvida, à espera das oferendas para Malek: pertences pessoais de cadetes que não sobreviveram aos fogos de Guerra. — Não se vão denunciar a eles próprios por nossa causa.

Ao entrarmos nos dormitórios, trocamos todos um olhar e depois dispersamo-nos sem dizer mais nada tal como planeado. O Xaden segue-me pelo corredor até chegarmos ao pequeno vestíbulo a que chamei casa nos últimos nove meses, mas não é no meu quarto que estou interessada.

Olho para a esquerda e para a direita para me certificar de que ninguém nos vê quando o Xaden abre a porta do quarto do Liam. Ele faz-me um sinal e eu passo por baixo do seu braço para entrar no quarto, o que ativa a luz mágica no teto.

O meu peito ameaça ceder ao peso da dor quando o Xaden fecha a porta depois de entrar. O Liam dormiu naquela cama há poucas noites. Estudou naquela secretária. Trabalhou nas estatuetas semiacabadas na mesinha de cabeceira.

— Tens de ser rápida — lembra-me o Xaden.

— Não demoro nada — prometo, já a dirigir-me para a secretária. Não tem nada a não ser os livros dele e uma coleção de canetas. Confiro o roupeiro, a cómoda e o baú junto aos pés da cama e saio de mãos vazias.

— Violet — adverte o Xaden em voz baixa a guardar a porta.

— Eu sei — respondo por cima do ombro. Assim que o Tairn e a Sgaeyl chegaram ao Vale, todos os outros dragões ficaram a saber que eles estavam de volta, o que quer dizer que todos os membros da chefia do quadrante também sabem que estamos aqui.

Levanto um canto do colchão pesado e suspiro de alívio. Pego na pilha de cartas atada com um cordel e deixo o colchão cair de novo no lugar.

— Já as tenho. — Não, *não* vou chorar. Até porque ainda tenho de as esconder no meu quarto.

Mas o que acontecerá se eles forem queimar as minhas coisas a seguir?

— Vamos. — O Xaden abre a porta e eu saio para o corredor ao mesmo tempo que a Rhiannon (a minha melhor amiga no quadrante) sai do quarto com o Ridoc, outro dos membros da nossa esquadra.

Oh. Merda.

— Vi! — A Rhi fica de boca escancarada e atira-se para cima de mim, agarra-me e puxa-me para um abraço. — Estás aqui! — Ela dá-me um abraço apertado e eu deixo-me relaxar nos braços dela por um instante. Parece que passou uma eternidade desde a última vez que a vi e não apenas seis dias.

— Estou aqui — asseguro-lhe, segurando as cartas com força debaixo de um braço e abraçando-a com o outro.

Ela agarra-me os ombros, empurra-me para trás e olha para mim com aqueles olhos castanhos de uma forma que me faz sentir uma merda por

causa da mentira que vou ter de lhe contar.

— Com o que andavam por aí a dizer, pensava que tinhas morrido. — O olhar dela sobe para lá da minha cabeça. — Pensava que tinham morrido os dois.

— Também corria o rumor de que te tinhas perdido — acrescenta o Ridoc.

— Mas tendo em conta a companhia, estávamos todos a apostar na teoria de que estarias morta. Ainda bem que estávamos enganados.

— Prometo que explico tudo depois, mas agora preciso de um favor — sussurro com a garganta embargada.

— Violet. — O tom do Xaden baixa.

— Podemos confiar nela — prometo, virando-me para olhar para ele. — E no Ridoc também.

O Xaden não parece nada satisfeito. Pelos vistos, estamos mesmo em casa.

— Do que é que precisas? — pergunta a Rhi, com a preocupação a franzir-lhe o sobrolho.

Eu recuo um passo e pouso as cartas nas mãos dela. A família da Rhiannon também não respeita sempre a tradição de queimar tudo. Ela vai compreender.

— Preciso que me guardes estas cartas. Esconde-as. Não deixes que ninguém... as queime. — Fico sem voz.

Ela baixa os olhos para as cartas e arregala-os antes de os ombros lhe caírem para a frente e o rosto se enrugar.

— De quem... — começa o Ridoc, a olhar por cima do ombro dela antes de se calar. — Merda.

— Não — sussurra a Rhiannon, mas eu sei que ela não me está a recusar o favor. — O Liam não. Não. — Os olhos dela levantam-se devagar até se fixarem nos meus.

Sinto as pupilas a arder, mas consigo assentir com a cabeça e aclarar a garganta.

— Promete-me que não vais deixar que as encontrem quando vierem buscar as coisas dele, se eu não... — Não sou capaz de terminar a frase.

A Rhiannon assente com a cabeça.

— Não estás ferida, pois não? — Ela olha de novo para mim de cima a baixo, pestanejando ao ver a fileira de pontos no meu casaco de voo, no lugar em que o buraco da faca do venéfico foi remendado em Aretia.

Abano a cabeça. Não estou a mentir. Não totalmente. O meu corpo está em perfeitas condições neste momento.

— Temos de ir — diz o Xaden.

— Vemo-nos na graduação. — Lanço-lhes um sorriso lacrimejante, mas dou um passo na direção do Xaden. Quanto mais longe os meus amigos estiverem de mim, mais seguros estarão num futuro próximo.

— Como é que consegues? — sussurro para o Xaden quando viramos a esquina e entramos no movimentado corredor principal dos dormitórios do primeiro ano.

— Como é que consigo o quê? — Ele caminha com os braços soltos junto às ilhargas sempre a olhar para as pessoas à nossa volta e coloca a mão no fundo das minhas costas, como se tivesse receio de que nos separássemos. Estamos num momento de grande alvoroço e por cada pessoa demasiado ocupada para reparar em nós há outra que olha uma segunda vez quando se cruza connosco. Todos os marcados que vemos dão um leve aceno de cabeça ao Xaden, como que a dizer que foram avisados pelos outros.

— Mentir às pessoas de quem gostas?

Os nossos olhares colidem.

Passamos por um dos bustos dos Primeiros Seis e seguimos o fluxo da multidão, transpondo a escada larga em espiral que conduz aos dormitórios dos anos mais avançados.

O maxilar do Xaden cerra-se.

— Vi...

Eu levanto a mão para o interromper.

— Não é um insulto. Preciso de saber como consegues.

Afastamo-nos da turba de cadetes que estão a sair para o pátio e o Xaden acelera o passo, decidido, em direção à rotunda, abrindo a porta com força e fazendo-me sinal para passar. Eu afasto-me da mão que ele pousa no fundo das minhas costas.

Zihnal deve estar a sorrir-nos, porque, felizmente, o lugar está vazio durante o segundo que o Xaden demora a puxar-me para trás do primeiro pilar que aparece à nossa frente. O dragão vermelho esconde-nos de qualquer pessoa que possa passar pelo espaço que liga todas as alas do quadrante.

E a verdade é que a divisão abobadada não demora a encher-se de vozes e sons de passos, mas ninguém nos vê atrás do enorme pilar, e foi precisamente por essa razão que escolhemos este sítio como local de encontro. Olho em volta do Xaden e reparo no vazio atrás dos pilares que estão ao nosso lado. Ou toda a gente está do outro lado da rotunda ou fomos os primeiros a chegar.

— Para que conste, eu não minto às pessoas de quem gosto. — O Xaden baixa a voz a olhar para mim com uma intensidade que me cola as costas ao pilar de mármore. Ele inclina-se na minha direção, ocupando-me o campo de visão até eu não ver mais nada. — E *nunca* te menti a ti, podes ter a certeza. Mas a arte de dizer verdades seletivas é uma das coisas que vais ter de aprender a dominar, se não vamos acabar por morrer todos. Eu sei que confias na Rhiannon e no Ridoc, mas não lhes podes contar a verdade, tanto para o bem deles como para o nosso. Se eles souberem também estarão em risco. Tens de ser capaz de compartimentar a verdade. Se não fores capaz de mentir aos teus amigos, mantém as distâncias. Compreendes?

Eu fico tensa. Claro que sei que ele tem razão, mas ouvi-lo de forma tão direta atinge-me como uma faca no estômago.

— Compreendo.

— Nunca tive intenção de te colocar nesta situação. Nem com os teus amigos nem, muito menos, com o coronel Aetos. E essa é uma das principais razões por que nunca te contei nada.

— Há quanto tempo sabias do Brennan? — Pode não ser o momento certo, mas, de repente, é o *único* possível.

Ele expira devagar.

— Sei do Brennan desde que ele *morreu*.

Os meus lábios entreabrem-se e sinto algo no peito, um peso que estava lá desde Resson e que diminuiu de repente.

— O que foi?

— Não fugiste à pergunta. — Tenho de admitir que fiquei um pouco surpreendida.

— Eu prometi-te algumas respostas. — O Xaden inclina-se para a frente. — Mas não te posso prometer que vais gostar do que vais ouvir.

— Prefiro sempre a verdade. — *Algumas* respostas?

— Dizes isso agora. — Os lábios dele contorcem-se com o sorriso irónico.

— Preferirei *sempre*. — Os sons de botas a arrastarem-se atrás de nós à medida que os instruendos se dirigem para a formação lembram-me que não estamos completamente sozinhos, mas preciso que o Xaden ouça o que tenho para dizer. — Se as últimas semanas te mostraram alguma coisa, deverá ser que eu não fujo da verdade, por mais dura que seja e por mais que custe.

— Sim, bem, a mim custaste-me tu. — Todo o meu corpo se retesa e os olhos dele fecham-se completamente. — Merda. Não deveria ter dito isto. — Abre-os novamente, abanando a cabeça, e a infelicidade abjeta que vejo lá dentro aperta-me o coração. — Eu sei que foi por *não* te contar. Eu percebo isso. Mas quando a vida de toda a gente à nossa volta depende da nossa capacidade de mentir, não é fácil perceber que é a verdade que nos vai salvar. — Um suspiro sacode-lhe os ombros. — Se pudesse fazer tudo de novo fá-lo-ia de forma diferente, juro, mas não posso, e agora estamos aqui.

— Agora estamos aqui. — E eu nem sequer sei ao certo que *aqui* é este. Transfiro o peso para a outra perna. — Mas desde que estejas a ser sincero quando dizes que me vais contar tudo...

Ele estremece e eu sinto um muno no estômago.

— *Vais* contar-me tudo quando eu for capaz de me proteger com os escudos, não vais? — Tento controlar-me para não o agarrar e começar a

sacudi-lo. Com toda a força. — Foi isso que me prometeste no teu quarto. — Ele *não* me está a fazer isto. — Tudo o que quiseses saber e tudo o que *não* quiseses. Foram estas as tuas palavras.

— Tudo sobre mim.

Oh, foda-se, e não é que está a fazer-me isto. Outra vez.

Abano a cabeça.

— Não foi isso o que tu prometeste.

O Xaden prepara-se para dar um passo na minha direção, mas eu levanto o queixo, desafiando-o a tocar-me neste momento. Como é inteligente, não tira o pé do chão.

Passa a mão pelo cabelo e suspira.

— Bem, responderei a qualquer pergunta que queiras fazer sobre *mim*. Deuses, eu quero que perguntes, que me conheças suficientemente bem para confiares em mim mesmo quando *não* te posso contar tudo. — Acena com a cabeça como se estas palavras estivessem incluídas na promessa original quando sabemos perfeitamente bem que não estavam. — Porque tu não te apaixonaste por um cavaleiro vulgar. Apaixonaste-te pelo líder de uma revolução — sussurra ele, num som tão baixo que mal me chega aos ouvidos. — Em certo sentido, irei ter sempre segredos.

— Só podes estar a brincar comigo. — Deixo que a raiva assome à superfície na esperança de que me alivie a dor que me despedaça o coração depois de o ouvir. O Brennan mentiu-me durante seis anos, deixou-me chorar a puta da morte dele durante este tempo todo quando, na verdade, estava vivo. O meu amigo mais antigo roubou-me as memórias e, possivelmente, enviou-me para uma morte que pensava ser certa. A minha mãe construiu toda a minha *vida* em cima de uma mentira. Não tenho sequer a certeza de quais são as partes da minha educação que são reais e de quais são as forjadas, e ele ainda pensa que eu *não* lhe vou exigir uma honestidade total e completa?

— Não estou a brincar. — O tom dele não tem uma ponta de arrependimento. — Mas isso não quer dizer que não te vou deixar entrar como te prometi. Sou um livro aberto no que respeita a...

— Ao que *te* apetecer. — Abano a cabeça. — E isso para mim *não* é suficiente. Desta vez, não. Não posso voltar a confiar em ti sem abertura total. Ponto final.

Ele pestaneja como se eu tivesse conseguido admirá-lo.

— Abertura. Total — exijo, como qualquer mulher racional a fitar um homem que lhe escondeu que o irmão dela estava vivo, para não falar de toda uma guerra. — Posso perdoar-te por me teres deixado às escuras até hoje. Fizeste-o para salvar vidas, talvez até a minha. Mas a partir de agora quero sinceridade *total* ou... — Deuses, será que vou ter de o dizer?

Será que vou mesmo ter de fazer um ultimato ao cabrão do Xaden Riorson?

— Ou o quê? — Ele inclina-se na minha direção, os olhos cada vez mais contundentes.

— Ou vou-me dedicar a desapaixonar-me de ti — atiro.

A surpresa esgazeia-lhe os olhos um segundo antes de o canto da boca se dobrar num sorriso malicioso.

— Boa sorte com isso. Eu tentei fazer o mesmo durante uns bons cinco meses. Depois diz-me como é que te estás a sair.

Solto um riso escarninho, sem saber o que dizer quando os sinos tocam, anunciando o início da formação.

— Está na hora — diz ele. — Mantém os escudos em pé. Bloqueia toda a gente como praticámos quando estávamos a viajar para cá.

— Não te posso bloquear a *ti*.

— Vais descobrir que sou mais difícil de bloquear do que a maioria. — O sorriso afetado que ele me lança é enfurecedor e eu enrolo as mãos uma na outra para manter os punhos ocupados.

— Ei, detesto interromper o que é claramente um momento muito vosso — sussurra o Bodhi em voz alta, à minha esquerda. — Mas aquele foi o último toque e essa é a nossa deixa para darmos início a este pesadelo.

O Xaden olha para o primo com cara de poucos amigos, mas assentimos ambos com a cabeça. Quando seguimos os oito para o centro da

rotunda, o Xaden não lhes faz a desfeita de lhes perguntar se concluíram as missões que lhes tinham sido confiadas.

O estômago salta-me para a boca quando ouço o anúncio do rol de mortes no pátio.

— Não vou morrer hoje — sussurro para comigo.

— Espero mesmo que tenhas razão em relação a esta merda toda — diz o Garrick ao Xaden quando chegamos à porta aberta. — Seria uma infelicidade ter os três anos completos e morrer no dia da graduação.

— Tenho razão. — O Xaden sai para o pátio e nós seguimo-lo em direção à luz do Sol.

— Garrick Tavis. Xaden Riorson. — A voz do capitão Fitzgibbons chega a toda a formação quando ele avança com a leitura do rol de mortes.

— Bem, isto é um pouco confrangedor — diz o Xaden em voz alta.

E todas as cabeças do pátio se viram na nossa direção.

Uma vez que os dragões defendem ferozmente as suas crias e toda a informação respeitante ao seu desenvolvimento, só se conhecem quatro factos acerca do Sono sem Sonhos. Primeiro, é um momento crítico de rápido crescimento e desenvolvimento. Segundo, a duração varia de raça para raça. Terceiro, como o nome indica, não tem sonhos e, quarto, acordam famintos.

— GUIA DE CAMPO PARA A DRACONIDADE DO CORONEL KAORI



CAPÍTULO IV

O meu coração bate tão depressa que podia contar o tempo ao ritmo das asas de um colibri quando atravessamos o pátio em direção ao estrado, com o Xaden dois passos à nossa frente. O Xaden avança sem medo, com os ombros direitos e a cabeça levantada, a raiva a manifestar-se em cada passo decidido, em cada traço tenso do corpo.

Levanto o queixo e foco-me na plataforma à nossa frente, a ouvir a gravilha a estalar debaixo das minhas botas, um som que abafa os vários arquejos dos cadetes à minha esquerda. Posso não ter a confiança do Xaden, mas posso fingir que tenho.

— Vocês... não estão mortos. — O capitão Fitzgibbons, o copista destacado para o Quadrante dos Cavaleiros, fita-nos com os olhos arregalados sob as sobrancelhas grisalhas, e o rosto engelhado adquire o mesmo tom creme do uniforme enquanto ele agita o rol de mortes nas mãos, que acaba por deixar cair.

— Parece que não — responde o Xaden.

É quase cómica a forma como o comandante Panchek abre a boca quando se vira para nós, na cadeira em que está sentado no estrado. Poucos segundos depois, a minha mãe e o coronel Aetos levantam-se e tapam-lhe a vista.

A Jesinia dá um passo em frente para apanhar o rol de mortes do capitão Fitzgibbons com os olhos castanhos arregalados sob o capuz creme.

— Fico contente por estares viva — gestua rapidamente antes de pegar no rol.

— Eu também — gestuo em resposta, com uma sensação de mal-estar a dominar-me. Será que ela sabe o que o quadrante dela lhe está realmente a ensinar? Nenhuma de nós fazia ideia disso nos anos em que estudámos juntas.

As faces do coronel Aetos vão ficando mais vermelhas a cada passo que damos, e o olhar fixa-se no nosso grupo de oito cadetes, sem dúvida a registar quem está e quem não está.

A minha mãe olha-me nos olhos por um instante, um canto da boca a dobrar-se para cima numa expressão que tenho um pouco de medo de chamar de... orgulho, antes de a disfarçar, retomando a distância profissional que manteve irrepreensivelmente ao longo do último ano. Um instante. É o suficiente para eu saber que tenho razão. Os olhos dela não mostram raiva... nem medo nem surpresa. Só alívio.

Ela não estava a par dos planos do Aetos. Sei-o com cada fibra do meu ser.

— Não compreendo — diz o Fitzgibbons para os dois copistas atrás dele e antes de se dirigir ao Panchek. — Não estão mortos. Porque é que foram indicados para o rol de mortes?

— Sim, porque é que eles foram indicados para o rol de mortes? — pergunta a minha mãe ao coronel Aetos com os olhos a semicerrarem-se.

Sopra uma brisa fria e, embora seja um alívio momentâneo do calor sufocante, eu sei o que significa realmente: a general está furiosa. Olho para o céu, mas só vejo azul. Pelo menos, não convocou uma tempestade. Ainda.

— Estavam desaparecidos há seis dias! — O coronel Aetos ferve de raiva e a voz eleva-se a cada palavra. — Por isso, declarámo-los mortos com toda a naturalidade, mas é óbvio que nos enganámos e que devíamos tê-los acusado de deserção e incumprimento do dever.

— Quer acusar-nos de deserção? — O Xaden sobe as escadas do estrado e o coronel Aetos recua um passo, com um brilho de medo no olhar. — O coronel enviou-nos para o *combate* e vai acusar-nos de deserção? — O Xaden não precisa de gritar para que a voz chegue, clara, a toda a formação.

— Do que é que ele está a falar? — pergunta a minha mãe, com o olhar a dividir-se entre o Xaden e o Aetos.

Aqui vamos nós.

— Não faço ideia — diz o coronel Aetos, tartamudo.

— Recebi ordens para levar uma esquadra para Athebyne, que fica além das guarnições, e formar o quartel-general dos Jogos de Guerra da Quarta Divisão e assim fiz. Parámos para o grupo descansar no lago mais próximo depois das guarnições e fomos atacados por grifos. — A mentira sai-lhe da língua com a facilidade da verdade, o que é ao mesmo tempo impressionante... e enfurecedor, porque ele não tem um único tique que o denuncie.

A minha mãe pestaneja e o coronel Aetos franze as sobrancelhas densas.

— Foi um ataque surpresa, que acabou por apanhar o Deigh e o Fuil desprevenidos. — O Xaden roda ligeiramente como se estivesse a falar com as divisões e não com a chefia. — Morreram antes de terem uma oportunidade de se defenderem.

Sinto uma dor a aflorar-me o peito e a tirar-me o fôlego. Os cadetes à nossa volta murmuram, mas eu continuo focada no Xaden.

— Perdemos o Liam Mairi e a Soleil Telery — acrescenta o Xaden antes de olhar por cima do ombro na minha direção. — E quase perdemos a Sorrengail.

A general gira e, por um segundo, olha-me de cima a baixo como se não fosse apenas a minha oficial superior, com preocupação e um toque de horror nos olhos. Olha para mim como se fosse apenas a... minha mãe.

Eu assinto com a cabeça e a dor que me aperta o peito intensifica-se.

— Ele está a mentir — acusa o coronel Aetos. A certeza na voz deixa-me a cabeça a andar à roda a contemplar a possibilidade de não conseguirmos levar o nosso plano adiante, de sermos mortos aqui mesmo antes de termos a oportunidade de convencer a minha mãe.

— *Estou logo atrás da cumeada* — diz-me o Tairn.

— Respira — sussurra o Garrick. — Se não, desmaias.

Eu inspiro e tento acalmar a pulsação.

— Porque haveria eu de mentir? — O Xaden levanta a cabeça e olha para o coronel Aetos de cima para baixo com o mais puro desprezo. — Mas se o coronel não acredita no que eu estou a dizer, a general Sorrengail será com certeza capaz de discernir a verdade na própria filha.

Esta é a minha deixa.

Passo a passo, subo as escadas da plataforma de madeira densa e paro no lado esquerdo do Xaden. Sinto o sol a bater-me nas peles de voo e o suor a correr-me nas costas do pescoço.

— Cadete Sorrengail? — A minha mãe cruza os braços e olha para mim com expectativa.

O peso da atenção do quadrante obriga-me a aclarar a garganta.

— É verdade.

— Mentiras! — grita o coronel Aetos. — É impossível que dois dragões tenham sido derrubados por um bando de grifos. Impossível. Temos de os separar e interrogar cada um deles individual mente.

O meu estômago vira e revira.

— Não me parece que seja necessário — responde a general e eu sinto uma rajada gelada a agitar-me os cabelos que o voo soltou. — E, se fosse a si, pensaria duas vezes antes de insinuar que uma Sorrengail não diz a verdade.

O coronel Aetos põe-se tenso.

— Diga-me o que aconteceu, cadete Sorrengail. — A minha mãe levanta a cabeça para o lado e lança-me o olhar: a expressão que usou ao longo de toda a minha infância quando queria descobrir a verdade sempre que o Brennan, a Mira e eu nos juntávamos para esconder alguma tropelia.

— *Verdade seletiva* — lembra-me o Xaden. — *Não digas nenhuma mentira.*

Foda se, pela forma como ele fala até parece fácil.

— Voámos para Athebyne, seguindo as ordens que nos tinham sido dadas. — Olho-a nos olhos. — Como o Riorson disse, parámos num lago cerca de vinte minutos depois de passarmos pelas guarnições, para os dragões poderem beber e desmontarmos um pouco. Só vi dois dos grifos aparecerem com os respetivos cavaleiros, mas aconteceu tudo depressa de mais. Ainda não estava a perceber bem o que estava a acontecer... — *Não te descomponhas.* Passo a mão em cima do bolso e sinto as reentrâncias da estatueta da Andarna em que o Liam estava a trabalhar antes de morrer. — O dragão da Soleil foi morto e o Deigh foi esventrado. — As lágrimas sobem-me aos olhos, mas eu pestanejo até a minha visão clarear. A minha mãe só responde à força. Se eu mostrar algum sinal de fraqueza, vai considerar que o meu relato não passa de histeria. — Não tivemos hipótese para lá das guarnições, general.

— E depois? — pergunta a minha mãe, sem denunciar um traço de emoção.

— Depois, segurei o Liam nos braços a vê-lo morrer — afirmo depressa para esconder a tremedeira que sinto no queixo. — Não podíamos fazer nada por ele depois de o Deigh morrer. — Demoro um segundo para enfiar as memórias, a emoção, na caixa em que têm de ficar para isto funcionar. — E ainda antes de o corpo dele ficar frio, fui esfaqueada com uma lâmina envenenada.

A minha mãe arregala os olhos e desvia-os rapidamente de mim.

Centro a atenção no coronel Aetos.

— Mas quando fomos à procura de ajuda em Athebyne verificámos que o posto avançado estava completamente deserto e encontrámos uma nota a dizer que o chefe de divisão Riorson podia ir vigiar uma aldeia próxima ou acorrer a Eltuval.

— Está aqui a missiva. — O Xaden leva a mão ao bolso e retira as ordens dos Jogos de Guerra. — Não sei bem o que é que a destruição de uma aldeia estrangeira tinha que ver com os Jogos de Guerra, mas não ficámos por lá para descobrir. A cadete Sorrengail estava a morrer e eu decidi preservar o que restava da minha esquadra. — Estende o papel amarrotado com as ordens à minha mãe. — Decidi salvar a sua filha.

A minha mãe arranca-lhe as ordens da mão e endireita-se.

— Demorámos *dias* a encontrar uma pessoa capaz de me curar, embora eu não me lembre de ser tratada — digo-lhes. — E assim que deixei de correr risco de vida voltámos para aqui. Chegámos há cerca de uma hora, como estou certa de que o Aimsir poderá confirmar.

— E os corpos? — pergunta o coronel Aetos.

Oh, *merda*.

— Eu... — Não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que o Xaden me disse que enterraram o Liam.

— A Sorrengail não tem como saber — responde o Xaden. — Estava delirante devido ao veneno. Assim que descobrimos que não poderíamos encontrar ajuda em Athebyne, metade do grupo voltou para o lago e queimou os corpos dos cavaleiros e dos dragões enquanto eu levei a outra metade à procura de ajuda. Se procuram provas, poderão encontrá-las a cerca de cem metros do lago, na clareira a leste, ou nas cicatrizes frescas dos nossos dragões.

— Chega. — A minha mãe detém-se, sem dúvida a procurar confirmação com o dragão dela, e depois vira-se devagar para o coronel Aetos, e, apesar de ele ser alguns centímetros mais alto do que ela, parece subitamente mais baixo. A superfície do estrado começa a encher-se de gelo. — Esta é a sua letra. Esvaziou um posto avançado de importância incalculável atrás das guarnições para os *Jogos de Guerra*?

— Foi só por alguns dias. — O coronel tem a sensatez de recuar um passo. — A general disse-me que os jogos ficavam ao meu critério este ano.

— E é claro que o seu critério não faz o caralho de sentido nenhum — replica ela. — Já ouvi tudo o que precisava de ouvir. Corrijam o rol de mortes, levem estes cadetes para a formação e deem início à graduação para que os novos tenentes possam dirigir-se para as respetivas divisões. Quero vê-lo no meu gabinete daqui a trinta minutos, coronel Aetos.

O alívio deixa-me os joelhos bambos. A minha mãe acredita em mim.

O pai do Dain põe-se em sentido.

— Sim, general.

— Sobreviveste a uma facada depois de teres sido atirada para o combate enquanto cadete do primeiro ano — diz-me ela.

— É verdade.

Ela assente com a cabeça e um meio-sorriso de satisfação curva-lhe os lábios por um instante.

— Talvez sejas mais parecida comigo do que eu estava disposta a acreditar.

Sem dizer mais nada, a minha mãe passa entre mim e a borda do estrado em direção às escadas, deixando-nos com o coronel Aetos. O gelo dissipa-se imediatamente e eu ouço-lhe os passos na gravilha atrás de nós, quando o coronel se vira para mim e para o Xaden.

Mais parecida com ela? Isso é a *última* coisa que eu quero ser.

— Vocês não vão escapar impunes com isto — diz o coronel Aetos entre dentes, mas com a voz baixa.

— Escapar com o quê exatamente? — responde o Xaden, igualmente em voz baixa.

— *Ambos* sabemos que vocês não foram retirados da missão por *grifos*. — Vemos uma chuva de perdigotos a sair-lhe da boca.

— O que mais poderia ter-nos atrasado e chacinado dois dragões e os respetivos cavaleiros? — Eu semicerro os olhos e deixo transparecer toda a minha raiva. Foi graças a ele que o Liam e a Soleil morreram. Ele que se

foda. — Se acha que existe outra ameaça por aquelas bandas, será melhor partilhar essa informação com o resto do quadrante para que possamos treinar adequadamente para a enfrentar.

Ele olha para mim com uma expressão de fúria.

— És uma tremenda desilusão, Violet.

— Chega — ordena o Xaden. — O coronel apostou e perdeu. Não pode dizer o que pensa ser a verdade sem... bem, sem a dizer, pois não? — Um sorriso cruel inclina os lábios do Xaden. — Mas eu pessoalmente penso que tudo isto pode ser resolvido facilmente por meio de uma missiva para o general Melgren. Ele terá visto o resultado da nossa batalha com os grifos, seguramente.

Sinto uma onda de satisfação a percorrer-me o corpo ao ver a forma como as feições do coronel perdem a tensão.

Graças às relíquias da rebelião que eles têm nos corpos, o Melgren não pode confirmar *nada* quando há três ou mais marcados envolvidos, e parece que o coronel Aetos está ciente disso.

— Posso partir do princípio de que estamos dispensados? — pergunta o Xaden.

— Não sei se reparou, mas o resto do quadrante está a olhar para nós com toda a atenção. Por isso, a menos que deseje mantê-los entretidos contando-lhes o que nos aconteceu...

— Vão. Para. A. Formação. — O coronel rosna as palavras entre dentes cerrados.

— Com todo o gosto, coronel. — O Xaden espera que eu desça os degraus e depois segue-me. — Está resolvido — diz ao Garrick. — Leva toda a gente para a formação.

Eu olho por cima do ombro e vejo o Fitzgibbons a abanar a cabeça, desorientado, enquanto ajeita o rol de mortes, e depois volto para a minha esquadra, caminhando entre a Imogen e o Xaden.

— Não tens de me acompanhar de volta — sussurro, ignorando os olhares de todos os cadetes por que passamos.

— Prometi ao teu irmão que trataria do outro Aetos.

— Eu dou bem conta do Dain. — Um pontapé rápido nos tintins não seria injustificado, pois não?

— Tentámos a tua estratégia no ano passado. Agora vamos tentar a minha.

A Imogen levanta as sobrancelhas, mas não diz nada.

— Violet! — O Dain sai da formação e vem na nossa direção quando estamos a chegar à Segunda Esquadra, Pelotão Labareda. A preocupação e o alívio que lhe marcam os traços do rosto deixam o meu poder a formigar-me nas mãos.

— *Não o podes matar aqui* — avisa o Xaden.

— Toca-me e eu juro pelos deuses que te corto as putas das mãos e deixo o quadrante a colar os pedacinhos em que te vou fazer na próxima ronda de desafios, Dain Aetos. — As minhas palavras valem um par de gritos abafados, mas eu estou-me nas tintas para quem me ouve.

— *Isso, violência.* — O toque de diversão no tom do Xaden não lhe chega ao rosto.

— O quê? — O Dain detém-se imediatamente e ergue as sobrancelhas quase até ao cabelo. — Não podes estar a falar a sério, Ví.

— Estou, sim. — Pouso as mãos junto às bainhas das coxas.

— É bom que a leves a sério. Na verdade... — O Xaden não se dá ao trabalho de baixar a voz. — Se não o fizeres, vou-me sentir pessoalmente ofendido. Ela fez a escolha dela e não passou por ti. Nunca passará. Eu sei-o. Ela sabe-o. Todo o quadrante o sabe.

Oh, matem-me já. O calor afogueia-me as faces. Ser apanhada com o casaco de voo dele antes dos Jogos de Guerra é uma coisa. Revelar a nossa relação em público — quando eu nem sequer tenho a certeza de que exista uma relação — é outra.

A Imogen abre um sorriso rasgado e eu penso nas vantagens de lhe dar uma cotovelada nailharga.

O Dain olha de relance para a esquerda e para a direita, o rosto tão corado que eu consigo vislumbrar-lhe a cor debaixo da barba clara e rasa quando toda a gente tem os olhos postos em nós.

— Mais alguma coisa, Riorson? Vais ameaçar matar-me, é? — riposta ele, com uma repugnância no rosto tão parecida com a do pai dele que eu sinto uma azia no estômago.

— Não. — O Xaden abana a cabeça. — Porque haveria de te ameaçar, quando a Sorrengail é perfeitamente capaz de o fazer sozinha? Ela não quer que lhe toques. Tenho quase a certeza de que *toda a gente* do quadrante a ouviu. Acho que não é preciso dizer mais nada para que enfies a viola no saco. — O Xaden inclina-se para a frente e fala num sussurro que mal me chega aos ouvidos. — Mas, se não for, quero que te lembres de uma palavra sempre que pensares estender a mão para lhe tocar na cara.

— E que palavra é essa? — pergunta o Dain com os dentes cerrados.

— Athebyne. — O Xaden endireita-se e a ameaça pura da expressão que lhe lança deixa-me a pele arrepiada.

A espinha do Dain retesa-se quando o coronel Panchek manda a formação pôr-se em sentido.

— Nenhuma resposta? Interessante. — O Xaden inclina a cabeça para o lado a estudar o rosto do Dain. — Volta para a formação, *chefe de esquadra*, antes que eu perca a paciência e toda a aparência de civilidade por causa do Liam e da Soleil.

O Dain empalidece e tem a decência de desviar o olhar antes de recuar para o seu lugar à frente da esquadra que comanda.

O Xaden vira-se para mim e os nossos olhares cruzam-se por um instante antes de ele se dirigir para a frente da Quarta Divisão.

Deveria ter calculado que atacar o orgulho do Dain daria azo a um espetáculo público.

A esquadra agita-se, abrindo espaço para que a Imogen e eu ocupemos os nossos lugares habituais e eu sinto o rosto a aquecer quando vejo os olhares pouco discretos dos meus amigos.

— Isso foi interessante — sussurra a Rhiannon ao meu lado, com os olhos inchados e vermelhos.

— Foi escaldante — comenta a Nadine, que está ao lado do Sawyer à nossa frente.

— Foda-se, os triângulos amorosos podem tornar-se muito confrangedores, não acham? — diz a Imogen.

Eu lanço um olhar de fúria por cima do ombro por ela estar a pegar na insinuação — ou assunção — do Xaden, mas ela encolhe os ombros sem nenhum arrependimento.

— Deuses, tinha saudades tuas. — A faixa azul nos caracóis loiros e curtos da Quinn baixa-se quando ela toca no ombro da Imogen com o dela. — Os Jogos de Guerra foram uma porcaria. Não perdeste grande coisa.

O capitão Fitzgibbons avança no estrado com o suor a escorrer-lhe pelo rosto e retoma a leitura do rol de mortes a partir do ponto em que o tínhamos interrompido.

— Já vai em dezassete — sussurra a Rhiannon. O último teste dos Jogos de Guerra é sempre mortal de forma a assegurar que só os cavaleiros mais fortes avançam para a graduação... o Liam era o mais forte do nosso ano, mas nem isso o salvou.

— Soleil Telery. Liam Mairi — lê o capitão Fitzgibbons.

Eu tenho dificuldade em levar o ar aos pulmões, luto contra o ardor que sinto nos olhos, e todos os outros nomes são uma massa indistinta que só acaba quando o copista acaba de ler o rol, confiando as almas dos mortos a Malek.

Nenhum de nós chora.

O comandante Panchek aclara a garganta e, embora não tenha necessidade de amplificar a voz tendo em conta o baixo número a que fomos reduzidos ao longo do último ano, ele parece não conseguir conter-se.

— Tirando as comendas militares, não vamos perder tempo a enaltecer os nossos cavaleiros. A nossa recompensa por termos feito bem o nosso trabalho é estarmos vivos para conhecermos o nosso próximo posto de serviço e a nossa categoria seguinte. Em conformidade com as nossas

tradições e os nossos padrões, aqueles que acabaram o terceiro ano serão promovidos a tenentes do exército de Navarre. Avancem quando ouvirem o vosso nome para receberem as vossas ordens. Têm até amanhã de manhã para partirem para os vossos novos postos de serviço.

Os instruendos do terceiro ano são chamados pelotão a pelotão, a começar pela Primeira Divisão, e cada um deles pega nas respectivas ordens antes de sair do pátio.

— É um pouco avassalador — sussurra o Ridoc ao meu lado, o que lhe vale um olhar furioso por cima do ombro do Dain, que está duas filas mais à frente.

Ele que se foda.

— Estou só a dizer que sobreviver três anos a este lugar deveria valer um abastecimento perpétuo de cerveja e uma festa tão rija que no fim nem nos lembramos dela. — Encolhe os ombros.

— Isso é logo à noite — diz a Quinn. — Eles estão a... escrever as ordens à mão?

— Para os instruendos do terceiro ano que eles pensavam que tinham morrido — diz o Heaton do fundo da fila.

— Quem é que acham que vai ser o nosso novo chefe de divisão? — sussurra a Nadine atrás de mim.

— A Aura Beinhaven — responde a Rhiannon. — Ela foi fundamental para a vitória da Segunda Divisão nos Jogos de Guerra, mas o Aetos também não se saiu nada mal a fazer as vezes do Riorson.

O Heaton e o Emery são os chamados da nossa esquadra.

Eu relanceio para os outros, a lembrar-me dos instruendos do primeiro ano que começaram connosco mas não vão terminar. Os instruendos do primeiro ano que estão enterrados no sopé de Basgiath, em filas intermináveis de pedras, ou que foram levados para casa para serem sepultados. Os instruendos do segundo ano que nunca verão uma terceira estrela nos ombros. Os instruendos do terceiro ano como a Soleil que tinham a certeza de que se iriam graduar e acabaram por cair.

Talvez este lugar seja exatamente o que o voador de grifos lhe chamara: uma fábrica de morte.

— Xaden Riorson — chama o comandante, e a minha pulsação acelera quando vejo o Xaden avançar, decidido, para pegar nas ordens como último instruendo do terceiro ano na formação.

Sinto um enjoo no estômago e balanço. Ele vai-se embora amanhã de manhã. Vai desaparecer daqui. Dizer a mim própria que o vou ver com alguma regularidade por causa do vínculo de casal do Tairn e da Sgaeyl não amaina o pânico que me acelera a respiração. Ele não vai estar aqui. Nem no tapete, a testar-me e a incentivar-me a ser melhor. Nem na aula de Sumário de Batalha, nem na linha de voo.

Deveria ficar feliz pelo espaço que vou ter, mas não estou.

O Panchek volta ao lugar dele no palanque e passa as mãos pelas linhas apuradas do uniforme como se estivesse a alisar rugas.

— Vou ter *contigo antes de me ir embora*. — A voz do Xaden permeia-me o escudo e interrompe-me a espiral de pensamentos, depois desaparece quando ele sai do pátio em direção ao dormitório.

Pelo menos, vamos poder despedir-nos. Ou discutir mais uma vez. Enfim.

— Parabéns aos novos tenentes — diz o Panchek — Os restantes deverão dirigir-se ao centro de distribuição para entregar os respetivos uniformes e recolher os novos. E, sim, podem ficar com os emblemas que conquistaram. A partir deste momento, os instruendos do segundo ano passam a ser do terceiro e os do primeiro ano passam a ser do segundo, com todos os privilégios que isso lhes confere. As novas nomeações para as chefias serão afixadas no refeitório esta noite. Estão dispensados.

Ouvem-se sonoros vivas no pátio e eu sou puxada para um abraço pelo Ridoc, depois pelo Sawyer, depois pela Rhiannon e até pela Nadine.

Conseguimos. Somos oficialmente do segundo ano.

Dos onze instruendos do primeiro ano que entraram na nossa esquadra durante o ano, tanto antes como depois da Debulha, somos os únicos cinco que restam.

Por enquanto.

Ao fim de três mortes consecutivas durante os interrogatórios, é opinião deste comando que o major Burton Varrish deverá ser retirado de uma divisão ativa até novo aviso.

— MISSIVA DO TENENTE-CORONEL DEGRENSI, POSTO AVANÇADO
DE SAMARA, PARA O GENERAL MELGREN



CAPÍTULO V

Os cavaleiros festejam com a mesma intensidade com que lutam.

E lutamos com uma intensidade desmedida.

A sala comum está mais barulhenta do que nunca quando o Sol começa a pôr-se ao fim da tarde. Os cadetes reúnem-se em volta — ou, no caso dos da Segunda Divisão, em cima — de mesas a abarrotar de comida e jarros de vinho doce, cerveja espumosa e limonada de lavanda que tem claramente uma boa dose de álcool destilado.

Só a mesa do estrado está vazia. Neste momento, não há chefes de divisão, nem chefes de pelotão, nem sequer um chefe de esquadra à vista. Tirando as estrelas à frente dos nossos ombros que indicam os nossos anos em Basgiath, somos todos iguais esta noite. Nem os tenentes recentemente promovidos que vagueiam pela sala a fazer as despedidas fazem parte da nossa cadeia de comando.

Sinto um zumbido agradável na cabeça, cortesia de uma limonada e das duas estrelas de prata que trago no ombro.

— Chantara? — pergunta a Rhiannon, a inclinar-se para a frente para olhar para trás de mim e a levantar as sobrancelhas para o Ridoc, que está sentado ao meu lado. — De todos os privilégios de estarmos no segundo ano, é esse o que mais desejás? É só um rumor.

A aldeia que abastece Basgiath sempre se mostrou aberta aos instruendos do segundo ano do Quadrante dos Curandeiros, do Quadrante dos Copistas e do Quadrante de Infantaria, mas não aos nossos. Fomos banidos há quase uma década, depois de uma discussão ter levado à destruição de um bar local, que foi arrasado por um incêndio.

— Estou só a dizer que me chegou aos ouvidos que eles podem acabar finalmente com a interdição, e nós não tivemos oportunidade de conhecer mais ninguém a não ser esta gente ao longo do último *ano* — afirma o Ridoc, usando a taça para fazer um gesto para o resto da sala, que está quase toda atrás de nós. — Por isso, a possibilidade de ter uma dispensa para passar algumas horas em Chantara é, sem dúvida, o que mais desejo neste momento.

A Nadine, com um sorriso rasgado nos lábios e os olhos a brilhar, apanha o cabelo que pintou de púrpura esta noite com uma mão, para não cair no jarro, e inclina-se sobre a mesa para bater com o copo na taça do Ridoc.

— Ouçam, ouçam. Isto está a ficar um pouco... — Franze o nariz pequeno e arredondado, a olhar para as outras esquadras da nossa divisão que estão atrás do Sawyer. — Familiar de mais. Aposto que, quando chegarmos ao terceiro ano, nos parecerá quase incestuoso.

Rimo-nos todos, sem que nenhum de nós afirme o óbvio. Estatisticamente falando, um terço da nossa turma não sobreviverá até ao terceiro ano, mas somos a Esquadra de Ferro, uma vez que fomos a que perdeu menos cadetes entre o Parapeito e o Guante, pelo que vou decidir pensar positivamente esta noite e todas as noites ao longo dos próximos cinco dias, em que o nosso único dever será prepararmo-nos para a chegada dos instruendos do primeiro ano.

A Rhiannon coloca uma das tranças sob o nariz e franze o sobrolho como o Panchek, a fazer de conta que está a dar uma aula.

— Sabe que as viagens a Chantara são apenas para fins de veneração, não sabe, cadete?

— Bem, eu nunca disse que não faria uma paragem no templo de Zihnal para prestar os meus respeitos ao Deus da Sorte. — O Ridoc põe a mão em cima do coração.

— E não é para rezares para teres alguma sorte enquanto os outros cadetes estão na cidade — comenta o Sawyer, a limpar a espuma da cerveja do lábio superior sardento.

— Vou alterar a minha resposta — diz o Ridoc. — Poder confraternizar com os outros quadrantes *em qualquer lugar* durante o nosso período de descanso é o que mais desejo.

— Que período de descanso é esse de que falas? — brinco. Podemos ter mais algumas horas vazias aqui e ali, em comparação com os instruendos do primeiro ano, mas vamos ter um ror de cursos bem mais difíceis à nossa frente.

— Vamos passar a ter os fins de semana e eu vou aproveitar todo o tempo que tiver. — O sorriso dele adquire um laivo de malícia.

A Rhiannon inclina-se para a frente apoiada sobre os cotovelos e pisca-me o olho.

— Tal como tu vais usar todos os segundos que puderes para estar com um certo tenente Riorson.

As minhas bochechas coradas pelo álcool enrubescem-se ainda mais.

— Não vou, não...

Ouve-se um sonoro *boo* à volta da mesa.

— Quase toda a gente te viu a aparecer na formação com o casaco de voo dele antes dos Jogos de Guerra — diz a Nadine. — E depois do espetáculo de hoje de manhã... por favor. — A Nadine revira os olhos.

Certo. O espetáculo que demos depois de ele me ter dito que me iria esconder *sempre* algum segredo.

— Eu, pessoalmente, estou ansiosa pelas cartas — diz a Rhiannon, claramente a intervir para me salvar quando a Imogen e a Quinn chegam e se

sentam no banco ao lado da Nadine. — Já passou tempo demais desde a última vez que pude falar com a minha família.

Partilhamos um sorriso curto e nenhuma de nós diz que saímos à socapa de Montserrat para ver a família dela há poucos meses.

— Acaba-se o dever de prestar serviços! — acrescenta o Sawyer. — Nunca mais vou ter de esfregar um prato de pequeno-almoço.

Eu nunca mais vou empurrar um carrinho da biblioteca com o Liam.

— Acho que gosto mais da resposta dele — concorda a Nadine, a empurrar os jarros de álcool na direção da Imogen e da Quinn.

Há um par de meses, a Nadine nem sequer reconheceria a presença da Imogen por causa da relíquia da rebelião que ela ostenta. Fico com esperança de que os novos tenentes que exibem a mesma marca possam não sofrer discriminação nos postos de serviço para os quais forem destacados, mas vi em primeira mão, em Montserrat, como é que as divisões olham para os marcados: como se tivessem sido eles os oficiais que perpetuaram a rebelião e não os pais deles.

Seja como for, tendo em conta o que sei hoje, toda a gente terá razões para não confiar neles. E para não confiar em *mim* também.

— O segundo ano é o melhor — diz a Quinn, a encher a caneca de peltre com a cerveja do jarro. — Todos os privilégios e só uma parte da responsabilidade dos instruendos do terceiro ano.

— Mas a confraternização com outros quadrantes é seguramente a nossa melhor regalia — acrescenta a Imogen, forçando um sorriso e estremecendo antes de levar o dedo ao corte que tem no lábio.

— Foi o que eu disse! — O Ridoc dá um murro no ar.

— Cortaste o lábio quando vocês... — pergunta a Nadine à Imogen, antes de a voz se sumir em face do silêncio da mesa.

Eu baixo os olhos para a minha limonada. O álcool não amaina a dor de culpa que me pesa sobre os ombros. Talvez o Xaden tenha razão. Se eu não for capaz de mentir aos meus amigos, talvez devesse começar a manter distâncias para não acabar por os matar, ainda que indiretamente.

— Sim — diz a Imogen, olhando na minha direção. Eu não levanto a cabeça.

— Ainda me custa a acreditar que vocês entraram em ação — diz o Ridoc, toda a diversão a morrer. — Não só nos Jogos de Guerra, que já me deram uma cagufa dos diabos quando vi o Aetos a substituir o Riorson, mas com grifos a sério.

Eu aperto o meu copo com mais força. Como é que eu hei de ficar aqui sentada a fazer de conta que sou a mesma pessoa quando o que aconteceu em Resson mudou completamente todo o meu sistema de crenças?

— Como é que foi? — pergunta a Nadine em voz baixa. — Se vocês não se importam que vos perguntemos?

Foda-se, claro que me importo.

— Eu sabia que as garras dos grifos eram afiadas, mas não ao ponto de dar cabo de um dragão... — A voz do Sawyer definha.

Os nós dos meus dedos ficam brancos e sinto a energia a ferver-me debaixo da pele quando me lembro das veias vermelhas de cólera ao lado dos olhos daquela manipuladora de magia negra que foi atrás de mim no dorso do Tairn e do olhar do Liam quando percebeu que o Deigh não iria sobreviver.

— *A curiosidade deles é natural* — lembra-me o Tairn. — *Sobretudo quando acham que a vossa experiência os poderá preparar para a batalha.*

— *Deviam é preocupar-se com as vidas deles* — contraria a Andarna, com a voz áspera como se estivesse a preparar-se para dormir. — *O melhor para eles será não saberem nada.*

— Pessoal, talvez este não seja o momento para... — começa a Rhiannon.

— Foi uma merda — diz a Imogen, antes de beber a cerveja de um trago e bater com o copo na mesa. — Querem saber a verdade? Se não fossem o Riorson e a Sorrengail, estaríamos todos mortos.

O meu olhar vira-se de chofre para o dela.

É a coisa mais próxima de um elogio que ela me fez até hoje.

Os olhos verde-claros da Imogen não mostram pena quando retribuem o meu olhar, mas também não ostentam nenhum desprezo defensivo. Só respeito. O cabelo cor-de-rosa cai-lhe sobre a bochecha, sem lhe tocar, quando ela inclina a cabeça na minha direção.

— E, por mais que eu deseje que nada daquilo tivesse acontecido, pelo menos nós que lá estivemos conhecemos o horror do que vamos ter de enfrentar.

Sinto um nó na garganta.

— Ao Liam — diz a Imogen, levantando o copo e desafiando a regra tácita de que não devemos falar dos cadetes mortos depois de os nomes deles terem sido lidos no rol.

— Ao Liam. — Eu levanto o meu copo e toda a gente à mesa faz o mesmo e bebe em homenagem ao Liam. Não é suficiente, mas tem de ser.

— Posso dar-vos um pequeno conselho agora que vão para o segundo ano? — diz a Quinn ao fim de um momento de silêncio. — Não fiquem muito apegados aos instruendos do primeiro ano, sobretudo antes de a Debulha vos dizer quantos é que valerá a pena conhecer. — Solta um esgar. — Confiem em mim.

Bem, não deixa de ser sensato.

A sombra reluzente da minha ligação ao Xaden ganha força, enrolando-se em redor da minha mente como um segundo escudo. Olho por cima do ombro e vejo-o do outro lado da sala encostado à parede junto à porta, com as mãos nos bolsos das peles de voo. O Garrick está a falar com ele, mas os olhos dele estão postos nos meus.

— *Estás a divertir-te?* — pergunta ele, derrubando os meus escudos com uma facilidade irritante.

Sinto um arrepio de reconhecimento a percorrer-me a pele. Misturar álcool com o Xaden está muito longe de ser uma boa ideia.

Ou será a melhor das ideias?

— *Seja o que for que esteja a passar por essa bela cabecinha, estou aqui para isso.* — Até a esta distância, consigo ver o olhar dele a tornar-se mais opaco.

Alto lá. Ele está vestido com peles de voo, pronto para partir. O meu coração afunda-se, levando um pouco do meu entusiasmo com ele.

O Xaden acena com a cabeça para a porta.

— Eu já volto — digo, pousando a minha taça na mesa e cambaleando um pouco quando me levanto. Já chega de limonada por hoje.

— Espero bem que não — murmura o Ridoc. — Ou vais acabar por destruir todas as minhas fantasias em relação àquele.

Eu reviro os olhos e depois abro caminho pela sala caótica para ir ter com o Xaden.

— Violet. — O olhar dele esquadrinha-me o rosto e detém-se nas minhas bochechas.

Adoro a forma como ele pronuncia o meu nome. Sim, claro, é o álcool a sobrepor-se à minha lógica, mas quero ouvi-lo a pronunciá-lo outra vez.

— Tenente Riorson. — A gola tem uma lista prateada que indica o novo posto do Xaden, mas não há mais nada que o identifique se ele cair atrás das linhas do inimigo. Nenhuma insígnia de unidade. Nenhum emblema de sinete. Poderia ser um tenente qualquer, de qualquer divisão, não fosse a relíquia que lhe marca o pescoço.

— Então, Sorrengail — diz o Garrick, mas eu não consigo tirar os olhos do Xaden tempo suficiente para olhar para onde quer que seja. — Estiveste bem, hoje.

— Obrigada, Garrick — respondo, a aproximar-me do Xaden. Ele vai mudar de ideias e abrir-se por completo. Vai ter de o fazer.

— Deuses, vocês os dois. — O Garrick abana a cabeça. — Façam-nos um favor a todos e resolvam lá essa merda. Encontramo-nos no campo de voo. — Dá uma palmada no ombro do Xaden e vai-se embora.

— Estás com... — suspiro, porque nunca tive muito êxito quando tentei mentir-lhe e a minha cabeça não está a ajudar. — Bom aspeto com essas peles de voo de oficial.

— São praticamente iguais às dos cadetes. — Um canto da boca dele curva-se, mas não é bem um sorriso.

— Também nunca disse que não ficavas bem com essas.

— Estás... — Inclina a cabeça na minha direção. — Bêbeda, não estás?

— Estou agradavelmente ébria, mas não a cair de bêbeda. — Isto não faz absolutamente sentido nenhum, mas é a verdade. — Ainda. No entanto, a noite ainda é uma criança e eu não sei se ouviste, mas nós não temos nada para fazer nos próximos cinco dias a não ser prepararmo-nos para os instruendos do primeiro ano e festejar.

— Gostaria de poder ficar para ver o que vais fazer com esse tempo todo. — Ele fita-me com indolência, um olhar que vai aquecendo como se ele estivesse a lembrar-se de mim nua, e a minha pulsação acelera. — Vens lá fora comigo?

Eu assinto com a cabeça, sigo-o até ao refeitório, onde ele pega na mochila que está encostada à parede e lança a alça por cima dos ombros descontraidamente, como se não tivesse duas espadas a pender nas costas.

Há um grupo de cadetes à volta do quadro de avisos como se a nova lista de chefias fosse aparecer a qualquer segundo e os nomes deles pudessem ser apagados se alguém descobrisse que eles não estavam a olhar.

Sim, o Dain está no meio deles.

— Não vais esperar por amanhã de manhã para te ires embora? — pergunto ao Xaden, com a voz baixa, quando atravessamos o chão de pedra do espaço amplo.

— Eles preferem que os chefes de divisão esvaziem os quartos primeiro, uma vez que os novos gostam de se mudar para lá depressa. — O Xaden olha de relance para os cadetes que se acumulam junto ao quadro de avisos. — É uma vez que calculo que não me vais oferecer um lugar na tua cama...

— Estou longe de estar suficientemente bêbeda para cometer esse erro de avaliação — asseguro-lhe quando ele abre uma porta para a rotunda. — Já te disse que não durmo com homens em que não confio, e se não me estás a oferecer abertura total... — Abano a cabeça e arrependo-me imediatamente, já que por pouco não perco o equilíbrio.

— Eu vou reconquistar a tua confiança assim que perceberes que não precisas de abertura total. Só tens de ter a coragem de começar a fazer perguntas Para as quais queres realmente respostas. Não te preocupes com a cama. Nós vamos voltar lá. A expectativa é boa para nós. — Ele sorri, a sério que o cabrão *sorri*, o que quase me faz repensar a minha decisão.

— Eu digo-te que não estamos juntos porque tu não me dás a única coisa de que preciso, que é a honestidade, e a tua resposta é que «é bom para nós»? — Solto um riso escarninho e desço as escadas antes de passar por dois dos pilares de mármore da rotunda. — Quanta *arrogância*.

— Confiança não é arrogância. Eu não perco as lutas que escolho. E podemos ambos ter limites. Não és a única que tem o direito de definir as regras da nossa relação.

Indigno-me com a insinuação de que o problema sou eu.

— E estás a escolher uma luta comigo? — O mundo inclina-se levemente quando levanto a cabeça para olhar para ele.

— Estou a escolher uma luta *por* ti. Há uma diferença. — A expressão dele faz-se mais dura quando o olhar se vira para a esquerda e vê o coronel Aetos e um cavaleiro com a divisa de major a aproximarem-se.

— Riorson. Sorrengail. — Os lábios do coronel torcem-se num sorriso sarcástico. — Que *agradável* ver-vos a ambos esta noite. Já vai partir para a Divisão Sul? É uma sorte a linha da frente poder contar com um cavaleiro tão competente.

Sinto um aperto no peito. O Xaden não vai para uma divisão de vigia intermédia como a maioria dos tenentes. Vai ser enviado para a linha da frente?

— Poderia dizer que estarei de volta antes de poder sentir a minha falta — responde o Xaden, com as mãos soltas junto às ilhargas —, mas diz-se por aí que o coronel deixou a general Sorrengail tão furiosa que vai ser reenviado para um posto avançado junto à costa.

O rosto do coronel fica tingido de vermelho.

— Poderei não estar cá, mas o Riorson também não estará com a mesma frequência. Só uma vez de quinze em quinze dias, de acordo com as

novas ordens que recebeu.

O quê? Sinto um murro no estômago e tenho de recorrer a toda a capacidade de controlo que tenho para não estender o braço para a parede para me equilibrar.

O major leva a mão ao bolso do peito do uniforme engomado na perfeição e retira duas missivas dobradas. Tem o cabelo preto perfeitamente penteado, as botas perfeitamente polidas, um sorriso perfeitamente cruel.

Sinto o poder a subir dentro de mim, a responder à ameaça.

— Onde estão os meus modos? — diz o coronel Aetos. — Violet, este é o vosso novo vice-comandante, o major Varrish. Está aqui para levar o navio a bom porto com mão de ferro, como se costuma dizer. Parece que nos relaxámos um pouco em relação ao que permitimos por aqui. Como é natural, o atual comandante executivo do quadrante continuará a tratar da parte operacional, mas o novo cargo do Varrish responde apenas ao Panchek.

— Cadete Sorrengail — digo, corrigindo o coronel. Vice-comandante? Foda-se, só faltava mais esta.

— A filha da general — responde o Varrish, a olhar para mim em clara avaliação, a atenção a focar-se em todos os punhais ao meu alcance. — Fascinante. Ouvi dizer que era demasiado frágil para sobreviver a um ano no quadrante.

— A minha presença indica que não é bem assim. — Que idiota.

O Xaden pega em ambas as missivas, com o cuidado de não tocar nas mãos do Varrish, depois dá-me uma que tem o meu nome escrito à frente. Quebramos o lacre pessoal do general Melgren ao mesmo tempo e desdobramos as ordens oficiais.

A cadete Violet Sorrengail receberá, pelo presente, dois dias de dispensa a cada catorze dias que usará apenas para voar com o Tairn diretamente para o posto de serviço ou localização em que a Sgaeyl se encontre e voltar de seguida. Qualquer outra ausência das aulas será considerada um delito digno de castigo.

Cerro os dentes para me conter e não dar ao coronel a reação que é óbvio que ele quer ver e dobro as ordens com cuidado antes de as enfiar no bolso junto à anca. Calculo que as ordens do Xaden digam o mesmo, o que quer dizer que, com a rotação das nossas dispensas, nos vamos ver de sete em sete dias. O Tairn e a Sgaeyl nunca estão longe um do outro mais de três dias. Uma semana? Estarão num estado de dor quase permanente. É insondável.

— *Tairn?* — Tento contactá-lo.

Ele ruge tão alto que me chocalha o cérebro.

— Os dragões dão as suas próprias ordens — diz o Xaden calmamente, enfiando os papéis no bolso.

— É o que vamos ver. — O coronel Aetos assente com a cabeça, depois vira os olhos na minha direção. — Sabem, estava preocupado com a nossa conversa desta tarde até me lembrar de uma coisa.

— E que coisa é essa? — pergunta o Xaden, claramente a perder a paciência.

— Os segredos não servem de muito. Morrem com as pessoas que os guardam.

O que ninguém diz abertamente é que, embora os quatro quadrantes obedeçam ao Código de Conduta, a primeira responsabilidade de um cavaleiro é para com o Códice, que, muitas vezes, contraria os regulamentos que se aplicam aos outros quadrantes. Por definição, os cavaleiros fazem as suas próprias regras.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO VI

A agitação que sinto no estômago não tem nada que ver com a limonada. Tenho quase a certeza de que o coronel Aetos acabou de insinuar que nos iria matar.

— Ainda bem que não estamos a guardar segredos — riposta o Xaden.

O sorriso do coronel Aetos adquire o tom mais suave que vi em toda a minha vida e a transformação é sinistra.

— Tem cuidado com as pessoas a quem contas as tuas histórias, Violet. Detestaria ver a tua mãe perder qualquer uma das filhas.

Foda-se, o que é isto? Sinto a energia a crepitar nas pontas dos dedos.

Ele olha-me fixamente por um momento para se certificar de que eu percebo o que quer dizer, depois vira-se e encaminha-se para o refeitório sem dizer mais nada, sendo seguido pelo Varrish.

— Ele acabou de ameaçar matar-te — rosna o Xaden, as sombras a irromper de trás dos pilares.

— E à Mira. — Se eu disser a alguém o que aconteceu realmente, também irá atrás dela. Mensagem entregue. O poder corre-me, latejante, pelas veias, à procura de um escape. A raiva só serve para alimentar a energia que se ergue rapidamente numa onda avassaladora, ameaçando fazer-me em pedaços.

— É melhor irmos lá para fora antes de deitares isto abaixo — diz o Xaden, a estender a mão para a minha.

Eu dou-lhe a mão, focada em manter os relâmpagos contidos quando caminhamos em direção ao pátio, mas, quanto mais eu luto para domar o poder, mais quente ele se torna e, quando chegamos à escuridão do pátio, arranco a mão da do Xaden ao sentir a energia a irromper de dentro de mim, escaldando cada nervo ao sair.

Os relâmpagos iluminam o céu noturno, fustigando o pátio a cerca de doze metros de distância. Vê-se gravilha a voar.

— Merda!

O Xaden atira um escudo de sombras para o ar e apanha as pedras antes de elas caírem nos cadetes que estão por perto.

— Parece que o álcool não te enfraquece o sinete — diz ele, devagar. — A boa notícia é que não há nada a não ser pedra lá fora.

— Desculpem! — grito para os outros, que se dispersam e fazem uma careta ao ver a minha embaraçosa falta de controlo. — Podes esquecer a ideia de me proteges. O quadrante é que precisa de ser protegido *de* mim. — Respiro fundo e viro-me para olhar para o Xaden. — Divisão Sul? Foi isso que tu escolheste? — Os chefes de divisão podem escolher o posto de serviço para onde vão.

— Não havia mais nenhuma escolha quando escreveram as ordens à mão. Vou estar em Samara. Passei o dia a fazer as malas e a enviar a maioria das minhas coisas para lá.

É o posto avançado mais a leste da Divisão Sul, o local onde as fronteiras de Krovla e Braevick se intercetam. Fica a um dia de voo de Basgiath.

— Eles vão ter poucas horas juntos sempre que fizerem o voo.

— Sim. Ela está bastante furiosa.

— O Tairn também. — Tento contactar a Andarna, se ela ainda não tiver adormecido.

— *Perdeste totalmente o contacto com a realidade se achas que me vou aproximar dele neste momento* — responde ela, a voz rouca de sono. — *Está muito mal-humorado.*

— *Devias estar a dormir.* — Ela devia estar a preparar-se para o Sono sem Sonhos. Ainda não sei exatamente o que isso significa, e o Tairn também não está aberto a perguntas sobre os segredos da criação dos dragões, mas ele insiste que dormir nos próximos dois meses é crucial para o crescimento e desenvolvimento da Andarna. Parte de mim não consegue deixar de se perguntar se não passará de uma maneira inteligente de evitar a maioria dos anos de adolescente de dragões temperamentais.

A Andarna responde com um bocejo no momento certo:

— *E perder todo o drama?*

— Vamos ter poucas horas para... — sussurro, a desviar os olhos do Xaden, que me fita com uma expressão intensa. — Enfim. Para passar informação.

O pátio faz-me lembrar um salão de baile cerca de duas horas depois de toda a gente razoável ter deixado a festa, cheio de beberrões e más decisões. Como é que o Xaden e eu vamos resolver a nossa situação, seja ela qual for, sem passarmos tempo juntos?

— Tenho quase a certeza de que a ideia é precisamente essa. Vão separar-nos pelo máximo tempo possível sempre que puderem. Vamos ter de aproveitar o tempo que tivermos da melhor maneira.

— Não te odeio tanto esta noite — sussurro.

— É o álcool. Não te preocupes, vais voltar a detestar-me amanhã. — Ele estende a mão na minha direção e eu não me afasto quando ele a fecha na minha nuca.

Sinto o calor a espalhar-se por cada centímetro do meu corpo. O efeito que ele tem em mim é tão enfurecedor como inegável.

— Ouve-me. — O Xaden baixa a voz e puxa-me com cuidado na direção dele, lançando um olhar para um grupo de cadetes, já bastante tocados, que nos estão a observar a pouca distância. — *Segue a minha deixa.*

Eu assinto com a cabeça.

— Volto daqui a sete dias — diz ele de forma a que quem passa o ouça. — *A Sgaeyl e o Tairn não vão conseguir falar a tanta distância. Vão sentir emoções, mas mais nada. Não te esqueças de que a chefia irá ler qualquer missiva que enviemos.* — Ele baixa-se na minha direção, dando a impressão a toda a gente à volta de que estamos envolvidos em algum tipo de abraço de despedida, o que não está longe da verdade.

— Pode acontecer muita coisa em sete dias. — Eu percebo o que ele me está a dizer mentalmente. — O que terei de fazer enquanto estás fora?

— Nada do que importa irá mudar — assegura-me ele para que quem nos olha ouça. — *Não te envolvas em nada do que o Bodhi e os outros estejam a fazer.* — Ele está com aquele olhar de aço que costuma apresentar quando tem a certeza de que tem razão.

— Não vais mudar mesmo, pois não? — sussurro com um aperto no peito.

— *Isto não tem que ver connosco. Todos os olhos estarão postos em ti e tu não tens uma relíquia da rebelião para esconderes as tuas ações do Melgren, se fores apanhada sozinha. Se te envolveres, colocas tudo aquilo em que estamos a trabalhar em risco.* — Vejo mais um grupo de cadetes a vaguear por perto e a encaminhar-se para a rotunda.

É difícil contrariá-lo neste aspeto, sobretudo tendo em conta que preciso de estar sozinha para fazer o que tenho planeado.

— Vou ter saudades tuas. — A mão dele fecha-se na minha nuca quando um par de cavaleiros da Terceira Divisão se aproxima um pouco de mais. — *Só podes confiar plenamente nos que estiveram connosco em Resson.*

— Pensa em todo o tempo livre que vais ter sem teres de estar sempre a treinar-me no tapete. — Cedo à incessante vontade de lhe tocar, levantando as mãos ao encontro do peito dele para lhe poder sentir o batimento

constante do coração sob as pontas dos meus dedos e culpar o álcool pelo erro crasso de avaliação.

— Preferia ter-te debaixo de mim no tapete do que tempo livre. — O braço dele envolve-me a cintura e chega-me mais perto. — *No que toca aos outros marcados, não arrisques confiar neles. Ainda é cedo. Eles sabem que não te podem matar, mas alguns deles não se importariam nada de te magoar por seres filha de quem és.*

— Voltamos ao mesmo, então. — Tento sorrir, e o meu lábio superior treme. Na verdade, não estou transtornada por ele se ir embora. É a limonada a falar.

— Nunca deixámos de lá estar — lembra-me ele, mantendo a voz baixa, embora o resto das pessoas no pátio já esteja a dar-nos privacidade suficiente. — Não morras e eu estarei de volta daqui a sete dias. — A mão dele desliza para o lado do meu pescoço e o polegar acaricia-me a linha do maxilar, ao mesmo tempo que ele baixa a boca quase até ao nível da minha. — Hoje conseguimos manter-nos vivos uns aos outros. Já confias em mim?

O meu coração sobressalta-se. Quase que sinto o beijo dele e, deuses, como eu o quero.

— Com a minha vida — sussurro.

— Só isso? — A boca dele paira acima da minha, tudo promessa e nenhuma concretização.

— Só isso. — A confiança é conquistada, e ele não está sequer a *tentar*.

— É pena — sussurra ele, a levantar a cabeça. — Mas, como eu disse, a expectativa é boa para nós.

O senso comum permeia o nevoeiro de luxúria com uma facilidade embaraçosa. Foda-se, o que é que eu estive quase a fazer?

— Não quero saber de expectativas. — Olho imediatamente para ele com uma expressão de fúria, mas as minhas palavras carecem de contundência. — Nós não estamos a acontecer, lembras-te? E a escolha é tua. Tenho todo o direito de entrar agora na sala comum e escolher quem eu quiser para me aquecer a cama. Uma pessoa um pouco mais *vulgar*. — Estou

a fazer *bluff*. Talvez. Ou será do álcool. Ou talvez eu queira apenas que ele sinta a mesma incerteza que eu.

— Tens todo o direito, sem dúvida, mas não o vais fazer. — Lança-me um sorriso indolente.

— Porque tu és impossível de substituir, é isso? — As palavras não saem como um elogio. Pelo menos é o que digo a mim própria.

— Porque ainda me amas. — A certeza nos olhos dele atíça-me cada célula do temperamento.

— Vai-te foder e põe-te a andar, Riorson.

— Até ia, mas tens-me completamente agarrado. — Ele relanceia para o espaço entre os nossos corpos.

— Ugh! — Baixo as mãos da cintura dele e recuo um passo. — Põe-te a andar.

— Vemo-nos daqui a sete dias, Violência. — Ele recua e dirige-se para o túnel que conduz ao campo de voo. — Tenta não incendiar isto tudo enquanto eu estiver fora.

Eu olho furiosa para a direção dele até saber que ele está muito longe da minha vista. E depois fico no mesmo lugar alguns minutos, a respirar devagar até ter a certeza de que tenho as emoções sob controlo, pelo menos para quem olha de fora. O que raio se passa comigo? Como posso querer uma pessoa que se recusa a dizer-me toda a verdade? Que faz de tudo isto um jogo com aquela ideia falsa do *pergunta-me o que quiseres*? Como se eu fizesse alguma ideia do que haveria de perguntar.

— Ele volta — diz a Rhi, a aparecer atrás de mim, com a missiva dela na mão, os olhos a brilhar de entusiasmo, não obstante o tom sombrio com que falou.

— É melhor não me preocupar com isso. — No entanto, ainda tenho os braços em volta do tronco como se precisasse de ser recomposta. — Porque é que estás a conter um sorriso?

— Aconteceu alguma coisa entre vocês os dois? — Ela põe a carta no bolso.

— Que carta é essa? — replico. — Recebeste ordens? — Normalmente, receber ordens significa apenas uma coisa. Agarro-lhe os ombros e sorrio. — Recebeste?

Ela faz um esgar.

— Tenho boas e más notícias.

— As más notícias primeiro. — É o meu novo mote.

— O nosso novo chefe de divisão é o Aetos.

O meu rosto descai.

— Já devia estar à espera disso. Quais são as boas notícias?

— A Cianna, a nossa oficial executiva, foi promovida a chefe de pelotão. — O sorriso dela é mais luminoso do que qualquer luz mágica. — E estás a olhar para a nossa nova chefe de esquadra.

— Boa! — guincho imediatamente com incontida alegria e puxo-a para um abraço. — Parabéns! Vais ser maravilhosa! Já és!

— Estão a comemorar? — pergunta o Sawyer em voz alta, do fundo do pátio.

— Completamente! — grita o Ridoc, a cerveja a escorrer pela caneca abaixo quando ele vem a correr ter connosco. — Chefe de esquadra Matthias, caralho!

— Qual é a tua primeira ordem, chefe de esquadra? — pergunta o Sawyer, com a Nadine a correr atrás dele para tentar acompanhar a sua passada larga.

A Rhi olha para cada um de nós e acena como se tivesse chegado a uma decisão.

— Vivam.

Eu sorrio a desejar que fosse assim tão simples.

Todos os pedidos de tomos nos Arquivos de Basgiath devem ser registados e arquivados. Qualquer cadete que não o faça será acusado de incumprimento do dever e punido pela perda de qualquer texto que não seja possível encontrar com precisão.

— GUIA DO CORONEL DAXTON PARA O ÊXITO NO QUADRANTE DOS COPISTAS



CAPÍTULO VII

— Nunca tinha visto esta sala — diz o Ridoc, cinco dias depois, ao sentar-se ao meu lado, à medida que a sala em formato de anfiteatro em U do terceiro andar se enche para a aula de Orientação. Estamos agrupados com os nossos pelotões e as nossas esquadras dentro das nossas divisões, o que significa que estamos na segunda fila do lado direito, a olhar para a reentrância do chão onde está a Primeira Divisão.

O barulho lá fora está a aumentar com a chegada de civis para o Dia do Alistamento amanhã, mas, dentro das paredes do quadrante, ainda reina a calma. Passámos a semana a preparar-nos para a chegada dos instruendos do primeiro ano, a aprender qual será o nosso papel no Parapeito e a beber de mais à noite, o que torna a caminhada nos corredores ao início da manhã bastante interessante, sem dúvida.

— Nunca tínhamos sido instruendos do segundo ano — responde a Rhiannon ao meu lado, com os materiais perfeitamente alinhados na secretária.

— Bem visto! — O Ridoc assente com a cabeça.

— Consegui! — A Nadine senta-se ao lado do Ridoc e afasta os fios rebeldes de cabelo púrpura do rosto com a mão ligada que traz ao peito. — Como é que eu nunca tinha estado nesta sala?

A Rhiannon limita-se a abanar a cabeça.

— Nunca tínhamos sido instruendos do segundo ano — digo à Nadine.

— Certo. Faz sentido. — Ela tira os materiais do saco e deixa-o cair junto aos pés. — Acho que as nossas aulas nunca chegaram ao fundo do corredor no ano passado.

— O que te aconteceu à mão? — pergunta a Rhiannon.

— É um bocado embaraçoso. — Ela levanta a ligadura para podermos ver. — Escorreguei e fiz uma entorse nas escadas, ontem à noite. Não te preocupes.

os curandeiros acham que o Nolon poderá ter uma aberta amanhã antes do Parapeito. Não tem tido mãos a medir desde os Jogos de Guerra.

— Aquele homem precisa de uma pausa — diz a Rhiannon, abanando a cabeça.

— Quem me dera que tivéssemos uma pausa como os outros quadrantes. — O Ridoc bate com a caneta na secretária. — Nem que fosse só cinco ou seis dias para dar uma escapadela.

— Ainda estou a recuperar da última pausa de seis dias que tive longe daqui — digo, em jeito de brincadeira.

O rosto da Rhi fecha-se e o resto da nossa esquadra cala-se.

Merda. *Não* era isto que eu devia ter dito, mas estou exausta. Não adianta tentar dormir quando não consigo deixar de sonhar com Resson.

— Vou estar por aqui, se quiseres falar. — O sorriso simpático da Rhi faz-me sentir muito pequena por não me abrir com ela.

Quero falar? Sem dúvida. Posso fazê-lo? Depois de o coronel Aetos deixar claro que não devo partilhar as minhas *histórias de guerra*, não. Ele já está a apontar para a Mira e eu não vou colocar a minha melhor amiga nessa situação também. Talvez o Xaden tenha razão. Se não posso mentir, os meus amigos estarão mais seguros se mantiver as distâncias.

— Boa tarde, instruendos do segundo ano — diz um cavaleiro alto, com uma voz tonitruante, enquanto caminha a passo largo até ao centro do chão, silenciando a sala. — Sou o capitão — estremece, esfrega a barba aparada que é um tom mais escura do que a pele dourada —, o professor Grady. E, como já devem ter reparado, sou novo este ano e ainda estou a habituar-me ao título de *professor*, bem como a estar perto de miúdos de vinte e um anos novamente. Já passou algum tempo desde que saí do quadrante.

Ele vira-se para o fundo da sala — a secção que não tem assentos — e torce os dedos em direção à secretária de madeira pesada que lá está. A magia menor fá-la ranger pelo chão fora até o professor Grady levantar a palma da mão. Depois, para. Ele vira-se para nós e recosta-se no rebordo da secretária.

— Assim está melhor. Parabéns por terem sobrevivido ao primeiro ano. — Vira a cabeça devagar e o olhar passa por todos e cada um de nós. — Estão vinte e nove nesta sala. Pelo que os copistas me disseram, são a turma mais pequena a entrar neste corredor desde os Primeiros Seis.

Eu relanceio para as filas vazias acima da Primeira Divisão. No ano passado, sabíamos que tínhamos o menor número de dragões dispostos a vincular-se, mas ver como restam tão poucos de nós é... desconcertante.

— *Há menos dragões a vincular-se* — digo na direção do Tairn, sabendo que a Andarna já caiu no Sono sem Sonhos há alguns dias. — *É por o Empíreo saber dos venéficos?*

— *É.* — Quase que consigo ouvir o suspiro de exasperação na voz do Tairn.

— *Mas nós precisamos de mais cavaleiros. Não menos.* — Não faz sentido.

— *O Empíreo continua dividido. Nem todos concordam que nos devamos envolver* — resmunga o Tairn. — *Os humanos não são os únicos a guardar segredos.*

Mas a Andarna e o Tairn já fizeram a sua escolha... disso tenho a certeza.

—... mas o segundo ano traz os seus próprios desafios — continua o professor Grady quando eu me concentro na aula. — No ano passado aprenderam a cavalgar os dragões que vos escolheram. Este ano vão aprender o que devem fazer se caírem. Sejam bem-vindos ao Curso de Sobrevivência do Cavaleiro, ou CSC para abreviar.

— O que diabo é isso? — murmura o Ridoc.

— Não sei — sussurro, a escrever as letras CSC no caderno em branco à minha frente.

— Mas tu sabes tudo. — O Ridoc arregala os olhos.

— Está visto que não. — Isto começa a acontecer muito recorrentemente nos últimos tempos.

— Não sabem o que é? — pergunta o professor Grady com um sorriso aberto, a olhar diretamente para o Ridoc. — Ainda bem, a nossa tática funciona. — O professor cruza uma bota à frente da outra. — O CSC é mantido em segredo por uma razão, para percebermos as vossas reações genuínas às situações em causa.

— Ninguém vai querer as minhas reações genuínas — murmura o Ridoc.

Eu contenho um sorriso e abano a cabeça.

— O CSC vai ensinar-vos a sobreviver se se separarem do vosso dragão atrás das linhas do inimigo. É um curso básico do vosso segundo ano, que culmina com duas avaliações completas que terão de passar para continuarem em Basgiath, uma daqui a poucas semanas... e outra *por volta* do meio do ano.

— O que raio é que eles fazem com um cavaleiro vinculado que *não* passar? — pergunta a Rhiannon em voz baixa.

Todos os membros da minha esquadra olham para mim.

— Não faço a mínima ideia.

A Caroline Ashton levanta o braço de um assento na Primeira Divisão, do outro lado da sala. Sinto um arrepio na espinha quando me lembro da

proximidade que ela tinha com o Jack Barlowe, o cavaleiro que tentou a todo o custo matar-me antes de eu o ter matado a ele.

— Sim? — pergunta o professor Grady.

— O que quer dizer exatamente «*por volta* do meio do ano»? — pergunta a Caroline. — Ou «*daqui a poucas semanas*»?

— Não vos vamos dar as datas precisas — responde ele, a levantar as sobrancelhas.

Ela bufa e volta a recostar-se no assento.

— E não vos vou dizer quais são por mais que revirem os olhos. Nenhum professor o fará porque, para o dizer de forma simples, queremos que sejam surpreendidos. Mas *queremos* que estejam preparados. Nesta sala, eu vou ensinar-vos técnicas de navegação e sobrevivência e como resistir a interrogatórios em caso de captura.

O meu estômago anda às voltas e a pulsação começa a bater a ritmo acelerado. Tortura. Ele está a falar em tortura. E agora conheço informação que vale bem uma tortura.

— E vocês vão enfrentar experiências de interrogatórios em qualquer altura — continua o professor Grady —, que podem acontecer em qualquer lugar do quadrante.

— Vão raptar-nos? — pergunta a Nadine com um resfolgo e um tom marcado pelo medo.

— É o que parece — murmura o Sawyer em resposta.

— Há sempre alguma surpresa por aqui — acrescenta o Ridoc.

— Os outros avaliadores e eu vamos *dar-vos feedback* durante essas experiências, pelo que, quando chegar o momento da avaliação completa, já terão capacidade para aguentarem... — Ele levanta a cabeça para o lado como se estivesse a escolher as palavras com cuidado. — Bem, para aguentarem tudo aquilo a que vos vamos submeter. Acreditem numa pessoa que sobreviveu a esta fase: desde que não cedam durante a parte do interrogatório, não vão ter problemas.

A Rhiannon levanta a mão e o professor Grady acena-lhe com a cabeça.

— E se cedermos? — pergunta.

O rosto do professor perde todos os sinais de diversão.

— Não cedam.

Uma hora depois da Orientação e ainda com a pulsação acelerada, dirijo-me para o único lugar que costumava acalmar-me os nervos: os Arquivos. Ao passar pela entrada, inspiro o aroma a papiro e a tinta, bem como o travo inconfundível da cola das encadernações, e solto um suspiro longo e tranquilizante. Filas e mais filas de estantes ocupam a enorme sala, cada uma mais alta do que a Andarna, mas sem chegar ao tamanho do Tairn, cheia de incontáveis volumes sobre História, matemática, política... o que eu pensava que era todo o conhecimento do Continente. E pensar que houve uma altura da minha vida em que eu pensava que subir aquelas escadas seria a coisa mais assustadora que iria fazer na vida.

Agora, convivo todos os dias com o sempre presente perigo do vice-comandante Varrish, com a ameaça do coronel Aetos a pairar em cima da cabeça, com uma revolução secreta que nos pode matar a todos a qualquer momento e, desde esta manhã, com o perigo iminente de uma tortura do CSC, Começo a sentir falta das escadas.

Ao fim de cinco dias de observação, o nome da Jesinia aparece finalmente no horário dos copistas publicado à porta esta manhã, o que quer dizer que está na hora de começar.

Que se foda a história de *não me envolver*. O que eu não vou fazer é ficar aqui sentada sem fazer nada, enquanto o meu irmão e o Xaden correm risco de vida. Sobretudo tendo a certeza de que a resposta à proteção dos civis de Aretia e Poromiel está aqui mesmo em Basgiath. A revolução pode não ter um copista nas suas fileiras, mas tem-me a *mim*, e se tivermos uma hipótese, por mínima que seja, de vencer esta guerra sem as armas que a revolução construiu ou *encontrou*, eu vou aproveitá-la. Ou pelo menos investigar essa possibilidade.

Só os copistas podem avançar para lá da mesa de carvalho comprida perto da entrada, pelo que estou junto à borda a passar os dedos pela rugosidade e pelas marcas na madeira que tão bem conheço enquanto espero. Se estudar para ser copista me ensinou alguma coisa, foi a ter paciência.

Meus deuses, as saudades que eu tenho deste lugar. Sinto feita do que pensava que seria a minha vida. Simples. Pacata. Nobre. Mas não sinto feita da mulher que eu era, a que não conhecia a força que tinha. A que acreditava em tudo o que lia com uma confiança cega, como se o simples ato de escrever algo numa página em branco o transformasse em verdade absoluta.

Uma figura magra com uma toga, calças e capuz creme aproxima-se e, pela primeira vez na minha vida, estou nervosa ao ver a Jesinia.

— Cadete Sorrengail — gestua ela, a sorrir quando chega ao pé de mim e puxa o capuz para trás. Tem o cabelo mais comprido agora e a trança castanha chega-lhe quase até à cintura.

— Cadete Neilwart — gestuo em resposta, com um sorriso largo quando vejo a minha amiga. — Devemos estar sozinhas para eu merecer uma saudação tão entusiástica. — Os copistas são fortemente desincentivados a mostrar emoções. Afinal, o trabalho deles não é interpretar, mas registar.

— Estamos — gestua ela, antes de se inclinar para olhar para trás de mim. — Bem, tirando o Nasya.

— Ele está a dormir — asseguro-lhe. — O que é que andas a fazer aí atrás?

— A reparar algumas encadernações — gestua a Jesinia. — A maior parte das pessoas está fora a preparar-se para os novos cadetes que chegam amanhã. Os dias calmos são os meus preferidos.

— Eu lembro-me. — Passávamos quase todos os dias calmos nesta mesa, a prepararmo-nos para o exame ou a ajudar o Markham... ou o meu pai.

— Eu soube do... — O rosto dela fecha-se. — Lamento. Ele sempre foi muito simpático comigo.

— Obrigada. Tenho muitas saudades dele. — Fecho as mãos em punhos e detenho-me, sabendo que o que disser a seguir nos pode aproximar da

verdade... ou da minha morte.

— O que foi? — gestua ela, a morder o lábio.

Ela é a melhor do ano dela, o que significa que provavelmente está a tentar seguir o caminho dos especialistas, que é aquele que todos os conservadores do Quadrante dos Copistas têm de seguir. O que também quer dizer que ela não só passa mais tempo com o Markham do que os outros copistas, mas também que raramente sai dos Arquivos.

Sinto um mal-estar no estômago ao pensar na possibilidade muito real de não poder confiar nela. Talvez não seja por acaso que não há copistas no movimento.

— Estava a pensar se teriam algum livro antigo sobre a fundação de Basgiath? Talvez algo sobre a razão por que escolheram este lugar para as guarnições? — gestuo.

— As guarnições? — gestua ela devagar.

— Estou a preparar uma defesa para um debate em História sobre a razão por que Basgiath está situada neste lugar em vez de estar em Calldyr. — E aqui está ela: a minha primeira mentira. Não existe uma única verdade seletiva nesta afirmação. Nem nenhuma forma de retirar o que disse. Para o bem ou para o mal, agora estou empenhada na minha própria causa: salvar o máximo de pessoas que puder desta guerra.

— Claro. — A Jesinia sorri. — Espera aqui.

— Obrigada.

Dez minutos depois, ela estende-me dois tomos escritos há mais de trezentos anos e eu agradeço-lhe novamente antes de sair. A resposta para a proteção de Aretia está nos Arquivos. Tem de estar. Só tenho de a encontrar antes de que nem as guarnições nos possam salvar.

Uma coisa é atravessar o parapeito no primeiro ano. Outra, bem diferente, é ver inúmeros candidatos a morrer ao fazerem o mesmo, uma vez que sentimos que também estamos a morrer um bocadinho. Se puderes não olhar, não olhes.

— PÁGINA OITENTA E QUATRO, O LIVRO DO BRENNAN



CAPÍTULO VIII

O Dia do Alistamento é um pouco diferente para quem olha deste lado.

Debruço-me sobre as ameias da torre principal da escola de guerra e reparo no comprimento da fila no momento em que os sinos tocam as nove horas, mas evito concentrar-me nas feições de qualquer um dos candidatos que se enfileiram a partir da longa e sinuosa escada que os trará até ao parapeito.

Não preciso de mais rostos nos meus pesadelos.

— Eles estão a começar a subir as escadas — digo à Rhiannon, que está a postos com uma pena e um rol.

— Parecem nervosos — diz a Nadine, a debruçar-se sem o devido cuidado na borda da torre para ver os candidatos alinhados alguns andares mais abaixo.

Não são os únicos. Estou a quatro passos do Dain e das suas mãos que roubam memórias e que poderiam desencantar todos os segredos que guardo na minha cabeça.

Estando os escudos nos devidos lugares tal como o Xaden me ensinou e fantasio em atirar o Dain da torre abaixo.

Ele fez uma tentativa de falar comigo, que eu declinei rapidamente. E o olhar que me deu? Que raio de direito é que ele tem de me olhar com aquela expressão de... *desgosto*?

— Tu não estavas nervosa? — pergunta a Rhiannon à Nadine. — Pessoalmente, eu não teria chegado a este lado se não fosse a Vi.

Eu encolho os ombros, pulo para a parede e sento-me à esquerda da Rhi.

— Só te dei um pouco mais de tração. Tu tiveste a coragem e o equilíbrio de o atravessar.

— Não está a chover como quando nós atravessámos o Parapeito. — A Nadine olha para o céu limpo de julho e enxuga o suor da testa com as costas da mão. — Espero que este ano haja mais candidatos a conseguirem atravessá-lo. — Olha na minha direção. — Seria de esperar que a tua mãe contivesse um pouco a tempestade, tendo em conta que tu ias fazer a travessia.

— Nota-se bem que não conheces a minha mãe. — Não iria convocar uma tempestade para me matar como uma cobarde, mas de certeza que também não a pararia para me salvar.

— Este ano só houve noventa e um dragões a concordarem vincular-se — diz o Dain, recostando-se na parede ao lado da entrada do parapeito. Está precisamente no mesmo lugar em que o Xaden estava no ano passado e tem exatamente a mesma divisa no ombro: chefe de divisão. O idiota provoca a morte do Liam e da Soleil e, como recompensa, é promovido. Imagine-se. — Mais candidatos a atravessarem não quer dizer que venha a haver mais cavaleiros. — Ele olha na minha direção, mas não demora a desviar os olhos dos meus.

A Nadine abre a porta de madeira no cimo do torreão e olha pelas escadas abaixo.

— Estão quase a meio do caminho.

— Ainda bem. — O Dain afasta-se da parede. — Lembrem-se das regras. Matthias e Sorrengail, as vossas tarefas consistem apenas em registar o rol final antes do Parapeito. Não se envolvam...

— Nós conhecemos as regras. — Apoio as mãos na parede ao lado das minhas coxas e pergunto-me pela décima vez, desde que acordei de manhã, a que horas é que o Xaden vai chegar hoje.

Talvez, quando ele chegar, eu lhe possa falar sobre os três livros sobre a arte de urdir tecidos em pontos tyrrenses tradicionais que ele me deixou — faixas de tecido incluídas — na secretária do meu quarto novo no andar dos instruendos do segundo ano. Não estou propriamente a precisar de um passatempo.

E o que dizer da nota que o Xaden me deixou em cima da pilha de livros? A que dizia *Eu estava a falar a sério quando falámos no parapeito. Mesmo quando não estou contigo, não há mais ninguém*. Essa não precisa de explicação.

Ele está a ir à luta.

— Pronto, está bem — diz o Dain, a arrastar as palavras e a olhar fixamente para mim. — E, Nadine...

— Eu não tenho nenhuma tarefa. — A Nadine encolhe os ombros e cutuca os fios do uniforme no local onde cortou as mangas. — Estava aborrecida.

O Dain franze o sobrolho na direção da Rhiannon.

— Isso é que é mão de ferro, chefe de esquadra.

Que parvalhão.

— Não existem regulamentos a respeito de quatro cavaleiros no torreão durante o Parapeito — riposta ela. — Não puxes por mim hoje, Aetos. — Levanta os olhos do rol com os números alinhados na perfeição e ergue um dedo. — E se *pensas* sequer que me vais dizer para te chamar *chefe de divisão*, vou ter de te recordar que o Riorson fez um trabalho dos diabos sem precisar que alguém se ajoelhasse aos pés dele.

— Porque deixava toda a gente cagadinha de medo — murmura a Nadine. — Bem, toda a gente menos a Violet.

Eu tento conter um sorriso, mas não consigo quando vejo o Dain a pôr-se tenso sem saber o que dizer.

— Uma vez que só estamos nós aqui — diz a Rhiannon —, o que sabes sobre o novo vice-comandante?

— O Varrish? Nada a não ser que é um durão que acha que o quadrante ficou demasiado mole depois de ele se graduar — responde o Dain. — É amigo do meu pai.

Só podia.

— Sim, isto está um sonho lindo por aqui — responde a Rhiannon num tom carregado de sarcasmo.

Depois de Resson, começo a perceber que há uma razão para nos levarem quase até ao limite. É melhor ficarmos como um caco aqui do que provocar a morte dos nossos amigos depois de sairmos.

— Cá vêm eles — diz a Nadine, a afastar-se do caminho quando os primeiros candidatos chegam ao cimo com os peitos a arfar da subida.

— *Parecem tão jovens* — digo ao Tairn, a transferir o peso de um pé para o outro na parede e a desejar ter tido mais cuidado ao ligar o joelho esquerdo de manhã. O suor já soltou a ligadura e o tecido descaído irrita-me como o diabo.

— *Tu também parecias* — responde ele com um ronco. Está chateado há dois dias e não o posso censurar. Está dividido entre fazer exatamente o que lhe apetece (ir ter com a Sgaeyl) e ver-me a ser punida pelo que ele fizer.

O olhar da primeira candidata vira-se do cabelo púrpura da Nadine para a coroa do meu, a mostrar todo o seu tom prateado na habitual trança em forma de diadema.

— Nome? — pergunto.

— Jory Buell — diz ela, ainda com dificuldade em recuperar o fôlego. É alta, tem boas botas e o que parece um todo equilibrado, mas o cansaço não a vai ajudar no parapeito.

— Sobe — ordena o Dain. — Quando estiveres do outro lado, dizes o teu nome à escritã.

A rapariga faz que sim com a cabeça quando a Rhiannon aponta o nome dela na primeira linha.

Lembro-me de repente de todos os conselhos que a Mira me deu no ano passado, mas não os posso dar a ninguém. É um outro tipo de desafio, completamente diferente, ficar aqui sem fazer nada, enquanto estes candidatos arriscam as vidas a tentar ser como... nós.

As nossas caras serão as últimas que muitos deles verão antes de morrerem, — Boa sorte. — É a única coisa que me é permitido dizer.

Ela começa a atravessar o parapeito e o candidato seguinte sobe o último degrau para ocupar o lugar dela. A Rhiannon aponta o nome dele e o Dain espera até que a Jory tenha feito um terço da travessia para deixar o rapaz começar a dele.

Observo os primeiros candidatos com o coração na garganta e a lembrar-me do terror e da incerteza que marcou este dia no ano passado. Quando um dos candidatos escorrega e cai na marca que indica um quarto do caminho percorrido, e a ravina lá em baixo engole os últimos gritos que ele dá, eu deixo de olhar e de procurar saber se chegam ao outro lado. O meu coração não aguenta.

Ao fim de duas horas, estou a perguntar-lhes os nomes sem nenhuma intenção de me lembrar deles, mas reparo nos que são especialmente agressivos, como o rapaz encorpado como um touro e com uma cova muito profunda no queixo que investe pelo parapeito afora e não hesita em atirar pela ravina abaixo um candidato franzino de cabelo ruivo que estava com dificuldade em passar pela marca do meio da travessia.

Sinto um pouco de mim a morrer ao ver tamanha crueldade e é muito difícil ter sempre em mente que todos os candidatos estão aqui porque assim escolheram. São todos voluntários, ao contrário dos dos outros quadrantes, que aceitam recrutas que passam o exame de admissão.

— Jack Barlowe Júnior — observa a Rhiannon à boca pequena.

Reparo na forma como o Dain estremece e olha para mim.

Deixo escapar um suspiro lento e viro-me para o próximo candidato na fila, a tentar esquecer-me da forma como o Barlowe me mandou para a enfermaria no ano passado. Arrepio-me ao lembrar-me de como ele me inundou de energia usando apenas as mãos até eu ficar com os ossos a chocalhar.

— Nom... — começo, mas a palavra morre-me na boca quando olho, surpreendida, para o candidato que está muito acima de mim. É mais alto do que o Dain, mas mais baixo do que o Xaden, com um corpo musculado e um queixo forte, e, embora o cabelo castanho-claro esteja mais curto do que da última vez que o vi, eu reconheceria aquelas feições, aqueles olhos, em qualquer lugar. — Cam?

O que diabo está ele aqui a fazer?

Os olhos dele arregalam-se de surpresa, depois pestanejam quando me reconhecem.

— Aaric... Graycastle.

Reconheço o nome do meio, mas o último?

— Acabaste de inventar esse nome? — sussurro-lhe. — Porque é medonho.

— Aaric. Graycastle — repete ele com o maxilar a latejar. Levanta o queixo com a mesma arrogância que vi em todos os irmãos dele e, sobretudo, no pai. Mesmo que eu não o reconhecesse das dezenas de vezes que as vidas dos nossos pais nos atiraram para a mesma sala, aqueles olhos verdes sensacionais marcam-no da mesma maneira que o meu cabelo me marca a mim. Não vai enganar ninguém que já tenha conhecido o pai ou *qualquer* um dos irmãos.

Eu olho de relance para o Dain, que olha abertamente para o Cam...
Aaric.

— Tens a certeza de que é isto que queres? — pergunta o Dain, e a preocupação que lhe anima os olhos faz-me lembrar do *meu* Dain, mas a sensação é curta. Essa versão do Dain, aquela em que pensava que podia confiar sempre, morreu no dia em que ele me roubou as memórias e nos

enviou ao encontro dos venéficos. — Depois de atravessares o parapeito, não há como voltar atrás.

O Aaric assente com a cabeça.

— Aaric Graycastle — repito para a Rhiannon, que escreve o nome, mas sabe claramente que se passa alguma coisa.

— O teu pai sabe? — pergunta o Dain ao Aaric num murmúrio.

— Não é da tua conta — responde ele, subindo para o parapeito e enrolando os ombros. — Tenho vinte anos.

— Certo, porque isso vai fazer muita diferença quando ele perceber o que estás a fazer — retruca o Dain a passar com a mão pelo cabelo. — Vai matar-nos a todos.

— Vais ser tu quem lhe vai dizer? — pergunta o Aaric.

O Dain abana a cabeça e olha para mim como se eu tivesse uma resposta para isto quando ele é que é o raio do chefe de divisão.

— Muito bem, então faz-me um favor e ignora-me — diz ele ao Dain.

Mas não a mim.

— Nós somos a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão — digo ao Aaric. Talvez eu possa convencer os outros a não dizerem nada a ninguém, se o reconhecerem.

O Dain abre a boca.

— Hoje não — digo-lhe, a abanar a cabeça.

Ele fecha a boca de chofre.

O Aaric ajeita o saco que traz às costas e começa a atravessar o parapeito e eu não me consigo convencer a olhar.

— Quem era aquele? — pergunta a Rhiannon.

— Oficialmente? O Aaric Graycastle — digo-lhe.

Ela levanta uma sobrancelha e eu sinto a culpa a remoer-me o estômago.

Já há segredos de mais entre nós e isto é algo que lhe posso dizer. Algo que ela merece saber, uma vez que acabei de o encaminhar para a nossa esquadra.

— Entre nós? — sussurro e ela olha para mim com uma sobrancelha arqueada. — O terceiro filho do rei Tauri.

— Oh, merda. — Ela olha por cima do ombro para o parapeito.

— É mais ou menos isso. E posso garantir-te que o pai dele não sabe que ele está aqui. — Sobre tudo tendo em conta o que sentiu depois de o irmão mais velho do Aaric ter morrido durante a Debulha há três anos.

— Há de ser um ano fácil — diz a Rhiannon sarcasticamente antes de acenar para que a pessoa seguinte avance sem perder tempo.

— Nome?

— Sloane Mairi.

A minha cabeça vira-se de chofre na direção dela e o meu coração sobe-me para a garganta. O mesmo cabelo loiro, embora esteja neste momento a balançar ao sabor da aragem abaixo dos ombros. Os mesmos olhos azul-celestes. A mesma relíquia da rebelião a enrolar-lhe o braço. A irmã mais nova do Liam.

A Rhiannon olha-a fixamente.

O Dain está com ar de quem viu um fantasma.

— Com um «e» no fim — diz a Sloane, a encaminhar-se para os degraus e a prender o cabelo atrás das orelhas, nervosa. Vai voltar a ficar-lhe à frente da cara na próxima rajada de vento, o que a poderá cegar temporariamente no parapeito, e eu não posso fazer nada para que isso não aconteça.

Prometi ao Liam que olharia por ela.

— Para. — Salto da parede, pego na pequena faixa de pele que guardo sempre no bolso da frente do uniforme e estendo-lha. — Ata o cabelo primeiro. Se fizeres uma trança, é ainda melhor.

A Sloane sobressalta-se.

— Vi... — começa o Dain.

Eu olho para ele com uma expressão de fúria por cima do ombro. É por causa dele que o Liam não está aqui para proteger a Sloane. Sinto a raiva a percorrer-me as veias e a aquecer-me a pele.

— Não te atrevas a dizer nem mais uma palavra ou atiro-te deste torreão abaixo com um relâmpago, Aetos. — O poder crepita ao longo das minhas mãos sem ser chamado e irrompe mais acima, relampejando horizontalmente no céu.

Ups.

Ele senta-se, a murmurar alguma coisa sobre perder todas as discussões hoje.

A Sloane pega no pedaço de pele das minhas mãos devagar, depois entrança o cabelo — com simplicidade e rapidez — e ata-o com a faixa sem nunca deixar de olhar para mim do alto dos sete ou oito centímetros que tem a mais do que eu.

— Abre os braços para te equilibrares — digo-lhe, a sentir um mal-estar em todo o corpo devido ao risco que ela está prestes a enfrentar. — Não deixes que o vento te tolha o passo. — Foram as palavras da Mira e agora são as minhas. — Não tires os olhos das pedras à tua frente e não olhes para baixo. Se o saco escorregar, larga-o. Se for para cair, antes o saco do que tu.

Ela relanceia para o meu cabelo, depois baixa os olhos para os dois emblemas cosidos no meu uniforme de verão logo acima do coração. Um é o emblema da Segunda Esquadra que ganhámos durante a Batalha de Esquadras no ano passado e o outro é um relâmpago que se estende em quatro direções.

— És a Violet Sorrengail.

Eu assinto com a cabeça e fico com a língua presa. Não consigo pensar nas palavras certas para dizer o quanto lamento a perda dela. Vêm muitas coisas à cabeça, mas tudo me soa insuficiente.

A expressão dela muda e algo muito parecido com o ódio enche-lhe os olhos quando ela se inclina e baixa a voz para que eu seja a única que a ouve a dizer:

— Eu sei o que aconteceu realmente. O meu irmão morreu por tua causa. Morreu por *ti*.

Eu consigo sentir o sangue esvair-se-me do rosto quando pestanejo para tentar afastar a memória do Deigh a embater na serpe que ia atrás do Tairn e projetou o Liam por cima da minha sela. Ele era tão pesado que quase desloquei um ombro ao tentar evitar que ele caísse.

— Sim, é verdade. — Não o posso negar e não desvio o olhar. — E não imaginas o quanto lamento...

— Vai para o inferno — sussurra ela. — E não estou a brincar. Espero que ninguém confie a tua alma a Malek. Espero que ele a recuse. O Liam valia por uma dúzia da tua laia e eu espero que passes a eternidade a pagar pelo que me custaste, o que nos custaste a *todos*.

Sim, aquela expressão nos olhos é de ódio, definitivamente.

O meu coração abandona-me o corpo e cai algures na vizinhança da recomendação dela.

— *A culpa não foi tua* — diz o Tairn.

— *Foi, sim*. — E se eu não me recomponho imediatamente vou voltar a deixar o Liam ficar mal. — Odeia-me à vontade — digo à Sloane, afastando-me para o lado para abrir o caminho para o parapeito. — Mas faz-me um favor e abre a porcaria dos braços para não ires ter com o Liam antes de mim. Fá-lo por ele. Não por mim. — E assim se esvai a ideia da mentora carinhosa e afável que eu esperava ser.

Ela arranca o olhar do meu e sobe para o parapeito.

O vento aumenta e ela balança, o que me deixa o coração na boca.

— O que raio se passou aí com a Mairi furiosa? — pergunta a Rhiannon.

Eu abano a cabeça. Não... consigo.

Depois a teimosa abre finalmente os braços e começa a caminhar. Eu não desvio o olhar. Vejo cada raio de cada passo que ela dá como se o meu futuro estivesse atado ao dela. Fico sem fôlego quando ela cambaleia a meio

do caminho e os meus pulmões só recebem o devido alívio quando eu a vejo a chegar ao outro lado.

— Ela conseguiu — sussurro a olhar para o Liam lá em cima.

Depois, pergunto o próximo nome.

Setenta e um candidatos caem do parapeito de acordo com os róis. São mais quatro do que no ano passado.

Uma hora depois de os números serem calculados, o quadrante reúne-se na formação típica — três colunas por divisão — e a escritã chama nome por nome, dividindo os instruendos do primeiro ano em esquadras.

A nossa esquadra está quase cheia e não há sinal da Sloane.

Procurei por ela no pátio há pouco, mas ou está a esconder-se de mim... ou está a esconder-se de mim. É a única explicação lógica.

A Nadine, o Ridoc e eu esperamos atrás de oito instruendos do primeiro ano que não param de mudar de posição, numa clara indicação de que estão inquietos. O Aaric ostenta uma postura perfeita, mas mantém a cabeça baixa junto a uma rapariga ruiva com uma tez que parece completamente verde na fila à minha frente.

A sensação de medo que os envolve é evidente. Nota-se em todas as gotas de suor que escorrem pelo pescoço do rapaz pequeno e entroncado duas filas mais à frente, em todas as unhas roídas que a morena ao lado dele cospe para o chão. Está a sair-lhes dos poros.

— É de mim ou isto é estranho como o raio? — pergunta o Ridoc à minha direita.

— Estranho como o raio — concorda a Nadine. — Até me apetece dizer-lhes que vai correr tudo bem..

— Não é boa educação mentir — diz a Imogen atrás de nós, em pé ao lado da Quinn, que está a aparar as pontas dos caracóis loiros com um

punhal e o ar mais aborrecido deste mundo. — Não se apeguem. Não passam de carne para dragão até à Debulha.

O rapaz pequeno de corpo entroncado com uma pele ferrugínea espreita por cima do ombro e lança um olhar arregalado à Imogen.

Ela fita-o até ele baixar o olhar e faz um círculo com o dedo indicador, a mandá-lo virar-se sem abrir a boca.

— Não sejas má — sussurro-lhe.

— Vou ser mais simpática quando pensar que estão aqui para ficar — responde ela.

— Pensava que tinhas dito que não era boa educação mentir — retruca o Ridoc com um sorriso aberto, a abanar a cabeça, o que faz a gola do uniforme sacudir-se, mas não o cabelo espetado e cheio de gel que ele está a usar hoje.

Eu pestanejo, inclino-me na direção dele, a olhar-lhe para o lado do pescoço.

— O que é... fizeste uma tatuagem?

Ele sorri e puxa a gola para mostrar a imagem pintada da ponta de uma cauda de espada na pele castanha do pescoço que acaba perto do fim da gola.

— Dá-me a volta ao ombro e vai até à relíquia de Aotrom. Mesmo à patrão, não é?

— Do piorio — assente a Nadine em aprovação.

— Sem dúvida — concordo.

A Visia Hawelynn é chamada para a nossa esquadra. O nome dela é estranhamente familiar e, quando ela aparece e se coloca na formação duas filas à minha frente, lembro-me porquê. Tem uma cicatriz de uma queimadura que se estende da gola até ao cabelo, continuando depois em curva pelo lado direito do rosto. É uma repetente. Sobreviveu depois de enfurecer um Cauda de Punhal Cor de Laranja na Debulha do ano passado, mas por muito pouco.

A Sloane é chamada para a Primeira Divisão.

— Merda — murmuro entre dentes. Como é que a hei de ajudar numa divisão completamente diferente da minha.

— Eu ficaria satisfeita, se fosse a ti — diz a Nadine em voz baixa. — Ela não me pareceu uma grande fã tua.

O Dain avança no estrado para falar com a Aura Beinhaven, a chefe de divisão principal, e os punhais amarrados aos braços dela reluzem com a luz do Sol quando ela assente com a cabeça em resposta. Ele olha de relance na minha direção, depois vai ter com a escritã na ponta do estrado e ela detém-se, levantando a pena para escrevinhar algo no rol.

— Correção! — diz em voz alta para toda a gente ouvir. — Sloane Mairi para a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão.

Boa! Os meus ombros caem de alívio puro.

O Dain volta para o lugar dele, ignorando o olhar de reprovação do vice-comandante Varrish, e a postura volta a descair pelo segundo que demora a lançar-me um olhar indecifrável. O quê? A ideia é que a Sloane seja algum tipo de oferta de paz?

A escritã prossegue com a indicação das esquadras dos instruendos do primeiro ano.

A Sloane aparece um minuto ou dois depois e o meu alívio acaba quando ela abre a boca.

— Não. Recuso. Qualquer esquadra menos essa.

Au.

A Rhiannon afasta-se do lugar dela à frente da nossa esquadra e lança um olhar à Sloane que me deixa contente por ter caído nas graças da Rhi.

— Tenho cara de quem quer saber o que tu queres, Mairi?

— Mairi? — O Sawyer olha para trás, por entre as filas de instruendos do primeiro ano que nos separam, e um novo emblema que tem no ombro dá-me vontade de rir. É uma escolha fantástica para oficial executivo da Rhi.

— É a irmã do Liam — digo-lhe.

O queixo cai-lhe.

— A sério? — O Ridoc olha para a Sloane e depois para mim.

— A sério — respondo. — Oh, e, se ainda não reparaste, já me odeia.

— Eu não posso ficar na mesma esquadra que *ela*! — A Sloane fita-me com o mais puro ódio a arder-lhe nos olhos, mas, enfim, ainda tem o cabelo entrançado, pelo que para mim é uma vitória. Pode detestar-me, mas talvez me ouça o suficiente para se manter viva.

— Deixa de desrespeitar a tua chefe de esquadra e coloca-te na formação, Sloane — diz a Imogen entre dentes. — Estás a portar-te como uma aristocrata mimada.

— Imogen? — A Sloane sobressalta-se.

— Põe-te. Na. Formação — ordena a Rhiannon. — Não estou a pedir, *cadete*.

A Rhiannon passa pela Nadine e inclina-se na minha direção.

— Esta rapariga quer ver-te morta, isso é seguro — sussurra ela. — É por alguma razão que eu deva saber? Será melhor ver se consigo troca-la com outra esquadra?

Sim. O irmão dela morreu por minha causa. Ele jurou proteger-me e perdeu o dragão dele — e a vida — para não quebrar a promessa. Mas não te posso dizer isso, tal como não te posso dizer que há venéficos para lá das nossas fronteiras.

Sinto o estômago a revirar por ter de lhe mentir.

Verdades seletivas.

— Ela culpa-me pela morte do Liam — digo em voz baixa. — Deixa-a ficar. Pelo menos, se ela estiver na nossa esquadra, não me pode matar, de acordo com o Códice.

— Tens a certeza? — A Rhiannon franze o sobrolho.

— Eu prometi ao Liam que tomava conta dela. Ela fica. — Assinto com a cabeça.

— Entre o Aaric e a Sloane, estás a selecionar os desgarrados — avisa-me a Rhiannon baixinho.

— Nós também já fomos duas desgarradas — respondo.

— Bem visto. E olha para nós agora. Vivas e tudo. — Um ligeiro sorriso curva-lhe os lábios antes de ela voltar para o lugar que lhe cabe na formação.

O sol do meio-dia bate no pátio e eu apercebo-me da distância a que estamos do estrado, onde os chefes de divisão estão à espera com o comandante Panchek.

Tufos do cabelo dele agitam-se na aragem enquanto ele olha para a formação com os olhos bem abertos e avaliadores. Este é o auge do alistamento este ano em matéria de números. Vamos começar a morrer não tarda nada.

Mas eu não. Já dancei com Malek mais vezes do que devia ao longo do último ano e disse-lhe para ir para o caralho uma e outra vez. Talvez a Sloane tenha razão e ele não me queira.

— Estás *inquieta*. — O tom do Tairn denota preocupação.

— Estou *hem*. — É como todos nós devemos estar, não é? Bem. Não importa quem vai morrer a seguir, nem quem vamos matar durante as formações... nem a guerra. Estamos *bem*.

A cerimónia começa finalmente com as ameaçadoras mas pomposas boas-vindas do Panchek aos instruendos do primeiro ano e ao nosso novo vice-comandante, e depois a Aura faz um discurso surpreendentemente inspirador sobre a honra de defender o nosso povo antes de o Dain assumir o comando, claramente a tentar fazer esquecer o Xaden.

Mas o Dain está longe de ser o Xaden.

O som de asas abater e os resfolgos dos instruendos do primeiro ano enchem o ar e eu respiro profundamente quando seis dragões — cinco pertencentes aos chefes de divisão e um Cauda de Punhal Cor de Laranja só com um olho que eu não reconheço — aterram nos muros do pátio atrás do estrado.

Aquele dragão cor de laranja tem um ar temperamental, o olhar a percorrer a formação num ritmo acelerado ao mesmo tempo que a cauda se sacode, mas nenhum é tão ameaçador como a Sgaeyl ou tão aterrador como o

Tairn. Eu olho para baixo e pego num pedaço de gaze solta do meu uniforme escuro.

Os instruendos do primeiro ano soltam guinchos que ecoam dos muros de pedra ao verem os dragões a dobrarem as garras e a fincá-las na cantaria. Uma pedra pesada cai do muro e embate a pouca distância do estrado sem que qualquer dos cavaleiros que o preenche mostre o mínimo sinal de susto. Agora percebo porque o Dain se mostrava tão despreocupado em relação a tudo isto no ano passado.

Não há um único dragão ali em cima que esteja disposto a lançar-me fogo e a enfrentar a ira do Tairn. São bonitos de se ver? Sem dúvida. Assustadores? Completamente. Até sinto a pulsação a acelerar ligeiramente. E, sim, o Cauda de Moca da Aura está a olhar para os cadetes como se fossem o almoço, mas eu sei que é sobretudo para separar o trigo do joio e eliminar os mais fracos...

A ruiva imediatamente à minha frente vomita, sujando a gravilha à volta dela, e depois as botas do Aaric, quando se dobra, arfante, para acabar de esvaziar o conteúdo do estômago.

Que nojo!

A Sloane cambaleia e muda de postura como se estivesse a preparar-se para fugir disparada.

Não é *nada* boa ideia.

— Não te mexas e não haverá problema, Mairi — digo. — Eles incineram-te se fugires.

Ela endireita-se, mas as mãos fecham-se em punhos.

Ainda bem. Chateada é melhor do que assustada neste momento. Os dragões respeitam a fúria. Mas exterminam os cobardes.

— Esperemos que os outros não vomitem por sugestão — murmura o Ridoc a franzir o nariz.

— Sim, aquela não se vai safar se chegar até à Apresentação — sussurra a Imogen.

Estes instruendos do primeiro ano cagar-se-iam todos se o Tairn fizesse um simples voo rasante. Tem quase o dobro do tamanho de qualquer um dos dragões empoleirados no muro.

— *Não te apeteceu trazer as tuas competências de intimidação únicas para este espetáculo?* — pergunto ao Tairn.

— *Não participo em truques de salão* — responde ele, com um desprezo que me faz sorrir enquanto o Dain tagarela sobre alguma coisa no estrado. Está a tentar desesperadamente emular o carisma do Xaden e a falhar rotundamente.

— *O que é que sabes sobre o cor de laranja do major Varrish? Parece-me... instável.* — E faminto.

— *O Solas está aí?* — O tom do Tairn ganha contundência.

— *O Solas é um Cauda de Punhal só com um olho?*

— É. — O Tairn não parece contente com o que ouve. — *Não tires os olhos dele.*

Estranho, mas tudo bem. Posso perfeitamente observar o cor de laranja a fitar os cadetes, furioso, com o único olho bom que tem.

— Um terço de vocês estará morto em julho do ano que vem. Se querem usar a indumentária preta dos cavaleiros, têm de a *conquistar!* — grita o Dain, a voz a subir de tom a cada palavra. — Têm de a conquistar todos os dias que passam!

O Cath finca as garras vermelhas na alvenaria e inclina-se sobre a cabeça do Dain, brandindo a cauda de espada atrás dele num movimento de serpentina ao mesmo tempo que sopra uma rajada de vapor por cima da multidão que me dá volta ao estômago. O Dain tem de dar uma olhadela aos dentes do Cath, porque tem de ter um osso algures lá no meio a putrefazer-se ou *algo parecido*.

Ouvem-se gritos no pátio e um instruendo do primeiro ano à direita — Pelotão Cauda — sai da formação e corre a toda a velocidade em direção ao parapeito, passando entre os corredores que separam os cadetes.

Não, não, *não*.

— Temos um fugitivo — murmura o Ridoc.

— Merda. — Eu contraio-me e sinto um baque no coração quando vejo outros dois instruendos da Terceira Divisão a seguir-lhe o exemplo, os braços a agitar-se violentamente quando eles tentam escapar da Primeira Esquadra do Pelotão Cauda em que estavam inseridos. Isto não vai acabar bem.

— Parece que é contagioso — acrescenta a Quinn quando eles passam por nós a correr.

— Poda-se, e não é que eles acham que se vão safar? — A Imogen suspira e deixa cair os ombros.

O trio quase que colide imediatamente atrás do centro da nossa divisão — do nosso pelotão — e depois sai disparado em direção à abertura no muro do pátio onde fica o parapeito.

— Olhos *no Solas!* — grita o Tairn.

Eu volto a olhar para a frente e vejo o Solas a semicerrar o olho até não restar senão uma fenda aberta e a girar a cabeça enquanto sorve o ar com um som ressoante até encher os pulmões. Sinto um enorme peso no peito quando olho por cima do ombro e vislumbro os fugitivos a aproximar-se do parapeito. Os dragões não os deixaram chegar tão longe no ano passado.

Ele está a brincar com eles, e deste ângulo...

Oh, merda.

O Solas estica o pescoço, inclina a cabeça num ângulo assustadoramente baixo, enrola a língua e vê-se o fogo a subir-lhe pela garganta...

— Baixem-se! — grito, atirando-me para cima da Sloane e levando-a ao chão quando a rajada de fogo passa por cima de nós e as chamas chegam tão perto que o calor chamusca cada bocadinho de pele exposta do meu corpo.

É bom que se diga, em abono da Sloane, que ela não chora quando eu lhe cubro o corpo o melhor que posso, mas os gritos dilacerantes atrás de nós são inconfundíveis. Abro os olhos tempo suficiente para ver o Aaric

completamente deitado em cima da ruiva e debaixo da rajada interminável de fogo.

O rugido do Tairn enche-me a cabeça ao mesmo tempo que a lava me escorre pelas costas arqueadas.

Sinto um grito a formar-se no fundo da garganta, mas não consigo respirar neste inferno, quanto mais dar-lhe uma voz.

O calor desaparece tão depressa como surgiu e eu encho os pulmões do tão precioso oxigénio, ainda a arfar, antes de afastar a gravilha para junto dos pés. Viro-me para perceber o que aconteceu e vejo os instruendos dos segundo e terceiro anos à minha volta a levantar-se.

Os instruendos do fundo do nosso pelotão que responderam ao meu grito estão vivos.

Os que não se mexeram não estão.

O Solas dizimou os fugitivos, um dos nossos instruendos do primeiro ano e pelo menos *metade* dos da Terceira Esquadra.

O caos é completo.

— *Prateada!* — chama o Tairn.

— *Estou viva!* — grito em resposta, mas eu sei que ele consegue sentir a dor que a minha adrenalina está a mascarar. O cheiro — *deuses*, o cheiro a enxofre e a carne queimada dos cadetes mortos faz-me sentir um ardor na garganta.

— Vi, as tuas costas... — sussurra a Nadine, a estender a mão na minha direção e a retirá-la. — Estão esturricadas.

— Está muito mau? — Eu puxo a parte da frente do uniforme e fica-me na mão, porque o tecido ardeu completamente nas costas. Pelo menos, a couraça debaixo do uniforme não saiu do lugar.

O Ridoc passa as mãos em cima dos bicos achatados e chamuscados do cabelo e o meu olhar dispara para todo o lado para ver como estão todos os outros. Reparo que a Quinn e a Imogen estão sãs e salvas atrás de nós, já a correr para ajudar a Terceira Esquadra.

Sawyer. Rhiannon. Ridoc. Nadine. Trocamos olhares rápidos entre nós que contêm a mesma pergunta e a mesma resposta. Estamos todos intactos.

Eu solto um suspiro longo e sinto a cabeça tonta, mas aliviada.

— Não... não passou da couraça — diz a Nadine.

— Ainda bem. — Valham-nos os deuses pelas escamas dos dragões.

— Estás ferida? — pergunto à Sloane quando ela se levanta, cambaleante, a olhar para a carnificina da Terceira Esquadra ao mesmo tempo que o Aaric ajuda a ruiva a pôr-se de pé. — Sloane! Estás ferida?

— Não. — Mais do que abalada, ela está a tremer como varas verdes.

— Voltem para a formação! — A voz do Panchek amplifica-se por cima da confusão. — Os cavaleiros *não* recuam perante o fogo!

Não recuamos mas é o caralho. Quem não recuou está *morto*.

Os olhos arregalados do Dain cruzam-se com os meus. Ou está tão surpreendido com o que aconteceu como eu ou é muito bom ator. Todos os chefes de divisão devem ter ficado surpreendidos, porque parecem igualmente abatidos.

Quando viro a cabeça para o que resta da Terceira Esquadra, vejo a Imogen a olhar para uma pilha de cinzas. Como se tivesse sentido que eu estou a fitá-la, arrasta o olhar aturdido ao encontro do meu.

— Imediatamente! — exige o Panchek.

A Imogen cambaleia para a frente e eu encontro-a a meio do caminho, a agarrar-se aos cotovelos.

— Imogen?

— O Ciaran — sussurra. — O Ciaran morreu.

A gravidade, a lógica, seja o que for que me mantém em pé, agita-se. Isto não pode ter sido... intencional de forma nenhuma, ou poderá?

— Imogen...

— Não digas nada — avisa ela, a relancear à nossa volta.

Voltamos para a formação quando o major Varrish avança para a frente do estrado, ao que parece completamente imperturbado por o dragão dele ter

acabado de eliminar cavaleiros que *não* tinham saído da formação, alguns deles *vinculados*.

— Não são só os instruendos do primeiro ano que têm de fazer por merecer as peles que usam em Basgiath! — grita ele, e eu juro que está a falar diretamente comigo. — As divisões são tão fortes como o seu cavaleiro mais fraco!

A fúria inunda-me os sentidos, a escaldar, e inegavelmente *não é* minha.

Uma rapariga com o cabelo preto-azulado duas filas mais à frente tenta fugir da nossa esquadra e o meu coração para quando o Solas volta a inclinar-se para a frente com a boca aberta, apesar da tentativa de dentada do Cath à direita.

Oh. Deuses.

Estou a pensar atirá-la ao chão eu própria quando ouço um par de asas que conheço como as palmas das minhas mãos atrás de mim. E a raiva que me consome cada sopro e me domina as emoções transforma-se em algo mais mortal: fúria.

O Tairn aterra no muro atrás de nós, com as asas a abrir-se tão amplamente que uma delas quase que toca nas paredes do dormitório cobrindo a fila cimeira de pedras junto ao parapeito. Os instruendos do primeiro ano gritam e correm pela vida.

— *Tairn!* — grito com mais do que um pouco de alívio, mas não consigo permear a cólera incomensurável que o inunda. A minha atenção alterna, disparada, entre o Tairn e os dragões atrás do estrado.

Os dragões dos chefes de divisão recuam todos, incluindo o Cath, mas o Solas não sai do lugar e enrola a língua ao ver o peito do Tairn a expandir-se.

— *Não tens o direito de queimar o que é meu.* — As palavras dele consomem todas as minhas vias mentais quando ouço o Tairn a soltar um rugido devastador na direção do Solas. Toda a gente põe as mãos nas orelhas, incluindo eu, que sinto todo o corpo a vibrar com o som e o ar quente a roçar-me a nuca.

Os dragões dos chefes de divisão dão um passo para o lado da parede, para se afastarem do Cauda de Punhal Cor de Laranja, quando o rugido termina, mas o Solas não arreda pé e semicerra o olho até não restar senão uma fenda dourada.

— C’um caraças — sussurra a Nadine.

É um bom resumo.

O Tairn estende o pescoço para a frente, bem acima da nossa esquadra, depois bate com os dentes na direção do Solas num som alto e numa clara ameaça.

O meu coração bate tão depressa que parece que zune.

O Solas deixa escapar uma rosnadela curta e rouca antes de brandir a cabeça num movimento de serpentina. As garras agarram e soltam a extremidade do muro, e eu sustenho a respiração até ele se lançar para o céu, a bater as asas rapidamente em retirada.

O Tairn levanta a cabeça, a observar o voo antes de virar a atenção para o estrado e exalar uma rajada de vapor tingida de enxofre, que passa por cima do cabelo preto e denso do Varrish.

— *Acho que ele percebeu a mensagem* — digo ao Tairn.

— *Se o Solas se voltar a aproximar de ti, sabe que vou devorar o humano dele inteiro e deixá-lo apodrecer dentro de mim com o coração ainda a bater, e depois tiro-lhe o olho que lhe resta e lhe dá tanta graça.*

— *Bem, isso é bastante... explícito.* — Não vou sequer perguntar qual é a história entre eles, tendo em conta as ondas de raiva que lhe saem da boca como uma tempestade.

— *O aviso deve ser eficaz. Por enquanto.* — Recolhe as asas e recua para ganhar ímpeto antes de saltar do muro e as asas levantarem gravilha quando ele descola.

O Panchek volta ao palanque, mas não tem a mão completamente estável quando a passa pelo cabelo ralo e pelas medalhas que traz ao peito.

— Bem, onde é que nós íamos?

O Varrish olha para mim com uma expressão furiosa. O ódio que me destila deixa-me um sabor bem distinto na boca e eu sei que, mesmo que ele não fosse um inimigo no passado, agora é e isso é tão certo como Dunne.

E nas montanhas da cordilheira de Steelridge, os dragões verdes da linhagem Uaineloidsig, conhecidos pelo intelecto aguçado e pelo semblante racional, ofereceram os seus terrenos de desova ancestrais para o bem da draconidade, e as guarnições de Navarre foram tecidas pelos Primeiros Seis no que é agora a Escola de Guerra de Basgiath.

— NAVARRE UNIDA, UM ESTUDO DE SOBREVIVÊNCIA DE
GRATO BURNELL, CONSERVADOR DO QUADRANTE DOS COPISTAS



CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte, acordo com suores frios e olho para o céu iluminado pela luz pálida da manhã que vejo da minha janela virada para leste, ainda com o corpo inundado da adrenalina do pesadelo. Como todas as manhãs desde que o Xaden se foi embora, ligo bem os joelhos, visto-me depressa com o uniforme flexível de verão concebido para treino de combate por cima da couraça e prendo o cabelo numa única trança pouco apertada antes de sair do quarto.

Ainda tenho o coração a martelar quando desço as escadas em espiral em passo de corrida, uma vez que não consigo afastar os pesadelos que surgem de forma tão vívida enquanto estou a dormir. *Quando consigo dormir.*

Engulo o nó que me sobe pela garganta. Um dos venéficos, com veias vermelhas a espalhar-se dos olhos como uma teia de aranha, escapou em Resson. Quem sabe quantos mais existirão e estão a caminho da nossa fronteira enquanto estamos a descansar.

No rés do chão, os instruendos do primeiro ano apressam-se a cumprir as tarefas que lhes foram atribuídas, mas, para meu alívio, o pátio está vazio, o ar denso de humidade, mas, felizmente, mais fresco do que ontem graças à tempestade que se aproxima.

Agarro o tacão da minha bota de encontro à coxa para alongar o músculo. Apesar da extraordinária quantidade de unguento da Winifred, a pele das minhas costas ainda está sensível depois da queimadura de ontem, mas está cem vezes melhor do que estava ontem à noite.

— Ninguém te disse que a vantagem de estar no segundo ano é a hora a mais de sono que temos sem as tarefas? — pergunta a Imogen ao aproximar-se com uma passada leve sobre a gravilha.

— Sim, tenho a certeza de que isso é ótimo para as pessoas que conseguem dormir. — Alongo a outra perna. — O que estás a fazer?

— Vou contigo. — A Imogen também se alonga, enrolando o pescoço ao mesmo tempo. — Mas o que eu não consigo perceber é por que raio tens andado a correr todas as manhãs.

Sinto um vazio no estômago.

— Como é que sabes que eu tenho corrido todas as manhãs? Se o Xaden acha que preciso de alguém a vigiar-me este ano... — Abano a cabeça, incapaz de terminar a frase. Ele devia ter-nos visitado ontem, mas não apareceu, para irritação do Tairn... e preocupação da minha parte.

— Calma. O Xaden não sabe. O meu quarto fica por cima do teu e digamos que eu também não tenho andado a dormir muito bem. — O olhar dela dispara para a rotunda onde um grupo de cadetes está a sair.

Dain. Sawyer. Rhiannon. Bodhi. Reconheço a maioria como chefia da Quarta Divisão.

A Rhi e o Sawyer veem-nos imediatamente e encaminham-se na nossa direção.

— Então, porque é que tens andado a correr, Sorrengail? — pergunta a Imogen, a terminar os alongamentos.

— Porque normalmente sou uma porcaria a fazê-lo — respondo. — Sou boa em sprints rápidos, mas qualquer coisa mais longa... não consigo. —

Para não dizer que me dá cabo das articulações.

O olhar da Imogen dispara, arregalado, na direção do meu.

O Bodhi está mais atrás e começa a andar na nossa direção. Tem um andar tão parecido com o do Xaden que eu quase que tenho de olhar uma segunda vez.

— O que estão a fazer a pé? — pergunta a Rhiannon, a guardar um caderno debaixo do braço quando chega junto a nós ao lado do Sawyer.

— Podia fazer-te a mesma pergunta. — Abro um sorriso forçado. — Mas calculo que seja uma reunião da chefia.

— Sim. — A preocupação franze-lhe o sobrolho quando ela olha para o meti rosto com uma expressão avaliadora. — Estás bem?

— Claro que sim. Foi boa a reunião? — É uma tentativa patética de fazer uma conversa normal, dado que as cenas de Resson ainda estão a passar-me pela cabeça depois do pesadelo.

— Foi boa — responde o Sawyer. — Transferiram o Bodhi Durran do Pelotão Cauda para o Pelotão Labareda.

— Tivemos de fazer uma reestruturação, uma vez que a maioria da Terceira Esquadra foi incinerada ontem — acrescenta a Rhiannon.

— Certo. Faz sentido. — Olho por cima do ombro e calculo que tenho cerca de cinco segundos até que o Bodhi chegue junto de nós. Se ele souber que estou com dificuldades, não tenho dúvidas de que o dirá ao Xaden e esse tipo de conversa é a última coisa de que preciso neste momento. — Ouçam, tenho de ir andando.

— Vais para onde? — pergunta a Rhiannon.

— Vou correr — respondo com sinceridade.

Ela puxa a cabeça para trás e o sobrolho franze-se ainda mais.

— Tu nunca corres.

— Então é uma boa altura para começar — tento brincar.

Ela olha alternadamente para a Imogen e para mim.

— Com a Imogen?

— Sim — responde a Imogen. — Parece que agora somos corredoras.
O Bodhi chega a tempo de a ouvir e levanta as sobrancelhas.

— Juntas? — O olhar da Rhiannon continua a saltitar: para a Imogen, para mim, para a Imogen outra vez. — Não compreendo.

Se não fores capaz de mentir, mantém as distâncias.

— Não há nada para compreender. Vamos só correr. — O meu sorriso é tão tenso que eu penso que todo o meu rosto pode fraturar-se com o esforço que preciso de fazer para o manter.

O Bodhi semicerra o olhar.

— E se não chegarem a tempo do pequeno-almoço?

— Chegamos, sim — promete a Imogen. — Se sairmos agora. — Olha de relance para o Bodhi. — Está tudo sob controlo.

— Deixem-nas ir — diz o Bodhi.

— Mas... — começa a Rhiannon, com o olhar à procura do meu como se me conseguisse ler os pensamentos. A Imogen tem vindo a treinar-me desde o ano passado, mas a Rhiannon sabe que não somos exatamente amigas.

— Deixem-nas ir — repete ele, e desta vez não é uma sugestão, mas uma ordem do chefe de pelotão.

— Vemo-nos mais tarde? — pergunta a Rhi.

— Sim, mais tarde — concordo, sem ter a certeza de que esteja a ser sincera, antes de me virar e começar a correr pelo pátio em direção ao túnel. A gravilha é uma merda, porque dificulta a tração, mas não faz mal. Eu preciso de dificuldades.

A Imogen apanha-me ao fim de poucas passadas.

— O que querias dizer quando disseste que não conseguias?

— O quê? — Paramos junto às portas.

— Disseste que não conseguias. — A Imogen pega no puxador antes de mim e fecha a porta. — Quando te perguntei porque estás a correr. O que querias dizer com isso?

Por um segundo, penso em não lhe dizer, mas ela também estava lá. E também não tem dormido bem.

— A Soleil não conseguiu. — O meu olhar fixa-se no dela, mas a expressão da Imogen não se altera. Juro pelos deuses que nada a perturba. É um traço que invejo nela. — Ela estava no chão quando *ela* a matou. A forma como canalizou a energia... sugou tudo da terra. Tudo o que *estava a tocar* a terra. Incluindo a Soleil e o Fuil. Eu vi como aconteceu. Eu vejo-o a acontecer todas as noites, quando fecho os olhos. Espalhou-se depressa de mais e eu sei... não consigo correr com velocidade suficiente. Sobretudo se estiver longe do Tairn. Não sou suficientemente rápida se a distância for considerável. — Tento engolir a tensão na garganta, mas, ultimamente, o nó parece viver lá.

— Ainda — diz a Imogen, a abrir a porta para o túnel. — Ainda não *somos* suficientemente rápidas. Mas vamos ser. Toca a andar.

— É estranho como o diabo estar aqui em cima — diz o Ridoc à minha esquerda quando estamos sentados na primeira aula de Sumário de Batalha do ano académico a olhar para os instruendos do primeiro ano, que ocupam mais de metade da sala mais abaixo.

Os únicos lugares de pé são os ocupados pelos instruendos do terceiro ano, nas filas em escada da sala tipo anfiteatro. É o único lugar no quadrante, além da sala comum, desenhado para receber todos os cadetes, mas demorará algumas semanas de róis de mortes até que nos possamos sentar todos em frente do mapa do Continente com vários andares de altura.

Faz-me lembrar o da sala de reuniões do Brennan em Aretia. Ele acha que só temos seis meses até que os venéficos ataquem as guarnições, mas este mapa não tem uma única indicação de que tal possa acontecer.

— A vista é um pouco melhor — observa a Nadine do outro lado.

— É bem mais fácil de ver as partes mais altas do mapa, sem dúvida — concorda a Rhiannon à minha direita, a pegar nos materiais e a pousá-los na

secretária à frente dela. — Foi boa a *corrida* de manhã?

— Não sei se diria que foi boa, mas foi eficaz. — Pouso o caderno e a caneta na mesa, estremeço com a dor que me sobe pelas canelas e reforço os meus escudos. Mantê-los sempre em pé é mais difícil do que eu pensava, e o Tairn adora recordar-me quando descaem.

— Olha para todos aqueles instruendos do primeiro ano com as penas e os tinteiros — observa o Ridoc, a inclinar-se para a frente para olhar para os cadetes mais abaixo.

— Houve uma altura em que não tínhamos conhecimento de magia menor para alimentar as canetas de tinta — replica a Nadine. — Deixa de te armar em superior.

— Nós *somos* superiores. — O Ridoc abre um sorriso.

A Nadine revira os olhos e eu não consigo conter o sorriso.

A professora Devera desce os degraus estreitos à nossa esquerda que acompanham as filas de assentos, com a grande espada preferida amarrada às costas. Está com o cabelo preto um pouco mais curto desde a última vez que a vi e tem uma ferida recente e recortada na pele em tom de mogno do bíceps.

— Ouvi dizer que ela passou a semana passada na Divisão Sul — diz a Rhiannon em voz baixa.

Sinto uma tensão no estômago e pergunto-me o que terá visto, se é que viu alguma coisa.

— Bem-vindos ao vosso primeiro Sumário de Batalha — anuncia a professora Devera. Eu desligo quando vejo que está a fazer o mesmo discurso do ano passado, avisando os instruendos do primeiro ano para não ficarem surpreendidos se os do terceiro forem chamados para o serviço mais cedo para suprir as necessidades dos postos intermédios ou servirem de substitutos das divisões avançadas. A professora Devera passa os olhos por todos os instruendos do primeiro ano antes de os levantar para os do segundo ano e de os franzir por um instante quando me lança um sorriso de orgulho antes de continuar a subir a sala enquanto explica a necessidade imperativa de compreendermos o que está a acontecer nas nossas fronteiras.

— Esta é também a única aula em que não vão responder apenas a uma professora cavaleira, mas também a um professor copista — termina ela, a levantar a mão em direção às escadas.

O professor Markham levanta as suas vestes em tons de creme ao descer a caminho da reentrância no chão da sala de aula.

Os meus músculos retesam-se e eu luto contra o impulso de atirar-lhe um dos meus punhais às costas traiçoeiras. Ele sabe de tudo. Tem de saber. Foi ele quem escreveu a porcaria do manual da história navarresa que serve para ensinar todos os cavaleiros. E, até ao ano passado, eu era a sua aluna estrela, a que ele tinha escolhido especificamente para ser bem-sucedida no Quadrante dos Copistas.

— Vão respeitar o coronel Markham como respeitam qualquer outro professor — diz a professora Devera. — Ele é a principal autoridade em Basgiath no que respeita a todas as matérias não só da nossa história mas também dos assuntos correntes. Alguns de vocês podem não o saber, mas a informação da frente é recebida em Basgiath antes de ser enviada para o rei em Calldyr, pelo que receberão aqui as notícias em primeira mão.

Eu olho para baixo e vejo o Aaric sentado ao lado da Sloane, na fila com os instruendos do primeiro ano da nossa esquadra, e diga-se em seu abono que ele nem sequer se contrai ou mexe no assento. Se olhar com atenção, o Markham saberá quem ele é, mas com aquele penteado, se mantiver a cabeça baixa, tem uma hipótese de passar despercebido.

Pelo menos até que o pai dele faça soar os alarmes a avisar que ele desapareceu do berço de ouro em Calldyr.

— Primeiro ponto de debate — diz o Markham quando chega ao fundo da sala, as sobancelhas grisalhas a unir-se. — Não houve apenas um mas sim dois ataques na nossa fronteira por bandos de grifos na semana passada.

Ouve-se um murmúrio a percorrer a sala.

— O primeiro — diz a professora Devera enquanto levanta a mão para usar magia menor para mover as bandeiras do lado do mapa para a fronteira que partilhamos com a província de Poromiel em Braevick — foi perto da aldeia de Sipene, no alto dos montes de Esben.

A uma hora de voo de Montserrat.

O único som que se ouve é o de canetas e penas em pergaminho dos instruendos a tirar notas.

— O que vos podemos dizer é o seguinte — diz o Markham, a cruzar as mãos atrás das costas. — O bando atacou duas horas depois da meia-noite, quando quase todos os aldeões estavam a dormir. Não foi provocado e, dado que Sipene é uma das aldeias que ficam para além das guarnições, a violência só foi detetada pela Divisão Este ao fim de algumas horas.

Deixo cair os ombros, mas continuo a escrever, parando apenas para olhar para o mapa. A aldeia fica a quase 2500 metros de altitude, o que é uma altitude desagradável para os grifos. Do que é que eles estavam à procura? Talvez eu devesse ter passado a noite passada a ler textos sobre o que há naquelas montanhas e não sobre as ramificações políticas do estabelecimento da nossa escola aqui em Basgiath e não em Calldyr, mais a oeste, há seiscentos anos.

— O bando foi disperso por três dragões em patrulha do posto local, mas, quando chegaram, a maior parte dos estragos já estavam feitos. Foram roubadas provisões e queimadas casas. O último voador de grifos foi encontrado numas grutas locais acima da aldeia, embora nem ele nem o seu grifo nos tenham dito a motivação para o ataque e foram ambos incinerados imediatamente.

É difícil os prisioneiros falarem sobre os venéficos com que têm estado a lutar se estiverem mortos.

— É o que eles merecem — murmura o Ridoc, a abanar a cabeça. — Não têm nada de ir atrás de civis.

Mas será que era isso que estavam a fazer? O Markham não fez referência a baixas civis, só à destruição.

Olho para cima, sobre o ombro, para o local onde a Imogen está em pé, junto ao Bodhi e à Quinn, com os braços cruzados à frente do peito. Ela olha de relance para mim e cerra a boca antes de voltar a centrar a atenção no Markham.

Merda. Eu quero estar lá atrás ao lado deles, a perguntar-lhes o que realmente acham, ou até à Eya, que está com a sua esquadra do terceiro ano no canto. Podemos não ser próximas, mas, pelo menos, ela sabe a verdade. Mais do que tudo, quero falar com o Xaden. Quero respostas que ele não está disposto a dar-me.

— Quanto ao segundo — continua a professora Devera, movendo outra bandeira, desta vez para sul. O pequeno-almoço que eu tomei anda às voltas no meu estômago quando ela coloca a bandeira no lugar. — O posto avançado de Athebyne foi atacado há três dias.

Eu solto um resfolgo e a caneta cai-me da mão, batendo sonoramente na secretária na sala silenciosa.

— Estás bem? — sussurra a Rhiannon.

— Tem alguma coisa a dizer, cadete Sorrengail? — pergunta o Markham, a levantar a cabeça e a olhar para mim com aquela expressão caracteristicamente inescrutável de que ele tanto gosta. Mas o desafio que vi tantas vezes quando ele costumava tentar arrancar-me uma resposta correta está no simples levantar da sobrancelha.

Eu sei que ele está perfeitamente ciente do que se está a passar para lá das nossas fronteiras, mas será que o coronel Aetos lhe disse que *eu* também estou?

— Não, professor — respondo, pegando na caneta antes que ela role da secretária abaixo. — Fiquei surpreendida, só isso. Tanto quanto eu sei do que me ensinou na preparação para o Quadrante dos Copistas, os postos avançados raramente são atacados diretamente.

— E? — Ele apoia-se na secretária no centro do chão da sala, a bater com o dedo ao lado do nariz bolboso.

— E Montserrat também foi atacada diretamente no ano passado, pelo que não consigo deixar de me perguntar se esta tática está a começar a ser mais usada pelo nosso inimigo.

— É uma ideia interessante. E algo em que estamos a pensar no Quadrante dos Copistas. — O sorriso que lhe anima o rosto é tudo menos

amigável quando ele se levanta da secretária, a entrelaçar as mãos atrás das vestes enquanto me acena com a cabeça.

— Normalmente, começamos com os instruendos do primeiro ano — diz a professora Devera, a lançar um olhar para o coronel Markham. — Para completar as informações que vos podemos dar sobre o ataque a Athebyne, podemos dizer que ocorreu pouco depois da meia-noite, enquanto nove dos doze dragões lá destacados ainda estavam em patrulha. O total de inimigos era de cerca de duas dúzias, pelo que nos foi dado observar, e foram derrotados pelos três dragões presentes, com ajuda da infantaria. Os voadores de grifos conseguiram chegar aos níveis mais baixos do posto avançado antes de serem apanhados e mortos.

— *Escudos* — rosna o Tairn, e eu volto a levantá-los.

— *Nem sequer tinha reparado que os havia baixado.*

— *Nesta fase, já deviam ser como a roupa que usas* — adverte, um pouco mais ríspido do que é habitual.

— *Desculpa?*

— *Sentirias uma aragem se te esquecesses de a vestir.*

Percebido.

— Não foi para lá que vocês foram enviados? — pergunta a Rhiannon.
— Athebyne?

Eu assinto com a cabeça, esperando que nenhuns dos voadores de grifos indicados tenham sido aqueles contra os quais lutámos em Resson.

Quando chega a altura das perguntas, os instruendos do primeiro ano têm prioridade.

Qual foi a formação escolhida pelos grifos para o ataque a Athebyne?

Um V típico.

Os dois ataques estão relacionados?

Não temos razão para acreditar que estejam.

As perguntas não param e nenhuma delas vai ao cerne da questão, o que me faz olhar para os cadetes abaixo de mim com uma boa dose de ceticismo

por não terem o pensamento crítico que deviam ter. Mas, pensando bem, talvez os outros anos tivessem pensado o mesmo sobre nós no ano passado.

Por fim, a Devera abre a discussão aos outros anos.

A Rhiannon levanta imediatamente a mão e a Devera dá-lhe a palavra.

— Aham que é possível que o inimigo tivesse sabido que o posto avançado tinha sido esvaziado para os Jogos de Guerra e estivesse a tentar tirar proveito da situação? — pergunta.

Exatamente.

A professora Devera e o professor Markham partilham um olhar.

— Ahamos, sim — responde finalmente a professora Devera.

— Mas a demora mostraria um desfasamento na velocidade com que recebem informação, não é? — continua a Rhiannon. — O posto avançado esteve vazio quanto tempo? Alguns dias?

— Cinco dias, para sermos precisos — responde o Markham. — E este ataque ocorreu oito dias depois de ter sido reocupado. — O olhar dele desvia-se para o meu, depois sobe para as filas mais acima. — O posto comercial próximo de Poromiel, em Resson, foi foco de inquietação poromielana há um par de semanas e nós achamos que isso pode estar a ajudar a corromper as suas linhas de comunicação acerca do nosso posto avançado.

Inquietação poromielana?

O poder cresce dentro de mim tão depressa que a minha pele aquece.

A Devera olha de soslaio para o Markham.

— Nós normalmente também não vos damos as respostas.

O Markham solta um risinho e baixa a cabeça.

— Peço perdão, professora Devera. Não devo estar no meu melhor hoje.

Poucas horas de sono nos últimos dias.

— Acontece aos melhores.

Eu levanto a mão e a professora Devera dá-me a palavra.

— Onde fica o posto avançado onde os voadores de grifos foram encontrados?

— Perto do arsenal.

Merda. Assinto com a cabeça. Estavam a assaltar o posto avançado em busca de armas. As nossas guarnições podem não chegar tão longe, mas seria capaz de apostar a minha vida em como um depósito de punhais foi transferido se a chefia teve conhecimento de que havia venéficos por perto. O Brennan não pode abastecer sequer uma fração dos voadores. Claro que eles vão lutar para roubar armas. Temos de contrabandear mais armamento.

— O que vocês fariam se estivessem no comando durante o tumulto do posto avançado de Athebyne? — pergunta a professora à sala, antes de dar a palavra à Caroline Ashton quando ela levanta o braço.

— Eu duplicaria a patrulha durante as próximas semanas numa demonstração de força e talvez pusesse a possibilidade de arrasar algumas aldeias poromielanas da fronteira — sugere ela.

A Rhiannon esboça uma expressão de escárnio.

— Lembrem-me para nunca lhe sair das graças — murmura o Ridoc.

— Em retaliação? — interrompe o Dain. — Essa não é a nossa forma de atuar. Vai ler o Códice para conheceres as regras de combate, Ashton.

Diz o homem que me enviou para a morte certa.

— Ele tem razão — concorda a professora Devera. — Nós defendemos as nossas fronteiras com força letal, mas não declaramos guerra aos civis. — Só não nos damos ao trabalho de os salvar. Mas será que ela sabe disso? Merda, será que há *alguma pessoa* em que possa confiar por aqui?

Mas... talvez todo o relatório esteja errado. Talvez tenham sido serpes e venéficos a atacar, não grifos. Talvez toda esta apresentação seja uma mentira bem montada.

— Quantos cavaleiros foram feridos no ataque de Athebyne, dado que um foi morto? — pergunto.

— Quatro dos nossos cavaleiros — responde a professora Devera a apontar para o braço. — Eu incluída. Isto foi obra de uma cavaleira com

excelente pontaria com o arco.

E lá se vai a teoria de que não terão sido grifos.

Somos dispensados ao fim de mais uma hora de assuntos correntes e eu abandono a minha esquadra no meio da multidão para ir atrás do Bodhi.

Está quase a chegar às escadas da sala de reuniões quando eu o alcanço.

— Sorrengail? — pergunta ele depois de passarmos pelo engarrafamento junto às portas.

— Eu quero ajudar — sussurro. Talvez possa fazer mais do que limitar-me a ler.

— Oh, que caraças. — Ele pega-me no cotovelo e empurra-me para uma alcova, a olhar, imponente, para mim com uma expressão de exasperação. — Tenho instruções diretas para te manter o mais longe possível de *ajudares*.

— Ele nem sequer está aqui e está a dar ordens? — Ajusto a alça do meu saco no ombro enquanto a maioria do quadrante vai passando como que por um funil.

— Essa tática não vai funcionar comigo, porque sim. — Ele encolhe os ombros e esfrega uma caneta no interior do gesso que lhe cobre a mão.

— E eu que pensava que eras o mais razoável do grupo. — Suspiro. — Olha, se eu puder ajudar, talvez possamos impedir o que eu penso que são... incursões de abastecimento. — Falar em código é ridículo, mas pode haver alguém a ouvir. — Dá-me uma tarefa.

— Oh, eu *sou* o mais razoável do grupo. — Ele lança-me um sorriso aberto e encosta-se à parede apoiado sobre os calcanhares. — Além disso, não tenho nenhum desejo de morrer. Sobrevive ao segundo ano e reforça os teus escudos, Sorrengail. A tua tarefa é essa.

— Ela está a tentar convencer-te a deixares que ela participe nas travessuras? — pergunta a Imogen, parando junto a nós.

— «Tentar» é a palavra certa — diz o Bodhi. — Só a tentar. — O Bodhi sai da alcova para o meio da multidão que passa.

— Como é que havemos de voltar para as aulas como se nada tivesse acontecido? — pergunto à Imogen quando saímos, juntamente com o fluxo de cadetes que se dirigem para a escada principal da ala académica.

— Tens de *agir* como se nada tivesse acontecido — diz a Imogen em voz baixa, a acenar para a Quinn, que está à espera mais à frente com a Rhiannon. — Foi o acordo que fizemos todos quando viemos para aqui. — Ela sacode o saco e torce o pulso de maneira que a relíquia da rebelião fica em evidência entre nós. — E, gostes ou não, agora és uma de nós. Bem, tanto quanto possível, já que não tens uma coisa destas.

Eu ajusto o meu saco pesado no ombro e assinto com a cabeça, apercebendo-me de que sei muito pouco para ajudar verdadeiramente os marcados e demasiado para falar com sinceridade com os meus amigos.

— Ei — diz a Imogen à Quinn. — Vamos almoçar?

— Claro que sim — responde a Quinn.

Seguem as duas mais à frente enquanto a Rhiannon se deixa ficar para trás para me acompanhar.

— A Quinn não costuma almoçar com a namorada? — pergunta a Rhi.

— Sim, mas ela graduou-se.

— Certo. — A Rhiannon suspira e baixa a voz. — Queria falar contigo antes do pequeno-almoço, mas não consegui. Acho que a escola nos está a esconder alguma coisa.

Quase que tropeço com uma bota na outra, mas recupero o equilíbrio antes de fazer figura de parva.

— Desculpa?

Ela não pode saber. É impossível. Eu sobrevivi por pouco depois de perder o Liam... não consigo imaginar o que acontecerá se lhe acontecer alguma coisa a ela.

— Acho que se passa alguma coisa no Quadrante dos Curandeiros — diz ela, com a voz ainda mais baixa. — Ontem, tentei levar um instruendo do primeiro ano ao Nolon, depois de a formação se transformar numa pira, e ele está com um ar desgraçado. A sério, o homem mal se aguenta em pé. E

quando lhe fui perguntar se estava bem, o novo vice-comandante disse que ele tinha coisas mais importantes para fazer do que falar com cadetes e basicamente levou-o para a portinha no fundo da enfermaria, que agora está a ser *vigiada*. Acho que estão a esconder alguma coisa por lá.

Eu abro e fecho a boca algumas vezes, dividida entre a confusão e o alívio.

— Talvez tenham trazido alguns dos cavaleiros feridos de um dos postos avançados para reparação — avento. A sobrelotação explicaria porque o Bodhi ainda tem a mão engessada.

Ela abana a cabeça.

— Desde quando é que uns ossos partidos dão cabo de um reparador?

— Talvez tenham trazido um prisioneiro de Poromiel. — O Ridoc abre caminho para chegar até nós. — E o Nolon esteja sempre a repará-los depois de o Varrish dar cabo deles. Ouvi um dos instruendos do terceiro ano a dizer que o Varrish é conhecido pela... tortura.

— E tu és conhecido por ficar a ouvir às escondidas. — A Rhi abana a cabeça.

Em vez de ir almoçar com os meus amigos, invento uma desculpa rápida e levo o meu tabuleiro para a pequena alcova de leitura na cantina, para acabar de ler o livro *Navarre Unida, Um Estudo de Sobrevivência*.

Infelizmente, ao fim de uma hora debruçada sobre o tomo, percebo que já conheço a maioria dos factos que regurgita sobre o triunfo da unificação e os sacrifícios feitos tanto pelos humanos como pelos dragões para instaurar a paz. A desilusão arde como um corte com papel. É natural que os segredos da construção das guarnições não estejam no primeiro livro que investiguei, mas teria sido uma surpresa agradável se *alguma coisa* tivesse sido fácil.

Pondero pedir à Jesinia um volume mais centrado nos Primeiros Seis cavaleiros quando me mudo para a sessão de aferição no meu quarto, antes de me dirigir para o ginásio e ir ter com a minha esquadra num canto do tapete.

— Detesto o dia de aferição — murmuro entre dentes, ocupando um lugar entre a Rhi e a Nadine.

— Não te posso censurar tendo em conta a forma como o teu correu no ano passado — provoca o Ridoc quando sobe ao tapete junto ao Sawyer.

Começa o primeiro confronto entre duas instruendas do primeiro ano e eu não consigo deixar de reparar que a Rhi olha recorrentemente para mim. No final, a Visia — a repetente — esmaga a rapariga com ar bruto e caracóis vermelho-choque que vomitou em cima do Aaric ontem, e a Rhi quase não faz mais nada a não ser olhar para mim com o cenho franzido.

E não é a única. A Sloane está a fitar-me como se fosse capaz de me matar com o olhar sempre a transferir o peso de uma perna para a outra no tapete.

— Baylor Norris e Mischa Levin! — grita o professor Emetterio, o professor de combate da nossa esquadra, para os instruendos do primeiro ano ao lado da Sloane, antes de baixar a cabeça para a prancheta que tem nas mãos carnudas.

Merda. Eu não queria nada saber os nomes deles. O rapaz entroncado com olhos nervosos enfrenta a morena que não conseguia parar de roer as unhas ontem.

— Estás bem? — pergunto à Rhi, quando a morena dobra o rapaz musculado de costas não sei bem como. Impressionante.

— Talvez eu devesse estar a fazer-te essa pergunta? — responde a Rhi, baixando a voz num sussurro. — Estás zangada comigo?

— O quê? — Arranco a atenção da forma como a rapariga está a dar cabo daquele rapaz para olhar para ela. — Porque é que haveria de estar zangada contigo?

— Entre as corridas e não almoçares connosco, até parece que me estás a evitar. E é ridículo, mas só consigo pensar que pode ter sido por eu ter escolhido o Sawyer como oficial executivo e não a ti e, se for esse o caso, é melhor falarmos...

— Espera lá. O *quê*? Não. — Abano a cabeça e levo a mão à barriga. — Nada disso. Eu seria a *pior* escolha possível para oficial executiva, tendo em conta que tenho de voar para Samara de duas em duas semanas para que o Tairn possa ver a Sgaeyl.

— Não é? — Ela assente com a cabeça e o alívio amaina-lhe o fervor dos olhos. — Foi exatamente isso o que eu pensei.

— O Sawyer é uma ótima escolha e eu não tenho aspiração nenhuma a ocupar lugares de chefia. — A única coisa que eu quero é passar despercebida. — Não estou nem um bocadinho zangada.

— Então porque é que me tens andado a evitar? — pergunta a Rhi.

— Eu teria sido uma oficial executiva do caraças — interrompe a Nadine, poupando-me a uma resposta. — Mas, pelo menos, não escolheste o Ridoc. Para ele, não passaria de mais uma plataforma para dizer mais umas piadas.

Parece que não estávamos a ser tão discretas como pensávamos.

A Mischa aniquila finalmente o Baylor e o professor Emetterio chama o próximo par para o tapete.

— Sloane Mairi e... — lê no rol. — Aaric Graycastle.

— Eu prefiro lutar com *ela* — diz a Sloane a apontar-me um punhal.

Só pode estar a brincar. Mas não está. Eu suspiro, cruzo os braços e abano a cabeça para a irmã do Liam.

— Deuses, Sloane. — A Imogen solta um resfolgo e ri-se à minha direita, de onde está a observar tudo com a Quinn. — Queres mesmo morrer no teu primeiro dia?

— Ela acabou de te elogiar? — sussurra a Rhiannon.

— Por estranho que pareça, parece que sim.

— Eu dou conta dela — riposta a Sloane, a agarrar a faca com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Pelo que disseste na tua carta no ano passado, as articulações dela estalam logo. Não pode ser assim tão difícil.

— A sério? — Lanço um olhar reprovador à Imogen.

— Eu posso explicar. — A Imogen leva a mão ao coração. — Sabes, no ano passado, não gostava de ti, lembras-te? Tu podes ser um pouco difícil de início.

— ótimo. Muito obrigada — gracejo sarcasticamente.

— Eu não me podia estar mais nas tintas para o rancor que tenhas em relação à Sorrengail, Mairi. — O professor Emetterio suspira como se este ano já o tivesse deixado exausto. — Eu sei quem a treinou e não a vou lançar contra uma instruenda do primeiro ano. — Levanta uma sobancelha escura na direção da Imogen. — Eu também cometi um erro no ano passado. — Volta-se para a Sloane e os cantos da boca descaem. — Agora arruma as armas e assume o teu lugar contra o Graycastle.

A Sloane entrega as armas e enfrenta o Aaric, que tem à vontade mais quinze centímetros e mais anos de aulas privadas de combate do que ela. Mas ela é a irmã do Liam, pelo que há uma possibilidade de se aguentar.

— Alguém disse Sorrengail? — pergunta uma voz profunda atrás de nós.

A nossa fila de instruendos do segundo ano olha por cima do ombro para o entroncado instruendo do primeiro ano que atirou o escanzelado do parapeito abaixo. Tem um emblema da Segunda Divisão no ombro e caminha pesadamente com as mãos nas ilhargas.

— Estás muito popular hoje — sussurra a Nadine com um sorriso, voltando-se animada em direção ao rapaz do primeiro ano. — Olá. Eu sou a Violet Sorrengail. — Aponta para o cabelo púrpura. — Vês? Gosta do meu cabelo. Tens uma mensagem para...

Ele agarra-lhe a cabeça e torce-a, partindo-lhe o pescoço.

Não é inusitado um candidato entrar no Quadrante dos Cavaleiros depois de ter sido pago para assassinar um cadete. Lamento que o alvo tenha sido a Mira, mas tenho orgulho em dizer que ela não demorou a aniquilar a ameaça.
Tem inimigos, general.

— Aviso OFICIAL DO COMANDANTE PANCHEK

PARA A GENERAL SORRENGAIL



CAPÍTULO X

Eu fico a olhar em choque durante um instante e vejo o rapaz do primeiro ano deixar cair o corpo da Nadine ao chão. Cai com um baque que me dá voltas ao estômago, a cabeça torcida num ângulo nada natural.

Está morta.

Não. Outra vez não.

— Nadine! — grita a Rhiannon, a correr para se ajoelhar ao lado dela.

— Nadine? — pergunta o instruendo do primeiro ano, as sobrancelhas grossas a unir-se numa só.

— O que raio achas que estás a fazer? — ralha o professor Emetterio.

— Ninguém interfira — exijo, e já tenho dois dos meus punhais nas mãos ainda antes de me aperceber de que os tinha sacado.

O gigante vira o olhar do corpo da Nadine para os meus punhais e para o meu cabelo.

— Eu é que sou a Violet Sorrengail. — O meu coração lateja a toda a velocidade, mas não vai morrer mais ninguém em meu nome. A agarrar os punhais pelo bico da lâmina, não espero por uma resposta e lanço-os a ambos. Mas ele é rápido para o tamanho que tem e levanta os braços, onde ambos os punhais se enterram até ao cabo.

Raios.

— *Violet!* — grita a Andarna.

— *Dorme!* — Levanto os meus escudos para bloquear tudo... e todos. O Xaden está longe. Proteger-me foi o que matou o Liam.

Não importa a *razão* por que este tipo está a tentar matar-me neste momento. Ou sou suficientemente forte ou não sou.

O rapaz do primeiro ano arranca os punhais cheios de sangue dos antebraços numa rápida sequência com um resmungo zangado e deixa-os cair no chão. Erro dele. Pode ter mais três palmos de altura do que eu, mas vai precisar das armas se me quiser matar. Embora, com aquele caparro... não vá ser fácil derrubá-lo.

Deixa de tentar esses ataques em força que te deixam vulnerável. As palavras do ano passado do Xaden soam-me na cabeça como se ele estivesse mesmo ao meu lado. Tenho de usar o que tenho — a minha velocidade — em meu proveito.

Invisto em corrida contra ele, e ele agita os punhos carnudos em direção à minha cabeça, mas eu ajoelho-me antes de eles me poderem tocar. Ignorando a dor dilacerante que sinto nas pernas devido ao impacto, uso o meu ímpeto para passar por ele a deslizar e dou-lhe um golpe nos tendões ao lado do joelho.

Ele grita e cai para a frente, embatendo no chão como a puta de uma árvore, — Violet! — grita o Dain algures atrás de mim.

Eu levanto-me, cambaleante, e volto-me para o gigante, que já se virou de costas como se fosse insensível à dor, mas não se consegue levantar depois do que eu lhe fiz. No entanto, consegue levar a mão a um dos punhais que deixou cair e atirá-lo na minha direção.

Que é o que ele faz.

— Merda! — Rodo para o lado para evitar o meu próprio punhal e ele dá-me um pontapé com a perna que eu não lhe cortei.

A bota acerta-me debaixo da coxa.

A pancada arranca-me os pés do chão e a única coisa que eu *vejo* é o teto quando caio de costas e embato no chão com todo o peso do corpo sobre os quadris. A dor cega-me por um instante quando a cabeça bate no chão, tão forte e tão contundente, que sinto os ouvidos a ressoar. Mas, pelo menos, não me apunhalei com os meus próprios punhais. Ainda tenho um na mão, mas os meus olhos turvos dizem-me que são dois.

O instruendo do primeiro ano agarra-me a coxa direita e puxa-a, arrastando-me com o chiado inconfundível de pele a roçar no chão. Se eu lhe espetar o punhal na mão, atinjo o meu próprio músculo.

Por isso, aponto-lhe ao braço, mas só consigo fazer-lhe um corte no antebraço. O coração salta-me para a boca quando ouço as pessoas à minha volta a gritar o meu nome, mas elas não podem interferir. Sou do segundo ano e este idiota não é da minha esquadra.

Ainda a agarrar-me bem, arrasta-me na direção dele com os pés à frente e a poça de sangue que lhe escorreu do corpo encharca-me a parte de trás do pescoço e molha-me o cabelo.

Se não me libertar, estou morta.

Levanto a perna esquerda e dou um pontapé assim que chego suficientemente perto, atingindo-lhe o maxilar, mas ele não me larga. Cabrão teimoso.

No pontapé seguinte, alguma coisa estala. É o nariz dele a partir-se. Começa a jorrar sangue, mas ele abana a cabeça para o afastar, antes de se atirar para a frente e rolar na minha direção, prendendo-me ao chão com aquele peso incompreensível.

Foda-se, foda-se, *foda-se*.

Brando o punhal, mas ele agarra-me a mão direita e prende-me o pulso ao chão. Depois, leva a outra mão ao meu pescoço e aperta.

— Morre de uma vez, caralho — diz ele com os dentes cerrados, e a voz do rapaz mistura-se com o zumbido que sinto nos ouvidos quando ele

baixa o rosto ao encontro do meu.

Ele aperta-me a traqueia com mais força e eu sinto falta de ar.

— Os segredos morrem com as pessoas que os guardam — sussurra o rapaz, já com o nariz a dois dedos do meu. Tem os olhos castanho-claros, mas raiados de vermelho como se estivesse sob a influência de algum tipo de droga.

Aetos.

O medo inunda-me a cabeça, ultrapassando-me os escudos, mas não é meu.

Não me posso focar no medo do Tairn. Se o fizer, só encontrarei o choque e a morte.

E eu não vou morrer agora debaixo de um instruendo do primeiro ano sem nome.

A minha visão foca-se quando agarro num dos punhais embainhados junto às costelas com a mão esquerda, o saco rapidamente e o espeto nas costas do gigante, rodando para a direita como o Xaden me ensinou. O rim. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Perco a conta às sucessivas punhaladas que dou até que a mão que me aperta o pescoço perde a força e o gigante do primeiro ano cai inanimado em cima de mim.

É um peso morto.

Os meus pulmões tentam a todo o custo expandir-se quando uso o resto das minhas forças para o empurrar de cima de mim. É mais pesado do que um boi, mas eu consigo afastá-lo para o lado o suficiente para deslizar de debaixo dele.

Ar — o ar belo e precioso — enche-me o peito e eu arquejo, ultrapassando o fogo que me arde na garganta, a olhar para as vigas no teto. Dor. Tudo no meu corpo se resume a *dor*.

— Violet? — A voz do Dain treme quando ele se agacha ao meu lado. — Estás bem?

Os segredos morrem com as pessoas que os guardam.

Não, não estou bem. O pai dele acabou de tentar assassinar-me por interposta pessoa.

Faço um esforço por chegar a um estado mental que me ajude a superar a dor e viro-me até ficar de gatas. Sinto ondas de mal-estar a percorrer-me o corpo e inspiro pelo nariz e expiro pela boca até conseguir voltar a empurrá-lo para baixo.

— Diz alguma coisa — suplica o Dain num sussurro desesperado.

Eu ando para trás com as mãos até ficar ajoelhada, depois arqueio o pescoço e estremeço cada vez que sorvo o ar.

— Vi... — Ele levanta-se e oferece-me a mão, e a preocupação que vejo naqueles olhos que conheço tão bem...

Foda-se, não.

Invisto toda a energia que tenho nos meus escudos.

— Não. Me. Toques — rosno com uma voz áspera e levanto-me sozinha, mais do que ciente de que todos os olhos estão postos em mim. A minha cabeça anda às voltas, mas eu luto contra o aturdimento e pego nos cinco punhais que usei. Toda a gente que está por perto olha para mim quando eu me dobro e uso o uniforme do instruendo do primeiro ano para limpar o sangue das minhas lâminas antes de as embainhar.

O medo que me inunda as vias transforma-se em alívio.

— *Eu estou bem* — digo ao Tairn e à Andarna.

— Matthias e Henrick, levem os corpos — ordena o Dain. Pelo menos, acho que é ele. O zumbido nos ouvidos abafa tudo o que está a mais de dois palmos de distância.

O professor Emetterio aparece à minha frente.

— Posso tocar-te? — pergunta.

Torna-se evidente que gritei demasiado alto com o Dain.

Eu assinto com a cabeça, assegurando-me de que tenho os escudos no lugar, e o professor Emetterio agarra-me o rosto e investiga-me os olhos. Bloqueia a luz e levanta a mão. Sinto mais uma onda de mal-estar a agitar-me o estômago.

— Tens uma concussão. Queres ficar dispensada do resto da sessão? — Ele baixa a mão do meu rosto e segura-me nos braços para me estabilizar ao ver-me a balançar.

— Não. — Não vou abandonar o dia de aferição como no ano passado.

— Eu seguro-a — diz a Imogen, a pegar-me no cotovelo.

O professor Emetterio fecha a boca, com os olhos escuros a semicerrarem-se.

— Não vou tentar matá-la este ano. Prometo. — Puxa-me para o lado dela, mas não me agarra, só me deixa apoiar-me um pouco nela.

Pronto, está bem, muito.

— Acabaste de ser estrangulada, cadete Sorrengail — lembra-me o professor Emetterio.

— Não é a primeira vez — respondo, com as lâminas que sinto na garganta a enrouquecerem-me a voz. — Isto passa. Eu fico.

Ele suspira, mas acaba por assentir com a cabeça e volta para o lugar dele à frente do tapete, pegando na prancheta, que, pelos vistos, tinha deixado cair.

— Foi o Aetos que o enviou — sussurro para a Imogen. — Acho que estamos a ser perseguidos. — Deuses, espero que não seja por isso que o Xaden não apareceu ontem.

Os olhos verdes da Imogen arregalam-se antes de o Ridoc aparecer ao meu lado e tocar com o ombro no meu.

— Caramba, Sorrengail — murmura ele, a oferecer-me um braço, que eu não agarro.

— Há sempre alguma coisa, não há? — Tento sorrir quando voltam ambos devagar para abeira do tapete, dando-me apoio suficiente para eu não cair para nenhum dos lados.

— Provavelmente, foi enviado em forma de mensagem para a tua mãe — diz o professor Emetterio, a abanar a cabeça. — Aconteceu a mesma coisa à tua irmã mais velha quando ela esteve aqui.

Os instruendos do primeiro ano olham para mim com os olhos esgazeados de susto quando olho em volta e reparo que a Rhiannon, o Dain e o Sawyer não estão por perto. Certo. Porque têm de levar a Nadine e o corpo do instruendo do primeiro ano sem nome.

A Nadine está morta porque disse que era eu.

Uma mágoa pesada que me mareja os olhos ameaça fazer com que os meus joelhos latejantes cedam, mas não me posso permitir senti-la. Não a posso deixar entrar. Não quando toda a gente está a olhar para mim. Vai para a caixa onde tenho todas as outras emoções avassaladoras guardadas.

A Sloane e o Aaric estão no meio do tapete a olhar para mim com diferentes expressões de choque nos rostos. Há muito mais preocupação na do Aaric do que na da Sloane.

— Alguém vai limpar a sujidade e lutar ou não? — pergunto, ignorando o líquido denso que me escorre pelo pescoço. Estar aqui coberta com este sangue é melhor do que estar ali deitada mergulhada no meu.

— E ainda querias lutar contra ela, Mairi. — Um dos instruendos do primeiro ano solta um riso de escárnio do outro lado do tapete. Tem uns olhos castanhos cavados debaixo de sobrelhas vincadas e acima de um maxilar largo e quadrado, mas não sei o nome dele. E raios me partam se quero saber.

Já sei o da Sloane e o do Aaric e é de mais.

Sábia o da Nadine.

Ficamos em pé, eu amparada pelos ombros da Imogen e do Ridoc, enquanto os instruendos do primeiro ano limpam o sangue do chão e depois terminam a aferição e eu me concentro em catalogar tudo o que pode ser melhorado no estilo de combate da Sloane, e que é... muita coisa. Na verdade, parece que não passou quase tempo nenhum a treinar para o quadrante.

E isso não pode ser verdade. O Liam era o melhor lutador do nosso ano e todos os marcados sabem que têm de ir para o Quadrante dos Cavaleiros quando chegam à idade elegível. Com certeza que tem treino.

— Tens a certeza de que é a irmã do Liam? — pergunta o Ridoc.

— Tenho — responde a Imogen com um suspiro longo. — Mas não foi criada com lutadores. E nota-se.

O Aaric atira-a ao tapete seis vezes sem grande esforço.

Bem, merda. Isto complica as coisas. Entre elas, mantê-la viva.

Uma hora depois, sobrevivo à aula de Física sob o olhar atento da Rhi, mais do que ciente do sangue do instruendo do primeiro ano a secar-me na pele e de cabeça levantada perante os olhares dos outros cadetes. Tornou-se mais fácil desde que o zumbido nos ouvidos diminuiu, mas ainda sinto náuseas no fim da aula.

Peço para ser dispensada do jantar e rejeito a oferta da Rhi para me ajudar a ir para o quarto antes de subir as escadas para o andar dos instruendos devagar, mas sem hesitação. Não há osso, nem músculo, nem fibra do corpo que não me doa.

Um instante antes de estender a mão para o puxador da porta, sinto a sombra escura que já conheço tão bem a envolver-me a mente.

Sou percorrida por uma sensação de alívio quando abro a porta e vejo o Xaden encostado à parede entre a minha secretária e a minha cama, com o habitual ar de quem está preparado para matar alguém e os braços cruzados à frente do peito.

— Passaram oito dias — crocito e estremeço.

— Eu sei — replica ele, a afastar-se da parede e a atravessar o quarto em poucos passos. — E pelo que o Tairn mostrou à Sgaeyl, eu devia ter mandado o meu comandante para o caralho e ter vindo mais cedo. — Segura-me o rosto com as mãos e a sensação que eu tenho é completamente diferente da que tive quando o professor Emitterio fez o mesmo à tarde. A raiva que lhe brilha nos olhos não tem nada que ver com o cuidado com que me toca enquanto me avalia as feridas.

— O sangue é dele. — A minha garganta arde-me como se eu tivesse engolido fogo.

— Ainda bem. — O maxilar dele lateja quando o olhar baixa para as nódoas negras que sei que tenho no pescoço.

— Nem sequer sei como é que ele se chamava.

— Eu sei. — Deixa cair as mãos e eu choro imediatamente a perda.

— Foi o coronel Aetos que o mandou.

Ele assente com a cabeça, num movimento brusco.

— Lamento não o poder ter matado antes.

— O rapaz do primeiro ano? Ou o Aetos?

— Ambos. — Ele não se ri da minha tentativa de fazer uma piada. — Vamos lá lavar-te e ligar-te.

— Não podes andar por aí a matar cadetes. Agora és um oficial.

— Já vais ver.

— Como é que são as coisas lá em Samara? — pergunto-lhe algumas horas mais tarde, depois de me sentar de perna cruzada na cama, com o banho tomado e a comer sofregamente uma tigela de sopa que ele me trouxe da messe do *campus* principal. Dói-me sempre que engulo, mas ele tem razão: não posso dar-me ao luxo de ficar mais fraca só por não comer.

— Olha para ti a fazer perguntas. — O Xaden curva um canto dos lábios num esboço de um sorriso e recosta-se na cadeira de braços do canto do meu quarto a afiar os punhais numa faixa de couro. Tirou as peles de voo quando eu estava a tomar banho, mas ainda fica mais bonito no uniforme novo, o que eu pensava ser impossível. Não consigo deixar de reparar que ele também não colocou nenhum emblema neste uniforme. Só usou o emblema de chefe de divisão e a insígnia da divisão enquanto estava no quadrante.

— Não vou discutir contigo por causa do teu jogo de perguntas hoje. — Lanço-lhe um olhar furioso e reparo nos dois tomos que a Jesinia me emprestou na estante, ao lado dele. Mas qualquer ideia que tivesse de lhe falar sobre a minha pesquisa desapareceu quando ele me fez lembrar que, se depender dele, não tenho direito à verdade inteira.

— Querer que tu perguntes o que queres saber não é um jogo. Tu e eu? Não é um jogo. — Ele raspa a lâmina no couro vezes sem conta. — E Samara é... diferente.

— Essas respostas de uma palavra não vão ser suficientes.

Ele tira os olhos da tarefa e olha para mim.

— Tenho de provar o meu valor de novo naquele que é, provavelmente, o posto avançado mais cruel que temos. É... irritante.

Eu esboço um sorriso. O Xaden que fique *irritado*.

— Eles tratam-te de maneira diferente?

— Por causa disto, é isso que queres dizer? — Toca com a face da lâmina na relíquia num dos lados do pescoço.

— Sim.

Ele encolhe os ombros.

— Acho que é mais pelo apelido do que pela relíquia. Os cavaleiros mais velhos são mais tolerantes com o Garrick, o que me deixa feliz.

Pouso a colher na tigela.

— Lamento.

— Não é nada pior do que o que eu estava à espera, e o meu sinete é suficiente para fazer a maior parte deles pensar duas vezes. — Enfia a faixa de couro no saco e embainha o último punhal quando já está a levantar-se. — Tu conheces a sensação. As pessoas estão sempre a julgar-te por causa do teu apelido.

— Acho que posso dizer com segurança que o teu caso é pior.

— Só dentro das fronteiras. — Ele vira a minha couraça que está a secar na cadeira da minha secretária ao contrário e atravessa a sala para se sentar no fundo da minha cama. Não é tão grande como a que ele tinha no ano passado, mas tem espaço suficiente para ambos se eu lhe pedir para ficar. O que não vou fazer. Já é difícil estar assim tão perto e não o beijar. Se dormisse ao lado dele, cederia de certeza.

— Sim, é verdade. — Eu pousei a tigela na minha mesa de cabeceira e pego na escova de cabelo já a olhar para a porta porque ouço a voz da Rhiannon no corredor um segundo antes de ela fechar a porta dela. O que me faz lembrar... — Protegeste o meu quarto com guarnições antes de ires embora?

Ele assente com a cabeça.

— Também está protegido contra o som. — Cruza o tornozelo sobre o joelho, mantendo as botas fora da cama. — Num sentido, claro. Tu podes ouvir o que se passa lá fora, mas eles não conseguem ouvir o que se passa cá dentro. Achei que gostarias da tua privacidade.

— Por causa de todas as pessoas que *não* posso trazer para aqui?

— Podes trazer quem tu quiseres — riposta ele.

— A sério? — pergunto com uma voz que transpira sarcasmo enquanto passo a escova pelo cabelo húmido. — Porque a Rhiannon tentou entrar e acabou no outro lado do corredor.

O Xaden curva os cantos da boca num esboço de um sorriso.

— Diz-lhe para te dar a mão da próxima vez. A única maneira de entrar aqui é estando a tocar-te.

— O quê? — Paro, depois acabo de passar a escova pelas minhas pontas enroscadas. — Quer dizer que não o protegeste só para mim e para ti?

— É o teu quarto, Violet. — Os olhos dele acompanham o movimento da escova no meu cabelo e a forma como ele enrola os dedos no colo faz-me engolir em seco. Com muita dificuldade. — O quarto está protegido com guarnições que permitem a entrada de quem quer que tragas contigo. — O Xaden aclara a garganta e transfere o peso do corpo quando termino mais uma escovadela. — E a mim, o que admito que é egoísta da minha parte.

Foda-se, adoro o teu cabelo. Se alguma vez me quiseres deixar de joelhos ou vencer uma discussão, só tens de o soltar. Eu vou concordar contigo.

Fico sem fôlego quando me lembro destas palavras. Será que só passaram mesmo alguns meses desde que ele as proferiu? Parece que passou

uma eternidade e que foi ontem ao mesmo tempo.

— Protegeste o meu quarto com total privacidade para mim e para quem eu quiser trazer? — Levanto as sobrancelhas a olhar para ele. — Para quando eu tiver vontade de...

— Fazeres o que quiseres. — O calor no olhar dele volta a suster-me a respiração. — Ninguém vai ouvir nada. Mesmo que destruas um armário.

Eu fico a remexer na escova, que me cai no colo, mas recupero rapidamente. Mais ou menos.

— Este aqui parece bastante robusto. Não tem nada que ver com aquele móvel frágil que tinha no meu quarto no ano passado. — Aquele que transformámos em lenha sem querer na primeira vez que pusemos as mãos em cima um do outro.

— Isso é um desafio? — Ele olha de relance para a mobília. — Porque posso garantir-te que podemos dar cabo dele assim que estejas curada.

— Nunca ninguém fica completamente curado por aqui.

— É bem visto. É só dizeres, Violet. — A forma como ele olha para mim é suficiente para fazer subir a temperatura alguns graus. — Bastam três palavrinhas.

Três palavrinhas?

Oh, como se eu fosse mesmo dizer que o quero. Ele já tem demasiado poder sobre mim.

— *Poder e dever* são duas coisas diferentes — consigo dizer. A minha força de vontade é uma merda no que toca ao Xaden. Um toque e cair-lhe-ei de novo nos braços, aceitando o que ele considerar necessário dizer-me em vez do acesso total à verdade que eu mereço... não, de que eu preciso. — E nós não devemos ir por aí, isso é certo.

— Então diz-me como foi a tua semana. — O Xaden muda de assunto com suavidade.

— Não fui capaz de olhar para eles todos — admito. — No Parapeito. Tentei, mas... não consegui.

— Estavas na torre? — O Xaden franze o sobrolho.

— Estava. — Agito-me no assento e afasto os joelhos doridos para o lado. — Prometi ao Liam que ajudava a Sloane e não o podia fazer do pátio. — Deixo escapar um sorriso sarcástico. — E, foda-se, como ela me odeia.

— É impossível odiar-te. — Ele levanta-se e dirige-se para o saco, que está encostado à parede. — Acredita. Eu tentei.

— *Acredita*. Odeia. Hoje até me queria desafiar na aferição. — Recosto-me na cabeceira. — Culpa-me pela morte do Liam. Não que ela esteja enganada...

— Tu não tiveste culpa da morte do Liam — interrompe ele, com o corpo a ficar tenso. — A culpa foi minha. Se a Sloane quer odiar alguém, pode apontar diretamente para aqui. — Bate no peito quando se vira e pousa o saco na secretária.

— A culpa não foi tua. — Não é a primeira vez que temos esta discussão e algo me diz que não vai ser a última. Acho que a culpa é suficiente para ser distribuída pelos dois.

— Foi minha, foi. — Ele abre o saco e vasculha-o.

— Xaden...

— Quantos candidatos caíram este ano? — Retira um papel dobrado, depois fecha o saco.

— Demasiados. — Ainda consigo ouvir os gritos de alguns.

— São sempre demasiados. — Volta a sentar-se na cama, desta vez suficientemente perto para os meus joelhos lhe roçarem na coxa. — E não faz mal não teres conseguido ver os mais jovens a morrer. Significa que não deixaste de ser quem és.

— Em vez de me ter transformado noutra coisa qualquer? — Sinto um nó no estômago ao ver a falta de expressão no rosto do Xaden, a parede grossa que a referência à morte do Liam colocou entre nós. — Porque sinto que foi isso que aconteceu. Nem sequer quero saber os nomes dos instruendos do primeiro ano. Não os quero conhecer. Não quero sofrer quando morrerem. Isso faz de mim o quê?

— Uma instruenda do segundo ano. — Di-lo impassivelmente, como fez quando declarou que não podia salvar os marcados todos no ano passado, só

os que estavam dispostos a fazer pela vida.

Às vezes, esqueço-me do caráter implacável que ele tem.

E de quão implacável pode ser em minha defesa.

— Eu já vi a morte no passado — respondo. — No ano passado, vivi praticamente rodeada por ela.

— Não é a mesma coisa. Vermos os nossos amigos, os nossos pares, a morrerem no Guante, na Debulha, nos desafios ou até em batalha é uma coisa. Toda a gente que está aqui dentro está a lutar por sobreviver, e isso prepara-nos para o que vai acontecer lá fora. Mas quando são os candidatos mais novos... — O Xaden abana a cabeça e inclina-se para a frente.

Agarro a escova para me conter e não lhe estender a mão.

— O primeiro ano é quando alguns de nós perdem a vida — diz, com a voz baixa, a puxar-me o cabelo húmido para trás da orelha. — O segundo ano é quando os que sobreviveram perdem a humanidade. Faz tudo parte do processo de nos transformarem em armas eficazes, e nunca te esqueças, nem por um segundo que seja, de que a missão deles aqui é essa.

— Tornar-nos insensíveis perante a morte?

Ele assente com a cabeça.

Alguém bate à porta e eu assusto-me, mas não consigo deixar de reparar que o Xaden não. Limita-se a suspirar e a levantar-se para se encaminhar para a porta.

— Já? — pergunta depois de a abrir, tapando-me da vista. Ou tapando-me a vista.

— Já. — Reconheço a voz do Bodhi.

— Dá-me um minuto. — O Xaden fecha a porta sem esperar por uma resposta.

— Deixa-me ir contigo. — Rodo os pés para fora da cama.

— Não. — Ele agacha-se à minha frente, de forma que ficamos a olhar-nos cara a cara, o pergaminho que ele tirou do saco ainda a pender-lhe na mão fechada. — Dormires é a forma mais rápida de recuperares, a menos

que estejas a pensar ir ter com o Nolon. Pelo que soube, não é fácil encontrá-lo ultimamente.

— Tu também precisas de dormir — protesto, apesar do pavor que me enche a garganta. Temos poucas horas e eu não estou preparada para o deixar ir. — Passaste metade do dia a voar.

— Tenho muito para fazer antes de amanhecer.

— Deixa-me ajudar. — Merda, agora estou a suplicar.

— Ainda não. — Ele estende a mão para a fechar em concha no meu rosto, depois deixa-a cair como que a reconsiderar o gesto. — Mas preciso que prestes atenção ao que acontece quando partires daqui a sete dias com o Tairn. — Coloca-me o pergaminho na mão. — Até lá... toma.

— O que é isto? — Eu olho de relance para baixo, mas parece apenas um pergaminho dobrado.

— Uma vez disseste-me que eu tinha medo de que não gostasses de mim se me conhecesses de verdade.

— Eu lembro-me.

— Sempre que estamos juntos, estamos a treinar ou a discutir. Não temos muito tempo para longas caminhadas junto ao rio ou o que quer que seja que possa parecer romântico por aqui. — Aperta-me a mão com cuidado, mas eu consigo sentir todos os calos que criou ao aprender a dominar o seu arsenal. — Mas eu disse-te que ia encontrar uma forma de te deixar entrar e neste momento isto é tudo o que tenho.

O meu olhar dispara para o dele e o meu coração salta-me para a garganta.

— Vemo-nos em Samara. — Ele levanta-se e pega no saco e nas duas espadas encostadas à parede, ao lado da porta.

— Como é que te encontro quando chegar? — Os meus dedos fecham-se sobre o pergaminho dobrado. Nunca vi Samara sequer. A minha mãe nunca foi destacada para lá.

Ele volta-se à saída e fita-me sem nunca desviar o olhar do meu.

— Terceiro andar, ala sul, segunda porta à direita. As guarnições vão deixar-te entrar.

O quarto dele na caserna.

— Deixa-me adivinhar: à prova de som e preparado para te deixar entrar a ti, a mim e a qualquer pessoa que leves contigo? — A ideia de ele usar as guarnições à prova de som para partir armários com outra pessoa é suficiente para azedar a sopa que me está a chegar ao estômago.

Podemos não estar juntos, mas o ciúme não é propriamente uma emoção racional.

— Não, Violet. — Ele levanta ambas as espadas acima da cabeça e enfia-as nas bainhas do saco atrás dele com a perícia de experiência feita e o esboço de um sorriso matreiro. — Só tu e eu.

Sai ainda antes de eu conseguir pensar numa resposta.

Com as mãos a tremer, eu desdobro o pergaminho... e sorrio.

O Xaden Riorson escreveu-me uma carta.

O Garrick sempre foi o meu melhor amigo. O pai dele foi ajudante do meu pai, o que, de certa forma, o torna o meu Dain, só que de confiança. Depois do Liam, o Bodhi foi e continua a ser a coisa mais parecida com um irmão que eu já tive, sempre a acompanhar-me, um passo atrás de mim.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA DO TENENTE XADEN RIORSON

PARA A CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XI

Algumas manhãs depois, com um sorriso nos lábios, cruzo as mãos sobre a cabeça e caminho para aliviar a dor que senti na ilharga, enquanto termino o arrefecimento pós-corrida com a Imogen, ao entrar no pátio uma boa meia hora antes de o pequeno-almoço ser servido.

Ele escreveu-me uma *carta* e eu li-a tantas vezes que já a memorizei. Não tem nada minimamente perigoso no interior, nenhum segredo sobre a revolução nem nenhuma pista para ajudar, mas ele não pode arriscar-se a reduzir nada disso a escrito. Não, o teor da carta é ainda melhor. É só sobre *ele*. Pequenos pormenores como dizer-me que costumava sentar-se no telhado da Casa dos Riorson durante a rebelião na esperança de que o pai voltasse para casa e lhe dissesse que tudo tinha terminado.

— Nas últimas três manhãs, tens andado a sorrir como se tivesses bebido de mais — queixa-se a Imogen, dobrando-se para olhar para baixo do estrado quando passamos. — Como é que *alguém* pode ser tão feliz ao nascer do Sol.

Não a posso censurar. Também tenho estado apreensiva desde o dia de aferição. Assim como o Bodhi e a Eya.

— Não tenho tido pesadelos nos últimos dias, e a esta hora ninguém está acordado a tentar matar-me. — Deixo cair as mãos para os lados. Consegui correr um pouco mais entre as pausas para caminhar desta vez.

— Sim, deve ser mesmo *essa* a razão. — Ela enrola o pescoço. — Porque é que não o aceitas de volta de uma vez por todas?

— Ele não confia em mim. — Encolho os ombros. — E eu não posso confiar verdadeiramente nele. É complicado. — Mas, raios, a falta que eu sinto de o ver por aqui todos os dias. Nunca mais é sábado. — Além disso, não é só porque duas pessoas têm uma química incomparável que têm de estar envolvidas numa relação que vá além de qualquer coisa física...

— Oh, não. — Ela abana a cabeça, depois puxa alguns fios de cabelo cor-de-rosa para trás da orelha. — Eu estava a acabar uma conversa, não a começar. Eu não me importo de correr e fazer treino de pesos contigo, mas tens amigos com quem falar sobre a tua vida sexual. Lembras-te? Os que eu te tenho visto a evitares ativamente sempre que tens uma oportunidade?

Não vou por aí.

— E nós não somos amigas? — pergunto.

— Somos... — Ela faz uma careta. — Coconspiradoras com o declarado interesse de nos mantermos vivas uma à outra.

Isto só me abre ainda mais o sorriso.

— Oh, não me venhas agora com essas falinhas mansas.

Ela semicerra os olhos, fixados no muro exterior atrás de mim.

— Por Dunne, o que é que uma copista haveria de estar a fazer no nosso quadrante a esta hora?

Eu sobressalto-me quando vejo a Jesinia à espera, à sombra de uma das alcovas, encolhida como se estivesse a tentar esconder-se.

— Calma. Ela é uma amiga.

A Imogen olha para mim com um vincado olhar de soslaio.

— Andas praticamente a esconder-te dos instruendos do segundo ano e a fazer-te amiga de *copistas*?

— Estou a afastar-me para não ter de lhes mentir e sou amiga da Jes... sabes que mais? Não te devo explicações. Vou ver do que é que a *minha amiga* precisa. — Acelero o passo, mas a Imogen acompanha-me. — Olá — gestuo para a Jesinia quando nos aproximamos da alcova. É uma alcova que tem um túnel que conduz diretamente para o dormitório. — Está tudo bem?

— Vim à tua procura... — A sobancelha contrai-se debaixo do capuz quando o olhar se vira para a Imogen, que está a fitá-la como se estivesse a avaliar uma adversária.

— Eu fico bem — digo à Imogen, ao mesmo tempo que gestuo. — A Jesinia não vai tentar matar-me.

A Imogen inclina a cabeça e o olhar cai sobre a sacola creme que a Jesinia traz com ela.

— Eu não vou tentar matá-la — gestua a Jesinia, com os olhos castanhos arregalados. — Nem saberia como fazê-lo.

— A Violet sabia muito bem matar depois de ter sido educada como copista — responde a Imogen com as mãos a mexer-se depressa.

A Jesinia pestaneja.

Eu levanto as sobancelhas para a Imogen.

— Pronto, está bem — responde ela, a gestuar enquanto recua. — Mas se ela te atacar com uma pena afiada, não me venhas culpar a mim.

— Desculpa a Imogen — gestuo assim que ela nos vira as costas.

— Há pessoas a tentar matar-te? — As sobancelhas da Jesinia unem-se.

— É quinta-feira. — Entro na alcova para não estar de costas para o pátio. — Fico sempre feliz por te ver, mas em que posso ajudar-te? — Os cadetes copistas quase nunca entram no Quadrante dos Cavaleiros, a não ser que estejam a prestar assistência ao capitão Fitzgibbons.

— Duas coisas — gestua ela quando nos sentamos no banco. Depois, leva a mão à sacola, retira um tomo e estende-mo. É um exemplar de *A*

Dádiva dos Primeiros Seis e parece ter centenas de anos. — Disseste que querias um relato muito antigo dos primeiros cavaleiros quando devolveste os outros livros — gestua ela. — Este é um dos mais antigos que consegui encontrar e que podemos retirar dos Arquivos. Estás a preparar-te para outro debate?

Eu pouso-o no colo e escolho as palavras com cuidado. O meu instinto diz-me que posso confiar nela, mas, depois do Dain, não tenho a certeza de que possa confiar na minha intuição e ela saber também não é seguro para ela.

— Estou a estudar. E obrigada, mas não tinhas de o trazer. Eu teria ido lá ter contigo.

— Não queria que tivesses de esperar até eu estar de serviço nos Arquivos e tu disseste-me que corrias todas as manhãs... — Ela respira fundo várias vezes, o que normalmente significa que está a pensar no que vai dizer. — E detesto admitir, mas preciso de ajuda — gestua, antes de retirar um tomo coçado da sacola e de mo entregar.

Eu pego nele para lhe libertar as mãos, a reparar nas extremidades surradas e na lombada solta.

— Estou a tentar traduzir este livro para um trabalho, mas tenho tido dificuldade com algumas frases. Está em lucerano antigo e, do que eu me lembro, essa é uma das línguas mortas que tu sabes ler. — As bochechas dela tingem-se de cor-de-rosa quando ela relanceia por cima do ombro para a luz mágica do túnel, como se outro copista nos pudesse ver. — Terei problemas se alguém souber que estou a pedir ajuda. Os especialistas não deviam fazê-lo.

— Eu sou boa a manter segredos — gestuo, e o meu rosto fecha-se quando eu me lembro de que usava a língua lucerana para trocar mensagens secretas com o Dain quando éramos pequenos.

— Obrigada. Eu sei quase todas as outras línguas. — Os movimentos dela são precisos e a boca fica tensa.

— Sabes bem mais do que eu. — Trocamos um sorriso, eu abro o tomo na página com marcador e leio os traços serpenteantes de tinta daquela língua logossilábica.

A Jesinia aponta para uma frase.

— Encalhei aqui.

Eu leio rapidamente desde o início do parágrafo para ter a certeza de que percebi bem, depois gestuo a frase que ela indicou, soletrando a última palavra: o nome de um rei antigo que viveu mil anos antes da fundação de Navarre.

— Obrigada. — Ela escreve a frase no caderno que trouxe com ela.

Rei antigo. Folheio o livro até à primeira página e deixo cair os ombros. Apresenta uma data que remonta há vinte e cinco anos.

— Foi copiado à mão de um original — gestua a Jesinia. — Cerca de cinco anos antes de o quadrante ter recebido uma prensa.

Certo. Porque nada nos Arquivos tem mais do que os nossos quatrocentos anos, a não ser os pergaminhos da Unificação. O suor arrefeceu-me as costas do pescoço enquanto traduzo mais algumas frases de diferentes páginas que ela me pediu, surpreendida por me lembrar tão bem da língua ao fim de mais de um ano sem a praticar. Depois de terminar a última frase que ela assinalou, devolvo-lhe o tomo.

Se me apressar, posso tomar um banho rápido para eliminar o suor e ainda chegar a tempo do pequeno-almoço.

— Estamos a trabalhar na retirada das línguas mortas da secção pública dos Arquivos e a traduzi-las para facilitar a leitura — gestua ela com um sorriso entusiasmado antes de arrumar os materiais. — Devias aparecer por lá para veres o que já conseguimos fazer.

— Os cavaleiros não são autorizados a passar além da mesa de estudo — lembro-lhe.

— Eu abriria uma exceção para ti. — A Jesinia abre um sorriso. — Os Arquivos estão quase sempre vazios aos domingos, sobretudo agora que os instruendos do terceiro ano pegam nas bicicletas e vão para casa, para uma pausa.

Um grito rasga o ar e a minha cabeça dispara para cima. Do outro lado do pátio, um instruendo do segundo ano da Terceira Divisão é arrastado do

edifício acadêmico, entre dois cavaleiros mais velhos, que são seguidos pelo professor Markham.

Em nome de Amari, o que se passará?

A Jesinia fica branca e esconde-se ainda mais à sombra da alcova quando o rapaz é levado para o edifício do dormitório, cujos túneis subterrâneos cruzam o desfiladeiro e conduzem ao *campus* principal de Basgiath.

— Acho — gestua ela, com a respiração já entrecortada. — Acho que aquilo é por minha causa.

— O quê? — Viro-me para olhar para ela de frente.

— Aquele cavaleiro pediu um livro ontem e eu registei o pedido. — Inclina-se na minha direção. — Tenho de registrar os pedidos. É parte do...

— Regulamento — acabamos ambas a gestuar a palavra ao mesmo tempo. Eu assinto com a cabeça. — Não fizeste nada de errado. Que livro era?

Ela olha de relance para as portas atrás das quais o cavaleiro desapareceu.

— É melhor eu ir. Obrigada.

Só não lhe faço a mesma pergunta de novo antes de ela sair apressada por causa do medo que lhe vi nos olhos. Fico a olhar para o tomo que tenho no colo, a tomar consciência do verdadeiro perigo do meu «projeto de investigação».

— Esperem por mim! — grita a Rhiannon mais tarde, a correr por entre a chusma de cavaleiros, quando estamos a chegar às escadas ao lado do Guante, onde a maioria de nós ficou presa no engarrafamento à espera da sua vez para subir para o campo de voo.

— Ainda estamos aqui! — digo eu a acenar antes de o meu olhar voltar a passar, inquieto, pelas pessoas mais próximas de nós, a observar as mãos e

as armas de cada uma. Confio implicitamente nos membros da minha esquadra, mas em mais ninguém. Basta uma facada bem calculada no meio da multidão e eu posso começar a sangrar até morrer sem sequer saber quem me matou.

— Isto não faz sentido — murmura o Sawyer, a dobrar novamente o mapa que nos deram como trabalho de casa na aula de CSC. — Não consigo perceber a quarta pergunta por mais vezes que conte as linhas de elevação.

— O Norte é aqui — digo-lhe, a tocar com o dedo no fundo da monstruosidade dobrada. — Estás a olhar para o setor errado para perceberes a pergunta quatro. Acredita, tive de pedir ajuda ao Ridoc ontem à noite.

— Argh. Isto são merdas para a infantaria. — Enfia o mapa no bolso.

— Porque é que não aceitas de uma vez por todas que eu sou um deus da navegação e pedes ajuda como as outras pessoas? — diz o Ridoc ao Sawyer em jeito de provocação quando a Rhi nos alcança. — Até que enfim! Seria de esperar que a chefia chegasse a tempo.

— A chefia estava numa reunião — responde a Rhi, a levantar a mão com um maço de cartas. — E a chefia recebeu o correio!

A esperança aumenta, substituindo a hipervigilância por um segundo antes de eu a esmagar.

— Ridoc — diz a Rhiannon, estendendo-lhe uma carta. — Sawyer. — Vira-se e dá-lhe a próxima. — Eu. — Coloca-a no fundo do maço. — E Violet.

Não é dele, faço questão de me lembrar ao pegar na carta. No entanto, não consigo deixar de sustentar a respiração quando abro a aba sem lacre do envelope.

Violet,

Desculpe ter demorado tanto tempo e escrever. Acabei de me aperceber da data. Estás no segundo ano!

Deixo cair os ombros, o que é simplesmente... ridículo.

— De quem é? — pergunta a Rhiannon. — Pareces desiludida.

— Da Mira — respondo. — E não, não estou desiludida... — Não acabo a frase quando avançamos na fila.

— Pensavas que ia ser outro tenente — adivinha ela, corretamente, os olhos a amolecer em compreensão.

Eu encolho os ombros, mas é difícil esconder a frustração da voz.

— Já estava à espera.

— Sentes falta dele, não sentes? — Ela baixa a voz quando já estamos a chegar aos degraus.

Eu assinto com a cabeça.

— Não devia, mas sinto.

— Vocês estão juntos? — pergunta num sussurro. — Quer dizer, toda a gente sabe que dormem juntos, mas há algo em ti que não está bem.

Eu olho em frente para me certificar de que o Sawyer e o Ridoc estão distraídos com as cartas deles. Esta é uma verdade que lhe posso dar facilmente.

— Já não.

— Porquê? — pergunta ela, com a confusão a marcar-lhe a testa. — O que aconteceu?

Eu abro a boca, depois fecho-a. Talvez a verdade *não* seja assim tão fácil. O que raio é que eu lhe hei de dizer? Deuses, quando é que isto ficou tudo tão complicado?

— Podes dizer-me, sabes. — Ela força um sorriso e a mágoa que vejo atrás dele faz-me sentir uma merda completa.

— Eu sei. — Por sorte, começamos a subir as escadas, o que me dá tempo para pensar.

Chegamos ao cimo, caminhamos para o desfiladeiro do campo de voo e o meu coração acelera quando vejo os dragões organizados na mesma formação que nós fazemos no pátio. É um belo caleidoscópio de poder que

me tira todo o fôlego dos pulmões, não só por ser assustador, mas também por ser uma lição de humildade.

— Isto nunca vai deixar de nos espantar, pois não? — diz a Rhiannon, com um sorriso que lhe domina o rosto, à medida que seguimos o Ridoc e o Sawyer pela formação.

— Acho que não. — Trocamos um olhar e eu cedo. — O Xaden não foi honesto comigo — digo em voz baixa, ao sentir que devo *algo* verdadeiro à minha melhor amiga. — Tive de acabar com a relação.

Os olhos dela arregalam-se.

— Ele mentiu-te?

— Não. — Cerro o punho na carta da Mira. — Não me disse a verdade toda. E continua sem dizer.

— Outra mulher? — Ela levanta a sobancelha. — Porque eu posso perfeitamente ajudar-te a aniquilar aquele idiota manipulador de sombras se vocês tinham uma relação exclusiva e...

— Não, não. — Eu rio-me. — Nada disso. — Passamos pelos dragões da Segunda Divisão. — Ê... — Lá se vão as minhas palavras outra vez. — Ê... complicado. Como é que tu estás com a Tara? Não a tenho visto muito ultimamente.

Ela suspira.

— Nenhuma de nós tem tempo suficiente para a outra. É uma porcaria, mas talvez as coisas fiquem mais tranquilas quando deixarmos de ser ambas chefes de esquadra.

— Ou talvez venham a ser chefes de divisão. — A ideia faz-me conter um sorriso. A Rhi seria uma fantástica chefe de divisão.

— Talvez. — Há entusiasmo no passo dela. — Mas, entretanto, estamos livres para estarmos com quem quisermos. E tu? Porque, se estás solteira, tenho de dizer que houve um par de rapazes da Segunda Divisão que ficaram bem mais atraentes depois dos Jogos de Guerra, não sei bem como. — Os olhos dela brilham. — Ou podemos fazer uma visita a Chantara secretamente, este fim de semana, para conhecermos uns cadetes de infantaria! — Ela ergue um dedo. — Os curandeiros também ainda escapam,

agora copistas, para mim, já é ir longe demais. As vestes que eles usam não me dizem nada. Mas não estou a fazer nenhum julgamento se tu fores por aí. Estou só a dizer que estamos no segundo ano e as nossas opções para nos descontraírmos um bocado são *intermináveis*.

Um estranho qualquer pode ser o que eu preciso para eliminar o Xaden dos pensamentos, mas não é o que eu quero.

Ela olha-me para o rosto com uma expressão avaliadora como se eu fosse um quebra-cabeças que precisa de ser resolvido enquanto continuamos a descer o campo.

— Merda. Estás obcecada por ele.

— Eu... — Suspiro. — É complicado.

— Já disseste isso. — Ela tenta disfarçar a expressão, mas eu percebo o vislumbre de desilusão que ela sente quando vê que eu não desenvolvo o assunto. — A Mira tem alguma coisa a dizer sobre a frente?

— Não sei bem. — Baixo os olhos para a carta para a ler rapidamente. — Foi destacada para Athebyne. Diz que a comida não é muito melhor do que a que a mãe cozinhava. — Isto arranca-me um sorriso, que não dura muito, porque vejo linhas pretas grossas a eliminar parágrafos inteiros. — Que mer... — Viro a página, e vejo mais riscos antes de ela se despedir a dizer que espera voar até Samara numa das minhas próximas viagens.

— O que se passa? — A Rhiannon levanta a cabeça da sua própria carta quando já vamos a passar pelos dragões da Terceira Divisão.

— Acho que foi censurada. — Estendo-lhe a carta para que ela possa ver os riscos pretos, depois olho em volta para me certificar de que ninguém repara.

— Alguém censurou a tua carta? — A Rhiannon parece surpreendida. — Alguém *leu* a tua carta?

— Foi deslacrada. — Volto a enfiá-la no envelope.

— Quem é que faria uma coisa dessas?

O Melgren. O Varrish. O Markham. Qualquer pessoa sob as ordens do Aetos. A minha mãe. As opções são infinitas.

— Não sei bem. — Não é uma mentira. Ou não o é por completo. Enfio o envelope no bolso interno das minhas peles de voo e encolho-me ao apertar os botões do casaco. Está muito calor para usar estas coisas aqui no campo, mas sei que vou agradecer a camada extra quando estivermos no ar, daqui a poucos minutos.

Um vermelho na segunda fila bufa uma rajada de vapor para advertir uma cadete da Terceira Divisão que se aproxima demais e aceleramos todos o passo.

O Tairn é, de longe, o maior dragão do campo e está com um ar completamente aborrecido à minha espera, o metal da minha sela a refletir a luz do Sol de encontro às escamas. Não consigo deixar de suspirar de desilusão por a Andarna não estar com ele quando lhe vejo as pernas dianteiras.

— Olha uma coisa, o Tairn disse alguma coisa acerca de outro dragão preto no Vale? — pergunta o Ridoc por cima do ombro quando passamos pelo Pelotão Garra e chegamos junto do Tairn, que está na posição da frente, apesar de a Rhiannon e o Sawyer estarem acima de mim na hierarquia.

É por muito pouco que eu não tropeço.

— Desculpa?

— Eu sei que parece absurdo, mas, quando passámos pelo Kaori lá atrás, juro que o ouvi a dizer alguma coisa sobre o avistamento de outro dragão preto. O homem estava praticamente a pular de entusiasmo.

— *Tairn?* — Se o professor de draconidade sabe da Andarna, estamos tramados.

— *Ela foi vista por muito poucos dragões antes de entrar na gruta para o Sono sem Sonhos. Tenta tu mantê-la escondida e vê como é que corre.*

Fabuloso.

— Talvez tenham visto o Tairn — digo ao Ridoc. Não é uma mentira.
— Ou um mais velho?

— O Kaori acha que é um novo. — O Ridoc levanta as sobrancelhas.
— Devias perguntar-lhe.

— Hum. — Engulo em seco. — Sim, posso fazer isso. — E continuo sem estar a mentir.

Seguem os três em frente e montam os respectivos dragões.

O Tairn baixa o ombro esquerdo para eu subir, mas depois endireita-se.

— *À tua esquerda* — avisa quando um vulto se aproxima vindo de trás.

Eu rodo de imediato para enfrentar a ameaça e coloco os escudos no lugar.

Vejo o Varrish a caminhar na minha direção com um ar fanfarrão e os braços atrás das costas. O major não deve ser humano, porque não tem uma gota de suor na testa.

— Ah, Sorrengail, está aqui.

Como se fosse difícil ver o Tairn.

— Major Varrish. — Deixo as mãos junto à coxa, onde posso sacar facilmente dos punhais, a perguntar-me qual será o sinete dele. Nunca lhe vi o emblema de um sinete. Ou é convencido como o Xaden e acha que a reputação que tem é suficiente ou faz parte de um clube de sinetes secretos.

— Tem aí um colar e peras. — Ele aponta para as escoriações esverdeadas junto ao meu pescoço.

— Obrigada. Foi bem caro. — Levanto o queixo. — Custou a vida a uma pessoa.

— Ah, é verdade. Eu lembro-me de ter ouvido que foi quase liquidada por um instruendo do *primeiro ano*. Ainda bem que o embaraço não acabou o trabalho que ele começou. Mas acho que já deve estar habituada a escapar viva por pouco, uma vez que se diz por aí que é muito frágil.

É oficial, odeio este homem, mas, pelo menos, sei que o Tairn o come inteiro se ele me tentar atacar no campo.

Ele inclina-se para a esquerda, fazendo questão de mostrar que olha a toda a minha volta.

— Pensava que estava vinculada a dois dragões?

— Estou. — Sinto o suor a escorrer-me pela coluna abaixo.

— No entanto, só vejo um. — Levanta a cabeça para olhar para o Tairn.
— Onde está a pequena douradinha? A cauda de penas de que tanto ouvi falar? Tinha esperança de a ver com os meus próprios olhos.

Ouçó um ronco a ressoar na garganta do Tairn, que dobra a cabeça por cima de mim. Caem-lhe pingos gigantes de saliva da boca, que embatem no chão à frente do Varrish.

O major põe-se mais hirto, mas mantém a máscara perfeita de divertimento enquanto recua.

— Sempre foi temperamental este aqui.

— Ele gosta do seu espaço.

— Também já reparei que ele gosta que tenha o seu — comenta ele. — Diga-me, Sorrengail, o que acha do facto de ele lhe proporcionar... oh, digamos, um caminho *mais fácil* do que o dos outros cadetes?

— Se me quer perguntar o que acho de ele ter impedido a execução desnecessária de cavaleiros vinculados por parte do seu dragão depois do Parapeito, teria de dizer que acho muito bem. Talvez seja preciso um dragão *temperamental* para manter outro na linha.

— *Lembra-lhe que eu ameacei digeri-lo vivo.*

— *Acho que isso não seria muito bom para mim* — respondo.

— *Seria engraçado vê-lo a comer esse major todo pomposo.* — A voz da Andarna é sonolenta.

— *Volta a dormir* — admoesto. Segundo o Tairn, ela só deve acordar daqui a um mês.

O Varrish semicerra os olhos fixados nos meus por um instante e depois sorri, mas não há uma ponta de felicidade no gesto.

— Quanto à sua pequena cauda de penas...

— Não pode transportar um cavaleiro. — Não estou a mentir, uma vez que não voa desde que acordou em Aretia. — Eu voo com o Tairn, mas ela fará as manobras nos dias mais fáceis.

— Bem, certifique-se de que ela voa consigo na semana que vem, e considere que se trata de uma ordem.

Ouve-se mais um ronco do Tairn.

— Os dragões não aceitam ordens dos humanos. — Sinto o poder a subir dentro de mim, a vibrar debaixo da minha pele e a formigar-me os dedos.

— Claro que não. — O sorriso do major abre-se como se eu tivesse dito alguma piada. — Mas a cadete Sorrengail aceita, não aceita?

— *Humano imprudente* — diz o Tairn a ferver.

Eu levanto o queixo, ciente de que não posso dizer mais nada sobre o assunto sem uma ação disciplinar.

— É uma tremenda ironia, não acha? — pergunta o Varrish, a recuar um passo de cada vez. — O coronel Aetos disse-me que o seu pai estava a escrever um livro sobre caudas de penas, dragões que não eram vistos há centenas de anos, depois a cadete Sorrengail acaba vinculada a um.

— É uma coincidência — corrijo-o. — A palavra que procurava era «coincidência».

— Será? — Ele parece refletir, a recuar, passando pelo Bodhi.

Sinto o estômago a revirar.

— *Será?*

— *Não sei nada sobre a investigação do teu pai* — garante o Tairn.

Mas a Andarna ficou em silêncio.

— Cavaleiros! — O professor Kaori projeta a voz para todo o campo quando o Bodhi chega ao pé de mim. — Os instruendos do terceiro ano juntaram-se a nós hoje por uma razão especial. Vão demonstrar uma aterragem em corrida. — Aponta para o céu.

O Cath está a aproximar-se a oeste e o Cauda de Espada Vermelho tapa o Sol por um segundo quando mergulha em direção ao campo.

— Ele não está a abrandar — murmuro. Uma parte de mim espera que o Dain caia.

— Vai abrandar — promete o Bodhi. — Mas não muito.

Fico com o queixo caído. O Dain cavalga agachado em cima do *ombro* do Cath, com os braços esticados para se equilibrar, e o Cath baixa para o nível do campo. O bater de asas do Cath abrandando muito levemente, à medida que se vai aproximando, e eu sustenho a respiração quando o Dain desliza pela perna do dragão abaixo até ficar empoleirado na garra do Cath, que ainda está a *voar*.

C'um. Caraças.

— *Isto não é aconselhável para ti* — diz o Tairn.

— *Para ninguém com pulsação* — replico.

O Cath abre subtilmente as asas, o suficiente para abrandar a velocidade, e o Dain salta ao passar pelos professores. Toca na relva queimada pelo sol a correr, dissipando o ímpeto do voo do Cath ao fim de poucos metros e parando.

Os instruendos do terceiro ano aplaudem, mas o Bodhi continua calado ao meu lado.

— E é por isto que o Aetos é chefe de divisão — grita o Kaori. — Execução perfeita. Esta é a aterragem mais eficiente quando temos de nos envolver em combates no terreno. Quando este ano acabar, vão ser capazes de aterrar desta forma em qualquer muralha de qualquer posto avançado. Prestem atenção e conseguirão fazê-lo em segurança. Usem os vossos próprios métodos e vão estar mortos antes de tocarem no chão.

O caralho é que vou.

— *Será necessária uma adaptação* — decreta o Tairn.

— Por enquanto, vamos praticar os movimentos básicos do assento para o ombro — ordena o professor Kaori.

— *Como é que nos vamos adaptar a isto?* — pergunto ao Tairn.

— *Eu não disse que seríamos nós.* — O Tairn levanta a cabeça, altivo. — *O observador de dragões é que vai ter de adaptar o pedido, se não hoje vou almoçar mais cedo.*

Esta manobra é absoluta e completamente inútil no tipo de guerra que temos de combater.

— O Kaori não sabe o que se passa lá fora — digo ao Bodhi em voz baixa.

— Porque é que tens tanta certeza? — Ele olha de relance para mim.

— Se soubesse, estaria a ensinar-nos formas de sair mais depressa do raio do chão, não de aterrar.

— Diz-lhe que ainda estamos a trabalhar na próxima remessa — diz-me o Bodhi quando caminhamos pelo campo banhado pela luz da Lua. um pouco antes da meia-noite, algumas noites mais tarde.

— Remessa de quê? — pergunto, a ajeitar o meu saco nos ombros.

— Ele saberá do que é que estou a falar — promete o Bodhi, a estremecer quando os dedos roçam na escoriação preta que tem no maxilar. — E diz-lhe que está em bruto. A forja deles esteve a funcionar noite e dia, pelo que não pudemos... — Contrai-se. — Diz-lhe só que está em bruto.

— Estou a começar a sentir-me como uma carta. — Lanço-lhe um olhar furioso por um segundo. É o tempo máximo que estou disposta a desviar o olhar do terreno irregular. Não vou arriscar uma entorse no tornozelo antes de um voo de doze horas de forma nenhuma.

— Tu és a melhor maneira de lhe levar informação — admite o Bodhi.

— Sem saber de nada, na verdade.

— Precisamente. — Ele assente com a cabeça. — É mais fácil assim enquanto não fores capaz de usar os teus escudos para te protegeres do Aetos em permanência. O Xaden devia ter continuado a ensinar-te da última vez que veio cá, mas depois...

— Eu fui estrangulada. — Pelo menos, só fui atacada uma vez este ano, mas os desafios voltam para a semana.

— Sim. Acabou por lhe dar cabo da cabeça.

— Imagino que eu morrer de um momento para o outro tivesse sido inconveniente para ele — murmuro, já sem grande atenção. *Merda*. Os desafios recomeçam daqui a uma *semana*. Está na hora de começar a verificar a lista do quadro dos professores para poder voltar aos meus envenenamentos.

— Sabes que para ele não tem nada que ver com isso — diz ele num tom admoestador que me faz lembrar o Xaden. — Nunca o vi...

— É melhor não irmos por aí.

— ... preocupar-se tanto...

— Não, a sério. Já chega.

— ... nem sequer com a Catriona.

Olho imediatamente para ele.

— Quem diabo é a Catriona?

Ele estremece e cerra os lábios numa linha fina.

— Quais são as probabilidades de tu te esqueceres que eu disse isto antes de chegares a Samara?

— Nenhuma. — Tropeço numa pedra, ou nos meus sentimentos, mas consigo recuperar o equilíbrio. Pelo menos, do ponto de vista físico. Já os meus pensamentos estão a tropeçar uns nos outros pelo caminho fora a imaginar quem será a Catriona. Uma cavaleira mais velha? Alguém de Aretia?

— Certo. — Ele esfrega a nuca e suspira. — Nem uma possibilidade mínima? Porque o problema do acordo que vocês têm com os vossos dragões é que ele vai voltar para a semana e eu não estou nada interessado em levar uma tarefa depois de me defender de mais uma tentativa de assassínio.

Eu agarro-lhe o braço e detenho-me.

— *Outra* tentativa de assassínio?

Ele suspira.

— Sim. É a segunda vez que alguém me tenta atacar na casa de banho esta semana.

Arregalo os olhos com o coração a martelar no peito.

— Estás bem?

Ele tem a audácia de sorrir.

— Eviscerei completamente um idiota qualquer da Segunda Divisão quando ainda estava nu e só fiquei com uma nódoa negra. Estou bem. Mas voltemos à razão por que não deverias fazer referência ao meu comentário ao meu muito temperamental primo com quem andas a dormir...

— Sabes que mais? — Começo a caminhar de novo para o meio do campo. Se ele não quer processar as tentativas de assassínio, não temos mais nada a dizer. — Não te conheço suficientemente bem para discutir com quem ando ou deixo de andar a dormir, Bodhi — atiro por cima do ombro.

Ele enfia as mãos nos bolsos e apoia-se sobre os calcanhares.

— Não deixas de ter alguma razão.

— Tenho *toda* a razão. — A silhueta do Tairn bloqueia a Lua por um instante antes de ele aterrar à nossa frente.

O Bodhi ri-se timidamente.

— O teu dragão chegou a tempo de nos poupar a esta conversa embaraçosa.

— *Vamos lá embora* — diz o Tairn com um acesso de mau humor. Tento não me sentir pessoalmente atingida. Anda insuportável há alguns dias, mas não o posso censurar. Eu sinto a dor física que lhe vai no corpo, como se tivesse sido apunhalada no peito quando as emoções dele me inundam.

— Ele está com pressa — digo ao Bodhi. — Obrigada por me acompanhares...

— *Humanos!*

— Ora, foda-se — pragueja o Bodhi num sussurro quando vê luzes mágicas a tremeluzir atrás de nós e a iluminar o campo da mesma forma que fizeram quando voámos para os Jogos de Guerra.

— Cadete Sorrengail, terá de atrasar a descolagem. — O Varrish amplifica a voz para todo o campo.

Viramo-nos e vemo-lo ladeado por dois cavaleiros, a caminhar na nossa direção.

O Tairn rosna em resposta.

O Bodhi e eu trocamos um olhar, mas ficamos ambos em silêncio a ver o trio a aproximar-se.

— *O que fazemos se tentarem travar-nos?* — pergunto ao Tairn.

— *Um banquete.*

Que nojo!

— Não esperava que se fosse embora antes do amanhecer — diz o Varrish, lançando-me um sorriso untuoso ao mesmo tempo que os outros dois cavaleiros nos rodeiam. As divisas nos uniformes denunciam-nos como primeiros-tenentes, tal como a Mira, um nível acima do Xaden.

— Passaram duas semanas. Tenho dispensa.

— É verdade. — O Varrish pisca-me o olho e olha para a tenente à minha esquerda. — Nora, reviste-lhe o saco.

— Desculpe? — Dou um passo para me afastar da mulher.

— O seu saco — repete o Varrish. — O Artigo Quarto, Parágrafo Primeiro, do Códice afirma...

— Que todos os pertences dos cadetes podem ser revistados por exclusivo critério do comando — termino por ele.

— Ah, sabe o Códice de cor. Ainda bem. O seu saco.

Engulo em seco e depois enrolo os ombros, deixando o saco cair-me das costas antes de o estender para a esquerda, sem nunca tirar os olhos do Varrish. A primeira-tenente tira-me o saco da mão.

— Pode ir-se embora, cadete Durran — diz o Varrish.

O Bodhi aproxima-se de mim e o outro tenente também dá um passo na minha direção. As luzes mágicas incidem-lhe no emblema — manipulador de fogo — do uniforme.

— Como chefe do pelotão da cadete Sorrengail, sou o superior imediato na cadeia de comando. E, de acordo com o Artigo Quarto, Parágrafo Segundo, do Códice, a cadeia de comando tem *precedência* sobre o quadro em matéria de ações disciplinares. Seria negligência da minha parte deixá-la na potencial posse de... o que quer que o major esteja à procura.

O Varrish semicerra os olhos enquanto a Nora esvazia o meu saco no chão.

E lá se vai a minha troca de roupa limpa.

O Tairn baixa a cabeça atrás de mim, inclinando-a levemente para o lado e rugindo com o fundo da garganta. Deste ângulo, pode incinerar dois deles sem tocar em mim ou no Bodhi, o que só deixaria um por nossa conta se chegássemos a esse ponto.

Sinto a raiva a formigar-me a espinha e cerro os punhos como se isso me fosse ajudar de alguma maneira a conter o impulso de energia que me percorre as veias.

— Isso era mesmo necessário? — pergunta o outro tenente.

— Ele mandou-me revistar — responde a Nora antes de levantar a cabeça para o Varrish. — Roupa — diz ela, a virar as peças ao contrário. Fica com as mãos a tremer quando olha de relance para o Tairn. — Um livro de Física do segundo ano, um manual de navegação em terra e uma escova de cabelo.

— Dê-me o livro e o manual. — O Varrish estende a mão na direção da Nora.

— Está a precisar de rever a matéria? — pergunto, subitamente contente por ter deixado o exemplar do livro *A Dádiva dos Primeiros Seis* no quarto, embora não me tenha ensinado nada a não ser que os Primeiros Seis não foram os primeiros cavaleiros, mas apenas os primeiros a sobreviverem.

O Varrish não responde e vai folheando as páginas, sem dúvida à procura de segredos escritos nas margens. O maxilar lateja quando não

encontra nada. — Satisfeito? — Tamborilo os dedos ao longo das bainhas das coxas.

— Por hoje, estamos conversados. — Ele atira o livro para cima do monte de roupa. — Vemo-nos daqui a quarenta e oito horas, cadete Sorrengail. E não se esqueça de que, uma vez que o seu cauda de penas decidiu não se juntar a nós de novo na formação, vou pensar em qual será o seu castigo por incumprimento do dever enquanto estiver fora.

E, com esta ameaça, o trio vai-se embora e as luzes mágicas vão piscando uma a uma à medida que vão passando, deixando-nos de novo no escuro, não fosse o círculo de luz diretamente acima de nós.

— Tu sabias que isto ia acontecer. — Olho para o Bodhi com uma expressão de fúria antes de me agachar à frente das minhas coisas espalhadas no chão e voltar a colocá-las no saco. — Foi por isso que insististe em acompanhar-me.

— Além das ameaças muito concretas às vidas de *todos* nós, já que a Imogen e a Eya também foram atacadas hoje, à saída de uma reunião dos instruendos do terceiro ano, desconfiávamos que eles te iam revistar, mas queríamos confirmar — admite ele, baixando-se para me ajudar.

Elas podiam ter morrido. Sinto o coração a acelerar no peito, mas atiro rapidamente esse medo para a caixa onde decidi esconder todos os meus sentimentos este ano. Bem, todas as emoções menos uma: a raiva.

— Usaste-me como um *teste*? — Aperto o fecho do saco e enfio os braços nas alças para o levantar para cima dos ombros. — Sem sequer me dizeres nada? Deixa-me adivinhar, foi ideia do Xaden?

— Foi uma experiência. — O Bodhi faz um esgar. — Tu eras o controlo.

— Então, que caralho foi a variável?

Ouvem-se os sinos a tocar, o som chega fraco ao campo.

— Confere com o Tairn. É meia-noite. É melhor irem andando — diz o Bodhi. — Cada minuto que ficarem aqui é menos um que o Tairn tem com a Sgaeyl.

— Concordo.

— Deixem de me usar como se eu fosse um qualquer peão num jogo, Bodhi. — Cada palavra é mais contundente do que a anterior. — Se vocês os dois querem a minha ajuda, peçam-na. E não me venhas com a treta da minha capacidade para manter os escudos. Isso não é desculpa para me enviarem impreparada para o que quer que seja.

Ele parece envergonhado.

— Tens razão.

Eu assinto com a cabeça, depois monto a rampa que o Tairn cria para mim quando baixa o ombro. A luz da Lua e os resquícios das luzes mágicas que chegam até aqui são mais do que suficientes para eu encontrar a sela. Era capaz de me orientar entre os espigões do dorso do Tairn na mais escura das noites. Provei-o em Resson.

Já há dois sacos com o dobro do tamanho do meu presos atrás da sela.

— *Ainda bem que não me revistaram a mim* — diz o Tairn.

— *Estamos a levar...* — pestanejo duas vezes.

— *Estamos* — confirma ele. — *Agora senta-te na sela antes que eles mudem de ideias e eu seja obrigado a incinerar a tua chefia. Mais logo vou ter mais do que algumas palavras para o teu chefe de divisão por não te preparar, acredita.*

Ao fim de um segundo para atar o meu saco, eu instalo-me para o voo, puxando as faixas de couro para cima das coxas e apertando-as.

— *Vamos lá ter com eles* — digo, depois de afivelar as correias.

O Tairn recua alguns passos, sem dúvida para não embater contra o Bodhi, e lança-se na noite. Cada bater de asas leva-nos para mais perto das linhas da frente... e do Xaden.

A Sgaeyl viu-me matar outro cadete por ele ter maltratado o Garrick durante a Debulha. Diz que me escolheu pelo meu caráter implacável, mas acho que só a fiz lembrar do meu avô.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA DO TENENTE XADEN RIORSON

PARA A CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XII

A paisagem em redor do posto avançado de Samara é tão severa como o comando que o gere.

Estamos no alto dos montes de Esben, a dois ou três quilómetros da fronteira leste com Poromiel e rodeados de picos que ainda estão cobertos de neve no auge do verão. A aldeia mais próxima fica a meia hora de voo. Não há sequer um posto comercial a uma distância que se possa percorrer a pé. É o mais afastado da sociedade possível.

— *Tem cuidado* — adverte-me o Tairn, à espera atrás de mim no campo onde aterrou. — *Este posto é conhecido por ser... brutal para uma primeira missão.*

Por isso, mandaram o Xaden para aqui, claro.

— *Eu fico bem* — prometo-lhe. — *E tenho os escudos no lugar.*

Para me certificar, verifico as paredes dos meus Arquivos mentais, o porto seguro do meu poder e o local onde me ligo à terra, e não consigo evitar um leve gingar no passo quando vejo apenas a mais ténue das luzes vindas das entradas. Estou a ficar cada vez melhor nisto, sem dúvida.

Dirijo-me para a entrada da enorme fortaleza que se ergue à minha frente, a pedra vermelho-escura em aceso contraste com o céu azul sem uma nuvem. Provavelmente tem uma estrutura semelhante à de Athebyne e de Montserrat, mas é, à vontade, duas vezes maior do que qualquer uma delas. Estão destacadas aqui duas companhias de infantaria e dezoito dragões com os respetivos cavaleiros.

Vejo algo a balançar na muralha e, ao olhar com mais atenção, reparo que é um homem com as cores da infantaria numa gaiola cerca de quatro andares acima de mim.

Bem, está certo então. Passa pouco das oito da manhã, pelo que não posso deixar de me perguntar se ele esteve lá em cima a noite toda.

Sinto uma vibração nas veias que aumenta quando subo a rampa que conduz ao portão fortificado, onde estão destacados dois guardas. Passa um pelotão a caminho da corrida matinal.

— *São as guarnições* — diz o Tairn.

— *Não me senti assim em Montserrat* — digo-lhe.

— *Aqui são mais fortes e, desde que o teu sinete se manifestou, és mais sensível às guarnições.* — O tom do Tairn é tenso e, quando eu olho de relance para trás por cima do ombro, reparo que todos os soldados lhe dão amplo espaço, dirigindo-se para o lado do campo.

— *Não tens de me vir proteger* — digo, ao chegar ao cimo da rampa.
— *Isto é um posto avançado. Aqui estou segura.*

— *Há um bando do outro lado das montanhas, a um quilómetro e meio da fronteira. Foi a Sgaeyl que acabou de mo dizer. Não estás em segurança enquanto não estiveres atrás das muralhas ou com o chefe de divisão.*

Não me dou ao trabalho de lhe recordar que o Xaden já não é chefe de divisão porque o estômago salta-me para a boca.

— *Um bando amigável?*

— *Define amigável.*

Ótimo. Não estamos *na* linha da frente; *somos* a linha da frente.

Os guardas que estão ao portão mantêm-se hirtos e imponentes ao verem as peles de voo, mas não dizem nada quando eu passo.

— *Não estão a agir como se houvesse um bando para lá da cumeada.*

— *Parece que é uma ocorrência comum.*

Melhor ainda.

— *Pronto, já estou sã e salva atrás das muralhas* — digo ao Tairn. Caminho em direção ao pátio externo da fortaleza. Pelo menos aqui está mais fresco do que em Basgiath, mas não tenho a certeza de que viesse a gostar de experimentar o inverno a esta altitude.

Ou o da Aretia, agora que penso nisso.

— *Chama-me se precisares de mim. Vou estar por perto.* — Um segundo depois, as asas batem no ar.

Como se eu fosse chamá-lo para o que quer que fosse. Na verdade, vou considerar as próximas vinte e quatro horas um sucesso se o puder bloquear por completo. Já estive no lado errado do vínculo mental durante um dos encontros amorosos que ele teve com a Sgaeyl e não, obrigada.

Passo por vários pelotões de infantaria em formação e reparo que a enfermaria fica à direita, no mesmo local da de Montserrat, mas eu sou a única pessoa vestida de preto.

Onde raio estão os cavaleiros todos? Contenho um bocejo — não deu para dormir muito na sela — e encontro a entrada para a caserna no lado sul da fortaleza. O corredor está mal iluminado quando eu o percorro, passando pelo gabinete dos copistas, mas encontro as escadas no fim. Uma sensação de familiaridade indesejada sobe-me pela pele à medida que subo.

Respira.

Este posto avançado não está deserto. Não há uma horda de venéficos e serpes à espera de serem avistados do ponto mais alto. Só é a mesma estrutura porque todos os postos avançados são construídos a partir das mesmas plantas.

Abro a porta do terceiro andar sem ter encontrado ninguém. Estranho. Um dos lados do corredor tem várias janelas que dão para o pátio exterior e

o outro portas de madeira há mesma distância umas das outras. A minha pulsação acelera quando eu estendo a mão para o puxador da segunda porta. A porta abre-se com um rangido e eu reconheço o formigueiro de energia que me percorre a pele, deixando arrepios na sua peugada quando ultrapasso as guarnições para entrar no quarto do Xaden.

O quarto *vazio* do Xaden.

Merda.

Suspiro de pura desilusão quando deixo cair o meu saco junto à secretária.

O quarto é austero, com mobília útil e uma porta que, provavelmente, dá para o quarto ao lado, mas há toques dele aqui e ali. O Xaden está nos livros que estão empilhados nas prateleiras da estante junto à janela, no armeiro que reconheço do quarto dele em Basgiath e nas duas espadas pousadas junto à porta, como se ele pudesse regressar a qualquer momento para as vir buscar.

Os únicos toques de suavidade são as cortinas pretas densas — um objeto padrão no quarto de um cavaleiro que pode ter de voar em patrulhas noturnas — e o cobertor aveludado cinzento-escuro que lhe cobre a cama. A cama muito grande.

Não. Não vou pensar nisso.

O que raio hei de eu fazer se ele não está aqui? As espadas dizem-me que não está a voar, pelo que fecho os olhos e abro os sentidos à procura da sombra que só está presente quando ele está por perto. Encontrei-o naquela noite no parapeito, com certeza que o posso fazer aqui também.

Ele está perto, mas deve ter os escudos trancados, porque não me tenta contactar como faria normalmente quando eu estou perto. O vínculo parece estar a puxar-me para baixo, como se ele estivesse... debaixo de mim.

Fecho a porta do Xaden depois de sair e sigo a sensação de atração. Encaminho-me para as escadas e depois desço-as. Passo pela entrada em arco para o segundo andar e vislumbro um corredor largo de pedra com mais portas para os quartos, depois a entrada para o primeiro andar e, por fim, chego ao nível inferior da fortaleza, onde a luz natural acaba juntamente com

a escada num andar de pedra. As luzes mágicas iluminam dois caminhos possíveis ao longo dos alicerces da fortaleza, ambos mal iluminados e tão acolhedores como uma masmorra. O odor da humidade e do metal permeia o ar.

Ouçõ gritos e vivas ao fundo do corredor que ecoam das paredes e do chão. Sigo a atração do vínculo na direção do barulho e encontro um par de guardas de infantaria cerca de vinte metros depois das escadas que olham para o meu uniforme e se afastam para o lado, dando-me acesso a uma câmara esculpida nos próprios alicerces.

O barulho esmaga todos os outros sentidos quando eu entro na câmara e o choque trava-me os pés depois de ultrapassar a entrada.

O que raio se está a passar, pelo amor dos deuses?

Vejo mais de uma dúzia de cavaleiros — todos vestidos de preto — alinhados ao longo do espaço quadrado e sem janelas, mais indicado para armazenamento do que para convívio. Estão todos debruçados numa grade grossa de madeira, a olhar atentamente para um poço escavado mais abaixo.

Eu ocupo o espaço vazio na grade diretamente à minha frente e dou por mim entre um cavaleiro veterano com uma barba grisalha à minha esquerda e uma mulher que parece alguns anos mais velha do que eu à minha direita. Depois, vejo quem está lá em baixo e o meu coração para.

O Xaden. E está em tronco nu.

E o outro cavaleiro também. Andam à volta um do outro com os punhos levantados, como se estivessem a fazer um treino de combate. Mas não estão em cima de nenhum tapete, só de um chão de terra batida decorado com manchas suspeitas em tons de carmesim, tanto velhas como novas.

São equilibrados em altura, mas o outro cavaleiro é mais encorpado, uma constituição parecida com a do Garrick, e parece ter mais cerca de dez quilos do que o Xaden, que tem traços mais musculados e mais vincados.

O cavaleiro tenta dar um golpe no rosto do Xaden e eu agarro-me à grade áspera e sustenho a respiração, mas o Xaden evita o murro facilmente e dá um soco nas costelas do adversário. Os cavaleiros à minha volta

incentivam-nos e tenho quase a certeza de que vejo dinheiro a mudar de mãos do outro lado do poço.

Isto não tem nada que ver com treino de combate. Isto é *luta* a sério.

E a forma como o Xaden lhe está a bater? Está a conter-se.

— Porque é que eles estão... — pergunto à tenente com listas prateadas ao meu lado, mas as minhas palavras morrem quando o Xaden se baixa e gira, evitando mais uma tentativa de golpe do adversário. Há um brilho inconfundível naqueles olhos pretos quando ele volta a saltar para trás habilmente, esquivando-se à investida do adversário.

A minha pulsação sobressalta-se. Caramba, é mesmo *rápido*.

— A lutar? — pergunta a mulher a terminar a minha questão.

— Sim. — Mantenho os olhos postos no Xaden, que desfere uma sequência de murros rápidos nos rins do outro cavaleiro.

— Só há um passe para tenentes este fim de semana — diz ela, aproximando-se ligeiramente. — É o Jarrett que o tem e o Riorson quer ficar com ele.

— E estão a *lutar* por ele? — Tiro os olhos do Xaden tempo suficiente para olhar de soslaio para a cavaleira ao meu lado. Tem um cabelo castanho curto, feições vincadas e afiladas como as de uma ave e uma cicatriz do tamanho de um polegar no maxilar.

— Passes e orgulho. Regras do tenente-coronel Degrensi. É o que queres? Luta por eles. Queres mantê-los? Tens de ser suficientemente bom para os defender.

— Eles têm de lutar por *passes*? Isso não é uma brutalidade? — E errado. Extremo. Horrível. — E prejudicial para o moral da divisão? — Ele está a lutar para a Sgaeyl ter tempo para estar com o Tairn, para ele ter tempo para estar *comigo*.

— Uma brutalidade? Nada disso. — A mulher solta um riso de escárnio. — Lutam sem facas. Sem sinetes. Só com os punhos. Queres ver uma brutalidade, vai visitar um dos postos avançados costeiros em que eles não têm nada para fazer a não ser virarem-se uns contra os outros. — Ela inclina-se para a frente e grita quando o Xaden se esquiva de mais um soco,

depois agarra no Jarrett pelo bíceps e atira-o de costas. — Raios. Pensava mesmo que o Jarrett ia dar cabo dele em menos tempo.

O meu rosto abre-se num sorriso lento e orgulhoso.

— Ele não vai conseguir dar cabo dele de forma nenhuma. — Abano a cabeça, a olhar para o Xaden com mais do que um pouco de prazer enquanto ele espera que o Jarrett volte a pôr-se de pé. — O Xaden está a brincar com ele.

A cavaleira vira-se para mim, o olhar a perscrutar-me em clara avaliação, mas eu estou demasiado ocupada a ver o Xaden a atingir o adversário com cuidado nos locais certos para me preocupar com o que a tenente pensa sobre mim.

— Tu és ela, não és? — pergunta a cavaleira, a avaliação a parar no meu cabelo.

— Ela quem? — Cá vamos nós.

— A irmã da tenente Sorrengail.

Não a filha da general Sorrengail.

Não a cadete que prende o Xaden por causa do Tairn.

— Conhece a minha irmã? — Isto vale-lhe um olhar de relance.

— Ela tem um senhor gancho de esquerda. — A mulher assente com a cabeça e roça com os nós dos dedos na cicatriz do maxilar.

— Pois tem — concordo, com um sorriso a alargar-se. Parece que a Mira deixou uma marca.

O Xaden dá mais um murro forte que estala no maxilar do Jarrett.

— Parece que o Riorson também tem.

— Tem, sim.

— Pareces muito confiante. — Ela vira de novo a atenção para a luta.

— E estou. — A minha confiança no Xaden é quase... arrogância. Deuses, ele é *lindo*. As luzes mágicas que iluminam a câmara dão mais destaque a cada traço vincado dos músculos esculpidos no peito, bem como dos abdominais, e acentuam-lhe os ângulos do rosto. E, quando ele se vira,

as cento e sete cicatrizes que lhe marcam as costas atraem a luz por baixo da relíquia da Sgaeyl.

Eu não consigo desviar o olhar. É impossível. O corpo dele é uma obra de arte, apurada para ser uma arma mortal perfeita. Conheço cada centímetro daquela pele, no entanto continuo de boca aberta, fascinada, como se fosse a primeira vez que o vejo seminu. Isto não devia estar a excitar-me de maneira nenhuma, mas a forma como ele se movimenta, a elegância letal de cada investida calculada...

Sim. Excitada.

Talvez seja tóxico como o diabo, mas é inútil negar que cada pedacinho de mim está atraído por todas as facetas do Xaden. E não é só o corpo. É... tudo. Até aquilo que nele é mais sombrio, o que eu sei que é impiedoso, que está disposto a aniquilar toda e qualquer pessoa que se interponha entre ele e o seu objetivo, me atrai como a porcaria de uma chama atrai uma traça.

O meu coração bate como o rufo de tambores, e o meu peito estúpido dói-me só de olhar para ele a movimentar-se no fundo do poço, a brincar com o adversário. Tenho saudades de o ver a fazer treino de combate com o Garrick. Tenho saudades de estar com ele no tapete e de sentir o corpo dele em cima do meu quando ele me deitava de costas vezes sem conta. Tenho saudades dos pequenos momentos do meu dia em que os nossos olhos se cruzavam num corredor movimentado e dos momentos maiores em que o tive só para mim.

Estou tão estupidamente apaixonada por ele que dói e, neste momento, não consigo lembrar-me do motivo por que me estou a enganar a mim própria.

A cavaleira à minha esquerda grita, o Xaden levanta a cabeça e o olhar dele colide com o meu.

A surpresa muda-lhe as feições por um instante antes de o adversário investir na direção dele e lhe desferir um soco no maxilar que estala de uma forma que me dá voltas ao estômago.

Eu solto um resfolgo quando a cabeça do Xaden se vira para o lado com a força do golpe.

Ele cambaleia para trás para alegria dos cavaleiros à minha volta.

— *Deixa-te de brincadeiras e acaba com isso* — digo através dos canais do nosso vínculo, que uso pela primeira vez desde Resson.

— *Sempre tão violenta.* — Ele limpa uma gota de sangue do corte no lábio inferior com o polegar, o olhar vira-se para o meu e eu juro que vejo um meio-sorriso antes de ele se virar para o Jarrett.

O Jarrett investe com um soco, depois com outro, e falha ambos.

Depois, o Xaden ataca com dois murros rápidos, colocando todo o peso em cima deles, ao contrário do que estava a fazer antes, e deixando o Jarrett cair com os joelhos e as mãos na terra. A cabeça do Jarrett fica pendurada quando ele a abana devagar, o sangue a cair-lhe da boca.

— Raios — diz a cavaleira ao meu lado.

— Exatamente. — Será errado este sorriso afetado? Porque parece que não consigo controlar os meus músculos faciais.

O Xaden recua e os cavaleiros ficam em silêncio mais acima. Depois, estende a mão.

O peito do Jarrett arqueja durante um minuto de tensão, antes de ele olhar para o Xaden e atirar a mão estendida para longe. Bate duas vezes com a mão no chão, e, enquanto alguns cavaleiros à minha volta resmungam — e sim, é dinheiro, na forma de moedas de ouro, a mudar de mãos —, outros batem algumas palmas. O Jarrett cospe sangue para o chão, depois levanta-se e acena respeitosamente com a cabeça ao Xaden.

O desafio — se assim lhe podemos chamar — parece ter chegado ao fim.

Os cavaleiros saem na minha direção, passam por mim e encaminham-se para a porta.

O Xaden diz algo que eu não consigo ouvir ao Jarrett e depois usa os degraus de metal incrustados na alvenaria de pedra do lado oposto do poço para subir.

Chega ao cimo, pega na camisa, que estava pendurada na grade, e vem na minha direção a olhar para mim com calor suficiente nos olhos para me

incendiar o corpo já incandescente. Sim, não me lembro mesmo porque estou a recusar qualquer parte deste homem.

— Parece que ele ganhou o passe — diz a mulher ao meu lado. — Sou a Cornelia Sahalie, já agora.

— Violet Sorrengail. — Eu sei que é má educação, mas não consigo desviar os olhos do Xaden quando ele vira a esquina, aproximando-se vindo da esquerda.

Ele passa a língua sobre o pequeno corte na parte lateral do lábio inferior como que a testá-lo e depois veste a camisa. O meu sangue devia arrefecer, agora que estou privada da visão do corpo dele, mas não arrefece. Tenho a certeza de que, se me despejassem um balde de neve semiderretida dos picos próximos em cima da cabeça, o calor também não diminuiria. Provavelmente, só me sairia vapor dos poros.

Deuses, estou *fodida* com este homem.

Não importa que me tenha magoado, que não tenha confiado em mim.

Nem sequer sei se eu confio *nele*.

Mas quero-o.

— Bom trabalho, Riorson — diz a tenente Sahalie ao Xaden. — Vou dizer ao major para te tirar da escala de serviço de patrulha durante quarenta e oito horas.

— Vinte e quatro — corrige ele com os olhos postos em mim. — Só preciso de vinte e quatro horas. O Jarrett pode ficar com as outras vinte e quatro.

Porque eu já não vou estar aqui.

— Como queiras. — Agarra o ombro do Jarrett em jeito de consolo quando ele passa, depois segue-o em direção à porta.

Ficamos sozinhos.

— Chegaste cedo — diz o Xaden, mas a expressão nos olhos dele é tudo menos de condenação.

Eu levanto uma sobrancelha e tento ignorar o formigueiro que sinto nas palmas das mãos.

— Isso é uma queixa?

— Não. — Ele abana a cabeça devagar. — Só não esperava que chegassem antes do meio-dia.

— Acontece que o Tairn voa depressa como o raio quando não tem uma revoada de outros dragões a contê-lo. — Deuses, porque é que de repente é tão difícil de respirar? O ar entre nós é denso e eu sinto o coração a tamborilar quando desvio o olhar para a boca dele.

Já matou pessoas por mim no passado. Porque é que lutar por uma dispensa para o fim de semana me deixa a corrente sanguínea completamente descontrolada?

— Violet. — A voz do Xaden baixa para aquele tom baixo e sereno que ele só usa quando estamos a sós e, normalmente, nus. Muito nus.

— Humm? — Deuses, as saudades que eu tenho da pele dele a tocar na minha.

— Diz-me o que é que se está a passar nessa cabecinha linda. — Ele aproxima-se, invadindo o meu espaço sem me tocar.

Foda-se, eu *quero* que ele me toque, mesmo que seja má ideia. Mesmo, *mesmo*, má ideia.

— Dói? — Levo a ponta do dedo ao canto do lábio que está ferido.

Ele abana a cabeça.

— Já tive pior. É o que dá bloquear tudo com os meus escudos para me concentrar na luta. Se não, ter-te-ia sentido. Olha para mim. — Ele pega-me no queixo com o polegar e o indicador e inclina-me a cabeça para trás com delicadeza antes de me perscrutar os olhos. — Em que é que estás a pensar? Porque posso interpretar bastante bem a forma como estás a olhar para mim, mas vou precisar das palavras.

Eu quero-o. É assim tão difícil dizê-lo? Fico com um nó na língua. O que poderia significar ceder à vontade insaciável que tenho dele?

Que és humana.

— Estou a cerca de três segundos de pegar em ti e te levar para o meu quarto para continuarmos esta conversa. — A mão dele desliza pelo meu

maxilar e o polegar acaricia-me o lábio inferior.

— O teu quarto não. — Abano a cabeça. — Tu. Eu. Cama. Não é uma boa ideia neste momento. — Demasiado tentador.

— Se bem me lembro, e lembro com muita frequência, nem sempre precisamos de uma cama. — A outra mão segura-me a cintura, aberta.

As minhas coxas contraem-se.

— Violet?

Não posso beijar este homem. Não posso. Mas seria realmente o fim do mundo se o fizesse? Não seria propriamente a primeira vez. Merda. Não vou aguentar. Mesmo que seja só por um momento.

— Teoricamente, se eu quisesse que tu me beijasses, mas *só* que me beijasses... — começo.

A boca dele está na minha antes de eu acabar a frase.

Sim. É exatamente disto que eu preciso. Os meus lábios entreabrem-se para ele e não há hesitação na forma como ele desliza a língua de encontro à minha. Ele geme e o som reverbera-me pelos ossos quando coloco os braços em volta do pescoço dele.

Casa. Quando o beijo, estou em casa.

Ouçó a porta a fechar-se um segundo antes de as minhas costas baterem na parede áspera da câmara. O Xaden desliza as mãos atrás das minhas coxas e levanta-me para que fiquemos ao mesmo nível antes de se apropriar com extrema habilidade de cada canto e recanto da minha boca como se esta fosse a única oportunidade que ele tivesse. Como se beijar-me fosse mais importante do que respirar. Ou talvez seja essa a forma como eu o beijo a ele. Pouco importa. Não interessa quem está a beijar quem desde que não tenhamos de parar.

Entrelaço os tornozelos no fundo das costas do Xaden, unindo os nossos corpos, e fico sem fôlego ao sentir o calor da pele dele a irradiar pelo tecido do uniforme que ele tem vestido e das minhas peles. Subitamente, tudo isto é de mais e nada disto é suficiente.

Isto não foi nada boa ideia, uma amostra provocadora de tudo o que eu quero, mas não consigo convencer-me a parar. Não há nada além deste beijo. Nenhuma guerra. Nenhuma mentira. Nenhum segredo. Só a boca dele, as mãos a subir-me pelas ilhargas, o desejo dele a emular o fogo do meu. É aqui que eu quero viver, onde nada mais importa a não ser o que ele me faz sentir.

— *Como uma chama atrai uma traça.* — O lamento escapa-se-me da mente para o nosso canal mental. Ele é como a gravidade, a atrair-me ao seu encontro pela força da sua existência.

— *Estou mais do que disposto a deixar que me queimes.*

Espera, não era isso o que eu queria dizer...

Ele fecha a mão em concha na minha nuca, a proteger-me da pedra irregular, e inclina-me a cabeça para me dar um beijo mais fundo. Deuses, sim. *Mais fundo.* E eu quero sempre mais. Quero sempre mais.

A energia corre em arco entre nós, mais quente com cada beijo, cada movimento da língua dele. Labaredas de desejo dançam ao longo da minha pele, deixando arrepios atrás delas antes de se instalarem no fundo do meu ser, a queimar perigosamente e a lembrar-me de que o Xaden sabe exatamente como amainar este desejo insaciável.

Ele tem a capacidade enlouquecedora de me viciar e satisfazer ao mesmo tempo.

As minhas mãos deslizam pelo cabelo do Xaden quando ele roça os lábios pelo meu pescoço abaixo e a minha pulsação acelera ainda mais no momento em que ele encontra aquele lugar acima da gola do meu casaco que me faz tremer antes de o venerar impiedosamente com a boca.

Eu transformo-me imediatamente em líquido, um corpo que se derrete e se funde com o dele.

— *Deuses, as saudades que eu tinha do teu sabor.* — Até a voz mental do Xaden chega até mim em forma de gemido. — *De te sentir nos meus braços.*

Levo-lhe as mãos ao rosto e puxo-o de volta para os meus lábios. Ele chupa-me a língua para a boca dele e eu gemo porque posso dizer

exatamente a mesma coisa sobre ele. Tinha saudades de tudo o que tinha que ver com o sabor dele, com o beijo dele, com ele.

Se alguns dos botões do meu casaco se desapertar, vão-se desapertar *todos*.

A língua dele a tocar enviesada na minha uma e outra vez faz-me sentir viva pela primeira vez desde que... Deuses, nem sequer me consigo lembrar. Desde a última vez que ele me beijou.

A mão dele aperta-me a cintura devagar, depois estica-se para cima e as pontas dos dedos estão a tocar-me debaixo dos seios. Que se foda, o casaco pode ir à vida. E a camisola também. E a couraça. Tudo o que me separa dele.

Levo a mão aos botões.

Mas ele abrande o beijo, que deixa de ser urgente e profundo e passa a ser vasto e deliciosamente lento.

— *É melhor pararmos.*

— *E se eu não quiser?* — O som físico que sai de mim é de negação pura. Eu não estou preparada para que isto acabe, não estou preparada para voltar à realidade em que não estamos juntos, mesmo que o obstáculo seja eu.

— *Vamos ter de parar, ou não vou ser capaz de me obedecer ao limite da tua pergunta hipotética e ficar-me só pelo beijo.* — A mão dele baixa para as minhas nádegas quando a boca perde o vigor e me puxa o lábio inferior com um último beijo demorado. — *Foda-se, o que eu te quero.*

— Então, não pares. — Eu olho-o nos olhos para que ele perceba que estou a falar a sério. — Podemos limitar-nos ao sexo. Fizemo-lo no ano passado... não que tenha funcionado muito bem.

— Violet. — Parte súplica, parte gemido, a forma como ele diz o meu nome e a guerra que lhe vejo nos olhos contraem-me o peito. — Não fazes ideia do quanto eu quero arrancar-te as calças desse cu fabuloso e foder-te até ficares rouca de gritar o meu nome, tão bamba de todos os orgasmos que nem conseguirás pensar em voltar a sair da minha cama; até todas as árvores das redondezas se incendiarem com os relâmpagos que tu largares. — A mão

dele desliza da minha cabeça para a minha nuca. — Até que tu te lembres exatamente de como funcionamos bem juntos.

— Eu nunca me esqueci — A frase é um queixume. Ainda tenho o corpo a vibrar.

— Não estou a falar do ponto de vista físico. — Ele inclina-se e beija-me com suavidade.

É doce. Terno. Tudo aquilo que eu *não* quero sentir. Sobretudo quando se trata do Xaden. A atração e a luxúria são sentimentos com que sou capaz de lidar. Mas e o resto?

— Xaden — sussurro, a abanar a cabeça devagar.

Ele perscruta-me o rosto por um instante e disfarça a expressão de desilusão com um meio-sorriso.

— Exatamente. — Volta a pousar-me no chão com cuidado, depois agarra-me a cintura para não me deixar cair quando os meus joelhos tremem. — Desejo-te mais do que o ar que respiro, mas não posso foder-te na esperança de que olhes para mim como dantes. Recuso-me a usar o sexo como uma forma de te recuperar. — Ele pega-me na mão e encosta-a ao meu peito. — Porque o que eu quero é estar aqui.

Os meus olhos arregalam-se e a apreensão deixa-me um nó no estômago.

— É o que eu pensava. — O Xaden suspira, mas não é a derrota que lhe contrai aboca. É a frustração. — Tu ainda não confias em mim, mas não faz mal. Eu já te disse que não me interessa ganhar uma batalha. Eu quero ganhar o raio da guerra. Sou um idiota por dizer isto, mas alguma vez deixei de ser idiota por tua causa?

— Desculpa? — pergunto indignada. Ele deve estar com falta de memória, porque eu é que fui uma idiota por causa dele.

— Deixa-me só dizer uma coisa. — O Xaden olha de relance para a minha boca. — Vou beijar-te sempre que tu quiseres porque o meu autocontrolo é uma merda quando estou contigo...

— Sempre que *eu* quiser? — As minhas sobrancelhas franzem. O que é que está a acontecer aqui, afinal?

— Sim. Sempre que *tu* quiseses, porque terei de viver com a minha boca colada à tua se o fizer sempre que *eu* quiser. — Ele recua alguns passos e eu sinto imediatamente a falta das mãos dele, o calor da pele dele. — Mas peço-te uma coisa com todo o coração, Violet. Não me ofereças o teu corpo a não ser que estejas a oferecer-me *tudo*. Quero-te mais do que te quero foder. Quero essas três palavrinhas de volta.

Eu olho para ele e a minha boca abre-se ligeiramente. Ele não está a pedir-me que eu lhe diga que o quero. Ele quer que eu lhe diga que o *amo*.

— Isto também é território novo para mim. — Passa a mão pelo cabelo. — Ninguém está mais surpreendido do que eu, acredita.

— Desculpa, mas não foste tu que disseste, no ano passado, que podíamos fazer todo o sexo que quiséssemos desde que não envolvêssemos os sentimentos? — Cruzo os braços à frente do peito.

— Estás a ver? Sou um *idiota* do caralho. — Ele levanta a cabeça para o teto inacabado com vigas como se as respostas estivessem lá. — No ano passado, teria usado qualquer método que pudesse para te reconquistar, mas, durante aqueles três dias em que estiveste inconsciente, a única coisa que eu consegui fazer foi ficar sentado a ver-te dormir e a pensar em tudo o que teria feito de forma diferente. — Vejo-lhe determinação vincada em cada traço do rosto quando ele fixa os olhos nos meus. — E é isso que eu estou a fazer agora.

Pelos vistos, no último mês, conseguimos trocar de papel.

— O que eu estou a tentar fazer agora é provar que sou digno de ti. — Ele recua e abre a porta, fazendo sinal para que eu saia primeiro antes de me pousar a mão no fundo das costas quando seguimos pelo corredor adiante. — Ainda não estamos lá, mas hás de vir a confiar em mim no futuro.

— Claro, assim que achares conveniente deixares de guardar segredos. — Como raio é que a culpa disto é *minha*?

O suspiro que ele solta parece ter-lhe sido arrancado da alma.

— Tens de confiar em mim mesmo com os *segredos* para que isto funcione.

Eu agarro o corrimão da escada e subo dois degraus de cada vez.

— Isso não vai acontecer.

— Vai, vai — afiança ele quando nos aproximamos do rés do chão e antes de mudar de assunto. — Estás com fome?

— Tenho de me lavar primeiro. — Franzo o nariz. — Tenho a certeza de que cheiro como se tivesse acabado de passar oito horas a voar.

— Porque é que não vais para o meu quarto e eu levo algo para comeres. — A mão dele descai das minhas costas quando nos encaminhamos para o quarto dele na caserna. Ele aponta para a esquerda e diz: — Esta porta dá para uma casa de banho privada.

— Não acredito que tenhas uma casa de banho privada como tenente acabado de chegar — atiro. — Nem a Mira tem uma.

— Ficarias surpreendida com o que se pode ter quando ninguém quer partilhar o espaço com o filho do Fen Riorson — responde ele serenamente.

Sinto um murro no estômago. Não consigo pensar numa única resposta para lhe dar.

— Não fiques assim tão triste. O Garrick tem de partilhar a casa de banho com outros quatro cavaleiros. Vai lá. — Faz sinal para a porta. — Eu já volto.

Uma hora depois estou lavada e alimentada e o Xaden está sentado à secretária do quarto dele a remexer em algo que parece uma besta, mas menor, enquanto eu estou sentada na cama dele a escovar o cabelo húmido. Não consigo deixar de sorrir com a sensação de que já temos uma rotina: o Xaden a preparar uma arma enquanto eu estou sentada na cama.

— Mas eles não revistaram o Tairn? — pergunta ele sem levantar os olhos da arma.

— Não, limitaram-se a despejar as minhas coisas no chão. — O meu olhar detém-se por momentos na pedra cinzenta do tamanho da palma da mão com uma runa decorativa que ele tem na mesa de cabeceira antes de pousar num pedaço de erva do campo de voo que chegou até aqui e eu o sacudir do braço. — Revistaram a Sgaeyl?

Ele abana a cabeça.

— Só a mim. E ao Garrick. E a todos os outros tenentes com relíquia da rebelião que saíram de Basgiath.

— Eles sabem que vocês estão a levar alguma coisa às escondidas. — Eu inclino-me sobre a ponta da cama alta e atiro a escova para o meu saco. — Passa-me uma pedra de amolar.

— Eles desconfiam. — Ele estende a mão para a primeira gaveta do lado direito da secretária e pega numa pedra de amolar pesada e cinzenta. Inclina-se para ma estender, com cuidado para não tocar com os dedos nos meus, e depois volta para o que estava a fazer com a arma.

— Obrigada. — Agarro na pedra e pego na primeira faca da bainha da coxa para começar a amolá-la. Só servirão de alguma coisa se estiverem afiadas. Mas, por mais que ocupe as mãos, não vai ser fácil fazer a próxima pergunta sem sentir que agora sou eu que estou a esconder coisas do Xaden.

Escolho as palavras com cuidado.

— Quando estávamos no lago, antes de chegarmos a Resson, disseste que a única coisa capaz de matar um venéfico é o que alimenta as guarnições.

— Sim. — Ele recosta-se na cadeira, com uma sobancelha levantada e a besta esquecida.

— Os punhais são feitos do mesmo material que alimenta as guarnições — avento. — A liga a que o Brennan aludiu.

O Xaden abre a gaveta de baixo e remexe em algumas coisas antes de retirar uma réplica do punhal que eu usei para matar o venéfico no dorso do Tairn. Levanta-se e estende-me com o cabo para a frente.

Eu pego no punhal e o peso e a vibração que advém da lâmina deixam-me imediatamente maldisposta, não sei se da energia ou se da memória da última vez que tive um na mão. Seja como for, respiro profundamente e faço por me lembrar de que não estou no dorso do Tairn. Não há ninguém a tentar matar nenhum de nós. Estou no quarto do Xaden. O quarto muito bem protegido do Xaden. Em segurança. Não há lugar mais seguro no Continente, na verdade.

A lâmina em si é prateada, tem ambos os gumes aguçados e o cabo tem o mesmo tom de preto fosco da que usei em Resson e o mesmo do punhal que estava na secretária da minha mãe no ano passado. Passo o dedo pelo medalhão do cabo, que tem um tom de cinzento menos brilhante e está decorado com uma runa.

— Esse bocado é a liga. — Ele senta-se ao meu lado na cama. — O metal do cabo. É uma mistura específica de materiais fundidos no que estás a ver aqui. Não é energia em si, mas tem a capacidade de... guardar energia. As guarnições têm origem no Vale, perto de Basgiath, mas o alcance é limitado. Isto aqui — toca com o dedo no medalhão — guarda energia extra para reforçar e estender as guarnições. Quanto mais material, mais fortes são as guarnições. Há uma sala de armas cheia delas lá em baixo, a alimentar as guarnições. Os pormenores são confidenciais, mas a localização dos postos avançados foi estrategicamente pensada para que as nossas fronteiras não desenvolvam pontos fracos.

— Mas como poderão as guarnições falhar se estas ligas as estão a alimentar constantemente? — Passo o polegar por cima da liga e o meu próprio poder cresce e inunda o ar.

— Porque a energia não é ilimitada. Assim que é usada, tem de ser impregnada novamente.

— Espera. As guarnições têm de ser impregnadas de energia?

— Sim. Impregnar é o processo de deixar a energia em estase num objeto. Os cavaleiros têm de despejar a sua própria energia nas guarnições, o que é uma aptidão que muitos de nós não têm. — Olha para mim com uma expressão vincada. — E não me perguntes. Não vamos falar sobre como isso funciona hoje à noite.

— Estes medalhões foram sempre colocados em punhais?

Ele abana a cabeça.

— Não. Isso começou pouco antes da rebelião. O que eu calculo é que o Melgren teve uma visão de como a batalha iria decorrer e os medalhões foram fundamentais para a vitória. Depois de a Sgaeyl me escolher na Debulha, começámos a trabalhar no desvio de alguns punhais de cada vez

para abastecer os voadores com os quais conseguíamos estabelecer contactes amigáveis.

— Aretia precisa de uma forja para fundir a liga e fazer mais armas.

— Exatamente. É preciso um dragão para acender o fogo para um crisol, e nós temos um, e um luminar para intensificar o fogo do dragão ao ponto de ser capaz de fazer a fundição — diz ele.

Eu assinto com a cabeça, a olhar para o medalhão do tamanho de um polegar. Como é que uma coisa tão pequena pode ser a chave para a sobrevivência de um continente inteiro?

— Então, basta introduzir a liga num punhal e temos imediatamente uma arma capaz de matar venéficos?

A boca dele curva-se num sorriso.

— É um pouco mais complicado do que isso.

— O que achas que veio primeiro? — pergunto, a estudar o punhal. — As guarnições? Ou a capacidade de as reforçar? Ou estão interligadas?

— Isso é tudo confidenciai — Ele pega no punhal e volta a colocá-lo na gaveta da secretária. — E que tal trabalharmos nos *teus* escudos em vez de nos preocuparmos com os de Navarre?

Eu bocejo.

— Estou cansada.

— O *Aetos* não quer saber disso. — O Xaden entra facilmente na minha cabeça.

— Pronto, está bem. — Eu recosto-me, coloco o meu peso sobre as palmas das mãos e levanto rapidamente os meus escudos mentais, bloco a bloco. — Faz o teu pior.

Arrependo-me do desafio assim que lhe vejo o sorriso.

Embora a cadeia de comando possa ser consultada, a última palavra a respeito de qualquer castigo ou repercussão acadêmica cabe ao comandante.

— ARTIGO QUINTO, PARÁGRAFO SETE, DO CÓDICE DOS CAVALEIROS DE DRAGÕES



CAPÍTULO XIII

— *Por acaso, não sabes como levantar guarnições, pois não?* — pergunto ao Tairn quando estamos a chegar a Basgiath, vindos de sudeste, no dia seguinte, com os olhos semicerrados pelo sol da tarde. O vento de frente acrescentou duas horas ao voo e os meus quadris protestam quase em descarada rebelião.

— *Independentemente do que possas pensar, não tenho seiscentos anos de idade.*

— *Pensei que valeria a pena perguntar, só para o caso de estares a esconder conhecimento secreto dos dragões.*

— *Estou sempre a esconder conhecimento secreto dos dragões, mas as guarnições não fazem parte desse conhecimento.* — Os ombros dele enrijecem, elevam-se ligeiramente e ele bate as asas devagar. — *Recebemos ordens para ir para os terrenos de treino. O Carr e o Varrish estão à nossa espera.*

Sinto o estômago a afundar-se embora não tenhamos perdido altitude.

— *Ele ameaçou pensar num castigo por eu não obrigar a Andarna a participar nas manobras. Deveria ter levado o aviso mais a sério.*

O ronco baixo do Tairn vibra-lhe pelo corpo inteiro.

— *O que desejas?*

— *Não sei se tenho escolha.* — Tenho uma sensação de mau agouro a subir-me à garganta.

— *Há sempre uma escolha.* — Ele mantém o rumo, ainda que, em breve, vá ter de guinar para mudar de direção para os terrenos de treino.

Eu sou capaz de dar conta de qualquer castigo que ele queira impor-me se isso significar que a Andarna está em segurança.

— *Vamos lá.*

Uma hora depois, não tenho a certeza se estou a *dar conta* de alguma coisa ou se estou a *aguentar-me*.

— Outra vez — ordena o professor Carr, cujo cabelo branco ralo abana com cada rajada de vento no pico da montanha que usamos para treinar o meu sinete.

E pensar... que isto é só um *aviso*.

A fadiga volta a percorrer-me o corpo, mas eu sei muito bem que não me posso queixar. Cometi esse erro por volta da vigésima quinta tentativa, o que só serviu para o professor Carr apontar mais uma nota no caderno onde faz os registos sob a supervisão do major Varrish ao lado.

— Outra vez, cadete Sorrengail. — O Varrish repete a ordem, lançando-me um sorriso como se estivesse apenas a trocar cortesias. Os dragões deles, o Breugan e o Solas, mantêm-se o mais afastados possível sem caírem da montanha abaixo. O Tairn tentara investir-lhes contra os pescoços com os dentes arreganhados e recuara quando estava a poucos centímetros deles por volta da minha décima terceira tentativa. Foi a primeira vez que vi dragões *em fuga*. — A menos que prefira passar o futuro próximo nos calabouços.

O peito do Tairn ressoa com um ronco baixo atrás de mim e as garras fincam-se na pedra nua do cimo da montanha. No entanto, temos as mãos atadas. Ele está vinculado ao Empíreo e eu tenho de seguir as regras ou arrisco-me a ir para os calabouços. E eu preferia lançar mil relâmpagos a passar uma noite fechada numa jaula à mercê do Varrish.

Ao ver que eu não me mexo, o Carr lança-me um olhar de súplica, antes de os olhos dispararem para o Varrish.

Eu suspiro, mas levanto as mãos, os braços a tremer quando convoco o poder do Tairn. Depois, finco os pés na imagem mental dos Arquivos para não me deixar cair no fogo que ameaça consumir-me. Rápida e expeditamente, a energia sobe dentro de mim e sinto o suor a formar-se na testa e a escorrer-me pela espinha com a dificuldade que tenho em controlá-la.

Fúria. Luxúria. Medo. São sempre as minhas emoções mais extremas que provocam os relâmpagos. É a ira que me alimenta neste momento em que convoco a energia escaldante e a liberto, rasgando o céu com mais relâmpagos, que estalam num pico próximo.

— Trinta e dois. — O professor Carr aponta o número.

Pouco lhes importa se eu consigo apontar ou não. Não fazem nenhum tipo de avaliação da mestria ou da força com que executo a manobra. Têm como único objetivo cansar-me, ao passo que eu procuro a todo o custo agarrar-me aos resquícios de autocontrolo que me restam para não ter de acordar a Andarna.

— Outra vez — ordena o Varrish.

Deuses, sinto que o meu corpo está a ser cozido. Levo a mão aos botões do casaco de voo e abro-o à força para deixar escapar algum do calor infernal que me sufoca.

— *Violet?* — pergunta a Andarna com uma voz ensonada.

O sentimento de culpa atinge-me com mais força do que um relâmpago.

— *Eu estou bem* — garanto-lhe.

— *Acordar é perigoso para o processo de crescimento* — adverte o Tairn. — *Dorme.*

— *O que está a acontecer?* — Ela está inquietantemente acordada agora.

— *Nada que eu não seja capaz de resolver.* — Não é bem uma mentira, pois não?

— Nunca a vi a produzir mais do que vinte e seis relâmpagos numa hora, major. Ela arrisca-se a sobreaquecer e a ficar esgotada se continuarmos a insistir desta forma — diz o Carr ao Varrish.

— Ela aguenta perfeitamente. — Parece que ele *sabe*. *É* como se tivesse estado em Resson, a ver-me a lançar relâmpago atrás de relâmpago contra as serpes. Se ele é a imagem do controlo, talvez eu devesse estar contente por aparentemente não ter nenhum.

— Basta que ela escorregue na ligação à terra ou fique exausta fisicamente para que fique esgotada — adverte o Carr com o olhar a agitar-se nervosamente. — Castigá-la por insubordinação é uma coisa, mas matá-la é outra completamente diferente.

— Outra vez. — O Varrish levanta uma sobrancelha a olhar na minha direção. — A menos que a sua douradinha se decida a vir até cá acima para nos cumprimentar, uma vez que ela não apareceu, conforme ordenado. Se ela se juntar a nós, só a vamos obrigar a fazer mais três tentativas.

— *Isto tem a ver comigo?*

Os meus ombros caem e o meu estômago afunda-se.

— *Este é um exemplo do que acontece quando os dragões escolhem mal* — replica o Tairn. — *O Solas nunca devia ter dado mais poder a este bárbaro.*

— Eu não a quero submeter a testes nem a nada bárbaro — diz o Varrish em tom de persuasão, como se tivesse ouvido as palavras do Tairn. — Só quero que ela compreenda que não está acima da estrutura de comando.

— *Odeio este cabrão* — digo ao Tairn.

— *Eu estou a sentir que isto te está a esgotar! Eu vou...* — começa a Andarna.

— *Não vais fazer nada ou colocarás em risco todos os caudas de penas do Vale* — lembro-lhe. — *Queres uma pessoa que tira prazer da dor dos outros como o Varrish a vincular-se a uma cria?*

A Andarna rosna em frustração.

O Tairn inclina a asa, para direcionar o vento fresco para a minha pele a esquentar.

— Em que ficamos? — pergunta o Varrish, a cobrir-se com o manto quando o vapor se evapora do meu corpo.

O Tairn rosna.

— Os humanos não dão ordens aos dragões, e o major não é diferente dos outros. — Levanto os braços, mais pesados do que nunca, e chamo de novo o poder.

Por volta do quadragésimo relâmpago, os meus joelhos cedem e eu colapso sobre a pedra dura. Vejo o chão a vir na minha direção e lanço as mãos para a frente, sentindo uma dor aguda no ombro esquerdo graças a uma subluxação provocada pelo impacto. Sinto a boca a salivar devido ao enjoo instantâneo, mas apoio o braço esquerdo e faço força para me pôr de joelhos só para tirar o peso da articulação.

O Tairn estende o pescoço e ruge tão alto para o Varrish e o Carr que o caderno voa das mãos do Carr e cai pela montanha, desaparecendo de vista.

— *A Prateada não faz mais nada!* — grita.

— *Eles não te conseguem ouvir* — lembro-lhe apesar da dificuldade em respirar por causa da dor.

— *Os dragões conseguem.*

— Se ela morrer, irá provocar a fúria não só da general Sorrengail, mas também do general Melgren. O sinete dela é a arma com que os generais sonham para esta guerra. — O Carr dispara os olhos para mim e para o Varrish alternadamente. — E se isso não for suficiente para o incentivar a ter alguma cautela, *vice-comandante*, lembre-se de que a morte dela lhe custará dois dos dragões mais poderosos do Continente e a capacidade insubstituível do tenente Riorson para manipular sombras.

— Ah, sim, esse inoportuno vínculo de casal. — O Varrish estala a língua e levanta a cabeça para o lado a estudar-me como se eu não passasse de uma experiência que ele pode usar a seu bel-prazer. — Mais uma. Só para provar que é capaz de ouvir ordens ao contrário do seu dragão.

— *Prateada...*

— *Eu consigo.* — Eu levanto-me com dificuldade e rezo para que o meu ombro se aguarde se eu mantiver o cotovelo bem junto ao corpo. Pela Andarna e pelas outras crias protegidas no Vale, eu sou capaz de o fazer.

Sinto os músculos a tremer e a contorcer-se e uma dor dilacerante no ombro como se tivesse sido atingida por um punhal, mas levanto as palmas das mãos e volto a convocar a energia do Tairn. Estabeleço a ligação e deixou a energia inundar-me mais uma vez.

Manipulo a energia e o relâmpago rasga os céus.

Mas uma câibra tolhe-me o braço quando o relâmpago atinge o pico mais próximo e os meus músculos contorcem-se e enfeixam-se de uma forma nada natural, o que me faz reter fisicamente a energia que habitualmente liberto de imediato.

Foda-se! Não consigo libertar a energia.

— *Prateada!* — grita o Tairn.

A energia fustiga-me o corpo e reforça o relâmpago, que racha a cumeada mais a norte, à minha frente. A rocha cai pela vertente da montanha abaixo e o relâmpago continua a brilhar como uma lâmina incandescente e a fissurar o terreno.

Não me consigo mexer. Não consigo baixar as mãos. Nem sequer consigo dobrar os dedos.

Isto vai matar-me.

O Tairn. A Sgaeyl. O Xaden. Vai matar-nos a todos. O medo e a dor tornam-se uma só emoção que se apodera da minha mente e se transforma num sentimento que não me posso dar ao luxo de ter: pânico.

— *Usa a mente para parares!* — berra o Tairn ao ver que o relâmpago não para e, à distância, eu ouço a Andarna a chorar.

Os meus ossos incendeiam-se e um grito rasga-me a garganta quando fecho as portas dos meus Arquivos.

O relâmpago apaga-se. Eu cambaleio para trás, caio de encontro à perna dianteira do Tairn e encolho-me entre as garras dele. Cada respiração é um sacrifício.

O Carr engole em seco. Com muita dificuldade.

— Por hoje, chega.

Não seria capaz de me levantar mesmo que quisesse.

O Varrish examina a destruição que eu causei e vira-se para mim.

— Fascinante. Vocês serão ambos indispensáveis assim que deixem de ser insubordinados. — Depois, vira-se e encaminha-se para o Solas com o manto a esvoaçar ao vento. — É o único aviso que receberá, cadete Sorrengail.

A ameaça atinge-me como um murro no estômago, mas não consigo pensar além do calor escaldante que sinto.

O Carr escala a pedra, pousa as costas da mão na minha testa e deixa escapar um assobio.

— Está a ferver. — Olha de relance para o Tairn. — Diga ao seu dragão para a levar diretamente para o pátio. Não vai conseguir chegar lá a partir do campo de voo. Coma e tome um banho frio. — Há algo estranhamente parecido com compaixão na expressão dele quando ele olha para mim. — E, embora eu esteja de acordo de que nós não damos ordens aos dragões, talvez possa falar com a Andarna e convencê-la a aparecer. É um sinete raro e poderoso, cadete Sorrengail. Seria ridículo usarmos as suas sessões de treino desta forma.

Não sou um sinete. Sou uma pessoa. Mas estou demasiado quente e demasiado cansada para converter a ideia em palavras. Não que seja importante: não é assim que ele olha para mim. Nunca foi. Para ele, somos o somatório dos nossos poderes e nada mais. O meu peito arqueja, mas nem o ar frio da montanha chega para amainar o calor abrasador que sinto nas veias.

O Tairn envolve-me o corpo mole com a garra, colocando uma presa debaixo de cada braço, e lança-se para o ar, deixando o Carr atrás de nós, no pico.

Estamos no ar num instante. Ou talvez uma hora depois. O tempo não significa nada. Tudo se resume à dor, a pedir-me para desistir, para libertar a minha alma da prisão do meu corpo.

— *Não vais desistir* — ordena ele quando voamos em direção a Basgiath a uma velocidade que nunca antes o senti atingir. O ar que passa por mim sabe-me bem de mais, mas não é suficiente para chegar ao forno que me arde nos pulmões nem ao tutano derretido dos meus ossos.

Montes e vales passam debaixo de mim numa massa indistinta antes de eu reconhecer os muros do quadrante, mas Tairn sobrevoa o pátio e mergulha para o vale mais abaixo.

O rio. Água. Fria. Água. Cristalina.

— *Já pedi apoio.*

Sinto uma pontada no estômago quando ele se levanta e fica a pairar de súbito e o meu corpo balança com a mudança de velocidade.

— *Sustém a respiração.* — É o último aviso antes de a água fria resultante do descongelamento do gelo que ainda cobre os picos no verão me cobrir da cabeça aos pés e jorrar com uma intensidade capaz de me esmagar os ossos. O contraste ameaça estilhaçar cada bocadinho do meu corpo, descascar cada camada a escaldar.

Vivi com dores toda a minha vida, mas esta agonia é algo que não tenho a capacidade de aguentar.

Solto um grito mudo ainda pendurada na garra do Tairn e o ar irrompe-me dos pulmões enquanto a água expulsa o calor do meu corpo, salvando-me com a mesma saraivada de golpes que me rasga a pele.

O Tairn puxa-me a cabeça para cima da água e eu arquejo a tentar sorver o ar.

— *Está quase* — diz-me ele, a segurar-me nos rápidos.

A água bate-me sem misericórdia, mas baixa-me a temperatura do corpo até as últimas chamas que me ardem nos ossos se apagarem.

— Violet! — grita alguém da margem.

Os meus dentes batem e a pulsação abrandar.

— *Pronto.* — O Tairn caminha para a margem, eu nem sequer me tinha apercebido de que ele estava em pé no rio comigo, e deposita-me na erva

alta de verão, debaixo de um renque de árvores que crescem ao longo do Iakobos.

Eu fico deitada, mole, a lutar para ter energia para respirar e com o coração a bater cada vez mais devagar. Convocando toda a energia que me resta, forço os pulmões a expandir-se, a absorver o ar.

— Violet! — chama a Imogen algures à minha direita antes de cair de joelhos ao meu lado um momento depois. — O que raio te aconteceu?

— Demasiados. Relâmpagos. — Um cobertor áspero cai-me sobre os ombros a tremer. A água pinga-me do nariz, do queixo, das extremidades desabotoadas do casaco de voo, que, milagrosamente, também fez a viagem. Um frio dilacerante substituiu o calor, mas pelo menos estou novamente a respirar normalmente.

— Oh, merda. — O Bodhi agacha-se do outro lado, estendendo as mãos para os meus ombros antes de recuar.

— Estás tão... vermelha. — É a Eya a falar. Acho eu.

— A Glane diz que é um esgotamento — intervém a Imogen, com a mão surpreendentemente delicada nas minhas costas. — O Tairn chamou-a. O que fazemos, Violet? És a única manipuladora de relâmpagos que nós conhecemos.

— Eu. Só preciso. — Contorço-me para o lado, as pernas rebolam com o movimento e as palavras que me saem da boca são pontuadas pelo bater de dentes. — Um minuto. — Olho para o tronco do carvalho frondoso que tão bem conheço à minha frente e concentro as forças em recompor-me.

— O Cuir diz que ela precisa de comida agora que arrefeceu — acrescenta o Bodhi.

— Um verde saberia disso — diz a Eya com certeza. — Vamos dar-lhe comida então.

— Como é que isto aconteceu? — pergunta a Imogen. — Foi o Carr?
Eu assinto com a cabeça.

— E o Varrish.

O rosto castanho e afável do Bodhi aparece à minha frente.

— Foda-se. — Puxa as pontas do cobertor para apertar à minha volta.
— É por causa da Andarna?

— É.

O Bodhi arregala os olhos.

— Estás a brincar comigo? — A voz da Imogen eleva-se. — Ele usou o teu sinete como castigo por a Andarna não ter aparecido durante as manobras de voo?

— Aquele cabrão — diz a Eya com os dentes cerrados, a passar a mão pelo cabelo escuro ao mesmo tempo que troca um olhar com o Bodhi.

Ao fim de um minuto, reúno forças para segurar o cobertor sozinha. Pelo menos, tenho os músculos a trabalhar novamente. As saudades rasgam-me o corpo quando olho para a árvore acima de mim, o tronco largo, que sei que ostenta a cicatriz de duas facadas.

Quero o Xaden.

Não tem lógica. Ele não poderia ter travado o Varrish. Não preciso da proteção dele. Não preciso que ele pegue em mim e me leve de volta para o dormitório. Só... o quero a ele. É a única pessoa com quem quero falar sobre o que aconteceu na montanha.

— Acho que temos de a levar de volta para o dormitório — diz a Imogen.

— Eu trato disso — promete o Bodhi, a olhar-me nos olhos. — Isto não vai voltar a acontecer-te.

— *Diz aos humanos que eu vou tratar das questões relacionadas com os dragões* — diz o Tairn.

— *Como...*

— *Vais confiar em mim.* — É uma ordem.

— O Tairn diz que vai tratar do assunto. — Lanço-me para a frente e obrigo-me a levantar-me. — O Bodhi agarra-me os ombros com cuidado, estremecendo quando eu faço um esgar. — Estou pronta. Vamos.

— Consegues andar? — pergunta ele.

Eu assinto com a cabeça a olhar para a árvore atrás dele.

— Tenho saudades dele — sussurro.

— Sim. Eu também.

Ninguém me leva ao colo. Ficam todos ao meu lado, passo a passo, quando subimos as centenas de degraus que sobem em espiral pelas paredes dos alicerces até voltarmos para o dormitório e o único som que quebra o silêncio que nos envolve é o dos nossos passos.

Porque ninguém quer dizer aquilo em que todos estamos a pensar... Se a Andarna não aparecer na próxima formação, o segundo castigo do Varrish pode acabar por me matar.

— Já fizeste a tua aterragem em corrida? — pergunta a Imogen na sexta-feira.

A Sloane é atirada novamente ao tapete e nós estremecemos num dos lados do ginásio, de costas para a parede para que ninguém possa surpreender-nos por trás. As costas da Sloane não têm nenhuma dessa proteção e amanhã vão estar negras e azuis.

Ao contrário da Rhiannon, que está aqui a liderar uma sessão de treino de combate extra que negociou para todos os instruendos do primeiro ano da nossa esquadra contra outros da Terceira Divisão, eu e a Imogen estamos aqui com o uniforme completo entre aulas apenas por uma razão — a Sloane — e a sua assustadora falta de aptidão para a luta. Estávamos à espera de ver que ela tinha melhorado ao fim de uma semana. Mas não melhorou.

— O Tairn não me deixa sair da sela — respondo em voz baixa, como se ele não estivesse constantemente na minha cabeça desde o meu quase esgotamento no cimo da montanha.

— *Eu ouvi-te* — resmunga ele.

— *Só porque estás à escuta.* — Quando transferir o peso de uma perna para a outra não ajuda, dou um passo para a frente da parede para aliviar a

pressão sobre a pele tensa e vermelha. Pelo menos, os vestígios físicos do meu quase esgotamento diminuíram e já não passam de uma espécie de escaldão: já não doem tanto, mas são incómodos como o diabo.

— *Reforça os teus escudos e talvez deixes de precisar de monitorização.*

— Não completas as manobras? Recusas-te a levar a Andarna para a aula? — A Imogen solta um resfolgo a fazer de conta que está surpreendida. — Não estarás a tornar-te um pouco rebelde de mais? — O olhar dela dispara para o meu rosto, depois baixa para o pescoço. — Os teus amigos ainda pensam que perdeste o controlo durante uma sessão de treino?

Eu assinto com a cabeça.

— Se soubessem o que aconteceu realmente, não sairiam da minha beira.

— Estarias mais segura — observa ela.

— Eles não. — Ponto final parágrafo.

— Não tires os olhos do teu adversário! — grita a Rhi para a Sloane do lado do tapete, no preciso momento em que a Sloane faz o contrário, baixando os olhos para o tapete quando se aproxima da borda. O adversário não precisa de mais nada e aproveita para lhe desferir um murro que lhe acerta no maxilar e a deixa esparramada no chão.

Eu e a Imogen estremecemos.

— Isto é uma sessão de treino de combate, não um desafio! Vá lá, Tomas! — atira a Rhi para um chefe de esquadra da Segunda Divisão.

— Desculpa, Rhi. Contém-te, Jacek — repreende o chefe de esquadra.

— Caramba. — A Imogen abana a cabeça e cruza os braços. — Eu sei que o Jacek está a canalizar raiva a sério, mas nunca o vi bater com tanta força.

— O Jacek? Como em Navil Jacek? — O instruendo da Terceira Divisão que a Jesinia e eu vimos a ser arrastado pelo Markham estava no rol de mortes há poucos dias.

— Aquele no tapete é o irmão mais novo — diz a Imogen.

— Merda. — Agora sinto-me mal pelo rapaz, embora a Sloane esteja numa situação parecida. — Acho que o Markham o mandou matar — sussurro.

— Por ele não devolver um livro a tempo? — A Imogen levanta as sobrancelhas.

— Acho que tinha pedido algo que não devia e, sim, eu sei que parece bastante ridículo, mas não há outra explicação para ele ter sido encontrado no quarto morto à pancada.

— Certo — diz a Imogen em reflexão. — Isso só faz sentido se ele for um de nós.

Para os outros, encaixa no que o Panchek chama um início *particularmente brutal* do ano. Sou a única do nosso grupo que não foi alvo de mais nenhuma tentativa de assassínio.

— É bom que tenhas *muito* cuidado com a tua amiguinha de toga se os copistas estão a dar ordens para a morte de cavaleiros.

— A Jesinia não é uma ameaça — protesto, mas as minhas palavras morrem-me na garganta quando me lembro que foi o registo dela que acabou por levar à morte do Jacek.

— Vamos terminar — sugere o chefe de esquadra da Segunda Divisão depois de a Sloane ser atirada ao tapete novamente.

— Eu estou bem! — A Sloane levanta-se, cambaleante, a limpar o sangue da boca com as costas da mão.

— Tens a certeza? — pergunta a Rhi, com um tom que indica que a decisão é completamente errada, o que sabemos que é verdade.

— Absoluta. — A Sloane assume a postura de combate contra o Jacek.

— Aquela gosta de ir ao castigo — diz a Imogen. — Até parece que *quer* levar para contar.

— Não compreendo. — O Aaric movimenta-se à minha frente e as costas dele bloqueiam-me a vista, pelo que me desvio para ver o tapete. — Eu pensava que todos os marcados estavam treinados para lutar.

— Depende de onde fomos criados. — A Imogen desvia-se comigo. — E quando o Xaden começou a subir na hierarquia... bem, algumas das famílias *deixaram* de nos treinar, de acordo com o que os instruídos do primeiro ano disseram. Ainda bem que ela não estava no quadro de desafios esta semana.

O Jacek volta a lançar a Sloane para o tapete pelo que parece ser a centésima vez, depois leva-lhe o joelho à garganta para mostrar a sua superioridade. Se isto fosse a sério, ela estaria em sérios apuros.

— O primeiro desafio dela é na segunda-feira e vai levar uma sova das antigas, se não pior. — Desembainho um punhal e viro-o, agarrando-o pela ponta, como se as minhas capacidades a pudessem ajudar de alguma forma quando ela nem sequer fala comigo.

— Segunda-feira? — A Imogen vira-se devagar para olhar para mim. — E como é que tu sabes disso?

Merda. Bem, na verdade, ela já sabe quase todos os segredos que me poderiam matar.

— É uma longa história, mas... por causa de um livro que o meu irmão escreveu.

— Contra quem é que a Sloane vai lutar? — Ela gira de novo para o tapete.

— Não me vais questionar sobre um livro que não deveria ter?

— Não. Eu, ao contrário de algumas pessoas, não sinto a necessidade de saber tudo o que outra pessoa considera privado.

Eu solto um resfolgo de escárnio ao ouvir o remoque óbvio.

— Sim, bem, não andas a dormir comigo.

— *Quem te dera* que fosses o meu tipo. Sou fenomenal na cama. — O nariz da Imogen enruga-se quando a Sloane cai de cara no tapete. — A sério. Quem é que ela vai defrontar?

— Uma pessoa que não vai conseguir bater. — Uma instruída da Terceira Divisão que se movimenta como se tivesse treinado combate desde

que nasceu. Demorei quase uma hora a descobrir alguém que me pudesse dizer quem era a rapariga no ginásio.

— Eu ofereci-me para ajudar — diz a Imogen silenciosamente. — Ela não aceita a minha ajuda.

— Por que raio é que não aceita? — Agarro a faca e viro-a só com a memória muscular.

A Imogen suspira.

— Não faço a menor ideia, mas tanta teimosia ainda a vai matar.

Vejo a irmã do Liam em dificuldades debaixo do peso do Jacek, o rosto manchado e vermelho do esforço, e solto um suspiro lento e resignado ao mesmo tempo que fecho o punho em redor do cabo do meu punhal. A regra tácita do quadrante é deixar que os fortes eliminem os fracos antes de estes se poderem tornar um risco para a divisão. Como cavaleira, devia ir-me embora. Devia deixar a Sloane subir ou cair por mérito próprio. Mas, como amiga do Liam, não posso ficar sem fazer nada e deixá-la morrer.

— Não na segunda-feira.

— Desenvolveste o sinete do Melgren de um momento para o outro? — replica a Imogen, a puxar uma melena de cabelo que lhe cai junto ao queixo para trás da orelha.

— Já chega! — grita a Rhi, a acabar com o confronto, e eu solto um suspiro de alívio.

— Não exatamente. — Olho em volta do ginásio e vejo a adversária da Sloane para segunda-feira. — Só preciso de fazer umas coisas depois da aula de Física, mas vejo-te na nossa sessão de ginásio logo à noite. — Se tenho algum músculo é graças à dedicação da Imogen em torturar-me nas máquinas de pesos desde o ano passado.

— Como é que essa aula te está a correr, afinal? — pergunta a Imogen com um sorriso sarcástico, sabendo perfeitamente bem que eu não seria capaz de me safar sem a ajuda da Rhiannon. Posso ser a melhor do nosso ano em História, Geografia e todas as outras disciplinas que têm alguma coisa que ver com os copistas, mas Física? Não é a minha especialidade.

— Ei, Vi... — Quando uma mão se enrola no meu ombro vinda de trás de mim, o meu coração acelera e palpita-me dolorosamente nos ouvidos.

Outra vez não.

A memória muscular assume o comando e eu giro, retiro a mão do meu ombro e empurro o antebraço esquerdo contra um peito coberto de couro, apanhando o atacante desequilibrado, o que me permite atirá-lo de encontro à parede que está a poucos centímetros, ao mesmo tempo que lhe aponto o meu punhal ao pescoço tatuado num movimento instintivo.

— Ei, ei! — O Ridoc arregala os olhos e levanta as mãos com as palmas para fora. — Violet!

Eu pestanejo rapidamente enquanto o nó na garganta dele baixa e roça no gume da minha lâmina.

O Ridoc. Não é um assassino. É só o *Ridoc*.

A adrenalina inunda-me o sistema e a minha mão treme ligeiramente quando eu baixo a arma.

— Desculpa — murmuro.

— Por quase me dissecares a jugular? — O Ridoc dá um passo para o lado antes de baixar as mãos. — Eu sabia que eras rápida, mas *caramba*.

O embaraço tolhe-me a língua e aquece-me as faces. Quase abri a garganta ao meu amigo. Acabo por encontrar a bainha para guardar o punhal.

— Devias ter o cuidado de não aparecer de repente, como sabes — admoesta a Imogen, o tom calmo a contrastar com a faca que tem na mão esquerda.

— Peço desculpa. Não vai voltar a acontecer — promete ele, com a expressão a encher-se de preocupação quando ele olha de relance por cima do meu ombro. — Só vim saber se querias ir comigo para a aula de Física. O Sawyer já está à porta.

— Está tudo bem? — pergunta a Rhi, a caminhar na minha direção e a pôr a pasta de alças ao ombro.

— Tudo bem — responde a Imogen. — Estás a fazer um ótimo trabalho como chefe de esquadra, já agora. Foi muito boa ideia dar uma sessão

adicional de treino de combate aos instruendos do primeiro ano.

— Obrigada? — A Rhi fita a Imogen como se lhe tivesse crescido um segundo nariz.

— Vemo-nos logo à noite. — A Imogen embainha a faca e olha para mim com mais compreensão do que eu quero que qualquer uma de nós tenha enquanto recua. — Vou oferecer a minha ajuda à Mairi. Outra vez.

Eu assinto com a cabeça.

— Tens a certeza de que está tudo bem? — pergunta a Rhi quando eu pego no meu saco do chão e quase o deixo cair com os nervos. A filha da mãe da adrenalina.

— Perfeito. — Forço o sorriso mais falso que a humanidade conhece. — Vamos para a aula de Física. Física, que bom.

A Rhi troca um olhar com o Ridoc.

— Provavelmente, está só nervosa por causa do questionário, e eu não ajudei nada quando a assustei como um burro. — Ele esfrega a pele junto à garganta quando começamos a avançar em direção à porta, onde o Sawyer nos espera.

A boca da Rhiannon abre-se por um segundo.

— Violet! Pensava que tinhas dito que estava tudo controlado. Podíamos ter estudado de novo de manhã. Não te posso ajudar se não me disseres que precisas de ajuda.

Essa é que é a verdade.

— Lembra-te só de que precisas de dois de três elementos quando fazes qualquer manobra de voo — recita ela, enquanto o Sawyer trinca uma maçã e nos abre a porta do ginásio. — Velocidade, potência ou...

Eu perscruto o primeiro andar da ala académica à medida que descemos o corredor e o meu olhar investiga cada alcova, cada porta de sala de aula à procura de alguém que possa saltar para cima de nós.

— Violet?

Arranco o foco da escada à minha frente e vejo a Rhi a lançar-me um olhar expectante. Certo. Ela está a fazer-me perguntas sobre física e

aerodinâmica.

— Altitude — responde o Sawyer.

— Certo. — Eu assinto com a cabeça quando entramos na escada. —
Altitude.

— Estás a dar cabo de mim... — começa a Rhiannon.

— Agora! — grita alguém atrás de nós.

Antes de eu poder reagir, um saco é atirado para cima da minha cabeça e, ao fim de um instante, estou inconsciente.

Existe uma desconfiança natural que tem de ser superada entre os cadetes de infantaria e os cavaleiros. Isto acontece sobretudo porque os cavaleiros nunca irão confiar que a infantaria tem a coragem de suster a linha de combate quando os dragões chegam e a infantaria nunca irá confiar que os dragões não os vão comer.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XIV

Acordo sobressaltada quando o cheiro de algo acre me enche os pulmões e embalo o pulso para afastar uma mão do meu rosto. Sais de cheiro.

— Ela está acordada — diz uma mulher vestida de azul-escuro, a recuar para falar com... o professor Grady?

Sinto um zumbido na cabeça quando me sento e estico as pernas à minha frente. Tento imediatamente contactar o Tairn.

— *O que está a acontecer?*

Os meus olhos demoram a adaptar-se à luz clara, mas parece que estamos numa floresta qualquer.

— *O curso que os humanos não teriam de fazer se se limitassem a ficar sentados, conhecido como CSC* — rosna ele com uma frustração surpreendente, como se fosse ele que tivesse sido drogado e arrastado para fora do quadrante.

A Rhiannon, o Sawyer e o Ridoc estão à minha direita, com um ar que denota a confusão que também eu sinto. À minha esquerda, estão quatro cavaleiros com insígnias da Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Segunda Divisão, a olhar para a floresta com uma expressão desorientada. É bom ver que não somos os únicos que estão desnorteados.

— *Pelo menos, não é uma tentativa de assassinio.* — Se fosse, estaríamos mortos, tendo em conta o aturdi mento que eu sinto.

— *Será se não estiverem de volta a Basgiath quando a Sgaeyl chegar amanhã.*

Oh. Merda.

— *Isto não pode durar mais do que um dia.* — Ou pode? — *Se durar, é melhor voltares sozinho.*

À nossa frente, estão dois grupos de cadetes de infantaria — se os uniformes azuis servirem de indicação — em conversa sussurrada. São todos... iguais. Os quatro homens têm todos o mesmo penteado próprio dos militares, cortado muito rente à cabeça em degradê, e as mulheres têm o cabelo penteado para trás e amarrado em puxos bem apertados. Os mesmos uniformes azul-escuros, as mesmas botas, o mesmo... tudo. Só os crachás em cima dos corações são diferentes, tirando o que tem a insígnia de chefe de esquadra no ombro em cada grupo.

Nós os quatro estamos vestidos com os nossos uniformes de verão, mas cada um de nós fez as suas próprias modificações. A minha camisola leve tem cortes na frente que me dão acesso direto aos punhais que tenho embainhados na couraça junto às costelas. A Rhiannon prefere uma túnica com bainhas cozidas diretamente na peça. O Sawyer gosta de usar manga curta e armas amarradas aos antebraços, e o Ridoc nunca se deu ao trabalho de ir ao alfaiate de uniformes, tendo-se limitado a arrancar as mangas. Nem sequer *usamos* crachás com os nomes, e o mesmo acontece com a esquadra da Segunda Divisão.

— *E deixar-te a defenderes-te sozinho?*

O chão da floresta é macio e lamacento em algumas partes e o sol da tarde jorra enviesado por entre os ramos, o que significa que só estivemos

inconscientes uma hora, talvez duas no máximo. Não vejo nada além de árvores no horizonte.

— *Acho que a ideia é essa.* — Pestanejo numa tentativa de focar mais o cérebro. — *Promete-me que, se eu ficar aqui presa na sessão de orientação em terra, a vais ver se puderes. Não podemos estar assim tão longe de Basgiath.*

O professor Grady dá um odre com água a cada cavaleiro.

— Peço desculpa pela mudança abrupta de cenário. Hidratem-se.

Tiramos todos a rolha dos odres e bebemos. A água é revigorante e fria... mas há algo mais. Pungente. Terrena. E algo amargo e floral que não consigo identificar. Fecho o odre, e encolho-me com o sabor que fica na boca. O professor Grady tem de tratar melhor dos odres dele, sem dúvida.

— Estás bem? — pergunto à Rhi, que está a ver se tem armas nas bainhas.

— Um pouco zonza, mas sim. E tu?

Eu assinto com a cabeça, passando as mãos pelas ilhargas para me certificar de que os punhais estão exatamente onde os deixei. E estão. E também ainda tenho o saco nas costas.

— Eles apanharam-nos nas escadas? — Olho mais para o lado e vejo o Sawyer a esfregar as têmporas e o Ridoc a coçar a tatuagem do pescoço.

— É a minha última memória. — A Rhi assente com a cabeça em concordância, a estudar as esquadras ao nosso lado e à nossa frente.

— Alguém sabe onde estamos? — pergunta o Sawyer às esquadras de infantaria, que estão claramente mais alerta do que nós.

Os cadetes olham para nós, mas ninguém responde. Ninguém fala sequer.

— Vou assumir que é um não — diz o Ridoc numa voz arrastada.

— É um não da nossa parte. — O cavaleiro da Segunda Divisão com uma insígnia de chefe de esquadra levanta a mão em saudação.

— *Sabes onde...* — começo a perguntar ao Tairn, mas a conexão habitualmente clara é encapotada, como se alguém lhe tivesse posto um

cobertor em cima. O pânico aperta-me o coração quando me apercebo de que acontece o mesmo com a Andarna, embora não me arrisque a acordá-la com perguntas. — Não consigo chegar à fala com o Tairn.

A Rhi vira-se de chofre para mim e inclina a cabeça para o lado.

— Merda. Também não consigo falar com a Feirge. Parece que há alguma coisa...

— A abafar a ligação — conclui o Sawyer.

Eu pouso o odre no chão ao meu lado e os outros percebem e fazem o mesmo.

O que é que acabámos de beber, por Dunne?

— Estamos barrados do exterior — sussurra uma cavaleira com uma trança loira a cair-lhe pelo ombro.

— Respira, Maribel — ordena o chefe de esquadra, passando a mão trigueira nos caracóis escuros, como se precisasse de seguir a sua própria sugestão ainda mais do que ela. — Não pode ser por muito tempo.

As mãos do Ridoc fecham-se em punhos.

— Isto não está certo. Estou-me nas tintas se é para o curso... a comunicação com os nossos dragões não pode ser cortada.

— Tomas? — pergunta a Rhiannon, a inclinar-se para a frente para olhar para o meu outro lado.

— Olá, Rhi. — O chefe de esquadra acena-lhe. — Esta é a Brisa. — O Tomas aponta para uma mulher com a cabeça rapada, pele castanha reluzente e um olhar observador e inquieto, que nos dá um aceno curto com a cabeça. — A Mirabel. — Vira o dedo para a loira com marcas pronunciadas dos óculos de voo nas bochechas pálidas e um emblema de manipuladora de fogo no ombro e ela acena-nos. — E o Cohen — conclui. O cavaleiro mais próximo de mim, com um sorriso fácil, cabelo preto curto e pele castanho-avermelhada, levanta a mão em saudação.

— Olá. — A Rhiannon acena com a cabeça. — Estes são o Sawyer, o Ridoc e a Violet.

As apresentações são interrompidas quando o professor Grady aponta alguma coisa numa pasta e aclara a garganta.

— Agora que estão todos bem acordados, sejam bem-vindos ao primeiro exercício de orientação em terra. — Retira dois mapas dobrados da pasta. — Nas últimas duas semanas aprenderam a ler um mapa e hoje irão fazer uso desse conhecimento num cenário prático. Se esta fosse uma operação real com a estrutura de um posto avançado, esta unidade teria uma composição como a que vemos aqui.

Ele afasta-se da mulher que deve ser professora da infantaria e nós vemos dois cadetes vestidos de azul-claro ao lado de uma copista. Tem o capuz para baixo e está a usar calças creme com uma túnica creme com capuz — não as vestes habituais —, mas é definitivamente uma copista.

— Os cavaleiros e a infantaria para lutar, uma copista para registar o acontecimento e curandeiros por razões óbvias. — Faz sinal para que avancem e vão os três para o fim do alinhamento da infantaria.

A professora da infantaria com uma divisa de capitã levanta-se e coloca-se ao lado do professor Grady com uma postura irrepreensível.

— Levantem-se, cadetes — diz ela.

As esquadras de infantaria põem-se de pé praticamente num pulo e ficam imediatamente em sentido.

Eu recuo ligeiramente, surpreendida com o meu primeiro instinto, que é dizer à capitã de infantaria para se ir foder porque eu não tenho de lhe obedecer. Nenhum cavaleiro tem de lhe obedecer.

O professor Grady olha de relance para a nossa direção e assente com a cabeça.

Estamos os oito em pé, mas não estamos sequer *à vontade*. Estamos apenas.

A capitã de infantaria olha para nós e quase não contém um revirar dos olhos.

— Este é o curso mais curto que vão fazer juntos este ano, pelo que deverão tentar conhecer-se. Quarta Divisão, vocês vão ficar ligados à Quarta Esquadra. — Ela olha em volta e um dos cadetes diretamente à frente

dela levanta a mão. — E Segunda Divisão, vocês vão ficar ligados à Segunda Esquadra, só para vos facilitar a tarefa. — Uma cadete à esquerda levanta a mão. — O vosso objetivo é encontrarem um local marcado nos mapas e tomá-lo. Assim que o fizerem, serão extraídos.

Não pode ser assim tão fácil.

O professor Grady estende os mapas e a Rhiannon dá um passo em frente, pega em ambos e entrega um ao Tomas.

Um dos cadetes de infantaria começa a andar em frente, mas detém-se.

— Dois mapas — diz o professor Grady. — Duas equipas, mas uma unidade coesa. Vocês não estão habituados a trabalhar em conjunto. Não foram sequer avisados de que iriam fazê-lo. Mas manter Navarre em segurança exige trabalho de equipa entre os diferentes segmentos das nossas forças militares. Vai haver momentos nas vossas carreiras em que vão precisar de alguém em que possam confiar no ar ou em terra e esses laços são criados aqui em Basgiath. — Ele olha alternadamente para os dois grupos. — Vemo-nos amanhã à tarde.

Amanhã à tarde?

O meu estômago desaba. O Tairn não vai ver a Sgaeyl a não ser que aceite o meu pedido e vá para Basgiath. E eu... eu vou perder as poucas horas em que o Xaden vai estar cá. Só o vou poder ver daqui a uma *semana*. A desilusão dói mais do que devia.

— Só temos de encontrar um local de extração e de o tomar? É essa a nossa missão? — pergunta o Sawyer, a olhar para o mapa como se ele morderse. Não é o forte dele, já o sabemos.

— Sem problema. — O Ridoc enche o peito.

— Oh. Certo — responde o professor Grady. — A questão é que temos de equilibrar um pouco o campo de jogo. A infantaria já faz orientação em terra desde o primeiro ano, pelo que, naturalmente, eles podem ser um pouco melhores do que vocês.

O Ridoc põe-se tenso.

Os cadetes de infantaria curvam os lábios num sorriso afetado.

— E, como podem reparar, nenhum de vocês os oito — o professor Grady olha para nós de uma ponta à outra — tem a capacidade de comunicar completamente com os respectivos dragões.

— O que é uma treta — diz o Ridoc em voz perfeitamente audível.

Uma mulher do lado da infantaria abre a boca de espanto.

— É — concorda o professor Grady. — Não é uma coisa que façamos de ânimo leve e os vossos dragões detestam-no tal como vocês. Foram todos drogados com uma mistura específica de ervas que vos entorpece não só as ligações mas também os sinetes. Por mais frustrante que isso seja, estamos bastante orgulhosos do preparado, pelo que não deixem de nos avisar se sentirem algum efeito secundário.

— Além de nos cortar o vínculo mais importante que temos? — observa a Rhi.

— Exatamente — responde o professor Grady.

Eu convoco o meu poder, mas sinto apenas um formigueiro nos dedos. Deuses, sinto-me... vulnerável, o que é uma boa merda. Começo a pensar no que poderá consistir a mistura enquanto os dois professores andam por entre os grupos.

Quando o Grady chega ao fim da nossa secção, vira-se e recua.

— Oh, e não sei se já vos disse, mas há dois grupos de vocês lá fora. O outro está no outro lado da floresta e, enquanto os vossos dragões vão andar atrás deles, os dragões deles vão andar atrás de vocês. E haverá também alguns dragões não vinculados.

Ai o caralho! Sinto um vazio no estômago.

Quase todos os cadetes de infantaria parecem estar prestes a desfalecer e um está a balançar no lugar.

— Infantaria, os cavaleiros vão ter de confiar na vossa capacidade de orientação em terra, mas vocês não vão sobreviver sem eles se encontrarem um dragão. — O Grady olha-nos diretamente nos olhos aos oito enquanto recua. — Tentem garantir que a maior parte deles chegam aqui vivos, está bem? — Esboça um sorriso e vira-se, embrenhando-se na floresta com a

professora da infantaria e deixando-nos no meio do raio da mata sem provisões nem os nossos dragões.

Ficamos a olhar para a esquadra de infantaria.

A esquadra de infantaria fica a olhar para nós.

Os curandeiros estão com um ar tão desconfortável que chega a ser cómico e a copista já tem o caderno nas mãos e o lápis a postos.

— Bem, isto tem de ser um tempo bem passado por todos — murmura o Ridoc.

— Ele insinuou que podemos morrer? — pergunta o menor dos curandeiros com a pele de azeitona a empalidecer.

— Irritem os dragões e logo verão — responde o Sawyer.

— Vocês vão ficar bem — olho para o crachá com o nome dele —, Dyre. — Lanço-lhe um sorriso quando avanço em direção à copista. Um cabelo ruivo suave envolve um rosto branco leitoso quase todo coberto de sardas. É uma mulher pequena que pestaneja a olhar para mim com pestanas castanhas ainda mais pequenas. — Aoife? Eles arrastam copistas para o CSC?

— Olá, Violet. Atualmente sou a melhor do meu ano a treinar para o terreno sem ser uma especialista — diz ela. — Tu és a cavaleira mais poderosa do teu ano. O Dyre e o Calvin são os melhores dos anos deles. — Ela encolhe os ombros. — Parece óbvio que escolheram a equipa mais forte em primeiro lugar.

O Ridoc ri-se.

— Estás a dizer que somos o alvo a abater?

— É mais ou menos isso. — A copista contém um sorriso.

— Então vamos certificar-nos de que *não* somos abatidos — diz a Rhiannon antes de virar a atenção para o mapa. — Tomas, o que achas?

Ele estende o mapa para a Brisa e consulta o da Rhi.

Duas horas e várias discussões com a infantaria depois, estamos a pouco mais de seis quilómetros do nosso local de partida e ainda faltam quase dez.

A Rhiannon e o Ridoc analisaram o nosso mapa — que indicava onde fomos largados e o nosso local de extração, mas não a nossa localização —, discutiram a rota com o Tomas, certificaram-se de que todos a conhecíamos e depois entregaram-na à infantaria para acordarem uma rota antes de começarmos a andar.

— Estou-te a dizer que estamos na floresta de Parchille — aponta o cadete Idiota, também conhecido por Calvin, a discutir com a Rhiannon alguns passos mais à frente. Conseguiu passar cerca de quinze minutos sem nos lembrar de que é o oficial superior de infantaria, pelo que tenho a certeza de que o vamos ouvir não tarda nada. — Esse mapa não tem nada que ver com nada do que eu já vi da floresta de Shedrick, o que significa que podemos estar a seguir na direção oposta à que deveríamos. Nenhum destes marcos de referência faz sentido.

— E eu acho que estás enganado — riposta a Rhiannon, mantendo um tom neutro.

— Eu acho que estamos no bosque de Hadden — diz a Aoife, bem agarrada ao caderno. Já escreveu três páginas de notas. — É a única floresta suficientemente próxima para nos poderem trazer a todos de cavalo, porque duvido que tenham sido os vossos dragões a transportar-nos.

Eu acrescento:

— E também é a única floresta suficientemente próxima para o Tairn se deixar ficar para trás e ir ter com a Sgaeyl sem nos provocar dores de separação a nenhum de nós.

— O chefe de esquadra deles é o equivalente ao Aetos na infantaria — murmura o Ridoc do meu lado direito.

Eu assinto com a cabeça, mas consigo evitar o riso.

O Cohen vira a cabeça para trás, à direita do Ridoc, e não se dá ao trabalho de conter o riso. Parece que a reputação do Dain ultrapassa as fronteiras da nossa divisão.

— Quem é o Aetos? — pergunta a cadete Calada, à esquerda da Aoife. É a primeira vez que a curvilínea morena fala em horas, mas os olhos castanhos não param de se mexer, a observar tudo o que nos rodeia. Seria

capaz de apostar que está empatada com a Brisa, que está a cobrir o nosso flanco com o Tomas e o Sawyer, como a mais observadora do grupo.

— Um dos nossos chefes de divisão — respondo. — Mais ou menos como o comandante do vosso batalhão.

— Oh. — Ela assente com a cabeça enquanto a Rhiannon e o Idiota continuam a discutir mais à frente. — Vocês estão divididos em pelotões, não é?

— É. — A paisagem não mudou. A floresta é quase completamente plana, com poucas colinas que foram escaladas com facilidade. Mas o calor? Caramba, é sufocante. Atei a camisola do meu uniforme em volta da cintura há cerca de uma hora e fiquei só com a couraça. Não faço ideia de como é que a Aoife está a sobreviver com o capuz na cabeça, mas não o tirou. — Esquadra, pelotão e divisão.

— O que fazemos se nos depararmos com um dragão? — pergunta ela.

— Primeiro, escolhemos um sacrificio — diz o Ridoc. — Depois, oferecemo-lo e fugimos.

Os olhos dela arregalam-se.

— Não sejas idiota. — Bato-lhe com o cotovelo no braço. — Depende da cor, mas uma boa regra geral é baixar os olhos e recuar — digo à cadete de infantaria. — Mas normalmente conseguimos ouvi-los a chegar.

— E depois preparamo-nos para sermos digeridos — acrescenta o Cohen.

— Oh, *deuses* — sussurra a morena.

— Passaste a ser o meu colega de ano preferido. — O Ridoc coloca um braço em cima do ombro dele.

— Posso ver o vosso mapa? — pergunta a Brisa do fundo da formação.

— Não tens o teu? — replica o Calvin.

A cabeça da Rhi vira-se de chofre para ele.

— Dá-lho ou corto-te as mãos.

Ele olha para a Rhi com uma expressão furiosa, mas passa-o para trás para poder chegar à Brisa.

Deuses, esta erva é alta. Está quase a chegar-me à cintura nos lugares onde as árvores não fazem sombra. Piso um pedaço de terreno irregular e o meu tornozelo torce-se. O Ridoc agarra-me antes de eu cair e depois ajuda-me a levantar sem dizer uma palavra e continuamos a subida.

— Obrigada — digo em voz baixa.

— Tens os joelhos ligados? — pergunta o Ridoc, a franzir a testa de preocupação.

Eu faço que sim com a cabeça.

— Tenho. Mas não liguei os tornozelos, uma vez que não estava à espera de fazer uma caminhada destas.

— Tenho tecido, se precisares de ligar alguma coisa — diz o Dyre em voz alta atrás de nós.

— Não me vou esquecer, obrigada — respondo.

Um tipo atrás de mim pergunta:

— Os copistas são todos assim tão calados?

— O meu trabalho é registar, não participar — responde a Aoife.

— Não é por não participares que não vais ser comida por um dragão — observa ele.

Eu tranquilizo-a, sem nunca tirar os olhos do cadete:

— Eu nunca deixaria que uma copista fosse comida por um dragão.

A voz da Rhiannon eleva-se quando a discussão atrás de nós aquece.

— Porque é impossível que nos tenham arrastado aos quatro e trazido para tão longe em quatro horas.

— Porquê? Os vossos dragões não podem voar a essa velocidade? — O Calvin é dois ou três centímetros mais baixo do que ela e não tem problemas de a fitar com um ar zangado.

— Porque os nossos dragões não te trariam a *ti*, parvalhão — responde o Ridoc.

A Aoife resfolga e a Mirabel ri-se, rodeada pelo resto da esquadra de infantaria atrás de nós.

O Calvin vira-se e lança um olhar ao Ridoc.

— Tem algum respeito pela patente. — Bate com a mão no ombro, que tem um triângulo aberto bordado debaixo de duas folhas de carvalho.

— A tua patente não vale a ponta de um corno para mim.

— Porquê, vocês estão assim *tão* acima da infantaria? — riposta o Calvin.

— Bem, tecnicamente, quando estamos a voar, estamos *acima* de toda a gente — aponta o Ridoc. — Mas, se me estás a perguntar se eu sou melhor do que tu, a resposta é obviamente que sim.

Eu suspiro e olho para as mãos do Calvin só para me certificar de que ele não leva a mão à espada curta embainhada na ilharga. Não é uma má arma, mas todos eles têm uma. Não existe variação em função do tamanho ou da especialização. É tudo muito... uniforme.

Seja como for, nós fomos capturados a meio de um corredor, pelo que o Ridoc não traz o seu arco preferido. E o Sawyer e a Rhiannon também não estão com as espadas que mais gostam de usar.

— Deixa de o irritar de propósito — diz a Rhiannon, a lançar um olhar para o Ridoc quando começamos a subir mais uma colina. Talvez esta nos dê um posto de observação melhor. — Vamos precisar de água potável ou isto vai ficar feio não tarda nada.

O Ridoc abre um sorriso.

— Mas é tão divertido!

Ela levanta uma sobrancelha.

— Pronto, está bem. — O Ridoc levanta as mãos. — Eu deixo-o manter a ilusão de grandeza.

— Oh, dás ouvidos a *ela*...

— Ela é a minha chefe de esquadra. Tu não.

— Então só respeitas chefes de esquadra de cavaleiros — espicaça o Calvin.

A Aoife escreve furiosamente no caderno.

— Cala-te, Calvin — diz um cadete atrás de mim com mais do que um arremedo de exasperação.

— Queres o meu respeito? Conquista-o. — O Ridoc encolhe os ombros. — Atravessa o Parapeito, sobe ao Guante, sobrevive à Debulha e a partir daí falaremos de igual para igual.

— O quê? Até parece que nós não passamos por muita merda no Quadrante de Infantaria? — desafia alguém atrás de mim.

— Estás a ver esta aqui? — diz o Sawyer e eu juro que o *sinto* a apontar para mim. — Vinculou-se não só a um dos maiores dragões do Continente, mas também a um *segundo* dragão-fêmea, e depois entrou em combate com grifos há uns meses e sobreviveu. Vocês passam por merdas parecidas no vosso quadrante?

Os cadetes à nossa volta calam-se. Até o lápis da Aoife fica parado acima do caderno e ela estaca a olhar para mim.

Estranho. E *errado*. Ninguém no nosso grupeto sabe o que vamos realmente enfrentar aqui. E o meu silêncio? Começa a parecer menos autopreservação e mais como se eu fosse cúmplice.

— És uma Sorrengail, não és? — pergunta a Mirabel. — A filha da general comandante? — A cadete estremece. — O cabelo acaba por te denunciar.

— Sou. — Não adianta negá-lo.

— A tua mãe é assustadora — sussurra ela.

A copista olha alternadamente para mim e para ela e volta a pousar o lápis no pergaminho.

Eu assinto com a cabeça.

— É uma das suas qualidades mais proeminentes.

— Ei, pessoal? — A Brisa levanta a voz atrás de nós. — Eu acho que sei porque é que temos a sensação de que não estamos a chegar a lugar

nenhum.

— E é porquê? — pergunta a Rhiannon a olhar por cima do ombro.

— O Calvin tem razão e tu também. Eles deram-nos mapas diferentes — diz ela quando nós, que vamos à frente, chegamos ao topo da colina... e ficamos paralisados.

Até a minha pulsação estaca quando a Rhiannon abre a mão para parar o resto do grupo.

Um Cauda de Moca fêmea — não, é um Cauda de Escorpião Cor de Laranja — rosna-nos baixinho do local onde está deitado à espera, do outro lado da colina. As nossas cabeças inclinam-se para seguir o movimento quando ele se levanta em todo o seu esplendor e se apropria da vista com a cauda a brandir atrás dele.

A Baide. O dragão-fêmea do Jack Barlowe. Ou era, pelo menos.

— Que Amari nos ajude — sussurra o Calvin, evidentemente em pânico.

Eu baixo os olhos em deferência, tal como o Kaori nos ensinou, ao mesmo tempo que a minha pulsação se eleva e o meu cérebro tenta a todo o custo lutar contra o assomo de pânico.

— Os cor de laranja são os mais imprevisíveis. Olhos para baixo. *Não* corram — sussurro. — Ela mata-vos se correrem. Tentem não mostrar medo nenhum. — Merda, *era* disto que devíamos estar a falar em vez de estarmos a discutir qual era o quadrante superior e em que floresta estávamos.

Sinto um aperto no peito quando o meu instinto imediato — contactar o Tairn — me é negado. Se fosse qualquer outro dragão, eu apostaria que seria melhor não nos incinerar e arriscar a ira dos nossos dragões, mas os cadetes atrás de nós são outra história completamente diferente. E, uma vez que eu matei o Jack no ano passado, é melhor não fazer aposta nenhuma.

Ela não tem nada a perder e, dado o sopro quente de vapor que paira acima da erva e me deixa o rosto pegajoso, lembra-se perfeitamente de quem eu sou.

— Cavaleiros! — chama a Rhiannon. — Venham para a frente! — É óbvio que ela está a pensar o mesmo que eu. — Infantaria, protejam os

curandeiros e a copista! — Ela olha para mim de soslaio, com cuidado para não levantar os olhos. — Violet, talvez devêssemos...

Sempre com a cabeça baixa, empurro o Calvin para a frente e deteto movimento com a minha visão periférica.

— Não me estou a esconder.

— O que estás a fazer? Vai-te comer — diz um cadete atrás de nós com os dentes cerrados.

Eu olho para lá e vejo um curandeiro, o Dyre, alguns passos à minha direita, a olhar diretamente para a Baide com a boca aberta.

Ouve-se um ronco a ressoar na garganta do dragão-fêmea cor de laranja e eu estico-me na direção do Dyre, agarro-lhe a alça do saco médico e puxo-o para trás de nós, colocando-o nas mãos do Ridoc, que o atira rapidamente para uma posição segura e vem para o meu lado.

— Não, não vai — diz o Sawyer, a avançar com o Ridoc para que a infantaria fique atrás de nós. — É por isso que estamos a assumir a linha da frente.

A Baide roda a cabeça, abre a boca e enrola a língua e eu arrisco um olhar rápido, que se cruza com os seus olhos dourados, que se fecham quase completamente quando ela arqueia o pescoço, mudando o ângulo em vez de baixar a cabeça para atacar da forma típica...

Inspiro profundamente.

— Rhi, ela vai soprar por cima de nós como o Solas.

A Rhi demora menos de um segundo a avaliar a situação e a decidir.

— Segunda Divisão — chama a virar-se para trás. — Parem e cubram a infantaria aí onde estão!

O movimento atrás de nós cessa quando a Baide flete as garras no chão e volta a rodar, escolhendo um alvo.

— É... É... — gagueja o Calvin.

— Baixa os olhos e cala-te — ordena a Rhi.

— Deuses, eles *cheiram* todos a medo — sussurra o Ridoc à minha direita.

— Exatamente quão fodida contigo achas que ela está? — pergunta-me o Sawyer à esquerda da Rhi.

— A Violet atirou uma montanha para cima do cavaleiro dela. — O Ridoc suspira como se estivéssemos todos fodidos, e eu não poderia estar mais de acordo com ele.

O meu coração pula-me para a garganta quando a Baide recua numa atitude de caçadora, baixando a cabeça para o nosso nível. É o ângulo perfeito para nos incinerar, mas eu resisto à tentação de olhar e mantenho os olhos postos na erva à minha frente.

O ar quente sopra na direção de cada um de nós, a começar pela Rhiannon e a acabar no Sawyer. Ouvem-se alguns gritos abafados dos cadetes de infantaria quando ela exala um bafo húmido de vapor, depois volta a inspirar quando se põe diretamente à minha frente.

Tento conter a aceleração do meu coração. No ano passado, podia ter aceitado a morte. Mas este ano... este ano, estou vinculada a um dos dragões mais mortíferos do Continente.

Isso mesmo. Podes odiar-me, mas eu pertenço ao Tairn.

E embora haja uma boa possibilidade de o Tairn também morrer se eu não sobreviver, não tenho a certeza de que exista algum dragão disposto a arriscar a ira com que ele atacará se tal não acontecer. A Baide recua, depois investe para a frente com as mandíbulas abertas e fecha os dentes mesmo à frente do meu nariz, deixando-me o rosto coberto de saliva.

C'um. Caraças.

Alguém grita atrás de nós, depois começa a correr estupidamente.

— Não! Gwen! — grita o Calvin quando a cadete Calada foge para a esquerda e corre pela erva fora.

A Baide vira a cabeça a seguir o movimento e o meu coração afunda-se quando ela deixa cair a mandíbula e eu lhe vejo um dos lados da língua a enrolar-se à minha frente...

— Baixem-se! — grita a Rhi quando o outro chefe de esquadra, o Tomas, corre atrás da Gwen. Apanha-a ao fim de poucas passadas e puxa-lhe o uniforme para a trazer de volta da mesma forma que eu tinha arrastado o Dyre da linha da frente, acabando por a atirar para o Calvin quando nós já estamos a debruçar-nos na erva tal como a Rhi nos ordenou. Ela tropeça e cai aos pés do Calvin ao mesmo tempo que as narinas da Baide se inflamam.

O calor consome o ar à nossa volta no mesmo segundo em que o meu peito bate no chão e eu fecho os olhos como se fosse capaz de bloquear os sons de gritos atrás de nós.

— Acredita-se que os montes Esben do Norte eram os terrenos de desova dos dragões cor de laranja antes da unificação, embora, fiéis à sua natureza imprevisível, eles escolhessem frequentemente vales da mesma cordilheira — sussurro enquanto o fogo passa por cima de nós, a tentar impedir que o meu coração tenha um ataque.

Não conhecia tamanho terror desde que o Tairn começou a canalizar a energia e, sobretudo, desde que manifestei o meu sinete.

A rajada de fogo cessa e a Baide fecha as mandíbulas com um estalo antes de abanar a enorme cabeça à nossa gente e se agachar profundamente para se lançar ao céu diretamente sobre nós. Baixo o olhar quando a cauda farpada e venenosa passa pouco mais de um palmo acima de mim.

E depois ela desaparece.

Levantamo-nos todos a cambalear e os cavaleiros correm... em direção a nada. A Brisa é a primeira a chegar ao local onde o Tomas estivera. Abana a cabeça quando chega à terra ainda a fumegar. Sinto náuseas a subir-me pelo corpo e a deixar-me a boca a salivar, mas mantenho o pequeno-almoço no estômago.

A Mirabel não tem a mesma sorte e está a vomitar em cima da erva a alguns metros de distância.

— Tomas... — O Cohen ajoelha-se ao lado da Brisa.

A Rhi gira para olhar para a infantaria aterrada de frente com os punhos fechados junto à ilharga.

— E é por isso — grita — que não têm nada de *correr*, caralho!

Há um curso do segundo ano de que não te posso falar. Posso apenas dizer que é um inferno. O meu único conselho? Não irrites o dragão de mais ninguém.

— PÁGINA NOVENTA E SEIS, O LIVRO DO BRENNAN



CAPÍTULO XV

Quando o Sol se põe no dia seguinte e nós ainda estamos longe do local de extração, é claro que falhámos o nosso exercício de orientação em terra.

Tudo porque nós não parámos para nos assegurarmos de que a porcaria dos dois mapas eram *iguais* e agora não fazemos ideia de onde estamos. Já se formaram e estouraram muitas bolhas nos meus pés, doem-me os ossos por ter dormido no chão ontem à noite e a ideia de passar mais uma noite cá fora só para amanhã de manhã andar outra vez sem destino dá-me vontade de gritar de frustração.

Como é que algo tão simples como a orientação em terra nos pode deixar tão fodidos?

Andámos para trás, atravessámos dois córregos que parecem poder pertencer a cada um dos mapas e evitámos por pouco um encontro com um Cauda de Punhal Vermelho intratável que, para nossa sorte, decidiu que uma vaca próxima era mais apetitosa do que cadetes cansados e famintos.

Quando me sento contra o tronco de uma árvore, no fundo da ligeira inclinação do nosso acampamento improvisado, substituindo o Ridoc na posição de vigia, apercebo-me de que conheço um ror de nomes novos. Não que os soldados de infantaria morram em Basgiath ao mesmo ritmo dos

cavaleiros, embora sejam o quadrante mais numeroso, com mais de cem cadetes em cada momento. O problema é quando forem para as respectivas unidades. A guerra que aí vem irá devorá-los a um ritmo muito mais rápido.

— Já jantaste? — pergunta-me o Ridoc, a sacudir erva das calças quando se levanta.

— Eu como qualquer coisa quando terminar. — Deixo o saco cair-me dos ombros e pouso-o ao meu lado. Não só tenho estado a caminhar há dois dias, como trouxe manuais comigo. Todos nós o fizemos. — Os cadetes de infantaria apanharam uma boa quantidade de coelhos que devem estar cozinhados a qualquer momento.

— Eles são bem melhores a fazer isso do que nós — admite ele a contragosto, a sacudir o cabelo. — Eles não nos vão deixar ficar aqui a vaguear para sempre, pois não?

— Eu acho que o preparado que eles nos deram terá de acabar por perder o efeito. — Viro a cabeça e vejo o cadete Dyre a caminhar na nossa direção ao lado da Rhiannon com uma travessa nas mãos. — E os nossos dragões não nos vão deixar morrer por causa da nossa incapacidade de trabalharmos juntos e compararmos dois mapas. Ou, pensando bem, talvez deixem. Podemos merecê-lo, uma vez que a nossa teimosia custou a vida ao Tomas.

— É... — Ele suspira, a acenar para o par quando eles chegam junto a nós. — Ei, Rhi. Estava aqui a dizer que este exercício todo é um pouco cruel, não achas? Prática de tortura, eu percebo. Orientação em terra, compreendo. Evitar a captura, claro. Até sou capaz de defender que devemos aprender quais são os insetos comestíveis. Mas não vai haver outros dragões à nossa espera atrás das linhas do inimigo para nos matar.

— Ficarias surpreendido — murmuro entre dentes, a exaustão a tirar-me as travas da língua.

— O quê? — pergunta a Rhi.

— Estou a dizer que nós não sabemos ao certo o que vamos enfrentar, pois não?

— Espero que não sejam grifos capazes de soprar fogo — diz o Ridoc.

— Certo. — A Rhiannon inclina a cabeça, estudando-me o rosto, e eu encolho rapidamente os ombros.

— Então, Dyre. — Forço um sorriso.

— Trouxe-te jantar. — Ele olha para mim com uma reverência que eu não mereço.

— Não tinhas de fazer isso — respondo.

— Devo-te a minha vida, cadete Sorrengail. — Ele estende-me uma travessa de coelho assado. — O mínimo que posso fazer é trazer-te o jantar.

— Obrigada. — Pouso a travessa no colo. — Faz-me só um favor e mantém a cabeça baixa da próxima vez. — Mais uma coisa em que a infantaria nos leva vantagem? Levam sempre equipamento rudimentar de sobrevivência, incluindo um kit para situações de apuro, nos sacos deles, sabendo que poderão ter de o usar a qualquer momento. Não há dúvida de que temos alguma coisa a aprender uns com os outros.

— O que precisares. Estou ao teu serviço. Tenho uma dívida de vida para contigo.

Antes de eu lhe poder garantir que não tem, o Ridoc dá-lhe uma palmada nas costas.

— Vou levar o Dívida de Vida de volta para o acampamento.

Eu assinto em agradecimento e voltam os dois a subir o campo inclinado. O Dyre é querido, mas tem sido rebaixado ao longo destes dois dias intermináveis em que estamos perdidos nesta floresta esquecida.

— Tu sabes o que se passa para lá das fronteiras — diz a Rhi ao sentar-se ao meu lado a puxar as tranças para cima de um ombro.

— O quê? — Eu agito-me e por pouco não deixo cair a travessa.

— Foste atacada por grifos. — Estica as pernas e olha para mim com ceticismo. — Portanto tu sabes mesmo o que se passa por lá... certo?

— Certo. — Eu assinto um bocado depressa de mais com a cabeça, depois cubro um bocejo longo com a mão. O meu corpo está no limite, mas tenho a certeza de que consigo aguentar mais um par de horas até ao fim do meu turno de vigia.

A forma como ela franze o sobrolho é rápida, mas inconfundível.

— Eu trato da vigia. O teu corpo precisa de dormir mais um pouco.

— Eu consigo — protesto.

— Consegues, mas cabe-me a mim gerir as necessidades da minha esquadra, e tu precisas de dormir. Considera isto uma ordem. — O tom diz-me que não há espaço para discussões. Não é a minha melhor amiga que está a falar, é a minha chefe de esquadra.

— Se é uma ordem, muito bem. — Eu levanto-me, sacudo a erva das minhas peles com uma mão e agarro a travessa com a outra, depois dou-lhe um sorriso forçado de lábios tensos antes de me virar para o acampamento.

— Vi?

Eu olho para trás.

— Passa-se alguma coisa contigo — diz ela em voz baixa, mas o tom férreo não engana. — Ainda não vi a Andarna desde que regressaste, estás a correr com a *Imogen* de todas as pessoas possíveis, não te abres em relação ao que se passa entre ti e o Xaden e não falas sobre os Jogos de Guerra. Podes pensar que eu não reparo que te estás a afastar de toda a gente, mas eu reparo. Já quase não comes connosco e sempre que temos uma oportunidade de dar uma escapadela até Chantara tu ficas encafuada no teu quarto a ler. — Ela abana a cabeça e passa a mão pela erva. — Se não estás preparada para falar, para me dizer o que se passa contigo, eu quero que saibas que não faz mal...

— Não há... — Sinto um nó no estômago quando tento negá-lo.

— Não digas nada — interrompe ela suavemente, sem que o olhar firme se desvie do meu. — Estarei aqui quando estiveres preparada porque a tua amizade vale muito para mim. Mas, por favor, para o bem da nossa amizade, não me insultes dizendo-me uma mentira.

Ela desvia o olhar antes de eu poder pensar numa resposta.

Não durmo à noite, mas, pelo menos, também não tenho pesadelos.

Na manhã seguinte, chega uma comitiva de cavalos e carruagens, que também traz os professores, que têm umas palavras preparadas para o nosso fracasso.

— Vocês estão no bosque de Hadden, embora nenhum de vocês tenha tido a capacidade de trabalhar em conjunto para o perceber. É evidente que temos muito que aprender uns com os outros. — O Grady dá um odre a cada cavaleiro e sorri quando a professora da infantaria faz o mesmo com os cadetes dela. — Uma vez que vocês são as nossas melhores esquadras, não posso negar que estou desiludido, mas, pelo menos, a maioria de vocês sobreviveu.

Ele está desiludido, mas o Tomas está *morto*.

Eu tiro a rolha, bebo e sinto o sabor de algo doce e duro que não consigo identificar quando o esvazio.

— Da próxima vez, vamos assegurar-nos de que têm suprimentos — promete. — Queríamos ver como se iriam sair nesta primeira vez cá fora e agora já sabemos.

Primeira vez cá fora. Ótimo. Vamos voltar a isto.

O cobertor atirado para cima do vínculo com o meu dragão desaparece e a energia percorre-me as veias. Sinto-me *eu* outra vez.

— *Tairn*.

— *Atrás de ti* — responde ele.

Asas a bater enchem o ar e os cavalos saltitam agitados quando os nossos dragões aterram na extremidade das árvores e o terreno vibra com a força com que pousam.

— Caramba — diz o Calvin em voz baixa, a recuar com os outros cadetes.

— Vão ter de se habituar a eles. — O Ridoc dá uma palmada no ombro do chefe de esquadra. — Eles vão estar nos pontos avançados para os quais vocês vão ser destacados quando receberem as vossas ordens depois da graduação.

— Certo... mas tão perto? — sussurra ele.

— Provavelmente, ainda mais perto — sussurra o Ridoc em resposta, a assentir com a cabeça.

Os sete de nós vestidos de preto despedem-se e dirigem-se para os respetivos dragões.

— Mais alguém ficou incomodado por eles terem acabado de nos sonegar os nossos vínculos? Os nossos sinetes? E depois no-los devolverem como se não fosse... — O Sawyer abana a cabeça. Até o ritmo dos passos dele é furioso.

— Uma violação? — sugiro.

— Exatamente — concorda ele. — Se acabaram de o fazer, significa que o podem fazer sempre que quiserem.

— *É um desenvolvimento novo este ano* — diz o Tairn, com os olhos a semicerrar-se no professor Grady. — *E não lhe achei piada nenhuma. Eu conseguia ouvir-te, sentir-te, mas tu não conseguias responder.*

— O Tairn também não é fã. — Deuses, estou tão *cansada*. Por que raio haveria a chefia de estar a desenvolver novas forma de nos enfraquecer? Porque foi isso que eu senti, que me enfraqueceram, que me cortaram não só as minhas maiores fontes de força e apoio, o Tairn e a Andarna, mas também o próprio poder de que já sou dependente.

— Estás a ver? — diz a Rhiannon. — Eu sei que não acreditas, mas estou a dizer-te que as coisas estão *estranhas* este ano. Portas da enfermaria vigiadas? Elixires para nos entorpecer os vínculos? Tu quase a seres assassinada na aferição.

— O Panhek acha que foi alguém a tentar vingar-se da minha mãe e eu não disse que não acreditava em ti — riposto com verdades seletivas.

— Tu não dizes grande coisa, ponto final. — A Rhiannon lança-me um olhar.

Guardar segredos da Rhiannon vai dar cabo da nossa amizade. Já estou a sentir a corda a esticar-se. Ela pode estar a tentar ser paciente, mas está na natureza dela resolver problemas e eu sou um enorme problema.

O Tairn baixa o ombro quando eu me aproximo.

— *Diz-me, por favor, que foste ver a Sgaeyl* — digo-lhe, a tentar reunir energia para montar. Não sei bem como, mas consigo subir-lhe para o dorso e instalo-me na sela.

— *Fui por um par de horas. Era o máximo de tempo que estava disposto a estar fora de alcance e só saí daqui depois de a Baide se ter ido embora.*

— *E eles já partiram, certo?* — Porque é que tenho a sensação de que o meu coração está a partir-se de novo? Sentir falta do Xaden é ilógico e irritante e um bocado patético, mas não consigo fazer a sensação desaparecer.

— *Vemo-los daqui a uma semana.*

Então porque é que todos os meus instintos me dizem que não?

O meu pai tinha esperança de que eu fosse para a infantaria como ele. Ele achava que os cavaleiros eram uns sacanas pretensiosos e, em sua defesa...
somos mesmo.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA DO TENENTE XADEN RIORSON
PARA A CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XVI

Chegamos a tempo de eu poder ir visitar os Arquivos e é isso que eu faço.

Se não posso ver o Xaden, mais vale passar o meu tempo a fazer investigação. A tarde já está a chegar ao fim, depois de eu tomar banho e me encaminhar para lá, e é uma alegria ver a Jesinia a trabalhar numas das mesas com a Aoife.

A Aoife levanta a cabeça ao ouvir os meus passos pesados devido às botas, o que leva a Jesinia a fazer o mesmo. Acenam-me ambas e eu retribuo o gesto.

Paro na mesa de estudo, pouse o livro que venho devolver enquanto as duas têm uma pequena discussão e a Aoife se levanta e se dirige para o fundo dos Arquivos. Depois, a Jesinia vem ter comigo, com o que parece ser o caderno que a Aoife levou com ela para o exercício de orientação em terra.

— O que estás aqui a fazer num domingo? — gestuo quando ela chega à mesa de estudo.

Ela pousa o caderno na superfície de carvalho marcada e levanta as mãos para usar a língua gestual.

— A ajudar a Aoife a transcrever o relato no relatório oficial para o arquivo. Ela foi fazer uma pausa. Queres ver o que ela relatou? — Ela pega no caderno e estende-mo.

— Claro. — Assinto com a cabeça, pego no caderno e leio a letra certinha da Aoife. O relato é extraordinariamente preciso, com pequenos pormenores que me escaparam, como os dois cadetes de infantaria que se ofereceram para ser ajudantes dos curandeiros porque essa é a tarefa deles na esquadra. Têm papéis definidos para cada missão. Pouso o caderno em cima do livro que vou devolver para gestuar. — Isto é incrível.

— Fico contente por saber que é um relato preciso. — Ela olha por cima do ombro, como se estivesse a verificar se estamos sozinhas. E estamos. — O mais difícil é apontar a verdade e não só uma interpretação. As histórias podem mudar em função de quem as conta.

Se ela soubesse! Como é que uma pessoa como a Jesinia se gradua e acaba por evoluir para ser aquilo em que o Markham acabou por se tornar?

— Posso perguntar... que livro é que o Jacek pediu para ser arrastado do quadrante e morto? — gestuo antes de pensar melhor no que estou a dizer.

Ela arregala os olhos.

— Ele foi morto?

Eu assinto com a cabeça.

— Poucos dias depois de termos visto o Markham a levá-lo.

O rosto dela fica da mesma cor das vestes.

— O Jacek estava à procura de um relato de um ataque na fronteira que não existe. Eu disse-lhe que o registo que ele procurava não existia, mas ele voltou três vezes, convicto de que havia porque tinha tido familiares mortos no acontecimento. Eu registei o pedido e enviei para a cadeia de comando, a pensar que o poderiam ajudar, mas... — Ela abana a cabeça e deixa cair as mãos a pestanejar para conter as lágrimas.

— A culpa não é tua — gestuo, mas ela não responde e eu apercebo-me de que também podia ter sido arrastada para fora do quadrante pelo Markham no ano passado, mas não fui. E só há uma explicação lógica. Olho em volta rapidamente para me certificar de que ainda estamos sozinhas. — No ano passado não registaste o *meu* pedido de um livro que não existe nos registos dos Arquivos.

Ela arregala os olhos.

— Registaste? — As minhas mãos tremem quando eu gestuo. Merda. Isto não é nada boa ideia. A Jesinia ficará em perigo se eu a envolver nisto. Mas também é a melhor pessoa para me ajudar a encontrar o que eu procuro e temos poucos *meses*.

— Não.

— Porquê? — Tenho de saber. Tudo depende da resposta dela.

— De início, porque eu não queria ficar envergonhada por não o ter encontrado. — Franze o nariz. — Depois porque... não o conseguia encontrar. — Ela olha para os Arquivos vazios por cima do ombro. — Nós devíamos ter um exemplar de quase todos os tomos de Navarre aqui dentro, mas tu disseste-me que tinhas lido um que nós não tínhamos.

Eu assinto com a cabeça.

— E depois fui procurar por serpes. — Ela soletra cada uma das letras porque não existe um gesto para as criaturas aladas. — E nada. Não temos registo de lendas populares como a que leste.

— Eu sei. — O meu coração palpita mais depressa. Estamos a embrenhar-nos num território perigoso.

As sobrancelhas dela unem-se debaixo do capuz.

— Se fosses outro cavaleiro qualquer, teria pensado que estavas com problemas de memória e que te tinhas enganado no título ou até no assunto. Mas tu és... tu.

Eu gestuo devagar para que ela não perca nenhuma palavra.

— O título não estava errado. Eu encontrei o meu exemplar.

Ela respira fundo.

— O que significa que os nossos Arquivos estão incompletos. Há livros lá fora de que não temos registo.

— Sim, é verdade. — E agora estamos a falar de traição. Não lhe posso dizer demasiado, não só para segurança dela, mas para o caso... para o caso de eu estar enganada acerca dela.

— Eu enviei pedidos para outras bibliotecas à procura de uma coleção mais ampla de lendas populares, mas, pelas respostas que recebi, tornou-se claro que temos a seleção mais abrangente. — A testa dela franze-se de preocupação.

— Sim. — Deuses, ela está a perceber tudo sem eu precisar de lhe dizer nada. — Alguém sabe o que estás a fazer?

— Eu dei a entender que colecionar lendas populares esquecidas da região raiana era uma paixão minha. — A Jesinia estremece. — E depois dei a entender que estava a pensar compilar um novo tomo como trabalho do terceiro ano para concluir a graduação. Menti. — A boca dela retesa-se e ela deixa cair as mãos.

— Tenho feito muito disso ultimamente. — Assim que me certifico novamente de que estamos sozinhas, continuo. — Registaste algum dos pedidos que eu fiz este ano?

— Não.

Grande Dunne. Se ela é apanhada a quebrar os regulamentos, não só não vai poder seguir o caminho da especialista, como vai ser expulsa da escola... ou pior. Já está a arriscar muito por minha causa, se é que está a dizer a verdade.

— Tu estás à procura de alguma coisa. Soube-o no momento em que me mentiste ao dizeres que estavas a preparar um debate. — Ela perscruta-me os olhos. — Mentas pessimamente, Violet.

Eu rio-me.

— Estou a trabalhar nisso.

— Podes dizer-me o que procuras? Eu não vou registar os teus pedidos, se estiveres a pensar o mesmo que eu.

— Que é?

— Que os nossos arquivos estão incompletos, seja por ignorância... — Respira fundo. — Ou de propósito.

— Se me ajudares, podes sair prejudicada. — O meu estômago afunda-se. — Podes morrer. Não é justo envolver-te em algo que pode ser perigoso.

— Eu desenrasco-me. — Levanta o queixo e os gestos que faz a seguir são contundentes. — Diz-me o que precisas.

O que é que lhe posso dizer sem a colocar ainda mais em perigo? Ou arriscar que sejamos descobertas? Não faço ideia se ela é capaz de levantar escudos para impedir que o Dain ou qualquer outro leitor de memórias lhe aceda à mente. Portanto, é claro que não lhe posso dizer nada sobre batalhas nem venéficos. Mas também não é disso que eu preciso.

— Preciso dos textos mais completos sobre a forma como os Primeiros Seis construíram as guarnições.

— As guarnições? — Os olhos dela esgazeiam-se.

— Sim. — É um pedido muito simples que eu posso tentar explicar dizendo que tinha vontade de investigar formas de reforçar as nossas defesas... se ela contar a alguém. — Mas ninguém pode saber que estou a fazer este pedido, que estou a fazer esta investigação. Não é só a minha vida que depende disso. Quanto mais antigo for o texto, melhor.

Ela desvia o olhar pelo que parece o minuto mais longo da minha vida. Tem todo o direito de parar, de pensar, de perceber até que ponto isto pode correr mal para nós as duas. Isto não é um lapso de memória, um mero esquecimento de registar um pedido de uma amiga. Isto é uma traição para o quadrante dela, para a formação dela. Os olhos da Jesinia fixam-se nos meus.

— Não posso arriscar que a Aoife veja agora, mas eu vou ter contigo esta semana com o primeiro tomo de que me lembrei. Não posso arriscar tirar mais do que um de cada vez. Normalmente, trabalho nos Arquivos aos sábados, que é o dia mais sossegado. Trá-lo de volta num desses dias e eu dou-te outro, se o primeiro não tiver o que precisas. Só sábados. — A Jesinia levanta as sobrancelhas quando gestua estas duas últimas palavras.

— O dia mais sossegado. — Assinto com a cabeça em compreensão e sinto o estômago a dar voltas com uma mistura de esperança e medo de a poder magoar... ou pior. Olho por cima do ombro e vejo a Aoife a caminhar na nossa direção. — A Aoife vem aí — gestuo, mantendo as mãos num local onde a outra copista não as possa ver. — Obrigada.

— Mas há uma coisa que eu quero em troca — gestua ela rapidamente, a inclinar as costas para que a Aoife não a veja.

— O que quiseses.

— Achas que a Sloane tem alguma hipótese? — pergunta a Rhi, na segunda-feira, quando estamos a ver a chamada para a primeira ronda de desafios.

O meu estômago agita-se, indisposto, como se fosse eu a ser chamada para o tapete. Foda-se, na verdade, até me sentiria melhor se soubesse que era o meu nome que ia ser chamado e não o da Sloane.

— Ela vai ganhar — respondo com sinceridade.

Guardo no bolso a última carta que o Xaden me deixou em cima da cama — já a li quatro vezes — quando o Aaric sobe para o tapete. Olho em volta e vejo a Eya à espera com a Primeira Esquadra e dou-lhe um sorriso rápido, que ela retribui. Desde que ela me ajudou quando eu estive quase a sofrer um esgotamento, desenvolvemos uma espécie estranha de relação. Se não somos amigas, temos, pelo menos, uma relação amistosa.

Soube, ao ler a carta, que o Xaden conhece a Eya desde que ambos tinham dez anos. A mãe dela era muito ativa no governo de Tyrrendor, com lugar na administração, apesar de ser cavaleira, o que não é nada comum. Na verdade, a maior parte da aristocracia prefere servir na infantaria, tal como o pai do Xaden, porque os cavaleiros são desaconselhados a ocupar os lugares da família nas administrações estatais ou regionais. Isto acontece porque o nosso serviço é para a vida inteira, ao contrário dos oficiais de infantaria, que podem acordar servir apenas alguns anos, mas também porque demasiado poder numa só pessoa assusta qualquer rei.

— Já lhe perdoaste pela mentira que ele te contou, seja ela qual for? — A Rhi olha cheia de intenção para o meu bolso antes de cruzar os braços e

olhar com expressão de fúria para o par de instruendos do primeiro ano que se estão a empurrar mutuamente no tapete. — Deixem-se de mimos!

Eles param imediatamente.

— Impressionante. — Abro um sorriso, que se fecha rapidamente. — E é difícil falar a sério com ele quando só nos vemos uma vez por semana.

— Cabrões dos instruendos do primeiro ano — murmura ela entre dentes antes de olhar para mim. — Isso é verdade. Mas deviam arranjar algum tempo este fim de semana. Olha, o Ridoc disse-te que viu o Nolon ontem?

— Ele só me disse que tinha de levar um instruendo do primeiro ano para a enfermaria — digo levantando uma sobrancelha em interrogação.

— O Trysten. — Ela assente com a cabeça. — É aquele que tem o cabelo sempre a cair em cima dos olhos.

— Pouco importa o nome dele. O rapaz que deu cabo do antebraço. — Não quero saber como se chama. Já me sinto responsável pela Sloane, que está neste momento a balançar-se de um lado para o outro, no outro lado do tapete, com os nervos. Envolver-me emocionalmente com mais algum instruendo do primeiro ano será apenas imprudente. — O Ridoc disse que o Nolon nem sequer conseguiu vê-los antes do jantar e só havia mais uma mão-cheia de cadetes na enfermaria.

— E quando ele saiu de uma sala secreta que tem com o Varrish no fundo da enfermaria, esteve com um manipulador de ar que estava com um aspeto igualmente exausto — acrescenta o Ridoc a interpor-se entre nós. — Por isso é claro que o Nolon não está a fazer o melhor trabalho que pode. O tipo precisa de um mês de férias.

O Aaric desfere um soco no maxilar do adversário e a cabeça do rapaz pende para trás com um estalido.

— Este merece um sete — diz o Ridoc em jeito de provocação da beira do tapete.

— Em dez? É um oito redondo — replica o Sawyer do outro lado da Rhiannon. — Gesto perfeito. — Depois, baixa a cabeça e acrescenta só para

nós os quatro ouvirmos: — E eu continuo a apostar na teoria da tortura. Aposto que têm voadores de grifos lá dentro ou algo parecido.

— Achas mesmo que ele está a torturar pessoas lá atrás? — pergunta a Rhiannon, baixando ainda mais a voz.

— Não faço ideia. — Eu pestanejo ao ver o Aaric dar uma cotovelada na garganta do adversário com um golpe rápido que até o Xaden respeitaria, — Eu tenderia a pensar que eles usariam as salas de interrogatório principais se fossem fazer algo desse género. As que ficam debaixo da escola.

— Foda-se, este agora é um nove — grita o Sawyer.

— Nove! — concorda o Ridoc, a levantar as mãos com todos os dedos esticados, exceto um polegar.

Eu rio-me, depois solto um arfar quando o Aaric parte o nariz do adversário com o cutelo da mão, pondo termo ao desafio. O Emetterio declara-o vencedor e o instruendo do primeiro ano tem a decência de sair do tapete antes de tirar a mão do nariz jorrante.

É muito sangue.

O Sawyer e o Ridoc irrompem num aplauso ao mesmo tempo que gritam pontuações.

— Deuses, aquele sabe lutar. — A Rhi assente devagar com a cabeça em aprovação a olhar para o Aaric quando ele se junta à esquadra.

— Bem, quando se tem os melhores professores — sussurro, contente por ele ser um segredo de que ela está a par.

— O pai dele ainda não veio à procura dele? — A Rhi olha de relance para mim.

— Pelos vistos, não.

Os desafios à nossa volta terminam e os professores chamam a próxima leva.

— Sloane Mairi e Dasha Fabrren — chama o Emetterio.

— Ei, Rhi? — Eu engulo em seco. As esquadras movem-se, mas a nossa fica no nosso tapete. É a vantagem de termos o emblema de Esquadra

de Ferro do ano passado.

— Hum?

— Lembras-te de eu te ter dito que a Sloane ia ganhar?

— Sim, eu lembro-me de um comentário com menos de dez minutos — responde ela num tom de provocação. Alguns dos instruendos do primeiro ano da nossa esquadra dão palmadas nas costas da Sloane e dirigem-lhe palavras que eu espero que sejam de incentivo quando ela sobe para o tapete à nossa frente.

— Certo. Bem... — Merda, se eu lhe contar, irá ela sentir-se obrigada a denunciar-me por respeito ao código de honra? Não o faria, e o problema é esse. Ela ajudar-me-ia a entrar às escondidas na porcaria dos Arquivos se eu quisesse.

Se não fores capaz de mentir, mantém as distâncias. Mas esta é mais uma coisa acerca da qual não tenho de lhe mentir.

A Dasha junta-se à Sloane no tapete, com o cabelo preto fino entrançado numa única fila da ponta da testa até à nuca. É pequena e ainda tem a palidez de uma instruenda do primeiro ano que não apanhou muito sol, mas não se compara ao tom verde que a Sloane está a adquirir.

Os lábios da Dasha têm uma ligeira coloração avermelhada que me indica que ela comeu um dos pastéis cobertos do tabuleiro que eu coloquei na mesa de pequeno-almoço da esquadra dela antes de eles chegarem de manhã. Agora que estou a reparar, todos os membros da esquadra dela têm o mesmo tom nas bocas.

Oh, bem. Também não sabia exatamente qual é que a Dasha iria comer.

— Se vais mudar de ideias e dizer-me que ela vai perder, então não digas nada. — A Rhiannon abana a cabeça. — Estou nervosa em relação a esta.

— Eu também — diz a Imogen, ocupando o lugar vazio à minha direita.

— Já somos três — diz a Quinn ao lado dela. — Ela não é só uma instruenda do primeiro ano.

— Não — concordo, a reparar que até o Dain está a olhar do tapete ao lado. E pensar que, no ano passado, eu cheguei a ter esperança de ter uma *relação* com ele. — Rhi. — Baixo a voz. — Ela não vai perder.

A Rhi semicerra o olhar.

— O que é que tu vais fazer?

— Se não souberes, não tens de te sentir culpada por não o denunciarestes. Confia em mim. — Levo a mão ao bolso e o mais desinteressadamente possível tiro a rolha de um pequeno frasco de vidro quando as duas adversárias acenam uma para a outra com a cabeça e assumem a postura de combate.

A Rhi perscruta-me os olhos, depois também acena com a cabeça e vira-se de novo para o desafio.

As instruendas do primeiro ano estudam-se, rodando pelo tapete, e eu despejo o frasco com cuidado na mão, deixando o que eu sei ser um pó incolor cair do vidro e impregnar-se nas reentrâncias da palma da minha mão e dos dedos. Fecho a mão num punho e mantenho-o apertado junto à ilharga quando a Dasha desfere o primeiro golpe, um murro que acerta em cheio na bochecha da Sloane.

A pele da loira abre-se numa ferida.

— Foda-se — murmura a Imogen entre dentes. — Vá lá, Mairi, mãos para cima!

Alguém grita no tapete atrás de nós. Olhamos todos por cima do ombro e vemos um instruendo do primeiro ano estendido no tapete com os olhos abertos inanimados postos no adversário. Merda. Matar um adversário durante um desafio não é motivo de comemoração. Mas também não é razão para castigo. Já se resolveram muitas animosidades nestes tapetes com a desculpa de que se estava a fortalecer as divisões.

De repente, sinto-me muito menos culpada em relação aos meus planos.

As raparigas voltam a andar em círculos e a Dasha dá um pontapé alto que lhe acerta no lado não marcado do rosto com tanta força que a cabeça da Sloane se vira de chofre para o lado, seguida do corpo, que gira quando ela cai e acaba por embater de costas no tapete.

— Isto foi mais rápido do que eu estava à espera — observa a Rhi, num tom marcado pela preocupação.

— E eu. — Eu ergo o punho fechado em direção à boca e transfiro o peso do corpo para o outro lado, certificando-me de que pareço tão preocupada como me sinto ao mesmo tempo que a Dasha ataca a Sloane no tapete. Estão ambas a poucos palmos de distância, pelo que não vou ter de andar à volta do tapete. — Agacha-te — digo num sussurro à Imogen.

Ela baixa-se sem me perguntar nada.

— Força, Mairi.

Eu também me baixo, com o pânico a subir-me à garganta ao ver a expressão de aturdimento no rosto da Sloane quando a Dasha desfere mais um soco, depois outro, e mais um. O sangue salpica o tapete.

Sim, já chega.

Espero que a Dasha expire, abro ligeiramente a palma da mão e tusso. Com força.

Ela inspira e desfere mais um golpe.

Depois, abana a cabeça e os olhos adquirem um aspeto vidrado.

— Levanta-te, Sloane! — grito, a olhá-la diretamente nos olhos.

A Dasha cai de cu e pestaneja rapidamente com a cabeça a balançar como se tivesse passado a noite num bar.

A Sloane vira-se de lado e pousa as palmas das mãos no tapete.

— Agora — ordeno.

Os olhos dela enchem-se de raiva e ela atira-se para a frente na direção da Dasha.

O punho da Dasha enrola-se, mas o golpe não chega a tocar na Sloane, que lhe enterra o cotovelo no estômago. Daquele ângulo, deixou-a de certeza com dificuldades para respirar.

Boa. Só tem mais um instante ou dois.

A Sloane gira com dificuldade para trás da Dasha e puxa-a para cima, fazendo-lhe a gravata mais fraca que eu já vi. Mas, bem, se funciona...

— Rende-te! — exige a Sloane.

A Dasha dá um pulo já a recuperar a força e o foco.

— Rende-te! — volta a dizer a Sloane, desta vez mais alto, e eu sustenho a respiração.

Deuses, se eu tiver avaliado mal e a Dasha voltar a ganhar vantagem...

No entanto, a Dasha deixa finalmente cair a mão em cima do tapete e bate duas vezes.

Os meus ombros descaem de alívio puro quando o Emetterio põe termo ao desafio.

— O que é que fizeste? — sussurra a Imogen sem olhar para mim.

— O que tinha de ser feito. — Levantamo-nos ambas tal com as duas instruendas do primeiro ano, mas, ao contrário de ambas, não cambaleamos quando estamos em pé.

— Pareces o Xaden — diz a Imogen.

O meu olhar vira-se para ela.

— Calma. É um elogio. — A Imogen sorri. — O Liam está-te incomensuravelmente grato neste momento.

Eu engulo em seco com um enorme nó na garganta.

— Não foi mau de todo — diz a Rhiannon a olhar de soslaio para mim antes de virar os olhos para a Sloane, que vai ter com os restantes instruendos do primeiro ano da nossa esquadra. — Mas também não foi grande coisa.

— Dou um seis ao desafio — comenta o Ridoc. — Bem, não perdeu, pelo que merece mais do que cinco, claramente.

O par seguinte sobe ao tapete.

Quando os desafios acabam, olho para a Imogen e aceno com a cabeça na direção da Sloane antes de seguir na direção dela.

— Dá-me um segundo — digo por cima do ombro para a Rhiannon.

A Imogen dá uma corrida para me alcançar.

— Mairi — digo quando contornamos o canto do tapete, a enrolar o dedo na direção dela.

A Sloane levanta o queixo, mas, pelo menos, vem ter comigo. Este não é exatamente o tipo de discussão que quero que todo o ginásio ouça.

— Au. — A Imogen aponta para o olho direito da Sloane quando ela se aproxima. — Vais ficar com o olho tapado depois de inchar.

— Ganhei, não ganhei? — Tem a voz a tremer.

— Ganhaste porque eu enfraqueci a Dasha para poderes ter uma possibilidade. — Mantenho a voz baixa e abro bem a palma da mão, que tem alguns vestígios do pó cintilante na pele.

— Não. — Ela abana a cabeça. — Ganhei sem apelo nem agravo.

— Deuses, quem me dera que isso fosse verdade. — Dou um sopro. — O pó de ardice, quando combinado com uma dose anterior de lilibela moída, desorienta uma pessoa durante um minuto, talvez dois, dependendo da dose. É como ficar embriagado. Sozinhos, dão um certo mal-estar ao estômago. Juntos? — Levanto as sobrancelhas. — Mantiveram-te viva.

A boca da Sloane abre-se e fecha-se. Duas vezes.

— Raios. — A Imogen abre um sorriso, a balançar-se sobre os calcanhares à medida que os cadetes vão passando a caminho da porta. — Foi *assim* que tu conseguiste ultrapassar aqueles primeiros desafios no ano passado? Retorcido, Sorrengail. De génio, mas retorcido como o caralho.

— Fi-lo pelo teu irmão — digo à Sloane, sem nunca desviar os olhos, embora o ódio que os dela destilam me magoe como o diabo. — Ele era um dos meus melhores amigos e eu prometi-lhe que olharia por ti quando ele estava a morrer. Por isso, é o que estou a fazer, a olhar por ti.

— Eu não preciso...

— Tática errada — adverte então a Imogen. — Um obrigada é mesmo o mais adequado.

— Não lhe vou agradecer — diz ela com os dentes cerrados e os olhos a semicerrarem-se nos meus. — Ele estaria aqui se não fosses tu.

— Isso é uma grande treta! — dispara a Imogen. — O Xaden mandou...

— Sim, estaria, tens razão — interrompo. — E sinto falta dele todos os dias.

E, pelo amor que tenho por ele, não me importo que tu me odeies. Podes pensar o que quiseres sobre mim, se isso te ajuda a viveres melhor, Sloane. Mas vais treinar. Vais aceitar ajuda.

— Se for vontade de Malek que eu me junte ao meu irmão, assim seja. O Liam não precisava de ajuda — riposta, mas há um brilho de medo nos olhos dela que me diz que está a falar da boca para fora. — Ele safava-se sozinho.

— Não, não safava — observa a Imogen. — A Violet salvou-lhe a vida durante os Jogos de Guerra. Ele caiu do dorso do Deigh, e a Violet e o Tairn foram a voar atrás dele para o apanharem.

Os lábios da Sloane entreabrem-se.

— Vamos fazer o seguinte. — Dou um passo na direção da Sloane. — Vais treinar para não acabares morta. Não comigo. Não preciso de fazer parte do teu percurso de desenvolvimento. Mas vais ter com a Imogen todos os dias, se ela assim o desejar, porque eu tenho algo que tu vais querer.

— Duvido muito disso. — Ela cruza os braços, mas o efeito é arruinado pelo rápido inchaço do olho.

— Tenho cinquenta das cartas que o Liam te escreveu.

Ela arregala os olhos.

— Oh, merda. — A cabeça da Imogen vira-se de chofre para a minha. — A sério?

— A sério. — Não desvio o olhar da Sloane. — E ao fim de cada semana que apareças e participes no que a Imogen achar que tu precisas dou-te uma.

— Os pertences dele foram todos queimados — dispara a Sloane atabalhoadamente. — Foram oferecidos como sacrifício a Malek, como é de lei!

— Eu hei de pedir desculpa a Malek quando nos encontrarmos — asseguro-lhe. — Se quiseres as cartas que ele escreveu, vais treinar para as

conquistares.

O rosto dela fica manchado em diferentes tons de vermelho.

— A sério que não me darias as cartas do meu irmão? Se ainda existem, são *minhas*. És cá uma peça, tu.

— Neste caso, acho que o Liam estaria mais do que de acordo comigo.
— Encolho os ombros. — A escolha é tua, Sloane. Aparece, treina, vive e recebes uma carta por semana. Ou faz uma escolha diferente. — Sem esperar a resposta desagradável que ela pode estar a preparar, viro-me e vou ao encontro da Rhiannon, que está à minha espera com os outros instruendos do segundo e do terceiro anos da nossa esquadra.

— Tu. És... — A Imogen abana a cabeça quando me alcança. — Agora percebo.

— O quê? — pergunto.

— Porque é que o Xaden se apaixonou por ti.

Eu solto um riso de escárnio.

— A sério. — Ela levanta as mãos. — Tu és esperta como o raio. Muito mais esperta do que eu pensava. Aposto que o deixas constantemente exasperado. — O rosto abre-se num sorriso largo. — Que espetáculo.

Eu reviro os olhos virada para ela.

— E fizeste com que a Sloane concordasse em ir ter comigo amanhã de manhã depois das tarefas — acrescenta. — Foi uma jogada arriscada, mas funcionou.

Agora sou eu que me estou a rir.

A Jesinia traz-me *A História Completa dos Primeiros Seis* no dia seguinte, que é não só um texto com trezentos anos, mas também está marcado como CONFIDENCIAL na guarda, e eu cumpro a minha parte do acordo e entrego-lhe *As Lendas dos Baldios*.

Depois, refugio-me sempre que posso para ler o livro, quando não estamos a ser repreendidos pelo professor Grady por causa da nossa incapacidade para pormos os egos de lado ou a frequentar Sumários de Batalha que parecem não ter utilidade nenhuma.

Mas embora seja bastante detalhado no que respeita às complexas relações interpessoais dos Primeiros Seis e até tenha algumas informações sobre a experiência de batalha durante a Grande Guerra, rotula apenas o inimigo de general Daramor e os nossos aliados de reinos das ilhas.

Não ajuda muito.

O livro que a Jesinia me dá no sábado é *O Sacrifício da Draconidade*, de um dos antecessores do professor Kaori, e aborda a razão por que Basgiath foi escolhida como localização das guarnições.

— Os dragões verdes, sobretudo os que descendem da linhagem dos Cruaidhuaine, têm uma ligação especialmente estável com a magia, o que alguns acreditam dever-se à sua natureza mais razoável e defensiva — repito num sussurro enquanto faço a mala para viajar para Samara à noite.

Não há absolutamente nada que me possa estragar a noite, uma vez que estou prestes a ver o Xaden de manhã.

Arregalo os olhos quando abro a porta e encontro o Varrish à frente do meu quarto em vez do Bodhi, com os dois escudeiros ao lado, e lembro-me imediatamente de agradecer ao Xaden pelas guarnições que o impedem de entrar. Um rápido passo para trás deixa-me imediatamente fora do alcance dele.

— Acalme-se, Sorrengail. — Ele ri-se como se não me tivesse aplicado um castigo que quase me matou. — Só vim revistar o seu saco e acompanhá-la até ao Tairn.

Eu deixo cair o saco de cima dos ombros e estendo-lho, com cuidado para não o deixar tocar-me na pele e poder assim permear as guarnições. Depois, mantenho os olhos postos nos escudeiros que despejam os meus pertences em vez de olhar de relance para a minha estante para me certificar de que o meu tomo confidencial está escondido.

— Está limpo — diz a mulher, que tem a *simpatia* de voltar a colocar as minhas coisas no saco.

— Excelente. — O Varrish assente com a cabeça. — Então vamos só acompanhá-la até ao seu dragão. Todos os cuidados são poucos por aqui, dada a onda de ataques nestas últimas duas semanas. — Inclina a cabeça. — É engraçado que a maioria parece centrar-se nos cadetes que desapareceram durante os Jogos de Guerra, não acha?

— Não sei se classificaria os ataques como engraçados — respondo. — E não preciso de companhia.

— Que disparate. — Ele dá um passo atrás e faz sinal para o corredor. — Não queremos que nada aconteça à filha da general comandante.

O meu coração palpita a um ritmo insustentável.

— Não é uma sugestão. — O sorriso do Varrish descai.

Eu verifico as minhas bainhas para me assegurar de que os punhais estão no devido lugar, depois saio para o corredor a sentir a atração das guarnições do Xaden quando abandono a segurança que proporcionam. Cada passo que dou nos quinze minutos seguintes é cuidadoso e deliberado. Tenho o cuidado de me certificar de que nunca estou ao alcance de um braço ou de um golpe.

— Reparei que a sua esquadra não teve manobras de voo esta semana — diz o Varrish quando nos aproximamos do Tairn no campo de voo.

— *Vou ter um belo petisco se ele tentar alguma coisa* — promete o Tairn, e eu começo a respirar normalmente.

— Tivemos alguns ferimentos que foi preciso tratar depois das aterragens em corrida.

— Hum. — Ele aponta para o Tairn como que a convidar-me para montar o meu próprio dragão. — Bem, foi devidamente registado, como não demorará a perceber. Creio que poderei ver a sua douradinha para a semana.

A Andarna.

— *A Andarna está em segurança na fase mais profunda do Sono sem Sonhos.*

Deves poder vê-la daqui a duas semanas — diz o Tairn.

— Isso foi o que tu disseste na semana passada. — Monto rapidamente, a pulsação a acalmar-se quando aperto as correias da sela. — Antes do ano passado, nunca teria pensado que o lugar mais seguro do mundo era no dorso de um dragão.

— Antes do ano passado, poderia olhar para ti como um aperitivo. — Ele enrola os ombros e lança-se para o ar.

Quando chego a Samara, compreendo porque o Varrish me avisou de que perceberia porque a falta das manobras de voo não lhe tinha passado despercebida.

Posso estar aqui, mas o Xaden está em serviço num turno de vinte e quatro horas no centro de operações.

E, como cadete, eu não tenho autorização para ir lá.

Muitos historiadores ignoram os sacrifícios feitos pelos humanos e pela draconidade para instaurar Navarre ao abrigo das primeiras guarnições e preferem enaltecer o espírito de unificação, mas seria negligência da minha parte não referir as perdas sofridas, tanto no que respeita aos campos de desova ancestrais de cada raça de dragão como no que concerne aos civis que não sobreviveram à migração que afetou todo o continente depois da abertura das fronteiras de Navarre... ou os que se perderam quando as fechámos.

— O SACRIFÍCIO DA DRACONIDADE DO MAJOR DEANDRA NAVEEN



CAPÍTULO XVII

— O Bodhi não pode estar constantemente a alterar as sessões de manobras do nosso pelotão, se não vai haver mais professores além do Varrish a reparar — diz a Imogen na quarta-feira, quando subimos as escadas a caminho do Sumário de Batalha num mar de preto.

— O Tairn vai falar com o Empíreo sobre a Andarna, mas, seja como for, não se pode fazer nada antes de ela acordar do Sono sem Sonhos.

Ela suspira.

— Como estão as coisas com o Xaden?

Quase que tropeço no último degrau antes de chegar à porta.

— Agora queres falar comigo sobre a minha relação com o Xaden?

— Só te dou o tempo que demorarmos a chegar à sala de Sumário de Batalha. — Enruga o rosto como se tivesse provado algo amargo. — Por

isso, se precisas de... falar, esta é a tua oportunidade, uma vez que reparei que continuas a evitar os teus amigos, o que é um erro.

Bem, nesse caso...

— Primeiro, o Xaden disse-me para manter as distâncias se não fosse capaz de lhes mentir e, segundo, entre o curso de orientação em terra, em que *fracassámos*, e o horário de serviço dele, acho que a chefia nos tem mantido afastados como castigo por não apresentarmos a Andarna. E está em código, mas ele diz o mesmo na carta que me deixou em cima da cama. — Uma carta que não demorou a tornar-se a minha preferida porque fala demoradamente da vida dele antes da rebelião. Também me deixa a imaginar como é que ele seria se continuasse a viver nessa realidade.

— Isso é muito... estranho — diz a Imogen, com a testa a franzir-se quando o olhar examina o corredor em busca de ameaças.

— É. — Faço o mesmo e olho para todos os pares de mãos que consigo.

— A escolha das missões destas duas últimas semanas é demasiada coincidência para não ter sido propositada.

— Oh, não, essa parte é completamente compreensível. — Ela olha-me de soslaio. — Separar-vos seria a minha primeira decisão, se eu estivesse em posição de poder. Sozinhos, vocês são capazes de coisas aterradoras com os vossos sinetes. Juntos? São a puta de uma ameaça. O que é estranho é que ele te esteja a escrever *cartas*.

— Porquê? Eu acho que é... querido.

— Exatamente. Ele parece-te o tipo de pessoa que escreve *cartas*? — A Imogen abana a cabeça. — Nem sequer é um tipo de pessoa de grandes *falas*.

— Está a tentar trabalhar na nossa comunicação. — A frase sai um pouco defensiva.

— Vais acabar por lhe dar um desconto por não te ter contado nada, não vais? — Ela lança-me um olhar que diz claramente que o devia fazer e tira dois ganchos de cabelo do bolso. — É melhor responderes depressa. Estamos quase a chegar.

— És capaz de amar alguém que se recusa a abrir-se contigo? — pergunto em desafio.

— Primeiro — imita-me ela descaradamente —, não estamos a falar sobre a minha vida amorosa. Eu tenho a Quinn, que é verdadeiramente minha amiga, para isso. — Prende a parte mais comprida do cabelo cor-de-rosa com movimentos rápidos e eficientes. — Segundo, mantemos a informação confidencial em permanência. Terias o mesmo problema com qualquer cavaleiro que namorasses.

— Isso não... — Pronto, está bem, ela tem uma certa razão, mas não está a perceber onde eu quero chegar. — Muito bem, digamos que estás com uma pessoa e, um dia, vês um machado de guerra a voar do armário...

— Um armário? Gostava *mesmo* que voltasses a falar dessas coisas com a Rhiannon. — A Imogen abana a cabeça.

— ... e quase te mata. Não exigirias ver o resto do armário para te certificares de que não há mais machados de guerra prontos a atacar antes de voltar para ele? — Estamos quase a chegar à sala de aula.

— Há sempre um machado de guerra. — Ao passarmos pela entrada, ela acena com a cabeça para a Eya, que está a conversar com o Bodhi, e os meus olhos arregalam-se ao ver que ela tem o olho negro e o que parece um nariz partido.

— Porque isso é *normal*?

— Tu não estavas à procura do normal. Se estivesses, estarias a namorar com o Aetos. — Ela estremece. — Ou, diabos, qualquer outra pessoa aqui da escola. Mas tu querias o Riorson. Se não chegaste a pensar que o homem estava a esconder mais do que alguns machados de guerra, então estás zangada com a pessoa errada, porque andaste a mentir-te a *ti própria*.

Eu abro e fecho a boca enquanto a fila se afunila para passar pelas portas largas da sala de Sumário de Batalha. Sem janelas para deixar o sol entrar, o corredor é um refúgio agradável do calor abafado de agosto.

— Oh, olha, acabou o nosso tempo. — A Imogen suspira em óbvio alívio.

— Ajudou muito. — Tenho saudades de falar com a Rhi.

— Queres conselhos sérios e incisivos? — Ela pega-me pelo cotovelo e puxa-me para o lado das escadas, onde estão os instruendos do terceiro ano. — Muito bem. Toda a gente falha a navegação em terra à primeira. Nós somos uns sacanas egoístas que não aguentam não ter razão. O professor só quer que te sintas mal com isso, o que é óbvio que está a conseguir. Para não dizer que tens problemas mais importantes com que te preocupar do que um homem; como, por exemplo, perceberes como vais sobreviver ao resto do CSC, incluindo às partes de interrogatório em que te vão dar uma sova das antigas só porque sim ou, tipo, sei lá, poderes ter de ir para uma guerra. E perguntaste-me se eu queria falar sobre a tua relação, o que significa que sabes muito bem que ainda tens uma relação.

Eu insurjo-me, indignada.

— Isso não...

— Ainda não acabei. — Um instruendo do terceiro ano aproxima-se de mais e ela empurra-lhe o ombro. — Não tens de te isolar de toda a gente com que não podes ser completamente honesta só porque o Riorson acha que isso funciona bem para ele: não funciona, daí todos os vossos problemas, e parece que o raio da tua amiga precisa de ti, por isso vai-te embora. — Ela faz sinal para a escada atrás de mim e eu viro-me e vejo a Rhi encostada à parede.

A preocupação marca-lhe as feições enquanto lê o pergaminho a que está agarrada ao lado da Tara, sem prestar atenção aos cadetes que passam por ela nas escadas largas.

Eu começo a descer as escadas, evitando mais do que um instruendo do primeiro ano a correr demasiado entusiasmado antes de chegar ao pé da Rhi.

— De certeza que não é nada. — A Tara afaga o ombro da Rhi quando chego junto delas. — Mostra-a ao Markham depois da aula. Eu vou andando. — Puxa o cabelo preto para trás das orelhas e sorri de novo quando me vê. — Olá, Violet.

— Olá, Tara. — Aceno-lhe quando ela se vai embora e se dirige para os assentos da Primeira Divisão. — Está tudo bem, Rhi? — pergunto,

sabendo que ela tem todo o direito de me fechar a porta como eu lhe tenho fechado a minha.

— Não sei. — A Rhiannon estende-me o pergaminho. — Recebi esta carta dos meus pais, hoje de manhã. Disseram que esses avisos estavam a circular pela aldeia.

Eu abro-a e arregalo os olhos por um instante antes de disfarçar a expressão. É do tamanho dos anúncios públicos que os copistas afixam em todas as aldeias de Navarre, mas não tem um número de anúncio oficial em cima.

CUIDADO COM ESTRANHOS QUE PEDEM ABRIGO.

— Que diabo? — murmuro baixinho.

— Exatamente o que eu pensei — responde ela. — Lê o resto.

NESTE PERÍODO DE VIOLAÇÕES INÉDITAS DAS NOSSAS FRONTEIRAS SOBERANAS, CONTAMOS CONVOSCO, OS HABITANTES DAS NOSSAS ALDEIAS RAIANAS, PARA SEREM OS NOSSOS OLHOS E OUVIDOS. ANOSSA SEGURANÇA DEPENDE DA VOSSA VIGILÂNCIA. NÃO ALOJEM ESTRANHOS. A VOSSA BONDADE PODE MATAR.

— A vossa bondade pode matar — repito em voz baixa, à medida que os cadetes vão passando. — E que violações das fronteiras são estas?

— O que é que nós temos aqui? — diz o Markham, arrancando-me o pergaminho das mãos.

— Veio da minha aldeia — explica a Rhi.

— Assim parece. — Ele olha de relance para mim e depois para a Rhiannon. — Obrigado por ter trazido isto para a aula. — Continua a descer as escadas sem dizer mais nenhuma palavra.

— Desculpa — digo à Rhi.

— Não tens culpa nenhuma — responde ela. — E eu ia levar-lho no fim da aula, fosse como fosse. Se alguém é capaz de explicar aquilo, terá de ser ele.

— Claro. — Forço um sorriso. — Vamos para os nossos lugares.

Dirigimo-nos para os lugares ao lado do Ridoc e do Sawyer e tiramos as nossas coisas dos sacos.

— Como estão os teus pais? — pergunto à Rhi, tentando fazer com que a transição soe natural.

— Estão bem. — Ela ri-se suavemente. — A loja está a bombar desde que destacaram outra companhia de infantaria para Montserrat.

Eu pestanejo. Isso significa que o posto está sobrelotado.

— Bom dia — diz o professor Markham, com a voz tonitruante a chegar a toda a sala e as mãos levantadas com o pergaminho que vinha na carta da Rhiannon.

— Hoje vamos falar sobre as batalhas que não são tão óbvias. Uma das vossas colegas recebeu este anúncio. — Ele lê-o em voz alta, com a entoação a transformar o que é obviamente um aviso numa súplica emocionada.

A professora Devera mantém-se em pé com os braços cruzados e os olhos baixos até ele terminar de ler.

— Trata-se de um anúncio regional — explica o Markham —, razão por que não ostenta um número de anúncio público. Detetámos um número alarmante de tentativas de cruzamento da fronteira nas nossas aldeias das montanhas, perto dos nossos postos avançados estratégicos. Porque é que é tão perigoso?

Agarro a caneta com mais força. Estarão os civis de Poromiel a fugir de uma nova ofensiva? Sinto um mal-estar a afetar-me o estômago. As guarnições poderiam proteger muito mais pessoas, mas não estou mais perto de uma resposta do que estava quando voltámos de Aretia para Basgiath. Todos os livros que li fazem referência ao feito glorioso, mas nenhum diz

como foi conseguido. Se a resposta está nos Arquivos, então está bem escondida.

— Porque não temos como saber quais são as intenções deles — responde um instruendo do primeiro ano. — É por isso que mantemos as fronteiras fechadas.

O Markham assente com a cabeça.

Mas *quando* é que fechámos as fronteiras? Logo depois da unificação? Ou por volta de 400 d. U., altura em que penso que apagámos a História dos livros? Agito-me no assento ao sentir o poder a subir ao ritmo da frustração. As perguntas devem ser seguidas por respostas. A minha vida sempre funcionou assim. Até agora, nunca houve uma pergunta a que eu não fosse capaz de responder ao fim de algumas horas nos Arquivos, e agora não tenho a certeza se posso confiar nas respostas que lá encontro. Nada faz sentido.

Sinto as pontas dos dedos a vibrar e o calor não demora a chegar.

— *Prateada*. — Há uma inflexão de preocupação no tom do Tairn.

— *Eu sei*. — Respiro fundo, esforço-me por enfiar os sentimentos de novo na bela caixinha onde guardo todas as minhas emoções inconvenientes e cerro bem os meus escudos à minha volta.

— Pode ser uma tática nova — diz um instruendo do terceiro ano atrás de nós. — Infiltrarem-se nos nossos postos avançados com pretextos falsos.

— Exatamente. — O Markham volta a assentir com a cabeça.

A Devera transfere o peso do corpo para a outra perna e levanta o queixo para olhar para nós. Será que ela sabe? Deuses, o que eu desejo que ela não saiba. Desejo que ela seja tão boa pessoa como penso que é. E o Kaori? O Emetterio? O Grady? Algum dos meus professores será realmente digno de confiança?

— O mais perturbador é a propaganda que estas pessoas de Poromiel levam com elas, com anúncios falsificados das suas próprias chefias a dizer que as cidades foram destruídas no que eles afirmam terem sido ataques violentos. — Faz uma pausa, como se estivesse a pensar contar mais, mas eu sei que é para efeitos dramáticos. — Ataques que afirmam terem sido perpetrados por dragões.

Mentiroso. De. Merda. O calor mancha-me as faces e eu desvio rapidamente o olhar quando ele olha na minha direção. A vibração aumenta e faz-se zumbido à medida que a energia se acumula, a pressionar-me a pele à procura de um escape.

Ouçoo um burburinho de descontentamento dos cadetes à minha volta.

— Como se os dragões fossem destruir cidades — murmura a Rhiannon entre dentes, a abanar a cabeça.

Dragões não, mas serpes sim... e é o que fazem.

O Markham suspira.

— Este aviso não significa que não tenhamos compaixão. Na verdade, pela primeira vez em centenas de anos, autorizámos missões confidenciais, que *já* foram concluídas, claro, para fazer o reconhecimento dessas cidades.

O invólucro da minha caneta range e o poder encrespa-se na minha pele e levanta-me os pelos do antebraço.

— Estás bem? — pergunta a Rhiannon.

— Estou ótima.

— Tens a certeza? — Ela olha vincadamente para a minha mão.

E para a espiral de fumo a subir da minha caneta. Deixo-a cair, depois esfrego as mãos uma na outra, como se isso pudesse ajudar a dissipar a energia que me percorre o corpo.

— As equipas às quais atribuímos as missões voltaram com a notícia de que as cidades de Poromiel estão intactas, o que nos levou à mesma conclusão a que vocês chegaram: trata-se de uma nova tática que tira proveito da nossa compaixão. — Di-lo com tanta certeza que me dá vontade de aplaudir a atuação.

— Professora Devera?

Ela aclara a garganta.

— Li os relatórios esta manhã. Não vi nenhuma referência a destruição.

Relatórios de quem? Os copistas não são de confiança.

— Ora, aí está. — O Markham abana a cabeça. — Penso que esta é uma boa altura para centrarmos a nossa discussão na eficiência da propaganda e no papel que os civis desempenham no apoio ao esforço de guerra. As mentiras são ferramentas poderosas.

Ele lá sabe.

Não sei bem como, mas consigo aguentar o resto da aula sem pegar fogo ao mapa, depois arrumo as minhas coisas à pressa e abro caminho à força por entre os outros cadetes para sair dali o mais rapidamente possível.

Começo a correr pelo corredor fora, a apertar bem as alças do meu saco pesado para não me bater na coluna quando desço as escadas. Um calor agonizante sobe-me numa espiral compacta pelo corpo, a ganhar força em preparação para a libertação, e, quando eu abro finalmente as portas para o pátio, cambaleio para a frente e atiro as mãos para cima para o libertar.

O poder sobe em ondas pelo meu corpo e os relâmpagos chegam perto das muralhas exteriores, suficientemente longe para que a gravilha que voou só tivesse ido de encontro à parede.

Sinto o Tairn a pairar nas extremidades da minha mente, mas não me admoesta.

— Violet? — A Rhiannon põe-se à minha frente, o peito a arfar obviamente por ter vindo a correr atrás de mim.

— Eu estou bem — minto. Deuses, isto está a ficar fácil de mais e é a única coisa que ela me pediu para não fazer.

— Obviamente. — Ela faz sinal para o pátio.

— Tenho de ir. — Passo a passo, afasto-me dela, com um nó do tamanho de um quadrante inteiro a formar-se na garganta. — Vou chegar atrasada ao CSC. Tiras notas?

— Porque essa é *mesmo* a aula a que devias chegar atrasada — diz ela sarcasticamente. — O que é que pode ser mais importante do que aprender técnicas de interrogação?

Eu abano a cabeça e viro-me para correr antes de dizer mais uma mentira. Para o dormitório. Escadas abaixo. Túneis afora. Ponte adiante. Quadrante dos Curandeiros adentro. Só paro de correr quando já estou quase

a chegar aos Arquivos e, nessa altura, só o meu corpo abranda, não os meus pensamentos.

O guarda levanta-se, mas não questiona o meu direito de passar diretamente pela grande porta circular para o interior dos Arquivos. Pergaminho, cola e o meu pai. O aroma enche-me os pulmões, e o nó que sinto na garganta torna-se mais lasso à medida que a pulsação abranda.

Até que me apercebo de que há pelo menos duzentos copistas sentados nas mesas e não há nenhum que não esteja especado a olhar para mim. É então que o órgão que me bate no peito volta a acelerar.

O que é que eu estou aqui a fazer, por Amari?

— *Aparentemente, perdeste todo o senso comum juntamente com o controlo e regrediste ao local onde pensas que os podes encontrar* — rosna o Tairn.

Bem visto. Não que eu lhe vá dizer isso.

— *Acabaste de dizer.*

Uma figura alta com as vestes creme gira no assento e olha para mim de cima a baixo.

— Os Arquivos não estão abertos a cavaleiros a esta hora.

— Eu sei. — Assinto com a cabeça. *No entanto, estou aqui.*

— O que podemos fazer por si? — pergunta a professora num tom que dá a entender que eu devia procurar outro lugar para estar.

— Eu só preciso... — De quê? De devolver o livro que não devia ter em meu poder?

Três filas atrás, uma copista levanta-se, caminha em frente e lança-me um olhar de incredulidade antes de levantar as mãos para gestuar em direção à professora. É a Jesinia.

A professora assente com a cabeça e a Jesinia caminha na minha direção, os olhos arregalados num mas-que-caralho, à medida que se aproxima.

— Desculpa — gestuo.

Ela vira-se para a direita em frente da mesa de estudo e eu sigo-a, notando que as estantes nos bloqueiam da vista da turma.

— O que estás a fazer? — gestua ela. — Não podes estar aqui neste momento.

— Eu sei. Acabei aqui por acidente. — Deixo cair o saco dos ombros e folheio o livro, antes de o entregar como se se tratasse de um encontro planeado.

Ela olha de mim para o livro, suspira e recua alguns passos, encolhendo-se quando o desliza para uma estante que está longe de ser a correta.

— Pareces transtornada.

— Desculpa — repito. — Vou-te deixar em maus lençóis?

— Claro que não. Eu disse-lhe que tu eras uma cavaleira impaciente e arrogante e que seria menos perturbador para os nossos estudos se eu te ajudasse, o que é verdade. — Ela espreita para o fim das estantes. — Isto não podia esperar até sábado?

Eu começo a assentir com a cabeça, depois abano-a.

— Tenho de ler mais depressa.

Ela estuda-me a expressão e aparecem-lhe duas rugas entre as sobrancelhas.

— Eu perguntei-te o que procuravas, mas devia ter-te perguntado o que irá acontecer se não o encontrares.

— Vão morrer pessoas. — O meu estômago afunda-se mais a cada palavra que gestuo. — É tudo o que posso dizer.

Ela assimila a informação durante alguns segundos.

— Pelo menos, disseste aos teus colegas de esquadra o que quer que seja que tens demasiado medo de me dizer a mim?

— Não. — Hesito, com dificuldade em encontrar as palavras. — Não posso deixar que mais ninguém morra por minha causa. Já te coloquei em demasiado perigo.

— Tu deste-me uma escolha. Não achas que eles merecem o mesmo? — Ela lança-me um olhar desiludido quando vê que eu não respondo. — Eu levo-te uma nova escolha logo à noite. Vai ter comigo à ponte às oito. — A Jesinia entra no meu espaço. — Sábados, Violet. Ou vais fazer com que nos apanhem.

Eu assinto com a cabeça.

— Obrigada.

Foi só quando levámos as guarnições aos seus verdadeiros limites, estendendo-as até muito mais longe do que pensávamos ser possível, e ao que agora me pergunto se será sustentável, que definimos as fronteiras de Navarre, sabendo que, infelizmente, nem todos os cidadãos iriam beneficiar da sua proteção.

— A VIAGEM DOS PRIMEIROS SEIS, UM RELATO EM SEGUNDA MÃO DE SAGAR OLSEN, PRIMEIRO CONSERVADOR DO QUADRANTE DOS COPISTAS, ESCOLA DE GUERRA DE BASGIATH

— TRADUZIDO PARA A LÍNGUA COMUM PELO CAPITÃO MADILYN CALROS, DÉCIMO SEGUNDO CONSERVADOR DO QUADRANTE DOS COPISTAS, ESCOLA DE GUERRA DE BASGIATH

— TRADUZIDO E CENSURADO PARA CONSUMO ACADÉMICO PELO CORONEL PHINEAS CARTLAND, VIGÉSIMO SÉTIMO CONSERVADOR DO QUADRANTE DOS COPISTAS, ESCOLA DE GUERRA DE BASGIATH



CAPÍTULO XVIII

— Chegaste cedo! — deixo escapar quando o Xaden abre a minha porta no sábado de manhã e me encontra no chão do quarto rodeada de todos os livros de História que eu tenho, mais os dois que a Jesinia me emprestou.

Merda, tenho de ir ter com ela daqui a menos de uma hora.

Ele pestaneja e fecha a porta.

— Bom dia para ti também.

— Olá — respondo, num tom mais afável. A alegria de o ver é temperada pelas sombras que lhe marcam os olhos. — Desculpa, só não estava à espera de que chegasses antes do meio-dia, se eles te deixassem vir e... Estás com um ar... exausto. — Até os movimentos dele são mais lentos. Não muito, mas dá para reparar.

— É isso que todo o homem gosta de ouvir. — Pousa as espadas junto à porta e atira o saco para o lado. Como se fosse ali o lugar de ambos. Como se este quarto também fosse dele. Tal como eu sinto que o quarto dele em Samara é um bocado meu. Nenhum de nós pediu aposentos separados em nenhum momento.

Talvez não possa confiar completamente nele, mas também não aguento estar longe dele.

— Eu não disse que não estavas lindo. Dei a entender que precisas de uma soneca. — Aceno com a cabeça para a minha cama vazia. — É melhor dormires.

O sorriso lento que ele me dá para-me o coração.

— Tu achas que eu sou lindo?

— Como se tu não o soubesses já. — Reviro os olhos e viro a página do livro *A Viagem dos Primeiros Seis, Um Relato em Segunda Mão*, desviando o olhar. — Também acho que cheiras a quem esteve a voar nas últimas doze horas. — Não é completamente verdade, mas talvez lhe amaine o já enorme ego que acabei de inchar.

— Deuses, estava a morrer de saudades tuas. — Ele ri-se e arranca o casaco de voo do corpo, revelando as mangas curtas do uniforme de verão e os braços indecentemente tonificados.

Respiro para resistir ao impulso de esquecer todas as preocupações por um par de horas deitando-o a ele neste chão em substituição dos livros e tento a todo o custo concentrar-me no texto à minha frente.

— Achas que alguém me vai denunciar por usar a casa de banho? — Já está a vasculhar o saco.

— Acho que ninguém te denunciaria nem por um assassinio a sangue-frio por aqui, quanto mais por tomares um banho.

— Os tenentes não devem dormir nos aposentos dos cadetes quando vêm visitar Basgiath — diz-me ele. — Estamos a quebrar algumas regras.

— Nunca te incomodou antes. — Deixo passar a assunção de que vai dormir aqui e tiro os olhos do livro para olhar para ele, o que lamento imediatamente quando vejo que está em tronco nu. Deuses me ajudem se ele tirar mais alguma coisa.

— Não disse que me incomodava agora. — Ele levanta-se com os braços cheios de roupa lavada que tirou do saco. — Só não quero que sejas castigada pelas minhas ações. Pensei que iriam arranjar uma forma de te mandar fazer manobras hoje ou de te fechar em algum lugar.

— Eu também. — Todo o meu corpo fica alerta quando fixo os olhos nos dele. — De certeza que vão encontrar uma cave escura para ti no próximo fim de semana, pelo que é melhor aproveitares este.

— Tu e eu temos definições diferentes para a palavra «aproveitar». — Faz sinal para os livros espalhados no chão.

— Nem por isso. — Leio a página rapidamente e viro-a. — Eu acho que passarmos o dia juntos na cama seria uma boa maneira de *aproveitar* o tempo que estás cá, mas, uma vez que tu colocaste as tuas condições, estou aqui com livros chatos e sem sexo.

— Diz aquelas palavrinhas e ponho-te nua em *segundos*. — Ele olha para mim com tanto ardor que eu tenho de olhar para ele mais do que uma vez quando levanto a cabeça dos livros já a ficar sem fôlego.

— Eu quero-te. — Todo o dia. Todos os dias.

— *Essas não são as duas palavras de que eu preciso.* — Ele entra-me na mente como uma carícia. — *E porque é que não tens os escudos levantados?*

— Bem, essas são as palavras que vais ter sem abertura total. — Afasto o olhar a custo. — E só estamos nós aqui.

— Hum. — Ele lança-me um olhar que não sou capaz de decifrar. — Já volto.

— Não estás a cheirar assim tão mal — sussurro, a odiar ficar longe dele nem que seja por um segundo.

— Aproxima-te um pouco mais e vais retirar o que dizes. — Ele sai e eu faço o que posso para me concentrar no livro à minha frente e não na ideia de que ele está quase a ficar nu ao fundo do corredor.

A única coisa que eu tenho de fazer é ser honesta com os meus sentimentos, e posso tê-lo. Pelo menos, o corpo dele. Mas não foi essa a única coisa que tive dele até agora? Não deixa de ser irónico perceber que é a minha autenticidade que me pode aliviar esta infelicidade quando, na verdade, o que eu procuro é que o Xaden seja franco comigo. Acho que, de certa forma, somos parecidos, uma vez que queremos ambos mais do que a outra pessoa está disposta a arriscar dar.

Alguns minutos depois, ele volta e o quarto parece imediatamente mais pequeno, ou talvez seja apenas a aceleração da minha pulsação que me esteja a dificultar a respiração e não a falta de ar.

— Foi rápido. — Só li mais umas vinte páginas, mas não me dou ao trabalho de esconder os dois livros que tenho de devolver. Ele não saberia propriamente quais são os meus e quais os que pedi nos Arquivos. Quanto menos estiver a esconder, melhor.

— Podia fazer tantas insinuações, mas vou-me conter. — Ele atira as coisas para o saco, deixa-se cair na cadeira de braços e inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos abertos. Pega num dos livros do chão. — De onde são estes livros todos? Não tinhas tantos no ano passado.

— A maioria vem do meu antigo quarto na escola principal. — Eu leio a página em que estou e suspiro. Este livro é sobretudo composto por histórias sobre a Grande Guerra na perspetiva dos copistas e estão altamente censuradas. Só encontrei uma passagem vaga sobre a descoberta da capacidade para alargar as guarnições. — Guardei-os em caixas antes do Parapeito e pensei que a minha mãe as iria enviar para um depósito, mas parece que é mais sentimental do que eu ou a Mira pensávamos. Estavam exatamente onde as deixei. — Fora uma descoberta surpreendente. Ninguém tinha mexido em nada no meu antigo quarto, como se eu fosse esperada de volta a qualquer minuto. — A sério, devias dormir um pouco.

A Jesinia vai ficar danada se eu falhar o nosso encontro.

— *Guia do Coronel Daxton para o Êxito no Quadrante dos Copistas*
— lê ele na lombada.

— Esse não foi tão útil como eu pensei que seria quando o li —
gracejo.

— Diria que não. — Pousa o livro e inclina a cabeça para ler o livro
que tenho à minha frente. — *A Viagem dos Primeiros Seis, Um Relato em
Segunda Mão.*

— Sim. — A minha pulsação acelera e o estômago afunda-se com
aquela sensação que tenho normalmente quando o Tairn faz um voo picado.
Devia ter escondido o raio dos livros.

— Ou talvez queiras que ele saiba — observa o Tairn.

— *Vai... ocupar-te.*

— Trabalho para alguma aula? — O Xaden semicerra os olhos quando
vê que eu não respondo.

— Para pesquisa. — Por alguma razão que não compreendo, a ele não
lhe consigo mentir.

— Não me lembro de os Primeiros Seis serem.. — Um latejo do
maxilar depois, o olhar salta para o meu. — Estás a esconder-me alguma
coisa.

Merda. Ele sabe. Ou calcula. Foi rápido.

— Violet? — É praticamente um ronco. Ele sabe de certeza. — Porque
é que estás a fazer pesquisas sobre os Primeiros Seis?

— Por causa de Aretia. — Fecho o livro. Seja como for, não tem nada
que me possa ajudar.

O Xaden inspira fundo e formam-se sombras debaixo da cadeira, que se
enrolam nos pés dele como um nevoeiro escuro.

— Por tua causa, na verdade. — A admissão sai em voz baixa.

O Xaden fica tão completamente imóvel que eu não tenho sequer a
certeza de que ele esteja a respirar.

— O Brennan disse-te que tínhamos uma pedra de proteção que alimenta guarnições. — As palavras são bem articuladas, controladas. As sombras começam a mover-se como mãos, pegando em todos os livros à minha volta exceto o que eu tenho na mão e empilhando-os. — Foda-se, vou matá-lo.

— Porquê? Por ele ser mais expansivo comigo do que *tu*? — Fecho o livro. — Calma, ele não me deu nenhum diário teu nem nada parecido.

— Não tenho nenhum diário, mas teria sido preferível que ele tivesse feito isso, de longe — dispara. — Andares à procura de informação na defesa mais confidencial de Navarre vai significar a tua morte.

— Os civis estão a fugir para as nossas fronteiras, ninguém em Navarre sabe a verdade, e Aretia tem de se defender, de proteger as pessoas que eu calculo que vocês estejam preparados para receber quando os venéficos chegarem a Tyrrendor, o que é inevitável. — Abraço o velho tomo junto ao peito. — Vocês vão acolher as pessoas, não vão?

— Claro que vamos.

— Ainda bem. — Pelo menos, a minha fé não é desprovida de sentido. Olho por cima do ombro para o relógio na minha secretária. Faltam vinte minutos para ir ter com a Jesinia e devolver-lhe o livro.

— Mas o que vai defender Tyrrendor são as armas.

— Permite-me discordar. E vou continuar a fazer pesquisas até descobrir como é que os Primeiros Seis instauraram estas guarnições para que possamos replicar o processo em Aretia. — Levanto o queixo na direção dele.

— Ninguém sabe como é que o fizeram originalmente, só como mantê-las. — Ele levanta-se da cadeira e as sombras seguem-no enquanto anda de um lado para o outro, como um barómetro do seu estado de espírito. — É uma magia perdida e não podes negar que provavelmente foi *perdida* de propósito.

— Alguém sabe — riposto, a acompanhar-lhe os movimentos. — É impossível que não tenha havido ninguém a deixar um registo algures para o

caso de elas falharem. Não iríamos destruir a única coisa que nos poderia salvar. Podíamos escondê-la, mas não a destruiríamos.

— E como diabo é que te propões encontrar esse registo sem deixar que os copistas saibam o que estás a tramar? — pergunta ele em desafio, na ponta da minha cama, com as mãos entrelaçadas atrás do pescoço e a lançar-me um olhar que no ano passado poderia pôr-me a fugir a sete pés.

O bater dos meus dentes é audível e eu cerro a boca.

Ele respira fundo uma vez, depois outra, e fecha os olhos.

— Esse livro que estás a abraçar como se fosse um recém-nascido. Não é teu, pois não?

— Está atualmente na minha posse.

— Violet. — Estou praticamente a ouvi-lo a contar até dez para não perder a paciência.

— Pronto, está bem. Pedi-o nos Arquivos. Vais mesmo gritar comigo por tentar ajudar?

— Quem é que sabe? — A pergunta é feita com uma voz tão baixa que eu quase desejo que ele gritasse. Ele está sempre no estado mais letal quando está assim calmo.

— Uma amiga.

O Xaden abre os olhos de chofre.

— Há uma razão para não andarmos a vaguear pelos Arquivos. É lá que bate o coração do inimigo. — O olhar dele enterra-se no meu. — Não temos amigos lá.

— Bem, eu tenho. — Levanto-me devagar. — E vou chegar atrasada para devolver o livro se não for já para lá. Portanto, vai lá dormir um bocado enquanto eu...

— Eu vou contigo.

— Vais o caraças. — Enfio o livro no saco dos empréstimos. — Pregas-lhe um susto de morte. Eu não lhe disse nada sobre ti, nem sobre Aretia, nem sobre o que se passa para lá das fronteiras, portanto, acalma-te um bocado.

Mas ele não se acalma, imagine-se.

— Ela só sabe que estás a pesquisar material confidencial. Não me vou *acalmar* sabendo que te colocaste em perigo.

— Tu estás em perigo todos os dias. — A raiva enrubesce-me a pele.

Alguém bate à porta e o Xaden suspira antes de a abrir.

— Oh! — A Rhiannon recua e quase bate contra o Ridoc. — Não sabia que estavas aqui hoje, tenente Riorson. — Olha de relance na minha direção. — Vi, vínhamos perguntar-te se querias vir connosco a Chantara...

— Ela está ocupada — responde o Xaden, a agarrar-me a mão.

— Não sejas estúpido. — Puxo a mão da dele.

— Uau. — O Ridoc levanta as sobrancelhas quando eu me viro para o Xaden.

— *Fiz exatamente o que me pediste. Não disse nada aos meus amigos.* — Olho com uma expressão de fúria para as profundezas da alma dele. — *Por isso, não sejas estúpido com eles.*

— *Exatamente o que eu pedi?* — Ele inclina-se e aproxima o rosto do meu até não restar mais do que um pelo entre nós. — *Mantendo a tua pesquisa em segredo?*

Fico de boca aberta.

— *Vais mesmo ficar aqui à minha frente a comparar segredos comigo?*

— *Não é a mesma coisa.* — O Xaden estremece.

— *É exatamente a mesma coisa!* — Agarro a alça do saco para me conter e não lhe bater no peito com o dedo. Como raio é que ele se atreve. — *Estou a fazer pesquisas sobre as guarnições para te ajudar.*

— *Porque é que achas que estou tão zangado?* — A tensão nos olhos dele, a postura e o tom emulam os meus.

— *Porque não gostas de estar no outro lado dos segredos.*

— O que diabo se está a passar? — pergunta o Sawyer do corredor.

— Eu... hum... — O Ridoc esfrega o cocuruto. — Acho que eles estão a discutir.

— *Isso foi... Há quanto tempo é que me andas a esconder isto?* — pergunta o Xaden.

— Eles nem sequer estão... a falar — murmura a Rhiannon.

— *Não te escondi merda nenhuma. Só te contei verdades seletivas.*

Ele recua como se eu o tivesse atingido.

— Desculpem. — Viro-me para os meus amigos. — Acreditem em mim, não há nada que eu mais gostasse de fazer do que ir a Chantara convosco, mas, infelizmente, tenho um assunto a tratar. Fica para a semana?

— Vais estar em Samara. — O Xaden cruza os braços à frente do peito. Como é que é possível amar e abominar a mesma pessoa ao mesmo tempo? A Rhiannon olha alternadamente para cada um de nós, antes de focar a atenção em mim.

— Então, fica para a semana a seguir — sugere em voz baixa.

Eu assinto com a cabeça.

O sobrolho dela franze-se numa pergunta silenciosa.

— Eu estou bem. A sério. Divirtam-se. — Forço um sorriso. — Eu aviso-vos se precisar de ajuda a enterrar um corpo mais tarde.

O Ridoc solta uma tosse atrapalhada e o Sawyer dá-lhe uma palmada nas costas.

— Acho que ela pode estar a referir-se a ti — diz a Rhiannon a olhar para o Xaden com a sobrancelha arqueada.

— Não duvido.

— Vamos — diz o Sawyer, levando os outros dois porta fora.

— E eu faço-o — diz a Rhiannon por cima do ombro. — Nunca movi nada tão grande como tu, mas aposto que o meu sinete seria capaz de te pôr debaixo da terra sem sequer a revolver se eu estivesse suficientemente irritada. — Lança-lhe um olhar antes de avançar pelo corredor fora.

O Xaden suspira e fecha a porta.

— Tens uns amigos leais.

— Tenho — concordo. — Só quero que te lembres de que disseste isso quando chegar o momento de lhes dizer o que se está a passar debaixo dos narizes deles.

A resposta não chega a ser um grunhido.

— Tenho de ir...

— Estou chateado por me teres escondido isso — interrompe ele. — Mas estou furioso por teres posto a tua vida em perigo *por* minha causa. Não consigo lidar com isso.

— Não estou em risco. Posso confiar nela. — Estendo a mão para o puxador e ele coloca-se ao meu lado. Os lábios dele cerram-se de fúria, mas é o brilho de medo nos olhos que me faz parar. A única coisa que eu queria era saber que ele estava mais seguro em Samara, nem que fosse mais um bocadinho. Por muito que ele esteja a ser uma besta. — Pronto, está bem. Vens comigo se concordares em *não* a assustar.

— Não posso controlar os sentimentos dela — diz ele com uma expressão de escárnio.

Levanto uma única sobrancelha.

— Só a quero conhecer. — Ele levanta as mãos, com as palmas para a frente.

— Para veres se ela é de confiança? Só de olhares para ela? Nem tu és tão poderoso. — Eu abro a porta e saio para o corredor. — Vamos.

— *Eu vou saber. Sou um incrível juiz de caráter.* — Ele sai depois de mim e fecha a porta.

— O teu ego não tem limites. — Seguimos pelo corredor estreito e viramos para o corredor principal. — *E não é por te deixar vir que não continuo chateada contigo.*

— *Eu também.* — Ele pousa a mão no fundo das minhas costas quando passamos por um grupo de cadetes.

— *Não tens de me tocar para que pensem que tens uma razão para estares aqui. Toda a gente sabe que nós...*

— *Sabe que nós o quê? Tu foste bem clara que não estamos juntos.*

Alto... é mágoa o que ouço na voz dele? Detesto a forma como a minha ira amaina. É mais fácil viver em fúria.

Descemos as escadas centrais, abrimos caminho pelo rés do chão, de onde a maioria dos cadetes estão a sair, e descemos para os níveis inferiores do quadrante.

Aqui em baixo, os túneis são um verdadeiro labirinto, mas eu conheço bem o caminho.

— Tu nunca ficarias aqui sentado sem fazer nada se pudesses ajudar. Pedires-me para fazer outra coisa é só... insultuoso — sussurro-lhe assim que sei que estamos sozinhos nos túneis. — Eu sou suficientemente inteligente para me desenrascar nos Arquivos.

— Eu nunca disse que não eras brilhante. Nunca disse que o teu plano não era brilhante. Eu disse que te estás a colocar em perigo e só te estou a pedir para seres honesta comigo. — As luzes mágicas tremeluzem à medida que avançamos em direção à ponte coberta que atravessa o desfiladeiro que separa o Quadrante dos Cavaleiros da escola principal. — O Varrish levou-te quase a uma porcaria de um esgotamento e também não me disseste isso. — O maxilar lateja. — Nem que manipulaste a energia no meio do pátio depois do Sumário de Batalha.

— Como é que soubeste? — Não fiz referência ao Varrish na carta que lhe deixei.

— Achas que o Bodhi não me ia contar? — As sombras dele fluem para a frente, abrem a porta e nós atravessamos a ponte. Nunca me vou habituar à forma descontraída como ele usa o poder que tem.

— Tinha esperança de que não contasse — admito.

— É o tipo de merdas que tens de me contar, Violet.

— O que é que tu poderias ter feito? Vir a voar até aqui e matá-lo? Ele é o Vice-comandante.

— Pensei nisso. — Ele abre o par de portas seguinte da mesma forma.

— Como que por milagre, o Bodhi encontrou razões para que a nossa esquadra não fizesse as manobras — digo-lhe quando nos encaminhamos para o *campus* principal depois de passarmos pela enfermaria.

— E durante quanto tempo é que *isso* vai funcionar? Temos o dobro de possibilidades de encontrar uma solução se me disseres o que se passa... — O Xaden vira a cabeça para a frente, de repente, e agarra-me pela cintura, parando a meio do corredor.

Mas já fomos vistos.

— *Ergue os teus escudos.*

— *É o Nolon* — aponto, mas ergo-os na mesma já a sentir-me culpada por os ter chegado a deixar em baixo. Estou sempre à espera do momento que o Xaden me promete não estar longe, em que já são uma segunda natureza, mas, por enquanto, preciso de muito esforço para os manter no lugar.

— Nolon? — Fico de queixo caído ao ver o peso que o reparador perdeu. A pele pende solta e o uniforme, bem como os olhos, carece do brilho que me habituei a ver quando ele tenta sorrir-me.

— Violet. É bom ver-te. — Ele olha de relance para o Xaden e depois deixa cair os olhos para o braço que me envolve a cintura de forma protetora. — Recuaste porque chegaste a pensar que eu iria fazer mal à jovem que tenho vindo a reparar ao longo dos últimos seis anos, Riorson? Ou porque pensas que ninguém sabe que vocês passam todo o vosso tempo juntos nos dias em que qualquer um de vocês tem uma licença? Porque posso assegurar-te de que nunca colocaria a Violet em perigo e *toda a gente* já sabe.

Eu saio dos braços do Xaden.

— O que está a fazer parado no meio do corredor? Parece que está pronto para cair.

— *Hoje ninguém te para com tantos elogios.*

É claro que preciso de escudos melhores se o Xaden tem tanta facilidade em entrar.

— Estou à espera de uma pessoa. — O Nolon esfrega a barba de alguns dias no queixo. — E acho que não me faria mal descansar um bocadinho. Dá muito trabalho reparar uma alma. Ando há meses nisso. — O sorriso dobra-se enviesado, mas não consigo perceber se ele está a brincar ou não. — Tens estado bem até agora este ano? Não fui chamado para te reparar.

— Estou bem. Fiz uma subluxação no ombro há umas semanas... — Não sei se ele é próximo do Varrish, como os meus amigos já aventaram. A ideia faz-me parar um pouco e leva-me a ocultar o esgotamento. — Tenho tido muito cuidado para ter os joelhos ligados. Ainda não parti nenhum osso.

— Ainda bem. — O Nolon assente com a cabeça quando a porta atrás de nós se abre. — Isso é bom.

— Cheguei! — A Caroline Ashton vem a correr e passa por nós à esquerda. — Desculpe o atraso!

— Agradecia pontualidade — admoesta o Nolon antes de olhar para mim. — Faz-nos um favor e mantém-te saudável, Violet.

— É o que vou fazer — prometo.

A Caroline lança um olhar rápido e pouco amigável na minha direção e desaparecem ambos na enfermaria depois de a porta se fechar devagar atrás deles.

— Ela não parecia ferida — observo quando eu e o Xaden retomamos o caminho para os Arquivos.

— Não, não parecia — concorda o Xaden. — Talvez vá visitar outro cadete da Primeira Divisão. O Nolon também parece estar à beira de um esgotamento. Tem havido mais feridos do que o costume?

— Que eu saiba não. O Ridoc acha que estão a usar o Nolon para os interrogatórios. — Enrugo o rosto. — Mas não sei ao certo se estava a falar a sério ou não. Com o Ridoc é difícil de dizer.

— Hum. — É a única coisa que ele diz, à medida que descemos pelos túneis em declive em direção à parte mais baixa de Basgiath. Quanto mais fundo vamos, mais frio o ar se torna e mais forte é a pontada de dor que reconheço como luto a contrair-me o peito.

— Em que estás a pensar? A tua cara ficou triste de repente — observa o Xaden em voz baixa quando passamos ao lado das escadas que levam ao *campus* principal.

— Em nada.

— Não podes esperar respostas longas da minha parte e não me dar o mesmo tratamento.

Tem uma certa razão.

— O meu pai adorava este lugar. Ficou exultante quando a minha mãe foi destacada para aqui, porque significava que ia ter acesso a todos os recursos dos Arquivos. — Sorrio com a memória. — Não que ele não gostasse de manter os registos e as bibliotecas nos postos avançados em que estávamos destacados, mas, para um copista, este lugar é o pináculo de uma carreira. É um templo. — Contornamos a última curva e vemos a porta abobadada à nossa frente. A entrada circular fica a três metros de distância e é vigiada por um único copista, que está a dormir na cadeira.

— Esta está bem protegida. — O Xaden lança um olhar de repulsa para o copista adormecido.

— Promete-me que te vais portar bem. — Agarro-lhe o cotovelo para que ele saiba que estou a falar a sério. — *É uma velha amiga.*

— O *Aetos* também era.

Eu semicerro os olhos.

— *Se for uma amiga verdadeira, não tem nada com que se preocupar.*

— *Bem, se ela me fosse denunciar, já o teria feito quando eu pedi As Lendas dos Baldios no ano passado* — digo-lhe quando entramos nos Arquivos.

— *Tu. O. Quê?* — O maxilar do Xaden lateja quando ele inspira profundamente ao chegarmos à mesa. Os Arquivos estão novamente vazios, graças a Zihnal, mas foi por isso que a Jesinia escolheu os sábados.

— *Antes de a Mira me ter dado o livro em Montserrat, eu pedi-lho. E não vi problema nenhum na altura. Mas não me apareceu ninguém à porta.*

*Ninguém me arrastou para lugar nenhum para me cortar a cabeça.
Porque. Nós. Somos. Amigas.*

Ele mantém-se em silêncio quando a Jesinia se aproxima, a arregalar os olhos alternadamente para mim e para o Xaden.

Os passos são lentos.

— Ele está comigo — gestuo, oferecendo-lhe um sorriso. — *Para de a assustar.*

— *Eu só estou aqui parado.*

— *É o suficiente. Acredita.*

— Encontraste o que estavas à procura? — gestua ela em resposta, a morder o lábio, nervosa, com os olhos a disparar para o Xaden.

— Não. — Entrego-lhe o saco e ela põe a alça ao ombro. — São todos demasiado recentes... e vagos.

Ela cerra os lábios a pensar.

— Talvez devêssemos apostar em algo sobre a história das guarnições em geral? — sugiro.

— Dá-me dois minutos. Tenho uma ideia.

— Obrigado por nos ajudares — gestua o Xaden.

A Jesinia assente com a cabeça e desaparece no meio das filas de estantes.

— Tu sabes língua gestual — sussurro-lhe.

— E tu falas tyrrense — responde ele. — Uma é menos comum do que a outra.

Ficamos num silêncio desconfortável, com a nossa discussão ainda a fervilhar, pelo menos da minha parte. Nunca sei como ele se está a sentir, o que é um dos nossos problemas. Ao usar aquela palavra com a Jesinia — *nos* —, ele associou-se a mim. Se ela me denunciar, ele será arrastado comigo.

— Tenta estes dois — gestua a Jesinia quando regressa e me entrega o saco. — Também te estou a entregar o teu. Obrigada por me teres deixado

lê-lo.

— O que achaste? — pergunto, nervosamente ciente de que o Xaden está a olhar.

O que ela disser a seguir vai selar o destino dela com ele.

— Lendas sólidas com boas histórias. — Inclina a cabeça para o lado. — Foi uma edição limitada, claramente feita numa prensa, mas não tão limitada que não pudesse ter havido um exemplar enviado para os arquivos na altura da publicação. — O olhar que ela me dá é cheio de expectativa. — É um... assunto estranho para não incluir nos Arquivos, não achas?

Eu engulo em seco.

— Acho.

O Xaden põe-se tenso ao meu lado.

— Como disse — continua ela. — Intrigante. Vejo-te no sábado a seguir ao próximo?

Eu assinto com a cabeça e saímos depois de lhe agradecer novamente, passando pelo Nasya, que começou a ressonar no assento.

Já estamos a meio dos túneis quando o Xaden fala.

— *Diz-me qual é o outro livro que está no saco.* — Parece que a discussão também ainda está a fervilhar dentro dele.

— *É As Lendas dos Baldios.* — Não adianta mentir-lhe.

— *Deste-lhe esse livro? Porquê?* — O Xaden inclina a cabeça na minha direção, detém-se a meio do túnel e agarra-me no cotovelo com cuidado e o medo a brilhar-lhe nos olhos.

— *Emprestei-lho, e porque ela me pediu.*

— *Com esse texto, ela podia ter-te denunciado.* — Vejo a raiva a arder-lhe nos olhos.

— *E se eu denunciar que ela não está a registar os meus pedidos, ficará à mercê do Markham.* — Agarro a alça do saco com um pouco mais de força. — *A confiança tem de ter dois sentidos para ter algum significado.*

— *Tem de ter dois sentidos, mas tu estás a excluir-me enquanto eu estou a fazer o que posso para me abrir contigo.*

Diz o homem que nunca chegou sequer a dizer que me amava. Se é que ama. Deuses, estou tão farta de ter de dar o primeiro passo com este homem. E hoje não é o dia para me abrir e ficar vulnerável a tamanha rejeição.

— *Claro, desde que possas manter os teus segredos. Alguma vez te passou pela cabeça de que isto — faço um sinal para nós os dois — só acontece porque tu não confias em mim?* — Dou um passo atrás. — *Tu esperas uma fé cega e completa sem a dar. Tem. De. Ter. Dois. Sentidos.*

— *Eu é que não confio em ti?* — As sombras enrolam-se nos tornozelos dele e seguem-no quando ele se volta e começa a subir o túnel. — *Vemo-nos mais logo. Tenho de encontrar o Bodhi.*

Ele vai-se embora por causa de alguma coisa relacionada com a revolução, claro, e deixa-me ficar para trás. De novo.

— É só isso que tens a dizer? — grito, a frustração a travar-me os músculos.

— O que eu quero dizer neste momento não pode trazer nada de bom, Violet — responde ele por cima do ombro. — Por isso, em vez de cavar um buraco mais fundo com palavras de que me vou arrepender mais tarde, vou criar algum espaço e fazer algo produtivo, porque isto não leva a nada.

Quero a todo o custo dizer-lhe que ele não pode escolher quando temos uma discussão, mas ele pediu espaço, e eu posso fazer o que é mais maduro e dar-lho.

Quando acordo de manhã, a outra metade da minha cama está intacta e as coisas dele já não estão no quarto. Não consigo evitar que o meu peito se contraia ao pensar que ele voltou para as linhas da frente, que qualquer um de nós podia ser morto a qualquer momento e que as últimas palavras que dissemos um ao outro foram de raiva.

Os dragões não respondem aos caprichos dos homens.

— GUIA DE CAMPO PARA A DRACONIDADE DO CORONEL KAORI



CAPÍTULO XIX

O meu coração palpita erráticamente quando eu passo pelos dragões da Primeira e da Segunda Divisões com o resto da minha esquadra, dois dias mais tarde, para as manobras de voo.

O professor Kaori está à frente da Quarta Divisão, irrequieto e nervoso ao lado do Varrish, que me observa como um foco que me arrepia a pele, como se estivesse a calcular mentalmente quantos relâmpagos me vai fazer manipular como castigo por não apresentar a Andarna. E a forma como o Solas está à espreita atrás de mim, como o olho dourado se semicerrou quando passei, deixa-me a pensar se o Varrish vai sequer esperar por amanhã.

Porque é óbvio, deste ângulo, que ele vê que ela não está aqui e, pior, parece *feliz* por isso.

Consegui vinte e sete relâmpagos numa hora, esta manhã, com o Carr, antes de a minha temperatura ter subido em flecha e ele pareceu desiludido. Já somos dois, tendo em conta que não atingi um único alvo para o qual aponte. Os meus braços parecem pesos mortos depois de tanta manipulação. Se o Varrish me obrigar a subir a vertente da montanha outra vez hoje, não tenho a certeza de que venha a descê-la.

— Há *algo* que não bate bem naquele cor de laranja — observa a Rhiannon, a ajustar as correias dos óculos de voo quando nos aproximamos

da Terceira Divisão.

— Referes-te ao facto de ele ter incinerado a Terceira Esquadra sem pensar duas vezes? — pergunta o Ridoc, a abotoar o casaco de voo.

— E o Varrish parece tão... controlado. — O Sawyer alonga o braço à frente do peito. — Um pouco rígido, sabem?

Ao contrário de mim, o Sawyer só o viu pela rama. Eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca, a lutar contra a indisposição que ameaça expulsar-me o pequeno-almoço do corpo.

— É uma parelha estranha, sem dúvida — concorda a Rhi quando chegamos aos dragões do Pelotão Garra. Não há nenhum instruendo do terceiro ano no campo hoje, o que permite que os dragões do segundo ano se espalhem à vontade, mas o Tairn tem de estar na linha da frente como a estrela do espetáculo, valham-nos os deuses. De onde estou, já lhe vejo a cabeça acima das dos outros e tenho quase a certeza de que o ouvi a bufar de irritação.

A boca do Varrish curva-se num sorriso delicado virado para mim, mas a centelha dos olhos enfraquece-me a firmeza com que seguro as portas dos meus Arquivos, deixando verter energia no meu sistema em preparação para a luta.

— E qual é a cena dele que não tira os olhos de cima de ti? — pergunta o Sawyer, a colocar-se ao meu lado para bloquear a vista do Varrish. — Está sempre a sorrir para ti como... — Abana a cabeça. — Não consigo sequer dizer como.

— Como se soubesse alguma coisa que tu não sabes — conclui a Rhi, dando amplo espaço ao Cauda de Moca Vermelho da Primeira Esquadra ao passarmos. — Há alguma história com a tua mãe, talvez? Alguma animosidade?

— Que eu saiba, não. — Os meus amigos não sabem da missa a metade, mas como poderiam saber se eu não lhes contei nada? — Mas ele está obcecado com a Andarna. — Pronto, aqui está uma parte da verdade.

— Ela está bem? — pergunta o Sawyer. — Não a vejo há algum tempo.

— Tem descansado muito. — Preparo-me para a sensação absolutamente miserável da indumentária completa de pele no calor sufocante de verão e começo a abotoar o casaco quando nos aproximamos do Tairn. — A Andarna é capaz de acompanhar manobras simples, mas o que estamos a fazer agora? Voos de formação e piruetas cronometradas? Não adianta submetê-la a este tipo de coisas. — Verdades seletivas.

— Faz sentido. — O Sawyer cutuca-me com o cotovelo. — Vemo-nos lá em cima!

— Pareces um pouco maldisposta — observa a Rhi, assim que percebe que o Ridoc e o Sawyer já não a conseguem ouvir. — Está tudo bem?

— Estou bem. — Forço um sorriso rápido e tento pensar em alguma coisa que não tenha que ver com o Varrish e com a forma como ele me vai magoar assim que puder. — *O Varrish parece sinistramente encantado por a Andarna não estar aqui.*

— *Eu trato disto.*

— Certo. Claro que estás. — A boca da Rhi curva-se num esboço de sorriso triste antes de ela se virar e se dirigir para o Feirge, que a espera do outro lado do Tairn.

— Foda-se — murmuro, a esfregar a cana do nariz. Não acerto em nada do que digo nesta altura. — *Ela nunca me vai perdoar quando descobrir que lhe escondi isto tudo.*

— *Vai, sim* — diz ele, baixando ligeiramente a cabeça, mas sem baixar o ombro mesmo quando chego perto da garra esquerda. — *Os humanos têm memória de mosquito. Os dragões é que guardam rancores.*

— *Não me vou esquecer de que disseste isso* — respondo em jeito de provocação.

— *Fica alerta.* — A cabeça dele roda e eu viro-me, desembainhando um punhal no mesmo momento.

— Estou certo de que não ousaria pensar em atacar um professor, Sorrengail. — O Varrish olha de relance para a minha arma, mantendo a máscara do sorriso no rosto. — Muito menos um vice-comandante.

Ouve-se um ronco lento a subir pela garganta do Tairn, que enrola o lábio só o suficiente para mostrar as pontas das presas.

— Este ano, posso atacar qualquer pessoa que tenha a infeliz ideia de me surpreender por trás. — Enrolo o ombro para trás e levanto o queixo.

— Hum. — Ele inclina-se para o lado e olha para trás da perna dianteira do Tairn. — Não trouxe a pequena cauda de penas consigo hoje?

— Obviamente. — O medo desliza-me pela espinha.

— Que infelicidade. — Ele suspira, depois vira-me as costas e encaminha-se para o Solas com as botas a estalar na erva seca. — Hoje não vai fazer manobras, Sorrengail.

A minha barriga anda às voltas.

— Desculpe?

O Tairn anda de lado e coloca a perna à minha volta para me proteger com as escamas do peito.

— Por enquanto, não — diz o Varrish por cima do ombro, com a sobrançelha a agitar-se por um momento quando repara na postura do Tairn. — Mas há de desculpar-se. Pelos vistos, os avisos não funcionaram, pelo que a vou acusar de incumprimento do dever por o seu dragão-fêmea se recusar a marcar presença nas manobras. Vai montar e voar para o seu local de treino com o professor Carr para receber o seu castigo.

— *Isso não vai acontecer.* — O Tairn baixa completamente a cabeça e o corpo agacha-se em posição defensiva.

— O que se passa? — pergunta a Rhi, com o olhar a saltitar entre mim e o Varrish quando vem na minha direção.

— Como é óbvio, o primeiro castigo não foi suficiente para a sua subordinada aprender a ser obediente, chefe de esquadra Matthias, pelo que vai precisar de outro. — Ele pestaneja e inclina a cabeça. — E, como vice-comandante, não lhe devo nenhuma explicação. Agora, monte para as manobras antes de ser castigada juntamente com ela.

— *Não haverá castigo nenhum!* — ronca o Tairn, e pela forma como as cabeças dos dragões, incluindo a do Solas, se viram de chofre no campo,

toda a gente o ouviu. — *Não lhe cabe a si convocar um dragão.*

Os pensamentos demoram um segundo a ser transmitidos para os cavaleiros e o Varrish retesa-se.

— O seu dragão pode não estar sob o meu comando, Sorrengail, mas a menina está. Por isso, a menos que queira explorar um pouco mais o espaço delicado entre o esgotamento e a morte, *vai* montar e apresentar-se...

— *Nem o menor dos dragões responde ao mais poderoso dos humanos, que não é o seu caso.* — O Tairn estala os dentes e o som atravessa o vale.

A cabeça da Feirge recua e os olhos dourados arregalam-se.

— *A Andarna não lhe responde a si.* — O Tairn avança decidido com a cabeça e o peito tão próximos do chão que quase me toca no cabelo e o Varrish recua. — *Eu não lhe respondo a si.*

Oh, merda. Isto pode descambar muito rapidamente.

— Mas a cadete Sorrengail — o Varrish aponta para mim — responde a mim!

— *Será?*

O Tairn lança-se para a frente, passa pelo Varrish e investe em direção ao Solas com um rugido estrondoso e o chicote de armas a brandir no ar acima de mim. O Solas atira a cabeça para o solo para proteger a sua zona mais vulnerável — o pescoço —, mas o Tairn é mais rápido, maior e mais forte. Já lá está com a mandíbula enorme fechada em volta da garganta do dragão do Varrish.

Eu solto um grito mudo ao ver as enormes presas do Tairn entre as dobras das escamas do Solas, rasgando-lhe o pescoço, e vejo o Kaori a correr para fugir do campo de batalha.

O Varrish vira-se e retesa-se ao ver rios carmesins a escorrer pelas escamas cor de laranja do Solas e a pingar dos sulcos entre elas.

— *Tairn...* — O que é que o Empíreo vai fazer se ele matar o Solas?

— *Só um cavaleiro pode ser vice-comandante em Basgiath* — avisa o Tairn, e o Solas deixa escapar um som que é meio rugido, meio guincho. —

Sem um dragão, deixa de ser cavaleiro.

Oh, *deuses*. O meu coração salta e a pulsação acelera galopantemente.

— Muito bem! — grita o Varrish. — Ela não vai pagar um preço por o dragão se recusar a aparecer.

— *Não chega*. — Os dentes do Tairn chegam à ponta das escamas do Solas e eu continuo a olhar com o queixo caído de horror.

O Solas solta um meio rugido, o que faz com que o sangue jorre ainda com maior velocidade do pescoço exposto quando brande a cauda na direção do Tairn, mas tem metade do tamanho do Tairn e não tem hipóteses de lhe chegar, graças a Dunne.

— Está bem! — O Varrish avança, cambaleante, e, por um segundo, tenho pena dele. — Está bem — repete ele, com as mãos no ar. — Os humanos não têm autoridade para convocar dragões.

A Rhiannon move-se para o meu lado até o ombro dela roçar no meu e a Feirge baixa a cabeça, tal como o Aotrom e o Sliseag. Diabos, todos os dragões que eu vejo à minha volta adotam a mesma postura.

— *Peça desculpa* — exige o Tairn com uma voz baixa e contundente.

— Peço desculpa! — A voz do Varrish sai quebrada.

— *Peça desculpa àquela que a Andarna julgou ser digna do seu vínculo*.

Eu tento engolir, mas a minha boca ficou seca.

— Ele acabou mesmo de... — sussurra a Rhiannon.

— Acho que sim. — Assinto com a cabeça. — *Eu não preciso que ele me peça desculpa, Tairn. A sério. Fico feliz só por não morrer*.

— *Preciso eu, Prateada*. — A voz dele reverbera na minha cabeça. — *Eu falo pela Andarna enquanto ela está no Sono sem Sonhos*.

O Varrish roda na minha direção com um olhar cheio de ódio e medo.

— Peço... desculpa. Não tenho autoridade para convocar nenhum dragão.

— *De joelhos*.

A Rhiannon sorve o ar e o Varrish cai de joelhos.

— Apresento-lhes as minhas mais sinceras desculpas... a si e ao seu dragão. Aos seus dois dragões.

— Eu aceito. — O meu olhar dispara freneticamente para o do Tairn.
— Eu aceito! — grito, para o caso de ele não me ter ouvido mentalmente.

O Tairn abre o maxilar com um som molhado e de sorvo. As presas deslizam do pescoço do Solas e ele recua com passadas arrogantes, sem sequer se dar ao trabalho de baixar a cabeça ou proteger a garganta. A Rhiannon e eu ficamos à sombra quando o Tairn nos bloqueia o sol, ao chegar ao pé de nós.

E o Varrish fita-me com tanto ódio e tanta amargura que lhe sinto o sabor no fundo da língua, enquanto o Solas se lança para o ar atrás dele com um rugido apontado na minha direção — ou do Tairn —, deixando poças de sangue na erva mais abaixo. Só depois de o Solas estar longe do campo de voo é que o Varrish se levanta, e eu não preciso de palavras para o ouvir distintamente quando ele me lança um último olhar letal antes de caminhar a passo largo para o final do campo e as escadas do Guante.

— *Problema resolvido.* — A cabeça do Tairn gira, a observar o caminho descrito pelo Solas, e o resto dos dragões volta a levantar as cabeças.

Mas a minha pulsação não se acalma, nem sequer abrandar, tanto é o medo que me revira o estômago. Até agora o Varrish podia ser meu inimigo, mas tenho a sensação de que o que acabou de acontecer transformou o Solas na minha Némesis.

— Estava quase certa de que ele ia cancelar a tua dispensa, depois de o Tairn ter deixado o Solas naquele estado — diz a Rhiannon, a caminho do campo de voo comigo, três noites mais tarde.

— Eu também — admito quando os sinos tocam um quarto para a meia-noite. — De certeza que, quando o Solas estiver curado, ele vai voltar a

fazer-me frente. Ou pior.

— Já passaram uns dias. — Ela olha de relance para mim e, embora estejamos a poucos palmos uma da outra, a distância entre nós parece incomensurável. — Será que me vais mesmo obrigar a usar algumas destas táticas de interrogação que estamos a aprender para te arrancar a verdade? Preferes que eu adote a abordagem mais empática ou a mais diretamente confrontacional?

— Sobre? — Cutuco-lhe o ombro.

Ela abana a cabeça em frustração.

— Sobre o comentariozinho do Varrish, que disse que já te tinha castigado uma vez.

— Oh. Certo. — Respiro fundo e foco-me nos meus passos quando nos aproximamos do Guante. — Há umas semanas, ele ficou furo por a Andarna não aparecer nas manobras e usou o meu treino do sinete para me castigar.

— Ele o *quê*? — A voz dela eleva-se. — Porque é que não nos disseste isso?

— Porque eu não queria que ele se virasse contra vocês. — É a verdade mais simples.

— Ele tem alguma coisa contra ti? — A Rhiannon parece incrédula.

— Ele não gosta de não levar a dele avante. — Ajusto o meu saco nos ombros e faço um esgar quando nos aproximamos das escadas ao longo do Guante. Isto vai doer como o diabo. Fiz uma subluxação no ombro ontem durante um desafio, mas, pelo menos, ganhei. — Não tens de me acompanhar até lá. Já é tarde. — Mudo de assunto antes que ela insista com perguntas sobre o Varrish.

— Eu não me importo. Sinto que nunca te vejo ultimamente.

Deuses, sinto-me tão culpada. E frustrada. E... sozinha. Sinto falta dos meus amigos.

— Desculpa. — É a única coisa que me lembro de dizer. — É difícil acreditar que os instruendos do primeiro ano estão quase a começar a treinar nesta coisa. — Olho para o Guante e para as cinco subidas de obstáculos

que os instruendos do primeiro ano terão de concluir para poderem chegar à Apresentação.

— Vai ser mais morrer nesta coisa. — A Rhiannon diz as palavras entredentes.

— Isso também. — O meu joelho queixa-se a cada passo, ameaçando ceder a cada degrau que subo, mas a ligadura mantém-no no lugar e eu avanço a coxear, com a mão a amparar-me na pedra áspera que bordeja ambos os lados das escadas.

— É uma inutilidade de merda. — A Rhi abana a cabeça. — Só mais uma forma de eliminar os fracos, ou, pior, os desafortunados.

— Não acho. — Por muito que odeie admiti-lo, o Guante faz algum sentido neste lugar.

— A sério? — Ela chega ao cimo das escadas e espera por mim.

— A sério. — Começo a descer para o campo de voo. — Fez-me olhar para tudo de forma diferente. Eu não podia subi-lo como tu e como os outros, pelo que tive de encontrar outra forma. Ensinou-me que eu *era capaz* de encontrar outra forma e sobreviver. — O momento em que estive a lutar contra aquela venéfica nas costas do Tairn volta-me à cabeça e a minha mão enrola-se no ar vazio como se ainda estivesse a empunhar um punhal.

— Só acho que não vale as vidas que custa. Tal como a maior parte das coisas que acontecem aqui.

— Vale. — A minha réplica é suave.

— Como é que podes dizer isso? — Ela detém-se e vira-se para mim. — Tu estavas mesmo ali quando a Aurelie caiu. Há alguma coisa dentro de ti que pense que ela iria colocar a divisão em risco se tivesse sobrevivido à Debulha? Ela era uma lenda!

Eu levanto os olhos para o céu estrelado e respiro antes de olhar para ela.

— Não. Acho que ela teria dado uma cavaleira fenomenal. Melhor do que eu, de certeza. Mas também sei que... — Não consigo soltar o verbo. As palavras ficam-me presas à garganta, cativas da memória dos olhos da Aurelie a arregalarem-se no momento em que caiu.

— Eu gostava que, por uma vez que fosse, tu disseses aquilo em que estás a pensar. É difícil perceber ultimamente.

— Não vais querer saber. — Nunca fui tão sincera com ela desde o regresso.

— Quero, sim, Violet! Estamos só nós as duas aqui. Fala comigo.

— Falo contigo — repito, como se fosse assim tão simples, e sinto algo dentro de mim a quebrar sob o peso das frustrações de ambas. — Pronto, está bem. Sim, é horrível que a Aurelie tenha caído. Que tenha morrido. Mas acho que *eu sou* uma cavaleira melhor depois de ter estado lá, de a ter visto cair e morrer, e percebido que, se não mexesse o cu, seria a próxima.

— Isso é... horrível. — Os lábios da Rhiannon entreabrem-se e ela olha para mim como se nunca me tivesse visto.

— Como *tudo* o que nos espera lá fora. — Aperto o braço em meu redor. — A porcaria do Guante não é só para testarmos a nossa capacidade de o subirmos. É para ultrapassarmos o medo de não o conseguirmos fazer. É para sermos capazes de o subir *depois* de vermos os nossos amigos a morrer. Parapeito, Guante, Apresentação... todos eles parecem excessivos quando estamos aqui, mas preparam-nos para algo pior quando formos embora. E enquanto tu... — Abano a cabeça. — Não sabes o que se passa lá fora, Rhi. Não podes compreender.

— Claro que não sei — riposta ela, com o corpo a retesar-se a cada palavra. — Não falas comigo! Andas a correr com a Imogen, ou ficas fechada a ler, ou passas todos os sábados possíveis com o Riorson. E tudo bem. Eu quero que tenhas todo o apoio de que precisas, mas a verdade é que não falas comigo. Por isso, como é que eu haveria de saber *alguma coisa*?. Não te esqueças de que o Liam também era meu amigo.

— Tu não estavas lá! — A minha raiva escorre da caixa que a tanto custo construí para ela e percorre-me o corpo com uma energia imensa que me esalda as veias. — Não estiveste com ele nos braços a ver a luz a desaparecer-lhe dos olhos, sabendo que não havia um único problema físico com ele, e que ele estava a morrer só porque o Deigh jazia eviscerado a alguns metros de distância. Nada do que eu fiz momentos antes adiantou! Deuses, abracei-o com tanta força! — As minhas mãos enrolam-se em

punhos e as unhas fincam-se nas palmas. — Quase que desloquei os ombros, tão pesado ele era, mas não o larguei! E não adiantou nada! — A fúria queima-me a garganta, devorando-me por completo. — Tu não viste o que se passa lá fora! Que é o que me faz correr as putas de todas as manhãs!

— Vi — sussurra ela, a postura a descair.

— E o olhar no rosto dele? — A minha voz falha e os olhos ardem-me com a memória da cabeça do Liam nas minhas mãos. — Não o vês sempre que tentas dormir. Não o ouves a rogar-te que cuides da Sloane. E, diabos, não ouves o Deigh a gritar. — Entrelaço os dedos em cima da cabeça e desvio o olhar, a sopesar a guerra com o luto, a dor, a culpa interminável, e, como de costume, perco. Não há mais do que aquela caixa e o abençoado vazio que eu sei que é alcançável se conseguir um pouco de controlo, mas as palavras não param de jorrar. É como se a minha boca se tivesse dissociado do meu cérebro e as minhas emoções tivessem assumido o comando. — E, por mais horrível que seja, por mais cruel que me faça parecer, ter visto a Aurelie a cair, o Pryor a arder ou até o cabrão do Jack Barlowe a ser esmagado pelo deslizamento de terras preparou-me para o momento em que tive de deixar o corpo do Liam no chão e lutar. Se tivesse ficado lá a chorar, como me apetecia fazer, nenhum de nós estaria aqui. A Imogen, o Bodhi, o Xaden, o Garrick... todos nós... estaríamos todos mortos. Há uma razão para nos obrigarem a vermos os nossos amigos a morrer, Rhi. — Bato no peito com um dedo. — Nós somos as armas e este lugar é a pedra que eles usam para nos amolar. — A energia no meu corpo amaina e o calor dissipa-se.

Fico com o estômago caído ao ver a expressão de total devastação no rosto da Rhiannon.

O bater de asas do Tairn aumenta de volume quando ele se aproxima e o som ajuda a minha pulsação a acalmar-se.

— Desculpa — sussurro. — Fico contente por não saberes como é. — Pestanejo rapidamente para limpar a humidade que me turva a visão. — Todos os dias agradeço por não teres estas memórias, por tu, o Sawyer e o Ridoc não terem estado lá. Não desejaria aquele dia ao meu pior inimigo, quanto mais à minha amiga mais íntima, e, mesmo que eu tenha estado mais

calada ultimamente, é isso que tu continuas a ser: a minha amiga mais íntima. — Mas os amigos dizem a verdade. Se eu lha contar, colocá-la-ei em perigo, mas, se não lhe disser nada, deixá-la-ei despreparada, tal como nós estávamos. *Merda*. — E tens razão. Deveria falar contigo. Tu também perdeste o Liam. Tens todo o direito de saber...

— *Não*. — A voz do Tairn irrompe pela minha cabeça e o vento sopra-me nas costas um segundo antes de ele aterrar atrás de mim. — *O cavaleiro do Solas*.

— Boa noite, cadete Sorrengail — diz o major Varrish imediatamente à nossa esquerda, com luzes mágicas a acender-se acima da cabeça quando ele contorna as rochas onde ele e os guardas nos esperavam a menos de quatro metros de distância. — Cadete Matthias. Parece que acabei de interromper uma discussão.

Os guardas seguem-no. Oh, *deuses*. Eu quase... — *Mas não o fizeste* — diz o Tairn. — Major? — A Rhiannon arregala os olhos quando os tira de mim para os voltar para o vice-comandante.

— Já sabe o que tem a fazer, cadete. — Ele percorre a distância que nos separa e aponta para o chão. — Ou vai dizer que agora já não está sequer sob o meu comando?

O Tairn baixa a cabeça e solta um ronco baixo.

A apreensão provoca-me um nó na garganta e eu afasto-me para o lado, tirando a Rhi do caminho direto do Varrish. A indignação não vai ajudar, pelo que retiro o saco dos ombros e abro-o, esvaziando o conteúdo no chão. Depois, sacudo o saco para lhe mostrar que está vazio.

— Contente?

— Ainda não, mas um dia. — O sorriso do Varrish dá-me voltas ao estômago. — Eu sou paciente.

O cavaleiro acaba a revista, olhando para o interior do saco para se assegurar de que o esvaziei completamente antes de mo devolver.

— Aproveite a dispensa enquanto ainda a tem. — O Varrish assente com a cabeça, o sorriso ainda fixo no mesmo lugar, e vão-se os três embora

do campa — Imbecis — agacho-me e a Rhi acompanha-me o movimento para me ajudar a pôr as coisas no saco. — Obrigada.

— Isto é *normal*?

— É. — Levantamo-nos depois de arrumarmos tudo. — *Estamos contentes por eles não te revistarem de novo hoje?*

— *Estamos.*

— Mas... porquê? — A confusão franze-lhe a testa. — O que se passa? Isto não pode ter sido por causa da Andarna.

— Eles nunca confiam completamente no apelido do Xaden. — E com razão. Puxo o saco para cima dos ombros e ponho os braços nas alças. — Desculpa por explodir contigo lá atrás. Não tenho desculpa.

— Não precisas de pedir desculpa. — Ela lança-me um sorriso triste. — Prefiro que grites comigo a que faças de conta de que está tudo bem ficando calada.

Pelo menos há uma verdade que lhe posso dar.

— Nada está bem.

Nos anos que se seguiram à morte do meu pai, esqueci-me de qual era a sensação de ser amado. Mais tarde, entrei no quadrante, tornei-me o monstro que toda a gente precisava que eu fosse e nunca me arrependi.

Mas, depois, disseste-me aquelas palavras... e quase te perdi, também. Estou a esforçar-me por ser melhor tal como prometi, mas preciso que saibas que o monstro ainda está lá, a tentar a todo o custo usar tudo o que em mim é implacável para recuperar as tuas palavras.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA DO TENENTE XADEN RIORSON

PARA A CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XX

O chão aparece à minha frente a todo o vapor quando o Tairn abre as asas, abrandando a nossa descida para aterrarmos no campo de Samara.

— *Nós vamos encontrar outra maneira* — observa ele. — *Mesmo que consigas colocar-te em cima do meu ombro e deslizar para ficares empoleirada...* — Estremece.

Passámos grande parte das últimas duas horas a discutir se deveríamos ou não tentar uma aterragem em corrida, com ele sempre a defender que nunca o deveríamos fazer.

— *Não podes alterar os requisitos da graduação.* — Desaperto as correias da sela e contraio-me ao sentir uma pontada nos quadris que me diz que voei demasiado tempo sem uma pausa.

— *Nunca tentei* — admoesta o Tairn, e a cabeça gira de chofre para o fundo da clareira, a inclinar-se de entusiasmo ao perscrutar as árvores à procura de movimento.

Eu sorrio abertamente, sabendo que a Sgaeyl deve estar por perto.

— *Vamos concordar que vamos chegar a uma solução que respeite os requisitos da graduação sem te quebrar todos os ossos do corpo* — sugere ele rapidamente.

— *De acordo.* — Vou tentar lembrar-me de só discutir com ele quando ele tiver coisas melhores para fazer. Subo para o fundo da sela, desato os sacos e quase perco o equilíbrio com a pressa.

— *Morremos todos se me caíres do dorso e partires esse pescoço impaciente.*

— *Sim, porque a impaciente aqui sou eu.* — Puxo o meu saco pequeno para as costas e coloco as alças dos sacos mais pesados nos ombros. — *Não acredito que deixaste outra pessoa subir aqui para cima para atar os sacos. Estou impressionada com o teu comedimento.*

— *O chefe do pelotão atou os sacos à sela antes de eu a colocar, como é natural.*

— *E eu aqui a pensar que tinhas evoluído.* — Sinto o joelho a palpitar ao percorrer o dorso do Tairn, mas tudo é esquecido no momento em que baixo os escudos e sinto o vínculo das sombras a enrolar-se na minha cabeça.

É contra os meus instintos bloqueá-lo, mas faço um esforço para voltar a levantar os escudos. Depois da forma como deixámos as coisas no fim de semana passado, não faço ideia do que devo esperar dele, mas é bom que ele espere que eu tenha os escudos no lugar por mais zangados que estejamos um com o outro. Com os sacos bem seguros, deslizo pela perna do Tairn e uso o joelho bom para o primeiro impacto quando chego ao chão.

— *Vai lá atrás da Sgaeyl* — digo ao Tairn, já a caminhar no campo de erva esmagada em direção à fortaleza que se ergue mais à frente.

— *Vou esperar até entrares, como sempre.*

— *Estás a perder tempo.* — Consigo sentir a expectativa dele a agitar-se no meu fluxo sanguíneo, mas não a bloqueio. Pelo menos um de nós está feliz. Já quanto ao que vai acontecer mais logo, vou bloqueá-lo como se a minha vida dependesse disso.

— *Então, caminha mais depressa.*

Eu rio-me e avanço a arrastar os pés. Deuses, estes sacos são *pesados* e, estranhamente... vibram de energia. Parece que já foram impregnados de poder.

Uma companhia inteira de infantaria vem a correr na minha direção vinda da entrada em arco quando chego ao cimo da rampa de pedra. Oh, merda, estou mesmo à frente deles.

— Cavaleira! — grita o comandante.

Antes de eu me poder desviar, a companhia divide-se ao meio e corre à minha volta, passando tão rente que eu sinto o ar que eles deslocam como se fosse um rochedo no meio da corrente de um rio. Fico completamente parada para evitar o impacto, sem sequer ousar respirar à medida que vão passando a correr.

Quando o último passa, expiro, e continuo em direção à parede exterior do castelo. Um grupo de curandeiros passa à minha frente e, quando o caminho fica livre, vejo o Xaden a caminhar a passo largo na minha direção com uma expressão indecifrável. O meu coração titubeia, depois começa a palpitar, mas eu faço por andar em frente.

Não sei bem como é possível, mas quero atirar-me para cima do homem e, ao mesmo tempo, dar-lhe um pontapé nas canelas.

Há um grupo de cavaleiros no pátio atrás do Xaden, mas não passam de uma mancha escura porque eu não consigo desviar os olhos dele, não consigo ver para lá dele. Por mais complicada que a nossa ligação seja, também é inegavelmente simples. Ele é o horizonte e, para mim, não existe nada além dele.

— *Vou ter de te obrigar a tomares uma decisão e peço desculpa por isso* — diz ele rapidamente ao aproximar-se, permeando-me os escudos como se não passassem de uma renda para ele.

— *Conta-me alguma novidade.* — Paro, reparando que toda a gente entre nós sai do caminho.

— *Tens cerca de dois segundos para decidir se queres tempo para falarmos em privado logo à noite.* — O Xaden já está a menos de quatro metros de mim.

— *Não sei se vais querer estar sozinho comigo, tendo em conta o que estou a trazer* — respondo, indignada. É a primeira coisa que ele tem para me dizer depois da forma como se foi embora na semana passada?

— *Escolhe.*

— *Sim. Claro que quero falar contigo em privado.*

— *Diz-me para te beijar. Mesmo que seja só da boca para fora.* — Estamos a instantes um do outro e ele não está a abrandar.

— *O quê?*

— *Agora, Violet. Ou vais dormir no quarto de outra pessoa esta noite.* — A expressão dos olhos dele exige uma resposta imediata. Certo. Porque ele me disse há alguns meses que só me beijava se eu lhe pedisse. Ele estende as mãos na minha direção, envolvendo-me o pescoço com uma delas e agarrando-me a cintura quando os nossos corpos colidem.

O impacto deixa-me imediatamente cambaleante.

— *Beija-me.* — Só da boca para fora.

— Tive saudades tuas — diz ele um segundo antes de a sua boca esbarrar na minha.

— *Foste-te embora sem dizer nada* — acuso, a morder-lhe a pele macia do lábio inferior com os dentes.

— *Discutimos mais tarde.* — Ele desliza-me a mão pelo rosto e pressiona o polegar acima do meu queixo. — *Agora, beija-me como se não quisesses outra coisa.*

— *Já que pediste com tanto jeitinho.* — Entreabro os lábios debaixo dos dele e arrependo-me imediatamente de todos os segundos que passei sem o beijar ultimamente.

Gemo mal sinto a língua dele a passar pela minha, e a mão dele agita-se na minha cintura, agarrando-me com mais força quando a boca aprofunda o beijo. *Sim*. Um toque, é o que basta, e o mundo à nossa volta deixa de existir. Isto é *tudo*. A energia que vibra no ar à nossa volta não tem nada que ver com o poder que me inunda as veias, a necessidade que se acende em mim quando ambos nos esforçamos por controlar o beijo.

Ele ganha, consumindo-me, devorando tudo o que me possa assomar à cabeça que não tenha que ver com ele ficar ainda mais próximo. Os sacos caem-me dos ombros e batem no chão ao meu lado com um baque, e eu envolvo-lhe os braços no pescoço e encosto-me, arqueada, ao corpo dele. Retribuo o beijo como se a minha vida dependesse da sua rendição e inclino a cabeça para o ângulo perfeito. Ele encontra-o sem sequer tentar, levando o beijo mais fundo, roubando-me pedaços da alma com cada volta e reviravolta da língua, movimentos feitos com uma perícia a que não consigo resistir.

Não me lembro porque cheguei a querer fazê-lo.

Porque haveria de negar a mim própria o prazer explosivo de beijar o Xaden? É aqui que nós fazemos sentido. Quando nada mais importa a não ser o toque dos lábios dele, a língua dele a dobrar atrás dos meus dentes, a luxúria que arde em mim e que sei que só ele pode saciar completamente. O meu coração galopa e o meu corpo flutua quando as minhas mãos lhe deslizam até ao cabelo suave.

Leve. Ele faz-me sentir completa e absolutamente leve, como se fosse possível voar sobre nada a não ser ondas de sensações.

Deuses, eu *quero-o*. Assim. Só nós.

— *Violet*. — É um gemido mental quando a boca dele reclama a minha sem remissão.

— Oh, por amor dos deuses. — Uma voz familiar intromete-se num pedacinho de céu só meu e é então que me lembro.

Isto era para ser da boca para fora, e aqui estou eu, a perder-me completamente nele. No meio do pátio. Em frente de sabem os deuses quem. E a sensação de leveza? É porque estou pendurada no peito dele e ele me

está a segurar com um daqueles braços fortes e eu tenho os pés a baloiçar no ar.

— *Foi suficientemente da boca para fora para ti?* — Afasto-me devagar a arrastar os dentes pelo lábio inferior do Xaden antes de o largar.

— *Caga nisso.* — Os olhos dele brilham com o mesmo fogo que me deixou pronta para entrar em combustão. Pelo menos, não sou a única a perder o controlo. Eu conheço aquela expressão. Está tão excitado como eu.

Ele volta a beijar-me, perdendo a delicadeza polida anterior, que substituiu Por uma voracidade indomada, e eu *derreto*.

— Pousa a minha irmã, Riorson. Já fizeste valer a tua posição. — A voz familiar...

Viro a cabeça de chofre para a direita, interrompendo o beijo.

— Mira?

Ela tamborila com os dedos nos braços cruzados, mas a expressão de severidade — estranhamente parecida com a da nossa mãe — não dura mais do que um instante e a boca curva-se num sorriso.

— Que bom ver-te, Vi!

— O que estás aqui a fazer? — pergunto com um sorriso de orelha a orelha quando o Xaden me pousa. Depois, passo por cima de um saco que tinha deixado cair para abraçar a minha irmã.

— Fui destacada para aqui ontem e por aqui vou ficar. — Ela abraça-me com força, como faz sempre, depois afasta-me agarrada aos meus ombros para fazer a habitual inspeção em busca de feridas mortais.

— Eu estou bem — garanto-lhe.

— Tens a certeza? — As mãos movem-se para as minhas fontes e põe-se em bicos de pés para olhar para mim de cima a baixo. — Porque acho que deves ter levado uma pancada forte na cabeça para te envolveres com este aqui.

Eu pestanejo. O que raio hei de responder a isto?

— *Segue a minha deixa ou vais dormir no quarto dela hoje à noite. Não no meu* — diz-me o Xaden. — *Ela foi mais do que inflexível quanto a*

isso.

— Certo, bem... — Merda, não quero mesmo mentir mais do que preciso à minha irmã.

— Vou levar as tuas coisas para o meu quarto — diz o Xaden, a ajudar-me a tirar o saco das costas antes de pegar nos dois que deixei cair.

— Obrigada — digo sobretudo por hábito.

Ele inclina-se e dá-me um beijo na testa.

— Estou de serviço hoje.

— Não — suspiro, a sentir o estômago a afundar-se de desilusão. Não ficamos assim com muito tempo para falar, e talvez seja essa a intenção. — *Bem, pelo menos não podemos discutir se não falarmos.*

— *Vamos ter tempo mais logo* — promete. — Diverte-te com a tua irmã. Vejo-te logo à noite. — Ele puxa alguns dos meus cabelos soltos para trás da minha orelha e roça com os nós dos dedos delicadamente pela minha bochecha.

— Está bem. — Se não fosse tudo da boca para fora, estaria derretida. E o fogo nos olhos dele quando se cruzam com os meus por um segundo? Fico imediatamente com calor apesar dos ares da montanha.

— Não a deixes atear fogo a nada — diz ele por cima do ombro à Mira quando já se está a afastar e a dirigir para o corredor perto da escada a sudoeste.

Eu solto um riso de escárnio, mas não consigo deixar de olhar para ele a ir-se embora.

— *Mantém os escudos levantados.*

— *Não ajuda muito a bloquear-te.*

— *Já te disse que sou mais difícil do que a maioria* — responde ele.
— *Mas mantém-nos erguidos. Não é comigo que tens de te preocupar.*

— Ele está... a levar os teus sacos para o quarto dele por ti — diz a Mira devagar, a colocar-se ao meu lado e a olhar para o Xaden a afastar-se e para mim.

— Está. — Assinto com a cabeça. Estará mesmo? A dor que sinto no peito agudiza-se. Talvez na verdade esteja a levar dois daqueles sacos para um ponto de encontro e a deixar-me com a Mira para me distrair. Detesto não poder confiar nele, que ele não possa confiar em mim, que estejamos neste impasse.

— Oh, merda — murmura a Mira.

— O que foi? — Eu suspiro quando ele desaparece no edifício.

— Tu não andas só a fodê-lo, pois não? Estás a apaixonar-te por ele. — Ela olha para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

O meu olhar vira-se para ela e, embora saiba que devia, não lhe consigo mentir. Pelo menos em relação a isto.

— Não exatamente.

— Quem é que achas que estás a enganar? Ele engoliu-te quase por inteiro e tu estás a olhar para ele com esses olhos grandes e moles que estão praticamente a verter... — Ela faz sinal para a minha cara, e o nariz dela enruga-se como se tivesse sentido um mau cheiro. — O que é isso afinal? Tesão? Paixão?

Eu reviro os olhos.

— Amor? — Ela diz a palavra como se fosse venenosa, e algo no meu rosto me deve ter denunciado porque a repulsa acaba por se transformar em choque. — Oh, não. Estás mesmo apaixonada por ele, não estás?

É impossível que saibas isso só de olhar para mim — replico, com a coluna a enrijecer-se.

— Ugh. Vamos atirar punhais a merdas.

O Brennan está vivo. O Brennan está vivo. O. Brennan. Está. Vivo. É a única coisa em que consigo pensar quando esvaziamos as nossa bainhas nos alvos de madeira que estão alinhados no fundo do pequeno ginásio de treino de combate, no lado norte do primeiro andar. É bem diferente do poço do

lado sul da fortaleza onde encontrei o Xaden a lutar na primeira vez que aqui vim.

Guardar segredos da Rhiannon é abominável, mas não dizer à minha irmã que o Brennan está vivo pode fazer de mim a pior pessoa do Continente.

— Sou a última pessoa com autoridade para julgar com quem dormes...
— começa a Mira.

— Então, não julgues. — Eu rodo um dos meus últimos punhais, segurando-o pela ponta, e atiro-o, atingindo a garganta do alvo.

— Esquecendo os regulamentos, porque, sim, o que tu estás a fazer é a fraternizar — ela atira o punhal seguinte sem sequer olhar e atinge o alvo no meio do peito — com um *oficial*, estou só a dizer que, se correr mal, vocês estão presos um ao outro para o resto das vossas carreiras.

— Mas não estás a julgar. — Atiro o meu último punhal, atingindo a garganta do alvo dela.

— Está bem, talvez eu esteja a julgar. — A minha irmã encolhe os ombros e dirigimo-nos para os alvos. — Mas não tenho mais nenhum irmão. Tenho o direito de ficar preocupada.

Na verdade, até tens. Ela e o Brennan eram inseparáveis quando eram crianças. Se alguma de nós devia saber que ele está vivo, é ela.

— Não tens de te preocupar comigo. — Arranco os meus punhais da madeira um a um e embainho-os junto às coxas e às costelas.

— Estás no segundo ano. Claro que me vou preocupar. — Ela pega nos punhais dela e olha para um par de cavaleiros a treinar combate no tapete atrás de nós. — Como está a correr o CSC? — pergunta ela, baixando a voz.

— Perdemos um cavaleiro no primeiro exercício. Dois mapas?

— Sim, é um jogo mental fodido. — Ela cerra os lábios numa linha fina. — Mas não era a isso que me estava a referir.

— Estás preocupada com a parte dos interrogatórios — adivinho, a embainhar o meu décimo punhal junto às costelas.

— Eles vão bater-te até mais não só para verem se consegues aguentar.
— Ela retira o meu punhal da garganta do alvo dela. — E a forma como cedestes...

— Eu consigo aguentar a dor. — Viro-me para ela. — Eu vivo em dor. Já tenho uma casa praticamente construída lá e uma economia bem desenvolvida. Sou capaz de aguentar tudo o que inventarem.

— Depois dos Jogos de Guerra, o CSC é o que reclama mais vidas de instruendos do segundo ano — admite ela em voz baixa. — E levam duas ou mais esquadras de cada vez para os exercícios, pelo que nem reparas bem no aumento do rol de mortes, mas está lá. Se não cederes, eles podem torturar-te até à morte sem querer e, se cederes, eles matam-te por isso. — O olhar dela baixa para o meu punhal e a expressão que lhe vejo no rosto é de preocupação.

— Vão ser uns dias de merda, mas eu fico bem. Já cheguei até aqui. — Partir ossos é só mais uma terça-feira para mim.

— Desde quando é que usas punhais tyrrenses? — Levanta o meu punhal e examina o cabo preto e a runa decorativa no botão. — Já não via runas como esta há... algum tempo.

— Foi o Xaden quem mos deu.

— Deu? — Ela devolve-mo.

— Ganhei-lhos em treinos de combate no ano passado. — Embainho-o junto às costelas ao lado dos outros enquanto ela levanta uma sobrancelha cética e solta uma risadinha. — Portanto, sim, basicamente deu-mos.

— Hum. — Ela inclina a cabeça para o lado e observa-me, vendo mais do que eu queria, como sempre. — Parecem personalizadas.

— E são. São mais fáceis de agarrar e mais leves do que as de tamanho tradicional.

Ela não desvia o olhar quando voltamos para a linha de arremesso.

— O que foi? — Sinto as bochechas a aquecer. — O Xaden tem um interesse legítimo em manter-me viva. Eu sei que não gostas dele. Eu sei que não confias nele...

— É um Riorson — diz ela. — Também não devias confiar nele.

— E não confio. — Desvio o olhar depois da confissão sussurrada.

— Mas estás apaixonada. — A minha irmã solta um suspiro de frustração e atira um punhal. — Isso é... nem sei o que isso é, mas «doentio» é a primeira palavra que me vem à ideia.

— Somos assim — murmuro e mudo de assunto. — Porque é que te destacaram para aqui, afinal? — Escolho um ponto do abdómen superior do alvo, depois acerto-lhe. — Samara tem guarnições e tu és um escudo andante. É um pouco um desperdício do teu sinete. — Ela é um *escudo*.

Por que raio é que eu não me lembrei de lhe perguntar sobre as guarnições mais cedo? Talvez a resposta não esteja num livro. Talvez esteja na Mira. Afinal, o sinete dela é a capacidade de estender as guarnições, levar as proteções com ela até um ponto em que não deviam dar para estender.

Ela volta a olhar para o par no tapete.

— Acho que estão preocupados com ataques aqui porque este posto avançado tem uma das maiores fontes de alimentação das guarnições. Se este posto cair, uma parte gigante das fronteiras fica vulnerável.

— Isso é por elas estarem construídas como dominós? — Atiro mais um punhal, e estremeço porque não tive o cuidado que devia ter tido com o joelho dorido.

— Não exatamente. O que é que podes saber sobre isso? — Ela atira mais um punhal sem olhar e atinge o alvo em cheio.

— Exibicionista de merda — murmuro. — Há alguma coisa em que não sejas boa?

— Venenos — responde ela —, nunca tive a aptidão para eles como tu e o Brennan. Ou talvez seja porque eu nunca consegui ficar parada tempo suficiente para as lições do pai. Agora, diz-me o que sabes sobre as guarnições. — Ela olha-me de soslaio. — Só aprendemos a tecer no terceiro ano e tudo o resto é confidencial.

— Eu leio. — Encolho os ombros e peço a Zihnal que o meu ar pareça de desinteresse. — Eu sei que têm origem na pedra de proteção do Vale que

as alimenta devido aos campos de desova lá localizados e que são reforçadas com fontes de energia ao longo dos nossos postos avançados na fronteira para expandir a sua distância natural e manter uma defesa forte. — Tudo conhecimento comum ou pelo menos passível de ser pesquisado.

Ela atira outro punhal.

— Aqui, são tecidas ao chão — diz ela em voz baixa, enquanto o par atrás de nós continua a lutar. — Pensa num guarda-chuva. A pedra de alimentação das guarnições é o cabo, e as guarnições têm a forma de uma cobertura sobre Navarre. — Ela faz o movimento da forma abobadada do guarda-chuva com as mãos. — Mas, tal como num guarda-chuva, os raios são mais fortes perto do cabo, e quando as guarnições chegam ao chão são demasiado fracas para o que quer que seja sem um reforço.

— Proporcionado pela liga — sussurro. O meu coração começa a bombar.

— E os dragões. — Ela assente com a cabeça e aparecem-lhe duas rugas entre as sobrancelhas. — Sabes da liga? Agora já ensinam isso? Ou foi o pai...

— É a liga armazenada nos postos avançados que puxa alguns desses raios do guarda-chuva para a frente — continuo, rodando o punhal na mão por pura memória muscular. — Estendendo as guarnições para o dobro da distância que alcançariam normalmente em alguns casos, certo?

— Certo.

— E de que é que é feita?

— Isso está muito acima do teu nível de autorização. — Solta um sorriso de escárnio.

— Está bem. — Fico um pouco magoada por ela não me dizer. — Mas como é que tu teces guarnições *novas*? Por exemplo, se quiséssemos proteger um lugar como Athebyne? — *Flip. Flip. Flip.* Continuo a rodar o punhal e espero que a Mira pense que é de forma desinteressada.

— Não tecemos guarnições novas. — Ela abana a cabeça. — O que nós tecemos são as extensões. É como continuar uma tapeçaria que foi esticada em demasia. Estás só a acrescentar fios a algo que já existe e não podemos

estender as guarnições ao ponto de chegarem a Athebyne. Já tentámos. Mas quem te disse...

— É assim que o teu sinete funciona? — Deixo de rodar o punhal. — Porque tu és basicamente uma guarnição, certo?

— Não exatamente. Eu puxo as guarnições comigo, por assim dizer. Às vezes consigo manifestar sozinha, mas tenho de estar perto de um posto avançado. É mais ou menos como se eu fosse mais um fio. O que se passa contigo? — Ela arremessa mais um punhal, que cai mesmo no meio do alvo.

— Sabes como funciona a pedra de proteção? — pergunto, baixando a voz para um sussurro.

— Não. — Os olhos dela esgazeiam-se. — Continua a lançar antes que ouvidos curiosos se ponham à escuta.

Eu atiro mais um punhal obedientemente.

— Essa informação está para lá do meu nível de autorização... e do *teu*. — O punhal seguinte que ela lança cai mesmo ao lado do primeiro. — Porque é que estás a perguntar?

— Curiosidade.

— Não tenhas tanta curiosidade. Não é informação confidencial por acaso. — O pulso lança mais um punhal em direção ao alvo. — As únicas pessoas que sabem são as que precisam de saber, tal como acontece com todas as outras informações confidenciais.

— Certo. — Eu forço um sorriso e arremesso mais um punhal com um pouco mais de força do que o necessário. Está na altura de mudar de assunto. Talvez ela saiba, talvez não saiba, mas o que é certo é que não me vai dizer. — Por falar em informações confidenciais, estiveste em alguma das missões que foram verificar os danos sofridos pelas cidades de Poromiel? — Eu levanto as mãos quando ela olha para mim de boca aberta. — Falaram-nos disso no Sumário de Batalha; já não é segredo.

— Não — responde ela. — Mas vi uma das revoadas de dragões que fizeram o voo quando eu e o Teine estávamos em patrulha.

O meu estômago anda às voltas.

— Conheces alguém que tenha estado nas missões?

— Não. — Outro punhal, outro acerto. — Mas li os relatórios. Também vo-los deram? Eu abano a cabeça.

— E acreditas nos relatórios? — A pergunta não sai tão desinteressada como eu estava à espera.

— Claro. — Ela olha-me nos olhos à procura de respostas que eu não lhe posso dar. — Porque haveria de não acreditar? Ou porque não haverias *tu* de acreditar? — As mãos dela fazem um movimento rápido para fora e o barulho do par em luta desaparece. É um escudo de som. Como o que ela usou em Montserrat: uma magia menor, mas uma magia difícil que ainda não aprendi a dominar. — Diz-me o que se passa contigo. Agora.

Fui atirada para uma batalha com manipuladores de magia negra, perdi um dos meus melhores amigos, lutei contra uma venéfica a sério no dorso do meu dragão e depois fui reparada pelo nosso irmão, que não está morto.

— Nada.

Ela dá-me o *olhar*. Aquele que me soltava sempre a língua quando éramos crianças.

Eu hesito. Se houvesse uma pessoa no Continente a quem poderia contar, essa pessoa seria a Mira.

— Só acho que é estranho que não conheças ninguém nas missões de Poromiel. Tu conheces *toda a gente*. E como é que sabes que o que viste foi um dos grupos incumbidos do reconhecimento? — pergunto.

— Porque havia mais de uma dúzia de dragões à distância no Sul, depois da fronteira. O que raio haveria de ser senão isso, Violet? — A minha irmã lança-me um olhar cético.

É agora. Este é momento para lhe dizer a verdade. A oportunidade para a arregimentar para que lute pelo lado certo do conflito e possa ver o nosso irmão. Serpes. Ela viu *serpes*. Mas não estaria apenas a arriscar a minha vida se lhe contasse. Sinto um aperto no coração, mas tem de ser.

O Xaden nunca poderia compreender... não tem uma irmã.

— Não sei — sussurro. — E se forem serpes? — Pronto. Está dito. Mais ou menos. Ela pestaneja e puxa a cabeça para trás.

— Como é que é?

— E se o que viste tiverem sido serpes? E se são elas que estão a destruir as cidades de Poromiel, já que ambas sabemos que não são dragões? — A minha mão cerra-se em redor do cabo do meu último punhal. — E se houver toda uma guerra lá fora de que nós não temos conhecimento?

Os ombros dela descaem e os olhos enchem-se de compreensão.

— Tens de passar menos tempo a ler essas lendas. Vi. Tens descansado o suficiente desde o ataque dos grifos? Porque, pela maneira como falas, pareces não andar a dormir bem. — A preocupação no tom dela derruba-me como nada mais seria capaz de o fazer. — É difícil ver combates pela primeira vez, ainda por cima como instruenda do primeiro ano, mas se não dormires o suficiente e te apresentares com uma fachada estável e firme... os cavaleiros têm de ser sólidos, Violet. Percebes o que te estou a dizer?

Claro que ela não acredita em mim. Eu também não acreditaria. Mas ela é a única pessoa no mundo que me ama absoluta e incondicionalmente. O Brennan deixou-me acreditar que estava morto... e continuaria a fazê-lo. A minha mãe nunca me viu como mais do que um risco. O Xaden. É melhor nem ir por aí.

— Não. — Abano a cabeça devagar. — Não, não ando a dormir muito bem. — É uma desculpa e eu aproveito-a. Sinto um peso a crescer-me no peito.

Ela suspira e o alívio que lhe vejo nos olhos tira um pouco de peso dos meus.

— Está explicado. Posso recomendar-te alguns chás ótimos que te podem ajudar. Vá lá, vamos buscar os punhais e levar-te para a cama. Tiveste um voo longo e eu estou de serviço daqui a poucas horas. — Ela leva-me para os alvos e voltamos a retirar os punhais.

— Estás de serviço com o Xaden? — pergunto para preencher o silêncio enquanto tiramos os punhais um a um da madeira.

— Não. Ele está no centro de operações, que é...

— Acima do que eu estou autorizada a saber. Eu sei.

— Eu tenho um voo de patrulha. — Ela pousa o braço à volta dos meus ombros. — Não te preocupes. Vamos poder passar tempo juntas quando voltares. Vens de duas em duas semanas, não é?

— É.

O céu está preto quando o Xaden entra na cama em tronco nu e o movimento me acorda de uma fraca tentativa de dormir. Há luz da Lua suficiente a entrar pela janela para eu lhe ver os traços severos e belos do rosto quando ele se vira para mim e ficamos ambos deitados de lado. Há luz da Lua suficiente para eu lhe ver uma cicatriz em cruz em cima do coração que, por alguma razão, não tinha visto no poço de luta. Terá sido ferido em Resson?

— Estás acordada. — Ele apoia-se sobre o cotovelo e pousa a cabeça na mão.

— Já não durmo bem. — Puxo o cobertor leve de verão para cima do ombro como se ele não me tivesse visto em menos do que a camisa de noite fina que estou a usar. — E não tenho energia para discutir hoje.

— Então, não vamos discutir.

— Porque é assim tão simples. — Até o meu sarcasmo está exausto.

— É, se for isso o que nós decidimos. — O olhar dele passeia pelo meu rosto e amolece a cada segundo.

— Que horas são?

— Passa um pouco da meia-noite. Queria falar contigo mais cedo, mas houve um acidente...

— A Mira. — Eu levanto-me de um pulo, o medo a bater fundo.

— A Mira está bem. Está tudo bem. Foram só alguns civis a tentarem atravessar a fronteira e a infantaria... não ficou feliz.

— Não ficou *feliz*?

— Mataram-nos — admite o Xaden em voz baixa. — Está sempre a acontecer por aqui, só não é relatado em Basgiath. Deita-te. — A sugestão é meiga. — A Mira está perfeitamente bem.

Nós matamos civis? Esta informação vai direta para a caixa.

— Quase lhe contei hoje. — Sussurro a confissão quando a minha cabeça volta a cair na almofada, mesmo sabendo que aqui ninguém nos consegue ouvir. — Por muito que eu esteja zangada, tens razão em não confiar em mim, porque só não lhe disse por pouco. Até cheguei a dar a dica, a ver se ela compreendia. — Deixo escapar um riso amargo. — Eu quero que ela saiba. Quero que ela veja o Brennan. Quero que ela esteja ao nosso lado. Eu... — A minha garganta ameaça fechar-se.

O Xaden estende o braço e fecha a mão em concha no meu rosto. Não existe reprovação no olhar dele, nem sequer um juízo, embora eu tenha acabado de lhe dar uma razão para se fechar comigo para o resto das nossas vidas. O silêncio dele, a aceitação calada que lhe vejo nos olhos, não me trava a língua.

— Eu sinto... um peso — admito. — Já não tenho ninguém que me conheça por quem sou realmente. O tipo que eu considerava o meu melhor amigo quase nos matou. Estou a guardar segredos da Rhiannon, da minha irmã, de... ti. Não há uma única pessoa neste mundo com quem eu seja realmente sincera.

— Eu também não te facilitei a vida para que pudesses confiar em mim — diz ele, a afagar-me a bochecha com o polegar. — E continuo a não facilitar. Mas tu e eu não somos *peessoas fáceis*. O que construirmos juntos tem de ser suficientemente forte para suportar uma tempestade. Ou uma guerra. O *fácil* não nos vai dar isso.

O que construirmos juntos. As palavras apertam-me o coração estouvado.

— Eu devia ter-te dito que estava a pesquisar as guarnições. — Pouso a mão na pele quente do braço dele. — Eu sabia que me ias dizer para não o fazer e provavelmente eu não deixaria de o fazer, mas a principal razão para não te ter dito nada foi... — Nem sequer o consigo dizer.

— Porque eu também não te conto tudo. — O polegar dele volta a afagar-me a bochecha. — Colocaste isso entre nós de propósito. Foste arranjar um segredo só para ti por eu não partilhar os meus.

Eu faço que sim com a cabeça.

— Tu podes ter segredos. A questão é essa. Preferia que fossem segredos que não colocassem em risco tudo aquilo por que trabalhei nos últimos anos... ou a nossa vida. E, sim, continuo descontente por causa da copista, mas hoje não vamos discutir. Só preciso de saber as coisas importantes. Não vou guardar informação que possa alterar a forma como tomas as tuas decisões e peço-te que faças o mesmo. — O polegar continua a afagar-me com aquele movimento tranquilizador e indolente.

Eu não quero que tenhamos segredos, mas ele já disse claramente que isso não vai mudar. Por isso, talvez tenha chegado a altura de experimentar outra tática.

— Quanto tempo é que vocês vão esperar pelas armas?

Um canto da boca dele curva-se num sorriso.

— Só me vou encontrar com um grupo de voadores daqui a algumas semanas.

Caramba, funcionou.

— Respondeste.

— Respondi. — Ele ri-se, e uma dor desperta no meu peito. — Como é que correu com o Varrish?

— O Tairn por pouco não arrancou a garganta do Solas, o que serviu para não levar a Andarna às manobras, mas poderá acabar por provocar problemas mais graves no futuro. — O rosto dele ilumina-se com um sorriso curto. Olhem para nós: a conversarmos sem discutir.

— Vamos manter a situação debaixo de olho. Receio que possa vir a matar o Varrish se ele te levar novamente a um esgotamento. — A voz não tem sinal de brincadeira e eu sei que ele o fará.

— Qual é a cena do livro de tecelagem que me deixaste depois da graduação? — Mudo de assunto a abanar a cabeça levemente em confusão.

— E os pedaços de tecido? Achas que eu me vou dedicar ao artesanato de repente?

— Só pensei que poderias querer manter-te ocupada. — Ele encolhe um ombro, mas o brilho de malícia no olhar diz-me que é mais do que isso.

— Para não me ocupar com outros cadetes?

— Só pensei que irias gostar de explorar um aspeto da cultura tyrrense. Sou capaz de tecer todos os pontos daquele livro. — Lança-me um sorriso. — Seria engraçado perceber se serias capaz de me acompanhar.

— Em pontos de tecido? — Será que ele caiu da Sgaeyl nos últimos tempos?

— Cultura, Violência. — A mão dele desliza para a base do meu pescoço e o olhar fica sério. — Tens pesadelos sobre Resson? É por isso que não consegues dormir?

Eu assinto com a cabeça.

— Sonho com um milhão de maneiras diferentes em que poderíamos ter perdido. Às vezes, sonho que é a Imogen que morre, ou o Garrick... ou tu. — São estes os que me impedem de dormir depois, aqueles em que o Mestre deles os leva para longe de mim.

— Anda cá. — Ele envolve-me o braço na cintura e puxa-me, rolando na minha direção.

As minhas costas encaixam-se no peito dele quando ele me puxa para perto de si. Deuses, ele não me abraça assim desde a noite em que destruímos o meu quarto. O calor impregna-se em cada centímetro da minha pele exposta, afastando-me o frio dos ossos. A dor que sinto no peito expande-se.

— Conta-me algo verdadeiro. — A frase sai em súplica, tal como no ano passado.

Ele suspira e enrola-se à minha volta.

— Eu sei quem tu és de verdade, Violet. Mesmo quando me escondes coisas, eu conheço-te — garante.

E eu sei o suficiente sobre ele para ser um verdadeiro risco na parte do interrogatório do CSC que está para vir.

— Ainda não sou suficientemente forte para levantar escudos para me proteger de ti. — Neste momento, com o braço dele a envolver-me o peito, não sei se quero ser.

— Eu não sou uma boa escala para medires a tua capacidade — diz ele de encontro à pele nua do meu ombro e um arrepio de reconhecimento percorre-me o corpo. — O dia em que conseguires bloquear-me completamente é o dia em que estarei morto. Estaremos ambos mortos. Eu também não te consigo bloquear completamente, e foi por isso que me encontrei lá em baixo no poço, mesmo tendo eu os escudos erguidos. Podes não conseguir entrar de rompante, mas tens a noção de que eu estou lá. Tal como consegues abafar as emoções do Tairn e da Andarna, mas não os podes bloquear para sempre.

A minha respiração vacila.

— Então, posso ser suficientemente forte para bloquear o Dain?

— Sim, se mantiveres os escudos intactos em permanência.

— Qual é a composição da liga? — pergunto, inebriada com o conhecimento de que consigo travar o Dain.

— Uma amálgama de taládio, outros metais brutos e cascas de ovos de dragões.

Eu pestanejo surpreendida, tanto com a resposta como pelo facto de ele me dar.

— *Cascas de ovos de dragões?* — Bem, isso é... estranho.

— São metais e continuam a transportar magia muito depois de os dragões eclodirem. — Os lábios dele roçam-me a nuca quando ele inala, depois ele suspira. — Agora dorme antes que eu me esqueça de todas as minhas intenções honrosas.

— Eu seria capaz de te lembrar de umas bem divertidas e bastante desonrosas. — Recosto-me nele e ele põe a perna em cima da minha, prendendo-me bem.

— Queres dar-me aquelas duas palavrinhas?

Eu reteso-me.

— Bem me parecia. Dorme, Violet. — O braço dele aperta-me com mais força. — Tu amas-me — sussurra ele.

— Deixa de mo lembrar. Pensei que tínhamos acordado não discutir hoje. — Eu aconchego-me mais, o calor dele a embalar-me para um espaço doce entre a vigilância e o esquecimento.

— Talvez não seja a ti que eu estou a lembrar.

A Migração do Primeiro Ano é um dos principais feitos da unificação de Navarre. É uma tremenda celebração do espírito humano deixar uma vida de guerra e entrar numa de paz, juntando as pessoas, as línguas e a cultura de todas as regiões do continente, formando uma sociedade coesa e unida, cujo único objetivo é a segurança mútua.

— NAVARRE, UMA HISTÓRIA NÃO EDITADA DO CORONEL LEWIS MARKHAM



CAPÍTULO XXI

Decidi que as aterragens em voo podem vir a ser a minha morte.

Graças às manobras de ontem, início a manhã de quinta-feira com o braço ao peito seguro por uma ligadura que me envolve as costelas e me imobiliza o ombro. Afinal, o Tairn tinha razão e, embora eu consiga chegar-lhe ao ombro, o meu corpo não aguenta muito bem o impacto da aterragem. Desta vez concordámos um com o outro: vamos ter de fazer adaptações antes da graduação.

— Como é que te estás a sentir hoje? — pergunta a Rhiannon quando estamos a caminho da aula de História, que partilhamos com a Terceira Divisão, no segundo andar.

— Como se o Tairn me tivesse pousado e eu não tivesse parado — respondo. — Não é a minha primeira entorse. Os curandeiros disseram que vou ter de andar de braço ao peito cerca de quatro semanas. Vou aguentar duas. Talvez. — Serei a primeira a aparecer no quadro de desafios depois da Debulha se demorar muito mais do que isso.

— Podias pedir ao Nolon... — começa o Ridoc, que se detém quando vê a expressão com que olho para ele. — O que foi? Não me digas que o Varrish não permite que sejas reparada.

— Não, que eu saiba, não — replico quando chegamos aos nossos lugares. — Pus o meu nome na lista do Nolon, mas disseram-me que o mais certo era ele não ter uma aberta antes de eu sarar naturalmente.

A Rhi lança-me um olhar que me diz eu-bem-te-avisei, mas eu limito-me a abanar a cabeça num movimento curto. Este não é o momento para embarcar nas teorias da conspiração que ela tem na cabeça, mesmo que comece a parecer cada vez mais que têm um fundo de verdade. Nunca vi um reparador com uma lista de espera de *um mês*.

As quintas-feiras são o meu segundo dia preferido da semana. Não temos manobras, não temos CSC, não temos Física. Pouso o manual pesado e as notas que tirei da leitura que nos foi atribuída hoje e que, para mim, foi mais uma espécie de revisão. Não houve uma única coisa desta aula que eu não tivesse já estudado com o meu pai ou com o professor Markham... ou que agora não tenha dificuldade em acreditar que seja verdade.

Depois pego em algumas faixas do tecido azulão que o Xaden me deixou e pouso-as no colo. Já consegui fazer dois dos pontos do livro e estou determinada a conseguir mais dois até ele voltar no sábado. É um desafio ridículo este que ele me fez, o que não quer dizer que esteja disposta a perder. E nem um braço ao peito me vai deter.

— Pergunto-me quem virá dar a aula, afinal — diz o Sawyer a subir por cima das costas da cadeira na fila atrás de nós e a sentar-se ao lado do Ridoc, à minha esquerda. — Tenho quase a certeza de que vi a maioria da chefia a correr para o campo de voo.

O meu coração para.

— O quê? — Só um ataque de grande escala despojaria Basgiath da chefia. Viro-me no assento para olhar pela janela atrás de nós, mas a vista do pátio não ajuda.

— Estavam cheios de pressa. — O Sawyer faz um movimento de corrida com o dedo indicador e o dedo médio. — É a única coisa que posso dizer.

— Bom dia. — A professora Devera entra e passa por três filas de mesas e cadeiras até chegar ao centro da sala com um sorriso tenso. — Vou substituir o professor Levini, que foi chamado devido a um ataque na Divisão Este. — A professora dá uma olhadela rápida para a secretária desordenada do professor Levini e pega no livro que está em primeiro plano. — Vamos falar sobre ele no Sumário de Batalha amanhã, mas, até agora, há apenas uma morte. — Engole em seco antes de levantar a cabeça do livro. — Foi o Masen Sanborn. Alguns de vocês podem tê-lo conhecido, uma vez que se graduou há pouco tempo.

O *Masen*. Oh, meus deuses, *não*. O rosto dele passa-me à frente dos olhos, a sorrir enquanto o dedo empurra os óculos que lhe descaíram no nariz. Podia ser coincidência. Não tem lógica nenhuma usar um ataque para encobrir uma única morte... pois não?

— A menos que o tenham assassinado *durante* o ataque — murmuro num sussurro. Não éramos propriamente amigos. Nem sequer o conhecia muito bem, mas éramos dez em Resson e quatro já morreram.

— O quê? — A Rhi inclina-se para o meu espaço. — Violet?

Eu pestanejo depressa e agarro o tecido que tenho no colo.

— Não é nada.

As sobrancelhas da Rhi franzem-se, mas ela recosta-se no assento.

— Estou a ver que o professor Levini vos pôs a discutir a segunda incursão a Cygnisen, a partir do ano 328. — A professora Devera esfrega a nuca. — Mas, para ser sincera, não vejo nenhuma aplicação prática para isso.

— Nesse caso, está como a maioria de nós — comenta o Ridoc, a bater com a caneta no manual, e os que estão à nossa volta riem-se.

— Mas digamos que víamos — continua a professora Devera, a passar a mão por uma cicatriz esbatida que lhe mancha a pele castanha na parte de cima do braço. — É bom que todos saibam que o resultado daquele ataque de fúria de quatro dias foi a absorção de Cygnisen pelo reino de Poromiel, ao qual pertence há trezentos anos. A História e os assuntos correntes estão relacionados porque um influencia o outro. — Ela olha de relance para o

mapa na parede, que tem cerca de um quinto do tamanho do da sala de Sumário de Batalha. — Alguém me pode dizer as diferenças entre as províncias de Poromiel e as nossas?

A sala fica calada.

— Isto é importante, cadetes. — A professora Devera avança para a frente da secretária do professor Levini e recosta-se na borda. Ao ver que ninguém responde, olha para mim com a sobrancelha arqueada.

— As províncias de Poromiel mantêm as respectivas identidades culturais — respondo. — Uma pessoa de Cygnisen identificar-se-á mais como cygni do que como poromielana. Por sua vez, as nossas províncias unificaram-se sob a proteção das primeiras guarnições, escolheram a língua comum e fundiram as culturas das seis províncias num único reino coeso. — Recito o livro do Markham quase *ipsis verbis*.

— Exceto Tyrrendor — observa alguém à minha esquerda. Terceira Divisão. — Esses nunca receberam a mensagem da «unificação», pois não?

O meu estômago afunda-se. *Idiota*.

— Não. — A professora aponta o dedo ao instruindo da Terceira Divisão.

— Isso é o que nós não vamos fazer. São comentários como esse que ameaçam a unidade de Navarre. Ora, a Sorrengail levantou uma questão importante que penso que alguns de vocês ainda não perceberam. Navarre escolheu a língua comum, mas era comum a quem? — Dá a palavra a alguém do Pelotão Cauda.

— Às províncias de Calldyr, Deaconshire e Elsum — responde a mulher.

— Correto. — O olhar da professora Devera passa por nós tal como acontece no Sumário de Batalha quando ela espera que nós não só pensemos nas respostas mas também nos lembremos de perguntas a fazer. — E o que é que isso significa?

— Que as províncias de Luceras, Morraine e Tyrrendor perderam as respectivas línguas — responde o Sawyer, a agitar-se no assento. O Sawyer é de Luceras, que fica na arrepiantemente fria linha de costa do Noroeste. —

Tecnicamente, estas províncias *abdicaram* voluntariamente delas para o bem da Unificação, mas, tirando umas palavras que foram assimiladas aqui e ali, são línguas mortas.

— Correto. Há sempre um custo — diz a professora Devera, pronunciando cada palavra muito claramente. — Não quer dizer que não valha a pena, mas não estarmos cientes do preço que pagamos para vivermos sob a proteção das guarnições é o que leva às rebeliões. Digam-me quais foram os outros custos. — A professora cruza os braços e espera. — Vá lá, não vos estou a pedir para cometerem traição. Estou a perguntar factos históricos numa aula de História de cavaleiros do segundo ano. O que é que se sacrificou na Unificação?

— As viagens? — responde alguém do Pelotão Garra. — Aqui estamos seguros, mas não somos bem-vindos além-fronteiras.

Nem os outros são bem-vindos aquém-fronteiras.

— Tem razão. — A professora Devera assente com a cabeça. — Navarre pode ser o maior reino do Continente, mas não é o único. E também já não viajamos para as ilhas. O que mais?

— Nós perdemos uma grande parte da nossa cultura — responde uma rapariga com uma relíquia da rebelião a serpentear-lhe o braço duas filas mais à frente. Pelotão Cauda, penso eu. — Não apenas a nossa língua. As nossas canções, os nossos festivais, as nossas bibliotecas... tudo o que estava em tyrrense teve de ser mudado. A única característica distintiva que mantivemos foram as nossas runas porque estão demasiado bem representadas na nossa arquitetura para justificar uma mudança.

Como as dos meus punhais. As das colunas do templo de Aretia. As que estou neste momento a tecer no colo.

— Sim. — De alguma maneira, a professora Devera faz com que a palavra pareça ao mesmo tempo compreensiva e brusca. — Eu não sou uma historiadora. Sou uma estratega, mas não consigo imaginar a importância do que perdemos em matéria de conhecimento.

— Os livros foram todos traduzidos para a língua comum — observa alguém da Terceira Divisão. — Continua a haver festivais. As canções continuam a ser cantadas.

— E o que se perdeu na tradução? — pergunta a rapariga tyrrense à minha frente. — Sabes?

— Claro que não sei. — O lábio dele levanta-se num sorriso de desprezo. — É uma língua morta para toda a gente menos para os copistas.

Eu baixo os olhos para o meu caderno.

— Não é por não estar em tyrrense que não podes ir aos Arquivos e ler o livro tyrrense traduzido que quiseses. — É o tom altivo e arrogante com que ele fala que me faz perder a paciência.

— Não, na verdade não podes. — Deixo cair o tecido no colo. — Para começar, ninguém pode entrar nos Arquivos e ler o que quiser. É preciso fazer um pedido, que qualquer copista pode recusar. Depois, só uma parte dos copistas originais falava tyrrense, o que significa que seriam necessários centenas de anos para traduzir *todos* os textos e, mesmo assim, que eu saiba não existem tomos históricos com mais de quatrocentos anos nos nossos Arquivos. São todos sextas, sétimas ou oitavas edições. Por isso, pela lógica, ela tem razão. — Aponto para a rapariga algumas filas à minha frente. — Há coisas que se perdem com a tradução.

Ele parece pronto a contra-argumentar.

— Cadete Trebor, se fosse a si, teria em conta que a cadete Sorrengail passou mais tempo nos Arquivos do que qualquer outra pessoa nesta sala e depois pensaria cuidadosamente em dar uma resposta inteligente. — A professora Devera ergue uma sobrancelha.

O tipo da Terceira Divisão lança-me um olhar zangado e volta a recostar-se na cadeira.

— Perdemos as nossas lendas populares — diz a Rhiannon.

Todos os músculos do meu corpo se contraem.

A professora Devera levanta a cabeça para o lado.

— Continue.

— Eu sou de uma aldeia raiana perto de Cygnisen — diz a Rhiannon. — Grande parte das nossas lendas vem do outro lado da fronteira, provavelmente em resultado da Migração do Primeiro Ano, e, tanto quanto

sei, não existe registo escrito de nenhuma. Sobrevive apenas na forma de história oral. — A Rhiannon olha de relance para mim. — Na verdade, a Violet e eu falámos sobre isso no ano passado. As pessoas que cresceram em Calldyr ou Luceras ou outras províncias não foram criadas com as mesmas lendas. Não conhecem as histórias e, geração após geração, estamos a perdê-las. — Olha para a esquerda e para a direita. — Estou certa de que todos nós temos histórias parecidas, dependendo do lugar onde crescemos. O Sawyer conhece histórias que o Ridoc não conhece. O Ridoc conhece histórias que a Violet não conhece.

— Impossível — riposta o Ridoc. — A Violet sabe tudo.

O Sawyer ri-se e eu reviro os olhos.

— Excelentes observações. — A professora Devera assente com a cabeça e um sorriso satisfeito dobra-lhe as feições da boca. — E o que é que a Migração do Primeiro Ano nos deu?

— Uma cultura mais unificada — responde uma rapariga do Pelotão Cauda. — Não só no seio das nossas províncias, mas em todo o Continente. E deu às pessoas que estão no que é agora Poromiel uma oportunidade de viverem sob a segurança das guarnições se tiverem decidido mudar-se.

Um ano. Foi o tempo que Navarre lhes deu antes de fechar as fronteiras.

E quem não teve a possibilidade de se mudar com a família, quem não pôde arriscar fazer a viagem, que era cheia de perigos... nada na guerra nem no seu rescaldo é agradável.

— Correto — diz a professora Devera. — O que significa que é muito provável que, quando nos deparamos com um bando de grifos, possamos encontrar um familiar distante. A pergunta que temos de nos colocar quando entramos no serviço é: os nossos sacrifícios valem a pena para mantermos os cidadãos de Navarre em segurança?

— Valem. — A resposta é murmurada à minha volta, uns cavaleiros a falarem mais alto do que outros.

Mas eu fico calada, porque sei que não é só Navarre que está a pagar o preço: é toda a gente fora das nossas guarnições.

À tarde, o ginásio vibra de expectativa quando os professores de combate chamam os primeiros nomes do dia para os tapetes. Serão os últimos desafios em meses. A partir da próxima semana, os instruendos do primeiro ano terão de se preocupar com o Guante, depois com a Apresentação e com a Debulha. E esquadras inteiras de instruendos do segundo ano vão começar a desaparecer durante alguns dias para nos poderem ensinar a aguentarmos a tortura.

É uma festa.

Uma esquadra do Pelotão Cauda é chamada para o nosso tapete.

— Espero ser chamado para o tapete hoje. — O Ridoc saltita sobre os dedos dos pés. — Estou com vontade de dar porrada em alguém.

— Fala por ti. — Aperto a ligadura que me segura o braço por cima da couraça. Olho para o outro lado do tapete e assinto com a cabeça para a Imogen, levantando as sobrancelhas ao vê-la a falar com a Sloane.

Ela retribui o aceno de cabeça com um sorriso, dizendo-me sem palavras que a Sloane está pronta para enfrentar um adversário hoje. A Rhiannon e o Sawyer estão a fazer o mesmo com os outros instruendos do primeiro ano e a ver se está tudo bem, à medida que os nomes vão sendo chamados pelo ginásio fora. Olho de relance para o Aaric, mas, como é costume, ele está completa e absolutamente concentrado e desligado de tudo o que se passa à volta dele a olhar para o tapete.

— Achas que o ataque à Divisão Este é muito grave? Tem de ser algo significativo para levar para lá metade da chefia o dia inteiro — aponta o Ridoc, pensativo.

Suficientemente grave para matar o Masen.

— As especulações só servem para alimentar rumores — diz o Dain, a ocupar o espaço vazio à minha esquerda.

Merda. Há semanas que consigo evitar interagir com ele. Aproximo-me do Ridoc e cerro os meus escudos da melhor maneira possível.

— Achas que ninguém reparou que a maioria dos professores se precipitou para lá como se as guarnições tivessem caído? — pergunta o Ridoc.

— As guarnições não caíram. — O Dain praticamente nem olha para ele e cruza os braços. — Se tivessem caído, saberíamos.

— Achas que conseguiríamos senti-las a desaparecer? — pergunta o Ridoc.

— Nós também seríamos chamados — digo eu. — E os dragões diziam-nos.

— Não podes perguntar à tua mãe? — O Ridoc inclina a cabeça.

— A mulher que soube que eu estive desaparecida durante uma semana e me disse para voltar à formação quando percebeu que eu tinha sobrevivido à minha primeira missão de combate? Sim, tenho a certeza de que ela me vai dar toda a informação sem hesitar. — Levanto-lhe os polegares num gesto sarcástico.

O primeiro par é chamado para o tapete e eu fico ao mesmo tempo horrorizada e agradecida por não saber o nome do instruendo do primeiro ano.

— Vais falar comigo finalmente? — pergunta o Dain.

— Não. — Não lhe faço sequer a cortesia de olhar para ele e, para me certificar de que ele percebe a mensagem, coloco-me do outro lado do Ridoc de forma a que ele fique entre nós.

— Vá lá, Violet. — Ele passa por trás do Ridoc e enfia-se entre mim e a Quinn. — Algum dia tens de estar preparada. Somos amigos desde os teus cinco anos.

— Nós já não somos amigos e eu vou estar pronta para falar quando olhar para ti e não tiver vontade de te espetar uma faca no peito até não ver a lâmina. — Afasto-me antes de concretizar a vontade de apunhalar o sacana que rouba memórias.

— Não podes estar sempre a fugir de mim!

Eu levanto o dedo do meio e contorno o canto do tapete, colocando-me ao lado da Rhiannon.

— O que foi isso? — pergunta ela, a estremecer quando o nosso instruendo do primeiro ano leva um murro nos rins.

— O Dain a ser um idiota, como sempre. — Às vezes, a melhor resposta é a mais simples.

O nosso instruendo do primeiro ano dá um pontapé, apanhando o do Pelotão Cauda diretamente na boca, que começa a jorrar sangue.

— Não percebo. — Ela lança-me um olhar desconcertado e inclina-se para murmurar de forma a que o Dain não a oiça. — Eu pensei que aquilo na graduação era o Aetos e o Riorson a medirem pilinhas, mas tu deixaste de falar com o Aetos. Julgava que ele era o teu melhor amigo. Sim, é verdade que vocês os dois se afastaram no ano passado, mas ao ponto de nem sequer se falarem?

— Era. — O meu olhar acompanha o Dain a contornar o tapete em direção ao professor Emetterio. — *Era* meu amigo. Durante quinze anos não tive ninguém mais próximo. Cheguei a pensar que ele seria tudo para mim.

— Bem. Eu vou odiá-lo só por princípio se é isso que estás a fazer. Não tenho problema nenhum com isso. Mas eu conheço-te e tu não cortas relações com as pessoas a menos que elas te tenham magoado. Por isso, diz-me, como tua amiga: ele magoou-te? — pergunta ela em voz baixa. — Ou isto é mais uma coisa sobre a qual *nós* não podemos falar?

Sinto um aperto na garganta.

— Ele roubou-me uma coisa.

— A sério? — O olhar dela enterra-se no meu. — Então, denuncia-o por violação do Códice. Não devia ser chefe de divisão, nesse caso.

Se ela soubesse o que o chefe de divisão anterior andava a roubar.

— É mais complicado do que isso. — O que é que eu lhe posso dizer sem ir longe *de mais*?

O nosso instruendo do primeiro ano consegue uma rápida reviravolta, fazendo uma manobra de estrangulamento no solo ao adversário. Logo a

seguir, o adversário bate duas vezes no tapete.

Aplaudimo-lo em uníssono. Pelo que vi até agora, parece que este ano vamos voltar a ser a esquadra a abater, sobretudo tendo em conta a forma como o Aaric vence os desafios dele.

O professor Emetterio olha para o Dain e aclara a garganta. Eu inspiro profundamente, à espera que ele chame a Sloane.

— Tens a certeza? — pergunta o professor Emetterio.

— É um dos direitos que tenho enquanto chefe de divisão. — O Dain desaperta as bainhas com as armas e deixa-as cair na borda do tapete.

O que raio se está a passar?

— Não estou a negá-lo. — O professor Emetterio passa a mão grossa pela cabeça rapada. — O próximo desafio será o Dain Aetos contra a Violet Sorrengail.

O meu estômago bate fundo. Se baixar os meus escudos, pode ser o fim de *toda a gente* em Aretia e de todos os marcados no quadrante.

Os olhos da Imogen não estão apenas arregalados, estão esgazeados a olhar para mim. Ela recua devagar do tapete antes de desaparecer numa corrida rápida. Onde é que ela vai? Não pode propriamente ir a correr buscar o Xaden para que ele possa interferir como no ano passado. Estou por minha conta.

— Nem pensar numa merda dessas. — A Rhiannon abana a cabeça. — Ela está magoada.

Talvez não esteja completamente por minha conta.

— E desde quando é que isso importa? — riposta o outro chefe de esquadra.

Respirar. Preciso de respirar.

— Isto é um disparate. — Olho o Dain nos olhos quando o digo e ele limita-se a cruzar os braços à frente do peito. Não tenho como sair desta. Ele é o chefe de divisão. Pode desafiar quem ele quiser, quando quiser, tal como o Xaden no ano passado. Ironicamente, na primeira vez que o Xaden me deitou de costas no tapete corri muito menos perigo. Na altura, só estava a

colocar a minha vida em risco, mas isto pode levar à morte de muita gente de quem gosto.

— *Mantém os escudos levantados* — adverte o Tairn. A agitação dele percorre-me o corpo e eriça-me os pelos do pescoço.

O Dain sobe para o tapete, completamente desarmado, mas eu já o vi a fazer treino de combate. Não é nenhum Xaden, mas é suficientemente letal sem nenhuma arma e eu tenho um braço inoperacional.

— Vocês não deviam fazer isso! — grita o Bodhi a correr na nossa direção antes de parar ao meu lado com uma derrapagem. A Imogen vem logo atrás. Ah, ela foi atrás da pessoa mais próxima possível do Xaden. Faz sentido. — Foda-se, Aetos, ela está com o braço ao peito.

— Que eu saiba, tu és um chefe de pelotão. — O Dain semicerra os olhos postos no Bodhi. — E agora o chefe de divisão não é o teu primo. Sou eu.

Os músculos no pescoço de Bodhi dilatam-se.

— O Xaden vai matar este cabrão — sussurra.

— Sim, bem, ele não está aqui. Não faz mal — minto, a levar a mão ao meu primeiro punhal. — Lembra-te só de quem me treinou. — Não estou a falar de combate corpo a corpo e, pelo olhar que o Bodhi me lança, ele sabe-o.

— Podes ficar com os punhais se te sentires melhor assim, cadete Sorrengail — diz o Dain ao chegar ao centro do tapete.

Eu levanto as sobrancelhas de chofre.

— Sabes que ela é suficientemente boa para te matar com eles — lembra-lhe o Bodhi.

— Mas não o vai fazer. — O Dain levanta a cabeça a olhar para mim. — Sou o mais antigo amigo dela. Lembras-te?

— E esse é um comportamento amigável, sem dúvida — replica a Rhiannon.

Inspiro para ganhar forças, fecho cada pedaço dos meus escudos tal como o Xaden me ensinou e subo para o tapete, pegando num dos meus

punhais com a mão livre. Se a escolha for entre matar o Dain e salvar o Xaden, a decisão está tomada.

O Emetterio faz sinal para o início do desafio, e o Dain e eu rodamos no tapete, atentos aos movimentos um do outro.

— Tenta tocar-me na cara e abro-te ao meio — aviso-o.

— Combinado — responde ele um segundo antes de investir na minha direção, tentando agarrar-me o tronco.

Eu conheço-lhe os movimentos e evito facilmente a primeira tentativa, rodando para longe dele. Ele é rápido. Não foi escolhido para chefe de divisão só por nepotismo. Sempre foi bom no tapete.

— Este ano estás mais rápida. — O Dain sorri como se estivesse orgulhoso de mim e voltamos a rodar no tapete.

— O Xaden ensinou-me umas coisas no ano passado.

Ele estremece, depois ataca, lançando-se de novo para o meu tronco. Eu rodo o punhal de forma a que a lâmina fique perpendicular ao meu antebraço quando me baixo para me esquivar do golpe e depois dou-lhe um murro de baixo para cima que lhe atinge a parte inferior do maxilar sem o cortar.

— Foda-se, é assim mesmo! — Ouço o Ridoc a gritar, mas não tiro os olhos do Dain.

O Dain pestaneja e roda o maxilar.

— Caramba. — Desta vez, ataca-me mais depressa. É mais difícil baixar-me e evitar os golpes dele sem que o braço balance, mas consigo aguentar-me até ele me apanhar desprevenida e me pregar uma rasteira.

Embato de costas no tapete e sinto uma tão dilacerante dor a irromper no ombro que vejo estrelas a balançar e dou um grito. Mas raios me partam se não tenho o punhal apontado à garganta do Dain quando ele me prende com o antebraço na clavícula menos de um instante depois.

Escudos. Tenho de manter os escudos levantados.

— Só quero falar contigo — sussurra ele, o rosto a centímetros do meu.

A dor não é nada comparada com o medo aterrador de o ver com as mãos tão perto de mim.

— E eu só quero que vás para o caralho e me deixes em paz. — Mantenho o punhal bem seguro onde ele o possa sentir. — Não é uma ameaça vã, Dain. Vais ficar aqui a sangrar até morrer no tapete se te passar sequer pela cabeça roubares-me uma das minhas memórias.

— Foi isso que o Riorson quis dizer quando disse *Athebyne*, não foi? — pergunta, num tom tão suave como os olhos dele... aqueles olhos tão familiares e com que sempre pude contar. Como raio é que acabámos aqui? Quinze anos da amizade mais forte que eu já conheci e o meu punhal pode acabar com ele se eu decidir fazer um simples movimento de pulso.

— Sabes muito bem o que ele quis dizer — respondo, mantendo a voz baixa.

Aparecem-lhe duas rugas entre as sobrancelhas.

— Eu disse ao meu pai o que vi quando te toquei...

— Quando me *roubaste* a memória — corrijo-o.

— Foi só o fragmento de uma memória. O Riorson disse-te que tinha ido para *Athebyne* com o primo. — Ele perscruta-me os olhos. — Os instruendos do segundo ano não saem daqui para fazer esse tipo de voo, por isso disse-o ao meu pai. Eu sei que vocês foram atacados no caminho, mas não tinha como saber...

— Tu disseste vou *ter saudades tuas*. — As palavras saem sibilantes. — E depois enviaste-me para uma missão suicida e acabaste por provocar as mortes do Liam e da Soleil. Sabias o que nos esperava?

— Não. — Ele abana a cabeça. — Eu disse que ia ter saudades tuas por o teres escolhido a *ele*. Eu disse-te que sabia coisas sobre ele, que ele tinha razões que tu desconhecias para te odiar, mas, mesmo assim, tu escolheste-o a ele. Eu sabia que estava a dizer adeus a qualquer hipótese de nós termos futuro naquele campo. Não fazia ideia de que havia grifos à espera para vos fazer uma emboscada.

— Se estás à espera que eu acredite nisso, não me conheces bem, seguramente. Além disso, conheço *todas* as razões que o Xaden tem para me

odiar e nenhuma delas interessa.

— Sabes das cicatrizes que ele tem nas costas? — pergunta ele em desafio e eu penso imediatamente em cortar-lhe a garganta para o tirar de cima de mim.

— As cento e sete pelos marcados por quem ele é responsável? Sei, sei. Vais ter de fazer melhor do que...

— Sabes quem é que lhe deixou as costas naquele estado?

Eu pestanejo e o cabrão vê a réstia de dúvida nos meus olhos.

— Rende-te! — grita o Sawyer da ponta do tapete.

— Tenho a mão um pouco ocupada neste momento — respondo sem tirar os olhos do Dain.

— Violet... — começa o Dain.

— Podes ter sido o meu amigo mais antigo, o meu melhor amigo, mas tudo isso acabou no dia em que *violaste* a minha privacidade, roubaste a minha memória e provocaste a morte do Liam e da Soleil. Nunca te vou perdoar por isso. — Faço força suficiente para que a lâmina lhe pressione um pouco mais a pele rugosa do cimo da garganta.

Os olhos dele arregalam-se com algo que parece desilusão.

— Foi a tua mãe — sussurra antes de se levantar devagar, primeiro até ficar de joelhos e retirar o antebraço da minha clavícula, para depois se pôr em pé. — Ganha ela — diz ele a sair do tapete. — Eu rendo-me.

Ele não estava a falar a sério. Não pode ter sido a minha mãe a desferir cento e sete cortes nas costas do Xaden. O Dain só está a tentar desassossegá-lo. Fico deitada a respirar fundo e a acalmar a pulsação. Depois, embainho o punhal e rodo, antes de me pôr de pé algo atabalhoadamente.

O professor Emetterio anuncia o desafio seguinte e eu saio do tapete e ocupo o meu lugar entre a Rhiannon e o Bodhi como se nada tivesse acontecido.

— Violet? — A pergunta nos olhos do Bodhi faz-me abanar a cabeça em resposta.

— Ele não me tocou. — Todos os segredos que tenho na cabeça estão em segurança.

O Bodhi assente com a cabeça e abandona o nosso tapete quando o Aaric se prepara para enfrentar um tipo do Pelotão Cauda que parece ter uma possibilidade de acabar com a sequência vitoriosa do nosso instruindo do primeiro ano.

— Anda comigo — ordena a Rhiannon, com o maxilar cerrado. — Agora.

— Vais usar o teu posto para falar comigo?

— Terei de o fazer? — Ela cruza os braços à frente do peito.

— Não. Claro que não. — Suspiro e sigo-a para o fundo do ginásio.

— Isto teve alguma coisa que ver com a coisa que ele te roubou? — pergunta a Rhiannon. — Porque, fosse o que fosse, não era para te derrotar.

— Teve, sim — respondo, a enrolar o pescoço ao sentir os efeitos do assomo de adrenalina a passar por mim e a deixar um mal-estar.

Ela fica à espera de que eu desenvolva a resposta e, ao ver que não o faço, suspira.

— Tens estado estranha o dia inteiro. É por causa do ataque?

— É. — Eu olho por cima do ombro e vejo a Imogen a observar-nos. Será que ela sabe que o Masen morreu?

— Vais mesmo obrigar-me a arrancar-te as respostas? — A Rhiannon deixa cair os braços para junto das ilhargas. — Juro pela Amari que se respondes que sim outra vez...

Opto por não dizer nada.

— Eu ouvi o que tu disseste na aula de História, sabias? — Ela deixa cair os ombros. — Disseste algo sobre um assassínio.

Foda-se.

— Sim, acho que sim.

Ela fita-me como que a examinar-me, o olhar a alternar entre os meus dois olhos. — De todas as pessoas que foram para Athebyne contigo, morreu

mais alguém além do Masen?

O meu olhar colide com o dela e o meu coração começa a palpitar.

— O Ciaran, que era da Terceira Esquadra. — Não lhe estou a dizer nada que outra pessoa não possa responder-lhe facilmente.

— E tu foste atacada no dia de aferição. A Imogen também já foi visada duas vezes desde o Parapeito. O mesmo aconteceu com o Bodhi e a Eya. — O olhar da Rhiannon semicerra-se. — O Dain tem um daqueles sinetes confidenciais — sussurra. — O que é que ele te roubou, Violet?

Deuses, ela está a juntar as peças depressa de mais. Além disso, devolhe toda a verdade que lhe puder dar.

— Uma memória — digo devagar.

Ela arregala os olhos.

— Ele consegue ver memórias.

Eu assinto com a cabeça.

— Ninguém devia saber disto.

— Eu sei guardar um segredo, Violet. — As feições denunciam mágoa e eu sinto mais um fio da amizade a desfazer-se como se tivesse sido eu a puxá-lo.

Ouve-se um coro de vivas atrás de nós, mas nenhuma de nós olha para trás.

— Eu sei. — É pouco mais do que um suspiro. — E eu confio em ti cegamente, mas nem todos os segredos são meus e não me cabe a mim contá-los. — A apreensão finca-me as garras no estômago. Ela vai perceber, é só uma questão de tempo. E, nessa altura, a vida dela vai estar tão em perigo como a minha.

— O Dain roubou-te uma das tuas memórias — repete ela. — E agora achas que os outros cavaleiros que estiveram contigo nos Jogos de Guerra estão a ser escolhidos a dedo.

— Para — suplico-lhe. — Faz-nos um favor a ambas e... — Abano a cabeça. — Para.

A Rhi franze o sobrolho.

— Tu viste alguma coisa que não devias ter visto, não viste? — Ela inclina a cabeça para o lado antes de desviar o olhar.

Eu paro de respirar. Conheço bem aquele olhar. Ela está a pensar.

— Foi essa a memória que ele te roubou?

— Não. — Eu inspiro. Ainda bem que ela está a apontar para o alvo errado. Um movimento à direita capta-me a atenção e eu olho para o lado e vejo o Aaric a caminhar na nossa direção agarrado ao pulso esquerdo. — Merda, acho que ele se magoou.

— O que é que matou o Deigh? — pergunta a Rhiannon.

De repente, deixa de haver oxigénio suficiente no ginásio, no Continente inteiro, mas eu consigo fazê-lo chegar aos pulmões e olhar para ela.

— Já conheces essa parte da história.

— Não da tua boca — diz em voz baixa, os olhos castanhos a enrugarem-se nas pontas quando ela os semicerra. — Estavas com o Liam nos braços e depois tiveste de lutar. Foi o que tu disseste. O. Que. É. Que. Matou. O. Deigh? — As palavras sussurradas deitam-me abaixo. — Foi outro dragão? Foi isso que aconteceu lá?

— Não. — Eu abano a cabeça com exaltação e depois viro-me quando o Aaric chega ao pé de nós. — Perdeste finalmente?

Ele solta um riso escarninho.

— Claro que não. Mas parti o pulso. Parece que tenho de te vir dizer — diz ele à Rhiannon.

— Eu levo-o para a enfermaria — digo-lhe.

— Violet... — começa a Rhiannon, com um tom que dá a entender que ela não acha que a conversa tenha acabado, mas acabou. Tem de ter acabado.

— Para. — Eu viro as costas ao Aaric e baixo a voz. — E não me voltes a fazer essa pergunta. Não me obrigues a mentir-te, por favor.

Ela puxa a cabeça para trás e olha para mim num silêncio de estupefação.

— Vamos — digo ao Aaric antes de começar a encaminhar-me para a saída e atirar o que acabou de acontecer com a Rhi para uma caixa que começa a transbordar.

Ele vem atrás de mim e as pernas compridas encurtam rapidamente a distância que nos separa. O corredor do primeiro andar da ala académica está deserto quando entramos e as nossas botas a bater no chão ecoam contra as janelas.

— Então, onde é que o teu pai pensa que estás? — pergunto-lhe quando viramos para a rotunda, tentando esquecer-me de tudo o que acabei de contar à Rhiannon e de tudo o que não contei.

— Ele acha que eu estou na minha digressão dos vinte e um anos — responde o Aaric, a esfregar o maxilar quadrado com barba de três dias com a mão e a dobrar o lábio superior em repugnância. — A beber e a foder pelo reino fora.

— Parece bem mais divertido do que o que estás aqui a fazer. — Abro a porta com o braço bom.

— Qual é a parte disto que não é divertida? — pergunta ele, avançando à minha frente e a abrir a porta seguinte com a mão que não está partida. — Entre nós os dois, temos um par de braços a funcionar.

Abro um sorriso quando entramos no corredor do dormitório.

— Sempre encantador, Cam.. — Estremeço. — Aaric. Foi um dia longo como o diabo. — E a única coisa que eu quero é contar ao Xaden como foi, mas ele só chega daqui a dois dias.

Descemos as escadas e, embora tenha mais ou menos a mesma altura do Xaden, o Aaric abranda o passo para que eu o possa acompanhar facilmente.

— Ela está a começar a perceber, não está? — diz ele quando chegamos aos túneis.

Os pelos na minha nuca eriçam-se e eu levanto a cabeça para olhar para o Aaric.

— A perceber o quê, exatamente?

— Eles não o esconderam tão bem como pensam. — O maxilar dele lateja. — É fácil de perceber se soubermos o que procurar. Pessoalmente, foram os punhais que os meus guardas começaram a usar que me fizeram perceber. — Lança-me um olhar. — Os punhais com os disquinhos de metal.

O meu coração palpita tão alto que o ouço nos ouvidos. Punhais. Discos de metal.

— E foi aos guardas que tive mais dificuldade em escapar — continua com um esgar. — Só vão dizer ao meu pai que me perderam quando tiver mesmo de ser. Só espero que seja depois da Debulha. Ele não pode fazer merda nenhuma depois da Debulha. Os dragões não têm de obedecer nem aos reis.

— Oh, merda. — O meu peito parece estar a ceder quando lhe agarro o braço bom, fazendo-nos parar antes do túnel. — Tu sabes, não sabes?

Ele levanta uma sobrancelha, aqueles olhos verdes da realeza refletem as luzes mágicas.

— Porque é que achas que eu vim para aqui?

A certa altura, provavelmente durante o segundo ano, vais perceber que a confiança que tens nos teus amigos e na tua família não tem nada que ver com a lealdade que desenvolves para com a tua esquadra.

— PÁGINA NOVENTA E UM, O LIVRO DO BRENNAN



CAPÍTULO XXII

Mais depressa. Tenho de correr mais depressa. O medo embarga-me a garganta quando uma onda gigantesca de mortes me percorre pelo campo queimado pelo sol onde o Tairn me espera de costas voltadas. O vento ruge à minha volta, abafando todos os outros sons, até o da minha própria pulsação. O Tairn vai morrer e nem sequer percebe que vai acontecer.

Vejo um brilho dourado na ponta da asa do meu dragão.

Deuses, *não*. A Andarna. Ela está aqui. Ela não devia estar aqui.

A onda morde-me os calcanhares, transformando o chão sob os meus pés numa área devastada e transformada em cinzas.

— Não tens para onde fugir, cavaleira. — Uma figura encapuzada intromete-se no meu caminho, vinda de nenhures, e levanta um braço.

Eu sou projetada por uma força invisível que me mantém a pairar no ar, completamente imobilizada. A onda de morte para e o vento silencia-se, como se a figura tivesse parado o tempo.

A figura passa o bastão de uma mão para a outra, antes de puxar o denso capuz avermelhado com os dedos retorcidos, revelando o escalpe branco sob o cabelo ralo penteado para trás. As maçãs do rosto cavadas no

rosto esquelético e sinistramente jovem estão marcadas por sombras e os lábios estão gretados e secos, tal como a terra atrás de mim, mas são os olhos raiados de vermelho, as veias distendidas a alastrar-se como uma teia de aranha pelas têmporas e pelas faces que me deixam com vontade de fazer um esforço para abrir a boca e gritar com todas as minhas forças.

Um venéfico.

— Que desilusão — admoesta, como se fosse o *meu* Mestre e não o professor da manipuladora de magia negra que eu matei no dorso do Tairn. — Tanto poder na ponta dos dedos e insistes em fugir, usando sempre a mesma tática falhada. Estás à espera de quê? — O venéfico inclina a cabeça para o lado. — De conseguir fugir?

As minhas costelas contraem-se em redor dos pulmões quando o terror me domina, e eu forço a garganta a emitir um som, que sai rachado e não ajuda a avisar o Tairn e a Andarna.

— Não tens como escapar-me, cavaleira — sussurra ele, os dedos a passar-me à frente da face, mas sem me tocar. — Luta e morre ou junta-te a mim e vive para além dos tempos, mas nunca me escaparás, uma vez que eu esperei *séculos* por alguém com poder.

— Vai-te foder. — As palavras saem como um suspiro, mas sinto-as com todos os ossos do corpo.

— Muito bem, é a morte então. — Ele parece deveras... desiludido ao baixar a mão.

O vento uiva quando eu caio ao chão. Um grito rasga-me o corpo quando uma onda de agonia me perpassa pela pele e pelos ossos, sugando-me a energia até ao tutano e...

Acordo com o coração a martelar, a pele húmida, os dedos enrolados no cabo preto do punhal.

Foi só um sonho. Foi só um sonho. Foi só um sonho.

— Vais dizer-me para onde vamos? — pergunto ao Xaden, no sábado, quando ele me conduz pelas escadas abaixo depois de sairmos do meu quarto.

— *Para a forja de Basgiath* — diz ele, depois de sairmos da ala académica para o pátio vazio. Chegou finalmente a época do ano em que a temperatura no exterior é igual à do interior. O outono está a fazer-se sentir.

Sinto o peito a contrair-se quando percebo que ele me está a levar para o local onde eles roubam as armas... e o que isso significa. Ele está a deixar-me entrar.

— *Obrigada por confiares em mim.* — As palavras não fazem jus ao sentimento.

— *Não tens de quê.* — Ele baixa a cabeça para olhar para mim e a expressão altera-se. — *Irei merecer alguma confiança em resposta agora?*

Eu assinto com a cabeça, afastando o olhar do dele antes de fazer algo impensado como deixar escapar aquelas duas palavrinhas que ele quer ouvir por estarmos a ter um momentinho nosso. Mas também posso partilhar um segredo com ele.

— *Encontrei um texto que dizia que os Primeiros Seis não criaram apenas as guarnições, mas lavraram sozinhos a primeira pedra de proteção que as alimenta.*

— *Já sabíamos isso.*

— *Em parte.* — Descemos em direção aos túneis que conduzem ao campo de voo e eu aceno com a cabeça a um dos instruendos do primeiro ano. Channing? Chapman? Charan? Merda, é algo parecido. Vou ficar mais atenta depois da Debulha, que é já daqui a algumas semanas. — *O texto falava na primeira pedra de proteção, o que significa que, se eles lavraram a pedra aqui, há uma boa possibilidade de terem lavrado a de Aretia. Estou no caminho certo.*

— *É bem visto.* — O Xaden abre a porta para os túneis e eu entro.

— *Eu sei o que tenho de procurar, mas não tenho a certeza onde poderá existir sequer.*

— *Que é?* — pergunta ele quando já vamos a caminho das escadas.

Tenho o coração a palpitar de entusiasmo por estar finalmente prestes a ver a forja e o luminar de que a revolução tanto precisa.

— *Preciso de um relato em primeira mão de um dos seis. O meu pai disse que viu um uma vez, pelo que sei que existem. A questão é se foram traduzidos e censurados deforma a não servirem de nada.* — Viramos para as escadas e paramos ambos abruptamente.

O major Varrish está a bloquear-nos o caminho.

— Ah, que bom vê-lo, tenente Riorson. — O sorriso é tão untuoso como sempre.

O medo aperta-me o coração. O Xaden está a transportar contrabando suficiente para ser executado doze vezes.

— Gostaria de poder dizer o mesmo — responde o Xaden.

— Encontrei-a! — grita o Varrish para o cimo das escadas. — Não devia estar a caminho do *campus* principal, Riorson? É lá que os oficiais ficam alojados quando nos vêm visitar, pelo que sei. — O olhar dele vira-se para mim.

Tenho de recorrer a toda a minha força de vontade para não recuar.

— Encontramo-la finalmente, cadete Sorrengail. — O professor Grady cumprimenta-me com um sorriso genuíno ao descer, o braço entrelaçado no do Ridoc, que tem as mãos atrás das costas.

O Ridoc lança-me um olhar de advertência e a apreensão encolhe-me o peito.

Não. Hoje não. Vamos ser levados.

— Parece que é difícil apanhá-la de surpresa — diz o professor Grady, com uma inflexão de admiração na voz. — A sua porta não permite a entrada de ninguém. — O professor olha de relance para o Xaden e os olhos baixam para as voltas e reviravoltas expostas da relíquia da rebelião que ele tem debaixo do maxilar. — Creio que lhe tem de agradecer a si por isso, uma vez que os instruendos do segundo ano não são capazes de criar guarnições. Faz com que apanhá-la para treino de interrogação seja um pouco mais difícil.

— Não vou pedir desculpa. — O Xaden baixa as sobrancelhas quando os cavaleiros do Varrish, os que costumam despejar os meus pertences no campo de voo, dobram a esquina acima do professor Grady. Um está acompanhado pela Rhiannon e o outro pelo Sawyer. Os meus colegas têm ambas as mãos atadas atrás das costas.

Parece que a nossa esquadra é a próxima a ser interrogada... e eu estava quase a ver o segredo dos segredos. Obrigo-me a respirar, fazendo um esforço para evitar um enjoo.

— Ela está de licença. — O Xaden puxa-me para o lado e coloca-me atrás das costas dele. — E a recuperar de uma lesão. — As sombras descem das extremidades das escadas e formam uma parede à altura da cintura. — *Ele vai usar esta oportunidade para te matar pela vergonha que o Tairn o fez passar a ele e ao Solas.*

— Não *podes* ter a certeza disso.

— *As intenções dele são claras como o caralho. Acredita.*

— Não, o *tenente Riorson* está de licença — diz o Varrish com um brilho de satisfação nos olhos. — A cadete Sorrengail vai para o treino. — Espeta o dedo na parede de sombras e estremece. — Bem, isto é fascinante. Não admira que seja tão cobiçado. Vocês os dois são realmente qualquer coisa.

— *Não me podes proteger disto, tal como não podias na Debulha* — digo ao Xaden, a afastar-me do abrigo do corpo dele. — *Sabes que é verdade.*

— *Não eras minha na Debulha* — riposta ele.

— *E não sou tua agora* — lembro-lhe. — Eu fico bem — digo em voz alta. — Baixa a barreira.

— Ouça a sua namoradinha — sugere o Varrish. — Detestaria ter de informar a chefia de que desobedeceu a uma ordem, ou pior... cancelar a licença da cadete Sorrengail no próximo fim de semana. Não há nada que possa fazer neste caso.

Oh, foda-se. Esta *não* é a forma de lidar com o Xaden. Dar-lhe ordens só o faz insistir mais. E separar o Tairn e a Sgaeyl durante duas semanas é

mais do que eles conseguem aguentar.

— Eu não faço parte da sua cadeia de comando, pelo que não tenho nenhuma obrigação de seguir as putas das suas ordens e há *sempre* alguma coisa que eu possa fazer. A cadete Sorrengail não está em condições de ser torturada, e se o cabrão do chefe de divisão dela não está aqui para a defender, estou eu.

— *Sgaeyl!* — contacto pelo canal que evito quase a qualquer custo. — *Eles vão cancelar a licença da semana que vem se ele não ceder.*

— Está muito magoada, cadete Sorrengail? — pergunta-me o Grady, com a preocupação gravada no rosto.

— Desloquei um ombro na semana passada — respondo.

— *Eu escolhi-o pela incapacidade de ceder* — lembra-me a Sgaeyl.

— *Isso não ajuda neste momento. Tenho de te lembrar do que ele está a transportar?*

— *Está bem. Mas só para que esta conversa acabe.*

— O chefe de divisão da cadete Sorrengail tem outros compromissos — diz o Varrish ao Xaden. — E fique à vontade para continuar a discutir comigo. Tem razão. Não pertence à minha cadeia de comando, mas, como já tive a oportunidade de lembrar ao dragão da cadete Sorrengail, *ela está*. Ou não teve conhecimento da sessão disciplinar que lhe foi aplicada? Detestaria que ela tivesse de a repetir só para que o tenente aprenda a sua lição. Seja como for, poderá sempre juntar-se a nós.

O Xaden sorri, mas não é um sorriso que me aqueça o coração. É aquele que me arrepia cada célula do corpo, a curva cruel e ameaçadora dos lábios que vi pela primeira vez no estrado quando ele era meu chefe de divisão.

— Um dia vamos ter uma conversinha, major Varrish. — Ele dissipa a barreira de sombras e levanta uma sobrancelha na minha direção. — *Foste falar com a Sgaeyl?*

— *Não peço desculpa por te salvar o couro da tua teimosia.* — Estendo a mão boa e o Grady avança e ata-a com cuidado à que está pendurada ao peito. Pelo menos, não me puxou o ombro ferido para trás das

costas, mas, caramba, a corda é apertada. — *Há um livro na minha secretária que tem de ser devolvido aos Arquivos.*

A ira arde nas profundezas dos olhos ónix com salpicos dourados do Xaden. — Eu tratarei disso.

— Vemo-nos para a semana — sussurro. — *Diz-lhe que a página 304 refere um livro que eu gostaria de ler.*

— Sim, para a semana — responde ele com um aceno de cabeça e os punhos fechados quando o Varrish avança com os outros membros da minha esquadra. — Violência, não te esqueças de que é só o corpo que é frágil. *Tu és inquebrantável.*

— Inquebrantável — repito para comigo quando o professor Grady me leva com ele.

O que acontece entre quatro paredes no Quadrante dos Cavaleiros com vista a transformar jovens cadetes em cavaleiros de pleno direito é suficiente para fazer revirar o mais firme dos estômagos.

Quem for mais dado a enjoos deve virar a cabeça para o outro lado.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS

DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XXIII

A chave está na gaveta da minha secretária.

No que respeita a segredos, este é tão pouco criativo que chega a ser ridículo. Não obstante, é o que me é discretamente contado depois de entrarmos nas instalações de treino. A entrada está tão bem escondida na vertente do penhasco sob as paredes que constituem os alicerces do quadrante que eu nunca a tinha visto, ao fim de tantos anos a viver neste lugar. É extraordinariamente acessível para o que se propõe.

A antecâmara da gruta vigiada e sem janelas não é assim tão má quando pensamos em câmaras de tortura. Poderia até ser usada como gabinete. Uma enorme secretária de madeira ocupa o centro do espaço, com uma cadeira de costas altas de um lado e duas do outro. Eles desarmam-nos assim que chegamos e as nossas armas ocupam um espaço respeitável da superfície da secretária.

Mas são as duas câmaras seguintes que me fazem desejar não ter tomado o pequeno-almoço. Ambas as portas são reforçadas com aço e ambas têm uma janela com barras, cada uma das quais está fechada por uma lingueta de aço neste momento.

— Todos vocês receberam informação confidencial que deverão proteger — diz o professor Grady, já a levar-nos para a câmara à direita. O centro do espaço abobadado é ocupado por uma mesa de madeira desgastada com seis cadeiras e, junto às paredes de pedra arredondada, há cinco camas de madeira sem colchões e uma porta que eu desejo desesperadamente que dê para uma casa de banho ou as coisas vão ficar esquisitas nos próximos dias. — Sentem-se. — Faz sinal para a mesa.

Fazemos o que nos mandam. A Rhiannon e eu dirigimo-nos para um lado da mesa e o Ridoc e o Sawyer para o outro, e sentamo-nos todos sem usar as mãos depois de arrastarmos os pés de madeira das cadeiras no chão de pedra.

— Por enquanto, estamos naquilo a que se costuma chamar os cenários de sala de aula. Lembram-se do que isso significa? — O professor Grady estende os braços para trás do Sawyer e, um segundo depois, as mãos do Sawyer estão livres.

— Significa que não estamos num cenário de avaliação — responde a Rhiannon. — Podemos fazer perguntas.

— Correto. — O professor Grady dirige-se para trás do Ridoc e faz o mesmo. — O objetivo deste exercício é, na verdade, ensinar-vos a sobreviver à captura — assegura-nos. — Os próximos dois dias são meramente instrutivos. — Ele estende a mão para a minha corda e desata-a com uma delicadeza surpreendente. — São uma aferição.

— Para saberem que pontos pressionar quando chegar o momento da verdade — diz o Ridoc a esfregar os pulsos.

— Exatamente. — O professor Grady sorri. — Vai ser divertido? De maneira nenhuma. Vamos ser compassivos? Também não. — Ele avança para a Rhiannon assim que as minhas mãos ficam livres. — E o vice-comandante Varrish parece ter desenvolvido um interesse particular pela vossa esquadra, sem dúvida, porque aqui a cadete Sorrengail é toda ela um enorme

patrimônio. Por isso, infelizmente, parece que vamos ser todos avaliados pela forma como lidamos com esta situação.

Entram dois cavaleiros com tabuleiros de comida e canecas de peltre, que pousam em cima da mesa. Há bolachas mais do que suficientes para nós os quatro e um frasco do que parece ser doce de morango.

— Comam e bebam — diz o professor Grady, a fazer sinal para os tabuleiros. — Não vão ter a oportunidade de o fazer assim que iniciarmos o cenário. Além disso — o professor esboça um sorriso —, há um emblema disponível se conseguirem fugir. Pelo que sei, não houve nenhuma esquadra que o tenha conseguido fazer na última década.

— É como se já fosse nosso — responde o Ridoc.

— Confiança. — O professor Grady assente com a cabeça para o Ridoc. — Gosto disso num instruendo do segundo ano. — Encaminha-se para a porta e vira-se. — Eu aviso-vos quando iniciarmos o cenário. Até lá, todos vocês têm de partilhar um segredo. Algo que ninguém a não ser vocês os quatro possa saber de forma nenhuma. E, sim, vamos tentar arrancar esses segredos de cada um de vocês, bem como as expressões secretas que vos foram dadas. Lembrem-se dos mecanismos de resistência que vos foram ensinados na aula até agora e isto acabará depressa. Todos os cavaleiros que se graduaram estiveram sentados onde vocês estão neste momento e superaram o que vocês estão prestes a experimentar. Tenham confiança nas vossas capacidades. Estamos a fazer isto *por* vocês, não a fazer-vos isto a vocês. — Lança-nos um último sorriso tranquilizador, depois sai e fecha a porta.

A Rhiannon avança imediatamente para a porta e estuda as barras e a lingueta fechada.

— Não me parece à prova de som, mas, se falarmos em voz baixa, podemos ter alguma privacidade. — Leva a mão ao puxador. — E estamos trancados, disso não há dúvida.

O Sawyer divide a comida pelos quatro pratos que nos deram.

— É tudo tão... civilizado — observo quando ele desliza um prato para a minha frente.

A Rhiannon vai verificar a outra porta.

— E aqui é uma casa de banho, graças aos deuses.

— Será que nos privam dela durante o teste a sério? — pergunta-se o Ridoc, a espalhar doce numa bolacha com a única faca que nos foi disponibilizada.

— Foda-se, espero que não — diz o Sawyer, a pegar na faca da mão do Ridoc. — Mais alguém a perguntar-se se vamos ter companhia? — Acena com a cabeça para a cama ao fundo.

— Estatisticamente, há cinco instruendos do segundo ano vivos em cada esquadra neste momento — digo, estendendo a mão para uma das canecas do tabuleiro. — Nós perdemos a Nadine.

Faz-se um silêncio de um segundo, talvez dois.

— Bem, não vamos perder mais ninguém. Nós os quatro vamos chegar à graduação — diz a Rhiannon, a pegar numa caneca para ela. Cheira-a e pousa-a. — Cheira a sumo de maçã. Muito bem. Não sabemos quanto tempo temos, por isso vamos lá. Escolham um segredo, seja ele qual for, e partilhem-no com o grupo. — A faca e o doce vão para ela a seguir. — Eu começo. No ano passado, quando estivemos em Montserrat, a Violet e eu demos uma escapadela para eu poder ir ver a minha família.

— Vocês o quê? — As sobrancelhas do Sawyer levantam-se.

O Ridoc engole um pedaço de bolacha.

— Espetacular. Não sabia que serias capaz de quebrar as regras, Violet.

— Oh, a Violet é um *poço* de segredos, não és, Violet? — A Rhiannon lança-me um olhar e estende-me a faca.

— A sério? — Barro o doce com um toque de agressividade a mais.

— Uau. — O Ridoc olha alternadamente para nós as duas. — Estarei a detetar alguma tensão?

— Não — respondemos em uníssono e depois olhamos uma para a outra, deixamos descair os ombros e ela suspira, desviando o olhar. Suponho

que é aqui que pomos os nossos limites. Esta coisa por que estamos a passar é só entre nós. — Estamos bem — diz ela.

Fico a sentir-me um pouco melhor por alguma razão, mas não muito.

Mordo uma bolacha e mastigo-a bem só para prevenir um eventual vômito depois do que nos hão de fazer passar. Preciso de um segredo que possa partilhar e que não mate nenhum deles.

— Eu não disse aos meus pais que tive de repetir o primeiro ano — diz o Sawyer, com o olhar fixado no prato. — Eles nem sequer questionaram a primeira carta que lhes escrevi este ano. Assumiram que os cadetes do Quadrante dos Cavaleiros não podiam escrever nos primeiros dois anos e eu deixei-os acreditar nisso. A única coisa que eu queria era que eles não tivessem vergonha de mim.

— Tu não és vergonha nenhuma — digo em voz baixa a estender a mão para a caneca. — E tenho a certeza de que estão felizes por estares vivo. Muitos de nós não tiveram a mesma sorte.

— Concordo. — O Ridoc acena com a cabeça, as mãos envoltas na caneca. — Eu morro de medo de cobras.

— Isso é um segredo de merda — riposta o Sawyer, com a boca a curvar-se num sorriso.

— Surpreende-me com uma e vais ver a merda que é. Além disso, não o conhecias, pelo que vale. — O Ridoc encolhe os ombros. — A ideia é que não tenhamos fraquezas no quadrante, não é? Essa é a minha fraqueza. Grito como um bebé sempre que vejo uma.

Toda a gente olha para mim. Cá vamos nós.

— Estou apaixonada pelo Xaden Riorson. — À Mira. A eles. Parece que consigo dizê-lo a toda a gente *menos* ao Xaden.

— Detesto desiludir-te, mas isso não é segredo nenhum — diz o Ridoc a abanar a cabeça.

— Então, não é? — respondo, com a mão a fechar-se na caneca.

— Não — intervém o Sawyer. — Longe disso.

— Já não é há algum tempo — acrescenta Rhi, a lançar-me o primeiro sorriso verdadeiro que eu lhe vi em semanas. — Vais ter de fazer melhor do que isso.

Eles deviam ser o meu centro, a minha espinha dorsal, o meu lugar seguro.

É por isso que os colegas de esquadra estão proibidos de se matar uns aos outros. Venéficos. Serpes. Os punhais. As guarnições. A Andarna. O Brennan. Aretia. Tenho demasiados segredos para contar e nenhum deles está mais seguro por isso. Estão abençoadamente ignorantes.

— O meu segredo não pode ser o mesmo que o da Rhiannon? — pergunto.

— Não — respondem todos.

Uma coisa. Tem de haver uma coisa que eu lhes possa contar e que os possa ajudar a preparar-se para o que está para vir.

— A nossa infantaria mata civis de Poromiel junto à fronteira.

— O quê? — O Sawyer inclina-se para a frente e as sardas ganham evidência quando o sangue lhe desaparece do rosto.

— Não pode ser — aponta o Ridoc.

A Rhiannon olha para mim em silêncio.

— Aconteceu quando eu estive em Samara. — Olho-os a todos nos olhos. — Estejamos ou não a receber essa informação no Sumário de Batalha, está a acontecer. É um segredo suficientemente bom?

Assentem todos com a cabeça e eu desvio o olhar quando apanho a Rhiannon a estudar-me.

— Ainda bem — digo, a levantar a caneca. Os outros fazem o mesmo. Eu inspiro e inclino a caneca para beber... — Parem! — digo entre dentes. — Não bebam. — Pouso a caneca devido ao veneno que contém.

— Que raio? — pergunta o Ridoc, a pousar a caneca dele na mesa.

— Tem o mesmo cheiro da água que eles nos deram no curso de orientação em terra — sussurro.

A Rhi e o Sawyer também pousam as suas canecas.

— Estão a tentar desligar-nos dos nossos dragões — observa o Sawyer.

— Ou a entorpecer-nos os sinetes — acrescenta a Rhiannon. — Alguém bebeu? Abanamos todos as cabeças.

— Boa. Ninguém lhes diz nada. Fazemos de conta que estamos desligados. — Levanta-se rapidamente e nós seguimo-la para despejarmos o conteúdo das canecas na sanita. — Podemos sobreviver três dias sem água e devemos poder sair daqui amanhã. Por mais sede que tenhamos, vamos sobreviver. Não vamos ceder.

Agora percebo as bolachas. Tenho a boca seca como se tivesse comido areia.

— Não vamos ceder — concorda o Sawyer quando voltamos para a mesa e nos sentamos.

— Que se foda essa história do amanhã. Por mim, fugimos hoje à noite — sussurra o Ridoc. — Tem de haver chaves que tu sejas capaz de transportar, não? — diz à Rhi.

— Não consigo atravessar paredes com elas. — A Rhi abana a cabeça. — Estou quase, mas ainda não cheguei a esse ponto.

— E tu não consegues dobrar as dobradiças de metal? — Esta pergunta é dirigida ao Sawyer. — Caramba, eu posso trazer humidade do ar e forçar gelo pela fechadura. — Vira-se para mim.

— Eu não tenho serventia nenhuma nesta situação. — Recosto-me na cadeira.

A porta abre-se e o professor Grady entra.

— Não conseguimos contactar os nossos dragões — diz a Rhi a levantar o queixo. — Enganaram-nos.

— Lição número um. — O professor levanta um dedo. — Estamos sempre num cenário.

Dez minutos depois, descobrimos o que há na segunda câmara — e que não é muito — quando eles acorrentam o Ridoc, a Rhiannon e o Sawyer à parede de pedra junto à qual os mandaram sentar-se. Estão suficientemente

próximos uns dos outros para quase se poderem tocar com os pulsos presos em algemas penduradas. Há pelo menos outros seis pares de correntes em cada um dos lados dos três e as luzes mágicas acima de nós mostram todos os salpicos de sangue na pedra.

— Suponho que a cadeira seja para mim — digo ao professor Grady, a olhar para a cadeira de madeira manchada no centro da câmara cilíndrica e para as algemas em redor de cada braço e perna. O meu coração palpita como se pudesse fugir-me do peito e desta câmara. Há um ralo debaixo da cadeira, mas eu recuso-me sequer a pensar para que servirá.

— É. — Ele faz sinal para a cadeira e eu sento-me, ignorando todos os instintos que me dizem para fugir. O pânico ameaça sufocar-me quando ele me prende o braço direito a uma algaema, depois faz o mesmo com as minhas pernas, deixando-me o ombro deslocado ao peito. — É aqui que vos deixo.

— Faz o quê? — O Ridoc força as algemas dos pulsos, mas elas não cedem.

— Eu vou ler os relatórios e dar-vos os meus conselhos antes do exame — diz-nos. — Mas aprendemos há muito tempo que serem os professores a fazer o interrogatório não promove as relações de confiança entre os professores e os cadetes. — Olha para cada um de nós à vez. — Lembrem-se do que aprenderam. Eles vão tentar separar-vos, virar-vos uns contra os outros ou fazer com que pensem que falar é um ato de misericórdia. Usem as estratégias que leram. Confiem uns nos outros. Eu vou estar lá fora perto da entrada. Se chegarem até mim, conquistam um emblema. Boa sorte. — O professor Grady sorri como se não tivesse acabado de nos deixar à mercê da tortura e vai-se embora.

— Esta é uma boa altura para admitir que não cheguei a essa parte das leituras? — pergunta o Ridoc assim que estamos sozinhos.

— Não! — A Rhiannon olha para ele com uma expressão furiosa.

— Violet, estás bem? — pergunta o Sawyer.

— Sou a única sentada numa cadeira, pelo que acho que estou melhor do que vocês — gracejo, mas ninguém se ri e a porta abre-se atrás de mim.

Um cavaleiro e uma cavaleira que eu nunca tinha visto entram na câmara. O homem lança-nos um sorriso.

— Bem, vivam. Todos vocês são prisioneiros selecionados para interrogatório — diz ele, encostando-se à parede, ao lado, mas fora do alcance, do Sawyer. É um homem vulgar que não se distingue pela altura, pela aparência, nem sequer pelo cabelo. Podia ter passado por ele uma dúzia de vezes nos corredores de Basgiath ou em qualquer um dos postos avançados sem reparar nele. O mesmo se aplica à mulher. É como se não ter nenhum traço distintivo fosse um requisito para a função.

A mulher anda à minha volta, um abutre à procura de uma fraqueza. Eu levanto o queixo, determinada a não mostrar nenhuma.

— Cada um de vocês tem uma informação de que nós precisamos — diz o homem. — Deem-na agora e isto acaba imediatamente. É tão simples como isso.

— O meu mapa está debaixo do meu colchão — diz o Ridoc.

Eu deixo *cair* o caralho do queixo.

— Ah, está a ver se usa a estratégia de começar a mentir imediatamente para que não saibamos quando estão a dizer a verdade. — O homem sorri abertamente. — É uma boa estratégia, mas, infelizmente para si, o meu sinete é semelhante ao da tenente Nora e tem que ver com as funções fisiológicas. Em termos leigos, eu saberei quando estará a mentir, o que é o caso neste momento.

A mulher ataca e as costas da mão batem-me com tanta força na face que a minha cara gira para o lado. Sinto um assomo de dor e pestanejo rapidamente, depois passo a língua pelos dentes. Não tenho sangue.

— *Prateada!*

— *Agora não.* — Fecho os escudos para o poupar ao que está a acontecer.

— Violet! — grita o Ridoc, a agitar-se contra as correntes.

— Eu estou bem — digo-lhe; digo-lhes a *todos*, na verdade. Faço o que sempre fiz, compartimentalizo a dor e supero-a, forçando um sorriso. — Estão a ver? Bem.

A Rhiannon disfarça o horror rapidamente, mas o Sawyer não se dá ao trabalho de esconder a repugnância em relação aos nossos captores.

— Tu és a mais fraca. É por isso que és a primeira — diz a mulher, com o desdém a escorrer-lhe da voz baixa. — Lemos os relatórios de todos vocês. — Agacha-se à minha frente, olha-me de cima a baixo e fixa a atenção no meu cabelo, no rubor de calor na minha face que estou certa de que está marcada com a mão dela e, por fim, no braço ao peito. — Como é que uma pessoa tão *frágil* como tu sobreviveu ao primeiro ano?

— Vocês os três levaram-na ao colo, não foi? — diz o homem, a olhar para os meus colegas de esquadra. — Que fardo injusto para instruendos do primeiro ano.

— Não lhes digam nada que eles possam usar contra nós — ordena a Rhiannon. A mulher ri-se.

— Como se nós não soubéssemos já tudo. — Levanta-se devagar. — Diz-nos o segredo que estás a guardar.

— Vai-te foder. — Eu preparo-me para mais um golpe e, claro, a mão dela não demora a voar de encontro ao meu rosto. Desta vez, sinto o sabor a sangue, mas nenhum dos dentes está a abanar. Construo uma parede mental em redor da dor, imaginando-a a desaparecer no interior da caixa que construí para ela, tal como faço com os meus escudos.

— Que boca tão suja para uma filha de uma general — troça a mulher.

— A quem acha que a fui buscar?

A fachada da mulher descai, uma vez que ela se ri genuinamente por um instante antes de disfarçar.

— E o que acham disto? Se algum de vocês me contar o seu segredo, eu não vou fazer esta carinha laroca em pedaços.

— Vai ser preciso muito mais do que isso para nos fazer ceder.

— Não podia estar mais de acordo. Não olhem — digo aos meus colegas de esquadra, antes de me preparar para nova pancada.

A mulher bate-me do outro lado, mais acima, e a minha bochecha explode. Pelo menos, é isso que eu sinto. A onda inicial deixa-me

maldisposta antes de se dissipar numa palpitação seca. Fico com a visão do olho direito turva e sinto algo húmido a escorrer-me pela face.

— Talvez ela não seja a chave — diz a mulher a recuar da minha frente e a dirigir-se para os outros. — Talvez vocês já estejam cansados de levar este peso morto ao colo. — Levanta a cabeça do Ridoc. — Ou talvez ela só seja forte consigo própria. — Dá-lhe um murro à queima-roupa no rosto. O sangue e a saliva batem na parede ao lado dele.

A raiva sobrepõe-se à dor e eu tento lançar-me para a frente, mas não só tenho os braços e as pernas algemados, como a cadeira está pregada ao chão.

Ela olha para mim por cima do ombro.

— Tens o poder de acabar com isto. — Dá novo golpe.

Eu fecho os olhos e desejo poder fechar as orelhas quando ouço o gemido do Ridoc depois do murro seguinte. E do outro a seguir. E de mais um. Quando abro os olhos — correção, o olho —, já todos fomos espancados.

— Deixa-os ficar assim a pensar por um minuto — sugere o homem. — Daqui a um par de horas já vão estar mais tenrinhos. — A mulher concorda e saem ambos, fechando a porta, mas não a lingueta da janela.

— Bem, esta merda é fodida. — O Sawyer cospe sangue para o chão.

— Violet, o teu olho... — diz a Rhiannon baixinho.

— Está a ficar tapado com o inchaço, não a cair. — Encolho o ombro bom.

— Se é assim que eles começam, o que virá a seguir? — pergunta o Ridoc, que tem um corte bem aberto na face.

— Vão tentar virar-nos uns contra os outros — responde a Rhiannon.
— Não nos deixamos quebrar. Combinado?

— Combinado. — Todos nós respondemos da mesma maneira.

A pior parte não é a dor do olho inchado. São as horas de espera, o não saber quando vão voltar e fazer ainda pior. E depois o pior vem e deixa-nos com mais feridas em vários lugares.

Tenho quase a certeza de que o último golpe provocou uma concussão no Sawyer.

Sem janelas, é impossível saber quanto mais tempo temos de esperar, uma vez que não sabemos que horas...

— *Que horas são?* — pergunto ao Tairn, baixando os escudos o suficiente para comunicar.

— *Quase meia-noite* — responde ele. — *Estás...*

— *Não termines a pergunta. Tu sabes o que acontece aqui.*

— *Sim, sei.*

— É quase meia-noite — digo aos outros em voz baixa. — Ainda temos de aguentar a noite inteira.

— O Tairn está a ouvir os sinos? — pergunta o Sawyer, a virar o rosto para o braço algemado para limpar algum do sangue.

— Não exatamen...

A porta abre-se e o homem entra com uma caneca de peltre na mão.

— Quem é que tem sede? — Para em frente do Sawyer, colocando-se à minha frente e impedindo que eu veja a cara do meu amigo. — Está aqui mesmo. E não tens de me contar o teu segredo. Só tens de me contar um dos deles. — Faz sinal para os outros. — Não conta como cedência. É só um pormenor pessoal que não significa nada.

— Vai-te foder.

— Pena. — O homem inclina a cabeça. — Não estás com sede suficiente ainda. Vais lá chegar. — Avança para a Rhiannon, depois para o Ridoc e depois para mim. As nossas respostas são semelhantes.

— São um grupo unido, não são? — Sinto arrepios na espinha quando o Varrish entra a olhar para todos nós com uma alegria indisfarçada.

— São, sim, major — diz o homem.

O Varrish passa o polegar pelo queixo.

— Por esta altura, já é costume terem dado um pormenor pessoal, não é?

— É, sim, major.

Sinto o orgulho a inundar-me as costelas.

O Varrish baixa-se e dá um piparote no emblema de Esquadra de Ferro no peito do Ridoc.

— Creio que foi assim que conquistaram isto no ano passado. — Levanta-se e suspira. — Isto está a demorar demasiado.

— Estamos a usar o protocolo de interrogatório padrão, major — diz a mulher a entrar na câmara.

— Então, ainda bem que eu estou aqui. — O bom humor do Varrish assusta-me mais do que o punho da mulher. — Esta é a minha área de especialidade: os interrogatórios. E tenho o instrumento certo para os fazer ceder em tempo recorde. — Olha para o corredor e dobra os dedos. — Entre. Não se acanhe.

Os olhos da Rhiannon arregalam-se e saltam da porta para mim. O medo que eu lhe vejo na expressão atinge-me como um murro no estômago.

— Creio que todos conhecem o chefe de divisão Aetos.

Há anos em que aparece uma esquadra que ultrapassa todas as expectativas. Sobe na hierarquia, conquista todos os emblemas, vence todos os desafios.

Depois... falha e cai inexplicavelmente. Dizem que é o efeito do esgotamento: começam demasiado depressa e demasiada vivacidade para aguentarem o ritmo. É triste, na verdade, mas ligeiramente divertido vê-los a virarem-se uns contra os outros.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XXIV

O Dain entra no meu campo de visão e o meu coração bate no chão de pedra quando eu o vejo a olhar para os meus amigos antes de se virar para mim. Arregala os olhos ao ver o meu rosto ferido e inchado.

— Violet.

— *O Dain está aqui.* — Contacto o Xaden mesmo com o medo a paralisar-me no lugar. Isto não pode acontecer. Não estou certa do que o Dain sabe, mas não é de certeza tanto como eu.

— *Estou a caminho.* — O tom tenso da voz do Xaden basta para que eu saiba que as coisas não vão acabar bem.

— *Não podes fazer nada.* — Reforço os escudos, colocando toda a minha energia mental na tarefa e retirando poder do Tairn para os robustecer, empilhando duas filas de tijolos nos meus Arquivos mentais.

— Não compreendo — diz o Sawyer. — Porque é que o chefe da nossa divisão está aqui?

— Veio defender a Violet como o Riorson disse que um chefe de divisão devia fazer — responde o Ridoc, com esperança na voz. — Não é, Aetos?

— Não veio, não — respondo, sem tirar os olhos do Dain e das mãos dele.

— Os regulamentos dizem que os cavaleiros devem estar em boas condições físicas antes do início da aferição do interrogatório — atira o Dain, arrancando o olhar do meu para se dirigir ao Varrish. — É evidente que a cadete Sorrengail não está em boas condições físicas.

Eu pestanejo em surpresa.

— Sempre tão rigoroso com as regras. — O Varrish estala a língua. — Os regulamentos dizem que *devem*, não que *têm de* estar. É mais realista um cavaleiro estar ferido quando é capturado.

— O que é que eu estou aqui a fazer? — pergunta o Dain.

— A testar uma teoria. — O Varrish sorri. — Mas enquanto esperamos que o nosso convidado chegue, é melhor praticar com ela. — Aponta para mim.

Convidado? O meu medo é substituído por raiva.

— *Não venhas. O Varrish quer ver se vens. Acho que ele está a testar o preparado que bloqueia os vínculos.*

— *Se ele vir a tua memória, todo o movimento fica em risco.*

— *E se tu vieres para aqui a brandir sombras para todo o lado, ele vai perceber que eu tenho algo a esconder e isto irá tornar-se um interrogatório a sério. A tua única opção é confiares que me treinaste suficientemente bem.* — Um resgate soa bem em teoria, mas daria cabo de todos nós.

— *Violet...* — A súplica na voz dele deixa-me a ponto de quebrar.

Ponho o último tijolo no lugar e bloqueio o Xaden.

— Quer que eu... — O Dain levanta as sobrancelhas.

— Sim. Que use o seu sinete nela. Só para lhe sacar a expressão secreta, claro.

— O meu sinete é *confidencial*.

— E ela já o conhece — diz o Varrish, a abanar a cabeça como se não fosse nada de mais. — Não conhece? É por isso que está tão zangada consigo. Ela culpa-o pelo que aconteceu ao amigo dela. — O Varrish avança alguns passos. — É extraordinário o que se pode aprender simplesmente por meio da observação.

O Dain abana a cabeça.

— Não vou fazer isso.

— Então como é que vai praticar para reforçar a sua capacidade e ir além dos eventos recentes? Estamos a ficar sem civis por aqui e o Nolon está a ficar cansado de os reparar. Além disso, se acha que ela não contou ao resto da esquadra o seu pequeno segredo, tem-na em demasiada consideração.

Caramba. Tal como o Carr é meu professor, o Varrish é o professor do Dain.

Qual será o raio do sinete do nosso vice-comandante?

O Dain retesa-se e os olhos dele perscrutam os meus.

Não o nego. Não posso. Minto muito mal, e com o achador de mentiras — ou lá como o sinete dele se chama — do outro lado da câmara, o melhor é manter a boca calada.

— O seu sinete foi *feito* para isso. É a primeira linha de defesa, Aetos. Ela poderia ser uma espiã de Poromiel ou uma voadora de grifos. O Aetos poderia salvar o reino inteiro se lhe arrancasse os segredos da memória. — O Varrish olha para mim como se eu fosse um animal pronto para ser estudado. — Vai poder ver o que aconteceu realmente naquele dia em que os dois marcados foram mortos por — levanta a cabeça para o lado — grifos, não foi, cadete Sorrengail? A verdade está à sua espera, chefe de divisão Aetos, e mais ninguém a poderá descobrir.

Inspirar. Expirar. Concentro-me em acalmar a pulsação sem nunca desviar os olhos do Dain.

— Caraças — murmura o Ridoc. — Ele consegue o quê?

Eu mantenho os olhos no Dain. Como é que alguém pode ser-nos tão próximo e ao mesmo tempo tão estranho? Ele é o mesmo rapaz com que eu subi às árvores, o mesmo com que ia ter a correr sempre que alguma coisa corria mal. Mas também é a razão por que a Soleil e o Liam estão mortos.

— Pode ficar a saber o que é que ela vê nele — sussurra o Varrish, a aproximar-se do Dain. — Porque o escolheu a ele e não a si. Não quer saber? Todas as respostas estão ali mesmo. Só tem de saber onde procurar. — Tenho de admitir que o homem consegue ser persuasivo como o *caralho*.

A guerra nos olhos do Dain aperta-me a garganta e, quando ele estende as mãos para o meu rosto, eu arqueio o pescoço e inclino-me o mais para trás possível.

— Não. — A palavra sai com esforço.

— Não. — Ele repete a minha recusa devagar e baixa as mãos, desviando o olhar do meu. — Não vou participar numa aferição de interrogatório de uma cadete com uma lesão prévia — diz ele ao Varrish por cima do ombro.

Depois, sai.

Eu inspiro com alguma dificuldade e o ar passa pelo aperto que sinto na garganta e entra-me pelos pulmões.

Os olhos da Rhiannon cruzam-se com os meus e depois fecham-se devagar em alívio.

— Bem, isto foi desapontante e anticlimático — diz o Varrish com a testa franzida como eu nunca a tinha visto. — Cabrão do seguidor de regras. Lá terei de voltar para as táticas tradicionais, pelos vistos. — O Varrish puxa o braço atrás antes de eu me poder preparar e desfere-me um murro forte no ombro deslocado.

A agonia domina-me todos os sentidos.

E depois só vejo preto.

O Nolon paira sobre mim quando eu acordo. Eu pulo da cama de madeira e ele recua.

— Cá está ela — diz ele, a sentar-se na cadeira ao lado da cama.

— Que horas são? — Olho em redor do quarto e vejo imediatamente a Rhiannon, o Sawyer e o Ridoc sentados em beliches. Não parecem mais feridos do que antes de eu desmaiar. Antes de o Varrish me dar um murro no ombro, que o tirou do lugar.

Com cuidado, rodo a articulação e depois olho para o Nolon. Estou reparada. Sinto uma dorzinha, mas de pouca monta, e consigo ver dos dois olhos.

— É de manhã — diz a Rhi com a testa franzida de preocupação. — Acho eu. Tento contactar o Xaden, mas o canal está de novo opaco. Já se foi embora. — O vice-comandante chamou-me para te curar. — A voz do Nolon baixa-se. — Para poder dar cabo de ti de novo as vezes que forem necessárias até cederes. Recebi ordens para ficar na antecâmara durante o resto do interrogatório, que ele vai prolongar até amanhã.

A apreensão dá-me um nó no estômago vazio.

— Isso é normal? — pergunta o Sawyer, a inclinar-se na minha direção e a apoiar os antebraços nos joelhos.

— Não — responde o Nolon sem desviar os olhos dos meus. — Ele quer saber o que sabes, Violet, seja lá o que for. — Ele estende a mão para a minha e aperta-a levemente. — Vale a pena guardares essa informação?

Eu assinto com a cabeça.

— Vale a pena veres os teus colegas de esquadra a serem torturados?

Eu estremeço, mas volto a assentir com a cabeça.

— Acho que tenho andado com a cabeça enterrada noutros assuntos tempo de mais. — O Nolon suspira e levanta-se. — Porque é que não me acompanhas até à porta?

Eu passo com as pernas por cima do beliche e faço o que ele me pede, seguindo-o para a porta da câmara. A Rhiannon não está muito atrás.

— É melhor que encontres uma saída — sussurra-me ele antes de falar pela janela aberta. — Acabei por agora.

A porta abre-se e o Nolon sai.

— Eu fecho-a — diz à pessoa que está do outro lado. Os olhos dele cruzam-se com os meus pela janela quando ele fecha a porta e se ouve a fechadura a entrar no lugar... mas a janela fica aberta.

A Rhiannon puxa-me para baixo e agachamo-nos ambas.

— Tenho estado a pensar no meu outro paciente — diz o Nolon com indiferença.

— O que é que tem? — responde o Varrish.

— Passou a noite na enfermaria novamente. A Sorrengail ainda tem de dormir por mais uma hora, mais ou menos, para a reparação surtir efeito. Porque não vem comigo para ver se as suas aptidões servem de alguma coisa? Talvez haja alguma coisa que me está a escapar.

A Rhiannon e eu trocamos o mesmo olhar de perplexidade.

— Acha que as sessões estão a falhar? — pergunta o Varrish.

— Acho que fiz tudo o que podia por ele — responde o Nolon. — Não vou ficar sentado aqui o dia inteiro e perder tempo enquanto ela está a dormir...

— Está bem, vamos lá — responde o Varrish. — Temos de ser rápidos. Os outros foram buscar o pequeno-almoço.

— Então, despachemo-nos.

Um momento depois, a porta da antecâmara abre-se e fecha-se.

A Rhiannon e eu levantamo-nos devagar e espreitamos pela janela.

— Acho que estamos sozinhos — sussurra ela.

— Também acho.

— Temos de sair daqui — diz a Rhiannon aos rapazes. — Eu penso mesmo a sério que o Varrish pode tentar matar a Violet.

O meu estômago dá uma volta. Oh, Dunne, ela *disse-o* mesmo.

— Estás a falar a sério? — pergunta o Sawyer com os olhos esbugalhados, mas o Ridoc fica calado com os olhos a saltitar entre mim e a Rhiannon.

— Já me levou a um esgotamento uma vez — admito baixinho.

Os rapazes trocam um olhar antes de se levantarem.

— Muito bem, eu vou fazer a pergunta óbvia — diz o Ridoc quando atravessam a câmara. — O que raio é que tu sabes que nós não sabemos?

Eu olho para os três alternadamente.

— Se vos dissesse, e acreditem que pensei nisso, seriam vocês que estariam atados àquela cadeira. Não vou deixar que isso aconteça.

— Talvez nos devesse deixar decidir por nós próprios quais são os riscos que estamos dispostos a correr. — O Sawyer estala os nós dos dedos e enrola os ombros, já a olhar para a porta.

— A magia menor não está a funcionar na fechadura — murmura o Ridoc com a mão estendida para a porta.

— Eu percebo o que queres dizer, Sawyer. Mas isto... — Abano a cabeça. — Não tem só que ver comigo.

— Neste momento, tem — diz a Rhiannon. — Tem que ver com salvar-te. Podemos tratar do resto mais tarde. Sawyer, faz o que tens a fazer.

— Já estou a tratar disso.

Sáímos da frente dele e ele levanta as mãos em direção a cada uma das dobradiças. Os dedos tremem-lhe e as dobradiças fumegam, depois derretem. O metal quente começa a escorrer pela extremidade da porta enquanto ele faz o que tem a fazer.

— Depressa, antes de nos soldares aqui dentro por acidente — admoesta o Ridoc.

— Não te estou a ver a derreter nada — responde o Sawyer, agachado e com gotas de suor a escorrer-lhe pela testa quando já está a derreter a última dobradiça.

Os meus joelhos quase que cedem de alívio. Vamos conseguir!

A porta balança e a Rhiannon e eu lançamo-nos em direção aos rapazes e colocamos as mãos acima deles. A madeira cai-me nas mãos, provocando-me um choque de dor no ombro acabado de reparar quando apanhamos aquela que parece a porta mais pesada de sempre.

— Mexam-se! — grita a Rhiannon.

Os rapazes apressam-se a sair de debaixo da porta e ajudam-nos a baixá-la para o chão.

— Talvez devêssemos pensar em desistir do quadrante — graceja o Ridoc quando passamos por cima da porta e saímos da câmara. — Seríamos uns ladrões dos diabos.

— Com dragões — concorda o Sawyer.

— Imparáveis — diz o Ridoc com um sorriso aberto.

Paramos junto à secretária o tempo suficiente para pegarmos nas nossas armas. Sinto o pânico e a vulnerabilidade a desaparecerem com cada punhal que embainho.

— Prontos? — pergunta a Rhiannon, a pegar na espada curta.

Parece que não sou a única que detesta sentir-se impotente.

Assentimos todos com a cabeça e seguimos para a porta principal. A esperança dura um bom milissegundo.

— É o mesmo tipo de fechadura. A magia menor não está a funcionar — diz o Sawyer com os dentes cerrados, já a esticar as mãos.

— Eu não... — Sinto o calor a comichar-me as costelas. É a mesma sensação que tenho quando passo pelas guarnições na porta do meu quarto. Baixo a cabeça e olho para baixo. O punhal mais próximo do puxador da porta está quente e a... formigar. Tiro-o da bainha e bato com ele no puxador da porta enquanto passo com o polegar pelo botão decorativo do cabo.

O metal estala em metal e viramo-nos todos para olhar para a fechadura.

— Mas que raio se está a passar? — As sobrancelhas do Sawyer disparam.

— Não sei. Isto é... impossível. — Os punhais não abrem fechaduras. Mas o calor e a sensação de formigueiro desapareceram.

— Alguém para de ficar a olhar e tenta abrir o raio da porta! — ordena a Rhi.

Eu estendo a mão para o puxador, sustenho a respiração e o trinco cede.

Eu puxo. A porta abre-se.

— Caramba. — É coincidência. Tem de ser. A magia não está ligada a objetos como este.

— Deixem os carambas para depois e fujam agora — diz a Rhi. — Vamos!

— Certo. — Embainho o punhal e empurro a porta para a abrir.

Se alguma vez decidirmos invadir território inimigo — o que não faremos —, eu escolheria Zolya como primeiro alvo. Derrubaria a Academia de Cliffsbane e eliminaria *anos* de voadores de grifos de uma assentada.

— TÁTICA, UMA MEMÓRIA PESSOAL DO TENENTE LYRON PANCHEK



CAPÍTULO XXV

Sáímos a correr da gruta e sentimos o ar da manhã e o sol nascente a bater-nos na cara. Levantamos as mãos para protegermos os olhos e corremos em frente, em direção à erva que nos dá pelos joelhos e que cobre a distância entre os penhascos e as árvores.

— Onde foste buscar esses punhais? — pergunta a Rhiannon quando estamos a meio caminho do renque de carvalhos.

— Foi o Xaden. — Nem sequer me passa pela cabeça mentir. — Foi ele que as mandou fazer para mim...

— Bem, isto é um prazer inesperado — diz o professor Grady atrás de nós.

Nós viramo-nos e eu saco de dois punhais. Preferia visitar Malek a voltar para aquela câmara. Mas vou voltar... para o exame final.

— *Preocupas-te com isso mais tarde* — ordena o Tairn.

— *Estou bem, obrigado por perguntares.*

— *Claro que estás. Eu escolhi bem.*

O professor Grady sorri abertamente e pousa a caneca quando se levanta da cadeira que está a pouca distância da porta na vertente rochosa

que dá para a gruta.

A Rhiannon avança decidida, levantando a espada em posição de ataque com o braço direito e estendendo o braço esquerdo.

— Já nos pode dar o tal emblema.

O Dain não me olha nos olhos em nenhum momento nos dias que se seguem e eu não faço um esforço para falar com ele. O que é que eu lhe poderia dizer. *Obrigada por fazeres a única coisa decente e não teres violado a minha privacidade?*

— Estou só a dizer que passar todos os fins de semana a voar para Samara ou enfiada no quarto com o Riorson não te faz bem — diz o Ridoc, quando subimos as escadas da ala académica com os outros instruendos a caminho do Sumário de Batalha.

— E a alternativa é... — Olho para ele e estremeço. Ainda tem a face azul e preta.

Graças ao Nolon, não tenho uma única marca no corpo. É tudo menos justo.

Perdemos um instruendo do primeiro ano, o Trysten, no Guante, enquanto estávamos no interrogatório e não estivemos na formação em que o nome dele foi anunciado no rol de mortes, o que também não é justo.

— Seres uma instruenda normal do segundo ano e descontraíres-te um pouco de vez em quando — responde o Sawyer pelo Ridoc, do meu outro lado. Desde o interrogatório, os meus colegas de esquadra praticamente não me perderam de vista.

— Eu estou bem — digo a ambos. — Isto é o que acontece quando os dragões que formam um casal se vinculam a cavaleiros de anos diferentes. — Daqui a vinte e quatro horas, estarei na sela a caminho do Xaden.

— É por isso que normalmente não o fazem — murmura o Ridoc.

— A Primeira Esquadra perdeu uma pessoa — diz a Rhiannon, surgindo atrás de nós quando chegamos ao segundo andar. — Saíram do interrogatório há cerca de uma hora. O nome da Sorrel vai estar no rol de mortes de amanhã.

Sinto um aperto no coração. A aferição do interrogatório já reclamou dois instruendos do segundo ano.

— Aquela rapariga que fazia o que queria com o arco? — O Sawyer fica de boca aberta a olhar para a Rhiannon, que procura um espacinho no meio de nós.

— Sim — diz ela em voz baixa.

Um cadete do Quadrante dos Copistas passa por nós, mas eu não consigo perceber quem é, uma vez que tem o capuz na cabeça. É estranho. Normalmente só estão no nosso quadrante para anunciar o rol de mortes ou quando o Markham precisa de mais pessoas para o ajudar.

— Foi ela que quebrou? — pergunta o Ridoc. — Ou foram eles que a quebraram a *ela*?

— Não... — A Rhiannon não acaba a frase e todos nós nos detemos quando duas esquadras da Primeira Divisão saem da beira da parede e caminham na nossa direção. — Podemos ajudar-vos?

São todos instruendos do segundo ano. Baixo as mãos para as ilhargas para ter os punhais à mão.

— Vocês fugiram, não foi? — pergunta a Caroline Ashton, baixando a voz. — É o que as pessoas estão a dizer sobre o novo emblema. — Ela bate com a mão na zona do ombro onde nós temos agora um emblema redondo e cinzento com uma chave preta.

— É um emblema confidencial — diz o Sawyer.

— Só queremos saber como conseguiram — sussurra a Caroline, num momento em que a multidão passa à nossa volta para chegar à sala do Sumário de Batalha. — Diz-se por aí que demoraram um dia inteiro a reparar a sala de interrogatório depois de vocês fugirem.

O facto de ela lhe ter chamado sala e não *salas* diz-me que ninguém anda a dizer nada, na verdade.

— A única coisa que podemos fazer é dar-vos o mesmo conselho que nos deram a nós. Não cedam — diz-lhes a Rhiannon.

— Mantenham-se juntos — acrescento eu, sem desviar os olhos dos da Caroline mesmo quando ela os semicerra nos meus.

— Vocês não deviam estar todos na aula de Sumário de Batalha? — pergunta o Bodhi, aparecendo atrás de nós com uma voz tonitruante. Com um único olhar, põe as outras esquadras a correr para a porta.

— O Tairn disse-me que sentiu a Sgaeyl *muito* zangada ontem à noite — digo por cima do ombro ao Bodhi quando retomamos o passo. — Há alguma coisa que eu deva saber?

— Que eu saiba, não. — Separamo-nos ao passarmos pelas amplas portas duplas da sala de Sumário de Batalha.

Os meus colegas de esquadra e eu começamos a descer as escadas, mas há algo que não bate certo. O burburinho habitual da sala transforma-se num fragor de murmúrios e interjeições de espanto quando os cadetes pegam no que parecem ser folhetos pousados em todos os assentos.

— O que se passa? — pergunta o Ridoc.

— Não sei — respondo ao passarmos pelos primeiros cadetes na nossa fila a caminho dos nossos lugares.

Eu pego na meia folha de pergaminho que está na minha cadeira e viro-a.

Os meus colegas de esquadra fazem o mesmo.

Sinto os joelhos a fraquejar quando leio o título.

ZOLYA DESTRUÍDA PELO FOGO DE DRAGÕES

A TERCEIRA MAIOR CIDADE DA PROVÍNCIA DE BRAEVICK FOI ATACADA POR DRAGÕES DE FOGO AZUL E RESPETIVOS CAVALEIROS. EMBORA A CIDADE E OS SEUS BANDOS DE GRIFOS TENHAM LUTADO ABNEGADAMENTE, A BATALHA DE DOIS DIAS ACABOU COM A DERROTA DOS POROMIELANOS. TODOS OS QUE

NÃO FUGIRAM MORRERAM. ESTIMA-SE QUE SE PERDERAM DEZ MIL VIDAS, INCLUINDO A DA GENERAL FENELLA, COMANDANTE DA FROTA DE GRIFOS DE BRAEVICK. TODAS AS ROTAS COMERCIAIS PARA A CIDADE FORAM ALVO DE BARRICADAS DE FORMA A IMPEDIR MAIS PERDAS DE VIDAS.

Há dois dias.

Sinto a mão a tremer e viro-me para o fundo da sala para olhar para os instruendos do terceiro ano até encontrar o Bodhi e a Imogen.

— Oh, deuses — sussurra a Rhiannon.

O Bodhi e a Imogen trocam um olhar de pânico e depois os nossos olhares colidem. O que raio havemos de fazer? O abanar tenso da cabeça do Bodhi diz-me que ele também não sabe.

Fazer o possível para não chamar a atenção para mim parece o mais prudente, pelo que me viro para olhar para o mapa e me sentar.

— Isto é verdade? — pergunta o Sawyer, ao debruçar-se sobre o pergaminho para o examinar.

— Parece... verdadeiro? — O Ridoc esfrega a nuca ao sentar-se. — Será que isto é algum tipo de teste para ver se conseguimos distinguir folhetos de proclamação oficiais de propaganda?

— Não me parece — diz a Rhiannon devagar a olhar para mim.

Mas eu tenho os olhos postos na parte de baixo da sala, onde está a professora Devera, que acabou de receber um panfleto.

Seja quem eu penso que é, por favor.

Os olhos dela arregalam-se, mas só os vejo por um segundo, porque ela vira-se imediatamente para olhar para o mapa com a cabeça inclinada para trás. Apostaria a vida em como ela está a olhar para o mesmo lugar que eu neste momento: o mesmo círculo pequeno no sopé dos montes de Esben ao longo do rio Stonewater que indica o local onde fica, ou *ficava*, Zolya. Ficarà talvez a quatro horas de voo da nossa fronteira.

— Violet? — A voz da Rhiannon eleva-se como se não fosse a primeira vez que me está a chamar.

— Qual é o motivo de toda esta agitação hoje? — grita o Markham para a sala ao descer as escadas. Alguém lhe estende o folheto.

— O que achas? — pergunta a Rhiannon.

Eu olho para as sobrancelhas franzidas da minha colega de esquadra e depois para o folheto e faço um esforço para estancar o rumor que ouço nos ouvidos ao inspecionar rapidamente o pergaminho.

— O pergaminho parece igual ao nosso, mas nunca vi nenhum feito do outro lado da fronteira. A composição é semelhante à de todas as prensas que eu já vi. Não tem lacre nem navarrês, nem poromielano. — Passo o polegar pelas letras grandes e floreadas do título, esborratando a tinta. — Tem menos de vinte e quatro horas. A tinta ainda não secou completamente.

— Mas é *verdadeiro*? — volta a perguntar o Sawyer.

— As probabilidades de fazerem passar todos estes folhetos pela fronteira são quase nulas — digo-lhe. — Por isso, se estás a perguntar se foram impressos em Poromiel...

Levanto a cabeça de súbito e vejo o rosto do Markham a tingir-se de vários tons de vermelho quando diz alguma coisa à Caroline Ashton no corredor. Ela pula do assento e sobe as escadas, antes de desaparecer porta fora.

— Foram impressos aqui — sussurro, com o medo a dar-me nós no estômago. Quem fez isto não demorará a morrer, se tiver deixado algum rasto.

— Então, não é verdadeiro. — O Sawyer levanta as sobrancelhas e as sardas que tem na testa desaparecem nos sulcos que se lhe formam na pele.

— Só por terem sido impressos para disseminação pública não significa que o que está aqui escrito não seja verdadeiro — explico —, mas também não significa que seja.

— Nós não faríamos uma coisa destas — observa o Sawyer. — Nós não enviaríamos uma revoada de dragões para aniquilar uma cidade de civis.

— Atenção! — grita o Markham, a descer as escadas com passos pesados.

O barulho não amaina.

— Se alguém estivesse a tentar fazer passar a notícia, enviaria um folheto como este para a prensa, para aprovação por parte dos copistas — digo aos meus colegas de esquadra rapidamente, sabendo que o tempo é curto. — Depois de aprovado, seriam precisas várias horas para enviar os blocos para a prensa, a menos que houvesse vários copistas a trabalhar. Mas isto não é oficial. Não tem lacre. Por isso, é falso e impresso só para a aula, o que é *muito* trabalho; ou é verdadeiro... e não foi aprovado. — É exatamente o que eu diria se não soubesse a verdade e, para ser honesta, não tenho a certeza de que este folheto *seja* a verdade.

— Cavaleiros! — grita a professora Devera, virando-se para nós. — Silêncio! A sala fica em silêncio.

O Markham já está à frente da sala de aula, com as feições disfarçadas numa máscara de serenidade, ao lado da professora Devera. Se eu não o conhecesse, diria que está quase a gostar deste caos, mas conheço-o, e ele está a esfregar o indicador e o polegar.

Independentemente do que ele diga a seguir, isto não era o que ele tinha planeado.

— Aparentemente — faz sinal para nós, a palma da mão virada para a frente —, não estamos preparados para o exercício de hoje. Vamos dar seguimento à nossa discussão sobre propaganda, mas agora percebo que estava demasiado otimista quanto à vossa capacidade de avaliar um pergaminho impresso simples como este sem histerias. — O insulto é feito num tom monótono e sem emoção.

De repente, volto a sentir que tenho quinze anos e que a minha autoestima é determinada pela opinião deste homem sobre o meu intelecto e a minha capacidade de manter o controlo.

— Raios. — O Ridoc descai no assento. — Esta foi... pesada.

— É o Markham — digo baixinho. — Achas que só os cavaleiros podem ser cruéis? As palavras têm tanto poder de eviscerar alguém como

uma lâmina. E ele é um mestre nisso.

— Se considerarmos a possibilidade remota de termos feito mesmo isto e alguém ter vazado a informação — pergunta a Rhiannon a olhar para mim —, o que é que tu, que o conheces melhor do que nós, achas que ele vai fazer a seguir?

— Em primeiro lugar, eu acho que nós não atacaríamos civis para lá da fronteira. — Esta é a verdade. Só não vamos é fazer nada para os ajudar. — Mas se não foi ele a imprimir estes folhetos, vai desacreditá-los e desviar as atenções com uma distração qualquer.

— Desta forma, temos duas questões mais urgentes a discutir — admoesta o Markham ainda num tom frio. — Por isso, passem esses folhetos de propaganda para a esquerda, para que sejam recolhidos e discutidos num dia em que sejam capazes de pensar racionalmente.

Ouve-se um burburinho na sala quando toda a gente se apressa a fazer o que ele mandou. Tenho relutância em abdicar do meu, mas não vale a pena chamar as atenções para mim.

A professora Devera dobra o dela com movimentos rápidos e precisos e guarda-o no bolso.

— Para dizer a verdade — diz o Markham, a abanar a cabeça —, vocês deviam ter sido capazes de perceber em segundos que os folhetos eram propaganda.

Desacreditar. Tenho de admitir que o homem é bom. A pilha de pergaminhos chega ao fim da fila, os cadetes estendem-na para a frente e a pilha vai crescendo à medida que desce até à fila de baixo.

— Quando é que nós, na história de Navarre, enviámos uma revoada composta apenas por dragões azuis? — Ele olha para nós como se fôssemos crianças. Como se tivéssemos sido apanhados em falso.

Esperto. É esperto como o raio. Com os folhetos recolhidos, todos os cadetes da sala vão questionar-se sobre a formulação exata. Todos os cadetes, exceto os cavaleiros que saibam que o significado de todo o parágrafo se resume ao lugar da palavra *fogo*.

— Mas, como disse — continua, antes de bater palmas e suspirar —, vamos voltar a esta lição quando estiverem preparados. Por agora, a primeira coisa a tratar está à nossa espera e é motivo de celebração.

Desvio de atenções concluído. Venha a distração.

— Não tinha a certeza de que este dia chegaria, razão por que espero que nos perdoem por termos mantido em segredo os meses de trabalho árduo do coronel Nolon. Não queríamos desiludir-vos se ele não tivesse conseguido chegar àquele que é possivelmente o maior feito de qualquer reparador da nossa história.

Não nos queriam desiludir? É a custo que aguento ficar parada sem revirar os olhos.

O Markham levanta a mão em direção à porta e sorri.

— Ele foi esmagado pelo peso de uma montanha há alguns meses, mas o Nolon reparou-o osso por osso para o devolver ao vosso quadrante.

Esmagado pelo peso de uma montanha? Não pode ser. Sinto um aperto no estômago e o barulho da sala é abafado pelo som do meu próprio sangue a correr sobressaltado pelas minhas orelhas com a cadência de um rufo de tambores.

— Foda-se, não acredito — diz o Ridoc, a fazer-se ouvir no meio do meu pânico.

— *Tairn?* — Não me consigo convencer a olhar.

— *Já estou a recolher informações.* — O tom tenso e pronunciado faz-me lembrar de Resson.

— Juntem-se a mim nas boas-vindas ao regresso do vosso colega cavaleiro Jack Barlowe! — O Markham bate palmas. Toda a sala se junta a ele, com os gritos mais altos a virem da Primeira Divisão, quando duas figuras descem as escadas.

Inspirar. Expirar. Faço um esforço para levar o ar aos pulmões enquanto a Rhiannon me segura a mão e aperta com força.

— É ele — diz a Rhiannon. — É mesmo *ele*.

— Tu atiraste um penhasco inteiro para cima daquele couro desgraçado. — O Sawyer bate palmas devagar, mas é só para não destoar. — Como raio é que sobrou alguma coisa para reparar?

Arrasto o olhar para a esquerda e ganho finalmente coragem para olhar.

A mesma constituição encorpada. O mesmo cabelo loiro. O mesmo perfil.

As mesmas mãos que quase me mataram durante um desafio no ano passado... antes de eu o matar a ele durante os Jogos de Guerra, na primeira vez que o meu sinete resultou em relâmpagos.

Ele vira-se algumas filas mais abaixo, passando por outros instruendos do segundo ano, ao lado da Caroline Ashton, que o acompanha de volta à esquadra dele. Agora tudo faz sentido. O secretismo. A visita que ela fez à enfermaria. A exaustão do Nolon.

O Jack roda quando chega a um lugar vazio, virando-se devagar e acenando com a cabeça perante os aplausos, que se prolongam. A expressão no rosto dele é quase humilde, como um homem que recebeu uma segunda oportunidade que ele está longe de merecer. Depois, volta a girar, a olhar pelas filas acima para me encontrar.

Os olhos azuis glaciais cruzam-se com os meus. Todas as dúvidas que eu tinha morrem imediatamente. É ele. O meu coração palpitante salta-me para a garganta.

— Talvez ele tenha aprendido a lição? — A voz da Rhiannon sai aguda com uma esperança vazia.

— Não — diz o Ridoc, deixando as mãos a cair no colo. — Ele vai tentar matar-te de novo de certeza.

Os reparadores não são curandeiros. Os curandeiros juram respeitar o Código de Chricton e ajudar todos os que precisam sem nunca lesar um único ser vivo. Os reparadores são cavaleiros. Só juram respeito ao Códice. Ferem com a mesma facilidade com que curam.

— GUIA MODERNO DOS CURANDEIROS DO MAJOR FREDERICK



CAPÍTULO XXVI

— Não estás a ajudar! — diz a Rhiannon com os dentes cerrados quando olhamos todos para o cabrão do Jack Barlowe. A boca dele curva-se num sorriso curto, quase afável por um instante, e nós ficamos em silêncio quando ele me acena com a cabeça e desvia o olhar rapidamente antes de se sentar.

— O que caralho foi aquilo? — pergunta o Ridoc.

— Não faço ideia. — É a primeira vez que ele olha para mim sem nada a não ser a mais pura maldade desde o Parapeito.

— *É ele* — rosna o Tairn. — *O Baide escondeu-nos a verdade durante estes meses todos.*

— *Eu estou a vê-lo.* — Podia perguntar como raio é que um dragão esconde o que quer que seja no Vale, mas a Andarna também não é exatamente do conhecimento de toda a gente.

— *Nunca deixes de ter cuidado com ele* — adverte o Tairn.

A Rhiannon aperta-me a mão e agita-se no assento.

— Talvez ao fim de alguns meses morto ele tenha mudado.

— Talvez. — Os olhos do Sawyer estreitam-se cravados na nuca do Jack. — Mas acho que é melhor voltarmos a matá-lo.

— Eu concordo com esse plano — assevera o Ridoc.

— Vamos só focar-nos em mantê-lo debaixo de olho — sugiro, obrigando a voz a passar pelo nó que me aperta a garganta, quando o aplauso definha finalmente e me permite pensar com mais tranquilidade.

O Jack está vivo. Muito bem. Está longe de ser a coisa mais perigosa que enfrentei no ano passado. Derrubei não apenas um, mas dois venéficos. Destruí uma horda inteira de serpes com o Xaden. Talvez o Jack tenha mudado. Talvez não tenha. Seja como for, o meu sinete e as minhas capacidades na luta corpo a corpo melhoraram bastante e duvido que ele tenha feito treino de combate na enfermaria.

O Ridoc, o Sawyer e a Rhiannon olham para mim como se estivessem à espera que me nasça uma cauda e que eu comece a soprar fogo a qualquer momento.

— Eu estou bem — digo-lhes. — A sério. Deixem de olhar para mim. — Não tenho a opção de não estar bem.

Eles lançam-me olhares céticos de diferentes graus antes de se virarem para a frente.

O Markham aclara a garganta.

— Agora, para o nosso segundo ponto de ordem nesta aula. — Olha para a professora Devera.

— Ontem à noite, houve um ataque inédito a um dos nossos maiores postos avançados — diz ela, com os ombros a endireitar-se ao perscrutar a sala.

— Outra vez? — murmura a Rhiannon. — O que raio se está a passar lá por fora? — Ela solta-me a mão e começa a tirar notas.

Ergue-se um murmúrio entre os cadetes.

Concentração. Preciso de concentração.

— E isto, cadetes, não é uma conjectura. Não é propaganda. Não é um jogo. — A última palavra é dita com um olhar de soslaio para o Markham.

— É inédito não só na proximidade, já que nunca tivemos postos avançados tão próximos a ser atacados, mas também porque envolveu três bandos de grifos. — A professora levanta o queixo afilado.

Eu olho para o mapa e faço um esforço para pensar. Pelham, perto da fronteira de Cygnisen, é a minha primeira aposta, mas Keldavi — ao longo da fronteira com Braevick — é outra forte possibilidade, depois de quase ter caído na semana passada. Talvez os voadores estejam a reconhecer as nossas fraquezas.

— Atacaram Samara pouco depois do pôr do Sol, quando grande parte da revoada de dragões estava a terminar a patrulha do dia.

O ar congela-me nos pulmões e o meu coração titubeia. A professora conseguiu captar-me toda a atenção. O que importa que o Jack Barlowe esteja sentado ali em baixo ou que haja pergaminhos a voar por aí com notícias de Poromiel? Nada disso importa mais do que o que a professora Devera está prestes a dizer.

Estão vivos. Têm de estar.

Não consigo sequer pensar num mundo sem a Mira... nem o Xaden. O meu coração não é sequer capaz de sondar essa possibilidade.

Oh, deuses, a raiva da Sgaeyl. Deixo cair completamente os meus escudos à procura de um vínculo que, fosse como fosse, não seria capaz de sentir a esta distância. No entanto, não deixo de procurar.

— *Tairn?* — tento contactar, mas o meu fluxo é inundado por uma ansiedade que se sobrepõe a todo o pensamento lógico. Não é minha, mas podia muito bem ser. O meu coração começa a latejar e as costelas contraem-se sobre os pulmões.

— O posto avançado foi defendido por três cavaleiros que *não* estavam em patrulha. A vitória que conseguiram é nada menos do que espetacular. Embora não tenha havido cavaleiros mortos no ataque — o olhar dela dispara para o meu —, houve um cavaleiro que ficou gravemente ferido.

Não. A negação é rápida e contundente.

A raiva e o terror percorrem-me as veias.

A professora Devera levanta a mão e esfrega o lado esquerdo do pescoço antes de desviar o olhar.

— Que perguntas fariam?

O lado *esquerdo* do pescoço.

Exatamente onde fica a relíquia do Xaden.

A Mira está bem, mas o Xaden... eu não posso estar aqui. É impossível estar aqui quando tenho de estar lá. Não existe nenhuma realidade em que eu não esteja lá. Aqui não significa nada. Não existe.

— Tenho de ir. — Pego no saco do chão e levanto a alça para o ombro.

— O posto avançado foi violado? — pergunta alguém à minha frente.

— Vi? — A Rhi tenta falar comigo, mas eu já me estou a levantar e a seguir pela fila em direção às escadas.

— Cadete Sorrengail! — chama o professor Markham.

Já estou a subir as escadas e não tenho tempo para lhe responder. Não existe mundo para além do impulso impossível de ignorar que me leva pelas escadas acima. O meu corpo nem sequer é meu porque eu não estou aqui.

— Cadete Sorrengail! — grita o professor Markham quando eu saio da sala. — Não está de licença!

— *Vai para o pátio* — rosna o Tairn pelo meu canal mental.

Estamos em sintonia. Nenhum de nós está disposto a esperar que eu vá para o campo de voo. Não importa se esta ânsia incontável vem de mim ou do Tairn, sobretudo tendo em conta que ambos precisamos do mesmo.

— Violet! — grita alguém atrás de mim. Ouço botas a bater rapidamente atrás de mim.

O Jack Barlowe está vivo. Eu saco de um punhal de uma bainha na coxa e rodo em direção à ameaça.

— Uau! — O Bodhi levanta uma mão e tem a outra agarrada ao saco. — Não quero que morras de frio no voo para lá. — Puxa o casaco de voo dele do saco e estende-mo.

— Obrigada. — Pego no casaco com movimentos que não parecem meus. Ele tem razão. Eu teria montado o Tairn sem um casaco. Pelo menos, tenho sempre os óculos de voo no saco. — Não posso ficar. Não posso explicar. Não posso ficar aqui.

— É o Tairn. — Ele assente com a cabeça. — Vai lá.

Eu vou.

Ao chegar ao terceiro ano, um cavaleiro tem de ter um controlo total e absoluto sobre os escudos. De outra forma, em momentos de tensão extrema, são suscetíveis de ser não apenas influenciados pelas emoções dos dragões, mas também controlados por elas.

— GUIA DE CAMPO PARA A DRACONIDADE

DO CORONEL KAORI



CAPÍTULO XXVII

Quando aterramos em Samara antes de a noite cair, eu não passo de um caco nervoso e frenético. Não consigo importar-me com a retaliação que me espera em Basgiath. Logo lidarei com qualquer castigo que o Varrish me queira impor.

Passei cada minuto do voo de oito horas a tentar separar os meus sentimentos dos do Tairn, mas não consigo e não há dúvida de que ele está em modo animalesco.

Tem de ser ele a razão por que tenho um buraco no estômago que ameaça devorar-me todo o pensamento lógico se eu não vir o Xaden no próximo minuto. É o desespero do Tairn por ver a Sgaeyl incólume que me deixa o coração a palpitar, não a minha preocupação com o Xaden. Afinal de contas, se ele estivesse às portas da morte, a Sgaeyl ter-nos-ia avisado assim que estivéssemos suficientemente perto para eles comunicarem. Pelo menos, é isso que a parte lógica do meu cérebro me diz, ainda que não esteja a funcionar como deve ser.

Tudo isto é influência do Tairn. Mas, e se não for? Qual será a gravidade dos ferimentos do Xaden?

A Sgaeyl pode ter dito ao Tairn que o Xaden está vivo e eu até poderei ter visto qual era a gravidade, mas continuo a contar todos os segundos que os guardas demoram a levantar o portão fortificado. O aumento de segurança faz parte do protocolo e é completamente razoável tendo em conta o ataque de ontem, mas cada momento que passa é mais um fator de irritação para os nervos que me restam.

Não é por saber logicamente que o Tairn continua a inundar-me as emoções que as consigo controlar.

No momento em que o portão está suficientemente alto para eu me poder baixar e passar, entro. Por uma vez, o meu tamanho funciona a meu favor. Estou dentro do posto avançado ainda antes de um quarto da porta estar aberto.

No interior, reina o caos organizado. Vejo pedaços de alvenaria que vão de metade ao dobro do meu tamanho dispersos em redor do pátio e basta um rápido olhar para cima para ver de onde caíram. Há marcas de queimado na muralha norte. Os voadores devem ter violado o perímetro.

Os curandeiros montaram uma estação de triagem na extremidade sul da fortaleza e toda a área em volta deles está densamente ocupada por soldados de infantaria feridos. Mas não há uniformes pretos entre os azuis. E também não há vestes creme.

— Violet? — chama a Mira, vinda das escadas a noroeste que eu sei que conduzem ao centro de operações. Não está a coxear, não tem braços ao peito e não vejo nenhum sinal de sangue. A Mira está bem. Tal como a Devera disse, só foi ferido um, e não foi a Mira.

— Onde é que ele está? — Puxo os óculos de voo de cima da cabeça e enfio-os no saco sem abrandar o passo.

— O que estás aqui a fazer? — Ela agarra-me os ombros e olha para mim de cima a baixo na inspeção habitual. — Só devias chegar no sábado.

— Estás ilesa?

— Estou. — Ela assente com a cabeça. — Eu não estava cá. Estava em patrulha.

— Ainda bem. Então, diz-me onde é que ele está. — O meu tom fica mais contundente e o meu olhar dispara para todos os lados à procura dele. Foda-se. Nem o consigo sentir com o Tairn a sobrepor-se a tudo.

— Não tens licença, pois não? Deuses, vai estar tão fodida quando voltares. — A minha irmã suspira. Tenho de admitir que a Mira é boa: não se mete em combates que não possa vencer. — Está no ginásio de treino de combate. Pelo que tenho ouvido dizer, é por causa do teu homem que ainda temos um posto avançado.

Ele não é meu. Não propriamente.

— Obrigada. — Viro-lhe as costas sem dizer mais nada e encaminho-me para o ginásio de treino de combate. Eu amo a minha irmã, estou contente por ela estar bem, mas tudo isso está enterrado debaixo do desespero por ver o Xaden que me corrói a alma.

A fortaleza está ocupada com os trabalhos de recuperação, mas a entrada do ginásio está deserta. Porque é que o levariam para o ginásio para recuperar? Será que não consegue subir as escadas para o quarto? O buraco no meu estômago torna-se mais fundo. Estará assim tão ferido?

As luzes mágicas compensam plenamente a luz mortiça do fim do dia para lá das três janelas gigantes do ginásio quando eu entro. Mas o que é certo é que não vejo nenhuma enfermaria improvisada aqui dentro.

Alto. O quê? Pestanejo.

O Xaden está no tapete com o uniforme de manga curta que lhe abraça os músculos. Está a empunhar ambas as espadas pesadas que costuma carregar nas costas e ouço metal a bater em metal enquanto ele treina com o Garrick.

— Estás lento hoje — admoesta o Xaden, a avançar sem misericórdia. Move-se como sempre, com uma perícia letal e total concentração. Não é possível que ele esteja sequer *perto* de estar gravemente ferido. O assomo de alívio permite-me sorver o ar na plenitude pela primeira vez desde que deixei Basgiath, mas não demora a desaparecer.

Preciso de lhe pôr as mãos em cima. Desesperadamente.

— Não. Posso. Fazer. Muito. Quanto. A. Isso! — responde o Garrick, a sustentar os avanços do Xaden.

— Tens de ser mais ágil. — O Xaden dá-lhe golpe atrás de golpe, todos cheios de intenção, e evita habilmente todos os que o Garrick lhe tenta desferir. Cada vez que vejo aquelas espadas a mexer, vou sentindo a preocupação, o terror abjeto de que ele estivesse magoado, a transformar-se em raiva.

Ele está ileso e eu sou uma idiota de merda por ter deixado que as emoções me dominassem, por ter deixado que o amor que sinto por ele se sobrepusesse à sensatez. Não posso culpar o Tairn por isso.

Mas a impetuosidade que me impede de respirar normalmente? Isso deve-se totalmente ao cauda de chicote de armas preto e eu não me consigo libertar, não consigo levantar os escudos o suficiente para ser dona de mim própria.

Coloco-me na linha de visão do Xaden, já com a biqueira da bota a tocar na ponta do tapete.

O Xaden vira-se para mim de relance e arregala os olhos por um instante antes de dar uma cotovelada no rosto do Garrick que o faz cambalear e cair.

Au.

O Garrick fica estendido no tapete e as espadas caem-lhe das mãos.

— Caramba!

— Acabámos — diz o Xaden sem sequer olhar para trás e já a caminhar na minha direção com aquela passada larga e decidida que não demora a consumir o espaço que nos separa. — Tinha os escudos levantados. O que estás aqui a fazer? — Arregala os olhos como se conseguisse sentir o caos que me atormenta. — Violência, estás bem?

— O que é que eu estou aqui a fazer? — Disparo cada palavra enquanto olho para ele de cima a baixo à procura das feridas de que a professora Devera falou. Terei interpretado mal o gesto? Terei mesmo vindo para aqui por *nada*?

As minhas mãos começam a tremer. — Não faço ideia nenhuma!

— Isto não és tu! — O olhar dele varre-me o corpo.

— Isso sei eu — grito, dividida entre a vontade de chorar de gratidão por ele estar vivo e aparentemente ileso e a ânsia de destruir o ginásio inteiro, a fortaleza inteira, por ele ter chegado a estar em perigo. — Não o consigo expulsar!

— Espera. — Ele tira-me o saco dos ombros e deixa-o cair no chão antes de pegar em mim e de me puxar ao encontro do peito.

Eu abraço-o, enterro o rosto no pescoço dele e inspiro profundamente. Ele cheira a menta, couro e minério... raios partam, é o cheiro dele que eu estou a sentir?

O Xaden caminha diretamente para a casa de banho do ginásio comigo ao colo e eu vislumbro rapidamente as paredes de pedra polida; janelas de vidro altas parcialmente abertas e uma fila de bancos amplos debaixo de três filas de bicas não muito diferentes das de Basgiath. Com um estalar de dedos, a porta fecha-se e ele movimenta uma alavanca na parede. A água começa a jorrar da bica no aqueduto acima, inundando-nos a ambos com o que parece *gelo*.

Eu arquejo, o meu corpo contrai-se com o choque do frio gélido e, por um instante, não sinto mais nada.

— Levanta os escudos — ordena o Xaden. — Agora, Violet!

Eu trepo o glaciador da minha mente e coloco os tijolos dos meus escudos no lugar. As emoções do Tairn esbatem-se o suficiente para eu reclamar alguma aparência de controlo.

— Foda-se. Que frio — digo, com os dentes a bater.

— Pronto, assim está melhor. — O Xaden puxa outra alavanca e a água aquece. — O que raio aconteceu para eles te darem licença para vires mais cedo? — A preocupação enrugou-lhe a área entre as sobrancelhas quando ele me pousa no chão enquanto a água continua a cair-nos em cima.

A minha cabeça volta a ser minha, embora eu consiga sentir a intensidade das emoções do Tairn a bater-me nos escudos.

— Não me deram licença...

— Não te deram licença? — A voz dele baixa para um tom perigoso que aterroriza toda a gente deste mundo além de mim. — Quando já sabes que o Varrish vai... — As palavras morrem abruptamente quando os olhos baixam para o meu ombro. — Mas de que caralho é esse casaco de voo?

— A sério? — Levanto os braços e deixo o calor inundar-me alegremente. — Tem uma divisa do terceiro ano, a insígnia da Quarta Divisão e o emblema de chefe de pelotão. De que raio é que *achas* que é o casaco?

O maxilar do Xaden lateja e a água escorre-lhe pelo rosto.

— É do Bodhi, ó idiota territorial!

A resposta não parece ajudar.

— Estás a falar a sério? — Desabotoo o raio do casaco e puxo as mangas, mas a pele é uma porcaria quando está molhada e demoro um pouco a libertar-me do casaco. — Saí do Sumário de Batalha mal a Devera me deu a entender que estavas *ferido*. Sim, saí sem licença. Depois, voei oito horas a uma velocidade alucinante com um Tairn absolutamente irracional, que pensava que, se tu estavas ferido, a Sgaeyl também podia estar. E agora tu vens com essa história possessiva e ciumenta do *de-quem-é-esse-casaco* só porque o teu primo sabia que eu estava tão assustada que não iria parar para ir buscar as minhas peles de voo? — Olho com uma expressão furiosa para aquela cara de cu ridícula e atiro o casaco para o chão. — Vai mais é para o caralho!

Um canto da boca dele curva-se num sorriso.

— Estavas preocupada comigo?

— Agora já não estou. — Fico *furibunda*. Como é que ele pode achar isto divertido?

— Mas estavas. — O rosto dele abre-se num sorriso lento e os olhos iluminam-se. — Estavas preocupada comigo. — Estende-me os braços.

— Achas que isto tem alguma graça? — Recuo para longe dos braços dele, mas embato de costas na parede escorregadia com a água.

— Não. — Ele levanta a cabeça para o lado e o sorriso define-se. — Pareces um pouco zangada por eu não estar a bater à porta de Malek. Preferias que eu estivesse a morrer na enfermaria?

— Não! — Claro que ele não percebe. A vida dele pode depender da minha, mas ele não sente por mim o que eu sinto por ele. Ele quer-me, até disse que se apaixonou por mim, mas nunca disse que me amava. — Não estou zangada contigo por não estares ferido. *Nunca* haveria de te querer ver magoado. Estou zangada comigo própria por ter sido tão impulsiva, por estar tão obcecada por ti e por ter tão pouco controlo sobre as minhas emoções que vim a correr atrás de ti como... como... — Como uma idiota perdida de amores. — E tu, tu estás *sempre* calmo, sereno e em absoluto controlo. Terias esperado por toda a informação e de certeza que nunca deixarias que as emoções da Sgaeyl te dominassem...

As minhas palavras morrem quando o Xaden puxa a manga molhada do braço direito para cima e mostra uma linha vermelha enrugada e inflamada que vai do cimo do ombro até ao meio do bíceps. Tem dois dedos de espessura no cimo e seis em baixo. É óbvio que foi reparado e, se a cicatriz ainda está *tão* grossa, não deve ter perdido o braço por muito pouco.

— Foste mesmo ferido — sussurro e toda a raiva se esvai do meu corpo. Sinto um aperto no peito; deve ter doído como o diabo. — Estás bem? — A pergunta escapa-me da boca embora eu tenha acabado de o ver a destruir um adversário.

— Estou ótimo. O relatório do copista deve ter sido enviado antes de o reparador da Divisão Este ter chegado. — A cicatriz desaparece quando ele volta a puxar a manga para baixo. — E estás enganada quanto a mim. Eu não teria esperado por toda a informação, nem sequer por provas, se tivesse sabido que te tinhas magoado. — Desta vez, eu não recuo quando ele se aproxima, passa um braço em redor da minha cintura e abre a mão no fundo das minhas costas para nos guiar para fora do impacto direto da água. Os centímetros entre nós são uma dádiva e uma maldição quando ele se inclina para mim. — Não sou sempre calmo e sereno e *nunca* estou em controlo quando tu estás envolvida.

O meu coração pula ao ouvi-lo, com a tensão sempre presente entre nós, com o reconhecimento que se espalha dentro de mim com um simples

toque. Não é só a água que me está a aquecer.

— Mesmo agora não estou a fazer o que deveria. — As palavras saem secas.

— Que é?

— Levar-te esse couro para o tapete até ficares um caco quente e suado ao fim de uma dúzia de rondas de treino de combate. — O maxilar lateja-lhe. — Porque eu avisei-te para nunca colocares a tua vida em risco por algo tão trivial como falar comigo, mas tu acabaste de o fazer. Outra vez.

— Concordo com tudo menos com o treino de combate. — Merda. As palavras saem arquejantes. — E já não é a ti que cabe castigar-me. Já não faço parte da tua cadeia de comando.

— Oh, eu sei. Mas, não sei porquê, era muito mais fácil quando pertencias. Queres abertura total da minha parte, não é? O que achas disto? — O olhar dele baixa para a minha boca. — Eu teria feito a mesma coisa que tu, só porque sou tão impulsivo por tua causa como tu és por minha.

Uma dor aguda, mas doce, consome-me o peito. Deuses, eu quero acreditar no que ele está a dizer. Mas também quero mais. Quero as mesmas duas palavras que ele me anda a pedir. Passo a língua pelo lábio inferior e os olhos dele brilham apesar do vapor que enche a casa de banho.

— Estavas preocupada *comigo*. — Ele disse esta frase pela primeira vez com algum regozijo. A segunda com felicidade. Mas, desta vez, o tom muda como se se tratasse de uma revelação.

— Claro que estava preocupada contigo.

Ele puxa-me para ele devagar, dando-me todas as possibilidades de recusar antes de os nossos corpos se colarem. O calor dele inunda cada pedaço mais frio do meu corpo, e toda a preocupação ardente que eu senti no voo para cá chegar e a raiva sufocante que se seguiu acabam por se transformar num calor muito diferente... e muito mais perigoso.

Que se foda, eu quero-o. Quero tocar cada pedaço daquele corpo, sentir a pulsação dele a bater contra a minha para me assegurar de que ele está mesmo bem. Quero o corpo dele em cima do meu, dentro de mim, o mais

colado ao meu que seja humanamente possível. Quero que ele me faça esquecer que existe mundo fora desta casa de banho ou de nós os dois.

— E voaste para aqui sem sequer parares para ires buscar as tuas peles. — Ele baixa a cabeça com uma lentidão tortuosa.

Eu assinto com a cabeça.

— Porque ainda me amas — sussurra ele com os lábios a roçar nos meus, menos de um instante antes de me beijar. Graças aos deuses que ele não espera pela minha recusa, porque não tenho a certeza de que fosse capaz de o fazer, tendo em conta a forma como ele me provoca o lábio inferior, com uma mordida suave antes de passar a língua pela curva da boca. É bom de mais, certo de mais... tudo de mais.

É a primeira vez desde Aretia que ele não espera que eu lhe peça. A primeira vez que aquele autocontrolo infame cede. A primeira vez que arrisca uma possível rejeição e me beija só porque quer, e, foda-se, é mesmo isso o que eu preciso: que ele precise de *mim*.

Eu entreabro os lábios num convite, não só porque o quero, mas porque ele está a tomar a iniciativa depois de uma confissão que eu não tive de lhe arrancar à força, nem sequer pedir. Ele geme, enrola os braços à minha volta, e o beijo torna-se exatamente o que ele disse que era: impulsivo. A sensação da língua dele a percorrer a minha, a reclamá-la, a acariciá-la, é como uma chama em palha seca e eu incendeio-me.

Necessidade, luxúria, desejo — seja o que for — percorre-me a espinha e ganha fulgor, fazendo-se dor insistente entre as minhas coxas. Levanto os dedos dos pés para me aproximar e entrelaço os dedos em redor do pescoço dele, mas ele continua longe.

As mãos dele desabotoam-me o uniforme e eu desenlaço os braços relutantemente para ele mo poder tirar. Cai no chão algures à minha esquerda. Eu puxo-lhe a camisola, desesperada por o sentir, e ele faz-me a vontade, agarrando-a atrás do pescoço e puxando-a pela cabeça acima, para pôr a descoberto quilómetros e mais quilómetros de pele quente e molhada.

Beijo-lhe a cicatriz logo acima do coração e deslizo-lhe as mãos pelas ilhargas, os dedos a passar-lhe pelas curvas e contracurvas do estômago tenso. Não há nada neste mundo que se compare a ele. O Xaden é a perfeição

completa e absoluta, um corpo esculpido em anos de treinos de combate e voos.

— Violet. — Ele inclina-me a cabeça para cima e beija-me com vigor e intensidade, depois devagar e delicadamente, mudando de velocidade e deixando-me ávida por mais.

As minhas mãos percorrem-lhe os traços das costas quando ele passa os dedos pelos fios soltos do cabelo da minha trança, antes de me puxar e me arquear o pescoço para o atacar com os lábios.

Ele sabe exatamente quais são as minhas partes sensíveis e, *caramba*, sabe aproveitar esse conhecimento ao máximo, sugando e lambendo o ponto do meu pescoço que me derrete os joelhos e me enrola os dedos na pele dele.

— Xaden — digo num queixume, com as mãos a deslizar-lhe pela curva das nádegas. Meu. Este homem é meu... pelo menos por enquanto. Mesmo que seja só durante os próximos minutos.

Ele mordisca-me a pele delicada da orelha, o que me provoca sensações que me arrepiam a espinha, e, de seguida, a boca volta a pousar-se na minha, roubando-me a sanidade, substituída pelo mais puro desejo. O beijo não é tão paciente nem tão comedido como os outros. Tem um toque selvagem e carnal que me curva a boca ao encontro da dele e me dá um novo arrojo. Passo a mão entre nós e suspiro.

Ele está duro para mim, todo o comprimento a forçar o cóis das calças quando eu o aperto.

— Foda-se — rosna, a arrancar a boca da minha com a respiração tão entrecortada como a minha enquanto eu o afago por cima do tecido. — Se continuares a fazer isso... — O Xaden fecha os olhos e deixa a cabeça cair para trás.

— Vou conseguir ter-te? — Sinto um aperto na alma.

O olhar dele dispara para o meu e o conflito que eu vejo nas profundezas daqueles olhos pretos faz-me parar.

— Não me faças lutar por isto. Outra vez não. — Afasto-me do calor dos braços dele e todos os músculos do meu corpo gritam em protesto. —

Não posso ser sempre eu a lutar por isto enquanto tu inventas novas formas de hesitar ou de me dizer que não, Xaden. Ou me queres ou não.

— Foda-se, Violet, ainda agora estavas com a mão agarrada à minha pila. Tenho a certeza de que percebeste o quanto eu te quero. — Passa a mão pelo cabelo molhado. — Deuses, sou *eu* que estou a lutar por isto! — continua, fazendo sinal para nós os dois. — Eu já te disse que não vou usar o sexo como uma arma para te recuperar.

— Vais fazer dele uma arma com essa ideia de me obrigares a dizer as duas palavras que eu não estou pronta para te dar. — E esta insegurança provocada pela necessidade enlouquecedora com que ele me deixa é tão forte que eu posso ceder, tal é a intensidade com que o desejo.

— Uma arma contra ti? — O Xaden abana a cabeça. — Tu é que me disseste que não és capaz de separar o sentimento do sexo. Lembras-te?

Eu abro a boca. Depois, fecho-a. Ele tem razão. Eu disse aquilo.
Merda.

— Talvez esteja a aprender a fazê-lo.

— Talvez eu não queira que o faças. — Ele dá um passo em frente e fecha a mão em concha na minha nuca. — Quero-te exatamente como és, emoções e tudo. Quero a mulher por quem me apaixonei. Fico doente sempre que tenho de te tirar as mãos de cima, cada noite que me deito e fico acordado ao teu lado, ao mesmo tempo feliz e arruinado pela memória de te sentir quente e húmida e absolutamente *perfeita* quando me perco em ti.

Os meus lábios entreabrem-se e o calor afogueia-me a pele como se as palavras dele fossem uma carícia.

— Nas noites em que consigo adormecer, sonho com os sons que tu fazes antes de te vires e na forma como o azul dos teus olhos se sobrepõe ao âmbar no momento imediatamente a seguir, turvos e saciados. Acordo faminto de ti, só de ti, mesmo nas manhãs em que estás a meio reino de distância. Isto não sou eu a recusar-te nem a manipular-te. — Pousa a mão no meu quadril e o polegar afaga-me o pedaço de pele nu entre as calças e a couraça.

— Queres lutar por mim? — Eu levo a mão ao cabelo, tiro os ganchos um a um e deixo-os cair no chão de pedra. — Então, arrisca *sem* saberes o que eu sinto. Queres o meu coração de volta? Arrisca o teu primeiro, desta vez.

— Se eu te disser o que sinto neste momento, nunca estarias certa de que não estou apenas sedento do teu corpo. — O Xaden franze o sobrolho.

— É exatamente aí que quero chegar. — Tiro o último gancho do cabelo. — Escolhe, Xaden. Podes deixar-me sair por aquela porta ou podes ser o homem que aceita o que eu estou disposta a dar neste momento. — Sacudo o cabelo para o soltar e passo os dedos pela massa molhada para desenrolar a trança.

— Estás a tentar pôr-me de joelhos? Vencer a discussão? — A mão dele flete no meu quadril e o olhar inflamado percorre-me o corpo.

— Sim — respondo, a dobrar o braço para os nós que me seguram a couraça nas costas. — Acabei de passar oito horas a morrer de medo do estado em que te ia encontrar e estou-te a dizer que não te quero apenas. *Preciso* de ti. Aqui tens três palavras. — Puxo pelo fio molhado e ele cede. — Não te vou dar mais do que isto. Pega em mim ou larga-me.

O conflito dentro dele é evidente, a tensão entre nós suficientemente contundente para perfurar a escama de um dragão. E, por um segundo, penso que ele pode ser suficientemente teimoso para me virar as costas e manter-nos neste impasse.

Mas, depois — graças aos deuses —, ele cede e funde a boca dele na minha, e o fogo que tinha amainado durante a nossa discussão volta a acender-se ainda mais forte do que antes. Ele beija-me como se eu fosse a resposta para todas as perguntas. Como se tudo o que fomos e seremos dependesse deste momento. E talvez dependa.

As mãos deles desatam os nós nas minhas costas e eu desaperto-lhe os botões das calças. Venço a corrida e passo a mão por baixo do tecido para o afagar de uma ponta à outra.

O gemido gutural que ele solta soa-me a recompensa e atinge-me diretamente entre as coxas, uma dor que se intensifica até se fazer palpitação.

— Larga-me para que eu te possa pôr nua. — Ele pontua a última palavra com uma mordida no meu lábio inferior.

Sim, por favor. Eu liberto-o e ele solta-me a couraça o suficiente para a puxar por cima da minha cabeça. A couraça bate no chão e, um segundo depois, o bico sensível do meu seio é cercado pela boca dele, tocado pela língua dele. Eu gemo e enfio-lhe os dedos no cabelo para o segurar ali mesmo onde está neste momento.

— Foda-se, isso sabe tão bem.

Ele enrola-me um braço nas costas e o outro debaixo dos joelhos e levanta-me para me deitar no banco de pedra aquecido pela água num movimento fluido.

— Tens a certeza de que queres isto aqui e *agora*? — pergunta ele, subindo para cima de mim e a bloquear o jorro da água que me caía nos seios, com os olhos turvos e o cabelo amarfanhado pelas minhas mãos. — Posso-te pôr confortavelmente na minha cama em cinco minutos.

Ele é tão bonito que me dói o coração só de olhar para ele.

— Agora. — As minhas mãos afagam-lhe os ombros largos e passam pela relíquia que se estende do maxilar até ao antebraço.

— Agora — concorda ele. O beijo seguinte não tem uma ponta de perícia ou polidez: todo ele é necessidade adoçada por um desespero que emula o meu e é muito mais escaldante por isso. É precisamente disto que eu preciso, de estar esmagada entre o corpo duro do Xaden e a pedra, devorada com a mesma urgência que eu sinto por ele.

A mão dele roça-me as curvas do corpo, seguindo a concavidade da cintura antes de passar pelo cóis das calças e desapertar os botões um a um. Não há hesitação na forma como me toca quando os dedos mergulham e afagam a entrada para o meu clítoris.

Arqueio as costas e arquejo de um prazer que me incendeia.

— Ainda mais quente do que me lembrava. — A boca dele desce-me pelo pescoço, inundando-me de sensações, enquanto os dedos me provocam com toques de pena. — Foda-se, pareces de seda. Seda quente e macia. — A voz dele tem aquela rouquidão áspera que tanta falta me fazia.

Ele continua a descer para me adorar os seios com a boca, os dentes roçam-me levemente o mamilo com a quantidade perfeita de fricção para intensificar o prazer que serpeia dentro de mim. Claro que ele sabe do que eu gosto. Não é a nossa primeira vez. E também não vai ser a última.

A energia acumula-se dentro de mim e empola-me a pele, enquanto ele roda o dedo no meu clítoris, negando-me a pressão de que preciso.

— Xaden — suplico, as minhas unhas a cravar-se em cima dos ombros dele, embora eu tenha o cuidado de não lhe tocar na cicatriz nova. Cada movimento dos dedos e rodopio da língua parece um relâmpago a passar pelo meu sistema e a eletrificar cada nervo até eu não passar da corda sensível de um arco apertada demais, mas não suficientemente tensa.

— Eu sei exatamente o que queres — ele roça-me o clítoris — e do que precisas. — Sinto dois dedos a entrar em mim.

Mais fundo. Mais perto. Mais. É disso que eu preciso.

— Então, dá-mo — exijo, com os quadris a enrolar-se.

— Esperei uma vida inteira para te tocar.

A minha respiração é uma mistura entrecortada de arfadas e gemidos, e a minha pele afogueia-se num calor formigante enquanto ele intensifica a pressão urgente que eu sinto com estocadas mais tensas e rápidas.

— *Deuses, olha para ti. És tudo o que eu hei de querer. Só tu. Só isto. Só nós.* — A voz dele enrola-se na minha cabeça até eu não ver, não ouvir, não sentir nem pensar em mais nada a não ser nele. Ele é tudo, a olhar para mim como se o pensamento fosse recíproco.

— Preciso de ti. — Talvez precisar não seja a palavra certa, mas não há outra que indique quão essencial ele é para a minha existência. Enfio os polegares no cóis das minhas calças e empurro-as. Preciso de as tirar, *agora*.

— E eu de ti. — Somos um frenesi de mãos e bocas exploradoras a tirar atabalhoadamente a roupa molhada que nos resta. Tenho toda uma nova razão para lançar vitupérios a estas botas, mas o Xaden não tem dificuldade em tirar-mas dos pés e deixar-me nua.

Roço os lábios pela cicatriz nova que ele tem no braço, mais do que ciente de que estive muito perto de o perder, e, um momento depois, ele está

outra vez em cima de mim, apoiado sobre os antebraços, com os olhos a perscrutar os meus com uma intensidade que me arrepiava de expectativa antes de se encaixar entre as minhas coxas.

Estendo a mão entre os nossos corpos e enrolo os dedos à volta dele, trazendo-lhe a cabeça da pila para a minha entrada. Vou morrer se ele me fizer esperar mais. Não vou sobreviver nem mais um instante sem ele dentro de mim.

— Preciso ainda mais de ti, Violet. — Ele fecha a mão em concha na minha face e enrola a anca na minha direção, para entrar devagar e me dilatar ao consumir aqueles primeiros centímetros sensíveis. — Por mais que penses que precisas disto, que precisas de mim... eu preciso *mais* de ti. — Ele dá uma estocada e enche-me com um impulso longo até estar tão dentro de mim que os meus olhos se fecham devagar e eu gemo de um prazer sublime.

Não há nada como isto no mundo. Tenho a certeza.

— *Foda-se. Tão. Bom.* — Ele dá voz aos meus pensamentos com um gemido e depois começa a movimentar-se, recuando apenas para voltar a investir uma e outra vez, ao mesmo tempo que me tira o ar com beijo atrás de beijo. A pedra nas minhas costas dá-me o apoio suficiente para eu me arquear para receber as estocadas e o deixar vir mais fundo. É de mais, é demasiado bom e, ao mesmo tempo, não é suficiente.

Cada estocada vigorosa dá-me sede de mais. É aqui que eu quero existir, com ele em cima de mim, a movimentar-se dentro de mim, completa e totalmente focado em mim.

— *Mais forte. Mais fundo.* — Estou a respirar com demasiada dificuldade para falar. — *Não me trates como se eu fosse frágil.*

— *Eu sei exatamente o que és capaz de aguentar.* — Passa as mãos por baixo de mim e agarra-me de encontro ao peito dele quando se levanta e roda para se sentar na ponta do banco.

O meu grito ecoa na casa de banho quando me enterro nele, pouso um joelho de cada lado da sua anca e ele toca naquele ângulo doce e fundo que me sustém a respiração. — *Sim. Ai. Deuses, sinto-te em toda a parte.*

— *Mesmo onde tínhamos ficado.* — As mãos dele baixam-se para as minhas nádegas. — *Contigo a cavalgar-me.*

Eu entrelaço os braços em redor do pescoço do Xaden e sorrio-lhe ao encontro da boca. Ninguém vai entrar por aquelas portas para nos interromper desta vez. Houve-se apenas o som da água a bater no banco ao nosso lado e dos nossos corpos a juntarem-se uma e outra vez, os nossos corações a bater, respirações arquejantes entre beijos longos e viciantes.

A realidade confina-se a impressões, a sensação intensa do peito do Xaden a tocar-me nos seios, a boca a venerar a minha, a pila a preencher-me cada centímetro que eu tenho e a dilatar-me para ir mais fundo. A pressão que se enrola no meu íntimo é intensa de mais, o prazer tão doce que o consigo provar. Vibra em mim enquanto o meu poder sobe e me transforma em energia pura e arrebatadora, até eu ser o próprio relâmpago que manipulo, a crepitar na expectativa de irromper.

— Mais — rosna ele. — Eu quero tudo, Violet.

— É teu. — A barba curta arranha-me as palmas das mãos quando as fecho em concha no rosto dele e o beijo. Os relâmpagos percorrem-me o corpo e acumulam-se até chegarem a um pico perigoso e eu não tenho de pedir. Eu sei que ele me consegue controlar.

O poder liberta-se com um estalo e reluz do outro lado das janelas por um instante antes de ser engolido por sombras que sobem para o abafar. Nada se estilhaça. Nada se incendeia. Ele sabe como o meu corpo reage, sabe exatamente como me levar até ao ponto de rotura e sabe como dar conta de mim quando eu expludo.

Eu amo-o. Eu amo-o. Eu amo-o. Não estou preparada para lhe dar as palavras, o poder que vem com elas, mas posso guardá-las para mim, cantá-las como se fossem o meu Códice pessoal, a única verdade de que estou certa.

O corpo dele contrai-se debaixo do meu, as estocadas cada vez mais fortes quando ele se enrola à minha volta, agarrando-me o ombro e puxando-me a cada impulso.

A pressão em espiral chega a um ponto de rotura, e eu faço um esforço para me aguentar. Ainda não. Eu quero mais. Foda-se, quero sentir-me assim

todos os minutos de todos os dias para o resto da minha vida.

— Deixa-te ir. — Ele muda de ângulo e esfrega-se no meu clítoris na estocada seguinte.

— Não quero que acabe. — Ouço a nota de pânico na minha voz, a forte inflexão de medo de que esta seja a única vez que me sinto assim, a única vez em que ele é meu. Mas as ondas estão a chegar mais perto, cada vez que ele enrola a anca, e os meus músculos apertam-se até ficarem tesos.

— Violet. — A mão dele desliza-me do ombro para a nuca e fecha-a nos fios longos do meu cabelo quando ele me olha nos olhos como se conseguisse ver-me a alma. — Não posso abdicar disto. *Não* vou abdicar de ti. Agora, deixa-te ir.

As minhas coxas tremem e, na estocada seguinte, eu irrompo num choro. Os relâmpagos rebentam e a energia rasga-me por dentro com um estrondo instantâneo quando as ondas atingem o pico vezes sem conta. A única coisa que consigo fazer é expulsá-las de mim e deixar o corpo ser inundado de felicidade até estar demasiado mole para me balançar contra ele.

— *Perfeito*. — O comedimento do Xaden evapora-se num instante. Vão-se as estocadas moderadas e precisas. Ele rosna de encontro ao meu pescoço, investe sem moderação contra as minhas ancas, consumindo-me com sofreguidão, e eu percebo que vê-lo a perder o controlo era o que eu desejava mais do que tudo o resto, mais até do que os segredos que ele teima em não me contar.

Quero ser a única pessoa com quem ele se descontrola.

Agarro-me aos ombros dele e respondo a cada estocada, rodando as ancas e saboreando o grito que ele liberta quando finalmente trepida debaixo de mim e as sombras se espalham pelo quarto. A rocha estala e a água jorra dos aquedutos.

O meu coração palpita e a boca abre-se num sorriso.

— Foda-se. — A testa dele pousa-se na minha, os nossos peitos a arquejar quando procuramos recuperar o fôlego. — Quando penso que te consigo domar, perco completamente o caralho do controlo.

— Essa é a minha parte preferida.

— Porque é que isso não me surpreende? — Ele roça os lábios nos meus e fecha os braços em meu redor, impedindo que eu me derreta no colo dele. — Vais ser a minha morte, juro.

— O que é que fazemos agora? — A pergunta escapa-me da boca antes de eu a poder parar. Afinal, sou eu que tenho lutado contra isto, seja isto o que for.

— Temos mais do que uma opção. — Ele afaga-me a face e olha-me nos olhos. — Primeira, podemos ficar aqui mesmo e repetir a dose. Segunda, podemos lavar-nos, vestir-nos, ir para o meu quarto e repetir a dose. Ou, terceira... — Detém-se. — Podemos lavar-nos, encontrar um manipulador de água para nos secar a roupa, vestir-te um dos meus casacos de voo e voar para o ponto de encontro para levar os punhais...

Levanto-me e apresso-me a pegar na minha roupa antes de ele acabar. Claro que vou com ele.

— Suponho que isso é um não às opções um e dois? — diz ele com um suspiro de desilusão.

Embora os voadores de grifos não sejam capazes de manifestar sinetes, não são desprovidos de poder. Na verdade, há quem defenda que eles apuraram a magia menor, sobretudo o trabalho mental, tornando-a a arma mais mortífera de todas. Subestimá-los é um erro.

— GRIFOS DE POROMIEL, UM ESTUDO SOBRE COMBATE

DO MAJOR GARION SAVOY



CAPÍTULO XXVIII

A vantagem de sermos dois cavaleiros numa relação assumida que, por acaso, se vincularam a um casal de dragões é que ninguém pensa duas vezes sobre uma escapadela para voar à meia-noite e, em todo o Continente, não há melhor vista das estrelas do que a que se tem no dorso do Tairn.

— *Continuo a não achar bem* — admoesta o Tairn quando atravessamos a barreira das guarnições, um pouco depois da meia-noite.

— *No entanto, estamos em pleno voo* — replico, a afastar a sensação que se me impregna nos ossos a cada bater de asas de que o que estou a fazer é errado. Sei, por experiência, que vai passar assim que estejamos longe das guarnições tempo suficiente para os meus sentidos se adaptarem.

— *Só porque eu jurei que deixaria que fizesses as tuas próprias escolhas depois de Resson, não por estar de acordo contigo.* — Ele segue o declive a partir do pico, guinando para a esquerda para passar rente à paisagem. A lua cheia desta noite significa que temos de manter a discrição. — *Isto é um risco desnecessário.*

— *Um risco que o Xaden e a Sgaeyl correm constantemente.* — Deixo de opor resistência ao vento e inclino-me para a frente com um sorriso aberto quando ele mergulha.

— *O manipulador de sombras não é problema meu.*

— *A Sgaeyl é.* — As correias da sela cravam-se nas minhas coxas, num lembrete constante de que não sou capaz de me manter sentada sem elas.

— *A Sgaeyl nunca seria derrubada por algo tão frágil como um grifo.*
— O Tairn solta um riso de desprezo. — *Quanto a perder o manipulador de sombras, ela ficaria emocionalmente desconfortável, isso é verdade.*

Eu rio-me da fanfarronice dele.

— *Um desconforto emocional? É isso que eu sou para ti?* — Se assim for, não temos de nos preocupar com a minha morte, uma vez que não teria efeito na vida do Tairn, da Sgaeyl e do Xaden.

— *Neste momento, uma estimada maçada.*

O vento leva-me a gargalhada e eu seguro-me quando nos aproximamos do que parece ser um vale florestado. A ponta da cumeada mais próxima brilha com a luz de uma aldeia de Poromiel, mas não tenho a certeza de qual se trata.

O Tairn abre as asas e a gravidade assume o controlo um instante antes de ele aterrar na beira de um lago escuro, sacudindo-me todos os ossos do corpo. Antes de eu poder ver onde estou, ele gira e deixa-me a apalpar a sela em busca do arção, quando se vira de costas para a água e de frente para o prado aberto.

— *Que movimento abrupto.* — Ainda bem que ainda estou bem amarrada.

— *Da próxima vez, voas tu e eu cavalgo.* — A cabeça vira da esquerda para a direita quando a Sgaeyl aterra ao nosso lado com o Xaden no dorso.

— *Ele ainda está zangado por eu também vir* — digo ao Xaden, a levar as mãos à fivela.

— *Já és suficientemente forte para dar conta do Aetos* — diz o Xaden, já a encaminhar-se para o ombro da Sgaeyl. A luz do luar reflete-se nas

espadas quando ele desmonta.

— *Estou mais preocupado com as companhias do tenente do que com o Aetos* — rosna o Tairn. — *E nem penses sequer em desmontar, Prateada.*

— *Desculpa?* — Puxo a faixa de pele da primeira fivela.

— *Desaperta essa correia e eu lanço-me ao ar.* — Roda a cabeça para trás, num movimento estranhamente serpenteante, para olhar para mim com uma expressão furiosa por cima do ombro.

Fico de boca aberta.

— Não podes estar a falar a sério — sussurro com os dentes cerrados.

— *É o que vamos ver.* — Os olhos dourados semicerram-se até não restar senão uma fenda estreita. — *Eu concordei vir até aqui. Não concordei em pôr a tua vida em perigo quando estamos a um voo rápido de uma serpe de Zolya. Eu também me lembro do que acontece a cavaleiros desmontados.*

— *Estás a ser um sacana demasiado protetor.* — Não que ele não tenha alguma razão. Talvez eu não seja a única a ter pesadelos.

— *Sou um ativo para a minha linhagem.* — Vira a cabeça para a frente e ignora-me por completo.

— Não te preocupes, vais poder ouvir tudo daí de cima. — A voz do Xaden chega perfeitamente audível de onde ele está, à frente da Sgaeyl e do Tairn.

— Diz o tipo cujo dragão não o está a enfiar num canto — resmungo.

— *Podia ter recusado trazer-te. Isto é um compromisso.* — O Tairn bufá. — *Estão a aproximar-se.*

A resposta está-me na ponta da língua, mas eu fecho a boca quando ouço o bater de asas de grifos. O som é mais baixo do que o dos dragões, menos pronunciado. Um vento forte e não um rufo de tambores.

Sete grifos — um bando inteiro — aterram numa clareira mais à frente e caminham em frente, as cabeças formidáveis a disparar para a esquerda e para a direita, a olhar para o Tairn e para a Sgaeyl. Os grifos são cerca de trinta centímetros mais altos do que o Xaden e, embora eu não consiga

distinguir-lhes bem as cores à luz do luar, consigo ver-lhes perfeitamente os bicos afiadíssimos de onde estou.

— *Diz, por favor, que os reconheces* — digo ao Xaden, com o coração a latejar. Sinto a energia a crescer-me sob a pele e a carregar o ar à minha volta.

— *Conheço. E tu também vais conhecer daqui a nada* — responde ele como se estivéssemos a encontrar-nos com amigos na taberna local.

O Tairn baixa a cabeça num gesto que eu reconheço como ameaça para eles e favor para mim, uma vez que me permite ver o resto da aproximação.

Os grifos, meio águias, meio leões, param a cerca de seis metros de distância e três dos voadores desmontam, deixando os pares da ponta prontos para levantar voo de um momento para o outro.

A nossa confiança é tão fina como o gelo de dezembro. Um passo em falso e a quebra terá consequências mortais.

O trio caminha em direção ao Xaden por entre a erva da montanha que lhes dá pelo joelho e eu reparo quase imediatamente que a do meio é a veterana que foi ter connosco ao lago e depois lutou ao nosso lado em Resson. Tem o rosto um pouco mais abatido e uma cicatriz nova no lado do pescoço que desaparece debaixo do uniforme, mas não há dúvida de que é ela.

Porém, o homem à esquerda não é o mesmo. É um pouco mais baixo, um pouco mais hirsuto do que o colega entroncado do lago, e não tem malícia debaixo das sobrelhas incisivas quando olha para trás do Xaden e levanta a cabeça na minha direção antes de desviar o olhar.

Não consigo deixar de me perguntar se o homem com que ela estava no lago terá sido morto no ataque.

— Riorson — diz a mulher, parando a cerca de três metros do Xaden.

— Syrena — responde o Xaden, levantando os dois sacos antes de os pousar no chão à frente dele. A mensagem é clara: se os querem, terão de se aproximar mais do Tairn e da Sgaeyl.

A Syrena suspira e faz sinal aos outros para que avancem.

A jovem que está do lado direito da Syrena está vestida num tom mais claro de castanho do que os outros. Parece ter a minha idade e partilha traços suficientes com a Syrena para que haja a possibilidade de serem da mesma família: primas, porventura... ou até irmãs. Tem o mesmo nariz reto, os mesmos lábios cheios, a mesma compleição ágil, e cabelo preto brilhante que contrasta com a pele clara, embora o da mais jovem esteja apanhado numa trança que lhe cai em cima do ombro. Tem os olhos ligeiramente maiores e as maçãs do rosto um pouco mais altas do que as da Syrena. É o tipo de beleza que a levaria a ter uma posição de destaque na corte do rei ou num palco nos teatros de Calldyr.

Sinto um aperto no peito. A forma como ela olha para o Xaden não denuncia apenas enlevo, mas também um enlevo inconfundível, uma ânsia que me faz pestanejar. É como se ela tivesse andado a arrastar-se pelo deserto e ele fosse o oásis.

Ao olhar para ela, fico com a sensação de que sente o mesmo que eu.

— Fico contente por ver que escapaste ao infeliz ataque a Samara — diz a Syrena quando chegam perto do Xaden.

— Vais explicar-me o que caralho foi aquilo? — O tom do Xaden entra num território que está longe de ser amigável. — Porque um dos vossos grifos quase deu cabo de mim. Se não tivéssemos um reparador por perto na Divisão Este, teria menos um braço porque hesitei a pensar que podia ser uma de vocês. — O Xaden olha de relance para a outra mulher. — Pensava que estávamos do mesmo lado, mas não vou hesitar se isto voltar a acontecer.

Eu inclino-me para a frente na sela, mas não tenho grande liberdade de movimentos. É uma tortura estar aqui em cima, onde a única coisa que posso fazer é tentar adivinhar qual será a expressão dele. A energia crepita-me nas pontas dos dedos, mas eu mantenho-me firme e pronta para o caso de esta entrega não correr como planeado.

— Não posso controlar os bandos todos, Riorson — responde a Syrena. — E não vou culpar outros bandos de outras cadeias de comando que têm de seguir ordens. Precisamos de mais armas do que as que tu nos

consegues fornecer. Há punhais suficientes naquele posto avançado para munir cem voadores...

— Esses punhais estão a alimentar as nossas *guarnições*. — As mãos do Xaden fecham-se em punhos junto às ilhargas.

— As *nossas* guarnições? Desde quando é que tu te vês como navarrês? E, pelo menos, vocês *têm* guarnições, Xaden — observa a rapariga à direita.

— Por enquanto. — O Xaden olha na direção dela por uma fração de segundo antes de voltar a virar-se para a Syrena.

Aquele tom. A forma como ela usou o nome dele... não há dúvida de que se conhecem.

— Os ataques têm de acabar, Syrena — continua o Xaden. — Seja na tua cadeia de comando ou não, no momento em que eu ouvir falar de voadores a roubar punhais dos nossos postos avançados ou de quaisquer guarnições de Navarre enfraquecidas por roubos de voadores suspendo os envios que temos previstos para os próximos tempos.

Eu sorvo o ar longamente ao ouvir a ameaça.

— Vais condenar-nos à morte. — A Syrena endireita os ombros.

— Vocês é que nos condenarão à morte a *todos* se derrubarem as únicas guarnições que separam os venéficos dos campos de desova de Basgiath — intervenho. — É a nossa única forja para fabrico de armas e há magia bruta suficiente naqueles terrenos para os alimentar por um século. Seriam imparáveis.

Todas as cabeças se levantam na minha direção.

— *Estás a chamar a atenção*. — O Tairn rosna para os voadores e eles desviam imediatamente o olhar.

— *Nunca disse que ia ficar aqui em silêncio*.

— Prazer em ver-te sem a cara do Riorson colada à tua, Sorrengail — diz a Syrena, sem olhar diretamente para o Tairn. É uma mulher inteligente. — Embora eu suspeite que ele ainda não confia plenamente em nós, se te trouxe em cima desse teu dragão gigantesco.

O Xaden não diz nada.

— Fico contente por teres sobrevivido a Resson — respondo com um sorriso. Não que ela o consiga ver.

Mas a voadora mais nova vê. Olha-me fixamente com uma combinação inquietante de surpresa e... merda, acho que é rancor o que a faz semicerrar os olhos.

— *O meu apelido não está a fazer amizades à tua esquerda* — digo ao Xaden.

— *Ignora-a.*

— Conseguimos escapar graças a ti e aos relâmpagos incríveis que manipulas — diz a Syrena.

Ouve-se mais um ronco a ressoar na garganta do Tairn, que roda a cabeça para a direita e arreganha os dentes.

A Syrena relanceia para a voadora mais jovem e perde a cor.

— Sabes muito bem que não deves olhar diretamente para um dragão, Cat!

Cat. Um nome que faz todo o sentido, tendo em conta a expressão felina com que olha para mim.

— Não estava a olhar para o dragão — responde a mulher com a voz baixa, mas não o suficiente para eu não a ouvir. Desvia o olhar furioso da nossa direção e coloca-o no Xaden. — Ela dá nas vistas, tenho de admitir.

Que raio?

— Não vás por aí — responde o Xaden, num tom que baixa para uma calma gélida antes de se virar para a Syrena. — A Sorrengail tem razão. Se vocês derrubarem as guarnições, não há nada que os possa impedir de sorver a energia dos campos de desova até a esgotar por completo. Seria impossível atacá-los, quanto mais derrotá-los.

— Então, vocês preferem que nós morramos enquanto vocês estão protegidos atrás de armas que poderiam salvar os *nossos* civis? — pergunta o homem como se estivesse a pedir o boletim meteorológico.

— Exatamente. — O Xaden encolhe os ombros.

As minhas sobrancelhas disparam.

— Estamos em guerra — continua o Xaden. — Nas guerras, as pessoas morrem. Por isso, se estão a perguntar se eu prefiro a morte do vosso povo ao do nosso, a minha resposta é sim, como é óbvio. É estúpido pensar que podemos salvar toda a gente. Não podemos.

Eu inspiro longamente perante este lembrete de que o homem que conheço entre quatro paredes não é o mesmo que o resto do mundo conhece. Não é a primeira vez que o ouço a expressar esta ideia. Ele sente o mesmo em relação aos marcados que não trabalham para se salvar em Basgiath.

— Continuas um idiota, pelo que vejo. — A Cat cruza os braços.

— Nós também perdemos cavaleiros na luta contra os venéficos — replica ele. — Estamos a lutar ao vosso lado. Mas não vou sacrificar a segurança do nosso movimento ou dos nossos civis a favor da dos vossos. Se isso faz de mim um idiota, pois que faça. Nós não estamos aqui refastelados atrás das guarnições. Eu estou a arriscar a vida, e as vidas das pessoas de quem gosto, para vos fornecer armas de Basgiath e para conseguirmos construir a nossa própria forja para podermos continuar a fornecer-vos armas e estarmos preparados quando os manipuladores de magia negra e Navarre vierem atrás de nós, o que acontecerá mais cedo ou mais tarde.

— Construir uma forja? — A Cat lança mais um olhar na minha direção. — O visconde Tecarus opor-se-ia veementemente a essa afirmação. Vocês tiveram não uma mas duas oportunidades de obter o luminar, e não foi por não terem o que ele pediu ambas as vezes que não o têm.

— Fora de questão — atira o Xaden.

— Estás disposto a deixar que todo o nosso reino seja alvo daqueles monstros só por estares o quê? — pergunta a Cat, a levantar a cabeça para o Xaden. — Embeijado? Por favor. Eu conheço-te bem.

— Cat! — dispara a Syrena.

Sinto o estômago a andar às voltas.

— *De que é que ela está a falar?* — Por mais ridículo que possa parecer, acho que é... de mim. O que raio é que eu poderia ter que ver com um visconde de Poromiel?

— *Nada de importante.* — O tom do Xaden é tudo menos tranquilizador.

O Tairn bufa.

— *Falamos sobre isto mais tarde* — aviso o Xaden, acrescentando o assunto a uma lista interminável.

— Tu não sabes nada no que a ela diz respeito. — O Xaden abana a cabeça uma vez a olhar para a Cat, antes de se virar para a Syrena. — A forja é a nossa principal prioridade. Assim que obtivermos um luminar, estaremos operacionais e poderemos fornecer-vos todas as armas de que precisarem. Temos o resto do material de que precisamos para começar e não vos vou dizer mais nada, porque tu tens razão, Syrena. Eu não confio em vocês. Até lá, há vinte e três punhais nestes sacos. — O Xaden aponta para os sacos junto aos pés.

— Vinte e três? — pergunta a Syrena, levantando uma sobrancelha.

— Eu preciso de um. — O tom com que fala não denota nenhum tipo de arrependimento. — É pegar ou largar. Seja como for, o Garrick irá certificar-se de que a vossa próxima remessa é entregue no lugar combinado. — O Xaden recua sem deixar de olhar para eles. — *É perto de Athebyne. Não o estou a esconder de ti, só não o quero repetir à frente do resto do bando.*

— *Agradeço a honestidade.* — É surpreendente e refrescante.

— Vocês terão talvez um ano até que eles estejam junto à vossa fronteira — diz a Syrena.

Sinto azia no estômago ao lembrar-me de que o Brennan acha que temos menos do que isso. Tenho de intensificar a minha investigação sobre as guarnições assim que volte para Basgiath.

— Nós somos a única coisa que se interpõe entre eles e vocês. Sabem disso, não sabem? Ou ainda têm as cabeças enterradas na ideia de não quererem saber porque podem ser interrogados como no ano passado?

— Nós sabemos — responde o Xaden. — Estaremos preparados.

A Syrena assente com a cabeça.

— Vou fazer o que puder para diminuir os ataques aos postos avançados, mas, enquanto vocês não puderem dizer abertamente que estão a fornecer-nos armas, será como pedir às nossas forças para acreditar em espectros. Eles não *confiam* em ti como eu confio.

— A forma como os mandas parar é problema teu. O que eu disse foi sentido. — O Xaden levanta a cabeça. — Ataquem as nossas guarnições e eu vou ver-vos a morrer.

Temos de os colocar sob a proteção de guarnições próprias. É o caminho mais lógico.

A Sgaeyl bufá uma rajada de vapor e o voador sobressalta-se antes de ir buscar os dois sacos e virar-se, entregando um à Syrena ao voltar para o resto do bando.

— Obrigada — diz a Syrena ao Xaden antes de olhar de relance para mim. — Diz ao teu dragão que ele continua a ser a coisa mais assustadora que eu já vi, Sorrengail.

— Eu diria, mas isso seria inchar-lhe demasiado o ego — respondo, recostando-me na sela quando o Xaden corre pela perna dianteira da Sgaeyl para montar. — Não morras, Syrena. Estou a começar a gostar de ti.

Ela lança-me o esboço de um sorriso e vira-se para a outra voadora.

— Vamos, Catriona.

Catriona. Cat.

A forma como o meu estômago descai não tem nada que ver com a descolagem repentina do Tairn em direção ao céu noturno e tem tudo que ver com o que me lembro de ouvir o Bodhi dizer há algumas semanas.

Nunca o vi preocupar-se tanto, nem sequer com a Catriona.

Oh, deuses. A forma como ela olhou para ele não teve nada que ver com enlevo. Eram saudades.

Os cadetes que se ausentem sem licença serão presentes ao conselho de guerra pela cadeia de comando, se não forem executados imediatamente.

— ARTIGO QUARTO, PARÁGRAFO PRIMEIRO,
CÓDIGO DE CONDUTA DA ESCOLA DE GUERRA DE BASGIATH



CAPÍTULO XXIX

O ar tira-me o calor das faces e eu coloco os óculos de voo no lugar quando o Tairn voa para a fronteira a bater as asas vigorosamente.

— *Para que eu não me ponha aqui a tirar conclusões precipitadas como no ano passado, deixa-me perguntar: ela é tua ex, não é?* — pergunto ao Xaden, esperando que a minha voz mental soe mais tranquila do que eu me sinto.

— *Como é que tu... esquece, não é importante. É.* — Ele fala devagar, como se estivesse a escolher as palavras com todo o cuidado. — *Acabámos antes de eu te ter conhecido.*

Não devia importar. Eu também tenho ex-namorados. Não falámos propriamente sobre a nossa história sexual ou romântica, certo? Claro que nenhum deles era um voador com o aspeto... dela, mas enfim. Não há nenhuma razão lógica para eu sentir este aperto estranho e irracional de...

Merda. O que é isto? Ciúme? Ansiedade? Insegurança?

— *Os três* — responde o Tairn, tremendamente aborrecido. — *Por isso, deixa-me recordar-te que não houve um único dragão que a tivesse escolhido. E tu foste escolhida por dois. Vê se atinas.*

A avaliação dele é sólida, mas tem pouco que ver com o que eu estou a sentir.

— *Mas houve uma altura em que o Xaden a escolheu.* — Eu inclino-me para a direita quando o Tairn contorna a vertente da montanha, continuando a subir.

— *E a certa altura achaste que as papas de aveia eram uma refeição perfeitamente satisfatória, mas depois cresceram-te os dentes e descobriste todo um novo mundo de pitéus à espera de serem provados. Agora, deixa de pensar dessa maneira. Não serve para te fazer mais forte.*

Fácil para ele dizer.

O silêncio envolve-me durante o resto do voo e eu respiro com mais alguma facilidade assim que atravessámos as guarnições de Navarre. O sentimento de culpa cai-me nas entranhas como uma pedra. Estamos seguros atrás dos nossos escudos, mas o bando que acabámos de armar não dormirá com a mesma certeza.

Aterramos no campo, eu desmonto depois de desapertar as correias que me seguravam e deslizo pela perna dianteira do Tairn.

— *Prepara-te para partirmos de manhã* — ordena o Tairn. — *Talvez um regresso rápido amenize o inevitável castigo que vais receber por teres partido abruptamente.*

Porque ninguém pune os dragões.

— *Duvido, mas podemos tentar.* — Levanto os óculos de voo quando o Tairn se afasta com a Sgaeyl, as caudas a brandir em sincronia. É uma coisa pequena, mas faz-me rir.

O Xaden aproxima-se, enrola-me o braço na cintura e puxa-me ao encontro do seu peito firme antes de me levantar o queixo com o indicador e o polegar para que os nossos olhares se encontrem. A preocupação franze-lhe o espaço entre as sobrancelhas.

— Vamos ter de passar as últimas horas que vamos estar juntos a falar sobre a Cat?

— Não. — Eu entrelaço os braços em redor do pescoço dele. — A não ser que queiras passá-lo a falar sobre os meus amantes anteriores.

Os olhos dele baixam para a minha boca.

— Eu preferia escolher a nossa opção dois do início da noite em que vamos para o meu quarto e usamos o nosso tempo com critério.

— É um bom plano — concordo, já com o corpo a aquecer com a mera sugestão. — *Mas vamos ter de falar sobre o visconde Tecarus.*

— Foda-se. — Ele desvia o olhar. — Quase que preferia falar sobre os nossos amores passados. — Volta a olhar para mim. — Quem são os teus ex-namorados? Eu conheço-os?

— *Tecarus.* — Levanto uma sobrancelha. — Agora. Eu sei que queres guardar os teus segredos, mas tu disseste-me que me darias a informação se pudesse afetar as minhas decisões, e eu tenho uma estranha desconfiança de que o que se está a passar tem que ver *comigo*. — Deslizo os dedos pelo lado do pescoço dele que tem a relíquia, apenas porque não consigo deixar de lhe tocar. — *Por isso, pergunto-te: o que é que o Tecarus quer pelo luminar, o dispositivo que poderá completar a vossa forja e que tu não estás disposto a dar-lhe?*

Ele aperta-me a mão na cintura e aproxima-me ainda mais do corpo dele.

— *Além de armamento e um exército privado?* — Ele para, o conflito a perpassar-lhe pelos olhos, antes de suspirar. — *Tu és a primeira manipuladora de relâmpagos há mais de um século. Ele jura que nos deixa levá-lo para Aretia se te vir a manipular.*

Eu pestanejo.

— Isso parece bastante fácil.

— Não é. O nosso primeiro acordo desmoronou-se quando eu descobri que ele só estava disposto a deixar-nos *usar* o luminar, não a ficar com ele, o que significaria destacar dragões para Cordyn. E, em segundo lugar, não confio nele e não sei se chegará a ver-te. Ele é conhecido por colecionar coisas preciosas e mantê-las contra a sua vontade. — O polegar dele roça-me o lábio inferior, o que me provoca um arrepio de reconhecimento. — Não vou arriscar. Não te vou arriscar a ti.

— Não me parece que seja um risco que te caiba a ti correr — digo em voz baixa. Ele precisa de um luminar, mas, se eu conseguir levantar as guarnições, talvez possamos ganhar algum tempo.

— Eu já te disse, em Aretia, que preferia perder esta guerra inteira a viver sem ti. — Ele percorre a linha do meu maxilar com os dedos antes de deixar cair a mão.

— Não achei que estivesse realmente a falar a sério quando o disseste. — A dor que sinto no peito quase o faz explodir. Eu amo este homem com todo o meu coração impulsivo, que seria dele se ele deixasse de guardar tantos segredos e me permitisse conhecê-lo.

— Vais ter de voltar a confiar em mim alguma vez. — A boca dele fica tensa. — *Ir para Cordyn está fora de questão. O Brennan já está a negociar condições diferentes.*

— Mas eu estou aqui. Não me podes proteger de todos... — Eu viro a cabeça para olhar para o peso que ela acabou de colocar no interior da bainha funda que tenho junto ao ombro, a bainha que só lá está porque eu estou a usar o casaco de voo *dele*. — O que é isso? — Mas eu já sei. A liga no cabo reluz ao luar antes de desaparecer, aconchegada junto ao meu braço.

— Preciso que sejas capaz de te defender independentemente do que aconteça. Não és a única pessoa que tem pesadelos, sabes?

Os meus lábios entreabrem-se.

— Xaden — sussurro, a deslizar as mãos no rosto dele e a arranhá-las na barba curta. — Eu sou uma manipuladora de relâmpagos. Nunca estou indefesa contra venéficos.

— Vais ter de o manter escondido, claro. — A voz dele torna-se áspera. — Coser uma bainha mais profunda naquilo que te sentires mais confortável.

Eu assinto com a cabeça. Neste momento, será quase impossível que alguém o veja a menos que o punhal esteja virado para fora ou que alguém saiba para onde olhar.

— Precisamos de falar sobre mais alguma coisa? — pergunta ele.

Faço um esgar que me franze o nariz.

— Tirando o facto de a batalha de Zolya ter vazado para a sala de Sumário de Batalha e o Markham ter feito de conta de que era propaganda?
— Contorço a boca.

Desta vez, ele limita-se a ficar a olhar para mim.

— Ou o facto de o Nolon ter passado meses a salvar a vida do Jack Barlowe? — Eu rodo para fora dos braços dele e começamos a andar em direção ao posto avançado com as suas tochas a arder ao longo das muralhas exteriores. — Ah, e o Varrish deu-me um murro no ombro que o tirou do lugar durante o interrogatório depois de o Dain ter recusado usar o sinete dele comigo.

O Xaden detém-se.

— Não te preocupes — digo por cima do ombro, a puxá-lo para me acompanhar. — Nós fugimos. Tentaram usar um elixir novo para entorpecer os vínculos com os nossos dragões e os nossos sinetes, mas eu lembrei-me do cheiro da experiência de navegação em terra, pelo que conseguimos evitar que acontecesse.

— Elixir que bloqueia o sinete? — A voz do Xaden eleva-se.

— É na boa. Se eu conseguir perceber qual é a solução, provavelmente consigo preparar um antídoto. — Olho de relance para ele. — *Se não eu, o Brennan.*

O olhar dele enterra-se no meu.

— O que aconteceu à promessa de trabalharmos para melhorarmos a nossa comunicação?

— Eu poderia ter-te obrigado a fazeres perguntas para obteres esta informação. — Lanço-lhe um sorriso sarcástico. — Já te disse que o Dain me desafiou? — Não lhe vou perguntar sobre a afirmação ridícula que ele fez sobre a minha mãe. O Dain não merece que eu me ocupe com ele. — Merda, provavelmente também te devia falar no Aaric.

O Xaden suspira.

— E assim se vai a segunda opção.

Sou imbuída de uma estranha esperança quando o Tairn e eu aterramos no campo de voo de Basgiath na tarde seguinte. Talvez seja por eu finalmente sentir que o Xaden e eu estamos a começar a confiar verdadeiramente um no outro com mais do que apenas os nossos corpos, mesmo que ele não me esteja a dar acesso total.

E o corpo dele é uma senhora regalia. Estou deliciosamente dorida por mais do que o voo quando desmonto do Tairn no final do campo de voo para evitar as aterragens dos instruendos do terceiro ano da Primeira Divisão, que estão ocupados a treinar manobras.

Merda, devia ter enfiado o punhal no saco antes de aterrar. Há dragões e cavaleiros *por toda a parte*.

— *Com tantos dragões por perto, não tenho dúvidas de que o Varrish e o Aetos foram avisados da tua chegada* — adverte o Tairn.

— Eu vou enfrentar o castigo que me quiserem aplicar — respondo, a esfregar-lhe as escamas baças do queixo. — Tens de te hidratar. Estás muito seco do voo.

— *A nossa partida foi mais por minha responsabilidade do que por tua. Não vou deixar que suportes o meu castigo.*

— Deixa de ser tão querido. É estranho e perturbador. — Dou-lhe uma palmadinha nas escamas de novo e alço o saco mais para cima no meu ombro. — *Já passaram duas semanas. Achas que a Andarna vai acordar em breve?* — Tenho saudades dela.

— *Não há como prever* — diz ele depressa. Demasiado depressa.

A desconfiança chega-me ao espaço entre as sobrancelhas.

— Há alguma coisa que não me estejas a dizer?

— *Todos os adolescentes dormem o tempo que o corpo necessita. Parece que o dela precisa de mais do que o da maioria.*

E até às últimas duas semanas, ela tem acordado sempre que eu fico tensa. Foda-se.

— *Devo ficar preocupada?*

— *A preocupação não muda nada. Ela está a ser vigiada pelos anciãos e está a dormir em segurança.*

Hum.

— *Eu digo-te se o meu castigo envolve a minha morte ou só uma contrariedade.*

— *Eu saberei imediatamente, uma vez que estou contigo em permanência* — resmunga ele. — *Sou forçado a testemunhar o embaraço que é ser um humano com vinte e um anos.*

— *Vou esforçar-me para diminuir esse embaraço.*

— *Se fosses capaz, estou certo de que já o terias feito.* — Ele espera que eu passe à sua frente para me dirigir para as escadas junto ao Guante para se lançar ao ar. O movimento das asas atira-me vento para as costas.

Não consigo deixar de olhar para a esquerda ao descer as escadas. A nossa esquadra está a treinar no caminho de obstáculos mortal que custou a vida ao Trysten quando estávamos no treino de interrogatório.

O Aaric e a Visia já chegaram ao cimo — o que não é surpresa —, mas os outros estão a ter dificuldades. Ainda tenho de aprender os nomes de grande parte deles, mas até agora só perdemos dois.

A Sloane morde o lábio inferior ao ver uma rapariga com o cabelo azul e preto a debater-se no tronco giratório da quarta subida... e a cair. O coração sobe-me à boca, mas ela agarra uma das cordas verticais ao longo do percurso.

— *Passa esse a correr* — digo à Sloane ao passar. — *Se hesitares, caís.*

— *Nunca disse que precisava da tua ajuda* — responde ela entre dentes.

— *O teu irmão conquistou o emblema do Guante no ano passado. Ninguém espera que faças o mesmo, mas tenta não morrer, está bem?* — digo por cima do ombro, sem me dar ao trabalho de parar. Seja como for, ela não

me vai deixar ajudá-la e eu não a posso salvar deste desafio. Ou o supera ou não.

Foda-se, até pareço o *Xaden*, imagine-se.

— Deixaste a chefia furiosa, Sorrengail — diz o Emetterio quando eu me aproximo e vejo o sol a reluzir-lhe na cabeça rapada e oleada há pouco tempo.

— Era impossível de evitar — digo em voz baixa, a parar ao lado dele.

Ele olha de soslaio para mim.

— Eu não tenho instruendos preferidos. Seria uma idiotice neste lugar.

— Percebido.

— Mas, se tivesse. — Ele levanta o indicador na minha direção. — E não estou a dizer que tenho. Mas, *se* tivesse, sugerir-lhe-ia que ela salientasse o vínculo incomparável do seu dragão de combate lendário e se esquecesse de referir que talvez o reforço dos escudos mentais a pudesse ter protegido da tão precipitada decisão de se ausentar sem licença. — Ele levanta ambas as sobrancelhas escuras na minha direção. — Mas também teria esperança de que outro instruendo preferido, se eu tivesse tal coisa, lhe ensinasse técnicas mais fortes para levantar os escudos de forma a que não voltasse a acontecer. — O olhar dele baixa para a gola do casaco que trago vestido, que tem uma única lista prateada que indica o posto de tenente.

— Eu percebo o que quer dizer. — Os meus lábios curvam-se num sorriso. — Obrigada pela sua preocupação, professor Emetterio.

— Nunca disse que me preocupava. — Vira a atenção para o Guante, onde a Sloane acabou de atravessar a quarta subida.

— Certo. Claro que não. — Abro um sorriso quando me afasto em direção ao caminho rochoso para o quadrante e antes de lutar contra o medo do castigo que se avizinha. Se o Varrish me tentar matar, vou lutar. Se me quiser torturar, estarei preparada. Ou talvez deva ir ter diretamente com o Panchek?

O caminho está movimentado, uma vez que passo por mais uma esquadra à espera de vez para o treino no Guante, e deixo de me preocupar

em guardar o punhal no meu saco. A este ritmo, chego ao meu quarto sem que ninguém veja o punhal com cabo de liga.

Quando chego ao segundo andar, já imaginei uma dúzia de cenários diferentes para me entregar.

O professor Kaori levanta os olhos do livro quando vem na minha direção, no corredor principal, com as sobrancelhas franzidas de concentração, e eu aceno-lhe antes de virar para o corredor menor onde ficam os aposentos da minha esquadra.

Detenho-me e o meu coração para durante o que deveriam ser duas pulsações quando os vejo.

— Ali está ela. — A voz untuosa do Varrish levanta-me os pelos da nuca e tanto ele como os dois escudeiros desencostam-se da parede e vêm na minha direção. — Temos estado à sua espera, Sorrengail.

— Eu ia tomar banho depois de um voo longo para depois me apresentar à chefia para receber o meu castigo. — Perto. Estou tão perto da segurança do meu quarto.

— Oh, quer dizer que *sabe* que estive ausente sem licença — diz o Varrish, com um sorriso que está muito longe de ser tranquilizador. — O trio passa pela minha porta e pela da Rhiannon, do outro lado do corredor, e aproxima-se da do Sawyer, à minha esquerda, e da do Ridoc, à minha direita.

— Claro — respondo a assentir com a cabeça.

A porta da Rhiannon abre-se silenciosamente e ela põe a cabeça de fora e arregala os olhos.

Eu abano levemente a cabeça em advertência e ela assente, voltando para dentro e fechando quase completamente a porta. Boa. Eu não quero que eles a tragam por arrasto para o meu castigo assim que ela tente defender-me como chefe de esquadra.

— Saco — ordena o Varrish.

Oh. *Foda-se*. Pelo menos, não guardei o punhal lá dentro. O meu erro pode salvar-me a vida.

A Nora estende a mão e eu deixo cair o saco dos ombros e entrego-lho.

— Não quis sequer dar-se ao trabalho de usar o seu uniforme, cadete Sorrengail? — O Varrish olha para a divisa do Xaden na gola. — Sabe que fazer-se passar por um oficial com patente é uma violação do Códice, não sabe?

A Nora despeja o meu saco no chão de pedra, quebrando a lombada do meu livro de História. Au.

— Olhe, tem outro aqui. — Estende o casaco do Bodhi ao Varrish.

— Está a colecioná-los, é? — O Varrish pega no casaco sem olhar na minha direção. Está concentrado no saco com os outros dois cavaleiros.

Ele vai querer tirar-me o casaco do Xaden. Tenho a certeza. O pânico sobe-me à garganta e ameaça cortar-me o oxigénio. Levanto a cabeça para a Rhi e olho-a de frente pela fenda que ela deixou na porta.

Ela inclina a cabeça levemente para o lado, em silêncio, e eu olho cheia de intenção para o punhal embainhado junto ao meu ombro antes de lhe levantar as sobrancelhas.

— São só livros, óculos de voo e o casaco — diz a Nora.

— Um casaco que não é dela — corrige-a o Varrish. — Tal como o que está a usar.

A porta da Rhiannon range, mas ela consegue fechá-la antes de eles se virarem para lá.

Foda-se. Foda-se. *Foda-se*. Estou por minha conta. O punhal é mais do que suficiente para me denunciar se ele souber do que se trata. E, se não souber, o Markham saberá. Mas, pior, irá denunciar o Xaden. Matarão todos os marcados pelo que considerarão ser traição.

— Verifiquem o que ela traz vestido — ordena o Varrish. — Uma vez que não é claramente o regulamentar.

— Peço desculpa — diz o professor Kaori, a aparecer atrás de mim. — Terei acabado de o ouvir mandar os seus... ajudantes, ou lá o que lhes quer chamar, tirem a roupa a uma cadete?

— É um *casaco*. Ela está a violar o Artigo Sétimo, Parágrafo Terceiro, que estipula que fazer-se passar por um oficial com patente... — começa o Varrish.

— Na verdade, é o Artigo Segundo — interrompo, cruzando os braços à frente do peito. O ombro cai muito mais do que eu estava à espera, mas não sou estúpida ao ponto de olhar para baixo para chamar a atenção para lá. — E diz que *fazer-se-passar* por um oficial com patente é um delito punível, não usar o casaco de outra pessoa. Como podem ver, eu não estou a usar o crachá de ninguém nem a afirmar que sou outra pessoa.

— Ela tem razão neste caso, vice-comandante. — O Kaori põe o livro debaixo do braço. — E desde quando é que revistamos sacos de cadetes?

— Desde que eu assumi o cargo de vice-comandante. — O Varrish levanta a cabeça e apruma-se. — Isto não tem nada que ver consigo, Kaori.

— Seja como for, não vou sair daqui — riposta o Kaori. — O poder tem de ter sempre os seus pesos e contrapesos, não acha, major Varrish?

— Está a acusar-me de abusar do meu poder para com esta cadete, *coronel* Kaori? — O Varrish avança um passo na nossa direção, mas o meu saco está a estorvar-lhe o caminho.

— Oh, não. — O professor Kaori abana a cabeça. — Eu acho que abusa do seu poder em geral.

Tenho de recorrer a todas as forças que tenho para manter os músculos sob controlo.

Os olhos do Varrish semicerram-se no professor Kaori antes de se virarem para mim.

— O casaco de voo, por favor. — Estende a mão.

Eu desaperto os botões, a rezar para que os dedos não me tremam, e estendo-lho.

O Varrish vasculha os bolsos todos. Um. A. Um.

Não preciso de avisar o Tairn, já sinto a sua presença serena nos interstícios da minha cabeça.

— Hum. — O Kaori inclina-se na minha direção e levanta a cabeça, passando os olhos pelo meu uniforme. — O crachá dela diz claramente Sorrengail e estou a ver dois dos emblemas da esquadra a que ela pertence. A mim não me parece que esteja a fazer-se passar por ninguém.

— Ela vai... — O Varrish não encontra nada no casaco e o rosto tingese de vermelho. — Ela ainda vai ter de enfrentar o conselho de guerra por se ter ausentado do *campus* sem licença...

— Oh. — O Kaori assente com a cabeça. — Então, está explicado. Ainda não falou com o Panchek esta tarde. Eu apresentei-lhe a minha opinião de perito de que a Sorrengail não devia ser castigada pelo que foi claramente uma escolha do dragão dela. O muito poderoso, muito preocupado e muito *acasalado* dragão dela. O Panchek concorda. Ela foi absolvida de todas as acusações.

— Desculpe? — O Varrish deixa cair o casaco do Xaden em cima do do Bodhi e os escudeiros dele levantam-se.

— Ora, ora — diz o Kaori como se estivesse a falar com uma criança. — Não podemos estar à espera que uma instruenda do segundo ano seja capaz de ter escudos suficientemente fortes para se proteger das emoções avassaladoras do respetivo dragão quando nós, enquanto oficiais, temos dificuldade em fazê-lo, mesmo não tendo um dragão tão forte como o Tairn.

— Talvez o coronel tenha dificuldade — atira o Varrish, perdendo a indiferença manhosa habitual. — Alguns de nós não se curvam perante os caprichos dos nossos dragões. Na verdade, somos nós que os influenciámos *a eles*.

— Bem, essa é uma teoria que vale a pena contemplar, sem dúvida. — O Kaori detém-se à espera de uma resposta, que não chega. — Estranho. Será que isso significa que foi o major que influenciou o Solas quando ele incinerou aquela esquadra de cavaleiros vinculados depois do Parapeito?

O Varrish olha alternadamente para nós os dois.

— Estamos conversados por hoje.

O trio contorna a confusão que fez com as minhas coisas e passa pelo professor Kaori.

— Está a fazer inimigos, Sorrengail — diz o Kaori tranquilamente, depois de esperar que eles estivessem longe.

— Não sei se fui eu que fiz este, professor — digo-lhe com honestidade, antes de me agachar para voltar a enfiar as minhas coisas no saco. — Parece-me que ele já veio assim.

— Hum. — Ele observa-me quando me levanto. — Seja como for, tenha cuidado. — Lança-me um olhar cauteloso e desaparece pelo corredor adiante.

Eu aperto o casaco com as mãos e dou com uma bainha muito *vazia*.

Oh, deuses.

— Anda cá! — diz-me a Rhiannon com os dentes cerrados praticamente a puxar-me para o quarto dela e a fechar a porta depois de eu entrar.

O Ridoc e o Sawyer levantam-se de onde estavam sentados junto à janela e fecham os livros de Física, trocando um olhar antes de virem ter connosco.

— Não queria envolver-te na... — As minhas palavras definham quando ela levanta o punhal, que agarra pela ponta. — C'um *caraças!* — Fico de queixo caído, que depois se levanta num sorriso espantado. — Tu acabaste de conseguir fazer passar isso pela parede! Pensava que ainda não eras capaz!

— Não sou! — refuta ela. — Bem, não era, ao que parece. Pelo menos, até agora. Só consegui quando pensei que isto, seja lá o que for, te podia matar depois da forma como olhaste para mim.

— Tu és incrível! — Olho para os rapazes. — É, não é?

— Chega de falar do sinete! — A voz dela eleva-se com a tensão. — O que é isto? E porque é que precisavas que eles *não* o encontrassem?

— Oh. Certo. — Eu dou um passo em frente e ela estende-me o punhal. Passam-me mil e uma possibilidades pela cabeça, todas elas diferentes graus da verdade. Mas estou tão farta de lhe mentir, de lhes mentir aos três. Sobretudo sabendo que os ataques estão a aumentar e que eles acabarão por ser prejudicados se continuarem sem saber nada. — O punhal.

Deuses, espero que o Xaden me perdoe por isto.

A Rhiannon é a minha amiga mais íntima e acabou não só de me salvar o couro mas também as vidas de todos os marcados nesta escola. Ela merece mais de mim. Merece a verdade. Todos eles merecem a verdade.

— Violet? — suplica ela.

Eu engulo o nó na garganta e olho para ela.

— É para matar venéficos.

Tirando em caso de invasão, só os cavaleiros e os copistas designados são autorizados no Quadrante dos Cavaleiros. Um soldado de infantaria ou até um curandeiro que entre sem ser convidado estará à procura de uma morte rápida.

— ARTIGO SEGUNDO, PARÁGRAFO TERCEIRO,
CÓDIGO DE CONDUTA DA ESCOLA DE GUERRA DE BASGIATH



CAPÍTULO XXX

Conto-lhes tudo.

Tudo o que aconteceu desde o minuto em que tomei a decisão de deixar a nossa esquadra com o Xaden para os Jogos de Guerra até ao segundo em que caí do dorso do Tairn depois de ser apunhalada. Mas quando chega o momento de revelar como e onde acordei, fico com a língua presa. Não o consigo fazer.

Não é por não confiar neles, mas porque não é um segredo meu e porque revelá-lo trai o Xaden... e o Brennan. Coloca todas as vidas de Aretia em risco.

Por isso, conto-lhes *quase* tudo o que aconteceu depois de Resson. A Andarna, as tentativas de assassinato, os punhais, o fornecimento a bandos de grifos amigáveis, a Jesinia a passar-me livros confidenciais sobre as guarnições às escondidas, até a teoria segundo a qual Navarre sabe como ludibriar venéficos e tudo o mais, que me sai da boca num dilúvio de palavras que os deixa a olhar para mim com expressões que variam entre o choque e a incredulidade.

— Eu sabia. O Deigh não foi morto por grifos. — A Rhi senta-se na cama a olhar para a parede com os olhos desfocados a processar a informação.

— O Deigh não foi morto por grifos. — Abano a cabeça devagar e sento-me ao lado dela.

— E deixaste-o, ao Riorson, mentir por ti. — O Sawyer cruza os braços à frente do peito.

Eu assinto com a cabeça e sinto um buraco a abrir-se no peito enquanto espero que eles me condenem, gritem comigo, me expulsem do quarto, acabem com a nossa amizade.

— E tens a certeza de que os dragões sabem? — O Ridoc inclina a cabeça para o lado e os olhos arregalam-se devagar como se ele estivesse a falar com o Aotrom. — Os dragões *sabem*.

— A Feirge também sabe. — A Rhi agarra a ponta da cama. — Está admirada por eu também saber. Por tu saberes.

— O Tairn diz que o Empíreo está dividido. Alguns dos dragões querem agir e outros não. Sem que o Empíreo tome uma posição oficial, nenhum dos dragões está disposto a colocar os cavaleiros em perigo contando-lhes tudo, se eles ainda não o souberem.

— E há pessoas a morrer para lá das guarnições. Toda a *propaganda* é verdadeira. — O Ridoc põe-se a andar de um lado para o outro entre a janela e a porta.

— É. — Assinto com a cabeça.

— Eles não podem manter uma mentira desta dimensão — observa o Ridoc, a esfregar o cabelo cortado rente há pouco tempo. — É impossível.

— Não é, não. — O Sawyer recosta-se na secretária da Rhiannon. — Garanto-te que, quando vivia em Luceras, as únicas notícias que nos chegavam à costa vinham do que os copistas colocavam nos anúncios oficiais. É muito fácil: basta que o Markham escolha quais são as notícias que são publicadas e as que não são. Nem sequer estamos abertos a embarcações comerciais dos reinos das ilhas.

O Ridoc abana a cabeça.

— Muito bem, então e as sarpas, ou lá como lhes chamaste?

— Serpes? — aponta a Rhiannon.

— Isso. Se vocês mataram esses monstros todos do tamanho de dragões, onde estão os corpos? Eles não conseguem esconder um campo inteiro de cadáveres e Resson é suficientemente perto de Athebyne para alguém poder ver. O Liam não era o único cavaleiro com visão à distância.

— Queimaram-nos — diz a Rhiannon em voz baixa, a desviar o olhar em reflexão. — Os relatórios das patrulhas de que nos falaram no Sumário de Batalha diziam que o posto comercial foi completamente carbonizado e que teríamos de encontrar um novo local para as trocas comerciais trimestrais.

— Quanto tempo temos? — O Ridoc para de andar de um lado para o outro. — Até essas coisas chegarem à nossa fronteira.

— Uns dizem um ano, outros dizem menos. Muito menos. — Viro-me para a Rhi. — Tens de convencer a tua família a sair da aldeia. Quanto mais longe da fronteira, melhor.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Queres que eu diga aos meus pais para deixarem o negócio em que trabalharam a vida inteira e levem a minha irmã e a família dela sem lhes dizer porquê?

— Tens de tentar — sussurro. — Lamento não poder ter-te dito nada antes. — O sentimento de culpa ameaça engolir-me por inteiro. — E a verdade é que vocês ainda não sabem tudo. Há coisas que eu ainda *não* vos posso contar, pelo menos até serem capazes de levantar escudos contra o Dain. E eu sei que isto parece um monte de tretas, porque tenho vindo a mentir-vos nos últimos meses, basicamente. E vocês têm todo o direito de ficar zangados comigo ou de me odiarem ou de sentirem o que quiserem sentir... claro. — Deixo escapar um riso autodepreciativo. — Porque é exatamente pela mesma razão que tenho andado tão zangada com o Xaden. — Acabo com um suspiro.

— Para. — Ela sorve o ar longamente, mas não sem dificuldade, e arrasta o olhar ao encontro do meu. — Eu não estou chateada contigo.

Eu recuo, sem fala.

— Eu estou um bocado — murmura o Ridoc.

— Eu estou pasmado, mas não zangado — aponta o Sawyer, a lançar um olhar ao Ridoc.

— Não estou chateada contigo, Vi — repete a Rhiannon, com o olhar fixado no meu. — Mas tenho muita pena que não tenhas sentido que me podias contar. E, se me perguntares se estou desiludida e mais do que um pouco frustrada por não teres confiado em mim mais cedo, terei de dizer que sim, completamente, mas não posso imaginar o peso do fardo que tiveste de carregar.

— Mas devias estar chateada. — Sinto os olhos a arder e o que parece uma rocha a formar-se na garganta ao olhar para cada um deles. — Todos vocês deviam estar chateados.

A Rhiannon levanta as sobrancelhas a olhar para mim.

— Quer dizer que eu só posso sentir o que quiser desde que te desanque por não me contares? Não sei se isso é justo.

Respirar. Tenho de respirar, mas a rocha fez-se montanha.

— Eu não te mereço. — A reação dela tendo em conta a forma como a enganei tão completamente não podia ser mais diferente da forma como eu desfiz o Xaden em pedaços. — Não mereço nenhum de vocês.

Ela puxa-me para um abraço e poussa-me o queixo no ombro.

— Mesmo que saber isto tudo faça de mim um alvo, tu puseste a tua vida em perigo e partilhaste a tua bota comigo no Parapeito quando éramos umas perfeitas desconhecidas. Como podes pensar que eu não quereria partilhar este risco contigo agora que és a minha melhor amiga?

Eu abraço-a com força, dividida entre o alívio absoluto de ela saber — de todos eles saberem — e o medo aterrador de não ter feito senão expô-los.

— Nós não fugimos. — O Sawyer aproxima-se de nós e agarra-me o ombro, que aperta levemente.

O Ridoc encaminha-se na nossa direção devagar e poussa-me a mão no cimo das costas.

— Nós os quatro mantemo-nos unidos. É esse o acordo. Chegarmos à graduação independentemente do que aconteça.

— Se ainda houver uma Basgiath onde nos possamos graduar — observa o Sawyer.

— Eu tenho uma pergunta. — A Rhiannon afasta-se para trás e os outros deixam cair as mãos. — Se só temos meses, o que vamos fazer quanto a isso? — Os olhos dela não mostram medo, só determinação férrea. — Temos de dizer a toda a gente, não? Não podemos deixar que os venéficos apareçam junto à nossa fronteira e comecem a sugar a vida às pessoas.

É bom ver a Rhiannon a entrar em modo de resolução de problemas. Pela primeira vez desde que regressei a Basgiath depois de Resson, não me sinto tão sozinha. Talvez manter distâncias funcione bem para o Xaden, mas eu preciso de amigos.

— Não podemos. Só quando tivermos tudo preparado para lutar. Matam-nos a todos antes de termos a oportunidade de disseminar a verdade, tal como fizeram durante a rebelião tyrrense.

— Não podes estar à espera que fiquemos a chuchar no dedo enquanto o Riorson e os marcados andam de um lado para o outro com o destino do Continente nas mãos. — O Sawyer esfrega a cana do nariz.

— Ele tem razão. — A Rhiannon assente com a cabeça. — E se achas que criar um segundo conjunto de guarnições é a forma de salvar as pessoas, vamos a isso. Deixamos os marcados com o contrabando de armas e concentramo-nos em ajudar-te na tua pesquisa.

— É um bom plano — concorda o Ridoc, a pegar no punhal com cabo de liga e a examiná-lo.

— Não me digam que estão mesmo a voluntariar-se para passarem o vosso tempo a ler dezenas de livros confidenciais sobre guarnições? — Olho alternadamente para eles com as sobrancelhas levantadas.

— Se significa que podemos passar algum tempo nos Arquivos, conta comigo. — O Sawyer assente entusiasticamente com a cabeça.

— E todos nós sabemos porquê, meu amigo. — O Ridoc sorri e dá-lhe uma palmada nas costas.

Sinto uma centelha de esperança a acender-se no peito. Teríamos a possibilidade de ler quatro vezes mais depressa, consultar quatro vezes mais livros.

— Tem de haver um registo algures sobre a forma como os Primeiros Seis criaram as primeiras guarnições. A Jesinia tem andado à procura, mas não tem acesso a todos os tomos confidenciais e tudo o que eu li foi editado ou censurado durante a tradução, incluindo um relato do primeiro dos copistas. É como se tivessem escondido o conhecimento quando mudaram a nossa história, o que eu acho que aconteceu há cerca de quatrocentos anos.

— Portanto, estamos à procura de um livro com mais de quatrocentos anos. — A Rhiannon tamborila com os dedos no joelho a pensar. — Um livro que não tenha passado por um par de mãos que o traduzisse ou editasse.

— Exatamente. E a Jesinia já me deu o livro mais velho a que tem acesso sobre currículos de tecimento de guarnições, mas só aborda o alargamento das guarnições, não a criação. — Deixo os ombros descaírem com um suspiro. — O que precisamos realmente é de uma fonte primária e eu duvido que os Primeiros Seis se tenham sentado por aí a escrever livros depois de terem fundado Basgiath. Estavam um bocado ocupados.

— Não demasiado ocupados para escreverem diários. — O Ridoc pousa o cabo do punhal no centro da palma da mão e tenta equilibrá-lo.

As nossas cabeças viram-se na direção dele e o meu coração ameaça parar.

— O quê? — pergunta a Rhiannon.

— Eles escreviam diários — diz ele a encolher os ombros e a mexer-se ao tentar manter o punhal em pé. — Pelo menos um deles. War... — Ele apanha-nos a olhar fixamente para ele e agarra rapidamente o punhal pelo cabo. — Esperem. A sério que eu sei algo sobre os Arquivos que vocês não sabem? — O rosto abre-se num sorriso largo. — Sei, não sei?

— Ridoc... — adverte a Rhiannon, lançando-lhe um olhar com o qual eu não quero ter nada que ver.

— Certo. Desculpa. — O Ridoc pousa o punhal na secretária e senta-se ao lado dele. — Os diários do Lyra e do Warrick estão aqui. Pelo menos de acordo com um livro-razão confidencial no gabinete da tua mãe.

— No gabinete da minha mãe? — Fico de queixo caído.

— O livro-razão, não os diários. — O Ridoc encolhe os ombros. — Eu folhee-o quando estávamos à procura de algo que pudéssemos roubar durante a Batalha de Esquadras, mas dizia que estavam guardados num cofre nos níveis inferiores, e tu já tinhas dito que os Arquivos estavam fechados e depois sugeriste o mapa...

— Não há nenhum cofre nos níveis inferiores. — Eu abano a cabeça.

— Que tu saibas — replica ele.

Eu pestanejo.

— A Jesinia saberia se tivéssemos esses livros, quanto mais um cofre nos níveis inferiores. — O meu pai ter-me-ia contado... não teria?

O Ridoc solta um riso escarninho.

— Certo. Porque os copistas mantiveram o maior segredo da história de Navarre estes anos todos por permitirem acesso a instruendos do segundo ano.

— Ele tem uma certa razão — aponta o Sawyer.

Tem.

— Vou pedir-lhe para procurar. — E apercebo-me de que teria sabido disto há muito tempo se tivesse confiado nos meus amigos. — Mas se eu nem sequer sei que existe um cofre, serão ainda mais do que confidentiais. Encontrá-los pode realmente significar a nossa morte.

O Ridoc revira os olhos.

— Oh, boa. Estava a perguntar-me quando é que as coisas iam começar a ficar perigosas por aqui.

A Jesinia não sabe nada de um cofre nos níveis inferiores, por isso, enquanto ela procura, nós os quatro debruçamo-nos sobre todos os livros sobre tecimento de guarnições e os Primeiros Seis que ela nos dá. A pesquisa é muito mais rápida quando é feita por quatro pessoas. E tenho de admitir que é bom olhar em volta do meu quarto durante as horas que estudamos e voltar a ver os meus amigos.

Mas não encontramos as respostas. E a Andarna continua estranhamente adormecida. E o Tairn dizer-me afavelmente para não me preocupar parece uma enorme motivação para eu fazer exatamente o contrário, pelo que me preocupo.

Nunca tenho uma oportunidade de contar a nossa descoberta — ou falta dela — ao Xaden. No sábado, a nossa esquadra é levada para outra sessão de orientação em terra com a infantaria, desta vez com a Primeira Divisão, e eu passo dois dias a vaguear pelo terreno íngreme das montanhas perto de Basgiath, a evitar o Jack Barlowe — que é estranhamente simpático com *toda a gente* — a todo o custo.

— É como se ele tivesse conhecido Malek e decidido voltar como um tipo decente — observa a Rhiannon quando o apanhamos a ensinar instruendos do primeiro ano no tapete. — Mas eu continuo sem confiar nele.

— Eu também. — E agora todos os professores parecem adorá-lo.

Na semana seguinte, a Andarna ainda está a dormir e o Sawyer tropeça num excerto de um livro com trezentos anos que confirma que foi criada mais do que uma pedra de proteção para alimentar as guarnições.

No sábado, não só o Xaden está em serviço no centro de operações, como a Mira está em patrulha durante a maioria da visita, e, no fim de semana a seguir, a nossa esquadra é largada na floresta de Parchille entre as folhas que caem, sem mantimentos, com a missão de encontrar uma saída.

Mensagem recebida. O Tairn e a Sgaeyl têm direito aos seus encontros, mas o Xaden e eu só nos podemos ver um ao outro se nos cingirmos às regras e o Varrish determinou que desrespeitamos demasiadas.

Na semana seguinte, tenho de escolher entre a minha esquadra receber um zero se eu não participar numa operação de invasão e perseguição contra

a Terceira Divisão, no bosque de Shedrick, ou voar para Samara para ir ter com o Xaden.

É precisamente o cenário que a Mira previu no ano passado quando soube que eu me tinha vinculado ao Tairn: estou a ser obrigada a escolher entre a minha educação, a minha esquadra, e o Xaden e a Sgaeyl. O Tairn toma uma decisão antes que eu me possa fustigar com o problema.

Ficamos, mas ele está um caco no dia seguinte, que é o dia da Debulha, e não o posso censurar. Posso não ter um vínculo de casal, mas eu seria capaz de comer o próprio braço para ter cinco minutos para falar com o Xaden. Nada do que eu preciso de lhe dizer pode ser escrito numa carta.

— Pareces mais nervosa do que estavas quando foi a nossa Debulha — diz a Rhiannon, ao aproximar-se do local que os meus colegas de esquadra escolheram, à frente da vertente da colina na qual os instruendos do primeiro ano da Quarta Divisão esperam com os dragões com os quais acabaram de se vincular.

— Ainda não vi a Sloane e tenho de sair em breve para o meu turno de vigia. — Eu balanço-me para a frente e para trás, nervosa, como uma mãe com um recém-nascido maldisposto. *Eu hei de arranjar um tempinho para ir ao templo se pudeses estar com ela*, prometo a Dunne, a deusa da guerra.

— Ela vai conseguir. — A tensão nos braços cruzados da Imogen diz-me que ela não está a sentir-se tão confiante como afirma. Além das repetições adicionais nos nossos treinos noturnos, ela tem sido muito ríspida comigo desde que tive de lhe dizer que tive de contar o nosso segredo, o que a levou a também contar à Quinn.

A reação da Quinn foi muito parecida com a da Rhiannon, cheia de coragem e determinação.

O Xaden vai ficar fulo quando eu lhe disser, mas tratarei disso quando ele vier cá no sábado. Se deixarem que nos encontremos.

— Todo o Pelotão Labareda parece muito forte. O Bodhi deveria estar orgulhoso — diz a Quinn com o sorriso esperançoso.

— A Visia vinculou-se a um Cauda de Punhal Castanho — diz a Rhi, a acenar com a cabeça para o outro lado do campo onde a instruenda do

primeiro ano está ao lado do respetivo dragão. — A Avalynn, o Lynx e o Baylor também conseguiram vincular-se. Mas não vejo o Aaric nem a Mischa. — Olha de relance para mim. — É a que está sempre a roer as unhas.

— Oh. Certo. — O sentimento de culpa entope-me a garganta e eu engulo, mas a sensação não desaparece. Evitei saber tudo o que tivesse que ver com os instruendos do primeiro ano, mas a Rhi não pôde dar-se ao mesmo luxo.

O ar volta a encher-se de asas a bater e olhamos todos para a direita quando um Cauda de Moca Azul se aproxima com escamas em tons de safira que contrastam com as cores em mutação do céu do ocaso. É que bonito que ele é.

— *Sempre fomos a espécie mais bem-parecida* — intervém o Tairn.

— *A Andarna?* — pergunto todos os dias, e hoje já vou na segunda vez.

— *Continua a dormir.*

— *Isso não pode ser natural.* — Transfiro o peso de um pé para o outro na vertente da montanha.

— *É... mais tempo do que o esperado.*

— *É o que estás sempre a dizer. Já juntaram o Empíreo.* — Mudo de assunto e relanceio por cima do ombro para a montanha coberta de dragões e vejo o Tairn, imponente, na cumeada, só um pouco abaixo dos dragões que calculo serem os anciãos. — *Estão a planear discutir alguma coisa hoje à noite?* — Sem a cooperação do Empíreo, estamos de mãos atadas.

— *Se estivéssemos, não te poderia dizer.*

— *Já calculava* — digo com um suspiro, a olhar para o dragão azul a aterrar no campo diretamente à frente do estrado onde a chefia, incluindo a minha mãe, observa.

— Caramba — murmura a Rhiannon quando o Aaric desmonta do Cauda de Moca Azul como se o fizesse há anos, com uma facilidade que me faz lembrar o Xaden e o Liam. Sorrio ao vê-lo com a cabeça baixa a indicar o nome do dragão e a voltar sem que a minha mãe o reconheça.

— Olha ali. — A Rhiannon aponta para o final do campo.

Um vermelho médio, com o tom de um morango, vem a voar e brande a cauda de punhal quando aterra no meio do campo.

— Uma Cauda de Punhal Vermelha — sussurro, com o alívio a inundar-me as veias quando a Sloane desmonta desajeitadamente, agarrada ao ombro. — Tal como o irmão dela.

A Sloane dá um abraço apertado à Visia e eu sorrio. Fico contente por ela ter amigos, que o ano dela tenha a oportunidade de se tornar tão coeso como o nosso.

— É difícil não a detestar por te odiar. — A Rhiannon suspira. — Mas estou contente por ela ter sobrevivido.

— Eu não preciso que ela goste de mim. — Encolho os ombros. — Só preciso que ela viva.

— Chefe de esquadra Matthias? — Um cavaleiro da Terceira Divisão com uma faixa preta com uma insígnia cinzenta de mensageiro aproxima-se.

— Estou aqui. — A Rhi acena-lhe para que ele se aproxime e pega no pergaminho dobrado que ele lhe estende. — Obrigada. — Ele vai-se embora e ela quebra o lacre de cera para abrir a missiva. Olha de chofre para mim e baixa a voz quando o Ridoc se inclina na direção do pergaminho. — A Jesinia pede para irmos ter com ela à porta dos Arquivos daqui a quinze minutos. Tem o tomo que pedimos. — Ela lê a nossa frase de código devagar com os olhos a brilhar de entusiasmo.

Eu inspiro profundamente e sinto o coração em sobressalto quando abro um sorriso.

— Ela encontrou o cofre — sussurro. — Mas eu tenho o próximo turno de vigia e a Debulha está quase a acabar. E tu tens deveres de chefe de esquadra.

— Eu substituo-te no turno de vigia — oferece-se o Ridoc em voz baixa.

— E dou uma desculpa ao Varrish para não me deixar ver o Xaden no fim de semana? Nem pensar — respondo a abanar a cabeça.

— Então, vou eu ter com a Jesinia. — O Ridoc estende a mão para a missiva e a Rhi entrega-lha. — O Sawyer pode representar-nos aqui.

Concordamos todos, e o Ridoc e eu encaminhamo-nos para o quadrante sem pisarmos o caminho de voo dos dragões acabados de se vincular.

— Que torre é que vamos vigiar? — pergunta ele quando entramos no pátio. — A do dormitório?

— A da ala académica. — Aponto para o torreão onde arde o fogo interminável.

— Ah. A pira de cremação. Vai ser uma noite movimentada lá em cima quando a cerimónia acabar. — Dá-me uma palmada no ombro. — Eu subo logo depois de falar com ela. E depois volto para que nos juntemos à comemoração da Debulha quando acabares o teu turno. — Inclina a cabeça. — Ou, pelo menos, eu vou comemorar. Infelizmente, acho que agora tu confinias as tuas comemorações ao Riorson.

— Vai lá descobrir se todos os nossos problemas encontram resposta. — Eu rio-me e nós dividimo-nos quando eu abro as portas da ala académica. O edifício está tão calmo que chega a ser sinistro e eu subo as amplas escadas em espiral até ao último andar. Agora que penso nisso, acho que nunca estive sozinha no edifício académico em todos os anos que aqui passei. Há sempre alguém por perto. A minha pulsação aumenta a cada lanço de escadas que subo, mas estou longe de estar tão ofegante como quando fiz este trajeto pela Aurelie no ano passado.

Abro a porta para o torreão plano e sou imediatamente envolvida pelo calor das chamas que se erguem do barril de ferro no centro.

— Violet? — A Eya sorri e pula da ponta da parede de pedra grossa do outro lado do barril. — Não sabia que eras tu que me vinhas substituir.

— E eu não sabia que eras tu que ias estar aqui antes de mim. Como tens andado? — Contorno o barril e tento não pensar na quantidade de cadetes cujos pertences serão oferecidos a Malek amanhã.

— Bem... — Ela arregala os olhos quando olha para trás de mim e eu viro-me, sacando imediatamente um punhal da bainha junto à coxa e colocando-me ao lado dela.

Quatro soldados graduados vestidos com a indumentária azul da infantaria saem a correr pela porta, cada um deles a brandir uma espada curta para nos enfrentar. Sinto o estômago a afundar-se até à cave. Eles parecem tudo menos perdidos.

— A infantaria não está autorizada a entrar no Quadrante dos Cavaleiros! — atira a Eya, a rodar o machado por cima do pulso para agarrar no cabo.

— Estamos aqui com autorização expressa — rosna o da direita.

— E bem pagos para a mensagem específica que viemos entregar. — Esta frase ameaçadora é proferida pelo mais alto quando eles se espalham pelo lado mais distante do barril, dividindo-se ao meio para nos atacarem por ambos os lados.

Quatro assassinos contra duas de nós. Eles têm a saída coberta e nós estamos presas entre o fogo, a parede e quatro andares de nada. *Não é a situação ideal*. E eles sabem-no, sobretudo tendo em conta o sorriso lento que o que está mais perto do centro nos lança, com a luz do fogo a refletir-se na lâmina da espada que ele levanta.

Eles que se fodam. Eu não sobrevivi ao ano passado inteiro ou a estes meses para morrer no cimo da ala académica.

— *Mata-os a todos* — ordena o Tairn.

— Vai para a esquerda — murmura a Eya entre dentes.

Eu assinto com a cabeça e desembainho outro punhal.

— Deixem-me adivinhar. — Eles dão passos lentos e coordenados na nossa direção e a Eya e eu rodamos até ficarmos de costas uma para a outra. — Os segredos morrem com quem os guarda?

O da esquerda pestaneja de surpresa.

— Não é tão original como seria de pensar. — Numa sequência rápida, arremesso-lhe dois punhais, que lhe atingem a garganta e o coração. A Eya grita atrás de mim e investe contra os dois do outro lado quando o primeiro cai como uma árvore apodrecida e embate na pedra, cravando ainda mais os meus punhais no corpo.

Ouço lâminas a chocar atrás de mim e perco o adversário que me resta atrás das chamas altas quando agarro em mais dois punhais. Merda, merda, *merda*. Onde é que...

As chamas sopram-me em direção à cara e eu mergulho para a esquerda, escapando por pouco ao barril que desliza pelo chão de pedras arredondadas e embate na parede com um estrondo suficientemente alto para acordar os mortos. O meu ombro apanha o grosso do impacto da queda e eu faço um esgar quando tento pôr-me de joelhos, evitando os olhos esgazeados e inertes do soldado que já matei.

— *Estou a caminho!* — grita o Tairn.

A Eya grita e eu cometo o erro de olhar por cima do ombro quando um dos soldados lhe espeta a espada no meio do peito.

Sangue. O *sangue* é demasiado. Desliza-lhe pelas peles quando ela leva a mão às costelas e eu a vejo, horrorizada, a cair de joelhos.

— Eya! — grito, a levantar-me a custo, mas não consigo chegar perto dela com o barril no meio do caminho. Pego nos punhais pelas pontas, lanço-me para a frente e atiro-os contra o assassino que ela não matou, atingindo-o no peito.

Saco de mais dois quando rodo para enfrentar o único atacante que resta, mas não tenho tempo para os atirar. Ele usou a morte da Eya para encurtar distâncias. Arquejo quando ele me agarra a cintura e me prende com uma força de que não consigo libertar-me antes de dar três passos rápidos em direção à borda da torre.

Não! Espeto-lhe os punhais nos braços, mas nem com as feridas ele me larga. Bato-lhe com força no estômago e ele titubeia e, depois de mais um soco, acaba por me largar. O ímpeto da pancada projeta-me para trás e os meus punhais raspam em ambos os lados das ameias do torreão quando resvalo para a borda. Esperneio, mas não encontro nada a não ser ar.

Depressa. Está a acontecer demasiado depressa para fazer o que quer que seja a não ser reagir.

Sou tomada pelo instinto e abro as mãos de encontro aos lados das ameias, largando os punhais. Continuo a cair para trás e a agitar os braços

em busca de aderência até que a minha pele roça na pedra e me abrande o movimento. Bato com as botas na extremidade do torreão... e escorrego imediatamente.

Mas o impacto é suficiente para alterar o ângulo da queda e vejo a pedra a aproximar-se vertiginosamente do meu rosto por menos de um instante antes de colidir com o estômago na extremidade do torreão e ficar sem o pouco ar que tinha com o impacto.

O meu peso atira-me ainda mais para trás e eu cravo as unhas ao mesmo tempo que bato com as pernas nas fendas da alvenaria à procura de um ponto de apoio.

Isto não pode estar a acontecer, mas está.

— Isto não é nada pessoal — diz o soldado a subir para a parede com quase um metro de altura.

Eu arquejo e tusso da primeira vez que sorvo completamente o ar. Tem de haver algum ponto de apoio mais abaixo. Tem de haver. Não é assim que eu vou morrer.

Procuro com os pés e sinto as saliências, mas nada suficientemente substancial para aguentar o meu peso.

— É só dinheiro — sussurra ele de joelhos a tentar chegar-me às mãos.

Oh, deuses, ele vai...

— Não! — A energia inunda-me as veias, mas não posso fazer nada com um relâmpago a uma distância tão curta.

— Só dinheiro — repete ele, levantando-me as mãos da pedra.

O Xaden. A Sgaeyl. O Tairn. Isto vai matar-nos a todos.

O soldado larga-me.

Eu grito, o som é tão agudo que me arranha a garganta, e deslizo, a raspar com os antebraços na pedra à medida que a gravidade me leva para baixo e eu vejo o topo do torreão a desaparecer-me da vista, mas os meus dedos agarram uma reentrância mínima na parede... e seguram-me.

O coração pula-me para a garganta enquanto os pés se agitam.

Não encontro nenhum ponto de apoio.

Quase sem aderência nas mãos, sinto os ombros a começarem a *arder* de tanto eu balançar.

— Deixa-te ir — insta-me o soldado, a gatinhar para a frente. — Vai acabar antes de... — Esgazeia os olhos e regurgita, levando a mão à garganta e à ponta do punhal que lhe sobressai alguns centímetros abaixo do queixo.

Alguém lhe enfiou um punhal na coluna.

Toda a gente acha que a maioria dos cavaleiros morre sob o fogo dos dragões.

Verdade seja dita, normalmente é a gravidade que nos leva.

— PÁGINA QUARENTA E SETE, O LIVRO DO BRENNAN



CAPÍTULO XXXI

Descaio mais um centímetro precioso quando o soldado é puxado para trás e depois atirado para a frente, passando por cima da minha cabeça e desaparecendo na escuridão.

É a Eya. Só pode ser a Eya. Talvez a ferida não seja...

Cabelo loiro e olhos azuis glaciais aparecem acima de mim e o meu coração afunda-se com o corpo do assassino. Jack Barlowe.

— Sorrengail? — Ele lança-se para a frente e agarra-me os pulsos com punhos de ferro.

— *Lamento muito* — digo ao Tairn e preparo-me para o momento de insustentável leveza que será o último que viverei.

— Eu seguro-te! — grita o Jack, sem me largar os pulsos, antes de recuar e me puxar por cima da extremidade do torreão.

Bato com as costelas na pedra e ele larga-me uma mão, depois agarra-me nas peles de voo e puxa, acabando de me içar para o interior da parede do torreão.

Eu não perco tempo em lançar-me atabalhoadamente para a frente para ficar em segurança. Assim que as minhas botas tocam no chão do torreão, ele

recua alguns passos para me dar espaço, com o peito a expandir-se e a contrair-se rapidamente do esforço, evitando o corpo caído à esquerda e o fogo que arde, crepitante, à direita.

— Salvaste-me? — Apresso-me a recuar, deixando as mãos junto às ilhargas e perto dos punhais.

— Não sabia que eras tu — admite ele, a recostar-se na parede da torre para recuperar o fôlego. — Mas sim.

— Podias ter-me deixado cair, mas puxaste-me para cima — digo, como se estivesse a tentar convencer-me.

— Queres voltar lá para cima e fazemos tudo de novo dessa forma? — pergunta ele a apontar para a parede.

— Não.

Ouve-se o bater de asas mais acima e ambos olhamos para cima e vemos o Tairn a pairar. Teria chegado tarde de mais e ambos o sabemos. O alívio que me percorre o corpo não é só meu, também é o dele.

— Bem. — O Jack abana a cabeça e olha para o corpo imóvel da Eya. — Eu estava de vigia no dormitório para a Primeira Divisão e corri para aqui quando ouvi gritos. E... bem... os cavaleiros não morrem às mãos de soldados de infantaria.

— Eu matei-te. Tu tens todo o direito de me atirar da torre. — Estendo as mãos para trás e apanho dois dos meus punhais, um de cada vez, que embainho devagar a preparar-me para o que quer que venha a acontecer.

— Sim. — Ele passa a mão pelo cabelo loiro curto. — Bem, essa morte foi uma espécie de segunda oportunidade para mim. Nós não sabemos quem somos realmente enquanto não enfrentamos Malek. Por isso, para mim, esta é uma forma de eu te dar uma segunda oportunidade a ti também. Estamos quites.

— Ele assente com a cabeça uma vez, depois afasta-se e sai do torreão.

Eu caminho devagar em redor da extremidade do torreão e paro para virar o corpo do primeiro assassino que matei e retirar os meus punhais, que limpo no uniforme dele antes de os embainhar junto às coxas. O fogo crepita devagar no barril e eu recosto-me na parede antes de deixar que as minhas

costas rocem em todas as saliências que encontram quando eu me deixo cair até ficar sentada.

Olho para as pontas das botas da Eya — não consigo ver mais nada deste ângulo — e deixo a cabeça cair para trás de encontro à parede. Depois, respiro e espero que a adrenalina passe, que o choque se dissipe, que a tremedeira das minhas mãos doridas cesse.

A Eya está morta. Metade do grupo que voou para Resson já morreu. O Aetos não vai desistir enquanto não morrermos todos. Vai atacar-nos um a um. Abraço os joelhos contra o peito. Quem irá ele atacar a seguir? O Garrick? O Xaden? O Bodhi? Não podemos continuar desta maneira.

— C’um caraças. — Ouço a voz do Ridoc um segundo antes de o ver. — O que aconteceu? — Deixa-se cair de joelhos ao meu lado, a olhar para mim em óbvia avaliação. — Estás ferida? Foste apunhalada? — O olhar desvia-se para o lado. — Queimada?

— Não. — Abano a cabeça. — Mas a Eya está morta. Assassinos. Aetos.

— Foda-se.

Eu rio-me, um som histérico que me escapa dos lábios.

— O Jack Barlowe salvou-me a vida.

— Estás a brincar? — O Ridoc endireita-se e fecha a mão em concha no meu rosto, a olhar-me nos olhos em busca de sinais de concussão.

— Não. Ele disse que assim ficamos quites, e acho que a matemática não é o forte dele, porque, pelos meus cálculos, eu devo-lhe *duas* vidas: a que lhe tirei e a que ele acabou de me dar.

— Eu devia ter vindo contigo. — As mãos dele caem do meu rosto.

— Não. — Abano a cabeça e a minha visão turva-se. — Podiam ter-te matado. — Sinto arrepios a sacudir-me o corpo.

— Do que é que precisas?

— Só que esperes aqui comigo até isto passar.

Faz-se silêncio entre nós.

— Estive com a Jesinia — diz ele em voz baixa. — A boa notícia é que ela sabe onde fica o cofre. Há guarnições, mas ela sabe como penetrá-las. Mas a má notícia é que precisamos de alguém da linhagem do rei Tauri para o fazer. Os diários não estão apenas num cofre qualquer nos níveis inferiores. Estão no cofre real. — Ele deixa cair os ombros, derrotado. — Lamento, Violet.

Eu olho para as botas da Eya. Já não posso fazer nada para a proteger, mas posso proteger aquilo por que ela lutou.

— Então, ainda bem que temos acesso a um príncipe que, por acaso, odeia o pai.

Que os deuses nos salvem das ambições dos instruendos do segundo ano.
que pensam que já sabem tudo só porque sobreviveram ao primeiro. A
verdade, porém, é que sabem apenas o suficiente para provocarem a própria
morte.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XXXII

O Xaden fita-me no sábado, com olhos que me cavam um buraco na alma, e um músculo no maxilar dele lateja. Duas vezes.

Pelo menos não há sombras a erguer-se vindas de baixo da cama, pelo que não pode estar assim tão zangado, não é?

— Diz alguma coisa. — Eu olho-o nos olhos e transfiro o peso de uma perna para a outra quando a ponta da secretária se finca nas costas das minhas coxas.

Ele inspira profundamente e os ombros elevam-se. Pelo menos, um de nós está a conseguir sorver oxigénio suficiente. Sinto que o peito está quase a expulsar os pulmões de tanto se contrair.

— A Rhiannon salvou-me a vida. Se ela não tivesse puxado o punhal antes de o Varrish pegar no teu casaco, eu não estaria aqui sentada. — As palavras saem-me da boca como a súplica que são. — Eles teriam de saber mais cedo ou mais tarde. Ela viu o punhal. Sabia que se passava *alguma coisa*.

Aqueles olhos lindos fecham-se e eu juro que o consigo *sentir* a contar até dez.

Pronto, está bem, talvez vinte.

— Diz alguma coisa. Por favor — sussurro.

— Estou a escolher as palavras com cuidado — responde ele, antes de voltar a inspirar compassadamente.

— Agradeço. — Abro a boca para arranjar outra desculpa, mas não tenho mais nada a dizer, pelo que fico sentada a ouvir as horas a bater no relógio e a chuva a fustigar a janela enquanto ele pensa.

— Quem é que sabe exatamente? — pergunta ele finalmente a abrir os olhos.

— A Rhiannon, o Sawyer, o Ridoc e a Quinn.

— A Quinn, também? — Os olhos abrem-se um pouco mais. Eu levanto o dedo.

— Isso já foi a Imogen.

— Que caralho. — Ele passa a mão pelo rosto abaixo.

— Não sabem tudo.

Ele levanta a sobrancelha cicatrizada, com uma expressão que me diz que isso não o deixa mais tranquilo.

— Nenhum deles sabe nada sobre Aretia, o Brennan ou a questão do luminar. — Levanto a cabeça para o lado. — Que não será um problema se eu puder ter uma semana para sair daqui e ir para Cordyn. É o quê? Um voo de dois dias? — A cidade na costa sul da província de Krovla não pode ser demasiado longe.

— Para. — Ele inclina-se na minha direção, colocando o rosto mesmo à frente do meu e pousando as mãos na secretária em cada um dos lados dos meus quadris. — *Não* vás por aí comigo. Agora não. Esta ideia asinina de entrar às escondidas nos Arquivos hoje à noite é mais do que suficiente para me deixar a suar. Não quero estar agora a pensar que vais voar para longe e acabar capturada e morta em território inimigo.

— Não é uma ideia... é um plano. — Fecho-lhe as mãos em concha nas faces. — E a mim não me parece que estejas a suar.

Um som que parece um ronco sobe-lhe pela garganta quando ele se afasta e recua um passo.

— Não fazes ideia do que eu estou a pensar.

— Tens razão, não sei. Por isso, diz-me. — Agarro a ponta da secretária e espero para ver se ele se vai fechar comigo como de costume.

Ele passa o polegar debaixo do lábio inferior que eu ainda não tive a oportunidade de beijar e olha para os livros empilhados nas minhas estantes.

— Fico contente que tenhas esperado por mim para fazer isto, mas o teu plano tem falhas.

— Que falhas?

— Para começar, não obtiveste o acordo do participante-chave... — O Xaden levanta um dedo.

— Isso foi porque...

— Não, não. Agora é a minha vez de falar. Perguntaste-me em que é que eu estava a pensar, não foi? — Dá-me um olhar de chefe de divisão, aquele olhar incisivo e calculado que costumava deixar-me cagadinha de medo, e eu fecho imediatamente a boca. Depois, levanta um segundo dedo. — A Jesinia não vai ser a única copista que vai lá estar, o que significa que a probabilidade de sermos apanhados é alta. — Um terceiro dedo junta-se aos outros dois. — Os livros não só têm de ser roubados como têm de ser devolvidos sem que ninguém repare que desapareceram. Ou estavas a planear ficar lá a noite inteira para os leres?

— Não estava a pensar tão à frente nesse caso — admito.

— E achas mesmo que conseguimos entrar e sair em menos de uma hora? Porque a alternativa significa a nossa morte.

— Não temos grande escolha se queremos ter acesso aos diários.

Ele suspira profundamente antes de encurtar a distância que nos separa e me pegar no queixo entre o dedo polegar e o indicador para erguer cuidadosamente o meu rosto em direção ao dele.

— Qual é a certeza que tens de que as respostas para a pedra de proteção estão naqueles livros?

— Já lemos metade dos tomos confidenciais sobre tecimento e reparação de guarnições no último mês e os que nós não lemos leu a Jesinia. Só falam no tecimento de guarnições para alargar as já existentes ou para as reparar. Aqueles diários são a nossa melhor hipótese de sabermos como é que os Primeiros Seis construíram as primeiras guarnições. A nossa única hipótese, na verdade.

— Sabes que nos matam se formos apanhados, não sabes?

Nós. Eu deslizo as mãos pelo peito dele acima.

— Estaremos mortos de qualquer maneira se não construirmos guarnições em Aretia. Se o Brennan estiver certo, e normalmente está, temos poucos meses. A verdade está a chegar à superfície. É só uma questão de tempo.

A atenção dele baixa para a minha boca e a minha pulsação sobressalta-se.

— Se estás segura de que esta é a única forma, conta comigo. Não vou deixar que faças isto sozinha de forma nenhuma.

O meu sorriso é imediato.

— Não vais discutir? Nem dizer-me que há outra forma?

— Eu? Discutir contigo em relação a livros? — Ele abana a cabeça e desliza a mão até à minha face. — Eu só escolho lutas que possa ganhar. — Baixa a boca centímetro a centímetro e detém-se a um pelo de distância. — Agora é a tua vez de falar.

Ele deixa-se estar ali mesmo à espera, as nossas bocas tão próximas que bastaria um assomo de movimento para nos juntar. Basta a proximidade, o toque dele para o meu sangue ferver. A expectativa afogueia-me a pele e ele passa com o polegar pela minha face aquecida, mas não faz o que eu quero desesperadamente que ele faça.

Fico sem fôlego ao perceber que ele me está a dar a escolha não apenas de o beijar, mas de dizer que a nossa noite em Samara foi uma exceção.

Mas não foi.

Inclino-me para cima e roço os lábios nos dele antes de o beijar levemente como se fosse a primeira vez. Isto não é calor e paixão, embora eu saiba que vai ser numa questão de instantes. Isto é outra coisa completamente diferente. Algo que me assusta como o diabo, mas não o suficiente para eu me afastar, nem sequer por uma questão de autopreservação.

Eu escolho-o a ele, escolho-nos a nós. Não haverá como dizer que foi um erro de avaliação, o resultado de demasiada adrenalina ou sequer luxúria.

Eu amo-o. Independentemente do que ele tenha feito ou da razão por que o fez, continuo a amá-lo e sei que ele gosta de mim.

Talvez não seja amor.

Talvez depois de tudo o que passou, ele não seja capaz desse sentimento.

Mas eu significo *algo* para ele.

Ele beija-me longa e lentamente, como se tivéssemos todo o tempo que quiséssemos, como se não houvesse nada mais importante neste mundo do que deslizar a língua pela minha, rolar os dentes no meu lábio inferior.

É um assalto que me derrete os ossos tal é a intensidade que me atinge todos os sentidos e, quando ele levanta a cabeça, estamos os dois ofegantes.

— Temos de parar ou não vamos sair deste quarto esta noite. — Ele passa com as costas dos dedos pela minha bochecha e recua um passo antes de eu me obrigar a assentir em concordância.

Sacudo a cabeça para afastar a ideia do espírito e ele encaminha-se para a porta.

Onde raio é que ele vai?

— Eu não lhe pedi que nos ajudasse por uma razão.

— Sim. Deu para perceber. — O Xaden detém-se agarrado ao puxador da porta e olha para mim por cima do ombro. — Eu estou contigo. E vou fazer isto. Mas tens de perceber as consequências se ele disser que não.

Sinto o estômago a andar às voltas. Contar-lhe irá expor-nos...

— Ele não vai fazer isso. — Tenho a certeza.

O Xaden baixa o queixo uma vez e abre a porta.

O Ridoc e o Sawyer cambaleiam para a frente, embatem nas guarnições e caem no chão do corredor.

Eu levo as mãos à boca imediatamente para abafar o riso.

— É à prova de som quando a porta está fechada, idiotas — rosna o Xaden. — E o que caralho é que *ele* já está aqui a fazer?

— *Ele* não sabe porque está aqui — diz o Bodhi. — Eu só o mandei sair das aulas de voo.

Eu salto da secretária e corro para a porta enquanto o Ridoc e o Sawyer se levantam e se afastam um do outro, revelando o Bodhi, a Rhiannon, a Imogen e a Quinn do outro lado do corredor.

Entre eles está o Aaric, encostado à parede com os braços cruzados à frente do peito.

— Já calculava que me fossem chamar mais tarde ou mais cedo — diz ele com os olhos semicerrados postos no Xaden a brilhar com algo muito semelhante a aversão.

A energia entre eles os dois é tudo menos boa, o que eu já deveria ter calculado. O pai do Xaden começou uma guerra a que o pai do Aaric pôs termo.

Um a um, puxo-os pelas guarnições para o meu quarto, incluindo ao Aaric, que se deixa ficar junto à entrada, mas deixo a porta aberta para o caso de alguém precisar de sair à pressa. Viro-me para o Aaric.

— Precisamos da tua ajuda. E podes dizer que não e ir-te embora imediatamente, mas se eu te explicar porque precisamos de ti e tu disseres que não... — Sorvo o ar a tremer, com dificuldade em dizer o que tem de ser dito.

— Se te dissermos porquê e tu disseres que não, não vais sair daqui na vertical — conclui o Xaden ao ver que eu não o faço.

— Achas que vou levantar um dedo que seja por ti? — O Aaric leva a mão ao cabo do punhal.

— Ei, ei! — O Bodhi saca da espada e inclina-se para se intrometer entre os dois. — Acalmem-se todos.

— Tu sabes o que se passa lá fora e vieste para aqui por uma razão, não foi? — digo ao Aaric, a colocar-me à frente do Xaden. — Ajuda-nos a fazer alguma coisa quanto a isso.

— Não fazes ideia do que ele fez ao Alic! — diz o Aaric com os dentes cerrados.

— O teu irmão era um sacana assassino e cobarde. — O Xaden enrolame os dedos na cintura e puxa-me para trás, colocando-me ligeiramente atrás dele, antes de empurrar o Aaric pelas guarnições fora para o corredor. — E não estou nada arrependido de o ter matado.

Oh, *merda*. Não estava à espera disto.

Três horas depois, já vimos e revimos o plano até todos sabermos o que todos e cada um têm de fazer. O Bodhi teve de intervir para separar o Xaden e o Aaric duas vezes, mas estamos finalmente a caminho dos Arquivos. Pelos vistos, a chave para assegurar a participação do Aaric foi fazê-lo notar que ele estaria a roubar o pai. Daqui a uma hora, já teremos retirado os diários do cofre ou já estaremos mortos. Os Arquivos não são simpáticos para os visitantes depois de a porta tipo cofre se fechar.

— Tens a certeza disto? — pergunto ao Aaric em voz baixa quando descemos o túnel da enfermaria aos pares, nós os oito cobertos com as vestes dos copistas com retângulos dourados do segundo ano. Todo o plano depende dele.

— Sem dúvida. A única pessoa que eu odeio mais do que o Xaden Riorson é o meu pai. Só tens de manter o cabrão do teu namorado bem longe de mim. — O Aaric continua a olhar em frente.

— Ele vai manter as distâncias — prometo, a olhar por cima do ombro para trás dos outros, que o Xaden, o único que recusou usar um disfarce, segue de perto. Seja como for, se eu fosse manipuladora de sombras também não sei se usaria alguma coisa que não fosse o preto.

— *Estarei onde estiveres* — replica o Xaden enquanto os sinos tocam seis vezes, a assinalar a hora. — Não te esqueças de que o objetivo é que façamos isto em segredo, não que nos exibamos. Isto não é a Batalha de Esquadras — diz ele num tom baixo.

Passamos pelas escadas à direita, que dão para o resto do *campus*, e pelos calabouços antes de contornarmos a última esquina. A porta dos Arquivos aparece à nossa frente e, sorte a nossa, o Nasya está exatamente onde eu esperava que ele estivesse: a dormir no posto.

O Bodhi avança rapidamente com o Ridoc, passando por trás do Nasya e escondendo-se atrás da porta para ficar de vigia.

Primeiro obstáculo ultrapassado.

A Jesinia surpreende-me e vem ter connosco à porta.

— Não — gestua, a avaliar o nosso grupo com os traços da boca tensos. — Só quatro. Se forem mais, será demasiado suspeito. — Os olhos desviam-se para o Xaden. — Sobretudo no teu caso.

Foda-se. Toda a gente que veio foi escolhida não só pela lealdade mas também pelos sinetes.

— A mim ninguém me vai ver — assegura o Xaden em voz baixa ao mesmo tempo que gestua. — Aaric. Violet Imogen.

A Jesinia fixa os olhos no Aaric e eu vejo o momento em que ela se apercebe de quem ele é. O sangue esvai-se-lhe do rosto e ela vira a atenção para mim.

— É assim tão óbvio? — gestuo enquanto os outros começam a discutir em voz baixa.

— Só se estivermos à procura — responde ela. — Eles têm os mesmos olhos.

— A maravilha da hereditariedade — gestua o Aaric.

— Eu sou capaz de resgatar objetos. — A Rhiannon sussurra a sua defesa ao Xaden.

— E eu sou capaz de apagar a memória de curto prazo se formos vistos — responde a Imogen. — Sinete confidencial, lembra-te? O teu poder é impressionante, Matthias, mas eu sou a última linha de defesa neste caso. — Ela aproxima-se do Nasya e pousa-lhe as mãos na cabeça. — Só para prevenir.

— Nós ficamos por perto. — A Quinn afasta-se do grupo e faz sinal ao Sawyer e à Rhiannon para que a sigam. — Para o caso de precisarem de nós.

A Rhiannon olha alternadamente para o Xaden e para mim, claramente dividida.

— Se alguma coisa correr mal...

— Vocês voltam para os vossos quartos e fazem de conta que não correu. — Eu olho-a nos olhos para que ela perceba que estou a falar a sério. — Cinjam-se ao planeado independentemente do que aconteça.

Ela deixa cair os ombros e assente com a cabeça, lançando-me um último olhar de frustração antes de se juntar aos outros atrás da porta enorme.

— Caminhem levemente — lembra-nos a Jesinia, e o meu coração palpita quando entramos em fila para os Arquivos. — Temos de ser rápidos. Os Arquivos fecham exatamente daqui a uma hora e se estivermos aqui quando a porta for trancada...

Eu engulo o mal-estar que me ameaça.

— Eu sei. Estamos mortos. — Os Arquivos estão guarnecidos com a proteção mais eficaz e mais moderna contra pragas.

— Indica-nos só o caminho. Nós fazemos o resto — diz o Xaden, que desaparece assim que atravessamos o limiar, resumindo-se a sombras ao longo das paredes mal iluminadas. Consigo distinguir parcamente o contorno vago do corpo dele se olhar de perto, mas é quase chocante a forma como ele se confunde com a escuridão.

Ou talvez seja apenas por o resto do espaço ser tão luminoso, com luzes mágicas a iluminar as filas e mais filas de estantes e mesas de estudo vazias

que se estendem até ao fundo da sala cavernosa e abobadada. Estar vazio é bom — e expectável num sábado à noite —, mas não há como prever quem poderá estar entre as pilhas de livros ou nas salas de trabalho nas profundezas dos Arquivos.

Obrigo-me a ultrapassar a ligeira hesitação que me consome quando passo pela mesa de estudo de carvalho, no encalço da Jesinia. O mármore sob as minhas botas é-me familiar e, ao mesmo tempo, completamente estranho. Por mais anos que tenha passado neste lugar, nunca me embrenhei tanto nos Arquivos.

O Aaric olha para o chão a cada fila que passamos, mas eu não tiro os olhos da Jesinia, tentando imitar-lhe os maneirismos, a postura e a velocidade. O silêncio em que normalmente encontro paz é enervante nestas circunstâncias.

Deuses, há tanta coisa que pode correr mal. O pouco que comi ao jantar ameaça reaparecer.

Seguimos os três a Jesinia quando ela vira à esquerda e passa pela penúltima fila de mesas, guiando-nos em direção às salas de trabalho. O aroma da cola de encadernação torna-se mais forte e o meu coração titubeia quando vejo um copista a virar na nossa direção, proveniente do corredor para o qual nos dirigimos.

O único retângulo que ele tem no ombro indica que é do primeiro ano e, embora o Quadrante dos Copistas eduque duas vezes mais cadetes do que o Quadrante dos Cavaleiros, não deixa de ser suficientemente pequeno para ele *nos* reconhecer se fôssemos o que estamos a fazer de conta que somos.

— Cadete Neilwart? — gestua ele ao mesmo tempo que fala, a olhar para nós com perplexidade. Eu baixo a cabeça para esconder as minhas feições na medida do possível e vejo o Aaric fazer o mesmo.

— Cadete Samuelson — responde a Jesinia, virando-se ligeiramente de modo a que eu lhe possa ver as mãos.

Foda-se, vamos ser apanhados ainda antes de chegarmos perto das guarnições.

— *Eu trato disto*, — A voz do Xaden acalma o pico de ansiedade, mas não a totalidade.

Mas ele está aqui. E foi exatamente por causa dele que esperámos por esta noite específica.

Vejo sombras a subir vindas de baixo das mesas e a envolver os pés de Samuelson, o que deixa o Aaric tenso ao meu lado.

— Pensava que só estavas cá tu e o cadete Nasya esta noite — diz o Samuelson.

— No entanto, estás aqui também — responde ela.

Fios de preto sobem atrás do instruendo do primeiro ano.

— *Espera*. — A última coisa de que precisamos é de um cadete morto no Quadrante dos Copistas.

— *Isto sou eu a ser paciente* — responde o Xaden.

— Eu esqueci-me do meu trabalho de encadernação na sala do Culley.
— O Samuelson olha vincadamente para a sacola creme que lhe pende do ombro.

— O esquecimento não é atributo de um copista — gestua a Jesinia, e eu levanto as sobrancelhas ao mesmo tempo que contenho um sorriso. — Se não te importas, instruendo do primeiro ano, nós, do segundo, temos coisas a fazer. Nem toda a gente precisa de fins de semana de folga para estudar.

O instruendo do primeiro ano cora de óbvio embaraço, antes de se desviar para o lado.

As sombras voltam a desaparecer e nós avançamos em grupo.

— Pensei que ele o ia matar — sussurra o Aaric assim que estamos longe do alcance dos ouvidos do Samuelson.

— Não me teria surpreendido — responde a Imogen. — Poderia ter sido mais eficiente.

Viramos ambos a cabeça imediatamente e vemo-la a encolher os ombros.

A Jesinia conduz-nos para fora da biblioteca principal e por um corredor bem iluminado adiante, revestido de janelas e com algumas portas para salas de aula de ambos os lados. Quanto mais nos embrenhamos nos Arquivos, mais apertada sinto a gola da couraça.

O Xaden alcança-nos ao fim de algumas passadas e caminha calmamente ao meu lado.

— Alguém ainda vai reparar em todo esse preto — admoesto em voz baixa quando a Jesinia vira à direita. Este lugar é um verdadeiro labirinto e todos os corredores parecem exatamente iguais.

— Não está ninguém aqui. — O Xaden caminha com as mãos soltas junto às ilhargas e trocou as espadas que costuma trazer nas costas por uma espada curta, o que me diz que está preparado para uma luta à queima-roupa. — Pelo menos, nesta secção.

— São as tuas sombras que te dizem isso? — atíça o Aaric.

— Pensei que tínhamos concordado que não íamos falar um com o outro — riposta o Xaden.

A Jesinia abre a terceira porta à esquerda e nós seguimo-la para o que parece ser uma sala de aula. Não admira que o corredor esteja revestido de janelas; cá dentro, a escuridão é total. Duas das paredes são feitas de pedra e a do fundo está revestida de livros. O resto do espaço é exíguo e está ocupado por filas de mesas com pernas tipo cavalete e bancos virados para uma única secretária à frente.

— A partir daqui só conheço o que me disseram — gestua ela, com a preocupação a cerrar-lhe os lábios. — Nunca fui além deste ponto. Se eu estiver enganada quanto a isto...

— Nós desenrascamo-nos — prometo.

Ela assente com a cabeça, depois caminha em direcção ao canto mais distante da sala, onde está uma estante longa.

— Imogen — ordena o Xaden, a acenar com a cabeça para a porta.

Ela assume uma posição de vigia, pegando num punhal por baixo das vestes quando a Jesinia estende a mão para o fundo da estante, afastando vários tomos antes de encontrar uma alavanca.

A Jesinia puxa a peça de metal para baixo e o canto da sala separa-se das outras pedras. Roda cerca de um quarto de círculo quase sem fazer barulho, o que não deixa de ser surpreendente, revelando uma abertura para umas íngremes escadas em espiral.

Quando olho mais de perto, vejo as faixas desmaiadas do trilho de metal em que gira.

— Extraordinário — sussurro. — Quantas destas pequenas maravilhas existirão por aqui? O que foi? — pergunto ao Xaden entre dentes cerrados quando o apanho a olhar para mim.

— Sinto que estou a olhar para o que poderia ter sido.

— E? — A entrada secreta abre-se à nossa frente e a rotação para.

— Ficas melhor de preto — sussurra o Xaden, com os lábios a roçar-me a orelha, o que me provoca um arrepio de reconhecimento não obstante a situação em que nos encontramos.

— Não vos posso levar mais longe — gestua a Jesinia. — Se eu desaparecer tempo de mais, alguém pode reparar. De acordo com os outros, as guarnições normais dos Arquivos acabam aqui, por isso, se não conseguirem voltar a tempo, estarão mais seguros lá em baixo durante a noite.

— Obrigada — respondo. — Entrarei em contacto assim que os possamos devolver.

— Boa sorte. — Ela lança-nos um sorriso de incentivo e deixa-nos aos quatro para fazermos o que temos a fazer.

O Xaden inclina-se para as escadas.

— Cuidado com os degraus — diz-nos. — Há uma luz débil vinda do fundo, mas temos de ter o cuidado de não acender as restantes.

— Faltam-nos quarenta e cinco minutos — diz a Imogen. — Mais do que isso e ficamos presos lá em baixo, vamos a conselho de guerra... ou morremos.

Sem pressão.

— Então é melhor apressarmos o passo — responde o Xaden, entrelaçando os dedos nos meus antes de começar a descer as escadas.

A primeira vez que ficarem presos nos Arquivos, depois de a porta se trancar, à noite, será a última. A magia complexa criada para preservar os nossos textos não é compatível com a vida.

— GUIA DO CORONEL DAXTON PARA O ÊXITO

NO QUADRANTE DOS COPISTAS



CAPÍTULO XXXIII

As sombras cobrem o teto, bloqueando todas as luzes mágicas que poderiam tremeluzir com a nossa presença, pelo que coloco a mão livre na parede à medida que descemos as escadas devagar. Cada passo é um tiro no escuro, mas ninguém tropeça.

Há uma luz azul débil a cintilar no fundo das escadas.

— *Uma luz mágica?*

— *Há dois guardas no fim deste corredor* — responde o Xaden, a afastar a mão da minha. — *Espera aqui enquanto eu resolvo esse problema.*

Eu levanto a mão para fazer sinal aos outros para pararem quando chegamos ao último degrau. O espaço abre-se no que parece um corredor, mas o Xaden não hesita quanto à direção a tomar. Avança rapidamente para a direita e levanta ambas as mãos. Segue-se um som de pessoas a cair.

— Agora — diz ele em voz alta.

O corredor terá talvez doze metros de comprimento e não é muito mais do que um túnel apoiado em pilares esculpidos em cima de um chão de pedra. Cheira a pedra e metal e o ar é pesado da humidade. Numa das

pontas, a luz entra por uma arcada. Quando olho por cima do ombro, vejo que o outro caminho possível está totalmente consumido pela escuridão.

— Não há sequer uma porta? — pergunta a Imogen quando nos apressamos a descer o corredor.

— Não é preciso com guarnições tão fortes — comenta o Xaden.

— Eu consigo senti-las. — A palpitação de energia contundente e intensa aumenta à medida que nos aproximamos. Os pelos da minha nuca eriçam-se e a minha própria energia irrompe em resposta ao que parece uma ameaça dos diabos.

— Temos alguns minutos até estes dois acordarem. Não os atingi assim com tanta força — diz o Xaden quando arrasta os guardas de infantaria para o lado com a Imogen para nos abrir o caminho.

— Essas guarnições são desconfortáveis como a merda. — A Imogen enrola os ombros.

— Sente-se uma vibração, mas não é má — responde o Aaric quando estamos a olhar para as estantes da pequena biblioteca redonda que se encontra depois da arcada de pedras intrincadamente trabalhadas protegida com guarnições.

— É um bom sinal para poderes passar — observa a Imogen. — E é melhor apressares-te.

— Tens de procurar dois diários — lembro-lhe, nervosa, embora já tenhamos falado sobre isto três vezes.

— Deve haver pelo menos uns quinhentos tomos ali dentro. — O Aaric percorre as estantes com o olhar e suspira.

— Terás de procurar...

— Violet! — grita o Xaden quando o Aaric me agarra a mão e avança a passo largo pela arcada, levando-me a reboque.

À medida que avanço, cambaleante, sinto uma magia poderosa a perpassar-me pelo corpo que me formiga a pele por inteiro e me contorce o estômago com a sensação de que estou a cair de uma altura de trinta metros.

Quando chegamos à biblioteca, o Aaric larga-me a mão. Eu sou projetada para a frente, bato com os joelhos no chão e apoio o corpo sobre as mãos. O mal-estar sobrepõe-se a todas as outras sensações. Sinto a boca a humedecer-se e a cabeça leve ao tentar conter a vontade de vomitar.

— Porque caralho é que fizeste isso? — dispara o Xaden do outro lado das guarnições. — *Diz-me que estás bem.*

— *Maldisposta, mas sobrevivo.*

O Aaric ignora o Xaden e agacha-se à minha frente.

— Estás bem, Violet?

Eu sorvo o ar com o nariz e liberto-o pela boca.

— Diz-me que sabias que as guarnições me iam deixar passar — digo de forma muito pronunciada quando a pior parte do mal-estar passa. — Porque parecia que não lhes apetecia nada.

— O meu pai não tem nada protegido que não valha a pena exhibir — explica ele a estender-me a mão. — Por isso, arrisquei, mas podias ter batido contra as guarnições como se fossem uma parede. E eu não consigo vasculhar estes livros todos sozinho nos próximos quarenta minutos. Tu é que sabes do que estamos à procura.

Eu ignoro a mão estendida e levanto-me apesar da dor pungente que sinto nos joelhos devido ao impacto. Dou uma volta sobre mim mesma a observar o espaço da biblioteca. Há seis estantes pesadas com portas de vidro a forrar as paredes circulares e um pedestal de armários no meio decorado com uma toalha de veludo com o sinete do rei bordado. Acima de nós, as luzes mágicas emitem um brilho suave, que ilumina as curvas e as cordas enroladas em nós esculpidas no teto decorado, cerca de um metro e meio acima da cabeça do Aaric.

O cheiro a terra húmida desapareceu e esta sala é substancialmente mais fria do que o túnel atrás da arcada. Eu olho para cima, mas não encontro janelas para ventilação nem nenhuma modificação visível. Não são só as guarnições. Há magia nesta sala.

— Puxa-me para dentro. Imediatamente — exige o Xaden.

— Não — responde o Aaric sem sequer olhar na direção dele. — A única recompensa que estou a ter nesta história toda é saber o quanto te deve afligir perceber que não podes chegar até ela.

— Deixa de o provocar e põe mãos à obra, Aaric. Começa na esquerda e ignora tudo o que não for escrito à mão. — Eu espreito pela arcada e vejo o Xaden completamente furibundo. Tem as mãos abertas e as sombras a subir acima dele e a formar lâminas tão afiadas como a da espada que traz às costas. Mas é a ira fria e calculista que lhe anima os olhos que me faz temer pela saúde do Aaric, razão por que não insisto para que ele traga o Xaden. — *Eu estou bem* — garanto-lhe.

— *Vou matar esse filho da puta.*

— *Nesse caso, serás responsável pelas mortes de dois príncipes.*

— Warrick e Lyra, certo? — pergunta o Aaric, já a tirar tomos das estantes.

— Sim — respondo.

— *O Alic estava a pedi-las. Era um rufia e arriscou a vida quando foi atrás do Garrick durante a Debulha. No entanto, gostava de saber quem é que contou ao Aaric, porque, se o pai dele soubesse, duvido que eu ainda tivesse a cabeça pregada ao pescoço.*

— *Bem, o Aaric não está a pedi-las.* — Eu abandono o lado direito das estantes e dirijo-me para os armários no centro. Se eu tivesse um livro com seiscentos anos que vale o reino inteiro, guardá-lo-ia onde estivesse menos exposto aos elementos. Abro a primeira gaveta, onde estão dois livros: *O Estudo de Criaturas Aladas*, que parece ter pelo menos meio século de idade, e *Uma História das Guerras nas Ilhas*, que parece ainda mais velho.

— Aqui só vejo diários — diz o Aaric. — Parecem ser de todos os generais comandantes dos exércitos desde a Unificação.

— Continua à procura. — Abro a gaveta seguinte, depois a outra e assim por diante, até que já tenho três quartos dos armários abertos. É um exercício de autocontrolo não abrir todos os livros e devorar tudo o que me podem ensinar.

Há tomos sobre as primeiras guerras, a história de cada província, a mitologia dos deuses e até o que parece ser o mais antigo tomo que eu já vi sobre práticas de mineração. Os meus dedos anseiam por virar as páginas, mas eu sei que não posso danificar o pergaminho.

— Esta estante é totalmente composta por diários dos generais comandantes dos cavaleiros? — O Aaric baixa a voz e olha por cima do ombro para mim.

— Costumavam ser posições distintas. — Eu avanço para a secção seguinte do pedestal central. — Os curandeiros, a infantaria ou até os copistas podiam ser generais dos exércitos até há cerca de duzentos anos, altura em que se deu a segunda sublevação de Krovla. Depois disso, o comandante dos cavaleiros passou a comandar todas as forças de Navarre.

— Sabes que nunca nenhum cavaleiro foi nomeado rei, não sabes? — pergunta a Imogen pela arcada.

— Isso não é completamente verdade... — começo, a abrir a gaveta de cima.

— Se me estás a perguntar se me importo por ser o segundo na linha de sucessão, a resposta é não — diz o Aaric por cima do ombro à Imogen. — É ao Halden que cabe ser rei. Não a mim.

— O Halden sabe? — pergunto-lhe, a ler os títulos da gaveta de cima. — O que se está a passar lá fora?

— Sabe — diz o Aaric em voz baixa.

— E? — Olho para ele.

Os nossos olhares cruzam-se por um instante antes de ele voltar a colocar um tomo na estante e passar ao próximo.

— Estou aqui, não estou?

Compreendido. O Halden não vai ajudar.

— Acho que temos isso em comum.

— Ainda não consigo acreditar que guardaste o segredo dele estes meses todos — diz a Imogen.

— Também guardei o teu — recordo-lhe, a abrir a gaveta seguinte. Toda esta secção parece ser dedicada a registos históricos.

— Eu conheço a Violet há mais tempo, daí que não esteja surpreendido que ela tenha guardado o teu. — Ele olha para mim e avança para o próximo conjunto de estantes. — O que me apanhou desprevenido foi a tua rotura com o Aetos. Vocês eram inseparáveis quando éramos crianças.

— Sim, bem, as crianças crescem. — Pronuncio as palavras com rispidez e fecho a gaveta com um pouco mais de força do que a necessária. — Não podes confiar nele, sabes?

— Percebi isso mesmo depois daquela troca de palavras que vocês tiveram quando estavam ambos no tapete. — Ele puxa mais um tomo. — Estes são dos generais dos curandeiros.

— Úteis, mas não o que nós precisamos. — Agacho-me para abrir a última gaveta. — Foda-se. Mais registos.

— Faltam-nos vinte minutos e precisamos de dez para voltar para a porta — avisa a Imogen num tom tenso de urgência.

A gola da minha couraça aperta-se um pouco mais e eu puxo-a da garganta.

— Dá uma olhadela nos mais antigos com todo o cuidado que puderes. Tenta tocar apenas nas pontas das páginas. — Fecho a gaveta de baixo e levanto-me. Há mais duas estantes para pesquisar. — Procura qualquer coisa que mencione guarnições ou pedras de proteção.

Ele assente com a cabeça e pega no primeiro.

A minha atenção vira-se para a sexta estante.

— Metade destes livros parece ser sobre a história de Tyrrendor — digo ao Xaden.

— Fascinante. Vamos voltar e estudá-los depois de vencermos a guerra — responde ele. Um guarda agita-se e viramo-nos todos, mas o Xaden deixa-o sem sentidos ainda antes de ele abrir completamente os olhos. — Despachem-se, antes que deixe alguém com danos cerebrais permanentes por aqui.

— Isto é datado de 6 d. U. — diz o Aaric a fechar o diário. — As guarnições já tinham sido criadas nessa altura.

— Merda. — A frustração dilata o nó que me tolhe a garganta. — Começa a próxima. — Eu retiro um tomo promissor com a lombada estalada, mas é a porcaria de um almanaque *meteorológico*.

— Artes e ofícios? — O Aaric mostra-me a capa pintada de um.

— Violet — adverte a Imogen. — Aquela porta gigante vai trancar-nos cá dentro daqui a quinze minutos!

Não era assim que isto deveria estar a correr, mas não é essa a história da minha vida nos últimos meses? A propaganda deveria ter aberto os olhos de outros cadetes. A Mira deveria ter acreditado em mim. A Andarna deveria estar acordada.

— *Respira fundo* — ordena o Xaden. — *Pareces estar quase a desmaiar e eu não te posso apanhar.*

— *E se isto não der em nada?* — Concentro-me em baixar a pulsação para evitar que o pânico me consuma, e inclino a cabeça para ler as lombadas da coleção à minha frente, que diz respeito aos reinos das ilhas.

— *Nesse caso, saberemos que temos de procurar noutro lugar. A única forma de fracassarmos esta missão é sermos apanhados. Ainda tens cinco minutos. Usa-os.*

— Astronomia — diz o Aaric, a baixar-se para ler os títulos da fila de baixo.

Eu fecho os olhos, inspiro profundamente e encontro o meu equilíbrio.

Depois abro os olhos e recuo das estantes.

— «No depósito de documentos antigos» — recito do Manual dos Copistas —, «não é só a temperatura e o toque que devem ser monitorizados...»

— Fico contente por ver que não mudaste assim tanto. — A boca do Aaric dobra-se no primeiro sorriso que lhe vejo em anos.

— «... mas também a luz.» — Olho para cima. — «A luz desbota o pigmento de tinta e estala a pele da lombada e da capa.»

— Uma vez, ouvi-a a recitar todo o acordo de unificação enquanto estávamos a subir para as muralhas de Calldyr — observa o Aaric, a avançar para o cimo da estante seguinte.

Luz. Teriam de estar protegidos da luz. Começo à procura de marcas no chão que possam indicar mais alguma porta escondida ou cubículo ou *outra coisa qualquer*.

— Pensava que não íamos falar — diz o Xaden num tom arrastado.

— Não estava a falar contigo. — O Aaric relanceia para a Imogen.

— Então não odeias os marcados todos — responde ela, a cruzar os braços à frente do peito.

— Porque é que eu haveria de odiar-te? — O Aaric volta a colocar o tomo no lugar. — Os teus pais lideraram uma rebelião justa e, pelo que sei, tu estás a fazer o mesmo. Eu odeio-o a *ele* por ter matado o meu irmão.

— É justo. — A Imogen começa a bater o pé.

— Onde é que o teu pai guardaria o seu objeto mais precioso? — pergunto ao Aaric. — Ele haveria de o querer exhibir, certo?

— Mantê-lo-ia a uma distância fácil de alcançar — concorda o Aaric. — E vais dizer-me o que é que vocês estão a tentar proteger? É um posto avançado rebelde, não é?

Os olhos do Xaden cruzam-se com os meus quando eu toco nos pedaços de madeira entre as gavetas do armário central à procura de um compartimento escondido que se abra.

O rei Tauri manteria os diários ao alcance.

— É a única coisa lógica a fazer — diz o Aaric, a baixar-se e a olhar por baixo do pedestal central. — Criarem as vossas próprias guarnições que não dependam de Basgiath porque sabem que vão combater em duas frentes. Não há nada aqui em baixo. — Levanta-se. — Onde é? Draithus? É a escolha mais lógica. Perto da fronteira de Navarre e do mar.

— Violet, temos de ir — avisa a Imogen, a caminhar em direção aos guardas e a enrolar as mangas das vestes creme.

O rei Tauri haveria de os querer exhibir.

Estendo a mão para a toalha de veludo e puxo-a.

— Estão aqui! — Aponto para o círculo de vidro no meio do pedestal.
— Aaric! Debaixo do vidro! — Dois tomos de pele, pouco maiores do que a minha mão.

Perfeitos para manter num saco... enquanto voavam nos dorsos dos primeiros dragões.

— Não é vidro. É mais um conjunto de guarnições. — Ele debruça-se sobre o armário e estende a mão antes de inspirar por entre os dentes cerrados e de contorcer o rosto de dor ao retirar ambos os livros. — Foda-se! — Ele pousa-os na ponta do armário e levanta as mãos.

Eu olho, horrorizada, para as bolhas do tamanho do meu polegar a formar-se em toda a pele que passou pelas guarnições.

— Acho que estas guarnições sabem que eu não sou o meu pai. — Faz um esgar. — Vamos!

Eu desaperto o cinto das minhas vestes, pego nas duas sacolas que a Jesinia me deu para este fim específico e coloco um tomo em cada uma com todo o cuidado.

— Dois minutos! — grita a Imogen, ajoelhada junto aos guardas com as mãos na cabeça do mais encorpado.

O Xaden atira-lhes dois odres de vinho para o colo e eu pego na toalha do chão e coloco-a em cima do armário.

— O Zihnal pode adorar-te, mas é melhor não o testarmos — diz o Aaric entre dentes cerrados, a estender uma mão cheia de bolhas.

— Vai doer... — protesto, a apertar bem o cinto.

— E eu não te vou deixar aqui. — Ele pega-me na mão e geme de dor ao puxar-me pelas guarnições para o corredor.

Fico com a mão pegajosa quando ele me larga.

— Temos de correr. — O Xaden faz sinal para o fundo do corredor e eu faço exatamente isso. Corro.

Quando as vestes começam a estorvar, pego no tecido com as mãos e acelero mais o passo, seguindo o Xaden, que já está a subir as escadas.

— Aposto que estás contente por andarmos a correr todas as manhãs!
— diz a Imogen atrás de mim quando viramos e voltamos a virar, as escadas a deixarem-me tonta quando chegamos à sala de aula.

O Xaden estende a mão para a alavanca que a Jesinia usou e, assim que a Imogen e o Aaric passam, empurra-a. Esperamos apenas o tempo suficiente para ver que a entrada começa a fechar-se antes de voltarmos a arrancar.

O meu peito arqueja quando corremos pelos corredores fora e o Xaden vira todas as esquinas que a Jesinia virou, sem nunca pensar duas vezes. Ou está verdadeiramente convicto do caminho ou sabe que não temos sequer tempo para o discutir.

Chegamos à biblioteca principal e os sinos tocam, a assinalar que a nossa hora passou.

— Mais depressa! — manda o Xaden.

Repicam uma vez.

Não há como correr mais depressa, mas não tenho fôlego suficiente para lhe dar uma resposta. As nossas botas batem com estrondo no mármore enquanto corremos por entre as mesas.

Duas vezes.

— Corram! — grita o Sawyer da entrada.

Oh, *deuses*, a porta.

Três vezes.

Está a fechar-se sozinha e o mecanismo de fecho não vai permitir que volte a abrir-se antes de passarem doze horas. Os músculos das minhas coxas ardem em protesto.

Resvalo quando viramos nas últimas mesas e escorrego até ao final da estante, embatendo com o ombro com força suficiente para me contrair.

Quatro vezes.

O Xaden deixa-se ficar para trás para correr ao meu lado, mas é mais rápido do que nós.

— Leva os livros! — grito entre fôlegos entrecortados. — Tu consegues!

Cinco vezes.

— Se ficares, eu também fico! — Ele levanta a mão e corre com ela estendida e as sombras voam das paredes para conterem a porta que se fecha ao passarmos pela mesa de estudo.

O Sawyer liberta o caminho estreito que nos resta entre o aço grosso da porta e a ombreira.

Os sinos tocam pela sexta vez.

O Xaden empurra-me pela saída primeiro e, assim que estou no corredor, olho para trás, com a respiração entrecortada e o coração a martelar com tanta força que o sinto na cabeça.

A Imogen passa a correr e o Xaden lança-se para a saída ao sétimo repique dos sinos.

Oh, deuses, ele vai ficar sem um braço e o *Aaric*...

Eles não vão conseguir.

As últimas palavras que troquei com o meu pai, antes da Batalha de Aretia, foram palavras de raiva, porque ele me estava a mandar embora a pensar na minha própria segurança. Não sei se alguma vez me vou perdoar por isso, mas gosto de pensar que ele me perdoa a mim.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA DO TENENTE XADEN RIORSON

PARA A CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XXXIV

O Xaden puxa o Aaric no momento em que a porta se fecha e as sombras dispersam-se pelo chão como folhas caídas.

Eu curvo-me, baixando a cabeça e apoiando as mãos em cima dos joelhos, enquanto arquejo a recuperar o fôlego.

— Conseguiram! — A Rhiannon baixa a cabeça para junto de mim com um sorriso de orelha a orelha.

— E temos de continuar a conseguir — lembra-nos o Xaden. — Tirem as vestes. Cinjam-se ao plano.

O meu coração abranda ligeiramente e eu endireito-me, depois tiro as vestes de copista do corpo, colocando-as nas palmas das mãos estendidas da Quinn.

O Bodhi ajuda o Aaric a despir as dele, sem deixar de ter cuidado com as mãos cheias de bolhas do filho do rei.

— Conseguiram encontrá-los? — gestua a Jesinia, com a esperança a iluminar-lhe o rosto.

Eu assinto com a cabeça.

— Vão desconfiar de ti? — O Nasya parece mais inconsciente do que a dormir contra a parede.

— Se formos imediatamente para os dormitórios, não — responde ela.

— Eu trato dele — diz a Imogen, a dirigir-se para o Nasya.

— Ele não se vai lembrar de muita coisa. Bati-lhe por trás — admite o Sawyer, enfiando as vestes num grande saco de lavanderia creme.

Eu traduzo para a Jesinia.

— Eu vou só repreendê-lo por adormecer — gestua ela em resposta, a lançar um sorriso ao Sawyer, e eu traduzo.

Ele pestaneja, parando por um longo momento antes de pegar nas últimas vestes — as do Aaric — e as colocar no saco.

— Caramba, essas mãos...

As bolhas que rebentaram estão a sangrar e as que não rebentaram parecem prontas a rebentar a qualquer segundo.

— Isso são queimaduras de impacto — diz o Bodhi. — Passam numa noite se forem tratadas.

— Mudança de planos. — Olho de relance para o Xaden, mas ele limita-se a levantar a sobancelha. — Ridoc, leva o Aaric para o teu quarto sempre com as mãos dele bem escondidas. Rhi, vai à enfermaria e chama o Dyre. Um reparador chamará demasiado as atenções. Ele pode demorar um pouco a chegar se não estiver de serviço, mas deverá manter a boca calada se lhe falares da dívida que ele tem para comigo. Vais ter de o levar às escondidas para o quadrante...

— Boa ideia. Eu posso fazer isso. — Assente para os rapazes. — Vamos. Agora. — Arrancam os três pelo corredor adiante.

— Eu levo a roupa para lavar — gestua a Jesinia.

Eu traduzo para o Sawyer e ele entrega-lhe o saco.

— Toca a andar — ordena o Xaden.

— Vão — insta a Jesinia. — Estamos conversados aqui.

— Obrigada — gestuo antes de sair com o Xaden e os outros.

— Como é que correu a tua parte? — pergunta o Xaden à Quinn quando passamos as escadas à nossa esquerda e continuamos em frente, em direção ao Quadrante dos Curandeiros.

— Projetei-me para o refeitório e disse claramente que estava à procura de limonada porque estávamos todos a beber no quarto da Imogen. — A Quinn abre um sorriso e a face forma uma covinha. — Depois, consegui dar uma caminhada a fazer de Violet e de Rhiannon.

Fico de queixo caído e por pouco não tropeço.

— Tu projetaste-te com a aparência de outra pessoa?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Eu sou capaz de distorcer os meus traços um pouco, mas é muito mais fácil no plano astral. O meu sinete é mais forte porque o Cruth foi o dragão da minha tia-avó. Mas não é uma ascendente direta, pelo que não tenho de me preocupar se vou ficar maluca como os cavaleiros de uma linhagem familiar direta que se vinculam ao mesmo dragão. Os dragões nem sequer deviam aproximar-se das linhagens familiares por essa razão... mas eles estão-se nas tintas para as regras humanas. — Olha de relance para a Imogen. — Ainda não consegui acertar bem no tom de cor-de-rosa do cabelo dela.

Ficamos todos calados ao passarmos pela enfermaria. É o último obstáculo antes de nos separarmos no quadrante conforme planeado.

— Bem, isto foi agradavelmente monótono. — O Bodhi empurra a porta para a ponte.

— Fala por ti — responde a Imogen, a bater-lhe no peito ao passar por ele. — Não te coube a ti a tarefa de manteres o Xaden calmo quando o Aaric levou a Violet para lá das guarnições.

Eu solto um riso de escárnio, porque ambas sabemos que *não* foi assim que as coisas se passaram.

O maxilar do Xaden lateja.

Separamo-nos assim que chegamos ao outro lado da ponte. A Imogen e a Quinn sobem as escadas para os respectivos quartos, o Bodhi e o Sawyer dirigem-se para a cantina e dão nas vistas tanto quanto possível para serem recordados e o Xaden e eu subimos para o primeiro andar e saímos para o pátio.

O ar de outubro arrefece-me as faces afogueadas.

— Sentes-te bem? — pergunta o Xaden ao passarmos por um grupo de cadetes.

— Estou com sede de tanto correr, mas... — Não me dou ao trabalho de conter o sorriso que me rasga o rosto. — Mas bem.

Ele olha para mim e os olhos baixam para a minha boca, depois puxa-me para uma das alcovas sombrias esculpidas nos muros grossos.

— Esse sorriso — murmura ele antes de a sua boca cair sobre a minha num beijo sedento.

Eu arqueio as costas ao encontro dele e passo-lhe as mãos pelo cabelo enquanto lhe retribuo o beijo com tudo o que sinto. Não é lento e sensual como o que partilhámos no meu quarto. Este é forte e rápido e... feliz.

Estamos ambos a sorrir quando nos separamos.

— *Conseguimos* — digo quando as minhas mãos lhe caem nos ombros.

— *Conseguimos* — concorda ele, a encostar a testa à minha. — *Detesto sair antes de ter de ser.*

— *Eu também.* — Eu recuo, levanto uma das sacolas do ombro e retiro o diário. — *Mas é mais seguro assim. Tens de levar um para o Brennan.*

Eu folheio o diário do Warrick e sorrio ao ver os traços largos de lucerano antigo, mantendo os dedos desenluvados na extremidade. O que leio abre-me mais um sorriso e incha-me o peito de felicidade.

— *«Depois de colocarmos a última runa, colocamos a pedra de proteção no local onde os dragões sentiam as correntes mais profundas do fluxo de magia»* — traduzo devagar para o Xaden, antes de olhar para cima. — *Pode-me faltar uma palavra ou duas, mas está aqui!* — Folheio mais algumas páginas. — *«Com este último passo completo, as proteções foram*

colocadas no lugar em...»— Amarfanho o rosto ao tentar perceber o resto.
— *«... na origem de uma chuva de ferro.»*

Encontro pelo menos três referências ao termo antes de voltar a arrumar o diário na sacola.

— *É isto.* — Estendo-o ao Xaden. — *Leva isto para o Brennan. Ele deve ser capaz de o traduzir. Eles não vão estar à espera que te vás embora antes de amanhã de manhã, pelo que te podes ir embora sem seres revistado se fores já. Além disso, dividirmos os diários significa que os podemos ler duas vezes mais depressa.* — E assegura que um deles sai daqui.

Ele dobra a lona creme em redor do diário no interior, depois desabotoa o casaco de voo e guarda o embrulho junto ao peito antes de voltar a abotoar o casaco.

— Gostava de passar a noite aqui — diz ele naquele tom cavo que me excita imediatamente.

— Já somos dois.

Ele olha-me fixamente com algo parecido com enlevo, depois estende os braços para as sombras e agarra no saco que tinha guardado antes. Sempre com os olhos postos nos meus, lança o saco para as costas antes de baixar o rosto para o meu e me voltar a beijar.

O prazer simples deste beijo é perfeito.

— Tu és surpreendente — diz ele ao encontro dos meus lábios. — Vejo-te daqui a sete dias.

— Sete dias — concordo, a lutar contra o impulso de o puxar para mais um beijo. E outro. — Agora vai. Temos de nos cingir ao plano, lembra-te?

Ele beija-me com intensidade e rapidez, depois vai-se embora, atravessando o pátio a passo largo como se fosse dono dele. Eu esfrego a mão em cima do coração, na esperança de aliviar a dor de o ver a partir, mas o sofrimento não é nada comparado com o triunfo que sinto.

Avanço para o pátio e olho para cima, à espera de o ver a passar uma última vez no céu encoberto quando ele voar para sudeste.

Pela primeira vez em meses, o que me percorre as veias é a esperança e não a apreensão.

Nós vamos conseguir fazer isto... estamos a fazê-lo. Temos o relato em primeira mão de como os Primeiros Seis ativaram a pedra de proteção que alimenta as guarnições e eu sei que consigo convencer o Xaden a voar comigo para Cordyn para garantirmos o luminar. Ele não vai gostar, mas vai fazê-lo. Só tenho de encontrar uma forma de conseguir que me aproveem a licença. E, até lá, vamos continuar a fazer o que estamos a fazer: a contrabandear o armamento e a consolidar o movimento a partir de Navarre até conseguirmos aguentar-nos sozinhos. Aretia vai ter guarnições daqui a uns dias; estou certa disso.

— Violet?

Eu olho por cima do ombro e sorrio para o Nolon, que se aproxima com um odre de vinho numa mão e uma caneca de peltre na outra. Está com um aspeto tão cansado que parece ter acabado de sair de uma sessão, ou doze, de grande intensidade.

— Olá, Nolon — respondo, a acenar-lhe.

— Bem me parecia que eras tu. Tinha ido buscar limonada quando o Jack me disse que te viu aqui fora e lembrei-me de que estavas na minha lista de reparação. — Ele estende-me a caneca, depois coloca-se ao meu lado a olhar para o céu. — É a tua preferida, se bem me lembro.

— É muita simpatia da sua parte. — Levanto a caneca e bebo com sofreguidão, saciando a sede que me afligia a garganta desde a nossa corrida nos Arquivos. — E não se preocupe com o meu ombro. Já está sarado. Sabe, nunca tive a oportunidade de lhe agradecer por nos ter ajudado durante o interrogatório.

— Nunca gostei de te ver magoada e o Varrish está de olho em ti. — Ele bebe do odre dele e esfrega a barba curta da face. — Onde está o Riorson, afinal? Não costumo ver-vos separados aos sábados.

Sinto o estômago a afundar-se quando o Jack Barlowe atravessa o pátio com a Caroline Ashton ao lado, juntamente com outros instruídos do segundo ano da Primeira Divisão. E o estômago vira-se por completo quando ele me acena com a cabeça e eu retribuo atabalhoadamente.

— Violet? — diz o Nolon, seguindo a minha linha de visão para o Jack.
— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo. E o Xaden saiu mais cedo. Nem sempre nos damos bem.

— Bebo mais um trago da limonada e olho para o conteúdo da caneca. A cozinha deve ter alterado a receita, porque o sabor que fica na língua é estranho.

— Estava a falar a sério — diz o Nolon em voz baixa, a olhar para a sacola creme que eu trago ao ombro.

Creme. Não preta.

A minha cabeça fica turva e a visão embacia-se momentaneamente quando viro a cabeça para olhar para ele.

— *Tairn...* — Mas não consigo chegar ao Tairn. Todas as ligações que tenho são turvas.

Não. Oh, deuses, *não*.

Mas... mas eu confio a minha vida ao Nolon há *anos*.

— Nunca gostei de te ver magoada — sussurra o Nolon, o remorso a franzir-lhe o sobrolho quando a caneca me desliza da mão e embate na gravilha um instante depois. — Mas não te posso proteger das consequências das tuas próprias ações quando colocas em risco a segurança de todos os civis deste reino.

Ouçó botas a pisar a gravilha à minha volta e sinto o mundo a rodopiar, mas é o rosto do Varrish que vejo a pairar sobre mim.

— Ora, cadete Sorrengail, em que é que se foi meter?

O único sinete mais aterrador do que o de um intínsico é o de um detetor de mentiras. No entanto, a *eles* deixamo-los viver.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XXXV

Pestanejo devagar e a minha visão começa a ganhar foco com a urgência de um caracol. Uma pressão seca e latejante espalha-se pela minha cabeça a partir da nuca e a nuvem cinzenta dissipa-se ligeiramente, revelando pedras dispostas em espiral... uma parte das quais está tingida de preto de fumo. Um teto?

— Isso não é problema nosso — diz um homem, com uma voz áspera que eu não conheço. — Nós seguimos ordens.

Uma adrenalina marcada pelo medo percorre-me o corpo, mas eu reteso os músculos e obrigo-me a ficar o mais quieta possível para poder perceber o que raio está a acontecer.

— Passa a ser se ela descobrir — responde outra voz, desta vez feminina.

Cheira a musgo húmido e a ferro e o ar é frio e denso. Estamos numa cave.

O som constante de gotas preenche o silêncio.

— Ela está em Calldyr. Temos uma semana até ela voltar — diz o homem da voz áspera.

E eu estou sentada; o que está cravado na base do meu crânio são as costas de uma cadeira. O peso que sinto nos pulsos e nos tornozelos é-me familiar. Estou atada, tal como na aferição.

— *Tairn...* — tento contactá-lo, mas a ligação é turva e o meu poder não se eleva.

A limonada. A sacola. O *Nolon*.

Foda-se. Fui apanhada.

— Ah, cá está ela. — Um rosto grisalho aparece acima do meu e o homem sorri, revelando três dentes em falta. — Major? A sua prisioneira está acordada! — O homem recua e eu levanto a cabeça e olho em volta.

A cela da prisão tem um formato de cunha, e uma porta exatamente igual à da câmara de interrogatório compõe a parte mais estreita. No entanto, esta cela não é para fins instrutivos. O meu carcereiro está vestido de azul de infantaria, o que significa que isto devem ser os calabouços.

Parto do princípio de que a estante de madeira à minha direita deverá ser uma cama e, do mal o menos, há uma casa de banho no outro lado. O medo palpita-me pelas veias quando vejo as paredes sujas e manchadas de sangue, pelo que desvio o olhar rapidamente, observando o resto da cela à medida que a minha cabeça se vai tornando mais leve. A Nora, a mulher que despeja sempre o meu saco, está recostada numa mesa de madeira com os braços cruzados e o rosto franze-se em rugas que eu penso serem de preocupação quando a porta se abre ao lado dela.

O sorriso no rosto do major Varrish abre-me um buraco no estômago quando ele entra.

Oh, *deuses*. Os outros. Estarão aqui? Estarão feridos? Fico com um nó na garganta que me impede de sorver o ar com total liberdade.

— Fora — diz ao outro homem, que se apressa a seguir para a câmara principal como uma aranha, mas não fecha a porta ao sair, o que me permite ter um vislumbre de uma secretária coberta pelos meus punhais de cabo preto antes de o Varrish me bloquear a vista. — Prometi que tentaríamos o seu método *uma vez* — diz o Varrish por cima do ombro.

O terror expande a pressão que sinto na garganta. Não posso contactar o Tairn nem o Xaden. Não posso usar o meu sinete nem as minhas competências com o punhal, uma vez que tenho as mãos atadas.

Estou sozinha e completamente *indefesa*.

O Nolon entra com o passo arrastado e os olhos baços de tristeza.

— Só precisamos que respondas a algumas perguntas, Violet.

— Drogou-me. — A voz quebra-me. — Eu confiava em si. *Sempre* confiei em si.

— Esclarece isto depressa e podemos voltar a confiar um no outro — diz o Nolon. — Vamos começar pela razão por que roubaste o diário do Lyra? — Ele estende a mão para trás da Nora e mostra o livro.

Esqueço-me de todas as técnicas de interrogatório que me ensinaram e fico a olhar... só a olhar para o diário, com a cabeça a procurar a todo o custo uma saída quando é claro que não há nenhuma.

— Eu queria estar enganado — diz ele em voz baixa. — Mas o Markham alertou-nos de que as guarnições reais dentro da biblioteca do rei tinham sido violadas e depois vi-te no pátio com a sacola de um copista...

— Que é comum para transportar livros dos Arquivos — riposto.

Raios. Fomos estúpidos quando não pensámos que ultrapassar as guarnições iria alertar o Markham.

— E, se fosse esse o caso, terias acordado na enfermaria com uma dor de cabeça e o meu mais sincero pedido de desculpas. — O Nolon levanta o diário de pele coçada, a chave de proteção de Aretia. — Mas trazias isto contigo.

— Nós não estamos aqui para discutir essa parte. — O Varrish olha para mim com um fascínio arrebatado. — Responda às minhas perguntas e iremos deixá-la dormir e recuperar dessa dor de cabeça até à aula de amanhã. Minta, uma vez que seja, e a coisa vai ficar feia.

Quer dizer que já é domingo.

— Três perguntas. — O Nolon lança um olhar severo na direção do Varrish. — Queremos saber como o fizeste, com quem o fizeste e, a mais

importante de todas, *porquê*.

O nó na minha garganta fica mais lasso e eu encho os pulmões completamente, fazendo força para que o pânico que sinto diminua. Não sabem quem foi, o que significa que não há mais ninguém acorrentado aqui em baixo. Nem o Xaden, nem a Rhiannon, nem o Aaric, nem nenhum dos outros. Sou só eu. Estar sozinha acabou de se transformar numa *bênção*.

E não estou indefesa. Ainda estou na posse da minha mente.

— Vamos começar por saber como penetrou nas guarnições reais — sugere o Varrish.

— Seria impossível eu penetrar as guarnições reais, uma vez que não sou real. — Levanto o queixo e preparo-me mentalmente para o pior.

— Ela está a dizer a verdade — diz a Nora, inclinando a cabeça para mim. — O meu sinete deteta mentiras. Diz uma e saberei.

O meu coração sobressalta-se.

Se tem de ser a verdade, a verdade será. Quando isto terminar, terei de explicar as minhas respostas — ou a falta delas — à minha mãe. Todas as palavras são importantes.

— Violet, por favor — suplica o Nolon, pousando o diário em cima da mesa. — Explica. Foi um desafio não sancionado da esquadra? Algum tipo de aposta entre instruendos do segundo ano? Eles ainda estão a tentar perceber o que é que falta. Ajuda-nos. Conta-nos tudo e isto será muito mais fácil para ti.

A tentar perceber. Eles não sabem.

— Está a saltar para a parte do *porquê*. — O Varrish revira os olhos. — A sério, Nolon, é por isso que nunca foi bom em interrogatórios. — O olhar pálido do Varrish fixa-se no meu. — Como?

— Como podem partir do princípio de que não é uma cópia se ainda não verificaram se o original está em falta? — pergunto ao Nolon.

O Nolon olha de soslaio para o Varrish.

— O Markham diz que a manta não foi mexida.

— No entanto, temos o caralho do diário aqui connosco. — O Varrish caminha lentamente em círculo à minha volta. — É uma cópia?

Está a tentar apanhar-me numa mentira.

— Não tenho como saber, uma vez que não o examinei. — Não tive tempo.

— Verdade — aponta a Nora.

O Varrish para à minha frente e eu olho-o diretamente nos olhos pálidos e sem alma.

— Suponho que não tenha provas, major Varrish, porque nenhum de vocês pode atravessar as guarnições reais e nenhum de vocês está disposto a ir dizer ao rei que houve um alarme, falso ou não. Deixe-me lembrá-lo de que da última vez que alguém me acusou de mentir sem provas acabou destacado no posto avançado mais distante que Luceras tem para oferecer.

— Ah, está a referir-se ao Aetos. — O homem nem sequer vacila. — Não se preocupe. Eu vou arrancar as provas de que ele precisa enquanto a tenho sob a minha supervisão, uma vez que está a revelar-se rebelde em vez de se mostrar prestativa, como o Nolon esperava que fosse. O Grady é demasiado certinho com as regras, pelo que o nosso último encontro não foi tão frutífero como eu gostaria que tivesse sido. — Agacha-se e olha para mim como se eu fosse um brinquedo novo em folha que ele mal pode esperar por partir. — Quem é que roubou o livro por si? — Olha cheio de intenção para as minhas mãos. — Porque ambos sabemos que não o fez sozinha.

Verdade seletiva. É tudo o que tenho no meu arsenal para proteger os meus amigos.

— Fui eu que pus esse livro no saco e mais ninguém.

— Ela está a dizer a verdade — observa a Nora.

Olho do Varrish para o Nolon.

— E não respondo a mais perguntas. Se quiserem levar-me a tribunal, chamem o quórum de chefes de divisão e façam-no de acordo com as regras estipuladas no Códice.

O Varrish levanta-se devagar e dá-me uma bofetada com as costas da mão. Sinto a dor a irromper na face quando a minha cara dispara para o lado pela força do golpe.

— Major! — grita o Nolon.

— Nora, ordene uma formação imediata e verifique as mãos de todos os cadetes no quadrante — diz o Varrish e eu pestanejo apesar do ardor no rosto. — Nolon, está dispensado.

Eu respiro fundo, a preparar-me para a dor que se seguirá ao ver o Varrish a arregaçar as mangas do uniforme. Tento focar a atenção num tijolo desalinhado na parede, procurando a todo o custo dissociar-me do meu corpo.

Independentemente do que aconteça nesta cela, eles não podem alterar o facto de que o Xaden saiu daqui com o diário do Warrick. O Brennan vai ter aquilo de que precisa para erguer guarnições em Aretia. Seja qual for o tormento que o Varrish me fizer passar, valerá a pena.

Violência, não te esqueças de que é só o corpo que é frágil. Tu és inquebrantável. Agarro-me às palavras do Xaden.

— Chamá-lo-ei quando precisar de si — promete o Varrish, dispensando o Nolon com um aceno de mão.

Quando precisar dele para me reparar.

— Não se preocupe. Eu começo devagar — diz-me o Varrish. — E tem todo o poder neste caso, cadete Sorrengail. Isto acaba assim que falar.

Grito quando ele me desloca o primeiro dedo.

E berro quando ele o parte.

Ping. Ping. Ping.

Faço de conta que o som é a chuva a bater na janela, que a madeira dura e inflexível debaixo da minha face é o peito do Xaden, que o braço dobrado

num ângulo pouco natural à minha frente a latejar em sincronia com a minha pulsação pertence a outra pessoa.

— Dorme se puderes. — A sugestão é afável e a voz tão dolorosamente familiar que eu fecho o olho bom.

Tu não estás mesmo aqui. És uma alucinação provocada pela dor e pela desidratação. És uma miragem.

— Talvez — diz o Liam, e eu abro o olho apenas o suficiente para o ver sentado no chão ao meu lado. Ele levanta os joelhos e pousa o cotovelo na ponta do beliche debaixo do meu braço fraturado. — Ou talvez o Malek me tenha enviado como cortesia.

O Malek não faz cortesias. Nem permite que as almas vagueiem. Viva o meu cérebro; o Liam é uma excelente alucinação. Está exatamente como da última vez que o vi, vestido com peles de voo e munido de um sorriso que me fere o coração.

— Eu não estou a vaguear, Violet. Estou exatamente onde preciso de estar.

Dói-me tudo. Uma dor incomensurável ameaça atrair-me de novo para a escuridão, mas, ao contrário das últimas duas vezes, luto para manter a consciência. É o primeiro momento em que estou sozinha há horas e já não tenho medo da cadeira no meio da sala.

Agora já sei que fico com mais ossos partidos quando o Varrish me tira da cadeira.

— Eu sei — diz o Liam amavelmente. — Mas tu estás a aguentar estoicamente. E eu estou muito orgulhoso de ti.

Claro que é o que o meu subconsciente diria: exatamente o que eu preciso de ouvir.

Passo a língua sobre o corte no lábio e sinto o sabor a sangue. O Varrish não usou uma única lâmina comigo, mas a minha pele está cortada em tantos lugares com os golpes que ele me deu que eu me sinto uma ferida gigante e aberta. A última vez que me mexi, o meu uniforme estalou devido ao sangue seco.

— Podemos trazer a esquadra dela — sugere a Nora da antecâmara. — Ela cederá assim que começemos a interrogá-los a eles.

O maxilar do Liam lateja e o medo provoca-me um nó no estômago vazio.

— Durante a aferição não cedeu — responde o Varrish. Deuses, quem me dera não conhecer a voz dele. — E trazê-los significa que eles ficarão a saber o que aconteceu e, dada a relíquia que a Imogen Cardulo tem em volta do braço dela, duvido que esteja disposta a apagar-lhes as memórias. Além disso, matá-los significa um conjunto completamente diferente de problemas. Tem a certeza de que nenhum dos cadetes tem lesões na mão?

— Eu própria os inspecionei a todos — responde a Nora. — A Devera e o Emetterio estão a perguntar onde é que a Sorrengail está, assim como o resto da esquadra dela. Ela não foi à aula hoje.

É segunda-feira.

Tento contactar o Tairn, mas o vínculo continua turvo. Pois claro, porque eles me obrigaram a beber a solução à força outra vez entre o momento em que o Varrish me partiu o braço e o instante em que me deslocou o tornozelo. Nem sequer teve de me tirar as botas para que tal acontecesse.

Mas só me quebraram o corpo. Eu não disse uma única palavra.

— Isso significa que estás aqui há dois dias — diz o Liam.

Ainda faltam cinco para que o Xaden perceba que eu estou desaparecida. De certeza que estão a monitorizar a correspondência para se certificarem de que ninguém o alerta. Ele não pode reagir. Liam. Se o fizer, irá arriscar tudo.

— Achas que ele não está já a ficar todo fodido? — Um canto da boca do Liam curva-se no sorriso malicioso e convencido de que tenho tantas saudades. — Aposto que ele já sabe. A Sgaeyl terá sentido o pânico do Tairn. Aquele teu dragão pode não ser capaz de te contactar a esta profundidade de Basgiath, mas o Xaden não vai deixar pedra sobre pedra neste lugar. Só tens de sobreviver.

Ele não pode arriscar o movimento. E não o vai fazer. As prioridades do Xaden sempre foram claras e raios me partam se essa não é uma das coisas que eu amo nele.

— Vai sim.

A porta abre-se, mas eu não tenho a energia nem a capacidade de me levantar, de rodar a cabeça, de levantar a mão sequer. O meu coração sobressalta-se e começa a martelar como se tivesse visto a oportunidade de fugir deste inferno que é o meu corpo. Não sei como lhe poderei dizer que a couraça da Mira o manterá a salvo muito tempo depois de ele desejar parar.

O Varrish baixa-se para me olhar nos olhos a não mais de trinta centímetros do Liam.

— Deve estar com tantas dores. E tudo pode acabar já. Talvez o Nolon tivesse razão. Esqueçamos como roubou o livro. É claro que não nos vai revelar os seus cúmplices. Mas preciso de saber *porquê*. Porque haveria de precisar de um diário de um dos Primeiros Seis? Tenho estado a lê-lo. É uma história interessante. Está a tentar criar guarnições, Sorrengail?

Ele espera, mas eu continuo de boca fechada. O cabrão do major está demasiado perto.

— Podemos deixar-nos de rodeios de uma vez e ter uma discussão a sério — assevera. — Terá com certeza perguntas a que eu posso responder sobre as razões por que não nos envolvemos nas questões de Poromiel. É disso que se trata? Indignação virtuosa? Podemos trocar informação em condições de igualdade, uma vez que ambos sabemos que não foram grifos que mataram o dragão do seu amigo.

Eu sobressalto-me e uma dor nova e violenta percorre-me o corpo.

— Não caias nessa. — O Liam abana a cabeça. — Sabes bem que ele está a tentar enganar-te.

— Mas o que é que *sabe* de facto? — pergunta o Varrish em voz baixa, como se estivesse a ser afável. — E o que tem andado a fazer com os marcados? Temos andado de olho neles há anos, claro, mas até o cadete Aetos a ter denunciado não tínhamos nada a não ser especulação. Mas depois não voltaram para Basgiath. Nenhum posto avançado relatou que

tenham procurado um curandeiro. Portanto, vou reformular uma pergunta que já lhe fiz. Para onde é que vocês foram, cadete Sorrengail? *Onde é* que estão a tentar criar guarnições?

Isto não é só por eu ter roubado um livro. É muito mais do que isso.

— Deuses, é boa. Ou está com demasiadas dores para reagir. — O Varrish inclina a cabeça e, quando olha para mim a estudar-me, faz-me lembrar uma coruja. — Sabe qual é o meu sinete, cadete Sorrengail? Porque sou tão bom nesta cela? É confidencial, mas aqui somos todos amigos, não é?

Eu olho fixamente para ele, mas não respondo.

— Eu não vejo pessoas. — O Varrish inclina a cabeça e perscruta-me. — Vejo-lhes as fraquezas. É uma grande vantagem numa batalha. Para lhe dizer a verdade, fiquei surpreendido consigo quando nos conhecemos. De tudo o que tinha ouvido sobre a Sorrengail mais nova, esperava olhar para si e ver dor, ossos partidos ou talvez vergonha por nunca ter estado à altura das expectativas da sua mãe. — Ele passa o dedo na fratura óbvia do meu antebraço, mas não aplica pressão. A ameaça é suficiente para eu contrair o peito. — Mas não vi... nada. Alguém a ensinou a levantar os escudos e eu tenho de admitir que o faz muito bem. — Aproxima-se. — Quer saber o que é que eu vejo agora que lhe retirámos a sua fonte de poder?

O ódio acumula-se dentro de mim e eu espero que ele o veja.

— Por Dunne, terei de ser eu a sustentar toda esta conversa? «Sim, claro que quero saber» — diz ele, a levantar a voz escarninha para me imitar. — Bem, cadete Sorrengail, as suas fraquezas são as pessoas que ama. E há tantas pessoas à escolha. A chefe de esquadra Matthias e o resto da sua esquadra, a sua irmã, os seus dragões. — Os lábios curvam-se num sorriso retorcido. — O tenente Riorson.

A minha pulsação pula.

— Aguenta-te, Violet — diz o Liam.

— Ela está transtornada — aponta a Nora da porta.

— Eu sei — responde o Varrish. — E aposto que acha que vai ser ele a vir salvá-la, não é? — O major admira as escoriações no meu braço como se

fossem uma obra de arte. — Que, no sábado, ao ver que não aparece em Samara, ele virá à sua procura, mesmo que isso signifique violar a política de licenças. Está a alimentar esperanças de que ele quebre as regras por sua causa. De que ele a vá salvar, uma vez que a sua mãe não levantou um dedo por si.

A minha garganta move-se embora eu esteja demasiado desidratada para engolir.

— Ele não vai esperar por sábado — promete o Liam.

— É com isso que eu estou a contar. — O Varrish assente com a cabeça. — Esperei o ano inteiro que quebrasse uma regra para a poder questionar ao abrigo do Códice. A sua mãe cinge-se muito às regras. Mas não faz ideia do gozo que me dá saber que o filho do Fen Riorson vai violar o Códice, abandonando o posto para vir em seu auxílio, e que será o próximo a sentar-se nesta cadeira. E ele *vai* dar-me as respostas que eu procuro.

Alto. O quê?

— Merda. Ele não está só a interrogar-te a ti. Está a preparar uma armadilha para o Xaden. — O Liam põe-se tenso.

O meu coração começa a martelar.

— Tem tanto poder aqui, Sorrengail. É a única pessoa que pode salvar o tenente Riorson do que o espera quando ele chegar. Diga-me o que eu quero saber e eu não o vou magoar.

Por um instante, fico tentada. Fecho o punho ao pensar na ideia de o Xaden ser torturado e as unhas roçam na tábua de madeira rugosa.

— Onde está a tentar erguer guarnições? O que estão os marcados a tramar?

— Aguenta firme, Vi. — O Liam pousa-me a mão na ilharga e, deuses, a sensação é *demasiado* real. — Falar levaria à morte de todos os seres vivos deste Continente. Se eles tivessem alguma coisa que pudessem usar contra o Xaden, ele já teria sido detido. Não lhe vão fazer mal. Não têm como.

Logicamente, eu sei que isso é verdade, mas emocionalmente...

— Não? Tem a certeza? Pode salvá-lo. Aqui mesmo. Neste momento. Porque eu acho que ele vem e, quando o fizer, vou obrigá-lo a ceder... e vou obrigá-la a ver — promete o Varrish num sussurro. — Mas não se preocupe. Vai estar a gritar os seus segredos não tarda nada. Claro que, nessa altura, já não vou precisar deles. Já terei quem realmente quero.

Ele baixa o olhar para o meu pescoço, como se conseguisse ver a minha pulsação a acelerar.

— Ah, agora já está a perceber, não está? — O Varrish abre um sorriso largo. — Não duvido que ache que ele é indestrutível, mas eu asseguro-lhe que já tive a sorte de vislumbrar o *mais poderoso cavaleiro da sua geração* a ter dificuldades em manter os escudos levantados. Foi por menos de um segundo, mas não precisei de mais nada para perceber o que o poderia quebrar. Teremos toda a informação de que precisamos daqui a poucos dias. A menina não é o prémio principal, Sorrengail. É a ferramenta.

Ele que se foda.

— O Solas gosta de se esconder? — A minha voz é um crocito e eu tusso.

O Varish pestaneja mas rapidamente mascara a sua surpresa.

— Não é por o major ter bloqueado a minha capacidade de falar com o Tairn que ele não sabe exatamente o que me fez. — O meu lábio racha-se quando forço um sorriso. — O major está a perseguir o Xaden. Mas o Tairn está a perseguir o Solas. O major é o elo mais fraco nos dois casos. Eu *posso* morrer nesta cela, mas posso-lhe prometer que o major *vai* morrer.

— Não é por não a poder matar sem perder o meu alvo que não vou dar cabo de si dia após dia até ele chegar. Vamos divertir-nos nós os dois. — Ele levanta-se, depois passa as mãos nas coxas do uniforme antes de sair. Ouço as palavras longínquas que ele diz para lá da porta. — Chame o Nolon. Temos de começar de novo.

Mas o Varrish está enganado. O Xaden não vem. Vai escolher a segurança da revolução. Neste momento, eu sou uma das pessoas que ele não pode salvar. Só tenho de esperar que toda a gente esteja enganada, que ele sobreviva à minha morte.

— Não me deixes — sussurro ao Liam. Não me importo que já tenha chegado ao ponto em que estou a alucinar e que o meu cérebro esteja a usar o Liam como muleta desde que ele fique, desde que eu não fique sozinha.

— Não vou deixar. Juro.

Ping. Ping. Ping. Perco a noção das horas, dos espancamentos, das perguntas que me recuso a responder.

O Nolon faz-me duas visitas, ou talvez sejam três.

A vida resume-se a vários graus de dor, mas o Liam nunca me deixa. Está ao meu lado sempre que abro os olhos, a vigiar-me, a falar comigo durante a tortura, a ajudar-me a manter a sanidade ao mesmo tempo que prova que já a perdi.

Pelo menos uma vez por dia, acorrentam-me à cadeira e obrigam-me a beber o soro que bloqueia o contacto com o Tairn. Eu como a comida que eles me dão porque a sobrevivência é mais importante e durmo ao fim de cada sessão de reparação só para voltar a ser feita em pedaços depois de acordar.

Tenho as costelas partidas graças a um pontapé bem direccionado e o meu braço estala exactamente no mesmo lugar em que Varrish o partiu da primeira vez, o que quer dizer que nem eu nem o Nolon estamos no máximo das nossas forças.

— Podíamos trazer cá o Jack Barlowe se isto não funcionar. — A voz da Nora eleva-se e acorda-me completamente depois de eu ter adormecido na cadeira. — Os deuses sabem que ele tem estado à espera da vingança.

— É tentador — responde o Varrish. — E não duvido de que ele esteja completamente disposto a encontrar formas novas e inventivas de a motivar, mas não temos a certeza de que ele não a vá matar. Nunca sabemos o que esperar daquele puto em caso nenhum, não é? É demasiado imprevisível.

— Ainda não consigo acreditar que aquele sacana sobreviveu — murmura o Liam, recostado na parede à direita da porta.

Deuses, estou dorida e inchada em todos os locais partidos e os pedaços de pele que consigo ver estão descoloridos. Dói-me tudo. Já nem sequer tenho a certeza de que eu seja eu e não apenas dor enclausurada num corpo moribundo.

Mas a Rhiannon não está a passar por isto, nem o Ridoc, nem o Sawyer, nem a Imogen, nem a Quinn. Todas as pessoas de quem gosto estão a salvo. E é a isso que me agarro.

— Sabes uma coisa, a Sloane odeia-me — sussurro.

— A Sloane pode ser difícil. — O Liam lança-me um meio-sorriso de contrição. — Estás a fazer um bom trabalho.

— Sim, sou um ótimo modelo a seguir. — Por pouco não reviro os olhos.

— Pediu para falar comigo, major? Aqui em baixo? Deve haver uns doze guardas nas escadas.

Aquela voz. O medo desliza-me pela espinha abaixo, deixando arrepios na sua peugada quando o Liam vira a cabeça de chofre para a porta.

O *Dain*. Estou tão fodida. Estamos todos.

— Pedi — responde o Varrish. — Preciso da sua ajuda. *Navarre* precisa da sua ajuda.

— O que é que eu posso fazer?

Eu contorço-me nas correias que me mantêm presa, mas as fivelas não cedem.

— Mantém-te calma — sussurra o Liam, como se algum *deles* o pudesse ouvir.

— Tivemos uma quebra de segurança esta semana e foram roubados documentos confidenciais. Apanhámos a responsável e impedimos a perda de informações, mas a prisioneira... — O Varrish faz uma pausa dramática. — É absolutamente óbvio pelas ligações que tem que esta cavaleira está a trabalhar com o que desconfiamos ser um segundo movimento de rebelião

com o objetivo de destruir Navarre. Para segurança de todos os civis dentro das nossas guarnições, preciso das memórias da prisioneira, chefe de divisão. Tem de extrair a verdade, caso contrário o nosso modo de vida ficará comprometido.

Bem, se ele põe as coisas nestes termos. Volto a tentar forçar as minhas ligações e sinto ondas de agonia em todo o sistema nervoso. Não tenho escudos. Nenhuma forma de o bloquear.

Toda a gente em Aretia vai morrer e a culpa será toda minha.

— Vou avisá-lo — continua o Varrish em voz baixa. — A identidade da prisioneira pode ser um choque para si. — A porta abre-se antes de eu estar completamente preparada.

O Varrish entra e deixa o Dain parado junto à porta com os olhos arregalados a fitar-me de cima a baixo, parando nas minhas mãos em diferentes tons de roxo amarradas aos braços da cadeira e no rosto, que não duvido que esteja muito semelhante. E não vê os ossos partidos e as contusões debaixo do meu uniforme, que são ainda piores.

— Violet?

— Ajuda-me, por favor — sussurro, mesmo sabendo que estou a fazer uma súplica a um Dain que já não existe, o Dain que eu conhecia antes de ele atravessar o parapeito, e não o instruendo insensibilizado do terceiro ano à minha frente.

— Está a torturá-la há *cinco dias*? — pergunta o Dain ao Varrish num tom de acusação.

Cinco dias? Ainda só é quinta-feira?

— Desde que ela roubou o diário do Lyra da biblioteca privada do rei? — O tom do Varrish é de aborrecimento. — Claro. A cadete Sorrengail pode ser uma amiga de infância, Aetos, mas ambos sabemos a quem é que ela é leal: ao Riorson e à guerra que ele está a planear contra nós. Ela quer derrubar as guarnições.

— Isso não é verdade! — Queria gritar, mas o que sai é pouco mais do que um gemido fraco, uma vez que tenho a voz rouca de dias de gritos. O Varrish deu a volta a tudo. — Eu nunca poria civis em risco. Dain, tu sabes...

— Eu já não sei *merda* nenhuma sobre ti — riposta o Dain, com o rosto a contorcer-se de raiva.

— Há uma guerra lá fora — digo-lhe, desesperada por lhe entrar na cabeça antes de ele entrar na minha. — Os civis de Poromiel estão a morrer e nós não estamos a fazer nada para os ajudar. Estamos só a assistir de cadeirinha, Dain.

— Achas que nos devemos envolver na guerra civil de Poromiel? — pergunta o Dain.

Deixo cair os ombros.

— Acho que te mentem há tanto tempo que não vais reconhecer a verdade mesmo que esteja mesmo à frente do teu nariz.

— Poderia dizer o mesmo sobre ti. — O Dain olha para o Varrish. — Tem a certeza de que ela estava a tentar derrubar as guarnições?

— Já mandei o diário de volta para os Arquivos para o manter em segurança, mas sim. O livro que ela roubou dava instruções detalhadas para a construção das guarnições e poderia ser usado como mapa para as desfazer. — O Varrish pousa a mão no ombro do Dain. — Eu sei que é difícil ouvir isto, mas as pessoas nem sempre são quem nós queremos que elas sejam.

O Liam afasta-se da parede, contorna-os a ambos e agacha-se ao meu lado.

— Acho que não vais conseguir parar isto.

Eu também.

— Tente não se zangar com ela — diz o Varrish ao Dain, a expressão a fazer-se compreensiva. — Nem sempre conseguimos escolher por quem nos apaixonamos, não é assim?

O Dain contrai-se.

— O Riorson levou-a a entrar em algo que ela não tem capacidade de compreender. O Aetos sabe disso. Viu o que aconteceu no ano passado. — O Varrish suspira. — Eu não queria ter de lhe mostrar isto, mas — o major tira o meu punhal com o cabo impregnado de liga da sua própria bainha — ela

também trazia isto com ela. O metal que aqui vê é o que alimenta as guarnições. Achamos que eles os têm contrabandeado para onde quer que estejam a planear esta guerra e a enfraquecer as nossas guarnições pouco a pouco.

— Isso é verdade? — O olhar do Dain voa ao encontro do meu.

Vejo a Nora encostada à ombreira da porta e estremeço.

— Eu posso explicar. A forma como ele está a pôr as coisas...

— Não preciso que me expliques nada — rosna o Dain. — Ando a pedir-te há meses que fales comigo e agora percebo porque não o fazes. Porque insistes tanto que eu não te toque. Tens medo de que eu veja o que andas a esconder. — Ele vem na minha direção e eu encolho-me na cadeira.

Xaden, perdoa-me.

— Lembre-se da sua ética, cadete — ordena o Varrish. — Sobretudo dada a sua ligação com a cadete Sorrengail. Sonde-a como tem praticado, mas centre-se na palavra *guarnições*.

— Tenente Nora — chama uma voz da antecâmara. — Toda a chefia está a receber ordens para se reunir. Houve... incidentes na fronteira.

— Ordens de quem? — pergunta a Nora.

— Da general Sorrengail.

— Nós não demoramos — responde a Nora, a dispensá-lo com um aceno.

— Já pode ser tarde de mais para nós — diz o Varrish, a abanar a cabeça. — O Riorson desertou há alguns dias de acordo com os relatos que recebemos hoje de manhã. Já estamos a reunir os marcados.

Fico sem fôlego. O Xaden desertou. Já pode estar em segurança em Aretia neste momento a erguer as guarnições. Mas a Imogen? O Bodhi? A Sloane? São eles que a chefia está a reunir neste momento.

O Liam pousa-me a mão no ombro para me tranquilizar. Vão matá-los a todos e, assim que souberem de Aretia, vão atrás dos restantes.

— Ele pode vasculhar-te a memória — diz-me o Liam. — Mas, pela lógica, terá de passar pelo que estás a pensar primeiro.

— O que é que vocês fizeram, Violet? — pergunta o Varrish. — Orquestraram mais um ataque a um posto avançado? Descubra o que puder, Aetos. A segurança do nosso reino depende disso. O tempo urge.

O Dain arregala os olhos e levanta as mãos.

— Mataste o Liam — disparo.

Ele detém-se.

— É o que estás sempre a dizer. Mas eu só vasculhei a tua memória para provar ao meu pai que ele estava enganado, Violet, e tu só provaste que ele tinha razão. Se os marcados morreram a traírem o nosso reino, tiveram o que mereciam.

— Odeio-te — sussurro num som que sai sufocado ao mesmo tempo que sinto um ardor nos olhos marejados.

— Ela está a tentar ganhar tempo — atira o Varrish. — Comece agora. E se vir alguma coisa que não compreende, eu vou explicar-lha assim que saibamos onde é que o exército deles se esconde. Acredite em mim quando lhe digo que está a agir no melhor interesse de todos os cidadãos de Navarre. O nosso único objetivo é mantê-los seguros.

O Dain assente com a cabeça e estende as mãos ao meu encontro, hesitando no último segundo.

— Ela está ferida em *todo o lado*.

— Mostra-lhe o que *queres* que ele veja — insta-me o Liam.

— Ela não passa de uma traidora — replica o Varrish.

— Certo. — O Dain faz que sim com a cabeça e eu fecho os olhos no segundo em que os dedos dele me tocam nas têmporas sensíveis e doridas.

Podem ter-me bloqueado a energia que vem do Tairn. Mas o controlo sobre a minha mente? Esse é *meu*, e é a única coisa que me resta.

Ao contrário do ano passado, desta vez sinto a presença do Dain nas redondezas da minha mente, exatamente onde devia ter os meus escudos, e, em vez de me encolher perante o ataque, eu agarro essa presença e atiro-me para a memória, levando o Dain comigo.

«Temos alguma revoada de dragões por perto?», pergunta o Liam.

Fico com a cabeça a levitar quando me apercebo de que o meu pior pesadelo é, de facto, um monstro de carne e osso.

Duas pernas. Não quatro. Serpes.

Eles mandaram-nos para aqui para morrermos.

Venéficos com veias vermelhas a partir-lhes dos olhos que matam pessoas indefesas.

Fogo azul. Terra dessecada. A Soleil e o Fuil a cair.

Nunca vamos conseguir contrabandear armamento suficientemente para fazermos algo significativo. Eles esconderam-nos tudo, apagaram a nossa própria história para evitar conflitos, para nos manter a salvo enquanto pessoas inocentes morrem.

Liam... deuses... *Liam.* Finco as minhas unhas mentais no Dain e mantenho-o lá, fazendo com que ele a sinta comigo de novo, a impotência. A dor de perda que me esmaga o peito. A raiva que me tolhe a visão.

Foi uma honra. As últimas palavras que o Liam me disse.

A minha vingança no céu, a lutar no dorso do Tairn, munida da única arma que matará a manipuladora de magia negra que está a fazer tudo o que pode para matar o meu dragão e acabar comigo.

No momento em que o punhal me penetra a ilharga, eu deixo de puxar o Dain e começo a arrastá-lo com toda a força, gritando tanto física como mentalmente e enchendo a cabeça com todo o peso da dor que me foi infligida ao longo dos últimos quatro dias.

O Dain arqueja e deixa cair as mãos das minhas têmporas.

Eu abro os olhos, ainda com o som do grito a ecoar-me nos ouvidos, quando ele recua com o horror gravado em cada traço do rosto.

— Estou aqui — garante o Liam. — E continuo a não estar arrependido, Vi. Nem um bocadinho.

Sinto humidade a escorrer-me pelas faces.

— Conseguiu o que querias? — pergunto com as cordas vocais em frangalhos.

— Estás a contrabandear armas — diz o Dain devagar, a perscrutar-me os olhos. — A roubar as nossas armas para ajudar outro reino?

O meu estômago afunda-se com o meu falhanço total e absoluto.

Depois de tudo o que lhe mostrei, foi isto que ele reteve?

Arranco o meu olhar do dele para o colocar no Liam e memorizar-lhe as feições do rosto e os olhos azuis tão característicos.

— Lamento ter-te deixado ficar mal.

— Tu nunca me deixaste ficar mal. Nem uma vez — sussurra ele, a abanar a cabeça. — Nós trouxemos-te para a nossa guerra. Se alguém tem de lamentar, sou eu.

— Faz muito bem — rosna o Varrish.

Se o Dain tiver penetrado na minha memória, visto as remessas de armas que eu ajudei a levar, então sabe *tudo*. Sinto uma onda de impotência a passar por mim, a tirar-me a determinação, a firmeza para não quebrar. Tudo o que me resta é a dor e não vale a pena lutar pela dor se acabei de denunciar tudo e todos os que significam alguma coisa para mim.

— Eles querem-nos lá *agora!* — grita o homem da antecâmara.

— Varrish — chama a Nora. — É uma convocatória para *toda* a chefia.

— O que é que descobriu? — O Varrish vira-se para o Dain, já a perder a compostura. — Onde é que eles estão a organizar-se?

— Dê-me esse punhal — pede o Dain, a estender a mão. — Quero compará-lo com o que vi na memória. As armas que eles nos estão a *roubar*.

— Só não quero que a mate. Temos de encontrar e questionar o Riorson primeiro, usá-la como trunfo. — O Varrish estende o meu punhal ao Dain.

Ele olha para o punhal e assente com a cabeça.

— É este mesmo. Estão a levá-los aos molhos e a armar o inimigo. Eu vi tudo. — Os olhos castanhos fixam-se nos meus. — Há pelo menos um bando de grifos envolvido.

O meu coração bate fundo. Ele sabe. Ele viu apesar dos meus esforços.

Vão voltar a interrogar-me — manter-me cativa para atrair o Xaden —, mas nunca me vão deixar sair daqui viva. Este lugar que foi a minha casa, os corredores que percorri com o meu pai, os Arquivos que venerei juntamente com os deuses, o campo de e para onde voei com o Tairn e a Andarna, os salões onde me ri com os meus amigos e os quartos onde o Xaden me abraçou serão o meu túmulo.

E o rapaz com o qual eu costumava subir às árvores vai ser o meu algoz. Vergo-me, a resistência que me resta a esvaír-se de mim em derrota.

— Muito bem. Muito bem. Agora diga-me onde é que eles estão — ordena o Varrish.

O Dain agarra o punhal com a mão esquerda, rodando-o de forma a que a lâmina fique paralela ao antebraço quando o aponta à minha garganta.

— Devias ter confiado em mim, Violet.

Eu não me atrevo sequer a engolir quando fito o idiota sem desviar os olhos. Não vou morrer com medo.

— Nada disto teria acontecido se tivesses confiado em mim. — A dor nos olhos dele só serve para me alimentar a raiva. Como é que ele se atreve a mostrar-se magoado? — E agora é tarde de mais.

— Varrish! — grita a Nora quando se ouvem gritos na antecâmara.

O Varrish vira-se para ela e eu sinto o punhal a resvalar-me na pele.

O Dain vai matar-me.

— Está tudo bem. — O Liam segura-me o ombro. — Eu estou aqui ao teu lado. Não te vou deixar.

O *Tairn*. A *Andarna*. Deuses, espero que eles sobrevivam. O Xaden tem de sobreviver. Não admito outro cenário.

Eu amo-o.

Devia ter-lho dito todos os dias, ter sido honesta acerca dos meus sentimentos não obstante as discussões e a dúvida.

Agora, em vez de o retribuir ao Xaden, esse sentimento vai morrer comigo. A minha visão torna-se turva e as lágrimas escorrem-me pelas faces, mas eu levanto o queixo.

O Dain puxa o braço para trás e eu espero pelo impulso para a frente, o corte, a dor, o jorro de sangue.

Mas nada disso acontece.

O Varrish cambaleia para trás com a mão na ilharga e os olhos esgazeados quando os meus ouvidos se enchem com um som estrondoso. O Dain traz a lâmina cheia de sangue para as correias que me apertam os pulsos e corta uma e depois a outra.

— Não sei se conseguimos sair daqui a lutar — diz ele rapidamente, agachando-se para me libertar os tornozelos. — Consegues mexer-te?

O que raio está a acontecer?

— Aetos! — rosna o Varrish, a cair de encontro à parede, antes de escorregar pela pedra abaixo, deixando um rasto de sangue fresco atrás dele.

— Violet! — grita o Dain, a colocar-me algo na mão. — Tens de te mexer ou estamos mortos!

Eu enrolo os dedos da mão boa em redor do cabo familiar no mesmo instante em que o Dain saca da espada que tem junto à ilharga e a leva à garganta da Nora quando ela se lança para a cela.

— Deixe-nos passar e viverá.

Ele mantém a arma bem firme e enrola o outro braço nas minhas costas quando eu me tento levantar, mantendo-me em pé quando as minhas pernas ameaçam ceder. Ainda não foram partidas desde a última visita do Nolon, que eu me lembre, mas eu gemo ao sentir a pressão nas costelas partidas e o mal-estar que me faz ver a cela a girar.

— Eu não prometo o mesmo. — A voz baixa e ameaçadora enfraquece-me os joelhos um segundo antes de uma mão com um punhal aparecer à frente do pescoço da Nora e o cortar sem hesitação.

Ela cai e o sangue jorra abundantemente da ferida aberta no pescoço.

Eu levanto o cabelo e vejo a ira de Dunne na forma de olhos ónix salpicados de dourado.

O único crime mais grave do que assassinar um cadete é o ato insondável de atacar a chefia.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO XXXVI

A ira brilha-lhe nos olhos quando ele levanta a espada com a mão direita e o punhal com a esquerda, ambos a escorrer sangue, e os aponta para o Dain.

— Oh, *deuses*.

— Não! — grito, a virar-me para me pôr à frente do Dain, mas os meus pés não colaboram e vejo o chão a vir ao meu encontro.

— Merda! — Ouço o aço a tilintar no chão quando o Dain me apanha com ambas as mãos.

A minha visão periférica turva-se quando a dor ameaça tirar-me os sentidos. Todo o meu corpo grita em protesto à medida que me endireito. Mas não são só os braços do Dain a segurar-me: há faixas de sombras suaves nos meus quadris e debaixo dos meus braços. De repente, aparecem dois Xadens, que acabam por se fundir num enquanto eu luto para me manter consciente.

— Ele salvou-me — sussurro. — Não o mates.

Apunhalar o Varrish vale uma oportunidade para o Dain... certo?

O olhar do Xaden desvia-se para o meu por um instante, antes de voltar para ver melhor.

— Deuses, *Violet*. — Sombras explodem à nossa volta, estalando a pedra e desfazendo a tábua de madeira que fazia as vezes de cama marcada com o meu sangue.

Acho que o meu rosto está tão massacrado como o resto de mim.

— Vieste. — Cambaleio para a frente e o Dain tem a inteligência de me largar.

O Xaden apanha-me e as sombras agarram-lhe a espada quando ele abre a mão nas minhas costas e me segura ao encontro do peito com um toque leve, como se tivesse medo de que eu pudesse cair aos pedaços.

— Não há nenhum lugar no mundo em que eu não te encontrasse, lembras-te? — Ele leva os lábios aos restos sujos, soltos e manchados de sangue da minha trança e beija-me o cimo da cabeça.

O odor a pele e a hortelã sobrepõem-se ao cheiro de ferro e de musgo da cela e, pela primeira vez desde que o Nolon me drogou, sinto-me segura. As lágrimas, não sei se minhas ou se dele, encharcam-lhe o peito.

— Meus deuses — diz o Garrick nas costas do Xaden. — Desataste a correr e não sobrou um único em pé. Demorei uma eternidade a limpar a barricada de corpos nas escadas. Podias ter deixado algum para mim.

O meu sorriso volta a rachar-me o lábio quando viro o rosto para pousar a face em cima do coração do Xaden, que bate forte e estável.

— Olá, Garrick.

Ele fica branco, deixando cair as espadas junto às ilhargas, mas disfarça a expressão com um sorriso rápido.

— Já te vi com melhor aspeto, Violet, mas estou contente que estejas viva.

— Eu também.

— Está um caos lá em cima — diz o Garrick ao Xaden, a lançar um olhar interrogativo ao Dain. — A chefia está a lançar-se aos ares por todo o lado para chegar à fronteira.

— Então, funcionou — afirma o Xaden.

O Varrish geme e todas as cabeças viram-se na direção dele.

— Está a tornar-se um traidor, Aetos? — acusa o Varrish a tentar levantar-se ainda agarrado à ferida na ilharga.

— Oh, é isso que está a acontecer? — pergunta o Garrick a olhar alternadamente para o Dain e para o Varrish.

— O seu pai vai ficar muito desiludido — atira o Varrish com os dentes cerrados cheios de sangue. Está a tossir sangue, o que significa que não lhe resta muito tempo.

— Se ele já souber o que a Violet me mostrou, eu é que estou desiludido com ele — riposta o Dain, a pegar na espada e a levantá-la para o Varrish.

— Não — rosna o Xaden. — Tu não. — A mão dele flete nas minhas costas e as sombras envolvem o Varrish um segundo antes de o arrastarem pelo chão. O horror arregala-lhe os olhos quando os fios de sombras pretas o atiram para a cadeira e lhe atam os pulsos e os tornozelos em substituição das algemas. — A honra cabe à Violet, se ela quiser.

— Ela quer — respondo eu imediatamente.

O Xaden muda a posição da mão e enrola o braço em redor da minha cintura, sempre atento às minhas reações.

— *Não sei onde te posso tocar.*

— Assim está bem — garanto, a agarrar no punhal com a liga no cabo com a mão direita e deixo a esquerda a pender, inútil, ao meu lado.

O Dain recua e baixa a espada antes de o Xaden me ajudar a caminhar e os meus pés se arrastarem sobre manchas secas do meu próprio sangue no chão de pedra.

Os olhos do Varrish semicerram-se apesar da palidez da pele e o Xaden mantém-me segura quando eu levanto o punhal e o levo ao encontro do peito do major com a mão trémula e fraca, espetando-lhe a ponta mesmo entre as costelas acima do coração.

— Eu prometi-lhe que ia morrer nesta cela — sussurro, mas estou a tremer demasiado para enterrar a lâmina. Estou a usar todas as forças que tenho só para me aguentar em pé.

O Xaden fecha a mão em volta da minha e empurra o punhal para a frente, espetando a lâmina no coração do major. Memorizo a expressão do rosto do Varrish no instante em que a vida lhe abandona o corpo, para ter a certeza de que está realmente morto quando os pesadelos chegarem inevitavelmente.

Eu olho, olho e *olho* ao sentir o peso de tudo o que me aconteceu e que está a ameaçar roubar-me o ar. Sinto um nó na garganta e as lágrimas quentes a formigar-me os olhos e a cabeça a revirar num torvelinho de pensamentos. Acabei de matar o vice-comandante do quadrante.

O que raio vou fazer agora? Voltar para as aulas?

E o Xaden... o Xaden arriscou *tudo* ao vir para cá.

— Deem-nos um segundo e mantenham o Aetos a respirar por agora — ordena o Xaden e eu ouço a cela a esvaziar-se antes de ele se virar cuidadosamente para mim, virando-nos de costas para o corpo do Varrish. — Estás viva. Independentemente do que tenha acontecido nesta cela, do que tenha sido dito, estás viva e é só isso que importa.

— Eu não cedi — sussurro. — O Dain... ele viu antes de ter apunhalado o Varrish, mas eu não cedi, juro. — Abano a cabeça e a minha visão turva-se antes de voltar a ficar nítida quando a água me escorre dos olhos.

— Eu confio em ti. — Ele segura-me a nuca e aquele olhar lindo enterra-se no meu e engole-me por inteiro. — Mas não importaria se tivesses cedido. Vamos embora. Vou-te tirar desta merda de lugar imediatamente.

Eu pestanejo.

— Não podemos ir agora. Eles vão seguir-nos e o Brennan não está preparado. — O meu rosto enrugase. — Terás de abdicar das armas de Basgiath...

— Estou-me nas tintas. Logo veremos o que fazer quando estivermos lá.

— Vais perder tudo aquilo por que trabalhaste. — A minha voz quebra. — Por minha causa.

— Nesse caso, terei tudo o que preciso. — O Xaden baixa o rosto, inclinando-se de forma a que ele seja a única coisa que eu vejo e sinto. — Não me importo de ver Aretia ser incendiada outra vez, se isso significar que tu estás viva.

— Não estás a falar a sério. — Ele adora a casa dele. Fez *tudo* para a proteger.

— Estou. Talvez tu esperasses que eu fizesse o que é mais nobre, mas não é bem assim. Eu avisei-te. Eu não sou querido, nem delicado, nem simpático, mas tu apaixonaste-te na mesma. É isto que eu tenho para oferecer, Violet, é isto que eu sou. O bom, o mau e o indesculpável. Tudo. Sou *teu*. — O braço enrola-se no fundo das minhas costas, para me segurar com força bem junto a ele. — Queres saber algo verdadeiro? Algo real? Eu amo-te. Estou apaixonado por ti. E já o estou desde a noite em que a neve te caiu no cabelo e me beijaste pela primeira vez. Estou *agradecido* por a minha vida estar amarrada à tua porque significa que não terei de enfrentar nenhum dia sem ti. O meu coração só bate enquanto o teu bater e, quando tu morreres, irei ter com Malek ao teu lado. E, caramba, ainda bem que tu também me amas, porque vais ter de levar comigo nesta vida e em todas as outras vidas que se possam seguir.

Os meus lábios entreabrem-se. É tudo o que sempre quis e o que sempre precisei de ouvir.

— Sim, eu amo-te — admito num sussurro.

— Fico contente que não te tenhas esquecido. — Ele inclina-se e roça os lábios nos meus levemente, com cuidado para não me magoar. — Vamos embora daqui juntos.

Eu assinto com a cabeça.

— Temos de nos pôr a andar — grita o Garrick.

— Desimpeçam as escadas! — ordena o Xaden. — E diz ao Bodhi para procurar o antídoto que ela e o resto da esquadra precisam.

— Vou já tratar disso — diz o Garrick.

— A minha esquadra?

O Xaden olha par mim.

— Eles estão todos bem, mas foram detidos na sala de interrogatório depois de tentarem formar uma missão de resgate ontem. Consegues sair a andar?

— Não sei — respondo com sinceridade. — Já perdi a conta do que está partido e do que o Nolon reparou. Sei que tenho o braço esquerdo fraturado e pelo menos mais três costelas do lado direito. E também tenho a sensação de que a anca não está exatamente onde deveria estar.

— Ele vai morrer pelo papel que teve. — O Xaden gira e caminha comigo para fora da cela, passando pelo corpo da Nora e pelo raio de um banho de sangue. Há pelo menos meia dúzia de corpos entre nós e as escadas. Ele devolve todos os meus punhais rapidamente às respetivas bainhas, mas não pega no que ainda tenho na mão.

O Dain estende-lhe provisões de um cacifo próximo e o Xaden coloca-me uma tala no braço o mais rapidamente possível. Eu mordo o lábio contorcido para conter o choro e ele liga-me as costelas por cima da couraça.

— Xaden! — chama o Garrick das escadas. — Temos um problema!

— Foda-se — murmura o Xaden com os dentes cerrados, a olhar alternadamente para as espadas encostadas à parede e para mim.

— Eu posso levá-la — oferece-se o Dain.

O Xaden lança-lhe um olhar que promete uma morte lenta e dolorosa.

— Ainda não decidi se te vou deixar viver ou não. Podes ter a puta da certeza de que não te vou confiar a Violet.

— Eu posso caminhar. Penso eu. — Mas, no segundo em que tento, a sala inclina-se. E, pela primeira vez na vida, *sinto-me* fraca. Foi o que aquele monstro me fez nesta sala. Tirou-me a força.

— Mas *tu* não cedeste, Violet — diz o Liam baixinho do canto da sala e o meu peito contrai-se quando ele recua um passo em direção às sombras. Depois outro.

— E se fizermos assim: eu prometo que deixo que me carregues para fora da prisão da próxima vez que me baterem durante cinco dias seguidos — diz o Xaden, a embainhar as espadas atrás das costas.

— Obrigada — digo... a ambos.

O Xaden levanta-me para os braços dele e aconchega-me ao peito sem me pressionar as costelas.

— Segue-me ou morres. A escolha é tua, mas tens de a fazer agora — diz ao Dain quando as sombras nos envolvem e formam um círculo de punhais à medida que o Xaden avança comigo ao colo pelas escadas iluminadas por luzes mágicas.

Deixo cair o cabelo no ombro dele e estremeço, mas o que interessa a dor se estamos de saída? Se estamos ambos vivos? Ele veio.

— Que tipo de problema, Garrick? — pergunta o Xaden quando viramos a esquina das escadas.

— Um problema do tamanho de uma general — responde o Garrick com as mãos no ar.

Tem o punhal da minha mãe no pescoço.

Oh, merda.

Eu levanto a cabeça e o Xaden estaca, com o corpo a retesar-se contra o meu.

Os olhos dela cruzam-se com os meus de onde ela está, um degrau acima do Garrick, os traços do rosto tensos de... alto, será *preocupação*?

— Violet.

— Mãe. — Eu pestanejo. É a primeira vez que ela diz o meu nome desde antes do Parapeito.

— Quem é que matou, Riorson? — A minha mãe vira-se para o Xaden.

— Toda a gente — responde ele sem arrependimento.

Ela assente com a cabeça e baixa o punhal.

O Garrick respira fundo, afasta-se dela e vira-se de costas para a parede.

— Toma. — Ela leva a mão ao bolso do uniforme junto às costelas e retira um frasco com um líquido transparente. — É o antídoto para o soro.

Eu olho para o frasco e o meu coração acelera, passando de um batimento seco para um galope. Como é que posso saber o que contém realmente?

— Teria vindo mais cedo se soubesse — diz a minha mãe, com a voz a amolecer juntamente com os olhos. — Eu não sabia, Violet. Juro. Estive em Calldyr a semana inteira.

— Então, o teu regresso é o quê? Coincidência? — pergunto.

A boca dela cerra-se e os dedos apertam o frasco.

— Gostaria de um momento a sós com a minha filha.

— Isso não vai acontecer — replica o Xaden.

Os olhos dela endurecem quando ela os pousa nele.

— Mais do que qualquer outra pessoa, o Riorson sabe do que eu sou capaz para a proteger. E uma vez que estou certa de que é a razão por que estamos a receber relatos de dragões a deixarem carcaças de serpes em todos os postos avançados que temos ao longo da fronteira, a razão por que esta escola está a esvaziar-se da maior parte da chefia, que está a sair à pressa para *conter* o problema, o mínimo que pode fazer é dar-me a oportunidade de dizer adeus à minha filha.

— Tu o quê? — O meu olhar vira-se para o do Xaden, mas ele não tira os olhos da minha mãe.

— Tê-lo-ia feito mais cedo, mas demorei alguns dias a persegui-las e a matá-las — responde-lhe o Xaden.

— Ameaçou todo o nosso reino. — Os olhos da minha mãe semicerram-se.

— Ainda bem. A general deixou que ela fosse torturada durante *dias*. Estou-me nas tintas se foi por ausência ou negligência. Aconteceu sob o seu comando.

— Três minutos — ordena ela. — Agora.

— Três minutos — concordo.

O olhar do Xaden voa para o meu.

— Ela é um monstro, caralho. — A voz é baixa, mas ouve-se bem.

— É a minha mãe.

Ele parece estar disposto a discutir comigo por um segundo, mas depois baixa-me devagar e encosta-me à parede.

— Três minutos — sussurra. — E eu vou estar ao cimo das escadas. — O aviso é dado à minha mãe quando ele começa a subir as escadas com o Garrick à frente. — Aetos, decidiste seguir-me?

— Pelos vistos — diz o Dain, a esperar alguns degraus atrás de mim.

— Então, segue, caralho — ordena o Xaden.

O Dain resmunga, mas sobe os degraus decidido, deixando-me sozinha com a minha mãe.

A minha mãe é a imagem da compostura, com as costas direitas e o rosto sem expressão quando me estende o frasco.

— Aceita-o.

— Tu sabias o que se estava a passar lá fora durante estes anos todos. — Eu cerro a mão no punhal até os nós dos dedos ficarem brancos.

Ela avança na minha direção, com o olhar a pular do punhal que tenho numa mão para a tala atada na outra e depois escolhe um bolso do meu uniforme para colocar o frasco lá dentro.

— Quando tiveres filhos, poderemos discutir os riscos que vais correr e as mentiras que estarás disposta a dizer para os manteres em segurança.

— E os filhos *deles*? — A minha voz eleva-se.

— Vou dizê-lo de novo. — Ela envolve o braço no cimo das minhas costas, desliza a mão para baixo do meu ombro e puxa-me contra a ilharga dela. — Quando fores mãe, fala comigo sobre quem estás disposta a sacrificar para que a tua filha sobreviva. Agora, *anda*.

Eu cerro os dentes e ponho um pé à frente do outro, a combater o aturdimento, a exaustão e as ondas de dor para subir as escadas.

— Não é justo deixá-los morrer indefesos.

— Nunca disse que era. — Viramos a primeira esquina a subir devagar. — E eu sei que tu nunca vês as coisas como nós. Nunca concordas com a nossa posição no que respeita à autopreservação. O Markham via-te como sua protegida, a próxima responsável máxima dos copistas, a única candidata que ele considerava suficientemente inteligente, suficientemente esperta para continuar a tecer a complicada venda que foi escolhida para nós usarmos há centenas de anos. — Ri-se de escárnio. — Cometeu o erro de pensar que serias fácil de controlar, mas eu conheço a minha filha.

— Não duvido que penses isso. — Cada passo é uma batalha que me sacode os ossos e me testa as articulações. Sinto que está tudo abominavelmente solto, mas, ao mesmo tempo, tão tenso que posso abrir-me ao meio com a pressão.

— Eu posso ser uma estranha para ti, Violet, mas tu estás longe de ser uma estranha para mim. Eu sabia que acabarias por descobrir a verdade. Talvez não enquanto estivesses no Quadrante dos Copistas, mas seguramente quando te tornasses capitã ou major, altura em que o Markham iria começar a pôr-te ao corrente dos desenvolvimentos, como fazemos com a maioria das pessoas com essas patentes, e depois desvendarias *tudo* em nome da misericórdia ou de outro sentimento de que te quisesses lembrar, e eles matar-te-iam por isso. Eu já perdi um filho a tentar manter as nossas fronteiras seguras e não queria perder mais nenhum. Porque é que achas que te obriguei a entrar no Quadrante dos Cavaleiros?

— Porque pensa que os copistas são inferiores — respondo.

— Disparate. O amor da minha vida era um copista. — Subimos com firmeza, acompanhando o formato espiralado das escadas. — Eu pus-te no Quadrante dos Cavaleiros para que tivesses uma hipótese de sobreviver, e depois cobreí o favor que o Riorson me devia por colocar os marcados no quadrante.

Eu paro quando vejo a porta dos Arquivos ao fundo.

— Tu fizeste o quê? — Ela não acabou de dizer o que eu acho que disse.

Ela inclina a cabeça para me olhar nos olhos.

— Foi uma transação simples. Ele queria que os marcados tivessem uma oportunidade. Eu dei-lhe o quadrante, desde que ele se responsabilizasse por eles, em troca de um favor que lhe cobraria mais tarde. E esse favor foste tu. Se sobrevivesses ao Parapeito sozinha, o Riorson só tinha de garantir que ninguém te mataria fora dos desafios ou por ingenuidade tua no primeiro ano, e ele cumpriu. Quase um milagre, tendo em conta o que o coronel Aetos te fez passar durante os Jogos de Guerra.

— Tu sabias? — Acho que vou vomitar.

— Descobri depois de ter acontecido, mas sim. Não olhes assim para mim — repreende, a ajudar-me a subir mais um degrau. — Funcionou. Estás viva, não estás? Embora tenha de admitir que não antevi o casal de dragões nem o emaranhado emocional em que te envolvereste. Isso foi uma desilusão.

As peças começam todas a encaixar. Aquela noite junto à árvore, no ano passado, em que ele me devia ter matado por os ter apanhado numa reunião de marcados. O desafio em que ele teve todas as possibilidades de se vingar da minha mãe e acabar comigo, mas decidiu instruir-me. A quase intervenção na Debulha...

Sinto que as costelas estão a partir-se outra vez. Ele nunca teve escolha no meu caso. A vida dele — as vidas de todas as pessoas de quem ele gosta — sempre esteve amarrada à minha. E, subitamente, *tenho* de saber.

— As marcas que ele tem nas costas foram feitas por ti?

— Foram. — O tom é ameno. — É um costume tyrr...

— Para de falar. — Não quero ouvir uma única explicação para um ato tão imperdoável.

Mas ela não me ouve, claro.

— Parece que, ao colocar-te no Quadrante dos Cavaleiros, não fiz mais do que acelerar o nosso próprio fim — observa quando subimos os últimos quatro degraus e saímos para o túnel ao lado dos Arquivos.

O Xaden estende-me as mãos e o braço da minha mãe descai.

— Parto do princípio de que vai usar o caos para a tirar daqui? — pergunta-lhe ela, mas ambas sabemos que é uma ordem.

— É essa a minha intenção. — Ele aconchega-me junto àilharga.

— Ainda bem. Não me diga para onde. Não quero saber. O Markham ainda está em Calldyr com o rei. Faça o que quiser com esta informação. — Olha para o Dain, que está à espera ao lado do Garrick com o rosto lívido. — Fizeste a tua escolha agora que sabes o que se passa?

— Fiz. — Ele endireita os ombros quando um grupo de cadetes copistas passa a correr com os capuzes desalinhados e os rostos marcados pelo pânico.

— Hum. — Ela desvia a atenção do Dain com um único som e volta a olhar para o Xaden. — E assim a guerra do pai torna-se a guerra do filho. É o Riorson, certo? Que está a roubar o armamento? A armar o inimigo que está a tentar dar cabo de nós?

— Já se arrependeu de me ter deixado no quadrante? — Ele mantém a voz enganadoramente calma, mas há sombras a levantar-se ao longo das paredes do túnel.

— Não. — O olhar dela vira-se para mim. — Não morras ou tudo isto terá sido em vão. — Ela roça as costas dos dedos pelo meu rosto inchado. — Dir-te-ia para tomares arnica e ires ter com um curandeiro, mas já sabes disso. O teu pai certificou-se de que saberias tudo o que precisasses de saber ou onde o encontrases. És tudo o que resta dele, sabias?

Mas não sou. A Mira tem o sorriso dele, o calor dele, e o Brennan...

Ela não sabe do Brennan e, neste momento, não tenho pena de manter o segredo.

O sorriso que ela me lança é tenso e tão cheio de tristeza que eu me pergunto se estou a ter uma alucinação. Desaparece com a mesma rapidez com que apareceu e ela vira-nos as costas e encaminha-se para as escadas que a irão levar para o *campus* principal.

— Oh, e Violet — diz ela por cima do ombro. — Os Sorrengails saem do campo de batalha a andar ou a voar, nunca são carregados ao colo.

Inacreditável. Fico a olhar para a minha mãe até ela desaparecer nas escadas.

— Não admira que sejas tão calorosa e efusiva, Violet — murmura o Garrick.

— Vamos embora — anuncia o Xaden. — Reúnam os marcados e venham ter connosco ao campo de voo...

— Não. — Eu abano a cabeça.

O Xaden olha para mim como se me tivessem nascido mais membros.

— Acabámos de falar sobre isto. Não podemos ficar aqui e não te vou abandonar.

— Não só os marcados — esclareço. — Se o Markham está fora e a maioria da chefia está a voar para a fronteira, esta é a nossa única oportunidade.

— De irmos embora? — O Xaden levanta as sobrancelhas. — Ainda bem, então estamos de acordo.

— Para dar uma oportunidade a toda a gente. — Olho de relance para o túnel vazio. — Eles vão trancar a escola quando os quadros militares chegarem e assim que souberem que não podem parar a disseminação da informação, e os nossos amigos... — Abano a cabeça. — Temos de lhes dar uma escolha, Xaden, ou não somos melhores do que a chefia.

O Xaden semicerra os olhos.

— Os dragões poderão comprovar quais são os que vão connosco pelas razões certas — sussurro.

Ele cerra os dentes, mas assente com a cabeça.

— Está bem.

— Tu não vais estar em segurança aqui depois do que acabaste de fazer. — Olho para o Dain e levanto as sobrancelhas. Uma coisa é proteger-me em privado ou enfrentar a minha mãe, que ele conheceu a vida inteira. Outra é ser conhecido como o cavaleiro que fez este lugar em pedaços.

— Também não vai estar muito seguro no lugar para onde vamos. — O Garrick olha para o Dain e para o Xaden. — Não podes estar a falar a sério. Vamos confiar neste tipo?

— Se ele quiser a nossa confiança, vai conquistá-la — diz o Xaden.

Um músculo lateja no maxilar do Dain, mas ele assente com a cabeça.

— Creio que o meu último ato como chefe de divisão será o de chamar os instruendos para uma formação.

— É lá que a chefia está neste momento! A tentar esconder os corpos de mais de uma dezena de serpes mortas! — conclui o Dain meia hora depois à nossa frente em cima do estrado, com a voz a projetar-se para todo o pátio perante a formação e com os outros chefes de divisão à direita. O Sol caiu para lá dos picos atrás de nós, mas há luz mais do que suficiente para ver o choque e a incredulidade no rosto de quase todos os cavaleiros.

Os únicos que não começam a discutir uns com os outros são os marcados e os membros da minha esquadra. Todos os outros debatem entre si, uns em surdina, outros a gritar abertamente.

— Era isto o que tinhas em mente? — pergunta-me o Xaden, com os olhos a passar pela multidão.

— Não exatamente — admito, a apoiar-me fortemente nele, mas a conseguir aguentar-me em pé. O meu uniforme está limpo, tenho o saco pronto e estou ligada e protegida do tornozelo ao braço partido, mas há mais do que um cadete a olhar fixamente para a minha cara. Depois de olhar rapidamente para o espelho, percebo porquê.

O Nolon só deve ter reparado as minhas feridas mais graves, porque o meu rosto é uma manta de retalhos de escoriações preto-arroxeadas novas e outras esverdeadas mais antigas, um padrão que continua na pele coberta pelo uniforme.

O Xaden tremeu praticamente todo o tempo que eu demorei a trocar de roupa.

— Se não acreditam em mim, perguntem aos vossos dragões! — grita o Dain.

— *Se os dragões deles concordarem em contar-lhes* — diz o Tairn, a voltar do Vale. Decidi finalmente confiar na minha mãe o suficiente para beber o antídoto há cerca de dez minutos, tendo o Tairn afirmado que essa era a única decisão lógica e que, afinal, se tinha vinculado a mim pela minha inteligência.

— *O que é que o Empíreo decidiu?* — Não somos os únicos a fazer escolhas esta noite.

— *Cada dragão tomará a sua decisão individualmente. Não vão interferir nem vão punir os que decidirem partir e levar as ninhadas e as crias com eles.*

É melhor do que a alternativa, que era a chacina completa dos dragões que decidissem lutar.

— *Estás mesmo bem?* — volto a perguntar-lhe. O vínculo entre nós está estranho, como se ele me estivesse a esconder algo mais do que o habitual.

— *Perdi o Solas numa rede de grutas quando estava a persegui-lo, pelo que não pude ser eu a matá-lo a ele e ao Varrish pelo que fizeram. Quando o encontrar, vou prolongar-lhe o sofrimento antes da morte.*

Eu compreendo o sentimento.

— *E a Andarna?*

— *Está a ser preparada para o voo. Vamos buscá-la quando estivermos de saída.* — Hesita. — *Prepara-te. Ela continua a dormir.*

Sinto nós de apreensão no estômago.

— *O que se passa? O que é que não me estás a dizer?*

— *Os anciãos nunca viram uma adolescente a demorar tanto no Sono sem Sonhos.*

O meu coração bate fundo.

— *Estás a mentir!* — grita a Aura Beinhaven, a investir em direção ao Dain com uma espada na mão e a voltar a atrair-me a atenção para a situação atual.

O Garrick intromete-se no caminho dela e desembainha a espada.

— Não terei problemas em colocar mais um nome na minha lista de mortes de hoje, Beinhaven.

O Heaton, que tem as chamas pintadas no cabelo com o mesmo tom arroxeadado do meu dedo mínimo, saca do machado na base das escadas e enfrenta a formação ao lado do Emery, que já tem a espada em riste e a Cianna a proteger-lhe as costas.

O Xaden esteve ocupado durante os cinco dias que eu passei na cela. Voltou com todos os graduados que ostentam a relíquia da rebelião e uma boa parte dos antigos colegas. Mas não todos.

— É melhor despacharmos isto. — Levanto a cabeça para o Xaden. — Os professores não vão demorar a chegar. — A distração que o Bodhi engendrou no campo de voo deu-nos tempo para nos reunirmos sem que os professores reparassem, mas não muito, sobretudo tendo em conta que a Devera, o Kaori, o Carr e o Emetterio estão entre os que ainda se encontram no *campus*.

— Não podia estar mais de acordo — responde o Xaden com uma expressão de aborrecimento no rosto. — Fica à vontade para os convenceres.

— *Partilha a memória de Resson, mas mais nada além disso* — digo ao Tairn. — *É a forma mais fácil de mostrar a mesma informação a todos.*

— *Abomino essa ideia.* — Ele já antes se queixou de que partilhar memórias para fora do vínculo de casal não é propriamente confortável.

— *Tens uma melhor?*

O Tairn resmunga e eu vejo o momento em que acontece: uma onda de cabeças inclinadas para cima e arquejos ao longo da formação.

— Ora aí está. — Eu transfiro o peso para o joelho menos maltratado e a mão do Xaden aperta-me a cintura com mais força, deixando o braço dominante livre.

O Xaden suspira.

— Acho que é uma forma de conseguires o teu objetivo, embora preferisse que tivesses deixado algumas partes de fora.

Partes como a morte do Liam.

— É verdade! — grita alguém da Segunda Divisão, a sair da formação e a cambalear do choque.

— De que raio é que estás a falar? — grita outra pessoa, a olhar para as demais em confusão.

— Se os vossos dragões não escolherem... — começa o Dain, mas a voz dele é superada pelo caos que irrompe entre as fileiras.

— Como é que está a correr, chefe de divisão? — O tom do Xaden pinga sarcasmo.

— Achas que consegues fazer melhor? — O Dain vira-se devagar para ele com uma expressão de fúria.

— Consegues aguentar-te em pé? — pergunta-me o Xaden.

Eu assinto com a cabeça e faço um esgar ao sentir as punções de protesto que sinto no corpo quando me endireito.

Ele avança, levanta os braços e as sombras irrompem da parede atrás de nós e envolvem a formação — e envolvem-nos a nós — numa escuridão completa. Sinto um vislumbre de uma carícia a percorrer-me o rosto, no exato local onde tenho uma ferida que parece chegar ao osso, e mais do que um cadete começa a gritar.

— Chega! — grita o Xaden e a voz amplificada sacode até o estrado em que nos encontramos.

Faz-se silêncio no pátio.

As sombras recuam rapidamente e deixam mais do que um cadete a olhar para o Xaden de boca aberta.

— Exibicionista do caralho — murmura o Garrick por cima do ombro, ainda pronto para enfrentar a Aura.

Um canto da boca do Xaden dobra-se.

— Vocês são todos cavaleiros! — grita. — Todos vocês foram escolhidos, todos vocês foram debulhados, todos vocês são responsáveis pelo que vai acontecer a seguir. Ajam em conformidade! O que o Aetos vos disse é verdade. Cabe-vos avós decidir se acreditam ou não. Se o vosso

dragão decidiu não partilhar o que alguns viram, a escolha já foi feita por vocês.

Asas a bater enchem o ar e ergue-se um burburinho entre a formação. Eu olho diretamente para os olhos da Rhi, que está à frente da nossa esquadra. Ela acena levemente com a cabeça para a rotunda.

Eu relanceio para a mesma direção e vejo um trio de figuras vestidas de creme, liderado pela Jesinia, todos com sacos às costas. Graças aos deuses que eles vieram. Agora só preciso de três dragões que estejam dispostos a transportá-los.

— *Já tratei disso* — assevera o Tairn. — *E só desta vez.*

Esta vez é a única que precisamos para lhes salvar a vida.

— As guerras não esperam que estejamos prontos — continua o Xaden — e, não se iludam, estamos em guerra. Uma guerra em que estamos em inferioridade não só na força dos sinetes mas em capacidade aérea em geral.

— *Esta é a tua ideia de conversa de motivação?*

— *Se precisam de palmadinhas nas costas, não devem vir connosco.*

Faz sentido.

— O que vocês decidirem na próxima hora irá determinar o sentido, e talvez o fim, da vossa vida. Se vierem connosco, não posso prometer que vão sobreviver. Mas, se ficarem, garanto-vos que vão morrer a lutar no lado errado. Os venéficos não vão parar na fronteira. Vão sugar cada pedaço de magia em Poromiel e depois virão atrás dos campos de desova no Vale.

— Se formos convosco, eles vão perseguir-nos como traidores! — grita uma voz da Terceira Divisão. — E é o que seríamos!

— Para te definires como traidor tens de declarar a tua aliança — replica o Xaden. — Quanto a virem perseguir-nos... — Os ombros levantam-se e baixam quando ele respira fundo. — Não terão como nos encontrar.

O meu coração começa a martelar com o barulho crescente de asas a bater no ar.

A porta para o Guante e o campo de voo abre-se e uma dúzia de professores sai a correr com os rostos marcados pela raiva e pelo choque.

— O que é que vocês fizeram? — grita o Carr, a correr na nossa direção com as mãos no ar e o cabelo ralo a voar em todas as direções. — Vão acabar com *todos* nós. Por quem? Por pessoas que nunca conheceram? Não o vou permitir!

— Bodhi! — ordena o Xaden quando o Carr chega à Terceira Divisão.

As mãos do Carr começam a lançar fogo em direção ao estrado e o meu estômago afunda-se.

O tempo parece parar quando o Bodhi avança e lhe torce a mão como se estivesse a rodar os ponteiros de um quadrante.

O fogo amaina e extingue-se como se nunca tivesse existido, deixando o Carr a olhar para as mãos.

— Ensinou-nos bem, professor — diz o Bodhi, sem lhe largar a mão.
— Talvez bem de mais.

Caramba.

— *Ele é capaz de anular sinetes* — diz-me o Xaden.

Bem, isso é assustador como o diabo.

O resto dos professores olha para cima quando os dragões enchem o horizonte, com as asas a abrir-se quando se aproximam.

Verde. Cor de laranja. Vermelho. Castanho. Azul. Olho para cima e vejo a rápida descida do Tairn. *Preto.*

O Xaden agarra-me a cintura quando as paredes abanam com o peso das aterragens em massa. Garras cravam-se na alvenaria, desfazendo-a, quando dezenas de dragões — se não centenas — se empoleiram em todos os espaços disponíveis. Alguns enchem a vertente da montanha atrás de nós e outros colocam-se no cimo dos torreões do quadrante, a pairar como esculturas vivas.

— Nós não vos vamos parar — diz a professora Devera ao Xaden antes de se virar para onde o dragão dela está alcandorado ao lado do parapeito. — Na verdade, alguns de nós querem juntar-se a vós há algum tempo.

— A sério? — O Bodhi abre um sorriso.

— Quem é que vocês acham que deixou a notícia sobre Zolya em toda a sala de Sumário de Batalha? — A professora Devera assente com a cabeça.

Um sorriso curva-me os lábios. Ela é exatamente quem eu sempre pensei que era.

— Vamos partir daqui a uma hora — anuncia o Xaden. — A vossa escolha é tão simples quanto pessoal. Podem defender Navarre ou podem lutar pelo Continente.

Estamos no ar menos de uma hora depois, a voar para sul na maior revoada que eu já vi: duzentos dragões e cento e um cavaleiros — quase metade do quadrante. E há mais a caminho a seguir uma rota mais lenta com as crias.

O Tairn pousou em frente do estrado e permitiu, contrariado, que o Xaden me ajudasse a subir para a sela, mas conseguimos. Atrelou-se à Andarna, cujo corpo preto continua assustadoramente mole do sono, e estamos a voar. Eu também passo a maior parte do trajeto a dormir, debruçada sobre a parte da frente da minha sela, com o corpo dorido a reclamar o descanso de que tanto precisa para se recompor.

O caos foi demasiado para poder ver todos os rostos, mas estou orgulhosa por todos os membros da minha esquadra estarem connosco, até os instruendos do primeiro ano, que ainda estão a fazer o possível para não cair dos assentos. Conseguem fazê-lo até de manhã e ao longo do dia, uma vez que o grupo está a esforçar-se até ao limite.

Os marcados assumem as posições nas extremidades da formação de voo, escondendo-nos da vista de Melgren, caso ele decida atacar-nos, e nós voamos pela rota menos povoada possível, mas é difícil disfarçar a verdadeira nuvem de dragões, mesmo a esta altitude.

Pode não ter sido apenas a chefia a ser chamada para a fronteira. Não encontramos uma única patrulha quando atravessamos a fronteira para Tyrrendor, passando a grande altitude por cima dos penhascos de Dralor, até chegarmos ao planalto.

— *Estamos quase a chegar* — diz-me o Tairn quando passamos por cima das águas cristalinas do rio Beatha.

— *Eu estou bem.*

— *Não precisas de me mentir. Eu consigo sentir tudo. A exaustão. A dor. A crepitação do osso deslocado no teu braço esquerdo. As rachaduras no teu rosto. A palpitação no teu joelho esquerdo que só se alivia...*

— *Sim, já percebi.* — Agito-me na sela, a tentar aliviar algum do desconforto. — *Foste tu que não paraste para bebermos água em doze horas.*

— *E poderia voar mais doze se fosse necessário. A vossa espécie é extraordinariamente carente em comparação com a nossa.*

Quando nos aproximamos de Aretia, estou praticamente morta na sela.

O Tairn e a Sgaeyl avançam, saindo da formação, quando voamos por cima da cidade, a caminho da Casa dos Riorson, enquanto o resto da revoada voa para o vale mais acima.

— *Tu não podes fazer esta caminhada no teu estado* — decreta o Tairn.

Estou demasiado cansada para o contrariar.

O meu corpo sacode-se em protesto quando o Tairn abre as asas e a mudança de ímpeto me cola ainda mais ao assento antes de pousar cuidadosamente por causa da Andarna no meio do pátio em frente da Casa dos Riorson.

A cabeça do Tairn vira-se para a porta quando é aberta, e a minha faz o mesmo, devagar devido à fraqueza e à falta de sono.

— Violet! — grita o Brennan a descer os degraus de mármore a correr.

Eu desaperto a fivela da minha sela e faço um esforço para desmontar, apesar da agonia de sentir os ossos a roçar uns nos outros. A segurar o braço com a tala, deslizo pela perna dianteira do Tairn, ao encontro dos braços do Xaden, e quase me desmancho ali mesmo.

— Eu seguro-te — sussurra-me ele ao ouvido, encostando-me à ilharga quando nos viramos para a Casa dos Riorson e o rosto furioso do meu irmão em rápida aproximação.

O Tairn lança-se ao ar atrás de mim antes de eu poder virar-me para ver a Andarna.

— Em que *caralho* é que a meteste desta vez? — grita o Brennan ao Xaden.

— Ele tirou-me, não me meteu — garanto.

— Oh? Então porque é que ela está meio morta sempre que a trazes até mim? — O olhar que o Brennan lança ao Xaden faz-me pensar de novo em qual dos dois será o mais violento. O Brennan estende as mãos para o meu rosto, mas detém-se antes de me tocar. — Oh, deuses. Violet, estás... O que é que te fizeram?

— Eu estou bem — volto a dizer. Dou um passo em frente e o Brennan abraça-me com cuidado. — Provavelmente, dava-me jeito uma reparaçãozinha.

Ele inclina a cabeça quando o vento traz um rumor seco e eu sigo-lhe a linha de visão para a enorme revoada que se aproxima a caminho do vale.

— O que é que vocês os dois fizeram?

— Pergunta à tua irmã — responde o Xaden.

O Brennan olha para mim com os olhos arregalados e uma pitada de medo.

— Bem... — Tento forçar um sorriso, mas só volta a rachar-me o lábio.

— Tu disseste que precisavas de cavaleiros.

Segunda Parte

Meio palácio, meio casa, mas fortaleza de uma ponta à outra, a Casa dos Riorson nunca foi penetrada por nenhum exército. Sobreviveu a inúmeros cercos e a três ataques cerrados antes de sucumbir às chamas dos dragões que existia para servir.

— DA HISTÓRIA DE TYRRENDOR, UM RELATO COMPLETO,
TERCEIRA EDIÇÃO DO CAPITÃO FITZGIBBONS



CAPÍTULO XXXVII

— Foi uma decisão arrojada ir para tão longe do que vocês pensam que é a segurança das guarnições — diz o Mestre, mantendo-me imóvel, com os pés a poucos centímetros do chão na minha própria câmara de tortura pessoal.

Estou novamente presa na porcaria deste pesadelo, mas, pelo menos, desta vez consegui chegar mais longe no campo queimado pelo sol.

— *Novamente*, claro — diz o manipulador de magia negra, o rosto a contorcer-se num sorriso desdenhoso. — Nunca te livrarás de mim. Vou perseguir-te até aos confins do Continente e mais além.

Com a garganta a trabalhar, tenho dificuldade em relaxar, acalmar o coração e mudar a minha respiração na esperança de me acordar. Mas é só a minha mente que sabe que nada disto é real. O meu corpo está praticamente trancado na ilusão.

— Só me podes perseguir até às guarnições — crocito.

— No entanto, dormes para além delas. — Um sorriso grotesco enviesa-lhe a boca rachada. — E a noite mais longa ainda não acabou. — Ele estende a mão para um punhal com a lâmina envenenada...

Eu pestanejo e o meu coração bate-me com estrondo nas costelas no segundo que eu demoro a repelir o pesadelo vívido e a reconhecer o que me rodeia.

Isto não é um campo fustigado pelo vento, nem uma sela fria e encharcada de sangue em Basgiath: é o quarto cheio de luz do Xaden em Aretia. Janelas grandes, cortinas de veludo densas, estantes com livros que ocupam todas as paredes, uma cama enorme. Estou em segurança. O Varrish não está à espera do outro lado da porta para voltar a dar cabo de mim porque está morto. Eu matei-o.

E eu ainda estou viva.

Pela primeira vez em dias, não sinto dor quando inspiro nem quando me estico debaixo do denso edredão, nem sequer quando me viro de costas para a janela banhada pelo sol para olhar para o Xaden.

Ora, esta é uma vista que eu estaria mais do que feliz em ver ao acordar todos os dias da minha vida.

Está a dormir de bruços, com os braços dobrados debaixo da almofada, o cabelo a cair-lhe na testa, os lábios perfeitamente esculpidos ligeiramente entreabertos. Os lençóis só lhe cobrem o corpo até ao fundo das costas, deixando-me quilómetros de pele tatuada para admirar. Quase nunca tenho a oportunidade de o ver assim, nunca posso ficar só a olhar para ele, e tiro proveito de cada segundo, admirando cada ângulo do braço musculado até ao ombro arredondado e até ao outro lado dos leves traços prateados que lhe marcam as costas. Ele é sempre mais do que suficiente para me acelerar a pulsação, mas a dormir e desprotegido tira-me o fôlego.

Deuses, ele é lindo.

E ama-me.

O tecido preto da minha camisa de noite fina de alças ganha um ligeiro volume quando eu me coloco de joelhos, e o edredão cai quando eu me estico na direção do Xaden. Passo com os dedos nas cicatrizes prateadas e

não me dou ao trabalho de contar os traços. São cento e sete, cada um a representar um mercado por quem se responsabilizou para lhe dar uma oportunidade de ter uma vida no quadrante.

Por mais que ele diga que não é um coração mole e que não é simpático, também é o único homem que eu conheço cujas costas estão cobertas de promessas feitas em nome de outras pessoas. Mesmo que tivesse como intuito preparar a guerra que estamos prestes a empreender, não deixou de arriscar a vida ao jurar por elas.

Arriscou a vida para me libertar. O Dain e eu nunca sairíamos dali vivos sem ele.

Viva. Estou viva.

E é exatamente assim que me quero sentir.

Inclino-me para a frente, pouso-lhe os lábios na pele quente e beijo-lhe a cicatriz mais próxima de mim, a desejar poder desfazer os estragos que a minha mãe lhe fez.

— Hum. Violet. — A voz áspera de sono curva-me os lábios e aquece-me o sangue. Os músculos dele agitam-se quando ele acorda com um tremor e eu deixo-me estar, beijando-o pelas costas acima.

Ele inspira profundamente, os braços a retesar-se quando eu chego ao local onde o pescoço acaba e o ombro começa. Ele rola, deita-se de costas e põe-me ao colo dele com um movimento fluido.

— Bom dia. — Eu sorrio, pousando a anca em cima da dele. Fico sem fôlego ao senti-lo debaixo de mim, duro e pronto.

— Era capaz de me habituar a acordar assim. — Ele olha para mim com uma ânsia que é o espelho da minha e desliza a mão da minha anca, passa-a pela curva da minha cintura e entre os picos dos meus seios até a fechar em concha no lado do meu pescoço com cuidado e delicadeza.

— Eu também. — A minha pulsação acelera quando eu me debruço sobre ele e lhe pouso os lábios no pescoço. — Mas é melhor não nos habituarmos — digo-lhe entre beijos, a descer-lhe até ao peito. — Provavelmente, vão juntar-me aos outros cadetes hoje à noite.

Na noite passada, este era o lugar mais privado para o Brennan me reparar e eu queria tanto dormir ao lado do Xaden que não me apeteceu discutir a sugestão dele de ficar depois de finalmente ter tido a oportunidade de tomar banho.

— A casa é minha. — Ele passa-me os dedos pelo cabelo e a outra mão flete na minha anca quando eu roço os lábios na cicatriz de sete centímetros que ele tem em cima do coração. — E eu vou dormir onde tu dormires, de preferência nesta cama muito grande e muito confortável. Aliás, tu *ainda* devias estar a dormir.

Eu deslizo pelo corpo dele abaixo, com as mãos a vaguear e a afagar-lhe a pele enquanto lhe beijo cada relevo dos abdominais incríveis que se retesam debaixo dos meus lábios. Os olhos são o que mais gosto nele, mas raios me partam se a linha burilada acima da anca que desaparece na cintura das calças não é a segunda a pouca distância. Sigo-a com a minha língua.

— *Violet*. — A voz do Xaden é baixa.

Eu derreto e sou transformada em líquido quando ele pronuncia o meu nome daquela maneira, e esta não é nenhuma exceção.

— É um bom plano. — Eu deslizo a mão para baixo do cós das calças e enrolo os dedos ao longo de todo o comprimento e toda a largura que se esconde lá em baixo. Como é que é possível que cada centímetro deste homem seja perfeito? Tem de haver uma falha algures.

— Não estás suficientemente recuperada para as coisas que eu te quero fazer — rosna ele.

Sinto o meu âmagô a contrair-se com o aviso, a promessa... seja o que for, é o que eu quero. Quero-o a *ele*.

— Estou, sim. Completamente reparada, lembras-te? — O desejo insaciável que sinto por ele sobrepõe-se a qualquer exaustão que me reste. Uma sensação inebriante de poder inunda-me o sistema quando passo o polegar em cima da cabeça da pila do Xaden e a anca se arqueia em resposta. Não há nada mais sensual do que vê-lo a perder o controlo, nada mais escaldante do que saber que sou eu que o estou a levar ao ponto de rotura.

E é isso que eu preciso, que se deixe levar, que abandone os beijos suaves e toques delicados e me possua com todo o vigor de que é capaz. Não quero que ele se contenha. Não quero nada suave e lento.

— Estás a tentar matar-me? — As mãos dele apertam-se no meu cabelo e eu levo os olhos ao encontro dos dele e vejo um brilho satisfatório e selvagem.

A necessidade enrola-se no fundo do meu estômago quando o meu corpo se recorda do que se segue àquele tipo de olhar. Ele ainda nem sequer me tocou e toda eu sou ânsia.

— Estou — respondo com sinceridade antes de baixar a cabeça, ainda com os olhos postos nos dele, e passar a língua em redor da ponta. O gemido gutural que ele solta incendeia-me o sangue e eu enrolo a mão na base e vou mais fundo.

— *Violet.* — O Xaden fecha os olhos e deixa cair a cabeça para trás, com o pescoço a latejar quando ele o arqueia e o corpo a retesar-se como se ele estivesse a lutar contra o prazer que está a sentir embora a anca se sacuda a pedir mais. — *Foda-se, isso sabe tão bem.*

Eu murmuro em aprovação, aumento a velocidade e passo com a ponta da língua na aresta onde ele é mais sensível de cada vez que a cabeça vem mais acima.

— Foda-se, foda-se, *foda-se.* — Ele puxa-me o cabelo e respira a uma velocidade cada vez maior. — Tens de parar. Se não, vou perder o controlo contigo. — O estômago dele dobra-se quando ele levanta a cabeça para olhar para mim. — *E não tenho a certeza de conseguir ser delicado.*

— *Deixa-te ir.* — A mim parece-me muito bem. — *Não quero que sejas delicado.*

— *A reparação dos ossos não é instantânea. Ainda estás a sar...*

Eu chupo-o mais fundo.

Ele rosna.

— *É mesmo isso que queres?*

— *Quero-te animalesco.*

A ideia ainda mal me saiu da cabeça antes de ele se levantar num pulo, me levantar de cima dele e me deitar de costas. A boca cai imediatamente na minha e beija-me com fervor e intensidade. Sou envolta numa sensação carnal e feroz de línguas a enrolar-se e de dentes a morder, o que é precisamente o que eu preciso.

Ele desliza a mão pelo interior da minha coxa e, de seguida, os dedos estão ali mesmo, a puxar as minhas cuecas para o lado e a afagar e a atijar antes de as arrastarem pelas minhas pernas abaixo. Eu puxo a camisa de noite por cima da cabeça e ele tira as calças com que estava a dormir.

Sim. Deuses, *sim*. Só o vejo a ele, só o sinto a ele quando ele volta a encaixar-se entre as minhas coxas, a cabeça da pila a cutucar-me a entrada. A mão afaga-me as costelas acabadas de reparar e os olhos esgazeiam-se quando fitam os meus.

— Não deví...

— Por favor, Xaden. — Fecho-lhe a mão em concha na face.

Ele pega-me na mão e beija-lhe a palma antes de seguir até ao ponto do meu antebraço que se tinha partido. A sobancelha franze-se por um instante quando ele olha para o meu corpo como se estivesse à procura dos lugares mais seguros para me tocar, como se ainda conseguisse ver cada escoriação, cada ferida.

Sinto um nó no estômago quando penso que isto pode parar.

— Animalesco — recordo com um sussurro.

O olhar dele volta para o meu e o sorriso que ele me dá, a dobrar o canto da boca naquele esgar arrogante que eu adoro, deixa-me o coração a latejar. Ele agarra-me os quadris, vira-me e puxa-me o cu para o ar, colocando-me de joelhos.

— Diz-me se for de mais. — Não é um pedido.

Eu faço que sim com a cabeça e dobro os dedos nos lençóis.

Depois, ele alinha-nos e enrola a anca, penetrando aos poucos até estar tão fundo que eu o sinto *em toda a parte*. Eu gemo com o comprimento, a largura, a perfeição do Xaden, abafando o som na almofada.

Ele agarra a almofada e atira-a para o chão.

— Eu quero ouvir — diz, retirando devagarinho para me afagar cada centímetro antes de dar nova estocada. — *Deuses, tu és perfeita, foda-se.*

Eu grito. É tão bom senti-lo.

— *Há centenas de pessoas nesta casa que parece um palácio.* — Não sei como é que consigo juntar mais de duas palavras.

Ele debruça-se sobre as minhas costas e arrasta os dentes pela minha orelha.

— *E eu quero que todos saibam que tu és minha.*

Não discuto a lógica. Não posso. É impossível quando ele desliza quase completamente para fora de mim antes de impelir a anca e me arrancar qualquer possibilidade de pensamento. Ele define um ritmo forte e profundo e transforma-me em prazer puro e ardente.

É exatamente disto que eu preciso: que ele me possua, me consuma, sobre vida para dentro de mim.

Os dedos dele fincam-se nos meus quadris para me puxarem a cada estocada e eu não tenho como o acompanhar, ganhar vantagem, forçá-lo a aumentar o ritmo. Só posso aceitar o que ele me dá, render-me completamente e limitar-me a *sentir*.

Ele provoca-me, aumentado cada vez mais a pressão que se enrola dentro de mim e os meus gritos encham o quarto juntamente com os gemidos e os elogios sussurrados.

E tudo fica cada vez melhor, mais escaldante, mais doce, até não haver mundo fora dele nem existência fora de nós. A única coisa que importa é a próxima estocada.

— *Xaden.* — O nome dele nos meus lábios é uma súplica quando a tensão sobe de tal forma em espiral que bordeja a dor e a energia cresce dentro de mim, escaldante, luminosa e incontrolável.

A mão dele sobe-me pelo estômago até ao esterno, depois endireita-me de forma a que as minhas costas lhe batam no peito. Eu viro a cabeça, envolvo-lhe os dedos no cabelo e ele funde-nos as bocas, beijando-me até

me deixar sem fôlego quando volta a entrar em mim uma vez e outra com movimentos cada vez menos controlados.

Ele está perto.

— *Estás viva.* — A voz dele envolve-me a mente ao mesmo tempo que os dedos se afundam nas minhas coxas e deslizam para o meu clítoris. — *Estás viva e forte e és minha.*

Deuses, ele sabia do que eu precisava sem eu ter de lho dizer. As minhas coxas juntam-se, depois tremem. É de mais e exatamente o suficiente.

— *E tu és meu.* — Arquejo, a pulsação cada vez mais acelerada quando ele me afaga até ao abismo.

E eu caio. Fico totalmente *em pedaços*. Um clarão de luz é imediatamente encoberto por uma escuridão fria quando sou acometida por ondas e mais ondas de prazer.

Ele enrola os braços no meu corpo e chega-me junto a ele enquanto estremece, deixando-se cair na sua própria libertação.

Ficamos assim, envoltos um no outro de todas as formas possíveis, com as respirações entrecortadas quando voltamos à realidade.

Uma realidade em que eu estive *longe* de estar calada.

As minhas faces afogueiam-se ainda mais.

— Queres que eu durma aqui contigo? — pergunto assim que redescubro a capacidade de falar.

— Todas as noites. — Ele beija-me com ternura.

— Podes ainda não poder protegê-lo com guarnições, mas é melhor colocares alguma barreira sonora *hoje*. — Levanto as sobrancelhas para que ele saiba o que eu quero dizer.

A boca dele curva-se num sorriso que me para o coração.

— Já tratei disso.

Eu reviro os olhos.

— Como não podia deixar de ser.

Quando saímos do quarto do Xaden uma hora depois, há cadetes *em toda a parte*.

— Isto é... — Faltam-me as palavras quando descemos pelo lado direito das vastas escadas duplas para a entrada.

— Mais barulhento do que da última vez que estivemos aqui — conclui o Xaden, a olhar por cima da multidão. Alguns cavaleiros estão de pé, em grupos, enquanto outros estão sentados junto às paredes.

Cada um deles tem uma expressão no rosto que é uma variação do que eu estou a sentir neste momento: o que raio é que nós fizemos? Aretia não estava preparada para isto, mas eu trouxe-os na mesma.

O Xaden pode ter colocado a revolução em risco quando foi atrás de mim, mas eu tornei-a um enorme alvo.

— *Conseguimos enfiar estes cavaleiros todos aqui dentro?* — pergunto ao Xaden à medida que abrimos caminho por entre o caos.

— *Há cem quartos em casernas nos três andares superiores* — responde-me ele. — *Isto sem contar os aposentos familiares do segundo. A questão é se estão todos em condições. Nem tudo foi reparado e reconstruído.*

— Violet! — A Rhiannon acena junto à nossa esquadra, que está à espera à frente da arcada que conduz ao salão. O olhar percorre-me de cima a baixo. — Estás com melhor aspeto.

— E também me sinto melhor — asseguro-lhe, a reparar que a Imogen não está entre eles. — O que se passa?

— Estava à espera de que soubesses. — Ela olha de relance para a nossa esquadra, depois inclina-se na minha direção e baixa a voz. — Fizeram uma chamada rápida ontem à noite, puseram-nos nos nossos quartos e deram-nos o pequeno-almoço hoje de manhã, mas já passou uma hora. Agora estamos só... — Ela faz sinal para a entrada. — À espera.

— Acho que talvez tenhamos sido apanhados desprevenidos — admito já com o sentimento de culpa a fazer-me um buraco no estômago.

— Vamos lá descobrir quão desprevenidos — diz o Xaden. — Vamos à procura de respostas para te dar, Rhiannon. — Faz sinal para o corredor. — *Temos de nos reunir com a Assembleia.*

— *Se pudesses fazer com que isso soasse um pouco menos agourento...* — Paro quando passamos pelo Aaric.

Está em pé ao lado da esquadra, com os braços cruzados em cima do peito, a olhar para tudo e para todos à volta dele.

— E agora, Sorrengail? — pergunta ele com os lábios tensos.

— *Ele não está a perguntar pelo horário para hoje* — diz o Xaden.

— *Deu para perceber.* — Olho do Xaden para o Aaric. — O teu segredo está seguro connosco.

— *Quanta presunção.*

Lanço um olhar furioso ao Xaden.

— Cabe-te a ti decidir se queres dizer a alguém quem é a tua família. Não é, Riorson?

Um músculo no maxilar do Xaden lateja, mas ele assente com a cabeça.

— Juras? — diz o Aaric devagar.

— Juro — assevero.

É a única coisa que posso dizer antes de o Xaden me pegar na mão e me puxar pelo amplo corredor afora, onde a multidão é finalmente mais rara.

— Acho que talvez tenha feito merda — sussurro, com a apreensão a crescer a cada passo que dou.

— *Nós* podemos ter feito merda — corrige-me ele, a apertar-me a mão e a parar-nos em frente da porta de madeira alta com mais do que algumas vozes elevadas e zangadas atrás dela. — Não quer dizer que não tenhamos feito o que era mais correto.

— Da última vez que aqui estivemos, as pessoas naquela sala queriam-me trancar aqui porque eu era uma ameaça para a segurança do movimento.

— Sinto um aperto no peito. — Começo a pensar que talvez tivessem razão.

— Foram só quatro deles — diz o Xaden, com os dedos pousados no puxador preto de metal da porta. — E garanto-te que estão mais fodidos comigo do que contigo. Eu não respondi às chamadas deles ontem à noite, depois de o Brennan te ter reparado. — Abre a porta e as vozes altas ficam mais estridentes quando ele entra e eu o sigo.

— Expôs tudo aquilo por que trabalhámos! — grita uma mulher.

— Sem sequer um voto deste conselho! — concorda um homem.

— Fui eu que tomei a decisão — diz o Xaden assim que saímos da frente da porta. — Se quiserem gritar, gritem comigo.

Seis membros da Assembleia olham na nossa direção das cadeiras onde estão sentados na mesa comprida, ao mesmo tempo que o Bodhi, o Garrick e a Imogen se levantam à frente deles como se estivessem a ser julgados. Só restamos nós da esquadra que lutou em Resson.

— Teremos todo o gosto em discutir as suas escolhas, tenente Riorson — diz a Suri. — Mas não percebo o que é que a filha da general está aqui a fazer.

— Bem, o filho da general está aqui mesmo — replica o Brennan do outro lado da mesa quando o Xaden e eu seguimos em frente e nos colocamos entre o Garrick e a Imogen.

— Vocês sabem o que eu quero dizer — riposta a mulher, a lançar um olhar frustrado ao Brennan.

A enorme cadeira de braços vazia em que o Xaden estava esparramado na última reunião foi levada para junto das outras. Creio que ainda estejam à espera de alguém. Relanceio para as costas altas e intrincadamente trabalhadas da cadeira e para a imagem de um dragão adormecido empoleirado na ponta aguçada e depois viro a cabeça novamente para olhar com mais atenção. Com esta luz, percebo que uma metade é de madeira de nogueira rica e polida e a outra tem um brilho preto, como se alguém tivesse polido e selado madeira queimada... como se metade da cadeira tivesse sido queimada.

Porque provavelmente foi.

— E eu acho que sei porque é que ela está aqui. — O Nariz de Falcão fita-me, furioso, com o único olho que tem, como se eu fosse algo que tem de ser raspado da sola da bota, mas, pelo menos, não leva a mão à espada que tem ao lado dele quando olha cheio de intenção para as nossas mãos dadas.

Solto a mão da do Xaden.

Ele suspira como se eu fosse o seu maior problema e volta a pegar-me na mão.

— O que está feito está feito. Podem ficar aqui a repreender-nos o dia inteiro ou podem pensar no que fazer com os cem cavaleiros que vos trouxemos.

— Vocês não nos trouxeram cavaleiros... trouxeram-nos cadetes! — grita a Suri, a bater com o punho na mesa. — O que raio havemos de fazer com eles?

— Não é necessário esse teatro todo, Suri. — O Felix esfrega a barba e contém-se para não lhe revirar os olhos. — Embora a questão seja válida.

— Eu sugiro que os coloquem em formação e os distribuam por divisões equilibradas, para começar — sugere o Xaden, num tom que pinga aborrecimento. — No entanto, é possível que eles prefiram manter-se intactos. Pelo que vi, a Quarta Divisão é a mais representada.

— Porque tu foste chefe de divisão deles — afirma o Brennan. — Estavam habituados a seguir-te.

— E ao Aetos — responde o Xaden algo contrariado. — Foi ele que os chamou para a formação depois de matar o vice-comandante.

— O Aetos é outra questão. — A Machado de Guerra passa o dedo pelo lado plano da arma como se fosse um hábito. — Está confinado aos aposentos até podermos certificar-nos da lealdade dele, tal como os *copistas*.

— O Cath é suficiente para responder pela lealdade do Dain — defendo. — E a Jesinia é a única razão por que temos o diário do Warrick. — A minha mão aperta-se na do Xaden quando os seis cavaleiros se agitam em surpresa. — *Ainda tens o diário do Warrick, certo?*

— Vocês têm o diário do Warrick? — A Machado de Guerra inclina-se para a frente. — Estamos a falar do Warrick dos Primeiros Seis?

— Tenho. A Jesinia ajudou a Violet e a esquadra dela a roubar o diário para podermos consultar instruções para utilizar a pedra de proteção — diz o Xaden, a virar-se para o Brennan. — E ela tem razão. O livro contém instruções crípticas em lucerano antigo que precisam de uma tradução detalhada e precisa, mas é melhor do que nada. Eu devia tê-lo trazido para cá, mas tive de fazer um desvio depois de ela ter sido capturada.

— O pai nunca me ensinou lucerano antigo, só tyrrense — diz-me o Brennan, com o sobrolho a franzir-se, e uma mulher calada com um cabelo preto brilhante e olhos grandes não tira o olhar contundente como um diamante do meu irmão. — Mas se tu o puderes traduzir, há uma possibilidade de podermos garantir a segurança...

— Segurança? — dispara o Nariz de Falcão. — Trazem cem cavaleiros e *duzentos* dragões para aqui e têm o descaramento de dizer essa palavra? — Os olhos dele semicerram-se em mim. — Mais valia terem dado ao Melgren um mapa para nos encontrar. Ou era isso o que ela queria verdadeiramente?

— Foda-se, lá vamos nós — diz a Imogen num sussurro.

— A Violet arriscou a vida para nos ajudar — responde o Xaden. — E por pouco não a perdeu ao fazê-lo.

— Ela devia ser confinada e interrogada — sugere o Nariz de Falcão.

— Aproxime-se da minha irmã e eu arranco-lhe o outro olho, Ulices — avisa o Brennan, a inclinar-se para a frente e a olhar furioso para a outra ponta da mesa. — Ela já foi interrogada vezes suficientes para duas vidas inteiras.

— Isso não muda o facto de ela nos ter arruinado! — declara a Machado de Guerra. — Já duplicámos as patrulhas na fronteira, o que nos deixa sem ninguém aqui para lutar se o Melgren nos lançar um ataque. — Vira o dedo para o Felix. — E não comece com a conversa de que o *Melgren não sabe que estamos aqui*. Nem todos os sinetes da rebelião do Continente podem esconder uma revoada do tamanho de uma nuvem de

tempestade. Não temos guarnições, não temos forja e só nos resta umas crianças a correr desgobernadas nos corredores!

— Cadetes que estão a mostrar mais compostura do que vocês. — O Xaden abana a cabeça. — Controlem-se.

— O Melgren não vem. Mesmo que ele soubesse que estamos aqui, e não sabe, ele não pode arriscar que as forças venham atrás de nós quando o reino está a ver-se a braços com as carcaças de serpes que deixámos ao longo de toda a fronteira. Metade dos cavaleiros que ele planeia ter nos próximos três anos estão *aqui*. Até pode querer matar-nos, mas não tem como. E quanto à Violet — ele larga-me a mão, arranca os botões do casaco de voo e puxa a gola para baixo para mostrar a cicatriz no peito —, se querem confiná-la, *interrogá-la*, então têm de começar por mim. Eu assumo a responsabilidade por ela e por todas as decisões que ela tome. Lembrem-se?

Sinto a cabeça a levitar ao ver a linha prateada fina e as extremidades precisas. Tem... *deuses*, tem o mesmo comprimento das que lhe marcam as costas. O Xaden já não é só responsável pelos marcados; também é responsável por *mim*. Responsável pelas minhas escolhas, pelas minhas lealdades... não para com Navarre, como os marcados, mas para com Aretia.

A Imogen tentou dizer-mo naquele dia no campo de voo, mas eu não percebi.

— *Quando é que fizeste isso?* — pergunto.

— *Cerca de dois segundos depois de te pousar nos braços o Brennan depois de Resson.*

O meu olhar cai para o chão enquanto eles continuam a gritar em tyrrense. Fui eu que trouxe os cadetes para aqui. Fui eu que fui apanhada a roubar o diário do Lyra. Fui eu que forcei o Xaden, que os forcei a *todos* a chegar a esta situação.

— Então, vão considerá-los meus convidados. — As palavras do Xaden arrancam-me da minha autocomiseração. As sombras enchem o chão e enrolam-se em redor do estrado. — Eu não peço permissão a vocês, nem a ninguém, para trazer convidados para a minha casa. — O tom do Xaden torna-se glacial.

O Garrick sussurra um impropério e pousa a mão no cabo de uma das espadas.

— Xaden... — começa o Ulices.

— Ou esqueceram-se de que esta é a *minha* casa? — O Xaden inclina a cabeça para o lado e olha para eles da mesma forma que a Sgaeyl estuda uma presa. — A minha vida está amarrada à da Violet, por isso, se me querem na puta dessa cadeira, terão de a aceitar.

A pele do Ulices adquire diferentes tons de vermelho e eu sinto o sangue a esvair-se da minha.

A cadeira dele. A cadeira vazia. É ele o sétimo.

Caramba. Eu sabia que esta era a casa dele, claro, mas nunca tinha processado completamente a ideia. Isto é tudo do Xaden. Nenhum nobre reclamou o ducado de Aretia. Acham todos que a terra está arruinada ou, pior, amaldiçoada. É *tudo* dele.

— Está bem — diz a mulher calada numa voz suave e calma. — Vamos confiar na Violet Sorrengail. Mas isso não nos vai ajudar a armar os bandos de grifos sem uma forja operacional. Ao roubarem metade do Quadrante dos Cavaleiros e vencerem esta primeira batalha com Navarre, podem ter-nos levado a perder a guerra.

— E o que vamos fazer com estes cadetes todos? — pergunta a Machado de Guerra cautelosamente, a esfregar a cana do nariz. — Deuses, trouxeram-nos o Aetos e *copistas*. Não podemos propriamente enviá-los para combater serpes e venéficos.

— Também trouxe quatro professores e vocês também têm a vossa quota de conhecimento — responde o Xaden. — Já interroguei os copistas. Eles são de confiança e o Cath responde pelo Aetos. Quanto ao resto dos cadetes, sugiro que os voltem a colocar em salas de aula.

Sinto algo... a reluzir e a enrolar-se em redor dos Arquivos que tenho na cabeça.

— *Violet.* — A voz baixa sacode-me até ao âmago e eu agarro o braço do Xaden para me manter em pé. Alívio, alegria, pasmo... esta mistura de emoções enfraquece-me os joelhos e humedece-me os olhos.

Pela primeira vez em meses, sinto-me inteira.

O meu rosto abre-se num sorriso largo.

— *Andarna*.

Com tudo o que sacrificámos por este reino, é bom que sejamos capazes de o defender. — O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELA CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XXXVIII

O vale acima de Aretia parece estranhamente semelhante à última vez que estive aqui, como se o outono a esta altitude não significasse nada, quando há sinais claros de que o inverno se está a aproximar na cidade abaixo de nós. Mas, ao contrário da última vez, há dragões em todo o lado: nos afloramentos rochosos irregulares acima de nós, nas bocas das grutas a oeste, no amplo vale a leste... em todo o lado.

E dois dos maiores estão à minha frente como cerra-livros com a Andarna entre eles.

— Pensava que tinhas dito que ela estava acordada — sussurro para o Tairn, uma vez que a minha voz pode acordá-la, como se não houvesse um dragão castanho gigante a passar pesadamente pelo renque de árvores onde a Andarna está a dormir com o corpo dobrado em S. A erva balança à frente dela com cada sopro que ela exala e a Andarna parece muito satisfeita com a cauda de escorpião enrolada à volta do corpo. E parece que está... verde?

Não. As escamas ainda estão pretas. Deve ser por ser adolescente e ter as escamas tão brilhantes que refletem alguma da cor à volta dela.

— *Há uma hora.* — O Tairn bufá e tenho quase a certeza de que a Sgaeyl acabou de revirar os olhos.

— Demorei uma hora a sair daquela reunião e depois tive de subir aquele trilho pelo penhasco acima. — Não a devia acordar. O mais responsável seria não fazer nada e deixá-la dormir o que lhe resta do coma dragontino de quase três meses. Mas senti tanta falta dela...

Olhos dourados abrem-se.

O alívio quase me faz cair de joelhos. A Andarna está acordada. Eu abro um sorriso e sinto o meu mundo a corrigir-se.

— *Olá.*

— *Violet.* — A Andarna levanta a cabeça e eu sinto uma nuvem de vapor a soprar-me os cabelos soltos da trança comprida. — *Eu tinha intenção de ficar acordada.*

— Não faz mal. O Tairn diz que vais adormecer de vez em quando ao longo da próxima semana mais ou menos. — Dou um passo em frente e estendo a mão para a mandíbula escamada. — Estiveste apagada durante *muito* tempo.

— *Parece que passou num abrir e fechar de olhos.* — Ela arqueia o pescoço para que eu possa chegar à área debaixo do queixo.

— Acredita que não passou. — Eu recuo e olho para ela com olhos de ver. Se tivesse de adivinhar, diria que tem cerca de dois terços do tamanho da Sgaeyl. — Acho que crescestes bastante.

— *Naturalmente.* — A Andarna bufê, cravando as garras no chão quando se levanta.

Eu recuo mais um par de passos e olho cada vez mais para cima e vejo-a a sacudir o sono, as asas a farfalhar e a cabeça a rodar para observar o vale do alto.

— O que é que queres fazer? Voar? Dar uma caminhada? — Há tanta coisa que eu tenho de lhe contar.

— *Comida. Devíamos ir à procura de ovelhas.* — Ela abre as asas e cambaleia para a frente como fez no pico do verão.

Merda.

Eu recuo atabalhoadamente pela erva alta, apressando-me para evitar ser cortada pelas garras da Andarna, que está a tentar equilibrar-se.

— *Podes tentar não esmagar a nossa humana?* — ralha o Tairn.

— *Não estive sequer perto* — dispara a Andarna em resposta, com um relanceio furioso na direção dele antes de voltar a abrir as asas com o mesmo resultado.

— *Eu disse-te para seres paciente* — repreende o Tairn.

O olhar que ela lhe lança faz com que a Sgaeyl bufe no que eu acho que é apreço.

A Andarna enrola os ombros, finca as garras na terra e tenta levantar as asas.

Sinto o estômago a afundar-se e a cabeça a andar à roda tão depressa que nem consigo pensar por um instante quando os meus olhos alternam entre as duas asas. A asa esquerda não se abre completamente. Chega a meio, mas o resto da membrana preta nunca chega a esticar-se.

Ela tenta uma vez, duas vezes, antes de arreganhar os dentes afiados e soprar vapor quando a asa não se encaixa no lugar à terceira tentativa.

Oh, deuses. Algo não bate certo.

Não faço a mínima ideia do que posso dizer ou fazer. Estou... sem fala. Impotente para ajudar. *Foda-se*. Devo perguntar-lhe se ela está bem? Ou ignoro como faria com uma ferida de batalha de um adulto? A asa está partida? A precisar de reparação? Ou será uma parte do processo de crescimento?

A cabeça da Andarna vira-se de chofre na minha direção e os olhos semicerram-se.

— *Não sou deficiente.*

O meu coração afunda-se.

— Nunca disse que eras — sussurro.

Merda, merda, *merda*. Magoei-a.

— *Não é necessário falares quando te posso ouvir os pensamentos. Não sou mais deficiente do que tu.* — O lábio enrola-se e os dentes brilham.

Au.

— *Desculpa. Não era isso que eu queria insinuar.* — O pensamento não chega a ser um sussurro.

— *Chega.* — O Tairn baixa a cabeça para o nível dela. — *Ela tem o direito de ficar preocupada contigo, assim como tu te preocupas com ela. Agora vai comer antes que a fome se sobreponha ao bom senso.*

A Sgaeyl avança a passo decidido à direita, com o terreno a tremer levemente debaixo dela quando ela se dirige para o prado a leste. A Feirge sai-lhe do caminho.

— *Há um rebanho que é mais fácil de caçar a pé* — diz o Tairn, num ronco baixo a vibrar-lhe na garganta. — *Segue a Sgaeyl.*

A Andarna recolhe as asas, flete as garras e contorna-me sem dizer nada, a dirigir-se para a Sgaeyl. Eu viro-me para olhar para elas a afastar-se.

— *Adolescentes* — resmunga o Tairn. — *São insuportáveis quando têm fome.*

— A asa dela — sussurro, a enrolar os braços na barriga.

O suspiro que ele dá sacode a erva.

— *Os anciãos e eu vamos trabalhar com ela para reforçar os músculos, mas há complicações.*

— *Como por exemplo?* — Sinto um aperto no peito e relanceio para ele.

— *Levanta os escudos e bloqueia-a tanto quanto possível.*

Eu concentro-me e levanto os escudos para o vínculo iridescente que agora reconheço que é o da Andarna.

— *Feito.*

— *Há muitas razões para as crias não saírem do Vale. O gasto massivo de energia em Resson obrigou-a a um ritmo rápido de*

crescimento. Tu sabes disso. Mas, se tivesse acontecido aqui ou em Basgiath, onde poderia ser protegida rapidamente e em segurança no Sono sem Sonhos, talvez ela tivesse crescido como é habitual. — O tom é suficiente para me eriçar os cabelos da nuca. Ele nunca é tão cuidadoso com as palavras, nunca é tão cuidadoso com os meus sentimentos. — Mas, naquele dia crítico, voámos de Resson para Aretia — continua. — Depois, esperámos de novo para voar para Basgiath e, mesmo depois disso, a Andarna acordou várias vezes. Os anciãos nunca viram um dragão ficar Sem Sonhos tanto tempo. E agora o crescimento dela é imprevisível. Há um segundo conjunto de músculos ao longo da parte dianteira das nossas asas que se forma durante o nosso crescimento. Os músculos dela não se desenvolveram. Os anciãos acreditam que ela vai voar... com o tempo. Assim que reforçar os músculos existentes para compensar.

— O Brennan pode repará-la? — A culpa é minha porque eu usei o poder dela em Resson. Porque voámos naquele dia. Porque regressámos a Basgiath. Porque ela se vinculou quando ainda era demasiado jovem e eu lhe interrompi o Sono sem Sonhos. Poderia estar aqui a apontar razões o dia inteiro.

— *Não se pode reparar o que não existe.*

Eu observo-a a acelerar o passo para alcançar a Sgaeyl, lançando os dentes a um pássaro que se arrepende imediatamente de voar demasiado depressa com um guincho.

— Mas vai voar? — Já aprendi o suficiente sobre dragões para saber que uma vida sem voar é mais do que uma tragédia.

— *Nós acreditamos que ela vai treinar o músculo existente de forma a suportar o peso da asa — assegura-me ele, mas há uma inflexão no tom dele que me deixa de sobreaviso.*

— Vocês acreditam. — Eu viro-me devagar para olhar com uma expressão furiosa para o segundo maior dragão do Continente. — O que significa que tiveram tempo para discutir. Há quanto tempo é que sabem?

— *Desde que ela acordou aqui a meio do verão.*

O meu coração para e cai redondo na erva. Na altura, ela também não tinha aberto completamente a asa, mas eu não dei importância a esse facto,

uma vez que ela parecia... desajeitada em geral.

— O que mais é que me estás a esconder? — Ele nunca a teria bloqueado da conversa se não estivesse preocupado com a minha reação à informação... ou com a dela.

— *O que ela própria ainda não percebeu.* — Ele baixa a cabeça e os enormes olhos dourados fixam-se nos meus. — *Ela vai conseguir voar, mas nunca poderá transportar um cavaleiro.*

Nunca poderá transportar um cavaleiro. As palavras do Tairn repetem-se na minha cabeça ao longo dos três dias seguintes em que somos atirados de volta para as aulas, dirigidas pelos professores que voaram connosco para Aretia, bem como por alguns membros da revolução e da Assembleia. Nem traduzir o diário do Warrick me impede de pensar no assunto e, sempre que a previsão dele me passa pela cabeça, penso imediatamente noutra coisa para o caso de a Andarna estar à escuta.

— Chuva... de ferro — digo, a escrever as palavras no pergaminho quando termino de traduzir o excerto pela terceira vez. Cheguei ao mesmo processo todas as vezes por mais... estranho que seja.

— *Chuva de ferro significa alguma coisa para ti?* — pergunto pelo vínculo, a fechar o caderno na secretária do Xaden e a estender os braços para o meu saco. Vou chegar atrasada se não me despachar.

— *Devia significar?* — responde o Tairn.

— *Claro, se não ela não perguntava.* — Quase que consigo sentir a Andarna a revirar os olhos. — *Ooh... ovelhas.*

— *Elas não vão ficar por perto se continuares a devorá-las* — o Tairn suspira — *dessa maneira.*

Eu contenho um sorriso e vou a correr ao encontro da minha esquadra.

Tenho de admitir que o Brennan e a Assembleia se estão a sair bem. Podemos estar a partilhar livros e a amontoar-nos em todas as salas

disponíveis do primeiro andar para as aulas, mas todos os cadetes estão lavados, alimentados, abrigados e a aprender.

A aula de História tem lugar no que eu penso que seria o escritório do pai do Xaden e começámos uma nova unidade sobre a Rebelião Tyrrense ontem, para que toda a gente possa saber o que realmente aconteceu há seis anos, mas ainda só chegámos ao ponto de abordar o cenário político dos anos antes da rebelião.

Em vez de desafios e combates corpo a corpo, o professor Emetterio pôs-nos a correr pelo trilho íngreme e rochoso para o vale, todos os dias, até os nossos pulmões doridos se adaptarem à altitude, mas avisou-nos para não abrandarmos o ritmo quando nos sentíssemos mais confortáveis. Estou convicta de que o número de cadetes a vomitar ao lado do trilho indica que não o estamos a fazer, mas a urgência no tom dele faz-nos correr com mais afínco.

O Ulices «Nariz de Falcão» assumiu o comando da aula de Física, o que só lhe dá uma razão para passar uma hora todos os dias a olhar para mim com cara de poucos amigos. E a Kylynn «Machado de Guerra» deverá assumir as manobras de voo assim que a Assembleia concordar que estamos suficientemente preparados para deixar que a revoada de dragões se erga da proteção do vale, o que significa que temos mais de duzentos dragões inquietos.

A Suri, o membro da Assembleia com o cabelo com traços prateados que não esconde o ódio que sente por mim, partiu com o Xaden e outros tenentes há dois dias. Sem saber onde ele está, a perguntar-me se estará em perigo, receosa todos os segundos que passam que ele esteja a combater numa qualquer batalha, obrigo-me a combater mais uma onda de enjoos para respirar ao entrarmos no teatro reconstruído na ala nordeste da Casa dos Riorson.

O que vejo é mais do que impressionante. Não apenas por haver lugares sentados para todos os cadetes, mas também porque, de tudo o que poderiam ter reconstruído ao longo dos últimos seis anos... decidiram reconstruir um teatro.

— Bem-vindos ao Sumário de Batalha — diz a Rhiannon, a conduzir-nos até ao meio das escadas, para depois virarmos à direita e irmos para os nossos lugares.

— Boa. Talvez eles nos digam o que está a acontecer em Navarre — diz a Visia na fila à nossa frente. Além do Aaric e da Sloane, há outros quatro instruendos do primeiro ano, cujos nomes ainda tenho de conhecer.

Ao contrário dos Sumários de Batalha habituais, estamos sentados como se estivéssemos em formação: por divisão, pelotão e esquadra. E, ao contrário do mapa de Basgiath, este é da altura e da largura do enorme palco onde devia haver uma cortina e inclui as ilhas: as cinco ilhas maiores e as treze ilhas menores que rodeiam o Continente a toda a volta.

— Aquelas bandeiras vermelhas e cor de laranja — observa o Ridoc à minha esquerda, a apontar para o mapa. — São...

— Território inimigo, diria eu — interrompe o Sawyer, sentado ao lado do Ridoc.

— Não inimigo poromielano. — O Ridoc pega na caneta e no pergaminho do saco e eu faço o mesmo e pouso o caderno encadernado no colo. — Tipo... inimigo manipulador de magia negra.

— Certo. Terra sugada e cidades destruídas como Zolya. As vermelhas são de movimentos antigos e as cor de laranja de novos. — Quase toda a província de Krovla permanece intocada, mas o inimigo está apenas a um dia de voo da nossa fronteira. O único movimento que eu noto desde que vi o mapa a meio do verão encontra-se ao longo do rio Stonewater, em direção a Navarre. — Vocês enviaram cartas para as vossas famílias?

Os meus amigos não podiam indicar a nossa localização, mas podiam avisar os entes queridos de que deviam deixar a região raiana ou até toda a província. Não ficaria admirada se o Melgren comesse a executar as famílias dos que desertaram como forma de os punir.

E a culpa é toda minha. Sou a responsável pela asa da Andarna, por forçar a revelação da verdade antes de Aretia estar pronta para agir, por trazer cem cavaleiros para aqui sem permissão, pela preocupação marcada na testa do Brennan porque é preciso aumentar a população de ovelhas para todos os dragões trazidos para aqui e por colocar um alvo nas costas das

famílias dos meus amigos. Agarro a caneta com tanta força que ela chia sob a tensão.

Como é que é possível eu ter acertado em todas as decisões que tomei no ano passado e ter errado em todas as que tomei este ano?

Assentem todos com a cabeça e a Rhiannon acrescenta:

— Espero que os convença a mudarem-se.

O Aaric não se dá ao trabalho de se virar no assento diretamente à minha frente.

— Eu declinei a oferta de enviar correspondência — diz por cima do ombro.

— Não duvido. — Forço um sorriso. O pai dele teria um ataque se soubesse que o Aaric não só entrou no quadrante como se rebelou contra Navarre.

— Alguma sorte com a pedra de proteção? — pergunta a Rhi e as cabeças viram-se todas. Até o Aaric e a Sloane olham por cima dos ombros.

— Traduzi a secção de que precisamos três vezes e acho que estou perto. — O meu sorriso é um eco dos deles porque eu acho que posso estar a *chegar* lá. — Eu sei que passaram três dias, mas estou um pouco enferrujada e é a forma de magia mais estranha que eu já li. Talvez seja por isso que nunca foi feita duas vezes.

— Mas achas que vai funcionar? — pergunta a Sloane com esperança evidente nos olhos.

— Acho. — Assinto com a cabeça e endireito os ombros como se o peso das expectativas deles fosse físico. — Só tenho de me assegurar de que percebi tudo bem. — E é bom que tenha percebido. As guarnições são a nossa melhor defesa se as serpes ultrapassarem os penhascos de Dralor.

— Vamos lá começar! — diz a professora Devera do palco, com a voz a projetar-se facilmente para nós os cem, e toda a gente se vira para olhar para ela.

— É como estar em Basgiath — diz o Ridoc com um sorriso. — Mas, ao mesmo tempo... não.

A Rhi inclina-se e sussurra:

— Magia estranha?

— Eu... — O meu rosto amarfanha-se. — Eu acho que os Primeiros Seis praticaram algum tipo de magia de sangue — sussurro com uma voz ainda mais baixa do que ela. Traduzi a passagem três vezes e cheguei sempre às mesmas palavras, mas nunca ouvi falar no uso de sangue em... nada.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Tens a certeza?

— Tanta quanto possível. A Jesinia fez a mesma tradução daquele excerto, mas eu acho que talvez seja melhor revê-la mais uma vez. Só para prevenir.

— Sim. Para prevenir. — A Rhiannon assente com a cabeça.

— Bem-vindos ao vosso primeiro Sumário de Batalha como traidores — anuncia a professora Devera.

A frase capta a atenção de toda a gente. O meu estômago desaparece, transformado em poço.

— Habituem-se ao som da palavra — diz ela sem ponta de remorsos, enquanto o olhar percorre a sala. — Porque é isso que Navarre nos considera agora. Seja ou não o que nós sentimos em relação à escolha que fizemos de defender os que não se podem defender sozinhos, será assim que seremos vistos pelos amigos e entes queridos que deixámos para trás. Mas, pessoalmente, estou orgulhosa de cada um de vocês. — Os olhos dela cruzam-se com os meus. — É difícil deixar para trás tudo o que conhecemos e tudo o que amamos porque a nossa honra o exige. Dito isto, deem as boas-vindas ao coronel Aisereigh, que vai assumir o lugar de conservador do Quadrante dos Copistas, uma vez que não temos copistas aqui.

O lugar do Markham. Será que a Jesinia e os outros dois copistas vão começar o seu próprio quadrante aqui sem ninguém para os ensinar? A Assembleia acabou de interrogar e de libertar o Dain para que ele pudesse estar aqui de manhã, pelo que ele está sentado na fila da frente com os chefes de pelotão. Estou contente por ele ter deixado de estar confinado, mas também por ele estar a manter as distâncias.

— Aqui em Aretia acreditamos na partilha de informações — diz o Brennan quando sobe ao palco para se colocar ao lado da professora Devera.

— Ainda não acredito que ele tenha abandonado o teu apelido — diz o Sawyer num sussurro.

Os meus colegas de ano são os únicos que sabem quem é o Brennan e parece que a professora Devera e o professor Emetterio não vão divulgar a troca de apelido a ninguém. Talvez o Kaori fizesse o mesmo se tivesse vindo connosco, mas ele olhou para mim, claramente dividido, e disse que o lugar dele era com o Empíreo.

Todos os que ficaram tinham as suas razões. Pelo menos é isso que eu digo a mim mesma.

— Tinha de o fazer. Além disso, gosto do nome dele. Quer dizer ressuscitado em tyrrense — respondo. Para mim, continua a ser só o Brennan.

— Primeiro — começa o Brennan —, fizemos o que vocês pediram e mantivemos-vos nas vossas divisões. Segunda Divisão e Terceira Divisão, vocês sabem que a Eleni Jareth e o Tibbot Vasant são os vossos novos chefes de divisão, respetivamente. Esperamos que quaisquer chefes de pelotão ou de esquadra que estejam em falta sejam substituídos até amanhã e notificaremos a Devera das vossas escolhas.

As minhas sobrancelhas elevam-se.

— Vocês não vão escolher por nós? — pergunta alguém da Primeira Divisão.

Esse é o protocolo em Basgiath.

— Está a dizer que vocês não são capazes de o fazer? — pergunta o Brennan em desafio.

— Não, professor.

— Excelente. Avançando. — Vira-se na nossa direção. — Verificamos os róis duas vezes para termos a certeza, mas parece que não só a Quarta Divisão ostenta atualmente o emblema de Esquadra de Ferro deste ano...

Os instruendos do primeiro ano sentados à nossa frente soltam uns gritos, uma vez que a honra de ser a esquadra com mais instruendos do primeiro ano depois da Debulha é nossa pelo segundo ano consecutivo. O Baylor, o rapaz encorpado com o cabelo preto rapado, é o que grita mais alto, e eu dobro o canto dos lábios quando ele bate com o ombro no do Aaric para ele se juntar à aclamação.

— ... como o Pelotão Labareda tem a honra única de estar completamente intacto. — O Brennan vira os olhos para o Bodhi. — Durran, vocês trouxeram todos os cadetes. Acho que isso vos torna o Pelotão de Ferro.

Caramba. Já nem sequer me dou ao trabalho de conter o sorriso que me rasga o rosto. Eu sabia que a Quarta Divisão foi a que trouxe mais cadetes, mas daí até manter *todo* o pelotão intacto?

— Parto do princípio de que gostariam de receber o emblema? — pergunta o Brennan com um sorriso a enviesar-lhe os lábios.

— Foda-se, claro que queremos! — grita o Ridoc, a levantar-se do assento, e todo o nosso pelotão dá vivas efusivamente e eu não sou exceção.

— Sim, professor — diz o Bodhi assim que rios acalmamos, a olhar para nós por cima do ombro como que a dizer-nos que não vai poder levar-nos para festejarmos num lugar agradável.

— Vou ver o que podemos fazer. — O Brennan levanta os olhos na minha direção e sorri abertamente. — Agora vamos ao que realmente interessa. Vamos começar pela atualização do que se passa em Navarre. Tanto quanto as nossas fontes nos informaram, o público não sabe.

O quê? Como? Eu e a Rhi trocamos um olhar da mais pura perplexidade e um burburinho de comentários sussurrados atravessa o teatro.

— Para nossa surpresa, os postos avançados conseguiram remover todas as serpes que o tenente Riorson lhes ofereceu, e o general Melgren impediu que as notícias chegassem ao público em geral, embora, como é óbvio, todos os militares atuais tenham ficado a conhecer a situação. E, infelizmente, continuam a recusar todos os cidadãos de Poromiel na fronteira.

O meu coração afunda-se e a minúscula parte de mim que esperava que a nossa partida levasse a uma ação e a uma reflexão morre de forma dolorosa e desiludida. Mas, assim que tivermos guarnições, seremos uma opção segura para os cidadãos de Poromiel que Navarre continua sem aceitar receber.

— As nossas forças duplicaram as patrulhas nas fronteiras de Tyrrendor — o Brennan esfrega o polegar no maxilar inferior —, mas estamos confiantes de que a nossa localização continua a ser secreta.

— Mesmo depois de a maior revoada de dragões do Continente ter atravessado Navarre? — pergunta alguém da Primeira Divisão.

— Os tyrrenses são leais — diz a Sloane, levantando o queixo. — Conseguimos sobreviver à última rebelião. Não contamos a ninguém o que vemos, independentemente do que seja.

O Brennan assente com a cabeça.

— A boa notícia é que, pelo que as nossas extensas fontes nos dizem, as vossas famílias não foram visadas e estamos a contactá-las não só com as vossas cartas mas também com ofertas de asilo. Se eles estiverem dispostos a pôr o pé em ramo verde, faremos o possível para os trazer para aqui.

O nó que sinto na garganta deixa-me com dificuldade em respirar por um segundo. O pai estaria orgulhoso dele.

— O que é que esta falta de movimento de tropas nos diz? — pergunta a professora Devera, a olhar para o Brennan de soslaio. — Ou não se lembra de como funciona o Sumário de Batalha?

— As minhas desculpas. — O Brennan levanta as mãos e recua. — Já passaram uns anos.

— Estiveram demasiado ocupados a limpar o lixo que o Riorson depositou na fronteira para se preocuparem connosco — responde o Dain.

— Por enquanto — concorda o Brennan a assentir com a cabeça. — Eles podem estar em choque, mas não tenham dúvidas de que vão combater em duas frentes assim que se organizarem e decidirem o que podem arriscar revelar ao público.

— Quando é que vamos poder lutar contra eles? — pergunta um tipo da Terceira Divisão, a apontar para o mapa. — Os manipuladores de magia negra?

— Depois de se graduarem — responde o Brennan, a levantar as sobrancelhas numa expressão séria que faz com que fique muito parecido com o pai. — *Nós* não enviamos cadetes para a morte, o que irá acontecer inevitavelmente se tentarem combater um manipulador de magia negra antes de estarem preparados. Vão morrer. Estão assim tão ansiosos por dar início a um novo rol de mortes?

— A Sorrengail e os outros não morreram — responde ele.

— Morreram dois de nós — atira a Imogen, e o cavaleiro deixa-se cair no assento.

— Quando forem capazes de manipular relâmpagos, venham falar comigo — replica a professora Devera.

— Antes de se graduarem, vão aprender a enfrentar um manipulador de magia negra e a sobreviver — promete o Brennan. — É preciso um estilo diferente de luta e temos de apurar os vossos sinetes, que já devem ter reparado que são um pouco irregulares a esta altitude. Não se esqueçam de que a magia é um pouco descontrolada aqui fora do âmbito das guarnições, mas estamos atualmente a decifrar o diário do Warrick para operacionalizarmos as nossas guarnições logo que possível. Estamos também a trabalhar no sentido de colocarmos a nossa forja a funcionar para abastecer as nossas forças e os voadores de grifos de armas, no âmbito da nossa missão...

Um resmungo de reprovação percorre o teatro.

— Parem com isso — repreende o Brennan. — Os voadores são perigosos, mas não são o inimigo que vocês aprenderam a temer, embora haja alguns que nos são hostis, como o prova o ataque a Samara há quatro dias.

Samara foi atacada por voadores? A minha pulsação titubeia. *Mira.*

— O que nos traz de volta ao Sumário de Batalha — continua a professora Devera. — Um dragão foi ferido, mas, de acordo com as nossas

fontes, não perdemos nenhum cavaleiro no ataque, sobretudo porque só havia um dragão presente no posto avançado durante o ataque: conturbação política, lembram-se? As guarnições não falharam, mas um grupo de voadores penetrou no posto e matou dezenas de soldados de infantaria antes de dois deles serem mortos nos níveis inferiores da fortaleza.

Não perdemos nenhum cavaleiro. Ela está bem. Assim que o meu coração me cai da boca, consigo voltar a pensar.

— Estão à procura de armamento — sussurro. — É lá que fica o arsenal. — Os cidadãos de Navarre podem não saber que nós saímos da província, mas os bandos de grifos sabem.

— Di-lo — insta-me a Rhiannon em voz baixa.

Eu abano a cabeça, sem vontade de seguir os meus pensamentos para a sua conclusão lógica.

— Que perguntas é que fariam sobre o ataque? — intervém a professora Devera. — Este anda a pôr os oficiais ao corrente há tempo de mais e não se lembra da arte de *ensinar*. — Lança mais um olhar de soslaio malicioso ao Brennan.

— Que se foda. Eu digo — murmura o Ridoc. Depois, pergunta em voz alta: — Estavam à procura de armamento?

— Sem dúvida. — O Brennan assente com a cabeça. — Essa é a única razão para os voadores atacarem diretamente os postos avançados de Navarre. — Ele olha para mim como se *soubesse* que a pergunta tinha sido minha e depois fita-me com aquela expressão de reprovação que aprendeu a dominar ainda antes dos quinze anos, como que desafiando-me a levantar e a deixar de evitar as consequências dos meus atos.

Muito bem.

— Os voadores atacaram Samara antes ou depois de a notícia da nossa... — Deuses, quais são as palavras certas para o que fizemos? — Partida de Basgiath ter chegado a Poromiel?

O olhar do Brennan amolece em aprovação.

— Depois — responde a professora Devera.

O nó que tenho na garganta incha dolorosamente, ameaçando arrancar-me a fachada de calma que ainda consigo manter. Eles atacaram porque sabem que não os podemos abastecer. Estão indefesos.

— A culpa não é tua — sussurra a Rhiannon.

— Ê, sim. — Concentro-me em tirar notas.

O Brennan vira-se para o mapa.

— Vamos aos movimentos do inimigo. Na semana passada, os venéficos tomaram a cidade de Anca. Não é surpreendente, dada a proximidade com Zolya, que tinha sido tomada pouco tempo antes.

Não me dou ao trabalho de olhar para Anca. O meu olhar está cravado em Cordyn, onde o visconde Tecarus tem o único outro luminar conhecido. É a grande cidade seguinte entre Zolya e Draithus e ainda está fora do território controlado por venéficos. A cidade costeira ficava a dois dias de Basgiath. Mas daqui? Aposto que o Tairn conseguia chegar lá em doze horas.

— *Dez* — corrige-me ele. — *Mas não é completamente seguro* — afirma, embora não para me contrariar.

— *É o que o Xaden diz, mas também não é estar aqui para além das guarnições sem uma forja para armar quem quer se seja, incluindo a nós próprios.* — Ainda bem que não deveremos demorar a ter as guarnições levantadas.

— *Ela tem alguma razão* — concorda a Andarna. — *Consegues carregar um luminar?*

— *Essa pergunta é um insulto para mim.*

— *Consegues carregar um luminar insultado?* — atíça ela.

O Tairn rosna.

— O que é preocupante é que parece que a cidade foi sugada e depois os manipuladores de magia negra recuaram para se reagruparem em Zolya — diz a professora Devera. — É como se fosse uma viagem de abastecimento para uma campanha em curso.

— *Prateada!* — O tom de Tairn muda. — *Há uma revoada a aproximar-se!*

Eu sustenho a respiração e olho de chofre para o fundo do teatro como se as janelas pequenas lá atrás me pudessem dar alguma ideia do que aí vem.

— Sim. Eles não estão só a consumir o território, mas também a ocupá-lo pela primeira vez. Bom... — O Brennan cala-se, sem dúvida a falar com o Marbh, e depois foca-se quando todo o teatro entra em silêncio. — Vão todos para o salão e esperem lá — ordena ele a virar-se para a Devera quando o teatro irrompe num caos.

— *Quantos?* — Obrigó-me a respirar apesar do terror e coloco todos os materiais no meu saco antes de me levantar como toda a gente à minha volta num pânico sussurrado.

— Eles vêm atrás de nós? — pergunta o Ridoc em voz baixa. — De Navarre?

Pensei que teríamos mais tempo. Como é que isto pode estar a acontecer já? — Não sei — responde a Rhiannon.

— O Tairn é capaz de enfrentar o Codagh? — pergunta o Aaric quando eu atiro o saco para as costas.

Eu abro e fecho a boca ao pensar no dragão do general Melgren. Nem sequer *quero* responder a essa pergunta.

E o Tairn está demasiado calado para o meu gosto.

— A revolução mais curta de sempre. — O Sawyer murmura um impropério e puxa os cordões do saco para o apertar.

— *Quarenta. A Sgaeyl também se está a aproximar, mas está demasiado longe para...* — O Tairn detém-se. — *Espera. É o Teine que vem à frente da revoada.*

O Teine.

A Mira. O medo ata-me um nó no estômago.

Que se foda a espera.

Eu abro caminho para lá do Sawyer para ir para o corredor exterior e corro, ignorando todas as vozes que chamam por mim, até a do Brennan. Correr todas as manhãs ao longo dos últimos três meses reforçou a vantagem que eu já tinha sobre a maioria dos cavaleiros desta sala: a velocidade.

— Preparem as bestas de dardos cruzados! — grita o Brennan por cima da barafunda.

A Mira vai acabar por se matar. Ou talvez tenha vindo para aqui para nos matar a *nós*. Seja como for, vai ter de me olhar nos olhos antes de o fazer.

Com as pernas a bombar, atravesso o fundo do teatro a correr, ultrapassando os instruendos da Primeira Divisão antes da saída e acelerando o passo pelo corredor principal afora. Corro por entre estátuas e tapeçarias que parecem massa indistinta e sinto os pulmões a arder quando passo a toda a velocidade por guardas e cavaleiros a caminho da via de passagem.

Por favor, Dunne, não a deixes incinerar esta casa antes de eu poder falar com ela e chamá-la à razão.

Passo pelo professor Emetterio, que me grita a dizer para ir para o salão, depois quase escorrego ao virar para a entrada, sem me atrever a abrandar a passada, mesmo com o coração a martelar e a protestar devido à altitude. Os guardas abrem as portas, sem dúvida para que os cavaleiros possam ir ao encontro dos seus dragões, e eu passo a voar, quase sem tocar com os pés nos degraus de mármore do pátio a tempo de ver as asas do Teine a abrir-se diretamente à minha frente para travar uma descida rápida.

Um nó de medo sobe-me à garganta e eu resvalo no chão até parar, fazendo sulcos na gravilha com os pés.

Vejo rochas a voar numa cortina de pó devido ao impacto das garras do Cauda de Moca Verde e levanto os braços para cobrir o rosto quando o Teine para diretamente à frente das portas do pátio, bloqueando a saída para a cidade, antes de outros dois pararem ao lado dele com aterragens igualmente abruptas.

Tusso à medida que o pó se levanta e vejo imediatamente um cor de laranja com focinho de poucos amigos e um vermelho com expressão furiosa a olhar para mim com os dentes arreganhados.

Foda-se, vejo mais quatro a aterrar nos muros exteriores e a abanar a alvenaria. Estão em todo o lado.

Sinto um soco no estômago. Fomos traídos. Alguém disse a Navarre qual era a nossa localização.

— *Tairn...*

— *Aqui* — responde ele, um momento antes de cair do céu como o raio de um meteorito. O chão estremece com o impacto da aterragem à minha esquerda e a sombra da asa bloqueia o sol. O Tairn rosna tão alto que eu fico com os dentes a bater, depois baixa a cabeça, colocando o pescoço a poucos centímetros do meu ombro, e cospe um rio de fogo em claro aviso para as pernas dos dragões.

O calor bate-me no rosto por um instante antes de ele recuar com a cabeça a disparar num movimento de serpentina.

O Teine dá um passo em frente e o tempo parece abrandar por milissegundos no momento em que o Tairn se lança para a frente, abre a enorme mandíbula e fecha os dentes no pescoço do dragão da Mira tal como tinha feito com o Solas.

— Tairn! — grito num assomo de medo. Se o Teine morre, a Mira também.

— Que caralho é isto, Violet! — grita a Mira.

— *Eu agarrei-lhe a garganta, mas não lhe furei as escamas* — assegura-me o Tairn, como se fosse eu que estivesse a ser dramática.

— *Bem, desde que seja só uma ameaça* — respondo sarcasticamente. — Desmonta em paz e o Teine sobreviverá! — Chegam outros cavaleiros a correr ao pátio, com as passadas a estalar na gravilha, mas eu não tiro os olhos do Teine e da Mira.

Ela desmonta com uma facilidade invejável e caminha a passo largo na minha direção. Tem as bochechas vermelhas de enfrentar o vento e os olhos esgazeados quando levanta os óculos de voo e os pousa em cima da cabeça.

— Viemos todos em paz. Foi o Riorson que veio ter connosco. Como é que vos encontraríamos de outra forma? — A minha irmã levanta a cabeça para a casa sem abrandar a passada. — Deuses, pensava que este lugar tinha sido reduzido a cinzas.

O Xaden?

— Não foi. — As pontas dos meus dedos roçam os cabos dos punhais. Não tenho a certeza se serei capaz de os desembainhar para matar a minha irmã, mas o que é certo é que não vou deixar que ela me mate a mim.

— A *Sgaeyl confirma* — diz o Tairn, a largar a garganta do Teine e a recuar para o meu lado. — *Estão a chegar.*

Oh, graças aos deuses. A minha respiração acelera para soltar um suspiro de alívio um segundo antes de a Mira enrolar os braços no meu corpo.

— Desculpa — diz ela para o meu cabelo, a apertar-me com força. — Peço imensa desculpa por não te ter ouvido em Samara quando estavas a tentar contar-me o que se passava.

Deixo cair os ombros e relaxo nos braços dela, retribuindo o abraço aos poucos.

— Eu precisava de ti — sussurro, incapaz de impedir que a dor se reflita na voz. Há tantas coisas que têm de ser ditas, mas é isto que me sai. — Eu precisava de ti, Mira.

— Eu sei. — O queixo dela bate-me no cimo da cabeça antes de ela recuar e me agarrar os ombros. Pela primeira vez desde que fui para Basgiath, a Mira não me olha de cima a baixo para ver se estou ferida. Olha-me diretamente nos olhos. — Desculpa. Desiludi-te e prometo que não vai voltar a acontecer. — Os lábios contorcem-se no espectro de um sorriso. — Vocês roubaram mesmo metade dos cadetes de Basgiath? E mataram o vice-comandante?

— O Dain matou o vice-comandante. Eu só acabei o trabalho. Bem, o Xaden ajudou. Foi um trabalho de equipa, na verdade — admito, a abanar a cabeça para pôr as ideias em ordem. — Sabias? Quando eu te tentei contar, disseste que eu precisava de dormir mais, tu *sabias*? — A ideia de ela a tentar convencer-me de que estava tudo na minha cabeça, se ela já sabia, é insuportável.

— Eu não sabia. Juro que não sabia. — Os olhos castanhos bem abertos perscrutam os meus. — Só fiquei a saber quando uma serpe foi depositada nos portões da frente de Samara. A mãe chegou cerca de dez horas depois e disse-me a verdade... disse a verdade *a todos os cavaleiros*.

Eu pestanejo para aliviar o choque.

— Ela... contou-te... assim sem mais nem menos.

— Sim, contou. — O queixo da Mira baixa-se quando ela assente com a cabeça.

— Provavelmente percebeu que não tinha como mentir depois de vermos uma serpe gigante morta à nossa frente.

E nós já vínhamos a caminho daqui.

— *Xaden*. — Tento contactá-lo, não porque eu não confie na minha irmã, mas porque confio ainda mais nele.

— *Se ela disse que a tua mãe confessou, está a dizer a verdade. Estamos a chegar à cidade com os extraviados.*

— E deixou-vos simplesmente virem embora? Quarenta cavaleiros? — Eu recuo do abraço e faço sinal para os dragões empoleirados nos muros à nossa volta. Eles nunca iriam deixar que dezenas de cavaleiros desertassem.

— Deu-nos uma hora para nos decidirmos e metade de nós decidiu partir. Encontrámos outros cavaleiros pelo caminho que tinham recebido o mesmo ultimato. A chefia chegou à conclusão de que deixarem-nos partir era mais seguro do que deixarem que ficássemos e convencêssemos os outros a sair ou, pior, deixássemos escapar informação. Além disso, a escolha não foi bem nossa, não é? — A Mira relanceia para o Teine.

Algo... não bate certo. Porque haveriam a mãe e o Melgren de deixá-los ir... assim de repente?

— Eu acho que ela sabia que eu encontraria... — Ela olha por cima do meu ombro e fica paralisada, depois começa a tremer com as pupilas esgazeadas.

— Mira? — Eu viro a cabeça para a casa e vejo exatamente o que a abalou.

O Brennan apressa-se a descer as escadas, com o rosto a dobrar-se num sorriso que não consigo deixar de emular. Estamos aqui os três e não há palavras para a sensação de completude deste momento. Sinto os olhos a

humedecer-se e pestanejo para conter a emoção agridoce de alegria que ameaça avassalar-me.

Finalmente estamos juntos.

— Brennan? — crocita a Mira, e eu recuo dois passos para lhes dar espaço. — Como?

— Olá, Mira. — Ele está a menos de quatro metros de distância e o sorriso torna-se mais largo.

— Estás vivo? — Ela cambaleia para a frente a abanar a cabeça. — Ao fim de... Quer dizer... Passaram *seis anos*, e tu estás... *vivo*?

— Em carne e osso. — Ele abre os braços. — Deuses, é tão bom verte.

Ela recua o punho e dá-lhe um murro em cheio na cara.

O sangue da vida dos seis e de um em conjunto incendiou a pedra numa
chuva de ferro.

— O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELA CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO XXXIX

Tanto. Sangue.

— Vá ao salão e diga ao Ridoc Gamlyn que eu preciso de gelo já! —
grito para o guarda quando passamos pela entrada.

— Eu estou bem! — consegue dizer o Brennan para o lado do lenço que
está a estancar o rio de sangue que lhe está a tentar escorrer pelo rosto. Testa
a cartilagem e encolhe-se. — Caramba, Mira, acho que o partiste!

— Eu ouvi um estalo bem evidente. — Olho furiosa para a minha irmã
por cima do ombro quando entramos no escritório onde temos a aula de
História. Está pronto para receber os cadetes, com uma dúzia de cadeiras em
volta de uma mesa construída à pressa.

— É o que mereces — grita a Mira, a afastar o guarda que tenta detê-la.
— Foda-se, não me toque.

— Deixe a minha irmã em paz — ordena o Brennan, a sentar-se na
ponta da mesa. — É um problema de família.

— Família? A família não deixa que uns irmãos pensem que outro está
morto há seis anos. — A Mira encosta-se à parede à minha direita,

colocando-me precisamente entre os dois. — A única família nesta sala sou eu e a Violet.

— Mira... — começo.

— Tenente-coronel? — interrompe o Ulices, a abrir caminho por entre os guardas, e, desta vez, os olhos não se semicerram em mim.

— Tenente-coronel? — A Mira olha do Ulices para o Brennan e cruza os braços à frente do peito. — Pelo menos fazeres de morto durante seis anos valeu-te uma patente.

O Brennan lança-lhe um olhar antes de se virar para o Ulices.

— Eu estou bem. Acalmem-se todos. Já tive lesões piores a fazer treino de combate.

— Não seria a primeira vez que eu lhe partia o nariz. — Assevera a Mira com um sorriso meloso para o Ulices, cujos olhos se semicerram na minha irmã.

Um guarda passa pelo Ulices e entrega-me um pano a envolver um pedaço de gelo grosso e eu nunca gostei tanto do sinete do Ridoc.

— Obrigada — digo-lhe. — E diga o mesmo ao Ridoc, por favor.

— Mobilize todos os cavaleiros que não estão atualmente em serviço para patrulharem os postos avançados tyrrenses o mais discretamente possível — ordena o Brennan ao Ulices. — Precisamos de saber se há mais cavaleiros a desertar ou se estão a dirigir-se para aqui, a preparar um ataque.

— Com todos os cavaleiros adicionais que temos — murmura o Ulices.

— Troca. — Eu também dou uma ordem ao Brennan, estendendo-lhe o gelo.

— E a nova revoada? — pergunta o Ulices. — Usamos o mesmo procedimento que adotámos quando os cadetes chegaram?

— O Riorson responde por eles, de acordo com o Marbh, mas certifique-se de que os dragões também o fazem. Leve-os a todos para o vale. — O Brennan assente com a cabeça e o sangue pinga-lhe do queixo.

Que nojo!

— Troca — volto a dizer, a brandir o gelo para que ele o veja.

O Ulices relanceia para a Mira.

— Tem a certeza...

— Eu sei como lidar com a minha própria irmã — assegura-lhe o Brennan.

— Não tenhas tanta certeza disso — riposta a Mira, a levantar uma sobrançelha quando o Ulices sai da sala, deixando a entrada vazia, mas vigiada por fora.

— Não acredito que me deste um murro — murmura o Brennan. — Sabes a dificuldade que é reparar-me a mim próprio? A ti, sem problema. Fazê-lo a mim próprio? Uma chatice do caracas.

— Oh, chora um bocadinho por mim, irmãozinho. — A Mira amarfanha o rosto a gozar com ele. — Como nós chorámos por ti, sabes?

E, de repente, sinto que tenho dez anos de novo e a personalidade mais pequena numa sala de gigantes.

— Eu sabia que não irias compreender. — O Brennan ergue o dedo na direção da Mira e estremece. — Merda, vou ter de corrigir a cartilagem.

— Compreender? Compreender que tu nos deixaste queimar as tuas coisas?

— Eu já tive esta discussão com ele — asseguro-lhe.

— Vamos ver a nossa mãe a tornar-se uma sombra dela própria? — continua ela, a falar por cima de mim. — Vamos ver o coração do nosso *pai* a desistir porque a tua morte deu cabo dele? — A Mira afasta-se da parede e eu levanto uma mão com a palma virada para fora, como se tivesse alguma possibilidade de a impedir se ela decidir bater-lhe de novo.

— Talvez eu não tenha ido *tão* longe. — Não que ela não esteja a dizer a verdade, mas, *caramba*, está a ser dura.

— O pai compreenderia o que eu tenho estado a fazer. — A voz do Brennan fica mais nasal quando ele estanca o sangue.

— Importas-te de trocar de pano? — pergunto já com água a pingar-me do pulso e a cair no chão de pedra.

— Quanto à mãe. — O Brennan levanta-se. — Eu espero que o raio da minha morte a persiga todos os dias. Parecia que estava mortinha por sacrificar a minha vida por causa de uma *mentira*.

— Isso não é justo! — atira a Mira. — Posso não concordar com o que ela fez, mas compreendo que ela tenha pensado que era a melhor maneira de nos manter em segurança.

— De *nos* manter em segurança a nós? — Os olhos do Brennan semicerram-se. — Tu não foste morta!

Eles estão a gritar um com o outro como se eu não estivesse sequer *aqui*. Sim, transformei-me definitivamente na irmã mais nova que não se atreve a abrir o bico.

— Tu também não! — grita ela. — Escondeste-te aqui como um cobarde em vez de ires para casa quando precisámos de ti! — Faz sinal para mim. — Escolheste estranhos em detrimento das tuas irmãs!

— Eu escolhi o melhor para o Continente!

— Oh, que merda é esta! Parem com isso! — grito, calando-os a ambos. — Mira, ele tinha acabado de ser nomeado tenente e o que está feito está feito. — Viro-me para o Brennan e espeto-lhe o gelo na mão. — Brennan, põe o caralho do gelo na cara antes de manchares o chão, teimoso de merda!

O Brennan leva o gelo devagar para o nariz, olhando para mim como se nunca me tivesse visto antes.

— E pensar que eu costumava desejar ter irmãos — diz o Xaden à entrada, encostado descontraidamente à ombreira da porta, como se estivesse a observar-nos há um bom minuto.

Toda a vontade de discutir dentro de mim se transforma em puro alívio e dirijo-me imediatamente para ele, com cuidado para não escorregar nos salpicos de sangue do Brennan espalhados por todo o lado.

— Olá.

— Olá — responde o Xaden, a enrolar-me o braço na cintura e a puxar-me para ele.

A minha pulsação saltita como uma pedra atirada para um lago enquanto eu absorvo cada detalhe do Xaden. Não tem feridas nem escoriações no rosto, mas quem sabe o que se passa debaixo das peles de voo.

— Estás bem?

— Agora estou. — A voz dele amolece para aquele tom que ele só usa comigo, enfraquecendo-me os joelhos quando baixa a boca em direção à minha, dando-me todo o tempo do mundo para protestar.

Não o faço.

Ele beija-me devagar, com suavidade, e eu ponho-me em bicos de pés para me aproximar e fechar-lhe as mãos em concha nas faces com barba curta.

Só isto já faz com que tudo valha a pena. O mundo poderia desintegrar-se à nossa volta e eu não tenho a certeza de que reparasse — ou de que me preocupasse — desde que o tivesse nos meus braços.

— A sério? — observa o Brennan. — Mesmo à minha frente?

— Oh, isto não é *nada* para eles — responde a Mira. — Espera até eles decidirem basicamente trepar para cima um do outro num lugar público. Não consegues *apagar* essas merdas da cabeça, acredita.

Eu sorrio para o beijo do Xaden e ele aprofunda a pressão, mas, para minha decepção, mantém a língua bem atrás dos dentes. Afasta os lábios dos meus sem vontade, mas há promessa mais do que suficiente nos olhos dele para me esquentar o sangue.

— Então, o que é que os irmãos Sorrengail vão fazer agora que estão todos reunidos? — pergunta o Xaden, a levantar a cabeça para olhar para a minha família.

— Vamos dar uma valente sova ao meu irmão — responde a Mira com um sorriso.

— Sobreviver — aponta o Brennan.

Eu deixo as mãos cair do rosto do Xaden, depois olho de relance para o meu irmão e a minha irmã. Tudo o que amo verdadeiramente e todas as

pessoas sem as quais não posso viver estão aqui e, pela primeira vez na minha vida, posso protegê-los.

— Preciso do sangue dos seis cavaleiros mais poderosos.

As sobrancelhas do Brennan disparam e o nariz da Mira enruga-se como se tivesse acabado de beber leite estragado.

— De sempre? Ou vivos atualmente? — pergunta o Xaden sem sequer pestanejar.

— Porquê? — pergunta o Brennan com água a pingar-lhe do pulso.

— Aqui presentes, penso eu — respondo ao Xaden. Depois, viro-me para os meus irmãos e respiro fundo. — Eu sei como levantar as guarnições.

Nove de nós — a Assembleia, o Bodhi e eu — saímos pela porta dos fundos da Casa dos Riorson cinco horas depois e seguimos o caminho aberto na cumeada mais acima, subindo o trilho em pares.

— Tem a certeza disto? — pergunta o Ulices ao meu irmão quando seguem à minha frente e do Xaden.

— A minha irmã tem a certeza, o que é suficiente para mim — responde o Brennan.

— Sim, claro, vamos lá perder o nosso tempo a fazer as vontades de uma cadete — diz a Suri de onde caminha com a Kylynn.

— Uma cadete que é capaz de levantar as guarnições — replica o Xaden.

Sem pressão.

A tremer, ponho as mãos nos bolsos do casaco de voo para afastar o frio quando o Sol se põe atrás da montanha. Por fim, o trilho torna-se plano e aproximamo-nos de um par de guardas sisudos que se afastam para o lado para que possamos passar e seguir o caminho de gravilha que dá para a

vertente da montanha e se transforma num desfiladeiro artificial aberto para o céu.

As luzes mágicas tremeluzem ao passarmos pelo abismo e o meu estômago alvoroça-se de energia nervosa. Não, é apreensão. Não... energia nervosa. Seja o que for, ainda bem que não jantei.

— Deveríamos estar a aproveitar este tempo para discutir as negociações com o Tecarus, já que estamos todos aqui. — O Ulices olha vincadamente para o meu irmão.

— Chegou hoje uma missiva. Ele quer que vamos em seu auxílio sempre que formos chamados — diz o Brennan. — Primeiro, teremos de armar os bandos costeiros e ele diz que nos deixa trazer o luminar para Aretia...

— Não vai deixar — interrompe o Xaden.

— ... se puder ver a Vi a manipular — conclui o Brennan.

— Parece que vamos ter de procurar outro luminar, porque ele vai conhecer Malek antes da Violet — diz o Xaden naquele tom calmo e glacial que ele usa quando já tem uma decisão tomada. — A menos que estejas ansioso por não voltares a ver a tua irmã. Ele vai ficar com ela como uma arma. Ambos o sabemos perfeitamente.

— Posso convencê-lo a esquecer qualquer ideia desse tipo. — O maxilar do Brennan lateja.

— Se houvesse outro luminar, já estaríamos a negociá-lo, não? — replica a Kylynn.

— Então, ofereça-lhe um arsenal inteiro, porque a Violet não vai ser negociada com ninguém. — O Xaden olha para trás e lança-lhe um olhar fulminante.

— *Eu não me importo de ir.* — Os nossos ombros roçam um no outro quando o caminho se afunila e as paredes do desfiladeiro se tornam ainda mais altas à nossa volta. — *Vocês estão a precisar.*

— *Importo-me eu. A resposta é não. Há sempre outra forma.*

Ainda bem que estamos prestes a tecer guarnições. Não resolve o nosso problema de proteção de Poromiel, pelo menos enquanto não formos capazes de construir extensões como a de Navarre, mas, pelo menos, toda a gente estará em segurança.

Ao fim de cerca de seis metros, o desfiladeiro abre-se numa câmara redonda que poderia facilmente albergar os nossos dez dragões e os meus olhos são imediatamente atraídos para cima, onde uma série de runas conduz ao céu.

— *Como é que eu nunca vi isto ao voar lá por cima?*

— *Runas de encobrimento muito velhas e muito complicadas.*

Os cavaleiros à nossa frente separam-se e a pedra de proteção aparece-nos à frente.

Eu entreabro os lábios, porque... uau.

O pilar preto reluzente tem o dobro do tamanho do Xaden e seria preciso que nós os nove déssemos as mãos para a rodearmos. Tem uma longa série de círculos esculpidos no centro, cada um deles enleado no outro e com uma runa gravada ao longo da linha. É quase o mesmo padrão das páginas do diário de Warrick.

Avanço na direção da pedra e observo cada detalhe.

— É ónix? — pergunto ao Xaden. É *enorme*. Demasiado pesada até para um dragão. Só pode ter sido esculpida aqui.

— Não podemos ter a certeza, mas o meu pai achava que era de ferro polido — responde ele.

Chuva de ferro. O meu coração sobressalta-se. É mesmo isto. Estamos prestes a ter guarnições.

— Vamos lá tratar disto. — A voz do Ulices ressoa na câmara e ecoa nas paredes de pedra.

— E o que é que vamos fazer exatamente para erguer as guarnições? — pergunta o Bodhi, colocando-se do meu outro lado quando toda a gente forma um meio círculo em redor da pedra.

— Um segundo. — Retiro o diário do Warrick da bolsa de pele protetora que tenho no interior do meu casaco de voo e folheio-o até chegar ao pergaminho traduzido que deixei no excerto, antes de levantar a cabeça para a pedra para comparar os desenhos. O símbolo que o Warrick desenhou não é idêntico, mas tem as runas nas mesmas posições, o que é bom sinal. — Cá vamos nós. «E nós reunimos os cavaleiros mais poderosos presentes» — leio do pergaminho — «e o sangue dos seis e de um em conjunto incendiou a pedra numa chuva de ferro.» — Olho em volta da fila. — Seis — aponto para a pedra — e um.

— Quer que nós vertamos sangue para a pedra? — pergunta o Felix, com as sobancelhas prateadas a levantar-se.

— Estou só a dizer-vos como o Warrick e os Primeiros Seis fizeram. — Levanto o diário. — A menos que haja mais alguém aqui capaz de traduzir lucerano antigo.

Ninguém diz nada.

— Certo. — Baixo o queixo e estudo o resto da tradução.

— Pelos nossos melhores cálculos — diz o Brennan, a esfregar as mãos para se manter quente —, os seis cavaleiros mais poderosos atualmente em Aretia são o Xaden, o Felix, a Suri, o Bodhi, a Violet e eu.

— Parece que há algo a dizer sobre as linhagens familiares — aponta a Suri.

— De acordo com o Warrick, os Primeiros Seis sangraram a vida... — começo.

Todas as cabeças se viram na minha direção.

— Não me parece que isso signifique a morte — esclareço rapidamente. — É claro que os seis continuaram vivos depois de construírem as guarnições de Basgiath. — Ouço um suspiro de alívio coletivo à minha volta. — Com sorte, será um rápido corte na palma da mão, pousaremos as mãos na pedra de proteção e deveremos ter guarnições.

— Numa chuva de ferro — diz o Bodhi devagar.

A Suri pega num punhal da ilharga.

— Vamos lá despachar disto.

Avançamos os seis para a pedra de proteção e eu enfio o diário no casaco de voo.

— Em qualquer lugar? — pergunta o Bodhi, a baixar o punhal dele para junto a da palma da mão.

— O diário não especifica. — O Brennan passa o punhal por cima da palma da mão e leva a mão à pedra. Nós imitamo-lo.

A esperança incha-me o peito, eleva-me a pulsação e eu inspiro entre dentes cerrados com a pontada de dor que sinto ao cortar a pele. O sangue começa a sair e eu pouso a palma da mão na pedra, alinhada com as dos outros. É mais fria do que eu estava à espera, e o calor evapora-se da minha mão juntamente com o sangue que escorre pela superfície preta e reluzente da pedra.

A pedra parece gelada. Sem vida. Mas não por muito tempo.

Olho para toda a fila para me assegurar de que toda a gente tem as palmas das mãos encostadas à pedra e vejo seis fluxos estreitos de sangue a serpentear pelo ferro abaixo.

— Está a funcionar? — pergunta o Bodhi, a sangrar a pouco mais de meio metro de mim.

A minha boca abre-se, mas eu fecho-a rapidamente.

Ninguém responde.

Vá lá, suplico à pedra, como se fosse capaz de lhe dar vida só com o raio da força de vontade.

Não sinto nenhuma vibração, nenhuma sensação de energia... nada a não ser uma pedra fria e preta. Não tem nada que ver com a sensibilidade que temos quando nos aproximamos das guarnições dos postos avançados, nem sequer quando temos um punhal com cabo de liga na mão.

Não se sente... nada.

Primeiro, cai-me o estômago, depois o coração, e, por fim, são os ombros e a cabeça que baixam.

— Para mim, chega. — A Suri retira a mão da pedra. — Se vocês quiserem, podem ficar aqui a sangrar a noite inteira, mas é claro que isto não está a funcionar.

Não, não, *não*.

O Felix, o Brennan e o Bodhi baixam as mãos.

O fracasso atravanca-me a garganta, deixando-me um sabor amargo na boca. Fiz tudo *bem*. Pesquisei, li e roubei uma fonte primária. Traduzi e revi. Esta deveria ser a solução. É a única coisa em que tenho trabalhado há meses, fundamental para dar segurança a toda a gente.

Teremos usado o sangue dos cavaleiros errados? Há mais algum elemento para a magia que eu não detetei? Algo mais do que sangue? O que é que me falta?

— Violência — diz o Xaden em voz baixa.

Devagar, viro a cabeça para olhar para ele, à espera de desilusão ou censura, mas sem as encontrar nos olhos dele. Mas também não vejo pena.

— Fracassei — sussurro, com a mão a cair.

Ele olha para mim por um momento, depois mais um pouco, antes de também deixar cair a mão.

— Vais tentar de novo.

Não é uma ordem, apenas um facto.

— Violet, eu posso... — começa o Brennan a estender a mão para a minha.

Eu abano a cabeça e olho para o sangue que se acumula na palma da minha mão. Se ele reparar um corte tão recente, duvido que deixe cicatriz. Nem sequer terei isso para mostrar pelos últimos três meses de trabalho.

O som de algo a rasgar enche o espaço e o Xaden enrola-me um pedaço do uniforme na mão e aperta bem para estancar a ferida.

— Obrigada.

— Vais tentar de novo — repete ele, enrolando outro pedaço de pano em volta da mão dele.

Eu assinto com a cabeça e ele vira-se para falar com a Kylynn, mantendo a voz baixa.

— Agora podemos, *por favor*, discutir um plano para obtermos o luminar? — O tom da Suri sobe com a irritação.

Eu fico a olhar para a pedra marcada com sangue, à procura de respostas, que ela não me dá.

— É uma magia perdida — diz o Bodhi, a aparecer ao meu lado. Esfrega o polegar na mão acabada de reparar sem uma cicatriz. — Talvez haja uma razão para esta pedra nunca ter funcionado. Talvez tenha algum defeito.

Envolto a assentir com a cabeça, incapaz de falar. O Bodhi. O Xaden. A Mira. A Rhi. O Brennan. O Ridoc. O Sawyer. A Imogen... A lista de pessoas que desiludi é interminável. Só estamos aqui porque eu insisti com os meus amigos para que roubássemos o diário e depois... nada? Sinto uma centelha de raiva no peito e a energia a assomar e a esquentar-me a pele.

Eu não *falho*. Nunca falhei em nada na vida. Bem, houve aquela primeira sessão de orientação em terra do CSC, mas não conta. Isso foi toda a gente. Aqui sou *eu*.

— Ofereça ao visconde o dobro das armas que ele pediu — diz o Ulices, a voz a desaparecer juntamente com o som dos passos.

— Vou enviar a missiva amanhã — promete o Brennan, enquanto os outros saem da câmara.

Não temos guarnições. Não temos armas. Não temos quase nenhum cavaleiro experiente. Tudo porque eu fui imprudente.

A energia cresce e vibra-me nas pontas dos dedos.

O Felix coloca-se ao meu lado, com o olhar sombrio a estudar-me antes de me estender a mão.

Eu pestanejo, a olhar para a palma da mão dele e depois para o rosto.

— A sua mão. — Ele levanta a sobrancelha.

Eu estendo a mão ferida e, em vez de me tocar, ele inclina a cabeça e observa a tremedeira ligeira dos meus dedos.

— Creio que é melhor começarmos amanhã. — Suspira. — Esqueça a corrida. Vamos treinar o seu sinete. — Os passos pesados das botas ecoam na câmara e eu viro-me e vejo-o a sair, o olhar fixado nos traços tensos da boca do Xaden, que a Kylynn repreende com palavras baixas, enquanto as luzes mágicas se refletem no aço do machado de guerra que ela tem amarrado às costas.

O Xaden tinha razão. A guerra precisa de armas.

— *Leva-me ao Tecarus* — exijo.

O olhar dele voa ao encontro do meu e o maxilar lateja.

— *Preferia morrer.*

— *Vamos morrer todos se não me levares.*

— *Não vai acontecer. Assunto encerrado.* — Ele cruza os braços à frente do peito e volta para a discussão com a Kylynn.

Que se foda.

Passo diretamente por ele e sigo o caminho para fora da câmara. Não vou deixar os meus amigos indefesos de maneira nenhuma sendo eu a razão por que foram arrastados para isto.

— Violet! — grita o Brennan, a correr para me alcançar.

— Deixa-me em paz — disparo para o meu irmão.

— Com a expressão que tens no rosto? Não me parece.

— Que expressão? — Olho para ele com cara de poucos amigos, embora saiba que a culpa não é dele.

— A mesma de quando tinhas oito anos e ficaste a olhar para a mãe durante doze horas seguidas por causa de um prato de abóbora.

— Desculpa? — As rochas estalam sob os nossos pés à medida que avançamos pelo caminho para a Casa dos Riorson.

— Doze. Horas. — Ele assente com a cabeça. — O pai disse-lhe para te deixar ir para a cama, que não ias comer, e a mãe disse que não ias dormir enquanto não o fizesses.

— Onde é que queres chegar?

— Quando eu acordei na manhã seguinte, a mãe e o pai estavam a dormir em cima da mesa e tu estavas a comer pão e queijo. Eu conheço essa cara, Violet. Quando tu te convences de uma coisa, és mais obstinada do que nós todos juntos, por isso não, não te vou *deixar em paz*.

— Está bem. — Encolho os ombros. — Podes ser o irmão que vai por arrasto por uma vez. — Ao fim de poucos minutos, estamos a entrar na porta das traseiras vigiada da Casa dos Riorson e a caminhar pela rede de corredores que conduzem ao corredor principal. — *Tairn*.

— *Oh, isto vai ser divertido* — responde a Andarna.

Sinto o suspiro do Tairn muito antes de o ouvir.

— *Sabes que é a única forma*. — Uma esquina depois, entramos no barulho avassalador do salão. Mesas compridas com pernas tipo cavalete estão alinhadas no espaço e o meu olhar passa por cada uma, contorna a que alberga a minha esquadra e fixa-se na mesa dos cavaleiros que chegaram hoje.

— *Vou pensar nisso* — diz o Tairn em contrariada concordância.

— *Obrigada*. — Passo por entre o mar de preto com o Brennan no meu encalço e finco os olhos na Mira ao aproximar-me do topo da mesa onde ela está sentada com os amigos.

— Violet? — Ela baixa o olhar para a minha mão ligada antes de pousar a caneca de peltre.

— Preciso da tua ajuda.

A sua primeira ação de rebelião foi procurar aliados, o primeiro dos quais foi o visconde Tecarus da província poromielana de Krovla.

— A REBELIÃO TYRRENSE, UMA HISTÓRIA PROIBIDA

DO CORONEL FELIX GERAULT



CAPÍTULO XL

O Xaden rejeitou a minha segunda tentativa de o convencer a ir para Cordyn como um idiota demasiado protetor e eu levei-o de bom grado para a cama, satisfeita com os meus próprios planos. Ele desapareceu de novo para ir à procura de desertores de Navarre antes de eu acordar de manhã.

Se não o sentisse nos lábios inchados e em todos os músculos doridos do corpo, tenderia a pensar que sonhei que ele tinha voltado ontem.

Creio que este é o nosso novo normal.

— Então? — O Felix cruza os braços à frente do peito largo e levanta uma sobrancelha grisalha na minha direção.

Estamos em pé entre os nossos dragões, trezentos metros acima do renque de árvores mais próximo na vertente de uma montanha em forma de taça, a dez minutos de voo do vale acima de Aretia, e o vento frio com aroma de neve fustiga-me as faces.

— Aquelas rochas? — Aponto para três rochas empilhadas do outro lado da cumeada quando o Tairn se agita e a neve lhe estala debaixo das garras.

— Ajudaria se eu as pintasse?

Eu contendo-me para não revirar os olhos.

— Não, é só porque o professor Carr nunca quis saber para onde eu apontava desde que aumentasse o número de relâmpagos por hora. — Enrolo os ombros e abro os portões para o poder do Tairn, que sinto a percorrer-me as veias e a esquentar-me a pele.

O Felix olha para mim como se me tivesse crescido outra cabeça.

— Bem, acho que vamos ver até onde essa técnica nos levou.

— Consigo manipular vinte e seis numa hora num dia bom e já cheguei a mais de quarenta, mas o último relâmpago fendeu uma montanha e... — A memória tolhe-me a língua.

— E por pouco não foi queimada viva? — pergunta ele. — Por amor de Malek, porque é que haveria de fazer um esforço tão acima do seu limite?

— Foi um castigo. — Eu levanto os braços quando o poder se intensifica e se faz vibração esquentante.

— Porquê? — Ele olha para mim com uma expressão que me vou coibir de chamar compaixão.

— Ignorei uma ordem direta para poder proteger o meu dragão-fêmea. — O calor começa a esquentar e eu dobro as mãos e deixo o relâmpago sair.

O céu nublado abre-se e o relâmpago cai sobre o outro lado da montanha, batendo muito acima do renque de árvores, a uns bons quatrocentos metros das rochas.

O Felix pestaneja.

— Tente de novo.

Convoco o poder do Tairn e repito o processo, deixando que a energia me inunde, transborde e irrompa para lançar um novo relâmpago, que cai entre o primeiro e as pedras empilhadas. O orgulho curva-me os lábios. O ritmo não foi mau. Foi um relâmpago bastante rápido depois do primeiro.

Mas, quando olho para o Felix, ele não está a sorrir. Devagar, arrasta o olhar espantado em direção ao meu.

— Que merda foi essa?

— Consegui fazer isto em menos de um minuto depois do primeiro relâmpago! — riposto.

— E se aquelas rochas fossem manipuladores de magia negra estaríamos ambos mortos nesta altura. — O espaço entre as sobrancelhas dele franze-se. — Tente outra vez. E, desta vez, vamos tentar a tática revolucionária de apontar, está bem?

O sarcasmo do Felix alimenta-me a frustração e liberto mais um relâmpago, que cai entre nós e as rochas.

— Até me admira que ainda não se tenha atingido a si própria — murmura ele, a esfregar a cana do nariz.

— Não consigo apontar, está bem — disparo, zangada e a repensar a ideia de que ele e a Trissa, a pequena e calada, eram os membros simpáticos da Assembleia.

— De acordo com os relatórios escritos sobre Resson, consegue — replica ele, com a voz cava a elevar-se na última palavra. — É capaz de apontar suficientemente bem para acertar num manipulador de magia negra em cima de uma serpe voadora.

— Isso foi porque a Andarna parou o tempo, mas já não é capaz, por isso resta-me o que nos ajudou a ultrapassar a outra parte da batalha: o método de lançar os relâmpagos e ter fé nos deuses.

— E não duvido de que, num campo com tantas serpes, tenha conseguido fazer danos por pura sorte. — Ele suspira. — Explique-me como apontou aquele último relâmpago em Resson.

— Eu... é difícil explicar.

— Tente.

— Puxei-o. Penso eu. — Enrolo os braços na cintura para me proteger do frio. Normalmente, por esta altura estaria a aquecer, deixaria de sentir os dedos dos pés e começaria a perder a sensibilidade. — Eu libertei o relâmpago, mas arrastei-o para onde queria enquanto a Andarna parava o tempo.

— E relâmpagos menores? — Ele vira-se completamente para me olhar de frente e as botas estalam na gravilha debaixo de nós. — Como esses que

lhe fluem das mãos?

Que caralho? O meu rosto deve dizer o mesmo porque ele abre mais os olhos.

— Está a dizer-me que só manipulou relâmpagos completos — aponta para cima — do céu? Que começou a lançar raios e nunca apurou a sua aptidão?

— Eu derrubei um penhasco em cima de um colega da escola, que não o matou, e, a partir de então, a preocupação do professor Carr foi a dimensão e a frequência. — Levanto as mãos entre nós. — E os relâmpagos caem do céu, não das minhas mãos.

— Maravilhoso. — Ele ri-se; e o som é profundo e... enfurecedor. — Manipula aquele que é talvez o sinete mais devastador do Continente, mas não sabe nada sobre ele. Nada sobre os campos de energia que o alimentam. Em vez de lançar o seu poder como uma seta, ou seja, com peso, medida e precisão, está só a atirá-lo para onde calha, como óleo a ferver, na esperança de acertar em alguma coisa. E os relâmpagos caem do céu ou irrompem do chão dependendo da tempestade, portanto, porque não das suas mãos?

A raiva cora-me a pele, eleva-me a temperatura, formiga-me os dedos e faz o poder dentro de mim ressoar com estrondo.

— É vista como a cavaleira mais poderosa do seu ano, talvez de toda a sua geração, mas não passa de um espetáculo de luzes pretensioso...

O poder irrompe e o relâmpago acende-se tão perto de nós que lhe sinto o calor.

O Felix olha para a direita, onde uma marca de queimado ainda fumega a pouco mais de cinco metros de distância.

Foda-se. A vergonha toma conta de mim, sobrepondo-se aos últimos vestígios de raiva.

— E não só não consegue apontar como não tem controlo — diz ele sem hesitar, como se eu não nos tivesse quase incinerado.

— Eu consigo cont...

— Não. — Ele baixa-se para o saco que tem aos pés e começa a vasculhá-lo. — Não era uma pergunta, Sorrengail. Era um facto. Com que frequência é que *isso* acontece?

Sempre que estou zangada. Ou nos braços do Xaden.

— Com frequência de mais.

— Pelo menos encontrámos algo com que concordamos. — Ele levanta-se e estende-me alguma coisa. — Tome.

— O que é? — Eu olho para a oferta e tiro-lha com cuidado da mão estendida. A esfera de vidro cabe-me confortavelmente na palma da mão e as faixas de metal prateado com gravações decorativas que a dividem em quartos parecem ser a parte de cima e a de baixo, onde um medalhão prateado de liga do tamanho de um polegar está pousado em pé dentro do vidro.

— É um canal — explica o Felix. — Os relâmpagos têm várias fontes, mas o Tairn canaliza o poder dele por *si*. Isso faz de si o recipiente. A passagem. Digamos que é a nuvem, à falta de melhor termo. Porque é que acha que consegue manipular a partir de um céu azul? Nunca se apercebeu de que tem mais facilidade em manipular durante uma tempestade, mas que é capaz de fazê-lo em ambas as circunstâncias?

— Nunca pensei nisso. — Sinto os dedos a formigar quando tocam nas faixas de metal.

— Nunca a *ensinaram*. — Ele faz sinal para a encosta da montanha. — A sua falta de pontaria e de controlo não é culpa sua. É do Carr.

— O Xaden só movimenta sombras que já existem — aponto, a tentar conter o afluxo de emoções que temo que leve a mais um relâmpago embaraçoso.

— O Xaden é capaz de controlar e aumentar o que já existe. É por isso que é mais poderoso à noite. Não há dois sinetes iguais, e a Sorrengail cria algo que não existia antes. Manipula um poder bruto que assume a forma de relâmpagos porque é aquilo que se sente mais confortável a moldar. Pelos vistos, o Carr também nunca lhe ensinou isso.

— E porque não? — Eu olho da esfera para o Felix quando começam a cair levemente os primeiros flocos de neve. — Se eu era a melhor arma?

Ele curva um canto da boca num sorriso seco.

— Conhecendo o Carr, diria que ele morre de medo de si. Afinal, acabou de lhes tirar metade dos cadetes sem um plano sequer. Foda-se, acabou com Basgiath por causa de um mero capricho. — Desta vez, o riso dele é mais de incredulidade do que de escárnio, mas não deixa de me cair mal.

— Não fui eu que fiz isso. — Os meus dedos enrolam-se em redor da esfera. — Foi o Xaden.

— O Xaden perseguiu serpes sem cavaleiros, depositou-as na porta da frente do Melgren e expôs o maior segredo de Navarre aos postos avançados fronteiriços antes do meio-dia — concorda o Felix. — Mas foi a Sorrengail quem pediu que ele desse uma escolha aos cadetes. Naquele momento, manipulou-o a *ele*, que é o nosso herdeiro pretensamente inflexível, intransigente e obstinado.

— Eu não fiz nada disso. — A energia ferve e eu enrolo os ombros quando me vibra pelos membros e se acumula até um ponto de rotura. — Eu apresentei uma opção humana e ele aceitou-a. Fê-lo para o bem dos outros cadetes.

— Fê-lo por si — diz o Felix calmamente. — As serpes, a exposição, a invasão de Basgiath, o roubo de metade dos cavaleiros. Tudo por si. Porque é que acha que a Assembleia a queria confinar em julho? Eles viram o que a Sorrengail era. Neste sentido, creio que é tão perigosa para Aretia como para Basgiath, não é? O nosso poder não reside apenas nos nossos sinetes.

— Não sou poderosa só por ele me amar. — O sabor amargo do medo enche-me a boca por um instante antes de o poder se soltar, estalar dentro de mim como um chicote, mas não produzir nenhum relâmpago. Pelo menos no céu.

Pestanejo para a esfera reluzente e depois fico maravilhada a olhar para o fluxo de relâmpagos que corre entre o meu dedo indicador encostado à faixa de metal e o pingente de liga no interior. O clarão desaparece um instante depois.

— Não. É poderosa e ele ama-a, o que é ainda pior. O seu poder está demasiado amarrado às suas emoções — aponta o Felix. — Isso vai ajudar. Não é uma solução permanente, mas manterá as pessoas em Aretia a salvo dos seus humores por enquanto.

— Não compreendo. — E não consigo tirar os olhos da esfera, como se o relâmpago minúsculo fosse reaparecer a qualquer segundo.

— As runas gravadas no condutor foram urdidas para atrair uma energia específica. Eu urdi essas runas especificamente para si, da última vez que aqui esteve, mas foi forçada a partir antes de eu a poder ensinar a usar a esfera. Cheguei a ter esperança de que não precisasse dela, mas, para dizer a verdade, parece que o Carr não mudou muito nos seis anos que eu estive fora.

— Runas? — repito como um pássaro, a olhar para os traços gravados.

— Sim. Runas. Poder manipulado urdido para fins específicos. — O Feliz exala devagar. — O que não lhe diz nada porque Basgiath não ensina as runas tyrrenses, ainda que a puta da escola tenha sido *construída* em cima delas. Acho que vamos pedir à Trissa para ministrar essa aula. É o membro da Assembleia que tem mais paciência.

Eu disparo o olhar da esfera para o Felix.

— Isto... desvia o meu poder?

— De certa maneira. Eu construí-a como uma forma mais simples de impregnar energia na liga. Irá sugar-lha quando ameaçar avassalá-la ou quando decidir direcioná-la. Espero que seja — ele levanta as sobrancelhas — em quantidades pequenas e controladas. Treine esta semana. Tem de aprender a controlar esse poder, Sorrengail, ou continuará a ser uma ameaça para todos quantos a rodeiam. Deus queira que não esteja a voar no meio das nuvens com a sua esquadra da próxima vez que perder as estribeiras.

— Eu não sou uma ameaça.

— O que quer ser não altera o que é sem trabalho. — Ele pega no saco e coloca-o aos ombros. — Nunca chegou a aprender como começar por baixo, como o resto da sua esquadra, para depois avançar para os relâmpagos maiores e mais difíceis. Tem de dominar o básico que nunca

ninguém lhe ensinou. Relâmpagos pequenos e precisos. Pequenos laivos do seu poder em vez de — faz sinal para o céu — o que quer que isto seja, valha-nos Dunne.

— Eu não preciso de dominar relâmpagos pequenos e precisos. Preciso de ajuda *hoje* — defendo. — Precisamos que o Tecarus nos dê um luminar ou... — detenho-me.

— Ou a Sorrengail e o Xaden foderam todo o movimento naquele capricho que eu referi há pouco? — Ele levanta-me ambas as sobrancelhas.

— Algo desse género. Era muito mais fácil no ano passado, quando só tinha de me preocupar em manter-me viva a mim e não ao Continente inteiro. — E falhei.

— Bem, costuma-se dizer que, no segundo ano, ou vai ou racha. — O Felix profere a piada com um rosto sério, mas tem uma luz diferente nos olhos. — Quanto ao Tecarus, quer vê-la a manipular, não necessariamente vê-la a manipular *bem*. O seu maior obstáculo é convencer o Xaden a voar consigo, uma vez que me arrisco a dizer que ele não está a ceder na ideia de não a deixar ir. Ele já rejeitou essa possibilidade em julho. — Encolhe os ombros. — Mas estamos conversados por hoje. Vamos voltar a encontrar-nos daqui a uma semana e eu vou poder perceber pela quantidade de poder armazenado nessa liga se estive a treinar ou não. Armazene o suficiente e eu continuarei a ensiná-la.

— E se não armazenar? — Os meus dedos enrolam-se na esfera.

— Não vou — responde ele apenas por cima do ombro quando caminha em direção ao Cauda de Espada Vermelho dele. — Não estou interessado em perder tempo com cadetes que não querem ser ensinados quando há mais de cem que querem.

A marca de queimado atrás dele. As rochas intocadas. Os lugares arrasados do outro lado da cumeada. Todos eles me chamam a atenção. Ele tem razão. Eu sou um espetáculo de luzes com consequências mortais e a quantidade de vezes em que libertei a energia quando estava perto dos meus amigos, perto do Xaden... a minha garganta fica tensa. Eu sou a ameaça que toda a gente *pensa* que o Xaden é.

Ele pode ser uma arma, mas eu sou um desastre natural.

E já chega de deixar que as pessoas à minha volta sofram por eu não ser capaz de atinar.

— Eu quero aprender — grito-lhe para as costas. *Assim que eu voltar.*

— Ainda bem. Mostre-me.

— Tens a certeza acerca disto? — pergunta a Mira quando entramos no vale sob a Lua mais luminosa deste mês. Cada folha de erva está revestida do gelo que cai antes da aurora e reflete a luz como se se tratasse de joias reluzentes.

— Certeza é um termo relativo.

— Relativo até que ponto? — Ela levanta-me as sobrancelhas. — Porque o que estamos prestes a fazer pode ter umas consequências bem graves.

— Tenho a certeza de que esta é a única forma de podermos ser capazes de construir as armas de que precisamos. — Aperto o botão de cima do casaco de voo para afastar o frio do fim de outubro. — E tenho a certeza de que, se não nos dispersarmos, podemos estar de volta no máximo em dois dias. E tenho a certeza absoluta de que assim poderemos acabar com os ataques de grifos aos postos avançados de Navarre. Mas, se me perguntas se tenho a certeza de que não vamos falhar nem acabar como convidadas permanentes do visconde Tecarus, tenho de te dizer que não, não tenho.

— Bem, *eu* tenho a certeza de que o Xaden vai ficar furo quando descobrir que foste para lá sem lhe dizer nada — admoesta a Mira quando vamos a caminho dos nossos dragões.

— Sim, bem, o Xaden irá perdoar-me assim que perceba que podemos voltar a dar cabo dos venéficos. Só o estou a fazer desta forma porque ele se recusa a fazer o que é preciso só para me proteger.

— Para que saibas, só estou a fazer isto porque, mesmo que fizesse tudo o que me pedisses durante o resto das nossas vidas, continuaria sem

conseguir compensar-te por não ter acreditado em ti. A questão é que eu gosto do Xaden protetor. Fico menos preocupada contigo.

Estou com alguma saudade dos tempos em que ele me queria matar. Pelo menos nessa altura não insistia em *pairar*.

— E eu só estou a fazer isto para me assegurar de que ninguém morre — interrompe o Brennan à direita.

— Por favor. — A Mira solta um riso de escárnio. — Tu só estás aqui por causa da patente no teu uniforme.

— Nenhuma de vocês é capaz de negociar um acordo de armamento em nome da Assembleia. Vocês sabem ambas que isto pode correr muito mal, certo? — O Brennan põe as mãos nos bolsos das peles de voo.

— Há riscos? — Eu assinto com a cabeça e ignoro a aceleração do meu ritmo cardíaco. — Há. Mas ele quer ver-me a manipular para nos entregar o luminar. Até o Xaden disse que a maior ameaça é ele manter-me cativa, não matar-me. — E se tiver de ficar em Poromiel para que os meus amigos e respetivas famílias possam estar em segurança, muito bem. Desde que o Brennan e a Mira possam voltar com o luminar, é uma troca justa.

— Fica à vontade para ficares no lugar a que chamaste casa durante seis anos — diz a Mira ao Brennan em jeito de desafio, antes de encolher um ombro. — Seja como for, sempre fui melhor do que tu com uma espada. Eu trago a Violet de volta sem um arranhão.

— Não. — Olho alternadamente para cada um deles. Será que sempre discutiram desta maneira? — Não vamos passar o caminho a discutir e muito menos quando lá *chegarmos*. Isto já é perigoso só por si. Vejam lá se atinam e se acabam com o bate-boca.

— Sim, mãe — troça a Mira.

Mãe. O que pensaria ela se nos visse a trabalhar juntos?

Ficamos todos calados, num silêncio quebrado apenas pela crepitação do gelo sob as nossas botas.

— Demasiado cedo? — pergunta a Mira.

— Eu diria que sim — respondo, a apertar as alças do meu saco.

— Sem dúvida — acrescenta o Brennan.

Estamos os três a rir-nos levemente quando chegamos aos dragões.

— *Tens a certeza de que consegues encontrar o caminho?* — pergunto ao Tairn depois de atar o meu saco atrás da sela.

— *Vou fazer de conta que não me fizeste essa pergunta.*

— *E a Sgaeyl?* — Eu avanço para a frente e afivelo as correias na sela, estremecendo quando o frio se infiltra nas minhas peles.

— *A Sgaeyl está fora de alcance, mas as emoções estão calmas.*

— *E prometes não lhe dizer nada até voltarmos?* — Agarro no arçã e olho em volta do vale, em busca de algum sinal da Andarna, mas não a vejo em lugar nenhum.

— *Ela já está longe e a Esfomeada está a bufar desde ontem à tarde quando descobriu que não ia connosco.* — O Tairn agacha-se e lança-se para o céu. O chão vai desaparecendo a cada bater das asas poderosas e eu sustenho estupidamente o fôlego quando passamos pela Aretia adormecida, como se o som da minha respiração pudesse acordar os meus amigos.

A Rhiannon é a única que sabe que vamos ao encontro do visconde Tecarus e encobrir-nos-á na medida do possível. Mas, embora eu possa ser dispensável por um dia, não tenho dúvidas de que alguém irá reparar que o Brennan não está em Aretia.

Deixo de sentir as faces ainda antes de deixarmos Aretia e as pernas estão entorpecidas quando chegamos aos penhascos de Dralor, poucas horas depois. Voar a estas horas no outono não é próprio para cardíacos.

O Tairn voa a manhã inteira, a conter a velocidade para que o Teine e o Marbh o acompanhem, até que vislumbramos a segunda cidade mais populosa de Krovla, Draithus, a sul e avançamos para o desconhecido à nossa frente. Volto a sentir os membros à medida que vamos voando a altitudes mais baixas e o Sol vai subindo nos céus.

— *Dorme, Prateada. Não é a mim que o Tecarus quer ver a fazer truques como um animal de estimação.*

Eu aceito o conselho e descanso tanto quanto possível, mas os meus nervos tensos deixam-me agitada no assento quando voamos por cima de uma terra que só vi em pinturas. Campos âmbares prontos para a colheita dão lugar a praias claras e céu azul-esverdeado quando a manhã se faz tarde.

Quanto mais nos aproximamos, mais a ansiedade me comprime o peito. Isto é a melhor ideia que eu tive... ou a pior. Quando um bando de três grifos aparece a voar diretamente contra nós numa formação em V clássica, decido que estamos a inclinar-nos para o território da *pior ideia*.

Só por serem menores não significa que não possam causar graves danos com aquelas presas.

— *Está tudo bem. Eles vão escoltar-nos até Cordyn* — diz-me o Tairn, mas uma inflexão no tom com que me fala diz-me que ele não está contente com a comitiva ou a velocidade para a qual tem de abrandar para lhes fazer a vontade. Eles dispersam-se e voam numa formação que nos rodeia aos seis. — *Estás a ver aquela brincadeira de fortaleza no pico mais distante?* — pergunta ele quando seguimos a linha costeira. Nunca vi água daquela cor, como se não conseguisse decidir se é azul-turquesa ou verde-água.

— *Referes-te ao palácio que parece que está a brilhar?* — A estrutura é uma combinação extensa e cintilante de pilares brancos e charcos azuis que caem em cascata em cinco terraços diferentes pela vertente pouco acentuada das colinas acima da praia.

— *É só o sol a refletir-se no mármore branco* — resmunga ele. — *É tudo demasiado ridículo e indefensável.*

Que... bonito. Que luxo é construir um lugar como aquele, concebido unicamente por motivos estéticos. Sem paredes altas nem portões reforçados. O Tairn tem razão. É completamente indefensável e irá cair se os venéficos decidirem atacá-lo, mas sinto um aperto no coração ao pensar que nunca experienciarei a paz tempo suficiente para viver num lugar como aquele. Consigo até distinguir um jardim vasto e colorido quando nos aproximamos da cidade banhada por um rio abaixo.

O grifo à nossa frente mergulha numa descida acentuada e o Tairn segue-o imediatamente, recolhendo as asas e aproximando-nos o suficiente do grifo para que ele perceba que não está à altura.

— *Deixa de os intimidar.* — A última coisa de que eu preciso é de um acidente ainda antes de podermos pedir o luminar ao Tecarus.

— *Eu não posso evitar a inferioridade dos grifos.* — O tom comporta um sorriso inconfundível, mas o humor muda quando planamos sobre um relvado bem cuidado em frente do terceiro terraço do palácio. — *Não vais ficar contente com as boas-vindas que vamos receber.* — Ele aterriza atrás do grifo e do respetivo voador, que desce para olhar para nós.

— *De certeza que vamos ficar bem. Tu preocupas-te demasiado.*

— *É o que vamos ver.*

Não demoro nada a tirar o meu saco, mas, caramba, tenho as articulações rígidas e doridas quando deslizo pela perna dianteira do Tairn até à relva macia e verde.

— Estás bem? — pergunta a Mira, já à minha espera só porque é *muito* mais rápida.

— Só dorida de estar sentada na mesma posição tempo de mais. — Deuses, está *calor* cá em baixo.

— Talvez devêssemos ter avisado que íamos chegar. Eles parecem mais prontos a lutar do que a negociar. — Ela vira a atenção para a frente, onde está uma fila de três grifos e os respetivos voadores, todos a olhar para os nossos dragões apesar de estarem claramente em inferioridade, formando uma parede de penas e de presas que nos bloqueia a entrada do palácio.

— São deveras corajosos, tenho de admitir — murmuro quando o Brennan chega ao nosso lado e me deixa entre ele e a Mira. Algumas coisas nunca mudam.

— E estão à nossa espera — observa o Brennan em voz baixa quando começamos a avançar.

— Achas? — pergunta a Mira, com o olhar a perscrutar o entorno.

Eu mantenho os olhos nos voadores e nas suas mãos.

— Há mais de trinta pessoas a olhar para nós das varandas lá em cima e outro grupo atrás dos grifos — afirma o Brennan. — Estavam à espera.

— Além disso, não há ninguém a gritar por ver os nossos dragões — acrescento, baixinho.

A Mira sorri.

— Verdade.

— Cuidado com o que dizem aqui. O Tecarus vai obrigar-nos a cumprir o acordo que fizemos, seja ele qual for. Não costuma ficar muito satisfeito com quebras de compromissos. E mantenham os escudos levantados, embora eu não tenha a certeza de que sirvam de muito — ordena o Brennan quando estamos a menos de quatro metros dos voadores. — Os voadores podem não manipular sinetes, mas a maioria das aptidões de magia menor que eles têm envolve trabalho mental e essa é a parte em que eles têm vantagem sobre nós.

— Percebido. — Nem sequer tenho de verificar os meus escudos. Estão trancados no lugar desde que saímos de Aretia.

Os grifos olham para nós com os olhos pretos pequenos e reluzentes quando nos aproximamos e batem os bicos afiados num ritmo que parece de fala. Os estalos agressivos do da direita deixam-me feliz por não compreender o que estão a dizer.

Dois dos voadores usam as mesmas peles castanhas que eu já tinha visto na Syrena, mas o tipo à esquerda, com a barba irregular, tem um mais claro e símbolos diferentes bordados na gola.

— Cadete? — pergunto ao Tairn.

— Sim. — O Tairn detém-se — *De acordo com os emplumados, um terço das fileiras abrigou-se aqui. A Academia de Voo de Cliffsbane era em Zolya.*

O Brennan diz algo em kroviano, num tom curto que costuma usar quando a patente é mais importante do que o nome dele.

— Nós sabemos quem vocês são — interrompe o voador alto do meio na língua comum, a olhar para nós os três como se estivesse a avaliar qual é a maior ameaça. A atenção dele foca-se na minha trança em coroa destruída pelo vento e a postura altera-se ligeiramente, assumindo uma postura de batalha muito descontraída.

Acho que ganho eu.

A Mira aproxima-se um pouco mais de mim e olha para ele de cima a baixo, com a mão a pairar acima do cabo da espada.

— E falam navarrês — observa o Brennan.

— Claro. Nem todos os reinos pensam que a língua deles é a única que deve ser falada — responde a voadora da esquerda com os dedos a tamborilar na espada.

Bem visto.

— Digam-nos uma verdade e nós permitiremos que entrem para se encontrarem com o visconde — diz o voador do meio, com as sobrancelhas arruivadas a franzir-se.

— É um detetor de mentiras. — Como a Nora. É uma conjectura, mas sei que acertei quando os olhos claros do voador de grifos se abrem um pouco mais. Quer dizer que alguns dos nossos poderes são semelhantes. Interessante.

— Ao contrário dos cavaleiros de dragões, nós não nos conhecemos uns aos outros pelas nossas aptidões, mas, sim, tenho o *dom* de dizer se alguém está a mentir — corrige-me ele.

— Percebido — digo pela segunda vez nos últimos cinco minutos. Detesto estar em desvantagem por desconhecimento, mas os Arquivos não eram pródigos em tomos sobre voadores ou sobre o que eles passaram ao longo dos últimos seiscentos anos.

— Uma vez que chegaram sem serem convidados, temos de nos assegurar de que têm intenções honestas antes de avançarem. — As mãos dele dobram-se junto aos punhais e a Mira fecha os dedos em redor do cabo da espada.

Estamos a um passo de desembainhar as armas e todos o sabemos.

— Estou aqui para manipular relâmpagos e pedir a ajuda do visconde em troca. — Mais vale ir direta ao assunto.

Ele levanta a cabeça para o lado, depois assente com a cabeça e olha para o Brennan.

— Eu estou aqui para negociar um acordo em que possamos trocar o vosso luminar por armamento — declara o Brennan.

O voador de grifos assente com a cabeça e olha para a Mira.

— Certo. — A Mira suspira. — Avance contra a minha irmã e esventro-o como a um peixe. O mesmo é válido para toda a gente desta cidade. É verdade suficiente para si?

A minha boca entreabre-se quando olho de soslaio para a minha irmã.

— Caramba, Mira — rosna o Brennan.

Os lábios do voador abrem-se num sorriso rasgado.

— Eu sei respeitar isso. — Olha para o grifo acima dele e o trio abre caminho, revelando a figura atrás deles.

Uma figura completamente vestida de preto.

O maxilar dele lateja, as mãos enrolam-se junto às ilhargas e o rosto lindo... Bem, ele não olha para mim com tanta raiva desde que descobriu o meu apelido no Parapeito, numa altura em que me queria matar. Acho que devia ter cuidado com o que peço, porque estou *mesmo fodida*.

— Não estás onde eu te deixei, Violência.

Tendo recusado todas as propostas dos reinos insulares, a rainha Maraya nomeou o primo distante, o visconde Tecarus de Cordyn, seu herdeiro. Uma vez que o visconde vai na quinta década de vida e não tem herdeiros, a decisão não foi popular.

— DA ARISTOCRACIA DE POROMIEL DE PEARSON KITO



CAPÍTULO XLI

— Onde me deixaste? — sussurro baixinho para o Xaden quando atravessamos o relvado vigiado, passando por mais meia dúzia de voadores a caminho de uma fila de portas abertas totalmente feitas de vidro. Quanta inutilidade! E quanta beleza. — Como se eu fosse algum tipo de animal de estimação que tem de ficar enrolado na tua cama só porque tu mandaste?

Ele que se foda.

— Essa ideia não é completamente desagradável — riposta ele.

Eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca para evitar que o meu poder aflore, recusando-me a libertar o conteúdo do saco.

— Guardem lá isso para quando estiverem entre quatro paredes, pombinhos — ordena o Brennan diretamente atrás de nós. — Precisamos de uma frente unida.

— Não acredito que a trouxeste — replica o Xaden, lançando um olhar glacial ao Brennan.

— E eu não acredito que tu penses que tens mais autoridade do que eu — diz o Brennan, com um tom mais contundente.

— Tenho em todos os aspetos menos num. — O Xaden olha em frente, com a raiva a irradiar de todos os traços do corpo.

— É só esse que interessa — riposta o Brennan.

— A sério que eles cultivam relva para fins ornamentais? — A Mira muda de assunto quando nos aproximamos de dois guardas em uniformes carmesins junto à porta.

— Devias ver o jardim de borboletas — diz o Xaden, assentindo para o guarda à direita quando passamos pela entrada aberta.

Alto lá. Não estamos a ser escoltados por voadores? E como raio é que o Xaden sabe que este lugar tem um jardim de borboletas?

— Há quanto tempo estás aqui? — pergunto quando entramos no palácio.

E, *caramba*, que palácio.

Todas as superfícies parecem reluzir, por efeito não só do mármore branco no interior que reflete a luz natural, mas também do brilho suave das luzes mágicas que estão muito acima de nós e vão até ao fundo da estrutura, onde consigo vislumbrar vários espaços de estar com mobília baixa. Os tetos são da altura da Sgaeyl, o espaço é dividido não só por colunas tão grossas como as pernas do Tairn, com murais intrinsecamente esculpidos a partir de cada bloco circular, mas também por uma ampla escadaria que deve conduzir ao andar de cima.

Tenho quase a certeza de que, se dissesse o meu nome com a voz suficientemente alta, faria eco, não fosse a quantidade de pessoas em diferentes indumentárias a andar de um lado para o outro perto de um conjunto de pilares alinhados em vários tons de preto. O castanho é, sem dúvida, a cor dominante e nós somos, *sem dúvida*, o tema das conversas ao passarmos.

— Aterrámos há algumas horas — responde o Xaden. — Mudámos de direção assim que a Sgaeyl sentiu o Tairn a viajar.

Não vais ficar contente com as boas-vindas que vamos receber. Foi o que o Tairn me disse quando aterrámos.

— *Nós os dois vamos ter uma conversinha* — atiro na direção dele. — *Tu prometeste.*

— *Eu prometi não contar, não que ela não me ia sentir.*

A merda da semântica dos dragões.

— Aquilo é... uma piscina? — A Mira fixa os olhos no caminho sinuoso azul-turquesa que contorna as escadas e desaparece no terraço.

— Habituas-te a elas — observa o Xaden, conduzindo-nos por uma ponte plana de mármore suficientemente larga para duas pessoas. — Só tens de ter cuidado se tiveres bebido. Não há grades.

— Não vamos ficar aqui tempo suficiente para bebermos. — As palavras do Brennan abrandam juntamente com os nossos passos quando um grupo de doze pessoas desce as escadas à nossa frente.

Mas será que o Xaden esteve aqui tempo suficiente para beber? Para ter caído na piscina?

— Cá vamos nós. — A voz do Xaden baixa. — Tenta não pegar fogo à casa.

Dois guardas com uniformes carmesins param em cada uma das extremidades do corrimão em curva, e um homem alto, de cabelo escuro, com uma túnica azul-escura com brocados dourados, avança a olhar para nós com um fascínio arrebatado. O uniforme é justo na cintura e as faces coradas delicadas e arredondadas.

— Visconde — diz o Xaden. — Estas são a cadete Violet Sorrengail e a irmã, a tenente Mira Sorrengail. Creio que já conhece o tenente-coronel Aisereigh.

— Sim, conheço. — Ele olha para mim com um sorriso que mostra uns dentes impossivelmente brancos e lhe marca a testa e as pontas dos olhos com rugas profundas. — Mas é em relação a si que estou mais curioso, Violet. — A enervante quantidade de brilho nos olhos dele faz com que seja quase impossível ficar parada enquanto me estuda. Fica calado uns instantes e volta a falar quando termina o escrutínio. — É verdade que é capaz de convocar relâmpagos do céu?

— É, sim. — Mantenho os olhos no visconde, mas sinto o peso da comitiva que o segue a fitar-me.

— Que maravilha! — O visconde junta as mãos à frente do peito e os anéis brilham com pedras preciosas pesadas.

— Vamos... — começa o Brennan.

— É má educação discutir negócios antes do jantar. O Riorson conhece as regras — diz o Tecarus, a olhar para o Xaden. — Elas não podem ir jantar assim como estão. Vão ter de se vestir adequadamente, assim como o tenente-coronel.

O Xaden assente com a cabeça uma vez.

— *Tu conheces as regras?* — pergunto ao Xaden. — *Exatamente quantas vezes já aqui estiveste?* — E qual é a parte dos nossos uniformes que não é adequada para jantar?

— *Não ando propriamente a contá-las.*

— Não se preocupe se não trouxe nada adequado para a ocasião — diz-me o Tecarus. — Eu tomei a liberdade de mandar vir uma seleção de roupas da minha melhor coleção assim que o Riorson me disse que estavam a caminho. A minha sobrinha tratará de a vestir adequadamente. Não vais, Cat? — diz ele por cima do ombro.

O meu estômago bate no chão reluzente de mármore.

Só podem estar a brincar comigo, *foda-se*.

— Claro que sim, tio. — A Catriona desce da fila da frente da comitiva, com um vestido roxo de mangas compridas que lhe revela a silhueta elegante de forma muito lisonjeira. Eu pensei que ela era bonita à distância, mas, vista de perto, os traços são tão perfeitos que ela é completa e absolutamente... deslumbrante.

De repente, percebo exatamente porque o Xaden esteve aqui vezes de mais para as contar.

— Não estava à espera de que estivesse aqui — diz o Xaden à Cat naquele tom claro e frio que ele usa quando está irritado enquanto eles nos conduzem por mais um corredor, dois andares acima daquele por onde entramos.

— Onde é que achavas que eu estaria depois de os manipuladores de magia negra terem destruído Zolya e assentado arraiais em Cliffsbane? — pergunta a Cat, parando à frente de uma das doze portas da ala.

A Mira lança-me um olhar, levantando as sobrancelhas, quando paramos a meio do corredor, com o Brennan alguns passos atrás de nós.

— *Depois* — digo-lhe com os lábios.

A Cat estende a mão para o puxador dourado.

— Porque não levas o Aisereigh para se vestirem para o jantar enquanto estas duas tomam banho? — A Cat lança um olhar extasiado ao Xaden e as minhas sobrancelhas erguem-se. Será que estou a ver bem e ela está a fazer olhinhos ao Xaden à minha frente? — Mantivemos o teu quarto exatamente como o deixaste, claro. — Ela abre a porta para um aposento de tamanho considerável com duas camas grandes e um sofá com brocados dourados a condizer entre elas, depois entra e pede que eu e a Mira a sigamos.

Espera lá. Ele tem um *quarto* aqui?

O que mais é que ele deixou de me dizer? Ou *o que é que eu não perguntei* talvez seja uma pergunta melhor.

— *Porque não vens vestir-te no meu quarto?* — pergunta o Xaden, e não parece uma sugestão.

— *No teu quarto? Acho que prefiro ter algum espaço.* — O calor ferve-me debaixo da pele e eu respiro fundo para manter o poder confinado. Este *não é* o momento de perder o controlo, por muito que não o tenha para começar.

— Violet.

Eu viro-me na entrada do quarto e vejo o Xaden. Agarro imediatamente o puxador da porta e levanto as sobrancelhas na direção dele quando a Mira me contorna para entrar no quarto.

— Estou na próxima porta — assegura-me ele, antes de olhar por cima do meu ombro. — Suficientemente perto para te ouvir gritar.

— É bom saber. — Forço um sorriso e os olhos dele semicerram-se.

— Não me digas que estás preocupado que ela corra perigo por minha causa? Eu reviro os olhos perante a incredulidade do tom da Cat.

— A Violet pode — começa o Xaden.

— A Violet pode desenrascar-se sozinha — interrompo, assustando o Xaden.

— Nunca quis que tivesses de o fazer. Pelo menos aqui. — Ele baixa a cabeça e a voz, cingindo a conversa apenas aos dois, não obstante a raiva do tom. — *O Tecarus poderá querer ficar contigo, mas qualquer outro voador neste palácio ficaria mais do que feliz se te pudesse cortar a garganta, e a da Mira, só para exercer vingança contra a tua mãe. O anonimato do Brennan é o que o salva neste caso. Não fazes ideia do risco que estás a correr, de tudo o que tive de fazer para te manter em segurança...*

— Deixa de me manter em segurança! — Arrependo-me imediatamente de ter elevado a voz para a Cat no quarto e respiro fundo para tenta acalmar a ira. — Nunca te porias com essas tretas no ano passado. Nunca me tentaste conter, nunca me tentaste enjaular a dizer que me querias *proteger*. Foste tu que me disste para encontrar outra forma de ultrapassar o Guante, que me viste a lutar contra outros cadetes na Debulha. ..

— *Não estava apaixonado por ti nessa altura.* — O Xaden fecha a mão na minha nuca e o polegar afaga-me a pulsação do pescoço. — *Durante o Guante, a Debulha... não fazia ideia de que te tornarias o que és agora para mim.* — E não me podia matar por causa do acordo que fez com a minha mãe e do qual ainda não me falou por completo. — *E não tinha passado três dias sentado ao lado da tua cama sabendo que a minha vida não significaria nada sem ti, mesmo que se prolongasse para além da tua.* — Os salpicos dourados nos olhos dele refletem a luz e eu não consigo deixar de pestanejar perante o que vejo.

— *Estás... com medo, não estás?* — Agarro a ponta da porta para não o agarrar a ele.

— *De te perder? Mais do que com medo, estou aterrorizado. E quando a Sgaeyl me disse que o Tairn estava a vir nesta direção fiquei quase louco.*

Merda. O que é que eu respondo a isto?

— *O meu plano de erguer as guarnições falhou e vocês precisam de um luminar. Não vou ficar sentada em Aretia só porque estás preocupado que me aconteça alguma coisa. Se o fizesse, não seria a mulher por quem te apaixonaste.*

— *A tua primeira tentativa de traduzires um diário falha e tu foges às escondidas com os teus irmãos para território inimigo?* — A raiva dele quando levanta a cabeça é evidente e emula a minha. — *Não te iludas: estás em território inimigo.*

— *Ambos sabemos que precisamos do luminar, e eu não teria sido obrigada a fugir às escondidas se tivesses sido minimamente razoável. Já o podíamos ter feito há meses.* — Eu recuo um passo e deixo-o no corredor. Se o tivéssemos feito há meses, teríamos impedido os ataques aos postos avançadas e imensas mortes.

— Razoável? — A voz baixa para aquele timbre calmo e glacial. — Por procurar outro caminho antes de te oferecer de bandeja ao Tecarus? Vamos esclarecer uma coisa de uma vez por todas. Se eu *vir* uma forma de te manter segura, vou aproveitá-la.

Vais mas é para o *caralho*.

— Sabes quem é que pareces neste momento?

— Elucida-me, por favor. — O Xaden cruza os braços à frente do peito.

— O Dain. — Fecho-lhe a porta na cara.

— Obrigada — digo à Zara, a aia que nos foi atribuída, enquanto aliso as rugas na cintura, admirada por ela ter conseguido encontrar vários

vestidos do meu tamanho em tão pouco tempo. Até as sandálias pretas leves que tenho nos pés. — Tem a certeza de que é assim que toda a gente se veste para o jantar?

— Com o visconde? Todas as noites.

Quão... inutilmente bonito.

— Feito. — A Zara faz sinal para a abertura e eu saio de trás do biombo.

A Mira escolheu o vestido de veludo preto com a gola quadrada e mangas transparentes e leves, mas eu sei que foram os bolsos fundos que a convenceram. Não consigo deixar de sorrir quando a vejo guardar dois punhais nos folhos.

— Acho que não te vejo sem uniforme há anos.

— Bem, é preto, portanto não anda longe. — Ela sorri abertamente e eu dirijo-me para o espelho para dar uma espreitadela. — Estás linda.

— O vestido é espetacular. — Nunca usei nada parecido e condiz perfeitamente com o meu estado de espírito. O corpete mergulha num V profundo até à base das minhas costelas, é feito de folhas pretas cosidas, nunca maiores do que a palma da minha mão, e afunila-se acima do volume dos meus seios em heras finas com folhas minúsculas que me caem em cima dos ombros e pelos lados das costas abaixo, deixando-me a coluna e toda a relíquia expostas. — Que tipo de material é este? — pergunto à Zara, passando os dedos no tecido preto transparente que me cai da cintura até ao chão em várias camadas. Se fosse só uma camada, o vestido seria completamente transparente.

— É seda devereliana — diz a Zara. — Tão fina que é quase transparente.

— Da ilha? — É mais suave do que qualquer tecido em que eu já tenha tocado. — Ainda fazem comércio com eles? — Navarre não o faz há séculos.

Ela assente com a cabeça.

— Fazíamos até há poucos anos, mas os mercadores acham que agora é demasiado perigoso vir aqui. Seja como for, o visconde gosta de guardar os

objetos mais requintados para ele.

— Então, é verdade que o visconde coleciona objetos raros? — pergunta a Mira, a colocar-se atrás de mim.

— Sim, é verdade.

— E pessoas? — pergunto em voz baixa.

Os olhos dela arregalam-se.

— Só se elas concordarem em ser colecionadas.

— Não é dado a raptos? — Pego na bainha e no punhal com cabo de liga que a Mira me estende, depois baixo-me para a abertura comprida do vestido na coxa e prendo-a na perna. Espero que uma arma seja suficiente para chegar ao fim do jantar. Se o visconde não rapta pessoas, porque é que o Xaden tem tanto medo de me trazer para aqui?

Alguém bate à porta.

— Não. — A Zara abana a cabeça e caminha em direção à porta. — Ele não a vai fechar em lugar nenhum, mas vai fazer-lhe uma proposta que a vai deixar tentada a ficar. Cantores, tecelões, contadores de histórias... todos acabam por ficar — diz ela quando abre a porta.

Não há nada que o Tecarus me possa oferecer, mas o Xaden deve pensar que há.

— Escolheste o preto? — A Cat olha da entrada.

— Sou uma cavaleira.

— Claro. — Ela inclina a cabeça para o lado. — É só porque eu teria escolhido algo mais colorido. O Xaden está sempre a lamentar-se de como as coisas são... monótonas em Basgiath. Ainda tens tempo de te mudares, se quiseres. — O sorriso dela é tudo menos simpático.

E agora é oficial. Odeio-a.

— O Xaden não *lamenta* nada. — Uma chama perigosa e insidiosa acende-se no meu estômago e tenho de recorrer a toda a minha capacidade de controlo para não lhe atirar um punhal à cabeça. Ou, pelo menos, *perto*. — E serás capaz de ter uma conversa que não tenha que ver com ele?

— Claro. Se te deixa mais confortável, podemos discutir como é que a tua mãe perpetuou uma mentira que custou milhares de vidas poromielanas, algumas das quais desaparecidas às mãos da tua irmã.

Eu levanto as sobrancelhas. Ela acabou mesmo de...

A Mira olha-me nos olhos e confirma que é verdade.

— Eu ia dizer-te que provavelmente não é boa educação apunhalar a nossa anfitriã, mas sabes que mais? — A Mira encolhe os ombros. — Que se foda. Não precisamos de um luminar.

A Cat pestaneja a olhar para a Mira.

— Não sejas tão cabra, Cat. — A Syrena aparece à porta, vestida com uma túnica formal azul-marinho que tem uma bainha assimétrica, mais alta à frente e bordada com penas douradas. — Bons olhos te vejam longe do teu dragão, Sorrengail. O Riorson está escondido algures por aí ou tirou-te mesmo os olhos de cima?

— É bom ver-te, Syrena. — Os meus lábios curvam-se num sorriso quando ouço o tom provocador que ela está a usar e o fogo que sentia no estômago dissipa-se ligeiramente. — Ele às vezes torna-se demasiado protetor, não é?

— Não ficaria assim se pensasse que és suficientemente forte para estares ao lado dele — riposta a Cat.

Que se lixe. O fogo fica fulgurante, quente, enjoativa e irritantemente forte.

A Syrena lança um olhar à Cat que quase me faz ter pena dela.

Quase.

— Syrena, esta é a minha irmã Mira. — Mudo de assunto.

A boca da Syrena retesa-se quando ela olha para a Mira.

— A tua reputação fala por ti. Eu tenho amigos em Strythmore.

Bem, merda. De tensão a... mais tensão.

— Não tenho remorsos por ter vencido batalhas. — A Mira embainha mais um punhal na cintura à vista de todos. — E se és a Syrena Cordella, a

tua reputação também ultrapassou a fronteira.

— Vais jantar entre centenas de voadores que te querem ver morta e decides usar um vestido? — A Syrena levanta uma sobrancelha. — Onde está a astúcia de que tanto ouvi falar?

— Posso matar tão facilmente usando um vestido como as peles de voo. Queres ver? — Só um idiota chamaria sorriso à expressão da Mira.

A Syrena ri-se de tal forma que até sacode os ombros.

— Ah, já percebi porque é que a pequena Sorrengail se fez tão rija. Teve de crescer ao teu lado. Vamos andando. Os homens já lá estão.

Eu lanço um olhar à Mira assim que as voadoras nos viram as costas e ela encolhe os ombros sem nenhum remorso.

Saímos para o corredor e o arrependimento por ter escolhido este vestido bate fundo quando vejo o da Cat sob uma luz mais clara. Tem o cabelo preso num penteado intrincado e está a usar um vestido ousado de seda vermelha que lhe deixa os ombros nus e combina com a cor com que pintou os lábios.

De repente, sinto-me um pouco desengraçada.

A dúvida tolhe-me o passo. Talvez devesse ter escolhido algo mais colorido. Talvez ela estivesse a dizer a verdade e o Xaden esteja farto de tanto preto. Talvez ela o conheça melhor do que eu.

— Estás bem? — pergunta-me a Mira quando as voadoras nos levam pelo corredor adiante, fazendo de nós o quarteto mais improvável que já pisou o Continente.

— Estou. — Sacudo os ombros e tento afastar a sensação. O que raio se passa comigo? Eu nunca me comparo com outra mulher no que respeita ao nosso aspeto. À forma como lutamos? Claro. Como cavalgamos? Sem dúvida. Mas nunca em relação a nada tão superficial como a... aparência.

Sermos bonitos não nos salva em Basgiath.

— Ouvi dizer que tens um irmão mais velho — diz a Mira à Syrena quando chegamos ao primeiro vão de escadas.

Eu agarro o corrimão de mármore com toda a força quando começamos a descer. A última coisa que quero fazer é tropeçar e cair à frente da Cat.

— Deves estar a referir-te ao Drake — diz a Syrena por cima do ombro. — O mesmo apelido, mas é nosso primo, e, agora que penso nisso, tu és mesmo o tipo dele. O Drake gosta de mulheres que possam realmente matá-lo.

— É uma pena eu não apreciar voadores de grifos — responde a Mira quando dobramos a esquina para o próximo vão de escadas.

— Sim, provavelmente o limite dele também seria uma cavaleira de dragões. — A Syrena ri-se, mas por pouco tempo. — Está com o bando de grifos da divisão noturna no Norte, ao longo da fronteira de Braevick.

Não conheço a terminologia deles, mas se está na fronteira de Braevick significa que está na linha da frente.

Descemos até ao terraço intermédio — aquele onde chegámos à tarde — e elas viram para a esquerda, afastando-se da piscina sinuosa e passando por uma fila de guardas.

— A Zara não sabia como tratar do teu cabelo? — pergunta a Cat a lançar-me um olhar de pena quando nos aproximamos da porta dupla vigiada. — De certeza que seria capaz de se lembrar de algo mais refinado do que deixá-lo assim caído. Pensei que o usavas sempre entrançado numa coroa para o caso de teres de lutar.

Como é que ela sabe? Para mim, *já chega*.

— *Seria uma pena se a matasses agora. Estou a caçar a dez minutos de distância e perderia o espetáculo* — diz o Tairn.

O poder cresce dentro de mim.

— *Controla-o. Já* — exige o Tairn, já sem nenhum vestígio de sarcasmo.

Engulo em seco, finco as unhas nas palmas das mãos e luto contra o impulso de acabar com ela. O que é que a Cat tem que traz o meu lado irracional à tona?

— Fico muito sensibilizada por te preocupares tanto comigo, mas não é contigo que quero discutir hoje à noite — asseguro à Cat.

— É com o Xaden? — Os olhos dela semicerram-se, antes de se baixarem em falsa simpatia. — Se não sabes já que ele não é homem de se inquietar ou perder o controlo, então não há esperança para ti. Poupa a tua energia, porque, se te pões com discussões, a única coisa que ele vai pensar é que és uma criança.

Merda. Ela tem razão. O que é que eu estou a fazer? O Xaden não se inquieta, e muito menos por *minha causa*.

A madeira a ranger e a estalar até partir. O som de punhais a tilintar no chão. O meu coração a latejar, a minha respiração a tremer quando a felicidade se instala nos meus ossos. «Nunca perdi o controlo desta maneira.» A memória instantânea abala-me o âmagô, aliviando-me a cabeça apenas o tempo suficiente para poder respirar, não obstante os ciúmes insuportáveis que sinto por uma mulher que nem sequer *conheço*.

Os guardas acenam com a cabeça às voadoras e apressam-se a abrir as portas.

— Para com isso. — O tom da Syrena fica mais contundente. — És um ano mais velha do que a Violet e já passou mais tempo do que isso desde que vocês os dois estavam juntos. Ele é só um homem, mas ela é a melhor arma que nós temos contra os manipuladores de magia negra.

— Estás bem? — pergunta-me a Mira, a olhar para mim com uma expressão de preocupação.

— Não — sussurro. — Mas também não sei qual é o problema.

As portas abrem-se e nós entramos na maior sala de jantar que eu já vi. As portas de vidro que compõem a parede do fundo estão abertas para o terraço apesar das nuvens ameaçadoras que escurecem o céu. Uma brisa noturna húmida agita a luz das velas dispostas ao longo da mesa quando os guardas fecham a porta depois de entrarmos. Deve haver mais de cinquenta pessoas na mesa longa e intrinsecamente decorada que ocupa todo o comprimento da sala.

E todas elas viraram as cabeças para olhar para nós as quatro.

O meu olhar encontra o do Xaden em menos de um segundo, e não é por ele estar sentado no centro da mesa, nem por ser um dos únicos dois homens vestidos de preto, nem sequer por ele se ter virado como se tivesse sentido que eu estava a chegar, o que provavelmente aconteceu. Encontro-o em menos de um instante porque ele é o centro da minha gravidade.

Por mais irritada que esteja por ele me ter tentado censurar, por ter recusado trazer-me aqui, por haver anos de histórias atrás de nós os dois sobre os quais não falámos, por a túnica que ele está a usar agora que vem na minha direção não só lhe assentar na perfeição mas ter sido feita para ele, a verdade é que ele é o raio de um íman para o meu coração.

— *Esse vestido...* — O olhar do Xaden varre-me o corpo e aquece com uma intensidade que me afogueia as faces e me acelera a pulsação. — *Isso é jogo sujo, Violência.*

Mas porque é que ele está a caminhar na minha direção quando a escolha óbvia seria a mulher de vermelho ao meu lado?

— *Ainda estou muito zangada contigo.* — Levanto o queixo, igualmente furiosa comigo própria por me ter colocado nesta posição e por sentir o que quer que seja que esta merda é.

— *O sentimento é recíproco.* — Ele passa-me uma mão pelo cabelo e sorve o ar por entre os dentes enquanto os dedos me tocam na pele da base da coluna. — *Mas é possível estares zangada sem deixares de estar louca, perdida e incontrolavelmente apaixonada por mim.*

A boca dele colide com a minha no mesmo instante em que o mundo fica escuro à nossa volta, bloqueando tudo, e toda a gente, exceto o Xaden.

Poderíamos muito bem ser as únicas pessoas em toda a província. O meu corpo *acende-se*. Deuses, a química entre nós é a única coisa mais forte do que a raiva. Não há nada a não ser os lábios dele a entreabrir-se nos meus, a língua dele a reclamar a minha rápida e profundamente, o assomo de necessidade imediata que me faz agarrar-lhe o tecido da túnica quando o beijo me deixa sem fôlego.

Assim, sem mais nem menos, os ciúmes irrefreáveis e a insegurança enfurecedora que me fez duvidar de mim mesma desaparecem. É como se a parede de sombras que ele atirou...

— *O que é que fizeste?* — Interrompo o beijo, ofegante, e ele encosta a testa à minha, mantendo-nos no nosso casulo de escuridão.

— *O que devia ter feito no momento em que te vi esta tarde.* — A mão dele aperta-se no meu cabelo e puxa-o levemente. — *E que, provavelmente, deixou a Cat suficientemente chocada para deixar de te foder a cabeça.*

— *O que queres dizer com isso?*

— *Ela tem o dom de intensificar as emoções das pessoas à volta dela e é extraordinariamente poderosa. Se não tivesses passado a noite a bloquear-me, ter-to-ia dito mais cedo.*

Fico com o queixo caído por um instante antes de fechar a boca. Primeiro por saber que tinha conseguido bloqueá-lo e, depois, caramba... não admira que eu não me consiga controlar. Ele tem estado a alimentar uma guerra que eu não sabia que existia. Espera. Ele ter-mo-ia dito *mais cedo*? Teve *semanas* para mo dizer.

— Ganhas tu — sussurra o Xaden. As sombras desaparecem com a mesma rapidez com que apareceram quando ele levanta a cabeça e fixa os olhos nos meus.

— Ainda nem sequer *comecei* a discutir contigo. — Deixo cair as mãos do peito dele e atiro o novo assomo de energia que está a crescer dentro de mim para os meus escudos. Como é que ela os ultrapassou sequer? Se bloquearam o Xaden, terão certamente de ser suficientes para ela.

— Está bem. Podemos discutir tudo o que quiseses mais logo. Mas quero que saibas que já ganhaste. Eu ouvi o que estavas a dizer. — Os dedos dele tornam-se mais lassos no meu cabelo e a mão desliza para a minha nuca. — Peço desculpa por não te ter ouvido. Peço desculpa por ter exagerado desde que te tirei da câmara de interrogatório... caramba, desde Resson. Quando a Sgaeyl me disse que te estavam a torturar e eu não pude ir ter contigo... — Ele fecha os olhos por um segundo, depois abre-os e o medo que eu tinha identificado horas antes aparece a dobrar. — Eu não consigo respirar quando estás em perigo, mas a culpa não é tua. Devia ter-te trazido aqui quando me pediste.

Os meus lábios entreabrem-se e eu pestanejo, certa de que o estou a ouvir mal.

— Agora é a tua vez. Podes admitir que devias ter esperado que eu te trouxesse para que pudéssemos ter pensado num plano? — Os dedos dele sobem deliciosamente pelas minhas costas nuas.

— Não. — Estremeço com o toque. — Lamento não te ter dito nada, mas não lamento ter vindo. Precisamos do luminar *agora*.

Um canto da boca dele franze-se.

— Pois, era o que eu pensava.

— Se vocês os dois não se importarem de se juntar a nós... Vocês são essenciais para a conversa desta noite — afirma o visconde na sala em silêncio, com um tom levemente irritado.

Oh. Todas as pessoas estão levantadas dos assentos, à nossa espera, junto às portas de vidro abertas.

— *Prepara-te para tudo* — diz o Xaden antes de se virar para o Tecarus. — Não vou pedir desculpa. — Entrelaça os dedos nos meus e contornamos a mesa em direção ao grupo de pessoas junto das quais o Tecarus nos espera. — É quase impossível manter o controlo junto da Violet.

O meu rosto aquece. Que diabo? Ele ouviu-a lá fora? Isso é impossível.

A Cat retesa-se ao lado do tio, o rosto a cair como se o Xaden tivesse acabado de dar o golpe fatal numa batalha que eu não sabia que *eles* estavam a combater.

— Já ouvi dizer. — O Tecarus faz sinal para que o sigamos lá para fora, e nós fazemo-lo, saindo para o pátio de mármore, com a Mira e o Brennan a seguir-nos de perto. — As notícias viajaram depressa quando arruinou aquela escolinha de guerra por causa dela. — O Tecarus ergue o copo de vinho na minha direção como que a saudar-me. — Dividiram o quadrante a meio. Parabéns. Andava a tentar acabar com aquele lugar há *anos* e vocês conseguiram fazê-lo em o quê? Seis dias?

A culpa aperta-me o peito com o peso de um dragão.

— Cinco. — A mão do Xaden aperta-se na minha quando atravessamos o pátio até chegarmos ao cimo de uma ampla escadaria... não. Não é uma escadaria, são assentos. Todo o lado norte da vertente foi esculpido em filas,

de modo a formar uma arena oval ao ar livre com uma profundidade da altura do Tairn e o dobro do comprimento.

— Cinco dias. — O Tecarus abana a cabeça de incredulidade e vira-se para mim. — Maravilhoso. Ora, creio que gostariam de discutir a aquisição do luminar que tenho na minha posse, não é assim?

— E eu creio que nos trouxe cá para fora para me ver manipular antes de se mostrar disposto a discutir? — pergunto, com o vento denso com aroma a chuva a soprar-me o cabelo preto. Estamos a minutos, se não menos, de um dilúvio.

— Manda a prudência que eu veja do que é capaz antes de encetar negociações por um artigo tão valioso. — Faz sinal para a arena iluminada por luzes mágicas.

— Parece-me justo. — A minha mão liberta-se da do Xaden e eu convoco o meu poder.

— Oh, aqui em cima não. — O Tecarus abana a cabeça quando os outros se juntam a nós, colocando-se à volta do pátio com as bebidas na mão. — Lá em baixo, no campo. Afinal de contas, é um espetáculo, não é? Seria uma pena destruir a arena de jogo, que demorei anos a construir. É muito especial. Toda esta pedra foi extraída de Braevick, a leste do rio Dunness. Oh, olhe, estão a trazer o seu alvo.

Alvo? Oh, *merda*.

Um quarteto de guardas fardados empurra uma arca de metal do tamanho de um armário para o meio de um campo relvado na base da arena. Eu nem sequer consegui acertar na pilha de três pedras que o Felix me indicou e ele quer que eu acerte naquela arca? Isto vai acabar antes de as negociações se iniciarem.

— Talvez reconheça a arca de Rybestad, Xaden. É a que o seu pai me trouxe quando estávamos em negociações pelo que alguns poderão considerar um tesouro maior.

— *A arca pertencia ao teu pai?*

— *Era uma das suas posses mais valiosas.* — O Xaden fica tenso. — Eu acompanho-a até lá abaixo.

— Não — diz o Tecarus, num tom desprovido de emoção.

As nossas cabeças viram-se na direção dele.

— Como é que eu saberia do que ela é capaz sem si por perto? — Os olhos do Tecarus semicerram-se nos do Xaden. — A minha oferta é simples. Desde que não ponha os pés na arena, Riorson, e ela não saia do campo enquanto não acertar na arca, abriremos as discussões sobre o luminar. É pegar ou largar.

— Vamos embora... — começa o Xaden, com a voz brusca.

— Combinado. — Olho para o Xaden. — Não tens de me proteger do meu próprio sinete. Se ele quer rebentar com a arca do teu pai, eu rebento com a arca do teu pai.

Ele semicerra os olhos por um segundo antes de suspirar.

— Percebido.

Eu agarro nas camadas da saia com as mãos e começo a descer os degraus. Os nervos contraem-me as costelas, mas eu sacudo-os. Se manipular relâmpagos suficientes, *algum* há de acertar na arca.

Não foi isso que nos salvou antes de a Andarna ter chegado?

— Eu vou contigo — anuncia a Mira atrás de mim. — Eu não tenho nada que ver com o sinete dela — grita por cima do ombro para o Tecarus quando me alcança.

O visconde não a contraria.

— E o meu não é eficaz a esta distância das guarnições — conclui a Mira num sussurro. — Experimentei-o há umas horas e não aconteceu nada.

— Não te preocupes. Não precisamos que levantes os escudos. Só tens de evitar a arca se ela explodir — respondo com um sorriso tenso. — *Que tesouro maior é que o teu pai estava a negociar?* — pergunto ao Xaden quando estamos a meio da descida de pedra cor de areia. Nem sequer consigo imaginar quanto tempo teria demorado a extrair pedra suficiente para construir esta arena, quanto mais trazê-la da fronteira de Braevick.

— *Uma aliança que o meu pai fez e a que eu pus termo no ano passado. A arca tem um valor inestimável. Se ele a quer destruir com um*

relâmpago, isto é mais um recado para mim do que para ti.

— *Porque é que eu não estou surpreendida?* — As minhas mãos amarrotam a seda delicada do vestido enquanto eu junto as peças deste quebra-cabeças doentio. — *Essa aliança tinha alguma coisa que ver com a Cat?*

A hesitação que sinto no nosso vínculo responde-me antes de ele o fazer.

— *Tinha.*

— *Essa informação teria sido útil antes de chegarmos.* — Para dizer o mínimo. Não admira que ela me despreze. Não sou suficientemente egocêntrica para pensar que foi por minha causa que ele pôs termo à aliança que eles tinham, fosse ela qual fosse, mas não tenho dúvidas de que sou um obstáculo para que ela seja retomada. O tio dela quer que eu rebente com o símbolo do que quer que seja que tenham acordado.

— *Ainda a discutir. Percebido.*

A Mira e eu chegamos à relva quando caem as primeiras gotas de chuva. — Devíamos ter vestido as peles — murmura, acompanhando o meu ritmo. — Não consigo apontar — digo baixinho à Mira, quando paro ao que me parecem ser cerca de seis metros da arca, suficientemente perto para ver as runas gravadas nas portas espessas. — O Carr preocupou-se mais com a quantidade do que com a qualidade, e o Felix e eu começámos agora as aulas, pelo que isto pode demorar um pouco.

Dois dos guardas avançam para a frente da arca, que é mais alta e mais espessa do que eles juntos. Graças a Amari que é enorme. Um alvo maior será mais fácil de atingir. Um guarda tira um artigo pequeno do bolso que eu não consigo distinguir de onde estou.

— Acho que eles não se importam com o tempo que vais demorar. — A Mira acena com a cabeça para o cimo da arena. Dezenas de voadores de grifos com arcos rodearam os assentos da fila superior, todos com flechas apontadas na nossa direção. — Provavelmente, estão com medo de que apontes para o Tecarus e não para o alvo.

— Certo. Sem pressão. — Levanto as mãos e convoco o poder do Tairn. É engraçado como este calor habitualmente brutal é reconfortante, ao fim de tantos dias sob tortura do Varrish. — Talvez seja melhor que se desviem — grito para os guardas, quando o mais encorpado estende o punho para a frente da arca como se pensasse que tem alguma hipótese de impedir que a caixa gigante de feno se mexa e caia em cima dele... ou como se tivesse a chave.

Um arrepio de apreensão desliza-me pela espinha.

— O oceano Árcilo, a sul, é conhecido pelas águas calmas e quentes e o que já foram rotas lucrativas de comércio — recito, a acalmar o coração acelerado.

— Ainda fazes isso? — A Mira levanta as sobrancelhas na minha direção.

— Só quando...

As portas duplas da arca abrem-se de repente, atirando ambos os homens para o chão com uma força alarmante antes de um homem ser impelido para a frente e cair sobre as mãos e os joelhos na erva. A túnica e as calças castanhas estão esfarrapadas, como se tivesse sido mantido cativo durante *semanas*.

— Que caralho? — murmura a Mira.

A cabeça dele levanta-se na nossa direção e o meu coração para num pânico puro e inamovível.

Veias vermelhas estendem-se de olhos raiados de sangue.

— Violet! — rosna o Xaden.

Um venéfico.

Embora o seu extraordinário sinete lhe permita alargar as guarnições à volta dela e do seu dragão, a cadete Sorrengail carece de capacidade consistente para produzir guarnições próprias sem uma tensão emocional extrema. Lamento relatar que duvido que esta capacidade se venha a desenvolver com o tempo. Tinha grandes esperanças para ela.

— MEMORANDO DO PROFESSOR CARR

PARA A GENERAL SORRENGAIL



CAPÍTULO XLII

— Aquilo é... — sussurra a Mira, já a fechar a mão nos punhais quando o manipulador de magia negra finca as mãos na erva verde e macia do chão da arena, a rir-se ensandecido.

Respirar. Tenho de respirar. Mas não há ar.

Capas roxas a voar ao vento. A Soleil a investir contra eles, com a Fuil logo atrás. A disseminação de morte e decadência a chegar a ambos. A queda. Os corpos a transformarem-se em nada mais do que carcaças, esvaziadas de poder e vida.

— *Prateada!* — O rugido do Tairn racha-me a cabeça e arranca-me do passado antes de me engolir por inteiro. A chuva salpica o chão à nossa volta, a cair em gotas pesadas, mas esporádicas. Não estamos em Resson, mas em Cordyn, e eu tenho de proteger a Mira.

— Afastem-se! — grito para os guardas, dois dos quais começam a correr, enquanto outro cambaleia para trás, deixando o último especado a

olhar em choque. — Sai daqui — ordeno à Mira, quando o calor escaldante me enche as veias depois de eu abrir as portas ao poder do Tairn.

— Não te vou deixar sozinha com aquela coisa! — A Mira arremessa um punhal.

— Não! — grito, mas é tarde de mais. O punhal aterra no ombro do venéfico.

Ele solta um sibilo, arranca a arma do corpo e agarra no guarda aterrado, no mesmo fôlego.

— Ótimo, e agora ele tem um punhal! — Eu levanto as mãos e liberto a energia que me arde nos membros.

Um relâmpago rasga os céus, tão branco que é quase azul, e eu levanto a mão para proteger os olhos quando embate na arca de ferro como se tivesse sido atraído para ela. Caem faíscas por toda a arena, uma das quais me chamusca as costas da mão antes de eu a conseguir sacudir.

— *Tairn, preciso de ti!*

— *A caminho.*

O pânico ameaça dominar-me e eu perco segundos preciosos a olhar por cima do ombro para as escadas, onde vejo o Xaden já a lançar-se para os degraus.

— *Deixa-te estar e guarda as emoções para ti. Precisamos do luminar.*

— *Violência...*

— *Eu consigo fazer isto.* — Se não conseguir dar conta de um venéfico enfraquecido, que hipóteses é que o Continente tem?

O vento muda e sopra-me o cabelo para a cara antes de eu dar meia-volta e ver as mãos do venéfico a envolver o pescoço do guarda. Mas não preciso de olhar para saber exatamente o que está prestes a acontecer.

— Só os punhais com cabo de liga o podem matar — digo à Mira, já a sacar do meu punhal da bainha e a cortar um pedaço de tecido da bainha do vestido. Se não consigo apontar, isto vai ter de se resumir a um combate corpo a corpo.

Os gritos do guarda penetram-me até aos ossos.

— C’um caraças... ele é mesmo... qual é o plano, Vi? — pergunta a Mira, pegando noutro punhal.

— Matá-lo antes que ele nos mate a nós e, faças o que fizeres, não deixes que ele te ponha as mãos em cima. — Apanho o cabelo num rabo de cavalo baixo e ato-o rapidamente com o pedaço de tecido do vestido. Se não conseguir ver, estou morta.

O venéfico agarra no guarda como se fosse um escudo, o que me impede de lançar um punhal. Os gritos cessam quando o homem mirra lentamente à frente dos meus olhos. Pelo menos dois dos outros já estão fora do campo.

Deixo que o poder do Tairn me consuma e manipulo relâmpago atrás de relâmpago, queimando o raio da erva em redor do venéfico sem o atingir. O guarda cai ao chão e partes dele desintegram-se à medida que a chuva bate com cada vez mais força.

— Raios!

— És tu — diz o manipulador de magia negra por cima do barulho crescente da tempestade. — A que domina o céu. — Os olhos dele arregalam-se num entusiasmo sinistro. — Oh, a recompensa que vou receber quando voltar contigo.

— E eu a pensar que era a única Sorrengail com reputação para lá da fronteira. — A Mira adota uma postura de luta, mantendo-se a pouca distância de mim e do venéfico.

— Do teu Mestre? — pergunto ao venéfico, seguindo-lhe os movimentos quando já chove a cântaros. Merda, não posso arriscar atirar-lhe com o meu punhal. Se falhar, fico indefesa, e não sou a única neste campo. — *Preciso de punhais.*

— Que Mestre? Juro que vais desejar... — começa ele, a levantar os braços.

— Morrer? — interrompo. — Já ouvi essa. Também matei esse mensageiro. — Mas não estava num incomodativo vestido de noite. Esta merda é um risco.

— *Atrás de ti* — diz o Xaden.

Eu olho de relance para trás e vejo dois punhais com cabo de liga espetados no chão a um metro e meio de distância.

— Mira!

Ela segue os meus olhos e já está a caminho quando eu rodo o punhal para a ponta da lâmina e giro o pulso para o atirar de encontro ao pescoço do manipulador de magia negra.

O punhal enterra-se na ilharga do meu adversário.

Merda, não calculei a pressão descendente da chuva torrencial.

O venéfico grita de dor, retirando o punhal quando a Mira me estende um dos dois que o Xaden nos enviou. Os meus dedos agarram o cabo molhado e escorregadio e eu preparo-me para o pior quando o venéfico levanta as mãos.

Mas não são punhais o que ele atira.

A arca de Rybestad voa na nossa direção a uma velocidade tal que eu mal tenho tempo de atirar a Mira ao chão antes de passar por cima de nós, tão rente que eu a ouço a rasgar o ar.

Segue-se um punhal, depois outro, que não me acertam, mas me prendem o lado esquerdo do vestido ao chão. Aproveito o nosso ímpeto para continuar a rolar e a seda diáfana rasga-se quando sou levantada pelo Brennan, que parece que se veio juntar a nós.

Deuses, não. Não os posso perder a ambos nisto.

— Temos de o cercar — diz o Brennan, a pegar no punhal com cabo de liga da erva encharcada. A água acumula-se rapidamente, ensopando-me os pés, o cabelo e o que me resta do vestido.

— E como é que vamos fazer isso se não o conseguimos ver na merda deste tempo? — pergunta a Mira.

— *Estou a poucos minutos!* — grita o Tairn.

Podemos morrer nesses minutos, mas não demoraremos a estar *todos* mortos se eu não conseguir garantir o raio do luminar.

— Temos de o manter no campo a todo o custo. Basta um deles para sugar toda a gente no palácio — digo aos meus irmãos. Costas com costas, perscrutamos o campo, e eu fico sem fôlego quando vejo o manipulador de magia negra cair sobre um joelho a cerca de seis metros de distância.

Não. O tempo abranda, como se os segundos se tivessem transformado em minutos, quando o vejo levar a mão ao solo.

Não temos tempo de correr. Não vamos conseguir.

O meu pior pesadelo está a segundos de se tornar realidade.

A nossa missão vai matar o meu irmão e a minha irmã.

— Lamento tanto. — As palavras não chegam a ser um sussurro.

O punho do venéfico embate no chão e, por entre a tempestade, olho para ele horrorizada e sem fôlego e vejo-lhe os olhos a arder num fogo vermelho e a erva em redor a murchar em folhas castanhas.

— Mira! — grita o Brennan. — Lança os escudos.

— Eu... eu não consigo a esta distância das guarnições! — A boca dela baixa-se e a morte aproxima-se a toda a velocidade, o chão a vibrar à medida que se vai rendendo à magia.

— Lança os escudos ou estamos mortos! — O Brennan agarra-nos a ambas e puxa-nos para um abraço apertado.

Eu encolho-me na esperança de tornar o nosso trio o mais pequeno possível, enquanto a Mira levanta os braços para cima de nós. O corpo dela treme e o Brennan e eu enrolamos os braços nas costas da nossa irmã para lhe darmos estabilidade. A Mira grita como se estivesse a ser feita em pedaços.

Vai ter um esgotamento.

Vejo sombras a fluir na nossa direção, mas não vão chegar a tempo.

— *Amo-te.* — Empurro o pensamento na direção do Xaden e espero que o meu poder se esvaia e que a minha morte torne o venéfico imparável.

Mas não vem.

— *Vais sobreviver!* — ordena o Xaden, como se fosse assim tão simples.

A Mira cai e o Brennan aguenta o impacto do peso dela enquanto eu olho à nossa volta.

Todo o campo está morto à exceção do círculo minúsculo que nós ocupamos. A Mira salvou-nos. Mas é só o campo que está seco. Os espectadores estão todos vivos e bem acima dos degraus, pelo que consigo ver para lá da chuva pesada. *Toda esta pedra foi escavada em Braevick, a leste do rio Dunness.* Não foi isso o que o Tecarus disse?

Enxugo a água dos olhos e levanto-me para enfrentar o manipulador de magia negra.

Ele enrola os ombros de satisfação e um sorriso de felicidade distorce-lhe as feições quando atira a cabeça para trás.

— Se não consegues atingi-lo com relâmpagos, temos de nos aproximar o suficiente para o atacarmos. Ele não pode defender-se de nós os dois ao mesmo tempo — diz o Brennan a levantar-se com a Mira, inconsciente, nos braços.

— *A que distância estás?* — pergunto ao Tairn. A chuva já não cai sobre os restos da erva. Pelo contrário, embate na água que ainda não escoou.

— *Menos de um minuto.*

— Eu não tenho de o atingir — sussurro quando a ideia me vem à cabeça enquanto olho para o campo inundado. — Leva a Mira para os degraus. Lá estarão em segurança.

O Brennan olha para mim como se eu tivesse acabado de dar a entender que o mundo é plano.

— Até à próxima vez que ele decida sugar a terra...

— Preciso que confies em mim. Leva a nossa irmã para os degraus. — Eu levanto a cabeça para o meu irmão e deixo que o poder do Tairn me

inunde, dando-lhe rédea livre e deixando que me preencha cada centímetro do corpo.

— Violet... — Há tanto amor, tanta preocupação e tanto medo no olhar dele que eu não consigo deixar de lhe dar um sorriso forçado.

— Eu sei o que estou a fazer. Agora, corre. — Pego no punhal com cabo de liga do Brennan e viro-lhes as costas a ambos.

— *O que caralho é que estás a fazer. Violência?* — pergunta o Xaden.

— *Chiu. Estou-me a concentrar.* — Levanto os meus escudos para o bloquear quando o venéfico gira.

O cabrão ri-se ainda mais abertamente quando me vê.

— Vais ser um prémio e peras — grita ele por cima da chuva, a caminhar a passo largo na minha direção como se tivéssemos todo o tempo do mundo. — E pensar que vais trazer um dragão contigo! Vocês não podem estar separados muito tempo, pois não?

Eu seguro um punhal com cabo de liga em cada mão e espero.

Se não mantiver a calma, morro.

Se o atacar e perder? Morro.

Se esperar tempo de mais e deixar que ele me ponha as mãos em cima? Sim, morro.

A venéfica que eu matei no dorso do Tairn viu o meu estilo de combate e adaptou-se imediatamente, o que significa que tenho de esperar até ao último segundo possível para mostrar o meu jogo.

A chuva crepita quando me bate na pele escaldada. Se convocar muito mais poder, perderei a capacidade de o controlar e acabarei esgotada, pelo que me mantenho naquele limbo quando ouço outro som a sobrepor-se ao da chuva.

Asas.

— *Não preciso de salientar a importância do momento em que vais atacar, pois não?* — pergunta o Tairn.

— *Vou atacar no momento certo.* — O meu coração latejante acalma-se a cada passo que o venéfico dá, tão certa estou do que vou fazer. Não há margem para erro. Olho de relance para a direita o tempo suficiente para ver que a Mira e o Brennan conseguiram sair do campo.

— *Não espero menos do que isso.*

O manipulador de magia negra está a poucos passos de distância, o olhar a percorrer-me o corpo, sem dúvida à procura das minhas debilidades, quando sinto a rajada de vento das asas do Tairn nas minhas costas.

Agora. Atiro os punhais ao venéfico em simultâneo e, desta vez, não me esqueço de calcular o impacto da chuva. No momento em que os vejo a penetrar-lhe as botas e a pregar-lhe os pés ao chão, abro os braços para o lado e liberto todo o meu poder numa torrente escaldante de relâmpagos.

Reteso os braços e bloqueio todos os músculos.

As presas do Tairn enrolam-se nos meus ombros e agarram-me bem no exato momento em que o relâmpago cai atrás do venéfico enraivecido e ilumina o céu com um clarão brilhante, ao mesmo tempo que eletrifica a água que cobre a arena e os pés do venéfico com uma energia letal.

O manipulador de magia negra solta guinchos de agonia e cai inanimado, de chapa, na água quando nós já estamos a voar.

Consegui. Abençoado seja Dunne, *consegui.*

— *Esta foi por um fio.*

Eu reviro os olhos e respiro fundo, não obstante a chuva que me escorre pelo rosto, quando o Tairn guina para a esquerda, voando por cima da curva da arena para me levar de volta para o palácio.

A Sgaeyl, o Teine e o Marbh adotaram todas posturas defensivas no terraço, colocando-se em posição de incinerar a multidão.

— *Vou devorar qualquer pessoa que avance contra ti. A minha paciência acabou.* — As asas do Tairn batem mais devagar quando nos aproximamos do pátio.

— *Não me vou esquecer de os avisar.*

O Tairn espera que eu ganhe equilíbrio nos pés ensopados e calçados com sandálias, antes de avançar por entre a multidão, arrancando gritos dos voadores e aristocratas e estalando o mármore com as patas até chegar à erva e girar, brandindo a cauda como a arma que é e completando a defesa de quatro cantos que os dragões estruturam.

O Brennan acompanha-me o passo, com a Mira encostada ao braço, mas a caminhar sozinha ao lado dele.

— Estás bem? — pergunto num sussurro quando passamos por nobres com *chapéus de chuva*. Para eles, isto foi uma merda de um espetáculo de entretenimento.

— Não é connosco que te deves preocupar — murmura o Brennan, enquanto a fila de aristocratas, incluindo a Cat e a Syrena, abre alas e revela uma situação muito mais perigosa do que aquela de que eu acabei de sair.

A mão levantada do Xaden está junto ao peito, dobrada num punho mal fechado, e os olhos estão frios de raiva a olhar para o visconde, cujos pés esperneiam o ar.

O Tecarus tenta a todo o custo, mas não consegue livrar-se das sombras que lhe estrangulam o pescoço e, pelo som alterado da respiração, está a ser asfixiado lentamente.

— Xaden, não faças isso, por favor! — grita a Cat.

A mão do Xaden só se aperta ainda mais à medida que a chuva se torna mais miudinha.

O Tecarus regurgita e os voadores sacam das armas, mas um rugido da Sgaeyl é suficiente para os impedir de investirem contra o Xaden.

Eu baixo a parte dos meus escudos que permite a entrada do Xaden e envio todo o amor que lhe tenho pelo vínculo.

— *Eu estou bem.*

Ele arranca o olhar do Tecarus e a fúria mal domada que lhe alimenta os olhos torna-o quase irreconhecível.

— Deixa de lhe apertar a garganta — digo calmamente. — Ele não pode responder às nossas perguntas se estiver morto.

O espaço entre as sobrancelhas do Xaden franze-se e a mão abre-se um pouco.

Coloco-me ao lado dele e certifico-me de que o meu ombro lhe roça o braço para que ele sinta que estou bem física e mentalmente.

— Tem sorte por não estar morto — digo ao encontro do rosto avermelhado do Tecarus. — Se colocasse o Xaden neste tipo de perigo, não tenho a certeza de que pudesse ser tão misericordiosa.

— Chama a isto misericórdia? — pergunta o Tecarus entre respirações ofegantes, ainda a esperar.

— Chamo — diz o Xaden em voz baixa.

— Extraíu as pedras do leste do rio Dunness, a terra que faz fronteira com os Baldios. Toda a magia já lhe tinha sido sugada.

— Sim! — grita o Tecarus.

O Xaden pragueja baixinho.

— Criou-lhes um poço, o que significa que capturou mais do que um. — Nuvens de vapor sobem-me da pele, mas, pelo menos, não sinto que esteja a arder viva.

— Eu conto-vos tudo o que sabemos — assegura-me o Tecarus. — Ponham-me no chão.

— E é suposto agora confiarmos em si? — pergunta o Brennan, do outro lado.

— Conseguimos impedir que aquele se alimentasse durante dias...

— Porque as runas da arca de Rybestad mantêm o que se puser lá dentro suspenso no ar — interrompe o Xaden. — Ele não podia chegar ao chão para sugar energia antes de ter aberto a arca. Não preciso que me diga coisas que eu já sei. — O Xaden deixa cair a mão e as sombras evaporam-se.

O Tecarus cai desamparado no pátio de mármore e leva a mão à garganta.

O Xaden agacha-se.

— Se alguma vez quiser conversar sobre a razão por que pus termo à aliança, venha falar *comigo*. A Violet está fora do seu alcance. Se olhar sequer na direção dela com alguma coisa que não seja a maior simpatia e o mais puro respeito, mato-o sem pensar duas vezes e deixo a Syrena ocupar o seu lugar como sua herdeira. Está a compreender? — A voz tem aquela suavidade glacial que me arrepia a espinha.

O Tecarus assente com a cabeça.

— Peça desculpa.

— *Eu estou bem*. — Ele está a levar isto longe de mais. Este homem é o segundo na linha de sucessão do trono de Poromiel.

— *Tu não vais receber castigos pensados para mim*.

— Apresento-lhe as minhas mais sinceras desculpas, Violet Sorrengail — crocita o Tecarus por cordas vocais enfraquecidas. — Agora em que é que ficamos, Riorson?

O Xaden levanta-se.

— Agora negociamos.

Uma hora depois, estamos os quatro alimentados e vestidos com peles secas, sentados à mesa de jantar vazia, à frente do Tecarus, da Cat, da Syrena, de meia dúzia de aristocratas e de um general imediatamente à esquerda do Tecarus.

Todas as pessoas da sala estão desarmadas, à exceção do Xaden e de mim, mas os nossos sinetes fazem com que nunca estejamos indefesos.

— Posso apresentar a minha oferta primeiro? — pergunta o Tecarus, a afastar a gola dos vergões vermelhos que tem no pescoço.

— Pode — responde o Brennan.

A mão do Xaden desliza para a minha coxa esquerda e fica lá. Ainda não me largou desde que saímos do pátio. É extraordinário que eu tenha

conseguido vestir as minhas peles de voo, mas eu percebo. Se tivesse acabado de o ver a enfrentar um venéfico, provavelmente estaria no raio do colo dele neste momento.

— O seu poder é... notável. — O Tecarus abana a cabeça devagar na minha direção, como que espantado. — E ainda não está treinada. Imagino o que será daqui a uns anos, ou mesmo daqui a um.

A mão do Xaden abre-se e eu enlaço os dedos em cima dos dele.

— Isso não me parece uma oferta. — Mantenho a voz o mais neutra possível, tentando a todo o custo ignorar este homem que quase me matou, não só a mim, mas também ao Brennan e à Mira.

A raiva passa a ira fervente depressa... demasiado depressa.

Olho de relance para a Cat.

— Não te metas na minha cabeça ou começo a manipular *cá dentro*.

Ela recosta-se na cadeira, mas, quando semicerra os olhos, não o faz derrotada. Oh, não, ela está a avaliar-me e a ver uma adversaria à altura.

Estou pronta para o que der e vier.

— Sabe porque é que eu sou um colecionador tão bem-sucedido? — pergunta o visconde, praticamente a vibrar de entusiasmo. — Tenho o dom de perceber o que é que as pessoas querem, o que as motiva para abdicarem dos seus tesouros. — Deuses, ele é o oposto do Varrish. Os nossos sinetes não são assim *tão* diferentes do trabalho mental. — Penso que a Violet e eu poderíamos chegar a um acordo, se tiver em conta que posso tornar realidade os seus sonhos mais extravagantes.

O Xaden afaga-me a coxa distraidamente, mas ajuda-me a manter os pés na terra.

— E o que acha que são os meus sonhos mais extravagantes? — pergunto.

— Paz. — O Tecarus assente com a cabeça e os movimentos ficam mais erráticos com o aumento do entusiasmo. — Não para si, claro. Não é isso o que a motiva. Paz para as pessoas que ama.

Os dedos do Xaden param.

— Paz para *ele* — conclui o Tecarus.

A minha respiração sai mais tremida.

— Estou a ouvir.

Ele faz a oferta e eu tenho de admitir, por um segundo, que é tentadora. Passar alguns anos como cão de guarda pessoal dele, a monitorizar as serpentes sem cavaleiros que começaram a voar por perto rotineiramente, em padrões que parecem ser de controlo, em troca de viver o resto dos meus dias com o Xaden, os nossos dragões e os meus entes queridos numa ilha dedicada à paz, parece-me perfeito. Também é a forma mais covarde de fugir e completamente inexecutável. As ilhas não aceitam navarreses, nem sequer como visitantes.

— Fugir do Continente para a terra que obtive dos deverelianos não vai ajudar as pessoas de quem eu gosto, nem as que nem sequer conheço. Significa apenas isso: fugir.

O maxilar do Tecarus lateja e eu fico com a impressão de que ele não está habituado a ouvir um não.

— Mesmo que eu dê o luminar a Tyrrendor? — Ele relanceia para o Brennan. — A notícia de que Navarre deixou escapar os cadetes sem derramar uma gota de sangue espalhou-se depressa. Embora eu me pergunte porque será. Vocês não?

Sim. Todos os dias.

— Os dragões não lhe devem nenhuma explicação. — O Brennan encolhe os ombros. — E a minha irmã acabou de *ganhar* o luminar. Ou vai recuar no nosso acordo?

— Eu nunca quebraria um acordo. — O Tecarus olha de relance para o Xaden e inclina-se para a frente, sobre os antebraços altamente bordados da túnica que tem vestida. — Tudo o que sabemos sobre os manipuladores de magia negra. — Ele acena com a cabeça para o general de sobranceiras grisalhas, que desliza um livro com encadernação de pele para o Brennan, do outro lado da mesa. Fico logo com os dedos a formigar para abrir a capa. — Mas eu nunca disse que vos daria o luminar se ela manipulasse. Disse que encetaríamos negociações.

Foda-se, só pode estar a brincar comigo. A minha mão contrai-se em cima da do Xaden, como se isso o fosse impedir de estrangular o visconde com sombras ou me fosse impedir a mim de perder o controlo absoluto do meu poder. Devia ter trazido o globo condutor para a reunião.

— Então, vamos conversar. O que deseja em troca para que nós possamos sair daqui hoje com o luminar? Armas? — pergunta o Brennan. — Porque é isso que estamos a oferecer. O luminar é inútil aqui, mas nós vamos usá-lo para abastecermos os vossos voadores das armas que eles precisam para os venéficos que vocês *não* sejam capazes de capturar.

Espero que as informações sobre como conseguiram capturá-lo estejam no livro.

— Armas são um bom começo — concorda o Tecarus com um aceno, antes de desviar o olhar para a Cat.

— E levam cem cadetes da cavalaria de grifos que eu abriguei depois de a academia deles ter sido destruída para Aretia com o luminar.

Como é que é... que raio?

— E o que é que quer que façamos com os vossos cadetes? — pergunta o Xaden, a inclinar ligeiramente a cabeça. — Os grifos não se dão bem com a altitude.

— Nunca tiveram a oportunidade de se adaptarem — observa o Tecarus. — E eu quero que os eduquem da mesma maneira que creio que estão a fazer com os vossos cadetes. Que os mantenham a salvo e os ensinem a trabalhar em conjunto, e talvez tenhamos uma oportunidade de sobreviver a esta guerra. Nas últimas semanas, temos visto serpes sem cavaleiros a patrulhar os céus, sem dúvida a relatar o que veem imediatamente aos respetivos criadores. Segundo as nossas informações, já se aventuraram até oeste de Draithus. Ficar em segurança aqui, no Sul, não vai ajudar os voadores, sobretudo porque eles querem lutar. E quem melhor para ensinar os voadores a matar serpes do que cavaleiros de dragões?

Treinar com voadores de grifos? Levar a *Cat* para Aretia? Preferia enfrentar uma dúzia de venéficos. Desarmada. Sem o Tairn ou a Andarna.

— Não há nenhuma forma de voarmos com eles para Tyrrendor — aponta a Mira.

Um músculo do maxilar do Xaden lateja.

— Há. Mas não há nenhuma garantia de que eles sobrevivam.

— Nós corremos esse risco — responde a Syrena. — É a melhor hipótese que os cadetes têm de lutar contra os manipuladores de magia negra.

— Esta é a minha oferta. É pegar ou largar — afirma o Tecarus.

Não pode ser...

— Feito — responde o Brennan. — Desde que cada voador que levemos traga uma besta consigo.

Vou *esganar* o meu irmão.

Das perigosas ondas do oceano Árctilo para os prados mais baixos do planalto de Tyrrendor, os penhascos de Dralor atingem altitudes de mais de 3600 metros em certos locais, o que os torna inultrapassáveis para um grifo. Embora haja três caminhos bem traçados em Navarre para subir ao planalto, ao longo da fronteira de Krovla só há um... e é mortal tanto para os grifos como para os voadores. Não tentem usá-lo em nenhuma circunstância.

— CAPÍTULO II: O GUIA TÁTICO PARA DERROTAR DRAGÕES

DO CORONEL ELIJAH JOBEN



CAPÍTULO XLIII

Tenho o pescoço dorido quando olho para cima, depois mais para cima, a seguir mais um pouco para ver os penhascos de Dralor a desaparecer na densa camada de nuvens.

Passaram quatro dias desde que fizemos o acordo com o Tecarus. Há três noites, levámos o luminar — um anel de cristais azuis vibrantes quase tão alto como a Sgaeyl — para uma derivação do vale acima de Aretia, onde está localizada a nova forja. Ontem, todos os cadetes receberam ordens para dormirem como deve ser, arrumarem as coisas para uma missão de três dias e reunirem-se para uma formação de voo às quatro da manhã, e agora estamos num campo a oeste de Draithus, a olhar para os bandos de grifos reunidos à frente da Primeira Divisão, com o sol a dissipar a neblina do início da manhã.

— Ele não pode estar a falar a sério — diz o Ridoc ao meu lado, com o pescoço erguido no mesmo ângulo que eu. Entre os cem cadetes de Aretia e

o mesmo número de voadores amontoados neste campo de erva, diria que noventa e cinco por cento de nós estão a fazer exatamente a mesma coisa: a olhar de boca aberta, tal é a incredulidade, para o trilho estreito, íngreme e quase invisível para o qual o meu irmão acabou de apontar.

A série de rebordos e ziguezagues esculpidos no penhasco de granito parece mais adequada para uma cabra-montês do que para um grifo e está tão bem integrada no terreno que não admira que a passagem de Medaro tenha sido mantida em segredo Até agora.

— Sim, sem dúvida. — A Visia assente com a cabeça. — Só pode estar a brincar. Aquilo não é um trilho, é uma armadilha de morte.

O caminho em relação ao qual o Brennan está tão entusiasmado não é suficientemente largo para uma carroça, quanto mais para a envergadura de um grifo... e ele quer que os grifos o subam a caminhar? Que nós o subamos enquanto os dragões fazem uma patrulha?

— De certeza que está a falar a sério ou não estaríamos todos aqui — diz a Rhiannon por cima do ombro.

— O que raio é que ele está à espera que nós façamos, além de subir o trilho com eles? — pergunta o Aaric em voz baixa.

— Apanhá-los se caírem? — sugere o Ridoc.

— Certo, porque nós vamos mesmo conseguir apanhar um grifo — observa a Imogen.

Eu franzo o sobrolho a estudar o trilho íngreme. Não é o caminho estreito nem sequer as armadilhas para os grifos que o Brennan descreveu que me preocupam, mas a minha capacidade de resistência. Doze horas de escalada constante vão ser uma tortura para os meus joelhos e tornozelos.

— *Mantém-te vigilante* — avisa o Xaden, com uma voz sumida, quando já vai a voar para leste com a Sgaeyl numa missão de que não fui informada. — *Não tive tempo de questionar as intenções de todos os voadores.*

Como se a recomendação pessoal do Xaden fosse ajudar no que respeita à falta de confiança entre as duas escolas.

— *Já me avisaste* — lembro-o, a senti-lo desaparecer. — *Não morras. Vejo-te daqui a alguns dias.* — Há um assomo de calor que depois desaparece, juntamente com a presença sombria do Xaden na minha cabeça.

À minha frente, o Baylor disfarça um bocejo de boca escancarada com o punho, enquanto o Brennan continua a advertir-nos para a distância da viagem que nos espera, amplificando a voz para o campo em cima de uma pilha de bestas.

— A viagem deverá demorar doze horas, embora eu recomende que descansem ao longo do caminho. — O olhar do Brennan percorre-nos, como que a avaliar a nossa reação, que é, sobretudo... de silêncio.

O único som que se ouve é a brisa de outono que agita as folhas dos carvalhos em crescimento na extremidade sul do campo. Até os dragões e os grifos ficam em silêncio à nossa volta, como se também não acreditassem no que está a ser sugerido.

— Para que eles nos possam empurrar? — pergunta um cavaleiro da Terceira Divisão, que não me parece que esteja a brincar.

— Essa pergunta é precisamente a razão por que vão com eles — diz o Brennan, a evitar o meu olhar por completo quando a Syrena sobe para a pilha de bestas para se colocar ao lado dele. — Os chefes de divisão receberam as localizações das armadilhas para grifos para as poderem desarmar e vocês têm de aprender a respeitar-se mutuamente e a confiar uns nos outros antes de poderem ser ensinados juntos. Nenhum cavaleiro respeitará um cadete que não tenha atravessado o parapeito. — Faz sinal para o trilho atrás dele. — Eis o parapeito para eles atravessarem.

— É estreito, mas não assim tão estreito! — diz o Ridoc em voz alta, suscitando alguns risos de escárnio de concordância dos cavaleiros atrás de nós.

— E se estivéssemos apenas a colocar-nos a nós próprios em risco, talvez fosse adequado considerá-lo inferior à vossa ponte de morte de Basgiath — afirma a Syrena, a entrelaçar as mãos atrás das costas e a virar-se para a metade da formação onde estão os cavaleiros de dragões. A luz do Sol reflete-se nos anéis de metal do tamanho de palmas da mão que lhe caem à frente dos ombros e estão ligados à indumentária de pele acima. — Mas,

enquanto fazem a escalada e decidem se irão aceitar verdadeiramente os voadores nas vossas fileiras, pensem — o olhar dela cruza-se com o meu — que, embora este trilho seja perfeitamente seguro para humanos, é perigoso para os grifos. E perguntem a vocês próprios se iriam arriscar a vida dos vossos *dragões* subindo um trilho criado especificamente para os matar, em território hostil, para poderem aprender a destruir mais facilmente o vosso inimigo com as pessoas que consideravam inimigas até há uma semana.

Os cavaleiros à minha volta agitam-se.

— *Ela tem razão* — digo apenas ao Tairn, uma vez que a Andarna está a mais de três horas de voo, sem dúvida a meio do treino matinal com os anciãos. Ontem quase conseguiu abrir a asa por completo. Quase. — *Eu não arriscaria nenhum de vocês.*

— *Claro que não. Porque haverias de arriscar quando sou capaz de te transportar para todo o mundo?* — Consigo sentir os olhos dele a revirar. — *Não te vinculaste à inferioridade dos grifos. Vinculaste-te a dragões. Leva-os para uma caminhada e deixa-os provar o seu valor.*

— *Pela forma como os voadores olham para nós, até parece que esperam que sejamos nós a provarmos o nosso valor.*

— *Vocês foram escolhidos por dragões. É o suficiente.*

— Cada esquadra será emparelhada com um grupo de voadores de força semelhante para fazer a subida — diz o Brennan. — Esperamos que, quando chegarem ao cimo, tenham encontrado uma base de entendimento para construírem um quadro de parceria.

Isto é tudo para aumentar a camaradagem?

— *Duvido muito* — murmura o Ridoc.

— Entretanto, os dragões manter-se-ão por perto — assevera o Brennan.

— *Nunca estarei a mais de um minuto de voo* — promete o Tairn. — *Divirtam-se a caminhar.*

Cobro-lhe a promessa quando recebemos a nossa missão: o grupo da Cat.

Três horas depois, tenho as barrigas das pernas a arder de tanto subir e o silêncio no nosso grupo pequeno e forçado passou de desconfortável a dolorosamente confrangedor. Tiro a mão da parede de pedra bruta e ajusto o peso do meu saco nos ombros, para aliviar a dor crescente que sinto na coluna, e vejo como está a Sloane. Está a caminhar com firmeza alguns passos à minha frente, dando ao grifo à frente dela espaço suficiente para brandir a cauda de leão.

Estamos a subir em fila única, com a Quarta Divisão a liderar o caminho.

Só o Pelotão Garra está acima de nós.

O trilho em si é exigente, ainda que não seja inultrapassável, e embora tenha quase dois metros de largura em algumas partes, afunila-se para um quarto dessa distância em lugares em que o caminho se desintegrou e deixou buracos enormes que obrigam os humanos a abraçar a parede do penhasco para conseguirem passar. Sempre que chegamos a um, os grifos esticam as presas em gancho para o outro lado enquanto se equilibram com as patas de trás, e eu dou por mim a sustentar a respiração na esperança de que consigam avançar. Tendo em conta que aqueles com os quais estamos a caminhar são mais de meio metro mais largos do que o caminho, estou surpreendida por só ter morrido um, pelo menos que eu saiba. Até agora têm conseguido segurar-se, mas a altitudes mais elevadas? A coisa pode ficar feia.

Olho para a Maren, a voadora que vem atrás de mim e com a qual fui emparelhada até à noite, e para a grifa dela, quando nos aproximamos de uma armadilha já desarmada: um tronco que parece um aríete pousado inofensivamente junto à parede do penhasco no local onde o caminho se afunila.

— Tem cuidado aqui.

— Mesmo à altura do peito. Que bom. — Ela lança-me um sorriso de lábios cerrados. É pequena para uma voadora, embora mais alta do que eu,

com um rosto de coração debaixo de cabelo preto, preso numa única trança que lhe cai ao longo da pele ocre bronzeada do pescoço. Os olhos pretos caídos cruzam-se com os meus sem hesitação sempre que eu olho para trás para me certificar de que ela me está a seguir, o que lhe vale o meu respeito. No entanto, também é a melhor amiga da Cat, o que me faz olhar para trás por mais do que uma razão.

Volto a olhar para trás para me assegurar de que passam em segurança.

— Eu não vou cair do penhasco — promete ela, quando fazemos a quarta curva apertada do ziguezague. Ou talvez seja a quinta. As curvas são os únicos lugares do trilho suficientemente largas para caminharmos em pares. — E a Dajalair também não.

A garra castanha e branca da frente da grifa escorrega no trilho e a presa chia ao resvalar na rocha com o som mais horrível que eu já ouvi até ela recuperar o equilíbrio.

A Sloane e eu trocamos um olhar surpreendentemente desprovido de hostilidade.

— Tens a certeza? — pergunto à Maren quando paramos as três, para ver se alguma pedra resvala do terreno rochoso. Qualquer coisa que caia pode ser mortal para os que estão a escalar atrás de nós.

A grifa eleva-se sobre a Maren e fecha o bico na minha direção.

Sim, aquela coisa seria capaz de me esmagar a cabeça, sem dúvida.

— Percebido, tens a certeza — digo, a levantar as mãos e a rezar a Dunne para que os grifos não castiguem os humanos por falarem com eles como os dragões.

A Maren assente com a cabeça e afaga o peito emplumado da grifa.

— Ela é confiante e um pouco temperamental.

A grifa solta um som parecido com uma gargalhada e nós retomamos a caminhada.

O rebordo estreito é exatamente a razão por que não têm autorização para voar em nenhuma porção do penhasco. Não há garantias de que possam

aterrar sem provocar um deslizamento de rochas que poderá matar alguém que venha mais abaixo.

— Mesmo que ela caísse desta altura, só teria de voar até lá abaixo e recomeçar — diz a Maren, como se fosse uma oferta de paz. — É a parte superior do trilho que me preocupa. Mais mil e quinhentos metros e terá dificuldade em bater as asas. Ela não está preparada para os bandos das divisões dos cumes?

— Bandos das divisões dos cumes? — Não consigo deixar de perguntar.

— Os mais preparados para a altitude e para voarem sobre os cumes da cordilheira de Esben — explica. — A Daja pode não gostar de o admitir, mas é uma rapariga das terras baixas. — O sorriso da Maren fica mais largo, embora a grifa não demore a dar uma bicada no ar a pouco mais de um palmo da orelha dela. — Não me digas que não preferias ser destacada para junto dos bandos da divisão marítima depois da graduação? — Ri-se baixinho, sem dúvida por algo que a grifa disse. — Era o que eu pensava. Acredita, nós queríamos tanto vir para Tyrrendor como vocês nos queriam aqui.

— Então, porque vieram? — pergunta a Sloane, a caminhar demasiado perto do grifo à frente dela e a levar-lhe com a cauda no rosto.

— Como a Syrena disse, é a nossa melhor hipótese de sobrevivência... não só para nós mas também para o nosso povo.

Ao fim de mais alguns minutos de silêncio tenso, pergunto:

— De onde és?

— Draithus — responde a Maren. — Podia fazer-te a mesma pergunta, mas toda a gente sabe que cresceste a andar de posto avançado em posto avançado, até a tua mãe ser colocada em Basgiath.

Quase que tropeço.

A Sloane relanceia para mim por cima do ombro com as sobrancelhas levantadas.

— Tu eras um excelente alvo para um pedido de resgate — explica a Maren quando chegamos a uma série de degraus esculpidos para travar

carroças. — Na verdade, a maioria de nós pensava que o Riorson te iria raptar depois da colheita do primeiro ano e levar-te até nós como oferta.

— Queres dizer que a Cat pensava isso. — O tom da Sloane tem uma inflexão de desconfiança.

— Sim, a Cat de certeza — concorda a Maren.

— Colheita? — pergunto, esquecendo toda a insinuação de rapto por parte do Xaden. — Queres dizer a Debulha?

— Isso. — A Maren olha para trás para ver como a Daja se está a sair ao subir as escadas antes de continuar a escalada. — Pouco importa o nome. É quando os vossos dragões vos matam ou vos escolhem.

— Portanto, o nosso primeiro ano todo. — A Sloane ri-se.

— Imaginem a nossa surpresa quando ele aparece pronto para te defender até à morte no ano passado.

Eu olho para ela porque não ouço a animosidade que esperava. E também não a vejo nos olhos dela.

— Ficaste desiludida?

Ela encolhe os ombros e os anéis de metal no ombro refletem a luz do Sol com o movimento.

— Fiquei desiludida pela Cat, mas eu já não estava propriamente a torcer por essa toxicidade, como creio que tu não farias se se tratasse da tua melhor amiga. É a que está lá em cima com a Cat neste momento, não é? A chefe da tua esquadra?

Eu assinto com a cabeça e sigo em frente pelas escadas cada vez mais estreitas, mantendo o corpo o mais próximo possível da parede do penhasco sem raspar com o casaco de voo na pedra.

— A Rhiannon não quer que a Cat me tente atirar do trilho abaixo.

— Provavelmente, tê-lo-ia feito — admite a Maren com um sorriso na voz. — Ela é um pouco...

— Desequilibrada? — aventa a Sloane, mantendo-se a uns bons três metros do grifo à frente dela, com o Ridoc, a Visia e a voadora. Acho que aquela é a Luella, mas não tenho a certeza. — Espero que ela não tente

nenhum trabalho mental com a Rhiannon ou pode acabar pendurada no penhasco. A Rhi não é para brincadeiras.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Ficaste chocada? — pergunta-me a Sloane por cima do ombro, com a mão apoiada na parede do penhasco, quando chegamos ao fim das escadas. — Não fiques. O Liam não odiava muita gente, mas a Cat fazia parte da lista.

Certo. Porque ele e o Xaden foram criados juntos. Tê-la-ia conhecido.

— Zangada — corrige-a a Maren. — Ia dizer «zangada». E, acalma-te, Sloane, nenhum de nós ousaria canalizar poder dos nossos grifos quando têm de estar completamente concentrados em não cair e morrer.

— Pelo menos não me odeias só a mim. — Contenho um sorriso a olhar para a Sloane.

— Eu não te odeio — diz a Sloane numa voz tão baixa que eu quase me pergunto se a ouvi. — É difícil odiar-te quando o Liam gostava de ti. — O meu olhar confuso deve ser suficiente para ela continuar. — Já vou nas cartas de outubro.

— Ah, quando o Xaden o obrigou a tornar-se o meu guarda-costas. — Viramos na curva do ziguezague e começamos a subida seguinte, desta vez um caminho um pouco mais íngreme por entre a rocha rugosa do penhasco. Olho para cima e arrependo-me imediatamente da decisão, já que fico com o estômago às voltas quando vejo que é quase igual ao que subimos mais abaixo. É penhasco sobre penhasco.

— Ambas conhecíamos o meu irmão o suficiente para sabermos que ninguém o obrigou — responde a Sloane, deixando cair os ombros. — Só gostava que o Xaden tivesse pedido a outra pessoa. Fosse quem fosse.

— Eu também — admito num suspiro, antes de me focar na minha passada quando vejo que estamos a passar por uma parte do trilho que se desmoronou e ficou muito mais estreita.

— Cuidado! — gritam vozes em pânico acima de nós.

A nossa atenção vira-se de chofre para cima.

O céu está cinzento e a cair rapidamente na nossa direção.

Não é céu. É uma rocha.

Estamos prestes a transformar-nos em detritos porque alguém ativou uma armadilha.

— Protejam-se! — grito, a levantar as mãos e a encostar-me à parede do penhasco, para me fazer o mais pequena possível, enquanto convoco o poder do Tairn e a pedra bate no rebordo um pouco mais acima e rola na nossa direção.

O meu coração bate-me nos ouvidos. *É como virar o puxador de uma porta. Como rodar uma fechadura. É uma magia menor. Eu sou capaz de fazer magias menores...*

Com uma rocha do tamanho de um dragão cauda de penas?

Imagino a rocha a mudar de direção e rodo as mãos...

Vejo uma faixa preta a passar-me pelos olhos antes de ouvir uma explosão acima de mim e protejo a cabeça com as mãos quando começam a chover pedrinhas.

O Tairn pulverizou a rocha com a cauda.

— *Obrigada.* — Deixo-me cair contra a parede rochosa e respiro fundo várias vezes para abrandar a pulsação acelerada.

— Vi! — grita a Rhiannon mais à frente.

— Estamos bem! — grito em resposta.

— Caramba. — A Maren inclina-se ao meu lado com a mão no peito.

— Cauda Chicote de Armas? — pergunta a Sloane.

— Cauda Chicote de Armas — confirmo, a olhar para o Tairn a estabilizar o voo antes de se virar de novo para nós.

Ao fim de poucos segundos, está a pairar à minha frente com as asas a bater com precisão e os olhos dourados a semicerrarem-se.

A Maren baixa a cabeça e a Sloane desvia o olhar.

— Bem, a culpa não foi minha. Eu não escorreguei. — Levanto as sobranceiras na direção dele.

— *Seria uma pena teres ultrapassado o ano passado para depois morreres numa caminhada de nada.*

Eu solto um riso de escárnio.

— Percebido.

Ele flete as asas e eu sinto uma rajada de vento nas bochechas antes de ele voltar a mergulhar.

— Isto... é... hum... normal? — pergunta a Maren quando retomamos o esforço da caminhada e o meu coração ainda lateja com o assomo de adrenalina.

— Que parte? O Tairn a salvar-me o couro? Ou ficar aborrecido por isso? Porque, sim, são ambos normais.

— Quando atravessam o vosso parapeito, atiram-vos pedras? — esclarece ela.

— Oh. — Abano a cabeça. — Não. Só temos de o atravessar. É mais difícil do que parece. O que é que vocês têm de fazer para serem escolhidos?

— Caminhamos pela beira do penhasco de Cliffsbane, olhamos para o rio, que tem cerca de nove metros de profundidade naquele ponto, e esperamos que os bandos de grifos passem. — O tom dela aligeira-se e, quando olho para trás, ela está a sorrir. — Quando eles se aproximam, saltamos.

— Saltam? — A Sloane inclina a cabeça para trás, com os olhos arregalados.

A Maren assente com a cabeça e eu vejo-lhe uma covinha na face.

— Saltamos. E se formos capazes de aterrar num grifo, subir para o assento e segurarmo-nos, eles vinculam-se a nós. — Ela estende a mão e afaga a Dajalair na parte do queixo em que o bico se transforma em penas.

— Isso é espetacular — admite a Sloane um pouco contrariada. — O que acontece se falharem? Os corpos acabam por aparecer na margem?

Paramos ambas e viramo-nos para ver a Maren a responder. Tenho de admitir que também estou curiosa.

A Maren pestaneja.

— Corpos? Ninguém morre. É como saltar para a água. Se falharmos, nadamos para a margem, secamo-nos, esquecemos o embarço e escolhemos outra área onde possamos ser úteis. A infantaria e a artilharia são escolhas populares.

A Sloane e eu trocamos mais um olhar.

— Vocês... nadam para a margem e não acontece mais nada — digo devagar.

— Sim, claro. — A Maren assente com a cabeça antes de apontar para mim e para a Sloane. — E, antes que façam mais perguntas, vocês é que são os esquisitos, a matar cadetes no dia de alistamento.

Eu recuo e absorvo as palavras dela.

— Tecnicamente, são candidatos — murmura a Sloane. — Só nos tornamos cadetes depois de atravessarmos o parapeito.

— Bem, acho que isso explica tudo — graceja a Maren com sarcasmo.

— Então, é para andar ou não? — grita o Sawyer atrás de nós.

— A andar! — respondo, antes de me virar para continuar a caminhada pela subida acima, quando sinto um pulsar de energia luminosa vinda do vínculo com o Tairn.

— Uau — diz a Sloane a levar a mão ao coração. — O que foi aquilo?

— Eu também senti. — A Maren pestaneja.

— *A primeira cria de Aretia decidiu eclodir* — diz-me o Tairn, num tom seco tendo em conta a notícia.

— *Temos crias?* — Abro um sorriso. — *Porque é que não me pareces feliz com isso?*

— *A escolha da cria volta a transformar o vale num terreno de desova. Muda a magia. Todas as criaturas que canalizem num raio de voo de quatro horas ficarão a sabê-lo.*

— *Somos só nós. Estamos numa extremidade a cerca de três hora de distância.* — Eu olho em volta, reparando que os outros também parecem

estar a conversar pelos respetivos vínculos. — *Bem, nós e os voadores, que, fosse como fosse, ficariam a saber assim que lá chegássemos.* — O meu sorriso faz-se mais largo quando penso no primeiro cauda de penas nascido em Aretia. — *Temos de confiar neles para que isto funcione.*

— *Sim, acho que sim.*

No fim da tarde, preferia confiar a alma a Malek do que dar mais um passo que fosse neste trilho interminável. Não admira que Tyrrendor nunca tenha sofrido uma invasão de Poromiel. As tropas poromielanas ficariam exaustas ou morreriam — detetadas por dragões em patrulha — quando chegassem ao topo.

Doem-me todos os músculos, ao mesmo tempo a arderem do esforço e tensos por eu estar a calcular cada passo à medida que a altitude aumenta, em resultado de um aturdimento de que não me consigo livrar. Já nem recitar factos mentalmente me faz sentir ligada ao meu corpo. O meu coração bate a uma velocidade vibrante e tensa e eu daria quase *tudo* para me recostar no penhasco à minha direita, parar e descansar por uma hora. Ou duas. Ou quatro.

Parámos pelo menos duas vezes na última hora. Os grifos estão a abrandar para uma velocidade que começa a deixar-me receosa de que não cheguemos sequer ao cimo, mas, pelo menos, nenhum deles caiu e morreu.

E as discussões cada vez mais frequentes entre voadores e cavaleiros também não está a ajudar. Tivemos de parar a caminhada três vezes só para trocarmos os lugares de alguns cadetes. O Brennan pode ter razão quando diz que vamos respeitar os voadores por terem feito a subida, mas uma caminhada de um dia não vai resolver *anos* de ódio que alimentámos uns pelos outros.

A tarde torna-se ainda mais animada quando entramos numa nuvem densa que só nos permite ver três a quatro metros à nossa frente, pelo que começamos a avançar a passo de caracol.

— Espero que estas nuvens queiram dizer que nos estamos a aproximar do cume — diz a Maren a olhar com preocupação para a Daja, cujos passos foram abrandando a cada subida. Tem a cabeça caída e o peito emplumado a subir mais depressa e mais superficialmente a cada passo. Hipoxia. A Maren está no mesmo estado, tal como o par à nossa frente, o Cibbelair com a sua voadora, Luella. As asas com laivos de prateado não estão apenas recolhidas para o lado, estão a pender.

Enquanto nós, os cavaleiros, fomos treinados nas montanhas que rodeiam Basgiath e voámos muitas vezes a mais de 3500 metros de altitude, os voadores não podem dizer o mesmo. A montanha mais alta de Poromiel tem cerca de 2400 metros de altitude, o que explica porque só os bandos das divisões dos cumes faziam as incursões às aldeias mais altas de que ouvíamos falar no Sumário de Batalha.

Até a Sloane parece preocupada.

— Deixa-me ver quanto caminho é que nos falta fazer — digo à Maren, num tom suave. — *Diz-me, por favor, que estamos quase a chegar ao fim do raio deste penhasco.*

— *Sinto-te mais perto. Faltam talvez três ou quatro subidas para o cume* — responde o Tairn. — *Mas nenhum de nós consegue ver nada com o nevoeiro. O Pelotão Garra está agora a chegar.*

— Acho que nos falta menos de uma hora. — Lanço o que espero que seja um sorriso de incentivo à Maren, mas que provavelmente parece mais um esgar cansado. — *Tens a certeza de que não podes simplesmente agarrá-los com as tuas garras como as bestas e voar com eles até ao cimo?* — pergunto ao Tairn.

— *Eles nunca tolerariam tamanha indignidade. Além disso, só têm de chegar ao cume do penhasco. Temos carroças à espera para levar aqueles que o permitirem.*

Certo. Porque eles não podem voar para Aretia. Pelo menos no estado em que se encontram.

— Nós conseguimos resistir mais uma hora — diz a Maren entre arquejos. — Luella — diz mais para a frente. — Devemos demorar mais uma hora! Estás a aguentar-te?

— Vamos conseguir — responde uma voz fraca à frente do grifo com laivos de prateado.

A Sloane apoia uma mão no penhasco e olha para mim.

— Ela e a Visia têm estado a discutir — sussurra. — Está a ficar mais calmo, mas não sei se é porque se entenderam ou por a Luella não conseguir respirar. E acho que ela acabou de vomitar.

— Mal da montanha — respondo, também em voz baixa.

— Vocês não precisam de sussurrar — afirma a Maren. — Os grifos têm uma audição extraordinária.

— Tal como os dragões — murmuro. — Não temos privacidade.

— Exatamente. — A Maren afaga a Daja em cima do bico, lembrando-me daquele lugar acima das narinas de que a Andarna gosta. — Intronetidos mexeriqueiros — diz ela com ternura. — Não se preocupem, a Luella vai conquistá-la. É a mais simpática de todas nós.

— Eu não teria tanta certeza. — A Sloane abrande e espera que nós vamos ter com ela. — A família da Visia foi morta numa incursão em Sumerton no ano passado.

— A Lu não era sequer cadete quando isso aconteceu — observa a Maren entre arquejos rápidos.

— Se os cavaleiros destruíssem Draithus — aponta a Sloane a erguer uma sobancelha —, ias querer saber se estavas a caminhar com alguém da Divisão Norte? Ou odiarias todos os cavaleiros por igual?

— Tens razão — admite a Maren. — Mas é difícil odiar a Luella. Além disso, ela faz uns bolos *ótimos*. Vai conquistar a Visia com uns caramelos assim que chegarmos a Aretia. Vocês vão ver.

Um pedaço de asa de dragão aparece entre o nevoeiro, rasgando a nuvem como uma faca antes de desaparecer de novo.

— Pelo menos ainda estão a tentar fazer patrulhas — diz a Sloane quando continuamos em frente.

— São corajosos, tendo em conta que não conseguem ver a ponta do penhasco — acrescento.

Uma onda de tensão... de reconhecimento inunda o meu vínculo com o Tairn. Acho que ele também não está muito satisfeito com a falta de visibilidade.

— Ai não! — grita uma voz conhecida mais à frente e a fila detém-se.
— Vais acionar a armadilha!

O Dain.

— O que caralho é que ele está a fazer aqui em baixo? — murmura a Sloane. Não importa quantas vezes lhe explique que o Dain não sabia quais seriam as consequências de me roubar as memórias; a Sloane continua a abominá-lo.

E há uma parte avassaladora de mim que ainda faz o mesmo.

O Cibbelair começa a avançar, a subir o caminho com todo o cuidado e nós seguimo-lo e acabamos por chegar ao local onde o Dain está parado, encostado à parede do penhasco com o corpo tenso, de forma a que fique o menor possível para que o grifo possa passar.

— Há ali uma espoleta — avisa, a apontar para a secção do trilho imediatamente à frente dele, com um mapa numa mão e a estender o outro braço para que o Ridoc e a Luella não avancem. — Sabemos que envia setas, mas não sabemos de onde, pelo que não podemos desarmá-la. É por isso que estou aqui a advertir toda a gente para o perigo desta secção.

Eu olho pela parede do penhasco acima e reparo nas inúmeras reentrâncias na rocha que poderão esconder várias munições, depois de novo para o trilho, onde foi colocada uma corda à frente da rocha para marcar a área a não tocar. Parece ter um metro e meio a dois de largura, o que já me faria parar, mas saltar uma área tão grande num rebordo exigente como este com o nosso nível de fadiga — e sobretudo o dos grifos — é completamente assustador.

E quase não consigo ver merda nenhuma para lá da corda com este nevoeiro.

— Temos de saltar — diz o Ridoc a olhar para o trilho.

— Toda a gente conseguiu atravessar até agora. — O Dain assente com a cabeça.

— Luella? — A Maren inclina-se para a beira do penhasco para ver para lá do Cibbelair.

Uma voadora pequena, com o cabelo quase branco e sardas que me fazem lembrar o Sawyer, olha para trás.

— Não sei. Nunca saltei uma distância tão grande.

— Ela é a mais pequena de todos nós. — A Maren não se dá ao trabalho de sussurrar.

— Como tu — acrescenta a Sloane a olhar na minha direção.

— Ridoc, tu e o Dain podem atirá-la para o outro lado? — pergunto.

— Queres dizer se te posso atirar a *ti* para o outro lado? — pergunta o Ridoc com o habitual sarcasmo.

Eu resfolgo.

— Eu consigo saltá-lo. — Nem pensar que vou deixar que o Ridoc me atire a mim.

A cabeça da Luella vira-se para trás, ofendida.

Merda.

— Eu estou habituada a esta altitude — lembro, esperando poder assim disfarçar o meu insulto accidental. — O que é que os outros fizeram? — pergunto ao Dain.

— Um salto em corrida — responde ele. — Só estamos a certificar-nos de que quem estiver do outro lado já está recuperado para que não haja impacto.

Deuses, quem me dera que o Xaden estivesse aqui. Pegaria na Luella com as sombras e carregá-la-ia para o outro lado. Por outro lado, podia limitar-se a deixá-la cair. Nunca sei muito bem o que ele decide fazer com outras pessoas.

A Rhiannon não é capaz de transportar uma coisa tão grande como uma pessoa. A Cianna, a nossa oficial executiva do ano passado, está lá em cima, mas a manipulação do vento também não vai ajudar. Os nossos sinetes são inúteis neste caso.

— Salta tu primeiro, Ridoc — ordena o Dain.

— Então, *não* vou atirar a Luella?

— A Luella ou consegue passar ou não, tal como no Parapeito — diz a Visia, a atar o cabelo que lhe cai sobre os ombros. — Eu vou primeiro.

— O Cibbe diz que vai primeiro — anuncia a Luella e, depois, encostam-se os três à parede do penhasco ao lado do Dain para que o grifo possa passar.

A Sloane tem razão. A Luella é fisicamente parecida comigo, magra e mais baixa do que a média. Além disso, é da minha idade, uma vez que os voadores começam um ano mais tarde do que os cavaleiros de dragões. Mas está a sofrer do mal da montanha e eu não.

Eu estou só um pouco atordoada, o que pode ser uma sentença de morte aqui em cima.

A ponta de outra asa de dragão aparece no meio da bruma, num padrão de voo que vem da direção oposta. Um castanho, talvez?

— É o Aotrom? — pergunto ao Ridoc. Nesta altura estou prestes a suplicar-lhe ajuda e a mandar o orgulho dos voadores para as malvas.

— Não. O Aotrom está no cume com os outros. Acabaram agora de levar as bestas e estão a queixar-se de serem tratados como burros de carga.

Um canto da minha boca dobra-se num sorriso.

— Sim, bate certo.

O Cibbelair balança o quadril fulvo e ocre e lança-se para a frente, superando a armadilha e derrapando ao aterrar.

A Luella sorve o ar quando as presas do Cibbe deslizam até à extremidade, mas o grifo não demora a vergar-se contra o penhasco, com o dorso a subir e a descer com arquejos entrecortados.

Estou dividida entre suspirar de alívio por o grifo ter conseguido ultrapassar a armadilha e reconhecer o buraco crescente que sinto no estômago que me diz que a Luella não o vai conseguir de forma nenhuma.

— Importas-te de lhe perguntar se ele se importa de fazer de grade? — pergunto à voadora. — Vamos ter de correr e saltar as duas e ele seria bom a

impedir-nos de cair do penhasco.

O Cibbe ergue a cabeça num ângulo pouco natural e cacareja agressivamente na minha direção.

— Ele... — Os lábios da Luella esboçam um sorriso. — Ele concorda com relutância.

— Visia e Ridoc, venham cá — ordena o Dain. — Temos de manter a fila em movimento.

A Visia recua para onde nós estamos, saltita sobre os dedos dos pés, começa a correr, ativando os braços e as pernas, e lança-se para o outro lado da área delimitada pela corda, aterrando sem problema.

— Estás a ver, se ela é capaz, nós também seremos — asseguro à Luella, esperando que não seja uma mentira.

— Ela é quinze centímetros mais alta do que nós e está longe de estar tão ofegante. — A Luella engole em seco. — E, sem ofensa, mas tu estás com ar de quem está prestes a desmaiar.

— Não estou — minto, demorando um segundo para ajustar a ligadura que tenho no joelho e que está a descair. Não bebi água suficiente nem tive tempo suficiente para descansar os pés hoje, pelo que o meu corpo está mais do que feliz por me avisar desta negligência.

Deuses, nunca teria ultrapassado o Guante se me sentisse *assim* naquele dia.

O Guante. Uma ideia ganha força.

— Eu vou... — começa o Ridoc.

— Espera um segundo. — Eu apoio a mão direita no penhasco para não perder o equilíbrio precário e estudo a zona acima da armadilha, reparando numa das fendas mais finas da rocha. O Ridoc é o melhor montanhista que nós temos, pelo que pode funcionar.

— Em que é que estás a pensar? — pergunta o Dain. — Não me digas nada. Tens essas rugas pequenas entre as sobrancelhas.

— Estou a pensar se o Ridoc gosta assim tanto da espada dele. — Respiro para aliviar o mal-estar que acompanha sempre o aturdimento.

— É uma arma padrão — responde o Ridoc a seguir o meu olhar. — Oh. Estás a pensar...

— Sim. — Olho de relance para a Luella para que ele perceba e ele assente devagar com a cabeça.

— Não posso garantir que fique segura.

— Tenta. — Levanto as sobrancelhas.

O Ridoc leva a mão à espada.

— Não. — O Dain saca da espada curta, deixando a longa embainhada. — Usa esta. Tem um botão do punho maior e será mais fácil de manobrar. — Estende a espada ao Ridoc e olha para mim. — Ainda sei como a tua cabeça trabalha.

A Sloane solta um esgar de escárnio.

O Ridoc pega na espada curta do Dain e embainha-a no lugar vazio na ilharga esquerda, depois escala alguns metros antes de se arrastar horizontalmente pela vertente do penhasco.

— O que é que ele está a fazer? — pergunta a Luella.

— Observa — digo em voz baixa para não assustar o Ridoc.

Com uma mão a passar por cima da outra, ele avança com cuidado pela parede rochosa, coloca os pés num ponto de apoio que eu nem sequer consigo ver, quanto mais confiar que é seguro, mais ou menos a meio do caminho. Saca da espada curta, puxa o cotovelo o mais para trás possível sem perder o equilíbrio e enfia-o na fenda da rocha com toda a força. O som estridente é pior do que o de um grifo enfurecido.

— Pedra — diz ao Dain, a estender a mão direita para trás.

O Dain pega numa pedra solta do tamanho do meu pulso, depois estende os braços compridos para o Ridoc e dá-lha.

O Ridoc bate com a pedra no punho da espada, martelando até quase toda a lâmina ter desaparecido na parede do penhasco, e não deixa de reparar no ligeiro estremecimento do rosto do Dain. O Ridoc agarra o cabo e testa-o com a palma da mão, depois com as duas.

Sustenho a respiração quando ele apoia o peso todo na espada e, graças a Dunne, a espada não cede. O Ridoc puxa o corpo para trás, balança para a frente e larga a espada quando chega ao ponto mais alto do arco para aterrar do outro lado da corda.

Isto pode funcionar.

— E, de repente, isto é o Guante, não o Parapeito — murmura a Sloane.

— Fácil — diz o Ridoc, antes de se virar para olhar para mim e levantar os braços. — Vamos, Vi. Até te apanho.

— Vai-te foder. — Levanto o dedo do meio, mas sorrio-lhe por entre a neblina. — Espero que sejas destra — digo à Luella.

Ela assente com a cabeça.

— Ainda bem. O cabo tem vinte centímetros...

— Dezoito — corrige o Dain.

— Um homem a encurtar a estimativa de uma rapariga. Imagine-se — provoca a Maren.

Não consigo deixar de sorrir.

— Certo. Dezoito centímetros. Só tens de saltar a distância suficiente para o agarrar e depois balançar para o outro lado como o Ridoc.

A Luella olha para mim como se eu lhe tivesse dito que vamos escalar o resto do penhasco com as mãos.

— Queres que eu vá primeiro? — sugiro.

Ela assente com a cabeça.

— *Por favor, tira-me o aturdimento e eu juro que te construo o maior templo de Aretia* — rezo a Dunne. Mas talvez a súplica devesse ser dirigida a Zihnal, porque, caramba, precisamos mesmo de sorte. O meu estômago é atacado por borboletas.

— Tens a certeza? — pergunta o Dain.

Eu lanço-lhe um olhar com uma expressão furiosa.

— Tens a certeza. — Volta a afirmar a frase como facto e recua para me dar mais espaço.

Eu apoio-me nas pontas dos pés, antes de correr, pousar o último passo imediatamente antes da corda e saltar em direção ao cabo da espada.

Sinto cada batida do meu coração a marcar o tempo quando estou no ar.

Alcança-o. Alcança-o. ALCANÇA-O.

A minha mão direita é a primeira a tocar no cabo e eu agarro-o com força, antes de levar a mão esquerda ao encontro do espaço disponível e me segurar bem, enquanto o resto do corpo balança, para que eu não voe para a frente e acione a armadilha.

— Tu consegues! — grita o Ridoc, a estender os braços.

— Dou-te um pontapé na cara se me tentares apanhar! — aviso.

Ele ri-se e recua alguns passos enquanto eu sorvo o ar com insistência e faço força para focar os olhos, decidida a não deixar que o aturdimento me leve a melhor.

Não vou morrer hoje, caramba.

Puxo o corpo para trás e começo a tomar balanço como se estivesse num obstáculo do Guante, lançando os pés para a frente e para trás. Quando já tenho ímpeto suficiente, murmuro outra oração e largo o cabo, projetando-me para o limite da corda.

Caio do outro lado e a dor explode-me nos joelhos quando me lanço para a frente e me seguro com as mãos. *Conseguiste, conseguiste, conseguiste*, cantarolo, atirando a dor para uma caixinha bem arrumadinha, que fecho a sete chaves quando me levanto. Uma rápida sacudidela com as mãos diz-me que não desloquei as rótulas, embora a da esquerda se queixe que esteve muito perto de abandonar o navio.

— Estás a ver? — Forço um sorriso e viro-me. — Tu consegues.

A Maren dá uma palmada no ombro da Luella e o que lhe diz faz com que a voadora mais pequena assinta com a cabeça ao mesmo tempo que eu recuo para o centro do trilho para lhe dar espaço para aterrar.

Ela enfrenta o obstáculo como eu, os pés a espernear para o corpo chegar mais longe antes de conseguir levar as mãos ao cabo da espada e segurar-se bem.

— É assim mesmo! — grito. — Agora balance até sentires que o ímpeto te pode trazer até aqui.

— Não consigo! — grita ela. — As minhas mãos estão a escorregar!
Merda.

— Tu consegues — incentiva-a o Dain. — Mas é melhor que o faças *já*.

— Força, Luella! — grita a Maren.

A Luella começa o mesmo padrão de balanço que o Ridoc e eu usámos, lançando os pés para trás e para a frente para ganhar ímpeto, e larga o cabo da espada.

Eu sustenho a respiração quando a vejo a voar, desengonçada, em direção à linha de segurança.

Ela aterra imediatamente antes da corda e fixa os olhos nos meus, arregalando-os de terror antes de se lançar para a frente, como se a armadilha não fosse sensível ao passo em falso se ela fosse suficientemente rápida.

Oh, *merda*. Talvez o Dain esteja enganado. Talvez a armadilha esteja trinta centímetros *antes* da corda. Talvez ela se tenha safado. Talvez todos estejamos a salvo.

Mas é claro que rezei ao deus errado.

O tempo começa a correr mais devagar, mas tudo acontece ao mesmo tempo, por estranho que pareça.

A Luella mergulha para a frente, lançando o corpo para onde estava a olhar — para mim e não para o Cibbelair —, e eu mal tenho tempo para abrir os braços antes de ela vir contra mim e me projetar de encontro à Visia... e na direção do penhasco.

— Vi! — grita o Ridoc.

Eu tento girar, lançar todo o nosso peso na direção da segurança da parede, mas não tenho tempo nem força suficiente e debatemo-nos, enroladas umas na outras..

Pés tropeçam noutros pés e eu começo a cair. Caímos todas.

Uma mão agarra o cós de trás das minhas peles e puxa, mudando a direção da minha queda. O *Ridoc*. Perco tração nos pés quando o ímpeto do meu movimento muda e bato com os joelhos perto da extremidade do penhasco, a tempo de ver a Visia e a Luella a começarem a escorregar.

E já não posso parar o tempo.

— Não! — Arrasto-me para a frente, com a rocha a raspar-me no tronco, e estendo os braços para quem estiver mais perto, quando ouço um som de uma rajada de vento sobre a cabeça.

A Visia segura-se à minha mão esquerda e a Luella agarra-me o pulso direito, e o peso das duas quase me leva ao encontro delas. O meu ombro direito desloca-se da articulação e a agonia sai-me pela boca em forma de grito.

A Visia apalpa a parede do penhasco à procura de um lugar para apoiar a mão, mas a Luella tem ambas as mãos agarradas ao meu pulso, enquanto os pés procuram aderência.

— Puxa-me para cima! — berra a Luella, e eu estou demasiado dorida para verbalizar que *não consigo*.

— Ridoc! — grito quando a minha visão começa a ficar turva e depois preta.

— Ajuda-me!

Ouçó passos a bater, mas as mãos da Luella deslizam-me do pulso para a mão e eu arrisco olhar para trás por cima do ombro, à procura de um resgate, no momento em que o peso da Visia desaparece, puxado do lado do penhasco por um bico gigante.

O *Cibbe*.

A Visia estava a estorvar. O grifo deixa a Visia cair no rebordo e estica o enorme pescoço em direção à Luella quando eu ouço botas a correr pelo trilho abaixo.

Mas a única coisa que eu vejo é o Ridoc a cambalear para trás em direção à parede, com duas setas espetadas no abdómen.

— Eu estou bem. — Ele assente depressa com a cabeça, a olhar para as setas com sangue a escorrer-lhe da boca.

Não. Não. NÃO.

Grito para o topo do penhasco para a única pessoa que o pode salvar agora.

— BRENNAN!

Quando um grifo se vincula, fá-lo para a vida. Guarda a tua vida como guardarias a do teu grifo, porque estarão para sempre interligadas.

— CAPÍTULO I, O CÂNONE DO VOADOR



CAPÍTULO XLIV

Ouçó passos pesados de botas vindos de todos os lados a correr na minha direção, e a Sloane segura o Ridoc quando o Dain bate com os joelhos ao meu lado antes de se lançar para a frente para chegar à Luella ao mesmo tempo que o Cibbe.

Eu tiro os olhos do Ridoc e concentro-me nos olhos cor de avelã da Luella, que continua a escorregar-me pela mão abaixo até aos dedos, que já não sinto.

— Segura-te! — ordeno. Eles só precisam de mais um segundo.

Mas ela continua a escorregar e o bico do Cibbe fecha-se no vazio quando ela me larga e cai engolida pela nuvem.

— Luella! — grita uma mulher à minha esquerda.

O Cibbelair grita, num som estridente que me vibra em todo o peito, e eu baixo a cabeça para o lugar onde a Luella estava e olho, olho e volto a olhar, como se ela pudesse de alguma maneira emergir no meio da neblina.

Como se houvesse alguma possibilidade de ela estar viva.

— Raios! — O Dain volta a ajoelhar-se novamente. — Vi...

— Não me consigo mexer. — A minha voz faz-se lamúria. — Tenho o ombro deslocado. — A qualquer segundo, a adrenalina vai passar e eu

sentirei a verdadeira dor da lesão.

— Está bem. — O tom do Dain torna-se imediatamente mais suave. — Eu seguro-te. — Enrola os braços na minha caixa torácica e levanta-me com cuidado até eu ficar em pé, com o braço direito a pender, inerte, junto à ilharga.

O grito do Cibbe transforma-se num lamento cortante.

— *Sinto que algo não está bem* — diz o Tairn.

— *Foda-se, nada está bem.*

— Deixaste-a cair! — A Cat investe na nossa direção do outro lado do Cibbe, cada traço do rosto legitimamente marcado pela fúria.

— Nunca a tive nas mãos. — O meu peito contrai-se sob o peso insuportável da culpa porque ela está parcialmente *certa*. Posso não tê-la deixado cair, mas também não a salvei.

— Cat, não. — A Maren apressa-se a correr na nossa direção com as mãos estendidas como que para bloquear a melhor amiga. — Eu vi o que aconteceu. A culpa *não* foi da Violet. A Luella quase matou as duas cavaleiras por não conseguir saltar por cima da armadilha.

— Deixaste-a cair, caralho! — A Cat investe contra a Maren. — O Cibbe salvou a tua preciosa cavaleira e tu *deixaste* cair a nossa voadora! Vou-te *matar por* isso!

— Para com isso! — grita a Maren. — Se a matares, matas o Riorson. Toda a gente o sabe.

Foda-se, a questão é *sempre* a mesma, não é?

— Eu posso... — começa a Cat.

— Dá um passo na direção da Violet e eu próprio te atiro do caralho do penhasco — avisa o Dain, numa voz baixa e ameaçadora. — Ao contrário do Riorson, estou-me nas tintas para o teu tio.

— E eu faço-o só porque sim — acrescenta a Sloane.

— Ridoc — consigo dizer apesar da dor que me lateja no ombro antes de me devorar o resto do corpo.

— Vivo — responde ele com a voz fraca.

— Cat, esquece. O Cibbe não tem muito tempo — diz a Maren com a mão a tremer quando a estende para o grifo.

A Cat respira fundo, depois assente com a cabeça e coloca-se ao lado do grifo.

— Os grifos morrem com os respetivos voadores — explica a Maren num tom mais suave enquanto afaga a linha em que as penas mudam para pelo.

Como o Tairn e eu.

O Cibbe solta um grito tripartido e abafado, e todo o penhasco, tanto acima como abaixo de nós, o ecoa, como se os grifos estivessem a chorar a perda da voadora em uníssonos.

Um bater de asas aproxima-se de nós quando o Dain me leva para longe da borda, e eu olho para a neblina à espera de ver um clarão cor de laranja, o Marbh e o Brennan a chegar.

— Volta a colocar o meu ombro no lugar. — A minha voz é um croceto quando olho para o Dain.

— Merda. Estás a falar a sério? — Ele levanta as sobrancelhas.

— Vá. Como quando eu tinha catorze anos.

— E dezassete — murmura ele.

— Exatamente. Sabes como fazê-lo e não temos nenhum curandeiro por perto.

— Não queres esperar pelo Brennan? — O Dain agarra-me o braço.

— O Brennan vai tentar reparar-me primeiro e o Ridoc está a morrer. *Vá lá!* — disparo, a preparar-me para a dor.

Aparece-me uma faixa de couro à frente da cara.

— Morde isto — ordena a Maren por cima dos gritos do Cibbe.

Não consigo olhar para ele, não sou capaz de ver um corpo tão saudável a morrer como aconteceu com o Liam, pelo que olho em frente e mordo a faixa de couro.

— Um. — O Dain levanta-me o braço e põe-se em posição. — Dois.
— Coloca-me o braço a um ângulo de noventa graus.

Os meus dentes marcam o couro quando eu contenho o grito a subir-me pela garganta. O Ridoc foi atingido por duas setas. Eu aguento isto.

— Desculpa por isto — sussurra o Dain, colocando-me a outra mão entre o pescoço e o ombro. — Três! — Ele enrola-me o braço para a frente e eu cerro o maxilar, depois os olhos, quando a dor alucinante me envia estrelas para a frente dos olhos e o Dain me coloca o braço no lugar.

O alívio do auge da dor é imediato e eu retiro o couro do meio dos dentes.

— Obrigada.

— Nunca me agradeças por isso. — Ele levanta-me o braço por cima da cabeça, para se assegurar de que está no lugar, volta a rodá-lo para baixo e dobra o cotovelo, encostando-me o braço ao peito antes de tirar o cinto das calças para improvisar uma ligadura temporária. — Como é que ele está? — pergunta por cima do ombro.

— A perder sangue — responde a Sloane, quando uma pata cor de laranja pousa no rebordo onde estava a armadilha e o Brennan executa a aterragem em movimento perfeita.

— Estás... — Ele vem a correr na minha direção, a olhar-me de cima a baixo à procura de sangue.

— Eu estou bem! Salva o Ridoc!

— Foda-se. — O Brennan lança um olhar para a perna do Dain. — A seguir, és tu.

— É só um raspão. — O Dain olha para mim. — Apanhou-me só a ponta da coxa.

O Brennan agacha-se ao lado do Ridoc e começa a trabalhar.

— Está tudo bem — diz a Maren ao Cibbe, enquanto o grifo cai e a cabeça fica a pender na extremidade do penhasco ao mesmo tempo que o choro esmorece. — Mereces uma morte honrada.

O ar é coberto por mais um par de asas a bater e eu olho para a neblina à espera da carranca reprovadora do Tairn. Mas não o sinto mais perto do que antes.

— *Não me pediste para te ir buscar* — diz ele com severidade.

A neblina dissipa-se como uma cena de um pesadelo e os meus olhos não veem senão mandíbulas cinzentas a escancarar-se e a revelar dentes gotejantes que se fecham em redor do pescoço do Cibbe e puxam o grifo do rebordo antes de voltarem a desaparecer na neblina.

O meu coração para.

— Que caralho... — sussurra a Sloane.

— Serpes — consigo sussurrar, a girar a cabeça na direção da Maren e da Cat. Foram as únicas pessoas presentes que já viram uma. — Serpes, certo?

— Serpes — responde a Cat, com os olhos arregalados de choque. A Maren parece uma estátua.

— Serpes! — grita o Dain e faz-se o caos.

— *Não conseguimos ver nada com as nuvens* — rosna o Tairn.

— *Mas elas conseguem ver o suficiente para nos comerem!* — Já o sinto em movimento. Graças aos deuses que a Andarna está em Aretia. — Sobe o penhasco! — grito para a Maren, a agarrar-lhe o ombro com a minha mão magoada e a sacudi-la para a tirar do transe. — Leva a Daja pelo penhasco acima!

Ela pestaneja e depois assente com a cabeça.

— Daja!

O Dain puxa-me do caminho quando a grifa investe para a frente e eu só posso esperar que o assomo de adrenalina seja suficiente para que elas cheguem ao fim das subidas que faltam.

— Não o consigo tirar daqui — diz o Brennan, com o olhar totalmente focado nas feridas do Ridoc. — Estou a bloquear a maior parte da dor, mas não o consigo tirar daqui, Vi.

— E nós aqui somos alvos fáceis — murmura a Sloane, a olhar para a neblina quando passam mais cavaleiros e grifos.

— Vai — sussurra o Ridoc, a abrir os olhos ao encontro dos meus. — Sai deste trilho.

Eu ajoelho-me ao lado dele e pego-lhe na mão.

— Fizemos um acordo, lembras-te? Sobrevivermos os quatro até à graduação.

Fizemos. Um. Acordo.

— Ridoc? — O Sawyer, que traz o resto da nossa esquadra, antes de começar o Pelotão Cauda, abre caminho até nós e os olhos esgazeiam-se de medo.

— Eles não conseguem ver — diz o Brennan, com a voz tensa e as mãos a partir uma seta ao meio e depois outra. — Aetos, os dragões não conseguem ver!

— Já vou tratar disso! — O Dain olha pelo penhasco acima e eu aperto a mão do Ridoc enquanto o Brennan lhe puxa a primeira seta do abdómen.

— Estás a tratar de *quê*, exatamente? — atira o Sawyer ao Dain.

— O Cath está a dizer ao Gaothal que a Cianna tem de manipular algum vento para que os dragões consigam ver — responde o Dain. — Não podes fazer nada aqui, Henrick, por isso leva os outros para um lugar seguro!

O Sawyer fecha os punhos.

— Se pensas que vou deixar os meus colegas de esquadra...

— Parece-me que o teu chefe de divisão te deu uma ordem, cadete — diz o Brennan num tom seco.

— Leva a Sloane. — Eu olho para ela quando ela recua, claramente ofendida. — Eu tive de segurar o Liam nos braços e de o ver a morrer quando o dragão dele já tinha sido esviscerado pelas mandíbulas de uma serpe e não vou ver a irmã dele a sofrer o mesmo destino. Corre pelo caralho do penhasco acima!

Ao Sawyer só faltou pôr a Sloane de pé antes de se juntarem ambos à marcha de cavaleiros, voadores e grifos quando as nuvens começam a

dissipar-se.

— É poderosa, a Cianna? — pergunto ao Dain em voz baixa, absorvendo a pressão da mão do Ridoc enquanto o Brennan lhe arranca a segunda seta do abdómen.

A expressão tensa do Dain responde à pergunta por ele.

A visibilidade pode estar a melhorar, mas está longe de ser suficiente para vermos o que estamos a enfrentar, e, mesmo que fosse, sem bestas, eu sou a melhor arma que nós temos.

— *Já cheguei a essa conclusão.* — Sinto rajadas de vento a bater-me nas costas devido à força das asas do Tairn.

— Certo. — Eu largo a mão do Ridoc e passo-lhe os dedos pelo cabelo para lho tirar da testa. — Não vais morrer. Estás a compreender?

Ele assente com a cabeça e os olhos castanho-escuros fecham-se devagar quando eu me levanto.

— Aonde pensas que vais? — pergunta o Brennan, a perder um pouco da concentração.

— Sou a melhor hipótese que nós temos. Ambos o sabemos.

— Foda-se — murmura o Brennan.

— Encontra todos os manipuladores de vento que tivermos — digo ao Dain quando me encaminho para a ponta do rebordo, parando temporariamente o tráfego, e o Tairn roda o corpo gigante até ficar de frente para Poromiel. — Acho que há um manipulador de tempestades na Primeira Divisão. Não tão poderoso como a minha mãe, mas se conseguirmos aumentar a temperatura pode ajudar a limpar as nuvens.

— Violet! — grita-me o Brennan. — Se não conseguirmos limpar as nuvens, usa-as em teu proveito! Ninguém aqui é tão poderoso como a general Sorrengail. Tenta arranjar outro plano.

O estratega de sempre.

— Podíamos enviar a revoada de dragões inteira — sugere o Dain.

— E se aquela serpe tiver *um* cavaleiro no dorso, podemos perder a revoada inteira. — Abano a cabeça.

— Estás ferida. Sabes disso, não sabes? — pergunta-me o Dain, a olhar para o cinto onde tenho o braço pendurado.

— E tu és um leitor de memórias.

O olhar dele semicerra-se.

— Oh, não estávamos a proferir factos óbvios? — Olho para as nuvens à nossa volta, à procura de uma aberta, qualquer sinal de céu azul. — Detesto informar-te, mas o teu sinete não é propriamente útil nesta situação.

— *Não há tempo para isso.* — O Tairn coloca a enorme cauda ao lado do rebordo do penhasco, pairando de forma estável.

— O Riorson deixar-te-ia ir a correr para uma batalha, sabem deuses contra quantas serpes, ou, pior, os venéficos que as criaram, sabendo que *estás ferida?* — O Dain levanta as sobrancelhas.

— Sim, deixaria. — Salto para o meio da cauda do Tairn e sinto a indisposição a passar quando as botas pisam território conhecido, e olho por cima do ombro para o Dain. — É por isso que o amo.

Não espero por uma resposta, uma vez que sei que o Tairn é um enorme alvo. Ele mantém-se extraordinariamente estável quando caminho em frente, passando-lhe pelos espigões e pelas escamas com facilidade.

— *A morte da voadora não é culpa tua* — diz-me o Tairn quando eu chego à sela e me baixo para me sentar.

— *Deixamos isso para outro dia.* — Debato-me com o cinto durante segundos preciosos. Esta merda é quase impossível com um braço, mas lá consigo agarrar a correia com a mão direita e afivelar com a esquerda. — *Sabes que não consigo manipular com uma mão, não sabes?*

— *Tu não precisas que eu te diga quais são os teus limites.* — O Tairn mergulha e eu sou atirada para a frente no assento quando fazemos um voo picado de centenas de metros em nuvens a dissipar-se.

— *Não as consegues sentir, pois não?*

— *Eu estava ciente de que algo não estava bem, mas se eu ou outro dragão qualquer pudesse detetar serpes com precisão sem as ver, não estaríamos nesta situação.*

Bem visto.

O vento fustiga-me o rosto e os meus olhos deixam escapar lágrimas, mas não vou perder movimentos de braço preciosos a ir buscar os óculos de voo ao meu saco. Saímos da cobertura das nuvens e estabilizamos o voo debaixo dela.

— *As subidas estão vazias* — diz o Tairn. — *Não vamos arriscar o terreno alto se não há cavaleiros para defender.* — A bater as asas com enorme vigor, subimos de chofre de volta para a neblina.

— *Há mais dragões por aqui?* — Estendo a mão para a fivela do cinto do Dain e puxo a pele com cuidado para o lado para poder libertar o braço. Vou precisar dele assim que estejamos prontos. — *Não quero atingir ninguém por acidente.* — Mesmo que, provavelmente, acertar numa serpe fosse, em si, um acidente, dada a minha pontaria.

— *Estão todos lá em cima, a proteger os cavaleiros.*

— *Ainda bem.* — Voamos diretamente pelas partes mais densas da nuvem, mas não há vestígios de serpes.

Até que elas — *duas* — passam por nós, uma de cada lado, faixas de cinzento num manto branco interminável.

— *Merda.*

O Tairn inclina o voo em direção ao céu azul.

Vemos nuvens a pender junto aos penhascos e a cobrir a paisagem circundante. Não admira que os dragões não tenham visto as serpes. Tinham a cobertura perfeita.

E a Cianna não tem poder suficiente para dissipar isto tudo.

Usa-as. Foi o que o Brennan sugeriu.

As serpes não são só seres vivos... são seres criados. Têm uma forma de energia que lhes é impregnada por manipuladores de magia negra.

— *Eu tenho uma ideia.*

— *Eu aprovo-a.* — O Tairn voga em direção à cobertura das nuvens. — *Disse ao Gaothal para mandar a cavaleira dele parar de eliminar as nuvens e limitar-se a empurrá-las para longe do penhasco.*

— *Só do caminho do penhasco. Até lá, vai entretendo as serpes.* —
Agarro o arção da sela com a mão boa e enfio a mão direita entre os botões do casaco de voo para estabilizar o ombro o melhor possível.

Depois, o Tairn volta a mergulhar na neblina.

— *O Aotrom só vê duas* — anuncia o Tairn, a bater as asas e a deixar um padrão de nuvens a rodopiar atrás de nós. — *As nuvens dissiparam-se o suficiente a norte para lhes distinguir os contornos.*

— *Uma patrulha?*

— *Sem cavaleiros* — confirma ele.

— *Obrigada, Zihnal.* — Inclino-me para a frente e as lágrimas continuam a sair-me pelos cantos dos olhos. — *Eu sei, eu sei. Os dragões não prestam vassalagem aos deuses.*

O Tairn bufa, seguindo um padrão de rodopios semelhante ao dele. Está a seguir o rasto das serpes.

— *És mais rápido do que elas, não és?* — O medo desce-me pela espinha.

— *Não me insultes quando estamos a caminho da batalha.*

— Certo — murmuro para mim própria.

— *Não queres usar o condutor?* — pergunta o Tairn quando vemos duas caudas à nossa frente.

— *Não. Apontar é prejudicial para o objetivo.*

— *Compreendido.* — O Tairn bate as asas com mais força, lançando-nos a uma velocidade que me deixa o estômago para trás e me afunila, até se colocar acima das serpes para lhes chamar a atenção.

Funciona e o meu estômago esvazia-se quando passamos de predador a presa. — *Se só houvesse uma, arrancava-lhe a garganta e punha termo a isto.*

— *Eu sei.* — Mas não temos a garantia de que só estejam estas duas por perto.

— *Segura-te bem, Prateada.*

Eu encolho-me, numa tentativa de me tornar o mais pequena possível, e deito-me para minimizar a resistência ao ar quando o Tairn acelera até uma velocidade que eu nunca tinha sentido. Tenho de recorrer a todas as minhas forças para respirar, para lutar contra a escuridão que me ameaça a visão, até mesmo para me manter consciente, quando ele sai disparado das nuvens e volta a mergulhar na cobertura que proporcionam um instante depois.

— *Elas seguiram-nos.*

— *Ótimo.* — Tenho o raio dos dentes a bater. — *As nuvens estão a encobrir-nos bem? Porque eu não consigo manipular se estiver desmaiada.*

— *Já praticamente as passámos.*

Eu cerro os dentes e ignoro a dor palpitante no ombro. As nuvens têm de limpar o caminho, se não corro o risco de matar o Ridoc e o Brennan, se eles ainda estiverem no trilho.

— *Vamos fazer uma pirueta* — avisa o Tairn um segundo antes de o fazer, executando um movimento que me desorienta completamente e durante o qual a maioria dos cavaleiros não consegue manter-se no dorso do dragão.

Sinto o estômago a subir até aos pulmões quando ele volta a estabilizar o voo e vira para o sentido oposto, colocando-nos diretamente *abaixo* das serpes.

— *Eu sei que não devemos questionar os dragões...*

— *Então, não questione.*

Vejo um conjunto de garras cinzentas a cair rapidamente na nossa direção.

— *Tairn!*

Ele guina para a direita, depois sobe rapidamente.

— *As nuvens desimpediram o trilho.*

O meu coração começa a galopar.

— *Certifica-te de que elas nos estão a seguir.*

— *Não te vires para trás, que podes mesmo desmaiar* — adverte, a voar ainda mais depressa.

Eu estremeço ao deslizar a mão para fora do casaco, depois arquejo de dor quando rodo as palmas das mãos para baixo e me abro ao poder do Tairn, que se ergue dentro de mim, me enche os músculos, as veias, o próprio tutano dos ossos, até eu ser poder e o poder ser eu. A minha pele começa a vibrar e a crepitar.

Irrompemos das nuvens e eu abro os braços, ultrapassando a dor e os gritos que a acompanham no mesmo fôlego para libertar a energia acumulada dentro de mim, e, pela primeira vez na minha vida, forço o poder *a descer*.

A energia irrompe do meu corpo, crestando-me a pele ao sair, e o relâmpago sobe da nuvem debaixo de nós, espalhando-se como os vários ramos de uma roseira-brava, a virar e a revirar, atraído pela energia depositada dentro das serpes.

Vejo quatro formas diferentes a iluminar-se mais abaixo, duas diretamente debaixo de nós e outras duas perto da borda do penhasco, num clarão ofuscante com o fluxo interminável de energia.

— *Liberta-te!* — manda o Tairn.

Eu forço as palmas das mãos a fecharem-se e cerro a porta dos Arquivos na minha cabeça, bloqueando o fluxo interminável da energia antes de acabar no mesmo estado em que acabei em Basgiath, aquando do castigo do Carr e do Varrish.

O clarão some-se.

— *Força!* — grito para o vínculo, agarrando o braço direito com o esquerdo quando o Tairn guina abruptamente para a esquerda e faz um voo picado em direção ao chão.

Desta vez, o vento é um alívio bem-vindo do calor que sinto na pele e do ardor que me aflige os pulmões quando passamos pela nuvem e emergimos do outro lado.

Há quatro carcaças de serpes caídas no chão, uma das quais no meio do campo em que estivemos de manhã. O Tairn voa por cima de cada uma o tempo suficiente para se assegurar de que estão de facto sozinhas sem

cavaleiros e somos acompanhados por mais quatro dragões da revoada numa última verificação da zona.

Depois voltamos a subir, passando por entre as nuvens e saindo junto à ponta do penhasco, onde toda a gente está reunida. Alguns grifos sobem para as-carroças pesadas com passos incertos enquanto outros parecem ter perdido a consciência no chão, mas os voadores estão todos em pé, tal como as esquadras de cavaleiros.

O Tairn não demora a localizar a nossa e os cavaleiros afastam-se à pressa quando ele desce numa aterragem abrupta.

— *Podias ter esmagado alguém* — admoesto.

— *Podia, mas, olha, eles desviaram-se.*

Eu vejo a Rhiannon e o Sawyer com o Ridoc apoiado entre eles a caminho do Aotrom e suspiro de alívio.

— O que foi? Achavas que ia deixar o teu amigo morrer? — pergunta o Brennan, a cruzar os braços e a inclinar a cabeça para cima de onde está, ao lado do Bodhi e do Dain, à direita da perna do Tairn.

— Não duvidei de ti nem por um segundo. — Forço um sorriso.

— Queres descer esse cu do dorso do Tairn e deixar-me reparar esse ombro? — Ele lança-me o olhar reprovador de irmão mais velho como profissional que é.

— Não muito. — Faço um esgar e volto a colocar o cinto do Dain no lugar, recusando-me a correr o risco de não conseguir voltar a montar se uma sessão de reparação me fizer perder os sentidos.

— Teimosa de merda — murmura o Brennan, a passar as mãos pelo cabelo.

— Como é que sabias que os conseguias matar daquela maneira?

— Não sabia. — Respiro por entre a onda de dor que ameaça tirar-me os sentidos quando deixo o peso do ombro cair sobre o apoio improvisado para o braço. — As serpes são criadas com magia negra manipulada e o Felix falou-me de campos de energia no outro dia. Eu pensei que o

relâmpago seria sugado pela magia delas, o Tairn concordou que devíamos tentar, e eu arrisquei.

O Brennan deixa cair ligeiramente o maxilar e o Dain contém um sorriso incaracterístico, lembrando-me dos anos em que ele se preocupava mais em subir às árvores do que com o toque de recolher.

— Arriscaste e petiscaste — diz o Bodhi, a sorrir abertamente.

— Foi. — Assinto com a cabeça. — *Não me vais dizer que a minha ideia foi simplesmente brilhante?*

O Tairn solta um resfolego de escárnio.

— *Escolhi-te no ano passado por esse brilhantismo e agora queres palmadinhas nas costas como se fosse uma novidade? Que estranho.*

— *É impossível impressionar-te.*

— *Sou um dragão. Um Chicote de Armas Preto. Descendente de...*

— *Sim, sim.* — Interrompo-o antes que ele me obrigue a recitar toda a sua linhagem.

— O Cath disse que havia quatro carcaças lá em baixo. — O Dain muda habilmente de assunto. — Pelo menos não traziam cavaleiros. Consegues imaginar o que aconteceria se os manipuladores de magia negra soubessem que nós estamos a juntar forças com voadores e a levá-los para Tyrrendor? Onde um dragão acabou de *eclodir*? Pensariam logo que somos um ótimo alvo para sugarem energia.

O rosto do Bodhi descai.

Oh, merda.

— *Era por isso que estavas preocupado.*

— *É impossível dizer quem está num raio de quatro horas de voo.* — O Tairn diz estas últimas palavras com rispidez.

— Eles já sabem. — Sinto o estômago a dar voltas. — É por isso que estão a usar serpes sem cavaleiros na patrulha.

O Brennan fica completamente paralisado e com o rosto lívido.

— O quê? — O Dain olha alternadamente para nós os dois.

— Os venéficos partilham uma consciência coletiva com as serpes que criam — diz o Brennan em voz baixa. — É o que diz o livro do Tecarus.

— O livro que não me deixaste ler e já o tens há quatro dias? — Levo as pontas dos dedos à cabeça quando o aturdimento regressa.

— Só passaram três dias e, pelos vistos, tu já sabes — replica o Brennan. — E algumas coisas estão para lá do teu nível de autorização, cadete, sobretudo informação que não acabámos de analisar.

— Eu sei porque li o livro que o meu *pai* me deu — riposto e quase me arrependo da ênfase quando ele estremece. Ele não se separou apenas da mãe quando mudou de nome; distanciou-se do pai também. — E o Bodhi sabe porque foi assim que matei uma horda inteira deles em Resson.

— Eu não sabia — interrompe o Dain. — Portanto, se um deles sentiu aquele pulsar de energia... se algum deles souber o que significa...

— Quem os criou sabe — concluo por ele, virando o olhar para o Brennan. — E podes apostar que agora não demorarão a vir atrás de nós.

Foi apenas nos últimos cinquenta anos que nos apercebemos de que eles já não vinham apenas dos Baldios. Começaram a receber recrutas, a ensinar os que nunca se vincularam a um grifo a canalizar o que não era deles, a perturbar o equilíbrio de magia, roubando-o da própria fonte. O problema da humanidade é que, vezes de mais, consideramos as nossas almas um preço justo pelo poder.

— GUIA PARA CONQUISTAR A PROPRIEDADE DA ACADEMIA DE CLIFFSBANE
AOS VENÉFICOS DO CAPITÃO LERA DORRELL



CAPÍTULO XLV

— Coralee Ryle. Nicholai Panya — anuncia a recém-nomeada major Devera no pátio coberto de gelo ao ler aquele que se tornou o novo rol de mortes. Pela primeira vez desde que entrei para o quadrante, os nomes lidos todas as manhãs, na última semana, não foram de cadetes, mas de cavaleiros ativos — e voadores — nas linhas da frente, a lutar para reforçar as aldeias ao longo do rio Stonewater. A tentar desviar a atenção dos venéficos do vale, onde eclodiram quatro novos dragões.

Não diga Mira. Não diga Mira. Não diga Mira. Esta tornou-se a minha oração pessoal a qualquer deus que me ouça quando estou na formação.

Sinto-me tão merdosamente inútil. Ao contrário das duas últimas semanas, não há nenhum luminar para ir buscar, nem guarnições para falhar. Há uma verdadeira guerra por perto e nós aqui a aprender História e Física.

— Perdemos *dois* ontem? — O Aaric contrai-se na fila à minha frente.

A Rhiannon olha para mim de relance por cima do ombro, a tristeza assombrando-lhe os olhos por um instante antes de ela se recompor com uma elegância que eu nunca consigo emular e endireitar os ombros ao lado do Sawyer. Dois cavaleiros num dia é algo insondável no serviço ativo. A este ritmo, todo o Quadrante de Aretia estará morto em menos de dois meses.

— Eu acho que é o irmão da Isar — diz o Ridoc, ao meu lado. — Segunda Divisão.

Olhamos ambos para lá da Terceira Divisão, à nossa esquerda. A Isar Panya baixa a cabeça no meio da esquadra dela, no Pelotão Cauda.

Eu pestanejo para conter as lágrimas que me ardem nos olhos e os meus dedos apertam-se em redor do condutor que tenho na mão esquerda.

— Ele era tenente — diz a Imogen em voz baixa.

— Dois anos à nossa frente — acrescenta a Quinn. — Ótimo sentido de humor.

— Isto é cruel — sussurro. — Dizerem-nos que os nossos irmãos ou os nossos amigos estão mortos desta maneira é cruel como o caralho. — É mais difícil de suportar do que tudo aquilo que tivemos de suportar em Basgiath.

— Não é diferente da formação matinal — diz a Visia por cima do ombro.

— É, sim — riposta a Sloane. — Saber que uma pessoa de outra divisão morreu, ou, diabos, da nossa esquadra, não é igual a ouvirmos que o nosso irmão faleceu. — A voz da Sloane quebra-se.

Fico com um nó na garganta. O Brennan está lá dentro, sem dúvida a discutir com a Assembleia como encontrar presas para o *tsunami* de predadores que trouxemos para aqui ao longo do mês que passou ou como coordenar os envios de armas produzidas na forja que agora está a funcionar. O meu irmão está em segurança.

Todos os cavaleiros destacados que não estão aqui a dar aulas foram enviados em turnos para suprir as necessidades de pessoal dos postos avançados ao longo dos penhascos de Dralor, como o Xaden, o Garrick, o Heaton e o Emery... ou para a linha da frente, como foi o caso da Mira.

A Devera aclara a garganta e troca de rol, pegando no que a Jesinia lhe estende.

Eu deixo cair os ombros e o meu suspiro forma uma nuvem no ar gelado. A Mira está viva. Ou, pelo menos, estava ontem à noite, altura em que o cavaleiro em rotação trouxe as notícias. A formação matinal não me assusta no que se refere ao Xaden... eu saberia imediatamente se...

Deuses, nem sequer consigo pensar nisso.

— Chrissa Verlin — começa a Devera, a ler o rol dos voadores destacados. — Mika Renfrew...

— Mika! — Um grito baixo e gutural irrompe da nossa esquerda e todas as cabeças se viram para o centro da formação dos voadores, onde um deles cai de joelhos. Os colegas viram-se e cobrem-no de abraços de consolo.

— Nunca me vou habituar a ouvi-los a fazer aquilo — murmura o Aaric, a agitar-se na formação.

— A ouvi-los a fazer o quê? — pergunta a Sloane. — A ter emoções?

— A Sorrengail sabe o que eu quero dizer. Tu estiveste lá fora... — diz-me o Aaric.

— E chorei como um bebé quando o Liam estava a morrer. Vira-te. — Merda, será que isto não é exatamente o contrário do que eu disse à Rhiannon quando discutimos ao lado do Guante? As mortes servem para nos tornar mais rijos.

Porque será que concordo com a Sloane neste caso? Há algo infinitamente mais... humano na forma como os voadores reagem.

Até a forma como fazem a Debulha deles, em Cliffsbane, é substancialmente menos cruel do que a que temos de suportar em Basgiath. Agora não consigo decidir se nos torna mais fortes... ou só mais insensíveis.

— ... e Alvar Gilana — conclui a Devera. — Confiamos as suas almas a Malek.

Eu olho de relance para a direita — tal como faço todas as manhãs — e vejo a postura da Cat a ficar mais descontraída e os olhos a fechar-se por um

instante, ao lado dos colegas na ponta da formação. A Syrena também ainda está viva.

Ela olha para mim e eu aceno-lhe com a cabeça, gesto que ela retribui, ainda que de forma breve. É o nosso momento diário de tréguas, a única altura em que parecemos reconhecer-nos como irmãs mais novas de outras cavaleiras em vez de inimigas, e acaba em menos de um instante.

A expressão dela torna-se furiosa antes de a formação dispersar.

Juro por Amari que a Cat está determinada em fazer-me o raio da vida negra todos os segundos dos dias e que se esforça a dobrar nos dias quando o Xaden está cá. O ódio que tem por mim faz com que a Sloane pareça calorosa e efusiva. E o pior é que todo o seu grupo parece focado na nossa esquadra, uma vez que cinco dos restantes seis do grupo — sendo a Maren a exceção — me culpam pela morte da Luella e dizem aos quatro ventos que eu escolhi uma cavaleira em detrimento de uma voadora.

O tipo alto com o cabelo castanho pelos ombros — tenho quase a certeza de que se chama Trager — atirou-se ao Ridoc no campo de voo do vale há dois dias e acabou com o punho da Rhiannon no rosto quando se pôs a falar sobre uma determinada aldeia raiana que recusava refugiados. Ainda tem o lábio ferido. Parece que a nossa pequena caminhada pelo penhasco acima não criou os laços que a chefia esperava que criasse.

— O que é que ela fez esta manhã? — pergunta a Rhiannon, a olhar na direção da Cat com a sobrelanceira levantada.

— Bateu-me à porta antes do nascer do Sol e ficou toda chateada quando eu a abri. — Só de pensar nisso já tenho a mão a aquecer o condutor. O Felix substituiu a liga do condutor duas vezes esta semana, mas pelo menos a minha incapacidade de controlar o meu próprio poder está a ajudar a impregnar a liga para os punhais, pelo que, de certa forma, estou a ajudar os esforços de guerra, uma vez que a minha tentativa de ativar a pedra de proteção não surtiu efeito. Rolo o ombro direito, na esperança de aliviar a dor agora que já não tenho o braço ao peito, mas ainda se queixa.

— Está a ficar sem ideias de merda para te provocar? — pergunta o Ridoc quando começamos a dirigir-nos para a porta. Sair da formação aqui demora o dobro do tempo do que demorava em Basgiath, dado que a Casa

dos Riorson foi construída com o objetivo de não deixar as pessoas entrar e não o contrário. — Isso não parece tão mau como o que aconteceu no sábado, quando ela publicou a lista de todos os voadores que a Mira aniquilou ao longo dos anos.

Aquele dia foi um *mimo* e foi ótimo para amenizar as relações entre os cavaleiros e os voadores. Tivemos pelo menos mais uma boa dezena de discussões do que as que acontecem habitualmente nos corredores.

— Estava a usar um vestido de seda devereliana quando eu abri a porta. — Pego no meu saco do chão e alço-o para cima dos ombros, fazendo um esgar devido ao peso. — Como é que sei que era seda devereliana, perguntam-me vocês? Porque era bastante transparente.

— Oh, caramba! — O Sawyer encolhe-se. — Porque é que ela... vocês...

A Rhiannon, a Quinn e até a Imogen olham fixamente para ele quando os instruendos se dirigem para o interior.

— Pensa onde ela dorme! — O Ridoc dá um calduço na cabeça do Sawyer.

— Oh! Certo. Ainda estás a dormir no quarto do Riorson — diz o Sawyer devagar, a virar-se descaradamente de costas para a Cat quando ela entra com os colegas. — Tinha-me esquecido. No rol diz que estás no quarto da Rhiannon.

Trazer mais cem cadetes para aqui obrigou-nos a dividir os quartos e, tecnicamente, eu não devia dormir no quarto de um tenente... não que qualquer um de nós queira saber se a chefia vai dizer alguma coisa ao dono da casa.

— O que eu agradeço. — A Rhiannon pousa a mão em cima do coração. — Assim fico com um pouco mais de privacidade quando a Tara e eu temos tempo para nos vermos. — Ainda bem que posso ajudar. — Esboço um sorriso.

— Tenho de admitir que a rapariga é persistente. — A Imogen abana a cabeça e suspira ao olhar para a Cat e os seus colegas atrás de mim.

Todas as cabeças se viram na direção dela.

— Calma. — A Imogen põe as mãos no ar. — Eu sou da equipa da Violet. Só estou a dizer que aposto que, se o Xaden acabasse contigo, tu também lutarias para o recuperar.

Argh. Se ela coloca as coisas nesses termos.

— Não humanizes aquele pedaço de terror ambulante — riposta a Rhiannon. — Subi o penhasco *inteiro* com ela e começo a pensar que estaríamos melhor se em vez dela tivéssemos aqui o Jack Barlowe.

Ele é um dos que estou contente que tenham ficado em Basgiath, por mais simpático que tenha sido comigo. Não confio naquele tipo. Nunca confiarei.

— A Cat está a ser... a Cat outra vez? — pergunta o Bodhi, caminhando na nossa direção quando o pátio se esvazia.

— Tudo bem. Ela está bem. Eu estou bem. — Abano a cabeça, a mentir com todos os dentes que tenho para que ele não diga ao Xaden que eu não sou capaz de me desenrascar sozinha. — Eu e a Rhiannon já temos planos.

— Temos? — As sobrancelhas da Rhi levantam-se. — Temos.

— Certo. — O Bodhi vira-se para a Rhiannon. — Bem, a professora Trissa acabou de escolher os teus colegas do segundo ano para a nova aula. Amanhã às duas no vale.

Trissa? É a mulher pequena e calada da Assembleia.

— Lá estaremos — promete a Rhi.

A neve cai em Aretia mais cedo do que em Basgiath e, na primeira semana de novembro, um fino manto branco cobre a cidade em rápido crescimento, mas não o vale mais acima, graças à combinação do calor termal natural da cordilheira com a magia canalizada por grifos e dragões, que parece que aumenta a cada dia que passa.

Olho para o caminho gasto no final do vale que conduz à Casa dos Riorson com uma ansiedade que me revira o estômago.

— Isto é estranho. — O Sawyer cruza os braços e lança um olhar aborrecido para os cinco metros de erva do vale que separam os cavaleiros do segundo ano da nossa esquadra dos voadores do segundo ano do grupo da Cat.

Parece que ambos os grupos foram chamados.

Mas, se os dragões atrás de nós e os grifos atrás dos voadores são capazes de não se atacarem uns aos outros, nós também temos de saber manter um certo nível de civilidade.

— Concordo.

— *A civilidade é sobrevalorizada* — observa a Andarna, a fletir as garras na erva. — *Nunca provei grifos...*

— *Nós não comemos os nossos aliados* — admoesta o Tairn. — *Vê se encontras outro lanche.*

Quando olho para a direita, vejo o Sawyer a olhar alternadamente para a Andarna e para o Tairn vezes sem conta, como se estivesse à procura das diferenças.

— Não te preocupes, eu sinto que estou sempre a ver a dobrar.

— Não é isso. Ela cresceu outra vez? — pergunta ele, a puxar a gola.
— A mim parece-me que cresceu.

— Acho que cresceu uns centímetros esta semana. — Assinto com a cabeça. — Tivemos de lhe acrescentar um elo ao arnês de ambos os lados.

— *Em breve, vou poder voar sem ele* — observa a Andarna com uma baforada.

O Ridoc vira-se para fazer a sua própria observação e sorri para a Andarna.

— A pequena mini-Tairn está a ficar feroz, não está...

— *Não sou a miniatura de ninguém.* — A Andarna vira a cabeça de chofre na direção do Ridoc e bate os dentes a menos de dois palmos da cara dele.

O meu coração *dispara*.

— Andarna! — grito, virando-me rapidamente para me colocar entre ela e o Ridoc quando ela recua.

— Raios! — O Ridoc põe as mãos no ar, com o cabelo a ser soprado para trás com a força do que só pode ser visto como uma baforada de frustração... do Tairn. — Grande — desabafa o Ridoc. — Queria dizer grande.

— É melhor não passares mais tempo com a Sgaeyl. — Aponto o dedo à Andarna, ficando a pouca distância de lhe dar uma palmadinha no queixo, antes de levantar a cabeça para o Tairn, que baixou a sua para junto dela como se pudesse realmente mordê-la e atirá-la para fora do campo como a um boneco. — *Estou a falar a sério. Ela está a contagiar-te.*

— *Quem me dera ter tanta sorte.* — A Andarna levanta a cabeça, ativa, e o Tairn resmunga algo na sua própria língua.

— Caramba — murmura a Maren atrás de mim.

— Desculpa lá isto. Adolescentes. — Encolho os ombros para o Ridoc.

— Ainda não consigo acreditar que os caudas de penas são crianças — diz o Sawyer, a afastar-se um passo da Andarna. — E que te vinculaste a *dois* dragões pretos.

— Essa também me apanhou desprevenida.

Eu olho de novo para o caminho, mas não há sinal da Rhiannon. Se a professora Trissa chegar aqui antes da Rhi, vai ser um problema para ela. A Trissa pode ser o membro mais calmo da Assembleia, mas também é a mais incisiva quando se zanga, de acordo com o que o Xaden me disse, antes de voltar a sair para a fronteira com o Heaton e o Emery. Pelo menos, tivemos uma noite juntos.

Os instruendos do terceiro ano também foram patrulhar os penhascos de Dralor e ver se há serpes ou cavaleiros navarreses por perto.

Não precisaríamos de nos preocupar com as serpes se eu tivesse conseguido erguer as guarnições.

— O que é que é pior? — pergunta-se o Ridoc, a bater com o dedo na covinha do queixo. — Eles a olhar para nós em silêncio com aquelas expressões furiosas como se nós fizéssemos alguma ideia da razão por que

também estão aqui? Ou os acompanhantes ameaçadores? — O olhar fixa-se nos grifos em posição de proteção dos respectivos voadores.

A Dajalair oscila um pouco, claramente ainda não adaptada à altitude. Ainda não vi nenhum grifo a voar desde que chegaram aqui há uma semana.

— Ambos. — O Sawyer desabotoa o casaco de voo. — Sou eu ou está a ficar mais calor aqui em cima?

— Está mais calor, está — concordo, soltando um suspiro de alívio quando vejo a Rhiannon a chegar e a lançar-me um sorriso entusiasmado, enquanto caminha na nossa direção do outro lado do campo. — E vê lá se és simpático. Eu gosto da Maren.

— Eu também gosto da Maren... mas a melhor amiga dela precisa de ser atirada deste penhasco abaixo — diz o Sawyer num sussurro.

— Os grifos estão bem despertos mais depressa do que eu pensava — observa o Ridoc. — Muitos deles ainda estavam a dormir mais do que a conta por causa da altitude há poucos dias.

O grifo atrás do Trager, o voador que tem o cabelo pelos ombros e o sorriso enviesado, repara que o Ridoc está a olhar para ele em avaliação e bate o bico afiado com mais de meio metro de comprimento em aviso.

O Trager sorri com malícia.

O Aotrom lança uma rajada quente de vapor por cima das nossas cabeças, atingindo os três voadores no rosto não só com o vapor mas também com uma boa dose de... será *ranho*?

— Tenho de dizer, em sua defesa, que nós também viemos acompanhados — observo, quando a Andarna avança e finca uma garra na erva do meu lado esquerdo e a outra no lado direito em claro aviso. Tem as presas mais aguçadas a cada dia que passa e conseguiu abrir a asa completamente pela primeira vez hoje de manhã, o que a deixou mais arrojada do que nunca esta tarde.

— *Os anciãos dizem que vou começar a voar daqui a poucas semanas.* — Um ronco dirigido ao grifo sobe-lhe pela garganta e ele arregala os olhos e pestaneja.

— *Estás a arreganhar os dentes, não estás?* — Não me preocupo em esconder o sorriso.

— *Não confio neles* — responde ela. — *Sobretudo a do meio, que parece estar a planear a tua morte.*

— *Não deixes que ela te incomode.*

De facto, a Cat tem os olhos semicerrados postos em mim como é habitual.

— *Ela incomoda-te.* — A Andarna dá um único passo em frente, colocando as escamas do peito logo acima da minha cabeça.

— *E ela vai habituar-se a isso ou acabará por a matar* — responde o Tairn atrás de nós, juntamente com os outros três... não, quatro... dragões que estão à espera, agora que a Feirge chegou. — *Ambos os casos são aceitáveis.*

— *Pensava que eras contra matarmos aliados.* — Olho por cima do ombro quando a sombra dele me envolve graças ao sol da tarde. Talvez seja por o Sliseag estar a aproximar-se dela à direita, vislumbro matizes avermelhados nas escamas da Andarna, e não posso deixar de me perguntar quando é que aquele brilho se perderá e as escamas se farão mais baças como as do Tairn.

— *Ela ainda tem de provar que é uma aliada* — aponta o Tairn.

— *Ainda me culpa pela morte da Luella.*

— Olhem, enquanto estamos aqui parados sem fazer nada... — O Sawyer esfrega a nuca e fica com as faces coradas. — Eu...

— Tu...? — Eu levanto as sobrancelhas perante a pergunta claramente inacabada.

— Estava a pensar se podias... — Contrai-se e depois suspira. — Esquece.

— Ele quer que tu lhe ensines língua gestual — conclui o Ridoc por ele, a apoiar-se sobre os calcanhares, claramente aborrecido.

— Ridoc! — O Sawyer olha furioso para ele.

— O que foi? Tornaste isso muito mais doloroso do que tinha de ser. Por amor dos deuses, até parecia que a ias convidar para sair ou algo parecido. — Ele estremece claramente.

— E se convidasse? — replico.

— Lá teria eu de limpar os cacos do Sawyer do chão que partilhamos depois de o Riorson o fazer em pedaços. — O Ridoc abana a cabeça. — Não ia ser bonito.

— Em primeiro lugar, o Xaden tem confiança mais do que suficiente para sobreviver se alguém me *convidasse para sair*. — Olho para o Sawyer. — E, sim, vou ensinar-te língua gestual. Porque é que isso haveria de ser embaraçoso?

— Devia ter aprendido há muitos anos. — O Sawyer baixa a mão. — E... razões óbvias.

— Eu não sou suficientemente fluente para ser um bom professor, pelos vistos. — O Ridoc revira os olhos.

— Ensinaste-me o gesto para *sexo* e disseste-me que era *olá*, só para veres o que aconteceria quando eu o usasse — riposta o Sawyer.

— O quê? Não sou um idiota completo. — Os lábios do Ridoc curvam-se num sorriso. — Teria esperado que me perguntasses a palavra *para jantar*... assim, quando lhe perguntasses se ela queria ir comer qualquer coisa contigo...

— Oh! — pestanejo, juntando as peças. *A Jesinia*. — Não te preocupes, Sawyer. Eu ajudo-te. A Rhi também é fluente. Além do Aaric e da Quinn e...

— Toda a gente, menos eu. — O Sawyer suspira e deixa cair os ombros.

— Por pouco não chegava a tempo — diz a Rhiannon, ligeiramente esbaforida quando chega junto a nós.

Os olhos do Trager semicerram-se ainda mais na Rhi quando a professora dobra a esquina atrás dela.

— Como está o lábio? — pergunta a Rhiannon, piscando o olho ao Trager.

Ele começa a dar um passo em frente, mas a Maren impede-o, abanando a cabeça.

— Eu teria inventado uma desculpa por ti. Conseguieste instalar a tua família? — pergunto-lhe.

Chegaram ontem à noite, cansados da viagem e apenas com o que conseguiram enfiar na carroça estreita capaz de passar pela passagem do Precipício, a sinuosa rota comercial que sobe a vertente nordeste dos penhascos de Dralor, na fronteira da província de Deaconshire.

— Consegui. — A Rhi abre um sorriso e pousa o saco na erva surpreendentemente macia ao lado do meu. Juro, até parece que as estações estão ao contrário neste vale. — Agradece ao teu irmão por mim. Atribuiu-lhes casas muito próximas junto à praça do mercado e eles já escolheram um lugar para abrir uma loja.

— Assim farei. E o Lukas? — Só de pensar nas bochechas rechonchudas e perfeitas do sobrinho dela fico com um sorriso de orelha a orelha.

— Continua a ser o miúdo mais fofo *de sempre*. — A Rhiannon desabotoa o casaco de voo e sacode-o dos ombros. — Estão exaustos, mas em segurança. E poder vê-los sempre que puder? Fantástico. Além disso, tive a oportunidade de exhibir o meu sinete e eles ficaram devidamente espantados.

— Isso é fantástico. Fico mesmo muito feliz por ti. — A minha postura torna-se mais descontraída e respiro profundamente. Há famílias a chegar a Aretia há uma semana, conduzidas em pequenos grupos discretos por membros da revolução que apresentaram ofertas de asilo. O pai do Ridoc deve estar prestes a chegar, mas ainda não tivemos notícias dos pais do Sawyer.

— Devem estar a perguntar-se porque nos estamos a encontrar no vale — diz a professora Trissa, com a respiração perfeitamente regular a pegar no saco, de onde retira sete ilustrações impressas que nos entrega aos sete.

Os meus lábios franzem-se em mais um sorriso. A Jesinia e os outros *já* puseram a prensa a funcionar.

A imagem é uma ilustração de uma runa tyrrense, não muito diferente das que vi no livro de tecelagem que o Xaden me deixou quando se graduou. Depois de olhar bem para a ilustração, reconheço-a. A série de quadrados em escala é quase igual à do cabo do punhal embainhado à direita da minha anca.

— Uma vez que vocês são a melhor esquadra de cavaleiros e o melhor grupo de voadores, escolhem-vos para o nosso... teste, digamos. — A professora Trissa recua para poder olhar bem para as nossas equipas alinhadas. — Conseguem canalizar? — pergunta aos voadores.

— Cerca de metade do poder desde ontem de manhã — responde a Cat.

— Trabalho mental? — pergunta a professora com um tom de curiosidade.

— Ainda não — responde a Maren.

— Mas em breve — diz a Cat, a olhar diretamente para mim. — Estamos a ficar mais fortes a cada dia que passa.

Como se eu me fosse esquecer de como era tê-la a vaguear dentro da minha cabeça.

— Portanto, vamos voltar à hora das artes e ofícios? — pergunta o Ridoc, a cruzar os braços.

— Quem sabe como é que as luzes mágicas são alimentadas? — pergunta a professora Trissa, ignorando a pergunta do Ridoc enquanto estende a mão para o saco, de onde retira oito pequenos quadros de madeira, mais ou menos do tamanho de um prato. Coloca-os entre os nossos grupos. — Então?

— Magia menor — responde a Maren.

— As que vocês próprios criaram. — A professora Trissa assente com a cabeça. — E as que estão sempre acesas, por exemplo, nos dormitórios dos instruendos do primeiro ano. As que funcionam antes de serem capazes de canalizar?

Todos os cavaleiros olham para mim.

— São alimentadas pelo excesso de magia que nós e os nossos dragões canalizamos — respondo. — Sai de nós naturalmente, como... ondas de calor corporal, mas é uma quantidade tão pequena que nem sequer reparamos.

— Exatamente — concorda a professora. — E o que é que torna esse tipo de magia possível? Magia ligada a objetos e não a um manipulador? — Ela olha para nós com os olhos castanho-escuros expectantes e esfrega a cana do nariz. — Deuses, pensava que o Felix estava a brincar. Sorrengail, está praticamente *coberta* delas.

Eu baixo a cabeça, vislumbro o brilho da minha couraça de escamas de dragão debaixo da gola em V da camisola do meu uniforme e depois pouso os olhos nos punhais que o Xaden me deu.

— Runas?

— Runas — confirma a professora Trissa. — As runas não são apenas decorativas. São fios de magia retirados do nosso poder, tecidos em padrões geométricos para fins específicos e colocados num objeto, seja para fins imediatos ou para uso numa data posterior. É um fenómeno a que chamamos «têmpera».

— Isso não é possível. — A Maren abana a cabeça. — A magia só pode ser manipulada.

— Não deixa de ser manipulada. — A professora Trissa quase suspira com a nossa ignorância. — Mas, tal como armazenamos comida para o inverno, um manipulador pode temperar uma runa, utilizando muita ou pouca energia, que depois coloca em alguma coisa. — Ela dobra-se, pega num dos quadros e brande-o na direção de ambos os grupos. — Como a madeira ou o metal ou qualquer objeto que o manipulador escolha. Essa runa irá ativar-se quando for espoletada e realizar a ação para que foi temperada. Ao contrário da liga, que armazena a energia, as runas são temperadas com energia para fins específicos.

A Rhi e eu trocamos um olhar de confusão.

— Estou a ver que precisam de ser convencidos. — A professora Trissa pousa o quadro e levanta as mãos. — Primeiro, separam um fio do

vosso poder. — Ela estende a mão para a frente e aperta o ar entre o polegar e o indicador. — Que, na verdade, pode ser o passo mais difícil de aprender.

— Ela está a fingir? — sussurra o Ridoc.

A professora Trissa lança-lhe um olhar contundente.

— Não é por vocês não conseguirem ver o meu poder que eu também não consigo. Ou não conhecem o processo de ligação à terra? Tal como os vossos escudos, a vossa energia só é visível quando lhe dão forma, seja por meio do vosso sinete de cavaleiros, seja por meio de magia menor, de que todos vocês são capazes.

— Percebido. — O Ridoc levanta a mão vazia em derrota.

— O poder pode ser moldado. — As mãos dela movem-se depressa, pegando em bocados de ar e usando os dedos para criar formas invisíveis. Círculos? Quadrados? Aquilo era um triângulo? É difícil dizer quando não conseguimos ver. — Todos os formatos têm um significado. Os pontos em que atamos a energia alteram esse significado. E vocês terão de memorizar tudo isto. — Ela volta a levar a mão ao ar e cria um... losango? — As formas que nós combinamos estratificam os significados, o que altera a runa. Irá ativar-se imediatamente? Manter-se em estado suspenso? Quantas vezes pode ser ativada antes de se esgotar? Tudo se decide aqui. — Ela parece rodar aquilo em que está a trabalhar, depois puxa mais um fio e faz... algo.

— Estranho como o caralho — murmura o Ridoc num sussurro. — É como quando somos pequenos e pedimos aos nossos pais para beber da chávena de chá sabendo que não tem chá lá dentro.

A Rhiannon manda-o calar-se.

— Quando estiver pronto — a professora Trissa dobra-se, pega no quadro e levanta-se —, depositamos a runa. Enquanto não for depositada, a nossa construção não tem significado nem fim e dissipar-se-á rapidamente. É a têmpera da runa que a torna uma magia ativa. — Ela pega no que eu parto do princípio que seja a runa que tem estado a temperar com a mão direita e leva a palma da mão ao quadro de madeira. — Esta é uma runa de aquecimento simples.

— Aquilo foi simples? — pergunta o Sawyer.

O quadro fuma e eu inclino-me para a frente com os olhos esbugalhados.

— E é isto. — Ela vira a parte da frente do quadro para os voadores e depois para nós. — Assim que vocês perceberem quais são as formas que devem combinar para fazer os símbolos, as combinações são quase ilimitadas.

Fico de boca aberta por um momento. As formas foram *queimadas* no que eu teria dito que era uma runa decorativa há cerca de dez minutos. Baixo os olhos para a ilustração que tenho nas mãos e pergunto-me o que raio é que o punhal que tenho embainhado junto à anca deverá fazer.

Todos os formatos têm um significado. Os pontos em que atamos a energia alteram esse significado. Olho de novo para a forma multifacetada antes de ela rodar o quadro, virando-o para o céu, e os meus olhos arregalam-se com o conhecimento.

— É uma língua logossilábica — atiro. — Como o lucerano antigo ou o morrainiano.

A professora Trissa levanta as sobrancelhas quando olha para mim.

— Muito semelhante, sim. — A boca da professora Trissa curva-se num sorriso. — Ah, é verdade, também sabe ler lucerano antigo. — Assente com a cabeça. — Impressionante.

— Obrigada.

— Ela é nossa — diz o Ridoc aos voadores, a apontar para mim.

Não sei se devo ser motivo de fanfarronice, tendo em conta que de manhã por pouco não passava no questionário de *história*. Pelo menos, sou boa a Matemática, mas, enfim, a Matemática não muda de um dia para o outro.

— É um manipulador de gelo, não é? — pergunta a professora Trissa ao Ridoc. Ele assente com a cabeça e ela estende a mão.

O Ridoc tira a rolha do odre pendurado junto à anca e retira a água do gargalo num cilindro gelado antes de o levar à professora Trissa.

Ela pousa o gelo no quadro e o meu arfar não é o único que se ouve quando o gelo se dissolve em poucos segundos e a água pinga da madeira crepitante.

— Tenham cuidado com o veículo que escolhem para a runa. Um pouco mais de energia e este quadro estaria a arder.

— Porque é que ninguém ensina isto? — pergunta a Maren, a olhar do pergaminho que tem na mão para o quadro.

— É uma aptidão que os Tyrrenses controlaram e aperfeiçoaram no passado, mas foi banida cerca de duzentos anos depois da unificação de Navarre, embora muitos dos nossos postos avançados e a própria Basgiath tenham sido construídos em cima delas. Porquê? — Ela levanta as sobrancelhas. — Ainda bem que perguntam. Sabem, os cavaleiros são naturalmente mais poderosos, dada a quantidade de magia que canalizamos e os sinetes que manipulamos.

O Trager revira os olhos.

— Mas as runas são o grande nivelador — continua a professora Trissa, pousando o quadro na erva agora que deixou de crepitar. — A única limitação de uma runa é o poder que vocês decidirem temperar, quanto tempo quiserem que dure e quantos usos tem antes de se esgotar. Eles baniram as runas para não caírem nas mãos erradas. — Ela relanceia para os voadores. — As vossas mãos, especificamente. Se se tornarem suficientemente bons com as runas, poderão competir com uma boa quantidade de sinetes.

— Então, quer que... temperemos isto? — pergunta a Cat, a estudar a ilustração com uma sobrancelha arqueada. — Com... magia?

Detesto admitir, mas estou com a Cat neste caso... e, pelas expressões nos rostos à minha volta, estamos todos. Até a Rhi está a olhar para o desenho com agitação. Isto parece... avassalador.

— Sim. Com a energia que vão aprender a separar de vós próprios, tal como eu vos mostrei — A professora Trissa abre o saco e despeja mais uma pilha de quadros em cima do primeiro.

Ela fez com que parecesse *muito fácil*.

— Vamos começar com uma runa de destrancamento simples. Fácil de construir, fácil de testar. — Ela olha alternadamente para ambos os grupos.

— Todos nós conseguimos destrancar portas com magia menor — aponta o Trager.

— Claro que conseguem. — A professora Trissa suspira. — Mas uma runa de destrancamento pode ser usada por alguém que não possua magia menor. Agora, vamos lá. Espero que as vossas primeiras runas estejam tecidas antes do pôr do Sol.

— Não estou a ver como vamos conseguir aprender a fazer isso antes do pôr do Sol — observa o Sawyer.

— Disparate. Todos os marcados aprenderam uma runa de destrancamento simples no primeiro dia.

— Sem pressão — murmura a Rhi.

— A Sloane e a Imogen conseguem fazer isto? — pergunto.

— Naturalmente. — A professora Trissa abana a cabeça na minha direção.

Foi por isso que o Xaden me pôs a praticar runas no tecido. Será que alguma vez aquele homem vai aprender a dizer-me as coisas diretamente? Ou vou ter de estar sempre a arrancar-lhe informações?

— «Responderei a qualquer pergunta que queiras fazer» — troço num sussurro. É difícil fazer perguntas que nem sequer sei que *existem*.

— Pelo que sei, é a melhor do seu ano, portanto, feche a boca e comece a trabalhar — admoesta-me a professora Trissa. — A primeira coisa que têm de aprender a fazer é a separar uma parte do vosso próprio poder. Deixem que vos preencha a cabeça, depois vão lá e retirem um fio da corrente.

A Rhiannon, o Sawyer e eu trocamos uma série de olhares de perplexidade, que são emulados pelos voadores do outro lado.

— *Algum conselho?* — pergunto ao Tairn e à Andarna.

— *Não rebentes com nada.* — O Tairn agita-se atrás de mim.

— *Pelo menos, rebentar com alguma coisa seria interessante* — observa a Andarna, provocando um ronco do Tairn.

— Agora — ordena a professora Trissa antes de levantar um dedo. — Oh, e tenham cuidado. A energia fica temperamental quando lhe tiram um fio. É por isso que os dragões e os grifos a que estão vinculados estão aqui. Quanto mais próxima estiver a fonte, mais fácil é a primeira vez. — Ela olha para nós e cruza os braços à frente do peito. — Bem, estão à espera de quê?

Eu fecho os olhos e visualizo os meus Arquivos e o poder rodopiante que os rodeia. O fluxo escaldante e derretido do poder do Tairn que flui atrás das portas gigantes que ele construiu parece capaz de me consumir, mas o fluxo iridescente do poder da Andarna logo atrás parece... acessível.

Acalmo a respiração e estendo a mão para o poder da Andarna...

Boom. Ouve-se uma explosão e eu abro os olhos de chofre e vejo todas as cabeças a disparar na direção do Sawyer, que é projetado em voo para trás. Aterra junto às garras do Sliseag, deixando uma marca de queimado a fumegar na erva onde estava.

— E é por *isso* que estamos a ter esta aula ao ar livre. — A professora Trissa abana a cabeça. — Levante-se. Tente de novo.

O Ridoc recua para ajudar o Sawyer a levantar-se e depois fazemos exatamente isso.

Tentamos de novo. E de novo. E de novo.

Antes do pôr do Sol, consigo tecer uma runa de destrancamento, mas não sou a primeira.

Essa honra cabe à Cat, que, ao contrário de todos nós, não deixou marcas de queimado junto aos pés.

Faz um certo sentido que a única arma capaz de matar um manipulador de magia negra seja a mesma coisa que os levou a um poder... sem alma.

— GUIA PARA CONQUISTAR A PROPRIEDADE DA ACADEMIA DE CLIFFSBANE

AOS VENÉFICOS DO CAPITÃO LERA DORRELL



CAPÍTULO XLVI

— Runas? — pergunta o Xaden alguns dias mais tarde, a debruçar-se sobre o meu ombro quando estou sentada à secretária no quarto dele a praticar o trabalho de casa para hoje, um triângulo torturante que a professora diz que reforça a audição, ainda estou para saber como. O Xaden pega numa das cinco tentativas que eu já descartei, transformadas em discos de madeira queimados do tamanho de uma mão, e eu respiro fundo, saboreando o aroma do sabão na pele acabada de lavar.

Definitivamente, uma casa de banho privada é umas das vantagens de dormir no quarto dele.

— Somos a esquadra de teste. Era para to dizer ontem à noite. — Pego no fio delicado de poder iridescente, dobro-o na terceira forma do padrão que a professora Trissa nos deu como trabalho de casa e deixo-o arder com vivacidade à minha frente enquanto vou buscar outro com cuidado. Agora que sei o que devo procurar, vejo o fluxo de poder claramente à minha frente, ao mesmo tempo sólido e incorpóreo, com fios reluzentes que se fletem quando lhes toco. No entanto, distinguir os fios do fluxo não faz com que seja mais fácil retirá-los.

— Eu também te queria dizer muitas coisas ontem à noite — diz ele, pousando o disco na secretária ao lado dos outros. — Mas depois de te encontrar na cama, fiquei com a boca ocupada noutras matérias.

Curvo os lábios com a memória enquanto formo o triângulo seguinte, desta vez menor, que coloco entre os restantes, maiores, que estão a flutuar à minha frente. O Xaden tem estado mais tempo fora do que em casa, a levar as armas da nossa forja para as linhas da frente, perto do rio Stonewater, e a encher o arsenal do Tecarus. A última viagem durou mais um dia do que o previsto, uma vez que ele e o Garrick se viram no meio de um ataque.

— Queres a minha ajuda? — pergunta ele, a roçar com a boca no lado do meu pescoço.

— Isso... — Fico sem fôlego quando ele chega à gola da minha couraça. — Não está a ajudar.

— Pena. — Ele beija-me o lado do pescoço, depois levanta-se, deixando-me com o meu trabalho de casa. O que não é mau, porque tenho aula daqui a poucos minutos.

— Foi por isso que me deixaste aquele livro em Navarre, não foi? — Pego no fio seguinte, moldo um círculo que deveria estabilizar as formas no interior e coloco-o em redor da runa. Isto deve ser suficiente.

— Queria que tivesses uma vantagem — diz ele, pegando no diário do Warrick que se encontra no local onde o deixei, em cima da secretária, e folheando-o.

— Obrigada.

— Isto é impossível de ler — murmura o Xaden, a fechar o diário e a pousá-lo na secretária antes de se dirigir para o enorme armário onde tem os uniformes pendurados ao lado dos meus.

Abro um sorriso com a domesticidade do momento. Não há nada que eu não faça para manter as coisas assim.

— Foi o meu pai quem me ensinou. — Encolho os ombros, a olhar para a runa à procura de algo que me poderá ter escapado. — O Dain e eu usávamo-la como código secreto quando éramos miúdos.

— Nunca imaginei que o Aetos fosse do tipo que sabe lucerano antigo — observa o Xaden.

Pego no disco com a mão esquerda e movimento os fios vibrantes de poder, empurrando-os para o disco. Muito melhor do que os últimos cinco.

— Puseste runas nos meus punhais — digo, a rodar na cadeira de madeira.

Os meus lábios entreabrem-se e eu como descaradamente o Xaden com os olhos quando ele tira o uniforme do armário com uma toalha envolta na anca. Como é que eu não reparei que ele estava basicamente nu atrás de mim este tempo todo? Que oportunidade perdida...

— Continua a olhar para mim dessa maneira e não vais chegar à aula — avisa ele, com os olhos a fazerem-se turvos quando atravessa o quarto e atira a roupa para cima da cama.

Obrigo-me a desviar o olhar. O Brennan avisou o Xaden de que, na primeira vez que eu chegasse atrasada a uma aula por estar a dormir onde estou, eu voltaria para o quarto que me foi atribuído.

— Colocaste uma runa de destrancamento no meu punhal, não colocaste? — pergunto, enfiando todos os discos ao lado do que acabei de terminar no saco e ignorando o diário do Warrick, que está a gozar comigo na ponta da secretária. — Foi assim que saímos da câmara de interrogatório.

— Uma variação da runa, sim.

Com a melhor runa de todas as minhas tentativas, ponho o saco aos ombros e passo os braços pelas alças quando me levanto e me viro para ele. Tem o tronco gloriosamente nu, mas, infelizmente — ou felizmente, porque tenho de cumprir horários —, tem as calças vestidas.

— Importas-te de desenvolver?

Para minha consternação, ele alcança as meias e não a camisa.

— Tu consegues fazer a runa de destrancamento. É bastante simples. — O Xaden encolhe os ombros. — Acrescentei um elemento de necessidade na runa. Por isso, não podes chegar a uma porta qualquer e abri-la só porque te apetece, mas, se o punhal estiver no teu corpo e perceber a *necessidade* de a porta se destrancar, irá destrancá-la. Se tivesses chegado à forja em

Basgiath, a porta ter-se-ia aberto porque era necessário. — Ele senta-se na ponta da cama e calça as botas.

— Eu tive a chave este tempo todo? — Levanto as sobrancelhas e, se não o amasse já, teria ficado apaixonada neste momento.

— Tiveste. Estás com vontade de fazer perguntas hoje? — Um canto da boca dele curva-se.

Agarro no disco e finco os dentes no lábio inferior. O problema de estar feliz no meio do caos completo é que morro de medo de fazer uma pergunta que seja que possa pôr esta felicidade em causa.

— Para que serve a runa na pedra que tens ao lado da cama? É o que é, não é?

— Sim, uma bem complicada. — Ele senta-se, estende a mão para a pequena pedra cinzenta e estende-a ao pôr-se de pé. — Não há uma única pessoa viva que saiba como replicá-la. A coronel Mairi foi a última capaz de a fazer.

A mãe do Liam e da Sloane. Eu pego na pedra do tamanho da palma da mão e estudo as linhas intrincadas da runa.

— Tinha de ser gigante quando ela a temperou.

— Creio que sim. Ela deve tê-la reduzido de forma a caber nas pedras.

— Pedras? — Olho para ele. — Foi mais do que uma?

— Cento e sete — responde ele, a olhar para mim com expectativa.

Os marcados. Ele quer que eu lhe pergunte.

— O que é que faz? — Passo com o polegar pelo desenho escurecido.

— *Fazia*. É uma runa de proteção, mas foi criada para ser utilizada apenas uma vez. — Passa a mão pelo cabelo húmido e para. — A medida que vais melhorando com as runas, podes introduzir-lhes novos elementos. Coisas como fios de cabelo ou até outras runas completas para localizar algo. Ou para proteger alguma coisa. Esta runa em particular foi criada para proteger uma pessoa da linhagem do meu pai.

— Tu. — Eu olho para ele e devolvo-lhe a pedra. — És filho único, não és?

O Xaden assente com a cabeça.

— Todos os filhos dos oficiais receberam uma antes de os pais partirem para a Batalha de Aretia. Disseram-nos para nunca deixarmos de andar com elas, e foi o que fizemos, mesmo quando fomos assistir às execuções. — Os dedos dele roçam nos meus quando ele pega na pedra.

Eu quase que fico sem fôlego, mas não tiro os olhos dos dele.

— Foi criada para se opor ao sinete do cavaleiro cujo dragão os matasse. — Engole em seco. — Mas só poderia ser ativada se fossem mortos por fogo de dragão.

— Que é o principal método de execução dos traidores — sussurro.

Ele assente com a cabeça.

— Eu mantive-a fechada no punho quando estava lá, a ver o meu pai na fila para a execução. Todos nós fizemos o mesmo. E assim que eles... — os ombros dele levantam-se quando ele inspira fundo — ... arderam, senti o calor a subir-me pelo braço. Só voltei a sentir algo semelhante depois da Debulha.

Eu arregalo os olhos e fecho a mão em cima da dele.

— As relíquias da rebelião? — Deve ser por isso que as marcas serpenteantes começam sempre nos braços dos marcados.

Ele assente com a cabeça.

— Os nossos pais sabiam que morreriam de uma forma ou de outra e a última coisa que fizeram foi certificar-se de que nós estávamos protegidos. Guardo-a apenas por razões sentimentais. — Ele inclina-se na minha direção e beija-me a testa, antes de se virar e pousar a pedra na mesinha de cabeceira. — Eu gosto de quando me fazes perguntas — diz, a baixar-se para pegar na camisa do uniforme. — Há mais alguma coisa que queiras saber?

Quero muito perguntar-lhe porque não me contou nada sobre o acordo que fez com a minha mãe e se teve alguma influência no que ele sente por mim. Mas depois ele levanta-se e o meu olhar fixa-se nas cicatrizes prateadas que ele tem nas costas — as cicatrizes que ela lhe deixou — e não consigo fazê-lo. Ele disse que me ama desde a primeira vez que nos

beijámos, o que devia ser suficiente. Eu não devia precisar de saber mais nada acerca do acordo além do que ela me disse... ou talvez eu não queira saber se houver alguma hipótese de abalar a nossa relação.

— Violência? — Ele veste a camisa e vira-se.

— Não tenho mais nenhuma pergunta. — Forço um sorriso.

— Está tudo bem? — Vejo duas rugas a aparecer-lhe entre as sobrancelhas. — O Bodhi disse-me que a Cat não te está a facilitar a vida e que largaste alguns relâmpagos...

— O Bodhi tem de deixar de meter o nariz onde não é chamado. — Não vou deixar de maneira nenhuma que o Xaden se preocupe comigo antes de sair mais alguns dias. Ponho-me em bicos de pés e beijo-o com ternura. — Vemo-nos logo à noite.

Vejo a desilusão a perpassar-lhe pelos olhos antes de ele me pousar a mão na nuca e baixar a boca ao encontro da minha por mais um segundo de felicidade e voltar a recuar.

— Estás quase, mas essa runa precisa de um sinal direcional.

— A minha runa está ótima e eu pedirei ajuda se precisar. — Dou-lhe um beijo rápido, só porque posso, e apresso-me a sair do quarto para chegar a tempo à aula. Assim que chego ao corredor, levo o disco ao ouvido.

Ouço um barulho repentino. Passos pesados acima de mim, portas a fechar-se à minha frente, pessoas a gritar atrás de mim. Há demasiados estímulos para perceber o que quer que seja.

— Detesto quando ele tem razão — murmuro quando chego à aula a correr.

Como não podia deixar de ser, a Cat temperou a runa dela *na perfeição*, o que me deixa com vontade de pedir ajuda ao Xaden, mas, quando as aulas de hoje acabam, ele já não está em casa.

— Demos-vos duas semanas para perceberem como poderão entender-se em paz e ainda não o fizeram, o que nos deixa desiludidos — admoesta a professora Devera, na semana seguinte, ao lado do tapete do meio, junto ao professor Emetterio e a uma das professoras dos voadores. O ginásio de treino de combate é muito mais pequeno do que o de Basgiath — com nove tapetes no total — e está cheio, com todos os cadetes de Aretia encostados uns aos outros.

Incluindo os voadores.

Até agora, só estivemos juntos em aulas de runas em grupos pequenos e nos momentos das refeições, que normalmente acabam sempre com pelo menos um murro desferido.

— Do que raio é que eles estavam à espera? — A Rhiannon cruza os braços ao meu lado. — Andamos a matar-nos uns aos outros há séculos e agora querem o quê... que façamos trancinhas com flores nos cabelos uns dos outros e confessemos os nossos segredos mais profundos e mais sombrios só porque nos deram um luminar e subiram um penhasco?

— Isto está um pouco tenso — concordo, a fechar a mão direita no condutor e a enrolar o ombro dorido, esperando que me perdoe por ter dormido mal sobre ele. Tenho uma aula com o Felix daqui a dois dias e estou a acumular tanto poder na pequena esfera de vidro quanto posso.

O meu poder tem-se manifestado vezes de mais, uma vez que os voadores me têm atirado insultos sempre que podem, insinuando que eu deixei cair a Luella para salvar a Visia.

Há uma divisão clara nas nossas fileiras: um mar de preto à minha direita e uma onda de castanho à esquerda, com uma faixa larga de chão vazio a separar-nos. Mais de uma dezena de cadetes apresentam feridas da zaragata de ontem no salão entre a Terceira Divisão e dois grupos de voadores.

— O acesso de violência de ontem é completamente inaceitável — começa a dizer a professora dos voadores, com a trança cor de avelã a cair-lhe por cima do ombro quando vira a cabeça para se dirigir a todos os cadetes e não apenas aos voadores. — É o trabalho em conjunto que vai

fazer a diferença nesta guerra e tem de começar aqui! — Vira o dedo para os cadetes cavaleiros.

— Boa sorte com isso — diz o Ridoc, num sussurro.

— Vamos fazer mudanças substanciais — anuncia a professora Devera.
— Vocês vão deixar de ter aulas em separado.

Sinto o estômago a agitar-se e ouço um burburinho de descontentamento a percorrer o ginásio.

— O que significa... — a professora Devera levanta a voz para calar a formação improvisada do nosso lado — ... que vão *respeitar-se* uns aos outros e comportar-se como iguais. Podemos estar em Aretia, mas nós decidimos que, a partir de hoje, o Códice dos Cavaleiros de Dragões continuará a aplicar-se a todos os cadetes.

— E como convidados dos cavaleiros — diz a professora dos voadores a pousar a mão na anca larga —, todos os voadores o vão respeitar também.
— Ouve-se um rumor de insatisfação do lado deles. — Estamos entendidos?

— Sim, professora Kiandra — respondem os voadores em uníssono.

Caramba. Isto chega a ser impressionante, mesmo que pareçam membros da infantaria a falar assim.

— Mas nós reconhecemos que não podemos avançar sem resolvermos a hostilidade entre vocês — diz o professor Emetterio, a olhar alternadamente para os grupos. — Em Basgiath, tínhamos um método para dirimir diferenças entre cadetes. Podem pedir um desafio: um treino de combate que termina quando um de vocês ficar inconsciente ou bater no tapete em desistência.

— Ou morrer — acrescenta o Aaric.

Os voadores soltam um resfôlego coletivo e a maioria de nós revira os olhos. Os voadores não durariam um dia em Basgiath.

— Sem *matarem* o vosso adversário — continua o professor Emetterio, a falar diretamente para o Aaric antes de continuar. — Nas próximas seis horas, todos os pedidos de desafio, entre cadetes do mesmo ano, terão resposta afirmativa. Vão dirimir as vossas diferenças quando estiverem em cima destes tapetes e depois vão atirá-las para trás das costas.

— Eles vão-nos deixar dar-lhes um enxerto de porrada? — pergunta o Ridoc em voz baixa.

— Acho que sim — responde a Sloane num sussurro.

— Vai ser uma tarde fenomenal. — A Imogen abre um sorriso e estala os nós dos dedos.

— Eles foram treinados para lutar contra venéficos — recordo-lhes. — Se fosse a vocês, não os subestimaria. — Com os sinetes podemos rebentar com eles no raio do céu, mas numa luta corpo a corpo? É bem provável que sejamos inferiores.

— Só podem desafiar um adversário e cada cadete só pode ser desafiado uma vez — diz o Emetterio, com o dedo indicador em riste e a levantar as sobrelhas espessas. — Por isso, escolham com cuidado, porque, amanhã, o cavaleiro ou voador que desprezam pode ficar-vos vedado.

Oh, merda. O meu estômago bate no fundo. Só há uma razão para alguém não apresentar um desafio, mas não o fariam... ou fariam?

— Os desafios entre membros da mesma esquadra são proibidos ao abrigo do Códice — explica a professora Devera aos voadores antes de se virar para nós. — E, amanhã, cada esquadra de cavaleiros vai absorver um grupo de voadores.

Afinal, sim, *fariam*.

A raiva afogueia-me as faces e troco um olhar perturbado com a Rhiannon, que é emulado por todos os membros da minha esquadra, sobretudo pela Visia.

— Reparem que eu disse *absorver*. — A professora Devera olha vincadamente para nós. — Vocês não vão ser *agrupados* nem *emparelhados*. Vão fundir-se, vão misturar-se, vão *unificar-se*.

Isto contraria tudo o que nos ensinaram. As esquadras são sagradas. As esquadras são uma *família*. As esquadras criam-se depois do Parapeito e são reforçadas no Guante, na Debulha e nos Jogos de Guerra. As esquadras não são fundidas a menos que sejam dissolvidas devido a mortes... e nós somos a Esquadra de Ferro.

Nós não nos vergamos. Muito menos nos *misturamos*.

— E, se não o fizerem — o tom da professora Kiandra torna-se menos rígido e os olhos varrem o ginásio —, vamos fracassar quando chegar o momento de combater. Vamos morrer.

— Vamos começar agora a aceitar os vossos pedidos — diz o professor Emetterio, a pôr termo ao sermão previsto para as festividades de hoje.

As pessoas que querem pedir desafios começam a alinhar-se e não me surpreende que a maioria da fila esteja vestida de castanho. Eles têm muito mais razões para nos odiarem do que nós para os odiarmos a eles.

— Nós somos a Esquadra de Ferro e vamos comportar-nos como tal — ordena a Rhiannon quando os últimos elementos da fila se aproximam do professor Emetterio. — Vamos manter-nos unidos e vamos juntos de tapete em tapete em todos os desafios que nos forem lançados.

Concordamos os onze.

São anunciados os primeiros desafios e eu não fico surpreendida quando vejo que o Trager escolheu a Rhiannon para subir ao tapete com ele. É claro que ainda está chateado com o murro que ela lhe deu no campo de voo.

A Rhiannon vence em menos de cinco minutos e ele volta a ficar com o lábio a sangrar.

O chefe do grupo da Cat do terceiro ano, o rapaz encorpado com um colar de cicatrizes, o Bragen, deixa a Quinn inconsciente com uma combinação de murros que me deixa de boca aberta.

Assim que a Imogen é chamada ao tapete pela Neve — outra instruenda do terceiro ano do grupo da Cat, com um cabelo loiro-arruivado e olhos cavados —, percebo um padrão.

— Isto é para me atingir — digo baixinho à Rhiannon quando a Imogen dá um pontapé forte na cabeça da outra rapariga.

— O que faz com que seja para nos atingir a *nós* — responde ela. — Diz-me, por favor, que estás ligada e a usar a couraça.

Eu assinto com a cabeça.

A Imogen e a Neve trocam golpes precisos e calculados até a professora Devera decretar que empataram quando já estão ambas a sangrar.

— Catriona Cordella e Violet Sorrengail — anuncia a professora Devera. — Pousem as armas e subam ao tapete.

— Não faças isso. — A Maren tenta convencer a Cat a recuar, mas não há nada a não ser determinação no olhar semicerrado dela.

— Foda-se, tinha de ser. — Estendo o condutor à Rhiannon.

— Porque é que eu não estou surpreendida, Cat? — A Imogen olha furiosa para o outro lado do tapete antes de se virar para mim.

— Não faz mal. Era previsível, mas não faz mal. — Um a um, desembainho os treze punhais e estendo-lhos.

— Ela tem quase mais quinze centímetros do que tu, por isso tens de ter atenção às distâncias — diz a Rhiannon em voz baixa.

— Pelo que me lembro, ela é rápida a atacar e não te vai deixar muito tempo para reagires, por isso não te retraias. Não hesites — acrescenta a Imogen.

— Está bem. — Eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca, tentando a todo o custo conter os nervos que me põem o estômago a rodar às cambalhotas. Se eu soubesse que isto era o que ia acontecer hoje, teria agido mais cedo, por exemplo, envenenando-lhe o pequeno-almoço com bagas *fonilee* que vi a crescer na cumeada do monte, logo abaixo do vale.

— Tu tens isto no papo — diz a Rhiannon com um aceno de cabeça. — Treinaste com os melhores.

— Com o Xaden — sussurro, desejando que ele estivesse aqui e não na fronteira.

— Comigo. — Ela bate-me com o ombro e força um sorriso *fonilee*.

— Violet? — A Sloane coloca-se ao lado da Imogen. — Faz-me um favor e dá-lhe cabo do couro.

Eu esboço um sorriso genuíno e aceno-lhe com a cabeça antes de subir ao tapete. Acho que não há nada que ima adversárias como uma inimiga em comum e, por alguma razão, a Cat decidiu que eu sou inimiga dela. A

sensação do tapete debaixo das botas é semelhante à de Basgiath quando me encaminho para o centro, onde a Cat me espera com um sorriso malicioso.

— *Arranha-lhe os olhos* — sugere a Andarna. — *A sério. Os olhos são o tecido mais suave. Enfia lá os polegares...*

— *Andarna! Alguma sensatez, por favor* — atira o Tairn. — *As rótulas são um alvo muito mais fácil.*

— *Calados agora.* — Levanto os escudos de forma a silenciar o Tairn e a Andarna na medida do possível.

— Sem armas. Sem sinetes — diz a professora Devera. — O desafio termina quando uma de vocês...

— Ficar inconsciente ou bater no tapete em desistência — conclui a Cat sem desviar os olhos dos meus. — Nós sabemos.

— Podem começar. — A professora Devera sai do tapete e eu ignoro o barulho à minha volta, concentrando-me totalmente na Cat quando ela assume uma posição de combate que me é familiar.

Eu faço o mesmo, mantendo o corpo solto e pronto para qualquer movimento. Se ela for rápida a atacar como a Imogen me disse, tenho de me defender.

— Isto é pela Luella. — Ela ataca-me com uma combinação de socos que eu travo com os antebraços, inclinando o corpo para amenizar o impacto dos golpes. É... fácil, como se eu conhecesse a coreografia. Como se se tratasse de memória muscular. Ela ajusta a postura e eu dou um pulo para trás um segundo antes de ela tentar um pontapé, que só atinge a atmosfera. Ela desequilibra-se quando eu aterro e cambaleia para o lado.

Caramba. Ela luta como o Xaden.

Ele treinou-nos a ambas.

Para derrotar um manipulador de magia negra é preciso saber algo sobre a sua idade e experiência. Os iniciados têm anéis avermelhados nos olhos que aparecem e desaparecem em função da frequência com que sugam energia. Os olhos dos *asims* apresentam diferentes graus de vermelho e têm veias que se dilatam quando eles se abespinham. Os Mestres — que são os responsáveis pelos iniciados — têm sempre os olhos vermelhos e as veias invariavelmente dilatadas em direção às têmporas, que se expandem com a idade. Os prodígios — os gerais dos venéficos — nunca foram capturados para análise.

— VENÉFICOS, UM COMPENDIO DO CAPITÃO DRAKE CORELLA,
DIVISÃO NOTURNA DOS VOADORES



CAPÍTULO XLVII

E assim se vai a ideia de que eu teria vantagem.

Os olhos dela brilham, como se tivesse chegado à mesma conclusão quando rodamos no tapete em estudo mútuo, e depois semicerram-se de uma forma que me aperta o estômago. A professora Devera pode ter definido as regras, mas algo me diz que a Cat está prestes a violá-las.

— Incomoda-te? — pergunta ela a baixar a voz e a levantar as mãos. — Saberes que ele me ensinou a mim primeiro? Que eu o tive primeiro?

— De todo, uma vez que sou eu quem o tem agora. — Engulo o sabor azedo do ciúme que me sobe pela garganta.

— A sério? — Ela dá um golpe e eu cambaleio. — A ideia de eu conhecer o sabor dele? — Ela tenta mais uma combinação de golpes, que eu

bloqueio, depois recua como se estivesse apenas a testar-me. — A sensação dele em cima de mim?

Não vou vomitar neste tapete. Recuso-me.

— Não. — Mas raios me partam se a imagem não me vem à cabeça com a intensidade de um pesadelo.

As mãos dela na pele do Xaden, a boca nos traços enrolados da relíquia da rebelião. A inveja e a raiva ressoam-me nos ouvidos e turvam-me os sentidos, pelo que eu pestanejo rapidamente para afastar a imagem, mas o calor formiga-me a pele quando sinto a energia a crescer dentro de mim.

A Cat volta a investir na minha direção e eu levanto o antebraço para a bloquear, mas ela muda inesperadamente de direção e, quando tento bloquear o golpe cruzado, desfere-me um gancho com o punho esquerdo.

Sinto a dor a explodir-me na face, a irradiar do osso, e cambaleio para trás, levando a mão à cara num movimento intuitivo para ver se tem sangue, mas ela não me fez nenhum corte na pele.

— Eu acho que te incomoda — diz ela em voz baixa, quando voltamos a andar em volta do tapete. — Veres-me aqui, onde eu pertenço. A dormir mesmo ao fundo do corredor. Aposto que nem consegues dormir à noite, sabendo que combino melhor com ele em todos os aspetos, a contar os segundos que ele vai demorar a cansar-se dessa coisa frágil que é o teu corpo e voltar para a mulher que sabe exatamente do que ele gosta e como o agradar.

Cada palavra que ela diz aumenta-me a temperatura, mas eu recuso-me a morder o isco, pelo que, quando ela volta a investir na minha direção, estou preparada e rodo quando ela me tenta atingir o rosto. Consigo responder e dar-lhe um golpe no mesmo lugar onde ela me atingiu.

Sinto uma dor no pulso, mas a sensação deixa-me feliz.

— Sabes o que é que me incomoda? — pergunto, quando ela volta a levantar-se, praguejando quando passa a mão pela face e vê sangue. — Essa tua obsessão em lutar por um homem. — A raiva alimenta-me os movimentos

quando decido atacá-la, mas ela está pronta para todas as combinações que tenho no meu arsenal.

Porque são todas *dele*.

— Vais fazer alguma coisa quanto a isso? — ouço alguém a perguntar para lá da névoa de raiva que me retarda o tempo de reação.

— Acho que não é isso que ela quer. — A resposta vem da ponta do tapete antes de a Cat se lançar na minha direção e me fazer uma rasteira por eu estar demasiado concentrada nas mãos dela para lhe bloquear os pés.

Fico a pairar no ar por menos de um instante antes de embater de costas no tapete, o que me chocalha os ossos e me tira o fôlego.

A Cat não me deixa levantar, pousando-me imediatamente o antebraço na garganta para me cortar o ar, debruçada sobre mim com a boca junto ao meu ouvido.

— Parece que estás zangada, Violet. Estás a aperceber-te finalmente de que não és nada de especial? Que não passas de uma substituta temporária que está à mão de semear para ele foder? — O riso que ela solta é baixo e cruel. — Eu sei que ele é bom. Fui eu que lhe ensinei aquele truque com os dedos. Não sei se estás a ver, quando ele enrola...

Começo a deitar fumo e ponho toda a raiva que fui acumulando no murro que lhe dou no lado das costelas, o preciso lugar que o Xaden me ensinou a apunhalar, e depois recuo o braço e faço-o de novo, saboreando o som seco do *estalo* das costelas da Cat e a dor intensa que me irrompe da mão, sobe pelo pulso e continua pelo braço porque sei que a dor que infligi é dez vezes pior.

Ela grita e sai de cima de mim sobre ailhargada magoada e eu arquejo, enchendo os pulmões. E, antes de ela poder recuperar, lanço o corpo atrás do dela, ponho-me de joelhos e acerto-lhe com o punho na face, ouvindo um ruído surdo que me enche de contentamento. Agora tem a minha marca de ambos os lados.

— Qual é o teu *problema*, caralho? — atiro. — Eu *não* tenho culpa de que ele não te ame!

— Claro que não ama! — Ela agarra-me o braço e rebola com uma velocidade surpreendente, enrolando-o atrás das minhas costas.

Sinto uma dor aguda a percorrer-me o corpo e a humedecer-me a boca.

— Ele não é capaz de amar *ninguém* — diz-me ela ao ouvido, numa voz sibilante. — Achas que sou mesquinha ao ponto de atacar outra mulher por *amor*?

— Acho. — Faço um esforço para responder por entre dentes cerrados quando ela me empurra para baixo, a controlar-me pelo braço, que poderia partir muito facilmente, uma vez que está a poucos centímetros de me deslocar o ombro. O meu rosto bate de lado no tapete.

Pensar. Tenho de pensar. Mas, foda-se, só consigo *sentir*. A raiva e a inveja palpitam-me nas veias, tolhendo-me todo o pensamento lógico até não me restar senão raiva.

— Tens as vistas demasiado curtas para ele — diz ela em voz baixa, como se tivesse medo de ser ouvida. — Ele pensa mais à frente, tal como eu. Deuses, sabes sequer porque é que ele não te matou no primeiro ano? Porque eu sei. Porque ele confiou em mim, sabendo que eu podia ver tão longe como ele.

Ela sabe do acordo com a minha mãe. Ele *contou-lho*.

Sinto um formigueiro nos dedos e sei que vou deixar de sentir o braço inteiro, mas não é isso que impede o meu corpo de tremer de fúria... de poder crescente.

Pensar. Tenho de pensar. Ela conhece todos os meus movimentos, pelo menos aqueles que o Xaden me ensinou.

— Olha onde estamos. A *Casa dos Riorson*. — Tem a boca suficientemente perto da minha orelha para eu *sentir* a intensidade com que respira. — Quem é que não gostaria de ter todo este poder e o embrulho que o envolve? Mas podes ter a certeza de que não estou a lutar contigo pelo *afeto de um homem*. Vou combater contigo por uma *coroa*. Foi por isso que estivemos noivos. Foi-me prometida e não a vou dar ao raio de uma *Sorregail* que preferiu deixar cair uma voadora a uma colega de esquadra. Toda a tua família merece morrer pelo que nos fez passar.

Uma *coroa*? Noiva? Sinto uma dor no peito porque tudo começa a fazer sentido. Duas famílias aristocráticas a precisar de uma aliança. E eu não tenho nada que ver com a nobreza.

— E, deuses, vê se controlas um pouco as tuas emoções, está bem? És tão fraca que chega a ser patético. — As palavras são uma corrente de sons sussurrados entre dentes.

Ela que se foda.

A Rhiannon também me treinou.

Eu levanto a cabeça com toda a força que tenho e, pelo que ouço, estalo alguma cartilagem. A pressão desaparece-me do braço e do ombro e fico finalmente liberta.

Ela solta um berro, um som levemente abafado, e eu lanço o cotovelo do braço bom para trás, batendo-lhe no tecido suave do estômago tal como a Rhi me ensinou.

Bloqueio a dor e ponho-me de joelhos, antes de me virar e atirar todo o meu peso para cima dela. Ela cai de costas e eu aproveito a abertura, levando o joelho de encontro ao esterno da Cat e esticando-me para o pescoço.

Vou *matá*-la, caralho. Como é que ela se *atreve* a atacar-me como se eu tivesse tido algum tipo de escolha na queda da Luella? Como se eu tivesse alguma coisa que ver com a decisão do Xaden em deixá-la? Ela que se foda. Como é que ela se atreve a vir atrás do que é *meu*. O Xaden não é uma coroa. Não é um degrau para chegar ao poder. Não é uma ferramenta para lhe elevar o estatuto. O Xaden é *tudo*.

O rosto dela adquire diferentes tons de vermelho e os olhos arregalam-se de pânico.

— Violet! — grita alguém. Uma mulher. Uma amiga, talvez?

O poder cresta-me as veias e eriça-me os pelos da nuca, elevando-se com a intensidade de um tornado. As mãos dela tentam puxar as minhas, mas eu limito-me a apertar com mais força.

— Raios, Cat! — grita outra pessoa do outro lado. — Bate no tapete!

Bate no tapete? Eu não quero que ela desista. Quero que ela deixe de existir.

— *Eu não me importo que a mates, Violência, se queres saber a verdade.* — A voz do Xaden perpassa a raiva que me domina com o mesmo vigor que eu estou a usar para sufocar a minha adversária. — *Mas tu vais importar-te.*

Eu pestanejo quando as palavras dele dissipam grande parte do nevoeiro de raiva e sinto a pulsação da Cat a abrandar sob as minhas mãos, mas não solto o pescoço dela.

— Desiste! — gritam várias pessoas.

— *Respeito qualquer decisão que tu tomes.*

Mas a escolha não é minha. Não há escolha. Só um vórtice caótico e rodopiante de raiva e ciúme e...

Ela está a fazer *batota*, a usar trabalho mental.

— Sai da minha cabeça! — grito tão alto que sinto um ardor na garganta.

A Cat olha para mim com uma expressão de ira e a minha fúria torna-se ainda mais intensa quando ela tenta colocar os polegares debaixo das minhas mãos, com os olhos a destilar cada vez mais raiva.

Ela não vai desistir. Preferia morrer a perder comigo.

— *Eu não a quero matar.* — Tenho de a largar. Mas as minhas mãos não ouvem a mensagem.

— *Então, não mates.* — A voz dele enrola-se na minha cabeça e a fúria amaina apenas o suficiente para que eu me aperceba de que ele está aqui. Já passou uma semana desde a última vez que o vi e ele está *aqui*.

E amo-o mais do que a odeio a ela.

Levanto as mãos do pescoço da Cat, mas não consigo fazer com que o meu corpo se movimente para além disso.

— *Preciso da tua ajuda.*

A Cat tenta sorver o ar, ofegante, quando ouço passos pesados a aproximar-se da esquerda.

Os braços do Xaden envolvem-me, levantam-me e eu agarro-me ao amor que sinto por ele, cravando o raio das unhas para não deixar que a fúria me consuma.

— Eu não desisti! — crocita a Cat, a recuar à pressa, com o pescoço marcado pelos meus dedos.

— Riorson! — dispara a professora Devera. — Porque é que decidiu interferir num desaf...

— Porque ela fez batota! — grita a Imogen. — Usou trabalho mental!

— Ela é que é desequilibrada! — A voz da Cat falha várias vezes quando ela me aponta o dedo.

— *Eu* sou desequilibrada? Eu já te mostro quem é desequilibrada quando te matar por me foderes a cabeça! — Lanço-me dos braços do Xaden, mas ele agarra-me bem.

— Diz-me se estiveres mesmo a falar a sério. — O Xaden levanta-me do chão.

— Catriona! — A professora Kiandra abre caminho pela fila de voadores. — Diga-me que não o fez... — Ela olha da Cat para mim e depois para a Cat de novo. — Esqueça, Cat!

— Ela que se foda! — Todas as feições do corpo da Cat emanam um ódio bruto que alimenta o fogo que me escalda a pele. — E que se foda a *família* dela. Espero que morram todos pelo que nos fizeram!

Lutar contra a força do Xaden não serve de nada. Ele tem-me bem presa. Mas a energia irrompe-me pelo corpo e sai disparada com um *estrondo* abrasador.

O relâmpago que me ofusca a visão vem acompanhado de um trovão. Os cadetes gritam e o ar enche-se de um odor a fumo.

O Xaden estende uma mão para a frente e as sombras cobrem as bancadas de madeira, extinguindo as chamas que começavam a crescer rapidamente.

— Bragen! Maren! Levem a Catriona para o quarto dela — ordena a professora Kiandra. — O dom dela é limitado pela...

— Distância. Eu sei. — O Xaden lança-me para cima do ombro como se eu fosse um saco de batatas.

— Riorson! — grita a Rhiannon, chamando-lhe a atenção antes de lhe atirar o condutor.

Ele apanha-o com uma mão, assente com a cabeça e encaminha-se para a saída com passada larga.

Todos os instintos me dizem para espernear, esbracejar, bater-lhe até ele me largar, mas obrigo-me a ficar completamente parada quando ele me leva para o corredor e passamos pelas bocas abertas dos membros da chefia que estão encostados à parede, à espera que o período dos desafios termine.

— Vai passar — promete o Xaden.

E passa. O nevoeiro do poder da Cat dissipa-se a cada passo, deixando-me num estado bruto, como as ruínas de uma praia depois de uma onda gigantesca recuar. Deuses, como é que eu vou impedir que isto volte a acontecer?

Aparentemente sem esforço nenhum, o Xaden passa pelo salão e surpreende-me quando não vira para a entrada. Não, leva-me diretamente para a sala da Assembleia, assustando os quatro que estão lá reunidos, entre os quais o Brennan.

E eu já controlo suficientemente as minhas emoções para sentir um embaraço que me afogueia o rosto, embora o corpo ainda vibre de fúria. Pelo menos, desta vez, é a *minha própria* fúria.

— O que é que vocês... — começa o meu irmão.

— Fora — ordena o Xaden, a atravessar a sala e a subir os degraus de um estrado novo, onde as cadeiras da Assembleia estão atrás de uma mesa formal comprida. — Todos vocês. Ponham-se no caralho.

Eles olham uns para os outros antes de me deixarem completamente perplexa quando fazem exatamente o que ele manda: pegam numa pilha de pergaminhos do canto da mesa, saem e fecham a porta.

O Xaden atira o condutor para a enorme cadeira do meio antes de me baixar e o meu corpo deslizar no dele até os meus pés tocarem no estrado. Quando os nossos olhares colidem, ele levanta uma sobrancelha.

— Ela apanhou-te bem. — Estende a mão para o meu rosto e vira-me a cabeça devagar para examinar a minha face. — Mas acho que foste tu que acabaste por cima.

— E quantas daquelas palavras humilhantes ouviste? — Eu não quero a resposta, mas preciso dela.

— Todas.

Foda-se.

Em resultado do Tratado de Aretia, o poder de representar a província de Tyrrendor no Senarium do Rei foi transferido da Casa dos Riorson para a Casa dos Lewellen.

— Aviso PÚBLICO 628.86,

TRANSCRITO POR CERELLA NIELWART



CAPÍTULO XLVIII

— As coisas que ela disse... — Fecho os punhos doridos e reparo que esfolei a pele dos nós dos dedos.

— Eu sei. — O olhar dele passa pelo meu corpo com uma expressão que conheço bem de mais: está a avaliar as minhas lesões.

— Ela disse que eu não passava de uma substituta temporária à mão de semear para tu foderes.

— Eu ouvi. Estás muito magoada?

— Estou bem. — A menos que ele me esteja a perguntar sobre o meu orgulho. — Tenho o ombro um bocado inflamado, mas acho que a cara foi o que ficou pior.

— Está bem. — Ele enrola-me o braço na cintura, junta os nossos corpos da cintura para baixo e dá um passo em frente, obrigando-me a recuar de forma a que as partes de trás das minhas coxas batam na cadeira atrás de mim. — Senta-te.

— Sento-me? Acabei de perder a cabeça e de mostrar que não sou capaz de me controlar à frente de um quadrante inteiro por causa do veneno

que ela cuspiu, das emoções que ela me enfiou pela garganta abaixo, e a única coisa que tens para me dizer é para eu me *sentar*?

Ele baixa a cabeça e invade o meu espaço.

— Nada do que eu possa dizer neste momento poderá apagar da tua cabeça as palavras que ela disse, portanto, senta-te, Violência. Falamos depois.

— Pronto, está bem. — Eu deixo-me cair na almofada grossa da cadeira e os meus pés levantam-se do chão. Este móvel foi feito para uma pessoa da altura do Xaden. Cabiam duas de mim nesta coisa. — Ela quer-te pelo teu nome.

— Eu sei. — Ele apoia as mãos nos braços da cadeira e inclina-se para mim, roçando os lábios nos meus. — E tu amas-me apesar dele. É uma das muitas razões por que te vou escolher *sempre* a ti. — Ele põe-se de joelhos à minha frente e desaperta-me os atacadores das botas com movimentos rápidos e eficientes.

— O que estás a fazer?

A boca dele curva-se num sorriso perverso que me acelera imediatamente a pulsação e transforma o calor da raiva que me ferve no sangue num fogo ainda mais escaldante.

Eu entreabro os lábios quando uma bota cai no estrado e a outra não demora a segui-la.

— Aqui? — Olho por cima da cabeça dele para a sala vazia. — Não podemos...

E lá se vão as minhas meias.

— Podemos. — Ele movimenta o pulso e o som de uma fechadura a trancar-se ecoa da pedra. — Estamos na minha casa, lembra-te? Todas as divisões são *minhas*. — Os olhos dele fincam-se nos meus, fazendo-me cativa voluntária, enquanto os braços deslizam pelas minhas pernas acima, afagando-me o interior das coxas e despertando todas as terminações nervosas pelo caminho antes de a mão se estender para os botões das minhas calças de combate.

Fico sem fôlego.

— A minha casa. A minha cadeira. A minha mulher. — O Xaden pontua cada afirmação com um movimento do polegar que desaperta cada botão. O meu corpo é inundado por uma sensação de ânsia que me afogueia a pele num assomo inebriante e viciante.

Ele agarra-me os quadris com ambas as mãos e arrasta-me para a ponta da cadeira, depois fecha-me a mão na nuca e puxa-me para um beijo devastador. Os meus lábios entreabrem-se e, no momento em que a língua dele me entra na boca e acaricia a minha, toda eu *derreto*.

O beijo é lento e sensual e as nossas bocas tocam-se uma e outra vez enquanto eu passo os dedos pelo cabelo dele e me rendo por completo. Ele sente a mudança com um ronco baixo e cavo e o beijo descontrola-se em menos de um instante, tornando-se bruto e urgente e adquirindo aquele sabor a loucura doce que só existe entre nós.

Ele é a única pessoa neste mundo de que nunca me farto. O único homem por quem suspiro constantemente. Amor. Química. Atração. Desejo. Tudo entre nós me deixa constantemente a arder como uma brasa; um único toque é o que basta para nos incendiar a ambos. Quando ele interrompe o beijo e me manda levantar as ancas com a respiração entrecortada, não quero saber onde estamos, desde que ele pouse as mãos em mim. A Assembleia podia entrar inteira por aquelas portas e eu não iria reparar, tendo em conta a forma como o Xaden está a olhar para mim. O calor nos olhos dele seria capaz de derreter ferro.

Ele enrola os dedos no cós das minhas calças e na minha roupa interior e puxa-as pelas minhas pernas abaixo, beijando-me o cimo das coxas, as curvas dos joelhos e cada centímetro de pele que vai revelando, e arrancando-me suspiros baixos e gemidos impacientes dos lábios.

O tecido cai no estrado, deixando-me nua da cintura para baixo.

— Xaden. — Os meus dedos puxam-lhe o cabelo e o meu coração lateja com tanta intensidade que eu não consigo deixar de me perguntar se ele, ou o resto do mundo até, o consegue ouvir.

Em vez de se levantar para eu lhe poder pôr as mãos em cima, ele afasta-me os joelhos.

Eu arquejo ao sentir o sopro de ar frio entre as coxas, mas, um instante depois, a boca dele ateia-me o *fogo* quando ele arrasta a língua da minha entrada húmida até ao meu clítoris. Um prazer escaldante percorre-me o corpo como um relâmpago e eu solto um gemido, enchendo a sala com o som.

— É com isto que eu fantasio quando estou longe de ti — diz ele contra a minha pele aquecida. — O teu sabor. O teu cheiro. Os pequenos arquejos que dás imediatamente antes de te vires. — Ele acomoda-se ali, abre as mãos no interior das minhas pernas, fixando-me na cadeira, e usa a língua para me roubar toda a capacidade de raciocinar. O Xaden gira em redor daquele botão sensível vezes sem conta, a provocar-me, a estimular-me, a excitar-me até ao limite, mas nega-me o toque de que eu realmente preciso. — *É nisto que pensas? Na minha boca entre as tuas coxas macias?*

Deuses, como é que ele consegue *pensar*, quanto mais formar frases coerentes?

Ele roça delicadamente os dentes em cima de mim e eu arquejo com a sensação, antes de soltar um grito abafado quando ele começa a usar a língua. Não consigo fazer nada a não ser gemer assim que ele me enfia um dedo longo e o ronco que ele solta em resposta vibra por todos os nervos do meu corpo.

— *Sim.* — A sensação é tão extraordinária que eu abafo o grito seguinte com o punho. — *Mais.*

No caso do Xaden, posso esperar sempre *mais*.

O Xaden alterna entre movimentos rápidos e provocantes e lambidelas longas e indolentes, construindo uma espiral cada vez mais densa de prazer dentro de mim. Junta outro dedo ao primeiro, dilatando-me com um ardor delicioso e o meu quadril balança enquanto ele os enfia num ritmo lento e pesado que me faz desejar cada pedaço deste homem.

O poder eleva-se, escaldando-me a pele já afogueada, e estala no ar à nossa volta.

Sem parar, ele larga-me a coxa e enrola os braços no meu quadril, para ir buscar o condutor.

— *Toma.*

— *Eu quero-te.* — Os meus dedos deslizam do cabelo dele para agarrar na esfera, o meu quadril persegue cada estocada que ele me dá, e a minha respiração resume-se a arquejos irregulares.

— *Sou teu.* — Eu gemo com o prazer inconsciente que me sobe pela espinha. — *E tenho-te exatamente onde preciso de ti.*

Nem a minha mão é capaz de abafar os sons brutos que ele me arranca do corpo quando a língua emula o ritmo dos dedos e o prazer me fustiga por dentro a cada estocada, adensando-se, acumulando-se e deixando-me o corpo tenso como um arco.

Deuses, vê-lo ajoelhado, completamente vestido, com a pele do casaco de voo a tocar-me na pele nua, leva-me ao limite e fica-me gravado na memória.

As minhas coxas tremem quando ele enrola os dedos dentro de mim, afagando aquela parede sensível até eu ver estrelas a piscar à frente dos olhos.

— Xaden... — A minha respiração arqueja.

— *Isso mesmo. Esses arquejos. É isso que eu ouço quando acordo, já cheio de tesão por ti.*

Com o próximo afago, o prazer e o poder chegam ao auge dentro de mim, por cima de mim, em ondas simultâneas que batem uma e outra vez. Não há trovões nem relâmpagos, só a vibração de energia na minha mão que se ilumina com as estocadas da boca e dos dedos do Xaden.

Mas também não há libertação. Nenhuma descompressão suave. Só as ondas de êxtase infinitas que chegam sem quebrar.

Ele levanta a cabeça, mantendo-me num estado de suspensão de felicidade indescritível quando os olhos se fixam nos meus.

— Não aguento — consigo dizer enquanto as ondas continuam a chegar sem fim à vista.

— Aguentas, aguentas. Olha onde estás. — Ele agarra-me o quadril e levanta-se de súbito, lançando-me mais para o fundo da cadeira até que as

minhas costas batem na madeira escurecida, mas continua a afagar-me e a fazer-me cativa do meu próprio prazer. A roçar os lábios nos meus, o Xaden sorri. — Olha como és bonita, Violet, a vir-te nas minhas mãos no trono de Tyrrendor.

Caramba. Eu sabia que era aqui que estávamos, mas não *sabia*.

Ele agarra-me uma das coxas e poussa-a no braço do trono, depois apoia o joelho na ponta do assento almofadado e levanta-me a outra perna para cima do ombro dele, antes de deslizar pelo meu corpo abaixo, inclinando a cabeça sem nunca deixar de mover os dedos para continuar a produzir ondas intermináveis de prazer.

Oh, *deuses*. Vou morrer. Aqui mesmo. Agora mesmo.

— Sempre que tiver de me sentar com a Assembleia, vou estar a pensar nisto, em *ti*. — O Xaden desliza a mão para baixo das minhas nádegas e levanta-me ao encontro da boca dele antes de substituir os dedos pela língua grossa.

Sinto um calor abrasador a percorrer-me o corpo. Arqueio as costas e não tenho tempo de abafar o grito que ele me arranca, mas ele também não contém um gemido cavo.

— *Não aguento*. — O meu coração tem de ceder em algum momento.

— *Aguentas. Isto e mais*. — Ele passa com o polegar levemente sobre o meu clítoris intumescido e o meu quadril sobressalta-se.

O prazer é mais contundente do que uma faca.

A minha mente é envolvida por uma nuvem ónix e *tudo* se torna mais intenso. *Sinto uma ânsia latejante, arrebatadora e incontrollável a inundar-me ao ritmo da pulsação acelerada, a pedir uma saída, a pedir que eu me liberte da prisão da pele e troque o seu sabor doce pela perfeição incomparável de mergulhar dentro dela quando ela se vem.*

Xaden. Respiro ofegante, agarrada ao condutor com tanta força que já me estou a preparar para o som de vidro a partir. É o desejo dele a inundar o nosso vínculo e a agregar-se ao meu. É o desespero dele. O poder dele a roçar no meu.

Preciso de a foder, de a virar para cima do braço deste trono e de a penetrar, mas não posso. Preciso de ver as marcas das unhas dela na madeira, preciso de ouvir os gritos que ela dá a encher a puta de toda esta casa, preciso que ela saiba o que eu posso ser para ela: tudo o que ela precisa e mais. Ela é o céu na minha boca. Perfeita. Minha. E está quase lá. Deuses, sim, as pernas dela estão a tremer, as paredes dela estão a palpitar na minha língua. Foda-se, amo-a tanto.

Eu estilhaço, feita milhões de cacos a reluzir de felicidade, e grito o nome dele. O poder e a luz sobem-me pelo corpo sem me queimarem e eu enrolo os quadris uma vez e outra, a rebentar pelas costuras do que penso que sou eu, mas pode ser ele.

Ele escorre-me da mente e eu choro a perda, mesmo quando estou a sentir o corpo a relaxar. São os meus pulmões que sinto a sorver o ar, é o meu próprio poder que estala na esfera que tenho na mão antes de se acalmar, é a minha pulsação que abranda finalmente quando os últimos resquícios do orgasmo se esvaem.

— O que raio é que tu fizeste? — Levanto a cabeça e arregalo os olhos quando percebo que o Xaden não está enrolado em mim.

Está a um metro e a milhões de quilómetros de distância, encostado à mesa da Assembleia, agarrado à borda envolta em sombras, com os nós dos dedos brancos e os olhos tão apertados que eu estremeço, contraída.

— Xaden?

— Preciso só de um segundo.

Lá consigo sentar-me desajeitadamente, pronta para me levantar.

— Deixa-te estar aí. — O Xaden levanta a mão.

Não há traço daquele corpo lindo que não esteja tenso e as peles... Deuses, deve ser *doloroso* para ele.

— Anda cá — sussurro.

— Não.

Puxo a cabeça para trás.

— Não podes estar a pensar que vou deixar que me dês estes orgasmos *duas vezes*, sem falar no que esta última vez foi, e não...

— É isso mesmo que vai acontecer. — Ele abre os olhos de chofre e eu fico com a sensação de que o calor, a ânsia e o desespero que vejo dentro deles podiam ser meus... porque ainda há poucos segundos eram.

— Eu senti o quanto precisas de mim. — Deslizo o corpo para a ponta da cadeira... trono... o que seja. — Queres-me debruçada sobre o braço da cadeira, não é? A agarrar a madeira para que as minhas unhas a arranhem.

— Foda-se. — A mesa range nas mãos dele. — *Não* devia ter feito isto.

— Oh, devias, devias. Foi muito possivelmente o momento mais escaldante de toda a minha vida. Se alguma vez me quiseres deixar de joelhos ou vencer uma discussão, esta é uma aposta segura.

A boca dele curva-se num sorriso tenso perante a referência às palavras que ele disse no ano passado.

Os dedos dos meus pés tocam no estrado.

— Tu deste-me a minha fantasia...

— Para, por favor. — As palavras são empurradas por entre dentes cerrados.

É o «por favor» que me trava. — Estou por um fio, pelo que te suplico. Por favor. Para. — Ele deixa cair a cabeça e as sombras invadem o estrado e levantam-me as roupas para as minhas mãos.

Dizer que estou *confusa* é pouco, mas eu levanto-me e visto-me rapidamente antes de pegar nas botas.

— Não me queres dizer porque estás apostado em torturar-te?

Ele expira algo que não chega a ser um suspiro.

— Porque preciso que vejas que sou mais do que capaz de venerar o teu corpo sem reciprocidade. Não és uma substituta temporária à mão de semear para eu foder.

Isto é por causa da *Cat*?

— Eu sei disso. — E assim se esvai o resplendor do orgasmo mais longo de sempre. Já voltei ao estado de irritação.

— Não sabes, não. — Ele abre a mão agarrada à ponta da mesa e aponta para o trono. — Senta-te.

— Para um bis?

O Xaden esboça um sorriso.

— Para eu te poder ajudar com as tuas botas. És demasiado baixa para essa cadeira.

— Estou perfeitamente ciente disso — murmuro, antes de me sentar de novo no trono e deixar os pés a baloiçar. — Não gosto da ideia da... não reciprocidade.

Ele levanta-me o pé esquerdo e enfia-o na bota.

— E eu não gosto que tu penses que não és o centro do raio do meu mundo, mas aqui estamos nós. E, antes de começares a discutir novamente, eu fodo-te logo à noite. Acredita. Estou só a vincar uma posição temporariamente, não a fazer um voto de masoquismo para a vida. — Apoia o meu pé na coxa dele e aperta-me os atacadores.

Vê-lo assim alivia-me alguma da tensão que me contrai o peito. Nunca ninguém acreditaria que o temível e agressivo cavaleiro Xaden Riorson apertaria os atacadores a *quem quer que fosse*.

— Pensei que a ias matar — diz ele em voz baixa.

Certo. Voltamos à Cat.

— Foi por pouco que não o fiz. — Baixo um pé e levanto o outro quando ele me faz sinal. — Seria algo imperdoável para ti?

Ele acaba de me apertar a bota e larga-me o pé.

— Nada do que pudesses fazer seria imperdoável para mim. — O Xaden recua e volta a apoiar-se na borda da mesa. — E não me importo muito se a Cat está viva, mas também não desejo que morra. É uma aliada necessária, ainda que volátil, e seria desastroso ter a Syrena como inimiga. Mas preocupa-me que te arrependesses de a matar.

E a minha raiva era de tal monta que eu o teria feito se ele não tivesse aparecido.

— Como é que foste capaz de amar uma pessoa como ela?

— Não amava. — O Xaden encolhe os ombros. — És a primeira e a única mulher que eu amei.

— Estiveste noivo dela só porque... — Detenho-me. — Nem sequer sei quanto tempo estiveste noivo. — Sinto-me... estúpida.

— Ter-te-ia dito se me tivesses perguntado. O problema é esse, Violet. Tu não me perguntas nada.

— Tu também não me perguntas nada sobre os meus antigos namorados.

— Porque eu não quero *saber*. E desconfio que é por isso que continuas a não me fazer perguntas acerca das coisas que te incomodam, mas ignoremos isso, como costumamos fazer. Parece que está a resultar no nosso caso. — O sarcasmo não tem nada de subtil.

Eu desvio o olhar porque ele tem razão. Raios o partam. Evitar perguntas potencialmente devastadoras, como a razão por que nunca me disse nada sobre o acordo que fez com a minha mãe, parece prudente quando há a possibilidade de o perder por causa de uma resposta errada.

Ele continua quando eu me calo.

— A Cat e eu não estávamos noivos, estávamos prometidos... e, sim, para mim há uma diferença.

— Agora quem é que está a discutir semântica? Ainda por cima por causa de uma mulher que acabou de deturpar-me todas as emoções e me transformou num poço de raiva. — Alguma da qual está a voltar aos poucos.

— Já vamos a essa questão. A cláusula da aliança que nos tornava prometidos entrou em vigor quando ela fez vinte anos. — A mesa range quando ele se recosta completamente. — Tentámos ver se funcionava durante nove meses, mas não éramos compatíveis e tornou-se claro que o Tecarus nunca nos deixaria ficar com o luminar fosse como fosse. Ele queria que o usássemos *lá*. Eu acabei com o acordo, o que, como sabes, causou alguns problemas.

— *Não eram compatíveis?* — Desta vez não posso culpar a Cat pelo golpe insidioso de ciúmes. A sensação cáustica que me afeta o fundo do estômago deve-se apenas a mim. — Não foi isso que ela insinuou quanto à vossa vida sexual.

— Não precisas de gostar de uma pessoa para a foder. — O Xaden encolhe os ombros.

Fico de boca aberta a pensar no que ele acabou de dizer.

Ele inclina a cabeça quando olha para mim.

— Se bem me lembro, não tinhas grande apreço por *mim* na primeira vez que...

— *Não* acabes essa frase. — Levanto o dedo na direção dele.

— Por outro lado, eu já estava apaixonado por ti.

A minha postura suaviza-se. É por isso mesmo que estou desesperadamente apaixonada por *ele*. Porque mais ninguém o pode ver assim. Só eu.

— Não me parece muito justo agora que penso nisso. — Ele tamborila os dedos na mesa. — E eu desejava-te demasiado para me preocupar que não sentisses o mesmo por mim, não que te tivesse dado *alguma* razão para isso. Foda-se, eu queria *que fugisses* na direção contrária.

— Eu lembro-me. — Os nossos olhares fixam-se um no outro e eu enrolo os dedos, tal é a necessidade que sinto de lhe tocar. Em vez disso, pego no condutor.

— Ainda bem. Talvez te possas lembrar disso da próxima vez que a Cat decidir meter-se na tua cabeça.

— Meter-se? Ela *deixou-me* com ciúmes! — A palavra amarga-me a língua.

— Ela não te *deixou* coisa nenhuma.

O Felix não vai dar pela falta do condutor se eu o atirar à cabeça do Xaden, pois não?

— Oh, a sério? Tu ouviste o que ela disse. O que sentirias se um dos meus antigos amantes te chamasse ao tapete para um desafio e te dissesse

que sabe a que é que eu saibo?

Ele retesa-se.

— Qual é a sensação de me ter em cima dele? — Baixo o tom, impregnando cada palavra de sexo. — Que foi o que me teve primeiro e que insinua que é quem vai ficar comigo?

O maxilar do Xaden lateja e as pernas da mesa são envolvidas por sombras.

— Ela não foi a minha primeira nem esteve perto de o ser.

— Não é essa a questão. Queres que te faça mais perguntas? Então não as evites.

— Certo. Nenhum dos teus antigos amantes é cavaleiro, a menos que exista alguma história com o Aetos de que eu não esteja a par, pelo que nunca me chamariam ao tapete. Vou arriscar que terão sido da infantaria, mas, repito, não quero saber, pelo que não pergunto.

— Eu não dormi com o *Dain*. — Mas acertou em cheio quando falou na infantaria, o que não deixa de ser ridículo.

— Eu percebi isso no momento em que ele te beijou na Debulha. Foi estranho como o caralho. — Ele passa a mão pelo cabelo ainda desalinhado. — E, para responder à tua pergunta, ficaria com ciúmes, o que é algo que só tu consegues suscitar em mim. Depois, dar-lhe-ia um enxerto de porrada, em parte porque é isso que eu faço quando alguém me desafia e, sobretudo, por insinuar que há algum futuro em que tu e eu não estamos juntos.

O meu fôlego abandona-me numa torrente a que recuso chamar suspiro. Deuses, ele *dá cabo* de mim quando diz estas coisas.

— O que mais estavas a sentir no tapete? — pergunta ele.

— Raiva. — Levanto a cabeça para o teto alto com vigas em derrota. — Inferioridade. Insegurança. Ela veio atrás de mim com tudo o que tinha e funcionou.

— Raiva eu compreendo. Muitas das coisas que ela disse também me irritaram. — O Xaden abana a cabeça. — Mas inferioridade é algo que vais

ter de me explicar, uma vez que és mais poderosa do que qualquer outro cadete.

— Não tem nada que ver com os sinetes. — Aponto para a cadeira gigante em que estou sentada. — Ela fez questão de salientar que tu és um Riorson.

— Já sabes disso desde o Parapeito. — Ele bate com a mão na relíquia da rebelião no pescoço.

— Não é isso que eu quero dizer. Acabaste de chamar trono a esta cadeira.

— Porque é o que é. Ou era antes da unificação. — Outro encolher de ombros desinteressado e enfurecedor.

Eu pestanejo quando a epifania me bate em cheio na cara.

— Espera lá. Tu és... tu és o *rei* de Tyrrendor?

— Não, foda-se. — Ele abana a cabeça, mas depois detém-se. — Quer dizer, sim, tecnicamente, sou o duque de Aretia por nascimento, mas o Lewellen está ao nosso lado e a sair-se perfeitamente bem na governação da província. Mesmo que Tyrrendor se tornasse independente, eu seria mais útil no campo de batalha do que no trono. Mas estamos a dispersar-nos. Eu sei muito bem que não te sentes inferior a mim, portanto é a quem? À Cat?

Eu cerros os lábios entre os dentes.

— Acho que gostava mais de ti antes de teres decidido que tínhamos de discutir sentimentos.

— Lamento incomodar-te, mas este ano o papel de Violet Sorrengail — aponta para mim — será desempenhado pelo Xaden Riorson — bate no peito —, que a vai arrastar, por mais que ela esperneie e grite, para uma relação a sério com discussões a sério, porque se *recusa* a perdê-la novamente. Se eu tenho de evoluir, tu também tens. — O Xaden cruza os braços à frente do peito.

— E será que ele já acabou de falar na terceira pessoa? — Cutuco a faixa de metal em redor da esfera. — A Cat tinha razão num aspeto. Ela tem mais que ver contigo. É nobre por nascimento, é corajosa, uma vez que se

tornou voadora, motivada, implacável, e má como o diabo, tal como tu. — Foda-se, são praticamente a mesma pessoa.

Ele arregala os olhos, depois aperta-os.

— Espera lá. Tu pensas que *eu* te acho inferior a ela por alguma razão?

A forma como encolho os ombros não é um exemplo de desprendimento.

Ele agita-se como se fosse levantar-se da mesa para vir até mim, mas detém-se e volta a pousar bem as mãos no tampo.

— Violet, acabaste de me ler os pensamentos. Sabes que eu te acho perfeita, mesmo quando me deixas completamente frustrado. Agora, fala-me da insegurança. Pensava que tínhamos tratado disso no ano passado.

— Sim, claro, antes de eu ficar a saber que estavas a liderar uma revolução e antes de declarares que nunca irias deixar de ter segredos e muito antes de uma bela aristocrata a quem estiveste prometido, mas da qual nunca me falaste, vá-se lá saber porquê, aparecer com aqueles olhos castanhos de corça e garras afiadas como o caralho à porta do nosso quarto, seminua...

— Ela o quê?

— ... e, depois, ter o atrevimento de me dizer que eu não sou especial só porque tu gostas de me foder.

— Sim, gosto de te foder. — Os lábios curvam-se num sorriso lento. — Adoro, na verdade.

— Não te ponhas do lado dela! — As minhas unhas fincam-se na almofada da cadeira. — Argh! — O grito ecoa das vigas e eu tapo o rosto com as mãos. — Porque é que ela me deixa nesta merda de estado? Como é que eu impeço que isso aconteça? — Vou acabar por a matar antes do solstício.

Ouçó passos pesados, depois sinto mãos quentes a agarrar-me os pulsos.

— Olha para mim.

Baixo as mãos devagar e ele pega nelas quando eu abro os olhos. Está exatamente como começámos esta conversa, de joelhos à minha frente.

— Não quero voltar a ter esta discussão. — Ele usa a voz de chefe de divisão, depois suaviza-a. — Mas vou ter. Vou-te dizer algumas verdades duras, porque não fui suficientemente claro em Cordyn.

Eu endireito os ombros.

— Hoje ficaste enraivecida porque estavas zangada. — Ele afaga-me o pulso com os polegares. — Ficaste com ciúmes porque és ciumenta. Agarraste-te a essa ideia de inferioridade porque, por alguma razão que eu não consigo compreender, te sentes inferior. E tiveste um assomo de insegurança porque acho que ainda estamos ambos a tentar perceber onde isto nos leva à medida que vamos avançando. Sê verdadeira com os teus sentimentos como fizeste no ano passado e sê honesta comigo. A Cat não é capaz de cultivar emoções, nem de deturpá-las, nem sequer de influenciá-las na tua cabeça, a menos que tu já estejas a pender para aí. A Cat só pode amplificar o que já estejas a sentir.

Eu engulo em seco, mas fico na mesma com um nó na garganta. A responsabilidade é só... minha.

— Sim, é uma merda percebê-lo. Já passei por isso. — Ele entrelaça os dedos nos meus. — Ela consegue levar-te da irritação a uma raiva incontrolada no espaço de um minuto ou dois. E, sim, a Cat é poderosa como o caralho, mas tu também és. E as únicas armas que ela é capaz de manipular são aquelas que tu lhe dás. Queres controlar as tuas emoções? Tens de te controlar em geral primeiro.

— Não consigo... — Sinto um buraco no estômago. — Não me consigo controlar desde Resson — admito num sussurro. — Deixei que as emoções do Tairn me dominassem. Ando com um condutor nas mãos para não atear fogo à tua casa com o raio do poder que tenho. Falhei nas guarnições e agora quase que falhei nos testes, por tomar decisões de merda, por foder tudo o que se atravessa no meu caminho e por haver vidas de pessoas em jogo. Estou sempre a alimentar a esperança de que vou encontrar um equilíbrio, mas... — Abano a cabeça.

Ele levanta a mão e pousa-a na minha face, evitando o inchaço que o murro da Cat provocou.

— Tens de te recentrar, Violet. Não o posso fazer por ti. — Ele olha-me fixamente nos olhos e deixa as palavras assentarem antes de acrescentar: — És uma criatura que segue a lógica e os factos, e tudo o que sabes ficou virado de pernas para o ar e tremido. Nunca irás saber o quanto o lamento. Mas não te podes limitar a ficar à espera na esperança de que algo mude. Tens de ser tu a querer essa mudança para depois perceberes o que fazer, como fizeste com o Guante. És a única que pode fazer isso. — Di-lo de uma forma muito mais simpática do que no ano passado.

— Mas como é que eu me recentro no meio da tempestade Cat? — resmungo. Ele desvia o olhar.

— Bem, a Cat conseguiu ultrapassar as tuas defesas porque estavas sem os teus punhais. Sabes o que tem aquele com os V entrelaçados? Tem uma runa que te protege do dom dela. Não andes sem eles enquanto não te sentires segura e ela não conseguirá foder-te o juízo. Aconteceu a mesma coisa em Cordyn. Tiraste-os para usar aquela coisa rendada a que chamavas vestido. Foda-se, o quanto eu to queria arrancar do corpo com os dentes. — O maxilar do Xaden lateja.

— Tu deste-me os punhais no ano passado. — A minha mão desliza-lhe para o pulso.

— Eu já calculava que ela iria encontrar uma forma de me dificultar a vida por pôr fim ao acordo e que acabaria inevitavelmente por ir atrás de ti. — Ele inclina-se para mim. — Eu amo-te. Ela nunca se vai sentar nesta cadeira. Nunca usará uma coroa tyrrense. *Nunca* me teve de joelhos à frente dela. — Os lábios curvam-se no sorriso perverso que me deixa imediatamente pronta para logo à noite. — E também nunca a fodi com a língua.

Os meus lábios entreabrem-se e o calor afogueia-me as faces.

— Bem, podemos dar este assunto por encerrado? Infelizmente, tenho uma reunião daqui a nada.

Eu assinto com a cabeça.

— Eu tenho aulas.

— Certo. Física? — adivinha ele quando nos levantamos.

— História. — Eu pego-lhe na mão estendida e saímos do estrado. — Aula em que sou surpreendentemente péssima, imagina. Ter lido os livros errados ajuda bastante.

— Talvez devesse encontrar os certos. — O sorriso dele é um espelho do meu e, por um segundo, tudo parece... normal. Se é que esta palavra pode ser aplicada no nosso caso.

— Talvez.

Quando chegamos ao corredor movimentado, ele agarra-me a nuca e puxa-me para um beijo rápido e intenso.

— Faz-me um favor — diz ele de encontro à minha boca.

— O que quiseres.

— Vem para a cama *cedo* logo à noite.

Os voadores e os cavaleiros são iguais em todos os aspetos à exceção da estrutura da divisão.

Os cavaleiros vão manter as divisões, as secções e as esquadras, bem como as respectivas chefias.

Todos os grupos de voadores serão absorvidos por uma esquadra, e o líder substituirá o oficial executivo da esquadra para garantir a coesão e a eficiência da unidade.

— ARTIGO SEGUNDO, PARÁGRAFO PRIMEIRO,
DO PACTO DE ARETIA



CAPÍTULO XLIX

— Tenho a sensação de que tu és a única que não está surpreendida — diz a Imogen quando estamos no pátio depois da formação da manhã seguinte.

— A nossa esquadra é a mais forte. O grupo deles é o mais forte. Não percebo qual é a vossa surpresa. — Encolho os ombros, a olhar para os membros do grupo da Cat, que parecem todos estar a adquirir diferentes tons de roxo e verde depois dos desafios de ontem.

O mesmo acontece com os membros da nossa esquadra.

— Cavamos nós. — A Rhiannon estende emblemas verdes que já conhecemos a seis de nós.

— Temos mesmo de lhes dar isto? — O lábio do Ridoc enrola-se quando ele olha para o emblema que tanto nos esforçámos por conquistar e

que os instruendos do primeiro ano tanto lutaram por manter.

— Temos — repreende a Rhiannon. — É o gesto mais correto. A partir deste momento, eles pertencem à nossa esquadra, quer gostemos, quer não.

— Eu decido não gostar — observa a Sloane.

Eu sorrio a passar o polegar pelo emblema.

— Eu levo um para a Cat — diz a Rhiannon em voz baixa. — Não tens de...

— Eu trato disso. — Lanço-lhe o que espero que seja um sorriso tranquilizador. — Vamos lá despachar isto.

— Vamos lá — responde ela. — Toca a mexer, Segunda Esquadra.

Atravessamos o pátio coberto de gelo juntos e eu toco no punhal que tenho na ilharga esquerda, para me assegurar de que está exatamente onde o tinha deixado.

O Xaden ama-me. Escolheu-me a mim. Eu vou ser a cavaleira mais poderosa da minha geração.

A Cat só tem o poder que eu decidir dar-lhe, com ou sem o punhal na bainha.

Os seis voadores retesam-se quando nos aproximamos.

— Acho que eles também decidiram *não* gostar — murmura a Sloane para o Aaric.

A Cat fita a Sloane com os olhos semicerrados e eu intrometo-me entre elas antes de estender o emblema à Cat.

— Bem-vinda à Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão, também conhecida como a Esquadra de Ferro.

Ouçó saudações semelhantes à nossa volta, mas mantenho os olhos postos na Cat, que olha para o emblema como se lhe pudesse morder.

— Aceita o emblema.

— O que é que havemos de fazer com eles?

— Nós cosemo-los nos nossos uniformes — responde o Ridoc ao meu lado, fazendo um movimento para um lado e para o outro para simular o ato

de enfiar a agulha no uniforme... como se estivesse a explicar o conceito de emblema a uma criança.

— Porquê...? — O olhar dela passa por nós, a parar nos diferentes emblemas como se nunca tivesse reparado neles.

Eu aponto para a gola.

— Patente. — Depois para o ombro. — Divisão. Esquadra de Ferro. Sinete. Os emblemas são conquistados, não dados. Os cavaleiros, e agora os voadores, escolhem o local que quiserem para os outros emblemas que não digam respeito à divisão e à patente, mas nenhum é usado em peles de voo, o que pode explicar o facto de nunca teres visto o Xaden a usá-los. Ele abomina os emblemas em geral. — Pronto. Feito. Não custou assim tanto. Posso ser civilizada.

— Isso eu sabia. — Ela arranca-me o emblema da mão. — Já o conheço há *anos*.

A Rhiannon levanta uma sobrancelha ao meu lado.

Eu noto a picada de ciúmes que sinto por ela conhecer partes da vida dele que eu não conheci, mas não sinto raiva, nem nenhum assomo amargo de insegurança, nem falta de amor-próprio. Foda-se, mais uma razão para *adorar* os meus punhais.

Ela arregala ligeiramente os olhos, como se tivesse sentido que não me pode tocar, depois fecha-os quase completamente. A civilidade não está nos planos dela decididamente.

— Como disse. — Lanço-lhe um sorriso luminoso. — Bem-vinda à única Esquadra de Ferro do quadrante. — Rodo sobre os calcanhares, enlaço o braço no da Rhiannon e começamos ambas a afastar-nos com o resto dos cavaleiros da nossa esquadra revista e ampliada.

— Estarmos na mesma esquadra não altera o facto de a coroa continuar a ser minha — dispara ela.

— Vamos dá-la de comer à Sgaeyl — sussurra-me a Rhiannon quando paramos.

Eu olho para a Cat por cima do ombro.

— Sabias que Tyrrendor não tem uma coroa há mais de seiscentos anos? Ao que parece, derreteram-nas todas para forjar a coroa da unificação, portanto, boa sorte com isso.

— Vai ser divertido fazer da tua vida um inferno tal como tu fizeste à minha.

Oh, que se foda a civilidade.

— Deuses, ela não se consegue mesmo conter, pois não? — diz a Rhiannon num sussurro.

— Cat, para com isso — repreende a Maren. — Estás a ser desagradável. Já te disse milhares de vezes que ela não deixou cair a Luella. Foi a Luella que caiu. É tão simples quanto isso.

— Fica à vontade para tentares fazer da minha vida um inferno — digo à Cat, soltando o braço da Rhiannon para voltar para trás e falar com a voadora. — Oh! E só mais uma coisa. — Baixo a voz muito levemente, perfeitamente ciente das cabeças da nossa esquadra que se viram na nossa direção.

— O quê?

— Aquele truque de que falaste no tapete? Aquele dos dedos, sabes? — Os meus lábios curvam-se num sorriso largo. — Obrigadinha.

A Cat fica com os olhos esbugalhados.

A Imogen ri-se com tanta vontade que chega a resfolgar quando eu volto para junto da Rhiannon.

— Caramba. Bem... caramba. — A Rhi bate algumas palmas.

— Foda-se, adoro-te. — O Ridoc pousa o braço nos meus ombros. — Alguém está com fome? Acordei num sítio que não estava bem nos planos e perdi o pequeno-almoço.

— Eu ia contigo — digo-lhe —, mas tenho planos na biblioteca.

— Na biblioteca? Então, eu também tenho — intervém o Sawyer, seguindo-me rapidamente.

— Eu acompanho-vos — diz a Rhiannon a assentir com a cabeça.

— Se vocês os três vão, eu também vou — acrescenta o Ridoc.

— Vocês não têm de me acompanhar — digo quando já vamos a meio da entrada.

— Oh, temos de sair de perto da Cat — O Ridoc acena-me com a mão para eu não fazer caso. — Tu és só uma desculpa.

— As capacidades dela são... assustadoras — conclui o Sawyer. — E se ela decidir fazer com que eu te odeie?

— Fazer com que o Xaden te odeie? — As sobrancelhas da Rhiannon erguem-se.

— Não pode. — Abano a cabeça.

— Ou fazer com que fiques com vontade de foder um voador qualquer e que não estejas sozinha naquela cama quando o Xaden voltar — atira o Ridoc. — O sinete dela, ou lá como se chama, é assustador como o caralho.

— Ela só consegue amplificar emoções que já estejas a sentir — explico-lhes. — Podíamos matá-la. — O Sawyer estende a mão para o puxador da porta. — Os voadores ainda estão com dificuldades por causa da altitude e os grifos ainda passam metade do dia a dormir, de acordo com o Sliseag, pelo que devem estar fragilizados.

Ficamos todos calados, não pelo choque, mas porque pensamos verdadeiramente na possibilidade durante alguns segundos. Pelo menos, eu penso.

— Não a podemos matar. Ela pertence à nossa esquadra.

Será que esta é mesmo a única razão ética neste caso?

— Tens a certeza? — O Sawyer inclina a cabeça. — Basta dizeres e eu enterro o corpo. Ainda temos umas horas antes do Sumário de Batalha.

— *É uma boa ideia. Eu já comia qualquer coisa.* — O tom da Andarna é de uma excitação indecente.

— *Nós não comemos os nossos aliados* — admoesta o Tairn.

— *Nunca me deixas divertir-me um bocadinho.*

Esboço um sorriso genuíno.

— Agradeço a oferta.

Entramos na biblioteca e eu respiro fundo. O aroma da sala de dois andares é diferente do dos Arquivos. O pergaminho e a tinta continuam a cheirar ao mesmo, mas não sinto os laivos terrenos porque estamos acima do chão, com luz a jorrar pelas janelas. Só as estantes do primeiro piso estão cheias de livros, mas fiz minha a missão de fazer com que o segundo andar esteja igualmente coberto na próxima década.

A pedra pode não arder, mas os livros ardem.

— O que estamos aqui a fazer, afinal? — pergunta o Ridoc quando eu tiro o meu saco dos ombros e escolho a primeira mesa vazia que vejo para o pousar. O Ridoc faz sinal para o Sawyer, que está a olhar para o fundo da biblioteca. — Quer dizer, todos sabemos o que é que *ele* está a fazer aqui.

— A recentrar-me. — A minha resposta vale-me dois olhares muito perplexos. — O Tecarus mandou-me alguns livros pelo Xaden, depois da entrega de armas de ontem, provavelmente ainda com esperança de me cair nas boas graças. — Um a um, retiro os seis livros oferecidos pelo visconde e empilho-os em cima da mesa com o saco protetor do diário do Warrick em cima. — O kroviano não é o meu forte.

— O kroviano não é o forte de ning...

Eu rio-me quando o Sawyer para a meio da frase ao ver a Jesinia.

— Bom dia — gestua ele na minha direção. — É assim?

— É isso mesmo.

Ele arranca na direção dela.

— Teria sido mais divertido como eu lhe ensinei. Ela tem um ótimo sentido de humor — murmura o Ridoc.

— Ele está a aprender língua gestual! — A Rhiannon sorri e senta-se na ponta da mesa. Viramo-nos todos descaradamente para ver o Sawyer a cumprimentar a Jesinia.

— E já está a voltar? — O Ridoc franze o sobrolho.

Eu olho para o relógio.

— Ele só sabe umas quatro frases, mas está a aprender.

— Então, o kroviano é a especialidade da Jesinia? — pergunta a Rhi, a pegar no livro de cima, que é um relato do primeiro aparecimento de venéficos depois da Grande Guerra. Pelo menos, é o que me parece.

— Não. — Abano a cabeça quando a porta da biblioteca se abre às sete e meia em ponto. Mesmo na hora certa, como sempre. — É a dele.

— A sério? — murmura o Ridoc quando eu me afasto da mesa.

— Pediste para falar comigo? — O Dain cruza os braços à frente do peito. — Por tua própria iniciativa? Sem ordens de ninguém nem nada?

Hesito por um segundo. Depois, lembro-me de que ele apunhalou o Varrish, convocou a formação para dividir o quadrante e, quando a verdade veio à tona, decidiu desertar com um grupo de pessoas que o desprezam porque era o mais correto.

— Preciso da tua ajuda.

— Está bem. — Ele assente com a cabeça à espera de uma explicação.

E, assim sem mais nem menos, lembro-me por que razão o Dain costumava ser uma das minhas pessoas preferidas do Continente.

— Essa não é a palavra para chuva — diz o Dain no dia seguinte, a tocar no símbolo no diário do Warrick com o fundo da caneta quando estamos sentados na câmara da pedra de proteção de costas para a parede e com as pernas estendidas à nossa frente. Estamos debaixo do sol do meio-dia, mas ainda está suficientemente frio para se ver a minha respiração.

— Eu estou quase certa de que é. — Inclino-me para a frente e estudo o diário que está pousado na perna dele e na minha.

— Perguntaste à Jesinia? — pergunta ele, a virar as páginas das entradas sobre as guarnições para voltar ao início do livro.

— Ela também achou que era chuva.

— Mas a especialidade dela é morrainiano, não é? — Ele inclina a cabeça e lê a primeira entrada.

Eu arregalo os olhos e viro-me para ele.

— O que foi? — Ele olha para mim antes de voltar a cabeça abruptamente de novo para o diário. — Não fiques tão admirada por eu me lembrar da especialização da Jesinia. Eu ouço-te quando falas. — Estremece. — Ou ouvia, pelo menos.

— Quando é que deixaste de ouvir? — A pergunta sai-me dos lábios antes de eu a conseguir conter.

Ele suspira e agita-se levemente, o suficiente para me dizer que está nervoso. Dois anos no quadrante não o livraram desse tique.

— Não sei. Provavelmente quando te disse adeus no Dia do Alistamento. O meu, claro, não o teu.

— Certo. No meu disseste-me olá. — Os meus lábios curvam-se num sorriso. — Na verdade, acho que me perguntaste o que raio estava lá a fazer.

Ele solta um riso de escárnio e recosta a cabeça na pedra para olhar para o céu.

— Estava tão zangado... e assustado. Tinha finalmente chegado ao segundo ano, conquistado o privilégio de visitar outros quadrantes para te poder ver e, em vez de estares em segurança num canto junto com os copistas, apareceste vestida de preto no Quadrante dos Cavaleiros, seguindo as ordens da tua mãe, e estavas tão atordoada que ainda hoje não faço ideia como conseguiste atravessar o parapeito. — A garganta movimenta-se quando ele engole. — Só pensava que tinha sobrevivido a um ano em que tinha ouvido os nomes dos meus amigos a serem lidos no rol de mortes e ia certificar-me de que não iria ouvir o teu. E depois tu começaste a odiar-me por eu estar a tentar dar-te o que sempre quiseste.

— Não era por isso que eu te odiav... — Cerro os lábios numa linha fina. — Tu não me estavas a deixar crescer e foste casmurro como o raio a pensar que sabias o que era melhor para mim. Nunca foste assim quando éramos crianças.

Ele ri-se e o som da autodepreciação ecoa na câmara.

— Tu és a mesma pessoa que eras quando atravessaste o parapeito?

— Não. — Abano a cabeça. — Claro que não. O primeiro ano endureceu-me de maneiras... — Apanho-o a olhar para mim com as sobrancelhas levantadas. — Oh. Também te deve ter mudado a ti.

— Claro. Viver apenas de acordo com as regras do Códice faz isso a qualquer um.

— Uma parte de mim pergunta-se se é por isso que eles no-lo impingem com tanta força. Transformam-nos em armas perfeitas, ensinam-nos a pensar de forma crítica sobre *tudo*, menos sobre o Códice e as ordens que dão.

Ele esfrega a barba castanha curta e baixa o olhar para o diário.

— Onde é que estão as tuas traduções para o início? Talvez possamos comparar os símbolos.

— Eu avancei para as entradas sobre as guarnições, uma vez que era o que precisávamos.

Ele pestaneja.

— Tu... avançaste? *Tu*, mais do que qualquer outra pessoa, não leste o livro do princípio ao fim? — O esboço de sorriso que ele tenta esconder atinge-me algures na vizinhança do estômago, lembrando-me dos tempos em que ele era o meu melhor amigo e, de repente, isto é de mais.

Ponho-me de pé com dificuldade, sacudo o pó das peles e encaminho-me para a pedra.

— Vi — diz ele em voz baixa, mas o espaço cavernoso amplifica-a, pelo que até parece que estamos a gritar. — Vamos finalmente falar sobre o que aconteceu?

A pedra continua fria e vazia debaixo da minha mão tal como aconteceu quando eu não consegui levantar as guarnições.

— Sabes como impregnar? — pergunto-lhe, ignorando a questão.

— Sei. — O suspiro que ele solta parece suficientemente forte para derrubar a pedra de proteção e, quando eu olho de relance na direção dele por cima do ombro, vejo-o a pousar o diário no meu saco e a levantar-se. Segundos depois, está ao meu lado. — Desculpa, Violet.

— Parece que deveria ser impregnada, não achas? — Eu passo com as pontas dos dedos em cima do maior dos círculos gravados. — Lembra-me da sensação da liga bruta. É um vazio.

— Desculpa pelo papel que eu tive nas mortes deles. Lamento tanto, foda-se...

— Roubaste-me as memórias sempre que me tocaste no rosto no ano passado? — desembucho, deixando que a minha mão absorva o frio.

O silêncio abate-se sobre a câmara durante os longos instantes que ele demora a responder em voz baixa.

— Não.

Eu assinto com a cabeça e rodo para olhar para ele.

— Então foi só quando precisaste de informação que não me podias pedir.

Ele levanta a mão e pousa-a na pedra a poucos centímetros da minha, abrindo bem os dedos.

— Na primeira vez, fi-lo sem querer. Estava muito habituado a tocar-te, só isso. E tu aproximaste-te demasiado do Riorson e o meu pai tinha-se fartado de se vangloriar pela forma como a tua mãe o tinha cortado. Eu sabia que ele teria de estar à procura de algum tipo de vingança, mas tu não me ouvias...

— A intenção dele nunca foi de vingança. Pelo menos, no meu caso. — Eu abano a cabeça.

— Sim, *agora* eu sei que não. — Ele fecha os olhos. — Fiz merda. — Um suspiro fundo, depois volta a abri-los. — Fiz merda e confiei no meu pai quando devia ter confiado no teu discernimento. E não há nada que eu possa dizer ou fazer para os trazer de volta... para trazer o Liam de volta.

— Não, não há. — Fico com os olhos marejados de lágrimas e forço um esgar que pretende ser um sorriso, mas que dura pouco.

— Não sabes o quanto lamento, Violet.

— Eu ainda não aceitei — sussurro. — Não sei sequer o que fazer para aceitar. Só sei que não consigo pensar no Liam e olhar para ti ao mesmo

tempo sem... — Abano a cabeça. — Eu não te quero odiar, Dain, mas não sei se alguma vez vou ser capaz de... — A minha atenção vira-se para a minha mão. A minha mão muito *quente* ao lado da dele na pedra. — Estás a impregnar a pedra?

— Estou. Pensava que era isso que tu querias.

— É. — Baixo a cabeça. — Quanto tempo é que achas que demoraria a impregnar completamente uma coisa deste tamanho?

— Semanas. Talvez um mês.

Eu afasto a mão e volto para o meu saco, agachando-me para voltar a enfiar todo o material no interior.

— Preciso da tua ajuda com o diário. E isso não é justo, porque eu preciso de saber que não vamos falar sobre isto... sobre o Liam e a Soleil, novamente. Pelo menos, enquanto eu não me conseguir distanciar muito mais. — Assim que tenho tudo guardado, levanto-me e olho para o Dain outra vez.

Ele deixa cair os ombros, mas ainda tem a mão na pedra.

— Por mim, tudo bem.

— Obrigada. — Olho para o céu encoberto. — Normalmente, estou livre durante cerca de trinta minutos a esta hora.

— Eu também e vou tratar de impregnar a pedra.

— Eu vou pedir ajuda ao Xaden também. — Enfio os braços nas alças do saco e pouso-o nos ombros.

A mão dele cai da pedra.

— Quanto ao Riorson...

Todo o meu corpo se contrai.

— Tem muito cuidado com o que vais dizer.

— Estás apaixonada por ele? — pergunta o Dain, voltando-se para me olhar de frente e com a voz a falhar na última palavra. — Porque o Garrick e eu ouvimos o fim do que ele disse na câmara de interrogatório e, acredita, até *eu* era capaz de me apaixonar por ele depois daquela declaração. A pergunta é se tu estás apaixonada mesmo a sério.

— Estou. — Não desvio o olhar até ele perceber que estou a ser completamente sincera. — E isso nunca irá mudar.

O maxilar do Dain lateja e ele baixa a cabeça em assentimento.

— Então, vou confiar tanto nele como tu.

Eu assinto com a cabeça devagar.

— Até amanhã.

— Até amanhã — concorda ele.

O domínio total de um sinete não é obtido em Basgiath, nem nos anos que se seguem.

Não há nenhum cavaleiro vivo que acredite verdadeiramente que chegou aos limites do seu poder. Os mortos podem ter outra sensação.

— GUIA PARA O QUADRANTE DOS CAVALEIROS DO MAJOR
AFENDRA

(EDIÇÃO NÃO AUTORIZADA)



CAPÍTULO L

— Está melhor. — Uma semana depois, o Felix põe uma uva na boca e dirige-se para a pilha de pedras e os fios de fumo que se formaram na base e que só duraram um segundo antes de serem levados pelo vento e pela neve. — Desta vez, quase que lhes acertou.

Eu aperto o condutor aquecido pela energia que tenho na mão.

— Consegui. — Eu balanço sobre os pés e sacudo a exaustão. Passei demasiadas noites a deitar-me tarde para traduzir o diário do Warrick desde o início, demasiados almoços a comer na câmara fria da pedra de proteção e, decididamente, demasiado tempo com o Dain.

Já quase que me tinha esquecido de como ele é bom com as línguas, da rapidez com que ele percebe as coisas.

— Não. — O Felix abana a cabeça e pega em mais uma uva do cacho. Como é que ainda *não* congelaram? O chão já tem cerca de quinze

centímetros de neve acumulada desde que estamos aqui. — Se lhes tivesse acertado, as rochas não estariam aqui.

— O professor é que me disse para usar menos poder, lembra-se? Relâmpagos mais pequenos. Mais controlo. — Sacudo a esfera na direção dele. — O que é que chama a isso?

— Falhar o alvo.

Os flocos de neve crepitam e transformam-se em vapor quando me caem na pele nua das mãos e eu tenho de fazer um esforço para não olhar para o professor com uma expressão furiosa.

— Aqui. — Ele atira o cacho de uvas para o saco que tem aos pés e depois estende a mão para a esfera, que tira da minha. — Atinja o condutor.

— Desculpe? — Arregalo os olhos e sacudo alguns fios de cabelo do rosto.

— Atinja o condutor — diz ele, como se fosse tarefa simples, com a esfera de metal e vidro na mão a poucos centímetros dos meus dedos.

— Matá-lo-ia a si.

— Se conseguisse apontar — provoca ele, com o sorriso a mostrar os dentes brancos. — É claro que compreende como a energia e a atração funcionam, como mostra a forma como eliminou aquelas serpes, não é?

— Eu aponte para a nuvem. — O meu sobrolho enrugase. — Acho eu. Não consigo explicar. Só sabia que os relâmpagos podem formar-se dentro de uma nuvem e, quando o manipulei, ele apareceu lá.

O Felix assente com a cabeça.

— É por causa dos campos de energia. É um fenómeno muito parecido com a magia nesse aspeto. E a Violet — ele toca-me na mão com a esfera — é o maior campo de energia de todos. Convoque o seu poder, mas, em vez de deixar que o condutor fique com ele todo, fracione-o sozinha.

Eu transfiro o peso de um pé para o outro, a lutar contra a onda de calor que me levanta os pelos do braço. Imagino as portas dos Arquivos a fecharem-se quase completamente e permito que apenas uma fração do poder do Tairn me chegue às mãos.

As pontas dos meus dedos roçam o metal da esfera e o poder estala quando eu vejo os fios azuis esbranquiçados de energia pura que me irrompem dos dedos e vão de encontro ao vidro e se unem num único fluxo delicado no medalhão de liga no centro do condutor. Ao contrário dos fios reluzentes que extraio do poder da Andarna para temperar as runas, esta energia é física, como um relâmpago minúsculo e contido. Os meus lábios curvam-se quando deixo o poder fluir do meu corpo para o condutor, como faço todas as noites ao impregnar pedra atrás de pedra, agora que sei como trocá-las depois de estarem completamente impregnadas. — Adoro vê-lo a fazer isto.

É o único momento em que o meu poder é beleza sem destruição, sem violência.

— Não está a vê-lo, Violet. Está a fazê-lo. E a ideia é que o adore. É melhor encontrar prazer no seu poder do que temê-lo.

— Eu não temo o poder. — Como poderia quando é tão bonito? Tão variado? Tenho medo de *mim própria*.

— *Não devias ter* — admoesta o Tairn. Ele tem feito comentários esporádicos ao longo da última hora... sempre que não esteve ocupado a tentar fazer com que a Andarna deixasse de perseguir os dois novos rebanhos de ovelhas que o Brennan trouxe para o vale. — *Eu escolhi-te e os dragões não cometem erros*.

— *Como é viver uma vida com tanta confiança?*

— *É... a vida*.

Eu consigo evitar revirar os olhos ao concentrar-me em limitar o poder do Tairn.

— É assim mesmo. Continue. Deixe a energia fluir, mas pense num fio, não numa inundação. — O Felix afasta o condutor devagar. — Não pare.

Todos os músculos do meu corpo se contraem, mas eu faço o que ele pede e não interrompo o fluxo de energia. Fios da mesma energia azul-esbranquiçada alongam-se entre os dois ou três centímetros que separam os meus dedos da esfera.

— O que... — O meu coração começa a latejar com tanta força que o consigo sentir nos ouvidos e os cinco filamentos distintos de energia palpitam ao ritmo da minha pulsação.

— É a Violet — diz o Felix baixinho, no tom mais amável que já usou comigo, à medida que vai afastando a esfera mais dois dedos, depois outros dois. Seja como for, eu também teria cuidado comigo se fosse ele. — Aumente-o devagar.

As portas dos meus Arquivos abrem-se apenas cerca de mais um palmo e meio e a energia alonga-se sem dor e com um calor que é apenas moderado e evapora todos os flocos de neve que têm o azar de cair no caminho.

— Está a começar a perceber como funciona, não está? — O Felix recua um passo e a minha mão começa a tremer quando eu procuro amplificar o poder o suficiente para chegar ao condutor sem provocar um relâmpago.

— A. Perceber. O. Quê? — O meu braço está a tremer a sério neste momento.

— O controlo. — Ele sorri e eu sobressalto-me, levantando os olhos para os dele.

A energia irrompe pela porta e sai de dentro de mim num caudal de calor escaldante e eu levanto as mãos para o ar — e para longe do Felix — um segundo antes de o relâmpago rasgar o céu nublado, chamuscando a cumeada do monte com o impacto a menos de dez metros de distância.

O Cauda de Espada Vermelho do Felix bufa vapor, agitado, mas a única coisa que sinto vinda do Tairn é orgulho.

— Bem, *tinha* controlo. — O Felix devolve-me o condutor. — Mas, pelo menos, sabemos que é capaz. Houve uma altura em que eu não tinha tanta certeza.

— Eu também não. — Olho para a esfera como se nunca a tivesse visto.

— A Violet manipula o seu poder como um machado de guerra e, às vezes, é mesmo isso que é necessário. Mas também deverá compreender, tendo em conta quem é — faz sinal para os punhais embainhados no meu casaco de voo —, quando é necessário apenas um punhal para dar um golpe

preciso. — Ele pega no saco do chão e alça-o para cima do ombro. — Terminámos por hoje. Na segunda-feira vai conseguir manter essa energia a fluir... digamos uns três metros?

— Três metros? — Não estou a ver como.

— Tem razão. — Ele assente com a cabeça e vira-se para o dragão dele, que está um pouco ansioso. — Apontemos para cinco. — Ele inclina a cabeça para o lado e detém-se como se estivesse a falar com o dragão. — Quando voltar para casa, diga ao Riorson que precisamos de vocês os dois na sala da Assembleia às cinco horas.

— Mas o Xaden não está... — Baixo os escudos e, afinal, está. A via sombria entre as nossas mentes é forte pela proximidade e está carregada de... cansaço?

— *Chegaste cedo a casa. Está tudo bem?*

— *Não.* — O Xaden não dá pormenores e o tom não convida a mais perguntas.

— *A Sgaeyl está bem?* — pergunto ao Tairn quando subo a perna dianteira que ele baixou para me ajudar.

— *Está ilesa.* — A frustração e a raiva começam a fervilhar e não demoram a esquentar o nosso vínculo e eu levanto os escudos rapidamente para não perder o controlo sobre as minhas próprias emoções.

Meia hora mais tarde, depois de voar de volta para o vale e de ver a Andarna a exibir a capacidade em desenvolvimento de abrir a asa enquanto conta até trinta com um aplauso entusiasmado, entro nos corredores caóticos da Casa dos Riorson e vou diretamente para a cozinha.

Assim que tenho um prato do que preciso, começo a subir as escadas amplas e encontro o Garrick, o Bodhi e o Heaton a falar no patamar do segundo ano. A expressão no rosto coberto de fuligem do Garrick é compatível com o peso aziago do humor do Xaden e quando o Heaton vira a cabeça quase deixo cair o prato.

Tem uma enorme contusão que lhe ocupa todo o lado direito da cara e uma tala do cotovelo para baixo no braço direito.

— O que aconteceu?

O Garrick e o Bodhi trocam um olhar que me afunda o estômago, mesmo sabendo que o Xaden está vivo... e não no nosso quarto neste andar, mas quatro andares mais acima.

— Eles tomaram Pavis — diz-me o Heaton em voz baixa, com cuidado para que ninguém nos oiça.

Eu pestanejo. Não pode ser verdade.

— Essa cidade fica apenas a uma hora de voo a leste de Draithus.

O Heaton assente devagar com a cabeça.

— Foram precisos sete venéficos e uma horda de serpes. A cidade foi devastada ainda antes de lá chegarmos. A tua irmã está bem, foi só levar o Emery, que está com a perna desfeita, aos curandeiros. Ela mandou-nos embora depois... — A voz falha-lhe e o Heaton desvia o olhar.

— Tudo isto depois de a Nyra Voldaren ter caído na nossa missão de hoje — conclui o Garrick.

— A Nyra? — Era a chefe de divisão principal do quadrante no ano passado e era quase invencível.

— Sim. Foi tentar defender um grupo de civis que tinham encontrado abrigo junto ao arsenal e... — O maxilar lateja. — E não sobrou nada dela nem da Malla. Foi como aconteceu com a Soleil e o Fuil, completamente drenados. De certeza, que vão informar toda a gente no Sumário de Batalha amanhã, mas chamaram todos os primeiros e segundos-tenentes de volta a Aretia para se poderem reorganizar.

— Acho que vão alterar a estrutura da divisão — acrescenta o Heaton.

— Vão ter de o fazer — concorda o Garrick. — Deixar os cavaleiros menos experientes atrás da frente não adianta a ponta de um corno quando a frente é assim tão volátil.

— Também atacaram Cordyn?

O Garrick abana a cabeça.

— Ignoraram-na e centenas de quilómetros mais e só pararam em Pavis. Era esse o alvo deles.

— É uma boa plataforma — o Bodhi baixa a voz quando um trio de voadores da Primeira Divisão passa por nós — para chegarem a Draithus. Só pode ser.

Eles vêm atrás de nós.

Muitos dos nossos estrategas mais apreciados tentaram estimar o iminente ponto de viragem a partir do qual o resultado da guerra poderia estar decidido, embora continuemos a lutar. Muitos acreditam que será na próxima década. Eu temo que venha a ocorrer muito antes disso.

— GUIA PARA CONQUISTAR A PROPRIEDADE DA ACADEMIA DE CLIFFSBANE
AOS VENÉFICOS DO CAPITÃO LERA DORRELL



CAPÍTULO LI

Separamo-nos quando o corredor começa a ficar demasiado movimentado, e eu continuo a subir as escadas até ao quinto andar, assentindo com a cabeça para a Rhi e a Tara quando passo pela porta aberta do quarto da Rhi. Pelos sorrisos rasgados de ambas, é claro que ainda não sabem o que aconteceu e eu decido dar-lhes mais alguns minutos da maravilha que é a felicidade da ignorância, continuando pelo longo corredor adiante até às escadas das traseiras.

As escadas de serviço são escuras, mas as luzes mágicas vão-se acendendo à medida que subo os íngremes degraus de ferro forjado e dispostos em espiral até ao fim. Abro a porta com magia menor, saio para a passagem estreita ao longo do cume do telhado e fecho-a.

O Xaden está sentado na ponta do pequeno torreão defensivo, a menos de dez metros de distância, e as únicas sombras que o rodeiam são as que a luz fraca da tarde lança. Se eu não sentisse a sua inquietação a saturar o vínculo que nos liga, pensaria que ele tinha vindo cá para cima para apreciar a vista e que era a imagem do controlo.

Atravesso a passagem leste do telhado devagar, com cuidado para não deixar que o vento me sopre o prato da mão ou me desequilibre.

— O que é que eu te disse sobre pões a vida em risco para falares comigo? — pergunta ele com o olhar posto na cidade mais abaixo.

— Não estou propriamente a pôr a minha vida em risco. — Coloco o prato na parede e subo para me sentar ao lado do Xaden. — Mas agora percebo porque és tão bom no Parapeito.

— Prático desde que era miúdo — admite. — Como é que sabias que eu estava aqui?

— Além de ser capaz de te localizar pelo vínculo? Tu disseste-me numa carta que te sentavas aqui à espera que o teu pai voltasse para casa. — Pego no prato e coloco-o à frente dele. — Eu sei que bolo de chocolate não vai resolver nada, mas, em minha defesa, fui buscá-lo quando ainda pensava que só tinhas tido um dia de merda e antes de saber o que tinha realmente acontecido.

Ele olha de relance para a fatia de bolo, depois inclina-se e roça a boca na minha antes de pegar no prato.

— Não estou habituado a que tomem conta de mim. Obrigado.

— Habitua-te. — O frio da parede a que estamos encostados infiltra-se nas minhas peles de voo e eu reparo nas densas nuvens cinzentas vindas de oeste. — Já está a nevar no desfiladeiro. Aposto que vamos ter uns dezoito centímetros esta noite.

— Talvez mais, se te portares bem. — Um canto da boca dele ergue-se quando ele corta o bolo com uma faca.

— Estás a fazer piadas de pilas? — Apoio as mãos na parte de cima da parede.

— E tu estás a falar sobre o tempo. — Ele come uma garfada, depois corta outra e dá-me o garfo.

— Estava a ser atenciosa e a dar-te a opção de não falares sobre o que aconteceu. Preferias que eu falasse sobre como está a correr a tradução com o Dain? — Pego na garfada que ele me oferece e devolvo-lhe o garfo. Raios,

não admira que ele adore este bolo. É melhor do que qualquer outra coisa que tínhamos em Basgiath.

— Preferia que deixasses de ser atenciosa e perguntasses. — O olhar dele fixa-se no meu.

Eu engulo em seco com a sensação de que ele não está a falar apenas na perda de hoje.

— Estavas lá?

— Estava. — O garfo tilinta no prato quando ele o pousa no colo.

— O Tairn não me disse.

— Eu acho que a Sgaeyl o bloqueou de alguma maneira. — Ele levanta a cabeça para o lado. — Tenho quase a certeza de que estamos *ambos* bloqueados neste momento, o que significa...

— Estão a discutir. — Há uma enorme parede atrás dos meus escudos.

— O Garrick e eu fomos para lá a partir de Draithus, quando o Emery lançou o alerta, mas quando lá chegámos... — Ele abana a cabeça. — Imagina Resson, mas cerca de dez vezes maior. Dez vezes mais civis.

— Oh. — O bolo cai-me no estômago como cinza e ficamos ambos em silêncio. Passa um longo momento antes de eu me mostrar à altura do desafio que lhe vejo nos olhos e perguntar: — Em que é que estás a pensar aqui em cima?

— Estamos em inferioridade. — Ele desvia o olhar e flete o maxilar. — Em inferioridade e demasiado dispersos para sermos mais do que um aborrecimento para eles. Não conseguimos comunicar com rapidez suficiente. Não somos eficazes nem nenhum tipo de barreira real quando enviamos as nossas revoadas de três dragões para lá. — O olhar dele vira-se para leste. — Eles podem tomar o resto de Poromiel, e até Aretia, quando quiserem, e não faço ideia porque não o fazem. Não fazemos ideia de quantos estão reunidos em Zolya ou onde caralho estão a eclodir todas aquelas serpes. O único plano que nós temos é o de nos mantermos firmes e essa firmeza começa a fraquejar.

— Não estávamos preparados. — Olho para a cidade em rápido crescimento e reparo nas dezenas de novos telhados em construção e nas

inúmeras chaminés que deixam escapar o fumo das casas.

— Nunca poderíamos estar preparados — replica ele, a erguer o garfo antes de o espetar no bolo. — Por isso, não acrescentes o que aconteceu à lista de coisas pelas quais te culpas. Mesmo que esperássemos para vir depois de a forja estar a funcionar, até termos cavaleiros suficientes para impregnar a liga e temperar as runas para os punhais... — Ele deixa cair os ombros quando suspira. — Nunca vou dizer isto à frente dos outros, mas estamos cinquenta anos atrasados.

A minha respiração fica pesada e contraída pela tensão que sinto nas costelas.

— O que podemos fazer acerca disso? — Além do óbvio: o Dain e eu temos de traduzir o diário mais depressa para ainda termos alguma esperança de erguer as guarnições. Nós já sabemos que um dos símbolos que eu traduzi originalmente estava incorreto. Chuva não é *chuva*. É *chama*. O que, claro, não nos ajudou nada.

— Não me cabe a mim decidir o que vamos fazer. O teu irmão é que é o estratega e a Suri e o Ulices são quem comanda o exército. — O Xaden enfia uma garfada na boca.

— A cidade é *tua*. — Toda a província, na verdade.

— A ironia não me escapa. — Ele estende-me mais uma garfada de bolo, mas este pedaço perdeu a doçura e cai-me no estômago como areia. — A tua irmã *deu-me ordens* para sair do campo.

Eu levanto as sobrancelhas.

O riso dele tem uma inflexão dura e sarcástica.

— Ela deu-me ordens a *mim*. Eu tinha matado um deles e fui buscar o meu punhal, o que é mais um problema, deixa-me acrescentar, quando o segundo começou a canalizar mesmo atrás da Sgaeyl. Se ela se tivesse lançado ao ar um segundo depois, este bolo não estaria a ser consumido neste momento. — Ele pousa o garfo.

O meu coração começa a martelar irregularmente. Ele não tem uma marca, mas por pouco não o perdi sem sequer saber que ele tinha estado tão

perto de nunca mais voltar para casa. A ideia é tão insondável que eu fico calada em estupefação.

— Ela pegou em mim com a garra, mas a tua irmã viu o que aconteceu e, nesse momento, assumiu a derrota. Não por a Nyra ter morrido, ou três dos voadores do bando apeado terem morrido, nem por só nos restarem cinco dragões. — Ele abana a cabeça. — Ela mandou-nos voltar porque eu estava com eles e não queria arriscar perder-te.

— Foi isso que ela te disse? — Começam a cair os primeiros flocos de neve.

— Ela não tinha de me dizer nada. Foi óbvio como o caralho.

— Então não sabes...

— Sei, sim — replica ele antes de fechar imediatamente os olhos. — Sei. E, no meio da raiva e do horror de ver todos aqueles civis a fugir, de os ver a *morrer*, apercebi-me de que ela me tratou como todos os marcados te trataram a ti desde a Debulha. Como se tu não passasses de uma extensão vulnerável de mim.

— Não me parece que haja alguém que te possa considerar vulnerável. — Estendo a mão para a dele e enlaço os nossos dedos. — Mas sim.

Ele olha-me nos olhos e fecha a mão em redor da minha.

— Lamento.

— Obrigada, mas, por mais irritante que seja, eu percebo. Estamos amarrados. — Encolho os ombros.

Ele beija-me em silêncio, com intensidade e rapidamente.

— Para o resto das nossas vidas.

Passada uma semana, já ninguém se surpreende ao ver-me ao lado do Dam na mesa da biblioteca, muito tempo depois de a maioria dos cadetes já terem ido para a cama. Também continuamos a encontrar-nos ao meio-dia, e

o Xaden aparece sempre que pode para ajudar a impregnar a pedra. E aqueles fios de relâmpagos que o Felix me forçou a manter? Afinal, também ajudam a impregnar.

O desespero apodera-se de mim uma semana depois. Temos quase todo o diário traduzido, mas a passagem sobre o levantamento das guarnições continua a não ser suficientemente diferente da minha primeira versão falhada para podermos agir. O que já percebemos sem margem para dúvidas é que o Warrick insiste que assim que o sangue de um dos seis cavaleiros poderosos é usado numa pedra não pode ser usado na outra que ele refere que foi esculpida.

— Já reparaste que a escrita dele é muito mais despretensiosa no resto do diário em comparação com a secção que precisamos mesmo de compreender? — O Dain esfrega os olhos e recosta-se na cadeira ao meu lado. — Como se estivesse a foder-nos o juízo de propósito do túmulo.

— É verdade. — Só há mais quatro entradas. O que é que vamos fazer se a resposta não estiver em nenhuma delas? — Não tem problema nenhum em dar conselhos sobre a elaboração do Códice...

— Ou em dar detalhes sobre a relação atribulada em que os seis se viram envolvidos. — O Dain assente com a cabeça e abre a boca num enorme bocejo.

— Exatamente. — Olho de relance para ele. — Devias ir para a cama.

— Tu também. — Ele relanceia para o relógio ao nosso lado. — É quase meia-noite. O Riorson deve estar a perguntar-se...

— Ele não está cá. — Abano a cabeça e suspiro com demasiada autocomiseração. — A esquadra dele está a vigiar Draithus esta semana. Mas tu devias ir dormir. Vou só ficar mais alguns minutos.

Ele franze o sobrolho.

— Vai — insto com um sorriso tranquilizador. — Vemo-nos amanhã.

Ele suspira, mas assente com a cabeça e empurra a cadeira para trás, antes de se levantar e alongar os braços por cima da cabeça.

— Não lhe digas que eu te disse isto — o Dain baixa os braços —, mas o que eu ouvi sobre a forma como ele pretende reorganizar as esquadras de

combate por pontos fortes, uma vez que os cavaleiros ativos não têm uma divisão inteira a que possam recorrer, é brilhante.

— Vou ter o cuidado de não lhe dizer nada — prometo, com um canto da boca a curvar-se num sorriso.

O Dain pega no saco dele de cima da mesa.

— Até amanhã.

Eu assinto com a cabeça e ele sai.

O silêncio que se abate sobre a biblioteca dá-me o conforto suficiente para me dedicar à próxima entrada e traduzir para o que chamamos o nosso diário preliminar.

— O ar arrefeceu o suficiente — digo em voz alta a escrever as palavras no diário preliminar — para eu ver o meu sangue durante as manhãs.

Eu pestanejo e fico a olhar para o símbolo para «sangue». A minha cabeça anda às voltas a considerar a possibilidade e depois volto a entradas anteriores só para me certificar de que está correto. Sempre que traduzimos o símbolo «sangue»... a palavra *sopro* encaixa ainda melhor. Temos a palavra errada.

O sangue da vida é, na verdade, o *sopro* da vida, e incendiar a pedra numa chama de ferro...

Fecho os diários e recosto-me na cadeira. Os *seis* não é uma referência aos cavaleiros.

— São os dragões — digo em voz alta na biblioteca vazia. Dain. Devia dizer-lhe...

Não. Ele vai cingir-se apenas às regras e não vai ter a ética em conta. Só há uma pessoa com que posso contar para fazer sempre o que é mais certo.

Enfio as coisas no saco, alço-o para cima dos ombros, saio da biblioteca a correr e subo quatro lanços de escadas. Tenho o coração a palpitar quando bato à porta do quarto da Rhiannon.

— Olá — diz ela quando abre a porta com um sorriso largo, que esmorece quando eu não o retribuo. Sem dizer mais nada, ela recua e manda-me entrar.

Eu olho para a decoração espartana quando começo a andar de um lado para o outro ao longo do quarto e vejo duas secretárias simples, dois armários sem portas e duas camas com lençóis pretos simples que foram atirados sem grande cuidado para um espaço que é óbvio que deveria ser para apenas uma pessoa em resultado da chegada dos voadores. Uma única janela ilumina o quarto com o sol da manhã. Temos de ir para a formação não tarda.

— Aquela era para ser a tua — diz a Rhi, a apontar para a cama da direita. — Só para o caso de alguma vez quiseres uma noite longe do Riorson.

Eu cerro os lábios entre os dentes, à procura das palavras certas, já a deixar as marcas da minha passagem no quarto da Rhiannon de tanto andar para a frente e para trás.

— Preciso de te dizer uma coisa.

— Está bem.

Paro subitamente a meio do quarto e viro-me para ela.

— Sei exatamente como levantar as guarnições. Só não estou completamente certa de que o *devamos* fazer.

O sopro da vida dos seis e de um em conjunto incendiou a pedra numa chama de ferro.

— O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELOS CADETES VIOLET SORRENGAIL E DAIN AETOS



CAPÍTULO LII

A Rhiannon desliza uma caneca de sidra de maçã para o outro lado da mesa da sala de jantar da casa da irmã, no dia seguinte, e senta-se entre o Ridoc e a Sloane. A casa tem o mesmo odor da maioria das casernas na Casa dos Riorson: madeira cortada há pouco tempo e um travo a tinta. Os carpinteiros têm estado a trabalhar incansavelmente para produzirem mobília funcional.

Recuso-me a acreditar que tudo pode acabar incinerado se os manipuladores de magia negra decidirem testar as serpes a grandes altitudes. Quatro horas. É o tempo que demorariam a chegar aqui vindos de Draithus.

— Obrigada. — Pego na caneca e levanto-a para junto do rosto para sentir o aroma reconfortante antes de beber. Olho por cima da caneca para a sala de estar adjacente e sorrio ao ver o Sawyer sentado com a Jesinia num cobertor perto da fogueira com uma expressão intensa de concentração quando tenta gestuar...

Merda, ele é capaz de ter acabado de lhe dizer que pensa que a tartaruga dela é azul, mas não me vou meter naquela conversa.

É a segunda vez esta semana que a Raegan abriu a porta à nossa esquadra a pedido da Rhi, e a primeira que a Jesinia se juntou a nós. Tenho

de admitir que a ideia da Rhi foi de génio. Trazer toda a esquadra — dezoito pessoas — para fora do contexto académico da Casa dos Riorson não acabou com a tensão entre os cavaleiros e os voadores, mas é um passo na direção certa.

Até a Cat, que está sentada o mais longe possível de mim, no canto da sala de estar, não está a lançar olhares de desprezo, enquanto fala com a Neve e a Quinn. Continua a detestar estar na Segunda Esquadra, mas, pelo menos, é cordial com toda a gente, menos comigo.

Nas duas últimas semanas de novembro — agora já na primeira de dezembro —, caímos numa rotina de adaptarmos a nossa formação de modo a incluir os voadores, de frequentarmos as aulas juntos dentro dos nossos anos e até conseguimos sair da nossa primeira sessão de treino de combate sem que ninguém tivesse derramado sangue. A Rhiannon definiu as regras na semana passada e agora corremos juntos todas as manhãs e sentamo-nos juntos no Sumário de Batalha e às refeições. Fez até questão de nos atribuir parceiros de estudo, na esperança de que a proximidade levasse ao entendimento mútuo ou pelo menos à tolerância. Graças aos deuses, a minha parceira de estudo é a Maren, mas ainda me sinto mal por a Rhi ter ficado com a Cat para me poupar.

— Por acaso não falas lucerano antigo? — pergunto ao Aaric, que está ao fundo da mesa. Só eu poderei ter tido professores melhores do que ele, tendo em conta que o Markham era o meu mentor. Ficaria muito mais descansada se alguém verificasse a tradução pela quarta vez, sobretudo uma pessoa que não o Dain, que é demasiado atreito às regras, mas tenho quase a certeza de que chegámos lá. Porque haveríamos de estar aqui, afinal?

— Nem um bocadinho. — Ele abana a cabeça e concentra-se na nova caneta de tinta permanente com a testa franzida de concentração. Todos os nossos instruendos do primeiro ano estão a canalizar e, embora não tenham ainda manifestado um sinete, já têm uma aposta a rolar sobre quem vai ser o primeiro a dominar a magia menor necessária para pôr o material de escrita a funcionar em primeiro lugar. Estou convicta de que o Kai — o único voador do primeiro ano que sobrou depois da morte da Luella — os vai vencer a todos.

Neste momento, está sentado no sofá, entre um par de instruendos do primeiro ano, com o cabelo preto espetado a cair e uma covinha a formar-se na face bronzeada porque se está a rir do que o Bragen — o líder do grupo de voadores e o nosso novo oficial executivo — está a dizer. Tirando a Maren, o Bragen é o voador mais sociável de todos. Além disso, passa muito tempo a lançar olhares apaixonados para a Cat.

— Porque é que o Aaric haveria de falar lucerano antigo? — pergunta a Visia do outro lado da mesa, a levantar a cabeça do trabalho de Física. — Não és de Calldyr?

Fico com o rosto paralisado. Foda-se, tenho de ter mais cuidado.

— Sim. — O Aaric olha para mim e as feições são uma máscara perfeitamente polida. — Acho que me confundiste com o Lynx. Ele é que é de Luceras.

— Certo. Claro. — Assinto com a cabeça, feliz por ele me ter disfarçado tão rapidamente.

— Há de haver um momento em que vais ter de conhecer os instruendos do primeiro ano. Agora já são pessoas — provoca o Ridoc com um sorriso tenso. Ele concorda connosco sobre o que temos a fazer, mas está preocupado com as reações dos voadores, o que é compreensível.

— Não a posso censurar — diz a Imogen, trazendo uma caneca da cozinha seguida pela Maren. — Juntámos seis instruendos do primeiro ano e seis voadores à esquadra nas últimas seis semanas.

— Nós estamos na esquadra desde julho — aponta a Visia.

— Vocês só começaram a contar depois da Debulha. — A Imogen encolhe os ombros, a olhar para o outro lado da sala. — Acho que vou salvar a Quinn da Cat.

— Não quero sangue no chão da minha irmã. — A Rhiannon lança-lhe um olhar que diz que está a falar a sério.

— Sim, mãe. — A Imogen faz de conta que lhe faz continência com a mão vazia e dirige-se para junto da Quinn.

A Maren senta-se na cadeira ao meu lado e a Rhiannon levanta-me as sobrancelhas em subtil interrogação.

Sinto um aperto na garganta. *Cá vamos nós*. Foi esta a razão por que planeámos este encontro hoje à noite, portanto, a que se deve esta ansiedade súbita?

Porque não falei sobre a minha decisão com o Xaden, mas, para dizer a verdade, ele só está por perto uma vez por semana, desde que ele e o Brennan decidiram reorganizar o funcionamento das esquadras de combate.

— *Estás a fazer o mais correto* — diz a Andarna.

— *O mais honrado* — acrescenta o Tairn.

— Vá — digo à Rhiannon, a agarrar na caneca com ambas as mãos.

— Ouçam todos! — diz a Rhi em voz alta, a levantar-se e a calar a casa antes de olhar para cada um dos cadetes presentes. — Para os cavaleiros, as esquadras são mais do que uma unidade. Somos uma família. Para sobrevivermos, temos de confiar uns nos outros no campo de batalha... e fora dele. E esperamos que façam o que quiserem com esta informação. — A Rhi olha para mim.

O que estamos prestes a fazer raia a traição, mas não consigo imaginar fazê-lo de outra forma.

Respiro fundo para me acalmar.

— Tenho estado a traduzir o diário do Warrick, que é um dos Primeiros Seis que construíram as guarnições de Basgiath — esclareço para o caso de não estarem familiarizados com a nossa história —, na esperança de podermos erguer guarnições em Aretia antes que as serpes, que estão cada vez mais perto, decidam que somos o próximo alvo... e penso que sei como fazê-lo. Mas era por isso que queríamos falar convosco, porque significará que os voadores não poderão manipular.

Os voadores ficam a olhar, espantados. Até os olhos da Cat se arregalam com o que parece quase medo.

— Sabemos que houve mais duas cidades poromielanas que caíram às mãos dos venéficos nas últimas duas semanas, o que deixou Draithus vulnerável, e a Assembleia quer as guarnições levantadas e a funcionar de *imediato* — continua a Rhiannon. — E nós achamos que vocês merecem sabê-lo.

— Saber o quê? — A Cat levanta-se e a cadeira chia no soalho de madeira. — Que estão prestes a acabar com a nossa capacidade de canalizar? Os nossos grifos ainda estão a tentar adaptar-se à altitude e agora vocês vão deixar-nos *sem poder*?

— Já tínhamos o objetivo de levantar guarnições para nos protegerem muito antes de vocês virem para aqui. — A Imogen desencosta-se da parede e pousa a mão descontraidamente na anca, junto ao punhal preferido, a inclinar o corpo na direção da Cat, e a Quinn dá alguns passos para se pôr ao lado da voadora zangada.

— Mas *agora* estamos aqui — riposta a Cat — Se o meu tio soubesse que iam atar-nos uma mão atrás das costas, nunca teríamos feito aquele acordo.

— Controla-te, Cat — O Bragen mantém um tom neutro, mas os olhos castanhos são contundentes quando ele se levanta, estendendo o braço esquerdo para impedir a Cat de investir contra nós. — Quanto tempo demoram a levantá-las? — pergunta-me.

— Assim que eu disser à Assembleia o que descobri. — Desde esta manhã que a pedra tem uma vibração característica, uma trepidação naquela câmara que me faz lembrar da descrição que o Xaden fez do arsenal de Samara que albergava os punhais com o cabo de liga.

— Quando é que vai fazer isso? — atira a Cat.

— Se vocês não estivessem aqui, já estaria feito — replico no mesmo tom com que ela me fala. Não tenho dúvidas de que a maioria da Assembleia me vai considerar uma traidora por isto e talvez com toda a razão. — Mas vocês estão aqui. E são importantes.

A Maren agita-se no assento ao meu lado e, embora eu me recuse a baixar a mão na direção dos meus punhais, o Ridoc não hesita, cruzando os braços para ter um acesso fácil à bainha que tem no ombro.

— E quanto tempo é que nos vais dar? — pergunta-me o Bragen, a inclinar o queixo e a expor as cicatrizes prateadas que lhe descem pelo pescoço e desaparecem debaixo da gola.

Todos os olhares se viram para mim.

— Não vou mentir ao Xaden. Assim que ele estiver em casa, terei de lhe dizer — admito. Ouço várias imprecações a sair da boca dos voadores. — Mas também lhe vou dizer que acho que devíamos esperar o máximo de tempo possível para vos dar a oportunidade de decidirem se querem ficar, sabendo que não poderão canalizar.

— E achas mesmo que ele te vai ouvir? — As mãos da Cat enrolam-se junto às ilhargas.

— *O bom, o mau e o indesculpável.* — Foi o que ele me disse quando colocou a minha segurança à frente dos melhores interesses do movimento. E pode querer as guarnições levantadas porque eu estou aqui e ele não está, mas também tem uma província em que pensar.

— Não. — Abano a cabeça devagar. — Acho que ele vai tomar decisões tendo por base os melhores interesses de Tyrrendor — tiro-me da equação — e vai querer levantá-las o mais depressa possível, mas posso tentar.

— Não servimos de nada para o nosso povo se não pudermos canalizar — diz a Maren, a olhar para a janela atrás do Aaric e a tamborilar com os dedos na mesa.

— Sim, bem, também não lhes servirão de nada se estiverem mortos — replica a Imogen, ainda de olho na Cat — E se não levantarmos as guarnições já, vamos deixar toda a cidade de Aretia exposta ao perigo, revoadas de dragões e bandos de grifos incluídos. Caramba, toda a província de *Tyrrendor* não protegida pelas guarnições de Navarre correrá um risco que já não precisaria de correr. Por isso, é melhor decidirem se estão dispostos a ficar, sabendo que pode acontecer a qualquer momento, ou se preferem procurar abrigo em Cordyn, onde terão poder e manipuladores de magia negra.

Não lhes invejo a escolha, mas pelo menos demos-lhes uma.

— E, se ficarem, não vos vamos deixar sem nenhum poder. — Pego no meu saco de pele preta de baixo da mesa, pouso-o em cima e desabotoo a parte de cima. — Afinal, a liga não é a única coisa que podemos impregnar. — Pego nos seis condutores que o Felix me deu ontem quando eu lhe contei

a verdade, cada um deles contendo uma ponta de lança como as que tenho andado a impregnar há semanas.

— O que é que tem aí dentro? — pergunta o Bragen, com duas rugas gravadas entre as sobrancelhas.

— O tipo de metal em bruto que não usamos para fazer a liga. Não é tão raro como o taládio, mas é cerca de dez vezes mais explosivo. Acreditem, já vi isto a ir pelos ares em bruto, imagino como será quando está impregnado.

— Olho de relance para a Sloane, que abre um sorriso lento antes de falar.

— Maorsite.

Estou de novo suspensa em cima do campo queimado pelo sol, com a onda de mortes a um instante de me alcançar assim que o Mestre me liberte do seu domínio, o que não tardará a acontecer. É o que ele faz sempre.

Reconheço o cenário pelo que é neste momento — um pesadelo recorrente —, mas não deixo de me sentir impotente, demasiado lenta para chegar ao pé do Tairn, incapaz de forçar a consciência a acordar-me.

— Estou a ficar cansado disto. Manipula agora — sussurra o Mestre, que esta noite traz vestes roxas. — Liberta-te. Mostra-me o poder que usaste para chacinar as nossas forças perto do posto comercial. Prova que eu estou certo e que és uma arma que vale a pena observar, que vale a pena recuperar. — A mão dele paira sobre a minha, mas não me toca. — O que observou acha que nunca vais ceder, que te devemos matar antes de atingires o auge das tuas capacidades.

Sinto o estômago a andar às voltas, a boca a humedecer-se com o mal-estar quando a mão ossuda sobe e para junto ao meu pescoço.

— Normalmente, o ciúme destrava a língua dos jovens manipuladores. — Ele arrasta uma unha comprida pela minha garganta, expondo um pedaço do braço bronzeado debaixo das vestes, e eu contorço-me, a sentir o medo a acelerar-me a pulsação.

Forço a boca a abrir-se, mas não sai nenhum som. Tocar-me é uma novidade. Tocar-me é *assustador*.

— Os outros transformam-se pelo poder — sussurra, a aproximar-se tanto que eu sinto o cheiro de algo no hálito dele. — Mas tu vais transformar-te por causa de algo muito mais perigoso, muito mais volátil. — Ele enrola a mão à volta da minha garganta sem apertar.

Eu consigo abanar a cabeça em negação.

— Vais, sim. — Os olhos escuros e sem pestanas do Mestre semicerram-se e as unhas recortadas perfuram-me a pele com uma contundência que me provoca uma dor muito real. — Vais derrubar as guarnições sozinha quando chegar o momento.

A temperatura cai a pique e o meu sopro seguinte é visível no ar gelado. Eu pestanejo e a neve cobre o chão. O único calor é um fio que me escorre pelo pescoço e que arrefece rapidamente.

— E não o vais fazer por algo tão trivial como o poder ou tão fácil de saciar como a ganância — promete ele num sorriso —, mas pela mais ilógica das emoções mortais: o amor. Senão morres. — O Mestre encolhe os ombros. — Vão morrer ambos.

Ele movimenta o pulso e um estalo de sacudir os ossos desperta-me do sono.

Sento-me de um salto na cama, levo as mãos à garganta e sorvo longas arfadas de ar, mas não tenho nenhum corte, nenhuma dor, e, quando ligo a luz mágica com magia menor e um movimento da mão, vejo que também não tenho sangue.

— Claro que não — sussurro alto, o som bruto a rasgar o silêncio do meu quarto quando os primeiros laivos de sol iluminam o céu de roxo do outro lado da janela. — É só a porcaria de um pesadelo.

Não há nada que me possa tocar aqui, o Xaden está a dormir ao meu lado.

— *Deixa de falar contigo própria* — resmunga o Tairn, como se eu o tivesse acordado. — *Faz com que pareçamos ambos instáveis.*

— *Tu vês os meus sonhos.*

— *Tenho mais o que fazer do que estar aqui a monitorizar as maquinações do teu subconsciente. Se um sonho te incomoda, abandona-o. Deixa de permitir que te perturbe como a uma cria e acorda como uma adulta.* — Ele acaba com a conversa antes de eu lhe poder dizer que os sonhos humanos nem sempre funcionam assim e o vínculo esmorece, o que é sinal de que ele já está a dormir de novo.

Por isso, eu volto a deitar-me, enrolando o corpo no do Xaden, e o braço dele envolve-me as costas e aproxima-me como se fosse um reflexo, como se fosse assim que vamos dormir ao longo dos próximos cinquenta anos. Eu aconchego-me no calor dele e pouso-lhe a cabeça no peito, acima do ritmo mais reconfortante do mundo além do bater de asas do Tairn e da Andarna: o do coração do Xaden.

Seis dias depois, há seis nomes novos no rol de mortes. A neve de dezembro faz com que voar para fora do vale seja absolutamente horrível e, em Basgiath, os dragões acabariam simplesmente por se recusar a treinar devido ao desconforto — deles, claro, não nosso —, mas não podemos dar-nos ao luxo de não voar sempre que podemos, pelo que estamos no campo de voo à espera de ordens, de frente para os Pelotões Garra e Cauda, para os exercícios que a professora Devera e a professora Trissa organizaram para as esquadras.

— Até parece que estamos na porcaria dos Baldios, tal é o calor neste vale — murmura o Ridoc, a desapertar o casaco de voo à minha direita. — E ainda só são onze horas.

Uma gota de suor escorre-me do cabelo da nuca para a gola do casaco de voo, pelo que não posso propriamente discordar dele. Os casacos de voo de inverno não são os mais adequados para o vale, seja o de Aretia ou o de Basgiath.

— Assim que estejamos no ar, isso passa. — Os olhos do Sawyer semicerram-se por um instante a olhar para a nossa frente, onde a Rhiannon,

o Bragen e os demais chefes de esquadra falam com a professora Devera e a professora Trissa.

— Estás bem? — pergunto em voz baixa, de forma a que os instruendos do primeiro ano à nossa frente não nos ouçam.

— É para o bem da esquadra, não é? — O Sawyer força um sorriso tenso de lábios fechados. — Se eles podem ficar a saber que vão perder os poderes deles a qualquer momento, eu sou capaz de lidar com a perda do cargo de oficial executivo.

— *Eu quero ir contigo* — diz a Andarna pela décima vez nos últimos quinze minutos, e eu olho por cima do ombro para a ver a fletir as garras ao lado do Tairn e a fincar as presas na terra. As escamas pretas brilham com um laivo de verde esta manhã, a refletir a erva à volta dela. Talvez seja o resultado do dourado anterior e, quando ela começar a soprar fogo, o resto do brilho desapareça.

— *Eu não faço ideia nenhuma para onde é que vão querer que voemos.* — Mantenho a voz o mais afável possível.

— *Para mais longe do que tu és capaz. Pequena* — acrescenta o Tairn.

— *Ontem consegui voar durante uma hora* — reclama a Andarna, porque é isso o que ela faz agora. O Tairn poderia dizer-lhe que a erva é verde e ela evisceraria mais uma ovelha em cima dela só para lhe mudar a cor.

Levanto as sobrancelhas para o Tairn, que se limita a bufar, como se eu soubesse o que isso quer dizer.

— Problemas no mundo dos dois dragões? — pergunta o Ridoc, e a Cat relanceia para mim do outro lado, seguida imediatamente pela Maren, agora que estamos em filas de quatro pessoas.

— Ela quer voar connosco — respondo.

— *Eu vou voar convosco* — insiste ela, cravando-me mais do que apenas as garras físicas. — *E este assunto não é para ser debatido entre os teus amigos humanos.*

— *Começo a desejar ter contestado o teu direito de benfeitoria quando pediste ao Empíreo para te vinculares* — resmunga o Tairn.

— *Então, ainda bem que não és tu quem manda no meu covil, não é?*

— *O Codagh devia saber melhor...* — começa ele.

— *O que estão os outros adolescentes a fazer hoje?* — interrompo, esperando distraí-la. A última coisa que eu quero fazer é subir para uma altitude que ela não consiga aguentar e que a asa lhe falhe. Deuses, as consequências de um erro como esse seriam incalculáveis.

— *Os outros adolescentes não estão vinculados e não me compreendem.*

Juro que consigo sentir o Tairn a revirar os olhos.

— *Preferias pôr em risco todo o trabalho que fizemos com a tua asa para brincar à guerra a...* — Merda, o que é que os dragões adolescentes fazem o dia inteiro, afinal? — *Brincar?*

— *Preferia testar a minha asa numa missão de treino, sim.*

A Rhiannon e o Bragen afastam-se das professoras e vêm na nossa direção, em conversa animada, ambos a gesticular com as mãos em movimentos que parecem manobras. Há um brilho de entusiasmo no sorriso rápido da Rhiannon e eu dou por mim a emulá-lo.

— Parece feliz, ela.

— Talvez eles finalmente nos deixem voar mais do que meia hora... sem nos obrigarem a subir os penhascos de Dralor a pé no fim, estás a ver — observa o Ridoc. — Deuses, as saudades que eu tenho de *voar*.

— Seria bom — concorda o Sawyer, a lançar-me um sorriso provocador. — Nem todos nós podemos fazer uma viagem de recreio a Cordyn, afinal.

— Bem, esse voo de lazer valeu-nos um luminar. — Olho com intenção para abainha que ele tem na ilharga e que alberga um punhal com cabo de liga. Um para cada um. Foi esse o acordo que o Brennan fez com a Assembleia quanto ao fornecimento dos voadores e, finalmente, conseguimos construir suficientes para munir todos os cavaleiros de Aretia com vários punhais.

— Atenção, Segunda Esquadra — diz a Rhiannon, a olhar para o nosso grupo. — A nossa missão é simples. Sabem as runas de chamamento em que a Trissa tem vindo a trabalhar connosco? — Até os instruendos do primeiro ano assentem com a cabeça. Podem não ser capazes de tecer runas, mas, pelo menos, sabem o que são, o que significa que estão um passo à frente do que nós estávamos no ano passado. — Há trinta runas dessas escondidas num raio de trinta quilómetros ao longo da cordilheira leste. Não é só um teste para nós, mas também para os nossos dragões as sentirem.

— *Consegues...*

O Tairn rosna em resposta.

Percebido.

— O vencedor ganha um passe de fim de semana. Sem treinos. Sem trabalhos de casa. Sem limites. — Ela olha de relance para o Bragen, cujos lábios se contorcem num sorriso.

— Recebemos autorização para voarmos para onde quisermos. O que significa que, se o vosso grifo se sentir confortável a voar por cima do penhasco, podem ir para qualquer lugar. — Ele olha para a Cat. — Até Cordyn, embora não tivesses muitas horas para estar lá porque terias de voltar pouco depois. Se ganhares, claro.

— Oh, vamos ganhar — diz a Maren, a bater com o ombro no da Cat, tal como a Rhiannon faz comigo.

— Boa. Querem o passe? Temos de encontrar e fechar mais caixas com runas do que eles. — Ela acena com a cabeça em direção aos Pelotões Garra e Cauda.

— *Eles estão de volta* — diz o Tairn quando asas a bater enchem os céus.

Eu levanto a cabeça e curvo os lábios lentamente num sorriso ao ver a Sgaeyl a pairar lá em cima com o Chradh e oito outros dragões, mas só reconheço os três vinculados ao Heaton, ao Emery e à Cianna. O Xaden está em casa... com uma revoada de dez dragões.

— *Estou a ver que conseguiste o que querias com a nova estrutura* — digo ao Xaden quando eles aterram atrás da nossa fila de grifos e dragões.

O Tairn sai do grupo como se não estivéssemos prestes a ser enviados para uma missão de treino.

— O Bragen e eu vamos dividir-vos em dois grupos de quatro de acordo com as vossas aptidões — continua a Rhiannon.

— *De certa forma* — responde o Xaden, executando a desmontagem perfeita antes de caminhar na nossa direção. A minha pulsação acelera e a preocupação que parece viver dentro do meu peito alivia-se um pouco quando não vejo nenhuma lesão nem sangue.

— Sorrengail, estás a prestar atenção? — adverte-me a Rhi.

A minha cabeça roda de novo para a frente da formação, onde ela está a olhar para mim com a sobrancelha levantada.

— Equipas de quatro. Divididas por aptidões — repito a assentir com a cabeça antes de lhe lançar um olhar descaradamente suplicante que é um tremendo abuso do estatuto de melhor amiga.

— Temos uma hora assim que nos fizemos ao ar — diz o Bragen.

Vai, diz-me a Rhi com os lábios assim que a atenção da esquadra se vira para ele e eu passo pela Andarna e pela Feirge e encaminho-me para o Xaden por cima da erva pisada. Está com a barba a cobrir-lhe densamente o maxilar depois de vários dias de crescimento e tem círculos debaixo dos olhos quando estende os braços e me surpreende ao puxar-me de encontro ao peito em frente de toda a Quarta Divisão.

A barba fria pica-me quando ele enterra o rosto gelado no meu pescoço e respira fundo.

— Tive saudades tuas.

— Eu também. — Enrolo os braços no tronco do Xaden, deslizo as mãos pelo espaço entre as espadas cruzadas que ele tem nas costas por cima do casaco de voo e aperto com força para o ajudar a aquecer. — Preciso de falar contigo.

— Más notícias? — Ele recua e perscruta-me os olhos.

— *Não. Só notícias que é melhor partilhar quando não há tempo para discutir.*

Ele franze o sobrolho.

— Como estás. Vi? — diz o Garrick ao passar por mim, dando-me uma palmadinha nas costas. — Tens de o obrigar a falar-te sobre o venéfico que ele mandou desta para melhor nos arredores de Draithus.

— Tu o quê? — O meu estômago agita-se.

— Obrigado por isso, idiota. — O Xaden lança um olhar furioso ao Garrick.

— Estou só a fazer o que posso para vos ajudar a melhorar as vossas competências de comunicação para uma relação estável. — O Garrick vira-se e anda para trás, levantando as mãos e encolhendo os ombros.

— Como se tu tivesses algo a dizer sobre relações estáveis — responde a Imogen atrás dele, depois de a formação da esquadra se dispersar para se preparar para a missão.

— Vou evitar o trocadilho óbvio sobre as muitas éguas no meu estábulo. — O Garrick abre um sorriso, volta-se e dirige-se para o caminho no final do vale. — Afinal, já não sou um cadete, mas sim um oficial maduro e responsável.

A Imogen lança um riso de escárnio quando ele passa.

— Temos de ir, Sorrengail.

— Mataste um venéfico? — Giro e centro a atenção no Xaden. — Nos arredores de *Draithus*? — É a última fortaleza de Poromiel antes dos penhascos de Dralor.

— Tens notícias chatas para me dar? — responde ele a levantar as sobrancelhas.

— Estás bem? — Deslizo as mãos até ao rosto do Xaden, olhando para ele como se aquele bocadinho de pele descoberta me fosse dizer que os restantes noventa e cinco por cento estão ilesos. Ser capaz de levantar as guarnições não significará nada se ele não estiver em segurança... ou, pelo menos, não significará nada para mim.

— Notícias? — Ele semicerra os olhos.

— Violet! — chama a Rhiannon.

— Tenho de ir. — Baixo as mãos com pouca vontade e ele agarra-me uma quando eu começo a recuar. — Falamos quando eu voltar.

— *Diz-me agora.*

— A voz de chefe de divisão não funciona comigo. — Eu aperto-lhe a mão e largo-a.

O Xaden arregala os olhos.

— *Descobriste como levantar as guarnições.*

Eu pestanejo e depois faço uma careta.

— *Detesto quando fazes isso. A minha cara é assim tão fácil de ler?*

— *Para mim? É.* — Ele olha para o caminho rochoso que dá para a Casa dos Riorson. — *Temos de ir agora. Quanto tempo vai demorar a levantá-las?*

— *Não.* — Abano a cabeça, viro-me para a minha esquadra e vejo a Sloane, a Visia e a Cat claramente à minha espera. Parece que não vou precisar de perguntar qual foi o grupo que me foi atribuído. — *Falamos sobre isso mais tarde. Discussão suspensa.*

— *Diz-me, pelo menos, o que faltou da última vez.* — O Xaden alcança-me rapidamente.

— *Dragões.* — Dou uma palmadinha na perna dianteira da Andarna quando nos aproximamos do trio que me espera. — *«Os seis mais poderosos» é uma referência aos dragões, não aos cavaleiros.*

— *Nesse caso, eu posso ir buscá-los antes de voltares.*

— *Não, não podes.* — Lanço-lhe um olhar furioso.

— Vocês os dois estão a discutir em silêncio? — pergunta a Cat a olhar alternadamente para o Xaden e para mim, com as sobrancelhas perfeitamente arqueadas a levantar-se ligeiramente.

— Eles fazem isso — informa-a a Sloane.

O Xaden ignora-as completamente a ambas e mantém os olhos postos nos meus quando chegamos junto a elas.

— *E exatamente porque é que não posso?*

Eu ponho-me em bicos de pés e roço os lábios na face fria do Xaden.

— Porque vais precisar do Tairn. Agora vai lá aquecer-te. Tenho uma missão a cumprir. — Sem lhe dizer mais nada, viro-me para as minhas colegas de esquadra. — Vamos.

A arte de impregnar é algo que só surge naturalmente para uma mão-cheia de sinetes e automaticamente para apenas *um*: o sifão.

— UM ESTUDO SOBRE SINETES

DO MAJOR DALTON SISNEROS



CAPÍTULO LIII

Quarenta minutos depois, estamos as quatro a descer uma cumeada íngreme e coberta de neve, a caminho de uma gruta que só é acessível a pé no setor que nos foi atribuído, e, tal é a minha sorte, sou eu quem vai à frente, o que deixa a Cat atrás de mim.

Pelo menos, tenho a Andarna por perto para me proteger caso a voadora ache que apunhalar-me as costas é a melhor forma de me tirar da cama do Xaden.

— *Não era nisto que eu estava a pensar quando disse que queria voar contigo.* — A Andarna bufa para a neve em pó, dispersando uma parte numa nuvem reluzente de infelicidade gelada.

— *Isto é o que a missão exige que façamos e precisas de força para voar de volta* — digo-lhe, a arrastar-me por entre uma camada de inferno gelado que me dá pelos joelhos na esperança de não tropeçar em extratos mais antigos. A única que não está em dificuldades é a Kiralair, a grifa de asas prateadas da Cat, que caminha ao lado da Andarna. São os únicos seres alados suficientemente leves para não provocar uma avalanche no caminho inexistente.

— *Encontraram alguma coisa?* — pergunta o Tairn com a voz tensa, a voar para o pico mais próximo.

— *Ainda nem sequer chegámos à gruta que tu escolheste* — respondo, ao ver a entrada da gruta cerca de vinte metros à minha frente só porque o Tairn apontou para ela, uma vez que está camuflada pelos afloramentos rochosos cobertos de neve mais acima. A revoada de dragões deixou-nos na única secção estável do terreno, um afloramento rochoso em que o vento traiçoeiro não deixou que a neve se acumulasse.

— *Continuo a achar que este plano tem falhas* — admoesta. — *Deixar-te num pico para explorares outro à procura de um possível sinal de energia deixa-te exposta a um perigo inaceitável.*

— *De quem?* — Eu puxo o capuz revestido com pelo para me proteger do vento, que mudou de direção e começou a queimar-me as orelhas expostas. — *Achas mesmo que uma serpe poderia...*

— *Vou voltar.*

— *É fácil de mais deixar-te nervoso.* — Eu rio-me e o som ecoa no cume coberto de neve, fazendo-nos parar a todos.

— Por amor dos deuses, Sorrengail — diz a Cat entre dentes cerrados quando se torna claro que a neve à nossa volta não se vai mexer. — Estás a tentar enterrar-nos numa avalanche?

— Desculpa — sussurro por cima do ombro.

Ela arregala os olhos.

— Acabaste de me pedir desculpa?

— Eu sei admitir quando cometo um erro. — Encolho os ombros e continuo em frente.

— *Eu estou aqui e sou perfeitamente capaz de a proteger* — dispara a Andarna para o Tairn.

— *Tu ainda não sopras fogo.*

— *O fogo só serviria para derreter a montanha* — lembra-lhe ela e eu olho para trás e vejo-a a pousar as patas com cuidado enquanto avança, as escamas a refletirem a neve num brilho quase prateado em certas

circunstâncias. — *Tenho dentes e garras se a aristocrata decidir pôr a acrimónia em prática.*

— Estás a insinuar que eu não? — pergunta a Cat.

— Tu alguma vez pensaste que cometeste um erro? Na tua vida inteira? — pergunto, sem deixar de avançar. — Acho sinceramente que podes ser pior do que um dragão em matéria de confiança.

— *Arrogância* — corrige-me a Andarna. — *A voadora não tem capacidade suficiente para ser digna de uma palavra como «confiança».*

Eu solto um resfolgo, mas contenho o riso antes que nos possa colocar em perigo. Mais três metros e estaremos na gruta. Se o Tairn encontrar o outro sinal de energia enquanto nós vamos buscar o primeiro, estaremos em vantagem sobre o Pelotão Garra, que, segundo o Tairn, já encontrou três, enquanto nós ainda só vamos com dois.

Os dragões são do mais competitivo que há.

— O que foi? — pergunta a Cat.

— A Andarna acha que és arrogante, pouco confiante — digo-lhe.

— E é — concorda a Sloane.

— Eu sei que o teu irmão não gostava de mim, mas isso não significa que me conheças — diz a Cat à Sloane num sussurro.

— Não. — Viro-me para olhar para a Cat, parando por um momento de deixar marcas de passos na cumeada. — Se queres discutir com alguém, vens ter *comigo*.

A Cat levanta a cabeça para o lado e estuda-me.

— Porque te sentes culpada pela morte do irmão dela. — Não é uma acusação, nem sequer uma indireta. Só a verdade.

— Porque lhe prometi que tomava conta dela. Portanto, podes apontar todo o ódio para aqui. — Levo a mão enluvada ao peito.

— Ele não devia ter-te feito esse pedido. — A Sloane alcança-nos, logo seguida pela Visia.

— Porque a Imogen seria uma protetora mais capacitada? — pergunto, a não conseguir olhá-la naqueles olhos azuis tão familiares por mais do que um instante.

— Não. Porque já carregas o fardo de proteger a vida do Xaden. Foi injusto da parte dele sobrecarregar-te com a minha vida também. — Ela sopra para as mãos enluvadas em concha para as aquecer.

Eu pestanejo ao sentir os olhos a arder por outra razão que não o vento e viro-me para voltar a arrastar-me pela neve em direção à gruta, cuja entrada não passa de um rebordo estreito e gelado na pedra.

— *Parece maior do que pensávamos lá de cima.* — Mas continua a não ser suficientemente larga para um dragão maior do que a Andarna entrar.

— *Em tempos idos, a minha raça habitou todas as montanhas desta cordilheira* — diz-me o Tairn. — *Essa gruta faz indubitavelmente parte da rede de câmaras que se estende ao longo dos montes e que usámos como covil para o inverno. Essa entrada seria inóspita para qualquer aproximação que não fosse feita por meio de voo direto, para proteger as crias... e os adolescentes.*

— *Eu ouvi isso* — riposta a Andarna.

— A Kiralair diz que a nossa esquadra já tem outra caixa — avisa-nos a Cat quando eu chego finalmente à entrada da gruta e me protejo do vento.

— Vamos *então* ganhar aquele passe. — A Visia sorri e a Cat sai da neve para o chão de pedra da gruta.

— Os grifos têm todos *lair* no nome? — pergunto à Cat, esperando que a mudança de assunto possa mudar o alvo da sua língua afiada da Sloane.

— Claro que não. Os cavaleiros chamam-se todos Sorrengail? — A Cat cruza os braços e apoia-se sobre os calcanhares como se estivesse a tentar aquecer-se.

— É exatamente por isso que não gosto de ti. — A Sloane entra na gruta. — Tu és...

A Visia escorrega e eu lanço-me para a frente para a agarrar e puxar para a gruta quando a neve desliza onde ela tinha acabado de estar.

— Estás bem? — pergunto, a puxá-la mais para dentro da gruta e a olhar-lhe para o rosto assustado.

— Claro que está. Parece que nunca tens dificuldade nenhuma em salvá-la a *ela* — murmura a Cat.

— Estou bem. — A Visia assente com a cabeça e puxa o capuz para trás, revelando uma cicatriz de queimadura de dragão junto à raiz do cabelo. — Isto vai dificultar-nos a saída.

Eu lanço um olhar fulminante à Cat, mas ela está demasiado ocupada a olhar para o seu grifo, Kira, que está a passar por cima do buraco no caminho e a contorcer-se para entrar na gruta.

— Segunda razão. — A Sloane ergue dois dedos e passa pela Cat em direção à escuridão da gruta. — Escusado será dizer que não há luzes mágicas aqui dentro.

E eu nunca fui muito boa a fazê-las aparecer. Tudo o que eu manipular com magia menor acabará engolido por esta escuridão. Pouso a mão na barriga como se isso fosse ajudar a indisposição imediata que sinto devido ao cheiro da terra à nossa volta. Pelo menos não tem aquele travo húmido da câmara de interrogatório, mas as semelhanças são suficientes para me fazerem parar.

— *Tu acabaste com aquele que te aprisionou* — lembra-me a Andarna, a entrar atrás da Kira e a recolher bem as asas para passar pela entrada.

— *O medo nem sempre é lógico.* — Olho de relance para as outras cavaleiras. — Por acaso alguma de vocês é manipuladora de fogo? Porque eu acho que não vão querer que eu manipule aqui dentro. — Manter a corrente de energia entre a minha mão e o condutor a uma distância de quatro metros e meio deixa-me a suar de cada vez que o tento e só o consigo fazer durante alguns segundos.

— Ainda não tenho sinete — responde a Visia.

— Eu também não — aponta a Sloane a espreitar para a escuridão.

— Tu trouxeste um *dragão*. — A Cat abre o braço em direção à Andarna.

— Ela ainda não é capaz de soprar fogo. — Lanço um sorriso à Andarna. — Mas não vai demorar.

— *Lembra-lhe que lhe posso arrancar a cabeça com uma dentada* — rosna a Andarna, num som mais alto do que o ronco ameaçador do Tairn.

— *Não lhe vou dizer nada. O que é que o Tairn nos costuma dizer?*

— *Que não comemos os nossos aliados* — murmura ela, mas eu ouço as garras a bater com força no chão de pedra.

— Ótimo. Gostava de saber porque é que me enfiaram no meio de vocês as três. Seria de pensar que uma de nós já dominasse bem a arte de criar luzes mágicas. — A Cat pousa o arco, tira o saco das costas e vasculha atrás da aljava cheia até retirar uma tocha pequena e apagada.

— Estás a brincar comigo? — digo de boca aberta quando ela tira um pedaço de madeira do tamanho da palma da minha mão do saco, abana a cabeça e tira outro. — Andas com isso sempre no saco?

— Claro. — A Cat volta a enfiar a mão no saco. — E se tu não o fazes é porque ainda não levaste um susto como deve ser no escuro. Merda, não consigo encontrar a runa de fogo que a Maren fez.

— Vocês trocam runas? — A Visia olha para ela, claramente perplexa. — E vocês ainda dizem que são uma *família*. Claro que partilhamos. Quem consegue fazer as coisas, faz. Depois trocamos uns com os outros para estarmos todos bem equipados. — A Cat abana a cabeça e levanta-se, murmurando uma imprecação. — Não a consigo encontrar.

— Isso é... brilhante — admito. — Porque não nos disseram?

— Vocês estão habituados a acumular poder — diz ela a encolher os ombros de desprezo. — Não a partilhá-lo. Agora, se alguém fizer ideia de como fazer fogo...

— Eu trato disso. — Tiro as luvas e enfio-as no bolso antes de pegar no condutor do outro bolso e fazer um gesto para convocar um fio do meu poder. Primeiro sinto um ligeiro formigueiro e depois vejo a chama a fluir da minha mão e a passar-me pelos dedos em direção ao condutor. Os fios de energia iluminam-nos em redor.

— Isso é espetacular. — A Visia sorri. — Todos vocês conseguem fazer isso?

— Não. A maioria de nós só sente a vibração. Fico contente por saber que vais ter *toda* a luz que precisares. — A voz da Cat pinga sarcasmo.

— Toma — ordeno à Sloane.

— Prefiro viver. — A Sloane levanta as mãos.

— Se eu pensasse que te ia matar, tê-la-ia dado à Cat. — Estendo-lhe o condutor.

A Cat resfolga, mas eu tenho a sensação de que há um toque de riso no som.

— Faz sentido. — A Sloane pega no condutor e eu concentro-me em manter a energia a correr.

— Recua três passos. Boa, agora mais dois — digo-lhe e os meus dedos tremem quando ela o faz, alongando o sinete.

— Uau — sussurra a Visia.

— Coloca a tocha na energia, Cat.

— Achas que é seguro? — pergunta ela.

— Não faço ideia, mas estou pronta a experimentar se também estiveres. — Mantenho-me concentrada no condutor, na corrente de energia, no calor que mantenho a níveis seguros ao controlar a porta do poder do Tairn.

A Kira estala a língua numa série de sons a que já me habituei, mas que não tenho esperança de algum dia vir a perceber.

— Está bem, vou tentar — murmura a Cat, antes de baixar a tocha até começar a arder.

Eu baixo imediatamente a mão, interrompendo o fluxo de energia, e dou graças a Dunne por ter funcionado. Provavelmente, amanhã, o Felix vai-me pôr a cabeça no cepo durante a aula.

— Dá cá, Sloane. Obrigada.

A Sloane devolve-me o condutor como se pudesse explodir.

— Caramba — diz a Cat, a virar os olhos da tocha para o condutor e depois para mim. — Detesto que sejas tão...

— Espetacular? — sugere a Sloane, a sorrir de uma forma que me fez lembrar o irmão dela.

— Poderosa — admite a Cat, a desviar o olhar antes de voltar a pôr o saco às costas, mudando a tocha de mão em vez de a passar a uma de nós.

— Não é o poder que permite isto — digo-lhe, a canalizar para o condutor para que volte a acender-se antes de começar a caminhar em direção ao escuro. — É o controlo.

— Sim, bem, também não gosto nada disso — murmura ela, a recuperar caminho para se pôr ao meu lado.

— Um raro momento de honestidade, que eu aceito de bom grado. — Avançamos pela gruta, que parece alargar-se a cada passo que damos. — Eles juntaram-nos porque, supostamente, eu sou a cavaleira mais poderosa da esquadra — digo-lhe, ignorando a resposta murmurada que ela me dá. — Mas tu és melhor com as runas. Podemos não nos cumprimentar, mas a verdade é que nos *complementamos*. — Sorrio não obstante a escuridão em direção à qual estamos a caminhar. — Percebeste? Complementar em vez de cumprimentar?

A Cat olha para mim como se me tivesse crescido um terceiro braço e a tocha começa a tremeluzir.

Há uma aragem.

— Estás a fazer piadas de copista? — pergunta a Sloane, poucos passos atrás de nós, com a Visia ao lado.

— A Jesinia acharia piada — aventa a Visia como se estivesse a tentar salvar-me.

— A Jesinia é copista — observa a Sloane.

A gruta divide-se numa bifurcação ao fim de cerca de seis metros, com um túnel amplo à esquerda.

— Aparentemente, há uma forma muito mais fácil de chegar a esta gruta — murmura a Cat.

— Faz parte de uma rede que atravessa a cordilheira — explico.

— Será melhor dividirmo-nos? — pergunta a Visia.

— Não! — respondemos as três ao mesmo tempo.

— Para que lado vamos? — A Sloane dá voz à pergunta que todas nos fazemos. Ninguém responde.

— *Podes ajudar?* — pergunto ao Tairn, a sentir o nosso vínculo mais distante.

Ele não está longe, mas também não está perto.

— *Há um sinal de energia nessa gruta. Não posso dizer mais nada.*

— Eu voto para irmos para a direita. Se não der, voltamos para trás e vamos para a esquerda.

Olho para as outras.

A Cat assente com a cabeça e continuamos em frente.

— Então, achas que vais ficar com outro sinete? — pergunta a Visia, a quebrar o silêncio. — Dois dragões, dois sinetes, não?

— Não sei — respondo antes de olhar de relance para a Andarna atrás de nós. Cheguei a pensar que, por ela se ter vinculado comigo tão jovem e ter perdido a capacidade de parar o tempo, não teria direito a mais nada a não ser à manipulação de relâmpagos. Mas agora não sei... — *Vou?*

— *Porque é que me estás a perguntar a mim? Os sinetes manifestam-se de acordo com a pessoa que os manipula.* — Os olhos piscam, dourados, e as escamas confundem-se com a escuridão.

— Os segundos sinetes só acontecem quando um dragão se vincula a um cavaleiro de uma linha familiar direta do anterior — diz a Sloane, mostrando que não compreendeu a pergunta da Visia. — Mas há também a possibilidade igualmente provável de levar o cavaleiro à loucura. Pelo que o Thoirt me disse, foi por isso que a Cruth não foi castigada quando se vinculou à Quinn. Ela é sobrinha de terceiro grau, e não descendente direta, do cavaleiro anterior. O sinete dela é mais poderoso, mas não completamente diferente.

— O Thoirt não devia contar assuntos resolvidos no seio do Empíreo — admoesta a Visia, que fica a olhar para mim depois de um primeiro relance.

Sinto a cabeça a levitar. Não pode ser. Isso significaria...

— Violet, estás bem? — pergunta a Visia.

Eu abano a cabeça, mas digo que sim. Como é que poderia explicar-lhe que o meu coração tinha caído para lá do chão de pedra da gruta? Respiro fundo e abro e fecho a mão com o condutor a reluzir. A Andarna rosna à minha direita e eu asseguro-lhe imediatamente que estou bem. Mas ambas sabemos que estou longe de estar. Mas também estou certa de que este não é o momento de deixar a cabeça seguir esse caminho.

— Caraças, está ali — diz a Sloane, a obrigar-me a prestar atenção quando passa por nós e pega na arca de metal simples que está com o tampo aberto trancado por uma runa à frente.

— É... simples — observa a Visia.

— Vais reverter a runa de chamamento? — pergunto à Cat. Quando ela levanta uma sobrancelha, acrescento: — És melhor do que eu com as runas, lembras-te?

— Sou. — Ela assente com a cabeça e os lábios curvam-se num sorriso genuíno pela primeira vez desde que a conheci. — Só queria ver se voltavas a dizer isso.

A asa da Kiralair roça-me o ombro quando ela passa por nós em direção à escuridão como se a Cat precisasse de ser protegida do invisível.

A Cat olha alternadamente para nós as três com uma expressão incerta — e infeliz — na boca, depois estende a tocha à Visia, no que parece um sacrifício doloroso.

Não, não é um sacrifício: é um gesto de confiança.

Ela tece a runa de destrancamento com uma velocidade que me causa inveja, as mãos a movimentar-se depressa e com confiança, enquanto a Andarna se agita atrás de mim.

— *O que se passa?*

— *O cheiro de outros está a ficar mais forte.*

— *Serpes?* — Todos os músculos do meu corpo se contraem.

— *Não. Eles cheiram a magia roubada quando nos aproximamos o suficiente.* — Ela levanta a cabeça e ocupa três quartos do túnel. — *Aqui cheira a... dragões.*

— Já está! — diz a Cat e eu viro-me ao ouvir o som de metal a fechar-se. A arca está fechada e trancada.

— É melhor despacharmo-nos — digo-lhes. — A Andarna sentiu o cheiro de outros dragões, o que significa que os outros pelotões estão a aproximar-se.

— Não vou perder este passe. — A Visia troca com a Cat, pegando na arca e devolvendo-lhe a tocha — Vai dar-me tempo para voar até casa e convencer os meus primos a saírem da fronteira, se a minha tia e o meu tio quiserem ficar.

— Vais voar para Navarre? — A pergunta da Sloane é quase um grito.

— É mesmo na fronteira. Nem sequer vão perceber. — A Visia ajusta a arca junto ao peito e passa a correr pela Andarna. — Vamos embora daqui.

— É uma decisão arrojada voltar para Navarre. — A Cat corre para apanhar a Visia, iluminando o caminho. — Tenho respeito por isso.

O esforço, a consideração pela Visia, aquece-me um bocadinho do coração em relação à Cat Talvez ela não seja tão desagradável com toda a gente... só comigo.

— É a única coisa a fazer — começa a Visia quando nos aproximamos da bifurcação do túnel.

Um ronco baixo faz o chão vibrar e paralisa-nos às quatro, além de me eriçar os pelos das costas do pescoço.

— O que... — começa a Cat.

Outro ronco faz as pedrinhas junto aos meus pés saltitar e um dragão cor de laranja adulto dobra a esquina, com o dorso a roçar no teto da gruta, antes de virar a cabeça na nossa direção e nos olhar com uma expressão de fúria com o único olho que lhe resta.

Oh. *Foda-se.*

A Visia dá um berro.

— *Tairn!* — grito mentalmente, a obrigar o corpo a ultrapassar o choque, o medo, a impotência repugnante da nossa situação. A esfera cai-me das mãos e faz-se em pedaços no momento em que eu estendo os braços para as mulheres à minha frente, mas a minha mão só roça na pele do saco da Cat.

Puxo-a para trás com toda a força que tenho no preciso instante em que a Visia é atingida por uma garra afiada e recortada. O corpo da Cat colide com o meu, derrubando-nos a ambas, e a tocha cai quando a Visia bate na parede da gruta com um estalido que me deixa maldisposta.

O ângulo, o impacto... deuses... ela está... ela está morta.

— *Prateada?* — A voz do Tairn ressoa a grande altura na minha cabeça quando o dragão que nos bloqueia a saída foca o olho semicerrado em mim e abre bem a mandíbula.

O hálito fétido enche o ar um segundo antes de ele enrolar a língua e o fogo ascendente lhe iluminar a garganta com um brilho cor de laranja.

— *O Solas encontrou-nos!*

Vou dizer uma coisa sobre o fogo dos dragões. Mata depressa.

— GUIA DE CAMPO PARA A DRACONIDADE

DO CORONEL KAORI



CAPÍTULO LIV

Um vulto escuro voa na nossa direção vindo da esquerda, varrendo-me juntamente com a Cat num emaranhado de membros às voltas e projetando-nos para trás. Eu agarro-me a ela no caos e faço força para que o corpo dela fique à frente do meu quando resvalamos até parar, sabendo que o abrigo das minhas costas não será suficiente para enfrentar o Solas, mas não deixando de tentar.

A Cat tem de sobreviver. É a terceira na linha de sucessão ao trono de Poromiel. Se ela morrer em Tyrrendor, Cordyn vai perseguir o Xaden e executá-lo... se ele sobreviver à minha morte.

Sobrevive, Sobrevive. Sobrevive. Lanço o pedido para todos os vínculos mentais que eu tenho para o caso de não estarmos fora de alcance. O Xaden está demasiado longe, mas o Tairn vai ouvi-lo, e a Andarna... deuses, o Tairn tem de chegar aqui a tempo de a salvar. A Kiralair e a Sloane voam na nossa direção logo a seguir, arrastadas por uma força invisível, que me empurra juntamente com a Sloane para trás, em direção ao Solas, mas as minhas costas embatem numa superfície dura e rugosa enquanto as paredes da gruta se iluminam com o brilho sinistro de fogo iminente antes de sermos engolidas pela escuridão.

— *Respira!* — manda a Andarna. — *Não discutas!*

Não é a escuridão. São asas. É o ventre dela nas minhas costas e ela enrolou as asas à nossa volta.

— Inspirem e sustentem a respiração! — grito, antes de encher os pulmões com ar carregado de enxofre.

Sinto uma rajada de calor, que ressoa ao passar para nós e abana as asas da Andarna, fazendo subir a temperatura vertiginosamente. Eu forço os olhos a fecharem-se para evitar que fiquem cozidos quando sinto a pele a *arder* como se tivéssemos sido atiradas para um forno. Como é que vamos conseguir sobreviver a isto?

— *A Andarna é à prova de fogo* — lembra-me o Tairn, mas o pânico que lhe sinto na voz não ajuda a amainar o terror que me aperta o coração.

— *Não respire!* — manda a Andarna, e eu sei que é porque tostarei os pulmões se o fizer, se *alguma* de nós o fizer. Conto as pulsações. Um. Dois. Três.

A rajada de fogo parece interminável, como se se tivesse tornado a minha eternidade, como se a minha alma tivesse feito exatamente o que a Sloane pediu na primeira parte do ano e tivesse ido diretamente para as profundezas do inferno sem ter sido confiada a Malek. Oito. Nove.

Aos dez, acaba e as asas da Andarna caem. O ar entra de supetão e eu espero até sentir o seu toque fresco no rosto para voltar a inspirar, ouvindo a Sloane e a Cat a fazer o mesmo.

Abro os olhos e vejo a Cat a lançar-se sob a luz da tocha para o outro lado do espaço exíguo e a usar as mãos enluvadas para apagar o fogo a arder nas pontas das penas da asa mais distante da Kira. Deve ter estado exposta às chamas. A Sloane apressa-se a ajudar quando a Andarna se levanta para enfrentar o Solas e eu me esquivo por um triz à cauda dela.

— *Não! Ele tem quase o dobro do teu tamanho!* — Levanto as mãos e abro as portas do poder do Tairn, deixando-o queimar-me por dentro, ao contrário da rajada de fogo do Solas, até eu ser fogo puro. Mas não posso manipular aqui dentro, uma vez que as probabilidades de atingir uma de nós é muito grande.

O rugido da Andarna enche a gruta e o meu coração para quando ela se atira à garganta do Solas. Ele atira-a para o lado como se ela não passasse de um incômodo e eu contendo um grito no momento em que ela embate na parede, acima dos restos carbonizados dos ossos da Visia.

— *Eu estou bem.* — A Andarna sacode-se enquanto o Solas me olha de cima abaixo.

— *Três minutos* — diz-me o Tairn. — *Não vais morrer hoje!*

Três minutos. Nós conseguimos aguentar três minutos. Mas o problema não é o tempo. O Tairn não cabe na entrada da gruta. Vai ter de encontrar a entrada que o Solas usou.

— *Como caralho é que se mata um dragão?*

— Larga-me! — grita a Cat. — Estás a... estás a sugar-me o poder!

Que raio? Arrisco-me a olhar para trás, mas a única coisa que eu vejo é a Cat a desenhencilhar-se dos braços da Sloane, que a apertam em pânico.

— *Ataca-lhe o outro olho.*

— *Sai da frente* — grito para a Andarna e, desta vez, ela ouve-me e recua atabalhoadamente para o meu lado quando eu pego em dois punhais das bainhas e os rodo para os agarrar pelas pontas por um instante antes de os arremessar.

O primeiro passa ao lado porque ele roda, mas o segundo acerta em cheio no alvo.

O guincho de dor do Solas é seguido de fúria. O dragão do Varrish recua aos tropeções em direção à bifurcação, deixando uma pequena mas preciosa abertura entre a cabeça e a parede. A Cat e a Sloane estão mais perto. Vão conseguir passar.

— Leva-a lá para fora! — grito para a Cat — Agora.

— Violet! — grita a Sloane, mas a Kira fecha o bico com cuidado no saco dela e alça-a para o ar enquanto a Cat a monta a custo.

Passam a toda a velocidade à esquerda, conseguindo passar imediatamente antes de o Solas brandir as garras e fazer sulcos na pedra da gruta com as presas.

Eu bato no chão e sinto a dor a irradiar dos ombros. Não ouço nenhum estalo quando as presas passam por cima de nós, mas há algo que me corta a mão. Vidro do condutor.

Abro bem os dedos cheios de sangue na luz débil da tocha mortíça e consigo encontrar os restantes pedaços antes de a luz se extinguir. O cimo da junta de metal partiu-se, deixando quatro dentes recortados e um pedaço de liga a pender.

— *Não tenho fogo* — diz-me a Andarna, a seguir-me os pensamentos.

Mas eu tenho poder.

— *Vai ficar muito escuro aqui dentro não tarda nada*, — É a nossa única hipótese e eu vou aproveitá-la. — *Tens de correr logo que vejas uma aberta*.

— *Não te vou deixar aqui* — reclama ela teimosamente.

— *Um minuto!* — anuncia o Tairn.

Como raio é que eu vou chegar suficientemente perto para lhe espetar os restos do condutor? Não tenho tempo de os atar a um punhal e o ímpeto de um lançamento não é suficiente para...

O Solas ruge de dor e roda a cabeça em direção ao ombro, e pela abertura vejo a Cat preparada para lhe atirar outra flecha.

Não tenho tempo para pensar porque decidi ficar por perto para me salvar. Já em andamento, pego na tocha mortíça com a mão desocupada e corro em direção ao lugar mais frágil debaixo da perna dianteira do Solas, onde as escamas se separam alguns centímetros de cada vez para permitir o movimento da articulação.

Ele volta a rugir e o fogo ilumina a gruta quando ele cospe uma rajada curta sem ver para onde, que bate na parede à frente dele e não na Cat. Eu corro para o espaço mortal debaixo do dragão cor de laranja e mudo de alvo quando percebo que ele me vai esmagar se cair, investindo em direção ao ombro direito.

Enfio os fragmentos do condutor partido na articulação suave entre as escamas, ao mesmo tempo que a Andarna lhe crava os dentes entre o

pescoço e o ombro, distraíndo-o, e eu *manipulo*. A energia crepita-me pelo braço até chegar às pontas dos dedos em contacto com o metal.

Controlo. É tudo uma questão de *controlo*.

Com uma mão levantada, a manipular a corrente delicada de energia, afasto-me do Solas o mais depressa que me julgo capaz, lançando cada vez mais poder para a corrente até que despejo tudo...

O Solas ruge e brande a parte posterior. Vejo um vulto a balançar na minha direção até que distingo a parte mais grossa da cauda do dragão cor de laranja na luz débil um segundo antes de me bater na barriga e de me projetar para trás, quebrando a corrente de energia.

Eu voou como um projétil, bato com as nádegas, depois com as costas e, por fim, com a cabeça no chão e ouço um estalo. Mas mantenho a energia sob controlo em vez de a deixar irromper num relâmpago, deixando que me queime de dentro para fora. Antes eu do que acertar na Andarna sem querer.

O único som que consigo ouvir é um tinido alto e a única coisa que vejo são clarões rápidos e passageiros. Fogo. Chamas que ardem quando eu me sento a custo envolta no nevoeiro da minha própria pulsação antes de ver a Andarna com os dentes fincados no Solas, sem o largar mesmo quando ele se sacode e lhe bate com o corpo mais pequeno contra a parede da gruta.

— NÃO! — Acho que grito, mas os sinos que tocam incessantemente dentro da minha cabeça bloqueiam-no, e, de repente, estou a mexer-me, uma vez que estou a ser puxada para trás por um par de braços. Deixo cair a cabeça para trás e reconheço aqueles olhos.

Liam. *Devo* estar morta.

— Ela ainda não passou! — grita alguém quando o som dos sinos amaina levemente, e depois outra rajada de fogo mostra mais duas flechas no buraco sangrento que já foi o ombro do Solas.

A Cat Está ao meu lado, já a puxar mais uma flecha, com os lábios a mover-se sem fazer nenhum som.

E os olhos acima de mim não são do Liam. São da Sloane.

Voltamos a ficar mergulhadas na escuridão e o tinido dissipa-se o suficiente para eu ouvir claramente a voz da Cat.

— Noventa. Cem. Cento e um. — A voz dela *treme*.

Faz-se um novo clarão de luz enquanto eu sou arrastada para trás e a Cat dispara, atingindo o Solas na mesma ferida. A Andarna liberta-se num voo, levando um pedaço do Solas com ela, e eu continuo a ser rebocada da escuridão que volta a cair para a luz crescente da boca da gruta.

— Andarna! — Agarro as mãos da Sloane fechadas em mim, mas, quanto mais luto, mais fraca me sinto, e o calor insuportável do meu poder diminui quando a Sloane começa a gritar e me deixa cair ao chão.

— *Prateada!*

Sinto as batidas regulares de ar nas costas e sei que o Tairn está aqui, a pairar, mas não consigo tirar os olhos da escuridão da gruta quando me levanto a custo junto à entrada.

Um dragão grita antes de cair e de se fazer um silêncio horrível.

Não está. Não pode estar.

— *Ela está viva* — promete o Tairn, mas eu não respiro enquanto não a contacto mentalmente e percebo que o meu vínculo com a Andarna está reluzente e forte.

— Eu suguei-te. — A Sloane levanta as mãos trémulas e olha para elas como se não lhe pertencessem. — Eu suguei-te! — Ela agarra-me os ombros e eu arranco os olhos do escuro ainda com a cabeça à procura de pé.

— Caramba, Sloane, dá-lhe um segundo. Ela acabou de bater com a cabeça — ralha a Cat ainda a apontar o arco para a escuridão, agora que estamos sob a luz brilhante do Sol, mas sem disparar sem um alvo.

— Os meus olhos estão vermelhos? — A Sloane sacode-me, ou talvez esteja simplesmente a tremer e a segurar-se a mim. — Estão vermelhos? Juro que não fiz por isso. Não te tirei nada de propósito! Ou, deuses, estarei a transformar-me num venéfico?

— *Ela está igual ao Naolin* — diz o Tairn.

— Não te estás a transformar em nada. — Tiro-lhe as mãos dos meus ombros e olho para a escuridão quando ouço passos de presas a estalar no chão de pedra.

— Não estou?

— O teu sinete manifestou-se — sussurro, a fazer um esforço com os olhos para ver a entrada da gruta. — És um sifão.

A Andarna caminha em direção à luz, mas não é o sangue que lhe cobre a boca que me chama a atenção; é o sangue que pinga das farpas envenenadas da cauda.

— Mataste-o. — Deixo os ombros cair de alívio. — Mataste o Solas.

O orgulho e a preocupação assaltam-me ao mesmo tempo, mas não consigo forçar os escudos a levantar-se antes de a voz do Tairn me encher toda a existência.

— *Exterminadora.*

O Xaden entra de rompante no nosso quarto quando a curandeira está a acabar de me examinar os olhos, protegendo-me a visão da claridade, antes de me voltar a expor à luz.

— Violet... — Ele para a alguns passos de distância da ponta da cama onde estou sentada. — Cat? O que raio estás aqui a fazer?

— Ela salvou-me a vida. Certificar-me de que ela era vista por uma curandeira era o mínimo que eu podia fazer — responde a Cat.

— Ela o *quê*? — O Xaden avança quando a curandeira se endireita.

— Tu ouviste bem. Pôs-se entre mim e um dragão cor de laranja gigante. — Levanta-se da cadeira, a mesma cadeira em que o Xaden se sentou enquanto eu dormi durante dias depois de Resson, envenenada pela lâmina da venéfica. — Obrigada, Sorrengail. — A Cat engasga-se levemente nas palavras antes de passar pelo Xaden a caminho da porta.

— O Solas... — começo a explicar.

— Oh, eu já sei — diz ele, com os dentes cerrados. — A Sgaeyl contou-me.

— Estavas numa reunião. Não te queria incomodar. — Sigo os dedos da curandeira conforme as instruções.

— Incomodar-me? — O chão enche-se de sombras.

A curandeira repara e pestaneja depressa.

— Vai ficar bem. Não me parece que tenha qualquer concussão, mas tem um galo bastante grande na nuca, e vou pedir-lhe para ter cuidado com os pontos que tem na mão. — Ela levanta uma sobancelha grisalha na minha direção.

— Claro. — Levanto a mão esquerda ligada. — Obrigada.

Ela assente com a cabeça e retira-se, desaparecendo no corredor.

Eu olho para o Xaden e ele olha para mim, com todo o corpo a emanar tensão.

— Se queres discutir por causa das guarnições, tudo bem, mas não vou recriminar-me por lutar para sair da gruta.

Ele avança para a frente, inclina-se para mim e beija-me, devagar e com ternura.

— Estás viva — sussurra-me de encontro aos lábios.

— É o que diz a minha pulsação.

— Ainda bem. — Ele levanta-se e cruza os braços. — Agora podemos discutir.

Em que caralho estavas a pensar para salvar a *Cat*?

Eu pestanejo.

— Desculpa. Estás chateado *comigo*? Eu luto contra um dragão para sair de uma gruta e tu estás chateado *comigo*? Por salvar uma mulher na linha de sucessão para o trono de Poromiel?

Ele cambaleia para trás e eu vejo o horror a perpassar-lhe pelos olhos antes de a raiva os inundar.

— Salvaste a Cat por ela ser a *terceira* na linha de sucessão?

— Primeiro, teria lutado para salvar quem quer que fosse...

— Sua desinteresseira, irrefletida... — acusa ele, a recuar devagar.

— E, segundo, a morte dela levaria à tua, por isso, sim, claro que a salvei! — Toco com os pés no chão e sinto a cabeça pesada por um instante, mas a minha pulsação regulariza quando respiro profundamente. — O Tecarus mandar-te-ia executar se ela morresse sob a tua proteção.

— Foda-se, é inacreditável. — Ele entrelaça as mãos em cima da cabeça. — Tu detesta-la, mas recusas-te a erguer as guarnições, sem dúvida para que o poder dela não lhe seja tirado, e depois pões a tua vida em risco pela dela...

— Por ti!

— Eu só te quero a ti! — Ele faz um gesto com as mãos e as sombras fecham a porta com um pouco mais de força do que a necessária, protegendo-nos atrás do escudo de som. — Se ela morrer, eu assumo as consequências. Se eles não puderem canalizar, também assumo essas consequências. Mas tu não. Tu nunca. Deuses, Violet Estou a fazer tudo o que posso para respeitar a tua liberdade ao mesmo tempo que te mantenho em segurança e tu estás... — Ele abana a cabeça. — Nem sequer sei o que estás a fazer.

— Manter-me em segurança. — Eu rio-me, com o sarcasmo a assomar-se aos olhos, que me começam a picar. — É isso o que tu estás a fazer? É que às vezes parece que a única coisa que fazes é não me matar.

— Ora aí está. — Ele recua até bater com as costas na parede. Depois cruza os braços e recosta-se, cruzando os tornozelos descontraidamente. — Estás finalmente pronta para me perguntares porque é que eu fiz um acordo com a tua mãe?

Nada mata um amor poderoso e inabalável mais depressa do que ideologias opostas.

— O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELOS CADETES VIOLET SORRENGAIL E DAIN AETOS



CAPÍTULO LV

Fico de boca aberta. Depois fecho-a.

— Tu sabias... que eu sabia?

— Claro que sabia. — Ele levanta uma sobrancelha preta como se o problema fosse *eu*. — Só tenho estado à espera de que ganhes coragem, confiança, o que lhe quiseres chamar, para me perguntares de uma vez por todas.

As minhas mãos fecham-se em punhos junto às ilhargas e eu atiro o meu poder para trás das portas dos Arquivos e levanto os escudos. Sem um condutor, há uma probabilidade muito elevada de pegar fogo às cortinas pelas piores razões.

— Deixaste-me a cozinhar em banho-maria durante *meses*?

— Tu não me perguntaste nada! — Ele desencosta-se da parede, mas para antes de dar mais um passo. — Ando-te a pedir há *meses* que me perguntes o que queres saber, que derrubes esse último muro inultrapassável que manténs entre nós, mas não o fizeste. Porquê?

Ele tem o descaramento de virar isto contra *mim*?

— Foste tu que disseste que nunca serias inteiramente sincero comigo. Como é que eu hei de saber ao que vais e não vais responder? Como é que eu hei de saber o que tenho para perguntar?

— Assim que tiveres uma dúvida, perguntas. Parece-me bastante simples.

— Simples? O Brennan está vivo. Fizeste um acordo com a minha mãe para me manteres viva. Foi ela que te deixou essas marcas nas costas. Diz-me, Xaden, são só os segredos sobre a minha família que queres que eu ande aqui a escavar? Estás a esconder alguma coisa sobre a Mira?

— Merda. — Ele passa uma mão pelo cabelo. — Eu não queria que soubesses nada sobre as cicatrizes, é verdade, mas *ter-te-ia* contado tudo se me tivesses perguntado.

— E perguntei no ano passado — atiro, em desafio, a caminhar para as janelas para olhar para a cidade reconstruída, com a raiva a aquecer-me o sangue... mas ainda não a pele, graças aos deuses.

— Desculpa. Não posso mudar o que fiz no ano passado e, embora tenhas dito que compreendias a razão por que não te disse nada, acho que ainda não me perdoaste.

— Eu... — Terei desculpado? Enrolo os braços no meu próprio corpo e vejo uma revoada de dez dragões a voar mais acima, enquanto penso no acordo que fizemos, no facto de ele *saber* e de me estar a testar com estas perguntas ridículas. E ainda não me disse tudo o que havia para dizer sobre as cicatrizes ou o que eu desconfio em relação ao vínculo que ele tem com a Sgaeyl depois do que ouvi na gruta. O que é que ainda haverá a esconder?

— Quanto às cicatrizes, eu disse que tu não ias querer saber como fiquei com elas. Não me podes dizer com sinceridade que estás feliz por saber, ou podes?

Sinto um aperto no estômago.

— Claro que não! — Rodo o corpo para olhar para ele. — Ela fez-te cortes que nunca mais acabam! — Abano a cabeça, completamente incapaz de perceber as ações da minha mãe, quanto mais como ele conseguiu aguentar.

— Sim. — Ele assente com a cabeça como se fosse só um facto, um pedaço de história. — E eu não te dei a informação porque sabia que encontrarias uma forma de te culpar tal como assumiste a culpa por tudo o que correu mal nos últimos meses.

Eu contraio-me.

— Eu não fiz...

— Fizeste, sim. — Ele dá alguns passos em frente e detém-se na ponta da cama. — E *não* tens culpa nenhuma das cicatrizes que tenho nas costas. Sim, a tua vida foi um preço não nomeado para que os marcados entrassem no quadrante. — Encolhe os ombros. — A tua mãe pediu-me o favor que eu lhe devia e eu aceitei. Queres que eu peça desculpa por um acordo que fiz antes de te conhecer? Antes de te amar? Um acordo que nos manteve vivos? Que começou o fluxo de armamento para os voadores? Porque não o vou fazer. Não estou arrependido.

— Eu não estou zangada por causa do acordo. — Como é que ele não compreende? — Estou chateada por não mo teres contado, por insistires que eu te *pergunte* por coisas que me devias dizer abertamente. Como diabo é que eu estou apaixonada por ti quando às vezes sinto que mal te conheço?

— Porque eu te deixei viver tempo suficiente para nos apaixonarmos — diz ele. — Sem o acordo, só os deuses sabem o que eu teria feito na minha procura de vingança. Pergunta-me porque não me arrependo. Pergunta-me sobre a primeira vez que te vi. Pergunta sobre o momento em que quase te matei apesar do acordo e decidi não o fazer. Pergunta-me porquê. Pergunta alguma coisa! Vai à luta como terias feito no ano passado antes de eu quebrar a tua confiança. Deixa de ter tanto medo das respostas ou de esperar que eu tas dê. Exige a verdade! Preciso que me ames por inteiro, não apenas em razão do que decides ver.

— Como é que estamos a ter a mesma discussão que tivemos há cinco meses? — Abano a cabeça. Ele pode contar-me o que houver para contar ou decidir não o fazer, mas estou farta de ter de adivinhar que perguntas fazer.

— Porque não fui só eu que dei cabo da tua confiança no ano passado. Tu também estavas demasiado chateada com a minha recusa em responder a perguntas superficiais sobre a revolução para perguntar as que interessavam

sobre *nós*. Porque eu fui atrás de ti, disse-te que te amava e tu decidiste que podias admitir amar-me, até estar comigo, mas esqueceste-te da parte em que admites que confias totalmente em mim. Escolhe. É como se ainda estivéssemos naquele parapeito, no ano passado, mas não sou eu que estou preocupado que tu encontres algo de que não gostas se fores mais fundo. *Tu* é que estás.

— Isso é treta. — Abano a cabeça. — E como é que vou confiar completamente em ti quando há machados de guerra a sair de armários de todos os lados?

Ele levanta a sobrancelha cicatrizada.

— Não sei bem se compreendo...

— É uma analogia que eu usei com a Imogen. Esquece — digo com um aceno.

— Sobre machados de guerra e armários? — Ele inclina a cabeça a olhar para mim.

Eu esfrego o centro da testa.

— Basicamente, disse-lhe que, se um machado de guerra saísse a voar de um armário e quase te matasse, tu irias querer verificar o armário para te certificares de que não voltaria a acontecer.

— Hum. — Ele relanceia pelo canto do olho para o local onde os nossos uniformes estão pendurados lado a lado e franze o sobrolho a pensar. — Eu posso usar isso.

— Desculpa?

— O que é que há dentro do nosso armário neste momento? — O Xaden cruza os braços à frente do peito.

Eu abro a boca, fecho-a e volto a abri-la.

— Uniformes. Botas. Peles de voo.

— Quantos uniformes? Que pares de botas? — O chão enche-se de sombras, que se espalham de baixo da cama até às portas do armário. — *Sabes* sequer o que tem lá dentro? Ou confias apenas que eu não retirei as tuas coisas e que elas estão onde as deixaste?

— É uma analogia. — Isto é ridículo. — E eu abro aquele armário todos os dias. Sei onde as coisas estão penduradas porque as vejo.

— E o cobertor que a minha mãe fez e que está arrumado na prateleira de cima? — Dois fios de sombras envolvem-se nos puxadores e abrem as portas do móvel.

— Eu não fui bisbilhotar. — Abano a cabeça e olho para ele com os olhos semicerrados.

Um canto da boca dele ergue-se.

— Porque confias em mim.

— Analogia. — Pronuncio cada sílaba.

— Então, faz a pergunta, Violet — diz ele em voz baixa, naquele tom calmo e sereno que me faz levantar o queixo. — Faz-me a vontade, por favor.

— Está bem — digo por entre dentes cerrados. — Por acaso tens um machado...

As sombras irrompem do armário e eu vislumbro o brilho de metal um instante antes de faixas de escuridão empunharem um punhal a poucos centímetros do meu queixo.

Eu arquejo e contraio todos os músculos.

— Foda-se, Xaden, o que é isto?

— Vou-te magoar? — O tapete fez com que os passos que ele dá sejam quase silenciosos quando atravessa o quarto, dando-me tempo suficiente para me defender ou recuar, o que eu não faço.

— Eu é que te vou magoar a ti se não tirares isso da minha frente. — Não tiro os olhos dele.

— Alguma vez deixaria que esse punhal te magoasse? — As botas dele tocam nas biqueiras das minhas e ele inclina-se para o meu espaço.

— Claro que não.

As sombras levam a lâmina devagar para mais perto da garganta do Xaden e eu agarro no cabo, afasto-o e atiro-o para a secretária antes que ele

se corte sem querer.

Ele abre um sorriso, que não demora a esmorecer.

— Olha, Violência?

— O que foi? — disparo.

— Há um punhal no armário. — Ele desliza a mão para a minha nuca e inclina-se, reduzindo o mundo a apenas nós os dois. — A única coisa que tinhas de fazer era perguntar e, mesmo que não soubesses que ia sair a voar, sabes que eu nunca deixaria que te magoasse. Não é em mim que tu não confias.

Eu solto um riso de escárnio.

— O que é que queres dizer com isso?

— Amor, tu és a pessoa mais inteligente que eu conheço. Se quisesses mesmo as respostas, farias as perguntas certas. — A voz torna-se mais terna enquanto o polegar dele me desliza pelo maxilar. — Tu sabias do acordo. Talvez a pergunta que tenhas de fazer é *porque* não me confrontaste em relação a isso.

— Porque te amo! — A minha voz quebra e transforma-se num sussurro constrangedor, embora não tão embaraçoso como os pensamentos que não consigo deixar de ter a rodar no cérebro. Os pensamentos que fiz tudo para evitar desde que a minha mãe me contou sobre o acordo que fez com ele. O calor afogueia-me as faces quando ele me olha nos olhos e a frustração fecha-me as mãos em punhos. — Porque quero pensar que me mantiveste viva naqueles primeiros meses antes da Debulha porque ficaste curioso ou impressionado comigo ou porque te sentiste atraído por mim como eu estava por ti e não porque fizeste um acordo com a *minha mãe*. Porque é horrroso pensar que *ela* foi a única razão por que te apaixonaste por mim. Porque talvez tenhas razão e eu não quisesse saber essa verdade, uma vez que sei que a linha que separa a devoção da obsessão e a cobardia da autopreservação é muito fina e eu estou a pisá-la no teu caso. Eu amo-te tanto que ignorei todos os sinais de alerta no ano passado e agora, metade das vezes, não sei em que lado da linha estou porque estou demasiado ocupada a olhar para ti para ver onde ponho os pés!

— Porque não *queres* saber onde *estão* os teus pés — diz ele em voz baixa. A minha boca fecha-se. Como é que ele se *atreve*.

Alguém bate à porta com força.

— Passa-te ao caralho! — grita o Xaden por cima do ombro, antes de suspirar como se tivesse acabado de se lembrar do escudo à prova de som.

— Vamos lá testar essa tua teoria. Queres que eu te exija a verdade? Que te pergunte algo verdadeiro? — Eu olho-o nos olhos e endureço o coração.

— Faz-me esse favor — desafia ele.

— Qual é o teu segundo sinete?

Ele arregala os olhos e fica com o rosto lívido, ao mesmo tempo que deixa cair as mãos. Pela primeira vez, acho que consegui realmente chocar o Xaden Riorson.

— Eu sei que o tens — sussurro, ainda a ouvir a baterem à porta. — Tu disseste-me que a Sgaeyl se vinculou ao teu avô, o que faz de ti um descendente direto. Se um dragão se vincula a um membro da mesma família, pode reforçar um sinete, mas se o cavaleiro for um *descendente direto* do anterior manifestará um segundo sinete... ou ficará maluco e, a mim, não me pareces nada maluco.

Ele inspira profundamente e faz das feições uma máscara.

Eu abano a cabeça e solto um riso de escárnio.

— Afinal não *basta perguntar*. Só não consigo perceber porque é que a Sgaeyl foi autorizada a escolher-te, como é que conseguiu escapar impune. Como é que vocês os *dois* conseguiram essa façanha.

Os batimentos na porta aumentam de intensidade.

— Temos uma emergência cá fora!

Brennan?

Viramos ambos a cabeça para a porta e o Xaden apressa-se a ir abri-la. Ouve as palavras sussurradas do meu irmão e olha por cima do ombro para mim.

— Foi avistada uma horda de serpes a voar de Pavis para os penhascos.

O Xaden diz mais alguma coisa ao Brennan e volta a virar-se para mim.

— Já estás pronta para erguer as guarnições? Ou queres esperar até eles estarem aqui à nossa porta?

Foda-se.

O continente nunca foi nosso.

Foi sempre deles, desde o início, e nós só temos autorização para viver aqui.

— O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELA CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO LVI

— Dragões — diz o Brennan quando decidimos ignorar o caminho que dá para a câmara da pedra de proteção e preferimos subir o que conduz ao cimo do monte com os outros membros da Assembleia sob a luz da tarde; o Xaden e a Rhiannon vêm atrás de nós.

O vento uiva e as nuvens anunciam uma tempestade. Até o clima parece sentir a urgência. E se eu estiver enganada? E se me tiver escapado um símbolo? Um significado? Vamos ter de lutar pelas nossas vidas nas próximas horas. Mas a verdade é que sinto a vibração característica e poderosa da pedra de proteção daqui, o que quer dizer que não me terei enganado na totalidade.

O tempo que o Dain, o Xaden e eu gastámos a impregnar a pedra de proteção compensou. A pedra não está a criar guarnições por si só, claro, mas, pelo menos, está a guardar a energia.

O caos no interior da Casa dos Riorson repercute-se no trilho que conduz ao vale, inundado por cavaleiros e voadores, que estão a subir a caminho do campo de voo, armados até aos dentes com espadas, machados de guerra, punhais e arcos. Eu também tenho os meus punhais embainhados — todos menos os dois que ficaram na gruta com o corpo do Solas — e o

saco às costas. A maioria dos instruendos do segundo e do terceiro anos estão a caminho dos postos avançados ao longo da fronteira com Navarre, mas sobre eu.

Estarei com o Xaden, uma vez que o Tairn e a Sgaeyl são capazes de voar mais depressa do que o resto da revoada para enfrentar a horda que se aproxima. A última coisa que nós queremos é deixar que cheguem a Aretia.

Se nos despacharmos e a tradução estiver correta, podemos pôr as guarnições a trabalhar um pouco antes de a horda chegar ao cimo dos penhascos. Tento não me concentrar no que acontecerá se me tiver enganado novamente na tradução, mas sinto o coração acelerado no peito quando subimos o caminho a passo apressado.

Relanceio por cima do ombro para o Xaden, que traz o maxilar cerrado e cujos olhos não chegam a cruzar-se com os meus. Talvez eu e ele estejamos sempre a ter a mesma discussão porque nunca a conseguimos terminar. Valha--me Malek, qual poderá ser o sinete que ele esconde e o deixou tão pálido?

— Dragões — repito para o Brennan, a virar a atenção de novo para o meu irmão para lhe entregar o diário na página que tinha traduzido mal da primeira vez. — Estás a ver esta linha? — Aponto com o dedo enluvado. — É mais livremente traduzida por poder político, não físico, cujo símbolo teria uma linha mais baixa. Foi o Dain que detetou esta diferença. A pedra precisa de um representante de cada estirpe. — E é precisamente por isso que a Rhiannon está a subir o caminho atrás de nós com o Xaden, que continua calado como um túmulo. Precisamos da Feirge. — E tive de ler tudo desde o início para perceber que, assim que um dragão lança fogo sobre uma pedra de proteção, não pode usar o seu fogo em nenhuma outra, e de ler tudo até ao fim para saber que criaram duas pedras de proteção. Mas não diz porque nunca ativaram esta. É o fogo dos dragões que ativa as runas embutidas e é óbvio que tinham dragões suficientes, por isso, não percebo porque não decidiram proteger mais partes de Navarre se o podiam fazer.

Tenho todo o corpo dorido do ataque de hoje, sobretudo a cabeça e os ombros, e faço um esforço para afastar a dor da ideia para podermos tratar disto. Pouco importará a dor se morrer daqui a poucas horas. Levo a mão com cuidado ao galo inchado da nuca e estremeço.

— Deixa-me reparar isso — diz o Brennan, com a preocupação a enrugar-lhe a testa quando levanta a cabeça do diário.

— Não temos tempo agora. Mais tarde. — Abano a cabeça e puxo o capuz para cima da cabeça para me proteger do frio.

Ele lança-me um olhar reprovador, mas não tenta convencer-me do contrário.

— Não só o traduziste como voltaste atrás e fizeste-o de novo quando a maioria das pessoas teria desistido. Estou muito impressionado, Violet. — A boca do meu irmão curva-se num sorriso.

— Obrigada. — Não consigo deixar de retribuir o sorriso com um pouco de orgulho. — O pai ensinou-me bem e o Markham acabou o trabalho que ele deixou por fazer.

— Mas tu desiludiste-o como o diabo quando decidiste ficar no Quadrante dos Cavaleiros.

— Sou indubitavelmente o maior fracasso do Markham. — Só faltam mais alguns passos.

— Mas o maior êxito do pai. — O Brennan devolve-me o diário.

— Eu acho que ele estaria orgulhoso de todos nós. É melhor ficares com ele. — Aceno com a cabeça para o diário quando chegamos finalmente ao cimo. — Tem de ser preservado.

— Sempre que o quiseres, é teu — promete ele, enquanto o enfia dentro do casaco por segurança antes de se virar para a esquerda, onde o Marbh está ao lado do Cath, que tem a cauda a brandir, e o Dain à frente, agitado e impaciente.

Há seis dragões a rodear o cimo da câmara, praticamente de asa dada. Dirijo-me para o Tairn, que está ao lado da Sgaeyl, como eu já esperava.

— Como *está a Andarna?* — pergunto-lhe, a colocar-me entre as pernas dele e a olhar da borda de pedra para a câmara onde está a pedra de proteção, trinta metros mais abaixo. — *Não está a responder quando tento contactá-la.*

— *Está a ser questionada pelos anciãos, que consideraram o que ela fez justificável* — responde ele. — *Mas matar outro dragão é um fardo pesado para uma alma, mesmo quando em legítima defesa ou em defesa do respetivo cavaleiro.*

— *Foi por isso que só lhe tiraste um olho em vez de o matar.* —
Reteso-me quando o Xaden se aproxima e recuso-me a olhar para ele quando ele se coloca junto à Sgaeyl.

— *Devia ter acabado com ele naquela altura. Não vou hesitar quando enfrentar o mesmo dilema no futuro. A Andarna está agora a sofrer com um fardo que devia ter sido meu.*

— *Estou orgulhosa dela.*

— *Eu também.*

A Rhiannon está junto à Feirge, e a Suri ao pé do seu Cauda de Punhal Castanho.

— Vamos lá despachar isto. — A Suri lança um olhar pouco amigável na minha direção, obviamente ainda zangada por eu ter escondido a descoberta ao longo da última semana. Não estou a ganhar pontos em matéria de confiança, isso é certo.

Trocamos todos olhares e acenos rápidos de cabeça.

— *Está na hora* — diz o Tairn.

Os dragões inspiram todos ao mesmo tempo e sopram fogo para a câmara em seis jorros distintos, aquecendo imediatamente o ar à nossa volta. Foi exatamente por esta razão que eles a construíram aberta ao céu: não por nenhum tipo de veneração às estrelas, mas porque os dragões precisam de acesso para fazerem *isto*.

Eu desvio o olhar, virando a cabeça para o lado quando o calor me afeta a pele sensível, ainda dorida do ataque do Solas. Um instante depois, sinto um pulsar de magia a percorrer-me o corpo numa onda e a trazer-me o poder à tona, numa sensação ligeiramente mais suave do que a que tive aquando da eclosão da primeira cria de Aretia.

O fogo cessa e o calor abrasador dissipa-se no ar de inverno, deixando-nos a todos a olhar para a pedra, para os nossos dragões e uns para os

outros.

Aquela sensação de equilíbrio e de estabilidade que eu só sentia dentro das guarnições em Basgiath voltou e a magia irascível e desprendida que me formigava a pele desde que deixei Navarre parece mais contida; não mais fraca, mas infinitamente mais... domada. Inclino-me sobre a beira para olhar, mas a pedra parece não ter mudado nada.

Será que o fogo é mais simbólico?

Olho de relance para o Dain, e ele abre o sorriso mais largo que eu lhe vejo há anos, a acenar com a cabeça na minha direção. Eu emulo-lhe o sorriso e sinto o peito a inchar de entusiasmo. Conseguimos. Todas as noites sem dormir e os dias frios passados a impregnar a pedra, todas as discussões que surgiram por causa da tradução e até o meu fracasso inicial valeram a pena por este momento.

— Já está? — pergunta o Brennan, a olhar para mim do outro lado da boca da câmara.

— Não temos propriamente tempo para fazer testes. — O Xaden aponta para cima, onde já há bandos de grifos no céu, e fixa os olhos nos meus. — Vamos voar.

O Tairn nunca voou tão depressa, deixando a Sgaeyl e o Xaden para trás a caminho do penhasco com o melhor ponto de observação para avistar serpes, que fica na ponta dos planaltos, habitualmente a cerca de duas horas de voo para o Tairn, mas hoje alguns minutos menos.

— *Eles estão quinze minutos atrás de nós* — diz-me ele enquanto voa por cima de quilómetros e mais quilómetros de campos agrícolas, a descer gradualmente até aterrarmos a cinquenta metros da ponta dos penhascos. — *Usa-o para te recentrares.*

— *Não me digas que estás a pôr-te ao lado do Xaden na nossa discussão.* — Eu desaperto as correias que me prendem à sela e estremeço ao sair do assento. — *Tenho de alongar as pernas.*

— *Eu não me ponho ao lado do tenente em nenhuma circunstância.* — O Tairn solta um resfolgo. — *Como se eu não tivesse nada melhor para fazer do que ouvir os vossos problemas românticos.*

— *Desculpa. Não quis tirar conclusões precipitadas.* — Passo-lhe por entre os espigões do dorso e ele baixa o ombro.

— *Embora fique ofendido com o teu insulto* — observa quando eu lhe deslizo pela perna.

— *Insulto?* — Os meus joelhos queixam-se quando as botas colidem com o chão gelado, mas a ligadura aguenta-se bem.

— *Duvidas do teu discernimento como se eu não te tivesse escolhido por isso.*

— *Mas não estavas a ouvir. Certo.* — Enrolo os ombros, caminho para a extremidade do penhasco e convoco apenas a quantidade suficiente do meu poder para me aquecer o corpo, embora a minha respiração forme nuvens de vapor.

Também sinto uma vibração em cima do penhasco e sei instintivamente que é aqui que as guarnições terminam, a cerca de seis metros da extremidade do penhasco. Este ponto fica a quatro horas de voo de Aretia para um dragão médio, se é que essa criatura existe.

Seria esta uma fronteira natural para as guarnições de Basgiath se não fossem ampliadas pelos postos avançados? A distância deixaria Elsum, Tyrrendor e até grande parte de Calldyr sem a proteção das guarnições.

Deuses, nem sequer estamos a proteger a maior parte de Tyrrendor se este é o alcance natural da pedra de proteção.

— *Alguma novidade?* — pergunto ao Tairn.

— *A revoada mais próxima conta três dragões e está pouco mais de trinta quilómetros a norte, e o mesmo acontece a sul.*

— *Algum avistamento?* — Não temos as forças que o Xaden pretende que tenhamos em cada unidade para esta noite, mas podemos cobrir uma extensão maior da fronteira em grupos de três ou, no nosso caso, de dois. Além disso, a mobilização dos efetivos em unidades mais pequenas, mas

bem distribuídas, dá aos dragões mais fortes uma melhor possibilidade de comunicarem.

Todos os pares vinculados foram chamados das diferentes linhas de Poromiel para defender os penhascos, mas não temos esperança de que os que estão destacados em Cordyn ou para lá da fronteira com a província de Braevick consigam voltar a tempo.

— *Dos penhascos, não.*

— *E mais além?* — Olho para a paisagem cada vez mais escura, à procura de algum sinal de asas cinzentas.

— *Diria que temos um quarto de hora.* — Ele liberta um sopro quente de vapor que passa por mim a ondular. — *Prepara-te. A Sgaeyl está a aproximar-se.*

— Achas que ele tem razão? — pergunto, cruzando os braços à frente do peito quando ouço asas a bater e a quebrar o silêncio relativo da noite.

— *Sei que pensa que tem.*

Isso ajuda muito.

A Sgaeyl aterra perto do Tairn e eu inspiro os meus últimos momentos de paz a preparar-me para a batalha que se avizinha antes que a guerra propriamente dita chegue até nós.

Não demora muito até que oiça passos familiares a vir na minha direção.

— Nenhum avistamento deste lado do penhasco — digo-lhe, com os escudos bem levantados, quando ele chega ao meu lado. — O Tairn acha que temos quinze minutos.

— Não há mais ninguém por aqui — As palavras dele são tensas.

— Certo. Somos o único par. — Transfiro o peso de um pé para o outro e sinto a energia a formigar-me os dedos, a encher-me as células devagar e a acumular-se em preparação para ser usada em vez de me inundar como é habitual. — Eu sei que isso vai contra a tua ideia de revoadas completas...

— Não é isso que eu quero dizer. — Ele enfia as luvas nos bolsos, deixando as mãos descobertas e preparadas para manipular, transformando-

se na imagem perfeita da serenidade e do controlo. — Não há ninguém num raio de quilómetros que nos possa ouvir.

Eu levanto as sobrancelhas de chofre e viro-me para ele, completamente incrédula.

— Desculpa, estás a querer dizer que não me respondeste em Aretia porque não confias no escudo de som que tu próprio criaste para o teu quarto?

— Há sempre alguém melhor do que nós em alguma coisa, incluindo a levantar e a furar guarnições. — Ele estremece. — E talvez não tenha sido essa a única razão.

— Poupa-me da conversa da treta que estás prestes a impingir-me. — Sinto o estômago a contorcer-se e baixo a voz a fazer a minha melhor imitação do Xaden. — «Pergunta-me.» — Abano a cabeça. — No entanto, à primeira pergunta a sério que te faço, foges porta fora como um cobarde.

— Nunca me passou pela cabeça que me fosses *perguntar* acerca de um segundo sinete — contesta.

— Mentiroso. — Viro-me para a frente de supetão e procuro movimento no céu, a tentar conter a raiva abrasadora que testa as portas dos Arquivos do meu poder. — Nunca me terias contado que a Sgaeyl se vinculou ao teu avô se não quisesse que eu soubesse. Tenha sido uma escolha consciente ou inconsciente, foste tu que a fizeste. *Sabias* que eu ia chegar lá. Foi mais um dos teus testes no meio desta história das perguntas que queres que eu te faça? Porque, se foi, foste tu quem reprovou, não eu.

— Achas que eu não sei disso? — grita ele, com as palavras a saírem a custo, como se lhe tivessem sido arrancadas da garganta.

A admissão vale-lhe toda a minha atenção, mas a explosão não demora a ser abafada pelo autocontrolo e caímos num silêncio desconfortável quando ele desvia o olhar para longe.

— Às vezes, sinto que não te conheço. — Olho-lhe atentamente para as feições marcadas e vejo-lhe o maxilar a latejar. — Como é que eu te posso amar verdadeiramente se não te conheço?

Não posso e acho que ambos o sabemos.

— Quanto tempo é que achas que uma pessoa demora a desapaixonar-se? — O Xaden olha para o céu. — Um dia? Um mês? Estou a perguntar porque não tenho experiência na matéria.

Que diabo? Cruzo os braços para não ceder ao impulso de lhe dar uma cotovelada com toda a força que tenho.

— Estou a perguntar — continua e antes de engolir visivelmente em seco — porque acho que vais demorar menos de um instante assim que souberes.

Sinto a apreensão a subir-me pela coluna e a atar-me um nó na garganta quando baixo os meus escudos apenas o suficiente para sentir o terror gelado que vem do meu vínculo com ele. Que raio de sinete poderá ele ter para eu deixar de o amar?

Oh, merda. E se ele for como a Cat? E se ele tiver andado a manipular-me as emoções este tempo todo? Engulo a azia que ameaça chegar-me à garganta.

— Nunca faria nada desse tipo — responde ele, lançando-me um olhar de soslaio furioso e magoado antes de voltar a colocar os olhos no céu.

— Merda. — Esfrego as mãos na cara. — Não queria dizer isto em voz alta. Ele não responde.

— Diz-me só o que é. — Estendo-lhe a mão e enrolo-lhe os dedos na parte de trás do braço. — Disseste-me que achas que eu vou ficar porque, mesmo não conhecendo os teus atos mais sombrios, sei do que és capaz, mas não sei se não me disseres. — Não sei bem como, mas estamos exatamente no mesmo lugar em que estávamos há meses: sem que nenhum de nós confie plenamente no outro.

Ele abre a boca e depois fecha-a, como se fosse falar mas se se tivesse arrependido.

— Os sinetes têm que ver com quem somos no íntimo e com o que precisamos — penso em voz alta. Se ele não me disser qual é, eu acabarei por descobrir sozinha. — És um mestre dos segredos, daí as sombras. — Aponto para as sombras a enrolar-se aos pés dele. — És mortífero com todas as armas que escolhes, mas isso não é um sinete. — FRANZO o sobrolho.

— Para.

— És implacável, o que me parece que pode ter algo que ver com a capacidade de abafar as emoções. — Transfiro o peso de um pé para o outro e estudo-lhe o rosto, a tentar encontrar qualquer sinal, por mínimo que seja, de que estou a chegar a algum lado, e continuo a tentar, sabendo que o Tairn poderá avistar as serpes mais depressa do que nós. — És um líder natural. Toda a gente gravita à tua volta, mesmo que ache melhor não o fazer. — Esta última parte sai em jeito de murmúrio. — Estás sempre no sítio certo... — Levanto as sobrancelhas. — És um manipulador de distâncias? — De tudo o que li, só houve dois cavaleiros em toda a História capazes de atravessar centenas de quilómetros com um único passo.

— Não existe um manipulador de distâncias há séculos e, se eu fosse um deles, não achas que passaria todas as noites na tua cama? — Ele abana a cabeça.

— Mas do que é que tu precisas? — cogito, ignorando o maxilar tenso do Xaden. — Precisas de questionar toda a gente para tirares as tuas próprias impressões. Se trabalhaste naquelas missões de contrabando em Basgiath durante tantos *anos*, tens de conseguir avaliar rapidamente o carácter das pessoas para saberes em quem confiar e em quem não confiar. Mais do que qualquer outra coisa, precisas de controlo. É algo que atravessa todos os aspetos da tua personalidade.

— Para — manda ele.

Ignoro-o por completo, tal como ignorei o aviso da Mira para me manter longe dele.

— Precisas de arranjar... esquece, se fosses capaz de reparar, não me terias levado para Aretia. Vamos tentar eliminar sinetes. Não consegues ver o futuro ou nunca nos terias levado para Athebyne. Não és capaz de manipular nenhum elemento ou tê-lo-ias feito em Resson... — Eu paro quando uma ideia se sobrepõe às demais. — Quem é que sabe?

— Para antes de chegares a um ponto sem retorno. — As sombras movem-se entre o espaço que nos separa, enrolando-se nas minhas pernas como se ele pensasse que vai ter de lutar para me manter ao lado dele.

— Quem é que sabe? — repito, a elevar a voz com a irritação. Não que seja importante. Não há mais ninguém num raio de quilómetros e não há nenhum caçador de sons em Aretia capaz de ouvir a quilómetros de distância, como o capitão Greely na unidade pessoal do general Melgren, daí que haja um desfasamento nas nossas comunicações. — Os marcados sabem? A Assembleia sabe? Sou a única pessoa que te é próxima que *não* sabe, tal como no ano passado? — Deixo cair a mão do braço dele.

É *impossível* ter um sinete que nunca ninguém tenha detetado, que ninguém tenha treinado. Será que ele me fez de parva *outra vez*? O espaço entre as minhas costelas e o meu coração engelha-se e encolhe e eu sinto que o meu peito pode transformar-se em pedaços.

— Foda-se, Violet Ninguém sabe. — O Xaden vira-se para mim num movimento tão rápido que intimidaria qualquer outra pessoa, mas eu sei que ele é incapaz de me magoar, pelo menos fisicamente, pelo que me limito a levantar o queixo e a olhar para aqueles olhos com salpicos dourados em descarado desafio.

— Eu mereço mais do que isto. Diz-me a verdade.

— Sempre mereceste mais do que eu. E ninguém sabe — repete ele com a voz mais baixa. — Porque, se alguém soubesse, eu estaria morto.

— Porque haveria... — Os meus lábios entreabrem-se, a pulsação sobressalta-se e a cabeça fica pesada.

Ele tem de ter controlo total. Tem de fazer avaliações de carácter rápidas. Tem de saber intrinsecamente em quem pode confiar e em quem não pode. Para o movimento ter sido tão bem-sucedido como foi dentro dos muros de Basgiath, ele tem de saber... tudo.

A necessidade mais premente do Xaden é a informação.

O Tairn agita-se, inclinando o corpo em direção à Sgaeyl, em vez de se manter ao lado dela.

Oh, deuses. Só há um sinete que condena os cavaleiros à morte. O medo agita-me o estômago e ameaça fazer subir o pouco que comi hoje.

— Sim. — O Xaden assente com a cabeça quando o olhar se enterra no meu. Merda, ele acabou de...

— Não. — Abano a cabeça e dou um passo para trás para me afastar das sombras, mas ele movimenta-se como se desse o passo *comigo*.

— Sim. Foi assim que eu soube que podia confiar em ti e que não contarias a ninguém o nosso encontro debaixo da árvore no ano passado — diz ele quando eu recuo mais um passo. — Como pareço saber o que o meu adversário está a planear no tapete antes do passo seguinte. Como sei exatamente o que as pessoas precisam de ouvir para que elas façam o que eu preciso que seja feito e como soube se alguém tinha alguma desconfiança em relação a nós quando estávamos em Basgiath.

Eu abano a cabeça em negação, a desejar não ter insistido, tal como ele me pediu.

Ele atravessa o espaço que nos separa.

— Foi por isso que não matei o Dain na câmara de interrogatório, porque o deixei vir connosco, uma vez que, assim que os escudos dele cederam um pouco, eu soube que ele tinha tido uma verdadeira epifania. Como é que eu haveria de saber isso, Violet?

Ele leu a mente do Dain.

O Xaden é mais perigoso do que alguma vez imaginei.

— És um *intínsico* — sussurro. A simples acusação é uma sentença de morte entre cavaleiros.

— Sou um *tipo* de *intínsico* — repete ele devagar, como se fosse a primeira vez que dissesse as palavras. — Sou capaz de ler intenções. Talvez eu soubesse o que lhe chamar se eles não matassem toda a gente com o mero sinal do sinete.

Eu levanto as sobrancelhas de súbito.

— Consegues ler pensamentos ou não?

O maxilar dele lateja.

— É mais complicado do que isso. Pensa naquela fração de segundo *antes* do pensamento, a motivação subconsciente de que poderás nem sequer estar ciente, ou quando o instinto te leva a agir ou quando estás a pensar trair alguém.

A intenção está sempre lá. Na maioria dos casos, o que eu vejo são imagens, mas as *intenções* de algumas pessoas vertem-se em imagens mesmo *muito* claras.

O Tairn rosna baixo com a garganta e baixa a cabeça para a Sgaeyl quando o assomo de algo amargo e doentio inunda o nosso vínculo. *Traição*. Levanto os escudos para o bloquear antes de me perder nas emoções dele e já com dificuldade em dominar as minhas.

Ele não sabia.

Ouçó mais um rugido de raiva a vibrar-lhe nas escamas do peito e o meu coração agita-se com pontadas de simpatia e compreensão.

A Sgaeyl recua em retirada, o que me deixa completamente chocada, mas levanta bem a cabeça, expondo a garganta ao parceiro.

Na verdade, o Xaden também acabou de me expor a dele metaforicamente. A única coisa que eu preciso de fazer é de dizer a alguém — a quem quer que seja — e ele estará morto. Um rumor baixo enche-me os ouvidos.

— Há segredos que nem os parceiros podem partilhar — diz o Xaden, com os olhos postos nos meus, mas as palavras dirigem-se ao Tairn. — Alguns segredos não podem ser divulgados, nem sob a proteção das guarnições.

— No entanto, tu sabes os segredos de toda a gente, não sabes? As *intenções* de toda a gente? — É por isso que os intínicos são mortos sem hesitação. As implicações do sinete do Xaden atingem-me como um aríete e eu recuo, cambaleante, como se o golpe fosse físico. Quantas vezes é que ele me leu as intenções? Quantos arremedos de pensamentos terá espreitado? Será que o amo realmente? Ou terá ele dito apenas o que eu quero ouvir? Feito as coisas que eu precisava de ouvir para...

— Menos de um minuto — sussurra o Xaden quando a Sgaeyl se dirige para ele... para nós. — Foi esse o tempo que demoraste a desapaixonar-te de mim.

O meu olhar vira-se para ele.

— Não me leias a... o que seja!

O Tairn caminha a passo decidido na minha direção com a cabeça baixa e arreganha os dentes quando se coloca junto às minhas costas.

— Não li. — Os lábios do Xaden curvam-se no sorriso mais triste que eu já lhe vi. — Primeiro, porque tens os escudos levantados e, segundo, porque não foi preciso. A tua cara diz tudo.

O meu coração não consegue bater regularmente, dividido entre abrandar, admitindo indolentemente a derrota, e acelerar — não, levantar-se para *lutar* — em defesa da simples mas angustiante verdade de que o amo na mesma.

Mas quantos mais golpes aguentará este amor? Quantos mais punhais existirão no armário metafórico? Deuses, não sei o que pensar. Sinto vontade de vomitar. Será que ele alguma vez usou o sinete comigo?

— Diz alguma coisa — suplica, com o medo a perpassar-lhe pelos olhos.

O rumor fica mais alto, um som que parece mil gotas de chuva a cair no telhado.

— O meu amor não é volúvel. — Abano a cabeça devagar, sempre com o olhar posto no dele. — Por isso, é melhor viveres, porque estou pronta a fazer-te as putas de *todas* as perguntas.

— *Prateada, monta!* — grita o Tairn, demolindo a barreira dos meus escudos como se fossem mais finos do que pergaminho. — *Serpes!*

O Xaden e eu lançamos um único olhar para a extremidade dos penhascos. O meu coração bate fundo quando percebo que a nuvem cinzenta que se aproxima não é uma tempestade e que o rumor que sentia nos ouvidos é, afinal, o som de asas a bater. Um instante, não espero mais do que isso para me virar, arrancar e correr sobre o terreno gelado e pela rampa que o Tairn cria ao baixar a perna para que eu lhe suba até ao ombro.

— *Quantos?* — Baixo os óculos de voo e lanço a pergunta pelo canal mental que nos liga aos quatro quando subo para a sela.

— *Centenas* — responde a Sgaeyl.

— *Não estamos com muita sorte.* — Faço um esforço por levar ar aos pulmões, inspirando e expirando devagar para me manter calma, mas

continuo com a mão a tremer quando aperto o cinto no colo. Assim que estou segura, o Tairn vira o corpo em paralelo com os penhascos e lança-se ao ar, atirando-me o peso para trás ao subir rapidamente aos céus com as asas pesadas a bater vigorosamente.

Quando alcançamos uma altitude suficiente para termos superioridade aérea, o Tairn guina para a esquerda e voa num círculo curto até ficarmos de frente para a horda voadora. Depois, abre as asas contra o vento, travando abruptamente numa manobra que me atira o corpo para o arçãõ à minha frente, para ficar a pairar trinta metros acima do campo gelado e a uma distância da ponta do penhasco que não deverá exceder o comprimento de dois corpos como o dele.

— *Importas-te de me avisar para a próxima?* — digo, usando o nosso vínculo privado.

— *Caíste?* — desafia ele pelo mesmo meio, com as asas a subirem e a descerem vezes suficientes para nos manterem mais ou menos no mesmo lugar.

Decido manter a minha resposta para mim própria quando o Xaden e a Sgaeyl chegam ao nosso lado, mantendo uma distância clara em relação à ponta da asa do Tairn.

— *Lamento que ela não te tenha dito nada.*

— *Vamos tratar das questões emocionais depois das questões vitais.* Percebido.

O meu estômago agita-se quando distingo formas individuais na horda e a boca amarga-se quando o céu noturno aparece entre as asas a bater.

— *Trinta segundos* — estima o Tairn.

Eu largo o arçãõ e viro as palmas das mãos para cima, abrindo as portas dos Arquivos ao poder do Tairn e deixando que ele me encha cada célula do corpo até que a vibração de energia que eu sinto no limite das guarnições é substituída pela vibração de energia em que eu me tornei.

— *Estão a abrandar* — observa o Xaden, enquanto a horda se dispersa num desenho que me parece muito parecido com uma formação, o que me deixa mais assustada.

Sinto a garganta a azedar novamente quando conto um, dois, três, quatro...

— *Conto pelo menos doze venéficos.*

— *Dezassete* — corrige-me o Tairn com um ronco.

Dezassete manipuladores de magia negra e uma horda que equivale à nossa revoada em Aretia contra... nós.

— *Se eu me tiver enganado na tradução e as guarnições não estiverem levantadas, estamos mortos.*

— *Não te enganaste* — responde o Xaden, a soar infinitamente mais confiante do que eu me sinto.

O calor afogueia-me a pele quando o poder procura uma saída, mas eu mantenho-o contido, pronto a ser manipulado antes de ver três serpes a sair da formação e a aproximar-se. Ficam a pairar a uma cauda da ponta do penhasco, com as escamas baças e cinzentas e as asas salpicadas de buracos como se não tivessem acabado de se formar.

— *Elas estão a sentir as guarnições* — consigo dizer antes de o meu estômago me abandonar o corpo e cair como uma rocha. O cavaleiro na serpe do meio...

— *Então, também podem morrer dentro delas* — responde a Sgaeyl.

Eu só consigo distinguir feições faciais vagas a esta distância, mas sei bem lá no fundo que é *ele*. O Mestre de Resson, o que montou tenda nos meus pesadelos.

A cabeça dele vira-se claramente de mim... para o Xaden.

— *Ele esteve em Resson* — digo-lhe.

— *Eu sei.* — Sinto uma raiva fervescente a brilhar no vínculo.

O Mestre levanta o bastão e brande-o como se fosse uma moca, a apontar para nós.

— *Amo-te* — diz o Xaden quando a serpe mais perto de mim guina para se afastar das guarnições, caindo num mergulho em pirueta, para depois ganhar velocidade e voltar a subir, colocando-se atrás das duas da frente

antes de voar na nossa direção. — *Mesmo que não acredites em mais nada do que eu venha a dizer, acredita nisso, por favor.*

— *Não fales com ela como se a morte fosse uma possibilidade* — dispara o Tairn, levantando os seus próprios escudos à nossa volta, um muro impenetrável de pedra preta que bloqueia o Xaden e a Sgaeyl.

Eu respiro fundo, usando toda a minha concentração para manter o poder contido e as emoções sob controlo quando a serpe acumula velocidade e passa pelas duas da frente a caminho das guarnições.

O tempo reduz-se a instantes e o ar que eu sorvo fica congelado no peito aquecido.

Depois, a serpe atravessa a barreira invisível e o meu coração deixa de bater de todo quando lhe vejo as asas a bater uma vez. Duas vezes.

— *Prepara-te para mergulhar.* — O Tairn gira a cabeça e abre as mandíbulas ao ver a serpe a aproximar-se até ficar a menos de um corpo de distância e eu preparo-me para a manobra. — *Esquece.*

As asas e a cabeça da serpe baixam-se e o resto do corpo segue-as imediatamente. A serpe cai, levada apenas pelo ímpeto que trazia, mais de dez metros abaixo de nós, e cai no campo, deixando um sulco profundo antes de parar.

— *É melhor verificarmos...*

— *O coração deixou de bater* — diz-me o Tairn, já com a atenção virada para as outras duas serpes junto à fronteira e para a horda atrás delas. — *As guarnições funcionam.*

As guarnições *funcionam*. O alívio reativa-me o coração.

O Mestre volta a brandir o bastão e solta um grito furioso, enviando a serpe da direita, que sofre o mesmo destino da outra alguns segundos depois, caindo a pouca distância da primeira.

O Tairn não olha quando a Sgaeyl mergulha para as carcaças, mas baixa os escudos.

— *Estão mortas* — confirma o Xaden um instante depois, e eu olho para baixo e vejo o Felix a chegar no seu Cauda de Espada Vermelho.

Estamos em segurança. Eu levanto as mãos e liberto a energia abrasadora dentro de mim. O relâmpago que eu manipulo rasga o céu, cai a pouca distância da serpe restante e eu praguejo baixinho.

Perto, mas não lhe acertei.

É o suficiente para o Mestre cancelar o ataque e, embora eu não lhe consiga ver os olhos de onde estou, sinto o ódio do olhar dele a fixar-se no meu quando ele vira a cabeça para trás antes de se juntar ao resto da horda.

— *É só isto?* — pergunto ao Tairn, que se mantém em posição, a ver as serpes a transformar-se novamente numa nuvem cinzenta. Tão... anticlimático. — *E agora?*

— *Agora ficamos aqui tempo suficiente para termos a certeza e depois vamos para casa.*

Esperamos mais três horas antes de voltarmos, tempo suficiente para a Suri chegar e nos dizer que aconteceram incidentes semelhantes nos diferentes penhascos. Não fomos os únicos felizes contemplados com uma única horda. Foi um ataque coordenado e simultâneo.

Mas sobrevivemos.

A atmosfera de alegria é contagiosa quando entramos na Casa dos Riorson algumas horas mais tarde, acompanhados pelo Felix, e eu sou imediatamente puxada para um abraço pela Rhiannon.

— Conseguieste levantar as guarnições! — As peles de voo dela ainda estão frias do ar da noite, o que significa que ela também acabou de regressar.

— *Nós conseguimos levantar as guarnições* — replico antes de ser arrancada dos braços dela e esmagada no peito do Ridoc, depois do Sawyer, enquanto tanto os cavaleiros como os voadores comemoram à nossa volta, num barulho que enche o espaço cavernoso da entrada da Casa dos Riorson e que, de alguma forma, faz com que a área pareça mais pequena da melhor maneira possível: menos como uma fortaleza e mais como uma casa.

— Temos de ir à sala da Assembleia imediatamente — diz o Xaden, a inclinar-se por cima da Sloane e a levantar a voz para ser ouvido no meio da cacofonia.

Os meus olhos fixam-se nos dele e eu assinto com a cabeça, mantendo os escudos bem levantados para o bloquear, o que me parece não só pouco natural mas também... errado. É irónico estar a comemorar uma vitória monumental sem deixar de sentir que perdi algo precioso. Não tivemos um segundo sozinhos para conversarmos sobre a confusão que me vai na cabeça por causa do sinete que ele escondeu e que ele já teria percebido se eu tivesse os escudos em baixo.

Não me consigo imaginar a fugir disto, a fugir de nós, mas isso não significa que não tenhamos assuntos muito sérios a discutir nem que eu não esteja zangada como o diabo por ele me ter dado *mais uma* razão para duvidar da minha capacidade para confiar no meu próprio discernimento. E não é por eu não me imaginar a fugir que não o vou fazer, se não encontrarmos uma boa base de entendimento. Estou a aprender depressa que é possível amar um homem e não querer estar com ele ao mesmo tempo.

Assim que entramos na sala da Assembleia e um guarda fecha a porta, o barulho do exterior desaparece e oito pares de olhos viram-se na nossa direção. Nenhum deles parece tão feliz como devia estar, tendo em conta o que acabámos de conseguir fazer.

A Syrena e a Mira afastam-se dos membros da Assembleia e dirigem-se para nós quando o Felix chama o Xaden ao estrado com um tom de urgência.

— Temos de arranjar tempo para falar — diz o Xaden rápida e calmamente e eu sei que ele só o faz em voz alta porque eu não o deixo entrar na minha cabeça.

— Mais tarde — concordo só para acabar com a conversa antes que a Mira e a Syrena nos ouçam. Não há tempo suficiente no mundo para processar o que ele me contou.

O Xaden afasta-se quando elas se aproximam e eu desvio o olhar das costas dele para dar atenção à minha irmã. A tensão no rosto da Mira faz com que o poder dentro de mim aumente rapidamente, como se o meu corpo estivesse a preparar-se para uma batalha.

— O que se passa?

— Assim que o ataque terminou, o Ulices recebeu uma missiva — diz-me ela. — Ele estava no posto avançado de Terria...

— Na fronteira com Navarre — termino por ela, ansiosa por chegar ao cerne da questão.

— O Melgren pediu-nos que nos encontrássemos com ele amanhã. Pediu a pessoa que representa o nosso movimento, embora não mais do que dois marcados, bem como a Violet e a Mira Sorrengail. — Ela estende a mão para a minha e aperta-a devagar. — Podes dizer não. *Devias* dizer não.

— Porque é que o general comandante de todas as forças de Navarre haveria de solicitar a presença de uma cadete e de uma tenente? — A minha voz esmorece e eu olho para o estrado, onde o Brennan está envolvido numa discussão acesa em voz baixa com os outros seis. — A nossa mãe vai lá estar.

— E se dali resultar alguma luta, sabemos que acabará a favor dele. De outra forma, ele nunca nos convocaria. Ele já viu o resultado.

Coloco esta adversidade na crescente lista de situações com que terei de lidar.

— Há mais uma coisa que precisas de saber — diz a Syrena, a sacar de um punhal e a pousá-lo na mão estendida. Com um movimento de pulso, o punhal levanta-se alguns centímetros e roda quando ela enrola o dedo indicador.

É uma magia menor simples, algo que aprendi no ano passado...

— Ainda consegues manipular. — O meu coração afunda-se quando penso nas implicações mais amplas deste facto e deixo cair os ombros.

Ela assente solenemente com a cabeça.

— Por mais feliz que esteja por não estar despojada do meu poder, lamento dizer que algo não está bem com as guarnições.

Foda-se.

O dia em que o sinete de Augustine Melgren se manifestou mudou a guerra para o reino de Navarre para sempre.

— NAVARRE, UMA HISTÓRIA NÃO EDITADA
DO CORONEL LEWIS MARKHAM



CAPÍTULO LVII

A ironia do encontro em Athebyne não me escapa, nem o facto de esta ser a segunda vez que visito o posto avançado na extremidade dos montes de Esben depois de descobrir que o Xaden Riorson me escondeu informação pertinente.

Passei a noite na biblioteca, o que, provavelmente, foi o melhor para todos, uma vez que eu continuo a remoer sobre as minhas ideias. Intenções. O que caralho seja.

Hoje estou com os olhos turvos de sono e inquieta, com mais perguntas do que respostas. Mas quando vejo o Xaden a aterrar no dorso da Sgaeyl, com o rosto tenso e fechado, sou capaz de reconhecer que o facto de me ter contado, quer quisesse quer não, foi um gesto de confiança brutal.

E, desta vez, não sou a última a saber. Sou a primeira. Talvez isso faça de mim uma idiota completa, mas acho que faz alguma diferença, mesmo que não tenha tido a oportunidade de lhe dizer... ou a oportunidade de o interrogar sobre a quantidade de intenções que ele *me* leu.

Não tenho a certeza de quantos *só-desta-vez* ainda consigo aguentar, por mais que o ame.

A nossa revoada de dez dragões aterra na clareira em cima da cumeada junto ao posto avançado ao meio-dia — uma hora antes do encontro marcado — e quatro dos dragões recuam imediatamente para a floresta, escondendo-se sob as enormes árvores de folha persistente que rodeiam o campo. Os outros seis mantêm-se lado a lado, prontos para se lançarem ao ar a qualquer momento.

— *Tens a certeza de que eles não vão perceber que eles estão aqui?*
— pergunto ao Tairn, a guardar os óculos de voo no saco antes de lhe deslizar pela perna abaixo. Quando aterro no chão gelado, estremeço. Acordei de manhã com um texto de cem anos colado à face e uma dor palpitante no pescoço.

— *Não exatamente, mas, a esta altitude, não há neve, pelo que não deixamos rasto da nossa passagem. Os dragões só sentem outros através da mente quando o permitimos. Desde que eles não deixem que o vento os denuncie, os outros vão saber que eles estão aqui, mas não vão conseguir identificar quantos vieram nem quem são.*

— *Isso não me deixa muito sossegada.* — Sobretudo tendo em conta quem insistiu em viajar connosco. Estendo os braços para o sol e enrolo o pescoço cuidadosamente para aliviar a rigidez dos músculos. Depois de lutar contra o Solas ontem e de acabar por adormecer em cima de uma mesa da biblioteca na noite passada, o meu corpo rebelou-se contra mim e não o posso censurar por isso.

— *Não és uma criança a precisar de ser confortada.*

Verdade, o que só serve para me lembrar da adolescente enraivecida que tenho à minha espera quando regressar a Aretia. Depois de lhe dizer que não haveria forma de explicar a presença dela mesmo que o Tairn a carregasse, ideia a que ela se opôs terminantemente, a Andarna lançou imprecações sobre toda a linhagem familiar do Tairn antes de nos bloquear a ambos para ir treinar com os anciãos.

A única resposta do Tairn foi um impropério murmurado sobre os humores dos adolescentes.

Não deixo de reparar que a Sgaeyl se coloca entre o Teine e a Fann, a intratável Cauda de Espada Verde do Ulices, e não ao lado do Tairn, o que

explica ou é a consequência do mau humor que lhe noto esta manhã.

A mãe e o pai estão de candeias às avessas e toda a gente o sabe.

O Xaden passa à frente da Fann, completamente indiferente à rosnadela que ela lhe dá por causa da proximidade, e tira as luvas quando se aproxima de mim.

— Não foste para a cama ontem à noite. — Ele franze o sobrolho a avaliar-me rapidamente o rosto antes de enfiar as luvas no bolso e eu emulo-lhe os movimentos para o caso de precisarmos de manipular.

Depois reforço os meus escudos.

— Estava na biblioteca com o Dain, debruçada sobre o diário do Warrick para ver o que é que percebi mal. Adormecemos ambos numa das mesas até a Jesinia e outros colegas se juntarem a nós para estudarmos mais. — Olho-o nos olhos, mas desvio-os antes de começar a massacrá-lo com perguntas ou fazer algo ainda mais irrefletido como perdoá-lo antes de conhecer as respostas.

— Pensava que a Jesinia não falava lucerano antigo. — Ele mal olha para os cavaleiros que passam por nós e se juntam à frente da Fann. Trouxemos três elementos da unidade da Mira além de membros da Assembleia.

— Não fala, mas o Sawyer está apaixonado e os outros estavam determinados a ajudar de qualquer maneira que pudessem. — Até a Cat, a Maren e o Trager se juntaram para mostrar apoio.

— Descobriste alguma coisa?

Os dragões levantam as cabeças ao ouvirem um som vindo do outro lado da clareira e a forma como as baixam rapidamente diz-me tudo o que preciso de saber. Seja cedo ou não, a reunião está prestes a começar.

— Não — respondo, mantendo os olhos nas árvores e lutando contra a apreensão que está a tentar atar-me um nó na garganta. *O sopro da vida dos seis e de um em conjunto incendiou a pedra numa chama de ferro.* O que é que me escapou? — Se tivesse descoberto, sabê-lo-ias.

— Ai sim? — O tom dele fica mais tenso.

— Sim, saberias. — O meu olhar salta ao encontro do dele. — Agradeço que não tenhas tentado convencer-me a não vir.

— Aprendi a minha lição em Cordyn. — Ele perscruta-me o rosto, mas não se aproxima de mim. — Deixa-me entrar. Nem que seja só por um segundo, deixa-me entrar.

O meu peito contrai-se a cada pulsação quando olho para ele. Nem sei exatamente o que me cabe a mim perdoar. O segredo é *dele*. Mas não consigo deixar de me perguntar até que ponto é que ele me leu as intenções. É isso que me faz hesitar, por mais que o ame.

— Violet? — É o tom de súplica descarada que me faz baixar os escudos apenas o suficiente para sentir o nosso vínculo a correr e o alívio imediato que lhe vejo no rosto é evidente. — *Se decidires contar-lhes o que eu sou para me castigares pelos crimes que cometi contra ti, eu compreendo.*

— *Queres falar sobre isso agora? Achas que é o momento mais adequado?* — Levanto as sobrancelhas a olhar para ele.

— *Queria falar sobre isso ontem à noite, mas parece que tu estavas demasiado ocupada a trabalhar para salvar Tyrrendor.* — A atenção dele vira-se para as árvores e a sombra do Tairn passa por cima da erva frágil da pradaria a rodar à nossa volta.

— *Estás-te a queixar?* — As nossas mãos roçam uma na outra quando nos viramos para quem quer que venha a sair do meio das árvores.

— *Por tu preferires garantir a segurança da minha casa a discutir comigo?* — Ele faz uma careta, mas entrelaça os dedos nos meus. — *Não, mas...*

A Mira aproxima-se por trás do Xaden, com uma passada confiante, embora tenha duas rugas de preocupação entre as sobrancelhas.

Eu aperto a mão dele, depois largo-a.

— *Preciso de saber uma coisa.* — Passo as mãos pelas ancas, contando os seis punhais embainhados no tronco. — *Alguma vez usaste o teu sinete para obter informação que me pudesse influenciar os sentimentos de alguma maneira?*

— *Nunca.* — Ele abana a cabeça, mas fecha as mãos junto às ilhargas e o maxilar lateja. — *Mas sempre me faltou um certo grau de autocontrole no teu caso e o nosso vínculo faz com que seja demasiado fácil que me envies as tuas intenções sem sequer te aperceberes.*

A morte seria previsível ao embaraço que acompanha esta revelação.

— *Posso carbonizá-lo, se quiseres* — sugere o Tairn. — *Mas vocês parecem muito apegados, na verdade.*

O calor afogueia-me o pescoço e queima-me as bochechas, lembrando-me dos tempos em que o meu escalpe formigava quando ele estava por perto.

— *Sabias que eu te queria beijar naquela noite junto ao muro...*

Deuses, nem sequer consigo concluir a pergunta.

As copas das árvores começam a oscilar.

Eles trouxeram dragões.

— *Sabia.* — O Xaden relanceia para mim. — *E peço-te as minhas mais sinceras desculpas. Se eu soubesse aquilo em que nos tornaríamos* — ele abana a cabeça — *, foda-se, provavelmente tê-lo-ia feito na mesma.*

— *Ainda o fazes?* — Tenho de saber.

— *Não. Parei assim que começaste a ser mais para mim do que a filha da general, assim que percebi o mal que o Dain tinha feito... e que eu não era melhor do que ele.*

A diferença é que ele não transmitiu a informação que roubou nem foi o responsável pela morte do Liam e da Soleil. No entanto, consegui fazer as pazes com o Dain de alguma maneira, não foi?

Talvez eu esteja a ficar complacente com a traição porque está em toda a parte.

— *Eu não te vou denunciar* — digo, rapidamente, a olhar para ele quando a Mira se aproxima o suficiente para nos ouvir. — *Mas vamos discutir isto mais logo.* — Levanto as sobrancelhas.

Um músculo no maxilar do Xaden lateja como se ele quisesse dizer mais, mas acrescenta apenas:

— *Vou certificar-me de que estarei disponível para ti.*

— Estão prontos para isto? — pergunta a Mira, passando à frente do Xaden para se pôr ao meu lado.

— Não — respondo à Mira. — Tu estás?

— Não. — Ela pousa a mão no botão da espada curta embainhada na anca. — Mas ela nunca o saberá.

— Quero ser como tu quando for grande. — Esboço um sorriso apesar da ansiedade que me acelera a respiração.

— Vais ser melhor do que eu — responde ela, antes de olhar para cima de mim para falar com o Xaden. — Já agora, não o conseguiste convencer a ficar em Aretia?

— Eu não manipulo emoções e os membros da Assembleia não reagem bem se os tentarmos atar e restringir. — O Xaden levanta a mão esquerda para cima do ombro e saca de uma das espadas amarradas às costas, deixando a mão direita livre para manipular. — Se estás à espera de trabalho de influência mental, procura um voador.

Contenho um murro por pouco ao ouvi-lo a usar a semântica desta maneira, porque é claro que ele é especializado em trabalho mental.

— Cá vamos nós — murmura a Mira quando sete figuras vestidas de preto entram na clareira.

Eu fecho a mão direita no punhal e abro a porta dos Arquivos, deixando o poder escorrer para dentro de mim.

O Melgren vem a caminhar no centro, os olhos pequenos a percorrer a nossa linha de cavaleiros de Aretia. Não preciso do dom da Cat para lhe intensificar a raiva. Ele usa a fúria como se fosse parte do uniforme.

Obrigo-me a olhar para os outros membros do grupo escolhido e reconheço apenas três, dois dos quais foram ajudantes da minha mãe a determinada altura.

— *O coronel Fremont, o segundo à esquerda, é um manipulador de ar muito poderoso* — digo ao Xaden. — *É capaz de nos sugar o ar diretamente dos pulmões.*

— *Obrigado.* — As sombras erguem-se à frente de nós os três, enrolando-se em dedos que parecem lâminas ao nível dos nossos joelhos.

Depois, o meu olhar cai na minha mãe.

Caminha ao lado do Melgren, a atravessar o campo com passos rápidos e eficientes e a atenção dividida entre mim e a Mira. Quanto mais se aproxima, mais se nota que está exausta. O espaço abaixo dos olhos está marcado por sombras muito escuras que contrastam com a tez mais clara do que o normal, embora as linhas dos óculos de voo indiquem que está a passar bastante tempo no ar.

A Mira inclina o queixo e faz das feições uma máscara que eu invejo e faço o melhor que posso para emular.

Os dragões seguem-nos, liderados pelo dragão do Melgren, o Codagh, que está agora a sair do meio das árvores. O dragão preto que parece um pesadelo baixa imediatamente a cabeça, sem deixar de avançar com o passo decidido, e semicerra os olhos dourados focados em mim... não, no Tairn, que está atrás de mim. Foda-se, quase que me tinha esquecido do tamanho dele, à vontade um metro e meio mais alto do que o Tairn, com inúmeras cicatrizes de batalha a marcar-lhe as escamas do peito e as asas.

O dragão da minha mãe, o Aimsir, vem logo a seguir, a caminhar, ativo, na nossa direção, quando vemos os outros cinco a aparecer, um cor de laranja, dois vermelhos... e um azul.

O Tairn avança um passo e levanta a cabeça para cima da minha e eu ouço um ronco ameaçador a ressoar-lhe pela garganta acima.

— *Não te babes em cima de mim* — gracejo, mas ele não se ri.

Os cavaleiros navarreses caminham para o centro do campo e, quando o Ulices se mexe, nós fazemos o mesmo, deixando três metros de campo vazio entre as nossas fileiras. Espadas e punhais brilham a uma distância de fácil acesso de ambos os lados.

— E eu a pensar que estava morto, Ulices — começa o Melgren, abrindo um sorriso forçado que não passa de um arreganhar de dentes.

— E eu a esperar que o *Melgren* estivesse — replica o Ulices, usando a altura para olhar para o Melgren de cima para baixo.

— Nem sempre temos sorte — responde o Melgren. — O que é feito da ideia de nos encontrarmos no posto avançado? — Faz sinal para as árvores atrás dele. — Temos umas bebidas à espera se desejarem...

— *Provavelmente envenenadas* — acrescenta o Tairn, mas parece ligeiramente distraído, como se estivesse a ter mais do que uma conversa ao mesmo tempo, provavelmente porque está mesmo.

— Não desejamos — interrompe o Xaden. — Diga o que tem a dizer, Melgren.

O olhar do Melgren salta para o Xaden.

— Nunca o devíamos ter deixado entrar no quadrante.

— O arrependimento é fodido, não é? — O Xaden levanta a cabeça. — Vamos ao que interessa. Pode não ter nada melhor para fazer o dia inteiro, mas nós estamos ocupados a lutar pelo nosso Continente.

— Nada melhor? — atira o Melgren, com o rosto a adquirir tons de vermelho. — Sabe a destruição que causou quando deixou aquelas serpes nos postos avançados? Tudo o que tivemos de fazer para abafar a situação? Os civis tiveram de... — O general detém-se, respira fundo e endireita os ombros. — Além disso, por pouco não destruiu séculos de trabalho, de estratégia defensiva muito bem orquestrada para proteger as pessoas dentro das nossas fronteiras.

— Mas só as pessoas dentro das vossas fronteiras — acusa a Mira. — Todos os outros que se fodam, não é?

Os olhos da mãe reluzem em censura mal contida.

— Sim. — O Melgren vira aquele olhar enervante para a minha irmã. — Quando temos de abandonar o navio no meio de um furacão, salvamos os que podemos no barco salva-vidas e cortamos as mãos de todos os outros que tentam subir a bordo para que não acabem por nos afundar.

— Sacana insensível de merda — riposta ela.

— Obrigado.

— Há alguma razão para estarmos aqui? — pergunta o Xaden. — Tirando esse sermão do vilão malvado? — A luz do Sol reluz na lâmina da

espada que ele tem na mão quando a movimenta no punho.

— Nós *deixámos-vos* sair — responde o Melgren, a olhar alternadamente para o Ulices e para o Xaden. — Deixámos-vos levar metade dos cadetes do Quadrante dos Cavaleiros sem sequer lutarmos. Deixámo-la sair a ela — o olhar fulminante passa pelo meu e eu contraio os músculos para não estremecer —, depois de ela assassinar brutalmente o vice-comandante. Alguma vez pararam para pensar porquê?

Sinto um aperto no estômago.

— Eu, pessoalmente, tento *não* pensar em si — responde o Xaden, mentindo abertamente, mas, caramba, fá-lo com mestria.

— Vocês não se podem dar ao luxo de perder cavaleiros que são necessários para lutar contra nós — responde o Ulices. — É demasiado caro manter-nos, sobretudo tendo em conta o número de cavaleiros e de dragões que decidiram abandonar Basgiath.

— Talvez. — O Melgren inclina a cabeça. — Ou talvez eu tenha deixado.

Aperto mais o punho no cabo do punhal.

— Talvez — o general arrasta a palavra — eu soubesse que precisaríamos de vocês na batalha que se avizinha.

Altamente improvável. Contra quem é que eles poderiam ter de lutar atrás das guarnições?

— Irei ter com Malek antes de voltar a lutar por Navarre — rosna o Ulices.

— Sempre foi demasiado precipitado a tomar decisões importantes — diz o Melgren a bater no peito. — Foi por isso que não lamentei a sua perda.

Caramba. Esta doeu.

— Esta reunião está terminada — começa o Ulices, com o vermelho a subir-lhe pelo pescoço e a espalhar-se pelas faces.

— Eles vão invadir Samara — interrompe o Melgren.

Toda a gente fica calada.

Eu tenho dificuldade em sorver o ar. Com certeza que não era isto que ele queria dizer. Olho para a minha mãe e sinto os joelhos a ceder com o aceno subtil de cabeça que ela me lança. Até a Mira fica tensa.

— Eu vi — continua o Melgren. — Vêm atrás de nós no solstício e vencem.

Merda, ele disse *exatamente* o que queria dizer. Sinto um arrepio a subir-me pela espinha e o sangue a desaparecer-me do rosto. Se Samara cair, se *algum dos* postos avançados cair, as serpes terão um acesso ilimitado a partes de Navarre que as extensões das guarnições protegeram ao longo dos últimos seis séculos.

Sem os postos avançados, as guarnições recuariam para os seus limites naturais a poucas horas de voo de Basgiath e não chegariam sequer perto da fronteira.

— Como? — desafia o Ulices e os cavaleiros da unidade da Mira trocam olhares incrédulos.

— *Faz-me um favor* — digo ao Xaden. — *Esquece a história de te sentires culpado por teres lido as minhas intenções e lê as deles.*

— *Estão todos com os escudos levantados, exceto a major à esquerda, mas essa está cagadinha de medo e tem intenção de fazer tudo o que for preciso para que nós aceitemos* — responde ele, movimentando-se de forma a que a mão roce nas costas da minha. — *Oh, e quer comer depois desta reunião e discutir com a tua mãe sobre o pretenso afeto que ela tem pelas filhas. Agora levanta os escudos e bloqueia-me, a mim e a toda a gente.*

Caramba. Não admira que matem os intínicos todos. O Xaden é ao mesmo tempo uma arma notável e um fator de risco assustador. Faço o que ele sugere e só deixo espaço para o Tairn e para o vínculo opaco, mas reluzente, que sinto com a Andarna, mesmo à distância.

— *O como* não é o que importa. — O Melgren cruza os braços à frente do peito e o Codagh arreganha os dentes gotejantes. — O que importa é que perdemos no solstício.

Eles *perdem*. Se as guarnições forem violadas, não há forma de prever o número de mortes. Todos os civis de Navarre que vivam entre a fronteira e

as limitações naturais da pedra de proteção ficarão em perigo.

— *Prateada?*

— *Estou bem.* — Mas não estou.

— Se já viu o resultado, o que diabo é que espera que nós façamos quanto ao assunto? — pergunta o Ulices, a levantar as mãos e a encolher os ombros.

A minha cabeça vira-se na direção dele, mas mordo a língua antes de poder responder que é óbvio que ele espere que nós *ajudemos*.

— Que alterem o resultado, combatendo ao nosso lado. — O Melgren franze o sobrolho como se estivesse a ser obrigado a engolir um fruto podre. — Nenhum de vocês está presente na batalha que eu vejo. — O general relanceia para o Xaden.

— E não vamos estar. — O Ulices abana a cabeça. — Não é por vocês que voamos.

Não, voamos por... alto lá, voamos por quem, afinal? Não só por Aretia nem sequer Tyrrendor. E se estamos dispostos a lutar para defender os civis de Poromiel, porque é que não haveríamos de defender os navarreses também?

— Não, mas voam pelo Empíreo — interrompe a minha mãe. — Os dragões não vão abrir alas se os campos de desova do Vale estiverem em risco.

— *A tua mãe está a arrogar-se a pretensão de falar pelos dragões* — murmura o Tairn.

— *Se os campos de desova estiverem em risco. Perder um posto avançado não irá derrubar todo o sistema e metade da vossa revoadá veio connosco* — recordo-lhe.

— E vocês têm orgulho disso? O que vocês provocaram pode muito bem ser a razão por que vamos perder esta batalha! — rosna o capitão espadaúdo ao lado da minha mãe, levantando a espada curta na minha direção.

Eu rodo o meu punhal, agarrando a ponta entre os dedos, preparada para o atirar, mas vejo sombras a avançar de chofre, que tiram a espada da mão do capitão e o atiram para o chão.

O Xaden estala a língua junto aos dentes e brande o dedo indicador.

— Não, não. Detestaria perder o espírito de civilidade, o capitão não? Estávamos todos a dar-nos tão bem.

— Traidor de um raio — atira o capitão, a apalpar o chão à procura da espada antes de se pôr de pé. — Malek vai fazê-lo pagar pelos seus crimes.

A minha mãe embainha um punhal que não a vi a sacar, com a atenção dividida entre o capitão e o Xaden.

— Já tentei ir ter com ele. Ele não me quis... não quis nenhum de nós, lembra-se? — O Xaden esfrega a relíquia com a mão vazia.

— Chega — grita o Melgren. — Eu não espero que se aliem a nós sem receberem nada em troca. Lutem connosco em Samara e eu tenho a palavra do rei Tauri de que ele respeitará a independência do vosso grupo... e da cidade em que se refugiaram.

Os meus pulmões ficam congelados quando inspiro.

— *Ele sabe de Aretia?*

— *Não consigo perceber.*

— Não vamos recrutar os vossos cidadãos para o nosso exército nem arrastar as vossas gentes para uma guerra na fronteira que vocês não têm possibilidade de vencer. — O Melgren encolhe os ombros.

— Se acreditasse realmente nisso, ter-nos-ia invadido assim que nós nos fomos embora. — A Mira parece aborrecida. — A menos que tivesse visto que a batalha não lhe ia correr bem.

— Esta é a nossa única oferta. — O Melgren ignora a Mira e foca-se no Ulices. — Se não são nossos aliados, são nossos inimigos.

Aliados. É a resposta lógica.

— Acho que vamos passar esta — diz o Ulices com indiferença, como se estivesse a recusar uma oferta para beber um chá. — Um reino que nunca se dispõe a ajudar os outros não merece ajuda quando precisa.

Pessoalmente, acho que vocês merecem o que os manipuladores de magia negra vos venham a fazer.

Eu pestanejo e todo o meu corpo se rebela contra a ideia de que os civis merecem morrer só porque a chefia não esteve à altura, seja qual for essa chefia.

— E fala pela sua *rebelião*? — A atenção do Melgren vira-se para o Xaden. — Ou essa honra cabe ao sucessor natural?

O Xaden não morde o isco nem contesta a afirmação do Ulices. Mas vai fazê-lo, não vai?

O rosto da minha mãe fica lívido quando ela olha para mim e para a Mira, depois mais para trás, e, pela primeira vez na minha vida, vejo-a a cambalear, como se alguém lhe tivesse dado um murro que a deixou atordoadada.

Ouçó passos pesados de botas atrás de mim, mas não consigo desviar os olhos das emoções que perpassam pelo rosto da minha mãe em rápida sequência o tempo suficiente para ver quem é que se aproxima e, na verdade, não preciso de o fazer.

— Nós decidimos em comité — anuncia o Brennan, com o braço a roçar no meu quando se detém entre mim e a Mira. — E penso que posso dizer com segurança, em nome do quórum, que não defendemos reinos que sacrificam civis vizinhos — a cabeça vira-se para a mãe e ela esbugalha os olhos — e até os próprios *filhos* para poderem estar escondidos em segurança atrás das guarnições. Vocês não vão escapar ao sofrimento que obrigaram o resto do Continente a suportar.

— Brennan? — sussurra a minha mãe, e o impulso de atravessar o espaço que nos separa e segurá-la é tão forte que mal o consigo conter.

— Foda-se, Brennan, então? — sussurra a Mira.

— Quando tens os três filhos à tua frente do outro lado da barricada, talvez seja altura de alguma autorreflexão. Esta *reunião* está oficialmente terminada — afirma o Brennan com o olhar fixado na nossa mãe. — Os vossos campos de desova *não* estão em perigo e a nossa revoada já tem crias próprias para proteger. — Pousa a mão em cima do coração. — Estou

a dizer isto com todas as fibras do meu corpo. Recusamos a vossa oferta de paz e aceitamos a guerra de bom grado, uma vez que parece que não vão sobreviver mais duas semanas para a combater. — O meu irmão roda sobre os calcanhares e afasta-se, deixando a nossa mãe a olhar-lhe para as costas cada vez mais distantes de boca aberta.

Será que isto acaba mesmo aqui? Com a Suri e a Kylynn na floresta atrás de nós, é verdade que a Assembleia tem um quórum, mas o Xaden ainda não falou.

— Certo. — O Xaden assente com a cabeça e a tensão contrai-lhe os músculos do pescoço. — Se fosse a vocês, tentaria contactar os aliados que vos ajudaram na Grande Guerra em primeiro lugar... ou esperaria. Cortaram o contacto com eles há séculos. Creio que isto é mesmo o adeus.

Eu relanceio para ele e disfarço rapidamente a minha surpresa. Vão mesmo deixá-los à sua sorte. Nós vamos deixá-los à sua sorte.

Os olhos semicerrados do Melgren brilham de fúria.

— Estamos conversados. Faça o que tem de fazer para se despedir — diz ele à minha mãe, antes de caminhar em direção às árvores com o Codagh ao lado, a virar-se para trás e a arreganhar os dentes em advertência para quem quer que tivesse a infeliz ideia de atacar o cavaleiro dele por trás.

Todos os cavaleiros navarreses menos a minha mãe o seguem.

— Brennan — sussurra de novo a minha mãe, com os ombros a cair para a frente quando cobre a boca com a mão. Os olhos marejam e a dor que vejo dentro deles obriga-me a desviar o olhar.

Os nossos cavaleiros não demoram a montar os respetivos dragões, deixando-me só no campo com o Xaden e a Mira.

— Porque é que queria ver a Violet e a Mira? — pergunta o Xaden num tom desprovido de simpatia.

— Ele está vivo? — pergunta a mãe à Mira, com a voz sumida pelo que penso que será o choque.

— Como é óbvio — responde ela a cruzar os braços.

O olhar da mãe vira-se para mim, como se eu lhe fosse dar uma resposta diferente.

— Foi ele quem me reparou depois de eu ter sido atingida por um punhal de um venéfico nailharga.

Os olhos dela tornam-se mais contundentes.

— Já sabias há *meses*?

— É terrível quando não nos contam as coisas, não é, mãe? — dispara a Mira. — Sentir que a nossa própria família nos mentiu, talvez até que nos tenha traído.

— Mira — repreendo.

— Ela também te sacrificou a ti, Violet — recorda-me a Mira. — Talvez te tenha mandado para o Quadrante dos Cavaleiros para te salvar da morte como copista assim que soubesses a verdade ou talvez o tenha feito para te matar antes de poderes saber a verdade e acabar com a preciosa escola de guerra dela — a minha irmã olha-me de soslaio —, que foi o que tu fizeste, se bem te lembras.

A mãe endireita os ombros e levanta o queixo, recompondo-se com uma velocidade surpreendente e invejável.

— Preciso de falar com as minhas filhas — diz ao Xaden.

Ele arqueia a sobancelha cicatrizada e olha para mim para tomar uma decisão.

Eu assinto com a cabeça. Se o que o Melgren disse é verdade e ela for chamada para a linha da frente, esta pode ser a última vez que a vejo. A ideia deixa-me maldisposta. Uma coisa é deixá-la, cortar todo o tipo de contacto, e outra é deixá-la sabendo que vai *morrer*.

O Xaden recua sem dizer mais nada e só vira costas depois de passar pela garra do Tairn.

— O que é que queres? — pergunta a Mira.

— Não sei se isso importa neste momento. — A mãe desabotoa o casaco de voo com os dedos trémulos. — Mas o que mais quero, o que sempre quis, é que os meus filhos estejam vivos. As guarnições que vão

levantar com as instruções do diário do Warrick não vão funcionar, façam o que fizerem.

A Mira retesa-se.

— As nossas guarnições estão ótimas.

A Mira mente com a mesma naturalidade do Xaden.

— Não, não estão. — A mãe dá um sermão inteiro com um simples olhar. — Abram os corpos das serpes que morreram a cruzar a vossa fronteira ontem.

Eu entreabro os lábios.

— Porque é que pensas que eu não estaria a par das atividades na vossa fronteira, Violet? Sem saber onde estavam as minhas fi... os meus filhos? — Ela abana a cabeça e despe-me com um olhar rápido e contundente que me transporta imediatamente para quando tinha cinco anos, antes de se virar para a Mira. — Lembras-te do aspeto das carcaças das serpes em Samara? As que o Riorson teve a amabilidade de lá deixar?

A Mira assente com a cabeça.

— As pedras usadas para as criar não passavam de rochas frias e marcadas.

Pedras? Os manipuladores de magia negra têm *runas*?

— Lembro. Eu estava lá. — O tom da Mira fica mais pungente.

— Se não acreditas em mim, vai ver as serpes que mataram ontem.

— E depois? — pergunto.

— Corrijam as vossas guarnições. — Ela retira um caderno de pele do casaco e eu arregalo os olhos quando o reconheço. — Se não, com o tempo, vão esmorecer até desaparecerem. O vosso pai disse-me um dia que a investigação dele mostrava que o Warrick não queria que mais ninguém tivesse o poder de criar guarnições. Queria que Navarre estivesse por cima para sempre. Mas o Lyra achava que o conhecimento devia ser partilhado.

— O Warrick mentiu — sussurro. Mas sobre *o quê*?

Ela estende-me o diário cujo roubo me valeu alguns dias de tortura e depois prega-me a alma ao chão com a intensidade do olhar.

— Tens o coração de uma cavaleira, mas a cabeça de uma copista, Violet. Tenho confiança de que te possas proteger não só a ti mas também à Mira e — a minha mãe engole em seco — ao Brennan.

Eu abro o diário o tempo suficiente para reconhecer que a língua é o morrainiano. Sinto o coração a afundar-se por um segundo, mas fecho o diário, desaperto os botões do casaco e enfio-o no bolso interno. A tradução deste livro vai ter de ser feita pela Jesinia. O morrainiano é uma das línguas mortas que eu *não sei* ler.

Ela olha ansiosamente por cima do meu ombro, antes de olhar para a Mira e para mim.

— Vocês não têm de compreender as minhas escolhas. Só têm de sobreviver.

Eu amo-vos o suficiente para suportar o peso da vossa desilusão. — Antes de qualquer uma de nós responder, ela roda sobre os calcanhares, passa pelo Aimsir e desaparece na floresta.

— Achas que ela nos está a dar tanga? — pergunta a Mira.

— Eu acho que os voadores conseguem manipular.

— Bem visto.

No voo de volta para Aretia, a Mira e eu saímos da formação e dirigimo-nos para a carcaça de serpe mais próxima. O Xaden mantém-se fiel à sua declaração de que aprendeu uma lição e não discute quando nos separamos da revoada.

Meia hora — e algum trabalho criativo da Mira com o punhal — depois de localizarmos os corpos das serpes, a Mira retira um pedaço polido do que parece ser ónix marcado com uma runa complexa que eu não seria capaz de começar sequer a replicar.

E o raio da pedra está a vibrar.

Oh, *merda*. Foi por isso que as serpes reapareceram de repente? Alguém deu runas aos venéficos?

Como se a pedra tivesse chamado a parceira, a carcaça a mais de cinco metros de distância treme e as nossas cabeças disparam para o olho dourado gigante que se abre.

— Foda-se, não — sussurra a Mira, a sacar da espada.

Mas eu já sou uma porta aberta para o poder do Tairn, que, quando lanço as palmas das mãos para cima, se liberta, motivado pelo meu pânico. O relâmpago rasga os céus num clarão que me ofusca e acerta no alvo.

O estrondo atira-me para trás juntamente com a Mira, projetando-nos de encontro ao corpo frio e rígido da serpe atrás de nós. A dor desce-me pela espinha, mas tudo parece estar onde devia estar quando bato com o cu no chão ao lado da minha irmã.

Ficamos ambas sentadas num silêncio cheio de pasmo a olhar para a serpe que está carbonizada e a fumegar à procura de sinais de movimento.

— Tens a certeza de que os relâmpagos as matam? — pergunta a Mira ao fim de alguns minutos de tensão.

— Tenho — respondo. — Graças a Dunne que os manipuladores de magia negra não ficaram por cá para ver isto. — A vertente do penhasco estaria carregadinha de serpes reanimadas.

Ela vira a cabeça devagar na minha direção, sempre com um olho no corpo.

— Não te quero pressionar, mas se não descobrires em que é que o Warrick mentiu, estamos todos fodidos.

— Certo. — *Porque fiz um trabalho tão bom da primeira vez.* Nem sequer sei morrainiano. Terei de me fiar completamente na Jesinia e comparar ambos os diários. Sorvo o ar com hesitação. — Não me queres pressionar.

Os campos de desova combinados de Basgiath são o maior ativo da nossa geração... e o nosso maior fator de risco.

— O DIÁRIO DE WARRICK DE LUCERAS

— TRADUZIDO PELOS CADETES VIOLET SORRENGAIL E DAIN AETOS



CAPÍTULO LVIII

— Teimoso de merda — murmuro, a virar a esquina imediatamente antes do auditório e a dirigir-me para o ginásio de treino de combate. Falar com o Brennan não me levou absolutamente a lado nenhum ao longo da semana que passou e a forma rápida e eficaz como ele recusou o meu pedido genuíno para voltar atrás na decisão da Assembleia em relação ao problema de Samara deixa-me o sangue a ferver.

Abro as portas com um pouco mais de força do que a necessária e encontro o ginásio de treino de combate tal como esperava que estivesse às dez horas da noite, no meio de um fim de semana, e mal iluminado pelo brilho frio das luzes mágicas que pairam sobre cada tapete individual.

O Xaden está em pé no tapete do centro do ginásio com os pés afastados e os braços cruzados à frente do peito, vestido com equipamento de treino de combate e aquela máscara de indiferença cuidadosamente construída por que ele é conhecido.

— Pensava que estavas a brincar quando recebi a tua nota. — Fecho a porta do ginásio, foco-me no ferrolho e levanto a mão para canalizar apenas o poder suficiente para ouvir a lingueta a fechar-se com um clique

satisfatório. — Não te vejo há uma semana e é aqui que te queres encontrar comigo?

Ele foi enviado para monitorizar Draithus logo depois do regresso de Athebyne.

— Pensei que íamos discutir. E haverá um lugar melhor do que um ginásio de treino de combate? — Fica completamente imóvel à espera que eu vá ter com ele. Está sem as espadas que costuma trazer atrás das costas, mas tem dois punhais atados à anca.

— Agora tens um quarto protegido — lembro-o, a subir ao tapete. Embora não tenha a certeza da capacidade daquelas guarnições dado que o nosso método de erguer as guarnições de Aretia tem falhas óbvias.

— Agora *temos* um quarto protegido — corrige-me ele com o olhar a passar sedento por mim enquanto eu continuo a avançar, parando apenas a pouco mais de meio metro de distância do corpo dele.

Não o posso censurar quando estou a fazer exatamente a mesma coisa, a beber todos os pormenores da sua aparência. Esteja ou não esteja ainda chateada por causa da última revelação que me fez, senti falta dele todos os minutos em que ele esteve fora, como sempre aconteceu.

— O que é que vamos discutir exatamente? O facto de a Assembleia ter votado para deixar Navarre defender-se sozinha? Ou o segredo que *voltaste* a esconder-me?

O maxilar dele lateja.

— A maioria votou quando regressámos e, embora os pormenores do voto sejam confidenciais, vou quebrar os regulamentos para te dizer que eu *perdi*.

— Oh. — O grosso da minha ira amaina. — E preferes discutir a segunda questão aqui? Onde qualquer pessoa pode entrar e ouvir-nos?

— *A menos que haja algum intínscico nas redondezas, ninguém nos consegue ouvir desta forma.* — Faz sinal para o ginásio vazio. Depois estende a mão e enrola os dedos na minha direção. — Vá lá. Eu sei que estás chateada, e não, não preciso do vínculo entre nós para perceber isso. Nota-

se em cada traço do teu rosto, na forma como cerras os lábios, na tensão dos teus ombros.

Descontraio a minha postura de propósito.

— Tens razão, *não* precisas do vínculo.

— Estás a ver? Continuas chateada. — Ele movimenta-se tão depressa que eu quase não tenho oportunidade de levantar as mãos antes de ele me pregar uma rasteira.

Merda.

Ele cai comigo, protegendo-me da queda com uma mão e aparando o peso dele com a outra. Pode não me ter cortado a respiração, mas fico sem fôlego na mesma. Apoio as mãos no peito do Xaden e o rosto dele fica a centímetros do meu, enchendo-me a visão e bloqueando o mundo à nossa volta.

— Não vou lutar contigo.

— Porquê? — Ele franze o sobrolho, confuso. — Tens um professor melhor? Ouvi dizer que o Emetterio te está a ensinar um leque de técnicas novas, por os venéficos se adaptarem tão rapidamente aos nossos estilos de luta.

— Está, mas não vou treinar contigo porque quero *mesmo* dar-te cabo do couro. — Abano a cabeça e a minha trança fica presa levemente no tapete.

— Oh, achas que me consegues magoar. — O sorriso lento que ele me lança faz-me semicerrar os olhos. Eu movo a mão, tiro um punhal da bainha nas costelas e levo-o à pele quente da garganta dele, imediatamente acima dos traços serpenteantes da relíquia.

— Nem sequer vou dignificar esse comentário com uma resposta. — *Ele que se foda.* Certifico-me de que tenho os escudos em baixo para que ele ouça a imprecisão.

Ele arregala os olhos com algo que parece orgulho e baixa-se para a lâmina.

Eu recuo só o suficiente para não derramar sangue.

Acho que ambos demonstrámos o nosso ponto de vista.

— Tu és capaz de me magoar de formas que não tenho a certeza de que estejas sequer perto de compreender, Violet. Eu posso ter capacidade suficiente para desferir um golpe mortal, mas tu sozinha tens o poder de me *destruir*. — Ele retira a mão de debaixo das minhas costas para aguentar melhor o próprio peso. — Agora, podemos falar aqui ou podemos ver se a Sgaeyl e o Tairn já deixaram de discutir e atravessar esta tempestade de neve até chegarmos ao próximo cume vazio, mas, não te iludas, vamos resolver isto.

Eu volto a enfiar o punhal na bainha e depois levo-lhe novamente a mão ao peito.

— Num tapete de treino de combate? — O coração dele bate sob as pontas dos meus dedos, forte e regular, ao contrário do meu, que martela como um tambor. Tive uma semana para assimilar a informação, uma semana para desejar que ele estivesse por perto para poder gritar com ele, mas também uma semana para refletir sobre as razões lógicas que ele tinha para não me contar nada.

Sendo a principal o facto de ele dar valor à vida.

— No nosso quarto não vai ser de certeza. — O joelho dele separa os meus. — Não discutimos no quarto.

— Desde quando? — É a frase mais ridícula que eu já ouvi. É o único lugar privado que temos na casa inteira.

— Desde agora mesmo. Acabei de inventar essa regra. Não discutimos no nosso quarto.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Claro que é. — Ele baixa o olhar para a minha boca. — Fazemos as regras quando elas se tornam necessárias. Vá lá, faz tu uma.

— Uma regra? — Eu levanto a perna e apoio o pé no chão para me poder alavancar se for preciso, mas o movimento também arrasta a parte interior da minha coxa pela anca dele e raios me partam se isso não me provoca uma ânsia que ele está em ótima posição para aliviar.

— O que quiseses.

— Não guardamos segredos. Acabaram-se os *faz-me perguntas*. Acabaram-se os testes para ver quem está mais empenhado nesta relação. Quero abertura total entre nós... — Inspiro para me acalmar e fixo os salpicos dourados dos olhos dele para recordação futura para o caso de esta ser a última vez que os vejo. — Ou isto ou nada.

— Feito.

— Estou a falar a sério. — A minha mão desliza-lhe pelo peito acima até ao local onde o ombro acaba e o pescoço começa. — Embora eu saiba que tinhas razão. Eu não estava a fazer as perguntas certas porque tinha medo das respostas. .. e talvez continue a ter, uma vez que nunca foste completamente aberto comigo. Quase toda a gente na minha vida me guardou segredos por eu não fazer as perguntas *certas*, por não olhar para além da superfície, e eu compreendo que vai haver momentos em que não me vais poder dizer tudo... faz parte da natureza do que somos como cavaleiros... mas preciso que deixes de me condenar ao fracasso insistindo que eu descubra o que *há* para perguntar.

— Feito. — Ele assente com a cabeça. — Só... — Um músculo lateja-lhe no maxilar.

— Só? — Os meus dedos deslizam-lhe pelo pescoço quente até ao cabelo.

— Preciso de saber que vais estar aqui. Que, independentemente do que venha a acontecer, tu vais voltar para conversarmos ou discutirmos. — O olhar dele baixa para a minha boca e depois passa-me pelas feições do rosto.

Sinto um aperto no coração e passo-lhe a mão pelo peito, pelas costelas, pelas costas e depois paro.

— Feito.

As rugas entre as sobrancelhas do Xaden desaparecem.

— Preciso que *tu* saibas que, independentemente da informação que eu guardar, confias em mim e amas-me o suficiente para saberes que eu nunca deixaria que essa informação te magoasse. Eu não sou uma pessoa que se abra com facilidade, mas aprendi a minha lição, acredita. Mesmo que seja

confidencial, não vou guardar nenhuma informação que afete a tua tomada de decisão. — Engole em seco, depois apoia o peso em cima de um braço e passa com as costas da mão pela minha face. — Preciso de saber que não vais fugir, que sabes que nunca terás de o fazer.

— Eu amo-te — sussurro. — Podias colocar o meu mundo inteiro em ebulição e eu continuaria a amar-te. Podias guardar segredos, dirigir uma revolução, frustrar-me até mais não, provavelmente até *arruinar-me*, e eu não deixaria de te amar. Não consigo travar o amor. Nem quero. Tu és a minha gravidade. Nada no meu mundo funciona sem ti.

— Gravidade — sussurra ele e a boca curva-se num sorriso lento e lindo.

— A força de que nunca conseguimos fugir — respondo em provocação. Depois o meu sorriso esmorece. — Mas estou a falar a sério. — Levanto as sobrancelhas a olhar para ele. — Tens de me deixar entrar completamente, se não nem todo o amor do mundo poderá manter-nos juntos. Eu sou uma pessoa que *precisa* de informação para manter o equilíbrio.

— Feito — sussurra ele. — Queres saber mais sobre o meu pai? O meu avô e a Sgaeyl? A rebelião?

Talvez algo mais fácil.

— Onde está a tua mãe?

Ele sobressalta-se, mas disfarça rapidamente o reflexo.

— Ninguém fala sobre ela — continuo. — Não há quadros nem referências à presença dela nas execuções de Calldyr. Nada. É como se tu tivesses saído de um ovo e não do ventre de uma mulher.

O momento alonga-se entre nós.

— Ela foi-se embora quando eu era pequeno. O contrato de casamento dizia que, se um herdeiro sobrevivesse até aos dez anos, ela estava livre para partir, que foi o que ela fez. Não a vi nem soube nada dela desde então. — A voz dele parece ter sido arrastada em cima de vidro partido.

— Oh. — Abro bem a mão no peito dele. — Lamento. — Agora sinto-me uma merda por ter perguntado.

— Eu não. — Ele encolhe os ombros. — O que mais queres saber? Porque eu não posso fazer isto outra vez. Não posso aguentar mais meses de incerteza a lutar para te ter de volta sem saber se fodi a única coisa que realmente interessa na minha vida. — Os olhos dele fecham-se por um momento. — Não que não o faça se for necessário.

— *Quando é que se manifestou?* — Deslizo a mão pelo pescoço dele acima. — *O sinete?*

— *Cerca de um mês depois das sombras. Eu já tinha visto o Carr a matar outro instruendo do primeiro ano por ter lido mentes, por isso, quando aconteceu, controlei-me e fui ter com a Sgaeyl e quando o Carr me perguntou se me tinham surgido outras capacidades estranhas, uma vez que eles sabiam que a Sgaeyl se tinha vinculado a um dos meus parentes, menti com todos os dentes que tinha. E, quando a minha capacidade de controlar sombras parecia estar a tornar-se mais forte do que eles esperavam, eles deixaram de ter razões para insistir.* — Um canto da boca dele dobra-se no esboço de um sorriso. — *O facto de eles pensarem que o cavaleiro anterior era meu tio-avô e não meu avô ajuda.*

— *A Sgaeyl é mesmo a única que sabe?*

— *É. Obrigou-me a prometer que não contava nada a ninguém. Ela acha que, se alguma pessoa souber, acabará por me condenar à morte ou usar-me como arma.*

— *Merda, não foi exatamente isso o que eu fiz?* — Quando estivemos com o Melgren, perguntei...

— Não — sussurra ele, a levantar uma mão e a passar-me com as costas das pontas dos dedos pelo rosto. — Fizeste-me aquela pergunta para o bem da missão e nunca para obteres um ganho pessoal. — Ele inclina-se na minha direção e pousa a testa na minha. — Diz-me que estamos bem. Que isto não significou o nosso fim.

— *Promete-me que não vais voltar a usá-lo comigo.* — Eu olho-o nos olhos e enrolo os dedos no tecido da camisa dele.

— Prometo — sussurra, antes de me beijar com delicadeza. — Agora, queres os teus presentes?

— Presentes? — Arqueio o corpo ao encontro do dele.

— Perdeste dois punhais a lutar contra o Solas. Por isso mandei fazer mais dois. — O rosto dele abre-se num sorriso lento. — Só tens de me desarmar e são teus.

Deslizo-lhe a mão pelo peito e faço isso mesmo.

Dia 19 de dezembro. Escrevo a data na primeira página de pergaminho em branco do meu caderno e fico a olhar para ela. Estamos a dois dias do solstício e a Assembleia não cede. Contudo, o voo até Samara demora apenas oito horas, pelo que ainda alimento a esperança de que venhamos a fazer o que é mais correto.

— Alguma coisa no diário do Lyra? — pergunta a Rhiannon quando desliza para o assento ao meu lado no Sumário de Batalha.

Quase todas as cabeças se viram na minha direção e o peso das expectativas abre-me um buraco no estômago. É sempre a mesma pergunta todos os dias e eu não tenho nenhuma resposta nova para dar.

— Já vos disse que vos dou notícias assim que ela termine. — Bastou-me um dia de frustração a tentar traduzir o diário sem conseguir para decidir entregá-lo à Jesinia.

Retiro o meu novo condutor do saco e pouso-o no colo. O Felix deu um a todos os instruendos do segundo e do terceiro anos na semana passada, e todos eles os têm na mão e estão a impregnar pedaços luminosos de liga para punhais a cada segundo livre e com cada pedaço de energia que têm. Mas o meu tem uma característica especial que eu lhe pedi para acrescentar depois da nossa batalha com o Solas: uma faixa para o prender ao pulso e não o perder em combate. É suficientemente comprida para que a esfera me caia para a mão, mas mantém-na atada ao meu pulso caso precise de me libertar para um combate corpo a corpo.

Por sua vez, os voadores têm estado a esculpir pontas de flechas reluzentes de maorsite para encherem as suas aljavas.

Ao longo das duas semanas que passaram desde o encontro com o Melgren, a atmosfera mudou, passando da de uma escola de guerra para a de uma guerra propriamente dita. A casa está imbuída de uma energia nervosa que me lembra o ar carregado antes de uma tempestade. Todos os instruendos do segundo e do terceiro anos estão a receber formação sobre runas e até eu sou capaz de admitir que a Cat continua a ser a melhor do nosso ano. Foi a única que conseguiu construir na perfeição uma runa de rastreamento, que serve para rastrear a runa de outra pessoa. Absolutamente *espantoso*.

A nossa forja arde sem parar para produzir armas e todos os cavaleiros dos postos avançados junto à costa foram enviados para as regiões da fronteira, tanto com Navarre como com Poromiel.

— Acalmem-se! — ordena a professora Devera do centro do palco quando o Brennan se junta a ela, e o teatro não demora a ficar em silêncio. — Assim está melhor.

O Ridoc pousa os pés na cadeira à frente dele e a Rhiannon empurra-os para baixo, lançando-lhe um olhar autoritário, como que a dizer-lhe para se comportar.

— O que foi? — resmunga ele, a sentar-se direito. — Ouviste o rol de mortes da semana passada. Nenhuma perda a lamentar.

— Como a maioria de vocês sabe, não temos ataques novos para relatar — começa a professora Devera e o Ridoc olha para a Rhi com as sobrancelhas levantadas como quem diz *eu-bem-te-disse*. — Mas temos um mapa atualizado que pensamos que tem uma precisão superior a noventa por cento, graças às patrulhas de voo.

Ela vira-se para o mapa gigante do Continente e levanta as mãos. As bandeiras vermelhas começam a mover-se num padrão inconfundível, afastando-se de fortalezas conhecidas e aglomerando-se a leste.

A maioria para diretamente à frente da fronteira com Samara, havendo ainda algumas bandeiras espalhadas ao longo da nossa fronteira.

— Já abandonaram Pavis — observa o Ridoc, a inclinar-se para a frente.

— Abandonaram... o Sul inteiro — acrescenta o Sawyer. — E a fronteira de Tyrrendor.

As províncias de Cygnisen e Braevick, a norte, ainda estão salpicadas de vermelho.

— Mas Zolya não. — A Maren suspira alguns metros mais abaixo à esquerda e a Cat cerra os lábios numa linha fina ao lado dela.

É óbvio que não sabem que as nossas guarnições não estão a trabalhar na máxima potência.

— Que conclusões podem tirar dos movimentos relatados? — pergunta a professora Devera, virando-se para olhar para nós.

O Brennan cruza os braços à frente do peito e olha para os pés antes de levantar os olhos na nossa direção. Eu conheço aquele olhar. Está a sentir-se culpado.

Ainda bem.

— Estão a preparar-se para a batalha que o Melgren anteviu — diz um cavaleiro da Terceira Divisão.

Pelo menos, a Assembleia não mantém o pedido do Melgren em segredo, mas apenas a forma como cada membro votou quanto à decisão de participar na batalha.

— De acordo — diz a professora Devera, a assentir com a cabeça na direção dele. — É difícil fazermos um cálculo preciso, mas estimamos que estejam lá mais de quinhentas serpes. — Ela relanceia para o Brennan e, ao ver que ele não diz nada, continua. — E há manipuladores de magia negra entre eles.

Um sem-fim de impropérios percorre o teatro em burburinho.

— E porque é que nós não vamos participar? — pergunta alguém da Primeira Divisão.

— Porque somos rancorosos — diz a Quinn atrás de mim.

— Como disse, cadete? — pergunta a professora Devera.

A Quinn agita-se no assento, mas, quando relanceio para trás, a cabeça dela está bem erguida.

— Eu disse que era por sermos rancorosos — repete, mais alto desta vez.

— Nem mais — diz a Rhi à boca pequena.

O Brennan aclara a garganta.

— Não vamos participar porque a Assembleia votou e decidiu que a taxa de baixas entre os cavaleiros seria demasiado alta. Uma batalha deste tamanho poderia aniquilar as nossas forças, deixando o resto do Continente indefeso.

Eu abano a cabeça por achar este raciocínio demasiado familiar.

— Alguns de nós têm família em Navarre — diz a Avalynn, uma fila à minha frente com os outros instruendos do primeiro ano da nossa esquadra. — A ideia é que fiquemos aqui parados à espera de notícias de que morreram?

— Deviam ter vindo para cá — replica um cavaleiro algures nos arredores da Segunda Divisão.

— Nem toda a gente tem meios para pegar na vida inteira e partir só porque uma guerra se aproxima, seu idiota elitista — riposta a Avalynn, com a voz a elevar-se.

Tem uma certa razão e os murmúrios de aquiescência ao longo das divisões aumentam de volume e de tom.

— Esta *não* é a intenção do Sumário de Batalha! — grita a professora Devera.

Nós fazemos silêncio, mas a energia mudou e não numa direção positiva.

— Vamos ver isto por outro prisma — diz o Brennan. — Se fossem o Melgren, o que estariam a fazer neste momento?

— A cagar-me de medo — responde o Ridoc.

O Brennan esfrega a cana do nariz.

— Tirando isso?

— A reforçar as guarnições — sugere a Rhiannon. — Desde que se mantenham no máximo da capacidade, isto não passa de uma bravata da parte do inimigo.

— Muito bem observado, cadete Matthias. — O Brennan assente com a cabeça.

— Isso quer dizer que o general Melgren tem de escolher entre armar as forças ou manter a energia concentrada no arsenal? — A questão vem da Primeira Divisão.

— Muito bem observado também — concorda o Brennan. — Qual é o problema de armar as forças?

— Dispersar os punhais diminui a eficácia da fonte de energia para as guarnições — responde a Rhiannon. — Mesmo que a energia não esteja a ser gasta ativamente a matar manipuladores de magia negra, as guarnições ficarão mais fracas.

— Certo. — O Brennan olha diretamente para mim. — E qual seria a sua decisão, cadete Sorrengail?

— Além de lutar para defender civis inocentes? — As palavras saem-me da boca antes de poder pensar bem e acusar o meu irmão em público.

— Se fosse o Melgren. — Ele inclina a cabeça e, pelo olhar que me lança, já sei que vou levar o sermão dos sermões depois disto.

Eu estudo o mapa por um instante.

— Mandaria recolher todos os punhais dos postos avançados junto à costa para reforçar e estimular as fontes de energia nos postos avançados junto à fronteira. Assim que atravessam as guarnições, eles ficam impotentes. As serpes morrem. Os venéficos não são capazes de canalizar. Por isso, tudo se resumirá a um combate corpo a corpo...

— Ou de artilharia — acrescenta a Cat.

— Exatamente. — Relanceio para ela e assinto com a cabeça. — Desde que as forças navarresas sejam capazes de repelir os manipuladores de magia negra e impedir que dispersem a fonte de energia no arsenal, não existe um perigo real de assalto.

— É exatamente aí que quero chegar.

— Mas o Melgren viu-os a serem derrotados — diz um voador da Segunda Divisão.

— Vamos pegar nessa ideia. — A professora Devera aponta para o mapa. — Se as guarnições de Samara caíssem, o que iria acontecer?

— Ficariam com o caminho aberto para o campo de desova — responde alguém.

— Não — contraponho. — Essa parte das guarnições voltaria para a sua distância natural, a cerca de três ou quatro horas de voo de Basgiath, tal como a nossa. As fontes de energia nos postos avançados alargam as guarnições, não as criam, por isso, embora seja verdade que uma grande porção de Navarre acabaria por ficar desprotegida... — Eu pestanejo e o meu olhar cruza-se com o do meu irmão.

Ele assente com a cabeça.

O Melgren estava a fazer *bluff*, contando que nós não soubéssemos como funcionam as guarnições. Usou uma tática para nos assustar e fazer com que concordássemos em lutar com eles.

— Acabou a sua reflexão, cadete? — pergunta a professora Devera.

A minha cabeça anda à roda e o meu coração sobe-me à garganta. Eu olho para a linha fina da fronteira que ainda não foi atravessada pelo que parece ser uma legião invencível do inimigo no mapa e uma ideia tão aterradora que mal consigo apropriar-me dela começa a formar-se.

— Essa informação é de quando?

— Perdão? — A professora Devera levanta as sobrancelhas.

— Há quanto tempo é que eles estão junto à fronteira? — esclareço, com as unhas a fincar-se nas palmas das minhas mãos quando eu aperto os punhos numa tentativa de afastar o medo que ameaça consumir-me.

Ela relanceia para o Brennan, que responde.

— Estão lá há três dias. O relatório desta manhã confirma que eles não saíram do lugar.

Oh, *deuses*.

— *Temos de nos mexer já.* — A voz do Tairn ressoa-me na cabeça.

Eu enfio o material todo no saco quando a professora Devera chama outro cavaleiro para responder à pergunta.

— O que estás a fazer? — pergunta a Rhi num sussurro e eu reparo que quase todos os membros da minha esquadra se viraram para olhar para mim.

— Tenho de encontrar o Xaden. — Levanto o saco para cima dos ombros e passo os braços pelas alças a preparar-me para me levantar. — Não é Samara.

— Está bem. — A Rhiannon arruma as coisas dela e o resto da esquadra segue-lhe os movimentos. — Nós vamos contigo.

Não há tempo para discutir, pelo que eu assinto com a cabeça e saímos todos em fila, o que nos vale alguns gritos de protesto da professora Devera, mas o som não passa de um ruído indistinto no turbilhão que me vai dentro da cabeça com as ideias a rodar a toda a velocidade.

O corredor está relativamente vazio, uma vez que todos os cadetes estão no Sumário de Batalha, o que permite uma saída rápida da ala leste da casa.

— *Onde estás?* — pergunto pelo vínculo.

— *Numa reunião estratégica na sala da Assembleia* — responde o Xaden. — *Porquê?*

— *Vou agora para aí. Preciso de ti.* — Passamos pelas portas da sala de aula de História e depois pelo salão.

— Alguém nos vai dizer porque acabámos de sair do Sumário de Batalha? — pergunta a Cat alguns passos atrás de mim.

— A Violet tem uma expressão nos olhos — explica a Rhiannon, a acompanhar o meu ritmo ao meu lado.

— A mesma que teve antes da Batalha das Esquadras no ano passado — diz o Sawyer.

— Ela percebeu alguma coisa e, pela nossa experiência, deixamo-nos levar — conclui a Rhiannon.

O Xaden sai da sala da Assembleia e caminha diretamente ao meu encontro, parando a meio do corredor.

— O que se passa?

— Não é com Samara que temos de nos preocupar.

— Porquê? — Ele não desvia os olhos do meu rosto apesar da agitação dos meus colegas de esquadra.

— Porque eles estão lá à *espera* — explico. — Estão à espera há três dias. Porquê? — Se eu conhecesse a forma como pensam, esta guerra já teria terminado — responde ele.

— O Melgren diz que eles vão ser invadidos no solstício. Isso é já depois de amanhã.

Deuses, vamos ter de ser rápidos.

Ele assente com a cabeça.

— As serpes não vão derrubar as guarnições em Samara. Não podem atravessá-las. Além disso, foram colocadas hordas mais pequenas ao longo da fronteira. Eu acho que Samara é só uma distração. Acho que estão à espera de que caiam *todas*.

Os olhos dele arregalam-se por um instante.

— A batalha não pode decorrer noutro lugar — observa o Sawyer. — O Melgren tê-la-ia visto.

— Não se nós estivermos lá — replica a Sloane. — O Melgren não consegue ver o resultado se houver pelo menos três de nós por perto, lembra-te? — Ela levanta o antebraço para mostrar a parte da relíquia que não está tapada pela manga.

— Exatamente. — As minhas unhas cravam-se nas palmas das mãos. — Ele não consegue ver a batalha principal se nós estivermos lá. As forças estão todas concentradas em Samara, quando deveriam estar...

— Em Basgiath — conclui o Xaden, com os olhos a perscrutar os meus. — O Vale.

— Sim.

— Queres voltar? — pergunta ele.

— Claro que queremos — responde o Ridoc.

— Não te estava a perguntar a ti. — O Xaden olha-me nos olhos. — Queres ir?

Quero? Navarre mentiu ao povo — mentiu-nos a nós — durante seiscentos anos. — Eles nunca viriam em nosso auxílio — diz a Sloane.

— E nunca vieram em nosso de certeza — concorda a Cat.

Deixaram os civis de Poromiel morrer vezes sem conta, protegidos atrás das guarnições e a fechar os olhos dos cidadãos de Navarre.

— Os campos de desova são lá — aponta a Rhiannon.

— Nós temos campos aqui — contrapõe o Trager. Pelo menos penso que é o Trager, uma vez que não consigo tirar os olhos do Xaden.

Ele é o chão que não abana sob os meus pés num momento em que a minha cabeça não para e os meus colegas de esquadra dão voz a opiniões divergentes que fazem eco no meu pensamento.

— A minha família está em Morraine — diz a Avalynn, num tom de súplica.

As vozes atrás de mim ficam um ruído indistinto quando eles começam a discutir a sério.

— *Teríamos de partir quase imediatamente* — diz o Xaden, numa voz que penetra todo o barulho envolvente.

— *Eles mentiram-nos. Executaram o teu pai. Torturaram-me.* — Obrigo-me a parar de contar as transgressões de Navarre antes que elas tomem conta da minha consciência.

— *Sim.*

— *Estou sempre a pensar nos cadetes de infantaria, nos curandeiros e até nos copistas. Em pessoas como o Kaori, que ficaram para trás, e naqueles que só queriam defender a sua terra natal.* — Estendo a mão para a frente e agarro-lhe no braço para me segurar enquanto a discussão segue acalorada à nossa volta e, pelo aumento do volume, fico com a distinta impressão de que já não é só a nossa esquadra que está no corredor.

— *Sim.*

— Se não formos, não somos melhores do que eles, uma vez que vamos deixar os civis morrer quando podemos ser as armas de que eles precisam.

— As minhas mãos fecham-se mais no braço do Xaden.

— Queres combater? — pergunta ele, a inclinar-se para mim quando a discussão amaina à nossa volta, provavelmente com toda a gente à espera do que eu vou dizer a seguir. — Basta dizeres e eu vou falar com a Assembleia. E se eles não nos apoiarem, vamos com quem estiver connosco. Vou para onde tu fores.

A ideia de colocar os meus amigos em risco, de os perder, dá-me voltas ao estômago. Não quero colocar o Tairn e a Andarna em perigo. Preferia morrer a arriscar a vida do Xaden. Mas será que tenho escolha? Se formos, arriscamos a vida, mas, se ficarmos, arriscamos não sermos melhores do que o nosso inimigo.

— Temos de ir.

Nós não comemos os nossos aliados.

— ADENDA PESSOAL DO TAIRN AO LIVRO DO BRENNAN
CONFORME CITAÇÃO DA CADETE VIOLET SORRENGAIL



CAPÍTULO LIX

— *Eu consigo ir sozinha* — reclama a Andarna três horas depois quando os cadetes acodem à nossa formação apressada e não autorizada no centro do vale.

— É um voo de dezoito horas — recordo-lhe enquanto verifico todas as articulações do novo arnês. Graças aos deuses que ela ainda só tem metade do tamanho da Sgaeyl para o Tairn ainda a poder carregar. — Eu respeito a tua decisão de vires, mas esta é a única forma. — Ela só consegue voar por uma hora ou duas antes que o músculo da asa ceda por completo.

— *E achas que eu devo ser carregada como uma criança?* — A Andarna bufa uma nuvem de vapor quando lhe passo debaixo do corpo e lhe ponho os dedos entre as escamas e o metal maleável que se dobra sob os ombros dela.

— Acho que o Tairn é capaz de suportar o teu peso. Podes voar até te cansares ou começares a atrasar a revoada, mas usares um arnês para te amarrares rapidamente é a única forma de eu te deixar ir. Não vou arriscar que fiques para trás ou que saias da formação. — Puxo o aço para me certificar de que não cede como aconteceu com o meu quando viemos de Basgiath no verão. — Eu percebo. Não queres ser carregada. Às vezes, eu

não quero voar numa sela, mas é o que eu preciso para voar com o Tairn. A escolha é tua. Podes vir no arnês ou podes ficar aqui.

— *Os dragões não respondem a humanos* — diz ela, indignada, a aprumar a postura.

— *Não, mas respondem aos mais velhos* — resmunga o Tairn, com as garras a dobrar-se na erva verde ao nosso lado.

— *Só aos mais velhos do nosso covil* — contrapõe a Andarna, quando saio de baixo dela, com cuidado para não pisar o meu casaco de voo e o meu saco, que deixei pousados no chão. Está demasiado calor aqui para estar vestida para a realidade de dezembro.

— Sim, claro, eu vou ali perguntar ao Codagh o que é que ele acha num instantinho — gracejo, sarcasticamente, antes de saltar para trás quando um grifo passa por mim a toda a velocidade. Podem ser mais lentos do que os dragões no céu, mas são assustadoramente rápidos no chão.

E, de acordo com a Maren, estão longe de estar contentes por terem de ficar em Aretia.

— Tenta não morrer antes de chegarmos lá, Vi. Acho que podemos vir a precisar de ti — atira o Ridoc em jeito de provocação à minha esquerda, enquanto espera pela partida à frente do Aotrom, que estala os dentes para o próximo grifo que passa a correr um pouco perto de mais. Chego a ficar à espera de ver penas a cair-lhe de entre os dentes quando ele volta a recolher a cabeça.

— *Talvez eu venha a ser a mais velha do meu próprio covil.* — A Andarna arqueia o pescoço a seguir um bando de pássaros no céu. Eu sigo-lhe a linha de visão, antes de desviar rapidamente o olhar quando o brilho do sol me queima os olhos e me turva a visão por um segundo, e fazendo as escamas da Andarna reluzir num tom de azul-celeste, antes de pestanejar para me adaptar à claridade.

— Ainda estou na meia-idade — resmunga o Tairn. — *Vais ter muito que esperar.*

— *A sério?* — A Andarna sacode o arnês até ficar numa posição mais confortável — *Eu pensava que já levavas décadas de idade avançada. Pelo*

menos, ages como tal.

O Tairn vira a cabeça devagar e semicerra os olhos postos na Andarna.

— Não pareces nem um dia acima dos cem — asseguro-lhe, antes de lançar um sorriso à Maren quando ela se aproxima acompanhada da Cat.

— Detesto a ideia de não podermos ir também — diz a Maren, a tirar o saco de pele dos ombros. — Devíamos manter-nos juntos como esquadra, não era?

— Vocês não poderiam manipular — recorro-lhe quando ela se agacha para vasculhar o saco. — Assim que atravessassem as guarnições de Navarre, ficariam indefesas e seriam um alvo fácil tanto para cavaleiros como para venéficos. Não é uma grande combinação.

— E iríamos atrasar-vos. Nós ouvimos. — A Cat cruza os braços à frente do peito, a olhar para o caos, quando a Feirge aterra à nossa frente, abrindo as asas antes de pousar as patas no chão junto à Rhiannon. — Não quer dizer que não nos sintamos uma merda ao ver-vos a partir à pressa enquanto nós ficamos a... estudar.

— Não sei se vão estudar assim tanto, já que aquele Cauda de Moca ali à frente é o dragão da professora Devera — acrescenta o Ridoc, a apontar para a frente da formação.

— Toma. — A Maren retira uma pequena besta e uma aljava com tampa de pele do saco e põe-se de pé. — Detesto ter de te dizer isto, mas és péssima com o arco.

— Hum. Obrigada.

— Assim terás uma arma de recurso se ficares sem punhais. Basta puxares a corda para trás até ficar presa aqui, colocares a flecha no trilho — aponta para o centro do arco — e puxar o gatilho com o dedo indicador.

É compacto e a utilização não vai exigir muita força. O gesto é tão simpático que fico com um nó na garganta.

— É perfeito. Obrigada. — Pego na arma, mas ela afasta ligeiramente a aljava para eu não lhe chegar.

— Isto são pontas de flechas de maorsite, impregnadas e munidas de runas para explodirem com o impacto. — A Maren levanta as sobrelanceiras escuras. — Estão bem protegidas na aljava, mas. Não. A. Deixes. Cair.

— Percebido. — Pego na aljava e enfio-a no meu saco juntamente com a besta.

— A Assembleia não vai ceder — diz o Xaden. Está vestido com a indumentária de voo completa, com as espadas amarradas nas costas e a caminhar ao lado da minha irmã e do meu irmão.

— Casmurros de merda. — A Mira também está vestida para o voo, com a espada embainhada junto à ilharga, mas o Brennan não está, e a ira a ferver no olhar semicerrado do meu irmão está apontada unicamente para mim.

— Não vão à luta mesmo sabendo que os campos de desova estão em risco? — pergunta o Ridoc, a caminhar na nossa direção com o Sawyer, a Imogen e a Quinn.

— Eles acham que estamos enganados — responde o Xaden.

— *Eles* acham que ir a correr para território inimigo com cadetes despreparados é um erro — dispara o Brennan. — E eu estou de acordo com eles. O que tu vais fazer é deixar os cadetes, tu incluída, morrerem.

— Não estamos propriamente a levar instruendos do primeiro ano — diz a Rhiannon, a apertar as correias das bainhas à volta do casaco de voo.

— O que é uma treta — resmunga o Aaric, a chegar junto da Sloane e dos outros instruendos do primeiro ano, todos eles vestidos com peles de voo e munidos de determinação. — Temos tanto direito de defender os campos de desova como os instruendos do segundo e do terceiro anos. — O olhar suplicante e acusatório que ele me lança afunda-me o coração. Ele tem tanto direito, talvez até mais, de defender Navarre como qualquer outra pessoa aqui presente.

— Nenhum de vocês vai — começa o Brennan.

— Preferias ficar aqui, sabendo que há uma grande probabilidade de a mãe morrer? — Eu dou um passo em direção ao meu irmão e a Mira gira para o meu lado e vira-se para o Brennan.

Ele estremece e puxa a cabeça para trás como se lhe tivesse dado um soco.

— Ela não teve problema nenhum em deixar-nos aos três à nossa sorte.
— O olhar do Brennan alterna entre mim e a Mira à procura de uma compreensão que nenhum de nós lhe dá.

— Não temos tempo para isto — admoesta o Xaden. — Se não vens, Brennan, é contigo, mas, se não partirmos agora, é possível que cheguemos tarde de mais para defender Basgiath. — Ele vira-se e aponta o dedo para os instruendos do primeiro ano. — E de maneira nenhuma. A maioria de vocês ainda nem sequer tem um sinete e eu não vos vou servir de bandeja juntamente com os vossos dragões para serem mais uma fonte de energia.

— O meu sinete já se manifestou — reclama a Sloane, agarrada às alças do saco.

— E ainda estás no primeiro ano — riposta o Xaden. — Matthias, prepara a tua esquadra para partir e depois vai ter com o teu chefe de divisão para saberes quais são as ordens. Vamos ter de voar sem paragens. Eu levo a Violet com a...

— Com o devido respeito — a Rhiannon endireita a postura e olha para ele —, ao contrário dos Jogos de Guerra, a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão irá manter-se intacta, embora sejas bem-vindo se te quiseses juntar a *nós*.

O Sawyer e o Ridoc colocam-se ao meu lado e eu sei que, se cair para trás, a Quinn e a Imogen estarão lá à espera.

O Xaden levanta a sobrancelha cicatrizada na minha direção e, em vez de contrariar a Rhiannon, eu olho de relance para a minha irmã.

— O mesmo vale para ti. Podes juntar-te a nós, mas eu vou ficar com a minha esquadra.

O vento sopra-me na cara com um frio contundente quase dezoito horas depois, quando atravessámos a fronteira da província de Morraine e seguimos o rio Iakobos pela cordilheira sinuosa que conduz a Basgiath. Nunca fiquei tão contente por as minhas botas me aquecerem quando canalizo. Toda a gente no nosso grupo deve estar gelada até aos ossos.

O facto de não sermos parados por nenhuma patrulha, uma vez que não há patrulhas no nosso caminho, é a prova provada da convicção do general Melgren. Até os postos de vigia intermédios estão desprovidos de cavaleiros quando passamos numa revoada de cinquenta dragões liderada pelo Tairn e pela Sgaeyl.

Podemos ter deixado os instruendos do primeiro ano em Aretia, mas contamos com alguns dos cavaleiros ativos que não tinham sido destacados para a fronteira ao longo da vertente do penhasco, como é o caso da Mira, que voa com o Teine imediatamente atrás de mim, como se tivesse medo de me perder de vista.

— *O Aimsir está mesmo no Vale. O Teine transmitirá as informações à esquadra quando tu fores à procura da tua mãe.* — O Tairn acaba de me contar o plano gizado pela chefia durante o voo que nos permitirá fazer o reconhecimento do terreno para depois nos adaptarmos ao que nos espera.

A minha tarefa é chegar até à minha mãe. Sem pressão nem essas coisas.

— *Quando chegarmos à próxima curva do rio, vais soltar o teu arnês do meu* — diz o Tairn à Andarna. — *Voa para o Vale e deixa-te estar lá. Um dragão preto adolescente irá levantar suspeitas aos humanos em Basgiath. Esconde-te entre os nossos até isto acabar.*

— *E se precisarem de mim? Como da última vez? Posso ficar escondida mesmo ao teu lado.*

Sinto um aperto no coração ao lembrar-me de como ela apareceu no campo de batalha, mesmo depois de eu lhe ter suplicado para ficar escondida. Ela arriscou a vida para nos ajudar e quase morreu.

— *Fica com os caudas de penas, vão precisar da tua proteção se as guarnições caírem, e comunica qualquer coisa que te pareça não bater certo.*

Se chegarmos tarde de mais, que os deuses nos ajudem.

Na curva do rio, a Andarna solta-se e voa ao nosso lado até deixar de conseguir acompanhar-nos com as asas mais pequenas e mergulhar em direção ao rio coberto de gelo mais abaixo.

— *Para o Vale* — recordo-lhe.

— *Eu vou estar onde for necessária* — contrapõe ela, guinando para a esquerda e deixando o percurso do rio para se dirigir para a cumeada coberta de neve que conduz para as traseiras do campo de voo e para o Vale mais adiante.

— *Não me parece que ela faça tenções de nos ouvir* — digo ao Tairn, a olhar para ela até ela desaparecer de vista.

— *Eu já te disse como são os adolescentes.* — Ele recolhe as asas e mergulha, deixando-me o estômago colado às costas ao descer trezentos metros em poucos instantes, e depois nivela o voo quando estamos apenas cerca de trinta metros acima dos carvalhos altos que bordejam o rio a aproximar-nos de Basgiath, vindos do Sul.

Tudo parece estar no devido lugar sob a luz fraca do fim da tarde, sem diferenças em relação ao que deixámos quando partimos há seis semanas, mas coberto com uma camada fresca de neve. Olho por cima do ombro e vejo metade da revoada — Primeira, Segunda e Terceira Divisões — a separar-se para se dirigir para o campo de voo.

Desde que toda a gente se cinja ao plano, o próximo grupo irá aterrar no pátio do quadrante enquanto o resto de nós continuará em frente até ao *campus* principal.

— *Sentes alguma coisa fora do normal?* — pergunto quando avisto os muros do Quadrante dos Cavaleiros. Apenas metade das janelas do dormitório está acesa do interior. Sinto uma dor no peito. Independentemente da crueldade que vivi aqui, há uma enorme parte de mim que continua a achar que este lugar é a minha casa.

Foi onde eu estudei, onde trepei às árvores com o Dain e onde o meu pai me ensinou a maravilha que são os Arquivos. Foi onde me apaixonei

pelo Xaden e aprendi o quanto tinha sido omitido daqueles mesmos Arquivos.

— *As guarnições ainda estão em pé. Demos a conhecer a nossa presença ao Empíreo e estou bem ciente do descontentamento que eles sentem, se é a isso que te referes.* — Passamos por cima do pátio e os Pelotões Cauda e Garra abandonam a formação com a Devera à frente, provocando danos inestimáveis à alvenaria quando aterram onde quer que caibam ao longo dos muros. — *Mas a Greim está aqui e está a contactar o parceiro, que está em Samara, para ele comunicar com o Codagh.*

— *Quando é que tu e a Sgaeyl vão ser capazes de comunicar a distâncias tão grandes?* — Passamos pelo parapeito em menos de um instante e depois o Tairn guina para a esquerda.

— *Ainda faltam alguns anos. A Greim e o Maise são parceiros há muitas décadas.* — Ele passa por cima da torre sineira da escola principal de Basgiath a toda a velocidade antes de abrir as asas e as bater para trás, reduzindo a velocidade ao som dos gritos assustados das sentinelas nas quatro torres, que estão a lançar os alertas para baixo.

— *Há pessoas lá em baixo* — digo-lhe quando ele se deixa cair elegantemente no pátio do *campus* principal.

— *Elas desviam-se.*

E, claro, as pessoas começam a correr e a desaparecer-lhe do caminho quando ele aterra.

— *Se mudares de ideias, eu dou cabo do telhado com as patas para te ir buscar.*

Eu desaperto as correias depressa, desato o saco de punhais que me foi atribuído — todos nós temos um — e saio da sela.

— Eu fico bem — prometo, já a caminho do ombro dele sem sequer retirar os óculos de voo nem ajustar as alças do saco. A velocidade é importante, uma vez que só um dragão pode aterrar aqui de cada vez. Vou estar sozinha até a Sgaeyl chegar.

Os meus músculos reclamam com o movimento súbito depois de horas no ar, mas chego ao ombro dele e deslizo-lhe pelos sulcos das escamas que

conheço tão bem até tocar com os pés no chão de Basgiath.

Assim que eu me afasto e levo a alça do saco ao ombro, o Tairn lança-se para o ar. É forte, mas também é pesado, e as presas passam por pouco acima do telhado do Quadrante de Infantaria quando ele se retira.

Os oficiais ficam parados num silêncio admirado contra as paredes, a olhar para mim claramente em choque, e eu abro ligeiramente as portas dos meus Arquivos para encher o corpo de energia suficiente para manipular caso um deles decida avançar contra mim. Com as mãos no ar, olho para as ameaças à minha volta e reparo no capitão vestido com um uniforme azul-marinho a levar a mão à espada. Recuo para a parede ao lado das escadas que conduzem ao edifício da administração até sentir pedra gelada a bater-me nas costas.

A Sgaeyl aterra um instante depois, tapando-me por momentos a vista dos meus pretensos inimigos, e o Xaden desmonta, sombras numa mão e uma espada na outra, emulando os meus movimentos anteriores e virando-se de costas para mim ao recuar para o meu lado. Quando a Sgaeyl se lança para o ar, o Teine desce, ocupando o seu lugar com uma coordenação perfeitamente sincronizada.

Um movimento nas escadas chama-me a atenção e eu giro, colocando-me entre o Xaden e a minha mãe, que está a descer com passos lentos e deliberados, com a mão no cabo da espada curta embainhada e o Nolon alguns passos mais atrás.

Cá vamos nós.

Vejo sombras a fluir à minha volta, a estender-se pelas pedras arredondadas e a parar junto ao primeiro degrau quando a minha mãe lá chega. O suspiro que ela solta é de pura inconveniência e eu vejo-lhe manchas negras nos semicírculos debaixo dos olhos que ela semicerra quando nos vê.

— Mãe. — O meu poder crepita, eriçando-me os fios soltos de cabelo quando olho para o homem que ajudou o Varrish a manter-me cativa.

— A sério, Violet? Não podias usar a porta da frente? — A minha mãe relanceia para a Mira e depois vira o olhar para cima quando o Cath está a descer. O rosto descai, mas ela mantém a postura rígida como sempre.

— Ele não veio connosco — diz a Mira, com a espada apontada ao capitão que está a aproximar-se. — Na verdade, ficou bastante chateado por nós termos vindo.

A minha mãe inclina levemente a cabeça num movimento que eu sei que significa que ela está a falar com o Aimsir.

— Parece que fomos completamente invadidos.

— Não estamos aqui para lutar contra vocês. Estamos aqui para lutar *por* vocês — digo-lhe. — Podes não acreditar em mim, mas as vossas guarnições estão em perigo.

— As nossas guarnições estão perfeitamente bem, como não duvido que podes sentir. — A mãe cruza os braços quando o Dain se junta a nós. — Oh, raios partam. — Grita para o outro lado do pátio: — Hollyn, abra o raio dos portões antes que um destes dragões nos arranque o telhado. — Olha vincadamente para as sombras que lhe bloqueiam o caminho.

As sombras levantam-se e recuam até às biqueiras das minhas botas.

— *Diz aos outros que os portões vão ser abertos* — digo ao Tairn.

— *Vou posicionar-me em conformidade.*

Um bom minuto depois, os guardas abrem os portões e nós vemos o resto da nossa esquadra a desmontar.

— Acredita, mãe. A batalha de que vocês estão à espera não é em Samara: é aqui. — Explico a minha linha de raciocínio nos poucos minutos que os meus colegas de esquadra demoram a chegar perto de nós. — Alguém vai derrubar as vossas guarnições.

— Não é possível, *cadete*. — Ela abana a cabeça quando a noite cai por completo à nossa volta. — Estão altamente vigiadas durante o dia inteiro. A maior ameaça às guarnições seriam *vocês*.

— Deixe-nos verificar — diz o Xaden nas minhas costas. — Sabe muito bem que as suas filhas nunca derrubariam as guarnições que protegem Navarre.

— Eu sei exatamente quem as minhas filhas são. E a resposta é não. — A recusa é áspera. — Têm sorte por estar vivos ao atravessarem espaço

aéreo inimigo. Podem considerar o facto de ainda estarem vivos um presente pessoal.

— Não me parece. — O olhar da Mira varre o pátio. — Este pátio devia estar cheio a esta hora com soldados a voltar da messe, mas eu só conto cinco soldados. Um capitão e quatro cadetes, e não, não estou a contar os curandeiros no canto. Mandaram todos os efetivos disponíveis para Samara, não foi?

A temperatura do pátio desce do gelado para o quase irrespirável.

— Os guardas atrás de ti têm sinetes de trabalho mental, mãe. Na verdade, seria capaz de apostar que os cavaleiros mais poderosos no *campus* são... quem? Tu e... o professor Carr? — A Mira avança sem medo. — As nossas forças podem prestar auxílio ou conquistar. A escolha é tua.

As narinas da mãe dilatam durante alguns segundos de tensão.

— Se não os levar às guarnições — diz o Dain algures atrás de mim —, levo eu.

O meu pai mostrou-me onde é que ficam no ano passado. — Que é precisamente a razão por que ele está com a nossa esquadra.

— Quem queres ser? A general que salva Basgiath ou a que a perde para os cadetes que rejeitaram as vossas mentiras? — Levanto o queixo.

— O preto fica-te mesmo bem, Violet. — É possível que seja a coisa mais simpática que ela já me disse.

— Como a capitã Sorrengail disse, a escolha é tua. Estamos a perder tempo — respondo. — Com o cair da noite, estaremos oficialmente no solstício.

O olhar da mãe salta para a Mira antes de voltar a fixar-se em mim.

— Vamos lá verificar as guarnições, então.

Deixo cair os ombros de alívio, mas mantenho o meu poder a postos quando subimos os degraus do edifício da administração, e engulo o nó de apreensão que me atravanca a garganta quando nos aproximamos do Nolon.

— Violet... — começa ele.

Só o som da voz dele já me provoca um sabor amargo na boca.

— Ponha-se no caralho e bem longe da Violet, e eu poderei pensar em deixá-lo viver, nem que seja só para reparar cavaleiros se estivermos prestes a enfrentar uma batalha — avisa o Xaden ao reparador quando passamos junto à entrada.

As luzes mágicas brilham acima de nós quando nos dirigimos para os corredores que tão bem conhecemos, e um par de curandeiros passa apressadamente por nós vindo da direção da messe, onde outro grupo de cadetes vestidos de azul-claro espreita pela porta.

— *O Chradh está preocupado* — observa o Tairn com a voz tensa.

— *Porque haveria o dragão do Garrick de estar preocupado?* — pergunta o Xaden pelo canal partilhado por nós os quatro.

— *Runas* — responde a Sgaeyl.

Isso mesmo. O Cauda de Escorpião Castanho descobriu o chamariz em Resson porque é altamente sensível às runas.

— *Basgiath foi construída em cima de runas* — recordo-lhes.

— *Isto é diferente. Ele sente a mesma energia que detetou em Resson.*

— O tom do Tairn muda. — *O cavaleiro dele tomou oficialmente o controlo do dormitório com a Devera.*

O Garrick está em posição.

A minha mãe conduz-nos pelo corredor fora para o torreão noroeste, depois desce umas escadas em espiral que me lembram tanto o torreão sul que fico sem fôlego quando sinto o odor da terra.

Ping. Ping. Ping.

Ouçó o som na minha cabeça tão distintamente como se fosse de verdade, como se estivesse de novo na câmara de interrogatório. O Xaden pega-me na mão e entrelaça os dedos nos meus.

— *Estás bem?* — pergunta ele, quando as sombras envolvem as nossas mãos dadas, a tocar-me como a suavidade do veludo.

Por um segundo, penso em não dizer nada, mas fui eu que exigi abertura total, pelo que parece justo que eu me abra também.

— *O cheiro é igual ao da câmara de interrogatório.*

— *Vamos queimar essa cela antes de irmos embora* — promete ele.

No fundo das escadas... não há nada. Só uma divisão redonda calcetada com pedras dos alicerces.

A minha mãe olha para o Dain e ele passa por ela, examinando o padrão antes de empurrar uma pedra retangular à altura do ombro. A pedra cede e roça com outra quando a porta se abre na alvenaria e nós vemos um túnel iluminado com luzes mágicas tão acanhado que até a pessoa mais corajosa ficaria com claustrofobia.

— *Igualzinho aos Arquivos* — digo ao Xaden.

A minha mãe manda os guardas que a acompanham ficarem de vigia. Em resposta, a Rhiannon manda o Sawyer e a Imogen vigiá-los a *eles* quando entramos no túnel. A minha mãe é a primeira a entrar.

— Isto é que é altamente vigiado? — pergunta o Xaden, a caminhar à minha frente.

A Mira vem atrás de mim.

— As guarnições *estão* vigiadas — diz ela, a virar-se de lado quando o túnel se afunila ainda mais. — Não acharias suspeito se os guardas estivessem parados aqui no fundo das escadas? — pergunta ela. — Às vezes, a melhor defesa é a camuflagem simples.

Eu ando de lado, inspirando pelo nariz e expirando pela boca, e tento fazer de conta que estou noutro lugar... em qualquer outro lugar.

Vamos divertir-nos nós os dois. As palavras do Varrish passam por cima de mim e o meu coração sobressalta-se.

As sombras do Xaden expandem-se das nossas mãos para a minha cintura e a pressão que sinto dá-me a sensação de que tenho o braço dele à minha volta, o que faz com que seja suportável ultrapassar os seis metros que a passagem demora a abrir novamente. O túnel prolonga-se pelo que parecem mais cinquenta metros antes de terminar numa arcada com um brilho azul, e a vibração de energia que eu calculo que advenha da pedra de proteção é dez vezes mais intensa do que a de Aretia, o que faz com que a sinta até nos ossos.

— Estão a ver, são vig... — As palavras da minha mãe esmorecem e nós vemos o mesmo que ela: dois corpos com uniformes pretos no chão e duas poças de sangue a expandir-se devagar em direção uma da outra. Têm os olhos abertos, mas vidrados e vazios; morreram há pouco tempo.

O meu coração sobressalta-se e as sombras desaparecem com a mão do Xaden quando levamos ambos as mãos às nossas armas.

— Oh, merda — sussurra o Ridoc quando os outros passam em fila pelo engarrafamento atrás de nós e sacam de espadas, punhais e machados de guerra.

Ouçó metal a deslizar em metal quando a minha mãe desembainha a espada e começa a correr pelo túnel fora.

— Não há nenhuma hipótese de ficares aqui se eu... — começa o Xaden.

— Nenhuma — digo por cima do ombro, já a correr atrás da minha mãe ao longo do túnel. O som vago de gritos de ordens ecoa nas paredes do túnel e a Mira não demora a alcançar-me, a ultrapassar-me e a correr ao lado da mãe enquanto o Xaden me acompanha o ritmo.

— *Sabes onde é que a câmara da pedra de proteção se abre ao céu?* — pergunto ao Tairn com as botas a bater com estrondo no chão do corredor. Tem de haver uma abertura se tiver alguma semelhança com a de Aretia.

— *Segundo o que disseste, eu não posso usar o meu fogo em mais do que uma...* — Ele detém-se como se estivesse a avaliar a minha situação. — *A caminho.*

— Não! — O grito da minha mãe quando chega à câmara com a Mira à nossa frente provoca-me arrepios na espinha. Viram-se ambas para a esquerda com as armas em riste.

O resto de nós chega à câmara e, antes de eu poder avaliar a situação, as sombras do Xaden levantam-me do chão e vão ao encontro do peito dele, que me empurra para trás até as minhas costas tocarem na parede da arcada no momento em que as pontas da cauda de um cauda de escorpião cor de laranja varrem o exato lugar onde eu estava.

Foda-se, está um dragão aqui dentro.

— Estás... — Os olhos dele esgazeiam-se.

— Não me tocou — asseguro-lhe.

Ele assente com a cabeça e o alívio muda-lhe o olhar, que em vez de preocupado passa a estar alerta. Viramo-nos ambos para a entrada, sendo imediatamente seguidos pelo Ridoc, a Rhiannon e o Dain.

Fico de boca aberta e sinto o poder a percorrer-me as veias com tanta potência que me deixa as mãos a vibrar.

A pedra de proteção tem o dobro do tamanho da de Aretia, tal como a câmara que a alberga, mas, ao contrário da de Aretia, as argolas e as runas esculpidas na pedra são intercetadas por um padrão de diamante. E, ao contrário das nossas guarnições em Aretia, esta pedra de proteção está a *arder*, iluminada no cimo por chamas pretas que crepitam e brilham, quando, de repente, vemos um dragão a saltar de trás para a esquerda da pedra, obrigando a minha mãe e a minha irmã a recuar na nossa direção.

E não é um dragão qualquer. É a Baide.

— *Sai daí!* — ordena o Tairn quando a Baide baixa a cabeça e eu lhe vejo os olhos de passagem — opacos em vez de dourados —, antes de a minha mãe investir em direção ao nariz da criatura com a espada em riste pronta a desferir-lhe um golpe.

A Baide atira-a para o lado com um simples movimento da cabeça, e a minha mãe voa em direção à parede de pedra da câmara, batendo com a cabeça antes de cair inanimada.

O Xaden estende a mão e as sombras passam por nós, agarram na Mira e na minha mãe, puxando-as para trás, enquanto a Baide ruge e lança vapor e saliva pela boca.

O dragão-fêmea avança, decidido, com as presas a estalarem no chão quando ele contorna a pedra, e nós vemos que o Jack Barlowe está sentado no dorso. O sorriso que ele me lança dá-me voltas ao estômago.

— Chegaste mesmo a tempo, Sorrengail.

— *Quando quiseres aparecer, fica à vontade* — digo ao Tairn quando as sombras do Xaden libertam a Mira ao meu lado, mas arrastam o corpo inanimado da minha mãe pela arcada.

Não posso manipular aqui dentro sem colocar a vida de toda a gente em perigo. Além disso, a energia da pedra atrairia todos os relâmpagos.

— *Não é propriamente um sítio a que seja fácil de chegar* — rosna o Tairn em resposta.

— O que raio estás a fazer, Barlowe? — atira o Dain.

— O que prometi — responde ele, com um brilho de contentamento nos lábios.

O Xaden lança mais uma nuvem de sombras, desta vez dirigida ao Barlowe, e a Baide baixa a mandíbula, abrindo os olhos sinistros com o fogo já a brilhar-lhe na garganta.

— Xaden! — grito no momento em que o Ridoc passa por mim, e por todos nós, aos encontrões e lança os braços para a frente com as palmas das mãos abertas.

— Baixem-se! — grita o Ridoc, e eu vejo uma parede de gelo a erguer-se à nossa frente antes de o Xaden me empurrar para trás e se agachar para me proteger com o corpo. A câmara brilha em tons de laranja por um instante, depois dois, tal é a força do fogo que arde de encontro às paredes de pedra. O Ridoc grita quando a rajada de fogo esmorece.

Assim que o fogo se extingue, nós levantamo-nos para enfrentar o Barlowe e a Baide, mas o dragão voltou a desaparecer atrás da pedra de proteção.

— Eu apanho-o! — A Rhiannon corre em frente, enrola os braços debaixo dos do Ridoc e puxa-o para trás da poça de água que marca o local onde ele ergueu a parede de gelo. E não há nada que me prepare para o que vejo a seguir: as mãos do Ridoc queimadas, empoladas e a sangrar.

— Vamos pela esquerda — diz o Xaden a olhar para mim.

— E nós pela direita — concorda o Dain, lançando um olhar à Mira, que assente com a cabeça.

O Xaden e eu viramo-nos para a esquerda, e eu rodo o punhal que tenho na mão, agarrando-o pela ponta da lâmina, preparada para o arremessar quando virarmos a esquina.

Que raio?

A Baide está apoiada sobre as pernas posteriores, com as garras da frente a roçar na pedra em chamas, e o Barlowe não está no assento dele. Nós demoramos um segundo precioso que não temos a perceber que ele está em cima do pescoço da Baide agarrado a um dos cornos do dragão.

Nem o Xaden é suficientemente rápido para travar o mergulho da espada curta do Jack entre as escamas ao longo do pescoço da Baide. O guincho do dragão abala os alicerces da câmara e cessa abruptamente quando o Jack lhe espeta a lâmina até chegar à frente da garganta.

O Jack vira a cabeça para nós e manipula com a mão virada para fora, lançando um escudo que desvia as sombras do Xaden enquanto o sangue da Baide jorra para cima da pedra de proteção. As chamas pretas extinguem-se um instante antes de a Baide cair e o peso do corpo a sacudir para a frente.

A pedra de proteção abana e o Jack esbraceja para se segurar, o que me dá a oportunidade perfeita para arremessar o punhal com um movimento rápido de pulso.

Ouçó um grito que me satisfaz quando o Xaden me agarra a cintura e levanta uma parede de sombras que bloqueia a câmara à nossa volta, mas não nos escuda do barulho da pedra a cair e a estilhaçar-se.

A vibração cessa.

As guarnições caíram.

Na sua essência, a magia precisa de equilíbrio.
Tudo o que usarmos será recuperado e não é o manipulador que determina o preço.

— MAGIA: UM ESTUDO UNIVERSAL PARA CAVALEIROS
DO CORONEL EMEZINE RUTHORN



CAPÍTULO LX

O Xaden deixa cair as sombras e viramo-nos ambos para avaliar os estragos.

O meu coração para e eu levo a mão à do Xaden por impulso. A pedra de proteção está caída em pedaços no chão e não há uma chama à vista.

Valha-nos Dunne, Navarre está *indefesa*.

Não há como ver para lá do corpo da Baide para saber se a Mira está bem, pelo que me viro para a direita e reparo que a Rhiannon está à frente da arcada com os olhos esbugalhados a proteger o Ridoc e a minha mãe.

O Jack cambaleia para trás devido ao golpe do meu punhal. Tem uma expressão atordoada, mas exultante, e contorce o rosto quando arranca a arma do ombro e a atira para o chão.

— Ele já tem poucos minutos — sussurro para o Xaden.

O Barlowe acabou de *matar* o seu próprio dragão. É insondável. Impossível. E a verdade é que a Baide está morta e o Jack cai de joelhos e ri-se para o céu, que vê pela abertura quinze metros acima de nós.

A Mira aparece em silêncio, contornando o cadáver da Baide, e o Xaden abana-lhe a cabeça levemente quando ela levanta a espada. Ela mantém-se em posição de ataque, mas detém-se.

— Sabes que estás prestes a juntar-te ao teu dragão, não sabes? — pergunta o Xaden, com a voz baixa e as sombras a rodopiarem descontroladamente aos nossos pés.

— *O que estás a fazer?* — Agarro noutra punhal.

— *A obter toda a informação que for possível.* — A extrema calma do tom do Xaden é enervante.

— A questão é essa — diz o Barlowe, com o cabelo loiro a cobrir-lhe a testa quando cai para a frente sobre uma mão. — Não estou. Eles gostam de nos fazer pensar que somos a espécie inferior, mas viste a facilidade com que a controlei? A facilidade com que a energia com que ela nos vinculou é substituída? — Os olhos dele fecham-se quando os dedos se abrem sobre a pedra.

— Jack! Não faças isso! — O Nolon passa a correr pela Rhiannon e as feições contorcem-se quando vê a destruição que o rodeia. — Tu... podes ser muito melhor! Podes escolher!

Sinto um aperto no peito.

— *Péla forma como ele fala, até parece que estava à espera disto.*

— *Porque estava* — responde o Xaden com os olhos fixados no Jack. — *Ele quer repará-lo. Está a tentar repará-lo desde maio. Agora é demasiado fraco para se proteger das intenções dele.*

— *Reparar o quê? As feridas da queda?*

O Xaden franze o sobrolho em concentração.

— *O Jack transformou-se num venéfico. Não sei como, mas conseguiu fazê-lo no seio das guarnições.*

Acho que vou vomitar.

— Não há escolha nenhuma! — grita o Jack. — E, se houvesse, a minha escolha foi feita no instante em que eu a vi — lança um olhar de fúria na minha direção — a vincular-se ao dragão mais poderoso disponível na

Debulha. Porque haverão de ser *eles* a determinar o nosso potencial quando nós somos capazes de procurar o nosso destino por nossa conta?

Oh. *Deuses*. Os olhos dele estão raiados de sangue há *tanto* tempo. Quando é que isto aconteceu? Antes da queda. Só pode ter sido antes de eu ter manipulado o relâmpago pela primeira vez naquele dia. No ginásio, naquele dia...

E eu atirei o punhal *errado*.

— *Baide* — rosna o Tairn e eu levanto os olhos e vejo a silhueta do meu dragão a tapar as estrelas.

— *Lamento*.

— A magia precisa de equilíbrio — observa o Nolon. — Não dá sem um preço!

— Será? — O Jack inspira e as pedras à volta dele, que tinham o tom preto da ardósia, tornam-se bege fosco. — Vocês têm noção do poder que têm debaixo dos vossos pés?

Vejo uma pedra a perder a cor, depois outra, a seguir mais uma.

— *Xaden...*

— *Eu sei*. — As sombras avançam a toda a velocidade, atiram o Jack para trás e arrastam-no pelo chão antes de o levantarem e o segurarem no meio do ar com um X a atravessar-lhe o tronco. — Quando é que te transformaste? — pergunta o Xaden.

— Queres mesmo saber, não queres? — O Jack luta contra a força que o comprime, mas o Xaden fecha mais o punho e as sombras apertam-no ainda com mais força.

— Eu sei que me vais dizer. — O Xaden começa a andar na direção dele. — Porque eu não tenho nada a perder se te matar. Portanto, diz-me quando foi. Talvez conquistes alguma benevolência.

— Antes do desafio contra mim — respondo quando o Jack se recusa a fazê-lo. — Ele tentou impregnar poder à força no meu corpo. Só que na altura não percebi o que era. Como? As guarnições...

— Não bloqueiam *todo* o poder como os dragões querem que pensemos que fazem! Continuamos a conseguir alimentar-nos a partir do solo, continuamos a conseguir canalizar para sobreviver. O suficiente para os enganar. Podemos não estar no máximo das nossas forças, podemos não ser capazes de manipular magia maior sob as vossas *proteções*, mas não se iludam: já estamos entre vós e agora estamos livres. — O Jack faz sinal para a Baide e o olhar furioso alterna entre mim e o Xaden. — Nunca perceberei porque é a ti que ele quer. O que caralho é que te torna tão especial?

— *Isto muda tudo* — argumenta o Tairn.

— Vocês não fazem ideia do que vos espera. — O Jack tenta agarrar as sombras e os pés esperneiam no ar, mas o Xaden envolve-lhe mais uma faixa de sombras na garganta e ele fica imobilizado. — Eles são mais rápidos do que vocês pensam. *Ele* vem aí com uma horda de verdes. Vêm todos.

— Talvez demorem uns minutos a ler o mapa. — O tom do Xaden torna-se escarninho. — E tu já serás história quando eles chegarem.

— *Temos de o manter vivo para o questionarmos o máximo de tempo possível.* — Eu transfiro o peso de um pé para o outro devagar para evitar a atenção do Jack.

— *E qual é a tua solução para isso?* — pergunta o Xaden.

Temos de lhe bloquear o poder. O meu olhar vira-se para o lado e eu vejo o Nolon a aparecer pé ante pé à esquerda. Conseguiu mantê-lo sob controlo todos estes...

— *O soro* — digo ao Xaden. — *Deve ter sido por causa dele que eles desenvolveram o soro que bloqueia os sinetes.*

Um movimento perto da Mira faz-me olhar de relance para a minha irmã e ver o Dain a passar por ela.

— Eles não precisam de um mapa. Eu já lhes mostrei o caminho. Enquanto vocês estavam ocupados a contrabandear armas para fora daqui, nós estávamos ocupados a contrabandeá-las para as trazer para *aqui*. — Os movimentos do Jack ficam mais fracos, a respiração mais difícil, tal como aconteceu com o Liam. — Tudo isto será nosso daqui a poucas horas. — Ele

abre bem as mãos, estenderas para a parede e estremece quando a cor da pedra se esvai.

O meu coração sobressalta-se. Estamos debaixo da terra.

O Xaden saca do punhal com cabo de liga e avança com o passo decidido, mas o Dain chega lá mais depressa.

— Ainda não! — O Dain agarra na cabeça do Jack e fecha os olhos à medida que as pedras vão perdendo a cor uma a uma.

Uma. Duas. Três. Eu começo a contar pulsações ao ver a dissecação a expandir-se.

À quarta pulsação, o Jack tira as mãos da parede e agarra os braços do Dain.

— Xaden? — É um pedido, ambos o sabemos, mas ele não faz nada.

O Dain começa a tremer.

— Xaden! — grito. — O Jack está a sugá-lo. — O poder assome-me à ponta dos dedos pronto para a libertação.

Só quando o Dain grita de dor é que o Xaden dá o último passo, bate com o cabo do punhal na têmpora do Jack e o deixa inconsciente.

Eu apresso-me a seguir em socorro do Dain, que cambaleia para trás, a rasgar o casaco de voo, a tirá-lo à força e a puxar o tecido do uniforme pelos braços acima, onde tem marcas cinzentas de mãos no preciso lugar em que o Jack o agarrou.

— Estás bem? — Deuses, a pele dele está a *encarquilhar-se*.

— Acho que sim. — O Dain passa as mãos pelos braços à vez, antes de fletir os dedos em avaliação. — Dói como a puta de uma queimadura de gelo.

— Posso partir do princípio de que sabe o que fazer com ele, já que o tem feito desde maio? — O Xaden lança um olhar fulminante ao Nolon.

O Nolon assente com a cabeça, estendendo a mão para o Jack e vertendo-lhe um frasco de soro na boca. O Xaden retira as sombras, deixando o Jack cair ao chão, antes de se agachar para lhe arrancar o emblema da Primeira Divisão.

— Quantos cavaleiros estão cá? — pergunta o Dain ao Nolon, que está a olhar para o Jack com uma mistura de descrença e horror. De repente, percebo porque esteve sempre tão exausto ao longo do ano. Não estava a reparar uma alma do ponto de vista figurativo, mas literal. — Quantos cavaleiros, Nolon? — grita o Dain.

O reparador levanta os olhos cansados.

— Cento e nove cadetes — responde a minha mãe, com a mão na cabeça a sangrar. — Dez membros da chefia. Todos os outros foram enviados para os postos intermédios e para Samara. — Olha de relance para mim. — Além dos que tu trouxeste.

— Eu vi-lhe as memórias. Não é suficiente. — O Dain abana a cabeça.

— Bem, vai ter de ser — contrapõe a Mira.

— Junte-os a todos. Eles são mais rápidos do que os dragões — diz o Dain à minha mãe. — Temos dez horas. Talvez menos. Depois, morremos todos.

Meia hora depois, quase todos os bancos da sala de Sumário de Batalha estão ocupados e existe uma divisão clara entre os que decidiram lutar por Poromiel e os que decidiram ficar para defender Navarre. Os de Navarre ocupam o lado direito da sala disposta em degraus e, pela primeira vez, eu não pego numa caneta e num caderno para tirar notas quando a minha mãe e a Devera ocupam o palco com o Dain.

A energia nervosa que se sente na sala lembra-me os momentos em cima do torreão de Athebyne, quando decidimos lutar em Resson. A diferença é que hoje não temos de fazer nenhuma escolha: estamos aqui.

Esta batalha começou na câmara da pedra de proteção e nós *já* perdemos. A questão é que ainda estamos a respirar. A Greim comunicou ao Tairn que o Melgren e as suas forças só chegarão *depois* da horda que se está a encaminhar para aqui e, há cerca de uma hora, recebemos a notícia de que há uma segunda leva de serpes a caminho.

Como se a primeira não fosse suficiente para nos destruir.

Olho por cima do ombro para os lugares de cima e vejo o Xaden em pé, ao lado do Bodhi, com os braços cruzados à frente do peito a ouvir o que o Garrick lhe está a dizer. Sinto uma ânsia dolorosa a apertar-me o coração. Como é que só podemos ter algumas horas de vida?

Como se estivesse a sentir o peso do meu olhar, o Xaden olha para mim e *pisca-me o olho*, como se não estivéssemos perto da aniquilação certa. Como se tivéssemos voltado ao ano passado e esta fosse só mais uma sessão de Sumário de Batalha.

— Como estão as mãos? — pergunta o Sawyer ao Ridoc enquanto a chefia discute alguma coisa no palco.

— O Nolon reparou-as logo depois de ter tratado da general Sorrengail. — O Ridoc flete os dedos e mostra a pele imaculada. — E o Dain? — pergunta-me.

— Não pode fazer nada por ele. — Abano a cabeça. — Não sei se é por ser uma ferida irreparável ou por o Nolon estar demasiado exausto de tentar reparar o Jack vezes sem conta.

— Cabrão do Jack — murmura a Rhi.

— Cabrão do Jack — concordo.

A Devera começa a sessão. Os serviços de informação relatam que há mil serpes a caminho de Basgiath. A boa notícia? Nem sequer se deram ao trabalho de parar em Samara, o que significa que o número de baixas é reduzido. A má notícia? Parece que não estão a parar em *lugar nenhum*, o que significa que não vamos poder contar com nenhum atraso.

O Dain dá um passo em frente e aclara a garganta.

— Quantos aqui dentro são capazes de fazer uma runa de rastreamento?

Não se levanta uma única mão entre os cadetes de Aretia, nem sequer a minha ou a da Rhi. Os cadetes de Basgiath estão com ar de quem ouviu o Dain a falar kroviano no palco.

— Certo. — O Dain passa a mão no cabelo e o rosto descai-se antes de ele disfarçar o desespero. — Isso complica as coisas. Os manipuladores de magia negra sabem exatamente onde estamos porque, de acordo com as

memórias do Barlowe, ele colocou chamarizes por toda a escola e pelo caminho que dá para o Vale.

Parece que o Dain já não se preocupa em manter o sinete confidencial.

Eu entreabro os lábios. É a energia que o Chradh sentiu quando chegámos, a mesma que chamou os venéficos para Resson. Destruirmos os chamarizes é a nossa melhor hipótese de ganharmos tempo ou, pelo menos, de confundirmos as outras levas que aí vêm.

— Eu vi onde o Barlowe colocou a maior parte dos chamarizes, mas não todos — continua o Dain quando se ouvem passos junto à porta.

Todas as cabeças se viram para lá quando os cadetes de infantaria começam a entrar com os rostos hesitantes e ansiosos. Vejo o Calvin, o líder do pelotão com que fomos emparelhados nas manobras, a olhar de boca aberta para o espaço até que os olhos param e se fixam no mapa de Navarre. Está a usar a mesma insígnia que todos os outros, o que me leva a crer que só enviaram a chefia do quadrante.

— O Quadrante de Infantaria vai passar as próximas horas a tentar encontrá-las enquanto nós nos preparamos... — A voz do Dain esmorece e ele engole em seco.

A Devera decide ter pena dele e dá um passo em frente.

— Hoje à noite vão trabalhar com as vossas esquadras. Não se esqueçam de que as serpes são a distração e a arma. Se derrubarem um dos venéficos, matarão as serpes que ele criou. Ninguém enfrenta um manipulador de magia negra sozinho. Essa é a receita para a morte. Trabalhem em conjunto, confiem uns nos outros, complementem os sinetes uns dos outros como se se tratasse da Batalha de Esquadras.

— Só que, neste caso, é uma batalha a sério — diz a Rhiannon à boca pequena. Onde cadetes a sério vão morrer *a sério*.

— Não se esqueçam de que os venéficos vão emular o vosso estilo de luta, pelo que o devem adaptar se tiverem de recorrer ao combate corpo a corpo — continua a Devera, com os traços da boca tensos de preocupação e, talvez, algum medo.

Os cadetes de Basgiath murmuram entre eles e agitam-se nos assentos.

— Aposto todos os punhais que trouxemos connosco em como eles não os ensinaram a lutar contra venéficos. — O Sawyer abana a cabeça e tamborila com os dedos na secretária.

— Os instruendos do primeiro ano cujos sinetes ainda não se tenham manifestado devem estar prontos para fugir se cairmos. Os curandeiros estão a abastecer a enfermaria e a preparar-se. Os copistas estão a tratar da evacuação com os nossos textos mais importantes. — A Devera relanceia para a minha mãe.

Claro que estão. Imagino quais serão os textos que irão considerar suficientemente valiosos para salvar e quais são os que lhes convirá deixar ficar para acabarem queimados.

A minha mãe levanta os olhos para a minha direita, onde a Mira está em pé com alguns dos amigos dela, e depois baixa-os para mim.

— As tarefas definidas para esta noite foram decididas tendo em consideração os melhores interesses de Basgiath e do Vale. Há sinetes incrivelmente poderosos entre vocês. Cavaleiros dotados. — Ela olha para a primeira fila, onde está sentado o Emetterio. — E até mestres de combate. Mas não vos vou mentir...

— Aí está uma novidade — murmuro e a Rhiannon deixa escapar um sorriso trocista baixinho.

— ... estamos em inferioridade numérica-continua a minha mãe. — Estamos em inferioridade em matéria de poder, também. Contudo, as nossas hipóteses podem não ser as melhores, mas os deuses estão connosco. Quer tenham partido depois da Debulha, quer tenham ficado, somos *todos* cavaleiros navarreses, vinculados com o objetivo de defendermos a draconidade quando chegasse a hora da verdade. E essa hora chegou.

A hora da verdade na noite mais longa do ano. Sinto o estômago a agitar-se quando tento combater o peso rodopiante da desesperança.

— *Quero que vás para Aretia* — digo à Andarna. — *Vai-te embora antes que eles cheguem. Esconde-te onde puderes e volta para junto do Brennan.*

— *Vou estar onde for necessária e é contigo* — replica ela.

Posso usar todos os argumentos de que me lembrar para a manter viva, mas pouco importa, e ambas o sabemos. Os humanos não dão ordens aos dragões. Se ela estiver determinada a morrer com o Tairn e comigo, não posso fazer nada. Cerro os lábios entre os dentes e contraio-me para conter as lágrimas que me assomam aos olhos.

Finco as unhas nas palmas das mãos enquanto a minha mãe distribui os cavaleiros ativos pelas esquadras de cadetes, dividindo a experiência pelos grupos. O Garrick é afetado à Primeira Esquadra, Pelotão Labareda, e o Heaton à Primeira Esquadra, Pelotão Garra, ao passo que o Emery é afetado a uma esquadra da Primeira Divisão.

— Capitã Sorrengail. — A mãe levanta a cabeça para a Mira. — Vai ficar com a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão.

Toda a nossa esquadra olha para a Mira e eu arregalo os olhos ao ver o medo que brilha nos dela.

O meu vínculo com o Xaden ferve de raiva.

— *Que se foda isto.*

— Com o devido respeito, general Sorrengail — responde a Mira, a enrolar os ombros para trás —, se a ideia é usarmos os nossos sinetes da forma mais proveitosa para todos, eu devia ficar consigo na última linha de defesa, uma vez que agora sou capaz de levantar escudos sem as guarnições.

As sobrancelhas da minha mãe levantam-se em surpresa e o meu olhar saltita entre ambas como se estivesse a ver um evento desportivo.

A Mira engole em seco antes de fixar os olhos nos meus.

— E o tenente Riorson deve ser colocado com a Segunda Esquadra, uma vez que já ficou demonstrado em batalha que o sinete dele complementa muito bem o da cadete Sorrengail. — A Mira olha para mim como se estivéssemos sentadas frente a frente numa mesa de jantar e não no meio de uma reunião antes de uma batalha. — Por muito que gostasse de ser o escudo que a protege, é ele quem nos dá a maior probabilidade de mantermos a nossa arma mais eficaz viva.

Passa um segundo de tensão em que eu olho para a nossa mãe.

— Assim seja, então. — A mãe assente com a cabeça e conclui as mudanças das unidades.

O calor que sinto no vínculo amaina e a minha postura descai em alívio. Pelo menos vamos estar juntos.

— Ficamos com vocês os dois? — O Ridoc lança-me um sorriso rápido. — Talvez tenhamos uma hipótese de durar uma horita.

— Eu aposto em duas — aponta o Sawyer com um aceno de cabeça.

— Calem-se ambos antes que bata as vossas cabeças uma na outra — avisa a Imogen do assento atrás de nós. — Tudo o que for menos de quatro horas é inaceitável.

Quanto tempo é que Resson resistiu? Uma hora? E havia dez cavaleiros e sete voadores contra *quatro* venéficos.

— Agora que este assunto está encerrado — diz a minha mãe quando o Kaori sobe ao estrado lançando uma ilusão na forma de um mapa de Basgiath e da área envolvente que se desenrola de cima para baixo. — Vamos dividir Basgiath, o Vale e as áreas envolventes numa grelha de setores.

O Kaori estala os dedos e o mapa divide-se em linhas horizontais e verticais.

— Cada esquadra será responsável por um setor do espaço aéreo enquanto a infantaria cobre o solo — continua a minha mãe, a acenar com a cabeça para o Kaori. Aparecem insígnias de esquadras em diferentes partes da grelha e eu demoro um segundo a localizar a nossa ao lado do Vale, emparelhada com uma esquadra da Primeira Divisão. Não há emblemas dentro do espaço, mas há um grande número de dragões não vinculados, sem dúvida prontos para defender os campos de desova. — Memorizem esta grelha, porque não vão ter tempo para pegar num mapa quando estiverem no ar. Se eles estiverem no vosso espaço aéreo, matam-nos. Se atravessarem para o espaço aéreo de outra esquadra, deixam que *essa* esquadra os mate. Evitem abandonar o vosso espaço aéreo a todo o custo, porque, se o fizerem, isto vai transformar-se num combate desorganizado, o que nos deixará inevitavelmente com setores fracos. Definiremos novas posições conforme necessário de acordo com a evolução das baixas.

Não se houver baixas.

O setor atrás do *campus* principal, onde fica a câmara da pedra de proteção, está assustadoramente vazio, como se já tivessem abdicado do espaço.

— Isto não está certo — sussurro. — Devíamos defender a pedra de proteção.

— A partida? — pergunta o Sawyer em voz baixa.

— Diz — insta-me a Rhiannon.

— A probabilidade de sobreviveres é maior — murmura o Ridoc a agitar-se no assento.

Eu aclaro a garganta.

— É um erro abandonar a pedra de proteção.

A minha mãe lança-me um olhar reprovador e a temperatura baixa alguns graus.

— Porque será que só as minhas filhas falam sem serem chamadas?

— Saímos à nossa mãe — atira a Mira num tom seco e aquele olhar letal gira para ela.

— É um erro — insisto. — Não sabemos qual é o poder que a pedra ainda guarda e foi colocada naquele lugar porque fica sobre o fluxo de poder natural mais forte, de acordo com o Warrick.

— Hum. — Desta vez, não é a minha mãe que está a olhar para mim. É a general Sorrengail. — A sua opinião foi registada.

O meu peito enche-se de esperança.

— Então, vão destacar uma esquadra para lá?

— De maneira nenhuma. A sua opinião, por mais registada que esteja, está *errada*. — Ignora-me sem dizer mais nenhuma palavra e sem a explicação que nos teria sido dada se isto fosse um Sumário de Batalha, deixando-me com metade do meu tamanho original, a encolher-me ainda mais na cadeira.

Sinto uma onda de calor no vínculo, mas não é suficiente para amainar o arrepio frio da rejeição.

— Têm as vossas ordens para a manhã — diz a minha mãe. — Cavaleiros, encontrem a cama mais próxima e durmam o mais e o melhor que possam. A maioria dos que abandonaram Basgiath perceberá que os respetivos quartos não foram ocupados e a maior parte ainda tem a vossa roupa de cama.

Precisamos que descansem para serem eficazes. — Ela olha para a sala como se pudesse ser a última vez que nos vê. — Cada minuto que resistirmos dar-nos-á a oportunidade de recebermos reforços a tempo. Todos os segundos contam. Não se iludam, *vamos* resistir enquanto for possível.

Eu levanto os olhos para o relógio. Ainda nem sequer são oito da noite, o que significa que posso manter o meu mantra nas próximas horas. Não vou morrer hoje.

Não posso dizer o mesmo de amanhã.

As estrelas ainda brilham no céu noturno quando o Xaden e eu nos vestimos no silêncio relativo do quarto. Afinal, os cadetes que ficaram em Basgiath deixaram todos os aposentos intocados, à exceção dos dos chefes de divisão, como se estivessem à espera que nós reconhecêssemos os nossos erros e voltássemos.

As poucas horas de sono que tivemos foram esporádicas na melhor das hipóteses, o que me deixou abaixo do meu potencial total e um pouco tonta, mas, pelo menos, não fui atormentada com pesadelos.

Ou talvez a minha imaginação seja mesmo assim tão hiperativa.

O Xaden beija-me pela coluna abaixo, com os lábios a roçarem cada bocadinho de pele enquanto me aperta a couraça em cima da ligadura no ombro que me estabiliza a articulação dorida e me atravessa o corpo. Os meus olhos fecham-se quando ele chega ao fundo das costas e o desejo que ele mais do que saciou na noite passada volta a acender-se e a afogear-me a

pele. Nunca é preciso mais do que uns beijos simples para que o meu corpo fique sintonizado com o dele.

— Continua assim e vais ter de a voltar a tirar — aviso, a olhar por cima do ombro.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa? — Os olhos dele ficam turvos quando ele se levanta e me ata a couraça, apertando bem os nós para não se soltarem. — Porque não me importo nada de passar os nossos últimos momentos de sossego desta manhã enrolado em ti. — Ele passa a mão na curva da minha anca quando me contorna e fica de frente para mim, deslizando os dedos pelo cóis das minhas peles de voo antes de os mergulhar por entre os botões e a minha barriga.

Não podemos fazer isto, não podemos esconder-nos e fazer de conta que a guerra não está a chegar. Não podemos ignorar que mais de uma dezena de chamarizes não foram destruídos — nem sequer encontrados —, quando um foi suficiente para conduzir os venéficos a Resson e só encontrámos metade dos que o Jack deixou em redor do *campus*. Não podemos negar que os últimos relatos dos poucos cavaleiros com coragem suficiente para ficarem nos fortes intermédios ao longo da rota de Samara comunicaram que o ataque é iminente e deverá acontecer nas próximas horas. Mas, *deuses*, que me apetece, apetece.

— Não podemos. — A pena enche as palavras, mas não consigo deixar de enrolar os braços no pescoço dele. — Por mais que eu quisesse trancar a porta e deixar que o mundo arda à nossa volta.

— Podemos, sim. — Ele leva-me uma mão à nuca e puxa-me para ele até os nossos corpos se tocarem da coxa ao peito. — Basta dizeres e voamos daqui para fora.

Eu olho-o nos olhos, memorizando cada salpico de dourado para o caso de não vir a ter outra oportunidade de fazer o mesmo.

— Nunca mais serias capaz de viver contigo mesmo se abandonássemos os nossos amigos.

— Talvez não. — Ele franze o sobrolho por menos de um segundo, tão rapidamente que eu mal o vejo quando se inclina para o meu espaço. — Mas o que eu sei é que não posso viver sem *ti*, por isso acredita que há uma parte

muito séria e muito insistente de mim que me diz que eu devia pegar em ti e partir para Aretia.

Eu conheço demasiado bem a sensação, pelo que, antes de me atrever a dar-lhe voz, ponho-me em bicos de pés e beijo-o. Assim que as nossas bocas se tocam, acende-se um calor entre nós e ele agarra-me as nádegas e pega-me ao colo. Sinto que estamos a andar, a virar-nos, quando entreabro os lábios para receber a língua dele e mandar todo o pensamento lógico pela porta fora.

O meu cu bate na secretária e eu abraço-o com mais força e beijo-o com mais vontade quando ele inclina a boca sobre a minha uma vez e outra, tirando tudo o que eu lhe dou e devolvendo-o de imediato. Isto não tem nada que ver com a exploração lenta que partilhámos ontem à noite, em que alongámos cada toque, sabendo que podia ser a nossa última vez. É frenético e selvagem, escaldante e desesperado.

A minha mão passa-lhe pelo cabelo e puxa-o para mais perto, como se eu ainda tivesse a capacidade da Andarna de parar o tempo, como se pudesse agarrar-nos a este momento se o continuar a beijar.

Ele geme na minha boca e começa a desabotoar-me as calças com os dedos enquanto eu faço o mesmo com as dele.

— Vamos ser rápidos — prometo entre beijos que me levam a alma, enquanto desaperto o primeiro botão.

— Rápidos — repete ele, a deslizar a mão pela minha barriga e para dentro das minhas calças. — Normalmente não é isso que me pedes. — Os dedos dele roçam...

Alguém bate à porta.

Ficamos ambos paralisados, as bocas a arquejar uma contra a outra.

Não. Não. *Não*.

— Não pares. — Se só temos este minuto, quero-o para mim. Deuses, se ele baixasse a mão só mais uns milímetros...

Os olhos dele perscrutam os meus e depois ele reclama-me a boca como se o resultado do beijo pudesse decidir a batalha que nos preparamos para enfrentar.

— Eu sei que vocês estão aí! — rosna a Rhiannon, que, em vez de bater, começa a martelar do outro lado da porta. — Deixem de me ignorar antes que esta se torne a situação mais confrangedora de Navarre.

— Cinco minutos — suplico quando a boca do Xaden me desliza para o pescoço.

— Agora — exige uma voz cava e familiar antes de o Xaden se afastar um passo a murmurar imprecções à boca pequena.

Não pode ser. Ou pode? Mas, pelo sim, pelo não, deixo cair as mãos das calças do Xaden e aperto rapidamente o botão das minhas antes de saltar da secretária e me apressar a ir abrir a porta, parando um segundo para ver se a roupa do Xaden também está no devido lugar.

— Desmobilizem os corpos ou lá o que estão a fazer...

Destranco a porta com um movimento da mão, abro-a e vejo não apenas todos os voadores do segundo e do terceiro anos da nossa esquadra mas também alguns dos nossos instruendos do primeiro ano, entre os quais a Sloane.

E o Brennan.

Sem pensar no regulamento nem no decoro, atiro-me para os braços dele e ele agarra-me, puxando-me para um abraço apertado.

— Vieste.

— Eu já te deixei aqui com a Mira a lutar contra isto uma vez e não vou voltar a fazê-lo. Percebi que tinha feito merda assim que vocês saíram de Aretia, mas os grifos não voam com a mesma rapidez dos dragões. — Ele aperta-me com mais força por um segundo e pousa-me no chão. — Diz-me onde posso ser útil.

— São *voadores* que estão aí? — Todas as cabeças se viram no corredor quando a minha mãe se aproxima com dois ajudantes, mas os seus passos vacilam quando o olhar se desvia para o meu irmão. — Brennan?

— Não estou aqui por tua causa. — O Brennan despacha-a sem lhe dizer mais nada. — A Matthias vai mandar os voadores à procura dos chamarizes. Eles são mais rápidos no chão e melhores com as runas.

— Somos — concorda a Cat a encolher os ombros com indiferença e a avaliar o corredor como se estivesse à procura de debilidades estruturais. E provavelmente está. — E não abandonamos os nossos colegas. Vamos combater.

Posso não gostar dela, mas, caramba, tenho-lhe muito respeito. Encontrar os chamarizes dar-nos-á tempo precioso para...

Agarro nos braços do Brennan e há uma luz de esperança que se acende no meu peito.

— Alguma vez encontraste alguma coisa que não conseguisses reparar?

— Magia — responde ele. — Não posso reparar uma relíquia nem nada parecido. Provavelmente, também não posso reparar uma runa.

Se ele for capaz, só teremos de aguentar o tempo suficiente para o Codagh chegar.

— E uma pedra de proteção?

As sobranceiras do Brennan levantam-se de chofre e eu olho para a Rhiannon, que está atrás dele.

— Temos de vigiar a câmara, pelo menos deixá-lo *tentar*.

A Rhi assente com a cabeça e vira-se para a minha mãe, que ainda está com os olhos fixados no Brennan como se ele fosse uma alucinação.

— General Sorrengail, a Segunda Esquadra, Pelotão Labareda, Quarta Divisão solicita oficialmente autorização para vigiar o espaço aéreo acima da câmara da pedra de proteção.

A minha mãe não tira os olhos do Brennan.

— Autorização concedida.

Existe a convicção generalizada, embora não incontroversa, de que a transformação em venéfico acentua um dos sentidos. É convicção deste académico que o manipulador de magia negra responsável pela morte do rei Grethwild desenvolveu uma visão mais aguda, uma vez que nem o melhor dos voadores de Sua Majestade conseguiu ver para além da escuridão em que o venéfico se escondeu para assassinar o nosso amado rei.

— ESTUDO DESACREDITADO DA PROPRIEDADE VENÉFICA
DA BIBLIOTECA DE CORDYN DO MAJOR EDVARD TILLER



CAPÍTULO LXI

Ainda falta uma hora para o Sol nascer e eu e os restantes cavaleiros da minha esquadra já estamos na cumeada acima do *campus* principal de Basgiath, com os nossos dragões alinhados atrás de nós. Nota-se um contorno vago no horizonte, a promessa de luz que me aparece e desaparece da visão à medida que a linha do horizonte se altera com uma forma vacilante a aproximar constantemente e a ficar maior a cada minuto.

Dezenas de metros mais abaixo, à frente dos portões de Basgiath, a minha mãe espera montada no Aimsir, acompanhada da sua esquadra pessoal, que conta com a Mira e o Teine, ligeiramente atrás dela. Está a comandar-nos a *todos*, os três filhos e o lugar pelo qual nos sacrificou, bem como à própria alma.

— *Eles estão a caminho* — diz-me o Tairn, com a postura rígida enquanto os outros se agitam ou fincam as presas no granito decomposto da vertente da montanha coberta de neve.

As esquadras da Terceira e da Quarta Divisões estão em formação pelas montanhas acima e abaixo à nossa volta, mas tanto a Primeira como a Segunda Divisões — metade das nossas forças, agora que estamos de novo juntos com os cadetes de Basgiath — foram enviadas para a extremidade do Vale, ao passo que a nossa esquadra está a vigiar o espaço aéreo acima dos cem metros entre as traseiras do *campus* principal e a cumeada íngreme em que nos encontramos neste momento, incluindo a muito bem escondida entrada para a câmara da pedra de proteção, dezenas de metros mais abaixo, onde o Brennan está a trabalhar. A Sloane, o Aaric e os outros instruendos do primeiro ano estão junto dele com ordens para lhe ir buscar tudo o que for preciso, mas o principal objetivo da Rhi quando os mandou para o lado do Brennan foi mantê-los em segurança.

— *Eu sei.* — Relanceio por cima do ombro e vejo a Andarna a abocanhar o arnês entre o Tairn e a Sgaeyl. Apareceu há uma hora e recusou-se a ir embora.

— Foi esta a sensação em Resson? — pergunta a Rhiannon à minha direita, com as mãos a pairar nervosamente em redor das bainhas dos punhais e da espada.

— Como te sentes? — pergunto.

— Tão assustado que tenho quase a certeza de que ou o meu coração vai ceder ou me vou cagar todo — responde o Ridoc ao lado dela.

— Eu ia dizer horivelmente assustada, mas, sim, isso também funciona. — A Rhiannon assente com a cabeça.

— Sim, foi exatamente assim que eu me senti. — Faço as verificações habituais, embora saiba que não tenho tempo de voltar para o meu quarto se me tiver esquecido de alguma coisa. O Xaden recuperou o punhal que eu atirei ao ombro do Jack, o que quer dizer que estou munida com o conjunto completo de doze, além dos dois de cabo de liga e da besta pequena atada à coxa direita. Estou completamente armada.

Graças aos punhais que trouxemos connosco e à forja de Basgiath, todos os cadetes estão armados.

— Alguma vez se torna mais fácil? Enfrentar uma batalha? — pergunta o Sawyer ao lado do Ridoc, a olhar para a escola. A infantaria foi

mobilizada para todos os pátios, todos os corredores e todas as entradas, a última linha de uma defesa muito frágil.

— Não — responde o Xaden à minha esquerda. — Só conseguimos esconder melhor as emoções. O plano está claro para todos?

— Os cavaleiros respondem perante a Rhi, os voadores perante o Bragen — recita a Quinn à nossa esquadra do fundo do nosso alinhamento à esquerda. — Quando eles chegarem.

Os voadores ainda estão à procura das caixas. Sem os chamarizes, talvez as serpes tivessem esperado até que fosse dia. Talvez tivessem demorado mais a sentir onde ficam os campos de desova. Talvez destruir chamarizes possa travar a horda que virá inevitavelmente a seguir. Mas não é este mundo de possibilidades que vai mudar o que estamos a enfrentar neste momento.

— Ficamos no nosso setor — diz a Imogen ao lado da Quinn, a entrançar os fios mais compridos do cabelo cor-de-rosa para o manter longe dos olhos. — Se uma serpe sair do nosso espaço aéreo, deixamos que passe a ser da responsabilidade de outra esquadra, para não deixarmos o nosso setor desprotegido sem querer. Mantemos o nosso espaço aéreo a todo o custo.

— A Rhiannon é a responsável pelos punhais — diz o Ridoc, a esfregar as mãos embora esteja um calor inusitado hoje de manhã. Nem sequer consigo ver a minha respiração. — Vai buscá-los e distribuí-los caso algum venéfico caia da respetiva serpe e leve o nosso punhal com ele.

— Alguma razão para não os arrastares para o chão a todos com todo esse poder de sombras? — O Sawyer lança um olhar para o Xaden, como se tivesse havido alguma possibilidade de ele não ter já pensado nisso, o olhar emulado pela Rhi e pelo Ridoc.

— Tirando o facto de eu quase ter tido um esgotamento ao tentar conter quarenta num espaço estreito como um vale e, ao que parece, haver dez vezes mais venéficos num campo aberto? — riposta o Xaden, a levantar a sobranceira cicatrizada.

— Certo. Há isso. — O Sawyer assente com a cabeça para si mesmo.

— Ficarmos concentrados nas serpes é um erro — aviso-os quando a aragem que desce pela vertente se transforma em vento evidente, mas também não traz o frio gelado de dezembro. — Sim, é verdade que nos vão tentar matar, mas não deixem que elas vos distraiam do respetivo criador. Matem os venéficos que as criaram e as serpes cairão. Pela nossa experiência, eles não se afastam das criações durante a batalha.

— Sabem quais são os vossos pares? — pergunta a Rhi, a olhar para o alinhamento.

Toda a gente assente com a cabeça. O nosso objetivo é ter sempre dois contra um a nosso favor.

— Montem — ordena a Rhiannon.

Eu viro-me depressa e dou-lhe um abraço e ela agarra o Sawyer e o Ridoc e puxa-os para junto de nós.

— Não congelem — digo-lhes. — Independentemente do que aconteça, não parem. E mantenham-se no ar. Eles podem matar-vos se sugarem o solo que estão a pisar. Ninguém vai morrer hoje.

— Ninguém vai morrer hoje — repete o Ridoc, e o Sawyer assente com a cabeça quando nos separamos.

— Viste a Jesinia? — pergunta a Rhi ao Sawyer.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Ela está cá?

— Veio com a Maren — responde o Sawyer, baixando a cabeça. — Parece que os grifos são mais condescendentes nesse aspeto do que os dragões. Está nos Arquivos, a comparar o diário do Warrick com o do Lyra para ver se consegue perceber porque é que as guarnições de Aretia não estão a funcionar bem. Quando tu disseste que tinhas medo de que as guarnições de Basgiath caíssem, ela começou a ficar preocupada que não conseguíssemos voltar a levantá-las sem sabermos o que correu mal em Aretia. Parece que tinha razão.

— Ela não devia estar em Basgiath. — Abano a cabeça e sinto a pulsação a acelerar. — Está completamente indefesa lá em baixo.

— Ela tinha medo de descobrir as diferenças entre os diários e estar longe de mais para ajudar. E se o Brennan reparar a pedra, a Jesinia é a nossa única esperança de erguermos as guarnições aqui como deve ser — responde o Sawyer, a recuar para seguir o Ridoc e montarem os seus dragões.

— Ela tem tanto direito a arriscar a vida como nós — recorda-me a Rhi por cima do ombro, já a caminho da Feirge. — Agora, aquece essas mãos manipuladoras ou faz lá o que precisas de fazer para pegar fogo a isto.

Eu viro-me para a Andarna enquanto o Xaden acaba de falar com a Quinn e a Imogen.

— Promete-me que vais ficar escondida.

— *Eu sei esconder-me.* — Ela recua um passo e eu pestanejo... é quase como se ela se tivesse misturado com a escuridão.

— *São as vantagens dos dragões pretos* — diz o Tairn cheio de si. — *Nascemos para a noite.*

Sigo a Andarna e esfrego-lhe as escamas entre as narinas quando ela baixa a cabeça.

— Não saias daqui. O Marbh está lá em baixo, a proteger o Brennan. Se a maré da batalha virar, ele vai tomar conta de ti, mas tens de ir. Promete-me.

— *Vou ficar. Vou estar de vigia. Mas desta vez não te vou deixar.* — Ela solta um suspiro que cheira levemente a enxofre e o meu coração cai. A Andarna já viu de mais para a idade que tem.

— Era mais fácil quando eras mais nova. — Dou-lhe uma última esfregadela. Todos os dragões da nossa esquadra sabem que vão tomar conta dela se o Tairn e eu cairmos. Mas só ela pode decidir ir-se embora.

— *Também não te dei ouvidos nessa altura.*

— Bem visto.

— *Está quase na hora* — anuncia o Tairn, e o meu coração acelera quando me viro para o Sol nascente e vejo uma faixa cor de laranja a

iluminar não só o horizonte mas também uma enorme nuvem de serpes que está quase a chegar.

Sopra mais uma rajada de vento quente e as estrelas tremeluzem no céu quando se formam nuvens negras acima das montanhas, que carregam o ar com uma energia que convoca a minha.

O Xaden vem ter comigo entre o Tairn e a Sgaeyl, um cenário que me lembra muito Resson. Estende-me os braços, e a mão quente fecha-se em concha na minha nuca.

— Amo-te. O mundo não existe para mim sem ti. — Inclina-se e pousa a testa na minha. — Não te consegui dizer isto da última vez que voámos para um combate e devia tê-lo feito.

— Eu também te amo. — Agarro-lhe a cintura e forço um sorriso. — Faz-me um favor e não morras. Não quero viver sem ti. — Eles são tantos e nós somos tão poucos.

— Não vamos morrer hoje.

— Se ao menos todos nós sentíssemos esse tipo de certeza — tento gracejar.

— Mantém-te concentrada no inimigo e na tua vida. — Ele beija-me com intensidade e rapidez. — Nem Malek conseguiu manter-me longe de ti.

Eu recuo ao sentir a primeira gota na cabeça.

— Chuva? — O Xaden levanta a cabeça. — Em dezembro?

Calor. Chuva. O ar carregado.

— É a minha mãe. — O meu rosto abre-se num sorriso lento. — É a forma dela de impregnar a sua arma favorita. — Eu.

— Lembra-me de lhe agradecer depois. — O Xaden puxa-me para mais um beijo, depois vira-se sem dizer mais nada e monta a Sgaeyl em corrida.

Eu olho para o céu e respiro fundo para me habituar à pressão que a minha mãe me acabou de colocar sobre os ombros. A tempestade vai-me ajudar, mas, se a chuva aumentar, vai custar-nos a ajuda dos grifos. Não são capazes de voar se caírem mais do que chuviscos.

— *Eles vão vigiar o solo e carregar os feridos* — diz o Tairn a baixar o ombro. Eu subo-lhe pela perna dianteira, com a chuva a bater-lhe nas escamas. Instalo-me na sela, aperto a correia nas coxas e certifico-me de que a aljava que a Maren me deu está bem amarrada ao lado esquerdo da minha sela e à mão de semear. Não quero pô-la às costas e colocar o ombro em risco. Depois, pego no condutor que tinha no bolso e enfio a pulseira a que está amarrado no pulso.

E só então, quando estou certa de que estou tão preparada quanto possível e o meu poder me flui pelas veias com um calor que não chega a esquentar, é que olho para o inimigo que se aproxima.

O meu coração titubeia.

Deuses, estão *em todo o lado*, uma horda maior do que qualquer revoada que eu já tenha visto. A voar a várias altitudes — embora a maioria ao mesmo nível em que nos encontramos —, o mar de asas cinzentas, pescoços esticados e mandíbulas abertas devora o nascer do Sol.

Subestimámos largamente o número de serpes e, só de saber que há outra onda a seguir, fico com a garganta tensa quando olho para o alinhamento da minha esquadra. Não há nenhuma possibilidade de sairmos todos disto vivos... se algum sair.

Mas só temos de aguentar tempo suficiente para o Brennan reparar a pedra de proteção. Se formos capazes de erguer as guarnições, mesmo que a Jesinia não descubra o que nos faltou em Aretia, podemos deixar as serpes atordoadas tempo suficiente para as matarmos.

Ao fim de poucos instantes, as serpes estão suficientemente perto para eu poder perceber quais são as que trazem cavaleiros e, quando a minha contagem chega às duas dúzias, deixo de contar para bem da minha sanidade. O terror sobe-me pela espinha e eu respiro fundo para o fazer baixar. Não servirei de nada ao Tairn e à Andarna — a ninguém da minha esquadra — se ceder ao pânico, e serei ainda pior, um risco, se não mantiver o controlo total.

Estarão ao nosso alcance daqui a poucos minutos.

— *Talvez devêssemos ter voado para fora daqui Ter travado a batalha nas planícies.* — Não consigo deixar de pôr em causa o nosso plano quando

o medo me aperta o peito e me acelera a pulsação.

— *São demasiadas. Poderiam atacar-nos pelas alas e cercar-nos. Aqui, conhecemos cada desfiladeiro, cada cume, e elas não nos podem contornar* — responde o Tairn.

Vão ter de passar por nós.

— *Elas estão a espalhar-se* — diz o Tairn, com a cabeça a rodar. — *A formação que estão a apresentar indica que vão enfrentar todas as nossas forças em vez de se dirigirem ao Vale como tínhamos planeado.*

O meu estômago bate fundo. Distribuímo-nos mal.

— *Então, vamos ter de nos certificar de que elas não chegam ao Vale, não é assim?*

— *Só vais ter campo livre para atacar durante segundos* — lembra-me o Tairn.

— *Eu sei.* — Assim que os dragões começarem a lutar, a probabilidade de atingir um dos nossos ou uma serpe é a mesma. O primeiro relâmpago vale por *todos*. Levanto as mãos e abro a porta dos Arquivos num fluxo constante, mas viável, saboreando a crepitação rápida da pele que acompanha o assomo de energia.

— *Diz ao Aimsir que preciso que a minha mãe afaste aquela nuvem...*

— *Sim* — diz o Tairn, a seguir a minha linha de raciocínio ainda antes de eu lhe dar voz.

Deixo o condutor encostado ao antebraço e concentro-me na nuvem acima de nós, a pestanejar à medida que a chuva me cai nos olhos sem amainar.

Os dragões ao nosso lado começam a agitar-se, a enrolar os ombros em preparação para se lançarem ao ar, mas o Tairn continua imóvel como a montanha em que nos encontramos. Lanço um olhar rápido por cima do ombro para a Andarna, mas...

— *Onde estás?*

A batalha ainda nem começou e ela já não está no lugar dela.

— *Escondida como prometi.* — Espreita de trás de um afloramento de rochas.

— *Prepara-te* — ordena o Tairn quando as nuvens passam por cima de nós a uma velocidade sobrenatural e deslizam a caminho do inimigo.

Eu concentro-me na horda. Sem uma saída, o poder acumula-se dentro de mim, e o calor é tanto que eu penso que poderei soprar fogo, mas deixo-o crescer, queimar-me, ameaçar que me consome.

— *Violet...* — diz o Xaden.

— *Ainda não* — respondo. — Estarão em cima de nós em *segundos*, mas tem de ser no segundo certo. — O suor escorre-me pela testa.

— *Violet!*

A tempestade da minha mãe passa pelas serpes na altitude mais elevada e eu liberto a torrente de poder escaldante, apontando para o céu.

O céu é iluminado por um relâmpago que sobe do chão da cumeada abaixo da nossa num clarão de luz tão poderoso que me ofusca os olhos quando embate na nuvem.

Eu baixo os braços a ver os corpos a cair.

— *Talvez isto vá ser mais fácil do que...*

Não, afinal não. As serpes mudam de tática em segundos, tal como os cavaleiros que as controlam e voam sob a cobertura das nuvens, desviando-se para evitarem as carcaças em queda da horda.

— Caramba! — grita o Ridoc ao ver as serpes a cair nas quatro estradas que conduzem a Basgiath e os corpos a deixarem sulcos profundos no solo.

Esta abordagem não vai voltar a funcionar, pelo que eu deslizo a esfera para a palma da mão e volto a convocar o meu poder, apelando a um fluxo mais rápido e concentrado quando aponto para a serpe mais próxima com um cavaleiro em cima.

O fogo atravessa-me o corpo quando eu manipulo, falhando a serpe que pretendia atingir, mas acertando noutra.

Merda.

— *Foca-te no próximo relâmpago, não no último* — diz o Tairn.

— Aguenta! — grita o Xaden, mantendo o campo livre tempo suficiente para eu disparar outro relâmpago.

Eu volto a levantar as mãos, dando ao poder do Tairn domínio sobre os meus ossos e músculos, e preparo-me para outro relâmpago. A energia passa por mim e, em vez de deixar que me queime as mãos, concentro-me nos dedos tal como o Felix me ensinou, lançando-os para baixo com o relâmpago, que aponto ao alvo como se eu fosse um maestro e o relâmpago a minha orquestra.

O relâmpago sai disparado e a serpe e o cavaleiro caem inanimados um para cada lado. Segue-se uma mão-cheia de outras serpes a cair do céu com a morte do manipulador de magia negra, mas não tenho tempo para respirar de alívio nem de alegria com o feito quando há muitas mais.

E já estão aqui.

A esquadra da minha mãe lança-se ao ar para atacar a primeira onda de serpes que se intromete no setor que lhe foi atribuído. O Aimsir arranca a garganta de uma serpe antes de eu perder a minha mãe e a Mira de vista quando a horda passa pelo setor delas e segue para o próximo.

— *Foca-te no teu setor* — ordena o Tairn e eu tiro os olhos da área em que vi a minha família pela última vez.

Segundo a segundo, as esquadras à nossa volta e mais abaixo lançam-se ao ar uma a uma para defenderem os respetivos setores e, quando o primeiro focinho ameaçador atravessa a nossa linha — o final das estruturas de Basgiath e o início da montanha —, eu preparo-me para fazer o mesmo.

O Tairn recua antes de se precipitar para a frente, batendo as asas enquanto corre para a extremidade da cumeada e começa a voar. Eu puxo os óculos de voo para cima dos olhos quando sinto o vento a fustigá-los e depois volto a levantá-los rapidamente quando a chuva me impede de ver por completo.

— *Aquela é nossa* — diz-me o Tairn, a voar em direção à serpe mais rápida da horda que entra no nosso espaço aéreo.

A Quinn e a Imogen viram para a esquerda, dirigindo-se para outros alvos, e eu vejo o resto da esquadra com a minha visão periférica, mas mantenho o foco na serpe que o Tairn decidiu atacar e com a qual estamos em rota de colisão.

Agarro o condutor com uma mão e levanto a outra quando o espaço entre nós se reduz a instantes. Não tenho necessidade de convocar o poder, porque já está aqui a correr-me pelas veias e a carregar o céu.

A energia crepita nas pontas dos meus dedos e, quando estou prestes a manipular, a serpe sem cavaleiro baixa a mandíbula e cospe um jorro de fogo verde. O coração sobe-me à boca quando vejo as chamas a aproximar-se de nós, e o Tairn faz uma pirueta para a esquerda, evitando por pouco a labareda.

Eu lanço o corpo para a direita para manter o equilíbrio quando passamos pela serpe, sem nunca deixar de me concentrar na criatura, e depois manipulo, lançando um relâmpago da nuvem que a cobre. Atinge-a logo acima da cauda, uma vez que não calculei o golpe tendo em conta a velocidade e a distância, mas é suficiente para a derrubar.

— *Abaixo* — rosna o Tairn, mergulhando num voo picado.

Eu pestanejo furiosamente devido ao vento e vejo que há três serpes a tentar passar a uma altitude mais baixa.

— *Não posso lançar um relâmpago daqui. Arrisco-me a atingir alguém mais acima se o lançar do céu, elas estão demasiado longe para o lançar de mim própria, e se eu falhar do chão...*

— *Espera.*

Coloco ambas as mãos no arção, à espera, e avisto o cavaleiro na serpe do meio quando caímos dezenas de metros em poucos segundos sem que o poder deixe de me vibrar nas orelhas.

O Tairn ataca de cima, voando em direção à serpe da esquerda, e o impacto projeta-me o corpo para a frente quando o Tairn finca os dentes no pescoço da besta, arrastando-a para baixo sob o corpo dele ainda em queda.

A serpe guincha e eu levo a mão a um dos meus punhais com cabo de liga, rodando no assento para a cauda do Tairn e semicerrando os olhos

devido à chuva, quando vejo dois vultos enormes a perseguir-nos.

— *Elas vêm aí.*

Ouçó um estalido repugnante debaixo de nós e o Tairn larga a serpe, que cai com o pescoço partido os últimos trinta metros até ao solo, algures atrás do edifício da administração.

O Tairn guina para a direita e começa a bater as asas vigorosamente para chegar mais alto, mas não temos hipóteses de chegar ao alto da montanha atempo. Elas estão a menos de quinze metros de nós e, dado o ângulo de descida das restantes duas serpes, temos poucos segundos antes que o Tairn se transforme em brinquedo para mastigar. Olho para trás de nós — não vem ninguém —, agarro o condutor e respiro fundo para acalmar o ritmo acelerado do coração e o assomo descontrolado de adrenalina nas veias. Controlo. Preciso de controlo absoluto.

Só tenho tempo para um relâmpago. Liberto o poder, lançando-o para cima com o punhal, e o relâmpago rasga o céu, atingindo a serpe mais próxima no peito.

— Boa! — grito quando vejo a criatura a cair do céu, mas a minha alegria dura pouco, uma vez que a outra, com o manipulador de magia negra no dorso, avança a toda a velocidade, abrindo as mandíbulas e mostrando os dentes podres e um brilho verde na garganta. — Tairn!

O aviso ainda mal me saiu dos lábios quando uma faixa de sombras se enrola na garganta da serpe e a puxa para trás como se fosse um cão raivoso com uma trela, afastando-lhe os dentes da asa do Tairn, que não mordem por muito pouco, enquanto nós continuamos a subir aos céus.

— *A Sgaeyl apropriou-se daquela. Temos de ir à procura de uma para nós* — diz ele, subindo mais depressa do que nunca debaixo da chuva torrencial.

Uso segundos preciosos para observar tudo o que nos rodeia. Todos os setores estão sobrecarregados, incluindo o nosso. Veem-se apenas laivos de cor num mar de cinzento quando vogamos em direção ao conflito acima de nós, mas a maioria das serpes ainda está a pairar à distância, contida pela tempestade.

— *Só enviaram a primeira vaga* — explica o Tairn. — *Provavelmente para detetar debilidades.*

A cair na nossa direção, o Aotrom tem as garras fincadas na barriga de uma serpe e eu vejo o Ridoc por um instante quando eles passam por nós num movimento em espiral, com a Glane, o Cauda de Punhal Cor de Laranja da Imogen, na sua peugada.

— *O Ridoc!* — grito para o Tairn.

— *Concentra-te na tua missão, senão o plano desmorona-se. Deixa que os outros cumpram a deles.* — O Tairn voa diretamente para o meio do caos em tons de cinzento, irrompendo no espaço aéreo acima das serpes antes de nivelar o voo.

Ele tem razão. Temos uma missão a cumprir, mas deixar que os meus amigos façam o seu trabalho é muito parecido com ignorá-los. A chuva encharca-me o escalpe e escorre-me pelas peles quando avalio o campo de batalha debaixo de nós, obrigando-me a inspirar pelo nariz e a expirar pela boca para baixar a pulsação.

Isto não é a confusão da batalha de Resson. É uma defesa coordenada e eu tenho de me concentrar para fazer a minha parte.

A Feirge está envolvida num combate aceso com uma serpe de fogo verde — saí-lhe um jorro de fogo azul da boca, pelo que, afinal, é uma serpe de fogo azul — e o meu coração aperta-se quando vejo que a Rhi evita por pouco o jorro de fogo, saltando do dorso da Feirge para o da Cruth. A Quinn agarra-lhe no antebraço quando a Cauda de Escorpião Verde lança uma chicotada com a cauda, e eu tiro os olhos delas quando percebo que está tudo sob controlo e não há nada que eu possa fazer.

Mas o Sawyer está em inferioridade quinze metros mais abaixo, uma vez que o Sliseag está a enfrentar três serpes, uma das quais com um cavaleiro no dorso. Eu agarro o condutor, inundo o corpo com mais uma onda de poder e levanto a mão.

— *Não falhes* — adverte o Tairn.

Eu concentro-me na serpe mais distante do Sliseag, pelo sim, pelo não, depois manipulo, lançando o poder em direção ao meu alvo com todo o foco

e toda a intenção. A energia sobe-me pelo corpo e o relâmpago irrompe da nuvem acima, ofuscante e fatal para a serpe mais abaixo.

O cavaleiro levanta a cabeça e fixa os olhos em mim por um instante antes de o par mergulhar, desaparecendo da batalha. O meu estômago agita-se. Só há uma razão para o venéfico se dirigir para o solo. Para se alimentar.

— *Xaden...*

— *A caminho* — assegura-me e, quando o Aotrom e a Glane chegam para ajudar o Sawyer e o Sliseag, viro a atenção para os outros setores.

— *Três* — aponta o Tairn, usando os ponteiros do relógio como tínhamos combinado, e eu olho para a direita, onde vejo serpes a passar por uma esquadra da Terceira Divisão. Há o corpo de um dragão deitado na vertente da montanha, mas eu desvio o olhar muito antes de poder perceber quem é que eles perderam.

Se me concentrar no rol de mortes de amanhã, constarei do mesmo.

— *Mantém-te o mais estável possível.* — Abro os portões do meu poder quando ele vira para a direita e voa em direção ao setor deles, sem o invadir, e manipulo, sentindo o calor a formigar-me a pele antes de derrubar uma serpe.

Depois volto a apontar a outra.

E a mais uma.

Manipulo relâmpago atrás de relâmpago, com lançamentos precisos em direção aos setores à nossa volta, acertando em dois terços dos alvos, mas evitando sempre os dragões, o que considero a maior vitória. A chuva crepita ao bater-me na pele, mas eu não me atrevo a tirar o casaco de voo, uma vez que é lá que tenho os punhais embainhados, pelo que enfio o calor e a dor na minha caixa mental e fecho-lhe a tampa, obrigando a minha mente a ignorar o ardor angustiante para voltar a manipular.

— *Doze.*

Eu olho em frente e vejo o alvo, falhando duas vezes antes de lhe acertar. Já não há venéficos no nosso setor, mas tenho a mão a tremer no condutor quando o Tairn localiza outra serpe, outra ameaça, e eu lanço mais

um relâmpago do céu tão depressa que já não estou a sentir que sou eu que estou a comandar a tempestade.

Eu *sou* a tempestade.

— *Estás cansada* — avisa o Tairn.

Que se foda a exaustão.

— *Há pessoas a morrer.* — Um olhar rápido sobre o campo de batalha iluminado pelo Sol nascente mostra-me cada vez mais pontos de cor entre as carcaças cinzentas que encham o chão, mas só paro o tempo suficiente para reparar que a minha esquadra ainda está a lutar, dando conta de cada serpe que atravessa o nosso setor com trabalho de equipa e eficiência.

— *Nove* — rosna o Tairn, sem discutir comigo quando roda para a esquerda, mantendo-nos acima da batalha, quando eu manipulo para ajudar a esquadra seguinte, apontando apenas aos alvos em que tenho a certeza de que vou acertar sem colocar os nossos cavaleiros em risco.

Debaixo de mim, vejo sombras a fluir para outros setores quando o Xaden faz o mesmo.

Deuses, o *calor* vai-me cozer viva. Nem o vento e a chuva são suficientes para arrefecer o inferno que me está a crescer no peito. Tiro a pulseira do condutor do pulso e coloco-o entre as coxas para conseguir tirar o casaco de voo e enfiá-lo debaixo da correia da minha sela, o que me deixa com seis punhais a menos, mas são de fácil acesso e os outros dois são os únicos que importam afinal de...

— *Doze!* — grita o Tairn e eu viro a cabeça de chofre para os campos e vejo mais uma onda de serpes a voar sobre o setor da minha mãe, perigosamente perto das nuvens, mas não dentro delas, o que não me permite manipular nenhum relâmpago tendo em conta quem está debaixo delas.

O meu coração titubeia quando eles passam pela minha mãe sem parar e voam pelo outro setor afora sem se envolverem em nenhum combate.

Estar a voar por cima da batalha deu-me uma maior perspetiva para manipular da melhor maneira, mas também fez de nós um alvo indiscutível, e elas estão a vir na nossa direção. Enfio a mão na pulseira do condutor para não o perder.

— *Devíamos conduzi-los para longe...*

— *Vamos seguir o plano.* — O Tairn mergulha e o meu peso volta a levantar-se contra as correias da sela quando descemos em voo picado em direção à minha esquadra. Os dragões da Segunda Esquadra viram as cabeças para a ameaça que se aproxima e todos subimos ou baixamos para a formação. — *Prepara-te.*

Há três venéficos nesta missão assassina, as túnicas azuis a destacar-se claramente das serpes cinzentas de olhos turvos que cavalgam. Temos dez segundos. Talvez.

Um. O Ridoc acena com as mãos à minha direita, com um punhal que se partiu ao meio. Merda, se o único punhal que lhe resta está partido... pestanejo quando os pedaços desaparecem. Ele não estava a acenar para mim.

Dois. Viro a cabeça para a esquerda e vejo a Rhiannon já com os pedaços na mão e a Feirge a mergulhar para onde o Sliseag está a pairar.

Três. A Feirge voa ao lado do Sliseag e a Rhiannon atira-lhe os pedaços.

Quatro. O Sawyer apanha-os, o que diz muito sobre ele.

Cinco. A Sgaeyl sobe para ocupar o lugar da Feirge e eu ponho os olhos no Xaden o tempo suficiente para ver que ele está ileso. Vejo sangue a cair da boca da Sgaeyl e a escorrer juntamente com a chuva pelo rosto do Xaden, mas sei instintivamente que não é dele e concentro-me na ameaça iminente.

Seis. Respirar. Tenho de *respirar* no meio da tempestade ou vou ter um esgotamento. A questão não é eu não conhecer os sinais: a tremedeira, o calor, a fadiga. É os sinais não importarem. Toda a gente que eu amo está nesta batalha.

Sete. Eles estão quase a chegar junto a nós e eu olho para a câmara da pedra de proteção, onde o Marbh está de vigia com um Cauda de Moca Azul que eu não reconheço e um vulto vago que espero que seja da Andarna e, quando a luz do Sol reflete no punhal do Sawyer, volta a desaparecer, já com a Feirge a afastar-se.

Oito.

— *A Dajalair está frustrada devido às condições que não lhe permitem voar* — comunica o Tairn quando a Feirge se coloca ao lado do Aotrom.

Nove.

— *Diz-lhes que eles são mais eficientes a proteger o pátio e os feridos que vão chegando do que a voar com as asas ensopadas* — observo. — *Neste momento, seriam um risco se estivessem aqui, não um ativo.*

O punhal muda de mãos e o Ridoc volta a estar armado.

Eu sorrio ao ver a forma fluida como trabalhamos como equipa antes de olhar para a onda de serpes que se aproxima.

Dez.

— *Estás a começar a pensar...* — começa o Tairn.

— *Como o Brennan?* — sugiro quando as serpes entram no nosso espaço aéreo.

— *Como o Tairn* — responde a Sgaeyl, a investir em direção ao inimigo com o pescoço esticado e sombras a avançar debaixo dela e a agarrar uma serpe pela jugular antes de a arrastar com ela quando desce da formação.

O Tairn lança-se em direção a outra, a atirar-me para trás na sela e a enfrentar a serpe de frente. Eu sou sacudida para a frente com o impacto e vejo sangue a jorrar quando a mandíbula do Tairn se fecha no pescoço da serpe.

O guincho da criatura chocalha-me o cérebro e a serpe tenta defender-se com as garras, obrigando o Tairn a colocar-se numa posição vertical que é quase impossível de manter, mesmo com as asas a baterem vigorosamente.

Um vislumbre de azul é o único aviso de que preciso para pegar num punhal com cabo de liga, deixar o condutor cair-me de encontro ao antebraço para levar a mão à fivela e preparar-me para a abrir. Já vi esta cena no

passado. Conheço o meu papel. E, desta vez, não vou sair daqui ferida com uma punhalada.

— *Consegues nivelar-te?* — O meu coração sobressalta-se quando o manipulador de magia negra salta do pescoço da serpe para o do Tairn, ignorando o rugido ameaçador que faz as escamas do Tairn vibrar enquanto agarra a serpe, pronto para a matar.

— *Não saias da sela!* — manda, embora rode até ficarmos na horizontal.

O venéfico agarra-lhe um corno e segura-se sem desviar os olhos sinistros raiados de vermelho dos meus durante a manobra e nos segundos que se seguem, em que caímos a grande velocidade, uma vez que o peso da serpe nos está a puxar para baixo. Não tem veias a expandir-se como teias de aranha: é só um *asim* e eu posso dar conta dele.

— És tu que ele quer — anuncia o manipulador de magia negra, a afastar o cabelo loiro fibroso e molhado dos olhos e a descer o pescoço do Tairn quando eu puxo o cinto com a mão esquerda, mas a fivela não se abre.

Parece muito... jovem. Mas o Jack também parecia.

O Tairn larga a serpe, juntando os ombros para afastar a criatura moribunda, mas ela tenta morder-lhe o pescoço e o Tairn responde com uma mordida mais forte, deixando-a sangrar até morrer enquanto continuamos a cair, a cair e a cair.

— O teu Mestre? — Eu puxo o couro, mas o cinto está preso, e eu também.

Foda-se.

Rodo o punhal para a ponta e apanho a lâmina molhada e escorregadia com o polegar e o indicador, antes de o arremessar com um movimento de pulso quando ele chega aos espigões entre os ombros do Tairn.

Ele apanha a arma e eu saco do punhal que me resta, com o fluxo sanguíneo inundado pelo mais puro pânico.

— Vais conhecê-los a todos em breve — promete, erguendo o meu próprio punhal em riste enquanto caminha na minha direção.

Vejo um vulto verde a vir da direita e olhamos ambos quando a Rhiannon salta da Feirge para cima do Tairn, aterrando, agachada, à frente da minha sela.

A forma mais fácil de derrotar um dragão é matar o seu cavaleiro. Embora o mais provável seja que a criatura sobreviva ao golpe, vai ficar atordoada o tempo suficiente para ser derrubada.

— CAPÍTULO III: O GUIA TÁTICO PARA DERROTAR DRAGÕES

DO CORONEL ELIJAH JOBEN



CAPÍTULO LXII

Não. Não. Não. Isto é demasiado familiar.

Perder o Liam foi... não posso perder a Rhi. Não posso.

Ela lança-se para a frente enquanto a serpe guincha, e a velocidade a que estamos a descer é tão alta que o sangue parece cair para cima. Eu volto a puxar o cinto, mas o couro está inchado com a chuva, emperrado, e eu vejo-a, com o coração a subir-me à garganta, a enfrentar o manipulador de magia negra com uma série de golpes que me teriam atirado ao tapete rapidamente.

O venéfico sacode-lhe o punhal com um golpe com as costas da mão no pulso e a arma voa quando ele lhe dá um pontapé. Ela desliza para trás ao longo das escamas do Tairn, que escorregam devido à chuva, e eu estendo-me ao encontro dela, enrolo-lhe o braço esquerdo na cintura para a estabilizar e coloco-lhe o meu punhal na palma da mão com a mão direita.

Ela olha por cima do ombro e assente com a cabeça, voltando a ganhar equilíbrio quando ele já está quase em cima de nós. Eu obrigo-me a desviar o olhar quando as lâminas se cruzam e as montanhas se aproximam, chamando-me a atenção para a nossa baixa altitude, desaperto a besta da

minha coxa, abro rapidamente a aljava à minha esquerda e coloco a flecha no trilho. A esta distância, o vento e a chuva não devem fazer diferença.

— *Preciso que te inclines para atirares este cabrão ao chão em três* — começo. — Rhi! — grito alto, a apontar. — *Dois.*

Ela olha de relance para trás e atira o corpo para o espaço entre os ombros do Tairn, e eu estendo os braços para a frente, agarro-lhe o tornozelo e puxo o gatilho sem hesitação.

— *Um!*

A flecha acerta-lhe em cheio, espetando-se no esterno do venéfico quando o Tairn guina para a direita.

O manipulador de magia negra cai, mas ouço o som de uma explosão atrás de nós enquanto agarro no tornozelo da Rhi, ignorando as queixas do meu ombro, num momento em que a ligadura tem dificuldades em manter a articulação no lugar.

A Rhi agarra-se bem aos espigões do Tairn, que nivela o voo rapidamente, batendo as asas para subir enquanto ela vai descendo na minha direção, até se poder virar e lançar para mim para um abraço apertado.

Eu agarro-me bem a ela, ainda com a besta na mão, e respiro fundo. Por sua vez, a Feirge emula o bater de asas do Tairn debaixo de nós, acompanhando-lhe o ritmo. Ela está bem. Estão ambas bem.

Não estamos em Resson e eu não perdi a minha melhor amiga.

— Sua imprudente, irresponsável... — grito.

— Não tens de quê! — berra ela, com a chuva a cair-lhe torrencialmente no rosto, antes de recuar e me devolver o punhal. — Arranja a tua sela. Eu vou buscar o punhal ao chão. — Ela levanta-se e lança-me o esboço de um sorriso antes de *saltar* do ombro do Tairn.

Eu acompanho-lhe a queda e solto um suspiro de alívio quando ela aterra sem esforço na Feirge.

— *A minha sela está presa!* — digo ao Tairn quando voltamos a subir para a batalha.

— *Ainda bem. Talvez assim não saias daí.*

A luz do Sol reflete no lábris da Quinn quando ela levanta o machado de guerra de duas lâminas no dorso da Cruth em direção à articulação do ombro de uma serpe que está a tentar a todo o custo fincar os dentes na Glane.

— *O Melgren está a dez minutos, mas só dois dos ajudantes foram capazes de acompanhar o ritmo dele e há o consenso de que a maioria dos manipuladores de magia negra está a guardar-se para uma segunda vaga.*

— O Tairn passa pela Cruth e eu levanto a cabeça para um mar de cinzento e contenho a custo a vontade de vomitar. Tem de haver pelo menos seis serpes sem cavaleiro lá em cima. Quanto tempo é que vamos conseguir aguentar? Giro na sela e reparo que o Xaden está atrás de nós no dorso da Sgaeyl, a arrastar serpes pela garganta e a levá-las a embater uma a uma na vertente da montanha.

— *A Sgaeyl está em inferioridade!*

— *Se ela quiser ajuda, ela pede...*

Um rugido de dor junta-se à cacofonia acima e eu sinto um aperto no peito.

— *Andarna?* — pergunto, passando os olhos pela vertente turva da montanha quando vamos subindo aos céus.

— *Estou irritantemente segura e escondida* — responde ela.

— *É o Aotrom!* — brada o Tairn e o meu estômago bate fundo.

Ridoc.

O Tairn vira para a direita e evita o corpo de uma serpe a cair, mas há outra acima de nós com os dentes espetados na parte traseira do Aotrom e mais três a aproximar-se para o matar.

O Sawyer e o Sliseag voam do outro lado do nosso setor, a seguir uma trajetória para os intercepar ao mesmo tempo, mas todos os outros estão abaixo de nós. Eu embainho o punhal junto à anca, depois carrego a besta e ato-a à coxa quando nos precipitamos para a frente.

O rugido do Tairn sacode-lhe o corpo todo quando nos aproximamos e eu agarro o arção, a preparar-me para a forte colisão, mas ele passa ao lado

ao ver o Sawyer e o Sliseag a chegarem ao local de combate e brande a enorme cauda contra o trio de serpes que se aproxima.

Giro o máximo que a sela me permite ao ouvir o som de ossos a partir-se. Uma serpe cai do embate com metade da cabeça esmagada. Uma já está. Faltam três.

O Tairn faz a curva mais abrupta que eu já experienciei montada no seu dorso e a minha visão turva-se quando ele se põe quase na vertical antes de baixar a asa para a esquerda e começar a fazer um voo picado. Eu pestanejo furiosamente em face do vento e da chuva quando voamos em auxílio do Aotrom e do Ridoc.

O Ridoc está a fazer tudo o que pode, montado no dorso do Aotrom, para forçar a serpe a soltá-lo, golpeando-a com a espada no focinho, mas o maldito bicho não o larga.

O Sliseag já lá está, a lançar a cauda de espada contra a serpe para lhe cortar uma perna dianteira. Ao ver que a criatura continua sem largar o Aotrom, o dragão do Sawyer roda e cerra-lhe a mandíbula no pescoço, mas, ao contrário do Tairn, não tem força suficiente para lhe partir o pescoço com uma mordida e perder segundos preciosos, ficando exposto às outras duas serpes.

Nós não vamos chegar a tempo.

O par de serpes muda de trajetória, desviando-se da direção do Aotrom no último segundo e apontando ao Sliseag.

Estamos quase a chegar, mas acontece tudo tão depressa que parece que o resto do mundo está a abrandar.

Num instante, a serpe mais próxima abre as mandíbulas.

No momento seguinte, sopra fogo verde sobre o Sliseag, e o Sawyer mergulha para trás no assento, evitando por pouco a carbonização e rolando pela coluna do Sliseag com uma bota a deitar fumo.

Um instante depois, a criatura conclui o ataque, mordendo o lado exposto do Sliseag. O Sawyer pontapeia as mandíbulas abertas para salvar o seu dragão da mordida, mas, um segundo depois, é ele a vítima da serpe, que lhe arranca a perna com os enormes dentes.

— Sawyer! — grita o Ridoc.

O berro do Sawyer rasga-me a alma e eu quase o imito quando a mandíbula da serpe se fecha com um estalido bem audível. O Tairn abrande a descida apenas três ou quatro metros acima do Aotrom e a última serpe esconde-se debaixo da refrega.

O Tairn vira o peso do corpo para o outro lado e eu sei que ele escolheu um ângulo de ataque e está prestes a mergulhar, mas, nesta posição, só há tempo para salvar o Sawyer ou o Sliseag, não os dois. O Sawyer grita de dor quando a serpe o arrasta de cima do Sliseag, afastando a cabeça cinzenta horrorosa antes de voltar a morder.

O meu estômago contorce-se e a respiração ameaça parar.

Foda-se, não sobra nada abaixo do joelho do Sawyer.

Está a perder sangue *e* prestes a cair.

Não. Não vou ficar parada a ver outro dos meus amigos a morrer. Recuso-me a fazê-lo.

Pego no meu punhal com a mão esquerda e na besta com a direita e corto a correia de couro do meu cinto quando o Tairn baixa a asa, o que me confere o ângulo perfeito por um. Único. Segundo.

— *Desculpa-me.*

— *Não te atrevas...*

— *Mata a outra rapidamente para o nosso bem!* — Já estou em movimento, a embainhar o meu punhal e a lançar-me da sela, para dar um, dois, três passos de corrida antes de saltar.

A Andarna. O Xaden. A minha irmã. O Brennan. Passam-me todos pela cabeça quando abro os braços na queda e só encontro ar, mas é o rosto da minha mãe que me assoma à cabeça quando aterro no dorso do Aotrom e as solas das minhas botas aderem à extremidade de uma das escamas da espinha do dragão do Ridoc.

— *Prateada!*

— *E que tal esta aterragem em corrida?* — Caramba, consegui.

O Ridoc deve estar a pensar o mesmo, porque fica a olhar para mim com uma expressão de puro choque durante um bom segundo antes de puxar a espada do nariz da serpe e voltar a espetá-la quando eu começo a correr na direção dele.

— Não consigo tirar a merda desta coisa daqui!

O meu coração lateja tanto como os meus pés e um vulto preto enche-me a visão periférica quando o Tairn mergulha à minha direita. Ignoro o instinto de autopreservação que me diz que isto é *má* ideia, corro na direção do Ridoc e ponho-lhe a besta nas mãos.

— Dispara-a assim que eu esteja em cima do Sliseag e volta para o teu assento! — Assim que estejas *onde*?

Não paro para responder à pergunta, demasiado ocupada a correr em direção ao nariz do raio da serpe, cuja garganta está a ser arrancada pelo Sliseag.

Corro pela inclinação entre os olhos histéricos da serpe, que finca ainda mais os dentes no Aotrom, e subo-lhe para a cabeça chata entre os cornos quando o Sliseag lhe arranca mais um pedaço.

— *Eu próprio vou estrangular-te* — rosna o Tairn e eu ouço o som característico de ossos a partir à distância —, *assim que te apanhar no solo!*

Evito por pouco bater com o tornozelo num espigão a meio do pescoço em rotação da serpe e detenho-me quando o Sliseag volta a lançar a cabeça na direção da criatura para lhe atacar o cavaleiro, mas a forma como o Sawyer se está a agarrar às escamas da espinha dele é demasiado ténue para o Sliseag se movimentar rapidamente. O dragão não consegue defender o seu cavaleiro sem o perder.

O Sliseag solta um rugido que me chocalha o cérebro e brande a cauda em vão quando a serpe dá mais uma dentada no Sawyer.

— Despacha-te, Vi! — brada o Ridoc.

— Sliseag! — grito, quebrando a regra de ouro de todos os cavaleiros.
— Deixa-me ajudar!

O dragão vermelho roda a cabeça na minha direção, fixando em mim os olhos dourados furiosos, e eu assinto com a cabeça, a rezar a Dunne para que ele compreenda o que eu quero fazer e fique quieto, antes de saltar do pescoço da serpe e dar pontapés em seco no ar para alongar o voo.

Aterro imediatamente acima dos olhos do Sliseag e enrolo-lhe o braço esquerdo num dos cornos, que uso não só para travar o meu impulso mas também para me equilibrar num momento em que ele gira a cabeça em direção à serpe que está a atacar o Sawyer e tenta mordê-la sem conseguir.

— Agora, Ridoc! — Uso o corno do Sliseag para me alavancar e precipito-me pelo pescoço dele abaixo quando ouço uma explosão atrás de mim e sinto calor a chegar-me ao pescoço.

O Sawyer arrasta-se ao longo da espinha do Sliseag e eu acelero a corrida e passo pelo assento. Se ele cair daquele lado, não há nada que o Tairn possa fazer. Estamos demasiado perto da cumeada.

— *Onde estás?* — pergunto ao Tairn quando o meu olhar se cruza com o do Sawyer, aparentemente incrédulo.

Ignoro o som de dentadas e os roncões à minha volta e continuo em frente.

— *Onde deveria estar, ao contrário de ti!* — ralha ele no preciso momento em que roda o corpo gigantesco no céu acima de mim, deixando cair a carcaça inane da quarta serpe das mandíbulas.

— Boa. Agora, *faz-me um favor.* — Passo a toda a velocidade pelas asas do Sliseag e ao lado dos dentes enormes da serpe que rangem quando ela se prepara para devorar o Sawyer.

— *Que é?* — pergunta o Tairn, já a voar na nossa direção.

— Violet? — Os olhos do Sawyer estão esgazeados de choque, sangue a escorrer-lhe da perna em jorros ritmados e repugnantes. Ele precisa de um reparador já.

Eu caio de joelhos e deixo-me escorregar os últimos centímetros até embater no Sawyer e o projetar mais para baixo pela espinha do Sliseag em direção à parte posterior do dragão. Enrolo os braços no Sawyer e entrelaço-lhe as mãos atrás das costas.

— Segura-te! — grito enquanto deslizamos por inúmeras escamas vermelhas, a segundos do fim.

O Sliseag guina para longe da cumeada, dando-nos algumas dezenas de metros muito necessárias de altitude para a queda inevitável.

— *Prateada!*

Os braços do Sawyer fecham-se à minha volta quando rolamos do dorso do Sliseag e caímos desamparados.

— *Apanha-me.* — O vento fustiga-me o cabelo, o rosto, as peles de voo, mas eu não largo o Sawyer enquanto continuamos a descer em vertiginosa queda livre. Eu posso salvá-lo. Ele não tem de morrer hoje. Não *vai* morrer hoje.

Uma. Duas. Três. Quatro. Conto as pulsações ao passarmos pela cumeada.

— *O que estás a fazer?* — rosna o Xaden e eu sinto o toque familiar de veludo na base do pescoço, como se o poder do Xaden tivesse sido levado aos limites. A nossa queda abranda, mas não muito, e uma asa negra tapa-me a vista do céu.

— *O que raio é que te parece que eu...* — Fico sem fôlego quando um torno de ferro se fecha em redor de nós, interrompendo-nos a queda com uma mudança súbita de ímpeto, que passa de descendente a ascendente. — *Tairn.*

— *Qual foi a parte de «não saias da sela» que não compreendeste?* — brada o Tairn, a segurar-nos precariamente com a garra e a guinar para a esquerda em direção a Basgiath.

— *Não podias estar em dois lugares ao mesmo tempo* — contraponho, a tentar a todo o custo sorver o ar quando o Sawyer fica inanimado em cima de mim e deixa cair o queixo no meu ombro. — *Tinhas de matar a quarta serpe e o Sliseag não se podia defender sem perder o Sawyer, pelo que peguei no Sawyer.*

— *E estavas à espera de que eu te apanhasse?* — Ele abre as asas e baixa a velocidade para um voo planado.

— *Como se tu não o fosses fazer.* — O ar entra-me nos pulmões aos poucos e depois de supetão.

Ele solta um resfolego de escárnio. Depois muda de assunto.

— *O teu irmão reparou a pedra, que voltou a estar inteira, mas não tem grandes... esperanças.*

O meu coração eleva-se para cair novamente.

— *Porquê? Não pode ser impregnada?*

— *O Marbh não está com vontade de dar mais pormenores.* — O Tairn aterra sobre três garras no pequeno campo entre as traseiras da escola e a colina e abre a que nos segura com cuidado.

O que raio é que isso quer dizer? Sou recebida pela neve semiderretida num momento em que a chuva continua a cair, ponho o Sawyer de costas e coloco-me de joelhos, levando os dedos ao pescoço pálido e sardento do meu amigo para lhe verificar a pulsação.

— Alguém nos ajude! — grito, a voz a ecoar nas paredes de pedra do edifício da administração. O batimento lento do coração do Sawyer sobressalta-me o meu. Ele está a perder demasiado sangue e não há ajuda à vista, embora seja óbvio que não somos os primeiros feridos a aterrar aqui.

— *Eu vou pedir ajuda* — responde o Tairn.

Não mo podes levar, digo a Malek, agitando-me de joelhos na neve escarlata. Levaste o Liam. Não podes ficar com o Sawyer.

— Sawyer? — Puxo a fivela do cinto da bainha que me envolve a coxa esquerda e, graças aos deuses, ela abre-se. Coloco-a, com punhais e tudo, debaixo do joelho do Sawyer, envolvo a correia nas calças de pele destroçadas, poucos centímetros acima de carne rasgada, passo o couro do cinto pela fivela e puxo com toda a força que tenho, sem deixar de gritar quando o meu ombro esquerdo reclama de dor. — Tens de acordar! Abre os olhos!

O sabor amargo do medo inunda-me a boca quando forço a cavilha de metal a entrar na parte mais macia do couro usando apenas a força de vontade.

— Por favor! — suplico-lhe, com a voz a quebrar enquanto lhe procuro a pulsação com os dedos no pulso, depois no pescoço, deixando-lhe dedadas

vermelhas na pele lívida. — Por favor, Sawyer, por favor. Nós dissemos que íamos sobreviver todos até à graduação, lembra-te?

— *Vem aí ajuda* — anuncia o Tairn.

— Eu lembro-me — sussurra o Sawyer, com os olhos a abrir-se devagar.

— Oh, graças aos deuses! — sorrio-lhe com o lábio inferior a tremer descontroladamente. — Aguenta...

— Violet! — chama a Maren do outro lado do campo e eu levanto a cabeça e vejo-a no dorso da Daja, que está a correr na nossa direção sob a chuva, encurtando a distância rapidamente com a Cat e o Bragen a pé um pouco atrás.

A cabeça do Tairn vira-se de chofre para o campo de batalha mais acima.

— *A Sgaeyl...*

— *Vai!* — Se ela está em perigo, o Xaden também está, e dados os fios gigantes de sombras que emanam do interior de uma parede cinzenta na extremidade do nosso setor...

O Tairn agacha-se e dá um impulso para cima, lançando-se ao céu da manhã abater vigorosamente as asas quando a Daja chega ao pé de nós, a arrastar uma maca atrás dela.

— O que aconteceu? — A Maren desliza do dorso da Daja com as peles castanhas manchadas de sangue.

— Uma serpe arrancou-lhe a perna. — Eu olho para eles quando o Bragen e a Cat chegam. — Vocês estão bem?

— Não é nosso — diz o Bragen, a agachar-se do outro lado do Sawyer. — Vais ficar bem — assegura-lhe. — Só temos de te levar para os curandeiros. — Passa as mãos por baixo do Sawyer antes de o levantar e o levar para a Daja.

Os *curandeiros*. Porque repará-lo não é uma opção, uma vez que lhe falta uma perna.

— Temos estado a transportar os feridos — diz a Maren por cima do ombro, já a caminho da Daja, enquanto a Cat ajuda o Bragen a pousar o Sawyer na maca.

— Obrigada. — Sento-me sobre os calcanhares e olho para o céu, deixando que a intensidade do meu vínculo com o Xaden me assegure que ele está bem em vez de o poder distrair com uma pergunta.

— Não nos agradeças — diz a Maren, a montar rapidamente e a segurar-se entre os ombros da Daja antes de arrancar para o Quadrante dos Cavaleiros, seguida do Bragen.

— Estás com péssimo aspeto. — A Cat agacha-se à minha frente e olha para mim. Tem a trança tão encharcada como a minha. — Eu soube o que fizeste lá em cima. Bem, a Kira viu e contou-me. Foi preciso coragem.

— Tu terias feito a mesma coisa. — A exaustão abate-se sobre mim e os meus ombros descaem quando a adrenalina se esvai.

— Eu teria corrido mais depressa. — Ela desembainha um dos punhais com cabo de liga e estende-mo. — Parece que te falta um. Eu tenho outro.

— Obrigada. — Aceito-o como a oferta de paz que é.

— Eu tomo conta do Sawyer — promete quando se levanta. — E não te atrevas a agradecer-me por isso — diz por cima do ombro, antes de se dirigir para a torre sudoeste sem dizer mais nada.

O condutor cai-me sobre o antebraço quando enxugo a chuva dos olhos. Tinha-me esquecido de que ainda tinha o raio da esfera no pulso. Olho para a direita, depois para a esquerda, e vejo os corpos de serpes espalhados por toda a parte antes de reparar num Cauda de Moca Verde que me sobressalta o coração...

Teine?

— *Está vivo* — promete o Tairn, já a voar na minha direção. — *Estão a conter a última onda e a tua mãe... atrás de ti!*

Eu levanto-me à pressa, não sem dificuldade, e rodo a cabeça para o monte... e para a venéfica que está a cerca de seis metros de distância, a olhar para mim com uma expressão curiosa no rosto em forma de coração que, no passado, terá sido inegavelmente belo.

O meu coração contorce-se e os dedos fecham-se em redor do punhal que a Cat me deixou.

A *Cat*. Não quero chamar a atenção para a voadora de costas para nós se a venéfica não a viu já.

— Não adianta fugires — diz a venéfica, a caminhar em frente devagar, como se eu fosse uma ameaça tão grande como uma borboleta. — Ambas sabemos que eu sugarei o solo debaixo de ti e, depois, tudo isto terá sido em vão. — Ela estende os braços, a fazer sinal para o caos à nossa volta.

— Sorrengail! — grita a Cat, e eu ouço o som de passos na neve quando ela vem a correr na minha direção.

— Foge, Cat! — grito, a relancear para o Tairn e a vê-lo a meio de um voo picado, a cerca de um minuto de distância, mas os passos da voadora não abrandam.

A manipuladora de magia negra arregala os olhos quando vê a Cat e deixa-se cair sobre um joelho, abrindo a mão sobre o chão gelado.

— Para! — grito, com o coração a subir-me à boca e a ficar lá. Isto é muito pior do que o meu pesadelo. Mesmo que eu pudesse correr, nunca saberia o que ela poderia fazer com a Cat. Com um movimento de pulso, agarro o condutor com a mão esquerda e levanto a direita, punhal e tudo, abrindo as portas do poder do Tairn, que nunca se tinham chegado a fechar completamente.

A neve caída derrete-se aos meus pés e o meu corpo começa a libertar vapor quando a Cat chega ao meu lado.

— Tens de sair daqui.

— Cala-te. — Ela saca do punhal da bainha da coxa.

— Oh, tu és a poderosa, não és? — A manipuladora de magia negra levanta a cabeça para o lado e a boca curva-se num sorriso lento e insidioso enquanto ela me estuda. — A manipuladora de relâmpagos.

Rebenta um trovão na nuvem acima de nós enquanto a energia se acumula nas minhas veias, escaldante e crepitante. Não preciso de fugir. Posso manipular relâmpagos.

— Ela pouco me importa. — A venéfica relanceia para a Cat. — Mas tu, tenho ordens para não te matar, pelo que é melhor não tornarmos isto mais difícil.

— Eu? — Que raio?

Ela dá um passo em frente e eu liberto o relâmpago, atingindo o solo mesmo à frente dela, o que a faz parar.

— *Ele* vai divertir-se tanto a manipular-te.

O pesadelo volta com força e intensidade e as palavras do Mestre abatem-se sobre mim o suficiente para me fazer tremer a mão.

Os olhos apertados da venéfica adquirem uma expressão irascível.

— E eu vou ser a preferida dele por te levar. Não vou demorar a ser mais do que uma *asim*. — A palavras dela saem-lhe mais depressa da boca. — Vou receber o Vale como presente quando isto acabar!

Levar-me? A *mim*?

— Podes matá-la quando quiseres — relembra-me a Cat, com o olhar fixado na manipuladora de magia negra.

— Quero saber o que raio é que ela quer dizer com levar-me — murmuro à boca pequena.

— *Vais transformar-te por causa de algo muito mais perigoso...* — Não foi isso que ele me disse no pesadelo?

— Vou ser eu! Eu! — A venéfica enfia a mão trémula no cabelo vermelho desalinhado.

É a Cat que está a fazer isto, a intensificar a ganância da mulher, a tirar-lhe o controlo das próprias emoções. Tenho de admitir que é uma aptidão espetacular quando não a está a usar em mim.

— Chega, Wynn. — Um manipulador de magia negra em peles da mesma cor das veias pulsantes ao lado dos olhos aparece à esquerda, contornando o corpo do dragão verde caído e estendendo a mão.

A Cat grita quando é projetada para trás e cai no chão atrás de mim.

Merda. Acabou-se o tempo para satisfazer a minha curiosidade. Manipulo, deixando o calor irromper-me de cada centímetro da peie quando lanço um relâmpago da nuvem acima de nós, que atinge imediatamente a *Wynn*. Cai no mesmo local onde estava, com os olhos abertos e vagos e o cadáver a libertar fumo.

— Fascinante. — O novo venéfico caminha a passo decidido na minha direção e fecha o pulso.

O condutor brilha com um calor insuportável.

Deixo-o cair e vejo-o a desintegrar-se, horrorizada, até não sobrar nada no final da pulseira. O venéfico gira a palma da mão para cima e eu sou levantada do chão e fico suspensa no ar, completamente imobilizada.

Tal como no sonho, mas aquele não é o Mestre.

A minha garganta fecha-se. Não consigo levantar uma mão para manipular nem sequer gritar para a Cat fugir enquanto pode. Isto não é um sonho. Não há como acordar disto.

— *Mantém a calma!* — ordena o Tairn, quase a chegar ao pé de nós, mas ainda a alguma distância.

— *Estou a caminho!* — grita o Xaden quando o venéfico passa por cima do corpo da congénere como se ela fosse mais um elemento da paisagem e continua a caminhar na minha direção.

Eles não vão chegar a tempo.

Eu também não vou conseguir libertar-me.

O que quer dizer que nos matarei a todos.

Mas a Andarna pode sobreviver. Só tem de se aguentar, só tem de escolher viver.

— Ele está quase a chegar, portanto vamos lá despachar isto, está bem? — diz o manipulador de magia negra, já a menos de quatro metros de distância. — A horda está a ficar cansada de pairar, à espera de autorização para atacar.

Vejo um vulto a movimentar-se no monte atrás do manipulador de magia negra. Não, não é um vulto; é uma parte do próprio monte; uma... rocha

gigante?

Uma rocha com olhos dourados apertados.

Lança-se do monte como um projétil, expandindo-se, mudando de cor, abrindo as asas e as garras e as escamas *pretas*.

Sou o único a pensar que o conhecimento sobre as guarnições e as proteções que proporcionam não deve beneficiar apenas Navarre, o que me custou tudo.

— DIÁRIO DE LYRA DE MORRAINE

— TRADUZIDO PELA CADETE JESINIA NEILWART



CAPÍTULO LXIII

O manipulador de magia negra vira-se, mas não é suficientemente rápido.

A Andarna aterra imediatamente à frente dele, abre a boca e sopra-lhe *fogo*, assando-o antes de abrir as mandíbulas e lhe arrancar a cabeça do corpo.

Eu caio na neve derretida ao mesmo tempo que o cadáver do venéfico e ela cospe a cabeça decapitada e chamuscada antes de soltar um suspiro de vapor com um forte odor a enxofre.

Mas. Que. Raio.

— Tu... — Ponho-me de pé a custo e cambaleio na direção dela. — Tu acabaste...

— *Eu cuspo fogo.* — Apruma-se, envaidecida, e abre as asas.

— Acabaste de o *comer*? — A Cat levanta-se, mas mantém as distâncias.

— *Tu não falas com dragões que não montas, humana.* — A Andarna estala os dentes na direção dela.

— Tu parecias uma parte do *monte*. — Olho para a Andarna como se nunca a tivesse visto. Talvez nunca tenha mesmo.

— *Eu disse-te que era capaz de me esconder*. — A Andarna pestaneja na minha direção.

Eu abro a boca, depois fecho-a, à procura de palavras sem as encontrar. *Aquilo* não foi esconder-se. As escamas dela estão tão pretas como as do Tairn neste momento. Será que estou a ver coisas?

O Tairn aterra à direita, chapejando na neve derretida, e olha para o nosso pequeno campo de batalha em rápida avaliação.

— *Isto foi uma limpeza*.

— Foi ela. — Aponto para a Andarna quando a Sgaeyl e o Sliseag aterram atrás do Tairn.

— *Cospes fogo* — reconhece o Tairn, com uma inflexão de orgulho na voz.

— *Cuspo fogo*. — O pescoço da Andarna não pode esticar-se mais.

— *O Melgren está a chamar-nos ao Vale*. — Os olhos do Tairn semicerram-se e a cabeça vira-se para a Sgaeyl.

— Eles estão a levar toda a esquadra para o Vale? — Olho para cima e reparo que já só há duas serpentes no nosso setor.

A horda está a ficar cansada de pairar, à espera de autorização para atacar. Foi o que o manipulador de magia negra disse. A última vaga ainda não atacou.

— Não a esquadra toda. Só nós — esclarece o Xaden, a contornar o Tairn. Vejo fios minúsculos de vapor a subir nos locais onde a chuva lhe bate na pele exposta dos braços. Ele parece tão cansado como eu me sinto e tem um corte no antebraço, mas a falta de qualquer outra ferida visível faz-me deixar cair os ombros de alívio.

— Eles ainda não mandaram a última vaga, e o Sawyer e o Aotrom já estão feridos. Se nós os dois sairmos daqui, deixaremos a esquadra, o Brennan e a pedra de proteção demasiado expostos. — Abano a cabeça. Não

podemos deixar que isso aconteça. O Brennan é a nossa melhor hipótese de sobrevivermos a isto.

— Exatamente — diz o Xaden quando chega ao meu lado. — *Estás bem?* — O braço dele envolve-me os ombros e os lábios tocam-me na têmpora num beijo intenso. — Eles estão a conter-se lá em cima enquanto esta onda recua. Temos de fazer valer a nossa posição depressa.

— *Estou bem* — prometo. — Vamos.

— *Eles estão à frente. Encontramo-nos lá* — diz o Tairn.

— *Vai para junto do Marbh* — digo à Andarna, a empurrar o ombro e a rodar a articulação para tentar amainar a dor aguda e latejante junto ao osso.

— *Estarei onde precisares de mim* — bufa a Andarna.

— *Está bem, desde que isso seja com o Marbh.* — Levanto as sobrancelhas. A um dragão-fêmea.

Ela brande a cauda duas vezes, depois vai-se embora, mas, pelo menos, está a seguir na direção da câmara da pedra de proteção, que fica num lugar seguro mais abaixo.

Nos corredores de Basgiath, o caos é absoluto quando passamos por uma fila de grifos e entramos por uma porta lateral vigiada debaixo da torre sineira. O meu estômago bate fundo. Soldados de infantaria e cavaleiros feridos com diferentes graus de gravidade, mas sobretudo queimaduras, estão encostados à parede junto à entrada da enfermaria e os gritos de dor que soltam enchem o corredor de pedra enquanto curandeiros do segundo e do terceiro anos correm de doente em doente.

— Ficaram sem camas há vinte minutos — diz-nos a Cat em voz baixa. — A infantaria foi a mais atingida até agora.

— É o costume — observa o Xaden, mantendo o olhar focado no outro lado do corredor que conduz ao pátio e não nas dezenas de feridos à nossa direita.

Paramos abruptamente quando um pelotão de infantaria passa a correr por nós. A insígnia nas golas indica que são instruendos do primeiro ano.

— Violet — A Cat agarra-me o cotovelo e eu viro-me para ela e detenho-me quando o Xaden abre a porta. — Diz à tua mãe que nós lutaremos no ar se ela for capaz de fazer parar a chuva e, se não, que nos mobilize como a infantaria. Temos mais experiência a lutar contra venéficos do que quase toda a gente aqui, e os grifos são extraordinariamente rápidos no solo.

Os olhos castanhos da Cat não mostram senão determinação, pelo que assinto com a cabeça.

— Eu digo-lhe.

Ela deixa cair a mão e o Xaden e eu saímos para o pátio.

O caos é total e completo quando abrimos caminho por entre as fileiras de esquadras vestidas de azul-escuro que estão a receber informações de instruendos do segundo ano a tremer. É como se as hierarquias tivessem acabado e eles estivessem a juntar unidades com quem quer que não esteja ferido.

Assim que chegamos ao centro, vemos claramente a reunião da chefia que está a decorrer à frente do portão aberto.

— Podiam pelo menos fechar o raio do portão! — grita um dos cadetes de infantaria para o Xaden e para mim quando vamos a passar.

— Fechar o portão não te vai ajudar — responde o Xaden, a apontar para a esquerda, onde o cadáver de uma serpe está espetado no telhado. — Mesmo que estivessem de pé, os cinco segundos que demorarão a passar não vale a perda de uma saída necessária.

Eu lanço um olhar compreensivo ao instruendo do segundo ano e sigo o Xaden pelo portão fora.

— Podias ser um pouco...

— Mais simpático? Mais benevolente? — replica ele. — Mais afável? Como raio é que isso os vai ajudar?

Ele tem uma certa razão.

— Ei — diz uma instruenda do segundo ano vestida de azul-escuro à nossa direita, com o olhar a levantar-se para cima do meu ombro.

— Peço desculpa, mas ele tem razão. Fechar o portão não vai ajudar.
— Digo-o o mais afavelmente que consigo.

— Não é por isso que te pedi para parares. — Aponta para trás de mim. — Está ali uma *copista* atrás de ti.

Eu viro-me e vejo a Jesinia a correr na minha direção sob a chuva com a mão escondida debaixo das vestes.

Está a proteger o diário da água.

— Vê se a consegues convencer a ir para um lugar seguro — sugere o Xaden. — Entretanto, vou começar a discussão sem ti. — Ele encaminha-se para a arcada com nove metros de espessura que serve de entrada para Basgiath, passa debaixo do primeiro portão reforçado e segue em frente, captando imediatamente a atenção da minha mãe, do general Melgren e de três dos ajudantes do general que estão junto à ponta do segundo portão reforçado. As caudas dos respetivos dragões brandem logo à frente deles, formando uma parede com metade da altura da própria fortaleza, ainda mais no caso do Codagh.

— Devias estar — começo a dizer à Jesinia em língua gestual, mas deixo cair as mãos quando me apercebo de que não há nenhum lugar mais seguro para ela.

Ela agarra-me o ombro com a mão livre e puxa-me para a arcada debaixo do portão reforçado. Deixando o diário dentro das vestes, retira a outra mão para gestuar.

— Acho que encontrei a diferença entre os dois, mas parece-me que a mentira está no diário do Lyra.

— O que descobriste? — gestuo, mantendo as costas viradas para o Melgren e levantando os meus escudos para bloquear toda a gente, incluindo o Tairn e a Andarna.

— Acho que é um sete. — Ela levanta as sobrancelhas virada para mim. — Mas não pode ser.

— Não compreendo. — Abano a cabeça. — Sete o quê?

— Essa é a única diferença entre os dois diários. De início, pensava que talvez significasse runas, que tínhamos traduzido mal essa parte, uma vez

que a pedra de proteção de Aretia tem sete runas — gestua ela, e eu vejo-lhe duas rugas entre as sobrancelhas. — Mas eu conferi mais do que uma vez.

— Mostra-me.

Ela assente com a cabeça, tira o diário do Lyra de dentro das vestes, folheia-o até ao meio, bate com o dedo no meio da página e entrega-mo, libertando as mãos.

— Esse símbolo aí é um sete. Mas o Warrick diz seis, lembras-te.

O meu coração bate fundo e eu assinto devagar com a cabeça.

Ela tem de estar enganada.

— Aqui diz: «O sopro da vida dos sete em conjunto incendiou a pedra numa chama de ferro.»

Deixo cair os ombros e suspiro. Sete dragões é impossível. Só há seis estirpes: pretos, azuis, verdes, cores de laranja, castanhos e vermelhos.

Eu estendo-lhe o diário.

— Então, talvez não seja um sete. Talvez te tenhas enganado na tradução, não? Ela abana a cabeça e folheia o diário até à primeira página antes de mo devolver. — Olha aqui. — Toca nos símbolos e levanta as mãos. — «Aqui está registada a história dos Primeiros Seis do Lyra.» — Bate com o dedo no seis e vira as páginas para o local anterior apontando para o meio da folha. — Sete.

Eu entreabro os lábios. Merda. Merda. *Merda.*

— São parecidos — gestua ela. — Mas este é um sete. E há sete círculos na pedra de proteção de Aretia. Sete runas. Sete — ela repete a última palavra, como se eu a pudesse ter compreendido mal.

Sete. Os pensamentos começam-me a girar na cabeça demasiado depressa para eu me fixar apenas num.

— Este diário tem de estar... errado — gestua ela quando eu fico em silêncio. Eu fecho o livro e entrego-lho.

— Obrigada. Devias ir para a enfermaria. O Sawyer está lá e se nós... Ela enfia o diário nas vestes e começa a gestuar antes de eu acabar. —

Porque é que o Sawyer está na enfermaria? — Os olhos dela esgazeiam-se.
— Uma serpe arrancou-lhe a perna.

Ela inspira subitamente.

— Vai. Se evacuarmos os feridos... a Maren disse que tomaria conta dele, pelo que, se evacuarmos, é o lugar mais seguro para ti. Ela leva-vos a ambos para fora daqui.

A Jesinia assente com a cabeça.

— Tem cuidado.

— Tu também.

Ela levanta as vestes e corre pelo pátio, dirigindo-se para a porta mais a sul.

Sinto a cabeça pesada quando me viro para a chefia reunida no final da arcada e começo a caminhar.

Será que significa um grifo? Era isso o que queria dizer com seis e um? Não. Se um grifo tivesse contribuído para as guarnições, a magia dos voadores funcionaria dentro das fronteiras. Mas não há sete estirpes de dragões...

Tropeço, mas seguro-me na parede de pedra, enquanto o meu cérebro se desvia para o *único* caminho que faz sentido. Mesmo que o caminho seja absurdo.

Mas...

Caramba.

Interrompo imediatamente a minha linha de raciocínio antes que alguém ligado a mim me penetre os escudos e me apanhe a pensar assim.

— De maneira nenhuma — atira o Xaden ao Melgren, que está entre dois dos ajudantes.

Coloco-me entre a minha mãe e o Xaden.

— Acha que os cadetes vão ser capazes de defender isto *tudo*? — O coronel Panchek gesticula ativamente no ar quando um Cauda de Moca Verde...

O meu coração para quando eu vejo o Teine a derrubar a última serpe do setor da minha irmã. A carcaça cinzenta cai do céu e aterra algures a nordeste, atrás da linha de dragões.

— O que estás aqui a fazer? — pergunta-me a minha mãe quando o meu olhar se levanta para a linha de serpes a pairar à distância. Até agora, ficámos combalidos, mas eles serão sem dúvida o golpe fatal, e, no centro da linha, há um enorme buraco, como se estivessem à espera de alguém.

— Ela nunca está muito longe *dele* — graceja o Melgren.

As serpes estão à espera tal como o manipulador de magia negra deu a entender. O meu estômago agita-se quando penso *quem* será o motivo da espera.

— Não vamos levar o Tairn e a Sgaeyl para defender o Vale — anuncia o Xaden, a cruzar os braços à frente do peito. — Já lá estão a Primeira e a Segunda Divisões, além de todos os dragões não vinculados.

A Sgaeyl e o Tairn aterram à direita, perto da torre que conduz ao Parapeito, e a única coisa que eu posso fazer é esperar que a Andarna não esteja a esconder-se lá com eles, uma vez que não me atrevo a baixar os escudos para verificar. Pela primeira vez, sou a única que guarda o que poderá ser o segredo dos segredos.

— Vocês são a razão por que não posso planear eficazmente — acusa o Melgren virado para o Xaden. — Vocês são a razão por que nem sequer *vi* esta batalha. — Ele tenta olhar para o Xaden de cima para baixo do nariz adunco, mas é pelo menos três centímetros mais baixo.

— Não precisa de agradecer termos voado para vos ajudar — responde o Xaden, que recebe uma expressão de desprezo como resposta.

— O Vale é a única coisa que importa — interrompe a minha mãe, rodando ligeiramente de forma a que o ombro fique entre mim e o Melgren. — Os Arquivos já estão selados. O resto da fortaleza pode ser reconstruído.

— Vocês vão abandoná-la — diz o Xaden com a voz baixa, usando aquele tom frio e ameaçador que costumava deixar-me a tremer como varas verdes. Pela forma como o Panchek recua, não perdeu a acutilância.

O silêncio da chefia é incriminatório. O meu olhar salta de rosto em rosto, à procura de uma pessoa — qualquer uma — que diga o contrário.

— Eles podem lançar aquela linha a qualquer momento. — O Melgren aponta para a horda à distância. — Temos mais de sessenta pares feridos, seja a lesão do cavaleiro ou do dragão. A horda que ali está vai apanhar-nos tão dispersos como estamos neste momento.

— Então, porque não levar *todos* os cadetes para o Vale? — pergunta o Xaden em desafio.

O Melgren estreita os olhos pequenos.

— Pode estar a liderar uma revolução, Riorson, mas está longe de saber como vencer uma *guerra*.

Pelo menos chamou-lhe uma revolução e não uma rebelião.

— Estão a usá-los como distração. — O Xaden baixa os braços. — Uma tática para ganhar tempo. Vão morrer para que os que estão no Vale tenham tempo de se preparar. Preparar para *o que*, exatamente?

Fico de queixo caído.

— Vocês não podem fazer isso. — Giro, colocando-me à frente da minha mãe. — Não vão precisar. O Brennan reparou a pedra de proteção.

— Nem o Brennan é capaz de reparar magia, cadete Sorrengail. — Os olhos dela não cedem, não deixam espaço para um desvio de rumo.

— Não — admito. — Mas não tem de o fazer. Se a pedra for reparada, pode acumular poder. Podemos erguer as guarnições. Eu sei como fazê-lo.

Um afago curioso de uma sombra reluzente desce pelos meus escudos, mas eu não o deixo entrar.

— Não foste completamente bem-sucedida em Aretia, pois não? — pergunta ela, a baixar a voz para que só eu a possa ouvir. — Poder não chega. — Esta parte é para o público em geral e a reprimenda afogueia-me as faces.

— Eu consigo levantá-las — sussurro em resposta, antes de levantar a voz para ser ouvida. — Se me colocarem a mim e ao Xaden no Vale, vão

deixar a pedra de proteção desprotegida e a pedra é a *única* solução para manter toda a gente no campo viva hoje.

— Não sabes se vai funcionar depois de reparada — diz ela devagar, como se houvesse alguma possibilidade de eu a compreender mal. — Mesmo que funcionasse...

— O *líder deles chegou* — diz-me o Tairn, e, pela forma como os rostos de todos os cavaleiros se viram para cima, incluindo o meu, ele não foi o único dragão a reparar.

Lá em cima, no centro da horda, voa agora uma serpe ligeiramente maior do que as outras, com um cavaleiro vestido de azul-real no dorso. O buraco que sinto no estômago diz-me que, se ele se aproximar, eu vou reconhecer o cabelo preto ralo e o beicinho de irritação, mesmo que a lógica me diga o contrário, que é só um *sonho* maldito.

A minha pulsação acelera exponencialmente e o medo encharca-me a pele, mais frio do que a chuva que se derrete à nossa volta.

— Como podes ver — diz a minha mãe, a tirar os olhos da horda. — Agora é tarde de mais para as guarnições.

— Não é, não! — contraponho.

— Cadete... — começa a minha mãe.

— Eu consigo levantá-las — prometo, colocando-me à frente dela quando ela tenta bloquear-me. — Se a pedra puder acumular energia, eu consigo levantar as guarnições!

— Cadete — dispara a minha mãe, já com as faces avermelhadas.

— Pelo menos anda *ver* se a pedra pode acumular energia antes de nos condenares a todos à morte! — insisto.

— Violet! — grita a minha mãe.

— Ouve-me! — grito em resposta. — Por uma vez na tua vida, ouve o que te estou a dizer!

Ela puxa a cabeça para trás.

Eu persisto.

— Por uma vez na *minha* vida, confia em mim. Tem fé em *mim*. Eu consigo levantar as guarnições.

Lá está, o ligeiro aperto dos olhos que me diz que me está a ouvir.

— Se levantarmos as guarnições, todas as serpes neste campo morrem. Todos os manipuladores de magia negra ficam impotentes... — Engulo em seco, a pensar no Jack. — Ou quase impotentes. Diz-me que outra arma é capaz deste feito. Vem lá comigo para ver se a pedra é capaz de acumular energia. Ajuda-me a impregná-la — suplico à minha mãe. — Se não for capaz de acumular poder, faço o que quiseres, mas eu consigo fazer isto, general. Eu sei como fazê-lo.

— Já chega. Estamos a perder tempo. — O Melgren dispensa-me com um aceno e encaminha-se para o Codagh, com os ajudantes a segui-lo.

— Espere! — grita a minha mãe e o meu coração para.

— Desculpe, general? — atira o Melgren, a parar para olhar para nós à saída da arcada.

— Esta é a minha escola. — A minha mãe levanta o queixo. — Eu disse para esperar.

— O exército é *meu*! — vocifera o Melgren. — Não há como esperar!

— Tecnicamente, metade do exército é seu — diz o Xaden com os olhos postos na horda de serpes. — A outra metade é minha. E, uma vez que não teve problema nenhum em mandar executar o meu pai, eu também não tenho problema nenhum em deixá-lo morrer se recusar a ajuda dela.

O Melgren fita o Xaden; a cor esvai-se-lhe devagar do rosto.

— Bem me parecia. — O Xaden estende-me a mão. — Queres falar comigo, Violet?

Algo no tom do Xaden — talvez seja a resignação — faz-me entrelaçar os dedos nos dele e segui-lo quando ele se encaminha para a arcada, passa pelo Melgren e segue em direção aos dragões.

— Onde é que vocês vão? Eles estão prestes a atacar... — começa o Melgren.

— Estou a ganhar o tempo de que ela precisa — responde o Xaden, e o meu estômago afunda-se. — E eles não vão atacar. Pelo menos, para já. Ainda estão à espera.

— E de que caralho é que eles estão à espera? — ralha o Melgren A mão do Xaden aperta-se na minha.

— De mim.

Vais adorar a Violet. É inteligente e teimosa. Faz-me lembrar bastante de ti, na verdade. Só tens de te lembrar de uma coisa quando a conheceres: a Violet não é a mãe dela.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA

DO CADETE LIAM MAIRI PARA SLOANE MAIRI



CAPÍTULO LXIV

— Estão à tua espera? Como assim? — pergunto assim que estamos à frente do Codagh e nos viramos para um amplo campo de batalha coberto de cadáveres de serpes e de dragões. Uma dor latejante de pavor aperta-me o peito.

Já houve demasiadas mortes e ainda não enfrentámos as forças mais mortíferas que eles têm para mobilizar. Pelo aspeto daquela linha, deixaram quase todos os manipuladores de magia negra à espera.

— Aquele é um dos professores deles — diz o Xaden com os olhos postos no venéfico que vem no dorso da serpe que se destaca no centro. — O que fugiu em Resson.

— E também estava nos penhascos. — Tento a todo o custo manter a voz o mais calma possível apesar das palpitações do meu coração. Tenho de levantar as guarnições *imediatamente*. São a melhor hipótese que temos de sairmos daqui vivos. Mas cada dragão só pode contribuir com fogo para uma pedra de proteção, o que significa...

— Ele pensava que nós íamos estar em Samara. Calculou que tomaríamos a decisão mais honrada e responderíamos à chamada do

Melgren.

— Como é que sabes disso? — O meu sobrolho franze-se.

— Faz-nos um favor a ambos e não pergutes.

O Tairn e a Sgaeyl passam de cabeça erguida pelo Aimsir, a avaliar as ameaças tanto no solo como no céu enquanto caminham na nossa direção. Com o coração a latejar, olho alternadamente para cada um deles e para a figura do Mestre, que vai descendo devagar a centenas de metros de distância. Está a dirigir-se para o *solo*.

Merda. Tenho de me despachar.

— Se tivesses de escolher entre levantar corretamente as guarnições aqui em Basgiath ou as nossas em... — Não consigo terminar a frase. Aqui não. — O que escolherias?

O sobrolho do Xaden franze-se quando ele tira os olhos do Mestre e olha para mim.

— Tens de escolher. Eu só tenho recursos para erguer completamente as guarnições aqui ou... lá. — O meu tom é claramente de súplica. — Nunca te poderia negar essa escolha. — Ele já abdicou de demasiado.

O Xaden estremece e olha de relance para a horda que paira à distância, com a descida teatralmente lenta do Mestre, antes de voltar a olhar para mim.

— Levantas as guarnições onde estiveres, que é aqui.

— Mas a tua casa... — As palavras não chegam a ser um sussurro.

— A minha casa és tu. E, se morrermos todos hoje, o conhecimento morre connosco. Levanta as guarnições em Basgiath.

— Tens a certeza? — O meu coração bate como o ponteiro dos segundos de um relógio, a contar o tempo que nos resta.

— Absoluta.

Eu assinto com a cabeça, deslizo a mão da dele e rodo sobre os calcanhares para olhar para o maior dragão do Continente.

— Preciso de falar contigo.

— Caramba, Violet. — O Xaden vira-se e coloca-se ao meu lado quando o Codagh baixa a cabeça devagar, inclinando-a na minha direção para olhar com uma expressão de fúria para mim, com os olhos dourados semicerrados, porque, mesmo estando ele ao nível do solo, eu não lhe chego sequer às narinas. — Sabes o que estás a fazer?

— Se não souber, morreremos todos. — E é melhor despachar-me, porque o Tairn está quase a chegar. Já o sinto a derrubar os meus escudos. Nenhum cavaleiro consegue bloquear o seu dragão durante muito tempo se ele quiser mesmo entrar.

As narinas do Codagh dilatam-se e os lábios enrolam-se para mostrar dentes muito compridos e muito afiados.

— Tu *sabes*. — As palavras são uma acusação. — E não disseste ao teu cavaleiro porque a draconidade protege a draconidade.

Uma rajada de vapor bate-me no rosto e o Xaden pragueja à boca pequena, deixando que as sombras se enrolem junto aos pés.

— Sim. Eu descobri tudo. Já usei o fogo do Tairn na segunda pedra de proteção e queria-te perguntar se vens se eu ativar a pedra de Basgiath — digo, a fincar as unhas nas palmas das mãos para conter a tremedeira. Este é o único dragão do Continente além da Sgaeyl que não tem medo do Tairn sob nenhum ponto de vista.

— Tu não precisas dele como dragão preto para Basgiath — assevera o Xaden. — Tens a Andarna.

— Vens? — Fito os olhos ameaçadores do Codagh sem me desviar. — Morreremos todos se não vieres. O Empíreo acabará.

Ele solta mais um sopro de vapor, desta vez mais fraco, e baixa o queixo num aceno de assentimento curto, antes de levantar a cabeça quando o Tairn se aproxima da esquerda e o Melgren lhe aparece do outro lado da perna dianteira.

— *Estás a fazer a corte à morte?* — pergunta o Tairn, a penetrar-me os escudos.

— *Precisava de confirmar um segredo que não me cabe a mim partilhar* — respondo. — *Não insistas, por favor.*

As presas do Tairn dobram-se na neve derretida ao meu lado.

Eu viro-me para o Xaden.

— Não te quero deixar e tenho cerca de um milhão de perguntas sobre a razão por que pensas que eles vêm atrás de ti, mas se eu não... — Todas as fibras do meu corpo se rebelam contra a ideia de o deixar.

Ele inclina-se para mim e pousa-me a mão na nuca.

— Ambos sabemos que não podes levantar as guarnições e ficar aqui para lutar ao mesmo tempo. Quando estávamos em Resson, eu contive-os enquanto tu lutavas. Eu sei que tu te consegues desenrascar sozinha. Agora, tenta convencer-te de que *eu* também consigo fazer o mesmo enquanto levantas as guarnições antes que morra mais gente. Acaba com isto. — Ele beija-me com intensidade e rapidez, depois olha para mim como se esta pudesse ser a última vez que me vê. — Amo-te.

Oh... *deuses*. Não. Recuso-me a aceitar o adeus neste tom.

— Tu vais manter-te vivo — ordeno, antes de olhar para a horda que nos espera e ver que a figura do Mestre está quase a chegar ao chão, sem mostrar pressa nenhuma como se isto não passasse de um jogo que ele já venceu, e depois para o Tairn. — Fica com ele.

O Tairn rosna e arreganha os dentes.

— Fica com ele por mim. Não te atrevas a deixá-lo morrer! — Rodo sobre os calcanhares e começo a correr sem dizer adeus ao Xaden. As despedidas não são necessárias porque o vou voltar a ver não tarda. Porque não vou falhar de maneira nenhuma.

— Os voadores querem lutar — digo ao Melgren. — Deixe-os ajudar!

Faço de conta que não estive em combate nas últimas duas horas, que não manipulei relâmpagos até à exaustão, que não levei o corpo a um ponto de rotura e *corro*.

— Acaba com a tempestade para que os grifos possam voar! — grito para a minha mãe ao passar e continuo a correr debaixo da arcada. Que se foda a autorização ou a compreensão que ela me pode dar. Se a pedra de proteção for capaz de acumular energia, eu própria a impregnarei.

Os meus braços agitam-se vigorosamente e eu forço as pernas a acompanhar o ritmo, não obstante a dor latejante que sinto nos joelhos. Corro pelo pátio, evitando as esquadras de infantaria, e pelas escadas centrais acima. Corro pela porta aberta e pelo corredor afora com o coração a palpitar e os pulmões a arder. Corro como venho treinando desde Resson.

Corro porque não fui capaz de salvar o Liam, porque não fui capaz de salvar a Soleil, mas posso salvar todos os outros. Posso salvá-lo a *ele*. E se me demorar por um segundo que seja a pensar nas possibilidades do que ele poderá enfrentar, darei meia-volta e começarei a correr diretamente de volta para o Xaden.

Subo as escadas em espiral a uma velocidade vertiginosa, o que me deixa tonta quando chego ao fundo da torre sudoeste, e não desperdiço os arquejos nos nossos instruendos do primeiro ano que estão a vigiar a porta, entrando no túnel que cheira ao Varrish e a dor sem abrandar.

— Afastem-se! — grito na direção do Lynx e do Baylor. Porque eu lembro-me do nome deles. Avalynn. Sloane. Aaric. Kai, o voador. Sei o nome de todos os instruendos do primeiro ano.

Eles mergulham para lados opostos e eu forço o meu corpo a avançar de lado, arrastando-me pela parte mais estreita do túnel.

Sinto um aperto no peito e penso no Xaden.

No Xaden, no odor a tempestade e em livros. É tudo o que deixo entrar enquanto passo a custo pelo túnel. E, assim que o túnel fica mais largo, viro-me de frente e corro como nunca corri o resto do caminho até à câmara da pedra de proteção iluminada pelo sol da manhã.

Só lá chegada é que paro a deslizar na pedra e levo as mãos aos joelhos para respirar fundo e conter um vômito.

— Está. A. Funcionar? — pergunto, a olhar para a pedra que está milagrosamente inteira e em pé no seu devido lugar.

— Caramba, Sorrengail, acho que nunca te tinha visto a correr tão depressa! — O Aaric levanta as sobrancelhas.

— Estou aqui. — O Brennan aparece, cambaleante, ao lado do Aaric, com o cabelo ondulado castanho-avermelhado húmido de suor, e o filho do

rei agarra-o e passa-lhe o braço por cima do ombro para que ele não caia.
— Gastei toda a energia que tinha para a reparar.

— E consegue acumular energia? — pergunto, fazendo um esforço para me aprumar apesar do mal-estar.

— Tenta — sugere o Brennan. — Se não conseguir, tudo isto terá sido em vão.

Todos os segundos contam quando me dirijo para a pedra. Está exatamente igual a quando a vi quando chegámos ontem à noite, tirando a poderosa vibração de energia e as chamas.

— É exatamente igual à nossa antes de a impregnarmos e de lhe lançarmos fogo — observa o Brennan.

— Certo, só que esta pedra já estava a arder quando aqui chegámos — digo-lhe, já a levantar a mão para o ferro preto.

— O ferro não arde — aponta o Brennan.

— Diz isso à pedra de proteção — riposto. Sem um condutor, isto é mais difícil do que eu imaginava, mas tenho de saber. Abro novamente a porta dos Arquivos e recebo o poder do Tairn num fio bem definido, mas, em vez de alimentar o condutor, pouso os dedos na pedra de proteção e deixo a energia fluir.

— Quanto tempo é que vocês os três demoraram a impregnar a pedra em Aretia? — pergunta o Brennan.

— Semanas — respondo, a sentir os dedos a formigar dolorosamente, como se tivessem acabado de receber sangue novamente depois de um período longo de dormência, e vejo com mais do que um assomo de satisfação a energia a fluir para além deles. Recuo a mão três centímetros, apenas o suficiente para ver fios branco-azulados a ligarem a ponta dos meus dedos à pedra e depois aumento o poder.

O calor pica-me a pele e eu procuro os meus limites, que não são tão fortes como eu esperava ao fim de horas de manipulação, para impregnar a pedra. Sinto o suor a formar-se na testa e a minha pele afogueia-se.

— Não temos semanas — diz o Brennan baixinho, como se estivesse a falar para si mesmo.

— Eu sei.

Ouço rugidos à distância e olho para o céu longínquo pela abertura da câmara. Sinto um aperto na garganta ao ver cinzento a colidir com verde. Com cor de laranja. A minha esquadra está lá em cima a combater sem mim. O Xaden está a batalhar junto aos portões. Estamos a ficar sem tempo.

Interrompo o fluxo de poder e pouso o resto da palma da mão na pedra. Sinto uma ligeira vibração, como a breve ondulação da água quando um seixo é atirado para um lago. Não temos seixos suficientes.

— A pedra é capaz de acumular energia, mas não temos cavaleiros suficientes para a impregnar aqui em baixo.

— Eu vou mandar o Marbh espalhar a palavra — diz o Brennan e olhamos ambos na direção do céu quando um vislumbre de vermelho é imediatamente seguido por um de cinzento.

— Precisamos de todos os cavaleiros que possam vir até aqui. — Mas quem raio é que vai deixar de lutar e arriscar a batalha por causa de um palpite? O meu coração vacila. Isto parece exatamente o que a minha mãe nos disse que não devíamos deixar acontecer: um alvoroço completo. Um vulto preto movimenta-se na extremidade mais alta da câmara e eu baixo os meus escudos pela primeira vez desde que falei com a Jesinia.

— Anda cá abaixo — digo à Andarna, contornando a pedra para que ninguém que venha ajudar a impregná-la a veja.

— *Não gosto muito de poços,..*

— *Agora.* — O meu tom não deixa lugar para discussões.

Eu pouso a mão na pedra e volto a convocar o meu poder enquanto ela desce, tapando o sol por momentos, para onde mais ninguém a possa ver. O poder flui de dentro de mim num fio contínuo, vibrando-me na ponta dos dedos enquanto eu alimento a pedra.

A Andarna aterra e deixa-se ficar nas sombras a que a luz da manhã ainda não chega.

— *Porque é que não me contaste?*

Os olhos dourados da Andarna piscam na escuridão.

— *Não te contei o quê?*

— *Eu sei.* — Abano a cabeça. — *Devia ter percebido mais cedo. Assim que te vi depois de Resson, percebi que havia algo diferente no brilho das tuas escamas, mas pensei que nunca tinha estado com uma adolescente, por isso como é que havia de saber?*

— *Diferente.* — Ela levanta a cabeça para o lado, sai da escuridão e as escamas mudam do preto reluzente para um roxo-escuro luminoso. — *Foi assim que eu sempre me senti.*

— *É por isso que sentes que não tens nada que ver com os outros adolescentes* — observo, com a mão a tremer enquanto mantenho o poder estável, a dar o que posso à pedra até chegarem mais cavaleiros para ajudar. — *Foi por isso que foste autorizada a vincular-te. Deuses, tu própria mo disseste, mas eu pensava que estavas só a ser...*

— *Uma adolescente?* — pergunta ela em desafio com as narinas a dilatar-se.

Eu assinto com a cabeça e tento ignorar os sons da batalha bem mais acima para me poder concentrar em salvar-nos, mesmo sentindo a raiva a jorrar pelo vínculo do Tairn, e fúria... não posso pensar no que o Xaden está a fazer.

— *Devia ter-te ouvido quando disseste que eras a chefe do teu covil. Foi por isso que ninguém pôde contestar o teu direito de benfeitoria no ano passado. Foi por isso que o Empíreo permitiu o vínculo de uma cria.*

— *Di-lo. Não te ponhas só a adivinhar* — exige ela.

Nem acalmar a respiração me vai abrandar o coração acelerado.

— *As tuas escamas não são pretas, na verdade.*

— Não. — Mesmo agora as escamas estão a mudar de cor e a assumir o tom acinzentado da pedra à nossa volta. — *Mas ele é e eu quero tanto ser como ele.*

— O Tairn. — Não é difícil de adivinhar.

— *Ele não sabe. Só os anciãos.* — Ela baixa a cabeça e pousa-a no chão à minha frente. — *Eles veneram-nos. Ele é forte, leal e feroz.*

— *Tu também és tudo isso.* — Cambaleio com o esforço da manipulação, mas não caio e mantenho o poder a fluir em direção à pedra.
— *Não tinhas de mo esconder. Podias ter-mo dito.*

— *Se tu não descobrisses, não merecias saber.* — A Andarna bufa. — *Eu esperei seiscentos e cinquenta anos para eclodir. Esperei até ao teu décimo oitavo verão, quando ouvi os nossos anciãos a falar da filha franzina da general, a rapariga que se previa que ia ser a chefe dos copistas, e soube. Terias a cabeça de uma copista e o coração de uma cavaleira. Ias ser minha.* — Inclina-se para a minha mão. — *És tão única como eu. Queremos as mesmas coisas.*

— *Não podias saber que eu seria uma cavaleira.*

— *No entanto, eis-nos aqui.*

Passam-me mil perguntas pela cabeça, mas não temos tempo para nenhuma, pelo que lhe dou exatamente o que eu queria: ser vista por quem é e pelo que é realmente.

— *Não és um dragão-fêmea preto, nem de nenhuma das seis cores que conhecemos. És uma sétima estirpe.*

— *Exatamente.* — Os olhos dela arregalam-se de entusiasmo.

Eu sorvo o ar rapidamente para me acalmar.

— *Quero que me contes tudo, mas os nossos amigos estão a morrer, pelo que tenho de te perguntar se estás disposta a soprar fogo para apedra.* — O suor forma-se na minha testa à medida que a temperatura aumenta, mas eu lanço cada vez mais energia, com o braço a tremer do esforço de a manter sob controlo e a fluir num fio estável em vez de rebentar.

— *Foi por isso que eu fiquei para trás.* — Ela levanta a cabeça para o outro lado.

— *Pelo menos do que me lembro. Já passaram séculos.*

— Que bom ver-te, Cam. O teu pai anda à tua procura. — Ouço a voz da minha mãe do outro lado da pedra.

— Sou um cavaleiro vinculado. Ele não pode fazer nad...

— Não quero saber, na verdade. A pedra acumula poder?

Mãe? O que raio estará ela a fazer aqui? Devia estar no campo de batalha.

— *Voa daqui para fora* — ordeno à Andarna com a voz fraca. — *Não quero que a minha mãe te veja. Não confio nela.*

— *Acumula* — responde o Brennan.

A Andarna hesita, depois lança-se para o ar e voa até ao cimo da câmara.

Eu roço com os dedos na pedra a contorná-la devagar para ir para o outro lado.

— *Estás a esticar os limites* — avisa o Tairn, num tom tenso de agitação.

— *Não tenho escolha*, — Dou alguns passos titubeantes e tento contactar o Xaden levemente, não para o distrair, mas só para sentir... tem os escudos levantados, bloqueando-me completamente.

— *Está a lutar* — diz o Tairn e a minha visão turva-se por momentos antes de voltar a ficar nítida... com a vista do campo de batalha. Estou a ver pelos olhos dele, tal como tinha feito com os da Andarna no ano passado.

Uma faixa de cinzento bloqueia o mundo um segundo antes de o céu voltar a aparecer e de eu ver um rio de vermelho a fluir em direção às nuvens e o Tairn a olhar debaixo dele e a ver as serpes a cair com um assomo de satisfação até olhar para o solo e ver o Xaden perto da extremidade da ravina.

O meu coração bate erráticamente quando vejo o Mestre a bloquear facilmente cada uma das sombras do Xaden com rajadas de punhais azuis de fogo e a parar completamente quando salpicos de sol reluzem nas duas lâminas espetadas no solo atrás do venéfico que está a brandir um bastão.

O Xaden deve ter atirado os punhais e *falhado*. Eu sei que ele tem um terceiro com ele, mas irá usá-lo? Porque o Mestre não está a perder terreno. Está a conquistá-lo ao Xaden, a aproximar-se passo a passo, a fazer o Xaden recuar até à ravina.

Vejo um jorro de fogo verde mais acima e o Tairn vira a atenção para a Sgaeyl e para as três serpes que investem contra ela, uma das quais está a

soprar fogo vermelho-cereja. Oh, *deuses*, há ainda mais estirpes de serpes do que pensávamos. O canal que nos liga enche-se de terror e a minha visão volta a ficar turva e os ouvidos começam a zunir como se tivesse acabado de ser atingida.

Eu pestanejo e respiro fundo, forçando o ar a passar-me pela garganta que se fecha, e volto a ver a câmara. Um passo cambaleante de cada vez, arrasto a mão ao longo da pedra cada vez mais quente e viro a esquina para chegar à frente da pedra de proteção, onde vejo a minha mãe, o Brennan e o Aaric a meio de uma conversa que não consigo ouvir porque tenho um zumbido nos ouvidos.

A energia não se limita a aquecer-me as veias, os músculos e até os ossos. Está a queimá-los.

— *Vais ter um esgotamento* — avisa a Andarna, com um tom agudo de preocupação.

Quando volto a sorver o ar, fico com os pulmões chamuscados.

— *Prateada!* — rosna o Tairn.

As guarnições têm de ser levantadas.

— *Vocês têm de sobreviver os dois. Prometam-me que vão escolher viver.*

Porque eu começo a aperceber-me de que o preço de impregnar esta pedra de proteção a tempo de salvar toda a gente que amo é a minha vida. O meu poder parece demasiado insignificante perante uma pedra deste tamanho. Teria de fazer uso de todo o poder do Tairn — da própria vida do Tairn — e isso não é algo que eu esteja disposta a dar. Mas posso dar o suficiente para que os cavaleiros sobreviventes terminem o trabalho.

Caio de joelhos, mas não perco o contacto com a pedra. Deixo a energia fluir sem nenhuma interrupção e abro ainda mais a porta dos Arquivos para receber todo o vigor do poder do Tairn, tremendo com o esforço que tenho de fazer para o manter controlado, dirigido, construtivo e não violento.

— Violet? — A voz do Brennan parece vir de longe.

O calor percorre-me em ondas enquanto continuo a lançar a energia para a pedra e o meu mundo resume-se a dor, a calor e a uma pulsação acelerada.

— Violet! — A minha mãe corre na minha direção, com os olhos esgazeados de medo. Pega-me no braço, solta um grito abafado e retira-a, a palma da mão vermelha e empolada.

O chão sobe ao encontro do meu rosto e eu estendo a mão para me proteger do solo de pedra e continuo a canalizar. O que importa se a minha pele crepitar, os meus dedos ficarem vermelhos, os meus músculos cederem e eu me render ao fogo? Tenho de impregnar esta pedra, levantar as guarnições que irão salvar os meus amigos, os meus irmãos, o *Xaden*.

— Qual é o teu sinete? — grita a minha mãe, mas eu não tenho força para levantar a cabeça.

— *Não podes fazer isso* — ralha a Andarna com um grito agudo.

— *Tu tens o teu desígnio.* — Até a minha voz mental é um sussurro. — *Talvez este seja o meu.*

— Não se manifestou — responde o Aaric em pânico.

— E os outros lá fora? — A voz da minha mãe eleva-se.

Ele começa a responder com os que conhece e eu deixo de o ouvir para me manter concentrada no controlo da energia, em durar tempo suficiente para deixar a pedra pronta a ser usada da melhor maneira.

O Brennan desce para o chão à minha esquerda, agachando-se a poucos passos de distância com os lábios a mexer-se, mas eu fecho os olhos e convoco mais algum deste poder que me está a matar aos poucos.

— *Para de uma vez!* — ordena o Tairn.

— *Lamento muito.* — Os músculos do braço retesam-se, exauridos. Finalmente.

Assim não tenho de fazer força para o manter no lugar. Estou a entrar nas últimas etapas do esgotamento, tal como tinha acontecido na montanha com o Varrish. — *Não devias ter de perder dois cavaleiros desta forma.*

Faço um esforço para abrir os olhos, atento no padrão de pedra debaixo dos meus dedos e percebo-o finalmente. Percebo porque é que alguém seria capaz de transformar-se para roubar magia. Tenho todo o poder do mundo debaixo das pontas dos dedos e, se o canalizar, se o tirar da terra e não do Tairn, terei poder suficiente para salvar...

— *Tens de te salvar a ti* — manda o Tairn. — *Não te escolhi para seres a próxima, mas a última, e, se te fores, eu irei contigo.*

— *Não.* — O vapor ergue-se da minha pele.

— *Larga a pedra* — suplica a Andarna e a rajada de ar na câmara combinada com a ligeira trepidação do solo dizem-me que ela aterrou.

— Não vou fazer isso! — O grito da Sloane ecoa nas paredes e chega-me aos ouvidos por entre a névoa que me envolve.

Levanto a cabeça devagar, muito devagar, num movimento doloroso, a tempo de ver os olhos do Brennan a arregalar-se e a bota da minha mãe a subir em direção ao meu ombro. Ela toca-me devagar e, antes de eu poder abrir a boca, empurra a perna com toda a força, estendendo-me no chão da câmara e quebrando a ligação que eu tinha com a pedra de proteção.

O poder liberta-se para o ar com o clarão de um relâmpago quando eu bato com as costas no chão e solto um grito, que é ecoado pelo Brennan, cujo rosto me enche a visão e cuja mão se fecha na minha. Sinto um alívio no braço, um frio que amaina o ardor, e os músculos a recuperar do esforço e a soltar-se.

Se eu não fechar as portas do poder, ele vai morrer. Não me pode reparar assim tão depressa de cada vez que o poder irrompe e a próxima onda de calor sobe-me pelo corpo...

Fecho as portas dos Arquivos com o que me resta da força mental e estanco o poder. O alívio que vem do Tairn e da Andarna é imediato, mas a única coisa que eu sinto é o sabor amargo da derrota quando estou deitada, com o meu irmão ajoelhado ao meu lado a reparar-me o corpo, que não tive o cuidado de preservar.

E, acima de mim, vejo um clarão de verde antes do aparecimento de um enxame de asas cinzentas a bater e a escurecer o céu.

— É a única forma — grita a minha mãe, e eu viro a cabeça ao sentir os músculos a recuperarem as funções e a pele a arrefecer. — Não podemos impregnar Uma coisa deste tamanho de um momento para o outro. Seriam necessários centenas de cavaleiros, que não temos. Se quer salvar os seus amigos, vai fazer isto! — grita ela para a Sloane, com os dedos enrolados à volta do pulso da irmã do Liam e a arrastá-la para a pedra de proteção.

— Mãe? — crocito, mas ela não responde.

— És uma Mairi? — pergunta a minha mãe à Sloane.

— Sou. — Os olhos azuis reluzentes da Sloane cruzam-se com os meus, esgazeados de incerteza.

— Eu matei a tua mãe. — A minha mãe bate no peito.

— Mãe! — grito.

O Brennan cai ao meu lado, pálido e suado, e eu levanto-me até ficar de joelhos.

— Eu persegui-a e levei-a para a execução, lembras-te? — diz a minha mãe à Sloane, a empurrá-la contra a pedra. — Estavas lá. Eu obriguei-te a ver tudo. A ti e ao teu irmão.

— Liam — sussurra a Sloane.

A minha mãe assente com a cabeça, pega na mão da Sloane e pousa-a no círculo mais pequeno da enorme runa gravada na pedra.

— E também podia ter impedido a morte do teu irmão se tivesse prestado um pouco mais de atenção ao que o meu ajudante estava a fazer.

— Não! — grito, lançando-me para a frente. O Aaric corre até mim vindo de um dos lados da câmara da pedra de proteção e não só me apanha antes de eu cair como me *trava*. — Larga-me.

— Não posso — diz ele em contrição. — Ela tem razão. E se eu tiver de escolher entre a vida dela e a tua, escolho a tua.

A minha vida ou... *a dela*?

— Andarna! — grito.

— *Tenho muita pena. Eu também escolho a tua vida. Tu és minha. Não te posso deixar morrer.* — A Andarna contorna-me e põe-se à minha frente de forma a interpor-se entre mim e a minha mãe.

Oh, *deuses*. Não. A Sloane é um sifão.

— Estás a ouvi-los lá em cima a morrer? É isso que está a acontecer — diz a minha mãe, num tom mais suave, que nunca usou comigo. — Os teus amigos estão a morrer, cadete Mairi. O herdeiro de Tyrrendor está a lutar para sobreviver e tu podes pôr um fim a isto. Podes salvá-los a todos. — Pega-lhe na mão livre e, para meu desespero, a Sloane não deixa cair a outra da pedra.

— Não faças isso! — grito. — Sloane, essa é a minha *mãe*. — Isto não está a acontecer. Talvez a Sloane não me ouça a mim, mas vai ouvir o Xaden. Baixo os escudos...

Dor. Uma dor angustiante e intensa inunda o nosso vínculo. Desesperança e... impotência? Atinge-me de todos os lados, tirando-me o fôlego, dominando-me os sentidos e a força. O meu corpo verga-se — todo o meu peso cai nos braços do Aaric — quando a minha cabeça tenta separar as emoções do Xaden das minhas.

Ele está... não consigo pensar para lá da dor, não consigo respirar com o aperto que sinto no peito, não consigo sentir o chão debaixo dos meus pés.

— O Xaden está a morrer — sussurro.

O olhar da Sloane precipita-se para o meu e não é preciso mais nada.

— Não precisas de fazer nada a não ser ficar aí — promete a minha mãe algures à distância. — O teu sinete tratará de tudo por ti. Considera-te apenas um condutor para o poder. Estás apenas a permitir que o meu flua para a pedra.

— Violet? — sussurra a Sloane.

Eu arrasto o meu olhar ao encontro do dela. Mas não estou aqui. Não sou eu, verdadeiramente. Estou a morrer no campo de batalha, as forças que me restam estão a esmorecer, a arder, a consumir-me o corpo. Mas vai valer a pena para salvar o meu amor. *Violet*.

— *Lutem!* — grito pelo vínculo aos três, num berro que ultrapassa questões de sangue e de vingança. Ira e fogo. O gosto amargo de carne de serpe entre os dentes dela.

— Tu consegues fazer isto — diz a minha mãe numa voz tranquilizadora.

— Mãe! — A minha voz quebra quando ela entrelaça os dedos nos da Sloane.

— Está tudo bem — diz-me a minha mãe com os olhos a enternecer-se quando o corpo da Sloane se torna hirtó. — Assim que o meu poder, o poder do Aimsir, estiver vivo dentro da pedra, acendam-na. Levantem as guarnições. Não há nada que eu não tivesse feito para te proteger. Compreendes? Tudo o que eu fiz serviu para te trazer para este momento, para este dia em que serias suficientemente forte... — A minha mãe cai de joelhos, mas não larga a Sloane.

— Não, não, não. — Luto contra os braços do Aaric enquanto o meu peito ameaça ceder, contorcer-se em redor do meu coração. A minha mãe aparece-me e desaparece-me da visão, que está turva num segundo e nítida no segundo seguinte.

— Não sabes o quanto lamento — sussurra o Aaric.

— Vocês são tudo o que sonhámos que seriam — diz a minha mãe em voz baixa, com a pele a empalidecer ao mesmo tempo que a da Sloane fica escarlate. — Os três. — Ela olha para o Brennan. — E assim vou poder vê-lo em breve.

O nosso pai. Fico com os olhos esgazeados a tentar libertar-me do Aaric.

— Não — suplica o Brennan, a abanar a cabeça. — Não faças isso. — Levanta-se a custo, cambaleia na direção dela, mas não chega longe antes de cair.

— Vivam bem. — A cabeça da minha mãe cai e os olhos reviram ao mesmo tempo que a pele assume uma palidez de cera que é um contraste obscuro com as peles de voo enquanto o peito sobe e desce mais devagar num arquejo titubeante e incompleto.

O Brennan gatinha na direção dela.

Ouçõ passos atrás de mim, que vêm a correr na nossa direção.

— Não! — grito, rasgando a garganta, arrancando o som da alma.

A pedra solta uma vibração característica que me eriça os pelos quando a minha mãe cai para a frente nos braços do Brennan.

A Sloane cambaleia para trás, a olhar para as palmas das mãos como se pertencessem a outra pessoa, e o Aaric larga-me finalmente.

Eu lanço-me para a frente e bato com os joelhos junto ao local onde o Brennan está sentado com o corpo da nossa mãe deitado no colo, a mão a tremer quando a levanta para o rosto dela. Os meus dedos chegam-lhe ao pescoço, mas não sentem pulsação. Não sentem calor. Não sentem vida.

O único batimento que eu ouço é o de botas a correr para a câmara. Morreu.

— Mãe — sussurra o Brennan, com o rosto amarfanhado a olhar para ela.

— O que é que *fizeste*! — A Mira cai de joelhos e puxa o corpo da mãe do colo do Brennan, com as mãos a procurar furiosamente o mesmo que as minhas não encontraram ainda há pouco: algum sinal de uma pulsação. — Mãe! — Sacode-a violentamente, mas a cabeça da mãe cai-lhe no ombro. — Mãe!

Não consigo respirar. Ela é a maré, as tempestades, o próprio ar, uma força demasiado grande para ser extinta sem que o mundo fique, também ele, profundamente dilacerado. Como é que ela pode morrer assim?

— Lamento tanto. — A Sloane chora baixinho.

— O que é que fizeste? — volta a gritar a Mira, toda a intensidade da ira virada para o Brennan.

— O *Xaden precisa de ti* — diz a Andarna, mas eu não me consigo mexer. — O *Tairn e a Sgaeyl esperam-te com ele*.

— Temos de os tirar daqui — diz o Aaric e eu sinto mãos, as dele, creio, nos meus ombros, a levantar-me do chão e a guiar-me para trás.

A Mira segue-o, a enrolar os braços debaixo da mãe e a arrastá-la da câmara. A Sloane ajuda o Brennan e de repente estamos todos no túnel. Outra pessoa leva a minha mãe. Um dos instruendos do primeiro ano?

As mãos da Mira tocam-me no rosto e perscrutam-me os olhos quando um vulto bloqueia a entrada do túnel.

— Estás bem?

— Não a consegui travar. — A escolha foi minha? Ou do Brennan?

Faz-se um calor súbito, suficientemente intenso para me tirar todo o oxigénio dos pulmões, mas não nos toca.

A Andarna está na entrada com as asas abertas para estancar a chama que rodeia a câmara, a jorrar de seis acima e de uma que faz toda a diferença. Sinto uma pulsão de energia a percorrer-me numa onda. As guarnições.

Quando a Andarna se afasta, o meu olhar sobe pela pedra de proteção até ver a chama de ferro que arde, negra, no topo.

É tudo o que resta da minha mãe.

A maioria dos generais sonha em morrer ao serviço do reino. Mas tu
conheces-me, meu amor.

Quando eu cair, será apenas por uma razão: para proteger os nossos filhos.

— CORRESPONDÊNCIA RECUPERADA E NÃO ENVIADA

DA GENERAL LILITH SORRENGAIL



CAPÍTULO LXV

Pum. Pum. O som ecoa na câmara da pedra de proteção.

— *Corpos de serpes* — diz-me a Andarna, rodando para colocar a cabeça na entrada e espreitar. — *Perdoa-me, por favor* — Os olhos dourados do meu dragão pestanejam.

Perdoar-lhe?

— Ela fez uma escolha — sussurro, mas as lágrimas que me escorrem pelas faces não mostram a mesma resignação, assim como os soluços que sacodem o corpo da Mira... e o olhar vazio do Brennan é tudo menos pacífico quando ele tira o casaco de voo em sacudidelas lentas e o usa para cobrir a mãe.

Não sei ao certo o tempo que passa enquanto somos levados pelo túnel e depois pela passagem estreita. As escadas são uma mancha indistinta.

— *Estás viva. Vais sobreviver ao dia de hoje. Vais acordar amanhã* — promete-me o Tairn enquanto eu faço um esforço para pôr um pé à frente do outro de cada vez.

— *Xaden?* — tento contactá-lo pelo vínculo, mas ele tem os escudos levantados.

— *Está vivo.*

Obrigada, Dunne.

É assim a gravidade, não é? Ele é suficiente para eu manter os pés no chão. Para o Sol voltar a levantar-se.

— Ele vai pôr o corpo dela no quadrante — diz alguém ao Brennan. Um dragão deve ter levado o corpo da mãe da câmara da pedra de proteção lá para fora.

Saímos da torre sudoeste a ouvir os sons da vitória. Vivas e gritos de agradecimento aos deuses. Cadetes de infantaria, curandeiros, cavaleiros e voadores entopem o corredor com abraços, mas nós conseguimos passar.

A Mira, o Brennan e eu ficamos à porta do pátio a ver a comemoração a atingir o auge. Nenhum de nós parece capaz de se mexer.

Aparece um rosto à minha frente. Olhos castanhos. Cabelo castanho. O Dain.

— Violet? — Ele levanta um braço encharcado de sangue para o estender na minha direção, mas depois pensa melhor. — Estás...

— Sai da frente! — A Rhiannon empurra-o do caminho e o sorriso dela é cansado, mas bonito de mais. — Conseguieste erguer as guarnições! — Fecha ambas as mãos em concha no meu rosto.

— Sim. — Consigo assentir com a cabeça enquanto a olho de cima a baixo. Tem alguns rasgos nas coxas das peles de voo que podem ser feridas de punhaladas, mas não sei se são ou não. — Estás ferida?

— Isto não é nada — assegura. — Devias ter visto! As serpes começaram a cair do céu como pesos mortos e os venéficos entraram em pânico e fugiram. A chefia está a persegui-los.

— Bom. Isso é bom. — Continuo a assentir com a cabeça. — Os outros?

— O Ridoc está bem. A Imogen levou uma pancada na cara, mas quase nem se queixa. A Quinn tem uma bochecha rebentada, mas acho que é pouco

mais do que um inchaço, e ia agora ver como está o Sawyer e os voadores. Queres... — Ela estuda-me a expressão. — O Xaden?

— Vivo — crocito. — Segundo o Tairn.

Ela olha de relance para o Brennan, depois para a Mira, antes de voltar a olhar para mim, a começar a perceber o que aconteceu e a deixar as feições cair.

— A minha mãe — tento explicar, mas a minha garganta fecha-se. — Ela...

A pedra de proteção não tinha energia nenhuma e a minha mãe...

— Oh, Vi. — A Rhi dá o passo que nos separa e puxa-me para um abraço.

Pouco importa que não o deva fazer, que seja uma demonstração vergonhosa de emoção ou que ela não o quisesse. Perco o controlo e soluço de encontro ao ombro da Rhiannon, a respirar em arquejos dificultosos. A cada lágrima que me escorre dos olhos, sinto os pés a ganharem tração num mundo que está a andar às voltas, sinto as primeiras ondas do choque a começar a passar.

Quando levanto a cabeça, o Brennan está sentado nos degraus que conduzem ao edifício da administração, com ar de quem está preparado para desmaiar enquanto dá ordens. Não vejo a Mira em lugar nenhum.

— Do que é que precisas? — pergunta-me a Rhi.

Tento contactar o Xaden, mas ele continua com os escudos estanques, pelo que passo as costas das mãos pelo rosto e tento recompor-me.

— Preciso de encontrar o Tairn e o Xaden.

— *À frente* — diz-me o Tairn e eu sigo na direção indicada, passando pelas negociações entre o Melgren e a Devera e parando quando o ouço a definir os termos para o nosso regresso. Um ataque, uma horda daquele tamanho? Corpos a cair por todo o reino? Não há nenhuma possibilidade de a chefia esconder isto. Daqui a poucas horas, todos os cidadãos de Navarre saberão que lhes mentiram. Não admira que queiram que nós regressemos.

Nem sequer tenho a certeza de que *queira* voltar. Abro caminho pelo pátio, depois passo pela arcada e saio para o ar livre.

Para o... cemitério ao ar livre.

Corpos de serpes cobrem o chão com algumas cores de permeio, mas eu não reconheço nenhum dos dragões por que passo quando me encaminho para o Tairn e a Sgaeyl que estão parados, imponentes, perto da extremidade da ravina.

— Estás ferido? — pergunto-lhe.

— *Saberias se estivesse* — responde ele a girar a cabeça quando a Andarna se aproxima, com a asa direita a tremer quando a abre antes de aterrar.

— Vocês os dois têm de pôr a conversa em dia. Imediatamente.

O Tairn vira um olho dourado para mim.

— Imediatamente — repito.

A atenção do Tairn vira-se para a Andarna e eu encaminho-me para a Sgaeyl, a sentir o Xaden atrás do local onde ela está sentada de vigia.

— Vais deixar-me passar? — pergunto-lhe, sem tirar os olhos dos dela nem os baixar para a barba de sangue que ela ostenta.

— *Lutaste bem hoje.*

— Obrigada. — Os meus lábios dobram-se num sorriso contrariado. — Tu também.

— *Sim, bem, é o que se espera de mim.* — Ela afasta as pernas dianteiras e eu vejo o Xaden em pé na beira da ravina de costas para mim.

— *Cuidado com as palavras.*

— Isso é irónico vindo de ti — murmuro, mas continuo em frente, a olhar bem para ele. Tem um corte nas costas, mas não vejo mais nada quando me encaminho para o lado dele, mantendo a ponta da bota a alguns centímetros da borda, onde ele está praticamente pendurado. — O que aconteceu?

— Matei-o. — A voz é neutra, assim com a expressão. O sol do meio-dia não lhe deixa quase sombra nenhuma no rosto. — Quebrei o domínio que

ele exercia sobre mim e matei-o. O corpo dele caiu na ravina e agora estou sempre a olhar para o rio como se ele fosse voltar, embora saiba que já está milhas a jusante neste momento.

— Lamento não ter estado contigo. — Estendo a mão para a dele, mas ele afasta-a.

— Eu não. Salvaste-nos.

— A minha mãe é que nos salvou. — A minha voz quebra. — Ela pôs a Sloane a sugar o poder do Aimsir e as energias vitais de ambos para a pedra de proteção. Morreu.

Ele fecha os olhos.

— Foda-se, lamento mesmo muito.

— Ela matou o teu pai. Porque havias de lamentar? — Eu enxugo outra lágrima que me cai dos olhos.

— Não queria que ela morresse — diz ele em voz baixa. — Nunca poderia desejar que uma pessoa que tu amas morresse.

O silêncio abata-se sobre nós, e não é um silêncio confortável.

— O Melgren quer que voltemos — atiro para o ar, à procura de uma reação, qualquer que seja.

— Então, voltamos. — Ele assente com a cabeça. — As guarnições de Aretia já estão a fraquejar e estas estão intactas. E tu vais explicar-me isso mais tarde, não vais? — O olhar dele arrasta-se de soslaio na minha direção, mas volta a desaparecer depressa, como se fosse doloroso olhar para mim.

— Eu explico — prometo.

— Ainda bem. — O Xaden assente com a cabeça. — É mais seguro para ti aqui.

É aqui que devemos estar. — Ele sorve o ar, arquejante, depois ri-se. — Não vais estar tão assustada sob as guarnições a funcionar em pleno.

Eu franzo o sobrolho.

— Acabei de combater contra um exército inteiro de serpentes e manipuladores de magia negra, levantei as guarnições e perdi a minha mãe

ao fazê-lo. Diz-me, por favor, o que poderia ser mais assustador do que isso?

— Amas-me — sussurra ele.

— Sabes que sim. — Pego-lhe na mão e o meu estômago contorce-se quando ele se vira para mim, mas baixa os olhos. — O que é que há lá fora que me deva assustar, Xaden? O que é que ele te disse? O que é que tu viste? — O que poderá ele ter ficado a saber para ficar tão abalado.

Devagar, ele arrasta o olhar pelo meu corpo acima e parece que demora anos só para *olhar* para mim.

Quando finalmente o faz, eu arquejo e aperto-lhe a mão por reflexo.

Não. Esta palavra é a única coisa em que consigo pensar, a única coisa que consigo sentir, que consigo gritar dentro de mim quando olho fixamente para o homem por quem estou desesperadamente apaixonada.

— Comigo — sussurra ele, um círculo vermelho débil e quase impercetível a emanar-lhe das íris salpicadas de dourado. — Devias assustar-te *comigo*.

Tentámos todos os métodos que conhecemos, tal como pediu. Não há cura.
Apenas controlo.

— MISSIVA DO TENENTE-CORONEL NOLON COLBERSY

PARA A GENERAL LILITH SORRENGAIL



CAPÍTULO LXVI

XADEN

Todos os cambiantes do pavor da Sgaeyl me descem pela espinha quando estou aqui suspenso poucos metros acima do campo de batalha, com os músculos paralisados e o meu poder trancado inutilmente dentro de mim. Mesmo que ele me largue, não tenho a certeza de que tenha força suficiente para manipular. Ele exauriu-me como se estivesse a brincar comigo ou o caralho.

Nunca estive à altura dele. Nenhum de nós está.

Todos os nervos do meu corpo gritam com a dor da incineração, com o calor de manipular demasiado durante muito tempo que me está a queimar vivo. Mas pior do que a dor é a *derrota*.

— Dói, não dói? Estar perto do esgotamento? — O Mestre anda num círculo curto à minha volta, com as vestes azuis mais escuras na bainha devido à neve derretida, a poucos metros da ravina que eu tive de atravessar para mostrar que estava talhado para este lugar. — É verdade que a magia

gosta de equilíbrios. Usa-a em demasia e ela vai consumir-te por pisares o risco.

Eu luto contra as amarras que ele enrolou à minha volta, fios invisíveis de poder que me prendem como uma galinha pronta a levar ao forno.

— Tu atacas. Eu bloqueio-te. Tu arremessas. Eu desvio-me. — Ele suspira, arrastando o bastão na terra atrás de mim.

Tal como os meus malditos pesadelos.

Só que o suor a escorrer-me pela parte de trás do pescoço lembra-me de que isto é a realidade. Que a Violet está debaixo de Basgiath, a tentar a todo o custo levantar as guarnições; que o Tairn está a matar as serpes que estão a atacar a Sgaeyl acima de mim para a afastarem de mim. O que é que eu tenho que deixa as mulheres da minha vida na mão?

— Portanto, vou dar-te uma última oportunidade de fazeres a escolha certa para podermos acabar com isto — diz o Mestre, a parar à minha frente e a sorrir-me com aqueles olhos sinistros raiados de vermelho e as veias que se alastram como teias de aranha. O venéfico recua um punhado de passos e bate com o bastão no chão.

A gravidade chama por mim e eu caio, erguendo os pés e batendo no chão de mãos e joelhos.

— Eu disse-te no passado que te transformarias por amor — diz ele, a estender os braços. — E assim deverá acontecer.

— Não sabes merda nenhuma sobre mim. — Eu tento pôr-me de pé e volto a cair, batendo com os joelhos no chão enquanto a Sgaeyl ruge de fúria mais acima.

— Sei mais do que tu pensas. — Ele baixa o bastão e apoia-se nele como se fosse uma bengala.

— Por seres um Mestre? — disparo, apoiando os pés na vertente do monte de Tyrrendor e convocando o meu poder.

— Um Mestre? — Ele ri-se. — Eu sou um *general*.

Sinto um fogo a descer pelos braços e as sombras fluem debaixo de mim e envolvem-se em redor do tronco do sacana arrogante. Sinto um

assomo de satisfação que me dá uma pedra melhor do que o *churam*.

— Os generais morrem tal como os soldados. — Luto com os meus próprios braços para que eles se mexam, mas eles não obedecem, uma vez que os músculos falharam muito antes de ele me alçar para o céu.

— Morrem? — Ele volta a rir-se, envolto em escuridão. — Vá lá, manipulador de sombras. Transforma-te. É a única forma de a salvars.

— Vai-te foder. — Atiro-me para o vínculo e sinto a Violet a desaparecer, a arder, a pretender... As minhas sombras descaem, mas o *general* não se mexe.

Ela vai sacrificar-se para *me* salvar.

Ela tem intenção de morrer.

O coração pula-me para a garganta e eu volto a sentir-lhe o sabor, o mesmo que senti quando estava sentado ao lado da cama dela depois de Resson: medo.

— Sabes o que vai acontecer quando falhares? — provoca o general, a dar um piparote nas faixas de sombras fracas que se lhe enrolam no pescoço. — Vou passar por cima do teu cadáver e encontrá-la. Depois, vou fechar as mãos em redor daquele pescocinho delicado...

A fúria irrompe-me pelas veias, um assomo de adrenalina suficiente para solidificar as faixas de sombras e apertá-las bem, mas, por mais que puxe, ele não se mexe.

—... e sugá-la.

Eu bato com uma mão no chão e fecho o outro punho. Sinto o braço a tremer com o esforço necessário para o manter onde está enquanto mergulho nas profundezas do poder da Sgaeyl e deixo que o fogo me consuma.

— *Segura-o!* — manda ela.

Mas não consigo.

Ele é demasiado forte e eu não tenho mais *nada para dar*. Mas raios me partam se a Violet vai sofrer as consequências. Ele não lhe vai pôr as mãos em cima. Hoje não. Nunca. A neve debaixo das minhas mãos acaba de derreter e eu sinto... há algo debaixo de mim.

Um fluxo estável e inconfundível de... *poder*.

— *Não podes!* — guincha a Sgaeyl. — *Eu escolhi-te!*

Mas a Violet também me escolheu.

Estendo-lhes as mãos.

O meu coração vacila e eu arquejo, levantando-me sobressaltado na cama. Levo a mão às costas do pescoço, mas está seco. Não tenho suor a escorrer. Não tenho músculos doridos. Não sinto exaustão.

Tenho apenas a Violet, a dormir ao meu lado com a face pousada na almofada, a respiração pesada e regular graças à exaustão que lhe deixou manchas debaixo dos olhos e o braço dobrado como se estivesse a estendê-lo para mim até nos sonhos.

Olho para ela o tempo suficiente para acalmar o coração acelerado, percorrendo cada centímetro do corpo dela que eu consigo ver, dos traços prateados das cicatrizes conquistadas a duras penas até à metade prateada do cabelo que cai sobre a almofada. Ela é tão linda que eu mal consigo respirar. E quase a perdi.

Passo-lhe com as pontas dos dedos pela pele macia e suave da face, reparando nas manchas que as lágrimas deixaram. Perdeu a mãe hoje e, embora eu não vá chorar a perda da Lilith Sorrengail, não suporto a dor que aflige a Violet.

No entanto, vou ser a maior fonte de dor para ela.

— *Amo-te* — sussurro, só porque posso, saio da cama o mais silenciosamente que consigo e visto-me depressa sob a luz da Lua.

Sem fazer barulho, saio do quarto, sigo até ao fundo do corredor e desço as escadas, rodeando-me do calor das minhas sombras ao passar de andar em andar até chegar aos túneis de Basgiath.

Não me dou ao trabalho de tentar contactar a Sgaeyl. Ela tem estado estranhamente calada desde que a batalha terminou.

As portas da ponte abrem-se por minha ordem, tal como as do outro lado quando eu chego junto delas, sempre envolto na escuridão ao passar na

clínica abarrotada onde estivemos horas à espera que o Sawyer saísse da operação.

Contorno dois cadetes de infantaria bêbedos e continuo pelo túnel fora, virando apenas quando chego às escadas vigiadas que me conduzem ao meu alvo. O guarda boceja e eu passo sem ele reparar graças à intensificação do meu sinete... ou lá o que é isto.

A última vez que descí estas escadas tinha acabado de assassinar uma pessoa que se intrometeu entre mim e a Violet. É irónico que esta seja a cela à frente da qual acabo agora, a espreitar pela janela gradeada para o cabrão do Jack Barlowe.

— Estás com bom aspeto — diz o instruendo do segundo ano, sentado no beliche reconstruído a sorrir. — Estás aqui para me dar a dose? Tenho quase a certeza de que só está marcada para amanhã de manhã.

— Qual é a cura? — Cruzo os braços à frente do peito.

— Para o soro? — Ele solta um riso escarninho. — O antídoto.

— Sabes bem ao que eu me refiro, caralho. — As sombras fluem pelos cantos das paredes da cela. — Diz-me qual é a cura e eu não vou mandar trazer a arca de Rybestad que te vai manter no ar até mumificares.

Ele levanta-se devagar e estala o pescoço antes de se dirigir para o centro da cela, onde estava pregada a cadeira onde a Violet foi torturada.

— As curas são para doenças. O que nós temos é poder, e isso, caro Riorson, não tem cura. É razão para seres invejado.

— Treta. Há uma forma de nos livrarmos disto — digo com os dentes cerrados.

O sorriso dele fica mais largo.

— Oh, não. Não há cura. Nunca podes devolver o que foi tirado... o que vais sentir é fome de mais.

— Preferia morrer a transformar-me num de vocês. — O medo tempera as palavras porque eu *sinto-o*, o poder debaixo da escola, a vontade de saciar a necessidade de o ter.

— No entanto, foi o que acabaste de fazer. — O Jack ri-se e o som azeda-me o sangue. — Andaste este tempo todo a convencer toda a gente de que eras o herói e agora vais ser o vilão... sobretudo na história dela. Bem-vindo à nossa família disfuncional. Parece que agora somos irmãos.

Agradecimentos

Obrigada ao meu marido, Jason, por seres a melhor inspiração que uma escritora pode ter para o namorado perfeito dos livros e por me apoiares incondicionalmente no que só pode ser descrito como o caos completo. Obrigada por me dares a mão quando o mundo ficou instável e por me teres levado a todas as consultas médicas e gerido o calendário avassalador de um casal com seis filhos e uma mulher com a síndrome de Ehlers-Danlos. Obrigada aos meus seis filhos, que são simplesmente tudo para mim. À minha irmã, Kate, que nunca se queixou quando ficámos enfiadas num hotel em Londres a corrigir o livro e não a conhecer a cidade: amo-te de verdade. Aos meus pais, que estão sempre presentes quando preciso deles. À minha melhor amiga, Emily Byer, por vir sempre atrás de mim quando desapareço na cave de escrita durante meses.

Obrigada à minha equipa na Red Tower. Obrigada à minha editora Liz Pelletier, por me dar a oportunidade de escrever no meu género preferido. À Stacy Abrams pela que deverá ficar conhecida como a direta de julho. És uma verdadeira deusa. À Hannah, à Lydia, à Rae, à Heather, ao Curtis, à Molly, à Jessica, ao Toni, à Nicole, à Veronica e a todos os profissionais da Entangled e Macmillan por responderem a cadeias intermináveis de mensagens de *e-mail* e por colocarem este livro no mercado. À Julia Kniep e à Becky West por todas as notas incríveis e por todo o apoio. À Bree Archer por esta capa fenomenal e à Elizabeth e à Amy pelos desenhos primorosos. À Meredith Johnson por ser a melhor de sempre. Obrigada à minha fenomenal agente Louise Fury, pelo apoio constante Obrigada à minha gestora de negócios, KP, por me ajudar a manter a sanidade e nunca desistir. Obrigada às minhas meninas, a nossa profana trindade, Gina Maxwell e Cindi Madsen: estaria perdida sem vocês. A Kyla, que tornou este livro possível. À Shelby e à Cassie por me manterem sempre organizada e por serem as minhas fãs mais entusiásticas. A todos os *bloggers* e leitores que arriscaram em mim ao longo dos anos, nunca vos poderei agradecer o suficiente. Ao meu grupo de leitura, The Flygirls, por me trazerem alegria todos os dias.

Por último, porque és o meu início e o meu fim, obrigada de novo ao meu Jason. Há um pouco de ti em todos os heróis que escrevo.